O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

ISAÍAS

HAGNOS

ISAÍAS

O Livro de Profecias Messiânicas

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos.
Isaías 53.6

Isaías

66 Capítulos
1.292 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Isaías, o Profeta
II. Pano de Fundo Histórico
III. Unidade do Livro: Isaías e os Críticos
IV. Autoria e Data
V. Cânon e Texto
VI. Isaías e seu Conceito de Deus
VII. Idéias Teológicas
VIII. Citações de Isaías no Novo Testamento
IX. Problemas Especiais do Livro
X. Esboço do Conteúdo
XI. Bibliografia

I. Isaías, o Profeta

1. Cenário. O versículo de introdução do livro de Isaías situa o profeta durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá. O trecho de Isa. 6.1 refere-se, especificamente, à morte do rei Uzias, o que pode ser datado em cerca de 735 A.C. Sem importar o que pensemos sobre os problemas que envolvem a unidade do livro (ver a terceira seção), não há razão alguma para duvidarmos de que o profeta Isaías viveu nessa época. Isaías, o filho de Amos, proclamou sua mensagem à nação de Judá e em sua capital, Jerusalém, entre 742 e 687 A.C, o que foi um período crítico para o reino do norte, por causa da invasão assíria, que resultou no cativeiro assírio (ver a respeito no Dicionário). Partes do livro parecem refletir um tempo posterior ao cativeiro babilônico (capítulos 40—66) conforme alguns supõem, o que já teria acontecido após a época de Isaías. Discutimos sobre essa questão na terceira seção.

2. *O Nome.* No hebraico, Yeshayahu ou Yeshaya, uma combinação de duas palavras hebraicas cuja tradução seria "salvação de Yahweh". Historicamente, Isaías acompanhou Amos e Oséias, que ministraram na nação do norte, Israel. Miquéias foi contemporâneo de Isaías e também trabalhou no reino do sul, Judá.

3. *Sua Vida.* Sabemos que o nome do pai de Isaías era Amos (Isa. 1.1), e que sua esposa era profetisa, embora não saibamos dizer em qual capacidade (Isa. 8.3). Coisa alguma se sabe sobre seus primeiros anos de vida. Com base em Isa. 6.1-8, alguns conjecturam que ele era um sacerdote. Np entanto, outros pensam que ele pertencia à família real. Isso se alicerça sobre tradições judaicas, as quais, naturalmente, não nos podem dar certeza do que dizem. O certo é que, aos seus dois filhos, foram dados nomes que simbolizavam a iminência do juízo divino. O primeiro deles, "Um Resto Volverá" (no hebraico, Shear-yashub; Isa. 7.3), parece que já era homem feito nos dias de Acaz. O outro filho, chamado "Rápido-Despojo-Presa-Segura" (no hebraico, Maher-shalal-hashbaz; Isa. 8.3), tal como seu irmão, recebeu um nome simbólico. É possível que, nesses dois nomes, estejam em pauta tanto o cativeiro assírio quanto o cativeiro babilônico. Quando a nação do norte foi levada em cativeiro, a nação do sul só conseguiu permanecer precariamente, pagando tributo (II Crô. 28.21).

Calcula-se que, durante quarenta anos, Isaías atuou ativamente como profeta do Senhor em Judá. Se, afinal de contas, Isaías não pertencia á aristocracia, pelo menos sua habilidade literária confirma sua excelente educação. Sabemos que o seu grande centro de atividades foi Jerusalém, embora não saibamos a que tribo ele pertencia. Mas ele levava a sério o seu ofício, usando roupas de linho cru e uma capa de pêlos de cor escura, vestes próprias de quem lamentava, porquanto o que ele previa para o povo de Israel era extremamente desastroso.

4. *Período do Ministério de Isaías.* a. Nos tempos de Uzias (783—738 A.C.) e de Jotão (750—738 A.C, como regente, e 738—735 A.C, como governante único). Nesse primeiro período, Isaías pregava o arrependimento, mas não conseguiu convencer a quem quer que fosse. Então proferiu um terrível julgamento que estava prestes a desabar sobre a nação. b. O segundo período de seu ofício profético começou no início do reinado de Acaz (735—719 A.C), até o reinado de Ezequias. o O terceiro período começou com a ascensão de Ezequias ao trono (719—705 A.C.) até o décimo quinto ano do seu reinado. Depois disso Isaías não mais participou da vida pública, embora tivesse continuado a viver até o começo do reinado de Manasses. As tradições antigas dizem que ele foi martirizado sendo serrado ao meio, e é possível que o trecho de Heb. 11.37 faça alusão a isso.

5. *Escritores.* Além do livro que tem seu nome (ou, pelo menos, uma porção maior do livro), Isaías escreveu uma biografia do rei Uzias (II Crô. 26.22) e outra de Ezequias (II Crô. 32.32). Contudo, essas biografias, com o tempo, se perderam. A obra chamada Ascensão de Isaías (ver a respeito no Dicionário), naturalmente, nada tem que ver, historicamente falando, com o profeta Isaías.

Estilo e Poder. O sexto capítulo nos deixa em um terreno eminentemente místico. Isaías era homem dotado de visões e experiências místicas (ver no Dicionário o artigo sobre o Misticismo). O que ele via e experimentava servia para dar grande poder ao que ele escrevia. Naquele sexto capítulo, ele registrou a visão que teve de Yahweh; e, apesar de todo o nosso conhecimento de Deus ser necessariamente parabólico, nessa visão a glória de Deus resplandece mediante a inspiração dada ao profeta. Alguns de seus oráculos mais candentes foram aqueles que descreveram a queda então iminente de Samaria diante dos assírios (ver Isa. 9.9-10.4; 5.25-30; 28.1-4). Notáveis oráculos messiânicos encontram-se nos trechos de Isa. 9.1-7; 11.1-9; 32.1-8. Os capítulos 40—48 encerram, virtualmente, uma teologia sobre os atributos de Deus. Apresentamos no Dicionário um artigo separado que considera a questão com detalhes, intitulado *Isaías, Seu Conceito de Deus.* Isaías escrevia com vigor e eloqüência sem iguais, entre todos os demais profetas do Antigo Testamento. Com toda a justiça, pois, ele é considerado o principal dos profetas escritores. Seus escritos antecipavam os ensinamentos bíblicos sobre a graça divina. Sua linguagem é rica e repleta de ilustrações. Seu estilo é severo, apesar de imponente. Suas aliterações e bem calculadas repetições ilustram grande habilidade literária, colocando seus escritos numa classe toda à parte. Ele jamais se precipitava em suas palavras, as quais fluíam graciosamente. A parábola da vinha (Isa. 5.1-7) serve de excelente exemplo do uso poderoso que ele fazia das palavras. Suas doutrinas normativas eram o reinado e a santidade de Yahweh. Com base nisso, segue-se, necessariamente, o julgamento divino contra os desobedientes. A Assíria estava aterrorizando Israel, mas como um terror enviado por Deus contra um povo desobediente. Todavia, Deus permanecia no controle das coisas. Coisa alguma acontece de surpresa para Ele. O propósito de Deus terá de prevalecer, finalmente (Isa. 14.24-27; 28.23 ss.). Apesar de suas profecias melancólicas, Isaías previu o dia do triunfo do Bem. Chegará, afinal, o tempo em que a terra encher-se-á do conhecimento de Yahweh, assim como as águas cobrem o mar (ver Isa. 11.9).

II. Pano de Fundo Histórico

O próprio livro de Isaías (ver 1.1) informa-nos de que esse profeta viveu durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá. O trecho de Isa. 6.1 menciona a morte do rei Uzias (cerca de 735 A.C). Miquéias, outro profeta, foi seu contemporâneo que trabalhou em Judá. O período da vida de Isaías foi crítico. No tocante a israel, é um dos períodos mais abundantemente confirmados pelo testemunho histórico e por evidências arqueológicas. Foi o tempo em que os grandes monarcas assírios, Tiglate-Pileser III, Salmaneser IV, Sargão e Senaqueríbe, lançaram-se a tarefa de universalizar o império assírio.^ Parte desse'esforço foram as campanhas militares contra o norte da'Palestina, que incluía as nações de Israel e Judá. Parece que Isaías iniciou seu ministério público em cerca de 735 A.C. e continuava ativo até o décimo quinto ano do reinado de Ezequias (cerca de 713 A.C). Talvez ele tenha vivido até bem dentro do reina-

do de Manasses. As tradições judaicas afiançam que no período desse rei é que Isaías foi serrado pelo meio (ver Martírio de Isaías, cap. 5), *ao* que possivelmente alude o trecho de Heb. 11.37, embora referências e tradições dessa ordem não possam ser comprovadas, sendo talvez meras conjecturas. Seja como for, o trecho de Isaías 1.1 não menciona Manasses, e isso é uma omissão significativa, se Isaías viveu todo esse tempo. Seja como for, seu ministério público poderia ter-se ampliado por quarenta anos; e certamente não envolveu menos do que vinte e cinco anos.

Se os capítulos 40 a 66 não foram originalmente escritos por Isaías, conforme pensam alguns, então poderíamos dizer que as profecias de Isaías abordavam, essencialmente, a ameaça assíria, bem como a razão dessa ameaça, ou seja, a teimosa desobediência de Israel, a par da indiferença religiosa e da corrupção moral. Se esses capítulos, porém, pertencem genuinamente a Isaías, então devemos considerá-los profecias, e não história. Em outras palavras, dificilmente Isaías teria sobrevivido até o tempo do exílio babilônico, que é o pano de fundo desses capítulos. Porém, ele pode ter visto profeticamente aquele período histórico. Os estudiosos conservadores preferem tomar o ponto de vista profético. Mas os eruditos liberais consideram que esses capítulos são um reflexo histórico, e não declarações preditivas. Nesse caso, teriam sido escritos por outro autor. Se isso é mesmo verdade, então o livro unificado de Isaías aborda tanto o cativeiro assírio quanto o cativeiro babilônico. Verjio Dicionário artigos separados sobre ambos. E ver a terceira seção, que aborda a questão da unidade do livro de Isaías.

_Acabe_e seus aliados.detiveram temporariamente o avanço assírio, por ocasião da batalha de Qarqar, em 854 A.C.; mas isso não fez com que os assírios desistissem de seus ideais de conquista territorial. Jiglate-Pileser III (745—727 A.C) invadiu o oeste, conquistou a costa da Fenícia e forçou certos reis, como Rezim, de Damasco, e Menaém, de Samaria (além de vários outros), a pagarem tributo. O trecho de II Reis 15.19-29 revela-nos isso. Ali esse rei é chamado Pul, que era o seu nome nativo, conforme se sabe mediante fontes informativas babilônicas. Em cerca de 722 A.C. ele conquistou grande fatia da Galiléia e deportou daquela região as duas tribos e meia de Israel que ocupavam a área. E fez com que aquelas populações se misturassem a outras, conforme era seu costume (II Reis 17.6-24).

Salmaneser V (726—722 A.C.) seguiu na esteira de seu pai, quanto às conquistas militares. Peca, rei de Israel, foi assassinado. Seu sucessor, Oséias, tornou-se vassalo da Assíria. Seguiu-se um cerco de três anos da capital, Samaria, até que o reino do norte, Israel, foi destruído, em 722-721 A.C. Amos e Oséias foram os profetas do Senhor que predisseram isso. Alguns pensam que Sargão teria sido o monarca assírio que, finalmente, conquistou Samaria e completou a derrota do reino do norte. Seja como for, o trabalho de destruição se completou. Sargão continuou reinando até 705 A.C, tendo ainda feito muitas guerras contra a Ásia Menor, contra a região de Ararate e contra a Babilônia.

Senaqueribe, filho de Sargão (705—681 A.C), invadiu Judá, nação que já se sujeitara a pagar tributo à Assíria. Acaz pagou tributo a Tiglate-Pileser III, e Ezequias foi forçado a fazer o mesmo a Senaqueribe. Foram capturadas quarenta e seis cidades de Judá, e Ezequias, em Jerusalém, ficou engaiolado como se fosse um pássaro, embora a própria cidade não tenha sido sucumbido. Então Senaqueribe foi assassinado, e seu filho, Esar-Hadom (ver Isa. 37.38), continuou a opressão contra Judá. Alguns pensam que foi por esse poder que Manasses ficou detido por algum tempo na Babilônia (II Crô. 33.11). Judá não caiu totalmente diante da Assíria, mas ficou extremamente debilitada, tornando-se uma sombra do que havia sido antes disso.

A Babilônia veio então a substituir a Assíria como potência mundial dominante e foram os babilônios que, finalmente, derrubaram os habitantes de Judá e os levaram em cativeiro. Os capítulos quarenta em diante do livro de Isaías cobrem esse período, profeticamente (conforme dizem os estudiosos conservadores) ou historicamente (conforme dizem os estudiosos liberais, que, por isso mesmo, atribuem esses capítulos finais de Isaías a outro autor, que não aquele profeta).

Conforme se pode ver, Isaías (ou o deutero-Isaías?) viveu na época em que impérios caíram e se levantaram. Em sua confiança de que nada de mal poderia acontecer a um obediente povo de Israel, ele partia da idéia de que as tribulações do povo de Deus se deviam a causas morais e espirituais, e não apenas políticas e militares. Ele pressupunha que Deus controla todas as coisas, e que todo o_desastre que recaiu sobre Israel poderia ter sido impedido, se o povo de Deus se tivesse mostrado fiel ao Senhor. Porém, o que sucedeu foi precisamente o contrário. As nações de Israel e Judá haviam caído em adiantado estado de decadência moral e espiritual. Na primeira metade do século VIII A.C, tanto Israel (sob Jeroboão II, cerca de 782—753 A.C.) quanto Judá (sob Uzias) haviam desfrutado de um período de grande prosperidade material. Foi uma espécie de segunda época áurea, perdendo em resplendor somente diante da glória da época de Salomão. Os capítulos dois a quatro de Isaías nos fornecem indicações sobre isso. Mas, ao mesmo tempo em que prevalecia a riqueza material, prevalecia a pobreza espiritual, incluindo a mais desabrida idolatria, que encheu a terra (Isa. 2.8). De tão próspera e elevada situação, Israel e Judá em breve cairiam. A Assíria deu início à derrubada, e a Babilônia a terminou.

Isaías, em seu ministério, enfatizava os fatores espirituais e sociais. Ele feriu as dificuldades da nação em suas raízes—sua apostasia e idolatria—e procurou salvar Judá da corrupção moral, política e social. Porém, não conseguiu fazer com que seus compatriotas se voltassem para Deus. Sua comissão divina envolvia a advertência de que sobreviria o castigo fatal (Isa. 6.9-12). Dali por diante, ele declarou, ousadamente, a inevitável queda de Judá e a preservação de um pequeno remanescente fiel a Deus (Isa. 6.13). Todavia, alguns raios de esperança alegram as suas predições: Através desse pequeno remanescente, ocorreria uma redenção de âmbito mundial, quando viesse o Messias, em seu primeiro advento (Isa. 9.2,6; 53.1-12). E, por ocasião do segundo advento do Messias, haveria a salvação e a restauração da nação (Isa. 2.1-5; 9.7; 11.1-16; 35.1-10; 54.11-17). O tema de que Israel, um dia, será a grande nação messiânica no mundo, um meio de bênção para todos os povos (o que terá cumprimento somente no futuro), que fez parte tão constante das predições de Isaías, tem atraído para ele o título de profeta messiânico" (Unger, em seu artigo sobre Isaías).

III. Unidade do Livro: Isaías e os Críticos

1. *Ponto de Vista Tradicional.* No século XVIII, a unidade do livro de Isaías começou a ser questionada. Até então, o livro inteiro era aceito como produção literária do profeta Isaías, e de mais ninguém. Pode-se notar que seu nome figura nos capítulos um, dois, sete, treze, vinte, trinta e sete a trinta e nove. Em apoio a essa contenção, deve-se observar que todos os manuscritos do livro de Isaías o apresentam como uma unidade. Não há menção histórica de que algum outro autor esteve envolvido no preparo de qualquer porção dessa produção. Um dos mais bem preservados manuscritos dentre os manuscritos do mar Morto é um completo rolo de Isaías, com data de cerca de 150 A.C Não há nenhuma evidência de interrupção no começo do capítulo quarenta, conforme alguns eruditos liberais querem dar a entender.

2. *Um Autor Distinto para os Capítulos 40—66.* O primeiro a sugerir um autor distinto de Isaías foi o erudito alemão Doderlein. Esses capítulos finais do livro de Isaías foram chamados de deutero-Isaías. Presumivelmente, um autor desconhecido, que teria escrito durante o exílio babilônico, teria produzido essa adição aos primeiros trinta e nove capítulos.

3. *Outra Divisão: o trino-Isaias.* Eruditos posteriores pensaram ter encontrado ainda um terceiro autor, no capítulo cinqüenta e cinco do livro de Isaías, pelo que uma terceira divisão do livro foi proposta, envolvendo os capítulos 56 a 66.

4. *Explicações das Divisões.* Os capítulos 40 a 55 consistem em uma coletânea de poemas em um novo estilo rapsódico, que alguns

atribuem ao período do exílio babilônico de Judá. A crítica da forma (ver no Dicionário o artigo intitulado Crítica da Bíblia) procura separar os elementos dessa seção. Ali encontramos alusões a Ciro, como uma figura que começava a levantar-se. Seria isso uma predição, ou seria história? E também há menção à iminente queda da Babilônia dos caldeus. Se essa seção teve origem imediatamente após a queda da Babilônia, o que ocorreu a 29 de outubro de 539 A.Ô., então a composição dessa segunda suposta seção do livro de Isaías deve ter sido feita durante esse tempo, ou alguns anos mais tarde. Ciro é especificamente mencionado em Isa. 44.28 e 45.1. A menos que tenhamos aí uma afirmação profética, podemos pensar seriamente na possibilidade da existência de um deutero-Isaías, porquanto não haveria como Isaías tivesse sobrevivido desde o cativeiro assírio até o cativeiro babilônico. Pois ele teria de viver por mais de duzentos anos! Diferenças de estilo, de terminologia e de expressões, quanto a certas idéias, são adicionadas ao argumento histórico. Muitos eruditos modernos, por isso mesmo, crêem que essa porção do livro de Isaías deve ser considerada história, e não profecia.

Os capítulos 56 a 66 são uma coletânea de poemas similares aos dos capítulos 40 a 45. Muitos eruditos crêem que foram escritos pelo mesmo autor daquela seção. E, nesse caso, então houve somente um deutero-Isaías e não um trino-Isaías. Outros eruditos opinarn_que essa seção reflete uma escatologia mais avançada, típica de tempos posteriores. Daí supõem que esses capítulos tenham sido, realmente, produzidos mais tarde que a época de Isaías. Além disso, esses estudiosos acham que há um interesse maior pelo culto, nessa seção, que seria distinto das outras duas porções do livro. Segundo eles, o conteúdo sugere uma data entre 530 e 510 A.C., talvez da época dos contemporâneos de Ageu e Zacarias. E alguns estudiosos, pensam que os capítulos 60 a 62 devem ser atribuídos a uma época ainda posterior. Outros crêem que o próprio trino-Isaías consiste apenas na coletânea de poemas escritos por vários autores. Uma data tão tardia quanto 400 A.C. tem sido atribuída a essa alegada terceira seção. Dizem esses estudiosos que os vários autores envolvidos faziam todos parte da escola de Isaías, pelo que o livro de Isaías teria sido uma compilação de material recolhido no processo de muitos anos. A continuar nesse pé, vai ver que cada capítulo do livro de Isaías teve um autor diferente! Já há quem pense que essa escola de seguidores de Isaías usava seu livro original como um livro de texto, ao qual, periodicamente, foram adicionados novos capítulos!

Respostas dos Defensores da Unidade do Livro de Isaías:

1. *O ponto de vista tradicional merece consideração.* Todos os manuscritos antigos favorecem a idéia da unidade do livro de Isaías. As evidências históricas também. Não há nenhum relato sobre alguma escola de Isaías que tenha compilado gradualmente algum manual profético. Não há evidência histórica em favor de um segundo ou um terceiro Isaías.

2. *O argumento acerca do* estilo poderia ter algum peso, pois sabe-se que todo autor tem sua maneira distinta de exprimir-se, um vocabulário próprio, e idéias específicas que ele gosta de enfatizar. Todavia, as diferenças não são maiores do que aquelas encontradas, por exemplo, nas obras de Shakespeare ou nas obras mais volumosas de outro autor qualquer. Além disso, ao escrever sobre diferentes assuntos, qualquer pessoa se utiliza de uma maneira toda própria para expressar-se. Um autor que escreva prosa também pode escrever poemas; e seu estilo então varia, e bastante. A história nos dá muitos exemplos disso. Um só autor que escreva poesias fica diferente quando escreve em prosa. Além disso, um Isaías mais idoso, que tivesse escrito certas porções de seu livro mais tarde na vida, poderia ter adquirido certas idéias e certos maneirismos de estilo diferentes da época em que ainda era jovem. Para julgarmos a questão, tornar-se-ia mister, antes de tudo, que fôssemos mestres do hebraico. É quase impossível julgar questões que envolvam estilo. Julgo que poucos dos críticos e poucos dos defensores da unidade do livro de Isaías dominam o hebraico o bastante para fazerem as afirmações que fazem com grande grau de seriedade. E mesmo que tivessem tal conhecimento, ainda assim é difícil julgar questões de estilo.

3. *A critica que afirma que os capitulos 40—66 são* históricos, e não proféticos, repousa sobre a suposição de que não há capacidade verdadeiramente profética. O fato de o nome de Ciro ser mencionado é, para os críticos, uma clara indicação de que esta porção de Isaías foi escrita depois do cativeiro babilônico. Sabemos, todavia, que o homem possui o poder de precognição, fato esse abundantemente ilustrado através dos estudos da parapsicologia. É raro, obviamente, que um místico moderno preveja nomes muito antes dos acontecimentos, mas até isto acontece. Também não devemos esquecer o poder de Deus que dá aos profetas uma capacidade extraordinária. Supomos que Isaías fosse um verdadeiro profeta capaz de prever o futuro. Os estudos mostram que todas as pessoas, nos seus sonhos, têm uma previsão do futuro. De fato, a experiência psíquica mais comum é o sonho precognitivo. (Ver no Dicionário o artigo sobre Sonhos). Sendo este o caso, não é um grande pulo de fé acreditar que o profeta de Deus, com capacidades além das dos homens comuns, poderia ter verdadeiras visões do futuro remoto. Portanto, a menção de Ciro, por nome, embora incomum em profecias, não é impossível.

4. *O argumento derivado de diferenças de idéias e ênfase* é o mais fraco de todos. Nos capítulos 1—39, temos a ênfase sobre a majestade de Deus. A segunda parte do livro é, de fato, mais interessada no culto religioso, seus ritos, leis etc, mas isto dificilmente comprova um autor distinto. Qualquer livro pode ter estes tipos de variações sem indicar que outro escritor esteja envolvido. Diferenças de temas e de ênfase ocorrem em todas as peças de literatura reconhecidas como dos mesmos escritores. Autores até incorporam contradições de idéias e acontecimentos, e erros crassos. Mas tais coisas não indicam, necessariamente, uma mudança de escritor.

IV. Autoria e Data

A maior parte dos eruditos acredita que o mesmo escritor produziu os capítulos 1-39. Alguns acham que esta porção sofreu algumas interpolações. O nome de Isaías aparece em 1.1; 7.3; 13.1; 20.2,3; 37.2,5,6,21; 38.1,4,21; 39.3,5,8. É curioso que não apareça depois do capítulo 39, o que é, sem dúvida, um peso em favor da suposição de que os capítulos 40-66 tenham sido escritos por outro autor. De qualquer maneira, o que cremos sobre a autoria, naturalmente, tem efeito sobre a(s) data(s) que atribuímos ao livro ou a suas partes distintas.

Na seção III, pontos um e quatro, oferecemos várias conjecturas acerca da data da composição do livro de Isaías. As idéias diferem desde cerca de 750 A.C. até cerca de 400 A.C, dependendo de quantos autores aceitarmos estar envolvidos nessa obra. Se um único autor escreveu o livro inteiro, então é possível que parte tenha sido escrita tão cedo quanto 750 A.C, embora outras porções só tenham sido escritas no tempo do reinado de Ezequias, o que seria nada menos que uma geração mais tarde. Ezequias é mencionado várias vezes nesse livro, incluindo em 1.1 (o último nome da lista de reis). Ver também Isa. 36.1,2,4,7,14-16,22; 37.1,3,5,9; 38.1,2,35,39; 39.1-5,8. Isaías profetizou durante os dias do reinado de Uzias (791--740 A.C), sendo possível que uma parte do livro tenha vindo dessa época, com outras porções acrescentadas no ano 700 A.C, embora Isaías tenha sido o autor de todas essas porções.

V. Cânon e Texto

Isaías é o mais longo e, em vários sentidos, o mais rico dos livros proféticos do Antigo Testamento. E a canonicidade deste livro é tão antiga quanto aquela atribuída a qualquer outro livro profético do Antigo Testamento. A experiência demonstra que os escritos e

as predições de um profeta garantem sua aceitação e reconhecimento, quase imediatos, se o seu autor foi uma figura notável. Podemos supor que a preservação dos escritos de Isaías, e sua contínua aceitação durante todo o tempo, desde que ele escreveu, confirmem sua posição no cânon desde o século VIII A.C. Todavia, não dispomos de evidências literárias comprobatórias acerca do livro de Isaías. O trecho de Eclesiástico 48.22-25 (de cerca de 180 A.C.) refere-se às visões do profeta Isaías, sendo esse o primeiro informe histórico a respeito de que dispomos. A passagem de II Crônicas 32.32 menciona as visões do profeta Isaías, correspondentes à época da morte do rei Ezequias, ou seja, cerca de 700 A.C. Este livro vem de depois do cativeiro babilônico, pelo que foi escrito bastante tempo depois do próprio Isaías. As tradições judaicas atribuem o livro de II Crônicas a Esdras (cerca de\538 A.C), embora alguns estudiosos liberais pensem que ele só foi escrito no século III A.C. Seja como for, a referência é nossa mais antiga informação sobre Isaías, dentro da Bíblia, mas fora do próprio livro de Isaías. Serve de confirmação do grande poder espiritual de Isaías, como profeta. E podemos supor que reflita a posição canônica de seu livro, que, desde o começo, recebeu condição quase canônica, tornando-se plenamente canônico não muito depois de sua morte.

Texto. Antes da descoberta dos Manuscritos (Rolos) do Mar Morto (ver a respeito no dicionário), não havia rolos de Isaías de antes da época de Cristo. Os estudiosos tinham de confiar na exatidão geral do chamado texto massorético (ver também no Dicionário). A LXX não difere em grande coisa daquele texto. E a cópia completa do livro de Isaías, descoberta nas cavernas que margeiam o mar Morto, é bastante parecida com o texto tradicional, exceto quanto à vocalização, à soletração de palavras **e a** outros pequenos pontos, como um uso diferente de artigos, de certas preposições e de certas conjunções. As variações são mais numerosas do-que os tradicionalistas poderiam esperar, mas não tão grandes a ponto de alterar qualquer idéia ou a substância da mensagem do livro. Há evidências de que os escribas dos séculos anteriores a Cristo se mostraram muito cuidadosos na cópia, embora não tão cuidadosos quanto os escribas judeus da época medieval. Seja como for, o texto massorético (ver no Dicionário o artigo intitulado Massora) pode ser atualmente acompanhado, em todos os seus pontos essenciais, de volta até cerca de 150 A.C, data em que foi escrito o rolo de Isaías encontrado nas cavernas de Qufnran, perto do mar Morto.

VI. Isaías e Seu Conceito de Deus

Os capítulos 40 a 48 apresentam um notabilíssimo estudo acerca de Deus e Seus atributos. Textos de prova extraídos desses capítulos têm sido tradicionalmente usados pelos teólogos como bases de várias asserções. Apresentamos no Dicionário um artigo separado sobre esse assunto, com o título de Isaías, Seu Conceito de Deus.

VII. Idéias Teológicas

Quanto à doutrina de Deus no livro de Isaías, oferecemos um artigo separado. Ver sob a seção sexta. Outros notáveis ensinos e ênfases do livro de Isaías são os seguintes:

1. *Contra a Idolatria.* O lapso de Israel nesse pecado e em outros levou Isaías a escrever seu livro, porquanto viu que o desastre esperava o desobediente povo de Israel. O trecho de Isa. 40.12-31 é uma ótima peça literária contra os ídolos mudos, que pessoas insensatas fabricam em substituição a Deus. Outras condenações da idolatria acham-se em Isa. 2.7,8,18,21,22; 57.5-8. Ver também no Dicionário o artigo sobre a Idolatria.

2. *A Providência e a Soberania de Deus.* Deus governa os indivíduos e as nações. Esta é uma verdade que empresta grande peso à profecia, porquanto Deus age a fim de corrigir os pecadores em seus erros; e essa correção, às vezes, é feita de maneira desastrosa para os desobedientes. A Assíria aparece como instrumento nas mãos de Deus, em Isa. 10.5. A vara da ira de Deus, a Assíria, foi enviada para punir a hipócrita nação de Israel (vs. 6). Contudo, a providência divina também tem o seu lado positivo. Pode abençoar e destina-se a abençoar àqueles que se arrependem e vivem em consonância com os verdadeiros princípios espirituais. Deus exerce controle sobre a cena internacional, conforme é ilustrado em certas porções dos capítulos 10 e 37 do livro de Isaías.

3. *O Pecado do Homem.* Quanto a esta questão, há vividas descrições no livro de Isaías. Esse pecado é escarlate (Isa. 1.18); por causa do pecado o coração dos homens se afasta para longe de Deus (Isa. 29.13), seus pés correm para praticar o mal, e eles se apressam por derramar sangue inocente (Isa. 59.7). Aqueles que rejeitam o pecado podem esperar pelo favor divino (Isa. 56.2-5). Deus ouve a causa dos oprimidos (Isa. 1.23). Os orgulhosos são repreendidos, mas os humildes são exaltados (Isa. 22.15-25).

4. *Redenção.* Esse é um dos principais temas do livro de Isaías. Por isso mesmo, este profeta tem sido chamado de "o evangelista do Antigo Testamento". Suas declarações proféticas têm um caráter nitidamente messiânico. Ele via quão inadequados eram os sacrifícios de animais e os ritos religiosos (Isa. 1.11-17; 40.16). Apesar disso, aconselhava a devida observância das obrigações religiosas (Isa. 56.2; 53.10). O capítulo 53 encerra a famosa passagem do Servo sofredor (o Messias), com tanta freqüência citada pelos cristãos como texto de prova acerca de Jesus e de Seu caráter messiânico, como o grande sacrifício expiatório. O capítulo 55 salienta a salvação eterna posta à nossa disposição. Isa. 55.5 prediz a salvação das nações gentílicas.

5. *Os Poemas do Servo.* Esses poemas talvez se refiram a Israel ou Jacó, indicando mais especificamente a nação de Judá. Porém, há ocasiões em que esses poemas que se referem claramente ao Messias, o Filho de Judá. Alguns eruditos, que não dão o devido valor à profecia e objetam à prática de alguns de torcer o texto a fim de encontrar ali menções ao Messias, afirmam que essas passagens são referências estritamente contemporâneas à nação de Israel. O exame de todas essas passagens, porém, demonstra o inegável tom messiânico de algumas delas. Ver Isa. 41.8-53; 42.1-9; 49.1-6; 50.4-10; 44.1,2,21,26; 45.4 e 48.20. Ezequiel mostrou-nos a dualidade de uso que se encontra no livro de Isaías. O trecho de Isaías 37.25 chama de servos de Deus tanto a nação de Israel quanto o Rei messiânico. Notemos como, em Isaías 42.1-6, o servo é ungido pelo Espírito de Deus para uma grandiosa obra de testemunho e de julgamento. Esses versículos descrevem o Messias e o trecho de Mat. 12.18-21 cita a passagem de Isaías.

6. *Escatologia.* Acima de tudo, Isaías é um livro profético, e destacar todas as profecias seria apresentar, virtualmente, uma tabela do conteúdo do livro. A natureza constante desse elemento, pois, encontra-se na décima seção, intitulada Esboço do Conteúdo. Há predições sobre o reino de Deus em Isa. 2.1-5; 11.1-16; 25.6-26.21; 34 e 35, 52.7-12; 54; 60; 65.17-25; 66.10-24. A ressurreição de Cristo e a sua volta aparecem em Isa. 25.6—26.21. Isaías 34 apresenta Edom como o inimigo escatológico do povo de Deus, em um sentido simbólico. O quarto versículo desse capítulo foi citado por Jesus acerca de Sua própria vinda (Mat. 24.29), como também é feito em Apocalipse 6.14. O retorno de Israel à sua terra e o reino milenar de Cristo são descritos em Isaías 35. Certas profecias a curto prazo dizem respeito, essencialmente, à invasão e ao cativeiro assírio (Isa. 10.5 ss.; 36). O trecho de Isaías 39, porém, olha para mais adiante no tempo, o cativeiro babilônico de Judá. Isaías 53 é a passagem messiânica mais notável de Isaías, onde são descritos os sofrimentos de Cristo.

VIII. Citações de Isaías no Novo Testamento

Os escritores do Novo Testamento muito se utilizaram dos escritos de Isaías. Há pelo menos sessenta e sete citações claras desse livro, no Novo Testamento, a saber:

ISAIAS	*NOVO TESTAMENTO*
1.9	Rom. 9.29
6.9	Luc.8.10
6.9-10	Mat. 13.14-25, Mar. 4.12; Atos 28.26,27
6.10	João 12.40
7.14	Mat. 1.23
8.8,10 (LXX)	Mat. 1.23
8.12-13	IPed. 3.14-15
8.14	Rom. 9.33; I Ped. 2.8
8.17 (LXX)	Heb. 2.13
8.18	Heb. 2.13
9.1-2	Mat. 4.15-16
10.22	Rom. 9.27,28
11.10	Rom. 15.12
22.13	I Cor. 15.32
25.8	I Cor. 15.54
26.20	Heb. 10.37
28.11-12	I Cor. 14.21
28.16	Rom. 9.33; 10.11; I Ped. 2.6
29.10	Rom. 11.8
29.13 (LXX)	Mat. 15.8-9; Mar. 7.6-7
29.14	I Cor. 1.19
40.3	Mat. 3.3, Mar. 1.3, João 1.23
40.6-8	IPed. 1.24-25
40.13	Rom. 11.34; I Cor. 2.16
42.1-44	Mat. 12.18-21
43.20	I Ped. 2.9
43.21	I Ped. 2.9
44.28	Atos 13.22
45.21	Mar. 12.32
45.23	Rom. 14.11
49.6	Atos 13.47
49.8	II Cor. 6.2
49.18	Rom. 14.11
52.5	Rom. 2.24
52.7	Rom. 10.15
52.11	II Cor. 6.17
52.15	Rom. 15.21
53.1	João 12.38; 10.16
53.4	Mat. 8.17
53.7-8 (LXX)	Atos 8.32-33
53.9	I Ped. 2.22
53.12	Luc. 22.37
54.1	Gál. 4.27
54.13	João 6.45
55.3 (LXX)	Atos 13.34
56.7	Mat. 21.13; Mar. 11.17; Luc. 19.46
59.7-8	Rom. 3.15-17
59.20-21	Rom. 11.26-27
61.1-2	Luc. 4.18-19
61.6	I Ped. 2.9
62.11	Mat. 21.5
64.4	I Cor. 2.9
65.1	Rom. 10.20
65.2	Rom. 10.21
66.1-2	Atos 7.49-50

Que Isaías previu a vinda do Messias é fato aceito por todo o Novo Testamento. Algumas das citações anteriores são didáticas; mas a maioria delas é de natureza preditiva sobre o Cristo ou sobre as circunstâncias de Seu período na terra. Algumas delas podem ser aplicadas ao Novo Israel, a igreja conforme se vê em I Ped. 2.9 (Isa. 43.20,21). Outras situam Israel em relação à igreja, como em Rom. 9.27,28 (Isa. 10.22 e 1.9). A natureza dessas predições tem feito o livro de Isaías ser chamado de "o evangelho do Antigo Testamento".

IX. Problemas Especiais do Livro

1. *A unidade do livro de Isaias,* discutida na terceira seção, anteriormente.

2. *0 nascimento virginal de Jesus* (cf. Isa. 7.14 e sua citação em Mat. 1.22,23). Esse problema tem sido considerado suficientemente importante para merecer no Dicionário um artigo separado: ver Nascimento Virginal de Jesus: História e Profecia em Isaías 7.14 e Mateus 1.22,23.

3. *O problema do significado da palavra "servo".* Ver sob a oitava seção, quinto ponto.

4. *O problema da profecia preditiva.* Os eruditos liberais não se deixam impressionar pela tradição profética, supondo que os eruditos conservadores estejam sempre vendo coisas, no texto do Antigo Testamento, como se ali estivesse o Novo Testamento potencial. Segundo diz esse mesmo argumento, os conservadores estariam sempre procurando encontrar predições acerca dos últimos dias (que corresponderiam à nossa própria época), o que, para os liberais, é uma atividade sem proveito. Apesar de essa acusação ter certa dose de razão, não há como negar a existência e a exatidão da tradição profética. Esse problema destaca-se mormente na questão da unidade do livro. O próprio Isaías poderia ter previsto Ciro, chamando-o por seu nome próprio? Ou outro autor qualquer teria estado envolvido na escrita dos capítulos 40 a 66 de Isaías, tendo vivido em tempos posteriores, pelo que escreveu história, e não profecia preditiva? Ver uma discussão sobre isso em III.4, e também a subseção seguinte, Respostas do Livro de Isaías, em seu terceiro ponto.

Embora seja verdade que o Messias não é mencionado no Antigo Testamento com a extensão que alguns intérpretes supõem, é muito difícil imaginar que Isaías não escreveu sobre o Messias em muitos trechos do seu livro. A oitava seção deste artigo lista grande número de profecias de Isaías referidas no Novo Testamento, nas quais a teoria das profecias messiânicas é abundantemente comprovada. Assim, se os intérpretes modernos, que encontram alusões claras ao Messias, no livro de Isaías, estão equivocados, também o estavam os escritores sagrados do Novo Testamento, o que é um absurdo.

X. Esboço do Conteúdo

Em Quatro Divisões Principais:

1. *Profecias de Cumprimento a Curto Prazo* (Isa. 1.1—35.10)

Temos aí a condenação da nação de Israel por causa de suas corrupções, com predições de desastres produzidos pela invasão e pelo cativeiro assírio. Várias outras nações também são denunciadas, havendo predições de condenação contra elas.

2. *Capítulos Históricos* (Isa. 36.1—39.8)

Descrição da invasão pelas tropas de Senaqueribe. A enfermidade de Ezequias e sua recuperação. Menção à missão de Merodaque-Baladã.

3. *Profecias Preditivas sobre a Babilônia* (Isa. 40.1—45.25)

Antecipação da invasão e do cativeiro babilônico. Para os estudiosos conservadores, isso envolve predição, mas muitos estudiosos liberais preferem pensar que esta seção do livro de Isaías é histórica, tendo sido escrita por algum outro autor, que eles intitulam de deutero-Isaías.

4. *Várias Profecias Preditivas* (Isa. 46.1—66.24)

Esta seção contém muitas e diferentes profecias, sobre vários assuntos, além de diversos ensinamentos morais e espirituais. Essa quarta seção não pode ser esboçada de forma coerente, por causa da natureza miscelânica do material ali constante, reunido sem nenhuma estrutura interna.

Um Esboço Detalhado:

I. Profecias e Instruções a Curto Prazo *(1.1—35.10)*
1. Judá e Jerusalém e Acontecimentos Vindouros (1.1—13.6)
   a. Introdução ao livro e ao seu assunto (1.1-31)
   b. A purificação e a esperança milenar (2.1-4.6)
   c. Punição de Israel devido ao seu pecado (5.1-30)
   d. A chamada e a missão de Isaías (6.1 -13)
   e. Predição acerca do Emanuel (7.1-25)
   f. Invasão e cativeiro assírio (8.1-22)
   g. Previsão acerca do Messias (9.1-21)
   h. O látego assírio (10.1-34)
   i. A restauração e o milênio (11.1-16)
   j . / - " X) culto durante o milênio (12.1-6)
2. Denúncias contra Várias Nações (13.1—23.18)
   a. Babilônia (13.1-14.23)
   b. Assíria (14.24-27)
   c. Filístia (14.28-32)
   d. Moabe (15.1-16.14)
   e. Damasco (17.1-14)
   f. Terras para além dos rios da Etiópia (18.1-7)
   g. Egito (19.1-25)
   h. A conquista da Assíria (20.1-6)
   i. Áreas desérticas (21.1—22.25)
   j. Tiro (23.1-18)
3. O Estabelecimento do Reino de Deus (24.1—27.13)
   a. A grande tribulação (24.1 -23)
   b. A natureza do reino (25.1-12)
   c. A restauração de Israel (26.1—27.13)
4. Judá e Assíria no Futuro Próximo (28.1—35.10)
   a. Catástrofes e livramentos (28.1—33.24)
   b. O dia do Senhor (34.1-17)
   c. O triunfo milenar (35.1-10)

II. Descrições Históricas *(36.1—39.8)*
1. A invasão de Senaqueribe (36.1—37.38)
2. Enfermidade e recuperação de Ezequias (38.1-22)

III. Profecias Concernentes à Babilônia *(40.1—45.13)*
1. Consolo para os exilados: promessa de restauração (40.1 -11)
2. O caráter de Deus garante o consolo (40.12-31)
3. Yahweh castigará a idolatria por meio de Ciro (41.1-29)
4. O Servo de Yahweh, o Consolador (42.1-25)
5. Restauração: a queda da Babilônia (43.1—47.15)
6. Exortação para que sejam consolados os restaurados do cativeiro babilônico (48.1-22)

IV. O Servo e Redentor e as Coisas Finais *(49—64)*
1.' Livramento final do sofrimento pelo Servo de Deus (49—53)
2. A salvação e as suas bênçãos (54 e 55)
3. Repreensão a Judá por causa de seus pecados (56—58.15)
4. O Redentor divino redimirá Sião (58.16-62)
5. A vingança do Messias e a oração de Isaías (63.7—64.12)
6. A resposta de Deus e o reino prometido (65 e 66)

XI. **Bibliografia**

AM BA BW DEL E GT I IB IOT ND UN WBC WG WES YO YO(1954)Z

Ao Leitor

Provi uma introdução detalhada que ajudará o estudante sério no estudo do livro de Isaías. Essa introdução aborda os tópicos essenciais e os problemas deste livro, que são: Isaías, o profeta; pano de fundo histórico; unidade do livro; Isaías e os críticos; autoria e data; cânon e texto; Isaías e o conceito de Deus; idéias teológicas; Isaías no Novo Testamento; problemas especiais do livro; esboço do conteúdo.

Fatos a Observar:

1. O profeta Isaías esteve ativo entre 742 e 683 A. C. Sua mensagem foi dirigida ao reino do sul, Judá. O reino do norte, Israel, foi anexado pela Assíria (II Reis 17) e essencialmente perdeu a identidade. Judá esteve em situação precária, sob tributo a essa mesma potência (II Crô. 28.21). Finalmente, Judá caiu diante da Babilônia, em 597 A. C. Quanto a detalhes completos sobre o pano de fundo histórico do livro, ver a seção II da *Introdução.* Quanto ao pouco que se sabe sobre Isaías, ver a primeira seção. Ver no *Dicionário* os seguintes verbetes: *Cativeiro (Cativeiros); Cativeiro Assirio* e *Cativeiro Babiiônico.*
2. Os capítulos 1-39 foram escritos nos dias de Isaías. Se os capítulos 40-66 foram escritos por ele, então trata-se de uma profecia, porque os eventos ali mencionados (e o nome de Ciro foi especificado; 539 A. C.) não pertenceram à época de Isaías. Os críticos, não acreditando na teoria da profecia, supõem que esses capítulos tenham sido escritos como história. E atribuem essa seção a um, dois ou até três autores diferentes. Dou completas informações sobre isso, na seção III da *Introdução.* Os capítulos 40-46 (comumente chamados de Segundo Isaías, ou Segundo e Terceiro Isaías) originaram-se pouco tempo antes da queda da Babilônia ao poder dos persas, a 29 de outubro de 539 A. C. Foi esse poder, sob Ciro, que permitiu aos judeus retornar do exílio e reconstruir Jerusalém, incluindo as muralhas da cidade e seu templo. Ver Isa. 44.28. A vontade de Deus estava trabalhando novamente através de poderes humanos, para que Israel vivesse de novo através de uma tribo, Judá.
3. *A Esperança Messiânica.* Isaías é o mais messiânico de todos os livros do Antigo Testamento. Depois do livro de Salmos, Isaías é o livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento. Há quase 70 citações diretas deste livro no Novo Testamento. Ofereço uma lista delas na seção VIII da *Introdução.* Ver também a seção VI. 5, *Os Poemas do Servo,* quanto à mensagem messiânica. Toda a seção VI deve ser lida para observar quais são as idéias teológicas do livro.
4. *O Conceito de Deus.* O livro de Isaías contém o mais avançado conceito de Deus de todo o Antigo Testamento, e muitas de suas idéias concernentes a Deus e a Seus atributos foram transportadas para o Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Isaias, Seu Conceito de Deus.*
5. O livro de Isaías é chamado, com justiça, de *principal dos escritos proféticos.* Ver o gráfico posto no começo da exposição ao livro, sob o título de *A Cronologia dos Profetas.* Ver também os detalhados artigos do *Dicionário* denominados *Profecia* e *Profetas e o Dom da Profecia.* 'O livro de Isaías é um dos mais amados livros da Bíblia; talvez seja o mais conhecido dentre os livros proféticos. Contém diversas passagens bastante conhecidas pelos estudiosos da Bíblia (por exemplo, Isa. 1.18; 7.14; 9.6,7; 26.8; 40.3,31; 53). Tem um grande mérito literário e contém bela terminologia descritiva.
Isaías também contém muito material a respeito de fatos da sociedade de Israel, em cerca do ano 700 A. C. Além de destacar os defeitos do povo, o profeta observou que Deus sempre tem um remanescente de crentes através do qual Ele opera.
'Isaías falou mais do que qualquer outro profeta sobre o grande reino no qual a nação de Israel se transformará por ocasião do segundo advento de Cristo. Isaías discutiu sobre as profundezas do pecado de Israel e sobre as alturas da glória de Deus e Seu reino vindouro" (John A. Martin, *Introduction).*
6. Em favor do livro de Isaías, temos as evidências de um grande manuscrito pertencente aos Papiros do Mar Morto. Esse manuscrito reveste-se de imensa importância para os estudos textuais. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.* Algumas vezes esse manuscrito concorda com o texto das versões, especialmente a Septuaginta, em contraste com o texto massorético padronizado. Quanto a esse fenômeno e suas implicações, ver as notas expositivas sobre Isa. 26.19. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

OS PROFETAS E SUAS MISSÕES

Os **Profetas**	**Época do Ministério**	**Receptores das Profecias**
Joel	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Isaias	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Miquéias	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Jeremias	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Habacuque	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Sofonias	Pré-exílio	Judá (Sul de Israel)
Oséias	Pré-exílio	Israel (Norte de Israel)
Amos	Pré-exílio	Israel (Norte de Israel)
Obadias	Pré-exílio	Edom
Jonas	Pré-exílio	Assíria (Nínive)
Naum	Pré-exílio	Assíria
Ezequiel	Durante o exílio	Babilônia
Daniel	Durante o exílio	Babilônia
Ageu	Após o exílio	Jerusalém
Zacarias	Após o exílio	Jerusalém
Malaquias	Após o exílio	Jerusalém

Consulte o artigo geral sobre *Profecia* no *Dicionário*.

PROFECIA

Ordem Cronológica e Data Aproximada	Profeta	Referências Bíblicas	Reis Envolvidos
837 A.C. - 800 A.C.	Joel	Joel 1.1; II Reis 11	Joás?
825 782	Jonas	II Reis 13,14	Anazias, Jerobão II
810 - 785	Amós	II Reis 14,15	Jerobão II
782 - 725	Oseias	II Reis 15-18 II Reis 15-20	Jerobão II Uzias, Jotão; Acaz;
758 - 698	Isaías	II Crô. 26 - 32	Ezequias
740 - 695	Miquéias	II Reis 15.8-20; Isa. 7,8; Jer. 26.17-19	Uzias, Jotão, Acaz Ezequias
640 - 630	Naum	Jonas; Isa. 10 Sof. 2.13-15	Josias
640 - 610	Sofonias	II Reis 22, 23 II Crô. 34 - 36	Josias
627 - 586	Jeremias	II Reis 22 - 25 II Crô. 34 - 36	Josias; Joacaz; Jeoaquim; Joaquim; Zedequias
609 - 598	Habacuque	II Reis 23, 24 II Crô. 36:1-10	Josias
606 - 534	Daniel	II Reis 23, 25 II Crô. 36.5-23	Exílio; Nabucodonosor; Ciro Exílio; Nabucodonosor
592 - 572	Ezequiel	II Reis 24.17-25 II Crô. 36.11-21	Exílio; Nabucodonosor Após o exílio; Dario I;
586 - 583	Obadias	II Reis 25 II Crô. 36.11-21	Esdras Após o exílio; Dario I;
520	Ageu	Esd. 5, 6	Esdras Após o exílio;
520 - 518	Zacarias	Esd. 5, 6	Artaxerxes I; Neemias
433 - 425	Malaquias	Nee. 12	

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Profecias e Instruções a Curto Prazo (1.1 - 35.10)

Judá, Jerusalém e Acontecimentos Vindouros (1.1 -13.6)

Introdução ao Livro e ao Seu Assunto (1.1-31)

A Rebelião Geral. A primeira grande seção do livro (Isa. 1.1-5.24) consiste em uma série de oráculos proféticos endereçados a Judá e Jerusalém. A maior parte desse material consiste em ameaças, mas há algumas promessas misturadas a elas. Esse material vem do período inicial da carreira de Isaías. O julgamento divino estava a caminho. Judá falhara em seguir os acordos da aliança do *pacto mosaico* (ver notas a respeito na introdução a Êxo. 19). Se todas as nações se mostram culpadas diante de Deus, Judá servia de exemplo grave, por terem os israelitas rejeitado a luz e a revelação divina. O cativeiro babilônico seria o látego na mão de Deus, do qual o povo de Israel precisava como lição. Algum dia, um povo de Israel mais purificado apareceria para constituir um Novo Israel.

1.1

Visão de Isaías. *Titulo.* Este primeiro versículo do livro é uma espécie de sobrescrito que atua como título do livro. Um título mais breve poderia ser: "Visão de Isaías, filho de Amoz, que ele teve a respeito de Judá e Jerusalém". A isso foram acrescentadas as notas cronológicas, isto é, os nomes dos reis que governaram durante os anos em que Isaías se manteve ativo. Ver o gráfico que acompanha a lista dos profetas e dos reis na época geral de Isaías. Ver também, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Rei, Realeza,* onde apresento um gráfico comparativo dos reis de Israel e Judá. Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias foram o décimo, o décimo primeiro, o décimo segundo e o décimo terceiro dos reis de Judá, respectivamente. O período histórico coberto por eles foi de cerca de 768 a 696 A. C. Ver também o artigo chamado *Reino de Judá,* onde ofereço breve descrição de cada um desses reis.

Quando Isaías começou a escrever, o reino do Norte (Israel) estava nos anos finais de existência. Caiu diante da Assíria, em 722 A. C. Judá pagou tributos para permanecer livre, mas estava destinado a cair diante da Babilônia, em 586 A. C, depois da época de Isaías, embora isso tenha sido previsto por ele. Ver *Introdução,* seção I, acerca do que sabemos sobre esse homem. Apresento artigos sobre cada um dos reis acima mencionados, que adicionam detalhes sobre o pano de fundo histórico do livro. Ver a seção II da *Introdução* quanto ao pano de fundo histórico do livro de Isaías.

Visão. Encontramos neste livro uma coletânea de declarações proféticas. A palavra *visão* também introduz os livros de Obadias, Miquéias e Naum. Não há razão alguma para duvidarmos da atividade profética genuína desses homens. Sabemos que o conhecimento prévio é uma capacidade humana, e quanto mais quanto se houver a inspiração do Espírito Santo na questão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia o* verbete *Precognição.* E ver no *Dicionário* os artigos *Profecia, Profeta e o Dom da Profecia* e *Misticismo.*

"Temos aqui uma tremenda acusação contra uma nação apóstata. A acusação envolve a cegueira, a insensibilidade e a estupidez brutal de um povo estribado sobre o pecado" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc).*

Um Livreto de Oráculos (1.2 - 2.5)

Um Povo Ingrato (1.2,3)

1.2

Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, ó terra. Yahweh fala aqui da nação de Judá como Seus *filhos.* Portanto, começamos com o mais excelente de todos os conceitos, a paternidade de Deus. Cf. Osé. 11.1-4. O Pai, ofendido pela conduta ímpia de Seus filhos, em breve começaria um severo espancamento contra eles, a fim de reconduzi-los ao estado de obediência. O orador é Yahweh, que figura como Pai. Ele invoca os altos céus como testemunha, e a terra como segunda testemunha, quanto à verdade do que ocorreria, bem como à necessidade de ouvir e obedecer, antes que o desastre sobreviesse. Coisa alguma fere tanto o coração de um pai como a rebelião de um de seus filhos, que atua contra os ensinamentos que foram dados com tanto cuidado. A pior coisa que um pai pode fazer é conhecer os ensinamentos de Deus e deixar de transmiti-los aos filhos. Os mestres de Israel e Judá tinham-se mostrado negligentes. Eles eram os pais espirituais, sob o Pai celeste. Não obstante, filhos de Deus Pai, tanto Israel quanto Judá, rebelaram-se, para sua própria tristeza.

Os vss. 2-31 têm a forma de uma "ação legal contra Judá, servindo como uma espécie de microcosmo dos capítulos 1-39. Isa. 6.9-13 já projeta o fato de que a maioria da população de Judá não responderia favoravelmente às instruções divinas, tornando o juízo inevitável.

O Senhor é quem fala. Esta expressão, ou outra semelhante, é usada com freqüência para introduzir seções nos livros do Pentateuco. Ver sobre isso em Lev. 1.1 e 4.1. Temos aqui uma reivindicação de revelação divina. Isaías foi um instrumento para que a mensagem fosse entregue ao povo, e não o criador dessa mensagem. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Revelação.*

Eles estão revoltados contra mim. No hebraico, "revoltados" é tradução do termo *pasa,* palavra usada para indicar a rebeldia e a desobediência de nações vassalas conjrajotências superiores.^

O universo deveria dar ouvidos, como testemunha do que estava sendo dito, prometido e ameaçado. Cf. Deu. 30.19 e 32.1. Ver também Sal. 50.4; Jer. 6.18 e 22.29. O povo de Judá era indigno de sua eleição e, no entanto, Deus os havia escolhido (Êxo. 4.22; Deu. 14.1. Osé. 11.1); talvez houvesse uma mudança de atitude, por causa da gratidão que eles deveriam apresentar ao Pai.

1.3

O boi conhece o seu possuidor, e o jumento o dono da sua manjedoura. Os chamados animais mudos, como o boi e o jumento, são espertos o bastante para reconhecer seus proprietários e então obedecer-lhes. Eles *conhecem* os seus donos, que tem o sentido de "Vir a conhecer por associação". Judá deveria ter reconhecido Yahweh mediante longa associação, visto que o povo israelita formava nações em pacto com Deus, presumivelmente distintas das outras nações, pois possuíam a lei de Moisés (ver Deu. 4.4-8). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos,* quanto aos vários acordos firmados entre Deus e o povo de Israel.

Manjedoura. Ou seja, o lugar onde os animais se alimentavam. Os próprios animais mudos sabiam onde obter o alimento que lhes sustentava a vida; mas Judá não sabia que a lei é que fornecia a vida (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Provavelmente está em vista aqui o *solo batido* do ambiente fechado onde os animais domésticos eram guardados (cf. Jó 39.9). Aj[o alimento^era colocado, para benefício dos animais. O boi era um animal submisso, mas o jumento tinha jeputação de ser um animal estúpido. No entanto, tomava-se obediente quando castigado e reconhecia certas coisas capazes de salvar-lhe a vida, tais como alimentar-se das provisões dadas por s e i dono, submeter-se ao seu proprietário e servi-lo em funções que outros animais não eram capazes de efetuar. O jumen- "to"enTseguro de passos nos montes, onde um cavalo tendia a escorregar.

^ Note o leitor a descida vertiginosa de *filhos* de Yahweh para Tna/s *estúpido'^ que animais de carga.* Judá tinha chegado a esquecer a Origem das provisões básicas da vida, Deus. Cf. Êxo. 20.17 e I Sam. 12.3 quanto a declarações similares. Deus era o mestre de Judá, mas os animais brutos também Lhe pertenciam; no entanto, todas as lições básicas eram habitualmente desconsideradas. Cf. Jer. 87 e Osé. 11.4, paralelos sugestivos que ajudam a ilustrar o texto presente.

A Miserável Condição de Judá (1.4-9)

1.4

Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniqüidade. Notemos, neste versículo, as palavras que implicam pecado:

1. *Nação pecaminosa.* Toda a nação de Judá havia apodrecido em maus atos.
2. Um povo sobrecarregado de iniqüidades, como quando os animais de carga se vergam diante do peso de seu fardo.
3. *Raça de malignos,* em seus planos e atos, tendo-se desviado para uma vereda contrária à lei e andando em caminhos de transgressão contra a lei.
4. Embora privilegiados acima de todas as demais nações da terra, eles se *esqueceram* de Yahweh, desconsiderando as leis que exprimiam a Sua vontade.
5. Eles se tornaram *desprezadores* do próprio Deus, porquanto apequenavam Seus pactos e leis, e zombavam das admoestações dos profetas.
6. O resultado é que eles se tornaram totalmente *alienados* do Pai celeste, como se Judá fosse o filho pródigo entre as nações.

Note o leitor as palavras de relacionamento: povo, raça, filhos; cada um dos quais deveria ter seu significado em relação ao Pai, embora cada qual representasse alguma forma de corrupção.

Santo de Israel. Quanto a este título divino, cf. Lev. 11.44: "Sereis santos, porque eu sou santo". A teologia dos hebreus misturava o sumo bem, o sumo poder e a suma inteligência no Ser divino, em contraste com as divindades pagas que eram francamente corruptas. O título "Santo de Israel" é usado cerca de 25 vezes no livro de Isaías. Como exemplo, ver 5.19,24; 10.17,20; 29.19 e 30.11. Esse título, em si mesmo, serve de exortação para que os homens sejam santos, por meio da lei, que é o manual da conduta humana.

"Eles tinham voltado as costas, e não o rosto, para Ele" (Kimchi). Cf. Jer. 2.27 e 7.24. Esquecer o Senhor é interpretado no Targum como abandonar a adoração

ao Senhor no templo. Eles tinham deixado de ir à igreja e expulsaram de sua mente as coisas ensinadas pela igreja, conforme diríamos em nossos próprios tempos.

1.5

Por que haveis de ainda ser feridos, visto que continuais em rebeldia? Judá já estava sentindo a tribulação provocada pelos assírios, e em breve a nação do norte seria levada cativa pelos assírios. O profeta encarava a condição de Judá como um *corpo humano espancado* prestes a ser mais espancado ainda. Maior revolta significaria maiores espancamentos e, quando a Babilônia ferisse, seria a morte física e espiritual da nação. As chicotadas seriam administradas por potências inimigas, mas a causa dsso era o próprio Yahweh, a Causa celeste. O profeta então mudou a metáfora para uma enfermidade que havia atingido o corpo inteiro, da cabeça ao dedão do pé. A cabeça estava *doente,* e o coração estava *debilitado.*

"A figura simbólica é a de um servo que estava sendo cruelmente espancado por causa de sua má conduta contínua" (R. B. Y. Scott, *in loc)*."... ferido por aflições e castigos, com os quais Deus punia o Seu povo, a fim de corrigir-lhes os pecados; Isa. 57.17 e Osé. .1.6" (John Gill, *in loc).*

1.6

Desde a planta do pé até à cabeça não há nele cousa sã. Platão dizia que a alma dos tiranos é cheia de úlceras abertas *(Gorg.,* cap. 80). O profeta Isaías disse algo semelhante, mas aplicou tudo à nação de Judá, e não somente aos líderes da nação. Alguma horrenda praga tinha tomado conta do corpo inteiro (o país), de forma que coisa alguma saudável podia ser encontrada ali. Se o autor continuasse a usar a metáfora do espancamento (vs. 5), então haveria o quadro de um corpo humano-tão coberto de ferimentos, rouxidões e cortes profundos que não restaria lugar que não tivesse sido afetado. As feridas não estavam pensadas, e nenhum óleo fora aplicado aos ferimentos para suavizá-las. O vs. 7 ilustra a situação. Cf. a linguagem do vs. 6 a Deu. 28.22-25 e Jó 2.7.

"Quando vários medicamentos são aplicados mas nenhuma cura ocorre, então a desordem deve ser vista como infligida diretamente por Deus" (Kimchi, *in loc).* Ver Isa. 9.13-16. O Targum observou que em Judá não havia ninguém perfeito no temor de Deus, o que é uma frase veterotestamentária equivalente à espiritualidade. Ver no *Dicionário o* verbete chamado *Temor.*

1.7

A vossa terra está assolada. O profeta Isaías poderia estar falando aqui sobre os ataques dos assírios, que assolavam Judá e, finalmente, terminariam com a nação do norte, Israel, em 722 A. C. Ou então ele olhava para além do horizonte, vendo a invasão babilônica que terminaria com a nação do sul, Judá, em 596 A. C. Ele via essa destruição *como se* já tivesse acontecido, embora ainda estivesse a longa distância na linha do tempo. Tiglate-Pileser III devastou a nação de Judá em 734-733 A. C. (ver Isa. 7.1,2); Senaqueribe o fez em 701 A. C. (ver Isa. 36.1); Jerusalém foi então isolada (ver Jer. 4.29-31). Finalmente, ocorreu o cativeiro de Judá (pelos babilônios), que aconteceu quando Isaías não mais vivia. Ver a seção II da *Introdução* quanto ao pano de fundo histórico do livro. Alguns estudiosos pensam estar em vista as devastações provocadas pelos romanos, bem como a dispersão de Judá produzida por esse povo; mas isso é altamente improvável.

1.8

A filha de Sião é deixada como choça na vinha. Sião (Jerusalém) é aqui personificada como uma mulher (cf. Amos 5.2). Ela foi deixada desolada; como se fosse mera choça em uma vinha, sem nenhuma permanência; como se fosse uma minúscula cabana em um campo de melões; como se fosse uma cidade sitiada que enfrentasse a destruição. A cidade das fantasias fora reduzida a um estado precário que prometia seu desaparecimento para breve. Quanto à expressão "filha de Sião", cf. Jer. 4.31; Lam. 1.6; 2.13; Miq. 1.33; 4.8; Zac. 9.9. As coisas temporárias aqui mencionadas tiveram permissão de entrar em decadência uma vez que o trabalho nos campos tinha terminado."... como se fosse um abrigo vazio, no meio de uma vinha; como uma cabana deixada em um campo de melões; como uma cidade circundada pelos inimigos" (NCV).

1.9

Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado alguns sobreviventes. As cidades de Sodoma e Gomorra foram totalmente devastadas, e esse também seria o caso de Jerusalém. Somente um pequeno remanescente sobreviveria, e até mesmo esse iria para o exílio. Paulo citou esse trecho bíblico em Rom. 9.29, aplicando-o à porção de Israel que se "salvaria". O restante do povo se perdeu em meio à rebelião geral. Jerusalém e Judá tornaram-se como Sodoma e Gomorra em sua vileza e teriam de sofrer a mesma sorte. A figura atinente a Sodoma e Gomorra continua no vs. 10; sobre Sodoma, somente, em Isa. 3.9; Eze. 16.46,48,49 e 55.56. Cf. Deu. 29.23. Coisa alguma poderia ser dita que fosse tão drástica como essa comparação que qualquer judeu entenderia plenamente.

Senhor dos Exércitos. Quanto a este título divino, ver o *Dicionário* e I Reis 18.15. Antigamente, Yahweh liderava Israel como um general lidera seu exército, mas tudo isso, agora, estava perdido. O título divino havia permanecido, mas Judá tinha caído em ruínas.

A Preocupação Primária de Deus (1.10-17) $ t ? (/ |

Ouvi a palavra do Senhor, vós príncipes de Sodoma. Agora Yahweh se dirigia a Judá e a Jerusalém como governantes de Sodoma e habitantes de Gomorra, cada um deles um corrupto em rebeldia, mas que em breve seria destruído e ficaria em um estado deveras lastimável. Judá tinha escorregado tanto que se tomara como os notórios inimigos de Deus, os quais, finalmente, foram destruídos pela ira do Senhor. A "palavra de Yahweh" é a mensagem de repreensão e de profecia ameaçadora dada através de Isaías, parte de seu livro de oráculos (ver Isa. 1.2-2.5). (Cf. isso com o "é o Senhor quem fala" de Isa. 1.2.) A revelação divina estava operando. Se o povo de Judá ouvisse, haveria reversão das ameaças divinas. Mas Isa. 6.9-13 projeta a triste expectação: poucos ouviriam a palavra do Senhor. Diz o Targum: "Acolhei a palavra do Senhor, vós, governadores, cujas obras são más como as dos governantes de Sodoma". A lei era a fonte dos mandamentos, os quais, presumivelmente, teriam feito de Israel uma nação *distinta* entre as nações (ver Deu. 4.4-8), mas Judá havia escorregado para o lugar comum seguido pelo paganismo.

1.11

De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? Se Judá escorregara para as corrupções de Sodoma e Gomorra, durante todo esse tempo o complexo sistema de sacrifícios foi mantido. Mas nisso não havia espiritualidade alguma. Tudo havia sido reduzido a formas e rituais. Yahweh não estava interessado em meros sacrifícios ditados pela hipocrisia. Yahweh, nesses sacrifícios de animais, ficava com o sangue e a gordura (ver Lev. 3.17 quanto às leis acerca do sangue e da gordura). Além disso, oito porções dos animais ficavam com os sacerdotes (ver Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). Então as pessoas que tinham trazido o animal para ser sacrificado consumiam o que sobrasse. Cinco tipos de animais eram aceitáveis como sacrifícios, razão pela qual eles eram chamados de animais nobres. Ver Lev. 1.14-16. Aqui encontramos a menção aos carneiros, aos bois, às ovelhas e ao bode. Somente as aves aceitáveis são deixadas de fora. Sim, a atividade em torno dos sacrifícios continuava, como usualmente se fazia, mas o povo de Judá tinha caído no paganismo. A lei não era obedecida; os pecados haviam corrompido todas as coisas. Yahweh, pois, expressou o Seu desinteresse por esse tipo de fé religiosa. A forma religiosa que não se concentra no coração não tem utilidade. A religião formal do povo de Judá, que consistia em *sacrifícios* (vs. 11), *incenso* (vs. 13a); *festividades e festas* (vss. 12-14) e *orações* (vs. 15) não compensava a corrupção geral que havia-se estabelecido na nação. Todas essas formas externas da religião se tomaram *sem sentido,* pois eram as formas internas da religião que distinguiriam o povo de Judá das outras nações. Contudo, a ausência dessa realidade interior, que deveria ser a essência da conduta externa, tomava as extemalidades inúteis.

Cf. este versículo a Amos 5.21-24; Osé. 6.6; Miq. 6.6-8; e ver também I Sam. 15.22; Sal. 40.6; 50.7-14 e 51.16,17.

1.12

Quando vindes para comparecer perante mim. O povo de Judá comparecia diante da face de Yahweh, porquanto o templo de Jerusalém era o lugar onde Ele se manifestava especialmente na terra. Eles vinham para *vera* face divina (versão siríaca). Traziam multidões de animais, que nada mais faziam do que pisar os recintos do templo. O Lugar Santo fora transformado em mero curral. O sistema de sacrifícios havia perdido o significado. Não podia manifestar-se a *shekinah* (o resplendor da glória de Deus) em meio a essas condições de profanidade. Os interesses da justiça não mais faziam parte da questão. Ás três festividades anuais continuavam a ser praticadas (ver Êxo. 23.14), mas tudo não passava de formalidade.

1.13

Não continueis a trazer ofertas vãs. O profeta Isaías continuou a enumerar outros elementos do complexo sistema religioso dos judeus: além das oferendas e ofertas de cereais (ver Lev. 7.9-12), havia os ritos com *incenso* (ver Êxo. 30.1,7,8 e Lev. 2.1, e ver a questão no *Dicionário);* a observância dos dias especiais, como a lua nova; as festas observadas no primeiro dia do mês, por ocasião do aparecimento da lua (ver II Crô. 8.13; e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lua Nova); o* dia de sábado e os outros vários dias de sábado ou descanso (ver Lev. 16.31,23,24; ver também no *Dicionário* o verbete denominado *Sábado);* e as convocações para as

assembléias, que visavam propósitos especiais, como as festas da páscoa, do pentecoste,_ dos tabemáculos e do dia da expiação (ver Lev. 23.3; Núm. 28.26; 29.1,7,12; Êxo. 12.16; Joel 2.15-17). Incluía todo o complexo sistema que Yahweh tinha descartado, porque o significado havia-se perdido, mediante a corrupção generalizada da moral e os atos abertos de violência e pecados de toda a espécie.

1.14

As vossas luas novas, e as vossas solenidades. O profeta Isaias repetiu aqui a menção ao rito da *lua nova* e, com uma referência geral, repetiu a menção às muitas festas requeridas pela lei mosaica, pronunciando seu Icabode contra eles, porquanto passara a *odiar* toda aquela triste questão. Alguns eruditos emendam a questão das luas novas (no hebraico, *hodhshekhem)* para *haggekhem,* "peregrinações", supondo que o autor não tivesse feito uma repetição infeliz, mas não há como afirmar essa conjectura. A alma de Yahweh abominava toda essa questão. Como no restante do Antigo Testamento, foram usadas fortes expressões antropomórficas. Em outras palavras, os atributos e sentimentos do homem são conferidos a Deus. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Falamos a respeito de Deus dessa maneira por estarmos presos no dilema do pensamento e da linguagem humana. Quanto a maneiras de falar sobre Deus, ver *Via Negationis* e *Via Eminentiae,* no *Dicionário.* O que teria sido uma alegria para Yahweh se tornara uma sobrecarga repelente. Corações hipócritas e pecaminosos tinham furtado do sistema seu significado. Cf. o vs. 4 deste mesmo capítulo. Ver também Isa. 43.24.

1.15

Quando estendeis as vossas mãos. Um típico gesto de oração consistia em estender as mãos com as palmas para cima, em atitude de súplica, na esperança de *receber* algo. Os olhos estavam abertos e olhavam para o céu. Muitas orações eram feitas, bem no meio da apostasia, mas elas não seriam ouvidas; pelo contrário, seriam até *desprezadas por* Yahweh, objeto dessas súplicas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração.* E como alguém já disse: "A oração está onde a ação está". Quando homens bons oram, começam a acontecer coisas inesperadas. Levantemo-nos pela manhã todos os dias, porquanto cada dia *pode* trazer um milagre. Israel (Judá) tinha visto muitos milagres ao longo do caminho, mas caíra na armadilha do desastre. Os dias dos milagres eram coisa do passado. Cf. este versículo com Sal. 66.18. "A retidão interna deve acompanhar o ritual externo, para que esse ritual signifique alguma coisa para Deus" (John A. Martin, *in loc).*

Pecados de Sangue. Violência e matanças eram comuns em Judá. O país estava repleto de ganância e de homens violentos, que terminavam assassinando suas vítimas. O manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto adiciona aqui: "e vossos dedos com iniqüidade". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.*

1.16

Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos. *Convite ao Arrependimento e à Reforma.* Isso é retratado como *lavar* a imundícia do pecado e da violência, com vistas à purificação. A santidade consiste em limpeza. Além disso, *tirar é* outra palavra-chave. As coisas más devem ser tiradas da vida e descartadas. Mediante tal remoção, os olhos de Yahweh não mais as veriam nem se irariam contra elas. Sem nenhuma metáfora: *deixai de fazer o mal.* O original hebraico diz aqui, literalmente, "crimes", e muitos dos pecados de Judá eram crimes, até mesmo crimes de sangue, conforme vemos em Isa. 1.15. O profeta estava dirigindo a palavra contra uma perversão extremamente radical. Judá tinha de deixar de lado os ritos e as cerimônias, e voltar aos princípios básicos da espiritualidade. Cf. Lev. 14.8,9,47. Comparar este versículo com Sal. 51.7, que diz:

> *Purifica-me com hissopo e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve.*

1.17

Aprendei a fazer o bem. Diversas boas ações foram ordenadas, em substituição a más ações: teria de haver um novíx processo de aprendizado para que os judeus conhecessem e obedecessem à lei, o tipo de processo que penetra no coração. Quando as lições fossem aprendidas, seria feita a *justiça,* o abe da lei mosaica. Deveria haver a "regra do direito", a justiça social e pessoal, a reforma dos indivíduos, as instituições, os juizes e os tribunais. A *opressão* precisava ser eliminada. Os fracos e pobres não deveriam continuar sendo explorados pelos fortes e ricos. As propriedades deveriam ser devolvidas às viúvas e aos órfãos, e atos de caridade teriam de substituir os atos de opressão. Os órfãos e as viúvas teriam de ser *defendidos,* em vez de explorados. A legislação mosaica fornecia diretrizes para esses atos e teria de ser seguida. Cf. II Sam. 14.4-7; II Reis 4.1 e Rute 4.1-4. Ver também o vs. 23 deste capítulo; 10.1,2 e Deu. 24.17; 19.21; 26.12 e 27.19. Homens ímpios tinham de ser punidos pelo que estavam fazendo, tornando-se exemplos do que acontece a homens violentos.

> *Fazer injustiça com o malfeitor,*
> *Até que ele se endireite.*
>
> (Violação de Lucrécia)

A Alternativa: Arrependei-vos, ou Sereis Destruídos (1.18-20)

1.18

Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor. Este é um dos mais citados versículos de Isaias, o clamor apaixonado de reforma no qual Yahweh deixou de lado, por um minuto, Suas terríveis ameaças e convidou homens humildes a *raciocinar* com Ele. A idéia do versículo é a *correção* através de um discussão arrazoada na qual a verdadeira natureza das coisas é exposta, e o desejo pela mudança é instilado.

Elementos do Versículo:

1. A condescendência divina. Deus, embora poderoso para julgar, prefere elevar os homens de seus pecados e abençoar, em vez de julgar.
2. O raciocínio substitui as ameaças.
3. *Os pecados são vis,* profundos e malignos, o que é indicado pela palavra *escarlate,* uma tintura de cor vermelha usada para tingir tecidos. A cor vermelha subentende pecados de sangue (pecados verdadeiramente terríveis, vs. 15). E a idéia de tintura implica algo penetrante na própria alma dos homens iníquos, algo que não é fácil de sair.
   "... carmesim escuro, cor da mancha de sangue" (Ellicott, *in loc).*
4. A *neve,* ocasionalmente, é verdadeiramente *branca,* sendo composta de cristais de água, pura e incontaminada. Os cristais de neve substituem o tecido tinto de vermelho. Está em foco uma reforma total, uma purificação completa, uma mudança radical.
5. O tecido que fora tingido de vermelho tomar-se-ia branco como a lã, que prove uma nova veste, de cor inteiramente diferente.
6. O pecado tinha de ser reconhecido e abandonado. Sem isso, não haveria *mudança* permanente. Sem essa mudança não haveria *redenção* das ameaças de destruição.
7. O sangue do Cordeiro pode tingir de branco, um *paradoxo divino* (ver Apo. 3.4,5; 7.14).

1.19

Se quiserdes, e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra. O pecador precisa estar disposto a fazer o que é reto e realmente obedecer à prática do bem. Somente então Judá continuaria a desfrutar a terra na qual habitava. Habitar significa participar de todas as coisas boas, pois a Terra Prometida era a terra do leite e do mel (Êxo. 3.17,18; 33.3; Deu. 6.3). Se não houvesse reação favorável ao chamado divino, então aquela terra seria entregue a um poder estrangeiro, a maior parte do povo de Judá seria morta, e o minúsculo remanescente seria levado para o exílio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico.* Haveria colheitas abundantes, o coração da economia e o bem-estar pessoal. Isso foi prometido no pacto mosaico (ver Deu. 28.3-6,11). Sobre esse pacto, ver a introdução a Êxo. 19.

1.20

Mas se recusardes, e fordes rebeldes. A alternativa à mudança de mente era ser *devorado* à espada. Os rebeldes, que já estavam em profunda rebelião, podiam ou *comer* da terra, em meio à prosperidade, ou então ser *devorados* pelas armas de algum inimigo estrangeiro. Ver as notas sobre o vs. 7 quanto a uma ilustração do ato de devorar. Yahweh havia afirmado a escolha pelas palavras de Sua boca, o que significa que se tratava de um destino fixado. A reação humana favorável condicionava os resultados. Se isso não fosse uma verdade, então não poderia haver responsabilidade moral. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Livre-arbítrio.*

Os hebreus eram fortes em Deus como a Única Causa, mas essa era uma teologia deficiente que esquecia as *causas secundárias.* Isaias estava mostrando que Judá era a *causa de sua própria miséria.* Eles estava predestinados a ser maus. Todos os apelos do evangelho estão baseados nessa mesma suposição. O homem *pode* responder ao chamado divino, se assim *quiser* fazê-lo. A promessa do vs. 19 não é incondicional. Há um "se" crucial envolvido: "Se estiverdes dispostos e fordes obedientes". Quanto à espada devoradora, ver Deu. 28.45-57. As advertências dos profetas repousavam sobre a lei e suas exigências, que eram fixas e firmes. Ver Lev. 26.3-33. Deus não altera a Sua Palavra (ver Núm. 23.19).

A Lamentação sobre Jerusalém (1.21-23)

1.21

Como se fez prostituta a cidade fiel! A cidade antes fiel fora apanhada nos pecados e atitudes de uma prostituta, o que provavelmente significa uma esposa prostituída, o assunto do livro de Oséias. A esposa fiel tinha sofrido tremenda queda. A cidade de Jerusalém era um centro de santidade e justiça, e um lugar onde se adorava a Yahweh. Em vez de um povo santo e de instituições santas, tinham chegado homens ímpios, e a coisa inteira estava corrompida. O local estava pleno de pecados pesados e pecadores assassinos. A capital da adoração ao Senhor tinha-se tornado um centro de crimes. A esposa entrara em sociedade com seu marido, e o mesmo Israel fizera com Deus. Mas o pacto tinha sido quebrado, bem como seus relacionamentos e benefícios. Ora, Judá estava em liga com o diabo e seus filhos. A esposa prostituída anula o pacto, e Judá estava na mesma situação espiritualmente. Esse símbolo tornou-se ainda mais impressionante pelo fato de que muitas das formas de idolatria que tentavam os israelitas incorporavam os pecados literais da prostituição, e até a prostituição sagrada, mediante a qual as sacerdotisas obtinham lucro em seus templos ao se prostituírem. Ver Núm. 25.1. Ver Eze. 16.1-59, onde esse simbolismo é desenvolvido. Foi assim que Jesus falou sobre a Sua geração, como pecaminosa e adúltera (ver Mat. 12.39).

1.22,23

A tua prata se tornou em escórias. A prata é um metal que se torna precioso mediante o processo do refino. Mas a prata de Judá tinha seguido outro caminho e se tornara escória através das muitas poluções em que o povo tinha-se envolvido. A prata é um metal nobre, mas pode tornar-se ignóbil através da corrupção. Judá tinha revertido o processo de refino pelo processo da polução. A escória é um resíduo e serve somente para ser jogada fora; e, assim, Judá seria jogado fora mediante o cativeiro babilônico.

O vinho puro é melhor; mas os antigos usualmente misturavam o vinho com água. Este versículo, contudo, fala de uma *pesada* mistura de água com vinho, que o anulava completamente. Não era mais vinho, mas uma espécie de água enjoativa.

O profeta estava falando sobre "o estrago de uma valiosa substância misturando-a com elementos estranhos" (R. B. Y. Scott, *in loc).* A escória e a água *adulteram* a prata e o vinho, e isso está em consonância com a figura do vs. 21. Adam Clarke *(in loc.)* afirmou que, se os gregos e os romanos misturavam água com o vinho, os hebreus não faziam assim. Eles misturavam especiarias ao vinho para salientar o paladar, mas isso não rebaixava a qualidade do vinho. Ver Can. 8.2 quanto ao vinho com especiarias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vinho.* O vinho era uma substância preciosa em Israel. A idéia entre os israelitas era que cada homem tivesse a própria vinha e, portanto, uma fonte abundante de vinho. Ver Isa. 36.16.

"A moeda do julgamento e da justiça fora aviltada. O vinho da vida espiritual (ver Pro. 9.5), do entusiasmo e do zelo pelo bem foi diluído até perder todo o poder de fortalecer e refrescar. De acordo com a terminologia do Novo Testamento, o 'sal perdeu o seu sabor' (Mat. 5.13)" (Ellicott, *in loc).*

Lista de Virtudes Transformadas em Vícios:

1. Os governantes, que deveriam ser os mais nobres elementos da nação, dispensando justiça e conferindo progresso e prosperidade ao povo, chegaram a tal perversão que se tornaram ladrões e assassinos. Toda a claque governante, desde o mais poderoso deles até o oficial mais inferior, tinha-se transformado em um peso intolerável para o país, arrastando-o para a destruição. Os *líderes* rebeldes estavam *conduzindo* a nação à ruína. As virtudes tinham sido transformadas em vícios. No hebraico original há um jogo de palavras aqui: os governantes (no hebraico, *sarim)* tomaram-se rebeldes (no hebraico, *sorerim,* palavra de som semelhante).
2. O *suborno* se tornara um importante elemento no jogo, e todos andavam atrás do suborno. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Suborno,* e ver outras notas a respeito em Pro. 15.27. Eram necessárias somente duas ou três testemunhas para determinar em que pé ficaria um caso (ver Deu. 17.6). Além disso, um juiz corrompido podia perpetrar uma injustiça. Subornos bem colocados facilmente podiam pôr em liberdade um homem culpado, ou condenar um homem inocente. Além disso, havia toda a espécie de negócios particulares que poderiam levar a uma conclusão errada, por meio de suborno. Podemos ter aqui outro jogo de palavras. Em vez de "paz" *(shalom),* pelo uso errado de dinheiro, as pessoas promoviam o *shalmonim* (dádivas pacíficas), isto é, "subornos". "A corrupção de uma nação começa por seus governantes" (Fausset, *in loc).* Cf. esta parte do versículo com Eze. 22.12.
3. A defesa dos órfãos e das viúvas (o que é uma virtude) foi transformada em vício (explorá-los e persegui-los). Cf. Luc. 18.2,3. Ver também a maldição daqueles que prejudicavam as crianças, em Luc. 17.2. Cf. o lamento de Jesus sobre Jerusalém (Luc. 13.34; ver também Jer. 5.28 e Zac. 7.10 quanto ao *terceiro* desses vícios).

O Julgamento de Deus (1.24-26)

1.24

Portanto diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos, o Poderoso de Israel. O reino do sul, Judá, vinha fazendo grande semeadura de pecados e agora tinha de colher a corrupção. Ver no *Dicionário* a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* A Assíria faria grande confusão e deixaria muitas vítimas. Em seguida, os babilônios fariam ainda pior. Ver as notas sobre o vs. 7.

O acúmulo de títulos divinos aumenta o impacto das ameaças. *Yahweh* era o *Senhor dos Exércitos* (ver a respeito no *Dicionário* e em I Reis 18.15). Portanto, Ele é o *Poderoso de Israel,* aquele que não tem limites em Seus poderes e julgará o Seu povo não menos do que os pagãos. Quanto a este último título de Yahweh, ver também Isa. 49.26; 60.16; Gên. 49.24; Sal. 132.2,5. Se, por um lado, esperava-se que o poder de Yahweh abençoaria a Israel, contudo, por outro lado, esse poder (residente nos nomes divinos) faz ameaça contra Israel. É evidente a *responsabilidade humana.* Existe tal coisa como uma responsabilidade moral humana. O homem pode escolher, obedecer, querer corretamente e ser obediente e, dessa maneira, prosperar.

A Ira e a Vingança Divina. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ira de Deus.* Judá se tornara *inimigo* de Yahweh! Nessa qualidade, seria tratado como os povos pagãos que estão sujeitos à ira divina, a qual opera como vingadora do mal. Deus daria vazão à Sua ira. Notemos aqui outro jogo de palavras: *dar vazão* (no hebraico, *'ennahem)* e *vingar* (no hebraico, *'innaqueman).* A versão portuguesa Atualizada no Brasil diz "tomarei satisfações" e "vingar-me-ei", traduzindo essas palavras hebraicas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

"A punição seria reformadora, entretanto, e não meramente penal" (Ellicott, *in loc).* Todos os julgamentos divinos são restauradores, e não meramente retributivos, e isso não apenas contra Israel, mas também contra os perdidos, que são espancados por serem julgados. Quanto a esse conceito, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

1.25

Voltarei contra ti a minha mão. A *mão* de Deus volver-se-ia contra Judá. Ver sobre a *mão* de Deus em Sal. 81.4, e sobre *mão direita,* em Sal. 20.6. Temos aí menção ao instrumento divino de operação, e Ele teria Seus instrumentos nas agências humanas que usaria, as quais eram suficientemente brutais para administrar a *vingança* apropriada (vs. 24).

O *Julgamento Divino como Processo de Refino.* Os juízos divinos são remediais, e não apenas retributivos, conforme observo nas notas expositivas sobre o versículo anterior. O processo de refino dos metais nobres simboliza esse tipo de julgamento. Cf. Mal. 3.2. Para que a prata fosse pura, isenta de sua escória (segundo a nossa versão portuguesa, "metal impuro"), teria de passar pelas chamas de refino (julgamento). A prata se transformara em escória (vs. 22), pelo que um novo processo de refino estava na ordem do dia. Esse processo empregava não somente alta temperatura mediante a aplicação da potassa. Isso pertencia ao processo da lavagem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Refinar, Refinador.*

1.26

Restituir-te-ei os teus juizes, como eram antigamente. O *processo de reforma* começaria pelos líderes, príncipes e juizes, conselheiros e todos os que estavam investidos de autoridade, e então atingiria o povo comum. Cf. o vs. 23. O processo corruptor começara pelos príncipes que se rebelaram contra a autoridade de Yahweh. Assim sendo, a reforma começaria com a doação das terras aos governantes apropriados, em substituição aos que haviam corrompido a terra. Judá tinha sofrido o "efeito de Jeroboão", a corrupção de toda a nação através de sua liderança. Ver como esse homem foi a causa de Israel ter caído no pecado, em I Reis 15.26 e 16.2. Quanto ao pecado de Jeroboão, ver I Reis 12.28 ss. Os corrompidos líderes de Judá tinham-se tornado filhos espirituais de Jeroboão e estavam arruinando Judá, tal como ele tinha arruinado Israel.

Jerusalém, a capital da nação, tomar-se-ia novamente a *cidade da justiça,* abandonando a prostituição (vs. 21). A cidade da justiça tinha-se tornado a esposa adúltera, mas essa condição seria revertida. Ver as notas expositivas sobre o vs. 21 quanto a esse simbolismo. Quando a cidade fosse restaurada, o restante de Judá necessariamente seguiria o seu bom exemplo. O culto a Yahweh seria renovado, pois estaria embasado em uma fé sincera, vinda do coração, em contraste com o que lemos nos vss. 11-14.

Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espirito inabalável.

(Salmo 51.10)

Alguns estudiosos pensam que este versículo tem natureza messiânica e vêem a reforma ocorrendo no fim de nossa era, mas a verdade é que o profeta não estava olhando tão distante no futuro. E também não parece haver aqui referência direta ao retorno de Judá do cativeiro, nem à restauração de Israel naquela tribo, Judá. A referência é a um *princípio geral,* não se tratando de uma profecia especifica.

Um Adendo (1.27-31)

1.27

Sião será redimida pelo direito. Este versículo dá prosseguimento à idéia do versículo anterior, a restauração de Judá. A *justiça* será o instrumento dessa restauração, tal como a *iniqüidade* foi o instrumento mediante o qual a prata se transformou em escória (vs. 22). Sião seria *redimida,* ou seja, libertada. E os que se arrependessem seriam beneficiados por sua retidão, incluindo a boa espiritualidade e conduta dai decorrentes. "Os vss. 27-31 reiteram o juízo certo de Deus contra a apostasia. A redenção só pode ocorrer por meio da justiça" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc).* Alguns intérpretes vêem aqui o retorno do remanescente da Babilônia para renovar Israel mediante uma tribo, Judá. A grande maioria do país, todavia, não escaparia ao severo julgamento divino por meio da invasão do exército babilônico e pelo exílio subseqüente. Ver o vs. 28. Alguns críticos pensam que esse adendo é uma glosa feita por um *Segundo Isaías,* que teria escrito após o retorno da Babilônia e, assim sendo, aqui e acolá comentou sobre o assunto. Em outras palavras, esse adendo seria um pouco de história, e não profecia. Ver a seção III da *Introdução,* que aborda a unidade do livro e o que os críticos pensam a respeito. Alguns eruditos pensam que um suposto Terceiro Isaías (ou editores posteriores) fez (fizeram) acréscimos aos escritos do Segundo Isaías, e também que algumas anotações dele(s) poderiam explicar tais adições ao Primeiro Isaías. Alguns fazem esta seção ser profética e messiânica, vendo nela a redenção em Cristo e até a restauração final, mas certamente isso é um exagero.

1.28

Mas os transgressores e os pecadores serão juntamente destruídos. Este versículo quase certamente refere-se às terríveis destruições que acabaram com a maioria dos habitantes de Judá e Jerusalém, quando da invasão do exército babilônico e do cativeiro subseqüente, que foi outro meio de eliminação. Assim como o versículo anterior aponta para os sobreviventes, este versículo aponta para os que não sobreviveram ao julgamento divino. Os críticos fazem este versículo ser um reflexo histórico do que aconteceu, escrito pelos supostos Segundo ou Terceiro Isaías; mas muitos intérpretes o consideram uma profecia genuína. Outros ainda, contudo, fazem este versículo ser uma declaração geral sobre como operam a vingança e a restauração divina, e não vêem nele nenhuma menção a um acontecimento específico. Os apóstatas seriam *consumidos,* ou seja, totalmente aniquilados, e isso poria fim à transgressão e à rebelião.

1.29

Porque vos envergonhareis dos carvalhos que cobiçastes. A idolatria é a causa do castigo divino. Os ídolos eram adorados em conjunto com o carvalho sagrado, ou nos jardins. Ver Isa. 57.5 e 65.3, respectivamente. Baal era a divindade favorita a ser adorada em tais ambientes, o que se pensava encarecer a adoração, como se fosse um toque estético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Carvalho dos Adivinhadores,* e também as intermináveis ramificações que a idolatria assumia, no artigo geral que versa sobre *Idolatria.* Os jardins aqui mencionados provavelmente incluíam os jardins dos *Lugares Altos* (ver também no *Dicionário).* Os idolatras escolhiam esses lugares para ali adorar, abandonando o templo de Jerusalém, onde Yahweh era honrado. "Essas palavras apontam para os bosques que estavam tão intimamente vinculados à idolatria da terra de Canaã, especialmente com a adoração à *asherah,* que o povo de Israel tinha preferido ao santuário de Yahweh (ver Isa. 17.8; 57.5; Deu. 16.21; II Reis 16.4; Jer. 3.6)" (Ellicott, *in loc).* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deuses Falsos,* especialmente em III.4, *Aserá.*

Os que fossem castigados ficariam *envergonhados* daquilo que fora o prazer deles por tanto tempo. Eles corariam de vergonha, por causa de sua anterior estupidez, que tinha sido uma afronta para Yahweh.

1.30

Porque sereis como o carvalho. Os que tinham-se envolvido com os carvalhos sagrados terminariam como folhas de carvalho mortas, ressecadas; e os que tinham-se envolvido com a idolatria efetuada nos jardins terminariam como jardins sem água, mortos, figuras que expressam a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).* Antes foram indivíduos fortes e prósperos, mas agora estavam reduzidos a nada pela morte. Nas partes mais tórridas dos países orientais, um suprimento *constante* de água é absolutamente necessário para que se cultive um jardim. Se houver falta de água por alguns poucos dias, o resultado será a perda total dos jardins. Portanto, só há jardins onde existe disponível água suficiente. Considere o leitor o jardim do Éden e seus *rios.* Cf. Jer. 17.8:

Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua (olha fica verde.

Ver também Sal. 1.3,4 onde encontramos o mesmo simbolismo. Todavia, a boa sorte do homem reto não cabe ao pecador: "Os ímpios não são assim". E é isso que o profeta está dizendo aqui, mesmo que não tenha usado essas palavras exatas.

1.31

O forte se tornará em estopa, e a sua obra em faísca. A impiedade transformará os homens em um material facilmente combustível, e suas obras em uma faísca. E, uma vez reunidos o combustível e a faísca, rebentará uma chama que continuará queimando, e ninguém será capaz de apagar o incêndio ou fazer parar a destruição. Uma das armas usadas na guerra, tanto antigamente quanto em nossos próprios dias, é o fogo, o qual destrói materiais e pessoas. Em breve, as chamas da Babilônia estariam consumindo Judá, e poucos seriam os sobreviventes. Não há aqui nenhuma referência a um julgamento eterno, o que seria totalmente anacrônico neste versículo. A estopa e a faísca foram escolhidas para representar a forma mais rápida de combustão.

Capítulo Dois

A Purificação e a Esperança Milenar (2.1 **-4.6)**

Uma Afirmação de Restauração (2.1-5)

Um segundo título aqui, similar ao de Isa. 1.1, poderia ser aplicado aos capítulos 2-12. Uma nova seção, pois, começaria em Isa. 13.1, embora muito mais esteja contido aqui do que o título sugere. Ou talvez o título encabece uma parte menor da seção maior, abarcando os capítulos 2-4. Ou então o título talvez cubra somente o trecho de Isa. 2.2-4, um pequeno oráculo também encontrado em Miq. 4.1-3. Os vss. 2-5, uma passagem que se tomou famosa com justiça, aparecem também em Miquéias, pelo que não há certeza de quem foi o autor, se Isaías, Miquéias ou algum outro indivíduo de quem ambos copiaram. O oráculo refere-se à restauração de Jerusalém, presumivelmente após o cativeiro babilônico; mas alguns vêem também um significado a longo prazo que inclui o reino milenar de Cristo, tendo Jerusalém como centro. Note o leitor que essa esperança, sem importar qual seja o significado exato, vem imediatamente após a escaldante acusação (sob a forma de uma ação legal) proferida contra Judá e Jerusalém apóstatas. "Isaías introduziu um conceito que foi a marca d'água de sua profecia. Chegará um tempo em que Jerusalém ocupará posição primária no mundo. Miq. 4.1-3 é quase idêntico a Isa. 2.1-4" (John A. Martin, *in loc).*

2.1

Palavra que, em visão, veio a Isaías, filho de Amoz. A *palavra* veio novamente a Isaías, e agora essa palavra é um oráculo concernente a Judá e Jerusalém. A declaração é idêntica à da primeira parte de Isa. 1.1, mas agora *visão* aparece como *palavra,* ou seja, *oráculo* específico ou revelação profética. Diz o Targum: "palavra de profecia". Essa palavra é equivalente a *decreto divino,* porque deve ser compreendida como que proferida pela vontade divina, concernente a uma circunstância específica.

2.2

Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor. Consideremos aqui os dois pontos seguintes:

1. Os dias após o cativeiro babilônico, que os profetas do Antigo Testamento compreendiam como dias que assinalavam o fim da história humana, ou uma espécie de ponto culminante nessa história.
2. Ou, segundo os termos do Novo Testamento, os dias após a segunda vinda de Cristo, o milênio e depois. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milênio.* Isaías não repetiu a expressão *nos últimos dias,* embora tenha-se referido às promessas messiânicas. Alguns duvidam de que o uso que ele fez aqui da

expressão seja equivalente a Dan. 10.14, onde aparece como um termo técnico que se refere à era messiânica.

"A *nova era,* que envolve a elevação de Sião, o reconhecimento das nações e a era da paz. Esse *oráculo* (vss. 2-4) também se acha em Miq. 4.1-4" *{Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 2).

O monte da casa do Senhor. Jerusalém se situava em uma colina, e essa colina aparece aqui como um monte tão elevado que é exaltado sobre todos os montes da terra. Monte é um símbolo comum para indicar um *reino* (ver Dan. 2.35; Apo. 13.1; 17.9-11). A casa do Senhor (o templo) está no alto da montanha, tendo-se tornado o centro da adoração e da espiritualidade. Todas as nações reconhecerão a supremacia de Jerusalém e sua expressão espiritual, e verterão nela suas águas, como se ela fosse um rio. Cf. Jer. 51.44.

Alguns antevêem aqui Jerusalém como a capital do mundo, e não apenas quanto às questões espirituais, mas também quanto a todas as outras questões, quando Israel assumirá a posição de nação cabeça do mundo. Seja como for, na Nova Era, haverá uma nova espécie de fé religiosa, talvez uma mistura do antigo judaísmo com o cristianismo, e surgirá em cena um novo movimento religioso que se tornará a melhor expressão da espiritualidade em toda a história humana, *até aquele ponto.* Talvez haja uma *terceira revelação,* um novo conjunto de Escrituras, que acompanharão a Nova Era. Quem sabe quantos outros grandes saltos em avanço haverá ainda no campo espiritual? Sem dúvida haverá muitos, sim, talvez até uma sucessão interminável, pois dentro do programa de Deus é ridículo falar sobre pontos finais ou estagnações, como se o homem pudesse chegar ao fim de seu desenvolvimento espiritual. Estou usando aqui a expressão Nova Era no sentido evangélico, e não da maneira como essa expressão está sendo atualmente empregada em alguns círculos religiosos.

A Proeminência do Monte do Templo de Jerusalém. Este é um tema muito repetido em Isaías (ver 11.9**25.6,7; 27.13; 30.29; 56.7; 57.13; 65.11,25; 66.20). O antigo pacto será protegido dentro do plano divino. Suas condições não falharão, e o mundo inteiro, e não somente Israel, será beneficiado. Naturalmente, quando falo de pactos antigos, estou referindo-me à essência espiritual, e não a detalhes específicos. Haverá uma espécie de pacto universal que permitirá que opere o escopo mais lato do plano redentor. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia o* verbete intitulado *Mistério da Vontade de Deus.* Ver também o artigo chamado *Restauração.* Exatamente o quanto Isaías viu de tudo isso permanece aberto a indagações. Mas ele recebeu um vislumbre muito maior do que aquele que estava confinado dentro da teologia normal dos hebreus.

2.3

Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor. Este versículo é essencialmente uma modificação do vs. 2, exceto pelo fato de que agora a *lei mosaica* é acrescentada como base da instrução religiosa que emanará de Jerusalém para o mundo inteiro. Isso nos remete à antiga ortodoxia judaica, e assim pergunto se não terei exagerado na descrição sobre a religião ideal do futuro, que imperará em Jerusalém. Fica óbvio, pelo menos, que os profetas do Antigo Testamento, incluindo Isaías, não viram o "quadro completo" do que aconteceria no futuro, a era da igreja, ou qualquer coisa semelhante a isso. Os pensamentos daqueles profetas estavam ligados exclusivamente a Israel. Eles nem viam alguma grande expansão de tempo futuro adentro. Todos os profetas que falaram do engrandecimento de Israel viam isso como se se seguisse imediatamente ao cativeiro babilônico, ou, pelo menos, não muito distante. Se Isaías viu o cativeiro babilônico, não tinha conhecimento algum sobre a *dispersão romana,* o maior de todos os cativeiros relacionados aos judeus. Temos de concluir, portanto, que a visão profética era de fato parcial e muitas implicações não eram percebidas.

À **casa do Deus de Jacó.** Cf. a "a casa de Jacó", no vs. 5, onde há notas expositivas.

Os capítulos finais do livro de Isaías nos fornecem uma visão clara (embora parcial) do Messias, um quadro que ultrapassava o da ortodoxia judaica, conforme o capítulo 9 nos mostra com certeza. Assim sendo, a visão profética dos profetas do Antigo Testamento variava quanto à sua qualidade de escopo, ao passar de um assunto para outro. Aprendemos aqui alguma coisa sobre as *limitações* dos instrumentos humanos para comunicar as mensagens divinas.

Pelas suas veredas. Quanto à metáfora da *vereda,* ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho,* além de outras notas em Pro. 4.14. Quanto às veredas boas e às veredas más que os homens seguem, ver Pro. 4.13. A ortodoxia judaica fazia da lei a *diretriz* (ver Deu. 6.4 ss.), e Isaías falou sobre esse caminho aqui. É um truque cristão fazer da lei aqui a revelação de Deus, como se, no futuro, as revelações pós-judaicas ainda pudessem ser chamadas de "a lei".

2.4

Ele julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações. O poder e a inteligência divina farão coisas que os homens não conseguiram fazer:

1. Justiça entre as nações, trazendo soluções para os problemas nacionais e internacionais.
2. Repreensão contra o mal, produzindo correção eficaz.
3. Fim das guerras. Recursos antes investidos nos instrumentos de guerra serão usados em empreendimentos úteis, como a agricultura. Cf. Joel 3.10; Osé. 2.18 eZac. 9.10.
4. Embora haja intercomunicações internacionais, por meio do comércio, das artes e de outros projetos, não haverá guerras. As guerras não serão eliminadas pelo isolacionismo, mas através de uma sabedoria superior, divinamente dada na Nova Era. Miq. 4.4 adiciona a essa lista o seguinte:

> *Assentar-se-á cada um debaixo de sua videira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do Senhor dos Exércitos o disse.*

Será garantido o direito de possessão em meio à abundância.

"Durante esse período de paz universal, as nações subirão a Jerusalém a fim de aprender de Deus (vs. 2). A paz não será uma realização humana, mas será imposta por causa da presença de Deus e de Suas operações em Jerusalém. Naquele tempo, Israel será cheia do Espírito de Deus (ver Eze. 36.24-30) e seus pecados serão perdoados" (John A. Martin, *in* toe).

2.5

Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do Senhor. Israel, a casa de Jacó, tomará a liderança no andar justo, sob a luz do Senhor, e esse tipo de conduta será a base das novas atitudes e realizações em que todos os homens, de todos os lugares, imitarão o bom exemplo de Israel. Em outras palavras, uma espiritualidade superior será atingida por meio dos ensinamentos e dos bons exemplos, duas coisas que sempre se farão necessárias no avanço espiritual. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Andar* e *Caminho,* quanto a essa metáfora. Quanto ao ato de andar, cf. I Tes. 4.13-18; 5.1-8; II Ped. 3.10-14 e I João 3.2,3.

Casa de Jacó. Esta expressão é usada por oito vezes no livro de Isaías (ver 2.5,6; 8.17; 10.20; 14.1; 29.22; 46.3; 48.1). Todos os outros profetas, juntamente, têm essa expressão apenas por nove vezes. A futura realização no andar espiritual tinha sido exibida diante de Isaías, e agora mesmo, no presente, antes que o desastre desabasse, haveria um esforço por seguir esse andar. Judá, luz para todas as nações, seria, finalmente, luz para si mesma. Cf. Rom. 11.11-15. Cf. João 8.12; 12.35,36; I João 1.7; Apo. 21.23,24.

O Dia do Senhor (2.6-22)

2.6

Pois tu, ó Senhor, desamparaste o teu povo. *Condições Presentes e Conseqüências Futuras.* A presente condição será revertida, em contraste com a esperança futura. Yahweh tinha rejeitado aquela geração que se encaminhava à condenação. O *paganismo* (em forte contraste com a obediência futura) controlava a nação de Israel, incluindo a prática da adivinhação, tomada por empréstimo de países do Oriente Próximo e Médio e dos filisteus que viviam dentro da Palestina. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Adivinhação.* Devemos entender que a fé em Yahweh havia sido esquecida e substituída por um falso misticismo. Existem misticismo falso e verdadeiro, em que o contato com o *outro mundo* é a base de toda a aspiração espiritual. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Misticismo.*

Falsas alianças com povos pagãos eram outra característica da nação de Judá dos dias de Isaías e outros profetas. O apertar de mãos, em alguma espécie de gesto de união, marcava as *barganhas* em que os judeus entravam. O mesmo gesto pode significar desafio (ver Jó 34.37) ou adoração (Sal. 47.1). Neste trecho bíblico está em foco a associação ilegítima com povos estrangeiros, que arruinou o caráter distintivo de Judá. Contratos comerciais faziam parte dos acordos firmados.

No futuro (vs. 3), Judá receberia sua própria luz da parte do Senhor. Aqui isso é retratado como uma tentativa de obter luz da parte dos pagãos. No futuro, as nações irão a Jerusalém para se encontrar com Yahweh, mas aqui elas são consultadas para ajudar a resolver os problemas de Judá.

Agoureiros. Literalmente, temos aqui no original hebraico "adivinhos pelas nuvens", porquanto uma das muitas reivindicações dos mágicos era o suposto poder de levantar tempestades e controlar as condições atmosféricas. Judá tinha perdido sua posição *distinta* entre as nações, a qual obtivera mediante a obediência à lei mosaica (ver Deu. 4.4-8). A lei era o *guia* (ver Deu. 6.4 ss.).

2.7

A sua terra está cheia de prata e de ouro. Judá tinha conseguido amealhar consideráveis riquezas materiais. Eles possuíam tesouros de prata e ouro; cavalos para formar um forte exército, ao que deveríamos adicionar carros de combate.

O livro de Jonas e o João 3.16 do Antigo Testamento.
O amor de Deus se estende até os animais.

Jon. 4.11

O amor de Deus é real universalmente, não meramente potencial.
O amor de Deus será, absolutamente, efetivo, afinal.
O amor de Deus é todo-poderoso e não admite obstáculos.
Amor divino, amor todo excelente,
Alegria do céu, desce à terra.

Charles Wesley

Limites de pedra não podem conter o amor.
E o que o amor pode fazer, isso o amor
ousa fazer.

Shakespeare

O amor de Deus desce ao mais baixo inferno
Se pudéssemos encher de tinta os mares,
E cobrir os céus de pergaminho;
Se todos os pedúnculos fossem penas,
E todos os homens escribas profissionais -
Escrever o amor de Deus acima,
Ressecaria os oceanos;
E não haveria rolo para conter tudo,
Estendido que fosse de céu a céu.

O amor de Deus, quão rico e puro,
Quão sem medida e forte!
Perdurará para sempre...

F.M. Lehman

Foi grande revelar Deus a seres angelicais;
Foi maior estimar'5 homem humilde.
Foi grande habitar no exaltado favor divino;
Foi maior ser Salvador do homem quebrantado.

Russell Norman Champlin

Cristo, Salvador de Todos os Mundos

Cristo, Salvador de todos os mundos, em todos os mundos, até a beira da condenação;
Amando, pesquisando, buscando, salvando para além do sepulcro ou túmulo.
Decretos divinos, dogmas humanos, séculos presentes ou futuros, nada pode limitar o seu poder imultável, esperança fixa e sublime.
O Cristo, imutável, Redentor eterno, na transição dos séculos sempre o mesmo, constante é o poder recuperador do teu Nome.
Ponto de tempo chamado terra, e tu, Jesus, não são tudo, não podem ser tudo;
Esferas além, mundos vindouros - o Logos Divinos deve dominar.
Ponto de tempo findo pela morte, significa para alguns o fim da própria vida, para outros, o fim da esperança - ambas visões míopes, sem dúvida.
Pois Tu és o Cristo eterno, no tempo e fora dele sustentas seguramente.
Amando, pesquisando, buscando, salvando para além do sepulcro ou túmulo.
Tú és o Cristo, Salvador de todos os mundos em todos os mundos, à beira da condenação; na condenação?
- Na Condenação!

Russell Champlin

Originalmente, o exército de Israel consistia em uma infantaria e, apesar dessa limitação, grandes vitórias foram conseguidas, para o que devemos dar a Yahweh o mais pleno crédito. Mas agora Judá estava forte em si mesmo, tendo imitado as nações pagãs ao melhorar a força de seu exército com cavalos e carros de combate. Isso não teria sido suficiente para deter os babilônios. E o poder de Yahweh se retiraria, por causa da maldade generalizada da nação de Judá.

As expressões aqui usadas para indicar riquezas materiais são expressões tradicionais (cf. Deu. 17.16,17; I Reis 10.14-19). Provavelmente, as condições aqui descritas são aquelas no fim do reinado de Uzias e em seguida (cf. II Crô. 26.6-15). Judá tinha riquezas comerciais (parte dos acordos comerciais mencionados no vs. 6). Além disso, os amonitas estavam sob a obrigação de pagar-lhes tributo (II Crô. 26.8). Enquanto Senaqueribe não passou a controlar a região em torno de Judá, as riquezas materiais vinham aumentando, conforme aprendemos com base na casa de tesouros de Ezequias (ver Isa. 39.2).

Os reis de Israel não deveriam multiplicar cavalos (ver Deu. 17.16,17), mas Salomão pôs fim a essa proibição divina. Uzias seguiu o seu exemplo (ver I Reis 10.26-29), e as riquezas advindas do comércio só gradualmente foram diminuindo. Ver II Crô. 1.15.

2.8

Também está cheia a sua terra de ídolos. Além de estar cheia de dinheiro, Judá também estava cheia de *ídolos,* sendo provável que esses deuses pagãos, que nada representavam, na realidade obtinham o crédito pelas riquezas generalizadas no país. Se o Criador é quem os tinha criado, eles fizeram aqueles deuses com as suas próprias mãos, o que serve de sinal de quanto tinham escorregado desde o alto da fé de seus pais. O fabrico de ídolos era o máximo da ignorância. Note o leitor o jogo de palavras: eles fizeram ídolos vãos (no hebraico, *elilim*), em contraste com *elim,* ou *Elohim,* o verdadeiro poder divino. Eles puseram os deuses que nada significam no lugar do Deus Todo-poderoso. Em vez de freqüentar o templo de Jerusalém, os judeus andavam ocupados, cuidando de seus lugares altos idólatras (ver II Crô. 33.17). Ver sobre *Lugares Altos* no *Dicionário,* e ver o artigo geral chamado *Idolatria.* Examinar também as práticas idólatras de Jotão (II Crô. 27.2) e Acaz (II Crô. 28.2,3). Tendo começado como uma prática popular "exterior", a idolatria finalmente tornou-se a norma nacional oficial.

2.9

Com isso a gente se abate... não lhes perdoarás. Os judeus humilharam a si mesmos com suas práticas idólatras e tornaram-se menores que os homens que foram feitos à imagem de Deus. Estando eles nessa condição, o julgamento de Deus os faria rebaixar-se ainda mais. Judá aparecia diante da humanidade como um escândalo internacional. O Deus deles os abandonara, e a Babilônia fez com eles o que bem entendeu, sem nenhuma intervenção ou livramento divino.

Não lhes perdoarás. Chegando o tempo da retribuição divina contra a idolatria, por causa de seus múltiplos pecados, os judeus soltaram gritos pedindo perdão a Deus, mas esses gritos saíram muito tarde. Nenhum perdão de último minuto salvaria o dia. Isso pode ser emendado para "os deuses serão desarraigados" (ver o vs. 18 e Miq. 5.13 quanto a essa idéia, que pode ser aqui o texto verdadeiro). Os vss. 9b-10 são omitidos pelos rolos em hebraico dos Papiros do Mar Morto. E também existem outros problemas textuais nesta passagem, com variações significativas na Septuaginta. Trata-se da pior passagem textualmente preservada do livro de Isaías. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto, Manuscrito (Rolos) do.*

2.10

Vai, entra nas rochas e esconde-te no pó. O terror lançado por Yahweh feriria os judeus com plena força, e os israelitas tentariam ocultar-se nas colinas rochosas em redor de Jerusalém, ou em buracos feitos no chão. A proteção do escudo de Yahweh seria removida. Os babilônios fariam a obra de devastação, mas por trás deles estaria a glória da majestade de Yahweh, a causa real do desastre. As colinas em redor de Jerusalém estavam cheias de cavernas em rochas de pedra calcária, as quais foram procuradas pelos desertores judaicos em fuga. Cf. Juí. 6.2; 15.8; I Sam. 13.6; 14.11; 24.3; I Reis 18.4. Haveria pânico no exército de Judá, e todas as coisas contribuiriam juntamente para pôr fim ao poder do exército dos filhos de Israel. O que sobrasse seria levado para o exílio. É verdade que, depois de alguns anos, raiaria um novo dia, mas não enquanto a escória não fosse expurgada. A situação se tornara irremediável.

O *terror* seria a manifestação da presença divina. Em lugar de verem a glória *shekinah* no templo (que era direito dos israelitas), eles veriam a face feroz de Yahweh no campo de batalha, lutando contra eles. Em vez de contemplarem a Sua majestade nos cultos, eles veriam a majestade divina a destruí-los. O hebraico literal fala sobre a "face de terror do Senhor". Isso serviria de notável exemplo da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

2.11

Os olhos altivos dos homens serão abatidos. Compreendemos, com base neste versículo, que Judá se enchera de orgulho por causa de suas riquezas e de seu forte exército (vs. 7). Eles tinham "ultrapassado" a necessidade de depender de Deus e assim, no dia da provação, Deus não estaria disponível para evitar a catástrofe generalizada que lhes sobreviria. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Orgulho;* e ver orgulho e humildade contrastados em Pro. 11.2; 14.3; 15.25; 16.5,18; 21.4; 30.12,32. Ver *olhos altivos* em Pro. 6.17. No tempo do julgamento, as potências humanas serão humilhadas, e somente o Senhor será exaltado, tornando-se o Movedor Primário das questões humanas. Note o leitor o título *Senhor dos Exércitos* (vs. 12), porquanto este versículo descreve uma situação militar. Mas o Senhor dos Exércitos estaria dirigindo as forças babilônicas! Ver sobre esse título no *Dicionário* e em I Reis 18.15. Quanto àquele *dia,* ver o vs. 12, *o Senhor tem um dia.*

2.12,13

Porque o dia do Senhor dos Exércitos será contra todo soberbo e altivo. *Toda a soberba humana será rebaixada* (vs. 17), e desde agora já temos diversas ilustrações a respeito. Os orgulhosos e altivos se elevarão por si mesmos, mas o Poder divino os rebaixará.

> *Eis que toda a nossa pompa de ontem*
> *Será a mesma que a de Nínive e Tiro!*
>
> (Rudyard Kipling)

Judá, antes como os *cedros* do Líbano, tão altos e nobres, seria cortada. Eles, que eram como os *carvalhos* de Basã, madeira nobre e dura, tão valorizada pelos homens, seriam decepados. As árvores são altas como os homens, que se põem de pé sobre seus dois pés, em contraste com os animais, que ficam de pé sobre suas quatro patas, e, portanto, mais próximos da superfície da terra.

O Senhor Tem um Dia. Judá teve seu dia de orgulho, o que não passava de falácia. O Senhor já tinha marcado um dia de julgamento, e as árvores nobres e auto-exaltadas seriam niveladas até o chão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dia do Senhor,* quanto a amplas explicações sobre essa frase. O Senhor dos Exércitos lideraria exércitos estrangeiros para efetuar a justiça e expurgar a escória da corrupção. Uma prata pura seria assim produzida (ver Isa. 1.25), de tal modo que a nação de Israel, através da tribo de Judá, poderia viver novamente após o cativeiro e dar a Israel um novo começo. Este texto olha para além da Babilônia, talvez até a era do reino, quando o poder divino tomará conta do mundo inteiro.

2.14

Contra todos os montes altos. Cedros, carvalhos, montes. "Características do mundo natural que, desde tempos imemoriais, têm deixado os homens admirados com suas dimensões e altura" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). Mas essas coisas serão rebaixadas, pois todas as coisas humanas, como também as coisas naturais, terão de ceder diante do único Ser realmente exaltado, o Deus Todo-poderoso. Os montes, como é natural, são um símbolo tradicional dos governos humanos. Essas expressões dão a entender a era do reino, quando todos os poderes terrenos serão humilhados, e o governo de Deus os substituirá em uma teocracia verdadeira e universal. As "coisas elevadas" serão aviltadas, a fim de que as *realidades mais altas* tomem conta de tudo.

2.15

Contra toda torre alta. Outras *coisas altas,* feitas pelas mãos dos homens, são as torres e as muralhas fortificadas. Essas coisas supostamente proveriam proteção; mas, quando chegar o dia da ira, elas serão inúteis. Os babilônios por certo não se deixariam impressionar por elas. Por conseguinte, coisa alguma alta na natureza, nem qualquer coisa alta feita por mãos humanas, seria capaz de impedir o avanço dos babilônios, nem a grandiosidade correspondente do poder e governo de Deus. As fortificações militares eram uma das glórias do reinado de Uzias, e essas coisas tiveram continuação nos governos reais de Judá subseqüentes. Ver II Crô. 26.9,10; 27.3,4; Osé. 8.14; Miq. 5.11; e cf. Isa. 22.8-11 e Sal. 48.13. Ver sobre a torre de Babel, uma das mais orgulhosas obras humanas, em Gên. 11.1-9.

2.16

Contra todos os navios de Társis. Os mastros dos navios mercantes de Társis eram altos, e esses navios representavam uma das origens das riquezas de Judá, do que os judeus tanto se orgulhavam (vs. 7). Os fenícios eram, então, os dominadores dos mares. Seus navios podiam percorrer 3.200 km até o centro

de refino de metais em Tartesso, na Espanha. Havia viagens regulares até esse lugar, o que explica a expressão usada neste texto. Mas também sabemos que os fenícios chegaram ao Novo Mundo, conforme demonstram inscrições descobertas. Embora Israel fosse um povo que vivia à beira-mar, não era um povo marítimo. Contudo, Salomão e Josafá tentaram sua sorte no comércio marítimo. Salomão enriqueceu, além de outras maneiras, através do comércio marítimo; mas os esforços de Josafá nessa direção foram essencialmente frustrados. Uzias e Jotão também desenvolveram o comércio marítimo. Ver I Reis 22.48.

A expressão "navios de Társis" tornou-se proverbial para todo comércio que usava o meio marítimo. O texto que ora consideramos está ensinando que todas as riquezas de Judá seriam diminuídas, sem importar a origem. Ver no *Dicionário* o artigo *Társis,* quinto ponto, para maiores detalhes.

Contra tudo o que é belo à vista. Literalmente, "toda imagem de deleite", expressão que faz tradutores e intérpretes debater-se quanto ao sentido. Poderiam estar em foco navios, imponentes e belos; mas alguns estudiosos pensam em *obras de arte* que faziam parte do comércio marítimo. Essas obras de arte tornaram-se uma mania entre as classes abastadas de Judá. Os ricaços tinham suas coleções de obras de arte, e disso se orgulhavam. Veja o leitor como Salomão exagerou quanto a essa questão, em I Reis 10.22. Veja também o leitor os leitos de marfim, em Amos 6.4, bem como as obras de arte em Can. 5.14,15. Mas alguns eruditos vêem aqui menção a ídolos muito enfeitados, ídolos que eram obras de arte, imagens, pinturas, gravações, amuletos etc.

2.17

A arrogância do homem será abatida. Este versículo oferece um sumário das idéias dos vss. 11-16. A exaúação, sem importar de qual natureza, seria aviltada, como parte necessária do julgamento geral divino prometido pelos profetas. Os homens seriam rebaixados e rolariam pelo chão; o que era alto seria abatido, e somente Yahweh permaneceria elevado, *naquele dia (ver* o vs. 12), o dia do Senhor, no Seu momento de ira, em Seu dia de julgamento. Cf. o vs. 11, que é virtualmente igual ao que se vê no vs. 17. "Isso pode referir-se ao tempo em que os babilônios capturaram a nação de Judá, em 586 A. O, embora o julgamento final venha a ocorrer no futuro segundo advento de Cristo" (John A. Martin, *in loc.).*

2.18

Os ídolos serão de todo destruídos. Entre as coisas que seriam destruídas, estavam os ídolos, nos quais o povo de Judá tinha chegado a confiar, em lugar de Yahweh. Ver o vs. 8, onde é mencionada a idolatria de Judá. Essa falta de coragem e de espiritualidade seria, no final das contas, mortalmente destruidora. Na verdade, a idolatria consiste em *perder a fé* nas realidades espirituais e colocar a fé sobre aquilo que é falso. E assim também acontece com todas as nossas formas mais sutis de idolatria. Deus é substituído por deuses que nada são, o maior erro de todos, do qual se originam todos os tipos de erro. Os ídolos são "nada" neste mundo, conforme lemos em I Cor. 8.4, e passarão para um nada bem merecido na mente e nas práticas dos homens do dia da crise. Cf. Zac. 13.2.

2.19

Então os homens se meterão nas cavernas das rochas. Este versículo expande a idéia do vs. 10, mas adiciona a noção das "cavernas", a qual, porém, é ali entendida pela menção às "rochas". Em seguida, o profeta adiciona: "quando ele (Deus) se levantar para assombrar a terra". Então haverá figuradamente terrível abalo na terra e possivelmente terremotos literais. Os abalos sísmicos são uma "figura para um julgamento severo e universal" (Fausset, *in loc).* Ver Apo. 6.15,16. Quanto ao *terror do Senhor, ver* o vs. 21.

2.20

Naquele dia os homens lançarão às toupeiras e aos morcegos. Tendo testemunhado o fracasso da idolatria em proteger no dia do juízo divino (ver o vs. 12), os homens jogarão fora todas as suas obras idolatras, imagens, gravações, obras fantasiosas de ouro e prata, que eles adoraram em meio a tanto ridículo. As toupeiras e os morcegos tornar-se-ão os proprietários desses objetos. De maneira correspondente, os homens se voltarão a Yahweh como alto e único Deus, e renovarão suas formas de adoração e seus votos. Veja o leitor a ironia embutida em tal declaração: coisas antes tão valiosas e transformadas em objetos de adoração serão lançadas fora como coisas detestáveis. Isso aponta para uma revolução espiritual provocada pelo julgamento divino, e esse é precisamente o motivo pelo qual o juízo será aplicado. Há nele um aspecto restaurador, e não apenas retribuidor.

2.21

E meter-se-ão **pelas tendas das rochas e pelas cavernas das penhas.** Este versículo é uma repetição dos vss. 10 e 19, mas também adiciona palavras vívidas: "quando ele se levantar para espantar a terra". Portanto, encontramos aqui o "terror do Senhor" (vs. 19), e não um temor piedoso e reverência (o "temor do Senhor", conforme a expressão é usualmente empregada; ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temoi),* e, sim, um *terror literal,* causado pelos julgamentos divinos, que deixarão os homens apavorados e os farão ocultar-se nas cavernas das colinas. A Palestina tinha um quase ilimitado número de cavernas nas colinas de pedra calcária que, desde os tempos mais remotos, serviram de esconderijos, nos momentos de perseguição e destruição.

2.22

Afastai-vos, pois, do homem cujo fôlego está no seu nariz. Não se pode confiar no homem em tempos de crise e destruição. Ele é apenas uma criatura que respira com o nariz. Mas, quando perde a sua respiração, ele se transforma em nada. Cf. Sal. 104.29; 118.8,9. Ver também Gên. 2.7.0 homem é removido da terra com facilidade (ver Isa. 2.9,11,12,17). A tendência da nação de Judá seria voltar-se para aliados humanos que a ajudassem a livrar-se da invasão babilônica, mas essa seria outra medida inútil. A medida certa era apelar a Yahweh, o regulador e inspirador dos eventos históricos. Deus é o único que pode reverter a maré do julgamento. E Ele fará isso para aqueles que realmente se arrependerem. "Confiai nem no homem e nem nos deuses inventados pelos homem. Nem ele nem eles podem salvar" (Adam Clarke, *in loc).* Diz o Targum: "Pois o homem está vivo hoje, e amanhã não o estará; ele deve ser considerado como nada". (Ver Sal. 8.1.)

Capítulo Três

Julgamento de Judá por Causa de Sua Iniqüidade (3.1-15)

Condenação dos Líderes (3.1-7)

As principais seções deste capítulo são: 1. Anarquia social, que segue na esteira da remoção dos governantes (vss. 1-6); 2. Colapso da sociedade (vss. 8-12); 3. Reprimenda aos governantes que exploraram a sociedade (vss. 13-15).

A deportação está entre os terrores prometidos. Na época, a ameaça assíria era grande; e os assírios realmente atacaram, embora não sob a forma de deportação. Ver os comentários sobre Isa. 1.7, que contêm uma declaração dos desastres por vir. Talvez a previsão seja lata o suficiente para incluir tanto a invasão assíria quanto a invasão babilônica. As classes superiores, em Judá, continuavam voando alto em seu poder e em seu potencial monetário (3.2,3,14,16,24). A ameaça dos assírios podia tornar-se real a qualquer momento (3.1,25; 5.5,6,13). E isso poderia apontar para os dias de Acaz (3.4,12; cf. II Reis 16.2). Talvez o tempo tenha sido os dias anteriores à aliança feita entre a nação do norte (Efraim) com Damasco, a saber, 734 A. O Tiglate-Pileser tinha forçado Menaem, rei de Israel, a pagar tributos à Assíria, em 738 A. C. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Rei, Realeza,* que oferece um gráfico dos reis de Israel e Judá, de onde podemos derivar dados úteis para compreender o pano de fundo histórico do livro de Isaias. Ver a seção II da *Introdução* quanto a detalhes sobre o pano de fundo histórico.

Isa. 2.9-21 afirma a necessidade da eclosão do julgamento divino. Agora obtemos maiores pormenores sobre a questão.

3.1

Porque eis que o Senhor, o Senhor dos Exércitos, tira. *Yahweh,* o Deus Eterno, que também é o *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 15.18, bem como o artigo do *Dicionário* chamado *Senhor dos Exércitos)* estava prestes a punir Judá e Jerusalém mediante a negação dos *suprimentos de boca* necessários, como o pão e a água. A fome já vinha a caminho, embora naquele momento a prosperidade dominasse. "Que mudança diante dos luxos atuais; Isa. 2.7" (Fausset, *in loc).*

Todo sustento de pão e todo sustento de água. Cf. Lev. 26.26, que tem uma expressão semelhante quanto ao pão. (Ver também Sal. 105.16; Eze. 4.16 e 5.15.) Alguns intérpretes, considerando metaforicamente, pensam estar em pauta os governantes, os *esteios* da sociedade. Mas o vs. 7 deste capítulo mostra que está em vista, definidamente, a fome. Esta passagem fala sobre a falha completa dos recursos materiais, alimentos e homens que emprestam estabilidade à sociedade humana. No original hebraico temos a frase "bordão e cajado", em lugar de pão e água, mas a primeira é do gênero masculino, e a segunda é feminina, o que significa "toda espécie de sustento".

3.2,3

O valente, o guerreiro e o juiz, o profeta, o adivinho e o ancião. *A Anarquia Estava Chegando.* Os principais líderes de toda a espécie, homens do governo, do exército, da religião, civis, juristas, e até adivinhos e anciãos seriam removi-

dos. O vs. 3 adiciona *oficiais* do exército (cabeças de 50 homens), homens honrados, aqueles que davam conselho em quaisquer áreas em que fossem especialistas; mágicos e encantadores. A lista inclui classes que a Jerusalém "ortodoxa" não teria aprovado, embora essa fosse a condição reinante. Na época de Isaías, a sociedade estava estruturada em torno de maior variedade de autoridades do que nos tempos anteriores. O povo de Judá dependia dos serviços dos adivinhos, dos mágicos (que operavam com o ocultismo etc.). É provável que até os próprios profetas se tivessem tornado adivinhos profissionais, conferindo oráculos e apresentando profecias sobre os destinos dos indivíduos.

A anarquia vindoura seria tão generalizada que até os falsos profetas e as falsas autoridades de todas as espécies pereceriam juntamente com qualquer bom elemento. Esta lista de figuras da sociedade judaica não significa que o profeta Isaías endossasse algumas das classes mencionadas. Ele meramente reconheceu que o que estava acontecendo atingia as pessoas das quais o país dependia. Ver Deu. 18.10-14 quanto à condenação incluída pela legislação mosaica. Isaías escreveu sobre como os babilônicos confiavam nos mesmos tipos de poderes (Isa. 47.12). *Oradores eloqüentes,* que defendiam diferentes causas e representavam diferentes campos, tinham adquirido importância, em atitudes que imitavam o estilo de vida dos gregos. A paganização tomara conta da sociedade judaica. A pureza dos tempos antigos havia desaparecido. A Revised Standard Version fez dessas pessoas "especialistas em encantamentos", limitando assim a referência destes dois versículos. Nossa versão portuguesa segue essa imitação. Cf. este versículo com II Reis 24.14, que mostra que somente os elementos mais pobres e ignorantes da sociedade judaica tiveram permissão de permanecer na Terra Prometida. Judá tornou-se a terra de alguns poucos pobres agricultores que não representavam nenhuma ameaça e podiam ser deixados em paz para trás. Os dias da rebeldia de Judá tinham terminado.

3.4

Dar-lhes-ei meninos por príncipes. Meros garotos seriam elevados a posições de autoridade, e meros bebês seriam transformados em governantes, por causa da ausência completa de pessoas qualificadas. *Meninos* e *crianças* são palavras usadas metaforicamente para falar das classes mais humildes, menos educadas e habilitadas, o remanescente deixado para trás. Cf. Eclesiastes 10.16. Consideremos a história de Reoboão. Ele era como um menino ganancioso, e o reino se dividiu devido à sua sede por dinheiro. Acaz começou a governar quando tinha 20 anos de idade (II Crô. 28.1); Manassés, quando tinha 12 anos (II Crô. 33.1), e Josias, quando tinha 8 anos (II Crô. 34.1), mas reis jovens, quanto à idade real, provavelmente não estão em vista neste versículo. Antes, estão em foco homens fracos e corrompidos, sem sabedoria.

Os vss. 3 e 4 falam de tempos caóticos quando o cativeiro já se aproximava, caos esse que aumentaria no tempo do exílio. "Os inexperientes e ingênuos governariam" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). O Targum diz: "Os fracos governarão sobre eles".

3.5

Entre o povo oprimem uns aos outros. As *condições caóticas* que dominariam a sociedade judaica resultariam de governantes fracos e corruptos. A opressão se generalizaria; cada indivíduo exploraria seu próximo, conforme as oportunidades surgissem. Na realidade, não haveria mais *próximos.* Meu próximo seria apenas aquele homem que vivesse perto de mim, a quem eu pudesse explorar, caso ele não me explorasse primeiro. A juventude estaria inteiramente fora de seu devido lugar, insultando as pessoas de mais idade e rejeitando sua autoridade, exibindo más ações por toda a parte. Os *tipos criminosos envilecidos* se multiplicariam e espalhariam sua variedade particular de opressão. O caos dos governantes se refletiria no caos dos governados. "O quadro não é o do estabelecimento de novos tiranos, mas enfoca a violência que resulta quando não há nem governante nem restrição". Voltariam assim a dominar os tempos dos juízes de Israel:

> *Naqueles dias não havia rei em Israel: cada um fazia o que achava mais reto.*
>
> (Juízes 21.25)

"Essas palavras retratam a pior forma de decadência de um reino oriental. Tudo era caos e anarquia, acompanhados por uma luta feroz pela mera sobrevivência" (Ellicott, *in loc.*). O desassossego civil logo transformou-se em violência aberta, crimes de sangue e impiedade sob as rédeas do governo. Essas foram as condições que antecederam o cativeiro babilônico. O julgamento divino deixaria limpa a lousa para que houvesse um novo começo, e após o exílio surgiria em cena um Novo Israel, com um princípio novo.

3.6

Quando alguém se chegar a seu irmão, e lhe disser. Um homem, somente por ter alguma roupa, alguma humilde peça de vestuário, seria julgado digno de *governar toda uma casa, como o melhor candidato entre os não-candidatos para* a tarefa. O governante de uma casa, de um clã, de uma tribo, ou mesmo da nação inteira, seria instalado em postos de autoridade por qualquer razão arbitrária, ou mesmo sem razão nenhuma. E então, quando atingisse aquela posição, governaria sobre um montão de ruínas. Não haveria solução para os problemas, e as condições sociais em breve se tornariam intoleráveis. Este versículo descreve as condições horrendas que prevaleceriam em Judá e Jerusalém, imediatamente antes e depois do cativeiro. Somente quando o remanescente purificado retornasse da Babilônia haveria um novo dia, após aquela noite horrenda.

Um *irmão mais velho,* devastado e reduzido à mais abjeta pobreza, tomaria um irmão mais jovem e inexperiente e o exaltaria a uma posição de mando, meramente porque tinha roupas melhores, que pareceriam dizer que ele se saíra melhor na vida, e (segundo a esperança dos que o guindassem à posição de autoridade) ele continuaria a ter melhor sucesso na luta da vida, visando o bem de toda a família. As roupas faziam parte das riquezas materiais nos países do Oriente, mas uma mera troca de roupa não constituía grandes riquezas. Ver II Reis 4.5. Cf. Zac. 8.23. O "irmão" aqui referido pode ser um hebreu, e não um irmão de sangue. Nesse caso, mais de uma simples casa poderia estar em pauta. Seja como for, as condições que causavam tão arbitrária seleção de governantes eram universais.

3.7

Naquele dia levantará este a sua voz, dizendo. O homem que não soubesse como *pensar um ferimento* (o "médico" aqui referido) não queria que alguém o chamasse para curar a comunidade. O indivíduo desqualificado não queria ser o curador da comunidade; em sentido metafórico, não queria que outros fizessem dele um solucionador dos problemas da comunidade caótica. Assim, um possível curador tornar-se-ia *líder,* mas, se não tivesse qualificações para o cargo, não haveria de tornar-se um tolo, forçando-se a assumir uma posição para a qual não estava preparado. Pois esse suposto curador não era capaz de resolver os próprios problemas. Nem ao menos havia alimentos e vestuário adequados para ele mesmo e seus familiares. Como poderia ele, pois, pensar sobre os problemas maiores da comunidade? O vs. 7 está ligado ao versículo anterior, sendo a resposta do irmão mais jovem ao irmão mais velho, sobre o convite de assumir a liderança familiar; mas essa ilustração tem aplicação mais ampla, referindo-se a qualquer tipo de liderança.

3.8

Porque Jerusalém está arruinada, e Judá caída. Tão caóticas condições tinham-se abatido sobre a nação de Judá e sua capital por motivo de um decreto divino. Os judeus sofreriam por causa de suas más ações e por causa de suas más palavras. Eles tinham agido *contra* Yahweh e desafiado Sua gloriosa presença. Mostraram-se desobedientes ao pacto com o Senhor e agora teriam de pagar o preço por sua ignorância e rebeldia. Os vss. 8-12 atuam como um comentário sobre os vss. 1-7. "A escaldante pecaminosidade de Judá e sua rejeição da liderança divina tinham arruinado o povo" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 8). O manual de instruções sobre a conduta era a lei. A lei era também o *guia* do povo de Israel (ver Deu. 6.4 ss.). A gloriosa presença do Senhor fora desafiada, relembrando-nos de que a glória *shekinah* tinha aparecido aos judeus fiéis no templo, através da lei mosaica e do ritual recomendado. A Presença era o Deus vivo, em contraste com os não-deuses, os ídolos aos quais os judeus prestavam lealdade (ver Isa. 2.20).

3.9

O aspecto do seu rosto testifica contra eles. Literalmente, temos aqui no original hebraico "o reconhecimento de faces" deles, ou "parcialidade" (Revised Standard Version), aquele antigo pecado de corrupção da justiça, de mostrar-se parciais para com algum partido, praticando assim a injustiça. Devemos compreender aqui "ser parcial por vantagem pessoal", como que através de peitas, na esperança de receber favores, ou simplesmente o desejo de prejudicar alguém. Contudo, alguns estudiosos vêem aqui um olhar de maldade no rosto dos pecadores, e não especificamente o pecado de parcialidade em questões judiciais. Por isso, diz a NIV: "O olhar de seus rostos testifica contra eles".

Aqueles pecadores estavam cobertos de pecados, como os pecados dos sodomitas, com os quais chegavam a rivalizar. E, tal como aqueles antigos ímpios, que não se envergonhavam do que faziam, assim também esses pecadores pecavam abertamente e exibiam sua maldade diante de outras pessoas. A vergonha deles tornou-se glória (ver Fil. 3.19). Eles estavam voando alto agora, mas em breve seriam cortados e sofreriam tremendas perdas. Trouxeram deliberadamente o mal contra si mesmos. Inimigos estrangeiros os reduziriam a nada. Os *atrevidos e vis* não podem continuar para sempre nesse caminho sem receber aquilo que semearam (Gál. 6.7,8).

Ai da sua alma! A palavra "ai", no hebraico, *'oy,* é usada 22 vezes no livro de Isaías. Trata-se de uma palavra que reflete dor e ameaça de prejuízo. O direito haveria de prevalecer, a despeito das exibições de ostentação da imundícia. Uma justa retribuição esperava pelos culpados.

3.10

Dizei aos justos que bem lhes irá. Os *poucos* habitantes de Judá que tinham praticado o bem receberam a certeza, dada pelo profeta (por inspiração de Yahweh), de que tudo correria bem com eles. Sem dúvida eram perseguidos por homens malignos que os tentavam a "juntar-se à multidão". Cf. o Salmo 1, onde os caminhos dos bons e dos maus são contrastados, e a recompensa dos justos é comparada ao julgamento prometido aos injustos. Ver também o contraste entre os caminhos dos ímpios e os dos justos, em Pro. 4.27. O profeta utilizou-se aqui de uma metáfora baseada na agricultura. Tendo colhido seus frutos, os justos comeriam aqueles frutos bons. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Isso põe em destaque a responsabilidade humana. A reação de Deus é ao bem ou ao mal, com base em como os homens agem, seguindo sua livre vontade. De outro modo, não poderia haver justiça. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Livre-arbítrio.*

"Tudo lhes correria bem: na prosperidade; na adversidade; nas enfermidades; na saúde; na morte; no julgamento; na eternidade" (Adam Clarke, *in loa).*

3.11

Ai do perverso! Ver sobre a palavra "ai" no fim dos comentários sobre o vs. 9. Mais uma vez, é pronunciada aqui uma maldição sobre os ímpios. Por 22 vezes Isaías usou a palavra "ai". Os homens iníquos receberiam o que suas próprias mãos produziram, tal como os homens bons comerão do que tiverem cultivado (ver o vs. 10), sendo ambas expressões da lei da semeadura e da colheita. "O julgamento divino é sempre justo. Os ímpios com freqüência pensam que o comportamento pecaminoso é a maneira de avançar na vida. Isaías, entretanto, observou que, com *esse propósito,* é melhor a pessoa viver corretamente" (John A. Martin, *in loc).* Cf. Eclesiastes 8.12,13.

Ai dos ímpios!
O desastre caiu sobre eles!
Eles receberão de volta
O que fizeram as suas mãos.

(NIV)

3.12

Os opressores do meu povo são crianças. Este versículo amplia a idéia do vs. 4. Ali (metaforicamente) meninos e crianças governam o povo de Israel; mas aqui os *opressores* da sociedade e das mulheres tomam a liderança e exercem autoridade sobre os homens. Os *líderes,* inteiramente sem qualificação, fazem errar, em vez de guiar, e criam *confusão* no seio da sociedade. Temos aqui outras descrições sobre o caos generalizado. A palavra para "crianças" pode significar "respigadores", que é como a Septuaginta a traduz. Nesse caso, os opressores são apresentados como aqueles que respigam a sociedade, obtendo lucro desonesto através da opressão. "Mulheres", mediante uma pequena emenda, poderiam significar "credores" *{noshim* foi substituída por *nashim).* Nesse caso, está em vista a exploração econômica."... usurários os governarão" (Adam Clarke, *in loc).* Má conduta e mau governo eram as chaves para o quebra-cabeça.

A Rapacidade dos Governantes (3.13-15)

3.13

O Senhor se dispõe para pleitear. No meio da confusão e da corrupção, aparece Yahweh para endireitar a ordem das coisas. Ele viria para *contender* com os opressores e com os falsos governantes. Viria para julgar a nação inteira. Tudo estava desintegrado e sem possibilidade de redenção. Agora somente o julgamento poderia fazer algum bem, e mesmo esse bem beneficiaria apenas o remanescente judaico. Yahweh agora se fizera Juiz e levara o caso ao tribunal. As evidências eram avassaladoras. Seu caso seria comprovado contra os corruptores da nação, e os culpados seriam julgados e condenados.

3.14

O Senhor entra em juízo contra os anciãos do seu povo. *Yahweh Aparece como Acusador e Juiz.* Os réus eram os anciãos e os príncipes, os quais, acima de todos, tinham sido corruptores e exploradores da sociedade. A iniqüidade se generalizara e precisava ser tratada, mas ela começara pelos mais altos níveis e então se espalhara por toda a parte. Os líderes do povo tinham devorado a vinha de Judá, ou seja, sua fonte de riquezas e saúde. Ou então a *vinha* era o próprio povo de Judá, a "vinha de Deus", Sua plantação e lugar de cultivo. Quanto a esse sentido da palavra 'Vinha", ver Sal. 80.8-18; Jer. 2.21; 12.10; Eze. 15.6-8 e Osé. 10.1. Os líderes eram os subagricultores, os quais, em vez de cuidar da vinha, gulosamente ficavam com toda* produção de uvas. Em seguida, saqueavam os pobres, tirando o pouco que lhes restava. Eles se assenhoreavam de todos os bens dos pobres, guardando-os em suas próprias casas, que então se tornavam em tesouros adquiridos mediante, crimes de sangue. "Os profetas rasgaram o véu dos costumes e das aparências para desvendar a real situação (cf. Amos 2.6; 4.1 e ver os *sepulcros caiados de* Mat. 23.27)" (R. B. Y. Scott, *in loc).* Cf. Mat. 21.34-41, onde Jesus disse mais ou menos a mesma coisa que Isaías diz aqui. "Os fariseus devoravam as casas das viúvas e enchiam suas próprias casas com o despojo; ver Mat. 23.14" (John Gill, *in loc).*

3.15

Que há convosco que esmagais o meu povo e moeis a face dos pobres? Os líderes dos judeus, ímpios como eram, "esmagavam" as uvas e ficavam com todo o suco para eles mesmos. Então *moíam* o povo de Judá para transformá-los em farinha de trigo, para seu próprio benefício; mas esse julgamento foi decretado pelo *Senhor dos Exércitos,* que tinha a Seu comando todo o poder e em breve reverteria essa maldade. Quanto a esse título divino tão freqüentemente usado no livro de Isaías, ver no *Dicionário* e em I Reis 18.15. Agora o Juiz supremo haveria, Ele mesmo, de esmagar as uvas e esfarinhar os grãos de trigo, e os opressores seriam as vítimas. Cf. Sal. 72.4. Miq. 3.1-3 tem uma mensagem similar, embora empregue outro simbolismo. Êxo. 22.25; 23.3,6,11; Lev. 19.10 ss.; Deu. 24.12,14,15 encarecem um justo e misericordioso tratamento dos pobres. Cf. Atos 9.36; 10.4,31; 24.17; Tia. 1.27 e 2.1-9. Os opressores materialistas sempre pagarão segundo a enormidade de seus crimes. O *Senhor dos Exércitos* enviaria o Seu exército de pragas, os soldados babilônicos, que retribuiriam conforme eles tinham tratado a seus semelhantes.

A Mulher Orgulhosa de Jerusalém (3.16 - 4.1)

Temos aqui uma passagem ímpar: um ataque contra toda a classe das mulheres. Usualmente, os ataques desfechados na Bíblia contra as mulheres, conforme se vê em Pro. 2, abordam males morais, pelo que são repreendidas as prostitutas ou as adúlteras. Mas a sociedade de Jerusalém havia-se desintegrado a tal ponto que as mulheres, como classe, estavam corrompidas de diversas maneiras, e não somente no que se referia a questões morais. Conforme alguém já disse, a mulher da sociedade torna-se, essencialmente, aquilo que o homem faz dela. Por conseguinte, era inevitável que em uma sociedade como a de Judá, dos dias de Isaías, que tinha de enfrentar os terrores da Babilônia, houvesse uma classe feminina corrompida. Isaías (aqui e em 32.9-12); Amos (4.1-3); Jer. (44.15-30), todos esses profetas acharam necessário condenar a classe das mulheres, particularmente as orgulhosas mulheres das famílias principais, que tinham poder próprio e dominavam os maridos, os quais ocupavam posições de autoridade. Podemos imaginar que as esposas dos agricultores, em sua maioria, não participavam desse quadro deveras lamentável. A mensagem geral de Isaías é que as mulheres, corrompidas como seus homens, sofreriam os mesmos tipos de julgamento divino que os homens. Isaías contrastou aquilo com o que elas pareciam em seu estado orgulhoso e arrogante, no que elas seriam transformadas depois que o juízo divino as atingisse.

3.16

Neste versículo temos uma lista de descrições das mulheres da "estirpe" da sociedade. Elas eram soberbas e altivas, tal como os líderes do país. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Orgulho.* Ver o *orgulho* e a *humildade* contrastados em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32, e ver *olhos altivos,* em Pro. 6.17. Quando aquelas arrogantes mulheres caminhavam, adotavam um estilo ridículo de caminhada, com a cabeça levantada e o pescoço esticado em atitude de arrogância. E enquanto caminhavam, lançavam olhares sensuais e sedutores e, podemos estar seguros, parecidos com os das prostitutas profissionais, sempre à procura de vítimas. Além disso, andavam com passos "curtos" (ligados os tornozelos por correntinhas, o que as obrigava a dar passos curtinhos), algo totalmente artificial e louco. Elas faziam isso a fim de atrair a atenção para si mesmas. Elas viam nesse tipo de andar algo de sensual, que as ajudava a apanhar vítimas em seu deboche.

"... argoias de tornozelos em ambos os pés, unidas entre si por correntinhas, que faziam sons enquanto elas andavam; algumas vezes havia sinetas presas a esse aparato (vss. 18 e 20)" (Fausset, *in loc).* Na verdade, as mulheres fazem muitas coisas loucas para atrair a atenção dos homens, mas esse método era o mais louco de todos. "As belas mulheres de Jerusalém carregavam consigo mesmas a sua música. Esse costume ainda existe na Síria e na Arábia, mas é proibido pelo Alcorão" (Ellicott, *in loc)."...* o sonido que saía dos tornozelos chamava a atenção, conforme é o *intuito* de muitos dos ornamentos femininos" (R. B. Y. Scott, *in loc).*

3.17

O Senhor fará tinhosa a cabeça das filhas de Sião. Como *retaliação,* Yahweh feriria aquelas orgulhosas cabeças femininas com doenças como a calví-

cie, deixando as mulheres feias e envergonhadas. Então as mulheres permaneceriam no recesso do lar, porquanto não estavam publicamente apresentáveis. Além disso, o Senhor exporia as partes secretas delas (a genitália), transformando-as em desgraça pública. Isso pode indicar as doenças venéreas. Elas, como prostitutas amadoras que eram, teriam seu aparelho sexual atacado por doenças, de modo que não mais pudessem empregar seus jogos de amor doentios. Mas alguns estudiosos pensam que a expressão "suas vergonhas" deve ser interpretada como "suas *testas",* que estavam sempre escondidas por longos cabelos. Esses longos cabelos seriam cortados, o que as tornaria prostitutas, as únicas que andavam ao redor com cabelos curtos. Ver Isa. 7.20. A palavra hebraica aqui traduzida por "tinhosa" (doença do couro cabeludo) também pode ser traduzida por "calva", ou seja, condição que resultaria da enfermidade do couro cabeludo. As mulheres calvas não seriam grande atração em público. "Privar uma mulher de seus cabelos é retirar a sua glória (ver I Cor. 11.15)" (Fausset, *in* toe). Portanto, aquelas mulheres, antes gloriosas, subitamente perderiam toda a sua glória. A atração delas degeneraria em *repulsa.*

3.18

Naquele dia tirará o Senhor o enfeite dos anéis dos artelhos. As coisas que aquelas mulheres judias utilizavam para atrair a atenção para si mesmas seriam tiradas quando o juízo divino as atingisse. As correntinhas seriam quebradas em seus tornozelos musicais; as *coifas* seriam derrubadas de suas cabeças. Essas coifas poderiam ser objetos circulares, semelhantes a rostos, que pousavam sobre a cabeça das mulheres como "pequenos sóis". A Mishnah faz desses objetos tipos de frontais para as testas, objetos de decoração. Outros fazem desses objetos cintos enfeitados, um item importante nos vestidos orientais."... grinaldas ou trancas de ouro ou prata, usadas sobre a testa de orelha a orelha, mas alguns compreendem que a referência é a bolas como o sol, usadas como um colar" (Ellicott, *in* toe). Além disso, as mulheres usavam ornamentos com a forma de *crescentes.* Alguns pensam que esses ornamentos eram broches ou pendentes. Tais ornamentos também eram pendurados ao pescoço dos camelos; e eram igualmente usados pelas mulheres, que acreditavam haver ali poder de afastar o mal, ou o mau-olhado. "O *chumarah* ou crescente até hoje é usado defronte da testa, na parte ocidental da Ásia" (Fausset, *in* toe).

3.19

Os pendentes, e os braceletes, e os véus esvoaçantes. Três outros itens do vestuário feminino são atacados pelo profeta. O termo hebraico correspondente aos *pendentes* é *hannetiphoth,* que implica algo que fica *pendurado,* um pendente caía do pescoço e se aninhava entre os seios. Alguns estudiosos pensam que eram pequenos frascos de perfume pendurados ao pescoço. Alguns desses frascos eram feitos de ouro ou de outro material valioso a fim de chamar a atenção das pessoas. Além disso, elas usavam *braceletes* de vários tipos, feitos de substâncias preciosas. Os braceletes eram postos nos pulsos ou nos tornozelos. O terceiro desses itens, os *véus esvoaçantes,* eram usados para cobrir a face, mas também poderiam estar em vista *mantilhas,* um longo e esvoaçante véu que cobria a cabeça e os ombros. O termo hebraico correspondente é *harhhaloth,* palavra derivada de *rahal,* "tremer", que talvez seja uma referência ao vento que soprava sobre os véus, fazendo-os flutuar.

3.20

Os turbantes, as cadeiazinhas para os passos, as cintas. Temos aqui mais *cinco* itens de decoração feminina mencionados no versículo. Os *turbantes* eram uma espécie de diadema (ver Êxo. 39.28; Isa. 61.10). Poderíamos chamar os turbantes de *tiaras.* Os *ornamentos* eram para os braços ou pernas, tipos de braceletes usados nas extremidades, talvez incluindo os "ornamentos dos pés" mencionados no vs. 16. E também havia as *cintas,* feitas de material fino e algumas vezes adornadas com pedras preciosas. Alguns estudiosos pensam estar em vista aqui as faixas para a cabeça, ou outros tipos de cintas para os pulsos. No hebraico posterior, essa palavra veio a significar *cintos com contas.* Além desses itens havia as *caixinhas de perfumes,* que exalavam doces aromas e eram também usadas como encantamentos para dar boa sorte. O hebraico literal diz "casas da alma", subentendendo algum tipo de encantamento para atrair bons eflúvios e espantar maus eflúvios. Finalmente, temos os *amuletos,* objetos caídos do pescoço ou das orelhas, que continham fórmulas mágicas inscritas para atrair as bênçãos e espantar os maus poderes. O termo hebraico envolvido é *lachashim,* derivado de *lachash,* "sussurrar" ou "conjurar".

3.21

Os sinetes e as jóias pendentes do nariz. Na lista quase interminável de Isaías sobre ornamentos femininos, aos quais ele levantou objeções, este versículo à*diciona outros *dois:* os stoeres e as *jóias pendentes do nariz.* Os primeiros eram usados como selo ou para assinar o próprio nome, tanto por mulheres como por homens ricos (ver Êxo. 35.22; Núm. 31.50; Est. 3.12; 8.8; Jer. 22.24). Quanto às jóias pendentes do nariz, a cartilagem que separa as fossas nasais era furada para recebê-las. Usualmente era usada a fossa nasal esquerda com esse propósito. A mente oriental apreciava muito esse ornamento, o que, para nós, ocidentais, é bastante repelente. Cf. Eze. 16.11,12 e Pro. 11.22. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Anel,* quanto a detalhes.

3.22

Os vestidos de festa, os mantos, os chalés e as bolsas. Este versículo apresenta outros quatro itens. Os *vestidos de festa* eram trajes especiais para freqüentar festas. A maioria das mulheres endinheiradas precisa ter um *novo* vestido de festa para cada *nova festa* que aparece. Muitos desses vestidos eram usados apenas uma vez, porquanto, tornando-se *usados* (após uma única festa), não eram mais úteis para outra ocasião. Na verdade, os homens não compreendem a mente feminina. A palavra hebraica aqui usada é *machalatzoth,* "exibir", ou seja, trajes não usados comumente, mas apenas em ocasiões especiais. Além disso, as mulheres tinham *mantos* especialmente decorados, longas e flutuantes túnicas com mangas usadas por cima de outras vestes e que desciam até o chão. Esses mantos eram ricamente bordados, algumas vezes com fios de ouro ou prata entretecidos. Ademais, as damas tinham *chalés* especiais, com cachecóis ou capuzes, ou chalés grandes, como aquele usado por Rute (ver Rute 4.13). As *bolsas* faziam parte da demonstração da vaidade feminina. A Revised Standard Version diz aqui "bolsas de mão", do tipo que as mulheres até hoje usam, algumas delas presas ao cinto. Os homens usavam um cinturão para ali pendurar uma aba da túnica, como se fosse um bolso, mas as damas tinham de usar algo separado, como sacolas bordadas, algumas delas decoradas com metais e pedras preciosas.

3.23

Os espelhos, as camisas finíssimas, os atavios de cabeça e os véus grandes. Finalmente, o profeta cansou-se de listar todos aqueles itens da vaidade feminina, e nos deu *quatro* itens finais. Os *espelhos* eram peças de metal polido que as damas levavam consigo para serem capazes de arrumar suas decorações, sempre que isso se tornasse necessário. As *camisas finíssimas* eram chalés diáfanos, provavelmente indicando uma transparência indecente, que se permitia ver o que havia por baixo (quão moderno!). Tanto os espelhos como as camisas finíssimas aparecem no hebraico como uma única palavra. Kimchi traduziu tanto uma palavra como a outra de igual maneira, em passagens diferentes. Ver no *Dicionário o* verbete chamado *Espelhos.* Em seguida, vêm os *atavios de cabeça,* tradução do termo hebraico *hatziniphoth,* que eram capuzes enfeitados sobre o que se subentende o ato de *enrolar ao redor.* Mas alguns estudiosos preferem pensar em roupas de baixo de linho, usadas de encontro à pele. Os *véus grandes* eram peças para serem usadas na cabeça, que agiam como uma espécie de "toque coroador", para completar o luxo das vestes femininas. Esses véus desciam dos turbantes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Véu,* quanto a ilustrações e informações completas. O Targum e Kimchi, entretanto, vêem aqui peças íntimas usadas nos meses de verão.

"O quadro fornecido por Isaías, acerca das *"socialites"* de Jerusalém, e a sorte delas, poderia ser divertido se não fosse tão patético e realista. Anos mais tarde, Jeremias deixou registrado que as mulheres de Israel tiveram de comer os próprios filhos durante o cerco lançado pelos babilônios (ver Lam. 2.20; 4.10; Lev. 26.27-29; Deu. 28.53.57; Jer. 19.9)" (John A. Martin, *in* toe).

3.24

Será que em lugar de perfume haverá podridão. *Desfazendo o luxo excessivo:* o julgamento vindouro. Com algumas poucas declarações gerais, o profeta diz como terminaria a vaidade feminina. Ele faz *cinco* afirmações antitéticas, repetindo o que já havia sido dito, nos vss. 16-23. Consideremos os cinco pontos seguintes:

1. Em vez de todos aqueles *perfumes* atrativos, haveria *podridão,* a saber, o mau odor da morte, quando os babilônios atacassem e matassem a maior parte dos habitantes de Jerusalém. Este versículo continua o que o vs. 17 começara a dizer, o ayiso de julgamento que foi interrompido pelas descrições da vaidade feminina.
2. Em vez de *cinta* de boa qualidade, haveria uma corda crua (Revised Standard Version). Assim dizem a Septuaginta, a Vulgata Latina e a tradução árabe, preferidas por alguns, ao passo que o hebraico diz "rasgada". Algumas vezes, as versões preservam um texto mais antigo que o texto padronizado de hoje em dia, o texto massorético. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Massora (Massorah); Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* este último quanto a informações gerais que incluem como os textos corretos são escolhidos quanto aparecem variantes.

3. Em vez de *encrespadura de cabelos,* haveria *calvície,* provavelmente como resultado das doenças do couro cabeludo que afetariam as mulheres (vs. 17). Cf. esta parte do versículo com I Ped. 3.3,4.
4. Em vez de vesre *suntuosa,* haveria *cilício,* o que fala das vestimentas dos pobres. Cf. II Sam. 3.31, e ver no *Dicionário* o verbete denominado *Pano de Saco.*
5. Em vez de *formosura,* haveria *marcas de fogo.* Talvez tenhamos aqui um paralelo ao descobrimento das partes privadas do vs. 17. Em lugar dessa declaração, a Vulgata tem os homens caindo na matança, enquanto a Septuaginta fala em filhos caindo ou sendo mortos, o que as mulheres receberiam em lugar de toda a beleza da qual tanto se orgulhavam. Coisa alguma mais catastrófica do que isso poderia acontecer. Quanto **a** esse texto, examinar o vs. 25.

O texto massorético tem um hiato aqui, "em lugar de formosura". O rolo de Isaías dos Papiros do Mar Morto supre a palavra "vergonha", que pode corresponder ao original hebraico.

3.25

Os teus homens cairão à espada. Homens, fossem eles maridos, pais ou filhos, seriam mortos pelos babilônios e, diante de tão grande matança, toda a beleza feminina seria inteiramente inútil. Ver o vs. 23, último parágrafo. As mulheres, a fim de manter-se vivas, comeriam os próprios filhos. Mas que restaria para justificar que elas permanecessem vivas?

As poucas mulheres sobreviventes seriam distribuídas entre os haréns dos conquistadores, e isso seria o golpe final no orgulho delas.

3.26 -

As suas portas chorarão e estarão de luto. Haveria amarga lamentação nas portas de Jerusalém. As poucas mulheres sobreviventes seriam encontradas ali, lamentando-se. As residências dos ricaços teriam sido niveladas até o chão com o ataque e saque praticado pelos babilônios. O templo de Jerusalém seria reduzido a ruinas; todos os vestígios de riquezas seriam removidos. Nada haveria a fazer, senão lamentar. Algo similar aconteceu quando Jerusalém foi destruída pelos romanos, no ano 70 D. C. Os arqueólogos têm desenterrado moedas da época que pintam mulheres sentadas sob palmeiras, em uma postura de tristeza, por causa da *Judea capta,* a inscrição que aparece nesses artefatos. Aparentemente, o imperador Vespasiano foi o responsável pela cunhagem dessas moedas.

Capítulo Quatro

Não há interrupção entre os capítulos 3 e 4, pelo que tem prosseguimento aqui o tema da má sorte das mulheres judias quando ou depois do ataque babilônico.

4.1

Sete mulheres naquele dia lançarão mão dum homem. Este versículo ajunta que a população masculina de Judá e Jerusalém seria reduzida quase a zero pelos babilônios. As mulheres escolhidas foram tomadas pela Babilônia a fim de engrossar os haréns já repletos ali. Jarchi e Kimchi citam um pseudodecreto de Nabucodonosor que proibia que as mulheres judias casadas fossem tomadas pelos babilônios, mas não há confirmação histórica disso. As mulheres escolhidas foram distribuídas entre os soldados, os ricaços e os dirigentes da Babilônia. As poucas mulheres deixadas na Terra Prometida ficaram procurando algum homem sob cujo guarda-chuva pudessem encontrar alguma proteção. Havendo tão grande número de mulheres excedentes, isso significava que qualquer homem poderia terminar tendo sete (um grande número) de mulheres. Mas a situação toda não passava de uma farsa, porquanto os poucos sobreviventes do sexo masculino quase nem conseguiam manter-se vivos, quanto menos sustentar todas aquelas mulheres. Portanto, houve confusão generalizada, incluindo até inanição. Foi por essa razão que as mulheres judias chegaram a comer os próprios filhos para sobreviver (Lam. 2.20; 4.10; Jer. 19.9). Essa última referência no livro de Jeremias diz respeito a um *canibalismo* generalizado. A situação seria aliviada pelas contribuições de algumas mulheres mais abastadas, que supririam seu próprio pão e suas próprias vestes, mas queriam somente a proteção do nome de um homem. Naqueles tempos de brutalidade, ser uma mulher casada dificilmente era proteção suficiente. Mulheres casadas facilmente caíam vítimas de estupradores e saqueadores, tal e qual se fossem solteiras.

Tira o nosso opróbrio. O mais provável é que esse "opróbrio" consistisse em as mulheres ficarem solteiras e sem filhos, calamidades na antiga nação de Israel. As viúvas que tivessem perdido marido e filhos reiniciariam a vida em uma situação polígama, na tentativa de recuperar sua família.

Sião Expurgada pelo Juízo: Sobreviventes Santos (4.2-6)

4.2

Naquele dia o Renovo do Senhor será de beleza e de glória. Uma vez expurgada a escória, haveria de novo prata pura (ver Isa. 1.22). A falsa beleza fora aniquilada, e então haveria uma beleza verdadeira. Uma vez desarraigada a vinha espúria, haveria uma nova vinha (o remanescente purificado), dotada de genuína beleza espiritual. Yahweh teria plantado uma nova vinha mediante o julgamento e a restauração. Essa nova vinha seria coroada de beleza e glória. Os poucos sobreviventes da matança e do exílio babilônico participariam dos frutos da nova vinha. A referência, neste caso, é ao remanescente que retomaria à Terra Prometida e reconstruiria tudo, o Novo Israel que teria um novo começo na terra de Israel, que quase tinha deixado de existir. Ver Nee. 1.2. Alguns pensam que o *Renovo* aqui mencionado contenha uma referência messiânica, conforme se vê em Jer. 23.5; 33.15 e Zac. 3.8. O Messias brotou da linhagem de Davi (ver Jer. 33.15). Cf. as palavras de Jesus, em João 15.1. Mas parece que ver isso em Isa. 4.2 é ver demais. Kimchi e o Targum dão uma interpretação messiânica ao presente versículo, mas isso já corresponde à voz do judaísmo posterior. O "renovo", neste caso, é o remanescente purificado.

4.3

Será que os restantes de Sião e os que ficarem em Jerusalém. O que foi deixado em Sião, o que ficou em Jerusalém, seria purificado a ponto de poder ser chamado *santo.* Estão em vista pessoas santificadas. Os que restassem entre os vivos, no registro dos novos cidadãos, seriam chamados santos. Esses edificariam novamente o templo de Jerusalém, soergueriam as muralhas, reconstituiriam o culto a Yahweh e voltariam a estudar e obedecer à lei, o *guia* do povo judeu (ver Deu. 4.4-8). Haveria uma fé sentida no coração (ver Pro. 4.23), e não apenas uma fé formal. E, como é apenas natural, a idolatria seria totalmente aniquilada. As coisas se reiniciariam sobre bases firmes. Tudo isso só poderia ser conseguido mediante a remoção completa da antiga geração, que se tornara irremediavelmente corrompida e fora do alcance da reforma, conforme Isa. 3 ilustra tão graficamente. Ver sobre o povo santo em Deu. 7.6; e ver o que é santo porque Deus é santo, em Lev. 11.44. Aqueles que pertenciam a Yahweh teriam o nome registrado em Seu livro (ver Êxo. 32.32; Mal. 3.16). E talvez isso também esteja em pauta aqui, e não o registro escrito dos novos cidadãos de Israel. Aqueles cujos nomes estão no livro de Deus só podem ser *santos.*

> *... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.*
>
> (Hebreus 12.14)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Santidade.*

4.4

Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião. A condição restaurada, incluindo a volta à santidade fundamental, só seria instalada por intervenção divina, que significaria uma *lavagem da imundícia* do povo. As *filhas de Sião* (as poucas que sobreviveriam) são pessoas purificadas, visto que o autor sagrado continua a falar nos termos por ele iniciados, em Isa. 3.16. Mas devemos entender que estão em foco aqui todos os habitantes de Jerusalém. Seriam lavadas as *manchas de sangue,* os crimes de sangue cometidos antes da invasão dos babilônios e os crimes que os próprios babilônios cometeram. O julgamento divino efetuaria uma purificação total da culpa pelo sangue, mediante incêndios, símbolos do expurgo. As palavras "espírito" (vento), fogo, calor podem ser uma alusão aos ventos quentes que sopravam do deserto e eram tão destruidores durante a estação seca. Esses ventos simbolizavam os julgamentos de Deus. Ver Jer. 4.11,12 e 51.1. Somente um ato soberano de Deus poderia purificar um estado tão completamente corrompido conforme vemos nos capítulos 1-3 do livro de Isaías. Cf. Isa. 1.25 e Zac. 13.1.

Os sacrifícios de crianças a Moloque eram crimes de sangue dos quais as mulheres participavam, e elas, além disso, matavam e comiam os próprios filhos em tempos de aflição, como após o cativeiro babilônico. Tais atos deixaram profunda mancha de culpa em toda a nação de Judá. Foi preciso o sopro violento e quente do vento do julgamento de Deus para expurgar Jerusalém. Quanto a sacrifícios humanos, ver Sal. 106.38; Isa. 57.5 e Eze. 22.2,3. Mal. 3.3 tem algo similar ao presente versículo. Talvez haja aqui uma alusão ao fogo usado pelo refinador, que transformaria a escória em prata novamente (ver Isa. 1.25). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Moleque, Moloque.*

4.5

Criará o Senhor, sobre todo o monte de Sião. A *orientação, proteção* e *aprovação* das *colunas de fogo e de nuvem* (ver a respeito no *Dicionário)* seriam restauradas, embora não o fenômeno literal ocorrido no deserto. Em vez de liderar Israel no deserto, essa orientação dar-se-ia na capital, Jerusalém, Sião, o lugar da manifestação da glória *shekinah* no templo restaurado. A glória do Senhor seria

como um glorioso "dossel" e um "pavilhão". Esses dois últimos termos são sinônimos. A palavra hebraica aqui traduzida por "dossel" refere-se, algures, a um **aposento** de noivo (ver Sal. 19.5; Joel 2.16). "... o dossel abobadado do amor **divino**" (BBcott, *in* toe). Essa "tenda" era estendida sobre o casal, após o casamento. Simbolizava a presença de Deus restaurada a Jerusalém, a qual havia-se **retirado** da cidade por causa da total corrupção.

4.6

Os quais serão para sombra contra o calor do dia. A cobertura serviria de *proteção* contra todos os perigos possíveis. Isso é asseverado pelas palavras "sombra contra o calor do dia", uma proteção contra o calor do dia, e também por "refúgio e esconderijo", para servir de abrigo aos exilados que tinham retomado, no caso de temporais. A promessa feita aos que tinham retomado do exílio, o "restante de Sião" (vs. 3), era que nenhuma outra reversão das condições de Israel estava prevista para o futuro imediato. O povo poderia descansar na Terra Prometida em paz e confiança. O temporal provocado pela Babilônia seria suficiente para um longo tempo. Vários séculos mais tarde, entretanto, haveria o temporal pior ainda de *Roma;* mas os profetas do Antigo Testamento não previram esse desastre e, mesmo que o tivessem previsto, isso não perturbaria a paz dos ex-exilados na Babilônia.

"Esse é um cântico de esperança, aquela imorredoura fé no amor restaurador de Deus, algo muito mais profundo que o inconquistável otimismo do coração humano. A furiosa tempestade do justo julgamento de Deus teria de passar algum dia, porquanto Ele não mantém a Sua ira para sempre (ver Sal. 103.9)" (G. G. Kilpatrick, *in loc.).*

Capítulo Cinco

Punição de Israel por Seu Pecado (5.1-30)

A Canção da Vinha do Senhor (5.1-7)

Esta impressionante e ímpar mensagem profética é uma reprimenda e ameaça divina sob a forma de parábola. A vinha, apesar de todo o seu espetáculo e pretensão, era inútil. Segue-se o esquema da seção: vss. 1 e 2: os cuidados de Deus pela vinha; vss. 3-6: o esforço divino total em favor da vinha falhara, pelo que o julgamento divino teria de vir; vs. 7: a vinha é identificada como a casa de Israel, a nação de Judá, visto que a Assíria já tinha levado para o exílio a nação do norte, Israel. Neste caso, Israel é sinônimo da tribo de Judá, que representava toda a nação israelita. Isaías chamou a nação do norte de *Efraim* (ver Isa. 7.5,9).

Israel (Judá) como a Vinha: ver Isa. 3.14; Sal. 80.8-18; Jer. 2.21; 12.10; Eze. 15.6-8; Osé. 10.1. Em Isa. 4.2 está em pauta o remanescente purificado.

As festas da vindima eram tempos de ingestão de vinho, danças e cânticos. Isaías desempenha o papel de um cantor de baladas, que apresentou um novo cântico em honra à ocasião. Mas esse cântico é amargo, refletindo desapontamento diante da vinha improdutiva que havia sido plantada.

5.1

Agora cantarei ao meu amado, o cântico do meu amado a respeito da sua vinha. No cântico de Isaías, suspeitamos que Deus seria referido pelo profeta como o *amado* de Israel, mas no livro de Isaías isso parece impróprio. Usaria ele termos tão humanos e familiares com seu augusto Deus? Além disso, esta parábola dificilmente pode ser chamada de "cântico de amor". Uma *aplicação* da parábola faria da vinha, Israel (Judá), e do proprietário da vinha, Deus; mas não devemos pressionar essas identificações sobre este versículo, embora tanto intérpretes do antigo judaísmo quanto intérpretes modernos do cristianismo assim o apliquem. Os cânticos da vindima usualmente eram dedicados aos que se amavam, e o profeta Isaías faz essa aplicação desde o primeiro versículo deste capitulo. Alguns traduzem o original hebraico de tal maneira que evitam uma linguagem muito íntima: "Agora ouvi-me cantar em favor de meu amigo, o cântico de meu amigo a respeito de sua vinha" (R. B. Y. Scott, *in loc).*

> *Agora cantarei um cântico a meu amigo. Este cântico diz respeito à sua vinha.*
>
> (NCV)

É possível que outra interpretação seja a mais correta. Isaías teria usado esses termos íntimos acerca de Deus porque os cânticos da vindima usavam termos íntimos. Assim, ele esperava que sua excessiva familiaridade fosse desconsiderada, e os leitores não tomassem muito a sério seus símbolos.

Num outeiro fertilíssimo. O agricultor era Deus, e o lugar de sua futura vinha era muito fértil, pelo que toda a esperança de sucesso estava justificada. Somente uma grande perversidade poderia fazer falhar sua vinha. Judá era uma região montanhosa, e o profeta projeta esse lugar em nossa mente, utilizando-se dessa figura.

A vinha era Israel, conforme demonstro mediante referências no segundo parágrafo da introdução a esta seção. Mas devemos entender que Judá era Israel renovado, pois uma única tribo levaria avante a história da nação inteira. Israel tinha todas as oportunidades necessárias para ser um cultivo bem-sucedido de Deus, capaz de produzir muito fruto. Somente uma imensa perversão poderia anular esse potencial.

5.2

Sachou-a, limpou-a das pedras e a plantou de vides escolhidas. *Todos os passos imagináveis* foram tomados para assegurar que haveria uma vinha de primeira classe, com uma produção de primeira classe de uvas da mais alta qualidade. As pedras (e o mato daninho) foram removidas a fim de preparar tudo para o plantio; somente foram plantadas parreiras da melhor qualidade. A palavra hebraica para "vides" significa "ser vermelho", e assim estão em pauta ou as uvas vermelhas ou as uvas de Sorck, um vale no sopé das montanhas de Jerusalém. A região era conhecida pelos vinhedos de excelente qualidade (cf. Juí. 14.5). Muralhas de proteção ou mesmo cercas eram erguidas; uma torre de vigia era construída para adicionar certa medida de proteção contra predadores animais ou humanos. Então era preparado um lagar apropriado para processar as uvas e extrair-lhes o suco. Tendo feito todas as coisas possíveis, o vinhateiro vigiava diariamente e esperava obter uma boa safra. Cf. Jer. 2.21, onde encontramos a mesma figura.

Todavia, a despeito dos esforços e das expectações do vinhateiro, a vinha produzia somente uvas bravas, literalmente, "fruto fedorento". "Fruto fétido da vinha brava, em vez de uvas escolhidas, talvez falando da venenosa espécie acônito, que os árabes chamam de *uvas de lobo* (ver Deu. 32.32,33; I Reis 4.39-41)" (Fausset, *in loc).* "Bagas venenosas, as *beushim,* inúteis, sem proveito, de odor repelente" (Adam Clarke, *in loc).* O Targum explica a situação: "Recomendei que eles praticassem boas obras defronte de mim, mas eles praticaram obras más".

5.3

Agora, pois, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá. *A Situação Deveria Ser Julgada.* O resultado miserável do empreendimento com as uvas era falta do Proprietário ou das uvas más? Devemos compreender, por meio desta parábola, que as *uvas personificadas* (Judá) de alguma maneira tinham conseguido corromper a si mesmas, tornando-se bravas e venenosas, a despeito dos muitos esforços do divino vinhateiro. Deus condena os pecadores com base em suas próprias palavras (ver Deu. 32.6; Jó 15.6; Luc. 19.22; Rom. 3.4). "Aqueles a quem se aplicava a parábola foram convidados (como Davi foi convidado por Nata) a julgar a si mesmos. (Cf. Mat. 21.40,41 como uma instância do mesmo método)" (Ellicott, *in loc).*

5.4

Que mais se podia fazer ainda à minha vinha... ? *Nenhum Esforço Fora Poupado.* Este versículo refere-se novamente aos elaborados preparativos do vs. 2. Alguma coisa, porventura, fora deixada por fazer? O Vinhateiro divino lança uma pergunta a que os apóstatas não podiam responder com um "sim". O "não" necessário significa que aqueles pecadores estavam autocondenados. Devemos entender que a lei mosaica tinha sido habitualmente violada, porque essa era a conduta padronizada de Judá. As uvas azedaram devido à *desobediência.* Toda a nação de Judá foi sendo gradualmente *paganizada (ver* Isa. 2.6). Ao paganizar-se, Judá perdeu sua distinção como nação, porquanto o que a distinguia era a guarda da lei, que foi dada para ser obedecida pelo povo em aliança com Deus (ver Deu. **4.4-8).**

5.5

Agora, pois, vos farei saber o que pretendo fazer à minha vinha. Que faria o divino Vinhateiro? A vinha de uvas azedas tinha perdido a razão de existir. Não mereciam continuar ocupando a terra. Todas as obras protetoras seriam removidas: as cercas (e/ou as muralhas) seriam deitadas abaixo. Dessa maneira, qualquer saqueador animal ou humano facilmente atacaria a propriedade, e os babilônios cuidariam para que isso acontecesse. Cf. Sal. 80.12,13. A justiça seria servida. Judá precisava cair. O exílio era iminente. Nenhuma força terrena poderia impedi-lo, e nenhuma força divina queria impedi-lo. O Targum interpreta como segue: "Agora declararei a vós o que farei a meu povo. Farei minha glória *shekinah* ser removida deles. Eles se tornarão um despojo. Derrubarei a casa do santuário deles. Eles serão pisados aos pés".

5.6

Torná-la-ei em deserto. Não será podada nem sachada. O vinhedo potencialmente excelente se tornaria um pequeno terreno devoluto. Não seria podado

nem sachado. Ficaria absolutamente sem proteção, e em breve espinhos e ervas daninhas cobririam o lugar inteiro. Não haveria outro cultivo enquanto a antiga vinha não fosse inteiramente obliterada. Além disso, nenhuma chuva cairia, pois o comando divino faria parar as chuvas. A antiga vinha nunca seria restaurada. Eventualmente, uma vinha completamente nova seria plantada. Aquela vinha era obra de Deus, mas se fosse abandonada, ficaria absolutamente desolada. "Sem a proteção divina, Judá estaria arruinado" (John A. Martin, *in* toe). Seriam removidos todos os atos e todas as influências graciosas, o que, em termos judaicos, significa a lei, o templo, o culto, os sacrifícios de animais etc. O Targum menciona especificamente a retirada do ministério dos profetas.

5.7

Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel. *Explicações.* Considere o leitor estes três pontos:

1. O *orador* (vinhateiro) é Yahweh, aqui chamado *Senhor dos Exércitos,* título comumente usado no livro de Isaías. Ver sobre esse título divino no *Dicionário* e em I Reis 18.15.
2. A *vinha* é Judá, cujo intuito original era ter sido um plantio agradável, ou seja, o cultivo das virtudes espirituais baseadas na lei, no templo e no culto **a** Yahweh.
3. Entre as *virtudes espirituais* que se esperavam, contava-se a justiça social em favor de todos; mas isso foi pervertido mediante toda a espécie de pecados e crimes, até mesmo envolvendo derramamento de sangue. Em lugar da justiça, havia tão-somente o grito de angústia dos oprimidos. Era esse o símbolo das uvas venenosas, dos frutos *fétidos.*

Note o leitor os jogos de palavras. Em vez de justiça *(mishpat),* Yahweh tinha obtido derramamento de sangue *{mispah).* Além disso, em vez de retidão *[cedhaqah),* Ele obtivera um grito *[ce'aqah).* "Comparar o grito da multidão mediante o qual a justiça foi negada, no caso de Jesus, em Mat. 27.23,24" (Fausset, *in* toe). Aqui "o grito é o das vítimas que apelavam a Yahweh quando não encontravam ajuda no homem (Gên. 4.10; Deu. 24.15; Tia. 5.4)" (Ellicott, *in* toe).

Acusação contra Pecados Específicos (5.8-24)

Os Seis Ais. Esses "ais" aplicam as idéias da parábola que aparece nos vss. 1-7. O profeta mostra aqui como Judá pôde ser comparada a uvas venenosas, ou seja, frutos maus. Entre o segundo e o terceiro "ais" (vss. 13-17) é descrita a conseqüência desses pecados. Perversões, rebeliões, omissões, negligência em fazer o bem óbvio, violência, injustiça flagrante — essas eram as coisas das quais o povo de Judá habitualmente se ocupava. Em outras palavras, a massa inteira estava pútrida.

O Primeiro Ai (5.8-10)

5.8

Ai dos que ajuntam casa a casa. *Contra os Materialistas.* Encontramos aqui a descrição da rapacidade dos ricos. Ai daqueles que juntavam casa a casa, campo a campo, acumulando possessões incansavelmente, de forma que outros homens não tivessem um único terreno ou casa que pudessem chamar de seus. Esses insensatos não possuíam vizinhos agricultores, mas tinham feito a todos de escravos. Cf. Miq. 2.1,2. A lei permitia a compra ou **a** venda permanente de casas, dentro de cidades muradas. Mas as casas construídas fora das cidades tinham de ser devolvidas à família original de proprietários no ano do jubileu. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Jubileu, Ano do.* E, mesmo que essa lei tivesse sido obedecida, isso não alteraria grande coisa a descrição dada aqui, e podemos ter certeza de que até essa lei estava sendo ignorada. Parte do pecado condenado neste versículo provavelmente era a remoção dos marcos da terra (ver Deu. 19.14; 27.17; Pro. 22.28). Muitas propriedades e terras tinham sido adquiridas mediante violência e ameaças. Em vez de pequenas propriedades e heranças de famílias, grandes proprietários de terra iam engolindo todas as terras disponíveis. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cobiça.* A cobiça, pois, quebrava o mandamento básico da lei mosaica contra a ganância (ver Êxo. 20.17).

5.9

A meus ouvidos disse o Senhor dos Exércitos. O *Castigo.* Quando os babilônios avançassem para tomar tudo, que bem restaria aos proprietários de tantas terras e casas? A coisa inteira seria varrida em poucos dias. Por conseguinte, a perda das terras resultaria da possessão desordenada. *Observe o leitor a ironia:* Aqueles judeus gananciosos obtiveram o que desejavam — mais e mais possessões. Mas perderiam tudo, por causa da invasão de gananciosos estrangeiros. Esse foi um caso de colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8). Ver no *Dicionário o* verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

5.10

E dez jeiras de vinha não darão mais do que um bato. Além disso, outro julgamento divino pesaria sobre aqueles judeus gananciosos. Suas terras produziriam pouquíssimo, porquanto Yahweh não lhes permitiria um lucro decente. Um vinhedo com dez jeiras de vinhas produziria a minúscula produção de um bato (menos de 23 litros) de vinho. Ademais, um ômer de sementes produziria um *ela* de grãos, ou seja, cerca da décima parte da quantidade de sementes plantadas. O ômer tinha cerca de 370 litros, e o efa cerca de 37 litros. A colheita das uvas e dos grãos não compensaria o trabalho investido, e isso seria uma reprimenda divina contra a maneira ilegal e gananciosa pela qual as terras tinham sido adquiridas.

O Segundo Ai (5.11-12)

5.11

Ai dos que se levantam pela manhã, e seguem a bebedice. *Contra os Bêbados.* Em meio ao luxo e à iniqüidade que prevaleciam em Judá, tinha surgido uma grande classe de embriagados, a qual merecia especial reprimenda divina. Esses ingeriam diariamente bebidas alcoólicas e virtualmente nada mais faziam. Embebedar-se e festejar se tornara para eles um meio de vida. Viviam continuamente *inflamados* pelas bebidas fortes, e podemos estar certos de que todos os excessos que normalmente acompanham o abuso do álcool acompanhavam aqueles estultos. Note o leitor o verbo aqui usado: eles *cornam* atrás do vinho cedo pela manhã e continuavam a correr atrás do vinho quando anoitecia. Várias passagens do livro de Provérbios atacam esse vício. Ver a nota de sumário em Pro. 20.1. Em seguida, ver no *Dicionário os* artigos chamados *Bebedice* e *Bebida, Beber.*

Atualmente, cerca da quinta parte da população mundial termina no alcoolismo. Pode haver um elo genético no caso de alguns, mas a maioria dos alcoólatras cai em excessos por perda do autocontrole próprio durante a juventude. Na média, os bêbados se embebedam à noite, mas aqueles que estão nos estágios avançados desse vício bebem o dia inteiro, o que é **a** condição aqui descrita.

5.12

Liras e harpas, tamboris e flautas, e vinho há nos seus banquetes. A menção a diversos instrumentos musicais mostra-nos que, em Judá, o alcoolismo era efetuado em meio a uma *festa continua.* Também compreendemos que o ato de beber se tornou o centro das festividades comunais que eram contínuas e substituíram todas as demais atMdades na vida. Entrementes, a obra do Senhor era esquecida, Seu culto, Seu templo, Seus ritos; e, naturalmente, aqueles homens estavam quebrando os mandamentos e cometendo pecados grosseiros diariamente. Parte do significado do versículo provavelmente é que aqueles miseráveis faziam parte das *obras* de Yahweh (Ele era seu Criador); assim sendo, eles desfiguravam essa obra divina, transformando-se em vermes beberrões e deixando de ser verdadeiros homens. Ademais, eles abusavam de outros que eram criaturas de Deus. Aqueles homens não tinham consideração nem por Deus nem pelos homens. Eram indivíduos totalmente corruptos e envilecidos. O ventre era o deus deles (Fil. 3.19). Em vez de filhos de Deus, tinham-se tornado filhos do deus pagão Baco.

Julgamentos dos ímpios (5.13-17)

5.13

Portanto o meu povo será levado cativo. Antes de chegar ao terceiro ai, o profeta descreve o que aqueles pecadores poderiam esperar. Yahweh não permitiria que o deboche de vários tipos continuasse por muito tempo. Estava em pauta o exílio babilônico. Se Assíria fizera grande confusão e causara a perda de muitas vidas e também muita miséria, a palavra "exílio" não se aplicava a Judá, neste caso. A nação do norte, Israel, foi exilada em 722 A. C. pela Assíria, mas o cativeiro babilônico levou embora a nação de Judá, em cerca de 586 A. C. Naturalmente, o cativeiro vinha em ondas, e essa data mostra apenas o começo do exílio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico.* Alguns intérpretes, entretanto, pensam que um *possível* cativeiro assírio estivesse incluído no pronunciamento do profeta. Esse ponto de vista, no entanto, parece basear-se na suposição de que o profeta Isaías poderia ter antecipado, *logicamente,* o cativeiro assírio, por causa de circunstâncias existentes e do costume dos assírios de levarem de suas terras os inimigos derrotados. Mas ver o cativeiro babilônico ali teria de ser declarado mediante genuíno poder profético, visto que estava a mais de cem anos de distância. É melhor compreendermos como uma profecia genuína a interpretação deste versículo.

Fome e sede, neste caso, provavelmente são descrições metafóricas da "falta de conhecimento". Recursos espirituais tinham sido cortados pelos ímpios, e o conhecimento de Yahweh e de Suas obras tinha sido abafado. Assim sendo, os poucos homens honrosos que foram deixados morriam por desnutrição. Parte da ausência de conhecimento devia-se ao fato de que o povo não interpretava os

sinais dos tempos, o desastre que se aproximava. Alguns, entretanto, tomam a fome e a sede como descrições das dificuldades que sobreviriam em razão do cativeiro. O povo de Judá morreria por falta das provisões básicas. Seja como for, o julgamento divino estava em operação.

5.14

Por isso a cova aumentou o seu apetite. Haveria mortes em massa. A cova (o *sheol*) ficaria repleta. Provavelmente, a palavra "cova" é apenas sinônimo de *sepultura.* Não há aqui ameaça de julgamento para além do sepulcro, pois essa noção ainda não fazia parte da teologia dos hebreus. Contrastar com Dan. 12.2, onde a noção aparece claramente. Ver Pro. 5.5, quanto à evolução da doutrina do *sheol,* e ver sobre o *hades,* no *Dicionário.* Sal. 88.10 e 139.8 poderiam representar estágios anteriores do desenvolvimento dessa doutrina. De qualquer maneira, Judá perderia sua população, e a sepultura ficaria repleta. Isso ocorreria por causa do enorme *apetite* do sheol. A metáfora representa um monstro que *devorava* as massas populares. Esse monstro abriria sua boca como nunca antes e devoraria a maior parte da população. Nem mesmo os nobres (governantes, príncipes etc.) escapariam. Embora formassem uma população dotada de pompa e riquezas, integrariam um povo devorado. A morte não respeitaria classes sociais. "O *sheol* é aqui retratado como um monstro devorador, escancarando suas fauces imensuravelmente e engolindo o país inteiro" (Adam Clarke, *in loc.*).

5.15

Então a gente se abate, e o homem se avilta. O homem altivo não escaparia à boca do *sheol.* Seu dinheiro não o livraria. Todas as suas propriedades (vs. 8) não lhe fariam bem algum. Homens de baixa classe social também seriam devorados. A pobreza e falta de poder deles não serviria de virtude, quando chegasse o dia mau. O *sheol* não daria atenção ao que os homens pensam, nem ao que os homens têm feito para se exaltar. As multidões seriam mortas pelo avanço dos exércitos babilônicos, e os poucos judeus sobreviventes iriam para o exílio. Haveria terrível igualdade nas mortes em massa. A apostasia era tão generalizada que as mortes em massa também se generalizariam. Não seria apenas um desastre, seria *o desastre.* Cf. Isa. 2.9,11,12,17, onde os drásticos acontecimentos previstos nesta passagem já estavam sendo antecipados.

5.16

Mas o Senhor dos Exércitos é exaltado em juízo. O *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15 e também o *Dicionário*) seria *exaltado no juízo,* quando fizesse justiça em Judá, corrigindo e retificando os muitos abusos e pecados, incluindo os crimes de sangue que ímpios perpetraram. Ele é o Deus Santo, e isso se tornaria mais evidente quando Ele atacasse e julgasse a iniqüidade da maneira devida. Mas o Senhor seria ainda mais exaltado na restauração que se seguiria, quando o remanescente voltasse da Babilônia, e Israel (na pessoa da tribo de Judá) começasse a viver o seu novo dia. Ademais, o julgamento divino visava especificamente o propósito de restauração, conforme são todos os julgamentos divinos. Não existe algo como uma justiça nua, uma retribuição divorciada de alguma medida remediadora. Ver Isa. 4.2. A nação de Judá foi julgada a fim de que pudesse haver uma nova vinha, um povo novo, cultivado pelo amor de Deus. A justiça, temperada com o amor, daria a Yahweh uma digna reputação no mundo, e os homens louvariam a um Deus honrado.

5.17

Então os cordeiros pastarão lá como se no seu pasto. Onde antes havia grande multidão de cidadãos, abençoados pelas riquezas materiais, haveria então somente ovelhas e cabras pastando. A Septuaginta diz "estrangeiros" aqui, onde nossa versão portuguesa cita "nômades", mas essa é uma alteração propositada do texto original a fim de lembrar que homens ímpios reduziriam a nação a uma terra de meras pastagens. Mas alguns pensam que isso representa o original hebraico. Haveria alguns poucos hebreus sobreviventes na Terra Prometida, mas eles seriam reduzidos a meros pastores a cuidar de seus animais domesticados. Toda a rica sofisticação da Terra Prometida seria obliterada. Habitações luxuosas seriam reduzidas a pastagens dos pobres.

O Terceiro Ai (5.18-19)

5.18-19

Ai dos que puxam para si a iniqüidade com cordas de injustiça. Os que duvidassem das advertências de Yahweh quanto ao futuro julgamento divino teriam de sofrer por causa disso. Seu ceticismo não os salvaria quando o dia mau viesse. A declaração do vs. 19 pode ser interpretada de duas maneiras diferentes, a saber:

1. Os *zombadores* escarneceriam das profecias, como as de Isaías, que previam a condenação. Conforme cada dia se passasse, e nada acontecesse, o povo incrédulo diria: "Que sucedeu a todas aquelas profecias de condenação? As coisas continuam como sempre foram" (cf. isso com II Ped. 3.4).
2. Ou então os incrédulos seriam *duvidosos honestos,* que esperavam que essas profecias não tivessem cumprimento, que Judá se arrependesse e pusesse fim à sua tendência para a ruína.

Suponho termos aqui a linguagem atrevida do ceticismo. Não é provável que um "ai" fosse pronunciado contra duvidadores honestos. A declaração do vs. 19 deve ser interpretada à luz dos pecadores obstinados de Judá. Foi empregada uma metáfora agrícola para demonstrar uma teimosia pecaminosa. Os pecadores vivem tão presos a seus pecados como um boi amarrado a uma corda é forçado a obedecer à vontade do homem que o puxa. Ou então podemos imaginar uma carroça à qual um animal de carga está atrelado, sem poder escapar de sua tarefa cansativa. Também podemos imaginar pessoas puxando uma carruagem por uma corda. Talvez a carruagem estivesse sendo puxada em alguma procissão idólatra, e são idólatras aqueles que faziam esse serviço. Seja como for, a mensagem é clara: algumas pessoas vivem tão envolvidas em seus pecados que não conseguem libertar-se facilmente, especialmente se se deixaram prender a esses pecados voluntariamente. Os rabinos afirmam que as *más inclinações* começam tão finas quanto um *fio de cabelo,* mas terminam tão grossas quanto uma *corda de carruagem.*

Esses pecadores tinham de ver o juízo divino com os próprios olhos, pois, do contrário, não acreditariam. Cf. o pedido de certos homens ímpios que requereram um *sinal,* em João 6.30.

O Quarto Ai (5.20)

5.20

Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal. *Os que chamavam ao mal bem, e ao bem mal,* não poderiam escapar à retribuição divina por estarem andando no teto, de cabeça para baixo. Eles chamavam a luz de trevas, e as trevas, de luz. Também pensavam que o doce é amargo, e que o amargo é doce. Eram esses que removiam os marcos da terra e mudavam os sinais de beira de estrada para que apontassem na direção errada, a fim de confundir os viajantes e assim fazê-los viajar por longo tempo na direção errada. Este versículo aborda a depravação de homens que perderam sua compreensão moral, tornando-se especialistas em perverter as coisas. Naturalmente, a legislação mosaica era o guia dos homens (ver Deu. 6.4 ss.), mas aqueles homens há muito tinham abandonado a lei.

Existem indivíduos tão saturados pelo mal que são apenas isso, perversos. São cínicos acerca de qualquer coisa realmente boa. Para eles, o que funciona é que é bom. São ateus práticos ou, talvez, ateus tanto práticos quanto teóricos. Na vida deles não há lugar para Deus. E por certo Deus nunca os orienta. A consciência deles está fora das "influências divinas". As dez tribos do norte chegaram a preferir a adoração aos ídolos no território de Dã, ao culto a Yahweh em Jerusalém. Judá, bem na cidade de Jerusalém, à sombra do templo de Salomão, seguira curso semelhante.

O Quinto Ai (5.21)

5.21

Ai dos que são sábios a seus próprios olhos. Os *insensatos presunçosos* precisam ser repreendidos, pois, em suas pretensões, semearam confusão. "Considerando-se sábias e espertas, algumas pessoas não estavam dependendo do poder de Deus para livrar a nação. Pensavam poder proteger a si mesmas" (John A. Martin, *in loc.*). "O orgulho da razão auto-suficiente, que nega toda necessidade de compreensão dada por Deus, é um tema repetido na Bíblia (cf. Isa. 28.9-13; 29.14; 31.1,2; Jer. 9.23; Pro. 1.7; I Cor. 1.18-25)" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). Os governantes que eram sábios aos próprios olhos governavam por mudanças pragmáticas, e não em consonância com os ditames da lei de Moisés. Ver João 9.34-40.

O Sexto Ai (5.22,23)

5.22,23

Ai dos que são heróis para beber vinho. O profeta deu uma lista representativa dos tipos de pecadores que controlavam as coisas em Judá e em Jerusalém. Ele proferiu seis "ais" contra os beberrões, que aceitavam suborno. Já vimos como ele repreendeu os beberrões nos vss. 11 e 12. Esses, em sua maior parte, faziam parte da classe dos alcoólatras, que viviam festejando. Mas aqui temos governantes, juízes e príncipes bêbados, que se envolviam em suborno e traição. O profeta, usando de forte ironia, chamou-os de "heróis da garrafa", conforme se diria hodiernamente. Eram homens fortes, bem entendido, fortes na *bebedeira,* e não em atos heróicos de qualquer sorte. Não eram heróis de um bom governo nem homens valentes nos campos de batalha, que estivessem combatendo pela pátria. No entanto, ocupavam posições de mando que usavam para tornar-se cada vez mais ricos. Receber suborno era o principal meio de iludir seus semelhantes. Ver no *Dicionário*

e em Pro. 15.27 o artigo chamado *Suborno.* Isso posto, os inocentes eram condenados e executados, e os culpados eram libertados. Bastavam apenas duas ou três testemunhas para decidir um caso em tribunal (ver Deu. 17.6), pelo que um suborno bem colocado podia obter qualquer resultado mau desejado.

Mais Ameaças contra os Desobedientes (5.24-30)

5.24

Pelo que, como a língua de fogo consome o restolho. Os vss. 13-17 listam certo número de juízos divinos que em breve cairiam sobre o povo de Judá. Outras conseqüências da rebelião são dadas agora, por causa da desobediência às estipulações do pacto com Deus. Várias metáforas foram empregadas, muitas delas extraídas da natureza. Elaboradamente, o profeta ilustrou seu tema de julgamento com metáforas mistas. O *fogo* que devora o *restolho* (material sem valor); a *erva seca* é consumida nas chamas; *raízes,* que poderiam ter suprido nutrição e ser plantas úteis, capazes de sustentar a vida, apodrecem e nada produziam; e as *flores* do campo morriam e transformavam-se em poeira. Judá era semelhante a essas coisas, que pereciam tão fácil e absolutamente.

O Reforço dos Nomes Divinos. O Poder que efetuaria o julgamento era o Senhor dos Exércitos, o qual atingiria duramente a Judá com um exército e, de fato, o exército da Babilônia. Ver no *Dicionário* sobre esse título em I Reis 18.15.0 *Santo de Israel* não permitiria que Sua lei fosse desprezada em meio à libertinagem. Ver sobre esse outro título divino no *Dicionário* e em Isa. 1.4; 5.19; 10.20; 30.11,12; 31.1 etc. Ver também sobre *Deus, Nomes Bíblicos de,* no *Dicionário.*

O texto de conduta dos judeus era a lei mosaica. A lei, porém, havia sido violada. O pacto mosaico tinha^sido desprezado. Ver sobre isso na introdução a Êxo. 19.0 povo que tinha ignorado o pacto divino terminaria sem nenhum pacto no qual se estribar. O regozijo confuso daqueles ímpios terminaria na poeira da morte. A lei tornava Israel uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8). A violação da lei, entretanto, tomava o povo merecedor do julgamento divino, visto que eles tinham perdido a razão de sua existência.

5.25

Por isso se acende a ira do Senhor contra o seu povo. Após as metáforas, aparece uma *declaração direta:* o julgamento era inevitável; a ira de Yahweh estava prestes a explodir (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus).* E agora há outra metáfora: a poderosa *mão de Deus* estava estendida para ferir aqueles pecadores. Ver sobre *mão* em Sal. 81.14 e no *Dicionário.* E ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6.0 poder de Deus manifesta-se em Seu *braço* (ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1), bem como em Sua mão, que feria extraordinariamente. A nação de Judá estava prestes a receber uma golpe fatal. O golpe aplicado por Deus causaria um terremoto na Terra Prometida, e haveria cadáveres por toda a parte, espalhados pelas ruas. E a despeito do julgamento terrível, a ira divina apenas aumentaria ainda mais, e a mão de Deus só continuaria a golpear, pois estaria *estendida* por muito tempo. O cativeiro babilônico ocorreria em ondas. Não seria um golpe único. "As montanhas a tremer falam de Sua espantosa presença (ver Êxo. 19.18; I Reis 19.11; Jer. 4.24; Hab. 3.10)" (John A. Martin, *in* toe). O *terremoto* literal (ver a respeito no *Dicionário)* era uma das armas do arsenal de Deus, com a qual o Senhor atingiria os ímpios. O terremoto é termo também usado metaforicamente para indicar o julgamento divino. Pode haver aqui uma alusão a um grande terremoto ocorrido na época de Uzias (Amos 1.1).

Após cada golpe haveria outro golpe, até que nada mais restasse para ser golpeado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico,* que ilustra os muitos e esmagadores golpes que Deus administrou através daqueles soldados estrangeiros.

5.26

Ele arvorará o estandarte para as nações distantes. Yahweh é retratado primeiramente a convocar a Babilônia, mediante alguma espécie de sinal e então com um assobio fortíssimo que poderia ser ouvido de uma extremidade da terra à outra. Vendo a bandeira de guerra desfraldada e o som da trombeta para marchar, a Babilônia teria seus exércitos a caminho imediatamente. Naturalmente, os assírios já estavam presentes e tinham provocado danos imensos. De fato, alguns eruditos vêem aqui menção ao poder assírio. Mas o ataque dos assírios fora apenas um símbolo temido da pior situação que seria imposta por ocasião do cativeiro babilônico. A declaração "das extremidades da terra" poderia significar *povos de todos os lugares,* de vários pontos do mundo então conhecido. Isaías usou a expressão para indicar "povos de todos os lugares" (ver Isa. 5.26; 24.26; 40.28; 41.5,9; 42.10; 43.6; 45.22; 48.20; 49.6; 52.10 e 62.11).

E lhes assobiará para que venham. Possivelmente a metáfora pretende apontar para o assobio usado para atrair as *abelhas* de sua colmeia para os campos; e o mesmo assobio era usado para chamar de volta as abelhas. Cf. Isa. 7.18, onde a metáfora torna-se ainda mais evidente. Os exércitos inimigos viriam como um grande enxame de abelhas. Cf. esta metáfora com os gafanhotos, que representam numeroso exército, em Joel 2.25.

5.27

Não há entre eles cansado, nem quem tropece. O exército babilônico seria todo composto de homens valentes, que receberiam poder da parte de Yahweh, pois eram Seus servos pelo momento. Eles teriam toda a provisão divina para que pudessem cumprir seu papel. Sairiam correndo na direção de Jerusalém, e nenhum se cansaria do esforço, tal como a águia alça vôo em sua força. Nenhum soldado babilônio tropeçaria. Nenhum seria ferido ou ficaria adoentado ao longo do caminho. Nenhum se mostraria preguiçoso acerca de sua tarefa, nenhum dormiria ou ficaria sonolento. Seus cintos permaneceriam firmes em torno deles. Roupas frouxas não permitiam liberdade de movimentos. E, uma vez terminada uma tarefa, o cinto era retirado. "Um cinto, por conseguinte, denotava força e atividade, e afrouxar um cinto significava privar de forças ou tornar despreparado para a ação" (Adam Clarke, *in loc).* Cf. I Reis 20.11: "Não se gabe quem se cinge como aquele que vitorioso se descinge". Esta citação significa: "Não ajas como se já tivesses triunfado (afrouxando o cinto) antes que a batalha termine". Então nem um fio da sandália se quebraria, impedindo a marcha.

"Todas essas expressões mostram como os babilônios seriam incansáveis, diligentes, intensos e resolutos, e como se caracterizariam pela boa ordem em suas fileiras. Ver Joel 2.7,8" (John Gill, *in loc).*

5.28

As suas flechas são agudas, e todos os seus arcos retesados. *Três declarações* são dadas para reforçar a tese da invencibilidade do exército inimigo que se aproximava. 1. Suas flechas estavam prontas para matar, sendo agudas. 2. Seus cavalos tinham cascos de pederneira. Os cavalos, na antigüidade, não usavam ferraduras, pelo que cavalos com pés feridos eram sempre um problema. Mas isso não se daria com os cavalos dos babilônios, porque seus pés eram como rocha que não se quebra. O mesmo foi dito sobre os cavalos de Homero, que tinham patas de bronze *(Híada,* vs. 329, por exemplo). 3. E as rodas dos carros de combate dos babilônios eram rápidas como um redemoinho, sendo puxadas pelo cavalos mais rápidos e de maior qualidade. Tanto os assírios quanto os babilônios dispunham de exércitos com os melhores equipamentos e com os melhores cavalos (ver Isa. 22.6,7; 36.8).

5.29

O seu rugido é como o do leão. *O exército babilônico que avançava* vinha gritando e ameaçando para intimidar os adversários, e isso parecia tão aterrorizante quanto um ataque de leões. As vítimas eram apanhadas e despedaçadas. Nenhum poder sobre a terra poderia livrar Judá, e nenhum poder no céu haveria de querer livrar essa nação.

Arrebatam a presa, e a levam. Assim como os leões tomam suas presas de volta à cova deles, para compartilhá-las com os filhotes, os babilônios levariam os sobreviventes de Judá à Babilônia, e ali seriam efetuados festejos. Judias escolhidas terminariam em haréns; as virgens seriam defloradas e os homens seriam postos a trabalhar como escravos.

5.30

Bramam contra eles naquele dia, como o bramido do mar. Os assírios e babilônios (ver as notas em Isa. 1.7), tendo rugido como um leão, agora rugiriam como o mar. Ameaças e destruição havia naquele rugido, como se fora a destruição de navios no mar ou a inundação da terra. Se alguém contemplasse o mar, teria uma visão terrível, uma grande tempestade que podia destruir tudo. E se alguém olhasse novamente para a terra, também teria uma visão terrível: ali tudo eram trevas, e no meio de um temporal que apagara o brilho do sol. Sem importar para onde um homem olhasse, ele veria coisas espantosas e temíveis. Essas eram as condições que esperavam pela nação de Judá.

Capítulo Seis

O **Chamado e a Missão de Isaías** (6.1-13)

Esta é uma das mais bem conhecidas e usadas declarações proféticas da Bíblia. A passagem tem sido usada como base de muitos sermões e lições. E merece nossa cuidadosa consideração.

Observações:

1. *Notas autobiográficas.* Sabemos bem pouco sobre o profeta Isaías, mas há alguns poucos detalhes que ele mesmo nos oferece. Os capítulos 6 e 8.1-8,11-18 são memórias pessoais do profeta. E Isa. 7.1-17, ao que tudo indica, é fragmento de uma biografia provida por alguma outra pessoa.
2. Uma autêntica e pessoal *experiência mística,* uma visão de Deus, em termos que poderiam ser recebidos e compreendidos pelo profeta, aparece neste capitulo. Em tempos posteriores, essas (alegadas) experiências tornaram-se comuns na literatura apocalíptica, pelo que o pseudo-Enoque fez viagens tanto no céu quanto no hades, e teve toda a espécie de visões, mas quase certamente essas observações são apenas mecanismos literários para servir de pano de fundo das mensagens, e não experiências genuínas. Não há razão, contudo, para duvidarmos que o material que se segue representa uma experiência autêntica. Ver no *Dicionário o* verbete intitulado *Misticismo.*
3. *Cronologia.* Se as datas podem variar conforme variam os intérpretes, o vs. 1 fornece a data de cerca de 740 A. C, o fim do reinado de Uzias. Ver sobre o *Reino de Judá* no *Dicionário,* onde apresento uma lista dos reis de Judá, com uma breve descrição sobre cada um deles. Então chegamos ao ano de cerca de 734 A. C, quando Acaz repeliu as exortações de Isaías para que não apelasse ao rei assírio (ver Isa. 8.6 e II Reis 16.7), mas confiasse em Yahweh. Conforme é fácil de averiguar, as profecias iniciais (se não mesmo as finais) foram proferidas antes das principais tribulações pelas quais Judá passou com a Assíria, e é muito provável que as advertências sobre julgamentos apontem para tribulações causadas pelos assírios. Mas isso não significa que a Babilônia, que invadiria Judá mais de cem anos depois, também não esteja em vista.
4. *A Realidade.* Um dos-significados do capítulo 6 é aquele para o qual apontavam os ritos e as cerimônias, nos cultos do templo de Jerusalém, a saber, o poder de Yahweh. É uma grande coisa quando avançamos para além da forma e encontramos a essência da fé.
5. O *inicio* das atividades proféticas de Isaías. Não há maneira de determinar se esta visão ocorreu no começo do ministério profético de Isaías, ou se foi uma espécie de confirmação de um comissionamento anterior. Por semelhante modo, Pedro foi chamado e depois (por assim dizer) recomissionado por ocasião da ressurreição de Cristo (João 21). Em seguida, foi cheio de maior poder, no dia de Pentecoste (Atos 2). Se examinarmos a questão por esse ângulo, não há nenhum grande problema na questão, exceto a possibilidade de que este capítulo esteja fora da ordem cronológica.
6. *A natureza da visão divina.* João 1.18 diz que nenhum homem jamais viu ou poderá ver a Deus. A face de Deus é vista em Cristo, e, por isso, alguns intérpretes supõem que este capítulo do livro de Isaías deva ser uma manifestação, dada no Antigo Testamento, sobre o Logos (Cristo) preexistente. Mas isso é uma cristianização desnecessária do texto. As visões de Deus eram dadas de forma que os homens pudessem recebê-las e compreendê-las, e usualmente eram apresentadas em termo antropomórficos, o que, como sabemos, fica aquém de qualquer representação sã de Deus. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Antropomorfismo; Antropopatismo* e *Teofania.*
7. *A necessidade de algo mais do que livros, conhecimento e orações.* Também precisamos do toque do Espírito para o nosso próprio bem e para o bem daqueles que podem ser beneficiados por nossa espiritualidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

6.1

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor. *Uzias (ver* a respeito dele no *Dicionário* e o ponto dez do artigo chamado *Reino de Judá)* reinou por 52 anos e morreu em 740 A. C. Grosso modo, ele foi um bom rei, mas degenerou já perto do fim de seu reinado e foi julgado por meio da *lepra* ou de alguma outra enfermidade, visto que o significado da palavra hebraica *sara'at* é bastante lato. Quanto a essa palavra, ver a introdução a Lev. 13. A observação, feita aqui no livro de Isaías, pode ser apenas cronológica, mas alguns a vêem como um possível fator causai da visão. Nesse caso, isso permanece indefinido. Uzias, insensível diante do pecado, foi julgado. Em contraste, Isaías, o profeta do momento, era extremamente sensível diante do pecado, e a visão que ele recebeu tinha por objetivo equipá-lo para a sua tarefa naquela hora crítica.

Vi o Senhor. Ou seja, conforme a um homem é permitido ver a Deus, de alguma maneira compreensível, e não como Ele realmente é, o que João 1.18 diz ser impossível. Moisés teve permissão de ver a Deus pelas costas (ver Êxo. 33.23). A visão de Isaías seguiu linhas antropomórficas (ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo),* com sua cena da corte celestial: Deus estava sentado em um alto trono, como se fosse um monarca oriental. As orlas do seu manto enchiam o templo. O manto fala da realeza, majestade e autoridade real de Deus. Quanto à aeidade entronizada, cf. I Reis 22.19-23 e Eze. 1.4-2.1. O *trono,* neste caso, pode referir-se à arca da aliança, onde se manifestava a glória *shekinah.*

A Septuaginta, a Vulgata e o Targum omitem o manto, provavelmente porque pensaram ser isso por demais antropomórfico. O Targum substitui pelas palavras: "O templo foi cheio de seu esplendor".

Fazer esta visão referir-se a uma aparição pré-messiânica do Logos é uma cristianização exagerada do texto sagrado. Ver a *introdução* ao capítulo, sexto ponto.

6.2

Serafins estavam por cima dele. A visão segue as idéias da ortodoxia judaica. O céu é um lugar de anjos, pelo que temos aqui a menção aos *serafins* (ver no *Dicionário),* uma das espécies de anjos. A base dessa palavra é o termo hebraico *sarap,* "queimar". O zelo dos serafins era ardente, mas a visão provavelmente se refere ao aspecto visual brilhante dos serafins. Aqui os serafins são os principais atendentes de Deus, em Seu trono, bem como Seus primeiros-ministros. Cf. com as "quatro criaturas vivas" de Eze. 1.5-25 e Apo. 4.6-8, bem como com as *hostes celestiais* de Dan. 7.10. Ver também Núm. 21.6,8; Deu. 8.15; Isa. 14.29 e 30.6.

Seis asas. Com duas asas, os serafins cobriam o rosto (visto ser Deus elevado e santo demais para ser contemplado diretamente, enquanto eles estavam em uma posição humilde); com duas asas, eles cobriam os pés (com os quais serviam humildemente a Deus); e com duas asas, voavam (sendo capazes de realizar tarefas impossíveis para o homem). Foram dados outros significados dessa ordem, mas nada foi definido pelo profeta. A palavra "pés" pode representar toda a parte inferior do corpo, e, nesse caso, aqueles seres eram essencialmente cobertos pelas quatro asas, ocultos, misteriosos, gloriosos, e, no entanto, humildes diante de Deus. Os anjos de Ezequiel são equipados com *quatro* asas (Eze. 1.5,11). Os monumentos de Persépolis representam os *Amshashpands* (ministros de Deus) dotados de seis asas, duas das quais cobriam os pés. "Era grande sinal de respeito, no Oriente, cobrir os pés, bem como prostrar-se na presença do Rei" (Sir John Chardin).

6.3

E clamavam uns para os outros, dizendo. Esses seres clamavam uns aos outros com o *triságio,* o tríplice "santo, santo, santo", que enfatizava, com sua repetição, a elevada santidade de Deus, um de seus maiores atributos. Isso contrastava Yahweh com as divindades pagas, que eram representadas como seres parecidos com os homens, embora em maior escala, bons e maus, mas de forma alguma ligados à santidade. No judaísmo, o poder mais alto é também o supremo bem, sendo igualmente a mais elevada manifestação da santidade, após a qual todos os outros seres se esforçam em vã imitação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Santidade,* que encarece a necessidade de sermos santos, porque Deus é santo (ver Lev. 20.7).

Clamavam. Provavelmente devemos pensar aqui em um *cântico antifonal,* pois formavam um coro celestial de grande número e exaltação. Eles cantavam a santidade de Deus mediante a tríplice repetição de "santo, santo, santo". No idioma hebraico não havia o grau superlativo, e a repetição de uma palavra é um dos mecanismos para obter a noção do grau superlativo.

Santo, santo, santo
Senhor Deus Todo-poderoso;
Todos os santos Te adoram,
Lançando suas coroas de ouro no mar de vidro.
Querubins e serafins caindo ao redor de Ti
Que eram, são e sempre serão.

(Reginald Heber)

Ver o detalhado artigo chamado *Triságio,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* que dá uma nota de sumário sobre a "santidade de Deus", entre outras coisas. Cf. Apo. 4.8.

Glória. A glória de Deus foi vista a encher os céus, e assim também deverá encher a terra. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Glória.* Ver também Núm. 14.21 e Apo. 4.8. O Criador é exaltado em Sua criação, e Sua glória resplende a Seu redor.

O anjo do Senhor desceu,
E a glória resplandeceu em redor,
E a glória resplandeceu em redor.

(Nahum Tate)

6.4

As bases do limiar se moveram à voz do que clamava. Os alicerces do limiar tremeram diante da presença do Senhor, como se tivessem sido movidos

por um terremoto. Mas o poder por trás desse movimento era o coro antiíonal que entoava o *Tríságio.* No meio do estremecimento, subitamente a casa, o templo de Deus, encheu-se de fumaça, relembrando uma das manifestações de Deus no Sinai (ver Êxo. 19). A fumaça simbolizava a presença de Deus que era vista (conforme foi permitido) e sentida. Cf. Sal. 18.7,8; 97.2-5. A *fumaça* era a mesma coisa que a *nuvem,* que encheu o tabemáculo (ver Êxo. 40 e 34). Essa nuvem tanto revelava quanto ocultava a presença de Deus (ver Lev. 16.13). Era representada pela fumaça do incenso que sempre esteve no santuário de Jerusalém.

Bases do limiar. "Os pivôs da porta vibraram na soleira, em reação ao ruído do grande grito" (R. B. Y. Scott, *in* toe). Cf. Amos 9.1. Ver I Reis 8.10-13 quanto à nuvem de glória vista pelos sacerdotes nos dias de Salomão, por ocasião da dedicação do templo de Jerusalém. Cf. Apo. 5.8 e 8.4.

6.5

Então disse eu: Ai de mim! Estou perdido! Isaías, comovido diante da cena, foi avassalado por suas emoções, o que o levou a pronunciar o seu "ai!" contra si mesmo, pois, sendo ele apenas um mortal, não estava equipado nem era digno de tal visão. Ele tomou consciência de que os mortais não têm permissão para tais experiências e que elas são verdadeiramente raras. Cf. Êxo. 33.20. Se ele era um homem santo, contudo era *impuro,* em comparação com a santidade de Deus. Os lábios humanos são indignos de proferir a mensagem de Deus ou de unir-se àquele cântico celestial, o Tríságio. Dessa forma, foi enfatizado o grande golfo existente entre Deus e os homens, mesmo quando se trata de um homem como Isaías, um dos grandes profetas. Ademais, ele era membro daquela raça imunda, a nação de Judá, e habitava entre eles, tão plenos de pecados e.corrupções. Naquela visão, Isaías tinha visto o Rei de toda a terra, e não meramente um monarca oriental. Até os monarcas terrenos viviam distantes da presença popular, e somente alguns tinham permissão de dirigir-lhe a palavra. Contudo, o profeta Isaias entrara na presença do Rei celestial. "Diante de um Deus Santo, um homem pecaminoso não pode manter-se de pé (Êxo. 33.18-20)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Nenhuma boca humana pode anunciar a Sua glória, por causa de sua corrupção. Os "lábios" representam aqui a pessoa inteira. *Lábios* foi palavra apropriada para a declaração de Isaías, porquanto eram os *lábios* dos serafins que entoavam o cântico da santidade de Deus. Além disso, seriam os *lábios purificados de* Isaías que levariam a mensagem divina a Judá. "Ele era indigno tanto de aliar-se aos serafins e cantar louvores a Deus, como de ser o mensageiro de Deus ao povo. Cf. Êxo. 4.10; 6.12 e Jer. 1.6" (Adam Clarke, *in loc.).*

6.6,7

Então um dos serafins voou para mim trazendo na mão uma brasa viva. Uma brasa acesa foi tirada do altar e encostada nos lábios de Isaías, como símbolo de sua purificação. O profeta teve uma significativa experiência de santificação, antes que pudesse dar início ao anúncio da mensagem divina. Devemos entender ou que um carvão foi tirado de dentro do altar do incenso, ou então, em vez do carvão em brasa, foi aplicada aos lábios do profeta uma pedra chata, aquecida pelo fogo do altar usado para cozer pães (I Reis 19.6). O que o serafim fez foi um ato sacerdotal. Talvez Isaías fosse um sacerdote, além de pertencer à família real, sendo essa a razão pela qual a visão incluiu o templo celeste. Naquele momento, Isaías tomou-se sacerdote em um novo sentido, alguém ungido para ser um *profeta-sacerdote.*

Alguns estudiosos pensam que o "altar" era o altar dos holocaustos, e não o altar do incenso. Nesse caso, nos lábios do profeta foi usado o material inflamável empregado para queimar holocaustos. Ali havia continuamente fogo a queimar (ver Lev. 6.12). Podemos chamar o que o serafim fez de *ato simbólico;* porém, foi mais do que isso. Aplicado o poder divino purificador ao profeta naquele instante, ele nunca mais foi o mesmo homem. Ele já se distinguia entre o povo de Judá. Naquele momento, porém, recebeu *unção especial.* E verdade que grandes homens que realizam missões significativas são dotados de unção divina. Eles possuem dupla porção do Espírito. Assim como o fogo do altar jamais deveria apagar-se, a unção de Isaías serviria por toda a sua vida, e ele seria capaz de realizar sua missão. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Os acadianos e os egípcios tinham ritos de purificação da boca para oficiais sacerdotes, mas não há razão para supormos haver aqui um empréstimo literário. A iniqüidade tinha de ser perdoada e *removida.* Do contrário, Isaías não poderia ser o tipo de profeta de que Deus precisava para aquela hora. Assim sendo, apesar de viver augustamente nos céus lá do alto, Yahweh precisava utilizar instrumentos humanos, conforme se vê no vs. 8. Cf. Jer. 1.9, onde temos algo similar. Note o leitor que era o *fogo de Deus* que purificava. Certas coisas estão acima da capacidade humana.

6.8

Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei...? Enfão *o Próprio Yahweh Falou.* O Senhor estava procurando um mensageiro apropriado. Quem poderia ser esse mensageiro? O quadro, em Judá, era realmente negro. Seria necessário um grande homem, porque a tarefa era grande. Isaías, tendo sido preparado pelo fogo de Deus, foi capaz de responder: "Eis-me aqui, envia-me a mim". Antes de sua unção especial, ele não poderia ter respondido dessa maneira, pelo que temos aqui uma grande lição. A *preparação* é a chave para qualquer missão, porque combina o esforço humano com a unção divina.

É Deus quem nos dá capacidades,
Mas não sem as mãos humanas. Ele não poderia
Fazer os violinos de Antônio Stradivário
Sem o Antônio.

(George Elliot)

Há uma grande colheita que clama por trabalhadores. Muitos são chamados, mas poucos escolhidos. Poucos são os homens dotados de verdadeira unção.

Ouvi o Senhor da colheita
A chamar docemente,
Quem irá trabalhar por mim hoje?
Quem irá avisar os perdidos e moribundos?
Quem lhes mostrará o caminho estreito?
Fala meu Senhor,
Fala meu Senhor,
Fala, e Te responderei prontamente.

"Os grandes profetas eram homens que se postavam no conselho de Deus (cf. Amos 3.7), que podiam ouvir a Palavra de Deus e se sentiam comissionados e dotados para proclamá-la" (R. B. Y. Scott, *in loc).*

6.9

Então disse ele: Vai, e dize a este povo. *Vai e Dize.* O povo de Judá ouviria, mas não entenderia. Veria o que estava acontecendo, "Eis aqui um homem que diz ser um profeta do Senhor", mas não perceberia, realmente, o que se passava. Este versículo parece falar de *cegueira judicial.* O povo de Judá havia-se desviado muito de Deus e já estava sendo julgado pelo Senhor; a mensagem não seria atendida, mas fora dada para *confirmar* a rigidez daquele povo, e não para efetuar mudança. Naturalmente, haveria alguns que formariam o núcleo do remanescente judaico, o qual retornaria ao Senhor e viveria para ver um *novo dia.* Os vss. 9 e 10, portanto, são um paralelo de Mat. 13.13-15. Jesus narrou Suas parábolas a fim de que certas pessoas não as entendessem. Mas foi dado a poucos que as entendessem e agissem de acordo com os princípios do reino dos céus. Isaías foi informado, desde o começo, que sua mensagem não seria geralmente recebida, e também não haveria purificação nacional. Cf. João 12.40, que cita esta passagem de Isaías. Paulo repetiu tais palavras em Atos 28.26,27, da mesma maneira negativa, aplicando-as à sua própria missão, que *falhou,* se levarmos em conta as *massas populares.* A história se repetia, e com o mesmo povo rebelde. Paulo voltou-se, então, para os gentios.

6.10

Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos. *Atos Bloqueadores.* Considere o leitor os seguintes três pontos:

1. A mensagem pregada por Isaías faria o *coração* de Judá tornar-se *insensível,* deixado em seus luxos e excessos. Note o leitor o tempo verbal presente, que atua como imperativo: "Torna insensível o coração deste povo". O resultado seria certo. Eles ficariam com um entendimento estúpido, como se fossem gado, insensíveis, preguiçosos (Deu. 32.15).
2. Além disso, seus *olhos* ficariam pesados como um homem que tivesse tomado muito vinho e estivesse invencivelmente sonolento. E o resultado seria que eles não *veriam* nem compreenderiam o que estava acontecendo. Faltar-lhes-ia a orientação divina para aceitar as instruções dadas pelos profetas. Paulo foi enviado pelo Senhor Jesus para "lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz" (Atos 26.18), e a mensagem de Isaías teria esse efeito sobre os poucos escolhidos para renovar as coisas no futuro.
3. Os *ouvidos espirituais* do rebelde povo de Judá seriam fechados ao som da mensagem profética. Essa mensagem cairia sobre *ouvidos surdos.* Não seria ouvida e certamente não seria obedecida. Os esforços de Isaías falhariam no caso da grande maioria, porquanto essa maioria já estava sendo julgada por Deus. As coisas apenas ficariam piores.

Quando nós, em nossa ruindade, ficamos duros,
Os deuses acham por bem selar os nossos olhos.

(Shakespeare)

No Oriente havia dois atos terríveis que ilustram este versículo. Os olhos dos cativos eram arrancados, ou eram selados, de forma que um homem não podia mais enxergar. Os olhos de Judá seriam fechados espiritualmente, porquanto já estavam fechados. O coração ficaria mais insensível, pois já estava endurecido. Os ouvidos ficariam ainda mais surdos, porque, por vontade própria, eles já os tinham fechado para a Palavra do Senhor. Tudo isso é uma maneira metafórica de expressar a lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8).

6.11

Então disse eu: Até quando, Senhor? *Por Quanto Tempo?* A Isaías foi dada uma mensagem lúgubre, e seu coração ficou pesado de tristeza. Ele quis saber por quanto tempo estaria envolvido nessa missão. A resposta divina foi que isso ocorreria até que os assírios (e, posteriormente, os babilônios) tivessem completado o julgamento que havia sido proferido sobre Judá, sob o qual o povo de Israel, naquele mesmo instante, já sofria os estágios iniciais. Ver as notas em Isa. 1.7, e também o terceiro ponto da Introdução ao primeiro capítulo, intitulado *Cronologia.* Cf. Eze. 43.3.

> *Olha que hoje te constituo sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares, e também para edificares e para plantares.*
>
> (Jeremias 1.10)

6.12

E o Senhor afaste dela os homens. A *remoção* é uma referência ao *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário).* Isaías não viveu o bastante para testemunhar o evento, visto que ainda se passariam mais de cem anos até que esse cativeiro sucedesse. Além de ser destruída, Jerusalém e boa parte da nação de Judá perderiam sua *população.* A maior parte dos poucos sobreviventes seria levada, e apenas a *décima parte* da população ficaria na Terra Prometida. Essa parte estaria constituída, essencialmente, por pobres agricultores, que não representariam ameaça à Babilônia (vs. 13). A terra jazeria abandonada. As mulheres seriam feitas cativas e distribuídas entre os haréns já repletos da Babilônia; e os homens seriam reduzidos a meros escravos. Portanto, é claro que a comissão de Isaías consistiria em proclamar uma mensagem de condenação inevitável a um povo que já estava fora do alcance da redenção.

6.13

Mas se ainda ficar a décima parte dela tornará a ser destruída. Somente cerca da *décima parte* de Judá escaparia ao aniquilamento e subseqüente cativeiro. E seriam deixados os elementos mais pobres, as classes menos habilitadas, que não teriam inteligência, habilidade ou interesse de iniciar uma revolta contra os conquistadores. Cf. Isa. 5.17. Jerusalém não continuaria sendo uma grande cidade. Seria reduzida a uma terra de pastagem para fazendeiros pobres que ali fariam pastar suas ovelhas e cabras. E mesmo o pequeno remanescente sofreria ataques de soldados saqueadores e ladrões, que, gananciosamente, ficariam com o que restasse. O salário dos exércitos antigos era o saque.

A parte final do versículo é obscura e provavelmente está corrompida no texto massorético. As tentativas para traduzir essa porção do versículo têm terminado em confusão. Interpretando o texto conforme ele se encontra no texto hebraico massorético, aparentemente chegamos à idéia de que o terebinto (ou carvalho) deixava cair suas folhas no outono e, assim, parecia morto. Na primavera, porém, haveria vida nova na árvore aparentemente morta. Em outras palavras, Judá, quase destruída, teria essa condição revertida pelo retorno do remanescente, que faria a obra de reconstrução. E a *santa semente* (o remanescente purificado) tornar-se-ia de novo uma nação. Alguns estudiosos cristianizam o versículo, vendo o Messias como a *Santa Semente.*

Os papiros do mar Morto, em seu manuscrito do livro de Isaías, fornecem outra idéia, a saber: "Como um carvalho que é derrubado, e como o terebinto perto da coluna sagrada de um lugar alto". Isso parece dar a entender que Judá era como um carvalho nos lugares altos pagãos que seria cortado, e, aparentemente, se perderia. Mas então, *do toco,* um novo carvalho surgiria. Seria o remanescente que teria voltado, reiniciando a nação de Israel, após o retorno do cativeiro. Ver os artigos do *Dicionário* chamados *Massora (Massorah); Texto Massoréticos* e *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.*

A Unção do Homem. Isaías era o homem da hora, mas só seria capaz de realizar sua missão se recebesse a unção apropriada. Recentemente, meu irmão, que por muitos anos foi missionário no Congo (atual Zaire) e atualmente trabalha no Suriname, fez-me uma visita. Seu ministério tem sido quase apostólico, incluindo alguns poucos mas notáveis milagres (alguns dos quais narro no artigo denominado *Milagres,* no *Dicionário).* Ele tem três filhos que trabalham no campo missionário de sua estação. Perguntei se os seus garotos poderiam continuar o trabalho que ele estava fazendo, quando ele saísse da cena terrestre. Ele replicou contando-me o que aconteceu certa ocasião em que se ausentara por alguns poucos meses: "Os líderes da aldeia vieram ao meu encontro quando voltei. Eles se alegraram muito em ver-me de volta. O porta-voz disse: 'Quando você volta, o poder volta'". Meu irmão explicou-me que existe a questão da *unção.* Muitos podem trabalhar e desenvolver uma obra respeitável, mas alguns homens, dotados da *unção* divina, podem realizar uma tarefa distintiva. O profeta Isaías era um homem dotado de unção e cumpriu uma tarefa distinta.

Capítulo Sete

Isaías e a Guerra Siro-efraimita (7.1 - 8.15)

Suplemento Biográfico (7.1-17)

Estes versículos quase certamente representam uma peça de obra biográfica, escrita por alguém que não o profeta Isaías. Passamos da primeira pessoa ("eu") do capítulo 7 para a terceira pessoa ("ele") do capítulo 8. Outras porções biográficas do livro de Isaías podem ser os capítulos 20 e então 36 a 39. Esse suplemento naturalmente divide-se em duas partes: 1. O sinal de UM-RESTO-VOLVERÁ (vss. 1-9); 2. o sinal do Emanuel (vss. 10-17). Esta segunda parte é uma notável profecia messiânica. Depois do livro dos Salmos, Isaías é o livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento, e muitas dessas passagens certamente são messiânicas. Ver a seção VIII da introdução ao livro, onde ofereço uma lista das citações. Retornamos aos materiais autobiográficos em Isa. 8.1-8 e 8.11-18. Espalhados por toda a parte estão os oráculos de Isaías, as coisas que ele disse por força da inspiração divina. Os oráculos ocupam a maior parte da presente seção.

Pano de Fundo Histórico. Em adição ao que é dito nesta passagem do livro de Isaías, temos os relatos sobre Acaz, em II Reis 16 e II Crô. 28. Os registros assírios acerca de Tiglate-Pileser, em seus tratos brutais com estados circunvizinhos, também acrescentam detalhes. Ver sobre *Tiglate-Pileser* no *Dicionário.* Acaz, não querendo participar de uma aliança contra esse rei assírio, tentou aplacá-lo, chegando a introduzir o paganismo do tipo assírio em Jerusalém. Ver II Reis 16.7-16. Essa medida política deu certo por algum tempo, mas coisa alguma podia estancar a condenação eventual de Israel, administrada primeiramente pelos assírios e, mais tarde, pelos babilônios. Ver a seção II da Introdução ao livro de Isaías, quanto a idéias concernentes ao pano de fundo histórico.

O Sinal de UM-RESTO-VOLVERÁ (7.1-9)

A história da guerra siro-efraimita (734-733 A. C.) é contada em II Reis 16.1-20.

"O reinado inteiro de Jotão aparece entre os capítulos 6 e 7 de Isaías. A obra realizada por Isaías colocou-o na corrente principal da história, como registrado em II Reis 15 e 16; II Crô. 28 e nas inscrições assírias. Os fatos que devemos ter em mente são: 1. O reinado de Israel, sob o rei Menaem, já tinha-se tornado tributário da Assíria (II Reis 15.19,20). 2. O objetivo da aliança assinada entre Peca, usurpador atrevido e ambicioso, e Rezim, era organizar a resistência contra a Assíria, como aquela na qual Uzias tomara parte (Schrader, *Keil-Inschriften,* págs. 395-421, citado por Cheyne), embora primeiramente Jotão (II Reis 15.37) e depois Acaz aparentemente tenham-se recusado a fazer parte da confederação, e o objetivo do ataque dos reis aliados fosse ou forçar Acaz a aliar-se à confederação, ou então depô-lo, levando ao fim a dinastia de Davi e colocando no trono de Judá uma figura obediente a eles, provavelmente um sírio" (Ellicott, *in* toe).

O livro de II Reis diz-nos que Acaz já estava sendo atacado. Tentando obter ajuda dos assírios, Acaz tolamente entregou grande parte dos tesouros do templo e até sacrificou um dos próprios filhos em um rito pagão (II Reis 16.3,7,8). Dessa maneira, ele ignorou abertamente o conselho de Isaías, no sentido que nada tivesse com os assírios.

7.1

Sucedeu nos dias de Acaz. Os reis aliados e contra Judá eram: *Peca,* rei de Israel, e *Rezim,* da Síria, que formaram a aliança siro-efraimita. Ver sobre os nomes desses dois reis no *Dicionário.* Acima, dou o esboço do pano de fundo histórico da situação. Eles cercaram Jerusalém, mas não foram capazes de conquistá-la. Aterrorizado, o rei de Judá solicitou a ajuda dos assírios.

7.2

Deu-se aviso à casa de Davi. A expressão "casa de Davi" alude a Acaz, que pertencia à linhagem davídica de reis. Os inimigos foram identificados: Efraim (as dez tribos do norte) e a Síria. Sabendo que esses países eram mais fortes que

Judá, ele não tinha esperança de derrotá-los caso permanecesse sozinho. Seu coração, bem como o coração de todo o povo de Judá, tremia como as árvores de uma floresta, sob um forte vendaval. O pânico tinha-se apossado de Jerusalém. Acaz seria provocado a praticar atos insensatos, e ele não confiaria em Yahweh para reverter a maré, conforme era a recomendação de Isaías. Ver Isa. 32.2 e Jer. 4.11,12, bem como II Crô. 28.5-8.

7.3

Disse o Senhor a Isaías: Agora sai tu com teu filho. Isaías recebeu um oráculo especial para aquela ocasião; ele deveria dizer a Acaz que se desviasse da Assíria e enfrentasse sozinho os inimigos do norte. O rei Acaz estava fora das muralhas de Jerusalém, no fim do aqueduto do reservatório superior, verificando o suprimento de água de Judá e, sem dúvida, também suas defesas. Nos dias de Ezequias tinha sido construído um túnel para transportar água sem a necessidade de arriscar-se defronte de qualquer inimigo, mas o túnel ainda não transportava água. A exortação de Isaías de alguma maneira estava ligada à presença do filho do profeta, de nome UM-RESTO-VOLVERÁ (no hebraico, *Shear-Jasube).* Esse nome, ao que tudo indica, atuaria como *sinal* para o rei de Judá. De alguma forma, o filho do profeta deveria ser reconhecido pelo rei como um oráculo ambulante, presumivelmente devido ao significado do seu nome, que falava de esperança futura, posto que uma esperança não-imediata. O local exato da entrevista foi o campo do lavandeiro que, conforme o acaso ditaria, seria o lugar exato, 33 anos mais tarde, de onde Senaqueribe lançaria o seu desafio. O significado, nesse caso, seria que Judá sobreviveria à presente invasão, mas seria severamente derrotado na segunda invasão. Foi uma escolha difícil de ser feita, porém lógica. Seja como for, haveria perda de muitas vidas, conforme as profecias já tinham projetado. Judá não escaparia à punição divina somente por ter obedecido às palavras de Isaías neste ponto.

7.4

Acautela-te e aquieta-te; não temas, nem se desanime o teu coração. A mensagem de Isaías ao rei Acaz foi: "Ouve, aquieta-te e acalma-te. Não temas; encoraja-te". Os dois inimigos, continuou Isaías, "são tão fracos como dois tições fumegantes que estão quase apagando" (NCV). A feroz ira deles era mais espetáculo do que substância. Quando a guerra começasse, logo se lhes apagaria o fogo. O fato foi que ambos os homens morreram em 732 A. O A intenção dos invasores era dividir Judá em duas nações, e cada parte ficaria com um desses reis. Então, as duas "nações" se tornariam aliadas de Efraim e da Síria contra a ameaça assíria. Zombeteiramente, Peca foi chamado de filho de Remalias, que não pertencia à linhagem real. De fato, Peca era um usurpador e assassino que tinha tirado a vida de Pecaías, o rei que o antecedera (II Reis 15.25). No Oriente, chamar um homem pela frase de "filho de", e não pelo próprio nome, era considerado um insulto.

7.5,6

Porquanto a Síria resolveu fazer-te mal, bem como Efraim e o filho de Remalias. Os reis da Síria e de Israel, desprezíveis como eram, tinham entrado em aliança profana, arquitetando um plano diabólico contra Judá, para conquistar seu território e dividi-lo em duas partes, cada uma das quais se tornaria uma nação títere, manipulada pelos conquistadores. Elas teriam um rei vassalo facilmente controlado, e, presumivelmente, as duas nações resultantes tomar-se-iam aliadas deles contra a Assíria. E naturalmente os citados reis se enriqueceriam, saqueando o tesouro do templo. Para esses dois reis, pois, o empreendimento seria positivo sob todos os aspectos. O rei vassalo seria um certo "filho de Tabeel, presumivelmente um oficial sírio de pequena patente, que seria alguém fácil de manipular. Esse nome significa "Deus é bom", mas foi vocalizado, no texto hebraico, de tal maneira que significava "não bom". Essa era uma vocalização desprezadora, em consonância com a designação insultuosa de Isaías de "filho de", conforme dito nas notas expositivas sobre o vs. **4.**

7.7

Assim diz o Senhor Deus: Isto não subsistirá. Pela *autoridade* de Yahweh, conforme a informação que lhe fora dada no oráculo, Isaías afirmou que essa ameaça seria reduzida a nada. Os maus propósitos daqueles dois reis desprezíveis não permaneceriam de pé; antes, fracassariam; o que eles tinham planejado não aconteceria. Haveria reversões e alguma espécie de intervenção divina. O profeta, contudo, não forneceu detalhes quanto à questão. O rei Acaz simplesmente teria de acreditar que Isaías era um profeta verdadeiro e, realmente, tinha recebido a mensagem encorajadora. Mas, se ao rei Acaz restava alguma fé, ela falhou naquele momento. Acaz prosseguiria tentando realizar seus próprios planos.

7.8

Mas a capital da Síria será Damasco. Damasco era a cabeça (capital) da Síria, e Rezim era a cabeça de Damasco, mas todas essas cabeças em breve seriam decepadas pelo poder dos assírios. Se quisessem continuar cabeças, aqueles líderes deveriam permanecer em seus lugares, sem se lançar a quaisquer aventuras militares. No entanto, espicharam para fora o pescoço, e isso apenas facilitou o trabalho da Assíria em decapitá-los. Isaías, contudo, não forneceu detalhes sobre isso. Outra interpretação diz que aquelas *cabeças* permaneceriam onde estavam. Não se tornariam cabeças sobre Judá. As quedas da Síria e de Israel diante da Assíria aconteceram com poucos anos de intervalo.

A respeito de Efraim (Israel), Isaías teve uma profecia exata: Efraim cairia 65 anos depois que seu oráculo fora revelado. Naturalmente, isso não se revestiu de interesse especial para Acaz, porquanto aconteceria depois de seu período como rei. Está em pauta o *cativeiro assírio,* que ocorreu em 722 A. C. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* Então Israel (o reino do norte) deixaria de ser um povo. Os habitantes de Efraim foram deportados, e gente de outras nações ao derredor foi importada. Os poucos israelitas remanescentes casaram-se com os novos povos para ali trazidos, e o resultado foram os *samaritanos* (ver a respeito no *Dicionário).* Em 668 A. O houve uma deportação final (ver Jer. 41.5; Esd. 4.2), e esse pode ser o tempo exato aqui referido. Alguns intérpretes consideram este versículo uma glosa, ou seja, não faz parte do oráculo original e, portanto, não é uma profecia; antes, é uma nota de rodapé histórica, escrita após a deportação final.

7.9

Entretanto a capital de Efraim será Samaria. Agora temos um par de cabeças no tocante a Efraim: sua *cabeça* era a capital, Samaria; e o *cabeça* de Samaria era o filho de Remalias (Peca, o usurpador e homicida). Estava em mira o fim próximo da nação do norte e, se Acaz acreditasse na previsão, não se envolveria com a Assíria. Ele permitiria que Yahweh tomasse conta da ameaça vinda do norte. Mas, desacreditando do oráculo divino, ele prosseguiria em seu plano de envolver-se com a Assíria. Como resultado final, ele e seu reino (Judá) não seriam estabelecidos. Não muito no futuro, a Assíria invadiria e destruiria Judá, a despeito da aliança firmada. Um jogo de palavras aqui poderia ser traduzido em português como segue: "Se quiseres ter *certeza,* não poderás ficar *seguro".* O rei Acaz precisava confiar no *oráculo* que o profeta havia dado. Nisso, pelo menos por curto prazo, o desastre poderia ser evitado. No tocante ao longo prazo, várias predições tinham confirmado a inevitabilidade da violenta punição que seria aplicada a Judá. Ver a parábola da vinha (Isa. 5.1-7).

É provável que Isaías tenha percebido que o rei Acaz não acreditara em sua profecia, talvez mediante algum aspecto de seu rosto ou um gesto com as mãos. Foi por isso que Isaías disse: "Se não permaneceres firme em tua fé, não permanecerás de pé de forma alguma!" (NIV)

O Sinal do Emanuel (7.10-16)

Já vimos o *sinal de UM-RESTO-VOLVERÁ* (vs. 3). Agora acompanharemos outro sinal que Isaías deu a Acaz, o rei. Foi o *sinal do Emanuel,* que também falava em *livramento.* O profeta recebeu outro oráculo, provavelmente tratando do mesmo problema ventilado nos vss. 1-9 (ver a introdução àquela seção). O rei e seus conselheiros provavelmente ainda hesitavam em seguir ou não a orientação de Isaías acerca de não obter a ajuda da Assíria para afastar o ataque que partiria do norte (a aliança de Israel com a Síria). Ver as notas na introdução ao vs. 1 quanto a detalhes sobre a situação histórica que provocou os dois sinais.

Alguns intérpretes divorciam o sinal do Emanuel do contexto, tornando-o apenas uma profecia messiânica pelas interpretações místicas ou alegóricas. Abordo essa questão nos comentários sobre o vs. 14 deste capítulo.

7.10

E continuou o Senhor a falar com Acaz. Ou seja, o Senhor falou com o rei por meio de outro oráculo dado a Isaías. A palavra "continuou" é uma referência ao sinal anterior de "UM-RESTO-VOLVERÁ" (vss. 1-9). O segundo sinal, *o sinal do Emanuel,* reforçou o primeiro, novamente exortando o rei a não se imiscuir com a Assíria e a deixar que Yahweh providenciasse o livramento da aliança das duas nações do norte (Israel e Síria), que já tinham começado a invadir Jerusalém.

7.11

Pede ao Senhor teu Deus um sinal. A fim de reforçar o aviso anterior (ver o vs. 9), o profeta ofereceu a Acaz a oportunidade de receber *outro sinal* da parte de Yahweh, que foi descrito como o Deus do rei (Elohim). Ele poderia pedir qualquer coisa que quisesse, qualquer coisa tão elevada quanto os céus acima, ou tão baixa quanto o *sheol* abaixo. Em outras palavras, nenhuma limitação seria imposta ao pedido de Acaz. Isaías tinha tremenda confiança em seu poder de comunicar as mensagens divinas. O rei poderia requerer algum sinal fora do terreno real da experiência humana. Diz o Targum: "Solicita que um milagre seja feito por ti, na terra; ou que um sinal te possa ser mostrado no céu". Se algum sinal visível fosse concedido, então o rei Acaz demonstraria confiança nos oráculos transmitidos.

7.12

Acaz, porém, disse: Não o pedirei. O idolatra rei Acaz *desempenhou um ato piedoso,* afirmando que não tentaria ao Senhor mediante tal pedido. Presumivelmente ele era um homem de fé que não precisava de sinais e não submeteria Yahweh a testes. Aquele pecador confirmado não tinha interesse pelas realidades divinas e resolveu "não fazer o jogo do profeta". Ele era um cético confirmado. Não acreditava que pudesse ser dado um sinal, nem que, se um sinal fosse dado, teria alguma aplicação à sua vida.

7.13

Então disse o profeta: Ouvi, agora, ó casa de Davi. Isaías não ficou impressionado com o ato de piedade fingida de Acaz. Por isso, em vez de dar ao homem um sinal nos céus ou na terra, repreendeu-o violentamente. Dirigiu-se à "casa de Davi" (especificamente o rei), porquanto ele representava a dinastia davídica. Por meio de sua apostasia, essa casa tinha cansado homens bons; e quanto mais Deus estava cansado de toda aquela iniqüidade e hipocrisia? Ademais, o rei tinha acabado de cansar Isaías e Yahweh, ao rejeitar agir com base no sinal de UM-RESTO-VOLVERÁ (vs. 3). Deus tinha revelado o que deveria ser feito, visando o bem de Judá; porém, sábio aos próprios olhos, o rei Acaz seguiu adiante com seus próprios planos, ignorando o oráculo. "Não!", replicou o profeta. 'Tu não submeterás Deus a teste, mas te mostras jactancioso e negas ao Senhor, e O cansas a ponto de a paciência divina chegar ao fim. Gostes ou não disso, eis que te dou outro sinal!" (G. G. D. Kilpatrick, *in* toe, com alguma modificação).

Ao meu Deus? Notemos que aqui o profeta distinguiu entre o deus de Acaz e o *seu próprio* Deus. Natealidade, eles não tinham o mesmo Deus. Acaz estava envolvido em idolatria e perversões, e assim apostatara do Deus de Israel, Yahweh.

7.14

Portanto o Senhor mesmo vos dará sinal. Este versículo, altamente controvertido, pode ser mais bem explicado se considerarmos quatro interpretações possíveis:

I. A Interpretação Histórica Somente. Considere o leitor os seguintes cinco pontos:

1. O *sinal do Emanuel* (vss. 10-17) corresponde ao *sinal de UM-RESTO-VOLVERÁ* (vss. 1-9). Ambos eram sinais históricos, aplicados àqueles tempos, e não a um tempo distante no futuro. Ambos diziam respeito à advertência ao rei Acaz para não envolver-se com a Assíria, porquanto Deus faria cessar a aliança nortista (Israel e Síria), em sua tentativa de apossar-se da nação do sul, Judá.
2. Sem importar se o nascimento virginal de Jesus é verdade ou não, teria de ser demonstrado com base em outros textos e através de outros argumentos. A palavra hebraica aqui, *'almah,* significa "mulher jovem" (em idade de casar-se). Não é o equivalente exato do vocábulo grego *parthenos,* que verdadeiramente significa *virgem.* Essa tradução foi introduzida na Bíblia pela Septuaginta, que traduziu erroneamente o hebraico. A palavra "virgem", no hebraico, é *bethulah.* Embora se esperasse, dentro da cultura hebraica, que uma mulher jovem e solteira fosse virgem, as duas palavras não são sinônimas e não deveriam ser tratadas como tais. A aparição da palavra *parthenos,* no Novo Testamento (ver Mat. 1.23) foi uma perpetuação do erro de tradução cometido na Septuaginta. E o uso pelo autor do evangelho de Mateus foi uma *acomodação* ao seu dogma, e não uma verdadeira tradução do que Isa. 7.14 significa originalmente. Por "acomodação" queremos dar a entender o uso de um texto do Antigo Testamento, desconsiderando seu significado original, porque as palavras *se prestam* para o novo significado.
3. O bebê que nasceria no futuro foi chamado aqui de *Emanuel* porque o sentido de Seu nome, tal como o sentido do nome *Shear-Jasube* (vs. 3) — UM-RESTO-VOLVERÁ — revela o sentido do sinal. "Emanuel" significa "Deus conosco". Isso quer dizer que, se o conselho de Isaías fosse aceito pelo rei Acaz, e este não se aliasse ao rei da Assíria, então Deus, estando com Judá, livraria a nação da ameaça que vinha do norte.
4. Notemos que o bebê Emanuel não seria pessoalmente o libertador, mas somente um sinal da libertação. De fato, se Acaz aceitasse o conselho do profeta Isaías, o livramento de Judá ocorreria muito antes do nascimento do bebê. E o vs. 16 confirma esse ponto de vista.
5. O bebê que nasceria talvez fosse outro filho de Isaías; ou talvez fosse um filho do próprio rei Acaz com uma nova esposa. Ou então alguma outra donzela, que eles conheciam, seria a mãe escolhida do bebê. O importante não era quem seria a mãe, mas o *nome* dado ao bebê é que seria o sinal de livramento. Nada há no texto que fale de um nascimento miraculoso, quanto ao segundo sinal, tal como não houve nada de miraculoso do sinal do filho de Isaías, UM-RESTO-VOLVERÁ. Os sinais estavam nos *significados* dos nomes.

II. A Interpretação Profética Somente. Considere o leitor estes cinco pontos:

1. A profecia é messiânica e foi dada a Isaías por causa da similaridade entre as duas situações: livramento necessário para Judá da invasão nortista; livramento providenciado para o mundo inteiro.
2. Mesmo que a palavra hebraica *'almah* não signifique, primariamente, *virgem,* Mateus corretamente lhe deu esse sentido, por inspiração divina, o que ultrapassa o mero significado da palavra. Aquilo que e dado por inspiração divina transcende a qualquer consideração de acomodação.
3. *Emanuel* seria *Deus conosco* no sentido amplo do Messias e de Sua missão em favor de todos os homens. A profecia foi dada "à casa de Davi", e não a Acaz.
4. O próprio Emanuel seria o *libertador.* O vs. 16 não deve ser tomado tão literalmente.
5. O bebê nasceria da virgem Maria, pois esse é o ensinamento dos evangelhos de Mateus e Lucas. Mais do que mero nome está envolvido; uma pessoa é que faria a diferença, Jesus Cristo, Aquele que livra o mundo de todos os pecados.

III. A Interpretação Histórica e Profética. Não há razão para uma severa dicotomia que nos force a aceitar a primeira ou a segunda interpretação. Portanto, que o leitor considere estes cinco pontos:

1. A profecia tem ampla aplicação à época de Isaías; o livramento de Judá poderia ter sido obtido se Acaz obedecesse às orientações do profeta. Mas isso simbolizava maior livramento a ser cumprido na esfera universal, e não em uma esfera local. Não precisamos supor que o próprio Isaías compreendeu as implicações a longo prazo de sua profecia, que transcendiam ao seu entendimento.
2. Quanto a uma aplicação histórica, não temos de entender o vocábulo hebraico *'almah* com o sentido de "virgem", mas quanto à aplicação profética (a parte messiânica) essa é a maneira pela qual o compreendemos.
3. Quanto à aplicação histórica, o sentido de *Emanuel* se aplicava àquela época. Mas, quanto ao tempo profético (messiânico) referido, somente pode estar em escopo o Logos encarnado.
4. Havia um livramento sugerido para os dias de Isaías; quanto ao tempo profético (messiânico), está em vista Cristo, o Libertador.
5. Quanto ao tempo histórico, o bebê teria um nascimento natural; quanto ao tempo profético (messiânico), pensamos em um nascimento sobrenatural.

IV. A Interpretação de Aplicação Espiritual. Mesmo confessando que a primeira das três interpretações é a correta, faríamos bem em não furtar a igreja da piedosa aplicação do texto ao Messias. Não precisamos supor que Isaías compreendeu a questão nesses termos. As palavras tendem a uma aplicação espiritual, e há valor naquilo que tem sido reconhecido pela igreja através dos séculos. Uma das grandes doutrinas da cristandade é que "Deus está conosco". O altar mais elevado não é aquele que foi erguido ao Deus desconhecido, mas aquele que eleva os homens a Deus, por meio da missão do Messias.

A misericórdia tem um coração humano;
A piedade tem uma face humana;
O amor faz a forma humana tornar-se divina;
E a paz usa uma vestidura humana.

(William Blake)

O *Emanuel,* tendo assumido forma humana, eleva os homens a Deus, para que possam compartilhar da natureza divina (ver Rom. 8.29; I João 3.2; II Cor. 3.18). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Emanuel.*

7.15

Ele comerá manteiga e mel. Coalhada e mel sugerem alimentos simples, ingeridos em tempos relativamente difíceis. A criança amadureceria até ter noções de responsabilidade moral. Esse é o Emanuel da história que, como criança, cresceu. Ele ainda seria uma criança quando a profecia de Isaías se cumpriu-se. Mas o rei Acaz prosseguiu com seus próprios planos e não atendeu aos conselhos de Isaías. Depois que Tiglate-Pileser derrotou a Síria e matou a Rezim, Acaz foi a Damasco encontrar-se com o monarca assírio (ver II Reis 16.7-10) e imiscuiu-se no paganismo e na transigência.

7.16

Antes que este menino saiba desprezar o mal... será desamparada a terra. Quando o menino ainda era muito pequeno, não tendo ainda chegado à idade da responsabilidade moral, de conhecer o bem e o mal, teria cumprimento a profecia de Isaías concernente às potências do norte. Ela parecia uma tremenda ameaça, mas, na verdade, não era. Peca foi morto por Oséias, filho de Elá, que reinou em lugar daquele (ver II Reis 15.30), e Rezim foi morto pelo rei da Assíria (II Reis 16.9). Mas Acaz deu continuidade a seus planos na tentativa de aplacar a Assíria, e caiu sob pesados tributos; e maiores terrores ainda em breve se seguiriam (ver Isa. 7.17-25; ver também 1.7). Os judeus marcavam a idade de distinguir o bem do mal aos três anos e, assim sendo, a profecia de condenação proferida por Isaías acerca da aliança nortista não demorou muito para ser cumprida. "Terra", neste caso, são as terras do norte, Efraim e Síria, e não a Palestina em geral. Como é óbvio, estamos tratando aqui do Emanuel histórico, que se tornou outro

PROFECIAS MESSIÂNICAS EM ISAÍAS

Essências das Professias	Isaías	Novo Testamento
O Messias, o servo de Deus	49.1	Mar. 10.45; 14.24
Nasceu da virgem	7.14	Mat. 1.23
Da linhagem de Davi	11.1,10	Mat. 1.1
Recebeu seu poder do Espírito	11.2,42:1	Mat. 3.16
Gentil com os fracos	42.3	Mat. 11.29-30
Obediência absoluta	50.4-9	Heb. 12.8
Servo sofredor	50.6; 53.7-8	Rom. 4.25; I Ped. 2.4
Rejeitado por Israel	49.7; 53.1,3	João 1.11
Carregou os peGados do mundo	53.4-6; 10-12	João 1.29
Triunfou sobre a morte	53.10	ICor. 15.4; Efé. 4.10
Será exaltado	52.13;53.12	Rl. 2.9
Confortará Israel e julgará os pagãos	61.1-3	Rom. cap. 9
Manifestará a glória de Deus	49.3	joao 1 *i.o*
Restaurará Israel	49.5,8	Rom. 11.26
Reinará no trono de Davi	9.7	Luc. 1.32
Trará alegria para Israel	9.2	Rom. 11.26-32
Fará novo pacto com Israel	42.6; 49.8-9	Rom. 11.25-29
Restaurará as nações	11.10	Heb. 8.6-13; Mat. 28.19,20
Uma luz para os gentios	42.6; 49.6	Mat. 4.16; João 1.9
Adorado pelos gentios	49.7; 52.15	Apo. 5.14; Heb. 10.22
Governará o mundo	9.6	Apo. cap. 21
Julgará com retidão, justiça e fidelidade	11.3-5; 42.1,4	João 16.8-11

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores carregou sobre si, e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

Isaías 53.4,5

*** *** ***

Naquele dia recorrerão as nações à raiz de Jessé que está posta por estandarte dos povos.

Isaías 11.10

*** *** ***

De fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as cousas...

Efésios 1.10

sinal de que a profecia de Isaías, contra a ameaça constituída pela aliança entre Israel e a Síria, em breve teria cumprimento.

A Invasão Vindoura (7.17-25)

7.17

Mas o Senhor fará vir sobre ti, sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai. As insensatas tentativas do rei Acaz em conciliar a Assíria fracassariam. Os vss. 18-25 contêm *quatro ameaças,* duas das quais concernentes à invasão assíria. As outras duas descrevem a ruína resultante da Terra Prometida. Não há certeza se essas predições dizem respeito a Israel ou a Judá. Se dizem respeito a Israel, então as datas envolvidas são cerca de 740-738 A. C. Mas, se Judá está em vista, então as datas envolvidas são cerca de 734-721 A. C. Aqueles dias seriam os piores que Israel e Judá veriam, desde a divisão do reino de Israel em dois países, o que ocorreu em 931 A. O, quando Reoboão e Jeroboão foram instrumentos desse tremendo desastre. O presente versículo enfatiza que o poder divino estava por trás dos exércitos assírios, pois tanto Israel quando Judá mereciam o que receberam, e Yahweh é o verdadeiro diretor da história da humanidade.

II Crô. 28.19,20 informa-nos que Yahweh humilhou Judá, apequenando-a e ^deixando a nação despida. Tiglate-Pileser assediou Acaz, mas isso foi apenas o ato precursor da devastação imposta por Sargão e Senaqueribe, bem como suas temíveis invasões. Durante o reinado de Ezequias, filho de Acaz, Senaqueribe, rei da Assíria, invadiu Judá e capturou todos os centros importantes de população, excetuando Jerusalém, mas chegou até ali com muitas ameaças e mortes (ver II Reis 18.13-17). Situação muito pior ainda seria quando a Babilônia se tornasse a principal potência dTterra.

7.18

Porque há de acontecer que naquele dia assobiará o Senhor às moscas... e às abelhas. Yahweh, que controla os eventos no mundo, assobiará ou "chamará com sons agudos", como fazia um pastor quando convocava suas ovelhas (ver Juí. 5.16; João 10.3). Mas o sonido atrairia *moscas* e *abelhas*, ou seja, exércitos estrangeiros que viriam ferroar e ferir. Cf. Êxo. 8.16-24; Sal. 118.12. Durante o reinado de Ezequias, Senaqueribe, rei da Assíria, invadiu Judá. O Egito foi convidado a ajudar contra a invasão dos assírios (ver Isa. 30.1-5). Jerusalém foi miraculosamente salva por um ato divino (ver Isa. 36 e 37). As *moscas* falam do Egito, e as *abelhas* falam da Assíria, estando em vista o grande número e a forma ameaçadora de se comportarem. O apelo feito ao Egito foi prejudicial a Judá, pois aquele povo também se tornou um inimigo para o povo de Deus. O Faraó Neco matou Josias e pôs o filho deste, Jeoacaz (que reinou após ele), sob custódia, e fez subir ao trono de Judá o irmão dele, Eliaquim. Foi assim que Judá se tornou tributário do Egito (ver II Reis 23.29-35). Dessa maneira o Egito transformou-se numa praga de moscas para Judá (cf. Êxo. 8.21). Essa foi *a primeira ameaça.*

7.19

Elas virão, e pousarão todas nos vales profundos. Este versículo descreve o *resultado* das ameaças do vs. 18. Os inimigos convocados por Judá acamparam-se nas ravinas profundas e nos outeiros, e até mesmo nos espinheiros e perto dos lugares onde havia água, ou seja, por *toda a parte.* Eles ocupariam as áreas inúteis, infestadas de espinhos, mas também as pastagens. Não haveria como escapar das tropas egípcias. As casas dos pobres e dos ricos estariam sujeitas ao saque. As abelhas e moscas fariam de cada centímetro de espaço em Judá seus lugares de habitação. O autor sacro estava descrevendo uma praga horrenda.

7.20

Naquele dia rapar-te-á **o Senhor com uma navalha alugada doutro lado do rio.** A Assíria foi aqui retratada como um homem que viesse munido de uma navalha para rapar todo o cabelo da cabeça de Judá e toda a sua barba, ou seja, sujeitá-lo e humilhá-lo, pois esse país ficaria nu, sem o cabelo e a barba tão valorizados pelos judeus. Nem mesmo os pêlos dos pés (embora poucos e preciosos) seriam poupados. Estava em foco o desnudamento completo, simbolizando o saque total da Terra Prometida pelo inimigo do norte, a Assíria. O inimigo foi chamado de "cabeludo" porque Acaz tentou alugar os assírios para impedir exatamente o que acabou acontecendo. *Privação* e *humilhação* eram os nomes do jogo. Rapar a barba simbolizava esse desnudamento da população (ver Jó 1.20; Isa. 15.2; Jer. 47.5; 48.37; Eze. 7.18; Amos 8.10; Miq. 1.16).

"Os assírios foram instrumentos de Deus para devastar a Judéia, tal como uma navalha rapa todo o pêlo à sua frente (ver Isa. 10.5,10); *alugada* alude ao ato de Acaz ter alugado as tropas assírias (ver II Reis 16.7,8). Tiglate-Pileser foi alugado para fazer estacar a Síria e Israel" (Fausset, *in* toe). Ademais, as ações de Judá foram uma espécie de compra da Assíria. Estupidamente, Acaz procurou favor da parte de um inimigo implacável, que no fim ignoraria o jogo da conciliação. Essa foi *a segunda ameaça.*

7.21,22

Naquele dia sucederá que um homem manterá apenas uma vaca nova e duas ovelhas. Em resultado da *concretização* da segunda ameaça, os homens seriam reduzidos a relativa pobreza. Eles teriam poucos animais domésticos e sobreviveriam do leite desses animais (vs. 22), que seria transformado em coalhada. Além disso, seriam capazes de encontrar mel nas florestas, e assim a subsistência seria em parte extraída de fontes naturais. A Terra Prometida seria reduzida a termos muito humildes, de mera sobrevivência. Cf. o vs. 15, onde o Emanuel histórico também seria uma criança bastante pobre. Esses tempos de mera sobrevivência logo dariam lugar a um desastre ainda maior, quando os babilônios tomassem a Terra Prometida e exilassem o remanescente, após grande matança. Nessa oportunidade, Judá perderia a Terra Prometida, e não apenas os luxos aos quais estava acostumado.

O homem que tivesse uma vaca e duas ovelhas era um pobre aldeão, mas podia sobreviver com esse tanto de gado, se também tirasse proveito de alguma plantação e de mel que achasse nos campos e nas florestas. Cf. II Sam. 12.1-3. A alimentação dos povos nômades era assim pobre, pelo que Judá seria reduzido à condição nômade, embora não estivesse perambulando de lugar em lugar.

"Não somente cessaria a civilização, conforme a tinham conhecido, mas os rebanhos que antes eram contados aos milhares seriam então contados em dois ou três" (Ellicott, *in* toe). Essas palavras eram um lembrete escarninho da terra proverbial onde havia leite e mel (ver Êxo. 3.17).

7.23

Também naquele dia todo lugar, em que houver mil vides. Naquele dia, as coisas ficariam tão apertadas para os judeus que, onde houvera antes vides em abundância, agora eram lugares cheios de espinhos e abrolhos. Antes, havia ricas colheitas agrícolas, mas agora praticamente nada haveria. Essa *terceira ameaça* é contra a agricultura, a fonte de riquezas de Israel e de muitos outros países, bem como os meios de sobrevivência no que tange à alimentação. As vinhas, que tinham alcançado o valor de cerca de 25 libras de prata (mil sidos) de renda anual, por videira, agora eram apenas lugares onde havia ervas daninhas. Quanto ao *sido,* ver Êxo. 30.13 e Lev. 27.25. É impossível calcular o valor de compra de 25 libras de prata, mas o autor sacro pensava em termos de *prosperidade* provida pela agricultura, que não era fácil de conseguir. O cultivo de plantas agrícolas tinha sido substituído por alguns poucos animais domésticos que perambulavam ao redor e alguns recursos naturais que não precisavam de esforços especiais para serem produzidos.

As 25 libras de prata poderiam significar: 1. o valor pelo qual cada vinhedo era vendido; 2. ou o custo para alugar uma vinha (por parte de agricultores de aluguel); 3. A renda anual de cada vinhedo. O profeta Isaías não deixou claro o que quis dizer exatamente.

7.24

Com flechas e arcos se entrará aí. Esta é a *quarta ameaça,* embora o sentido das palavras não seja claro. Várias idéias têm sido apresentadas:

1. Os invasores vindos do norte (o exército assírio) desceriam de Judá como um bando de caçadores, efetuando colossal matança.
2. O povo de Judá seria reduzido a defender sua pátria com arco e flechas, pois seus cavalos e carros de combate tinham-se perdido.
3. Ou então, economicamente, Judá ficaria tão reduzido que teria de voltar a caçar animais ferozes para ter o que comer.
4. As moitas de espinhos tornar-se-iam o esconderijo de lobos e chacais, hienas e ursos, e os homens teriam de levar consigo armas para proteger-se dos assaltos da natureza, que tinham avançado sobre a civilização. A terra tomar-se-ia selvagem, um lugar de perigos naturais constantes, ao passo que antes era fonte de bênçãos e de abundância.
5. Jarchi faz das feras metáforas de gatunos, ladrões e assassinos, os quais se aproveitariam do caos geral para praticar seus crimes.

Concordando com a terceira dessas cinco interpretações, a NCV diz: "A terra tomar-se-ia selvagem e útil como um terreno de caça".

> *Algo na ordem da criação sairá errado. Os pássaros piam contra nós. O sol nos requeima. A natureza nos derruba por terra. O temor deixa a mente desnorteada. Sim, algo na ordem da criação sairá errado. Quem é o responsável por todas essas crises, por toda essa transição, por toda essa dor?*
>
> (Russell Champlin)

7.25

Quanto a todos os montes, que os homens costumam sachar. Os resultados da quarta ameaça (ou, talvez, de todas as cinco ameaças) aparecem neste versículo. A terra costumava ser cultivada mediante os ciclos de revolução da

terra, plantio e finalmente colheita; e isso produzia abundância. Agora, entretanto, a terra, antes fértil, estava coberta de mato daninho e espinheiros. Naquela desolação, os pobres agricultores judeus seriam capazes de criar apenas alguns poucos animais domésticos, e deles extrair a mera sobrevivência. "Isso implica um estado de miséria quando as planícies ficariam desertas por causa do medo, e somente as colinas seriam cultivadas pelos poucos que escapassem" (Fausset, *in loc.).* As versões da Septuaginta, da Vulgata Latina, do siriaco e do árabe sugerem que as colinas desfavoráveis, tão recobertas por espinhos e mato daninho, seriam os únicos lugares restantes de pastagem. O Targum não vê ali terras de pastagens, mas um lugar onde os poucos animais domésticos podiam deitar-se. *Desolação* era o nome próprio da condição da Terra Prometida.

Capítulo Oito

Invasão e Cativeiro Assírio (8.1-22)

Sinal de RÁPIDO-DESPOJO-PRESA-SEGURA (8.1-4)

Nos vss. 1-8 e 11-18, temos **a** contribuição final do livro, na forma das memórias pessoais de Isaías. Somos informados sobre o seu chamamento, quando **o** rei Acaz rejeitou seu ministério e convidou a Assíria para ajudar contra a invasão do norte, de Israel (Efraim) e da Síria (Arã). Ver a introdução ao capítulo 7 quanto a informações a respeito.

Estando totalmente paganizado, Acaz entregou os tesouros do templo de Jerusalém para comprar a proteção da Assíria; e instalou um altar (copiado de um altar visto por ele em Damasco) para substituir o altar de Yahweh. Portanto, os vss. 16-18 dão a impressão de que Isaías se retirou do ministério público pelo menos por algum tempo, esperando o cumprimento de suas profecias. Ele continuou a ver a queda da Síria e de Efraim como certa. Ver também Isa. 7.7-9,14,16. E então apresentou um terceiro sinal (além dos sinais de UM-RESTO-VOLVERÁ (7.3) e do Emanuel (7.14)), a saber, o sinal de RÁPIDO-DESPOJO-PRESA-SEGURA (8.1). Isso serviu de afirmação das outras profecias acerca da queda dos invasores vindos do norte.

8.1

Disse-me também o Senhor: Toma uma ardósia grande. Um novo *oráculo* apresentou um *novo sinal.* Isaías foi instruído a escrever o sinal sobre uma ardósia grande, para deixá-lo claro e preservado. É por isso que temos essas palavras do terceiro sinal no livro de Isaías, até hoje. O profeta precisava de encorajamento. A rejeição à sua mensagem o deixou chocado, embora ele tivesse sido avisado de que sua mensagem endureceria os corações, em vez de torná-los obedientes, e que os olhos e ouvidos dos ouvintes seriam fechados, em vez de abertos, porquanto o julgamento judicial já havia começado a atuar. Judá tinha-se afastado demais de Deus, em sua apostasia, para ser restaurado. Ver Isa. 6.10.

O *escrito* na ardósia proveu o novo sinal. RÁPIDO-DESPOJO-PRESA-SEGURA seria o nome de outro filho de Isaías e, como nos dois casos anteriores, o *significado* do nome era o sinal (Isa. 7.3 e 7.14). O nome que aparece neste versículo, no original hebraico, é o mais longo nome próprio de toda a Bíblia: Maher-shalal-hash-baz. A primeira dessas duas referências contém a predição da queda de Arã-Israel (Síria e Efraim). Portanto, temos essencialmente o mesmo tipo de fenômeno visto nos dois primeiros sinais, com a diferença de que agora a matança é vista como certa, e não como uma ameaça possível de ser evitada. Em pouco tempo, a Síria seria pisada pelas tropas assírias e deixaria de ser nação independente. Israel seria invadida, e a maior parte de seus habitantes morreria. Um pequeno remanescente seria deportado; e outros habitantes seriam enviados para ocupar a terra deserta. Os poucos sobreviventes que restassem se casariam com estrangeiros recém-chegados, do que resultariam os *samaritanos.* Esse sinal pode ser lato o suficiente para incluir a queda de Judá diante da Babilônia, mas a destruição da Síria e do reino do norte, Israel, ocupa o lugar primário aqui. Isaías seria vindicado. Suas profecias seriam provadas como verdadeiras. Acaz cometera um grande erro. Ele deveria ter buscado Yahweh, e não o rei da Assíria.

8.2

Tomei para isto comigo testemunhas fidedignas. O profeta Isaías havia recebido outro notável oráculo e queria confirmação de testemunhas. Ele invocou duas ou três testemunhas, conforme requeria a lei (Núm. 35.30; Deu. 17.6; 19.15). As palavras foram registradas, e Isaías e suas testemunhas as testificaram. Não muito depois, essas palavras de profecia seriam confirmadas pelo nascimento da criança e pelos acontecimentos preditos, e então Isaías teria provas do caráter fidedigno de sua mensagem profética, e o povo de Israel o levaria mais a sério.

Encontramos outra pequena informação sobre Urias, que mais tarde obedeceria à ordem de Acaz de alterar o templo de Jerusalém. Ver II Crô. 26.5. Quanto a ""Zacarias", não temos certeza sobre quem ele era. Alguns o identificam com o profeta mencionado nos dias de Uzias (ver II Crô. 26.5), ou ele poderia ter sido um levita que ajudou a purificar o templo (II Crô. 29.12,13). Sobre o que se sabe ou se conjectura sobre esses dois homens, ver os artigos no *Dicionário: Urias* (número dois da lista); *Zacarias* (número quinze da lista).

Urias significa "Yah é minha luz", ao passo que Zacarias significa "Yah se lembrará". Visto que Isaías estava recebendo sinais inerentes nos significados dos nomes próprios, ele pode ter sido influenciado em sua escolha de testemunhas pelos significados dos nomes daqueles dois homens. Ou a proeminência foi o critério da escolha. As pessoas dariam atenção ao testemunho deles.

8.3

Fui ter com a profetisa: ela concebeu e deu à luz um filho. Assim sendo, Isaías, um instrumento para a realização da profecia, que requeria o nascimento de outro filho, uniu-se à sua esposa, e, dentro de nove meses, nasceu esse outro filho. Yahweh instruiu Isaías para dar à criança o nome de Maher-shalal-hash-baz, em português: RÁPIDO-DESPOJO-PRESA-SEGURA (comentado no vs. 1 deste capítulo). Pela primeira vez, o profeta compreendeu a aplicação do nome. O significado do nome de um filho seu já tinha atuado como sinal (Isa. 7.3); o significado do nome de outro filho seu foi usado como segundo sinal (Isa. 7.14); e assim também o significado do nome de um terceiro filho tornou-se o terceiro sinal. Essencialmente, todos esses nomes diziam a mesma coisa: a certeza da destruição da Síria e de Israel, o reino do norte, a libertação de Judá da ameaça do norte, somente para cair vítima da ameaça do nordeste, a Babilônia. Pouco tempo depois, a Assíria saqueou Damasco (capital da Síria) e também Samaria (capital do reino do norte, Israel). Isso se deu em 732 A. C, sendo possível que a profecia de Isaías tenha ocorrido em 734 A. C. A queda daqueles dois inimigos do norte, uma confirmação da exata profecia de Isaías, deveria ter levado Judá a abandonar a tentativa de aplacar a Assíria, mas as coisas não aconteceram dessa maneira. Tudo apenas foi de mal a pior, e Judá também tornou-se vítima da Assíria e, então, da Babilônia.

8.4

Porque antes que o menino saiba dizer meu pai ou minha mãe. Este versículo dá uma explicação direta do *terceiro sinal.* Antes que o bebê recém-nascido tivesse idade suficiente para aprender as primeiras palavras, "meu pai" e "minha mãe", Damasco e Samaria teriam caído. Naquela ocasião, estaria armado o palco para o *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário).* Cf. Isa. 7.14-18 quanto ao elemento tempo do segundo sinal. Esse segundo sinal também ocorreria quando a criança ainda fosse bem pequena. Uma criança começa a falar com cerca de um ano de idade; e, assim sendo, contando os nove meses da gravidez da esposa de Isaías, a profecia seria cumprida dentro de dois anos. "Historicamente, sabemos que a região da Transjordânia e de Damasco caíram diante de Tiglate-Pileser. Mas Samaria foi assediada por Salmaneser e então por Sargão (ver II Reis 15.29; 16.9 e 17.6)" (Ellicott, *in loc).*

O Oráculo dos Dois Rios (8.5-8)

8.5

Falou-me ainda o Senhor, dizendo. Conforme podemos ver, as profecias de Isaías vieram em *oráculos separados,* cada um dos quais aparentemente requerendo nova experiência visionária. Isso posto, conforme diz o vs. 5 e tal como se lê nos vss. 1 e 3, a palavra de Yahweh foi dada novamente a Isaías. Inspiração divina é reivindicada para esses oráculos. O oráculo dos vss. 5-8 é uma extensão do oráculo dos vss. 1-4.

8.6,7

Em vista de este povo ter desprezado as águas de Siloé. Dois corpos de água foram usados para ensinar a lição sobre a qual ora comentamos. Judá tinha seu minúsculo canal (as águas de Siloé), que transportava água da fonte de Giom para o poço de Siloé, a principal fonte de água de Jerusalém. Ezequiel escavou um túnel (tempos depois) para transportar água para a capital, a fim de que invasores inimigos não pudessem barrar o suprimento da cidade (ver II Reis 20.20). Essa minúscula corrente de água, tão benéfica quanto era, é contrastada com o poderoso Eufrates, o grande rio da Assíria. O Eufrates transformar-se-ia em uma inundação, destruindo tudo em sua passagem. Portanto, o túnel escavado por Ezequias transformou-se em uma bênção, com vistas à preservação da vida, ao passo que o Eufrates se tornou instrumento de morte. O primeiro representava o pequeno poder de Judá; e o Eufrates representava o poder esmagador da Assíria.

"As águas de Siloé, gentis e sem bulha, ao suprir de água a cidade de Jerusalém, representavam a confiança em Deus. Para o povo frustrado da cidade, porém, tão escassos recursos não eram suficientes. As águas de Siloé formavam um mero riacho, e a confiança em Yahweh parecia uma defesa muito pequena. O povo de Judá queria águas profundas e um reforço visível. Eles tinham despreza-

do o calmo fluxo de águas de Siloé e, assim, obteriam um dilúvio raivoso. A Terra Prometida seria inundada pelo poder dos assírios... A aliança que Judá pensou que os salvaria, acabaria por arruiná-los" (G. G. D. Kilpatrick, *in* toe). Esse dilúvio atingiria primeiramente Damasco, mas não pararia aí. As águas que vieram destruir Judá e Jerusalém sob hipótese nenhuma seriam diminuídas.

8.8

Penetrarão em Judá, inundando-o. O dilúvio atingiria o objetivo demarcado por Deus, porquanto Yahweh estava por trás da inundação. As águas viriam com grande Ímpeto e profundidade, chegando ao pescoço das pessoas. As águas viriam como uma grande ave de rapina que estende as asas abarcando toda a Terra Prometida e fazendo muitas vítimas. Desse modo, a destruição tomaria conta da Terra Prometida, de uma à outra fronteira. As inundações do rio Eufrates (como se fossem uma grande ave de rapina) eram uma figura simbólica muito apropriada para as hordas assírias. Em Isa, 30.28, o mesmo simbolismo foi usado para indicar a poderosa ira de Deus, e é isso que devemos entender aqui.

Ó Emanuel. Ao que parece, o profeta chamou aqui Judá de *Emanuel,* porquanto essa era a terra de Deus, o lugar onde o nome Dele se manifestava. O uso desse nome, nesta passagem bíblica, assegura a todos os envolvidos que haveria um futuro para Judá. Historicamente falando, isso ocorreu mediante o retorno do remanescente que voltou do cativeiro babilônico e começou novamente a história da nação, tornando-se um Novo Israel. Mas alguns estudiosos fazem disso a obra de restauração do Messias, no fim da era, quando todo o Israel seria salvo (ver Rom. 11.26). Este é um exagero não projetado no versículo. Trata-se de uma *aplicação* legítima da idéia, entretanto. O vs. 8 deve ser interpretado à luz dos vss. 9TIO. Todos os esforços por destruir Israel (Judá) fracassariam, pois *Deus estava com o Seu povo.* Ver sobre *Emanuel* no *Dicionário,* quanto aos três usos que essa palavra recebe na Bíblia.

8.9

Enfurecei-vos, ó povos, e sereis despedaçados. A ameaça contra as nações é que elas seriam quebradas e despedaçadas, porquanto a ira de Deus, que tinha de julgar Israel e Judá, por certo não pararia ai. Um trabalho de purificação mundial precisaria ser realizado, por causa da apostasia mundial.

> *Parti-vos, todas vós, nações. Sede esmagadas em pedaços. Ouvi, todos vôs, paises distantes, preparai-vos para a batalha e sede despedaçados.*
>
> (NCV)

A fé de Isaías *não se rendia.* Ele também tinha uma *fé desafiadora.* Não se sentia feliz com o que sabia que aconteceria a Israel e Judá, mas estava convencido, mediante os oráculos, de que a justiça divina seria servida no mundo inteiro, e não meramente na Palestina. De conformidade com essa justiça, ele continuava confiando que, de alguma maneira, em algum lugar, a nação de Israel seria restaurada. Ele não tinha o discernimento profético para ver que restauração era, verdadeiramente, a grande palavra para o grande quadro. Ver Efé. 1.9,10 no *Novo Testamento Interpretado,* e ver o artigo chamado *Mistério da Vontade de Deus,* no *Dicionário.* Ver também na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Restauração,* quanto ao que penso que Deus fará, *finalmente.* E ver ainda o artigo chamado *Restauração de Israel.*

O Salmo 46 é um bom comentário sobre a presente seção. As palavras não estão limitadas à confederação nortista contra Judá, mas agora estão em pauta todos os inimigos possíveis de todos os países possíveis que tentariam causar dano a Judá.

8.10

Forjai projetos, e eles serão frustrados. A fé desafiadora de Isaías, com base em seus oráculos, convocou "todas as nações" (vs. 9) a aconselhar-se contra Judá (Israel), mas assegurou-lhes que tudo que elas fizessem seria reduzido a nada. Isaías não nos forneceu detalhes, mas tão-somente considerou o *resultado* final. Aquelas nações falariam e agiriam, mas a consternação acompanharia todos os seus planos e ações. Isso seria por causa do *Deus é conosco,* o sentido da palavra *Emanuel* (Isa. 7.14; 8.8). "A grande verdade do Emanuel separava Judá de todas as nações do mundo. Visto que Deus tinha prometido estar com Seu povo, eles precisavam ter fé Nele, sem importar quão adversas fossem as circunstâncias. Ele não abandonaria o Seu povo. Dessa forma, tanto Deus quanto Isaías provaram estar com a razão ao repreender Acaz por sua falta de fé (Isa. 7.9)" (John A. Martin, *in* toe).

Mas *a verdade é maior do que isso* ainda. Nos evangelhos do Novo Testamento, o Emanuel está com a humanidade inteira, e não somente com o povo de Israel. A restauração se originaria daí, em escala mundial. Ver os artigos referidos nos comentários do vs. 9.

O Temor do Homem e o Temor de Deus (8.11-15)

8.11

Porque assim o Senhor me disse, tendo forte a mão sobre mim. Ver o artigo geral sobre *Temor* no *Dicionário.* Outro oráculo levou Isaías a conformar-se à opinião popular e à visão mundial. Outrossim, ele não devia *andar* conforme eles andavam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar* quanto a essa metáfora. Ver também Pro. 4.27. A primeira coisa na lista de *conformidade* era a questão de se deveria acreditar nos oráculos de Yahweh sobre a ameaça vinda do norte (a ameaça de invasão por parte das nações Israel e Síria (Arã)). A opinião pública, seguindo as idéias do rei de Judá, era que essa nação deveria fazer um acordo com a Assíria, o que, presumivelmente, protegeria a nação contra a ameaçada invasão das duas nações do norte. Judá muito temia essas duas nações, mas lhe faltava temor do Senhor. Se os judeus tivessem temido a Yahweh, obedecendo aos oráculos de Isaías, teriam permitido que Yahweh cuidasse do perigo vindo do norte. E, presumivelmente, tendo obedecido ao Senhor, os judeus poderiam enfrentar a Assíria, quando outras orientações de Yahweh lhes fossem dadas.

Tendo forte a mão sobre mim. Em outras palavras, a admoestação foi dada de maneira extremamente severa, de modo que a mente de Isaías ficara incomumente impressionada. Yahweh, por assim dizer, agarrou o profeta com Sua mão; a visão que Isaías teve foi tanto assustadora quanto jubilosa. Houve poderosa influência do Espírito, que não deixou dúvida quanto ao que o Senhor requeria.

> *Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente.*
>
> (Romanos 12.2)

A experiência pela qual Isaías passou foi altamente antropomórfica. **Ver no** *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.*

E me advertiu que não andasse pelo caminho deste povo. "Ao que tudo indica, esta foi a primeira ordem, na história da religião bíblica, para que os homens se separassem, em espírito, de seu grupo social, em obediência a Deus. Aquele foi um momento de grande significado para a história futura tanto do judaísmo como da igreja cristã" (R. B. Y. Scott, *in* toe).

8.12

Não chameis conjuração a tudo quanto este povo chama conjuração. Considere o leitor estes três pontos:

1. Talvez Isaías estivesse sendo chamado de conspirador contra Judá por resistir à idéia de aliar-se à Assíria contra os invasores do norte.
2. Ou a conspiração talvez fosse a da Síria em aliança com Efraim (a nação do norte), sobre a qual fala o capítulo 7. Nesse caso, o sentido dessas palavras seria: "Não chameis à liga desses dois povos uma conspiração provavelmente bem-sucedida". De fato, era uma conspiração, mas Isaías não concordava com o povo de que tal aliança obteria sucesso. Isso se ajustaria bem ao restante do versículo, em que o profeta é exortado a não *temer o* que o povo judeu temia. O versículo, pois, estaria dizendo: "Não entreis em pânico por causa da pseudoconspiração, que não pode cumprir o que está planejando". Judá entrara em pânico por causa da questão, e era como as árvores de uma floresta sacudida por um vendaval (Isa. 7.2).
3. Ou então, finalmente, se Judá se aliasse à Assíria paga, isso seria uma conspiração contra Deus. Isso exprime uma verdade, mas dificilmente é o significado do versículo. A idéia aqui é que Isaías não deveria promover essa conspiração, como se fosse algo agradável a Yahweh. A segunda das três interpretações parece ser a que exprime o que estava ocorrendo.

8.13

Ao Senhor dos Exércitos, a ele santificai. "Lembrai-vos, porém, que o Senhor dos exércitos do céu é santo. Ele era aquele a quem os judeus deveriam temer" (NCV). A nação de Judá estava aterrorizada diante da possibilidade que as dez tribos do norte, em acordo com a Síria, descesse contra eles; e, no entanto, eles não temiam a Yahweh, diante de cujos olhos promoviam seu tipo especial de paganismo. *Temor,* neste caso, eqüivale a *pavor,* e não meramente a temor reverente. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor,* na seção intitulada *Temor do Senhor,* como também Sal. 119.38 e Pro. 1.7. E ver também ali os artigos denominados *Senhor dos Exércitos* e *Santidade.* Cf. I Reis 18.15.

Santificai. Santo é o Senhor dos Exércitos, pelo que sabeis que Seus oráculos dizem a verdade — portanto, sede obedientes. Ele certamente promoverá a *justiça,* e o que é o melhor para os interesses dos homens, isso Ele fará. Mas se

entrardes em alianças espúrias com nações pagas, então a justiça divina vos atingirá, e tereis razão para temerdes. *Honrai* o santo nome de Deus, fazendo o que estiver certo, mediante um *andar reto* (vs. 11). Sede *santos,* porque Deus é *santo* (ver Lev. 11.44 e 20.7).

8.14

Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa. Se temerdes ao Senhor e confiardes Nele, Ele vos servirá de santuário, um lugar de refúgio e segurança contra qualquer ataque, mesmo contra a invasão que virá do norte, à qual tanto temeis. Todavia, alguns estudiosos emendam aqui a palavra *santuário* pelo vocábulo *armadilha,* conforme diz o Targum. Nesse caso, temos *cinco* palavras negativas para expressar a sorte negra de Judá, que se seguiria à desobediência dos judeus. Considere o leitor estes cinco pontos: 1. Uma *cilada.* Um ardil para apanhar algum pobre animal que seria destruído. 2. Uma *pedra de ofensa.* 3. Uma *pedra de tropeço* (termo sinônimo da segunda possibilidade), uma pedra contra a qual um homem bate o pé e tropeça. Tanto a nação do norte (chamada Efraim ou Israel) quanto a nação do sul (Judá) cairiam no julgamento divino e na destruição se tropeçassem contra *aquela pedra:* Yahweh ofendido. Se Judá tropeçasse em Yahweh, eles estariam condenados ao desastre. O Novo Testamento usa essa expressão em Mat. 21.44; Rom. 9.33 e I Ped. 2.8. 4. Uma *armadilha.* Um dispositivo qualquer para apanhar animais, como uma rede, cova ou coisas similares que apontavam para o sofrimento e a morte do animal que fosse apanhado. 5. Um *laço.* Usado para apanhar tanto pássaros como animais. Ás palavras foram acumuladas a fim de impressionar o profeta e o povo de Judá com o terror, sendo possível que esse terror ocorresse súbita e inesperadamente, tal e qual se dá ao pobre animal que é apanhado e destruído pelo caçador.

Os estudiosos que traduzem por *santuário* fazem então o contraste com os outros quatro termos. Em Deus há""paradoxos. Um paradoxo não é prova de *inconsistência* divina, mas somente de *limitações* humanas (conforme diz G. G. D. Kilpatrick, *in* toe).

A NCV traduz como "santuário" a palavra usada por Isaías (e outros como ele), ao passo que as outras *quatro palavras* negativas se aplicam à rebelde nação de Judá. Ou então todos os vocábulos aplicam-se a Israel e Judá, o primeiro sendo positivo, isto é, se cressem e obedecessem; ao passo que os outros quatro serviriam para destacar o que aconteceria se eles desobedecessem e se rebelassem. Isso destaca para nós a importante questão da responsabilidade moral dos homens e seu poder de exercer livre-arbítrio. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Livre-arbitrio.*

8.15

Muitos dentre eles tropeçarão e cairão. Este versículo é um comentário do vs. 14, dizendo a mesma coisa e repetindo a questão do tropeço na pedra de ofensa, do cair, do ficar alquebrado, do ser tomado em alguma espécie de armadilha, do ser feito prisioneiro, e do ficar esperando pela destruição. Os pensamentos-chaves são o desastre e a impotência. E não havia promessa de remédio.

Isaías Retira-se do Ministério Público (8.16-18)

8.16

Resguarda o testemunho, sela a lei no coração dos meus discípulos. Estes versículos assinalam o fim da contribuição autobiográfica de Isaías ao livro. O rei de Judá e seus conselheiros tinham rejeitado o aviso para não se envolver com a Assíria, a fim de defender Judá da invasão das nações do norte, a Síria (Arã) e Judá (a tribo do sul). Em outras palavras, seu ministério profético foi rejeitado, conforme tinha sido predito em Isa. 6.9,10. Em Isa. 6.11, o profeta havia indagado por quanto tempo teria de ministrar àqueles que recusavam aceitar a sua mensagem, e a resposta de Deus foi que ele continuaria até que o julgamento predito se cumprisse. Ver a introdução ao capítulo 7 quanto ao pano de fundo histórico. A Isaías foram dados *três sinais* acerca da questão, os quais envolviam os significados dos nomes de seus três filhos. Ver sobre isso em Isa. 7.3,14 e 8.1,3.

O testemunho foi encerrado e tornou-se um "livro fechado", esperando pelo cumprimento de suas provisões. "Um rolo de pergaminho ou papiro era atado com uma cordinha e selado quando não estava sendo usado (cf. Isa. 29.1), mas devia ser preservado, como se fosse um documento (cf. Jer. 32.10), para consultas futuras. A referência aos *discípulos* aparentemente significa que o livro de oráculos foi selado, exceto para os discípulos do profeta, que os entendiam. Ou também foi selado na "mente dos discípulos". Eles não proclamariam a mensagem ao povo, como o exemplo deixado por Isaías. A Septuaginta e outras versões omitem a referência aos discípulos, provavelmente porque esse detalhe foi considerado obscuro. Não mais haveria propagação da mensagem, até que ela se cumprisse. Então Isaías poderia dar continuidade ao seu ministério.

8.17

Esperarei no Senhor. A mensagem foi retirada por ter sido rejeitada. Os ;gios ignorados são tirados. Isaías esperava então que Yahweh agisse e efetuasse o que havia sido dito, e, quando Yahweh agisse, isso tanto vindicaria o profeta como faria justiça. A mensagem profética só poderia ser autenticada mediante concretização; a parte da fala tinha terminado. Os homens que se recusam a obedecer eventualmente perdem a capacidade de obedecer, e então o julgamento judicial se instala. Yahweh é aqui retratado como quem escondia o rosto da casa de Jacó (Israel, em sua parte norte e em sua parte sul; vs. 14); mas Isaías continuou a esperar no Senhor no meio da cena lamentável. Isaías esperou na paciência de uma fé completa (ver Hab. 2.3). O rosto do Senhor, que deveria ter sido erguido para abençoar o povo de Israel (ver Núm. 6.26), estava oculto, pois uma ameaça de castigo em breve se cumpriria. Cf. Pro. 16.15 e Dan. 5.6.

Heb. 2.13, como aplicação, atribui os vss. 17c-18a a Cristo. Duas situações análogas existiam, pelo que as palavras foram apropriadamente usadas em um contexto messiânico.

8.18

Eis-me aqui, e os filhos que o Senhor me deu. Esta é uma referência direta aos sinais de números um e três que foram dados como reforços da profecia rejeitada. Ver Isa. 7.3 e 8.1,3. Esses dois sinais envolviam o significado dos nomes dos filhos do profeta. O segundo sinal envolvia o nome do filho de outrem, e não de um filho de Isaías (ver Isa. 7.14). Esses *três sinais* ilustravam a mesma mensagem profética. Eram *portentos* concernentes a eventos que estavam destinados a ocorrer, a queda da aliança dos países do norte de Judá, ou seja, Efraim e a Síria, com a implicação de que a ameaça assíria tomaria o lugar daquela outra ameaça, a das duas nações compactuadas do norte. Yahweh, chamado de *Senhor dos Exércitos* (ver a respeito no *Dicionário* e em I Reis 18.15), era a fonte originária e, na qualidade de Poder supremo e líder dos exércitos celestiais, determinaria os acontecimentos à face da terra. Havia um lugar onde esse *Senhor* se manifestava, Sião, onde ficava o templo. Por conseguinte, a *presença* do Senhor estava ali para garantir o cumprimento da profecia. Não há nenhuma idéia de que a presença de Deus se confinaria a Jerusalém, pois ela enche a terra inteira (ver Isa. 6.3), mas somente que o lugar a ser julgado era o local da manifestação do Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sião.*

Dois Fragmentos de Oráculos de Mau Agouro (8.19-22)

8.19

Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos. Embora essas predições tenham sido apresentadas de forma abreviada, o significado delas é bastante claro. Os vss. 21 e 22 acham-se em forma fragmentária, mas são eles que nos transmitem os dois oráculos. E os vss. 19 e 20 introduzem a questão. A idéia geral é óbvia; tempos de tribulação esperavam os judeus mais adiante. Portanto, esses dois oráculos adicionais reforçam e suplementam o que já tinha sido dito nos capítulos 7 e 8. Contudo, esses quatro versículos assumem uma aplicação mais geral, ultrapassando o desastre potencial a ser sofrido devido à ameaça que vinha do norte (o ataque da Síria e da nação do norte, Israel; ver Isa. 7.1 e 8.1).

A maioria das pessoas deseja saber algo sobre o futuro. Esse desejo é inspirado pela vontade de mudar de vida. Algumas pessoas tentam descobrir os segredos do futuro, consultando leitores psíquicos e médiuns, por mera *curiosidade;* usualmente, porém, a pessoa tem algum *problema,* ou então alguma *esperança* que quer ver realizada; e, assim sendo, consulta videntes para saber o que acontecerá no futuro. Estudos têm demonstrado que há grande elemento de predições em comum, que vêm à tona nos *sonhos* das pessoas, e que, no subconsciente, todas as pessoas conhecem o futuro, algumas vezes até nos menores detalhes. Os sonhos humanos são instrumentos comuns de *ajuda,* solucionadores de problemas, predições sobre o futuro que ajudam as pessoas a conduzir melhor a própria vida. Estudos sobre sonhos efetuados na universidade de Wyoming demonstraram que sabemos sobre o que nos acontecerá, antes mesmo que aconteça. Naturalmente, o futuro propriamente dito é plástico. Somente alguns eventos estão realmente determinados por Deus, pelo que os sonhos, ou qualquer outra forma de conhecimento prévio, abordam somente as *potencialidades.* Aqui e ali, um sonho apanha no ar algum evento adredemente determinado; mas algumas vezes a oração, que é mais forte que a profecia, pode anular até um evento determinado de antemão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sonhos;* e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia o* verbete denominado *Precognição.*

Além disso, há indivíduos conhecidos como *psíquicos,* que podem perceber o futuro, embora estejam bem despertos. Parte dessa atividade é natural, e também é moralmente indiferente. Algumas vezes, entretanto, tais pessoas são impulsionadas pelos demônios; e também há algumas poucas pessoas que contam com a ajuda dos anjos. Sem dúvida, os habitantes de Judá procuravam descobrir o que aconteceria a respeito das nuvens escuras que se avolumavam. Isaías tinha uma interpretação sobre os acontecimentos futuros e reivindicava que Deus o inspirava a essa interpretação. Outros tinham outras fontes de inspiração. Isaías, porém, sentia-se infeliz diante da atividade da sondagem do futuro divorciada do que já havia sido revelado na lei mosaica, e não reconhecia Yahweh como o revelador do futuro, conforme se via em certos oráculos populares. Portanto, ele condenou

os médiuns e mágicos e apontou para Yahweh, o Criador, diante do povo, como Aquele que pode revelar através de Seus profetas quais serão os eventos futuros. Quanto a informações adicionais, ver no *Dicionário* os artigos *Adivinhação; Feitiço, Feiticeiro* e *Espirito Familiar.* Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia* e *Filosofia,* ver o verbete intitulado *Espiritismo.*

"Isaias questionava a racionalidade de consultar os mortos para descobrir o futuro, em vez de consultar o Deus vivo. A falha de uma pessoa em atender à Palavra de Deus significa que ela não tem luz espiritual (cf. João 3.19,20)" (John S. **Martin,** *in kx).*

8.20

À **lei e** ao **testemunho!** Isaias salientou a lei mosaica como o manual de **nossa *orientação*** (cf. Deu. 6.4 ss.). Ele sentia que o povo de Judá, com suas **profecias** alicerçadas sobre fontes não-bíblicas, não tendo Yahweh como sua **origem, na** verdade avançava contra o que estava escrito e tinha sido dito por : z :-; e-;a:5:-os. Isso os punha em uma posição precária, porque:

1. **Bes** estavam apelando para fontes de informação totalmente ilegítimas, que **incluiam** o erro natural ou eram totalmente errôneas.
2. A própria busca delas era proibida, e isso só poderia terminar mal.
3. Eles tinham-se distanciado da verdadeira Luz e, assim, tinham entrado em um estado de apostasia. Disso só poderia resultar o que era adverso.
4. Alguns intérpretes tomam os vss. 21 e 22 como predições de julgamento contra os que tratavam com espíritos familiares e médiuns, mas outros tomam esses versículos, que contêm dois oráculos fragmentários, como dotados de aplicação muito mais ampla.

"Nenhuma alvorada matinal brilharia sobre os que rebuscavam as cavernas e os quartos escuros dos adivinhos, e as sessões dos espiritualistas de Jerusalém" (EHicott, *in* toa). 'Temos aqui a condenação da superstição (Isa. 2.6). Quanto às consultas dos necromantes com os mortos, ver I Sam. 28.7" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 19).

> *Devíeis seguir os ensinos em concordância com o Senhor.*
> *Os médiuns e os adivinhos não (alam a palavra do Senhor.*
>
> (NCV)

Não encontramos aqui uma condenação dos estudos psíquicos. O homem, afinal, é uma *psique,* um ser espiritual, e naturalmente tem experiências com os fenômenos psíquicos. Cada vez que um homem move um dedo, esse é um evento psíquico, porque é sua porção espiritual que controla o corpo, uma ação chamada *psicocinese,* o poder da mente sobre a matéria. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia* e *Filosofia* o artigo chamado *Parapsicologia.* Existem fenômenos psíquicos naturais, nos quais todo homem, todos os dias, está envolvido, pois do contrário nem estaria vivo. Lançar a culpa de tudo sobre os demônios é uma atividade não-iluminada, e a ignorância não serve para esclarecer coisa alguma. A ciência psíquica é um estudo tão legítimo como a biologia. Todo o conhecimento pertence a Deus e revela a Sua mente.

8.21

Passarão pela terra duramente oprimidos e famintos. Encontramos aqui oráculos fragmentários. As traduções têm suavizado as arestas. As palavras de abertura dos vss. 21 e 22 não têm antecedentes. O "elas" (subentendido) do vs. 21, antes do verbo "passarão", pertence ao gênero feminino e refere-se a uma pessoa do sexo feminino que não foi mencionada antes. Talvez a referência seja à "terra" mencionada em 6.12. Alguns estudiosos supõem que as palavras deste versículo naturalmente sigam Isa. 7.25. O significado da frase parece ser que alguns poucos sobreviventes desesperados dos juízos de Deus amaldiçoarão o rei por havê-los traído, não tendo dado ouvidos às profecias de Isaias, o que poderia ter impedido o desastre. Por outra parte, a apostasia de Judá era tão avançada que a parábola de Isa. 5.1-7 não oferecia esperança alguma, excetuando o pequeno remanescente que seria trazido de volta, depois dos dias da tribulação, a fim de dar a Israel (na pessoa da tribo de Judá) um Novo Dia. Portanto, as profecias de Isaias foram *confirmações* de julgamentos já determinados, mais do que ofertas de esperança.

Note o leitor que a apostasia de Judá prosseguia, porquanto os poucos sobreviventes famintos amaldiçoavam tanto a Yahweh quanto ao próprio rei. Estavam desesperados, mas nem por isso se alterava o que tinha acontecido. Apóstatas e sem arrependimento, eles permaneciam iguais, em harmonia com o tom negativo dos oráculos de Isaias. Ver Isa. 6.9,10.

8.22

Olharão para a terra, eis aí angústia. Os *sobreviventes* contemplariam as :esas -:sas condições que prevaleceriam por loda a parte e veriam apenas **triWação** e trevas. Tudo se transformara em escuridão tristonha, cheia de angústia, e eles seriam tangidos em meio a espessas trevas, expulsos por forças sinistras e condições inenarráveis, tornando-se vagabundos em uma terra desolada. Traídos pelo rei e abandonados por Deus, suas condições tomar-se-iam insuportáveis. A única questão que precisava ser resolvida era se eles deveriam cometer ou não o suicídio. Então eles desejariam ardentemente a morte e, em vez de consultar os mortos para obter alguma promessa favorável, eles se juntariam aos mortos na sepultura.

Capítulo Nove

Previsão acerca do Messias (9.1-21)

Esta seção deve ser comparada com Heb. 8.23-9.6. Ver a seção VIII da *Introdução* quanto a citações no Novo Testamento extraídas de Isaias, e ver **o** gráfico acompanhante de profecias messiânicas no livro de Isaias. Esta seção vem depois do desalentador e negro oráculo de Isa. 8.21,22, com o qual faz notável contraste, com sua explosão de luz e fé. A angústia é transformada em alegria indizível. "A passagem é famosa não somente por seus méritos intrínsecos, mas por seus versículos de abertura e o versículo precedente (vss. 1-2), com referência à Galiléia, citada em Mat. 4.15,16, que é compreendida por alguns como a predição sobre o ministério de Jesus na Galiléia" (R. B. Y. Scott, *in loc).* Não há que duvidar que temos aqui a esperança messiânica do judaísmo antigo. Os cristãos, como é natural, viram isso cumprido em Jesus, o Cristo. Talvez a visão dos judeus estivesse limitada pela suposição de que, terminado o cativeiro, o trono davidico seria renovado e haveria um Novo Dia, mediante a bênção de Yahweh. Mas não nos devemos limitar pelas arcaicas interpretações dos judeus, os quais, como é óbvio, devido a limitações históricas, tinham uma visão parcial do Messias. Além do mais, também temos uma visão parcial do Messias, porquanto as grandes obras ainda futuras do Messias-Logos por enquanto são vistas apenas obscuramente e, em minha opinião, de maneira não-iluminada pela maioria dos crentes da atualidade.

Por certo, à restauração futura não é dada a interpretação merecida, por parte de pessoas que continuam presas a antigas maneiras de pensar. Como ilustração, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Mistério da Vontade de Deus;* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o verbete chamado *Restauração.* Os antigos judeus subestimavam o poder do Restaurador e da restauração em Cristo, por ocasião de Seu primeiro advento, e os crentes atuais continuam a subestimar o poder de Deus através do Logos, na restauração que jaz no futuro. Os homens caem no hábito de limitar-se a uma visão defeituosa das coisas, devido à sua relutância em romper com a compreensão da *ortodoxia,* que não é sinônimo de *verdade.*

Antes, tínhamos visto *sinais* (Isa. 7.3,14; 8.1,3). Neste capítulo, temos algo mais. O próprio Libertador aparecerá de novo na terra a fim de reverter as lastimáveis profecias que circundam a nação de Judá, como o cativeiro babilônico e as circunstâncias que o acompanhariam. Antes, os sinais estavam embutidos no significado dos nomes de três meninos. Mas agora apareceria um *menino* que seria o longamente esperado Messias, poderoso e divino (ver Isa. 9.6). Nisso encontramos um paradoxo: quanta coisa já havia sido revelada, mas quão pouco entendíamos. E a plena extensão da obra do Messias-Logos até hoje não é bem compreendida. Os cristãos têm caído no mesmo buraco de paradoxo no qual os judeus caíram. Um paradoxo que, conforme já disse um pensador cristão, não é prova da inconsistência divina, mas das limitações humanas.

9.1

Mas para a terra que estava aflita não continuará a obscuridade. Este é um *versículo de transição,* que nos transporta das trevas de Isa. 8.21,22 para a luz do restante do capítulo. Essa é a transição humana, operada por intermédio do poder do Messias. Não haverá *melancolia final.* A noite sempre será seguida pelo dia. Zebulom e Naftali (lugares do norte de Israel) foram tribos humilhadas ao máximo pela Assíria, e até mesmo anuladas, pois deixaram de existir como tribos de Israel. Elas representavam todas as dez tribos de Israel. Mas, quando o Libertador viesse, Ele teria um ministério na exata e antiga localização das duas antigas tribos, e então haveria tempos de restauração e glória. Essas tribos, vencidas pelo poder dos assírios e incorporadas ao império assírio, voltariam a Israel, por meio do Messias.

O caminho do mar. Ou seja, a antiga rota de caravanas que passava perto do mar Mediterrâneo, de Damasco para a Galiléia. Estava em vista a "Galiléia das nações", porquanto aquela parte de Israel tornou-se, essencialmente, uma terra de gentios, devido aos povos para ali importados. Foi onde Jesus conduziu Seu ministério na Galiléia, o que é destacado em Mat. 4.15,16, que cita o texto presente. Vemos, pois, que o ministério de Jesus, na visão profética de Isaias, reverteu o cativeiro assírio! Note o leitor que o exército assírio seguiu a rota do mar Mediterrâneo, de Damasco até a Galiléia, quando tomou aquelas tribos do norte e deportou a população. Assim sendo, o Messias viajaria ao longo da mesma rota, embora em uma

atividade restauradora. Devemos notar, entretanto, que *mar,* neste caso, é o mar da Gaililéia. A rota levava àquele território, para quem vinha do norte.

9.2

O povo **que andava em trevas, viu grande luz.** Os vss. 2 e 3 anunciam a transformação das trevas em luz, mediante o ministério do Messias, com profunda alegria resultante. Não foi coisa pequena reverter o cativeiro assírio e trazer um Novo Dia. O ministério de Jesus foi mais além da Gaililéia, mas *começou* ali. Ver a exposição sobre Mat. 4.15,16, no *Novo Testamento Interpretado.* A missão do Messias era mais lata que a própria terra de Israel, mas começou em Israel. O evangelho deveria levar a luz a todas as nações e, assim sendo, um propósito divino universal foi posto em movimento na Gaililéia, como os antigos judeus dificilmente compreenderiam. E o ministério de Jesus continua nas três esferas da criação: na terra, nos céus e no hades. isso posto, esse ministério é mais largo do que muitos crentes têm antecipado. O *divino três* manifesta-se no *três ministeriais.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Missão Universal do Logos.*

"É admirável como cada detalhe do texto se ajusta ao nosso caso e vem ao encontro de nossas necessidades. O ministério de Jesus avança pelos séculos! Isso foi dito ao coração desesperado de um punhado de judeus há mais de 2.500 anos, mas agora emprestava voz à esperança de todos os filhos dos homens que confiam no divino Salvador. Intenso à passagem do tempo e universal, esse é o Cântico do Redentor e Seu reino... Dentre a noite que cobria tudo, como se fosse a negridão do abismo, agora chega, rebrilhante, um raio de luz. E ilumina a terra inteira com a luz do sol, e leva os sons de um cântico exultante até os rincões mais remotos" (G. D. D. Küpatrick, *in loc,* com uma anotação eloqüente que abrilhanta o comentário).

9.3

Tens multiplicado este povo, a alegria lhe aumentaste. Nos dias de Isaías, a colheita de grãos fracassou. Os poucos sobreviventes do ataque assírio ficaram vagueando no meio das trevas, blasfemando contra o rei e contra Deus (ver Isa. 8.21). Agora *multiplicação* se tornara a palavra-chave, não subtração nem divisão. Houve então a mais profunda tristeza; mas agora predominava alegria triunfante, a qual ocorria na presença do Poder de Deus, que possibilitou a reversão para condições as mais jubilosas. Agora havia grande abundância para todos. O povo de Israel estava sendo alimentado de novo, e sentia-se tão jubiloso como um exército que tivesse logrado grande vitória e estivesse dividindo os despojos. Naquele tempo passado, eles eram presa e despojo de exércitos pagãos. Agora, porém, dividiam os despojos da Vida Eterna.

Ilustração Histórica. A cidade de Mons havia sido bombardeada pela força aérea alemã. O dia foi 11 de novembro de 1918. Foi outra destruição ocorrida durante a Primeira Grande Guerra. Durante toda a noite, o lampejo das bombas e da destruição prosseguiu. Tropas alemãs estavam nas ruas, matando o inimigo e cidadãos que atravessassem o caminho. Mas, de madrugada, os últimos bolsões do poder germânico estavam abafados. O povo da cidade correu para as ruas e o grito que se ouviu foi: "Desfraldai vossas bandeiras!". Quando se fez dia, viram-se bandeiras flutuando no ar por toda a parte. O povo entrou em delírio de alegria. Vida nova tinha retornado à cidade. A noite escura havia terminado. Assim também, Jesus foi o portador que fez desfraldar Suas bandeiras na Gaililéia. O povo da época se juntou para contemplar o grande fenômeno. O povo tinha visto uma grande luz. Era o raiar de um Novo Dia. Verdadeiramente, o cativeiro assírio fora revertido. A luz espalhou-se e iluminou o território de Israel, e dali espraiou-se por todas as nações do mundo. Ato contínuo, Jesus desfraldou Sua bandeira no próprio hades e então nos céus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Descida de Cristo ao Hades.* Estamos abordando grandes fenômenos, pelos quais homens de todas as partes do mundo têm sido atraídos. Temos aqui a esperança cristã, parte da qual Isaías, há tanto tempo, foi capaz de ver.

9.4

Porque tu quebraste o jugo que pesava sobre eles. A antiga canga imposta pelos assírios foi quebrada. A vara dos opressores se partiu. Deus tirou a carga dos ombros de Israel, bem como a vara que lhes vergastava as costas:

> *Tal como quando derrotaste Midiã, tomaras o seu pesado fardo. Tirarás das costas deles o poste pesado. E tomaras a vara usada pelo inimigo, para punir o Teu povo.*
>
> (NCV)

Como no dia dos midianitas. A referência é à vitória de Gideão sobre as forças invasoras de Midiã, no livro de Juí. 6-8. Quanto à vara que rebaixa os ombros, ver Sal. 144.5; e, quanto à vara do proprietário de escravos, ver Êxo. 21.20. Os judeus continuam a lembrar o incidente de Midiã e a grande vitória então obtida, tal como os americanos lembram, até hoje, o ataque dos japoneses contra Pearl Harbor. "Da mesma forma que Gideão, com um punhado de homens, conquistou as hostes midianitas, assim também o Messias, o *menino* (vs. 6), mostraria ser o vitorioso Príncipe da Paz" (Fausset, *in loc).* Os implementos de guerra seriam destruídos (vs. 5), e se estabeleceria a paz universal. Mas isso só está disponível no Deus Todo-poderoso (vs. 6, um dos notáveis nomes do Messias, que ultrapassava todas as esperanças judaicas).

9.5

Porque toda bota com que anda o guerreiro no tumulto da batalha. A obliteração de todos os vestígios do inimigo acompanharia a vitória, e nenhuma pegada do inimigo seria deixada. As próprias vestes manchadas com o sangue da batalha seriam queimadas como combustível nos incêndios de Israel. Seriam abolidos para todo o sempre todos os implementos e sinais de guerra. Então se seguiria verdadeira paz. Naturalmente, essas palavras parecem olhar para o segundo advento de Cristo, uma continuação do ministério do Logos. Este versículo nos remete à questão dos despojos mencionados no vs. 3. O inimigo histórico desaparecerá; os sinais de seu triunfo serão removidos; a paz será estabelecida, e o povo de Israel dividirá os despojos da vitória. Cf. Zac. 9.10; Eze. 39.9; Sal. 46.9 e 76.3. Cf. Eze. 39.8-10, onde temos algo similar, presumivelmente atinente aos últimos dias. E alguns eruditos pensam que a profecia, neste passo, é bastante lata para incluir esse aspecto.

> *A bota de todo guerreiro, usada na batalha, e toda a veste envolvida em sangue, serão destinados a ser queimadas, serão combustível para o fogo.*
>
> (NIV)

9.6

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu. Este versículo é um dos *grandes pronunciamentos messiânicos,* e as tentativas de fazê-lo ajustar-se à época de Isaías fracassam miseravelmente. Estamos acostumados a usar esses títulos de Cristo, aqui, por causa de nosso condicionamento cristão. Para os judeus, entretanto, essas eram declarações extraordinárias e quase impronunciáveis. Jesus foi condenado exatamente por isso: as reivindicações que fez sobre Si mesmo pareciam grandes demais. Por isso, julgou-se que Ele blasfemava de Deus, tomando para Si mesmo mais do que um homem poderia tomar.

Encontramos aqui a manifestação do *Rei.* O profeta falara sobre a *paz* que o Messias traria (vss. 3-5). O Rei é quem traria a paz universal, o fim da contenda causada pelo pecado e pela injustiça.

Descrições:

1. Um *menino* nasceria. O menino seria o Libertador, diferente dos *sinais* dados por outras crianças: Isa. 7.3 (UM-RESTO-VOLVERÁ); 7.14 (Emanuel) e 8.1,3 (RÁPIDO-DESPOJO-PRESA-SEGURA). Naturalmente, uma das interpretações de Isa. 7.14 faz Emanuel ser um dos nomes do menino referido em Isa. 9.6. Como cumprimento dessa tremenda profecia, temos as histórias do nascimento virginal (Mat. 1 e Luc. 2). Ligada ao menino, também nos cumpre entender a *encamação (ver* a respeito no *Dicionário),* uma das grandes doutrinas cristãs. Isso armou palco para a missão do Messias, e a encamação foi a rota escolhida para Sua manifestação. Da mesma sorte que Ele compartilhou nossa natureza humana, também haveremos de compartilhar Sua divindade (ver II Ped. 1.4), nossa mais elevada doutrina cristã. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia o* verbete *Transformação Segundo a Imagem de Cristo.*

   Esse menino nos foi "dado" como dádiva indizível (ver II Cor. 9.15) e nos trouxe o dom da salvação.
2. *Governo.* A renovação do trono davídico, o qual, por sua vez, fala do reinado universal do Messias. O governo estaria sobre os Seus ombros, possivelmente referindo-se às vestes que assinalavam o Seu ofício. Ele possuía todas as insígnias reais: o cetro, a espada, a chave. As descrições que se seguem mostram que Ele é um Rei sem rivais. Diz aqui o original hebraico, literalmente: "a carga da autoridade" (governo). A *chave* estaria em Seus ombros (ver Isa. 22.22). Essa era a pesada chave do palácio presa a um laço pendurado no ombro, simbolizando o poder de fechar ou abrir, promover ou fazer cessar uma atividade, pois a chave abria a porta principal. Cf. Mat. 16.19 e Apo. 3.7.
3. *Seu nome augusto.* Na realidade, devemos pensar em uma série de títulos. Ver sobre *Nome* no *Dicionário* e em Sal. 31.3. O Rei era dotado de títulos nobiliárquicos, entre os quais:

a. *Maravilhoso Conselheiro.* Alguns estudiosos separam essas palavras, fazendo de cada uma delas um título do Messias, e, se assim devemos compreender o texto, então temos *cinco títulos.* Porém, é melhor entender as duas palavras como um único título. Nisso se demonstra a sabedoria de Cristo. Não existem problemas, nos céus ou na terra, que Ele não possa resolver.

"Ele é a fonte suprema da sabedoria e maravilhoso em Seu propósito (14.24)" (R. B. Y. Scott, *in* toe). Cristo é a sabedoria de Deus (ver I Cor. 1.30). Ele foi dotado de uma autoridade que todo homem ouvirá e seguirá.

b. *Deus Forte* (no hebraico, *El Gibor;* o Poder que prevalece). Reduzir isso a "divino em poder" ou "parecido com um deus" é perverter o título. A expressão ensina a deidade do Messias, que se elevava muito acima de todas as expectações judaicas. Mediante aplicação, podemos ver no menino (filho) o Ser divino, falando então da doutrina da *Trindade;* mas isso seria ver demais no versículo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Divindade de Cristo.*

c. *Pai Eterno.* Nada existe de errado em chamar o Messias de Pai, porquanto é isso o que Ele é, em relação a Israel e à igreja. Existem pais da nação israelita e pais da igreja, mas Ele é o Pai diante de quem todos os outros são meros filhos. Esse termo só causa perturbação aqui se insistirmos na doutrina da Trindade, com sua fórmula de Pai, Filho e Espírito Santo. A devida eternidade de Deus Pai é ensinada mediante este título, o qual não deveria ser reduzido a um "pai para sempre", ou seja, a idéia de que Ele sempre cuida de Seu povo, composto por Seus filhos. Esse é um bom significado, naturalmente, mas fica muito aquém do sentido do título. Falar do Ser divino como algo menor do que eterno é uma contradição de termos. A Septuaginta e a Vulgata Latina dizem aqui "Pai da era vindoura", mas isso exagera um pouco. Diz o original hebraico, literalmente, "Pai da era eterna", ou seja, Pai da eternidade.

d. *Príncipe da Paz.* Dizem aqui alguns estudiosos, "Príncipe da Prosperidade", que pode ser o significado da frase; mas a maioria prefere ficar com a idéia de Príncipe da Paz. Seja como for, os benefícios que Ele dá devem incluir a paz, conforme se vê claramente nos vss. 3-5, onde Ele é retratado como um guerreiro que derrota todos osjnimigos e queimatodos os implementos de guerra. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paz.* É em Cristo que encontramos paz com Deus (ver Rom. 5.1). Ele acalma o conflito universal (ver Col. 1.20). Ver também Eze. 34,24; 37.25; Dan. 9.25; Zac. 9.9,10 e Sal. 45.5.

É notável e inexplicável que este tão augusto versículo não tenha sido citado uma vez sequer em todo o Novo Testamento. Por outro lado, ele tem feito parte da cristologia desde o princípio. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Cristologia.* Isaías, tal como os demais profetas do Antigo Testamento, não tinha consciência da distinção entre o primeiro e o segundo advento de Cristo, pelo que as descrições que se seguem não distinguem entre os dois adventos.

9.7

Para que se aumente o seu governo e venha paz sem fim **sobre o trono de Davi.** Isaías descreveu o reinado do Messias como uma renovação do trono davídico e isso em *termos monistas.* Em outras palavras, ele não distinguiu entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, o que coube ao Novo Testamento descrever. No primeiro advento, o reino foi rejeitado; assim, ao falarmos que ele "não teve fim", precisamos supor que esteja em pauta o segundo advento, embora tal explicação deva ter soado estranha aos ouvidos de Isaías. Não obstante, existiam muitos mistérios nos profetas do Antigo Testamento, e também há muitos outros mistérios sobre os quais nada sabemos. O Seu trono seria estabelecido mediante a justiça, e promoveria a justiça, além de perdurar para sempre. Ver trechos paralelos em Sal. 21.4; 61.6,7; II Sam. 7.12-16. O Pai eterno possui um reino eterno. Ele jamais morrerá e jamais necessitará de um sucessor.

O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. Tão augusta realização forçosamente terá de ser divina. E o poderoso Rei dos céus, que comanda Seus exércitos, é esse Poder. Quanto ao título divino aqui usado aqui, ver I Reis 18.15, bem como no *Dicionário* o verbete *Senhor dos Exércitos.* Os reis davídicos tinham um governo provisório baseado no pacto entre Deus e Israel. Ver sobre Pacto *Davídico* em II Sam. 7.4. Quando, porém, o Estabelecedor do pacto vier, Ele mesmo será Rei permanente, cumprindo todas as expectações do pacto.

O Exílio do Reino do Norte (9.8-10.4)

O Julgamento de Efraim Oferece Lições aos Judeus (9.8-21)

Após a proclamação da majestade do Messias, no alto do monte, o profeta leva-nos de volta aos primeiros temas de seu livro: a corrupção e o julgamento esperado contra Israel, especialmente aqui, as dez tribos do norte. Reunimos certo número de oráculos com significados semelhantes. Cf. Isa. 2.6-22 e Amos 1-3.

Primeira Estrofe: Israel Julgado por Sua Arrogância (9.8-12)

Nos vss. 8-21, encontramos três estrofes que nos falam de desastres sucessivos que abalaram Israel por causa do orgulho e da rebeldia do povo de Deus. Os vss. 8-12 contêm a primeira dessas estrofes. Embora tendo entrado em aliança com a Síria, não foi muito depois que esse país, aliado aos filisteus, se atirou contra Israel. A Síria, arrogantemente, acreditava em sua invencibilidade. Também pensava que um desastre inicial poderia ser revertido, fazendo as coisas voltar à normalidade. Talvez os assírios tenham ferido os judeus com uma derrota inicial. Mas agora, em vez de ter de enfrentar um único inimigo, deveriam enfrentar dois adversários, a Síria e os filisteus. O pano de fundo pode ser algo como se segue:

"Menaem pagava tributo a Tiglate-Pileser em 739 A. O Dois anos mais tarde, o filho de Menaem, Pecaías, foi assassinado e substituído por Peca, que era figura antiassíria. Em 734 A. O, Tiglate-Pileser atacou os filisteus e, em 733-732 A. O, a Síria (Damasco) e Efraim. Parece, portanto, que os filisteus e os sírios, em cerca de 737 A. C, faziam o mesmo tipo de pressão para que Pecaías, de Israel, se aliasse a eles em um pacto antiassírio, tal como fora feito sobre Acaz, de Judá, em 734 A. C. (cf. Isa. 7.1), e 'devoraram Israel com a boca aberta'. O assassinato de Pecaías por Peca (ver o vs. 10) bem poderia descrever os efeitos devastadores do imenso tributo pago por Menaem (cf. II Reis 15.19,20), que, conforme disse Isaías, falhou em quebrar a vangloria e o orgulho da nação do norte, Israel" (R. B. Y. Scott, *in* toe).

"Alguns indagam por que Isaías colocou aqui esses versículos. É que, conforme era característica desse grande profeta escritor, ele alternou a mensagem de julgamento com alguma mensagem de bênção. Em contraste com o reinado de justiça e retidão do futuro do Messias (ver Isa. 9.6,7; 11.4; 16.5; 28.6,17; 32.16; 33.5; 42.1,3,4 e 51.5), a nação, nos dias de Isaías, era governada por líderes que não se incomodavam com o povo que vivia sob o seu governo (cf. isa. 5.7)" (John S. Martin, *in* toe).

9.8

O Senhor enviou uma palavra contra Jacó. "Jacó" pode ser aqui tanto a nação do norte quanto a nação do sul. Em seguida, a palavra "Israel" estreita a questão para a nação do norte. Ou então devemos tomar Jacó e Israel como termos paralelos que se aplicam a ambas as nações. Cf. Isa. 1.3 e 2.3. Os acontecimentos aqui descritos destinavam-se à nação do norte, mas a nação do sul também deveria receber uma lição. Outros eruditos, entretanto, pensam que ambos os termos — Israel e Judá — aplicam-se ao norte; e, nesse caso, devemos compreender que o profeta estava advertindo Judá através do desastre que tinha sobrevindo ao norte. Yahweh enviou outra palavra (oráculo) a Isaías, e ele foi fiel na comunicação da mensagem. A inspiração divina, pois, teve continuação.

9.9

Todo o povo o saberá, Efraim e os moradores de Samaria. Agora a questão é estreitada para Efraim (a nação do norte) e sua capital, Samaria. O povo de Efraim era tão arrogante que pensava que os recuos preliminares causados pela Assíria permaneceriam somente isso: alguns poucos e fracos golpes. Eles acreditavam que o nocaute jamais aconteceria, e eles sempre poderiam reedificar as fortificações de tijolos derrubadas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Orgulho.* A nação de Israel não sabia que estava em um conflito pela própria existência, e que em futuro não muito distante seria levada para o exílio, para nunca mais retornar. Efraim era a maior tribo da nação do norte, Israel, e por todo o livro de Isaías Efraim representou todo o reino do norte.

9.10

Os tijolos ruíram por terra, mas tornaremos a edificar com pedras lavradas. Note o leitor a arrogância refletida neste versículo. A nação do norte estava tão enganada sobre o que ocorria no mundo que pensava poder resistir os ataques de qualquer inimigo, e até estar em melhor condição terminado o ataque. Assim sendo, se *tijoios* fossem derrubados por terra, eles reconstruiriam suas edificações com pedras lavradas; e, se os sicômoros fossem derrubados, eles reconstruiriam com cedros do Líbano. Tijolos e sicômoros eram materiais baratos de edificação, ao passo que pedras lavradas e cedros eram materiais nobres, que os ricos usavam em seus palácios. Ver Jer. 22.7,23. Tijolos feitos de barro e secos ao sol ficavam duros, mas não resistiam a muitos golpes de aríete. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Tijolos.* E os sicômoros eram bastante abundantes em Israel.

9.11

Portanto o Senhor suscita contra ele os adversários de Rezim. Embora Rezim (rei da Assíria) tivesse feito um acordo com o reino do norte para invadir Judá (ver Isa. 7.1), em breve mudaria de atitude e decidiria que era melhor saquear a nação de Israel do que lutar ombro a ombro com ela. Por volta de 738 A. C, parece que os filisteus e os sírios estavam pressionando Peca, rei de Israel, para forçá-lo a entrar em uma aliança com esses dois povos com vistas a enfrentar a Assíria, pelo que temos aqui uma espécie de reversão do que se vê no capítulo 7. Agora Israel era objeto dos ataques sírios e filisteus, em vez de Judá sofrer os ataques da Síria e de Israel, o reino do norte. Quanto a detalhes, ver as notas de introdução ao vs. 8. Como sempre, Yahweh é visto como o principal Impulsionador dos atos dos reis pagãos, por estar punindo Seu povo por intermédio deles. O vs. 12 fornece detalhes sobre a situação.

9.12

Do oriente vêm os siros, do ocidente os filisteus, e devoram a Israel. Israel seria apanhado em um movimento de pinça, da parte nordeste pelos sírios, e da parte oeste pelos filisteus. Entrementes, os habitantes de Israel recusavam-se a cuidar de seus pecados, pelo que teriam de defrontar-se com tiranos humanos e exércitos assassinos. Esses inimigos foram retratados como animais ferozes, que viriam rugindo contra Israel com boca escancarada, prontos para *devorar,* ou seja, dispostos a efetuar grande destruição. E o que restasse, eles aliariam a si mesmos, para fazer frente unida contra a poderosa Assíria.

Com tudo isto não se aparta a sua ira, e a mão dele continua ainda estendida. A seção termina com esse refrão, repetido por outras duas vezes neste capítulo (vss. 17 e 21), e uma vez mais no capítulo 10 (versículo 4). Essas repetições são comentários amargos de Deus sobre a teimosia e a rebeldia da nação do norte e sobre como julgamentos reiterados não puderam fazê-los mudar de atitude. Eles tinham avançado na maldade além da possibilidade de mudança. Fixaram-se em seus pecados e tornaram-se totalmente depravados, de modo que coisa alguma poderia levá-los ao arrependimento. A *mão de Deus,* ou seja, o poder de Deus, estava contra eles. Sua ira manifestava-se por Sua mão. Ver sobre *mão* em Sal. 81.14, sobre *mão direita* em Sal. 20.6 e no *Dicionário.* Ver sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. E no *Dicionário* consultar o verbete chamado *Ira de Deus.*

Segunda Estrofe: A Nação Inteira É Julgada (9.13-17)

9.13

Todavia este povo não se voltou para quem o fere. Israel estava fora de alcance, pelo que os golpes divinos não deixavam nenhuma impressão, a despeito do sofrimento que causassem. A ira de Deus continuava, e Seu braço permanecia golpeando, mas inutilmente. Talvez Israel soubesse *por que* as coisas estavam piorando cada vez mais, mas o coração endurecido tem uma maneira de tornar-se inflexível diante de qualquer mudança. Ver II Crô. 28.22, uma declaração acerca do rei Acaz: "No tempo de sua angústia, cometeu ainda maiores transgressões contra o Senhor".

9.14,15

Pelo que o Senhor corta de Israel a cabeça e a cauda. O decepamento de Israel (pondo um ponto final em toda a confusão) foi ilustrado pelo corte de várias partes. Os pontos extremos — a cabeça e a cauda — seriam decepados, como se Israel fosse um animal. Aqueles que eram dotados de autoridade, representados pela cabeça, bem como aqueles que não tinham autoridade, sofreriam igualmente, porque todas as partes estavam podres. A cabeça representa os anciãos e homens honrados, no vs. 15, e também os sábios e aqueles que ocupavam posições de autoridade. Além disso, a *cauda* eram os profetas mentirosos, que tinham esquecido seu chamado e visavam ganhar algum coisa mediante suas manipulações. Por sua vez, a "palma" da altiva palmeira seria cortada fora, mas outro tanto aconteceria ao humilde "junco". Isso significa que indivíduos investidos de importância e posição social, bem como pessoas humildes das massas populares, que não chamavam a atenção de ninguém, seriam igualmente atingidos. O ponto é que a corrupção tinha afetado a massa toda, e não havia mais inocentes. O espectro inteiro da nação estava corrompido.

9.16

Porque os guias deste povo são enganadores. Outro ponto de dois opostos ilustra a tese: os *líderes* e os *liderados.* Os líderes eram os piores, porquanto arrebanhavam outros para o jogo do pecado. Em breve a nação inteira estava presa a toda a espécie de vícios, e a idolatria encabeçava a lista de pecados. O monstro do pecado, que eles tinham criado, finalmente os engolira. Cf. Isa. 3.12b, que diz mais ou menos a mesma coisa. "Irreparavelmente perdidos, enganadores e enganados caminhavam juntos. E o mesmo acontece aos mestres e líderes do povo que lhes ensinavam coisas falsas e os guiavam por caminhos errados" (John Gill, *in loc.*).

9.17

Pelo que o Senhor não se regozija com os jovens dele. Os jovens, no viço da juventude, tão plenos de energia e zelo, são motivo de alegria quando isso é canalizado para causas nobres. Mas a juventude de Judá usava essa energia e zelo para semear más ações a fim de corromper e ser corrompida desde cedo na vida. Naqueles jovens, o Senhor não encontrava prazer. Além disso, normalmente os órfãos e as viúvas excitam compaixão, mas aquela sociedade vivia tão corrompida, de alto a baixo, que nem os mais humildes escapavam à polução. Portanto, nem mesmo a classe de órfãos e viúvas provocava compaixão no Senhor. Todos eles tinham-se tornado hipócritas, ímpios e malfeitores, elementos falsos que proferiam falsidades.

Para alguns, a referência à juventude faz lembrar as atividades da guerra. Os jovens são soldados que guerreiam em causas alheias, não em suas próprias causas, e terminam sacrificados. Yahweh, como a causa por trás da guerra, não os pouparia. O país deleitava-se nos guerreiros jovens, mas Yahweh os desprezava.

> *Assim, o Senhor não poupa os soldados,*
> *mostrando-se sem pena até para órfãos e viúvas.*
> *São todos profanos e ímpios;*
> *a impiedade acha-se em todos os lábios.*
>
> (Moffatt)

O Refrão. A parte final do versículo é uma reiteração extraída do refrão final do vs. 12, que aparece por um total de quatro vezes nesta passagem. Ver as notas sobre isso no vs. 12. A mão de Deus pesava contra todos aqueles pecadores.

A Terceira Estrofe (9.18-21)

9.18

Porque a maldade lavra como um fogo. A iniqüidade é aqui retratada como um incêndio todo-consumidor que devorava a terra inteira, sem respeitar coisa alguma. Esse incêndio devorava espinheiros e abrolhos, mas também florestas e campos cultivados, e todas essas coisas, devido ao incêndio, produziam horrenda coluna de fumaça. O poder destruidor do mal, que permeava toda a sociedade, parecia um incêndio florestal que se espalhava por toda a parte, até o colapso total da sociedade. Judá haveria de destruir-se com os seus próprios feitos. "Como fogo em espinhos foram queimadas" (Sal. 118.12). Cf. Eze. 20.47.

> *O mal é como um pequeno incêndio; primeiro, queima mato daninho e espinhos. Em seguida, queima os arbustos maiores da floresta. E tudo se evapora em uma coluna de fumaça.*
>
> (NCV)

Essa foi igualmente a interpretação de Kimchi: o fogo queima primeiro as coisas pequenas e então atinge as coisas de maior vulto, que ele aplicou a *gradações* da sociedade, desde as classes mais humildes até as mais importantes. Há certa *ironia* no fato de que as florestas, antes tão altas em seu orgulho, transformaram-se agora em meras colunas de fumaça que sobem para os céus.

9.19

Por causa da ira do Senhor dos Exércitos a terra está abrasada. O fogo do incêndio é agora chamado de *ira de Yahweh,* o *Senhor dos Exércitos.* Quanto a este último título, ver o *Dicionário* e I Reis 18.15. Deus brande todo o poder em Suas mãos, pelo que é o Juiz que envia Seu incêndio destruidor, de forma que a terra inteira de Judá seja devastada sem misericórdia. O Poder que controla os exércitos celestiais é o destruidor da terra, incansável, todo-consumidor. Enquanto o fogo divino devorava todas as coisas, cada indivíduo fazia a mesma coisa com seu vizinho e seu amigo. Portanto, a terra de Israel seria destruída pelo lado de fora (por meio de exércitos estrangeiros e desastres naturais), e também pelo lado de dentro, mediante crimes intermináveis, incluindo assassínios, latrocínios e violência desenfreada. Foi assim que o país inteiro tornou-se combustível para alimentar a conflagração generalizada que destruiria o povo, fazendo-o desaparecer da face da terra.

9.20

Abocanha à direita, e ainda tem fome. Agora a nação de Judá é retratada como um monstro que devorava a si mesmo. Os seus cidadãos se devoravam entre si, à direita e à esquerda, ou seja, por toda a parte e em todas as direções. Os *abusos mútuos* foram um dos maiores fatores que desolaram a terra. Os judeus chegaram a devorar a carne dos próprios braços (King James Version), ou então "cada um devora a carne do próximo" (Revised Standard Version). O Targum também tem esta segunda compreensão do original hebraico envolvido. Mas a NIV diz como segue:

> Cada qual se alimentará da carne
> *De sua própria prole.*

Isso é uma referência ao *canibalismo* figurado, e talvez até a um canibalismo literal, quando chegasse o tempo dos ataques assírios. "... fome devoradora,

desconsideração pelos laços de parentesco, insaciável miséria e morte que atingiria a todos, por todos os lados (ver Jer. 19.9)" (Fausset, *in loc.*). A referência poderia ser à destruição mútua das várias tribos da nação do norte, que não mais eram consideradas "irmãs de raça". Ver o vs. 21. Diz o Targum: "Eles despojam o sul e continuam com fome; eles despojam o norte e não ficam satisfeitos".

9.21

Manassés a Efraim, e Efraim a Manassés. Além disso, praticavam-se abusos entre o norte e o sul, e então entre as tribos. Manassés feria a Efraim, e Efraim feria a Manassés, e então ambos se voltavam contra Judá. Eram como cães selvagens que se deleitam em brigar entre si, e não meramente contra um inimigo ou presa comum. "Ao que tudo indica, a referência é à derrubada e ao assassinato de Pecaías, por parte de Peca, um gileadita do território de Manassés, a leste do rio Jordão, e ao ataque subseqüente de Peca, em companhia de Rezim, de Damasco, contra Acaz, de Judá" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). O quadro pintado é um retrato de total iniqüidade, que não se satisfazia com nenhum tipo de expressão, mas se mantinha ocupado tentando todas as maneiras de ferir o próximo. Israel inteiro se tornara insano. Não admirava que Yahweh precisou intervir, pondo fim a toda aquela triste massa pútrida, mediante a agência do exército assírio. Israel, desunido em todas as coisas, e já mutuamente destrutivo, teve de unir-se (e até alugar a ajuda de um estrangeiro) para atacar os "irmãos" do sul, que não mais significavam nada para eles, embora fossem irmãos hebreus.

O Refrão. Pela terceira vez (vss. 12, 17 e 21) foi repetido o refrão do *poder destruidor de Deus.* Deus precisou estender Sua mão (que usualmente era empregada para ajudar Seu povo) a fim de pôr fim àquele triste estado de coisas, de modo que houvesse um novo começo. Ver as notas sobre o vs. 12 quanto a essa declaração.

Capítulo Dez

O Látego Assírio (10.1-34)

Ai de um Povo Injusto (10.1-4)

O capítulo anterior apresentou três estrofes com respeito ao julgamento que haveria de sobrevir à nação do norte, por causa de sua profunda iniqüidade (vss. 8-12; vss. 13-17; vss. 18-21). E Isa. 10.1-4, a *quarta estrofe,* assinala a transição de volta a Judá, seus pecados e sua punição antecipada. Alguns eruditos pensam que esta estrofe também fala com a nação de Israel, mas a expressão "meu povo", que figura no vs. 2 deste capítulo, quase certamente designa Judá. Note igualmente o leitor que a terceira estrofe do capítulo 9 menciona *Judá,* aparentemente como antecipação para a transição da quarta estrofe. Os líderes da nação do sul eram culpados de *seis* pecados distintivos contra o seu próprio povo. É provável que esta seção represente um oráculo independente, outra mensagem de Yahweh dirigida ao profeta Isaías. Cf. Jer. 3.6-10 e Eze. 16.44-58.

10.1

Ai dos que decretam leis injustas. Temos aqui o início dos seis pecados cometidos na nação do sul, Judá:

1. Os *horríveis líderes* de Judá *decretavam* leis injustas que serviam a si mesmos, mas prejudicavam o povo comum. Juízes injustos faziam parte do plano, promovendo os orgulhosos e ricos, e explorando os humildes e os que não sabiam defender-se. Quão freqüentemente os governantes de uma nação na realidade são os seus opressores! Cf. Isa. 3.13-15 e Jer. 8.8. Eles decretavam leis irracionais e opressivas, contrárias aos ditames da legislação mosaica. Os interesses dos fortes e dos ímpios eram protegidos, e os ricaços da terra apelavam para essas leis e seus legisladores. Os que agiam assim eram objeto dos julgamentos divinos, e em breve os *opressores* tornaram-se *oprimidos,* uma vez que houve o ataque da potência estrangeira, a Assíria.
2. Os legisladores continuavam a compor *medidas opressivas* para transformar o povo em presa. Não estão em pauta escribas, mas, sim, magistrados, que tomavam decisões aberrantes sobre as leis e as usavam como instrumentos de exploração. Leis gravosas e intolerantes eram baixadas por eles. Eles as redigiam ou mandavam que fossem redigidas, e então as promulgavam e publicavam. Assim o povo era forçado a viver sob uma legislação intolerável, um código de opressão e sofrimento. Cargas pesadas demais para serem suportadas eram levadas pelo povo. Cf. Mat. 15.3,6,9 e 23.4,14,23,25.

10.2

Para negarem justiça aos pobres. Continuam aqui os seis pecados da liderança de Judá:

3. Os *pobres,* os elementos mais fracos da sociedade que não sabiam defender-se, eram objeto especial de leis injustas e atos opressivos dos líderes corruptos. Na política, qualquer medida opressiva servia.
4. A *justiça era anulada,* e isso às expensas dos que mais precisavam dela. Os membros humildes da sociedade não podiam apelar à lei, porquanto ela se tornara uma medida de *perseguição.* Os líderes eram "ladrões dos direitos naturais".
5. As *viúvas,* tão facilmente exploradas, perdiam suas terras e o pouco meio de vida que tinham a fim de aumentar as contas bancárias dos ricaços e poderosos. Isso posto, elas se tornavam presas daqueles animais selvagens, ou um despojo de exércitos legais iníquos.
6. Os *órfãos,* que já tinham perdidos seus pais devido às condições caóticas da sociedade ou aos desastres naturais, eram vítimas dos furtos das autoridades humanas, que assestavam contra eles leis injustas. Pessoas que não sabiam defender-se tornavam-se despojos do exército de pervertidos. A legislação mosaica procurava proteger as classes mais humildes. Ver Êxo. 22.22; 23.6; Deu. 15.7,8; 24.17,18, e cf. Isa. 1.17.

10.3

Mas que fareis vós outros no dia do castigo...? Os opressores em breve começariam a ser oprimidos. A maré do pecado tinha de ser revertida de alguma maneira, em algum lugar. O *dia da visitação* já raiava no horizonte. Um dia de punição e tristeza haveria de apanhar aqueles ímpios judeus que exploravam o próprio povo. Os exploradores seriam explorados. Os destruidores seriam destruídos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* O "dia do Senhor" (2.12) estava chegando. Agora a *desolação* não estava mais distante. E, quando chegasse, não haveria para onde fugir, e todas as riquezas amealhadas mediante medidas legais e opressivas cairiam nas mãos das hordas assírias e, mais tarde, nas mãos dos babilônios. Os poucos sobreviventes judeus ficariam perambulando ao redor, amaldiçoando o rei e a Deus (ver Isa. 8.21). "Pela imutável lei de Deus, o mal seria julgado" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*).

10.4

Nada mais vos resta a fazer senão dobrar-vos entre os prisioneiros e cair entre os mortos. Nada mais restaria aos iníquos judeus da classe liderante senão encolher-se entre os prisioneiros, juntamente com aqueles a quem oprimiram. Todos seriam nivelados pelos conquistadores assírios e babilônios. Os estudiosos que vêem Israel nos vss. 1-3 falam aqui do cativeiro assírio. Mas quase certamente é a nação de Judá que figura aqui, e o estágio final do castigo para o povo de Judá seria o cativeiro babilônico, embora os assírios também viessem a prejudicar seriamente a nação de Judá. Ver Isa. 1.7.

O Refrão. Encontramos aqui a *quarta repetição* do refrão que apareceu inicialmente em Isa. 9.12, onde apresentamos comentários a respeito. A poderosa mão do julgamento divino haveria de continuar golpeando, tanto Israel quanto Judá, até que ambas as nações fossem reduzidas a pó. Então um novo começo poderia ter lugar com o pequeno remanescente que retornaria de Babilônia. Um remanescente da nação de Judá tornar-se-ia o Novo Israel, mas somente quando a antiga nação de Israel e a antiga nação de Judá tivessem sido virtualmente aniquiladas. Alguns estudiosos pensam estar em pauta aqui a dispersão provocada pelos romanos, mas não há referência a isso nos profetas do Antigo Testamento. Outros eruditos acreditam que Isa. 5.24-30 deveria ser colocado aqui como, conforme eles supõem, o final de um complexo oráculo que foi interrompido por outros materiais.

A Assíria, o Chicote nas Mãos de Deus, Também Seria Julgada (10.5 – 12.6)

A Jactância dos Assírios (10.5-16)

"Inconsciente de que servia de instrumento de Deus, a poderosa Assíria estava condenada, por seu orgulho, à destruição (cf. Jer. 25.8-14; 50.23)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 5). Ver a *Introdução* ao livro, seção II, que fornece o pano de fundo histórico. É claro que a Assíria foi o látego tanto de Israel (o norte) quanto de Judá (o sul), embora para Judá o látego maior fosse a Babilônia. Yahweh é pintado a usar uma vara e um cacete para punir o Seu povo, e esses instrumentos eram uma potência militar pagã. No vs. 15, a Assíria também aparece como um *machado* e uma *serra,* mas este versículo deixa claro que não havia poder naqueles instrumentos sem a mão divina que os empregasse.

10.5

Ai da Assíria, cetro da minha ira! Embora a *Assíria* tenha sido o instrumento para castigar tanto a nação de Israel quanto a nação de Judá, dificilmente era

inocente. Uma potência superior, a Babilônia, poria fim ao poder assírio. A seção à nossa frente prediz esse fato e então nos dá discernimento do que se seguiria, o que tem sido interpretado como o reino do milênio de Deus. Mas os profetas do Antigo Testamento não viam com clareza bastante para entender o que seria separado do tempo da restauração de Israel, por meio do retorno do remanescente dos judeus, terminado o exílio babilônico. De fato, os profetas pintavam o reino como algo que viria logo depois do retorno da Babilônia, ou seja, eles erraram quanto ao elemento tempo. Os críticos, naturalmente, não vêem nisso um equívoco que tenha envolvido somente o elemento tempo, mas um erro maior: o fracasso por parte do próprio reino, que os judeus e os cristãos transferiram para mais adiante, em algum futuro remoto, a fim de evitar que a profecia fosse chamada de falsa. O Apocalipse, no Novo Testamento, certamente antecipa o segundo advento de Cristo como acontecimento bem próximo, e isso concorda com a expectação dos primeiros cristãos. Gradualmente, porém, foi-se percebendo que essa expectação não teria cumprimento muito em breve. Em seguida desenvolveu-se uma escatologia que transferiu o evento para um futuro remoto, e os cristãos começaram a falar sobre a passagem de 2.000 anos. A fé retém a idéia do reino, enquanto a incredulidade rejeita a questão inteira.

10.6

Envio-a contra uma nação ímpia, e contra o povo da minha indignação. *A Assíria Foi o Látego Usado por Deus.* O povo de Deus se tornara ímpio. Deus é o Senhor da história e o Impulsionador primário dos acontecimentos humanos. Isso reflete a idéia do *Teismo,* que afirma que Deus não somente criou todas as coisas, mas também está presente no mundo para recompensar os bons e castigar os maus. Isso faz parte de-Sua providência contínua, em seus aspectos positivo e negativo. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teismo* e *Providência de Deus.* Em contraste com esse conceito, temos a noção do *Deismo,* que assevera que o poder criador abandonou o universo, deixando-o ao controle de leis naturais. Em outras palavras, Deus divorciou-se de Sua criação. Ver também o *Dicionário* quanto ao *Deismo.*

Uma idéia comum entre os hebreus é que Deus era a *causa única.* A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias. Naturalmente, essa era uma posição exagerada. O livro de Isaías, do começo ao fim, apela para os homens como causas secundárias, para fazerem o que é certo e assim evitarem o juízo divino. Sem causas secundárias não haveria coisas certas nem responsabilidade moral. No livro de Isaías, por exemplo na parábola da vinha, em Isa. 5.1-7, o julgamento é visto como inevitável, mas isso se devia ao fato de que os homens se corromperam de tal modo que se tornaram incapazes de reformar-se moralmente. O calvinismo radical também caiu na armadilha fatal de ter Deus como a *causa única,* com uma resultante má teologia no tocante ao destino humano.

As temíveis descrições contidas neste versículo provavelmente têm por intuito incluir o que a Assíria fez tanto contra Israel como contra Judá. Israel naturalmente foi mais pesadamente atingido pela Assíria do que Judá. O artigo sobre o *Cativeiro Assírio* fornece vividas descrições daquele horrendo acontecimento. Na verdade, Israel foi abatido como um animal herbívoro por um carnívoro feroz. Ato contínuo, o Monstro do nordeste pisoteou Israel aos pés, na lama das ruas. Hab. (1.16,17) indagou por que Deus usou poderes pagãos para punir Seu próprio povo, e podemos estar seguros de que Israel também ficou surpreso diante desse fato. Isa. 9.10 mostra-nos que o povo de Israel pensava ser capaz de desviar os ataques e sobreviver outro dia para tornar-se maior e melhor do que nunca. Quem teria podido antecipar o fim absoluto da nação de Israel? Não obstante, o Senhor Jesus reverteu os efeitos do cativeiro assírio (ver Isa. 9.1,2).

10.7

Ela, porém, assim não pensa. Estava na mente da Assíria destruir muitos povos, mas nunca se evidenciou diante dos olhos dos assírios que sua pátria era um instrumento nas mãos do Deus de Israel! Cf. a admiração de Hab. (1.16,17) sobre como tal coisa poderia estar moralmente correta. Este versículo indica que a Assíria nada tinha do que vangloriar-se. Era um povo brutal e ímpio, e sua condição em nada foi aprimorada quando eles se tornaram um instrumento nas mãos de Deus. Eles eram conduzidos pela concupiscência pelo sangue e pelas riquezas materiais e, além disso, apreciavam toda aquela matança.

"Sua concupiscência desenfreada pela conquista foi usada e limitada por Yahweh, mas mesmo assim eles acabaram sendo julgados por Yahweh" (R. B. Y. Scott, *in* toe). "Isaías não reivindicava que a Assíria era ímpia, ou que aquele império sabia que Deus o estava usando para cumprir Suas ordens. Em Sua soberania, Ele orientou a Assíria para que fosse Seu instrumento de vingança" (John S. Martin, *in* toe). Há uma inscrição de Sargão que diz: "Conquistei; assolei; incendiei; matei; destrui", e todas essas coisas foram ditas jactanciosamente, como se fossem coisas capazes de tornar um homem grande. Outrossim, ele se considerava o campeão de divindades pagas como Istar e Nebo, mas jamais imaginou ser uma vara nas mãos de Yahweh contra o Seu próprio povo! Quanto ao tremendo e temido poder da Assíria, e sua longa história de destruição, ver o artigo sobre esse povo, no *Dicionário.*

10.8

Porque diz: Não são meus príncipes todos eles reis? A Assíria fazia com que *reis* vassalos se tornassem comandantes de exército. Os reis antigos conquistavam posição de realiza por serem soldados de valor superlativo, porquanto, naquele tempo, a capacidade de matar significava a sobrevivência e a conquista de governos estrangeiros. Os vss. 9 ss. mencionam algumas das mais significativas vitórias dos assírios. Samaria não resistiu aos ataques dos assírios, e Jerusalém também não poderia oferecer resistência, sendo eles tão grandiosa potência.

Alguns estudiosos pensam que este versículo significa que todos os comandantes são "como reis", e não que o rei da Assíria se valesse de reis vencidos como comandantes de exército. Há inscrições que exibem os nomes de 23 reis (entre os quais estão Acaz e Peca), que tinham sido trazidos para a órbita do controle assírio. Um possível significado deste versículo é que o rei da Assíria era tão grande que até mesmo aqueles que o serviam, como seus nobres e comandantes militares, eram tão grandes quanto ou mesmo maiores do que os *reis* de outras nações. Isso fazia parte da vangloria do rei assírio sobre quão grande era ele mesmo e o seu povo.

10.9

Não é Calno como Carquemis? As *vitórias passadas* serviam de garantia de sucesso contra Jerusalém. Cinco cidades famosas e bem fortificadas da anteriormente orgulhosa Síria são nomeadas aqui, começando pelas mais distantes de Jerusalém. Todos esses lugares haviam caído diante do poder assírio. Tiglate-Pileser conquistou Calno em 742 A. O; Carquemis e Hamate em 738 A. O; Arpade em 741 A. O; e Damasco em 732 A. O Ver no *Dicionário* artigos sobre todos esses lugares. Menaem, rei de Israel, pagava tributos, à espera do golpe final aplicado pelos assírios. Os incansáveis assírios se espalhavam, qual maré inundante, por todas as terras; e, em 701 A. O, estavam aos pés das muralhas de Jerusalém.

10.10

O meu poder atingiu os reinos dos ídolos. Os povos antigos levavam muito a sério a ajuda prestada pelos ídolos. É provável que a maioria desses povos acreditasse que os ídolos representavam poderes espirituais invisíveis mas reais, interessados nos homens, para ajudá-los ou prejudicá-los. Quanto maiores e mais vistosos fossem esses ídolos, segundo se concebia na época, mais era possível invocar sua ajuda e proteção. Além disso, havia aqueles templos magníficos, complexos sistemas rituais e sacrificiais. Todo esse aparato idolátrico servia para impressionar os poderes espirituais invisíveis, o que garantiria ajuda em tempos de necessidade. Mas o poderoso Tiglate-Pileser tinha sido capaz de vencer todos os poderes, humanos e divinos; e, por essa razão, postava-se, arrogante, em suas realizações. Além disso, nem em Samaria nem em Jerusalém havia ídolos tão augustos como aqueles que já haviam sido subjugados. Sem dúvida, Yahweh era classificado como deus de Israel e Judá, como em nada superior a outros, embora não fosse representado por ídolo. Tanto Israel quanto Judá tinham-se tornado aberta e francamente idolatras, antes do golpe da mão de Deus. Portanto, havia grande abundância de ídolos que o rei da Assíria poderia mencionar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* Cf. a vangloria do rei da Assíria com Isa. 39.19,20; 37.12. Deus usaria o jactancioso rei da Assíria, mas esperava por ele um dia de prestação de contas.

10.11

Porventura como fiz a Samaria e aos seus ídolos...? *As cidades da Síria,* enumeradas no vs. 10, caíram e tornaram-se parte do império assírio. Samaria estava agora sob tributo; dentro de poucos anos seria completamente demolida, e os poucos sobreviventes seriam transportados para a Assíria. Em seguida, outras pessoas seriam enviadas para ocupar o lugar dos primitivos habitantes da nação do norte, Israel. Os casamentos mistos entre os sobreviventes de Israel e os recém-chegados produziriam os samaritanos. Depois de tudo isso, o reino do norte, Israel, teria um fim definido. Portanto, que chances Jerusalém (embora alegadamente protegida por seus ídolos) teria de resistir à maré das tropas assírias?

10.12

Por isso acontecerá que, havendo o Senhor acabado toda a sua obra. Este versículo é uma anotação em forma prosaica que sumaria Isa. 10.5-11 e 13-16, e ficaria mais bem colocado depois do vs. 16. O chicote assírio perduraria somente enquanto Yahweh assim o quisesse. Uma vez que a Assíria tivesse servido a seu propósito nas mãos de Deus, então que recebesse o castigo que tanto merecia. Este versículo apresenta uma esperança que se tornou comum nos profetas posteriores e apocalípticos, em suas formulações escatológicas: Deus haveria de julgar os opressores, mesmo que tivesse determinado que eles opri-

missem a outros. Ver Eze. 38.17 ss.; Zac. 14.1 ss.; Joel 3.9-16. O monarca assírio era homem orgulhoso e altivo, atitude abominada pela mente divina. Ver Sal. 18.27; 101.5; Pro. 6.1 e 30.13. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Orgulho*. A Babilônia em breve poria fim ao império assírio.

> *Com grande indignação estou irado contra as nações que vivem confiantes.*
>
> (Zacarias 1.15)

10.13,14

Porquanto este disse: Com o poder da minha mão fiz isto. A arrogância do rei da Assíria continua a ser descrita, resumindo o vs. 11. Ele pensava que todas aquelas vitórias haviam sido obtidas pelo poder de suas mãos, e não pelo poder das mãos do Senhor Deus. Assim sendo, jactava-se. O rei pensava que *seu* poder e *sua* sabedoria o tinham levado a modificar as fronteiras dos países, reunindo todas as nações conquistadas sob seu domínio. Ele pensava que, por *seu* poder, tinha saqueado todos aqueles povos e enriquecido fantasticamente. Por conseguinte, vangloriava-se. Ele pensava ser um forte touro que conseguira derrubar tronos e aqueles que neles se assentavam. Portanto, orgulhava-se. Ele pensava que, por *seu* próprio poder e gênio, tinha reunido toda a *riqueza* dos países em derredor, como se fossem ovos que ele simplesmente tinha encontrado em um ninho. Diante da sua aproximação, os reis de outras nações, quais aves, abandonaram seus ninhos e ovos, pelo que o rei da Assíria ficou com todos eles para si mesmo. E, assim sendo, vangloriava-se. Aquelas aves (os reis) ficaram tão assustadas que nem ao menos mexeram as asas nem abriram o bico para piar. Elas sabiam que estavam impotentes diante do rei da Assíria. E, isso posto, ele se jactava. O homem não sabia que Yahweh era a fonte de todo aquele poder e de todas aquelas vitórias. Ele não era um homem moldado por si mesmo, mas fora moldado por Deus, para *aquela hora* exata. Terminado o seu tempo de agir, ele acabaria esmagado, tal e qual havia feito a outros.

10.15

Porventura gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? *A Resposta à Loucura do Rei Assírio.* Somos aqui remetidos ao vs. 5: o rei assírio era apenas um instrumento na mão de Deus. Antes ele aparece como uma vara e um bastão, mas agora é pintado como um *machado* e uma *serra*. O machado é um instrumento que só pode cortar se um homem o maneja. Dessa forma, o rei assírio só poderia fazer alguma coisa se Yahweh decidisse usá-lo com algum propósito. Uma serra não tem o poder de levantar-se e serrar uma tora de madeira. Esse trabalho só pode ser feito se alguém resolver cortar alguma coisa com a serra. Mero instrumento! Essa é a mensagem do versículo, e aquele que era apenas um instrumento não tinha razão alguma para gloriar-se. O homem é quem brande os vários instrumentos, não são os instrumentos que brandem o homem; portanto, é um absurdo um instrumento tomar para si o crédito que pertence ao homem. Este versículo personaliza os instrumentos como se tivessem inteligência própria, além da inteligência do indivíduo que os utiliza. A Assíria nem traçou nem alterou os planos divinos. Foi apenas um instrumento para realizar o que estava determinado, segundo os *propósitos divinos*.

10.16

Pelo que o Senhor, o Senhor dos Exércitos, enviará a tísica contra os seus homens. O julgamento que alcançaria a Assíria tomaria diversas formas. Uma delas seriam enfermidades, pragas, desastres naturais, coisas que estão fora do controle humano. Os exércitos assírios seriam grandemente reduzidos por meio de pragas. Nem mesmo guerreiros fortes ofereceriam resistência. Antes, morreriam como moscas. E então, "de baixo da sua glória", talvez apontando para suas partes interiores, queimaria um fogo. Talvez estejam em pauta infecções internas que matam pelo lado de dentro. O versículo seguinte define o fogo como a "labareda" do Santo de Israel, embora não revele de que maneira esse julgamento operaria ou exatamente no que esse fogo consistiria. Poderia estar em mira o exército babilônico, que viria queimando e saqueando, e esse seria outro instrumento usado por Deus. Ao que parece, a Assíria foi pintada como uma floresta que em breve seria reduzida a cinzas por um incêndio. Ver o vs. 18 quanto a esse simbolismo. A destruição atingiria tanto a alma quanto o corpo, conforme explico naquele versículo.

De baixo da sua glória. Devemos considerar aqui três pontos: 1. Os órgãos internos do corpo, queimados por alguma infecção. 2. A glória do reino assírio, queimada pelo julgamento vindouro, através dos babilônios. 3. O exército assírio, que era a glória da nação, consumido pelas chamas da batalha.

O Incêndio da Floresta (10.17-19)

10.17

Porque a Luz de Israel virá a ser como fogo. No vs. 16, Yahweh acende as chamas do julgamento; aqui, o próprio Yahweh é o fogo, e a luz é a glória de Sua majestade (ver Sal. 27.1). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Luz, Deus como* e *Glória*. Ver também o verbete chamado *Santo de Israel*, o nome divino aqui usado. A santidade de Yahweh requeria que a Assíria fosse julgada por meio do fogo, e o próprio Yahweh seria o Agente ativo nessa deflagração. O Fogo divino destruiria *os espinheiros e as sarças*, ou seja, o exército assírio. Isso ocorreria em um "só dia", ou seja, em pouco tempo, ou então está em pauta aqui o Dia do Senhor (Isa. 2.12). "Em 701 A. C., foram mortos 185.000 soldados assírios que cercavam Jerusalém (II Reis 19.35; Isa. 37.36,37). Então, em 609 A. C., o império assírio caiu diante da Babilônia. Essa queda foi um protótipo da queda de todos quantos se opõem a Deus e a Seus planos para o povo que firmou pacto com Ele" (John S. Martin, *in loc.*).

"A luz de Israel é a glória majestática de Deus (ver Isa. 2.10; 29.6; Eze. 1.26-28). Deus tomaria vingança da Assíria como se fosse um incêndio na floresta" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo).

10.18

Também consumirá a glória da sua floresta e do seu campo fértil. O Fogo de Deus consumiria a *floresta gloriosa*, ou seja, os nobres da Assíria, bem como todas as coisas boas daquela nação. Talvez estejam em pauta homens selecionados, e não meros objetos físicos inanimados.

Desde a alma até ao corpo. Considere o leitor estes dois pontos: 1. Não alma e corpo no sentido do corpo físico e da alma imaterial, no *sheol*, e na Geena, após o julgamento final. 2. Antes, *completamente*. "... proverbial para a idéia de *totalmente*" (Fausset, *in loc.*). A teologia posterior dos hebreus contemplaria um julgamento no pós-vida (Dan. 12.2).

Como quando um doente se definha. O profeta Isaías volta aqui ao tema da *enfermidade*, tal como se viu no vs. 16. Eles *definhariam*. Alguns estudiosos compreendem o original hebraico como se falasse do portador da bandeira, que desmaiava, lançando o exército em pânico e debandada. Esta linha do versículo é um tanto obscura. Uma pequena emenda a faria dizer: "E será como a dissolução do dissolvido".

10.19

O resto das árvores da sua floresta será tão pouco que um menino... Os sobreviventes da nação (as árvores deixadas na floresta) serão tão poucos que até uma criança saberá registrar-lhes o número. Antes uma densa floresta, os assírios seriam reduzidos a algumas poucas árvores dispersas.

> *Somente algumas poucas árvores ficarão de pé. Haverá tão poucos que até uma criança saberá contá-los.*
>
> (NCV)

Contar o número dos sobreviventes de um exército, terminada uma batalha, era tarefa de um escriba real assírio, o que aparece com freqüência nas esculturas assírias. Nessa ocasião, entretanto, seus serviços não seriam requeridos.

O Remanescente que Retornará (10.20-23)

10.20

Acontecerá naquele dia que os restantes de Israel, e os da casa de Jacó. Vimos sobre o remanescente que sobreviveria, mas ficaria vagabundeando a amaldiçoar o rei e Deus (Isa. 8.21). Trata-se do remanescente incrédulo que continuaria incrédulo. Considere o leitor estes três pontos:

1. Aqui, porém, encontramos um remanescente arrependido. Alguns estudiosos pensam que o povo "salvo" é a "volta dos arrependidos", e o tempo diz respeito à Assíria, em relação com Israel.
2. Outros eruditos vêem aqui a volta do remanescente da Babilônia, aquele punhado de gente que seria o Novo Israel, para recomeçar a história de Israel, depois da perda total da nação israelita, bem como da maior parte da nação judaica. Judá tinha insistido em confiar na Assíria para proteger-se dos ataques do norte (Isa. 7). Agora, porém, Judá confiaria no Senhor, o Santo de Israel. Verdadeiramente, *dependeria* Dele, com fé sincera e de todo o coração. A referência é ao tempo do retorno moral e espiritual nos dias da Assíria, o que, cronologicamente, concorda com o contexto. No vs. 19 encontramos um remanescente do exército assírio que sobrevivera, mas, sem dúvida, fora deixado no paganismo e na idolatria. Aqui, porém, temos o remanescente de Judá, que teria abandonado o paganismo e agora confiava em Yahweh, e não na Assíria.
3. Alguns eruditos vêem aqui a volta de um remanescente da nação do norte, Israel, que teria voltado do cativeiro assírio, mas isso não fica subentendido em parte alguma.

O Targum diz aqui: "Não mais se escorarão no povo a quem serviram, mas, na verdade, se escorarão na Palavra do Senhor".

10.21

Os restantes se converterão ao Deus forte. Este versículo repete a essência do vs. 10 e define a *conversão* ali referida. O retorno será ao Deus Poderoso, *El* (o Poder). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.* É o retorno do arrependimento, o primeiro significado que devemos ver no vs. 20. Alguns não vêem esse retorno da Babilônia para a Terra Prometida, como excluído do sentido geral, mas é melhor compreender a passagem como se tratasse da situação com a Assíria, quando Judá não estava exilado. "Deus forte" é um dos títulos do Messias, em Isa. 9.6.

> *O povo que for deixado vivo na família de Jacó novamente seguirá o Deus poderoso.*
>
> (NCV)

Cf. o nome de um dos filhos de Isaías, Sear-Jasube (Isa. 7.3 — UM-RESTO-VOLVERÁ). Ver as notas expositivas ali. Essas palavras se repetem uma vez mais no vs. 22.

10.22-23

Porque ainda que o teu povo, ó Israel, seja como a areia do mar. Israel tinha sido como a areia fio mar, quanto ao número (cf. Gên. 22.17; 32.12; II Sam. 17.11), mas pelos julgamentos da ira de Deus, fora reduzido a um pequeno remanescente. Esse remanescente, uma vez purificado, entretanto, confiaria em Yahweh e, arrependido, voltar-se-ia para Ele. A destruição havia sido decretada pelo Senhor, que estava inundando tudo com justiça e retidão, isto é, em sentido absoluto embora terrível. A figura é de um grande acúmulo de água, como um rio, ou como as ondas do mar que não podem ser detidas nem controladas pelos homens. A justiça seria como uma grande maré que inundaria os ímpios.

"Literalmente, uma obra final ou terminada, decisiva, transbordante de retidão. Frase semelhante aparece novamente em Isa. 28.33 e Dan. 9.27. A *obra terminada* é a do julgamento de Deus, e ela transbordará com retidão, tanto punitiva quanto corretiva" (Ellicott, *in loc).*

O vs. 23 reitera a idéia do vs. 22, e também o reforça pela adição do título divino Yahweh, Senhor dos Exércitos, mostrando que Nele há poder suficiente para o cumprimento do oráculo. Ver sobre esse título no *Dicionário e* em I Reis **18.15.**

Sião É Encorajada (10.24-27)

10.24

Pelo que assim diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos. "Este breve oráculo de exortação e promessa prove uma apta conclusão para a reprimenda e a ameaça dirigida ao rei assírio, nos vss. 5-16,18b, mas não foi inteiramente preservado em sua forma métrica original. Assemelha-se à breve palavra de encorajamento em Isa. 37.6,7, .que foi dirigida a Ezequias em circunstâncias similares, se não mesmo idênticas, e preservada sob forma prosaica. Se temos ou não de inferir que Isa. 10.24-27c também pertencia uma vez a uma narrativa biográfica, é certo que a substância dos oráculos proféticos com suficiente freqüência era proferida em forma de prosa (cf. Jer. 22.10, que tem forma de verso, com os vss. 11 e 12, que tem forma de prosa)" (R. B. Y. Scott, *in loc).*

O título divino do vs. 23 se repete (ver as notas ali) para garantir que há poder suficiente para o cumprimento do oráculo ora proferido. Embora a *destruição* imposta pelos assírios fosse grande, não haveria finalidade em seus resultados. O castigo foi sofrido não para esmagar, mas para purificar e restaurar, tal como, no Egito, os antepassados dos judeus foram afligidos, mas o poder de Deus finalmente os levou a um Novo Dia, na Terra Prometida. É conforme diz um antigo hino evangélico: "Certamente Ele vos tirará para fora, pelo que tomai vossas cargas ao Senhor e deixai-as ali". O povo castigado continuava sendo o povo de Deus. O povo disciplinado não fora abandonado. Havia razão, por conseguinte, para não *temer.*

10.25

Porque daqui a bem pouco se cumprirá a minha indignação. A ira que tinha castigado e purificado Israel, a fim de que se pudesse efetuar o livramento, finalmente se voltaria contra os brutais assírios, pondo fim à ameaça. Uma vez transferida para os opressores, a ira de Deus afastar-se-ia dos oprimidos. Cf. Isa. 37.36,37. Há propósito no sofrimento e na punição. Essas coisas não são arbitrárias nem finais. Elas passam quando o propósito tiver sido cumprido. O Targum diz: "Ainda por um pouco mais de tempo, as maldições cessarão e sereis livres, ó casa de Jacó, e minha ira os destruirá". O texto exorta contra o conceito voiuntarista de Deus. Existem *propósitos* nas aflições divinas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.*

10.26

Porque o Senhor dos Exércitos suscitará contra ela um flagelo. Gideão teve de enfrentar grandes adversidades quando lutava contra os midianitas, na rocha de Orebe. Ali foi efetuada grande matança que livrou Israel da opressão. Ver Juí. 7.25. Essa vitória deveu-se à intervenção divina, e outro tanto se daria no caso das perseguições movidas pelos assírios. Então lembre o leitor que, embora os israelitas tenham sido espancados com varas pelos egípcios, houve outra *vara,* a de Moisés, a qual, uma vez erguida, abriu um caminho de escape através do mar. Mas esse mesmo ato significou a destruição dos soldados egípcios, quando eles tentaram seguir os israelitas. Ver Êxo. 14.16,26. Portanto, que o leitor lembre essas duas varas. A vara de Yahweh voltar-se-ia contra os assírios, que seriam destruídos súbita e completamente, e isso libertaria o povo de Israel.

10.27

Acontecerá naquele dia, que o peso será tirado do teu ombro. Quando a vara de Deus começasse a agir, a *carga imposta* a Israel pela Assíria de súbito seria erguida, e o jugo dos assírios, mediante o qual eles escravizavam, de súbito se transformaria em nada. Literalmente, o jugo seria "destruído desde o pescoço", ou seja, inutilizado para sempre. A Septuaginta diz aqui "cessará". Cf. Isa. 9.4, que diz algo similar. Alguns estudiosos pensam que o jugo significa o pesado tributo imposto a Ezequias (ver II Reis 18.14). O Targum aplica o texto ao Messias e ao livramento futuro e final de Israel.

A **Aproximação do Invasor** (10.28-32)

10.28

A Assíria vem a Aiate, passa por Migrom. Esta passagem é uma notável peça poética que assume a forma de balada de guerra (cf. Juí. 5). Os vss. 28-29 registram a rápida aproximação do inimigo em uma série de mensagens emocionantes, mencionando cada lugar que a Assíria esmagou a caminho de Jerusalém. Os vss. 29-31 falam sobre o pânico do povo, que esperava pela matança. O vs. 32 leva-nos aos portões de Jerusalém; e então é cortada a floresta do exército assírio (vss. 33-34). Yahweh tinha uma grande surpresa à espera do adversário assírio.

"O *lugar mencionado* jazia ao longo da rota pela qual o exército assírio enveredou em 701 A. O Começava na fronteira norte de Judá em Aiate (Ai), que ficava somente a cerca de 13 km de Jerusalém. O exército assírio avançou então para Migrom, depois para Micmás, onde guardou temporariamente seu material de guerra, que ficava a pequena distância de Jerusalém, de onde poderia atacar a capital. Para detalhes sobre todos os lugares aqui mencionados, ver os artigos no *Dicionário.* Das doze cidades mencionadas, não se conhecem as localizações de apenas quatro dessas cidades, a saber, Galim e Laís (perto de Jerusalém; vs. 30) e Madmena e Gebim (vs. 31). O contexto situa todas essas localidades próximas de Jerusalém. Temos aqui uma descrição da marcha do exército de Senaqueribe aproximando-se de Jerusalém a fim de atacá-la, bem como do terror e da confusão que se espalhavam e aumentavam, conforme os diversos lugares eram alcançados pelo inimigo" (Adam Clarke, *in loc).*

10.29

Passa o desfiladeiro, aloja-se em Geba. Três outros lugares mencionados recebem artigos no *Dicionário.* O terror dominou Rama, quando ela foi esmagada e saqueada, e o povo de Gibeá fugiu para evitar o pior. O rápido avanço do exército assírio subentende que ele encontrou pouca ou mesmo nenhuma resistência. Ocorriam saques e matanças; o saque para os soldados assírios terem os seus "salários", e as matanças como meios de violação e diversão.

10.30

Ergue com estridulo a tua voz, ó filha de Galim! Os gritos de agonia que se elevaram de Galim foram ouvidos por todo o caminho até Laís (um lugar próximo de Jerusalém; I Macabeus 9.9, e não o lugar de mesmo nome na tribo de Dã, Juí. 18.7). Esses gritos alertaram os habitantes de Laís da condenação iminente, mas gritar de nada adiantava, pois nada seria capaz de reverter o curso do rio que avançava desde a Assíria a fim de destruir. *Anatote* em vão foi convocada para responder àqueles gritos, como se tivesse poder para socorrer e ajudar Galim. Eles teriam seu próprio conjunto de agonias para sofrer. Anatote ficava a apenas cerca de 5 km de distância de Jerusalém. Foi ali que Jeremias nasceu. Os artigos do *Dicionário* sobre cada uma dessas localidades provêem detalhes e compreensão.

10.31

Madmena se dispersa; os moradores de Gebim fogem. Madmena foi totalmente aniquilada; Gebim, a exemplo de Gibeá, fugiu, buscando algum refúgio longe da idade. Houve completo caos e profundo desespero. O temível julgamento de Yahweh espalhava-se por toda a parte. Somente um pequeno remanescente seria deixado a vaguear ao redor, amaldiçoando ao rei e a Deus (ver Isa. 8.21).

> *O povo de Madmena está fugindo. O povo de Gebim está se escondendo.*
>
> (NCV)

10.32

Nesse mesmo dia a Assíria parará em Nobe. O exército assírio estacou por um dia em Nobe, cerca de apenas 3 km ao norte de Jerusalém. Naquela localidade, o rei assírio ergueu e sacudiu o punho na direção de Jerusalém, proferindo maldições e blasfêmias e provocando pânico generalizado. Sião, a colina de Jerusalém, seria a próxima vítima, e ali haveria deliciosa matança, mais saques que serviriam de salário para as tropas, e muito mais violações de mulheres e matanças.

A Humilhação da Floresta (10.33-34)

10.33

Mas eis que o Senhor... cortará os ramos com violência. O *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15 e*b *Dicionário)* seria um mateiro e cortaria a floresta assíria, isto é, seu vasto exército. "O mateiro divino humilharia o orgulho da floresta assíria. Quanto a um antecedente da metáfora (visto que os vss. 18 e 19 usaram uma figura diferente, de um *incêndio na floresta),* devemos recuar até Isa. 2.12,13, 'contra todo o que se exalta... contra todos os cedros do Líbano, altos mui elevados; e contra todos os carvalhos de Basã'" (R. B. Y. Scott, *in loc).* Quanto à jactância orgulhosa dos assírios, que seria silenciada, ver Isa. 10.5-16. Quanto à destruição do exército assírio, ver II Reis 19.35-37; II Crô. 32.21-23 e Isa. 37.36-38. Ver os comentários sobre essas passagens. O anjo do Senhor interveio, e 185.000 soldados assírios foram mortos. Corria o ano de 701 A. C. Senaqueribe foi forçado a retroceder para Nínive. Foi em 609 A. C. que a Babilônia pôs fim à ameaça que a cidade de Nínive representava. E assim o mundo inteiro respirou livremente, até que a Babilônia começou a lançar guerras, matanças e conquistas ainda piores que as da Assíria.

10.34

Cortará com o ferro as brenhas da floresta. Yahweh, o divino mateiro, encostaria o machado à raiz de todas as árvores da floresta, e as árvores majestosas, como se fossem os cedros do Líbano, seriam derrubadas. Cf. Isa. 2.12,13, onde temos os *cedros do Líbano* e os *carvalhos de Basã* derrubados por causa de seu orgulho e auto-exaltação. Ver Eze. 31.3-14, onde encontramos as mesmas figuras de linguagem. O golpe do machado de Yahweh mataria 185.000 soldados inimigos! O Poderoso Deus, que brandiria um machado tão devastador, era Yahweh, o Senhor dos Exércitos (vs. 33). Mas alguns estudiosos ligam esse acontecimento às árvores do exército que seriam destruídas. Diz aqui o hebraico original, literalmente, "com um majestoso", numa frase que poderia falar do tremendo machado que seria usado, ou seja, um "julgamento majestático (aterrorizante)". A maioria das versões faz essas palavras referir-se às orgulhosas árvores derrubadas. Alguns estudiosos pensam que esse machado seria *Nabucodonosor,* o instrumento que Deus usou para pôr fim ao império assírio.

Capítulo Onze

A Restauração e o Milênio (11.1-16)

O Levantamento do Glorioso Império de Deus. Este oráculo é paralelo a Isa. 9.2-7.0 Rei, neste caso, é o Messias. Se estão em vista aqui a dinastia davídica e seus reis sucessivos, como reis do pacto, sobretudo no caso de Ezequias, rei ideal daquele período, as descrições por certo ultrapassam qualquer coisa que poderíamos esperar de meros seres humanos. Ver sobre *Pacto Davídico* em II Sam. 7.4.0 oráculo pode ter sido originalmente composto por Isaías, quando da unção de Ezequias ao trono de Judá, mas o oráculo tem um escopo que excede aquele homem e seus dias.

Os profetas da época do cativeiro babilônico viam uma restauração, na qual o Reino de Deus substituiria os reinos terrestres e Israel se acharia como a cabeça das nações. Mas eles não viam que o primeiro advento do Messias seria separado por um grande período de tempo do segundo advento. Esse grande período é ocupado na íntegra pela igreja cristã. E aqueles profetas também não viam o maior exílio de todos, aquele provocado pelos romanos e iniciado no ano 70 D. C, e que só foi revertido (em parte) em nossos próprios dias, com a fundação do Estado de Israel, em 1948. Portanto, eles antecipavam o estabelecimento do reino de Deus quando o remanescente judeu voltasse da Babilônia. E assim erraram quanto ao elemento tempo envolvido. O Novo Testamento veio ampliar esse período, dando margem a um tempo para a evangelização de todas as nações gentílicas, enquanto Israel se mantivesse com os olhos vendados, até que a venda lhe fosse tirada, já nos últimos dias, pouco antes da volta do Cristo.

Os críticos, entretanto, pensam que o erro cometido pelos profetas do Antigo Testamento foi ainda mais grave: o reino de Deus teria falhado em materializar-se. Por essa razão alguns intérpretes judeus posteriores, e também intérpretes cristãos, transferiram a materialização do reino para uma data remota no futuro. Portanto, continuamos esperando o cumprimento daquelas profecias. Por outro lado, não há razão para duvidarmos de que Deus ainda reserva coisas maravilhosas àqueles que confiam no Senhor Jesus Cristo. O Novo Testamento continuou com a esperança do reino. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Reino de Deus.*

"O império assírio se esfacelaria (ver Isa. 10.5-34), mas outro império se levantaria em seu lugar. Esta seção sobre o império de Deus (ver Isa. 11.1-12.6) inclui uma descrição sobre o Messias, sobre o próprio reino e sobre o remanescente, que será composto pelos habitantes do reino" (John S. Martin, *in loc).*

"Este capítulo é um quadro profético sobre a *glória do reino futuro,* que João Batista anunciou estar *próximo.* Esse reino foi rejeitado pela esmagadora maioria dos judeus, mas será estabelecido quando do retorno glorioso do Filho de Davi (Luc. 1.31,32; Atos 15.15,16)" *(Scofield Reference Bible,* introdução ao presente capítulo).

11.1

Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes um renovo. O mesmo Senhor que derrubou as florestas do poder pagão (ver Isa. 10.33,34) realizará outra obra notável. O reino de Deus se levantaria de um rebento saído do toco de Jessé, ou seja, o Messias, que procederia da linhagem de Davi e seria a culminação do reis da dinastia davídica. Isso aponta para o cumprimento maior do *pacto davídico,* que comento em II Sam. 7.4. Cf. Apo. 22.16. Ver também as notas expositivas em Isa. 9.7. O rebento sairia do toco de Jessé, porquanto a árvore fora decepada e estava aparentemente morta. E isso ficou mais aparente ainda durante os tempos do exílio romano. Toda a conversa sobre reino de Deus tornou-se insensatez, mas a fé reteve o ideal do futuro, e essa esperança foi transferida para um segundo advento de Cristo, o que nem Isaías nem os demais profetas do Antigo Testamento anteciparam. Esse *rebento,* pois, estava destinado a produzir muito fruto na *redenção* e *restauração* da humanidade. Ver sobre ambos os termos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Quanto a outras passagens que falam sobre o Messias como o Renovo, ver Jer. 23.5 e Zac. 3.8. Ver também Apo. 5.5 e 22.16. A árvore fora cortada até quase as raízes, mas tinha algo de maravilhoso para mostrar, a partir daquilo que aparentemente estava morto.

11.2

Repousará sobre ele o Espírito do Senhor. O Espírito Santo estaria com esse "rebento", porquanto o Messias teria uma missão especial para cumprir. Os atributos do Espírito de Deus, aqui listados, tomar-se-iam atributos do Messias, porquanto haveria total comunicação e unção entre o Espírito Santo e o Messias. Se fizermos a comunicação entre o próprio Espírito e o Messias, e contarmos isso como *um* atributo, teremos sefe atributos ou dotações do Espírito. Há aqui três jogos de dois atributos. Talvez o profeta tivesse em mente somente seis atributos e não se preocupasse em atingir o sete simbólico, isto é, a perfeição.

Os Atributos:

1. *Sabedoria.* No caso de Cristo, devemos pensar na concretização da sabedoria de Deus (ver I Cor. 1.30). Em Cristo estão ocultos todos os tesouros da sabedoria divina (ver Col. 2.3). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria.*
2. *Entendimento.* A manipulação prática da sabedoria para ajustar-se a todas as ocasiões e problemas. Especialmente em vista está a realização da missão messiânica.
3. *Conselho.* A capacidade de saber resolver problemas e dar conselhos. Cristo é o Maravilhoso Conselheiro (ver Isa. 9.6, cujas notas ampliam o tema).
4. *Fortaleza.* Cristo é o *Deus poderoso* (ver Isa. 9.6, cujas notas expositivas dão amplas informações).
5. *Conhecimento.* Este é um atributo que se reveste de grande poder, provendo meios para avaliar o estado das coisas, bem como o que se requer para a ação. Junto com o amor, o conhecimento é uma das grandes colunas da espiritualidade.
6. *Temor do Senhor.* A descrição padronizada do Antigo Testamento sobre a espiritualidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor,* bem como outras notas de sumário em Sal. 119.38 e Pro. 1.7.

Dentre todos os profetas do Antigo Testamento, isaias foi o que mais falou sobre o Espírito Santo. Ver Isa. 11.2; 30.1; 32.15; 34.16; 40.13; 42.1; 44.3.48.16; 59.21; 61.1 e 63.10,11,14. Essa *unção* (ver a respeito no *Dicionário)* era absolutamente necessária para a preparação do Messias e a realização de Sua obra. As qualidades aqui enumeradas ultrapassam certamente as de qualquer monarca terreno, inclusive Ezequias, embora alguns estudiosos pensem que Ezequias esteja no centro das atenções desta passagem.

11.3

Deleitar-se-á no temor do Senhor. *O Messias ungido,* em contraste com tantos outros reis, teria Seu deleite no temor ao Senhor, pois seria uma pessoa espiritual elevada e completa. Ele não julgaria por meio de padrões humanos que levam em conta os sentidos de ver e ouvir, mas usaria o discernimento divino, por intermédio do Espirito.

> *Esse rei se alegrará em obedecer ao Senhor. Ele não julgará pela aparência das coisas. Ele não julgará pelo que o povo disser.*
>
> (NCV)

"Temer a Deus é corresponder a Ele mediante profundo respeito, confiança, obediência e adoração... O Messias procurava fazer constantemente o que Deus Pai queria que Ele fizesse. Isso é contrastado com os lideres religiosos dos dias de Isaias, que não se preocupavam em seguir a Palavra de Deus" (John S. Martin, *in loc.^rO* conhecimento especial do Messias está envolvido neste versículo. Ele conhecia e, por isso mesmo, agia de acordo com as informações divinas. Ele não estava limitado pelo método empírico de tentativa e erro, conforme acontece a todos os outros homens. Contudo, Ele "aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Heb. 5.8, que contém o lado humano da moeda).

11.4

Mas julgará com justiça os pobres. Temos aqui a perfeita justiça do Messias.

> *Ele agirá com justiça em favor dos impotentes, e decidira com retidão em favor dos humildes. Ele atingirá os violentos com os Seus veredictos, e matará os injustos com as Suas sentenças.*
>
> (Tradução de Moffat)

Temos aqui o quadro de um Rei-Juiz, o homem que não somente tem o conhecimento que garante justiça social, mas também o poder de colocar em vigor o que Ele sabe estar certo. Nenhum juiz ou julgamento falso poderá frustrar Sua capacidade de discernimento; nenhum tirano será capaz de fazer-Lhe oposição ou de corromper as coisas. Ele possuirá a unção do Espírito (vs. 2), e não meramente a sabedoria humana acumulada pela experiência. Ele terá uma sabedoria que *ultrapassará* Seus anos e Sua experiência como homem.

"A sabedoria e a justiça (ver Isa. 5.7) estavam tradicionalmente associadas ao Rei ideal (I Reis 3; Sal. 72)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 3). O que era ideal nunca teve cumprimento até que chegou o verdadeiro *Rei Ideal.*

Paulo aludiu ao anticristo ao usar parte deste versículo em II Tes. 2.8. Cristo matará o Iníquo, a epítome da iniqüidade, com o sopro de Sua boca, como fogo que consome. Então Sua vara castigadora não permitirá que um único homem maligno escape com os seus crimes. Naqueles dias, as cidades não serão centros de crimes, e os governantes não serão exploradores do povo, criminosos de colarinho-branco nos ofícios públicos. Os homens maus não serão libertados porque seus advogados apresentam discursos eloqüentes (mas baseados em dados falsos). Não será necessário que os homens se submetam a testes com o detector de mentiras. A sabedoria divina decidirá as coisas, e o poder divino dará respaldo a decretos justos.

11.5

A justiça será o cinto dos seus lombos. A *justiça* (ver Isa. 11.5 e cf. 9.7 e 16.5) seria tão inseparável Dele como o Seu cinto; a integridade seria a Sua armadura (ver Efé. 6.14). A justiça e a fidelidade seriam como que partes integrantes de Suas *vestes* (expressão). O cinto de Seus lombos e de Sua cintura é o mesmo, um paralelismo poético. Se o versículo tivesse sido redigido em forma de prosa, teríamos uma tautologia. A NCV condensou o versículo a fim de eliminar a referência dupla:

> *Bondade e justiça Lhe darão forças.*
> *Serão como um cinto em torno de Sua cintura.*

O cinturão segurava todas as peças do vestuário, tornando-as uma unidade funcional. Ver I Ped. 1.13. "Assim sendo, a *verdade* empresta firme coerência ao caráter inteiro (ver Efé. 5.14). Em Isa. 59.17 encontramos a retidão como Seu peitoral" (Fausset, *in loa).*

11.6

O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito. Este famoso versículo descreve as *condições ideais sobre a terra,* que muitos intérpretes supõem só poderem caracterizar o *milênio.* Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* Vemos atuando aqui o Príncipe da Paz (ver Isa. 9.6). Ele acalmará o conflito universal. Pólos opostos, que se digladiam, serão reunidos em paz e acordo mútuo. O lobo e o cordeiro não mais serão inimigos naturais, e nem um deles jamais explorará o outro. O leopardo carnívoro será completamente transformado, e dormirá juntamente com o cabrito, sem lançar ataques contra ele. Uma pequena criança, uma das criaturas mais inofensivas de toda a natureza, liderará todos os animais em uma brincadeira. Em Isa. 65.25 vemos que uma pequena criança estará em segurança no meio dos leões, dos ursos, das serpentes e das víboras, e esses serão seus companheiros de folguedos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Paz.* Em vez de contendas, haverá harmonioso companheirismo ilustrado por animais atualmente ferozes amigos dos animais domésticos, e por uma criança em companhia de animais que antes eram seus inimigos. O reino dos animais viverá harmoniosamente, e esse é um quadro de verdadeira paz e harmonia entre os povos e nações. Compreendemos, naturalmente, que isso resultará de uma obra divina, porquanto a *utopia* sempre esteve fora de alcance dos homens.

> *Por meio da influência da justiça, o* ***faminto lobo ficará*** *manso, embora na presença de um cabrito.*
>
> (Ibn Onein)

A característica mais importante, porém, é **que os homens** viverão em paz e harmonia com o próprio Deus, que é o **sentido mais elevado** do texto. Ver Rom. 5.1: Temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo".

11.7

A vaca e a ursa pastarão juntas. Continuando a formar sua lista dos animais ferozes e hostis que se tornarão amigos,: profeta viu a ursa pastando lado a lado com a vaca, e o leão (não mais um animal carnívoro) pastando com o boi. Assim sendo, no Reino de Deus, **acontecerá toda a** espécie de coisa inesperada. Outras maravilhas têm prosseguimento **no versículo seguinte.**

11.8

A criança de peito brincará sobre a **toca** da **áspide.** Uma *criança pequena,* que ainda mamasse, poderia **brincar sobre a toca de** uma áspide, que seria ignorada; além disso, uma criança pequena paá a mão na cova de um basilisco, sem sofrer nenhum dano. Os intérpretes **tentam em** vão identificar essas duas espécies de serpentes. À menção das serpentes, lembramos a história da serpente enganadora que provocou **a queda do** primeiro casal no jardim do Éden. Provavelmente devemos **compreender que os** resultados da queda no pecado serão revertidos no Novo Paraiso, o Reino de Deus. Ver Gên. 3.15. Alguns intérpretes, no entanto, duvidam que possam ocorrer tão grandes transformações na natureza, pelo que pensam que essas passagens bíblicas nas quais figuram animais perigosos são apenas simbólicas. Todavia, não parece ter sido esse o intuito do autor sacro.

"O reino do Messias será o *paraiso reconquistado.* A desordem da natureza será revertida, e ela recuperará a sua harmonia prístina (ver Eze. 47.1-12)" *{Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 6).

11.9

Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte. Este versículo revisa a seção composta pelos vss. 1-9. A entrada da justiça no mundo é que efetuará as maravilhas da paz e da harmonia, e rearranjará a mente dos homens e dos animais. A justiça reverterá as condições para o paraíso original, cujo desequilíbrio causou a contenda universal. As duas partes do versículo se encontram em Isa. 65.25 e Hab. 2.14. Certos eruditos crêem que algum editor posterior tomou por empréstimo o material desses dois lugares para formar um comentário de sumário sobre esta seção. O mais provável, porém, é que o empréstimo foi feito *daqui.*

O meu santo monte. Ou seja, Sião, a colina de Jerusalém. O trecho paralelo de Isa. 65.25 adiciona: "assim diz o Senhor", o que identifica a afirmativa como um oráculo divino. Este versículo talvez esteja predizendo um templo dos últimos dias

que servirá às necessidades espirituais do povo; ou então a questão pode ser simbólica: "Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-poderoso e o Cordeiro" (Apo. 21.22).

O *conhecimento do Senhor* trará uma justiça transformadora, e isso reverterá a maldição divina. Esse conhecimento será absolutamente universal, da mesma maneira que os leitos dos oceanos estão completamente recobertos pela água.

> *A terra estará cheia do conhecimento do Senhor, da mesma maneira que o mar está cheio de água.*
>
> (NCV)

Cf. esta parte do versículo com Jer. 31.34. Não será mister que alguém diga a outrem: "Conhece o Senhor", porquanto todos O conhecerão.

Alguns estudiosos supõem que a era da igreja seja o milênio, mas coisa alguma do que conhecemos atualmente satisfaz o que lemos nestes vss. 1-9.

O Messias e a Futura Restauração de Israel (11.10-16)

11.10

Naquele dia recorrerão as nações à raiz de Jessé. Alguns eruditos vêem nesta seção adições suplementares feitas por diversos editores, conforme se vê em Isa. 19.16-25 e 27.12,13, trechos que presumivelmente representam a fé requeimante do judaísmo dos séculos VI e V A. C. acerca da derrubada dos inimigos e da restauração de Israel. Outros eruditos vêem aqui profecias a longo prazo, feitas pelo próprio profeta Isaías, que descrevem o Messias e o futuro reino de Deus. Seja como for, encontramos alguns temas repetidos aqui, que também são vistos em outra literatura profética. As referências históricas aqui existentes não são fáceis de localizar dentro do quadro profético a longo prazo: "O domínio mundial do Messias davídico (cf. Miq. 5.4; Zac. 9.9,10); a restauração dos judeus após a dispersão (Jer. 31.8,9; Osé. 11.11; Zac. 10.10); a reconciliação entre Efraim e Judá (Jer. 3.18; Osé. 3.5; Zac. 10.6,7); a vingança contra os vizinhos de Judá, especialmente Edom (Isa. 34.1-17; 63.1-6; Oba. 1-21; Amos 9.12; Sof. 2.4-11; Zac. 9.1-7); a condenação do Egito (Isa. 19.16,17; 27.12; Zac. 10.11); as estradas que ligarão a Assíria ao Egito (Isa. 19.23; 35.8-10; Zac. 10.10; Miq. 7.12)" (R. B. Y. Kilpatrick, *in loc).*

"Israel ocupará posição especial dentro do reino de Deus por causa do pacto abraãmico (Gên. 15.18-21; 17.7,8; 22.17,18), do pacto davídico (II Sam. 7.16) e do Novo Pacto (Jer. 31.33,34). Mas os habitantes de outras nações também se beneficiarão com o reino de Deus. O Messias, a Raiz de Jessé (cf. comentários sobre o 'toco de Jessé' - Isa. 11.1), será o meio para recolher e juntar todas as nações (cf. o vs. 12; Zac. 14.9,16). O próprio Jesus deixou claro o ponto de que muita gente de fora de Israel fará parte do reino de Deus (ver Luc. 13.29). Deus prometeu a Abraão que, através de sua linhagem, todos os povos da terra seriam abençoados (Gên. 12.3). O ensino dispensacional de que Israel tem um lugar especial dentro do programa de Deus, por causa das promessas divinas feitas a Abraão, não exclui os gentios de também terem um lugar especial" (John S. Martin, *in loc).*

A nota acima provavelmente está correta, pois não poderíamos esperar ver o profeta prever a igreja, embora ele fosse capaz de prever a conversão dos gentios. Coisa alguma como o que diz este versículo aconteceu após o cativeiro babilônico. O Messias é o *estandarte* ao qual as nações recorrerão. Cf. o vs. 12.

11.11

Naquele dia o Senhor tornará a estender a mão para resgatar o restante do seu povo. Os vss. 11-16 oferecem um segundo oráculo que foi parcialmente escrito como prosa. Os intérpretes fazem este versículo ser um recolhimento geral de Israel, não meramente da Babilônia. Considere o leitor estes quatro pontos:

1. A volta da Babilônia, pois, seria o retorno do primeiro remanescente. Então haveria um grande e universal recolhimento, provavelmente a volta dos judeus à sua terra de origem e, presumivelmente, o que temos visto acontecer em nossos próprios dias.
2. Mas alguns estudiosos objetam a essa interpretação e fazem o primeiro recolhimento dos israelitas ser o do Egito, e o segundo, o da Babilônia. Esse segundo retorno seria uma espécie de segundo êxodo dos judeus. Mas o retorno da Babilônia realmente não se ajusta a este texto, pois dificilmente esse recolhimento foi dos quatro cantos da terra (vs. 12), nem todos aqueles países, mencionados neste versículo, estiveram envolvidos.
3. Ou então o profeta Isaías ainda tinha esperanças de que o cativeiro assírio seria revertido, e esse seria o segundo retomo, ao passo que a volta da Babilônia seria o primeiro, visto que a expectação da volta das dez tribos do norte seria a tarefa mais difícil. Essa interpretação, entretanto, não leva em conta a palavra *Judá,* usada no vs. 12, que é aqui referida, ou seja, um remanescente espalhado entre as nações. Todos os lugares mencionados naturalmente ocupavam a região em torno do mar Mediterrâneo, e dou a cada um desses países um verbete no *Dicionário.*
4. Ou então o primeiro remanescente foi aquele que saiu do Egito, enquanto o segundo será o retorno dos judeus antes do início da era do reino de Deus. Nesse caso, teremos de explicar por que a saída da Babilônia foi deixada de lado. Aben Ezra explicou que a omissão se devia ao fato de que aquela redenção foi incompleta. Todas essas quatro interpretações são acompanhadas por problemas, mas é possível que a de número um seja aquela que é acompanhada pelo menor número deles.

11.12

Levantará um estandarte para as nações, ajuntará os desterrados de Israel. Retornamos aqui ao *estandarte.* No vs. 10, contudo, o Messias é a bandeira em torno da qual todas as nações se ajuntarão. Mas o símbolo aqui aponta para um *sinal* que será dado, uma chamada para os confins da terra, para que haja o recolhimento dos judeus. Alguns intérpretes, entretanto, fazem essa chamada ser a mesma que a mencionada no vs. 10. Seria a chamada para o reino de Deus? Essa parece ser a idéia mais provável. Note-se que temos os expulsos de Israel sendo chamados, e "dispersos de Judá" pode significar que todo o Israel será chamado de todos os lugares.

Alguns espiritualizam o versículo e fazem o Israel aqui ser a igreja (o Israel espiritual). Mas isso parece errar o alvo.

Desde os quatro confins da terra. Ver no *Dicionário* quanto a essa expressão. Naturalmente, isso significa "de todos os lugares", mas também repousa sobre uma antiga noção hebréia da terra como chata, com a forma quadrada. O artigo referido dá detalhes e referências.

11.13

Afastar-se-á a inveja de Efraim, e os adversários de Judá serão eliminados. De Reoboão e Jeroboão surgiu a "inimizade" entre as dez tribos do norte e as tribos do sul (Judá e Benjamim), que causou conflitos periódicos, hostilidade e ódio. Houve ciúmes e contendas que, algumas vezes, se incendiaram sob a forma de guerra real. Vitória sobre inimigos estrangeiros e paz entre os irmãos haverão de unir todos os filhos de Israel durante a era do reino de Deus. "Reunidos, eles ocuparão a terra e derrotarão os inimigos" (John S. Martin, *in loc).* Embora século após século o abismo da separação tenha-se aprofundado, nos últimos dias tudo será revertido. E o abismo será fechado. "No tempo de Cristo, o senso de unidade seria mais forte do que as antigas hostilidades. As esperanças do profeta estão ligadas aos esforços de Ezequias em busca de uma unidade restaurada (II Crô. 30.1-12)" (Ellicott, *in loc).*

Alguns intérpretes vêem essa unidade de Israel como se indicasse a igreja cristã e seu alcance evangelístico mundial. Mas isso está fora de lugar neste ponto.

11.14

Antes voarão para sobre os ombros dos filisteus ao Ocidente. Este versículo menciona vários antigos inimigos de Israel-Judá, como derrotados pela nova nação unida de Israel. Nações vizinhas, em todas as direções, serão sujeitadas. A *Filístia* refere-se às fronteiras sudoestes de Israel, ao longo do mar Mediterrâneo. Os povos para o leste poderão ser aqueles da Arábia do norte; e então encontramos os nomes familiares de Edom, Moabe e Amom, para o sul e para leste de Israel. O ponto da informação é que, durante a era do reino de Deus, Israel não mais será oprimida nem temerá a hostilidade de seus vizinhos, e, **de** fato (se tomarmos literalmente o versículo), derrotará esses países vizinhos em operações militares. Cf. Oba. 19.

"Com forças unidas eles subjugarão seus adversários (ver Amos 9.12), voarão como uma ave de rapina (ver Hab. 1.8) e ferirão a Filístia nos ombros, ou seja, atacarão por trás e inesperadamente... A palavra hebraica aqui traduzida por "ombros" é usada para indicar as costas marítimas, em Núm. 34.11" (Fausset, *in loc).*

Alguns pensam estar em foco aqui a igreja cristã, avançando e conquistando almas, por meio do evangelho. Mas certamente essa é uma interpretação fora de lugar.

11.15

O Senhor destruirá totalmente o braço do mar do Egito. O "braço do mar" do Egito é o golfo de Suez, o *mar Vermelho* que figura no livro de Êxodo. O *rio* é o Eufrates. Ficou predito que, pela ação do poderoso vento de Deus, esse rio se dividiria em sete canais, que seriam atravessados com facilidade. Mas alguns estudiosos pensam estar em foco aqui o rio Nilo. Cf. o vento de Deus que empurrou para trás as águas do mar, de formaque Israel pôde atravessar por terra seca e assim cruzar o mar Vermelho (ver Êxo. 14.21). Embora alguns detalhes da profecia sejam um tanto obscuros, essa frase parece afirmar que o povo de Israel poderá retornar à sua terra sem encontrar barreiras, vindo do Oriente, como se tivesse saído do cativeiro. Então, como é óbvio, temos aqui um quadro de Israel

sendo plenamente restaurado à Terra Prometida. Haverá novo êxodo e nova conquista da Terra Prometida. Uma ilustração histórica disso foi o caso de Ciro, que dividiu o rio Gindes em vários canais rasos, de forma que seu exército pudesse avançar contra a Babilônia (ver Heródoto i.189). O rio, pois, quase certamente é o Eufrates, que bloqueava o retorno de Israel vindo do nordeste, conforme a referência à Assíria, no vs. 16, quase certamente indica.

Este versículo tem sido interpretado como se fosse a propagação da igreja cristã, mediante várias manipulações e ajudas divinas, para alcançar expressão universal, mas essa interpretação quase certamente perde de vista o ponto principal da profecia.

11.16

Haverá caminho plano para o restante do seu povo, que for deixado da Assíria. Não sendo mais o rio Eufrates um obstáculo, uma poderosa estrada seria aberta para Israel retornar da Assíria. Dessa maneira será revertido o cativeiro assírio. O *remanescente* (em seu contexto dos últimos dias) refere-se à dispersão geral dos judeus, e o cativeiro assírio representa "todos os lugares" por onde Israel fora espalhada. Portanto, temos aí o Novo Êxodo dos últimos dias, uma grande restauração. Na antiguidade, as estradas com freqüência eram caminhos elevados, estradas com terraplanagens, e algumas dessas estradas foram construídas por reis orientais para facilitar a marcha de seus exércitos. Isso posto, o Rei *preparará* o caminho para a marcha de Seu exército, o Seu povo *conquistador*, de modo que eles possam retornar à sua Terra Prometida. Dessa maneira, será revertido o grande exílio (provocado pelos romanos). Isso é comparado ao êxodo do Egito, que resultou na conquista da Terra Prometida.

Este versículo tem sido interpretado como a marcha universal da igreja, mas certamente esse aspecto da história não está em mira aqui.

Capítulo Doze

O Culto Durante o Milênio (12.1-6)

Salmo de Ações de Graças. Este capítulo retrata vividamente o jubileu do remanescente, que será recolhido à sua Terra Prometida. Temos duas estrofes de salmos que são introduzidas pelas palavras: "Naquele dia direis" (vss. 1 e 4). São salmos de agradecimento que fornecem uma conclusão apropriada à mensagem de restauração do capítulo 11. No segundo capítulo do livro de Jonas foram inseridos salmos; e o capítulo 3 de Habacuque contém alguns trechos que são salmos inseridos. Cf. o salmo de Jer. 20.13; 31.7. Em seguida, ver Isa. 25.9a e 26.a.

12.1

Orarás naquele dia: Graças te dou, ó Senhor. Os vss. 1-3 apresentam um excelente *salmo de ação de graças,* um tipo comum de salmo. No livro dos Salmos, existem cerca de 30 desses salmos, entre as dezoito diferentes classes. Quanto à classificação dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício. Dou ali dezoito classes de salmos e listo aqueles que pertencem a cada classe.

Louvores são prestados a Yahweh por Suas maravilhosas obras de restauração, quando a ira do Senhor é revertida e, em lugar de maldições, bênçãos são distribuídas. A ira tomou-se o consolo da época áurea de Israel, que alguns estudiosos supõem ser o *milênio* (ver a respeito no *Dicionário).* Este pequeno salmo é similar ao Salmo 116.

Naquele dia. O dia da restauração (cf. Isa. 10.20; 11.10). Os capítulos 11 e 12 fornecem detalhes sobre aquele dia e seus resultados jubilosos. O Messias estará reinando, e a ira que causou o exílio de Israel por todo o mundo será revertida.

> *Cânticos de louvor, cânticos de louvor,*
> *Sempre darei a Ti.*
>
> (William Williams)

Cânticos de livramento e restauração farão o coração dos israelitas regozijar-se, pois o grande dia prometido finalmente chegou.

> *Graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues.*
>
> (Romanos 6.17)

12.2

Eis que Deus é a minha salvação. *El* (o Poder) efetuara *salvação* e livramento; e aqui, em contraste com grande parte do Antigo Testamento, temos de compreender a *regeneração* de uma raça, e não apenas de alguns indivíduos. Isso tem um conteúdo espiritual, e talvez até possamos falar na salvação evangélica. Ver Rom. 11.26. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Restauração de Israel,* quanto a detalhes. Os manuscritos hebraicos do Mar Morto trazem aqui duplo *El:* "Eis. o Poder é o Poder de minha salvação", sendo apropriado ter aqui esse nome divino. Pois, se já houve alguma coisa que requeresse intervenção direta do Poder de Deus, essa coisa é a recondução de Israel à Terra Prometida e a conversão desse povo a Cristo, o qual se tornará seu Rei na Terra Prometida. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.* Quanto ao *Deus da Salvação,* ver também Êxo. 15.2 e Sal. 118.14.

"Foi por meio de um verdadeiro instinto que os editores se sentiram impulsionados a inserir um cântico de ação de graças, após a profecia do retorno dos exilados, com a qual o capítulo 11 se encerra. Qualquer grande livramento é ocasião para agradecimentos, e o Antigo Testamento está pleno de cânticos de livramento. Este capítulo 12 forma um epílogo lírico para a primeira divisão principal do livro (capítulos 1-12)... Os dois hinos que compõem este capítulo reverberam a atitude e, na verdade, algumas das próprias frases do Cântico de Moisés (ver Êxo. 15.1-18). Sem importar o motivo que tenha inspirado esses salmos, eles são composições atemporais e universais, expressando a gratidão do coração humano por causa de cada experiência da misericórdia de Deus" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*)

Agora encontramos também os nomes divinos *Yah* e *Yahweh* combinados, para enfatizar a eternidade do Poder que realizou a obra. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de,* onde explico o significado desses nomes. El-Yah-Yahweh será a força do Israel restaurado, o Poder que efetuou o milagre que propiciou a *salvação.* A segunda parte deste versículo também aparece em Êxo. 15.2 e Sal. 118.14, o que mostra que essa era uma declaração favorita da antiga nação de *Israel,* e ela se tornará a declaração de *Israel restaurada.* Ver também Isa. 26.4 quanto a *Yah Yahweh,* uma excepcional combinação de nomes divinos.

12.3

Vós com alegria tirareis águas das fontes da salvação. A *salvação* é agora retratada, bem como aquilo de onde a água (símbolo da vida) pode ser extraída. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alegria.* O quadro sobre a *salvação,* aqui pintado, ultrapassa o conceito normal dos judeus de "livramento com bênçãos acompanhantes". "Durante os ritos da festa dos Tabernáculos, os sacerdotes seguiam em cortejo solene até o poço de Siloé, enchiam um vaso de ouro com água, levavam-no de volta ao templo e derramavam a água no lado ocidental do altar dos holocaustos, enquanto o povo entoava o Hallel (hinos de louvor), composto pelos Salmos 11 a 118. O Talmude vincula expressamente o ato com o simbolismo das palavras de Isaías (ver Jeremias Succa, vs. 1), e a referência feita pelo profeta às 'águas de Siloé' (Isa. 8.6) confirma essa inferência" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Água,* quanto a significados simbólicos que podem ser usados para fomentar a interpretação deste versículo. Cristo e o Espírito Santo, como é natural, são assim simbolizados, e essa idéia acompanha a salvação evangélica que esta passagem por certo ensina.

12.4

Direis naquele dia: Dai graças ao Senhor. O outro salmo começa com as palavras: "Direis naquele dia" (ver as notas introdutórias ao capítulo). O novo hino também é cheio de louvores a Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Louvor.* As obras do Senhor são magnificadas, pois não eram pequenas realizações a restauração e salvação que a acompanhava. O louvor é dado mediante orações e cânticos, invocando o *nome* do Senhor. Ver Sal. 31.3 quanto ao verbete denominado *nome,* e ver Sal. 30.4 e 33.21 quanto ao verbete chamado *nome santo.* Além disso, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *nome,* quanto a detalhes. Tudo quanto Yahweh é, Seus atributos e as glórias de Sua Pessoa, são referidos pelo título *Nome.* Este salmo exalta o nome de Deus, por causa do que Deus é e do que Ele tem feito. As pessoas de todos os lugares perceberão que Deus honrou Suas promessas, quando as profecias se cumprirem. E as pessoas cantarão e se regozijarão por causa dos feitos gloriosos de Deus, que tanto terão beneficiado os homens, acima de tudo o que poderia ser imaginado ou requerido. "O profeta cita o hino entoado quando a arca foi transportada para Sião (ver I Crô. 16.8) e, em parte, extraído de Sal. 105.1" (Ellicott, *in loc.*). O Nome que está acima de todo outro nome será louvado porque somente esse Poder, e essa Pessoa assim representada, poderia ter realizado a obra da restauração ao estabelecer o reino de Deus e trazer para ele toda a nação de Israel, já *regenerada.*

12.5

Cantai louvores ao Senhor, porque fez cousas grandiosas. Este versículo reitera o versículo anterior, mas agora o louvor é musicado, o que geralmente acontecia com os salmos. Os hinos devem celebrar o Senhor e Suas obras poderosas. O fato de que havia uma guilda especial de cantores levíticos, um clã

entre eles, e que esse ofício passava de geração em geração, mostra a importância da música para os antigos hebreus. Ver I Crô. 25. O presente versículo é eco de Êxo. 15.1,21. O *glorioso triunfo* do cântico de Moisés, entretanto, não é repetido aqui, embora seja parte inerente do contexto.

12.6

Exulta e jubila, ó habitante de Sião. Os habitantes de Sião são assim convocados a cantar uma antífona, fazendo grande ruído e gritando, exalçando o *Santo de Israel,* porque Deus é grande e trouxe ao povo a Sua Presença. Ver no *Dicionário* sobre esse mui repetido título no livro de Isaias (aparece por cerca de 25 vezes). Ver Isa. 1.4. Ambos os hinos começam e terminam com o nome divino, mas agora temos a presença de Deus junto ao Israel restaurado. Cf. a esperança cristã sobre a presença permanente de Deus, em Col. 1.27,28.

> *O Santo de Israel tem feito grandes coisas defronte dos nossos olhos.*
>
> (NCV)

Capítulo Treze

Denúncias contra Várias Nações (13.1 - 23.18)

Denúncia contra a Babilônia (T3.1 -14.23)

Nesta seção, que inicia um segundo livro dentro do livro de Isaias, temos uma série de oráculos dirigidos a povos estrangeiros. Cf. Jer. 46-51, onde encontramos fenômeno semelhante. Eze. 25-32 é outro exemplo desse fenômeno. Neste grupo de oráculos, por dez vezes há a expressão "sentença". São oráculos de condenação. Ver sobre essas *sentenças* em Isa. 13.1; 14.28; 15.1; 17.1; 19.1; 21.1,11,13; 22.1 e 23.1. As versões portuguesas traduzem a palavra hebraica correspondente por "sentença" ou "oráculo". São *sentenças* divinas sob a forma de oráculos de condenação. Quanto a explicações completas sobre a palavra "sentença", ver Isa. 13.1.

Alguns eruditos pensam que este oráculo contra a Babilônia é uma profecia, ao passo que outros crêem que o mesmo é história. Se, de fato, se trata de história, temos uma edição feita por outra pessoa, e não pelo profeta, talvez o segundo Isaias, a quem a totalidade ou partes dos capítulos 40-66 também são atribuídas. Quanto ao problema da unidade do livro de Isaias, ver a seção III da *Introdução.* A Babilônia já tinha sido ameaçada pelo poder da próxima potência mundial, os medos (vss. 17-22), que, se este escrito consiste em história, ocupariam o primeiro plano do palco da história mundial em 562 A. C, ou seja, pouco após a morte de Nabucodonosor. Mas, se esta porção do livro de Isaias consiste em profecia, então a visão desse profeta foi capaz não somente de ver à grande distância, mas também com detalhes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Precognição.* De modo geral, esta seção corresponde às expectações do julgamento universal e da catástrofe que se tornaram tão destacados no judaísmo posterior. Cf. Isa. 24.10-12,17-23; 34.1-4,10-15; Joel 2.1-11; 30.32; Sof. 1.14-18; Zac. 14.2,6. Ver outros *oráculos de condenação* sobre a Babilônia, em Isa. 21.1-9 e Jer. 50.1-51.58.

Alguns fazem este capítulo referir-se a ataques dos assírios contra a Babilônia, em 689 A. C, e isso nos levaria ao contexto de Isa. 7.17-8.10. Mas é difícil ver como essa idéia se ajustaria à menção específica dos medos, no vs. 17.

13.1

Sentença, que, numa visão, recebeu Isaias. Temos aqui um oráculo de condenação contra a Babilônia. A palavra hebraica indica "aquilo que é levantado", uma carga. Talvez a referência seja à mão erguida de quem proferia o oráculo; mas também poderia estar em pauta algo *pesado,* predizendo tristezas. A palavra "sentença" é usada para indicar a mensagem que uma declaração, oral ou escrita, quer transmitir, ou seja, o que houver de mais importante nessa mensagem, sua essência. De qualquer forma, o que foi proclamado em relação à Babilônia era algo pesado, um oráculo de condenação. Isaias *viu* o que estava prestes a acontecer e registrou a visão; e, novamente, como sempre se dá com os oráculos, devemos compreender que o fenômeno da inspiração divina estava por trás dessas afirmações. Temos aqui a primeira ocorrência da palavra, que será repetida por mais nove vezes, perfazendo um total de *dez* ocorrências. Ver **a** introdução ao capítulo, primeiro parágrafo. Cf. este versículo com Isa. 1.1.

Ver a sentença dos oráculos de condenação (a mesma palavra hebraica é também usada) em Jer. 23.33,34,36,38; Eze. 12.10; Naum 1.1; Hab. 1.1; Zac. 9.1; 12.1 e Mal. 1.1. Aprendemos assim que essa palavra era usada comumente pelos profetas, e não foi mera invenção de Isaias.

"A sentença do cálice das maldições que seria oferecido à Babilônia para beber" (assim diz o Targum).

13.2

Alçai um estandarte sobre o monte escalvado. Yahweh convocou Seu exército vingador, porquanto havia um julgamento a ser efetuado. Ele clamou em alta voz, soando o grito de batalha. Os invasores acenaram com a mão para os babilônios, dizendo-lhes que se refugiassem em sua cidade. Era na cidade que eles seriam destruídos. Mas uma vocalização diferente da palavra poderia fazê-la significar "puxar". Nesse caso, os invasores estariam dizendo aos *nobres* da Babilônia que puxassem a espada e se preparassem para lutar. Ou então os líderes dos exércitos acenavam com as mãos para seus próprios soldados, orientando-os a entrar na Babilônia, residência de muitos nobres e ricos, para ali fazer um grande saque. Cf. Isa. 10.32. O ajuntamento de tropas deu-se numa elevada colina, um lugar notável. Ver sobre o vs. 4.

13.3

Eu dei ordens aos meus consagrados. Yahweh continuou a ditar ordens, orientando os consagrados a cumprir Sua vontade. "Os soldados separados para uma batalha ou campanha, que estavam sob certos tabus relacionados a sacrifícios e votos feitos na esperança da vitória. Cf. Joel 4.9; Deu. 23.9-14 e II Sam. 11.11" (R. B. Y. Scott, *in* toe). Ciro, embora monarca pagão, foi chamado de *ungido de Yahweh* (ver Isa. 45.1). Neste caso, os soldados medos e persas eram os escolhidos do Senhor para colocar um ponto final no terror que era a Babilônia. A *ira* de Yahweh tinha de manifestar-se (vs. 13), e os orgulhosos pagãos tinham de descer para onde mereciam ficar, ou seja, no nada do pó. Este versículo, entretanto, faz daqueles altivos indivíduos instrumentos do Senhor. Um indivíduo orgulhoso substituiria outro. Ou então está em vista a grandeza de Yahweh, e *nisso* Seus instrumentos se regozijariam. "... os invasores tinham a orgulhosa consciência de que estavam fazendo a obra de Deus" (Ellicott, *in* toe).

13.4

Já se ouve sobre os montes o rumor como o de muito povo. Continua a descrição do ajuntamento do vasto exército do Senhor. Havia tumulto nas montanhas, e a reunião dos medos era o principal ajuntamento nos montes próximos da *Babilônia,* que era objeto do ataque. O ajuntamento de tropas era conspícuo ali naquelas altas colinas. Não havia segredo algum a respeito. O tempo de prestação de conta tinha chegado. Havia grande *tumulto* de reinos, grande ruído das nações que se reuniam para a matança. O general das tropas e líder do ataque era Yahweh, o *Senhor dos Exércitos.* Ver sobre este termo em I Reis 18.5, bem como no *Dicionário* o verbete com esse título. O Poder celestial estava trás dos exércitos terrenos, o que significa que o sucesso era garantido. A Babilônia teria de ser refreada em algum lugar e em algum tempo. Esse *lugar* seria a capital da Babilônia, e o *tempo* seria imediatamente. A bulha era tão grande que podemos imaginar os babilônios ouvindo o barulho à distância, cientes de que contra eles se aproximava grande tribulação.

13.5

Já vem dum país remoto, desde a extremidade do céu. O exército dos medos e dos persas era vastíssimo, e o ajuntamento das tropas tinha sido bem-sucedido; e agora eles vinham daquela terra distante, da extremidade do horizonte (céu). Yahweh os liderou, e as armas demonstravam Sua indignação. O propósito era destruir todo o território da Babilônia. O autor exagerou em um estilo tipicamente oriental, chamando o objeto da destruição de "toda a terra". Assim Ciro foi declarado como quem vinha de uma "terra longínqua" (ver Isa. 46.11).

A expressão "extremidade do céu" reflete o ponto de vista mundial da época, como se a terra fosse uma extensa planície, quase infinda, cujas beiradas se estendiam ao distante horizonte. Os hebreus não tinham noção de que a terra é redonda, nem sabiam o que havia no fim da planície. O império babilônico tinha tomado tanto da terra conhecida que podia ser chamado, com um pouco de exagero, de "toda a terra".

13.6

Uivai, pois está perto o dia do Senhor. Chegara o tempo de Babilônia uivar, porquanto o temível *dia do Senhor* tinha chegado, e terrível seria a destruição. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dia do Senhor.* "Dia do Senhor" pode significar aqui o *dia escatológico,* embora também possa representar o dia em que o julgamento do Senhor cai sobre um homem ou povo. É o dia em que o Senhor intervém na história humana. Trata-se daquele tempo *teísta* em que o que foi semeado deve ser colhido. O teísmo ensina que o Criador está continuamente junto à Sua criação, intervindo, recompensando e punindo, agindo com base em Sua providência, em seus aspectos positivo e negativo. O deísmo, por sua vez, ensina que a força criadora abandonou a criação e a deixou entregue às leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teismo* e *Deismo; Providência de Deus* e *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

O "dia do Senhor" aqui referido visava especificamente o império babilônico. Esse império seria atingido em suas próprias raizes, ali mesmo, na cidade de Babilônia. Seria um tempo de destruição e sofrimento sem precedente, causado pelo Deus Todo-poderoso, o divino Executor. O autor sagrado, pois, continuou o tema comum do poder e da inteligência divina por trás dos negócios humanos, mas não fez de Deus a causa única, que era uma noção comum entre os hebreus e predominante no livro de Eclesiastes. Existem *causas secundárias,* incluindo homens pecaminosos. A Babilônia era um grande império pecaminoso que tinha semeado aquilo que agora estava prestes a colher. O livro de Isaías ensina a responsabilidade e o livre-arbitrio humano, sem os quais não poderia haver responsabilidade moral, nem convite legitimo à mudança de mente.

Todo-poderoso. No hebraico, *Shaddai,* que pode vir do termo hebraico *shadad,* "destruir". Ser forte é destruir, uma suposição comum e natural nos violentos tempos bíblicos. O vs. 8 compara os sofrimentos que viriam com as dores de uma mulher em trabalho de parto. Mas aqui uma *tempestade devastadora* parece ser a figura.

13.7

Pelo que todos os braços se tornarão frouxos. As mãos dos babilônios ficariam paralisadas, e o coração deles se confrangeria quando medos e persas atingissem a Babilônia com um golpe esmagador. A mão é o símbolo do poder e o instrumento da ação. A mão da Babilônia seria neutralizada, deixando os babilônios abertos aos golpes de seus adversários. O coração, ou seja, a *mente* dos babilônios, perderia a viço e desmaiaria. Portanto, não haveria poder mental para resistir, e o pânico geral se estabeleceria. Cf. Jer. 50.43 e Jos. 7.5. "A Babilônia foi apanhada de surpresa na noite da festa ímpia de Belsazar (Dan. 5.30). Isso explica o desmaio súbito e o coração confrangido" (Fausset, *in* toe). "... dissolver-se-iam como cera perante o fogo; ficariam desencorajados e perderiam todo o seu valor e coragem, destituídos de poder e coragem para resistir a seus inimigos e salvar-se" (John Gill, *in* toe).

13.8

Assombrar-se-ão, e apoderar-se-ão deles dores e ais. O *ataque súbito* tomaria os babilônios de surpresa, tal como as dores do parto se apossam da pobre mulher prestes a dar à luz, e ela não pode escapar. Haveria temor em meio à dor e à impotência. Mas aquela mulher daria à luz a morte, e não a vida. Os babilônios olhariam uns para os outros, consternados, porquanto estaria acontecendo algo que os líderes da Babilônia pensavam que jamais aconteceria. E eles ficariam *atônitos* diante dos acontecimentos, como os passageiros do transatlântico Titanic quando o grande navio se chocou com um iceberg. O rosto deles ficou pálido de terror. Ou, com uma leve emenda, o sentido poderia ser: "com agonia em sua face".

Quanto à figura de um *repentino desastre* ser como as dores de uma mulher em trabalho de parto, ver também Isa. 21.3; 26.17; Jer. 4.31; 6.24; 13.21; 22.23; 30.6; 48.41; 49.22; 50.43 e Miq. 4.9,10.

> *Olharão um para o outro aterrorizados. Seus rostos se tornarão vermelhos como fogo.*
>
> (NCV)

13.9

Eis que vem o dia do Senhor, dia cruel, com ira e ardente furor. O *dia do Senhor* (ver o vs. 6) chegará, e ninguém poderá resistir a ele. Será um dia cruel, o dia da ira de Deus, o dia de Sua cólera feroz; será a desolação, quando os ímpios serão destruídos. A matança será efetuada pelos exércitos de pagãos que não terão misericórdia, saquearão, estuprarão e matarão; queimarão tudo e atuarão como um bando de jovens leões, a estripar suas vítimas. A misericórdia terá de ser demonstrada algum outro dia, pois não será demonstrada naquele dia. Homens, mulheres e crianças, fracos e fortes, nobres e humildes, serão as vítimas. E haverá poucos sobreviventes.

13.10

Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz. É típico das descrições acerca do terrível *dia do Senhor* retratar os céus em agonia juntamente com a terra. Cf. Joel 2.30,31; Luc. 21.25 e Apo. 6.2. Cataclismos na terra serão acompanhados por cataclismos nos céus. As estrelas mover-se-ão de seus lugares e deixarão de dar a sua luz; outro tanto acontecerá às constelações, literalmente, no hebraico, "seus Órions". Esse é um dos mais notáveis grupos estelares e, algumas vezes, representa todas as constelações que os homens podem ver. Não é provável que o profeta tenha antecipado algo assim quando a Babilônia caiu, mas ele usou de linguagem poética para aumentar o simbolismo. Alguns fazem essas mudanças celestiais representar o aparecimento ou desaparecimento de potências mundiais. Na verdade, as luzes de algumas **potências** são apagadas, enquanto as luzes de outras começam a brilhar, ou brilham **mais** esplendorosamente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Constelações.* A lua **não** escapará ao látego de suas mudanças, mas também deixará de dar a sua luz. Isso significa que as mudanças serão imensas; e o sol será similarmente afetado, tão grande serão a destruição e as transformações no mundo daquele tempo. Antigas luzes se apagarão; novas luzes brilharão. Quanto à cessação do brilho das grandes luminárias, ver Isa. 34.4; Eze. 32.7; Joel 2.10,30,31; Zac. 14.6,7; Mat. 4.29. Quanto a outras perturbações cósmicas, ver Isa. 24.18; Ageu 2.6,7,21,22.

13.11

Castigarei o mundo por causa da sua maldade. Uma *linguagem metafórica* não deixou de provar suas próprias impressões. Agora temos declarações diretas e sem complicações sobre o que está em pauta. A maldade será punida; a iniqüidade será anulada; o mundo (ver o vs. 5) sofrerá. Os orgulhosos e arrogantes serão rebaixados. A altivez de homens terríveis, que praticam matanças internacionais, será humilhada. Da mesma maneira que eles foram *violentos,* assim será o seu castigo.

Quanto à punição dos arrogantes, cf. Isa. 5.19; 10.6,12,13. Quanto à jaetância arrogante dos assírios, ver Isa. 10.5-16; e podemos ter certeza de que a jaetância altiva dos babilônios não era menor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Orgulho.* Ver o contraste entre o orgulho e a humildade em Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32. Quanto a *olhos altivos,* ver Pro. 6.17.

13.12

Farei que os homens sejam mais escassos do que o ouro puro. A população do mundo será tão dramaticamente reduzida que os homens serão escassos como o ouro puro, o ouro puro extraído em *Ofir* (ver a respeito no *Dicionário),* lugar lendário por causa de seu ouro fino. Ofir era uma cidade ou região localizada na costa sudoeste da *Arábia.* Cf. Jó 22.24 e 28.16. Ver também I Crô. 29.4; I Reis 9.28 e 22.48.

Alguns interpretam este versículo como se ele dissesse que os *homens bons* se tornarão mais escassos que o ouro puro, naqueles tempos. Assim diz o Targum e diversos intérpretes antigos, mas isso está fora de lugar aqui. O quadro enfatizado é a destruição: matanças incansáveis praticamente deixarão a Babilônia desabitada. Então os medos enviarão à região uma nova população, e o palco será armado para o novo ato dos insensatos.

13.13

Portanto, farei estremecer os céus. Cf. as notas expositivas do vs. 10, onde faço referência aos *acontecimentos cósmicos* que acompanharão o dia do Senhor. Aqui os céus tremem, mas ali suas luzes se apagam. Aqui a terra estremece, o que não é dito ali. Se tornamos este versículo paralelo a II Ped. 3.10, devemos considerar literalmente essas descrições, mas o versículo de Pedro aponta para o futuro distante e o fim aparente da criação, conforme a conhecemos agora. Pedro fala de uma espécie de *dia final do Senhor.* Mas o dia do Senhor, neste ponto, é apenas a queda do império babilônico, pelo que devemos considerar figuradas estas descrições. Seja como for, o Poder por trás dos acontecimentos será o *Senhor dos Exércitos.* Quanto a esse nome divino, ver I Reis 18.15, bem como o *Dicionário.* O profeta Isaías continuou aqui com a sua teologia de que a vida humana é controlada pelo Poder e pela Inteligência de Deus. Ver as notas expositivas sobre o vs. 6 deste capítulo quanto a essa idéia. A *Ira de Deus* (ver a respeito no *Dicionário)* será a força destruidora que sobrevirá contra os impenitentes assassinos internacionais. Naquele dia, eles experimentarão a ira feroz de Yahweh e assim pagarão por seus muitos crimes desgraçados.

"... figuras de linguagem que sugerem uma destruição toda abrangente" (John S. Martin, *in loc).* Cf. Hab. 3.6 e Heb. 12.26. Esse tipo de linguagem "é levada para além da derrubada da Babilônia e de qualquer reino particular com potência mundial que resista à retidão de Deus" (Ellicott, *in loc).* Ver também Isa. 24.19; Ageu 2.6,7 e Apo. 20.11.

13.14,15

Cada um será como a gazela que foge. O exército dos medos atacaria incansavelmente. Suas vítimas em breve seriam incapazes de detê-los e se tornariam como um antílope ou uma ovelha, criaturas incapazes de defender-se, ou seja, presas fáceis para os animais caçadores. Os estrangeiros que viviam dentro do império babilônico, vendo a grande aflição que se abatera sobre eles, tentariam voltar a seus países nativos, fugindo do perigo. Presumivelmente, alguns desses estrangeiros poderiam escapar da ameaça, mas outros não. Eles, como quaisquer outros que fossem apanhados, seriam mortos à espada (vs. 15), sofrendo alguma morte miserável. O autor conta a história sem ornamentações; mas, conforme disse Homero, "É terrível, só de contar", para nada dizermos sobre passar pela experiência.

Cada um voltará para o seu povo. Considere o leitor estes dois pontos: 1. A Babilônia se tornara um cadinho internacional de povos. As pessoas iam à Babilônia voluntariamente, em busca de fortuna. 2. Outros estrangeiros eram levados à Babilônia, cativos, tais como os judeus e outros. Portanto, havia ali grande número de estrangeiros. Quando o ataque dos medos e dos persas ocorreu, esses estrangeiros fizeram grande esforço para escapar. Provavelmente bem poucos lograram êxito nessa tentativa.

13.16

Suas crianças serão esmagadas perante eles. Os crimes usuais cometidos nas guerras completam a lista de desgraças: as crianças seriam mortas perante os olhos dos pais. Casas foram saqueadas e esposas foram violadas sexualmente. As guerras têm dado origem a sofrimentos inimagináveis. E, no entanto, os homens nunca deixaram de guerrear. Assim ocorre porque o homem é o pior *predador* dentre todas as criaturas terrenas. Nenhum animal das florestas pode comparar-se ao homem em sua crueldade.

A palavra aqui traduzida por "crianças" indica "crianças de peito". Nem mesmo elas escapam à barbaridade humana. "Ultrajes como esses eram então, como sempre foram, o inevitável acompanhamento da guerra e das cidades cercadas que fossem capturadas" (Ellicott, *in loc.).* Naturalmente, tudo isso faz parte da lei da colheita segundo a semeadura, conforme indica II Crô. 36.17. Os babilônios vinham fazendo isso em muitos lugares do mundo, e os judeus foram uma de suas vitimas.

13.17

Eis que eu despertarei coatra eles os medos. Os medos eram inimigos implacáveis que não aceitavam suborno. Prata e ouro não lhes interessavam. Eles queriam obter controle mundial, e então todas as riquezas da terra lhes pertenceriam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Média (Medos),* quanto à história desse povo. "Os medos tinham a reputação de estar interessados somente na guerra, e não na construção de impérios ou no comércio" (R. B. Y, Scott, *in loc).* Sabemos que havia uma aliança entre os medos e os persas, que eram os dois povos conquistadores da época; mas Isaias menciona apenas os primeiros, por serem os mais proeminentes dos dois. Os gregos falavam sobre essa combinação de povos como *medismo.* Esquilo (Pers. 760) fazia de *medo* o primeiro governante dos persas. Eram um povo feroz demais para preocupar-se com dinheiro. As matanças eram seu esporte, bem como sua principal diversão na vida. Xenofonte *(Cyropaedia,* v. 1.10) fala da desconsideração pelo dinheiro como uma das características dos medos. "Os *medos,* povo que vivia a noroeste da Pérsia, que anteriormente eram aliados da Babilônia contra a Assíria" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o presente versículo).

13.18

Os seus arcos matarão os jovens. *A lista de ultrajes continua aqui,* após as notas explicativas sobre os medos. Estes, especialistas no uso do arco, empregariam essa arma de guerra para matar a flor da juventude da Babilônia, todos os que fossem capazes de guerrear. O potencial guerreiro dos babilônios seria assim destruído. Os medos não teriam piedade de nenhum ser humano (o fruto do ventre), e suas matanças não poupariam nem as crianças. "A destruição seria incansável, e os invasores não se deixariam dissuadir pelo dinheiro. Eles não tinham misericórdia, nem mesmo de bebês ou crianças" (John S. Martin, *in loc).* Cf. Isa. 22.6 e Jer. 50.10-14. Heródoto *(Hist.* i.61) e Xenofonte *(Anab.* iii) mencionaram quão habilidosos eram os persas no uso do arco. Alguns arcos eram gigantescos, com três côvados de comprimento, e fortes o bastante para lançar flechas à longa distância. Cf. Jer. 49.35. Os medos eram notórios por sua crueldade (Ammian. *Marcellino* 1.23. cap. 6; Diodor. *Sicul.* 1.13, parte 342).

13.19

Babilônia, a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus. Tão grande seria a matança e tão absoluta a vitória, que o profeta Isaias comparou o triunfo com o que Deus fez contra Sodoma e Gomorra (ver Gên. 19.24,25). A destruição seria devastadora, o que é ilustrado nos vss. 20-22. A Babilônia se tornaria habitação para as bestas do campo. A região ficaria inteiramente destituída de população. Toda a glória e toda a pompa existiriam somente na memória. Uma política de terra devastada consumiria a Babilônia, tal como o fogo de Deus consumiu as cidades da planície.

Heródoto *(Hist.* i.178) descreveu as belezas e glórias da cidade de Babilônia, e chamou-a de a mais famosa e poderosa de todas as cidades daquela parte do mundo. Era adornada muito mais que qualquer outra cidade conhecida, e era a coisa mais magnificente que já se vira. Cf. Jer. 51.41. A cidade de Babilônia estava interessada em mais do que matanças ou em dinheiro, e os medos, em comparação, eram apenas tribos selvagens e bárbaras. A Babilônia era o "louvor de toda a terra", mas caiu diante dos mais brutais matadores da face da terra, os medos. O artigo do *Dicionário,* intitulado de *Babilônia,* ilustra as glórias da cidade, e, quando foi obliterada da face da terra, a Babilônia estava no auge de sua glória. Plínio (Hist. Natural 1.6, cap. 26) observou, admirado, as excelências do lugar, e essa era a reputação que a cidade tinha pelo mundo inteiro. Babilônia era a cidade *número um* no mundo, mas *em pouco tempo* foi reduzida a nada.

13.20

Nunca jamais será habitada; ninguém morará neia de geração em geração. A finalidade da humilhação da Babilônia foi descrita aqui. A cidade deixaria de ser habitada. De geração em geração permaneceria desolada, triste lembrete do devastador julgamento sofrido. Um dos sonhos do atual ditador iraquiano, Saddam Hussein, é renovar e reconstruir a cidade da Babilônia no país atualmente chamado Iraque; mas até o-momento ele não logrou sucesso. Os árabes, que perambulam e armam suas tendas em vastas áreas, evitam o lugar como se fosse amaldiçoado. E nem os pastores dão pasto a seus rebanhos naquela área. A glória da Babilônia desapareceu para sempre. A completa desolação da Babilônia é assunto de um oráculo similar no livro de Jer. 50.35-40. Cf, a condenação de Edom, em Isa. 34.1-15. Pausânio *(Arcádica* 18 parte 509), que viveu nos dias de Adriano, passou pelo lugar e encontrou apenas um pedaço de uma antiga muralha. Plínio *(Hist. Natural* 1.6, cap. 26) descreve o lugar como um *deserto.*

"A região antigamente era fértil, mas, visto que o rio Eufrates não é mais conservado dentro de seus antigos canais, transformou-se em um atoleiro estagnado, impróprio para a criação de rebanhos. Consiste somente em ruínas" (Fausset, *in loc).* Alguns estudiosos tomam Apo. 18 como se falasse sobre a cidade literal de Babilônia, supondo que ela será, eventualmente, reconstruída, mas ali está em pauta a cidade de Roma. Seja como for, não é necessário supor que essa profecia signifique que a cidade de Babilônia *nunca* será reconstruída.

A propósito, este versículo mostra-nos que está em mira a destruição final da cidade de Babilônia por parte dos medos, e não uma destruição preliminar por Senaqueribe. Ver a introdução a este capítulo.

13.21

Porém nela as feras do deserto repousarão. Feras do deserto vaguearão pela área, que se tornará moradia de criaturas uivantes, avestruzes e *sátiros.* Ver esta última palavra no *Dicionário,* quanto a completas descrições. Alguns pensam em *cabras selvagens* (literalmente, "felpudos"), mas, para outros, *cabras demônios* parece ser a melhor tradução da palavra. Tanto bodes quanto vitelos eram adorados como deuses até a época das reformas de Josias (II Reis 23.8; II Crô. 11.5; Lev. 17.7). O bode foi posteriormente degradado de sua "divindade" até ser reduzido a um *demônio popular,* que preferia habitar em lugares desolados. O profeta talvez quisesse apenas dizer que a adoração aos demônios era efetuada naquele lugar, ou talvez pensasse que os demônios (seres espirituais malignos) tinham, de fato, conquistado aquela região.

Vários antigos intérpretes judeus, como Kimchi e Jarchi, preferem a interpretação demoníaca. As versões da Septuaginta, do siríaco e do árabe concordam com esse parecer. A malignidade espiritual tomou conta da área.

13.22

As hienas uivarão nos seus castelos. O profeta Isaias terminou sua temível profecia de condenação mencionando outros animais "nativos" da desolada cidade da Babilônia, os nojentos hiena e chacal, predadores e animais que as pessoas preferem evitar. Ver os artigos sobre essas duas bestas. O que fora o orgulho do mundo, tão altivo, tão poderoso e tão rico e tão glorioso, transformou-se em pasto de animais ferozes do campo, do tipo que somente os jardins zoológicos estariam interessados em preservar.

O *oráculo de condenação* termina com uma predição de que o fim da Babilônia estava realmente próximo. Esse fim estava *perto;* não seria prolongado. A paciência de Deus estava esgotada. Alguns estudiosos, entretanto, pensam que esse fim ainda demorou 17 anos, mas no relógio de Deus isso é apenas um segundo. Quanto ao tempo determinado para a visitação divina, cf. Jer. 41.21 e 50.27. Deus tem o Seu horário, que não pode ser quebrado. Certos eventos são inevitáveis, ou porque Ele os determinou, ou porque os homens, em sua iniqüidade, os forçam. O fato é que o julgamento eventualmente ferirá os ímpios e, embora, segundo a estimativa humana, muito tempo ainda se passará, o Deus eterno vê o tempo de maneira diferente, e Ele vê que, "em breve", o mal perecerá.

Capítulo Quatorze

O oráculo gerai de condenação (a sentença de Isa. 13.1) contra a Babilônia continua neste capitulo (13.1-14.23); a única diferença é que agora o assunto é o rei da Babilônia. Provavelmente temos aqui um oráculo separado, que foi posto lado a lado com o oráculo contra o império da Babilônia. Seja como for, é um dos mais notáveis poemas de todo o Antigo Testamento. Celebra, mediante zombeteiro canto fúnebre, a derrubada e a morte do poderoso monarca que aterrorizara o mundo.

"O próprio poema — vss. 4b-21 — é chamado de *mashal,* palavra que significa primariamente 'uma comparação', então uma comparação zombeteira e, eventualmente, um provérbio ou parábola. Há certa correspondência entre o objeto do *mashal,* conforme visto superficialmente, e seu sentido oculto ou mais profundo. Aqui, tal como em Núm. 23.7, é uma espécie de encantamento ou invocação de sorte. O tempo dos verbos é o perfeito profético; na mente do orador, isso aconteceu em um futuro já cumprido. O anúncio feito pelo profeta, da derrubada do tirano, como fato consumado é, para ele, uma misteriosa força eficaz para a concretização do fato... A mensagem deste vivido e poderoso oráculo poético, com seu movimento dramático e em toda a sua plenitude, é primariamente a mensagem da derrubada certa da *vontade orgulhosa,* que procura dominar o mundo, o que é, ao mesmo tempo, um assalto contra o trono de Deus. Israel, que não possuía força material e política por si mesma, teve de viver na fé de que todos os reis e impérios opressores haveriam de despedaçar-se na tentativa de escalar as alturas das quais nenhum homem pode aproximar-se" (R. B. Y. Scott, *in loc).* A queda do tirano seria, ao mesmo tempo, uma medida de misericórdia para com Israel, e isso é salientado nos vss. 1 e 2, que provêem apta introdução para ainda outro oráculo de condenação.

14.1

Porque o Senhor se compadecerá de Jacó. *Yahweh não tinha esquecido* Seu povo, embora esse povo estivesse sendo castigado por causa de sua apostasia. A Babilônia foi usada como o chicote de Deus; mas, sendo uma força maligna, não escaparia a seu próprio desastre, que ultrapassaria a qualquer coisa que atingira Judá. A misericórdia divina reverteria a maré e faria o remanescente voltar à Terra Prometida. Outros povos reconheceriam a bênção renovada de Judá e correriam para a Terra Prometida, como um bom lugar onde viver. As provisões do pacto davídico (anotados em II Sam. 7.4) entrariam de novo em ação. A linhagem davidica prosseguiria, terminado o cativeiro. Em Isa. 9.17 lemos que a compaixão divina foi removida, pelo que a condenação certamente sobreviria contra o povo de Judá. Mas aqui volta o famoso amor de Deus, porquanto Judá era o remanescente penitente e restaurado. Prosélitos (ver Est. 8.17; Atos 2.10; 17.4,17) se juntarão aos judeus. Uma comunidade internacional estará em formação. Cf. essa idéia com Isa. 44,5; 55.5; 56.3-6. Ver também Isa. 2.2. Sob a forma de *símbolo,* temos a admissão dos gentios no reino de Cristo.

14.2

Os povos os tomarão e os levarão aos lugares deles. Nossa mente cristã não aprecia esse aspecto da promessa. Israel, a nação oprimida, agora se tornará a nação opressora, de volta à Terra Prometida e sendo servida por escravos, tanto homens quanto mulheres. Antes os judeus eram os cativos, agora eles farão cativos. Haverá uma transmutação nos papéis a serem desempenhados. Devemos compreender que muitos, se não todos esses prosélitos, tornar-se-ão escravo de Israel, o que dificilmente corresponde ao ideal cristão. O texto sagrado talvez esteja ensinando que, entre os cativos, haverá alguns babilônios.

14.3

No dia em que Deus vier a dar-te descanso do teu trabalho. Este versículo atua como uma transição para o *mashal* (zombaria) que se seguirá. Israel obterá descanso do opressor. Seus dias de dor e turbuiência terminarão. Tribulações se esboçavam no futuro distante, mas isso, por enquanto, não constituía preocupação. A Babilônia seria eliminada, e os dias de *serviço duro* também. Reconstruir a Terra Prometida envolveria muito trabalho árduo, mas agradável, pois significaria a restauração de Israel mediante a tribo de Judá, a tribo que levou avante as coisas novamente. Comparar este versículo com Deu. 28.65-67; 28.12; Eze. 28.25,26 e Hab. 2.13. Todas as condições perniciosas impostas pelo cativeiro babilônico seriam removidas quando viesse o novo dia.

Zombaria contra o Tirano Babilônico (14.3-21)

14.4

Então proferirás este motejo contra o rei da Babilônia, e dirás. Quanto ao *mashal* ou "zombaria", ver a introdução ao capítulo, segundo parágrafo. Quão tranqüilas tinham-se tornado as coisas na visão do profeta sobre a queda do tirano que, em sua mente, já tinha acontecido. Toda essa jactância orgulhosa tinha acabado. A Babilônia era agora um montão de ruínas (ver Isa. 13.20-22). Nenhum rei reinava ali, e não mais existia uma gloriosa cidade repleta de pessoas. Grande silêncio tinha tomado conta de tudo, excetuando o uivo ocasional de algum animal selvagem, que tinha vindo residir onde antes existiam grandes e orgulhosos palácios. Toda a bulha que tinha sido a cidade de Babilônia fora silenciada sem misericórdia pelos medos (ver Isa. 13.17). O trabalho de julgamento de Deus tinha sido completo. Israel estava de volta à Terra Prometida, para surpresa de todos.

A *dourada Babilônia* era agora um montão de cinzas, moradia de **serpentes e** morcegos, de cabras monteses e chacais, de hienas e sátiros (ver Isa. 13.21,22). "Cidade dourada, cheia de ouro, levado para ali de todas as partes do mundo, principalmente através do saque, o *cálice de ouro* (Jer. 51.7), onde a monarquia da Babilônia era simbolizada pela cabeça de ouro (ver Dan. 2.32,38)" (John Gill, *in loc.).*

14.5

Quebrou o Senhor a vara dos perversos. Na última parte do vs. 4, e agora até o fim, é apresentada a *zombaria* (no hebraico, *mashal}.* Isa. 14.3,4a dá um prólogo prosaico, enquanto o restante foi vazado em linguagem poética. A identificação do tirano em vista tem atraído muito trabalho de adivinhação: Nabucodonosor, Belsazar, Senaqueribe (que fez de Babilônia um estado vassalo, enquanto ele mesmo era assírio). Além disso, há adivinhações de natureza simbólica: Satanás, o anticristo etc. Ou então devemos compreender o tirano como a personificação do *reinado* da Babilônia (ver sobre os *dominadores,* no fim do versículo), que levara Judá para o cativeiro e ali oprimira os judeus. A Babilônia mística (Roma) certamente não está em vista aqui.

Yahweh, na mente do profeta, já havia quebrado os símbolos da autoridade real do tirano, sua vara e seu cetro. Em outras palavras, o poder dele havia desaparecido, e Yahweh é pintado como o Poder por trás das cenas que causaram essa perda. Ele apresentara os medos (ver Isa. 13.17) como Seus instrumentos. Ver as notas expositivas sobre Isa. 13.6 quanto ao conceito do Governo divino no mundo, a operação por trás do cenário.

Dominadores. Esta palavra pode referir-se às autoridades babilônicas em geral, e não a diversos governantes ou *reis.* Se estão em foco reis, então o tirano é o *reinado,* personalizado. Visto que o cetro está relacionado aos governantes, provavelmente estão em foco os *reis.* Foi assim que Kimchi interpretou a questão. A Babilônia teve muitos reis; mas, quando o julgamento de Deus atingiu esse império, tudo isso cessou.

14.6

Que feriam os povos com furor, com golpes incessantes. Este versículo descreve o *governo maldoso* que a Babilônia exercia sobre os povos por ela conquistados. Aos povos conquistados foram aplicados golpes brutais; uma vez conquistados, os povos eram governados com ira, como que por um insano; eles eram perseguidos, tratados como escravos e animais inferiores. Uma autoridade absoluta os forçava a fazer o trabalho, e essa mesma autoridade os injuriava diariamente. Agressão e opressão eram os nomes do jogo. Ninguém se erguia para defender os oprimidos. Nenhum homem ousava fazer um julgamento moral em favor da justiça.

> *Ele bateu neles por várias vezes. Ele governava o povo em meio a ira. Ele continuou a fazer coisas terríveis contra o povo.*
>
> (NCV)

14.7

Já agora descansa e está sossegada toda a terra! *O Tirano Estava Morto.* A paz foi estabelecida no mundo inteiro. Tudo estava quieto. Mas eis que, de repente, o silêncio foi interrompido por cânticos. Os povos levantavam a voz em alegres canções. Um novo dia havia raiado. Um propósito divino benevolente, uma vez mais, operava em Jerusalém. As coisas estavam sendo reconstruídas. 'Todos exultam de júbilo" é uma expressão peculiar a Isaías. Cf. Isa. 44.23; 49.13; 52.9; 54.1 e 55.12. As nações emancipadas celebravam sua liberdade em meio a cânticos jubilosos. Cf. Apo. 15.2,3 e 19.1,2.

14.8

Até os ciprestes se alegram sobre ti. *A alegria era universal,* tanto entre os povos como na natureza. Algumas pessoas ganham a vida derrubando árvores em busca de suas partes úteis. A Babilônia era o derrubador de árvores universal que fazia o mundo inteiro sentir-se miserável. Agora, o cortador de árvores estava morto, pelo que as **árvores** se regozijavam e cantavam sua liberdade. Assurbanipal e outros monarcas assírios realmente usaram a metáfora de derrubar árvores para indicar a destruição de **nações. No livro** de Isaías vemos o uso da palavra "floresta" significando exército. Ver Isa. 9.18; 10.18,19,34. Mas agora essa figura representa todos aqueles povos a quem o tirano tinha **oprimido e que tinham sido** "cortados" por ele. O tirano, porém, agora estava morto; o machado fora posto de lado e quebrado em pedaços; nunca mais seria usado de novo; as nações, sossegadas e seguras, entoavam canções (vs. 7).

> *Até os pinheiros estão alegres. E os cedros do übano se regozijam. Dizem eles: "O rei caiu. Ninguém jamais nos cortará de novo".*
>
> (NCV)

14.9

O além desde o profundo se turba por ti. O próprio *sheol* faz parte da cena. O *sheol* agita-se porque se espalhou a palavra de que o tirano está prestes a ingressar naquele lugar, fazendo dali sua residência eterna. O *sheol,* personificado como um deus que governa, chama seus súditos, as *sombras,* para que se reúnam e formem uma comissão de boas-vindas a fim de receber a nova adição ao lugar. A palavra hebraica aqui usada é *refaim* (ver no *Dicionário* um artigo detalhado sobre esse termo, que fala sobre os mortos, especialmente no primeiro ponto). A raiz dessa palavra parece significar "afundar" (destituído de poder), ou seja, por extensão, os espíritos ou sombras que *descem,* impotentes, para o *sheol.* Essa poderia ser simplesmente a forma poética para exprimir os mortos que não têm sobrevivência no *sheol.* A doutrina do *sheol* tem uma longa história de desenvolvimento que acompanho nas notas sobre Pro. 5.5. Ver também sobre o *hades,* quanto a informações similares.

A maior parte das referências ao *sheol,* no Antigo Testamento, significa "sepulcro". Somente nos Salmos e nos Profetas a doutrina da sobrevivência da alma começou a aparecer, e só mais tarde surgiu a idéia de que, no pós-vida, há recompensa e castigo das almas, dependendo do que cada um merecer. Ver Dan. 12.2. Talvez Sal. 88.10 e 139.8 avancem para além da idéia do *sepulcro,* no tocante ao *sheol.* É possível que este versículo também contemple *fantasmas destituídos* de mente, flutuando em um submundo literal. Cf. Isa. 26.14. Contrastar com o vs. 19 daquele mesmo capítulo. Através de Dan. 12.2 mais ainda se desenvolveu no tocante a essa doutrina, quando o *sheol* foi retratado como lugar de punição para os ímpios.

Seja como for, o tirano babilônico veio ocupar o seu lugar entre os espíritos destituídos de mente. Ele se assenta em seu trono de nada, tal como sucede a seus fantasmas companheiros, os quais, durante a vida, eram poderes que tinham de ser considerados, mas agora estavam reduzidos a nada. Se o vs. 10 não é poético, contempla alguma forma de inteligência quanto a esses fantasmas. Como é óbvio, por enquanto não há nenhuma doutrina formal do inferno, embora o lugar descrito seja bastante entristecedor. Aqueles espíritos destituídos de mente, entretanto, não sabem muita coisa, visto serem retratados como sentados em seus tronos de nada, imitando o que sabiam na terra.

Aben Ezra informa-nos que era costume, na Babilônia, levantar tronos sobre os sepulcros dos reis. Por isso, agora, vemos ex-reis na terra sentados em seus tronos diáfanos, no *sheol.* Detalhes como esse nos fazem pensar que a composição inteira é uma poesia dramática, que, na realidade, não diz muita coisa, se é que diz alguma, sobre o que Isaías ensinou acerca do pós-vida.

14.10

Todos estes respondem e te dizem. Agora os reis fantasmagóricos dirigem-se ao grande rei fantasma, o rei da Babilônia, que está prestes a sentar-se em algum trono de névoas, sem ter súdito algum para assustar. O grande rei fantasmagórico está agora tão *fraco* quanto eles, tendo-se transformado em um dos *refains* (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Refaim),* alguém vergado debaixo de sua fraqueza, que afundou no *sheol.* No vs. 9, esses reis são pintados como quem dorme em seus tronos, tendo de ser despertados pelo rei *sheol,* a fim de saudar o recém-chegado. Mesmo que aceitemos essas descrições como dotadas de algum valor doutrinário sobre o submundo, certamente elas não são seguidas quando os espíritos aparecem dotados de plena consciência, capazes de refletir e sofrer, conforme vemos em Luc. 16. E não há no inferno nenhum fogo, conforme vemos que se desenvolveu nos livros pseudepígrafos. As chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque, e daí a idéia de fogo no *hades* entrou no Novo Testamento.

"De súbito, houve uma agitação naquela companhia sem substância, e reis espectrais se levantaram de tronos espectrais para contemplar a figura que chegou flutuando entre eles. Assim sendo, entrou outro monarca, despido de esplendor terreno e desacompanhado por uma chamada de trombeta. A saudação deles foi um sussurro sem paixão: Tu também, com tua glória desaparecida, vieste até o pó!". E então, uma vez mais, estabelece-se o silêncio nos salões dos mortos" (G. G. D. Kilpatrick, *in* toe).

14.11

Derribada está na cova a tua soberba. O grande rei da Babilônia estava coberto de pompa, muito mais do que outros reis que tinham sido projetados ao *sheol.* Músicos habilidosos mantinham essa corte feliz. Mas, quando o tirano morreu, a música parou e os gusanos da morte tomaram conta de tudo. Antes ele tinha uma cama excelente, feita sob medida, mas agora jaz em meio aos gusanos, enquanto os vermes são a sua coberta! Há menção aqui ao sepulcro literal, mas o novo leito de gusanos do tirano desce até o *sheol,* acompanhando o monarca babilônico. Ele não tinha mais um trono, e os espíritos nem se dão ao trabalho de colocá-lo em um trono de névoas no submundo. Tão-somente ele ficará ali deitado, em seu leito de vermes da morte. "Aquele que costumava contar com ricos tapetes para neles pisar, e também com principescos pavilhões sob os quais se assentava, leitos de plumas sobre os quais se deitava, com os mais ricos baldaquinos sobre ele; agora nada lhe resta senão vermes que rastejam sobre ele e debaixo de seu corpo" (John Gill, *in* toe).

14.12

Como caíste do céu, ó estrela da manhã. *A queda de Satanás?* Ver a exposição sobre a unidade literária que consiste nos vss. 13-15.

Agora o rei caído é comparado a uma estrela que antes brilhava no céu, a saber, a "estrela da manhã" ou doador da luz, traduzido por "Lúcifer" na Vulgata Latina. Dentro da mitologia cananéia (ugarítica) havia uma divindade que era o *deus do alvorecer,* ou seja, a estrela da manhã, de nome Shahar, correspondente a Vênus, na astronomia moderna. Mas o mais provável é que o profeta não estava procurando nenhum tipo de identificação astronômica. Ele falava sobre uma luz brilhante no céu, tão poderosa que era capaz de anunciar o alvorecer. Entretanto, os babilônios deleitavam-se na astrologia, e talvez haja aqui uma *alusão* a Vênus. O autor sacro misturou as metáforas, pois diz que a estrela foi *cortada,* em vez de *derrubada.* Seja como for, a estrela estava tão baixa que primeiramente se apagou e, em seguida, caiu no *sheol.* A referência a *Lúcifer,* na Vulgata, não deveria fazer-nos enganosamente pensar que esta passagem trata de Satanás, o que foi um desenvolvimento posterior e dificilmente está em pauta aqui. Pelo contrário, está em vista um homem diabólico. Ele era importante e elevado, uma espécie de deus-estrela, mas agora tinha sido deitado tão abaixo que o seu leito era uma cama de gusanos, no *sheol.* Aquele homem, estando ainda na terra, derrubara nações (pintadas como *florestas,* vs. 8). Mas agora ele mesmo estava cortado, em solene demonstração da justiça divina. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Aquele homem, sedento de sangue, culpado de tantos e tantos crimes, foi lançado para fora do céu como objeto imundo e agora jazia em seu humilde leito no *sheol.* No mundo ele fora *a árvore mais elevada,* mas isso não o deixara imune ao machado divino.

14.13-15

Tu dizias no coração: Eu subirei ao céu. *A Queda de Satanás?* O tirano se jactava doentiamente de que subiria ao céu, rivalizando com os deuses, postando-se mais alto que as estrelas de Elohim. Lá em cima ele colocaria o seu trono. A expressão "no monte da congregação" é uma referência paga ao deuses que habitariam as regiões celestes no norte, em torno das quais girariam as constelações. No cume desse monte, estava o trono do Deus Altíssimo (vs. 14). Cf. Eze. 28.14 e Sal. 48.2. "A passagem diante de nós preserva a forma cananéia do mito da natureza, que fala na tentativa de a estrela da manhã escalar as alturas celestes, ultrapassando em altura a todas as outras estrelas, somente para ser lançada de volta à terra pelo sol vitorioso" (R. B. Y. Scott, *in* toe).

Essa história ilustra, pois, como as divindades secundárias tentam melhorar a sua posição, chegando a atingir o céu dos mais elevados deuses (vs. 14). Em algum ponto lá em cima, havia o mais elevado deus habitando em esplendor singular, presumivelmente desfrutando de sua companhia. Mas o tirano não foi capaz de concretizar suas aspirações. Algo tão simples como a morte física fê-lo tombar às partes mais inferiores do abismo *(sheol).* Era isso o que ele merecia em sua arrogância. Essa história assemelha-se à história de *Lúcifer* nas lendas judaicas, as quais, como é claro, baseavam-se neste texto. Mas, conforme se pode ver, originalmente não havia uma referência ao principal anjo caído, a quem chamamos Satanás ou diabo. A história judaica posterior passou para a interpretação cristã, como se aqui tivéssemos uma descrição da queda de Satanás. O quadro de Satanás preso no *sheol* é diferente do que sabemos acerca dele. Ele está "lá fora", causando todo o dano que puder. Ver sobre o *sheol,* no vs. 9.

Naturalmente, podemos ver aqui uma referência primária a Satanás, de quem o tirano da Babilônia era imitador. Mas isso não concordaria com o contexto; antes, é uma *aplicação* interpretativa da história. "A verdade é que este texto nada diz acerca de Satanás, nem a respeito de sua queda, nem sobre a ocasião de sua queda, conforme muitos intérpretes deduzem com tanta confiança" (Adam Clarke, *in loc).*

14.16

Os que te virem te contemplarão. Este versículo comenta sobre o que os fantasmas quase inteiramente destituídos de mente dirão quando virem tamanha queda. Eles contemplarão e indagarão entre si como tão grande desastre teria ocorrido. "Será, realmente, esse o homem que fazia a terra tremer e reinos inteiros estremecer?".

> *É esse o mesmo homem que causou tão grande terror sobre a terra? É esse aquele que sacudiu reinos?*
>
> (NCV)

Ou poderíamos interpretar aqui os oradores como aqueles que viram o corpo do tirano estendido no campo de batalha; ou então aqueles que viram, mais tarde, o seu sepulcro, quer na época de sua morte, quer posteriormente. Se um homem

visse o cadáver todo arroxeado e sangrento, seria levado a falar nesses termos. Ou talvez um homem, vendo o sepulcro inglório, soubesse que ele fora reduzido à carne pútrida em contraste com o que tinha feito antes de o desastre subitamente atingi-lo. Ou ainda algum historiador que lesse sobre o citado rei quando vivo, e como ele tinha morrido, dificilmente seria capaz de acreditar nos detalhes de sua pesquisa.

"Com uma vasta incredulidade, os espectadores contemplariam a imagem distorcida do homem que ousara rivalizar com Deus... Nenhum túmulo de mármore, esplendoroso, nenhuma multidão de lamentadores a chorar por ele! Seu corpo, como lixo jogado em um monturo, emitia o mau cheiro de carne apodrecida" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*).

14.17

Que punha o mundo como um deserto, e assolava as suas cidades? Os exércitos, com suas normas de terra arrasada, transformaram todo o mundo conhecido na época em um deserto; insensatamente arrasaram as cidades, por sua ordem; tomaram prisioneiros e então transformaram-nos em escravos, sem permitir-lhes voltar para casa, embora seus países se tivessem rendido e estivessem arruinados. "Essa era uma característica notável da crueldade dos reis assírios. Assim sendo, Senaqueribe e Assurbanipal jactaram-se de ter levado reis cativos em 'cadeias de ferro', guardando-os algemados como cães no pátio de seu palácio. Jeoaquim foi deixado a mofar na prisão por 37 anos (Jer. 52.31)" (Ellicott, *in loc.*).

14.18,19

Todos os reis das nações, sim todos eles, jazem com honra. A maioria dos reis recebe sepultamentos esplendorosos e memoriais, de modo que os homens não se esquecem deles em pouco tempo. Mas *aquele homem,* embora o mais poderoso dos reis, uma vez morto, não foi honrado. De fato, seu corpo, se sepultado, foi arrancado do túmulo como se fosse um feto nojento e de tremendo mau cheiro. Diz literalmente o hebraico aqui: "um ramo abominável". Isso foi emendado para produzir a figura de um aborto. Há um Targum sobre este versículo. Se *ramo* corresponde ao texto real, então a palavra *abominável* (vs. 19) provavelmente significa inútil, um insulto ao agricultor que tão duramente trabalhara para que sua árvore produzisse fruto.

Durante a vida terrena, esse rei abominável tinha matado pessoalmente a muitos e ordenado que outros matassem milhares de pessoas. A visão das vestes manchadas de sangue dos que tinham sido cortados à espada era muito comum, e os soldados ficaram calejados diante dessa visão. Nenhum homem estaria interessado em juntar tais vestes para usá-las. Esse rei tornou-se tão nojento e, finalmente, tão inútil como essas vestes manchadas de sangue. Os corpos de incontáveis soldados foram simplesmente lançados nas fendas das rochas, porquanto não havia nem interesse nem tempo para dar-lhes sepultamentos decentes. Por semelhante modo, aquele horrendo rei foi simplesmente *jogado fora.* Havia tantas *carcaças* jazendo nos campos de batalha, que homens, cavalos e carros de combate se amontoavam sobre elas, e ninguém se importava. O tirano não era mais respeitado do que um cadáver sangrento e despedaçado em campo de batalha. Se, finalmente, alguém, por motivo de misericórdia, sepultou o corpo do rei, e se alguém soubesse onde ficava seu sepulcro, os homens que o vissem sacudiriam tristemente a cabeça, incrédulos. "Um *rei* foi posto a descansar em um lugar como este?" Muitas histórias foram criadas sobre Nabucodonosor para que sua morte e os eventos subseqüentes se ajustassem a estes dois versículos, mas nada disso tem sido historicamente confirmado.

Ninguém pode ler esta passagem de Isaías sem pensar na morte ignominiosa de Hitler e de Mussolini.

14.20

Com eles não te reunirás na sepultura. O tirano produziu ruína universal e, por esse motivo, seria privado de um sepultamento decente. Ele não se reuniria a outros reis (vs. 18) em seus túmulos suntuosos, nem seria honrado por um memorial. Os invencíveis são vencidos pela morte. Talvez seja pequeno o consolo que eles serão honrados por ocasião de sua morte, mas àquele homem horrendo nem isso seria outorgado.

"Oh, eloqüente, justa e poderosa Morte!, a quem ninguém pode aconselhar... Tu és aquela que persuades. Aquilo que outros não ousam fazer, tu fizeste. Aqueles a quem o mundo lisonjeia, tu tens lançado fora e desprezado. Tens reunido toda a falsa grandeza, orgulho, crueldade e ambição dos homens e cobriste a todos com as palavras breves: *Hic jacet"* (Sir Walter Raleigh).

"Cf. com as predições de Jeremias acerca de Jeoaquim (ver Jer. 22.19), e ver II Crô. 21.20; 24.25 e Eze. 29.5" (Ellicott, *in loc.*).

14.21

Preparai a matança para os filhos por causa da maldade de seus pais. Quanto ao sofrer e morrer pelos pecados dos pais, ver Êxo 20.5. Quanto a sofrer e morrer pelos próprios pecados, ver Deu. 24.16; Eze. 18.20. Um rei brutal pode ter filhos brutais que anelem por seguir o mau exemplo paterno. Esses filhos também acabarão removidos. No Oriente antigo, tornou-se quase costume eliminar a família de um rei que tivesse falecido, para que os descendentes não interferissem no governo do sucessor do novo rei, *se,* porventura, ele não pertencesse à família do antecessor. A morte removia eficazmente as intrigas. Os filhos de um tirano, se tivessem a mesma visão e energia que ele, poderiam até levantar novas cidades e renovar o império. Mas o tempo final *daquele* império tinha chegado e, por isso, não seria reconstruído. Jeremias tinha preparado um "matadouro" (ver Jer. 51.40) para os filhos do homem, que seriam tratados como animais. A ordem foi expedida por Yahweh, que queria ver a palavra "fim" escrita sobre os babilônios e seu terror. A matança seria efetuada por meio de *guerras,* conforme vemos na Septuaginta e em outras versões. Os novos instrumentos internacionais da destruição seriam os medos e os persas, pelo que a cena se alteraria. Mas o enredo continuaria o mesmo: matanças e mais matanças, queda de matadores e soerguimento de outros matadores.

A Conclusão em Prosa (14.22,23)

14.22

Levantar-me-ei contra eles, diz o Senhor dos Exércitos. Yahweh, o *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15 e também no *Dicionário*), seria o Comandante-em-chefe dos medos, que garantiria o cumprimento da missão. Os estratagemas da batalha pertenciam a Yahweh, e o Poder por trás do palco era o Seu poder. Portanto, seria decepado *tudo* quanto pertencesse à Babilônia, seu nome e seu remanescente, a posteridade real e até a posteridade do povo comum. Foi um *oráculo* do Senhor que afirmou isso, porquanto foi isso o que o Senhor *disse.* "A linhagem real será decepada, raiz e ramos, e a própria cidade orgulhosa será reduzida a total desolação. Terminada a temível obra de Deus, nada restará senão ruínas, poças estagnadas e criaturas selvagens a percorrer o lugar" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*).

14.23

Reduzi-la-ei a possessão de ouriços e a lagoas de águas. Este versículo deve ser comparado a algo similar dito em Isa. 13.20-22. Os babilônios foram expulsos de sua terra natal. Os medos não estavam interessados em fazer da cidade, ou do que dela restasse, um centro, nem mesmo um satélite de seu império. Eles deixariam a cidade inteiramente desolada, e animais selvagens habitariam a área. Adicionados aos animais especificamente mencionados no capítulo 13, é citado aqui o *ouriço* (ver sobre esse animal no *Dicionário).* Alguns intérpretes pensam tratar-se da *coruja;* mas existem outras opiniões. A palavra hebraica assim traduzida só é encontrada em conexão com lugares desolados (ver Isa. 34.11; Sof. 2.14). A antiga e orgulhosa cidade de Babilônia tornou-se uma terra arrasada pantanosa. As *lagoas de água estagnada* eram o resultado natural de os medos terem rompido os canais e reservatórios que mantinham sob controle as águas inundantes do rio Eufrates.

A vassoura da destruição. No hebraico temos a palavra *besom,* vocábulo que aparentemente caiu em desuso e cujo significado se perdeu para os intérpretes judaicos. Mas um dia (conforme a história continua) uma jovem árabe recebeu ordens de sua patroa: "Toma esta *besom* e varre a casa". E assim os rabinos, ao ouvir essa conversa, descobriram o significado da palavra. No presente texto, os instrumentos de destruição usados por Yahweh foram assim simbolizados. Ele varreu completamente a Babilônia, por meio dos medos, a *vassoura* do Senhor.

O Propósito Divino na Derrubada da Assíria (14.24-27)

14.24

Jurou o Senhor dos Exércitos, dizendo. Este oráculo nos remete ao tempo e às circunstâncias do ataque assírio, registrados em Isa. 10.5-16,24-27. De fato, a presente seção é uma apta conclusão para aquelas passagens. Yahweh é aqui retratado como o Senhor da história. Quanto a esse conceito, ver as notas expositivas em Isa. 13.6, que têm aplicação direta a esta passagem. Os conquistadores não podem escravizar permanentemente os homens, porquanto o poder divino faz-se presente para garantir o fluxo dos eventos históricos, com seu contínuo soerguimento e queda de tiranos. Os homens continuam a cumprir sua própria vontade, mas os grandes eventos são determinados pelo poder do alto. Yahweh *jurou* a fim de que as coisas sempre acontecessem assim. Seu juramento introduziu um *oráculo de ameaça* contra a Assíria. Yahweh *planejou* e *tomou o propósito,* e esses atos significarão a destruição dos ímpios. "Nenhum poder na terra pode impedir Deus de concretizar Seus propósitos" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

14.25

Quebrantarei a Assíria na minha terra. Os temíveis babilônios tornaram-se o látego universal ou a *vassoura* de destruição de Yahweh (vs. 2), e os assírios foram as suas vítimas. No fluxo da história, sempre houve as vítimas e os instrumentos de Deus, pois o poder divino estava por trás, efetuando a *justiça.* Devemos compreender, necessariamente, que os homens ímpios são *causas secundárias,* e que Deus não é a única causa, pois, de outra maneira, teríamos de confessar que Deus é a causa do mal. A matança dos soldados assírios, neste caso, foi provocada pelo Anjo do Senhor (ver Isa. 37.36,27), quando morreram 185.000 soldados no espaço de uma única noite. A *terra* é Israel (Judá), e os *montes* são as colinas de Jerusalém. Essa foi uma vitória preliminar sobre os opressores assírios. Os babilônios foram a vassoura maior. A queda do exército assírio, em Jerusalém, ocorreu em 701 A. C. Então, no ano de 609 A. O, o império assírio foi anulado pelos babilônios, os atores seguintes no palco da violência humana. Cf. Isa. 10.15-19, cujas notas expositivas devem ser consultadas. O jogo que tinha sido imposto pelos assírios fora quebrado, e os cativos foram livrados da opressão. A *carga* que tinha sido posta sobre os ombros de Judá de súbito seria levantada. Mas imediatamente em seguida surgiria o novo terror, a Babilônia, e as coisas ficariam muito piores. Isso sucedeu porque Judá não se transformou moral e espiritualmente. Antes, permaneceu em sua apostasia e apenas piorou e, por isso, os acontecimentos também pioraram.

14.26

Este é o desígnio que se formou concernente a toda a terra. Este versículo reitera a mensagem essencial dos vss. 24 e 25, exceto pelo fato de que agora é mencionado o instrumento da reversão, a *mão* de Yahweh, o Poder por trás de todos os poderes. Ver sobre *mão,* em Sal. 84.14, e sobre *mão direita,* em Sal. 20.6. Ver o artigo chamado *Mão,* no *Dicionário.* Quanto à expressão sinônima, *braço,* ver Sal. 77.15; 89.10; 98.1. O conceito de Yahweh ser o Grande Impulsionador da história humana é aqui repetido. Ver as notas sobre o vs. 24. "O plano de Yahweh não era apenas que a Assíria fosse punida, mas que os povos da terra encontrassem liberdade. Nem os sonhos imperialistas nem o poder físico de qualquer potência mundial pode, finalmente, subjugar a humanidade, porquanto essas coisas se quebrarão contra o propósito divino. Essa é uma mensagem relevante para qualquer época" (R. B. Y. Scott, *in ioc).* Portanto, nosso texto fala sobre *todas as nações* e, necessariamente, sobre *todos os tempos.*

14.27

Porque o Senhor dos Exércitos o determinou. Novamente, é repetida a doutrina do *propósito* controlador de Yahweh, e a nós é dado compreender que esse propósito promove os *eventos necessários.* Nenhum homem pode promulgar um decreto ou realizar um ato que anule o decreto divino. A *mão* de Deus (ver sobre o vs. 26) está estendida, ou seja, ativa, a fim de cumprir o Seu propósito, e nenhuma outra mão é capaz de restringi-la. Portanto, com esses comentários antropomórficos, o profeta nos permitiu conhecer o determinismo de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Antropomorfismo;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o artigo chamado *Determinismo.* Cf. Dan. 4.35.

O Regozijo Prematuro da Filístia (14.28-32)

14.28

No ano em que morreu o rei Acaz. "Este é um oráculo incomum e extremamente difícil. É incomum porque é um dos três únicos oráculos a ser precisamente datado (cf. Isa. 6.1 e 20.1); e conclui-se, aparentemente, com um sumário dependente a ser dado aos 'mensageiros da nação', em resultado do oráculo anterior. A dificuldade jaz na determinação do relacionamento do título e da conclusão do corpo principal, ao identificar as circunstâncias históricas e ao interpretar o simbolismo, e no trato com uma possível corrupção crucial do texto" (R. B. Y. Scott, *in loc.).*

Tento explicar esses problemas, bem como as soluções possíveis dadas, enquanto avançamos na exposição.

Sentença. Temos aqui o pesado *oráculo de condenação.* Ver as completas notas expositivas sobre essa palavra na introdução ao capítulo 13, bem como em Isa. 13.1. Este é um dos dez pronunciamentos semelhantes, nos capítulos 13-23.

14.29

Não te alegres, tu, toda a Filístia, por estar quebrada a vara que te feria. "Este oráculo, embora escrito acerca da Filístia, foi redigido para benefício de Judá (cf. o vs. 32). Isaías recebeu este oráculo (cf. comentários sobre Isa. 13.1; Zac. 9.1). da parte de Deus, no ano em que morreu o rei Acaz (cf. Isa. 6.1, 'no ano da morte do rei Uzias'), em 715 A. C. Deus condenou as cidades da Filístia por pensarem que estavam a salvo da destruição. Elas se alegravam porque a vara que as espancava estava quebrada. Provavelmente isso não se refere à nação de Israel nem ao rei de Judá, Acaz, mas à Assíria. Asdode, a cidade filistéia, bem como a nação de Judá, tinham-se revoltado contra a Assíria. Mas em 711 A. O, apenas quatro anos após este oráculo, a Assíria derrotou a cidade de Asdode e fez da Filístia uma província assíria. Isso aconteceu durante o governo do rei assírio Sargão II (722-705 A. C; cf. Isa. 20.1). Por conseguinte, a Filístia agora sentia-se segura (Isa. 14.30), mas sofreria derrota mediante fome e espada. A Filístia sofreria derrota porque a Assíria vinha como incontrolável nuvem de fumaça. Entretanto, Sião (Jerusalém) não precisava temer, pois só cairia muito mais tarde (para a Babilônia, em 586 A. C.)" (John S. Martin, com um bom sumário, alguns pontos dos quais reexaminaremos ao longo do caminho).

Sim, para a Filístia, o regozijo era prematuro. Note o leitor o uso do nome do país para indicar o povo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Filisteus, Filístia.* A "vara" era o poder de Tiglate-Pileser III. Cf. Isa. 10.24. Os filisteus, no tempo de Acaz, tinham invadido o Neguebe, a parte sul do território de Judá. Aquela área esteve em turbulência contínua. Sargão, sucessor de Tiglate-Pileser (cerca de 723 A. O), invadiu Asdode em cerca de 710 A. C. Os filisteus regozijaram-se diante da *morte* do tirano anterior. Tiglate-Pileser (a vara que fora quebrada) tinha morrido, mas o novo tirano seria tão mau quanto ele, e os filisteus teriam de enfrentar novo látego.

Seu fruto será uma serpente voadora. Mencionamos três espécies de serpentes (e é inútil tentar identificá-las), que talvez representem três ataques distintos de três reis assírios. Devemos entender, mediante uma mistura de metáforas (plantas com serpentes), que de uma serpente venenosa saiu outra, como se fosse um ramo que brotou de uma raiz. O fruto da árvore seria a terrível "serpente voadora", talvez a pior das três serpentes. Quanto a essa serpente cf. Isa. 30.6; Núm. 21.6. As serpentes não voam, mas essa terrível serpente voaria. Pode o leitor imaginar uma serpente venenosa alada, capaz de atacar pelo ar? Mas alguns intérpretes retiram a parte divertida da metáfora ao usar a palavra "voadora" com o sentido de "veloz", "veloz como um dardo".

14.30

Os primogênitos dos pobres serão apascentados. A expressão "primogênitos dos pobres" aponta para Judá. Eles tinham sido pobres, oprimidos e humilhados. Visto serem o primogênito de Deus, por isso mesmo o Senhor cuidaria deles. Ele os alimentaria como um pastor faz com suas ovelhas e, pelo menos no que se relaciona à Assíria, eles se sairiam bem e habitariam seguros na Terra Prometida. Ver em Isa. 14.25 como o exército de Senaqueribe (185.000 homens) pereceu diante das muralhas de Jerusalém. Os filisteus, entretanto, não teriam nenhum pastor que os alimentasse, antes, padeceriam fome, o que fala de todos os tipos de desastres provocados pelo ataque assírio. O resultado seria imensa matança e a sujeição da Filístia, que se tornaria mera província do império assírio. Cf. o vs. 32 e Zac. 34.11-16 para a figura de um "pastor".

A expressão "primogênitos dos pobres" fala de pobreza abjeta, porquanto os pobres procriam outros pobres, e o problema se prolonga. Yahweh seria o Pastor de Judá e cuidaria para que tivessem o bastante, *além da segurança.* Para a Filístia, todavia, as coisas não seriam tão favoráveis. O Targum faz a promessa sobre o Pastor ser uma promessa messiânica.

14.31

Uiva, ó porta; grita, ó cidade; tu, Filístia toda, treme. O regozijo diante da morte de Tiglate-Pileser III (vs. 29) se transformaria em amarga lamentação, porquanto Senaqueribe estava bem vivo e desolava a Filístia, tornando-a mera província da Assíria, em meio a grande derramamento de sangue e às misérias usuais da guerra. A guerra ficaria tão acesa que a Filístia se *derreteria.* O que provocaria tudo isso seria aquela nuvem de fumaça que se levantava no norte, a qual toda a Filístia podia ver e temer. A *tempestade* era o exército assírio que se aproximava a fim de atacar. Cf. essa figura com Jer. 1.13-15; Eze. 28.16 ss. e Sal. 18.8

Ninguém há que se afaste das fileiras. Esta é a tradução de uma passagem hebraica um tanto obscura, mas várias traduções consultadas abrigam a mesma idéia. Diz a NCV: *cheia de homens, prontos para lutar.*

14.32

Que se responderá, pois, aos mensageiros dos gentios? Em primeiro lugar, o termo *mensageiros* tem sido emendado, em algumas versões, para "reis". *Gentios,* no plural, é a forma que aparece na Septuaginta, no siriaco e no Targum. Se as traduções *mensageiros* e *gentios* estão corretas, então obteremos a idéia de que a nação que enviou a consultar o profeta Isaías foi a Filístia. Provavelmente, eles teriam perguntado o que fazer e o que esperar da invasão assíria, e também se sobreviveriam ao ataque. Ou então a nação poderia ser Judá, pelo que os enviados queriam saber como poderiam resistir a toda aquela miséria, Se a Filístia representa os "gentios", então a resposta (segunda parte do versículo)

seria que somente Judá tinha Deus como refúgio, e a Filistia se daria muito mal no incidente com a Assíria. Mas, se Judá fosse a nação em foco, então aos judeus foi dada a certeza de que Deus, como *pastor* (vs. 30) e *fundador* (vs. 32), cuidaria de Seu povo, enquanto, fora das fronteiras de Israel, a destruição tomaria conta de tudo. E se *reis* é uma emenda correta, então a pergunta partiu de todos os países em derredor, que desejavam saber qual seria o resultado daquela intervenção militar da Assíria. Nesse caso, seria proclamado que somente Judá (naquela oportunidade) se sairia bem. Judá seria aniquilada como nação organizada quando a Babilônia a atacasse.

Alguns intérpretes, entretanto, vêem esses mensageiros como *delegações* enviadas pelas nações circunvizinhas, a *congratular* Judá por sua vitória contra Senaqueribe. Nesse caso, o profeta Isaías exaltou Yahweh por ser o refúgio dos filhos de Israel, permitindo tornar-se conhecido que o segredo da vitória estava na intervenção divina.

Capítulo Quinze

Denúncia contra Moabe (15,1 - 16.14)

Encontramos agora um novo *oráculo de condenação,* uma *sentença* (ver a introdução ao capítulo 13 e as notas em Isa. 13.1, quanto a explicações completas). Este oráculo dirige-se contra Moabe, tradicional inimigo de Israel. Grande parte de Isa. 16.6-11 e 15.2-7 aparece em Jer. 48.29-38, e isso tem levado alguns eruditos a supor que a presente seção do livro de isaías sofreu certos desarranjos ou interpolaçõesJsa. 15.6-16.5 não tem paralelo no livro de Jeremias. Talvez 16.1-5 seja uma interpolação que contenha um apelo, feito por refugiados moabitas, que buscavam santuário em Judá.

É difícil determinar a data do presente oráculo. Temos, porém, a declaração de que esse julgamento divino sobreviria dentro de 'ires anos", em Isa. 16.14. Ver as notas expositivas ali, que tentam alguma espécie de identificação cronológica.

Durante séculos, o relacionamento entre Israel e Moabe foi conflitante, uma espécie de triste comédia de erros. Ver o artigo do *Dicionário* chamado *Moabe,* cujos comentários não repito aqui. Ele nos fornece uma boa idéia sobre as muitas vicissitudes, a maioria delas ruim, que caracterizaram as relações entre os dois países. Toda a espécie de males foi semeada ao longo dos séculos, e em algum momento precisa haver uma prestação de conta. São os capítulos 15 a 16 de isaías que nos relatam essa prestação de conta.

15.1

Sentença contra Moabe. Quanto ao *oráculo de condenação,* a *sentença* (expressão que aparece por *dez vezes* nos capítulos 13-23 de isaías), ver a exposição na introdução ao capítulo 13, bem como Isa. 13.1. Agora era Moabe que estava condenada a um fim inglório, por causa de seus pecados. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Lei da Colheita Segundo a Semeadura.* O reino de Moabe foi derrubado mediante uma série de ataques destrutivos. Cf. Isa. 10.28-32, onde o inimigo atacou Moabe de cidade em cidade, em uma grande rota de destruição. Mas ali o exército assírio estava atacando Judá. Esses desastres podem ter ocorrido dentro de um extenso período de tempo, em vez de em um único ataque sustentado. Este oráculo, pois, tem sido datado em todo o período que vai do século IX A. C. ao século II A. C. Talvez tenhamos aqui um oráculo panorâmico, e não um oráculo específico. As melhores opiniões são as que pensam que estes capítulos retratam a invasão encabeçada por Tiglate-Pileser III, que ocorreu algum tempo depois de 732 A. O Mas alguns intérpretes colocam o ataque um pouco mais tarde, em 701 A. C, e fazem Senaqueribe ser o comandante dos exércitos assírios. Ver Isa. 16.14.

Ar de Moabe... Quir. A localização dessas cidades é desconhecida para nós, hoje em dia; mas pode ter sido perto da extremidade sul do mar Morto. Ver sobre os nomes locativos no *Dicionário,* quanto ao que pode ser dito sobre essas cidades. O ataque dos assírios inclui incursões *noturnas,* o que aumenta o terror das descrições. Os ataques iniciais já haviam demonstrado que a nação de Moabe estava *destruída.* Tinha chegado o fim para os moabitas.

15.2

Sobe-se ao templo e a Dibom, aos altos, para chorar. Três outros lugares são mencionados como localidades que sofreram ataques fatais que fizeram Moabe ficar de joelhos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Dibom, Nebo* e *Medeba.* Dibom é a moderna cidade de Dhiban, e foi uma das principais cidades de Moabe. Nebo (não o monte Nebo) é ou a atuai Khirbet Ayn Musa, ou talvez Khirbet ei Mukkayet. E Medeba é a atual Madaba. Os sinais de lamentação e aflição eram produzidos pelas mulheres de Dibom que subiam para os *lugares altos* (ver no *Dicionário)* para chorar e, provavelmente, clamar a seus deuses, em busca de ajuda. Moabe *lamentava* de uma ponta à outra. Nada permaneceria inteiro, e grande era a miséria dos moabitas. Os cabelos daquele povo miserável foram rapados, sinal de profunda lamentação e consternação. Rapar a cabeça e aparar a barba eram sinais de humilhação profunda. Cf. Jó 1.20; Jer. 47.5; 48.37; Eze. 7.18; Amos 8.10; Miq. 1.16 e Isa. 7.20.

Ao templo. Compreendendo a palavra *bajith* como "casa de", e não como um nome próprio. É uma referência ao templo principal do lugar, um santuário pagão que recebia lamentadores, que também se dirigiam aos lugares altos. Talvez o deus adorado nesse templo fosse Camos.

15.3

Cingem-se de sacos nas suas ruas. *Outros sinais de lamentação,* que faziam o quadro tomar-se mais lamentável ainda, eram as roupas de *pano de saco* (ver a respeito no *Dicionário),* tecido grosseiro usado para fazer vestes que simbolizavam lamentação e tristeza. E os gemidos constantes dos sobreviventes, nos eirados planos das casas, bem como nas praças públicas, eram inquietantes. Todos estavam dominados pela tristeza, a ponto de se *dissolverem* em lágrimas. A lamentação era desesperadora, porquanto as defesas de Moabe tinham sido completamente destroçadas, deixando todos os cidadãos sujeitos ao usual deboche e à matança característicos das guerras antigas.

15.4

Assim Hesbom como Eleale, andam gritando. Mais duas cidades dos moabitas são mencionadas como condenadas: Hesbom e Eleale, que contam com artigos no *Dicionário.* Hesbom e Eleale ficavam no norte de Moabe. Jaaz, por sua vez, ficava a leste do rio Jordão, perto do território israelita de Rúben, nas fronteiras de Moabe. Os gritos de dor eram ouvidos por todo o caminho até Jaaz, e talvez alguns poucos cidadãos moabitas tenham conseguido escapar para aquele lugar. Os poucos soldados moabitas sobreviventes juntaram-se à lamentação geral, pois o exército moabita tinha sido essencialmente destruído.

15.5

O meu coração clama por causa de Moabe. Este versículo indica que os moabitas se espalharam por toda a parte, fugindo para escapar com vida. Alguns conseguiram chegar a cidade de *Zoar {ver* a respeito no *Dicionário).* Zoar ficava no extremo norte de Moabe, exatamente ao sul do mar Morto, um lugar onde o exército assírio ainda não havia chegado. Não sabemos a localização moderna de Eglate-Selisias, porém o mais provável é que ficasse perto de Zoar. Luíte também é desconhecida quanto à sua moderna localização, mas em Jer. 48.34 (a passagem paralela) está ligada a Horonaim, ao sul do território de Moabe. Houve ali altos gritos de dor e ruidosa lamentação, e as pessoas eram tomadas por um tremor incontrolável. Tudo conforme Homero disse: 'Terrível só de contar", quanto mais nos sofrimentos reais pelos quais os moabitas passaram. O coração do profeta chorava por Moabe, enquanto assistia a todos aqueles terrores acontecendo aos moabitas em sua visão. O povo corria e gritava enquanto fugia, deixando os lares e o corpo de seus seres amados. De que adiantava sobreviver?

15.6

Porque as águas de Ninrim desapareceram. Os moabitas que buscavam refúgio correram para as águas de *Ninrim (ver* a respeito no *Dicionário).* Pode estar em vista o wadi en-Numeirah, na parte sul de Moabe. Mas aquelas águas tinham secado, e o lugar estava desolado. Por falta de água, a grama havia ressecado, e não tinha crescido relva nova. Tudo quando era verdura tinha morrido, e isso era um símbolo bem apropriado do próprio país. *Ninrim* quer dizer *águas límpidas,* mas essa promessa de águas cristalinas falhou a Moabe naquele tempo de crise. Os fugitivos esperavam encontrar ali um oásis, mas ficaram amargamente desapontados.

15.7

Pelo que o que pouparam, o que ganharam e depositaram. Os refugiados continuavam avançando na direção sul, até que chegaram para além das torrentes dos salgueiros, o que poderíamos compreender como um nome próprio para a região próxima à extremidade sul do mar Morto. Eles tomaram tudo quanto puderam carregar, esperando que algum dia pudessem reiniciar a vida. O povo procurou lugares mais bem servidos por água, porque sem água não havia como escapar. Alguns pensam que essas torrentes dos salgueiros sejam uma referência à Babilônia, mas é difícil de imaginar que aquela pobre gente tenha conseguido fugir para tão longe a nordeste. Antes, poderia estar em mira o wady ei Achsar. Era um riacho entre o território de Moabe e o de Edom, o riacho Zerede ou o riacho Njm. Ver Isa. 21.12 e Deu. 2.13. Naquele ponto, os fugitivos poderiam abandonar completamente o próprio território e, daí, escapar incólumes. Teria havido muitas mortes ao longo do caminho, uma característica típica das fugas

forçadas, e apenas alguns atingiriam um destino seguro. Em Sal. 137.2 temos os *salgueiros* representando a Babilônia, mas não é isso o que está em destaque neste ponto.

15.8

Porque o pranto rodeia os limites de Moabe. Novamente, o profeta fala sobre o choro desesperado do povo moabita, do qual ele participou quando viu a má sorte deles em sua visão (vs. 5). Esse lamento foi ouvido por todo o território de Moabe, conforme fica demonstrado pelas descrições anteriores. As lamentações chegaram até *Eglaim* e *Beer-Elim,* localidades que ainda não foram identificadas, mas parece que ficavam próximas da fronteira sul de Moabe. Ver no *Dicionário* quanto a esses lugares, sobre o pouco que se sabe ou se conjectura a respeito. O significado do texto é que um *país inteiro* foi lançado em morte súbita. Um país inteiro pereceu.

15.9

Porque as águas de Dimom estão cheias de sangue. As *águas de Dimom* estavam cheias com o sangue dos mortos. A Vulgata Latina e um manuscrito hebraico dizem aqui *Dibom,* remetendo-nos ao vs. 2 deste capítulo. Dibom não ficava perto de nenhum riacho maior, mas o profeta talvez quisesse dizer apenas os filetes de águas, ou suprimentos de água de qualquer espécie, que ficaram poluídos com sangue. Jerônimo, porém, ajunta que a cidade tinha esses dois nomes — Dimom e Dibom. Embora os refugiados moabitas já tivessem atravessado um terror inenarrável, mais ainda os esperava, representado por um *leão* que os atacaria. Haveria mais derramamento de sangue, provavelmente por parte dos soldados assírios que vinham em perseguição dos fugitivos, ou por saqueadores que tomariam vantagem do caos para divertir-se e obter qualquer vantagem que pudessem. Talvez os leões fossem literais.

Dimom. Uma cidade cujo paradeiro desconhecemos hoje em dia. Ou então era a mesma cidade de Dibom (vs. 2), conforme testificou Jerônimo (ver no parágrafo anterior). A cidade, pois, teria dois nomes. E as versões siríaca e árabe dizem "Ribon" e "Remmon", respectivamente. Bem poderíamos chamá-la de "cidade do sangue", porquanto foi nisso que ela se transformou. O Targum diz que o rei da Assíria perseguiu os pobres refugiados, a fim de poder terminar sua matança generalizada; pelo menos é assim que alguns rabinos interpretam a vaga referência a "um rei". O manuscrito hebraico do Mar Morto diz Dibom, o que também fazem alguns manuscritos da Septuaginta e da Vulgata, contra o texto massorético, que concorda com as versões, mormente com a Septuaginta. Ver também Isa. 11.6 e 26.19 quanto a outros exemplos desse fenômeno lingüístico. Quanto às implicações desse fenômeno, ver as notas sobre Isa. 26.19.

Capítulo Dezesseis

Não há interrupção entre os capítulos 15 e 16. A seção começa em Isa. 15.1, onde apresento uma introdução. Entretanto, temos um assunto diferente, adicionado às descrições anteriores: *a proteção divina em Israel* (Isa. 16.1-5).

16.1

Enviai cordeiros ao dominador da terra. Os *refugiados moabitas,* querendo encontrar um refúgio em território de Judá, enviaram um presente de cordeiros. Esse animal era o principal produto de Moabe, e com cordeiros Moabe pagara tributo a Judá, fazia muito tempo. Ver II Reis 3.4. Os cordeiros foram enviados de Sela, um lugar temporariamente seguro no território de Edom, que ficava cerca de 80 km ao sul da fronteira sul com Moabe. Ver sobre esse lugar no *Dicionário.* Alguns estudiosos vêem aqui o antigo tributo renovado ou, pelo menos, potencialmente renovado, mas os poucos moabitas sobreviventes dificilmente poderiam estar pensando nesses termos. Moabe tinha dado 100.000 ovelhas e 100.000 carneiros como tributo a Israel (ver II Reis 3.4,5). Mas isso tinha sido no passado. Havia pouca coisa que Moabe poderia pagar agora, e nenhum futuro por um longo tempo.

Filha de Sião. Ou seja, Jerusalém, personificada como mulher. Ver Isa. 1.8.

16.2

Como pássaro espantado, lançado fora do ninho. As *mulheres* (filhas) de Moabe, os *pássaros* que tinham-se assentado em seus ninhos a fim de chocar seus ovos e criar filhotes, tinham sido expulsas de seus ninhos confortáveis e forçadas a fugir para algum lugar estrangeiro. Naquele momento estavam nos vaus do rio Arnom, na esperança de cruzá-lo em segurança. Na fronteira, ansiavam receber admissão favorável. Ver Núm. 21.13,14. Alguns eruditos dão aqui o sentido de "habitantes do Arnom", que seria então outro nome para as filhas de Moabe, identificando-as tão-somente com base do lugar de onde tinham vindo. Nesse caso, ambos os termos poderiam significar "habitantes de Moabe", sem destacar, especificamente, as mulheres. Ou então as mulheres foram referidas por serem as mães de todos os habitantes. Na linguagem moderna, as mulheres que permanecem em seus lares para cuidar das crianças são chamadas de *pássaros,* em contraste com jovens mulheres que seguem carreiras, saindo de casa para trabalhar.

16.3

Dá conselhos, executa o juízo, e faze a tua sombra no pino do meio-dia. Os governantes são aqui convidados a:

1. *Receber conselhos,* para logo decidir a questão, porque as soluções se faziam urgentes.
2. *Executar a justiça,* isto é, favorecer os moabitas, que por certo estavam mais aparentados de Judá do que os assírios pagãos; e, além disso, os assírios tinham feito contra os moabitas grande injustiça, que Judá poderia parcialmente reverter, aceitando os refugiados em seu território.
3. *Proteger.* "Protege-nos de nossos inimigos e nos dá sombra do sol ao meio-dia" (NCV). Quando o sol está estorricando o solo e as pessoas, mais densa e escura é a sombra que algum corpo projeta, e mais essa sombra é apreciada. "Faz a tua sombra ser como a noite ao meio-dia" (NIV).
4. *Ocultar os expulsos de sua terra,* as aves que tinham sido expulsas de seus ninhos (vs. 2). Era necessário *escondê-los,* porque, se apanhados, seriam mortos brutalmente, como tinham sido mortos os seus irmãos. "Ocultai-nos, porque estamos fugindo para a segurança" (NCV).
5. *Não trair.* Embora houvesse longa história de traições entre Judá e Moabe, contudo, naquele momento de crise, essas traições deveriam ser agora esquecidas, e poderia ser lembrado que os moabitas descendiam de Ló, pelo que havia radical conexão entre judeus e moabitas. E mesmo sem levar isso em consideração, eles eram "irmãos da raça humana", e um pouco de misericórdia, naquele momento, não era pedir demais. Cf. a expressão que diz: "sombra de grande rocha em terra sedenta" (Isa. 32.2). Ver também Isa. 4.6 e 25.4.

16.4

Habitem entre ti os desterrados de Moabe. A última coisa que os moabitas gostariam de fazer era implorar alguma coisa da parte de Judá, mas, tendo sido expulsos de seu território mediante violência, e tendo ainda de enfrentar o *destruidor,* foram obrigados a pedir *refúgio.* Obtendo refúgio em Judá, pelo menos por algum tempo a *opressão* finalmente cessaria; a destruição passaria ao largo e o tirano que pisara aos pés os inocentes deixaria de perseguir suas vítimas. Raiaria um novo dia, e os moabitas até poderiam voltar às suas residências. Quanto aos agressores sendo mortos, cf. Isa. 14.4,5. Não muito longe dali, o exército assírio teria de enfrentar uma contundente derrota, defronte das muralhas de Jerusalém, quando o Anjo do Senhor destruísse a 185.000 assírios (ver II Reis 19.35). Isso ocorreu tarde demais para ajudar os moabitas, mas ajudaria os refugiados a viver por mais alguns anos, em paz e segurança.

> *Os furtos em Moabe cessarão. O inimigo será derrotado. Os homens que ferem a outros desaparecerão da terra.*
>
> (NCV)

16.5

Então um trono se firmará em benignidade. *A Conclusão do Apelo.* A misericórdia demonstrada por Judá renderia bons dividendos. Se eles exercitassem *o constante amor divino,* Deus responderia com grandes bênçãos. O trono de Davi seria estabelecido, e a glória rebrilharia ao redor dele. A linguagem aqui usada é messiânica, e talvez o oráculo olhe para além da linha do horizonte, para o reino de Deus. Cf. Isa. 9.7; Sal. 89.19-27. A lei da colheita segundo a semeadura também se aplica às nações, e não apenas os indivíduos. *A justiça e a retidão* serão características do trono de Deus. Esse é um tópico freqüente no livro de Isaías. Ver Isa. 9.7; 11.4; 28.6; 32.16; 33.5; 42.1,3,4 e 51.5. O trono do rei de Judá, Ezequias, pode estar em pauta aqui, mas, nesse caso, temos um tipo de um cumprimento maior, posteriormente.

O Orgulho de Moabe (16.6-12)

16.6

Temos ouvido da soberba de Moabe, soberbo em extremo. O profeta Isaías viu claramente a razão pela qual Moabe tinha sido julgado. Havia orgulho e presunção, conforme foi demonstrado no caso da Assíria (Isa. 13.11). Em sua empáfia, pensaram que poderiam derrotar até a Assíria, e não apelaram para a ajuda divina, mas contaram apenas consigo mesmos. Assim sendo, ao replicar ao

apelo de Moabe, o profeta teve de destacar os erros dos moabitas, para dar a entender as razões pelas quais as coisas tinham acontecido daquela maneira. Cf. Jer. 48.29,30. Mentiras e jactâncias tinham provocado a ira, e não houve como deter o julgamento divino. Ver no *Dicionário o* artigo chamado *Orgulho;* quanto ao orgulho e à humildade contrastadas, ver Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,8; 21.4 e 30.12; e, quanto a *olhos altivos,* ver Pro. 6.17.

16.7

Portanto uivará Moabe, cada um por Moabe. O resultado do pecado de orgulho, e o fracasso de não ver Yahweh, fizeram Moabe uivar diante da chegada do julgamento divino, e outros lamentaram-se juntamente com Moabe, tal como fez Isaias, quando assistiu à tristeza deles, em sua visão (ver Isa. 15.5; ver também 16.11). A esperança de obter refúgio em Judá se esmaeceu, e brilhou quase total destruição, até mesmo no caso dos refugiados que tinham escapado e fugido (ver os vss. 2 ss., onde Moabe foi obrigado a lamentar-se, totalmente abatido, pelos bolos de passas de Quir-Haresete). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Quir de Moabe.* O nome dessa localidade significa "cidade da cerâmica". Os bolos de passas eram considerados um acepipe (ver I Crô. 12.40 e Osé. 3.1). Moabe perdeu todos os prazeres da vida. Aqueles bolos representavam todas as coisas boas que os moabitas possuíram, mas que foram perdidas. A palavra para *uvas passas* pode significar "garrafas de vinho". Nesse caso, os moabitas seriam traspassados. E alguns eruditos compreendem que isso significa *alicerces.* Nesse caso, a frase significaria que a cidade seria destruída desde os alicerces, isto é, *totalmente.*

16.8 —

Porque os campos de Hesbom estão murchos. *Um Quadro de Destruição.* Os campos de Hesbom seriam destruídos, e outro tanto aconteceria às vinhas de Sibma. A produção agrícola pararia. Exércitos estrangeiros passariam pelos campos plantados e pelos vinhedos com sua política de terra arrasada, acabando com toda a produção da terra e com tudo o que fosse útil. Os vinhedos antes espalhavam-se até a cidade de Jazer, até a beira do deserto, o que falava de uma superprodução; mas agora tudo isso havia-se perdido. As vinhas se espalhavam por todo o caminho até a beira do mar Morto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jazer.* A menção a Jazer significa *direção norte,* à fronteira com Gileade (ver Núm. 32.1,3; I Crô. 26.31). O deserto fala na direção *norte.* E o mar Morto fala na direção *oeste.* Cf. Jer. 48.32, o "mar de Jazer". O versículo refere-se à extraordinária produção agrícola de Moabe, que os assírios reduziram a nada. O vs. 9 deste capítulo também dá a entender que uma seca complicou a situação.

16.9

Pelo que prantearei, com o pranto de Jazer, a vinha de Sibma. Isaias parou, diante da visão da vasta destruição, para chorar e lamentar por Moabe, que teria um fim tão ruim (cf. Isa. 15.5). A vivacidade de sua visão abalou o profeta até os alicerces de sua própria alma. O profeta, pois, juntou sua lamentação à lamentação de outros sobre Jazer e sua anterior boa produção agrícola, e também sobre Sibma. O vinho ali eram lágrimas de tristeza, e o profeta chorou tão profusamente que conseguiu regar toda a terra de Moabe. Isso pode subentender que a seca destruiu o pouco que os assírios haviam deixado intacto. Também foram lamentadas as cidades de Hesbom e Eleale, que eram lugares de larga produção agrícola. Ver Isa. 15.4 quanto a esses dois lugares, e ver o vs. 8 do mesmo capítulo, que pranteia somente por Hesbom. Em vez de *jubileu,* em celebração a uma boa safra, haveria *pranto,* lamentando pelo fim de toda a produção agrícola. Em vez do *verão* cheio de abundância, haveria um *inverno* permanente de nada e de morte. O exército da Assíria tinha devastado os *pisadores* de uvas, o que pôs fim à esperança de pisar as uvas no lagar, onde o vinho era produzido. Em vez de *pisar* os grãos para servir de alimento, houve o pisar dos campos com a finalidade de arruiná-los. Em vez de *gritos* de alegria por parte daqueles que colhiam muito grão e uvas, haveria os gritos desvairados dos exércitos estrangeiros que destruíam tudo.

16.10

Fugiu a alegria e o regozijo do pomar. A *colheita* era uma época de regozijo, pois o trabalho árduo produzia fruto que daria ao povo alimento, proveito e prazer. Mas o silêncio se abateu sobre os campos de plantio, excetuando os gritos dos estrangeiros, invasores que se deleitavam em seu trabalho destrutivo. Os cânticos de regozijo que acompanhavam a produção de suco de uva (para ser transformado em vinho) cederam lugar ao silêncio. Os pisadores das uvas foram substituídos por plantas desarraigadas e pelos guinchos dos soldados destruidores. "Yahweh fala aqui como que a declarar que a obra de desolação, embora operada por mãos humanas, na verdade pertencia a Ele. E o profeta, apesar de chorar por autêntica piedade humana, recebeu a lição para não esquecer **que a desolação** era uma punição merecida" (Ellicott, *in ioc).* Cf. Isa. 13.6, onde ::~e-`: ;::e *i* :=; ;e :.e "Deus controla todas as coisas". Diz aqui, no vs. 10, o original hebraico: "Fiz cessar seus gritos da vindima"; "Pus fim aos gritos de alegria" (NCV). É aqui destacado o divino "eu", a *agência divina.*

16.11

Pelo que por Moabe vibra como harpa o meu íntimo. Pela *terceira vez o* profeta chorou por Moabe (ver Isa. 15.5; 16.9,11). O coração do profeta reagia em simpatia por aquelas calamidades. No entanto, hoje em dia, nos púlpitos, ouvimos pregadores falar com feroz alegria sobre o julgamento dos perdidos, enquanto friamente pintam horrendos quadros de quem "queimará para sempre",. Eles nada conhecem da suavidade do coração de Isaias. Nem recebem visão sobre aquilo que Deus, *finalmente,* fará por todos os homens, de todos os lugares, mediante a expansiva missão de Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Missão Universal do Logos.* As lamentações do profetas eram como sons de um cântico fúnebre que estivesse sendo acompanhado pela lira. Seu coração doía por Quir-Heres, outro nome para Quir ou Quir-Haresete, mencionada no vs. 7. Na qualidade de uma das principais cidades fortificadas de Moabe, ela representava a nação inteira.

16.12

Ver-se-á como Moabe se cansa nos altos. *Embora ferida* como um pais idolatra, Moabe, no tempo da aflição, voltar-se-ia novamente para seus ídolos, em busca de socorro, subindo aos lugares altos dedicados ao paganismo. Aqueles que choravam e se lamentavam haveriam de exaurir-se em sua devoção e em suas orações solicitando ajuda, mas todo aquele esforço seria reduzido a nada. A campanha para conseguir a ajuda divina falharia. Mesmo que realmente buscassem a Yahweh naqueles momentos de crise, isso não lhes faria bem algum, porque o tempo de julgamento tinha chegado e precisava cumprir-se. O *cálice da iniqüidade estava repleto* e já começava a transbordar. A principal divindade dos moabitas, *Camos* (equivalente a Yahweh), não poderia ajudá-los naquela hora. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deuses Falsos* (111.14) e também o verbete intitulado *Lugares Altos.* Consultar I Reis 11.7 sobre *Camos.* E ver no *Dicionário* o artigo chamado *Camos.*

A Destruição Final de Moabe (16.13-14)

16.13-14

Esta é a palavra que o Senhor há muito pronunciou contra Moabe. O *oráculo de condenação,* a sentença acerca de Moabe, chega agora à conclusão. Foi Yahweh quem proferiu essa sentença, e quem garantiria o seu cumprimento. "Palavra" (vs. 13) refere-se à parte do oráculo que já tinha sido dada antes, começando em Isa. 15.1. Agora, um final é adicionado à mensagem divina. Talvez este versículo subentenda que um *novo oráculo* foi dado para completar a mensagem inicial. Aparentemente, desde que houvera a marcha do exército assírio através do território de Moabe, ocorrera alguma recuperação, olhando para alguma futura forma de restauração. Tal esperança, entretanto, logo seria esmagada. Haveria um intervalo de três anos de calmaria, mas outra tempestade estava prestes a abater-se contra Moabe. Moabe começara a prosperar de novo, mas em breve essa prosperidade teria fim. O tempo de trégua era como se dá com um *jornaleiro,* um diarista, que é alugado para trabalhar por um tempo para fazer um trabalho específico. Mas, uma vez terminada a tarefa, o trabalho acaba. O diarista tem de ir embora, e buscar trabalho em outro lugar. Cf. Isa. 21.16.

Dentro em três anos. "E seria precisamente esse o período de tempo, tal como um servo... contaria os anos, até que sua servidão terminasse. Isso se parece com o que lemos no capítulo 7 do livro de Isaias, onde Isaias disse a Acaz que a aliança entre a Síria e Israel se romperia dentro de poucos anos. É possível que este oráculo contra Moabe tenha sido escrito mais ou menos na mesma época, retratando a vindoura invasão de Moabe por Tiglate-Pileser, em 732 A. C. (depois que ele invadira a Síria). Ou talvez Isaias estivesse dizendo que Moabe seria atacado dentro de três anos (701 A. C.) por parte de Senaqueribe, no ano em que ele invadira Judá. Os contemporâneos de Isaias teriam acompanhado os acontecimentos para verificar se o Senhor realmente estava profetizando por intermédio dele. Quando viram que as palavras dele haviam-se cumprido, sentiram-se seguros de que a sua mensagem de salvação para Judá (ver Isa. 16.5) também era autêntica" (John S. Martin, *in loc).*

"Em pouco tempo, a despeito da prosperidade nesse entretempo, Moabe seria novamente devastada" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. **14).**

Capítulo Dezessete

Denúncia contra Damasco (17.1-14)

Continuam aqui os *dez oráculos de condenação,* ou "sentenças" (ver Isa. 13.1-23.18). Ver a introdução ao capitulo 13 e Isa. 13.1, quanto a uma nota de

sumário e referência. Agora estava em mira a Síria (Damasco, sua capital). O oráculo é contra a aliança siro-efraimita, assinada em cerca de 734 A. C. Ver Isa. 7.1-8.4 e II Reis 16.1-20). A data do oráculo foi cerca de 734 A. C. Duas estrofes reafirmam a derrota de Damasco e Efraim (vss. 1-3 e vss. 4-6). O profeta afirmou que aqueles que se aliassem contra Judá seriam reduzidos a nada. Ver a aliança mencionada em Isa. 7.2. Os assírios poriam fim à aliança (ver Isa. 8.4).

17.1

Sentença contra Damasco. Eis que Damasco deixará de ser cidade. *Um Oráculo de Condenação.* Ver a introdução ao capítulo 13 e os comentários sobre Isa. 13.1 quanto às *dez sentenças* (oráculos) desta seção. O profeta Isaías tinha ainda outra "mensagem pesada" para entregar, a qual lhe foi transmitida através da inspiração de Yahweh. Ele era o instrumento da transmissão das mensagens, e não o criador das temíveis predições. A essência desta mensagem era que a cidade de *Damasco* (ver a respeito no *Dicionário)* terminaria num montão de ruínas.

"Tiglate-Pileser III já tinha transportado os habitantes de Damasco para Quir, no quarto ano do reinado do rei Acaz, de Judá (II Reis 16.9). Mas agora, durante o reinado de Ezequias, foi predito outro ataque assírio (cf. Jer. 49.23 e Zac. 9.1). Ademais, Salmaneser tinha levado Israel de Samaria para a Assíria (II Reis 17.6; 18.10,11), durante o sexto ano de Ezequias, de Judá (o nono anò de governo de Oséias, em Israel). A presente profecia, sem dúvida, foi dada nos primeiros anos do reinado de Ezequias, quando as nações estrangeiras entraram em colisão com Judá" (Fausset, *in* toe).

17.2 —

As cidades de Aroer serão abandonadas. As cidades da Síria ficariam desertas para sempre (Revised Standard Version), que substitui assim o nome próprio *Aroer [ver* no *Dicionário),* considerado uma corrupção. A Revised Standard Version segue a Septuaginta. Aroer era uma cidade de Moabe, e não da Síria; e, assim sendo, muitos eruditos pensam que houve ou um erro primitivo no texto original do livro de Isaías, ou um equívoco de escrita. Afirmar também que havia uma cidade chamada Aroer na Síria é dar um tiro no escuro. Seja como for, houve, na antigüidade, uma orgulhosa cidade-estado, mas a qual foi transformada em uma terra de pastagens para animais domesticados. A agricultura seria a principal atividade do lugar; pobres agricultores substituiriam orgulhosos habitantes citadinos. Encontramos a mesma figura simbólica em Isa. 5.17, que fala da condenação de Judá. As ovelhas, pois, pastariam em perfeita paz. Nenhum exército marcharia por aquele lugar. A destruição seria tão completa que nada restaria para ser conquistado, nada ficaria para ser saqueado. Ás ovelhas são animais cheios de temor, e quase qualquer coisa pode perturbá-las. O total desaparecimento da população do lugar não deixaria nenhuma causa de perturbação.

17.3

A fortaleza de Efraim desaparecerá, como também o reino de Damasco. O profeta volta agora a atenção para o segundo membro da aliança firmada contra Judá, *Efraim,* as dez tribos do reino do norte. As fortalezas que protegiam aquele lugar desapareceriam diante dos atacantes, os assírios. As defesas seriam eliminadas, e o país inteiro perderia a população. Ao mesmo tempo, outro tanto aconteceria a Damasco — e toda a resistência seria anulada. A *glória de Israel* é um dos nomes da tribo de Efraim, que representa aqui a nação do norte, Israel. Essa glória não somente seria maculada, mas totalmente aniquilada. Os assírios transportariam outras populações para vir habitar no antigo reino do norte, Israel, e os poucos hebreus sobreviventes dali se casariam com os povos pagãos, do que resultariam os *samaritanos.*

O que antes fora glorioso transformar-se-ia em desolação. As destruições foram afirmadas pela palavra direta de Yahweh, o *Senhor dos Exércitos,* o General dos exércitos, aquele que trabalha por trás do palco. Esse título aparece por cerca de vinte vezes no livro de Isaías. Ver sobre o mesmo título no *Dicionário* e em I Reis 18.15.

17.4

Naquele dia a glória de Jacó será apoucada. Começamos outra estrofe do oráculo. Agora Efraim é chamado de "a glória de Jacó", paralelo da "glória dos filhos de Israel", no vs. 3. As fortalezas desaparecerão, e isso significa que o país todo seria apequenado, humilhado, alquebrado, subjugado e finalmente deportado. Onde havia *gordura* (prosperidade) haveria extrema *pobreza* (magreza). Primeiro, haveria a *emaciação,* e depois nada haveria senão os ossos da morte.

17.5

Será, quando o segador ajunta a cana do trigo. A *destruição* seria como uma *triste colheita.* Os homens saem aos campos para *remover o* grão, e o resto da planta é totalmente destruído. O campo fica *devastado.* A nação do norte, Israel, seria de tal modo devastada pelos assírios que se pareceria com um campo desolado. Nada restaria a não ser, aqui e acolá, alguns poucos grãos que não tinham sido atingidos. O vale de Refaim pertencera antes a uma raça de gigantes (ver Jos. 15.8; 18.16). Mas se tornou possessão de Israel por meio da conquista. Esse vale era dotado de terras férteis que produziam em abundância no tempo da colheita. Os filisteus gostavam de atacar esse vale, porque sempre podiam levar dali muitos produtos agrícolas, e assim evitar o labor do plantio. Ver II Sam. 23.13. Mas quando os colhedores *atacavam* os campos daquele próspero lugar, ficavam desolados. Isso perfazia uma apta figura dos assírios como colhedores terríveis, ao passo que Israel aparece como nada. O exército assírio levou dali tudo quanto tinha valor, deixando apenas devastação.

17.6

Mas ainda ficarão alguns rabiscos, como no sacudir da oliveira. A *colheita das oliveira* prove outra figura de quase total destruição. Algumas traduções dizem aqui a *colheita da uva.* Ou melhor, temos ambas as coisas: *respigar* subentende as uvas; mas *sacudir* dá a entender o método de colher as azeitonas. A maioria das oliveiras podia ser sacudida pelos ramos. Cf. Deu. 24.2. Os poucos frutos restantes (uvas ou azeitonas) representam os poucos e miseráveis que restariam na nação do norte, que teria perdido quase toda a população. "Alguns poucos habitantes restariam em Israel, como se fossem as duas ou três azeitonas que sobrassem no alto dos ramos das oliveiras. Não valeria a pena o esforço de subir até ali para colher as poucas azeitonas que restassem" (Fausset, *in* toe). "Essas comparações foram usadas de modo muito apropriado, visto que o povo de Israel foi freqüentemente comparado a uvas e azeitonas (ver Isa. 5.1,7; Jer. 11.16; Osé. 9.10)" (John Gill, *in* toe).

A Adoração Idolatra (17.7-11)

Abandonando os ídolos (17.7-8)

17.7-8

E não olhará para os altares, obra das suas mãos. Alguns eruditos pensam que temos aqui o fragmento de um oráculo que, originalmente, era um oráculo separado, introduzido neste ponto por causa da frouxa conexão de idéias com o que fora dito antes. Seja como for, Deus é o Criador, e a humanidade é Sua criação. Os homens haviam corrompido a si mesmos, correndo após os ídolos, obras de *suas próprias mãos,* e assim convidaram o julgamento divino. Este oráculo foi usado para salientar uma das razões pelas quais o reino do norte, Israel, foi devastado pela Assíria. No meio de tanta destruição, alguns poucos homens sentir-se-iam inspirados a buscar ajuda no Deus de Israel. Alguns abandonariam os altares pagãos que suas mãos tinham erguido (vs. 8), e também os *aserins* ou bosques pagãos, que eram símbolos da deusa Aserá. Essa adoração era representada por postes apropriadamente escavados, ou ídolos. Ver as notas de sumário sobre a questão, em I Reis 14.15. "Os postes da deusa Aserá eram símbolos de madeira de Aserá, a deusa cananéia da fertilidade e consorte de Baal" (John S. Martin, *in* toe). O povo de Israel sempre se deixou influenciar pelos diversos cultos a Baal, mas nos dias de crise alguns poucos se voltavam para Yahweh, e não para Baal.

O Culto a Adônis; Falsa Segurança (17.9-11)

17.9

O culto a Adônis era, essencialmente, um culto de fertilidade. Adônis era o deus da *vegetação* e contava com santuários espalhados por toda a Palestina. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Tamuz.* Essa era outra adoração falsa que facilmente reunia adeptos em Israel. Esse deus era retratado como quem tinha morrido no inverno, somente para voltar à vida na primavera. Mudas eram plantadas em vasos e cestos, que teriam então o suposto poder mágico de estimular o crescimento da vegetação. O homem, incuravelmente supersticioso como é, corre o risco de cair em falsos cultos, quando não tem o cuidado de cultivar sua fé. Em Israel, essa fé era a legislação mosaica e suas muitas provisões que cobriam praticamente todos os aspectos da vida. Ver o vs. 11 quanto à superstição que acaba de ser descrita. Israel buscava colheitas através da honra dada a esse culto, mas o que eles colheram, realmente, foi a amarga destruição imposta pelo exército assírio.

Naquele dia serão as suas cidades fortes como os lugares abandonados. O texto massorético nos remete à idéia do vs. 6. As cidades fortes de Israel tomar-se-iam como os ramos quebrados de uma árvore, e os ramos mais altos teriam apenas algumas poucas azeitonas, porquanto a desolação atingira o país. O hebraico é obscuro e tem sido variegadamente traduzido. Nossa versão portuguesa diz:"... lugares abandonados no bosque ou sobre o cume das montanhas".

A Septuaginta tem um texto diferente:"... como os lugares desertados dos heveus e dos amorreus, que desertaram por causa dos filhos de Israel". Isso nos remete ao tempo da conquista da Terra Prometida por parte de Israel. Quanto a uma lista dos povos expulsos dali por Israel, ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1. Da mesma forma que os filhos de Israel tinham aniquilado os povos que habitavam primitivamente a Terra Prometida, assim os assírios os aniquilariam. Idolatras pagãos foram destruídos; e assim, quando os israelitas se tomaram idolatras pagãos, receberam idêntico tratamento.

Outra tentativa de conjectura sobre o que o texto massorético poderia significar é dada pela NIV:

> *Naquele dia, suas cidades fortes que eles abandonaram por causa dos israelitas, serão como lugares abandonados às ervas daninhas e à vegetação rasteira.*

Mas isso é apenas conjectura, e certamente Adam Clarke *[In loc)* está correto, ao dizer: "Até hoje ninguém conseguiu tirar um sentido tolerável dessas palavras". Abandonando a tentativa, ele se voltou para a Septuaginta como o provável sentido original. Talvez seja assim, mas também é provável que o texto hebraico original seja aquele preservado pelo texto massorético, o qual, na transmissão de cópias sucessivas, ficou tão corrupto que os tradutores da Septuaginta simplesmente o substituíram. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Era comum aos escribas substituir trechos difíceis ou obscuros por um texto fácil (inteligível).

17.10

Porquanto te esquaceste do Deus da tua salvação. Yahweh foi abandonado em meio à desenfreada corrida idolátrica de Israel. Nesse ato, Israel esqueceu sua própria *salvação.* Quanto à salvação e ao Deus da salvação, ver Sal. 3.8; 9.14; 18.46; 38.22 e, especialmente, 62.1,2,7. Ver o termo no *Dicionário.* Além disso, Deus é a *Rocha de Israel,* um lugar de defesa e força (ver sobre o termo no *Dicionário).* Ver também Deu. 32.31. Quanto a Deus como *Refúgio,* ver o artigo com esse nome e também Sal. 46.1. O acúmulo de termos aplicados a Yahweh deve ser compreendido em relação à ajuda que a nação de Israel poderia ter obtido contra a Assíria, mas que ela perdeu por motivo de *apostasia.*

A menção a "plantações formosas" é uma referência ao culto ao deus Adônis, que comento na introdução a esta seção, no vs. 9. O ponto desta referência foi fazer com que Israel soubesse por que Yahweh não era sua salvação, nem rocha (fortaleza), nem refúgio. Cf. Eze. 8.14-18. Ver no *Dicionário o* artigo sobre *Tamuz.* Essa era a divindade síria e fenícia equivalente ao grego Adônis.

17.11

E no dia em que as plantares, as fizeres crescer. O profeta nos dá a conhecer algo do *modus operandi* do culto a Tamuz (Adônis), atos realizados para promover a fertilidade das plantações, atos supersticiosos, crassos, impensados, cuja essência aparece nas observações de introdução ao vs. 9. Os intérpretes que não têm consciência da natureza daquele culto de fertilidade muito se desviam em suas explicações sobre os vss. 10 e 11. Plantas e mudas eram dedicadas a Tamuz, na esperança de que ele encorajasse boas colheitas. Tão supersticiosa atividade, entretanto, não produziria nenhum resultado frutífero. Nos tempos de aflição, a agricultura falharia em alcançar seus objetivos. Dias de dor e tristeza estavam a caminho, e a colheita falharia, tal como os homens fugiriam da nação do norte, Israel.

17.12

Ai do bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares. Os vss. 12-14 descrevem as ordens recebidas pelas tropas assírias para descer contra a nação do norte, Israel. Eles pareciam com o *trovão* de uma tempestade distante, que fica cada vez mais forte, à medida que se aproxima. Esse ruído relembrou ao profeta o "rugido das águas", do baque constante das ondas na praia. A Assíria se aproximava como uma grande onda de maré. Era o rugido das nações, um rugido como as poderosas águas do mar, quando alguma tempestade as deixa furiosas.

> *Escutai o povo! Estão clamando alto como o barulho do mar. Escutai aquele barulho! O clamor é como ondas que baqueiam nas praias.*
>
> (NCV)

A marcha de um exército, como *águas que se precipitem,* encontra paralelo em Isa. 8.7,8. Uma grande tempestade destruidora estava a caminho.

17.13

Rugirão as nações, como rugem as muitas águas. Entrariam como um leão, sairiam como um cordeiro. Assim seria a chegada e a saída dos assírios. Continua aqui a ilustração das águas revoltas, que aparece no versículo anterior. Talvez agora devamos pensar em um rio poderoso que inunda e atravessa o território. As águas são repreendidas pelo poder divino e fogem, errando o alvo, que era Jerusalém. E então quando, em uma única noite, o Anjo do Senhor executou a 185.000 soldados assírios, os sobreviventes foram caçados para fora de Judá como uma grande tempestade que os estivesse tangendo em meio à poeira de um poderoso redemoinho. Talvez a figura simbólica fale na *palha,* a parte leve e inútil do cereal que é tangida pelo vento. Cf. Isa. 29.5. Ver também Sal. 1.4 e 83.13.

17.14

Ao anoitecer eis que há pavor, e antes que amanheça o dia, já não existem. À noite houve terror; o exército assírio estava defronte dos portões de Jerusalém, ameaçando degolar os habitantes. Pela manhã, porém, o perigo tinha passado. Cento e oitenta e cinco mil soldados assírios tinham sido mortos pelo Anjo do Senhor. Ver a história em II Reis 19.35. Cf. Isa. 37.36,37. Os assírios já tinham saqueado a muitas cidades de Judá. Agora, porém, precisavam ser refreados de alguma maneira. Essa foi a sorte (porção) da Assíria por causa do que os assírios tinham semeado. A lei da colheita segundo a semeadura venceu, no fim. A maré de terror fora estancada, mas a Babilônia era o próximo ator a exibir-se no palco da história, e as coisas, dessa vez, não correriam tão bem para Judá. O Deus soberano continua governando o mundo. "É bom relembrar, em qualquer dia de confusão, que, em meio ao entrechoque das forças humanas, continua de pé a Rocha dos Séculos, o Deus soberano" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc).*

"As coisas não acontecem por acaso, mas pela nomeação e disposição de Deus, que aloca e determina ruína aos homens, como justa recompensa por suas obras. Ver Jó 20.29 e Sal. 11.6" (John Gill, *in loc).* Ver as notas expositivas sobre Isa. 13.6.

Capítulo Dezoito

Terras para Além dos Rios da Etiópia (18.1-7)

Réplica aos Enviados Cuxitas. A seção geral de Isa. 18.1-20.6 trata do Egito. Várias perplexidades circundam a interpretação desta seção, mas todos os eruditos admiram a magnificência de sua linguagem e as imagens simbólicas tão vividas, bem como a profundeza de percepção e a forte fé. Trata-se de um dos mais nobres pronunciamentos de Isaías.

Aparentemente, enviados cuxitas, isto é, etíopes, chegaram a Judá procurando a ajuda dos judeus contra os assírios. Mas o profeta insistiu em esperar algum tipo de sinal da parte de Yahweh. Quando Ele estivesse pronto, promoveria a colheita destrutiva necessária. O *novo oráculo de condenação,* ou sentença, só aparece novamente em Isa. 19.1.

"A razão do oráculo pode ser inferida de duas circunstâncias: uma nova dinastia etiope (a de número XXV) fora estabelecida no Egito, em cerca de 714 A. C, e, pouco depois, as intrigas encabeçadas pelo Egito levaram a uma revolta contra a Assíria por parte da Filistia, Judá, Moabe e Edom. A revolta entrou em colapso quando Sargão, em 711 A. C, tomou medidas severas contra as cidades filistéias, notavelmente Asdode (cf. Isa. 20.1). Parece que Judá não foi tocado" **(R. B.** Y. Scott, *in loc).*

18.1

Ai da terra onde há o roçar de muitas asas de insetos. Provavelmente temos aqui menção ao delta do rio Nilo, região infestada por insetos, e, mais especificamente ainda, à Etiópia. O roçar das asas pode referir-se aos exércitos da Etiópia. O hebraico poderia significar *barco.* Nesse caso, talvez estejam em vista os barcos feitos de papiro do Egito. Desde os tempos mais remotos, os barcos de água doce do Egito empregavam tanto velas quanto remos, e isso poderia ter sugerido a figura simbólica das asas. Ver o vs. 2, onde encontramos informações sobre os barcos de papiro.

Ai da terra. O futuro do Egito não era muito brilhante. O profeta não enganou os enviados etíopes. Mas há quem traduza o trecho por "Escutai!", o que só pode querer dizer "Prestai atenção ao que digo neste oráculo".

Além dos rios da Etiópia. Ou seja, subindo até acima das fontes originárias do rio Nilo. Pode estar em vista o Nilo Branco ou o Nilo Azul, ao sul de Meroe ou *Sennar,* não muito longe do lago Nyanza.

18.2

Que envia embaixadores por mar em navios de papiro. Os *enviados* chegaram em seus barcos velozes, e o profeta os *enviou* de volta àqueles que os

enviaram. São descritos os barcos dos embaixadores, que possivelmente usavam velas, conforme comento no vs. 1. Esses barcos eram feitos de juncos de papiro. Uma espécie de trabalho de cesto era feita e coberta com piche. Canoas de papiro eram o veículo popular usado no rio Nilo, e eram necessárias devido à escassez de madeira.

A *descrição do povo* a quem o oráculo deveria ser enviado: os termos aqui usados não são todos claros e têm sido variegadamente interpretados. O povo descrito tinha *elevada estatura* e pele *brunida,* o que talvez indique que eles brilhavam com a aplicação de óleo. Mas alguns estudiosos referem-se ao costume de os egípcios raparem todo o pêlo do corpo. A estatura e a atenção especial que davam ao corpo inspirou Heródoto a chamá-los de "os mais altos e mais simpáticos entre os homens" *(Hist.* III.20). Visto que eram guerreiros poderosos, eram temidos desde longe, ou "desde o princípio até agora". Eram homens poderosos e usavam sua grande força física para conquistar. Mas não seriam capazes de enfrentar os assírios, a despeito de toda aquela bravura.

Cuja terra **os rios dividem.** Este é um plural poético para alguém referir-se ao rio Nilo. Por onde passasse o rio, era por ali que aquele povo vivia. Alguns estudiosos imaginam que os *braços* do Nilo fizeram com que ele fosse chamado de *rios.* A terra de Cuxe incluía o que é atualmente o sul do Egito, o Sudão e o norte da Etiópia. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cuxe,* ponto terceiro, quanto a detalhes.

"Coisa alguma se sabe, em outros trechos da Bíblia, ou de fontes históricas extrabíblicas, sobre quaisquer contatos dessa nação com Israel, em uma aventura conjunta contra a Assíria" (John S. Martin, *in loc).*

As interpretações deste versículo são desconcertantes. Apresento o que parece ser o sentido, com alguma variação de idéias. Algumas vezes, a linguagem poética de Isaías precisa ser decifrada, e não meramente traduzida, porque o significado dos termos nem sempre é claro.

18.3

Vós, todos os habitantes do mundo, e vós os moradores da terra. Os aliados propostos — Filístia, Judá, Moabe, Edom, Egito e quem quer que se tivesse aliado para enfrentar a Assíria - a todos esses *povos,* "os habitantes do mundo", o profeta convidou a escutar atentamente o conselho que ele daria. Eles nada deveriam fazer enquanto não lhes fosse dado um *sinal,* ou ordens de marcha da parte de Yahweh, que controla os eventos do mundo. Ele tocaria "a trombeta" para ordenar que os exércitos se pusessem em marcha. Essa trombeta soaria através de um oráculo dado por intermédio do profeta. Entrementes, os membros da aliança deveriam permanecer em casa, sem fazer coisa alguma radical. O sinal seria claro porque (figuradamente) seria visto das mais altas montanhas. Não haveria dúvida a respeito. Homero, em sua composição poética, a *Iliada* (xxi.388), tem algo similar, os deuses lá no alto ordenando o começo da batalha: "O céu, em meio a altos trovões, ordena que soe a trombeta".

18.4

Porque assim me disse o Senhor. Yahweh, em Seu elevado céu, estaria vigiando. Coisa alguma escaparia à Sua atenção. Mas Ele se manteria tranqüilo até que soasse a hora certa. Seu plano se demoraria como o calor do verão, e se estenderia até a *colheita.* Chegaria o tempo da colheita (ou seja, para derrubar a floresta assíria, ou colher as uvas ou as azeitonas. Cf. Isa. 17.5,6; ver também Isa. 10.12,25,32). O calor e o orvalho do verão fariam ocorrer a colheita, e então o Poder celeste entraria em ação, mas não antes que a colheita estivesse pronta. O calor viria durante o dia, e o orvalho cairia à noite, e ambos operariam conjuntamente para produzir a colheita no tempo certo.

18.5

Porque antes da vindima, caída já a flor, e quando as uvas amadurecem. O tempo de colheita dos assírios haveria de chegar. Os assírios certamente seriam derrubados. Antes, porém, aquela potência deveria fazer a própria colheita. Deveria terminar as tarefas atribuídas por Deus. As dez tribos do norte, a nação de Israel, teriam de ir para o cativeiro. E outras potências estrangeiras teriam de ser derrubadas, incluindo aquelas da aliança proposta. Essa força não seria a que colheria a Assíria. A Babilônia seria o *colhedor escolhido* para tanto. Os países em aliança tentavam usurpar a tarefa que Yahweh designara a outrem. Mas o real Colhedor é Yahweh, e Ele usa instrumentos humanos. Uma vez que a tarefa dos assírios fosse concluída, então Yahweh, o divino Colhedor, entraria em ação, cortando as uvas da Assíria e pondo fim àquela vinha.

18.6

Serão deixados juntos às aves dos montes e aos animais da terra. Justamente quando as uvas assírias começavam a amadurecer, e eles estavam prontos para estender um pouco mais o seu império, a triste colheita ocorreria. "Eles seriam mortos e deixados nas montanhas como alimento para as aves no verão, e para os animais selvagens no inverno" (John S. Martin, *in loc).* Tendo feito sua colheita, a própria Assíria seria colhida; mas por trás das cenas está o grande Colhedor, o controlador de todos os eventos. Cf. Isa. 13.6, onde falo sobre a soberania de Yahweh, o Controlador dos eventos.

18.7

Naquele tempo será levado um presente ao Senhor dos Exércitos. Este versículo é, essencialmente, uma repetição baseada no vs. 2. O povo que enviou os portadores ficariam consternados ao saber que, embora fortes e orgulhosos, acabariam subservientes a Judá, o centro do culto a Yahweh. "Os orgulhosos etíopes, tal como toda a humanidade, trariam presentes ou *tributos* a Yahweh e também a Seu templo, em Jerusalém (cf. Sal. 68.29,31)" (R. B. Y. Scott, *in loc).* Não temos nenhum registro de algo parecido com esse acontecimento depois da queda da Assíria, nem depois que a Babilônia levou a nação de Judá para o exílio. Portanto, muitos intérpretes vêem isso como profecia para a era do Reino, quando todas as tempestades da vida tiverem terminado, durante o *milênio* (ver a respeito no *Dicionário).* Cf. Zac. 14.16. Alguns estudiosos vêem a admissão de todas as nações mediante a igreja, mas, quando muito, temos aqui uma aplicação do texto, e não uma interpretação. Este versículo pode ter paralelo em Isa. 11.9:

> *A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*

Capítulo Dezenove

Denúncia contra o Egito (19.1-25)

A seção geral de Isa. 13.1-23.18 apresenta dez oráculos de condenação ou *sentenças* contra várias potências mundiais que teriam de sofrer julgamentos divinos por causa de sua maldade. Ver a exposição na introdução ao capítulo 13, bem como em Isa. 13.1, quanto à explanação desses *oráculos de condenação.* Ali faço referência aos versículos que contêm essa palavra. Agora, no capítulo 19, encontramos a condenação do Egito. Este oráculo pode ser naturalmente dividido em *três partes:* 1. Vss. 1-4, que retratam a descida de Yahweh contra o Egito, trazendo os terrores da guerra civil, de mistura com a tirania; 2. Vss. 5-10, que falam da seca do rio Nilo, com drásticas conseqüências (o que alguns intérpretes vêem como uma interpolação, posta neste ponto); e 3. Vss. 11-15, que são uma zombaria contra o Egito, por ter este falhado ao ver que Yahweh opera entre os homens, com propósitos e atos hostis.

Nos vss. 16-17 encontramos outra ameaça contra o Egito; e, finalmente, os vss. 18-25 descrevem a adoração futura a Yahweh no Egito e na Assíria.

"Algumas pessoas queriam olhar para o Egito como proteção contra a ameaça assíria. Mas Isaías salientou que o Egito não serviria de ajuda, porquanto essa nação seria igualmente avassalada pelo juízo de Deus" (John S. Martin, *in loc).*

"O Egito e a Etiópia, na época, eram governados pelo mesmo governante, Tiraca, tal como estiveram sob o governo de um mesmo Faraó, Painkhi-Mer-Amon. Esta profecia tem praticamente as mesmas características da anterior. Sua principal característica é apresentar a condição imposta à nação conquistada como distinta da condição imposta ao conquistador. As palavras de abertura declaram que o julgamento divino, adiado desde longa dada, finalmente estava chegando, como uma nuvem tangida rapidamente pelo vento de um temporal, contra os ídolos do Egito. Os homens sentiriam que a presença do Poderoso estava entre eles" (Ellicott, *in loc).*

A Condenação do Egito (19.1-15)

Primeira Parte (19.1-4)

19.1

Sentença contra o Egito. Quanto ao oráculo de condenação, isto é, a sentença, ver a introdução ao capítulo 13 e Isa. 13.1.0 profeta reivindica falar por inspiração divina, porquanto Yahweh é quem realmente se dirigia à profana nação do Egito e proferia julgamento. Aquele que ameaçava também agiria, e Ele vinha contra o Egito como uma nuvem veloz, tangida pelos ventos divinos, e a coisa toda tomar-se-ia uma tempestade temível que feriria a nação idolatra do Egito. O Egito, totalmente corrompido em sua idolatria, não escaparia para sempre ao chicote divino. Seus deuses (ídolos), longe de ajudar os egípcios, tremeriam quando a tempestade os atingisse. Quanto ao poder de Deus retratado como uma tempestade, cf. Sal. 18.10; 68.4,33; 104.3. Ver também Naum 1.3 e Dan. 7.13. A tempestade seria tão violenta que faria o espírito (coração) dos egípcios *derreter-se.*

"Eis o julgamento do Egito, executado pelo próprio Deus, o qual, cavalgando em uma nuvem veloz, atacaria subitamente. A natureza do julgamento divino não foi descrita, mas seus efeitos foram tidos como devastadores. O nervo da vida dos

egípcios seria cortado, quando entrasse em colapso a religião nacional. Enquanto os ídolos estivessem tremendo, haveria queda na fé, do que resultariam a anarquia e a guerra civil" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*).

19.2

Porque farei com que os egípcios se levantem contra os egípcios. *Egípcios contra egípcios* é aqui pintado como a primeira chicotada, ou seja, a *guerra civil.* Provavelmente, essa discórdia foi provocada, pelo menos em parte, pela derrubada do poder etíope por Sargão, rei da Assíria em 720 A. C. Heródoto (*Hist.* ii.147) diz-nos que, por ocasião da queda de Sabaco, o último Faraó da dinastia etíope, foi quebrada a unidade do Egito. A interpretação do livro de Isaías é com freqüência prejudicada por palavras usadas cujo significado, na realidade, não conhecemos; por expressões poéticas algumas vezes difíceis de decifrar; e por referências históricas obscuras. Portanto, em muitos lugares, somos forçados a apelar para as conjecturas quanto ao sentido de certos trechos, dando algumas poucas idéias alternativas, na esperança de acertar no alvo. Os próprios antigos intérpretes judeus ficavam a adivinhar, e, algumas vezes, essas conjecturas não são tão boas quanto as modernas. Assim sendo, se a guerra civil é, definidamente, o sentido deste vs. 2, os intérpretes a identificam em diferentes períodos históricos, alguns falando nos tempos assírios, e outros nos tempos babilônicos. Na época dos babilônios, o Egito estava dividido em 42 *nomes* (distritos). Perturbações externas, invasões por parte de estrangeiros e o caos geral foram elementos provocadores que produziram essa fragmentação.

"... a turbulência civil, talvez decorrente da transição da XXV[a] dinastia etíope, que começou em cerca de 714 A. C., por Piankhi (o *senhor duro* mencionado no vs. 4 deste capítulo). Mas esses termos também podem aplicar-se à Assíria" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 2). Ver o vs. 4, bem como as notas expositivas ali.

19.3

O espírito dos egípcios se esvaecerá dentro neles. O espírito corajoso dos egípcios seria anulado pelo caos e pela dor, e todos os seus planos cairiam em confusão e impotência. Isso não significa que eles deixariam de confiar em seu paganismo. Eles consultariam os deuses de seus ídolos e adivinhos, e empregariam muitos métodos de adivinhação para tentar descobrir o que fazer para corrigir seus muitos ais. Os médiuns espíritas e os sábios tornar-se-iam pessoas importantes, enquanto o povo tateava nas trevas. Ver no *Dicionário* os seguintes artigos: *Adivinhação; Espírito Familiar* e *Bruxaria e Magia.* "O Egito era a terra clássica da mágica e da bruxaria" (Procksch, *Jesaia,* I, pág. 245). Cf. Isa. 8.19, onde encontramos declaração similar, mas a respeito de Judá.

19.4

Entregarei os egípcios nas mãos de um senhor duro. Está em pauta Piankhi (um governante do Egito; ver o vs. 2, último parágrafo); ou então um governante assírio como Esar-Hadom, que conquistou o Egito em 671 A. C., ou mesmo Nabucodonosor, como pensam alguns estudiosos. Seja como for, o Egito seria sujeitado por potências estrangeiras e sofreria perseguições e durezas. Mas o poder por trás de tudo isso seria Yahweh, o *Senhor dos Exércitos,* que controlava os eventos da história da humanidade. Ver sobre esse título em I Reis 18.15, bem como no *Dicionário.* Ver Isa. 13.6 quanto a idéias adicionais e ilustrações sobre esse princípio.

A palavra aqui traduzida por "senhor" está no plural, "senhores", pelo que pode estar em vista uma sucessão de governantes estrangeiros, e então um homem só, especificamente duro.

"Piankhi, ou seu sucessor, Sabaca, que voltou para fundar a XXV[a] dinastia de Faraós do Egito" (R. B. Y. Scott, *in loc.,* apresentando-nos outra conjectura).

Segunda Parte (19.5-10)

19.5

Secarão as águas do Nilo, e o rio se tornará seco e árido. Ver a introdução a este capítulo quanto às três porções do oráculo contido nos vss. 1-15. O rio Nilo secará, causando toda a espécie de caos social. Alguns estudiosos não conseguem perceber como esta segunda parte se ajusta ao resto, e supõem tratar-se de um pequeno oráculo distinto, inserido neste ponto de modo um tanto desajeitado. Outros procuram ajustá-lo dentro do arcabouço da passagem. Os julgamentos de Deus afetarão a natureza, e não apenas a marcha dos exércitos. A seca trará ruína econômica. As enchentes anuais do Nilo, que espalhavam fertilidade, falharão. O Nilo era e continua sendo o sangue da vida do Egito. Uma represa construída pelos russos tornou o rio Nilo mais limpo do que deveria, removendo a lama e, conseqüentemente, parte do poder fertilizador do rio. Sem o Nilo, como é natural, o Egito não poderá sobreviver. Desconhecemos qualquer incidente histórico que ilustre estes versículos; portanto, alguns intérpretes pensam que a passagem é metafórica, apontando para a destruição da agricultura em tempos agitados, ao passo que outros transferem a questão para o fim dos tempos, quando tal calamidade poderá ocorrer. Mas os que insistem em entender literalmente esta profecia, como fazem em relação a muitas outras, ficam desapontados.

O rio. Ou seja, o Nilo. Algumas versões dizem aqui "o mar", mas referindo-se ao Nilo, como se ele fosse um grande mar interior. Homero chamava os grandes rios de *oceanus.* O fraseado literal do versículo fala do ressecamento virtual do Nilo, e não meramente uma pequena inundação capaz de prejudicar a agricultura. Kimchi via aqui a destruição do Egito pelos assírios, que perturbariam todos os aspectos da vida e aumentariam o caos geral da época.

19.6

Os canais exalarão mau cheiro, e os braços do Nilo diminuirão e se esgotarão. Os *canais* do rio Nilo, não dispondo mais de fontes formativas, terão apodrecidas as suas águas; os braços do Nilo primeiramente diminuirão de volume e então secarão inteiramente; a vida vegetal, ao longo das margens do rio, bem como os juncos e a vegetação de beira de rio, apodrecerão, tal como os produtos agrícolas se estragarão, sem irrigação. "O homem não exerce controle sobre as catástrofes naturais" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 5). As famosas plantas do Egito, o papiro, desaparecerão. O comércio por via fluvial cessará, e não haverá produtos agrícolas a transportar por terra ou por água. A fome será o resultado natural da condição. Assim sendo, foi predito que Yahweh renovaria as *pragas do Egito,* embora usando métodos diferentes.

19.7

A relva que está junto ao Nilo, junto às suas ribanceiras. Onde antes havia safras abundantes, agora não há mais nada, a não ser terra seca e deserto de solo fendido. A vegetação secará e o vento virá e soprará para longe todas as coisas, como se fossem mera palha. Ou um país conta com sua própria agricultura, ou terá de comerciar com outros para comprar alimentos. Mas o Egito não terá dinheiro para comprar, nem terra fértil para arar. Fome generalizada será o resultado disso. O antes fértil vale do Nilo se tornará um deserto, incapaz de sustentar a vida.

19.8

Os pescadores gemerão, suspirarão todos os que lançam anzol ao rio. O Nilo produziu e produz grande variedade de peixes, mas onde não há água os peixes morrem. Não haverá mais água onde lançar o anzol. Uma indústria inteira será assim destruída, e o povo morrerá como moscas, por falta de alimentos. "O peixe, durante todos os séculos, formou parte da dieta das classes trabalhadoras do Egito" (Heródoto, *Hist.* ii.94); Núm. 11.5. "Quadros sobre a vida do Egito mostram-nos que os pescadores sempre usaram dois métodos para apanhar os peixes, pelo anzol e pela rede de pesca" (Ellicott, *in loc.*). O Nilo sempre foi um rio famoso por seus peixes (ver Núm. 11.5), tal como são os rios Amazonas e seus tributários hoje em dia.

19.9

Consternar-se-ão os que trabalham em linho fino... algodão. No Egito, visto que o linho estará morto, e o algodão não poderá medrar, o povo que trabalha nas indústrias têxteis morrerá de inanição, pois não terá matéria-prima com que trabalhar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linho.* A economia inteira do Egito dependia da agricultura. O linho era o material fino de que se faziam as vestes dos sacerdotes e das classes mais abastadas, e o algodão era o material popular para as massas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linho.* Algumas traduções pensam que temos aqui um paralelismo, e fazem do linho o único material em vista. A palavra hebraica traduzida aqui por *algodão,* conforme certas traduções, é *obras brancas,* e poderia ser apenas outra referência ao linho e seu fabrico. Mas a Revised Standard Version diz "tecelões de algodão branco".

19.10

Os seus grandes serão esmagados. Considere o leitor estes quatro pontos:

1. A seca do Nilo afetará todas as classes, desde os *pilares* (governantes, príncipes, sacerdotes e pessoas importantes, conforme lemos na Revised Standard Version e em algumas versões portuguesas), até os que têm de trabalhar dia após dia para ganhar a vida. Tudo será reduzido ao nada da fome. O original hebraico é obscuro aqui, pelo que também as traduções e os intérpretes apresentam várias idéias.
2. Alguns estudiosos continuam a pensar aqui na idéia dos tecelões mencionados no versículo anterior, e dizem que eles estão *quebrados;* os trabalhadores que ganham um pouco de dinheiro a cada dia *entristecer-se-ão,* porque

seu meio de vida desapareceu (conforme diz a NCV). A NIV tem, essencialmente, idéia idêntica:

Os trabalhadores em tecidos estarão desanimados,
E os assalariados estarão doentes no coração.

3. Ainda outros eruditos pensam que as represas se romperão, perdendo a capacidade de produzir peixes (King James Version).
4. A Septuaginta fala sobre como a *bebida forte* terminará e, juntamente com ela, a alegria de muita gente: "E todos aqueles que fazem vinho de cevada se lamentarão e se entristecerão na alma".

Terceira Parte (19.11-15)

19.11

Na verdade são néscios os príncipes de Zoã. Estes versículos zombam dos egípcios por não perceberem que o caos que se abaterá sobre o Egito ocorrerá pela agência de Yahweh, o Deus Altíssimo, Aquele que controla, dos céus, todos os acontecimentos na terra e emprega instrumentos humanos para realizar Seus propósitos. Cf. Isa. 13.6 e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania.* Os sábios do Egito tinham uma filosofia e uma teologia deficiente.

"Isaías escarnece aqui do Egito. Se essa nação, com toda a sua sabedoria jactada, podia traçar esquemas que afetavam os destinos nacionais, como poderia o seu povo ter-se esquecido do plano de Deus para si mesmo? Quanto a *Zoã* e *Mênfis, ver* Eze. 30.13-19" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o presente versículo).

Zoã. Chamada Tâmis, no período helenista, perto da Palestina, foi, mais de uma vez, a capital do Egito. *Mênfis,* chamada *Moph* ou *Noph,* nas páginas do Antigo Testamento, era a antiga capital do Baixo Egito, situada no ápice do delta do Nilo. Quanto a notas expositivas completas, ver os artigos do *Dicionário* sobre esses lugares. Ver também o vs. 13 a seguir. De acordo com a estimativa do profeta Isaías, os príncipes dessas duas mais importantes cidades egípcias eram uns *insensatos.* E os sábios conselheiros do Faraó não eram muito melhores que eles. Na verdade, não eram melhores do que feras brutas. O lugar inteiro estava repleto de idolatria e múltiplas formas de corrupção religiosa, e eles nada faziam para impedir isso. A teologia deles não incluía a visão profunda que era necessária para reconhecer que Yahweh é o cabeça de todas as coisas e manipula a história da humanidade.

Além disso, o próprio Faraó era o maior tolo de todos, embora se jactasse de ser filho de um homem sábio, filho de antigos reis, os quais, no Egito, eram *deificados.* Os sábios egípcios, naturalmente, eram influenciados por muitas formas de adivinhação (ver o vs. 3) e julgavam-se dotados de uma *sabedoria* própria do "outro mundo". No entanto, falharam completamente em ver o futuro e as calamidades que se aproximavam, além de não reconhecerem que o Controlador dos eventos estava próximo.

19.12

Onde estão agora os teus sábios? Yahweh, o *verdadeiro Conselheiro,* o verdadeiro Sábio, tinha planejado coisas para o Egito que os sábios egípcios não conseguiram prever; mas mesmo que tivessem sabedoria para prever aqueles drásticos acontecimentos, não teriam sabedoria para evitá-los. Eles tinham excluído de seu sistema religioso o Deus Altíssimo e assim continuaram a tratar com as vicissitudes da vida sem reconhecer o poder controlador desses eventos. Em suas adivinhações, eles se voltaram para o "outro mundo", mas não descobriram ali nenhuma fonte de informação segura na qual se estribassem. Eram um bando de sábios loucos, do tipo que há muitos neste mundo. Jactavam-se de "conhecer o futuro", o que sempre fará parte das práticas do ocultismo, e presumivelmente obtinham ajuda "do outro lado das coisas", mas, embora adquirissem algum conhecimento verdadeiro, também obtinham, por esse intermédio, muita confusão e erro. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Precognição.* Presumivelmente eram sábios por seus próprios direitos, inteiramente à parte das práticas do ocultismo, e com base em suas própria experiência e conhecimento poderiam dar bons conselhos. No entanto, falharam no momento mais crítico, porquanto negligenciaram a Fonte de todo o conhecimento e sabedoria.

19.1"

Loucos se tornaram os príncipes de Zoã. Agora *Zoã* e *Mênfis* aparecem juntas. Ver o vs. 11 quanto ao significado dos nomes dessas duas localidades. Os lugares onde os sábios costumavam reunir-se e onde príncipes governavam em suas sedes de governo eram, na realidade, cidades de tolos e lugares onde certos homens enganavam e eram enganados. Esses lugares seduziram o país inteiro do Egito, por serem considerados cidades onde os problemas eram resolvidos. Tais cidades eram a *pedra de esquina* do país, o seu alicerce. Estão em vista, metaforicamente, os *líderes,* que comparavam o país a um edifício. Cf. o vs. 10. E estão em pauta, especialmente, os líderes políticos e sacerdotes. Cf. Juí. 20.2 e I Sam. 13.38. A expressão hebraica literal aqui é "pedras de esquina das castas". A maioria das sociedades existe sob a forma de castas, reconhecidas ou não. Quanto aos magistrados comprados com pedras de esquina, ver também Sal. 118.22 eZac. 10.4.

19.14

O Senhor derramou no coração deles um espírito estonteante. Yahweh derramou uma droga no vinho bebido pelos sábios, confundindo assim sua mente e fazendo-os cambalear como bêbados. Como os indivíduos embriagados aliviam seu pobre estômago vomitando, assim também o vômito daqueles homens era sua falsa sabedoria e seus conselhos. Assim como os bêbados, descontrolados, cambaleiam em torno do próprio vômito, aqueles homens chapinhavam em redor de seu "vômito mental". O Egito foi entregue por Deus à sua própria falsa sabedoria, o que os fez tropeçar no julgamento. Deus preparou para eles uma bebida estupefaciente (cf. Isa. 5.22), mas eles vinham buscando por essa bebida o tempo todo, embora, como indivíduos auto-enganados, não tivessem consciência disso. A bebida que eles beberam era o espírito do erro (Targum e Septuaginta) ou uma *vertigem* (de acordo com a Vulgata Latina).

19.15

Não aproveitará ao Egito obra alguma que possa ser feita pela cabeça ou cauda. A cabeça e a cauda, a palma e o junco, referem-se a gradações existentes na sociedade, algo parecido com os grandes e os jornaleiros do vs. 10. Nada haveria de bom para o Egito, nem para as classes altas nem para as classes baixas; nem para os ricos nem para os pobres; nem para os governantes nem para os governados. Quando o julgamento de Deus chegasse, todos seriam atingidos. Não haveria respeito humano algum. Quanto à mesma figura simbólica, ver Isa. 9.14, onde ofereço notas expositivas. E nenhuma classe social seria capaz de ajudar o Egito. Quando o julgamento divino desabasse, todos se mostrariam impotentes.

Nada existe que o Egito possa fazer. Ninguém no Egito poderá ajudar.

(NCV)

"A *palma* e o *junco* representam os governantes e os governados" (Isa. 9.14)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 15).

Outra Ameaça contra o Egito (19.16-17)

19.16

Naquele dia os egípcios serão como mulheres. Temos aqui a *primeira* das cinco peças escatológicas, sob forma prosaica, que servem para completar o capítulo. Todas essas peças literárias refletem a crença, do judaísmo posterior, de que Judá algum dia viria a dominar o mundo, e de que sua fé religiosa seria universalizada, tomando-se assim a fé religiosa do mundo inteiro. Cf. essa maneira de pensar com Isa. 11.10-16 e Miq. 7.16,17. Os vss. 16 e 17 apresentam essa crença de maneira um tanto negativa, ao passo que os vss. 18-25 dão o lado positivo da questão. A expressão "naquele dia" introduz cada uma das cinco peças escatológicas: vss. 16,18,19, 23 e 24. Todos esses são *dias do Senhor,* embora não sejam *o dia do Senhor.* Os julgamentos divinos são seguidos por bênçãos divinas, se realizarem algum bem ou concretizarem Seus propósitos. Cf. Isa. 17.4,7,9. "Em Isa. 19.16-25, o profeta enfatiza o resultado do julgamento divino contra o Egito. Eventualmente, essa nação temerá a Yahweh, reconhecendo ser Ele o verdadeiro Deus" (John S. Martin, *in loc.).*

Consideremos os pontos seguintes:

1. *Naquele dia.* A primeira peça escatológica declara a fraqueza do Egito, onde se vê que o país inteiro se tornará como um bando de mulheres assustadas, tremendo de medo, quando a mão de Yahweh, o *Senhor dos Exércitos,* sacudir a terra. Quanto a esse título divino, que aparece por cerca de vinte vezes no livro de Isaías, ver I Reis 18.15, bem como o artigo com esse nome no *Dicionário.*. Quanto à *mão* (instrumento de poder e ação), ver Sal. 81.14; e quanto à *mão direita,* ver Sal. 20.6. Ver sobre *braço,* uma expressão similar, em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Cf. este versículo com a expressão usada por Homero: "Mulheres aqueanas, e não homens aqueus". Ver também Jer. 48.41, onde encontramos a frase "coração dos valentes", contrastada com "coração da mulher". Cf. esse tipo de conversa com o tipo de conversa expressa através da palavra "histeria", derivada diretamente o termo grego *hustera,* "útero".

19.17

A terra de Judá será espanto para o Egito. A segunda peça escatológica prossegue e exprime a esperança de que algum dia o Egito será aterrorizado por

Judá, porquanto aquele país está destinado a arruinar o Egito de alguma maneira, sendo o instrumento usado por Yahweh para um *propósito* definido — o de ferir o Egito. O propósito divino usa instrumentos humanos, um tema constante do livro de Isaías. Ver Isa. 13.6 e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Soberania de Deus*.

"O propósito hostil de Deus será expresso na agressividade de Judá. No oráculo anterior, os sábios do Egito não eram capazes de discernir esse propósito. Neste passo, vemos que todo egípcio reconhecerá isso e temerá. A diferença quanto à atitude e ao tom nacionalista desta última peça escatológica são evidentes" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). Os intérpretes procuram em vão por eventos históricos que correspondam a essa primeira declaração. Na verdade, trata-se de uma declaração escatológica, apontando para o futuro, talvez no tempo em que o reino de Deus se tornar uma realidade palpável no mundo.

Futura Adoração a Yahweh no Egito e na Assíria (19.18-25)

19.18

Naquele dia haverá cinco cidades na terra do Egito que falarão a língua de Canaã.

2. *Naquele dia.* Encontramos aqui a *segunda* peça escatológica ou declaração da seção geral (vss. 16-25). Ver as notas expositivas na introdução ao vs. 16, onde dou a idéia geral dessas declarações. Esta segunda declaração ocupa um único versículo. Finalmente, o Egito se mostrará leal a Yahweh. Cinco cidades importantes do Egito serão centros do yahwismo, e isso nos permite compreender que o culto a Yahweh será universal naquele país. Nessas cidades será falado o hebraico (uma das línguas faladas na terra de Canaã). Isso não significa que os egípcios abandonarão seu próprio idioma, mas somente que a fé dos hebreus será ali tão poderosa, que os egípcios adotarão uma segunda língua, pelo menos quanto ao uso religioso, algo que se deu com o latim, usado por séculos na liturgia da Igreja Católica Romana. Entretanto, pode haver aqui uma referência a colônias judaicas no Egito, que se tornarão influentes e criarão bolsões de pessoas que falam o hebraico, atraindo prosélitos egípcios. "Pelo menos até o começo do século VI A. C., havia colônias judaicas no Egito (cf. Jer. 43.7 e 44.1); e, nos tempos de Cristo, de acordo com Filo, pensador e escritor judeu, havia cerca de um milhão de judeus no Egito. Conforme sabemos não apenas com base em Jer. 44.15-19, mas também com base nos papiros Elefantinos, muitos judeus combinavam a adoração a Yahweh com a adoração a outros deuses. Como é claro, nem mesmo o yahwismo mais puro do período ptolemaico posterior se conformava à versão mais estrita do judaísmo predominante na Palestina. Considere o leitor a versão da Septuaginta do Antigo Testamento, a versão grega do Antigo Testamento, usada pelos judeus que residiam no Egito, e seu *conteúdo mais amplo*" (R. B. Y,. Scott, *in loc.*).

A Septuaginta naturalmente contém os livros que muitos chamam de apócrifos, a maioria dos quais a Igreja Católica Romana tem retido em suas versões da Bíblia. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Septuaginta*. Talvez o profeta Isaías tenha previsto essa colonização no Egito, ou talvez sua profecia diga respeito ao futuro período do reino de Deus e não esteja vinculada a um cumprimento de curto prazo.

A lealdade será prestada ao *Senhor dos Exércitos*, o Poder capaz de trazer muitas coisas surpreendentes. Ver sobre esse título divino em I Reis 18.15 e no *Dicionário*.

Uma delas se chamará: Cidade do Sol. O texto massorético padronizado diz aqui "Cidade da Destruição". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Mas o texto dos mais antigos manuscritos, encontrados entre os Papiros do Mar Morto, é "Cidade do Sol", conforme diz a nossa versão portuguesa. Em grego, essa cidade se chamaria *Heliópolis*. É possível que a palavra "destruição" (no hebraico, *heres*) seja um jogo de palavras, por ser quase idêntica à palavra hebraica para *sol*, pelo que a mesma cidade é destacada por qualquer dessas versões. A Vulgata Latina (e alguns poucos manuscritos massoréticos) concordam com os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto. É verdade que esse manuscrito às vezes concorda com as versões, sobretudo com a Septuaginta, contra o texto massorético padronizado. Quanto ao que fica implícito nisso, ver as notas expositivas em Isa. 26.19. Se *destruição* é o texto correto aqui, então podemos supor que está em pauta o aniquilamento dos ídolos, pois isso terá de acontecer quando a cidade substituir a religião egípcia normal pelo yahwismo. Ou talvez devamos entender que, para acontecer algo tão revolucionário, terá de haver uma fé religiosa *forçada*, por meio de alguma derrota do Egito perante Judá.

19.19

Naquele dia o Senhor terá um altar no meio da terra do Egito.

3. *Naquele dia:* Encontramos agora a *terceira* peça escatológica da seção geral de Isa. 19.16-25. Essa terceira declaração ocupa os vss. 19-22. Ver as notas na introdução ao vs. 16. Esta afirmação diz, elaboradamente, como o altar de Yahweh será estabelecido no Egito (possivelmente envolvendo um templo). O yahwismo prosperaria tanto no Egito que não é provável que esta declaração se refira apenas às colônias judaicas que seriam estabelecidas ali, conforme descrevo nos comentários sobre o vs. 18. Quase certamente devemos compreender isso dentro de um contexto da futura era do Reino de Deus, e, nesse caso, trata-se de um trecho paralelo à predição de Isa. 11.9:

> *A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*

Além do altar, haverá um monumento (uma coluna) na fronteira com o Egito (presumivelmente na fronteira com Judá). Será uma espécie de inscrição, talvez para assegurar a todos quantos por ali passarem que "a terra do Egito pertencerá a Yahweh". Será um sinal e um testemunho em favor de Yahweh, conforme o vs. 20 continua a dizer. "A coluna era o obelisco familiar dos egípcios, comumente associado à adoração ao sol. O ponto da predição de Isaías é que esse monumento seria desvinculado da adoração ao sol e ficaria na fronteira entre o Egito e Judá, como testemunha de que Yahweh, o Senhor dos Exércitos, era adorado em *ambos* os países" (Ellicott, *in loc.*, com uma excelente nota de esclarecimento). "Isaías estava acima do nacionalismo de mente estreita" (Fausset, *in loc.*). Não deveríamos relacionar este versículo, nem as *cinco declarações*, ao avanço da igreja cristã.

19.20

Servirá de sinal e de testemunho ao Senhor dos Exércitos. Aquele monumento de fronteira, posto entre os territórios de Judá e do Egito, falaria a todos quantos passassem por ali. Testificaria acerca de Yahweh, que é o *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.5, bem como o artigo a respeito, no *Dicionário*). A proteção divina, pois, será simbolizada tanto no Egito como em Judá. Yahweh será o Salvador do Egito, e o defenderá e o livrará de qualquer dano. Ver sobre a salvação do Antigo Testamento, e ver sobre Deus como a Salvação, em Sal. 3.8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23, e, especialmente, 62.2, onde apresento uma nota de sumário. Ver também Sal. 79.9; 85.4; 119.74; 140.7 e 149.4. O Egito, pois, tornar-se-á uma nação em pacto com Deus. Eles abandonarão a idolatria do passado, que atraíra contra eles uma maldição. O espírito do versículo é como o do evangelho que foi enviado a todas as nações, sem importar o pano de fundo e as localizações geográficas. "O evangelho trouxe paz e alegria aos que estavam cansados e sobrecarregados no Egito, tanto quanto na Galiléia; aos que esperavam a redenção em Alexandria, não menos do que àqueles que residiam em Jerusalém" (Ellicott, *in loc.*). Mas isso já é uma aplicação do versículo, e não uma interpretação.

19.21

O Senhor se dará a conhecer ao Egito. Este versículo é uma espécie de sumário de coisas que já tinham sido ditas. Também repete a expressão "naquele dia", embora não como palavras introdutórias. E também provê uma declaração enfática acerca de como Yahweh *será conhecido* no Egito, e isso implica a observação das coisas que Israel fazia, porquanto a lei seria o seu guia (ver Deu. 6.4 ss.). Dessa maneira, o Egito tornar-se-á uma nação distinta, e pelas mesmas razões que Israel era uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8).

Este versículo é paralelo direto de Isa. 11.9, o que nos assegura que os egípcios conhecerão o Senhor, fora de Israel, e, de fato, universalmente, da mesma forma que as águas do mar cobrem o seu leito. Tendo-se convertido a Yahweh, o Egito cultuará a Yahweh, incluindo os sacrifícios, os ritos, as cerimônias e os votos típicos da fé dos hebreus. Alguns estudiosos aceitam isso literalmente, supondo que no reino do milênio será restaurada uma espécie de judaísmo antigo. Mas sem dúvida essa posição envolve certo exagero. Isaías não viu a fé refinada do futuro. Todas as profecias são limitadas por seus instrumentos.

> *Eles dirão, Ele é o Senhor. Eles servirão a Deus e oferecerão muitos sacrifícios.*
>
> (NCV)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quiliasmo*. Esse é o termo usado para falar das interpretações acerca do milênio que insistem em uma interpretação estritamente literal dos versículos do Antigo Testamento que se referem à futura dispensação. Depois da época da igreja e das operações do evangelho, não veremos a restauração do antigo judaísmo. Quanto ao sistema de adoração por sacrifícios, nas profecias sobre o reino, cf. Zac. 14.16-19 e Mal. 1.11. Novamente, não é muito boa a interpretação que vê as colônias judaicas no Egito e seus prosélitos como se isso cumprisse as predições destes versículos. Ver as notas expositivas sobre o vs. 18.

19.22

Ferirá o Senhor os egípcios, ferirá, mas os curará. Yahweh ferirá o Egito convertido, e então o curará, tal como fez com a errante nação de Judá. As

mesmas condições que foram impostas à comunidade fiel não isentarão ninguém das operações normais da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) nem da providência negativa e positiva de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência*. "Essas condições existirão depois que o Messias tiver estabelecido Seu reino do milênio" (John S. Martin, *in loc.*). "A espada do Senhor feriu para curar, e a cura não poderia ter ocorrido sem o ferimento" (Ellicott, *in loc.*). Todos os juízos de Deus são remediais, e não meramente retributivos, incluindo o caso dos perdidos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

19.23

Naquele dia haverá estrada do Egito até à Assíria.

4. *Naquele dia:* Temos agora a *quarta* peça escatológica ou declaração da seção geral dos vss. 16-25. Ver as notas expositivas na introdução ao vs. 16. Esta *quarta declaração*, que ocupa apenas um versículo, diz agora, incrivelmente, que a Assíria, juntar-se-á à comunidade dos remidos. As pessoas, na era do Reino de Deus, viajarão através de uma estrada que irá do Egito à Assíria, e essa estrada será caracterizada pela paz e pela intercomunicação espiritual, e não servirá de comunicação para os ataques dos exércitos. "Tal como outros excelentes ideais do futuro, essa afirmação continua esperando cumprimento" (Ellicott, *in loc.*). É inútil buscar cumprimento desse ideal em algum evento passado. Isso simplesmente nunca aconteceu. Alguns estudiosos vêem o cumprimento da passagem na propagação mundial do evangelho e na união das pessoas na igreja cristã, mas não é isso o que está em pauta aqui.

Adorarão. Juntos, os tradicionais inimigos de Israel juntar-se-ão no culto a Yahweh. Isso os unirá como irmãos.

19.24

Naquele dia Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios.

5. *Naquele dia:* Encontramos agora a *quinta* e última declaração escatológica da seção geral de Isa. 19.16-25. Ver as notas expositivas de introdução ao vs. 16. Essa *quinta declaração*, que ocupa dois versículos, é uma continuação da quarta, conferindo-nos mais alguma informação surpreendente. A Assíria, o Egito e Israel estarão unidos na adoração espiritual, todos envolvidos no culto a Yahweh. E, nessa união, Israel será o *terceiro*. Haverá uma corda de três dobras, que não pode ser quebrada. Nenhum acontecimento histórico corresponde a isso, pelo que devemos esperar pelos acontecimentos futuros como cumprimento dessa predição, na era do Reino de Deus, o que é verdadeiro quanto às cinco declarações escatológicas. Todos os povos são participantes ativos no pacto abraâmico (ver Gên. 15.18), porquanto "todos os povos" são abençoados em Abraão (ver Gên. 12.3). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milênio*. "Judá será designado o grande centro da terra inteira" (Jer. 3.17)" (Fausset, *in loc.*).

19.25

Porque o Senhor dos Exércitos os abençoará. Continua neste versículo a *quinta* declaração escatológica. Yahweh será a fonte de bênçãos para as nações da terra, durante a era do Reino de Deus. O Egito será *abençoado* e chamado de povo de Yahweh, um acontecimento completamente revolucionário. Além disso, a Assíria será a *obra espiritual* das mãos de Yahweh, e Israel será chamada de Sua *herança*. Todos esses termos aplicam-se às três nações: abençoada; obra espiritual e herança. Essas nações tipificam todas as nações unidas no culto a Yahweh, no qual Israel será a cabeça das nações. "Israel tornar-se-á o mediador e o agente de bênçãos para as *nações;* Gên. 12.3" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 23-25). Alguns eruditos vêem a supremacia de Israel no termo *herança*. Ver Deu. 4.20 sobre esse assunto. Ver também Êxo. 19.5. Cf. Rom. 9.24,25.

Capítulo Vinte

A Conquista da Assíria (20.1-6)

Este pequeno capítulo pertence, em espírito, aos *oráculos de condenação,* ou sentenças (ver a introdução ao capítulo 13 e Isa. 13.1), embora essa palavra não tenha sido usada. Este capítulo prossegue a mensagem do capítulo 18, ou seja, o oráculo contra a Etiópia e contra o Egito (19.1-17). Alguns judeus ansiavam formar um pacto militar com esses dois povos, na tentativa de deter a Assíria. O presente capítulo revela quão tola seria essa tentativa, pois ficamos sabendo que o Egito, no momento de crise, negou-se a defender um co-conspirador. "Os egípcios deixaram de enviar ajuda, e Sargão contentou-se em deixar um exemplo para seus vassalos de Asdode e de outras cidades filistéias. Aparentemente, Judá submeteu-se apressadamente, e assim foi vindicada a convicção de Isaías de que ainda não era chegado o tempo para a derrubada da Assíria (cap. 18)" (R. B. Y. Scott, *in loc.*).

20.1

No ano em que Tartã, enviado por Sargom, rei da Assíria. Este capítulo do livro de Isaías mostra a insensatez da proposta aliança de Judá com a Assíria. "Em 711 A. C., Asdode, uma cidade da Filístia, foi capturada pelo comandante-em-chefe do rei assírio Sargão II (722-705 A. C.). A captura de Asdode foi o sinal, aos judeus, de que eles não podiam contar com alianças estrangeiras para sua proteção, pois os assírios acreditavam que seu avanço não podia ser refreado" (John S. Martin, *in loc.*).

Tartã. Esta palavra é compreendida pelos intérpretes como o nome pessoal do comandante-em-chefe das tropas assírias; mas provavelmente devemos compreendê-las apenas como "o comandante", conforme o significado da palavra. "Tartã era um título oficial usado pelo generalíssimo do exército assírio, cuja autoridade ficava imediatamente abaixo da do rei. Ele pode ter sido ou não o mesmo oficial, com a mesma patente militar, que aparece em II Reis 18.17, enviado por Senaqueribe a Jerusalém" (Ellicott, *in loc.*).

20.2,3

Nesse mesmo tempo falou o Senhor por intermédio de Isaías. *Isaías deveria desnudar-se,* mas provavelmente não de maneira completa. É difícil imaginar o profeta andando em público, durante *três anos,* completamente despido! Antes, durante esse período, ele não usou a túnica externa de pano de saco (que também foi a veste usada por Elias; ver II Reis 1.8). E o profeta também andava descalço. Essa era uma lição objetiva sobre como os assírios tratariam os egípcios e os cuxitas. Eles seriam despidos e exibidos como insensatos perante todo o mundo. O próprio Yahweh deu e confirmou o sinal, que também foi descrito como "maravilha" e "portento" (Revised Standard Version) *contra* o Egito e a Etiópia. Cada vez que alguém visse o profeta caminhar sem sandálias e meio despido, suas profecias seriam relembradas: era inútil uma aliança contra a Assíria, e certamente Judá deveria evitá-la. O tempo determinado por Deus para a *colheita* chegaria e deveria ser esperado sem atos preliminares insensatos. Essa era a resposta ao problema, já transmitida aos enviados etíopes, conforme descrito no capítulo 18. Isso não significava que o Egito e a Etiópia não seriam severamente castigados pelos assírios, mas somente que o fim da ameaça assíria estava destinado aos babilônios, e não às nações vassalas que já pagavam tributo à Assíria.

"A *nudez* se confinava ao desuso da túnica externa, em que a pessoa aparecia na túnica curta, usada perto da pele (ver I Sam. 19.24; II Sam. 6.14-20; João 21.7). Instâncias semelhantes de simbolismos proféticos foram os chifres usados por Jeremias (Jer. 27.2), o ficar deitado de lado por parte de Ezequias (Eze. 4.4), e o cinto com o qual Ágabo se amarrou (Atos 21.11)" (Ellicott, *in loc.*).

20.4

Assim o rei da Assíria levará os presos do Egito, e os exilados da Etiópia. *Aplicação do simbolismo* do profeta despido. A Assíria desnudaria o Egito, tomando prisioneiros de guerra e envergonhando os egípcios. Além disso, os etíopes, jovens e velhos (soldados e outros), seriam levados despidos e descalços, com as nádegas descobertas. Assim ambos os povos seriam envergonhados e sujeitados à zombaria pública. Essas descrições são, ao mesmo tempo, literais e figuradas. Os cativos seriam envergonhados pela nudez imposta e, despidos de todo o poder, também estariam figuradamente nus. Essa predição não foi cumprida imediatamente por Sargão ou Senaqueribe. Mas foi obra de Esar-Hadom, que subjugou o Egito e dali levou cativos. Além disso, o Egito foi saqueado, e sátrapas substituíram os Faraós. Embora de cumprimento tardio, as profecias de Isaías se realizaram à risca. Os monumentos egípcios mostram esse tipo de tratamento de prisioneiros, no qual eles eram "desnudados". Cf. Isa. 47.2,3 e Naum 3.5,8,9.

20.5

Então se assombrarão os israelitas e se envergonharão por causa dos etíopes. O povo de Judá, e todos os outros povos, que podem ter sido tentados a envolver-se em conspiração contra a Assíria, desanimariam e abandonariam a idéia. A lição objetiva produzira resultados, e todos lembrariam que Isaías descreveu essa espécie de coisa o tempo todo.

> *O povo que tinha olhado para Cuxe como ajuda, temeria. As pessoas que estavam admiradas diante da glória do Egito, se envergonhariam.*
>
> (NCV)

A ajuda e a glória residiam em Yahweh, algo que Judá teve de aprender da maneira mais difícil. Os aliados pareciam extremamente fortes e gloriosos, mas os assírios os reduziram facilmente a nada, tal como havia sido projetado nos capítulos

18 e 19. A Assíria era a vassoura e o látego que limpou vários países vencidos pelo mais crasso paganismo. Assim sendo, a vassoura *(besom;* ver Isa. 14.23) seria quebrada pelo novo instrumento usado por Deus, a Babilônia. Essa referência naturalmente aponta para o tirano da Babilônia, mas o termo aplica-se a qualquer dos instrumentos empregados por Deus. ..

20.6

Os moradores desta região dirão naquele dia. Este versículo amplia o que fora dito no vs. 5. Neste caso, "região" significa a planície dos filisteus e as cidades costeiras, contíguas ao mar Mediterrâneo (cf. Jer. 47.4). Esses povos foram abandonados no dia da crise, para serem aniquilados pelos assírios. A Filístia e a Fenícia (representada por Tiro) caíram diante do exército assírio, conforme somos informados pelos *Anais de Sargão,* Foi assim que os povos que viviam às margens do Mediterrâneo aprenderam, embora tarde demais, que era inútil qualquer resistência, mesmo com a ajuda do Egito, que falhou na hora crítica. O Egito era o elemento mais forte da aliança, ao passo que a Filístia e a Fenícia eram os elementos mais fracos, mas nem o mais forte nem os mais fracos fizeram diferença para *o mais forte de todos,* a Assíria. Judá deveria prestar atenção a essa lição objetiva, com o máximo de cuidado, e manter-se distante de qualquer aliança militar contra a Assíria.

Capítulo Vinte e Um

A Queda da Babilônia (2+r1-10)

Chegamos agora ao *sexto* dos dez oráculos de condenação, ou sentenças, pronunciados por Isaías contra os impérios pagãos. Ver a introdução ao capítulo 13, bem como as notas sobre Isa. 13.1, quanto a notas. Esses oráculos ocupam a grande seção de Isa. 13.1-23.18. Agora encontramos uma descrição da espantosa queda da Babilônia (vss. 1-10). Outras profecias de condenação seguem-se, neste mesmo capítulo.

O que é descrito aqui não ocorreu nos dias de Isaías. A associação do Elão com a Média resultou na queda da Babilônia, em cerca de 539 A. C. Alguns estudiosos pensam que esta profecia se refere à queda de territórios em redor do golfo Pérsico próximos à Babilônia, mas não à queda da Babilônia propriamente dita, mas isso não parece ajustar-se à natureza drástica das descrições dadas aqui.

"A passagem divide-se em duas partes, que diferem quanto à métrica e à atitude e apresentam duas cenas distintas da mesma visão. Os vss. 1-5 descrevem a intensa emoção com a qual o profeta obteve um relance do cerco da Babilônia, ao passo que os vss. 6-10 retratam como ele esperou pela palavra definitiva dos mensageiros de que tudo estava terminado. O texto é difícil nos vss. 1, 2 e 10, e isso tem contribuído para a aparente obscuridade do oráculo como um todo. Leves restaurações do texto removem essa obscuridade quase inteiramente" (R. B. Y. Scott, *in ioc).*

21.1

Sentença contra o deserto do mar. Estas palavras têm ocasionado diversas interpretações e emendas, conforme se vê nos quatro pontos a seguir:

1. Essas palavras não podem significar terras contíguas ao mar, o golfo Pérsico, porquanto a Babilônia era um lugar de pântanos, e não um deserto.
2. A Septuaginta diz simplesmente: "Oráculo do deserto", deixando de fora qualquer menção ao *mar.*
3. Os manuscritos do mar Morto omitem a palavra "deserto", deixando-nos com um oráculo sobre o mar. Provavelmente o texto massorético resultou de uma *haplografia.*
4. Talvez o texto original dissesse: "Palavras como vento tempestuoso que varriam o Neguebe, vindas do deserto, de uma terra terrível". O invasor seria como uma tempestade de deserto que se aproximava. Ferozes tempestades que sopravam do sul (o Neguebe) eram proverbiais (ver Zac. 9.14; Jer. 4.11; 13.24; Osé. 13.15).

21.2

Dura visão me foi anunciada. Esta sentença é uma "dura visão" porque fala em terror e destruição. O saqueador saquearia; o destruidor destruiria; haveria matanças em massa, violações sexuais e assassinatos, ingredientes usuais das guerras antigas e das guerras em qualquer época da história humana. Dessa vez, a Babilônia seria a vítima, em vez de ser o algoz.

"Saqueai, saqueai; destruí, destruí." Esse seria o grito de batalha do Elão e da Média, os novos atores do palco da história humana, prontos a atacar a Babilônia. Cf. este versículo com Isa. 33.1 e Jer. 51.11,25. Os gritos de batalha "reverberavam na consciência do profeta. Os vss. 3 e 4 descrevem a aflição mental da experiência" (R. B. Y. Scott, *in ioc).* Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Elão* e *Média (Medos).* Em Isa. 13.17, a Média aparece como a destruidora única da Babilônia. Eze. 32.24 lista o Elão entre as nações extintas, mas o nome reaparece com o sentido de Pérsia, e talvez seja isso que se pretenda aqui. Naturalmente, medos e elamitas eram raças distintas, e não há razão para duvidar que o Elão tinha sido um aliado da Média. O território chamado Elão ficava do outro lado do rio Tigre, a leste da Babilônia, limitado ao norte pela Assíria e pela Média, e tendo ao sul o golfo Pérsico. Nos tempos modernos, o território fica ao sul do Irã, um platô nas montanhas do Zagros, mais ou menos o equivalente à província do Cuzistão.

Já fiz cessar todo o gemer. Provavelmente, isso significa os gemidos, suspiros e choros que a Babilônia tinha causado pelo mundo inteiro com suas conquistas e matanças. Agora era a vez da Babilônia começar a chorar, ao ser destruída pela nova potência mundial. Isso ela receberia como retribuição, em resultado da lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8).

Levarei ao fim a dor que a cidade causara.

(NCV)

21.3

Pelo que os meus lombos estão cheios de angústias. O profeta, só de ver o que viu, foi envolvido pela agonia e sentiu-se como uma mulher em trabalho de parto, quando fortes dores atravessam o seu corpo. Ele se inclinou por motivo de terror; desmaiou ao ter a visão (King James Version), ou então o que viu era tão terrível que ele perdeu temporariamente o sentido da visão (Revised Standard Version e Atualizada). Mas a NIV diz "Sinto-me assustado pelo que vejo", uma interpretação das palavras, e não uma tradução direta. Quanto à figura simbólica das "dores de parto", cf. Isa. 13.8 e 26.17; Jer. 30.6 e I Tes. 5.3. Alguns aplicam o vs. 3 às dores e ao terror que os babilônios experimentaram, quando, de súbito, foram atacados pelos medos, mas isso está fora de lugar aqui.

21.4

O meu coração cambaleia, o horror me apavora. Este versículo continua a descrição da aflição do profeta diante da visão da queda de Babilônia. Ele não simpatizava com a Babilônia (e quem o fazia?), mas a visão era tão repleta de agonia e sofrimento, que o profeta foi vencido por ela. Seu coração disparou, sua mente girava, o horror o apavorou. A noite de descanso que ele tanto desfrutava em dias normais tornou-se um pesadelo. Um homem que trabalha arduamente desfruta a noite que traz livramento e descanso, e isso era verdade no caso do profeta. Mas aquela noite particular transformou-se em uma experiência de horror. Talvez o devoto profeta usasse as horas da noite (antes de cair no sono) para meditar, estudar e orar; e ele gostava muito dessas atividades. Mas naquela noite sua tranqüilidade foi rudemente interrompida pela visão que teve.

21.5

Põe-se a mesa, estendem-se tapetes, come-se e bebe-se. O profeta descreve agora o que os babilônios faziam na hora do ataque. Ver a história de Belsazar, em Daniel 5. Aqueles homens crus estavam em uma festança do vinho, uma noite plena de glutonaria e excessos, quando um repentino desastre os atingiu. Eles deveriam estar preparados para a batalha, azeitando seus escudos. Alguns escudos antigos, de tipo inferior, eram feitos de peles de animais, e não de metal. Esses escudos inferiores precisavam ser azeitados periodicamente, a fim de não ressecar e não ficar inúteis. Temos aqui "uma referência ao mal sem freios que foi o precursor imediato da captura da Babilônia" (Ellicott, *in ioc).* Os babilônios tornaram-se excessivamente confiantes; habitavam em uma falsa segurança, que os medos tão cruel e rudemente interromperam. Eles tomaram a inadequada providência de deixar vigias em seus postos de vigia (King James Version), mas outros traduzem as palavra "estendem-se os tapetes" como parte dos preparativos para o grande banquete. "Eles estenderam a colcha para os divas dos banqueteadores" (Ellicott, *in ioc).*

Isaías, observando a cena do banquete e sabendo o que aconteceria, gritou para que os babilônios "preparassem" seus escudos, em vez de se banquetearem. Mas esse grito soou somente na mente do profeta. Não foi ouvido pelos babilônios, e o festim continuou.

21.6

Pois assim me disse o Senhor: Vai, põe o atalaia. *A Segunda Cena.* Foi Yahweh quem levou o profeta a dar um grito de advertência para os babilônios, porquanto era Ele quem estava por trás do ataque, o General dos novos exércitos que atuavam como Seu instrumento. Atalaias tinham de ser postados; a Babilônia em breve seria destruída. Yahweh clamou, mas Seu clamor não foi ouvido acima dos pecados cometidos durante o banquete, que continuou sem uma pausa se-

quer. Quem se importaria com o que os vigias vissem, em meio ao vinho, às mulheres e à música? O vs. 8 e Hab. 2.1 fazem o atalaia ser o próprio *profeta.* Ele teve essa visão, e sua responsabilidade era proclamá-la. Cf. Eze. 33.7 e ver o notável paralelo em Hab. 2.1,2. Mas, sendo apenas um atalaia, ele não foi capaz de interromper coisa alguma, pois a vontade de Yahweh seria feita apesar de tudo. Ele meramente ficaria esperando para ser informado que se tinha cumprido o feito terrível. Ele anunciaria o que tinha visto e então, mais tarde, receberia um relato de que estava com a razão.

21.7

Quando vir uma tropa de cavaleiros de dois a dois. Um atalaia tinha a responsabilidade de notar a aproximação de tropas inimigas. Ele veria cavaleiros sobre cavalos, chegando aos pares, ou seja, carros de combate. Esses eram os principais guerreiros, os líderes do exército. Em seguida, ele veria guerreiros de patente inferior montando jumentos; e, em seguida, cavaleiros montando camelos. Heródoto *(Hist.* 1.80; iv.120) informa-nos que o exército persa empregava na guerra todos esses animais, os quais tinham sido tomados como despojo, para serem usados tanto na paz como na guerra. Em vista havia um poderoso exército, bem equipado, de acordo com os padrões antigos.

21.8

Então gritou como um leão: Senhor. O atalaia estava em sua torre de vigia, fiel à sua incumbência. Ele permanecia na torre, vigiando se não viria alguma tribulação. Ele não abandonava o posto nem de dia nem de noite.

Ele gritou: um leão!, assim dl? o texto hebraico. Estaria o vigia dizendo algo como: "Até agora, vejo somente um leão"? Ou teria ele gritado como um leão, conforme diz nossa versão portuguesa? A palavra "leão", neste caso, parece ser um erro primitivo, pelo que alguns a emendam para "aquele que gritou", que tem o apoio de um manuscrito hebraico. Ou então os exércitos dos medos foram comparados à aproximação de um leão feroz. Isso faz sentido, mas note o leitor que essa palavra está separada da visão sobre o exército que se aproximava, sendo colocada juntamente com o atalaia que cumpria o seu dever. A versão siríaca **e o** manuscrito hebraico dos papiros do mar Morto dizem aqui: *de vigia, gritou,* ignorando a referência ao leão. Isso também faz sentido, mas pode ser a substituição de um texto difícil por um mais fácil, um fenômeno comum nos textos escritos. Algumas vezes os manuscritos dos papiros do mar Morto concordam com a versões contra o texto massorético padronizado. Quanto a esse fenômeno, ver as notas em Isa. 26.19. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do* e também *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

21.9

Eis agora vem uma tropa de homens, cavaleiros de dois a dois. Agora o atalaia *via a aproximação* do exército dos medos, que tinha sido descrita por antecipação no vs. 7. Temos aqui mencionados somente os carros de combate que seguiam à testa do exército, cada qual pilotado por um cavaleiro e puxado por cavalos. Essa era a vanguarda do exército que foi visto pelo profeta-atalaia. Por conseguinte, quando o atalaia anunciou a aproximação do exército dos medos, Yahweh respondeu: "Caiu, caiu Babilônia". Quanto a *Yahweh,* voltamos ao título divino que foi mencionado no versículo anterior. As versões siríaca e árabe, entretanto, fazem daquele que respondeu, que proclamou a queda da Babilônia, um dos cavaleiros dos carros de combate. Essas mesmas palavras foram aplicadas à queda da Babilônia mística, Roma, em Apo. 14.8 e 18.2.

Note o leitor que foi a *Babilônia idolatra* que caiu, o império que confiava nos falsos deuses que nada representavam. Todos os ídolos foram quebrados quando a Babilônia foi esmagada.

21.10

Oh! povo meu! Debulhado e batido como o grão da minha eira! Este versículo, no original hebraico, é muito obscuro, obrigando os tradutores e intérpretes a conjecturar quanto ao significado pretendido. Possivelmente está em pauta aqui Judá, um povo que muito já havia sofrido. A figura escolhida para isso é a da debulha e do peneiramento do grão, e haveria boas novas para os que tinham sido pisados, agora que a Babilônia estava derrubada. Ou então a Babilônia é que tinha sido pisada pelos medos. Cf. Jer. 51.33. Ver também Isa. 41.15; Miq. 4.1 e Hab. 3.12. Diz o original hebraico, literalmente: "Minha debulha e meu filho de uma eira", onde os termos "minha" e "filho" naturalmente apontam para Judá. Por outra parte, "filho de uma eira" significa apenas "aquele a quem pertence a eira", e não chama os afligidos de filhos de Yahweh. Contudo, tanto a NCV quanto a NIV vêem aqui uma menção a Judá:

> *Meu povo é esmagado como o grão na eira.*
>
> (NCV)

Seja como for, o profeta publicou o que tinha visto, a fim de que o povo soubesse que o Poder divino estava por trás do que aconteceria à Babilônia. O povo se beneficiaria com esse anúncio. Yahweh tinha provocado a queda de Babilônia, e fora Ele quem ordenara ao profeta que anunciasse a queda, depois do que tinha visto em sua visão.

Oráculo contra Edom (21.11-12)

21.11

Sentença contra Duma. Gritam-me de Seir: Guarda, a que horas estamos da noite? Chegamos agora ao *sétimo* oráculo de condenação ou sentença. Ver as notas expositivas na introdução ao capítulo 13, bem como em Isa. 13.1. O profeta não recebeu uma visão muito clara do que estaria ocorrendo, mas os termos *sentença* e *noite* não o encorajaram no sentido de que algo bom aconteceria a Edom.

Duma. Esta palavra quer dizer "silêncio" ou "quietude", e pode ser um jogo de palavras para *Edom,* termo de som semelhante. Ou pode ser uma transliteração de *Udumu* ou *Udumai,* a designação acádica para Edom. Além disso, *Seir* é um nome alternativo para Edom. Alguém chamou o profeta daquele lugar e quis saber "o que aconteceria ali". Já que o profeta tinha visto o que aconteceria à Babilônia, também deveria saber o que sucederia a Edom. Ele é o vigia da *noite,* o que subentende que coisas terríveis aconteceriam.

21.12

Respondeu o guarda: Vem a manhã, e também a noite. A resposta ao pedido de informação foi bastante geral e obscura, provavelmente porque o profeta não recebera uma visão clara sobre a questão. Haveria sucessão de noites e dias, tempos de melhoria e de desastre. As palavras sumariam vagamente os altos e baixos experimentados naquele lugar, ora bons, ora maus, erguendo-se por algum tempo na prosperidade, somente para cair de volta ao desespero. O profeta, pois, convidava a uma inquirição mais profunda. Talvez mais adiante ele pudesse ver algo mais, com maior clareza.

Oráculo contra a Arábia (21.13-17)

21.13

Nos bosques da Arábia passareis a noite. Encontramos agora o *oitavo* oráculo de condenação ou *sentença.* Ver as notas de introdução ao capítulo 13, bem como as notas expositivas em Isa. 13.1. "O obscuro e talvez fragmentário oráculo dos vss. 13-15 pinta a tribo árabe de Dedã (Gên. 10.7) fugindo de um inimigo não identificado para a terra de Tema, um oásis do deserto da Arábia, a sudeste da Palestina. O oráculo de conclusão (vss. 16-17) sugere que Quedar, poderosa tribo do norte da Arábia, nos dias de Jeremias (2.10), era o inimigo" (R. B. Y. Scott, *in* toa).

Que o leitor examine todos os nomes próprios que figuram nesses versículos, em artigos a eles dedicados, no *Dicionário.* As caravanas de Dedã são retratadas a abrigar-se nos bosques da Arábia, tendo fugido diante de um inimigo não-identificado, Quedar (vs. 16), ou a Assíria, conforme sugerem alguns estudiosos. Este oráculo fala das perturbações na vida do povo de Dedã, o qual seria forçado a abandonar suas rotas comerciais regulares pela presença dos exércitos assírios. Rotas comerciais levavam a Tiro, e entre os produtos comerciados estavam o ébano e o marfim. Em vez de chegar às cidades onde usualmente comerciavam, eles se viram forçados a ir a Tema.

21.14

Traga-se água ao encontro dos sedentos. As caravanas pararam em Tema por algum tempo. Seus suprimentos tinham quase acabado, e eles agora enfrentavam fome e sede. Os habitantes de Tema vieram em socorro dos árabes, suprindo-lhes as provisões básicas necessárias. Deram-lhes água em um notável ato de hospitalidade (o que não lhes foi solicitado), se levarmos em conta a escassez de água no deserto e o fato de que os fugitivos, provavelmente, formavam um largo contingente.

21.15

Porque fogem de diante das espadas, de diante da espada nua. Eles fugiram diante do inimigo que estava bem equipado com armas de guerra, inclinados a matar e saquear somente por diversão. Diz o hebraico original, literalmente: eles fugiram da feia "face da batalha". A tradução da NCV é bastante vívida aqui:

> *Estavam correndo de espadas. As espadas estavam prontas para matar. Estavam correndo de arcos prontos a atirar. Estavam fugindo de uma batalha terrível.*

21.16

Porque assim me disse o Senhor:... toda a glória de Quedar desaparecerá. Quanto à designação cronológica — um ano — comparar com Isa. 16.14, trecho que diz algo bastante parecido. Havia um tempo específico marcado, tal como um *diarista* é contratado para um trabalho por um tempo determinado. O texto massorético diz apenas um ano, mas os papiros do mar Morto falam em *três anos* (tal como em **Isa.** 16.14). A total falta de apoio para isso, nas versões, provavelmente mostra que o texto massorético está correto.

Se **o** povo de Quedar fosse o opressor de Dedã, então aprendemos que, dentro de bem pouco tempo, eles pagariam por essa violência, pois seriam humilhados por algum outro inimigo (não-identificado). Ou então os habitantes de Quedar, juntamente com os habitantes de Dedã, seriam humilhados pelos atacantes assírios no deserto. Este versículo, pois, ensina que a queda do povo de Quedar estava garantida e sobreviria pouco tempo depois da queda do povo de Dedã. O texto deixa claro que Quedar contava com um exército de algum poder, e, naturalmente, perduraria por mais tempo que uma caravana de um povo cujo negócio era ganhar dinheiro, e não fazer guerras. Quanto à *glória* de Quedar, ver as notas sobre o versículo seguinte.

21.17

E o restante do número dos flecheiros, os valentes dos filhos de Quedar. É de presumir-se que o exército assírio quase extinguiria o exército inferior de Quedar, pelo que a glória deste último seria reduzida a nada. Cf. Isa. 60.7 e Eze. *2rfr2^*. "As palavras apontam primariamente para a subjugação da Arábia por Sargão e Senaqueribe... Em Jer. 49.28,29 encontramos um eco da predição que, naquele caso, apontava para a conquista de Nabucodonosor" (Éllicott, *in loc).* Aquela gente tinha acumulado riquezas, poder e população, considerando-se as condições do deserto, e era conhecida por seu heroísmo com o arco. Eles tinham numerosos animais domesticados. Mas toda essa "glória" foi reduzida a nada pelos invasores, que arruinaram o negócio dos habitantes de Quedar e praticamente acabaram com toda a população.

Como é comum, a Yahweh foi dado o crédito de ser o General do exército destruidor, e devemos compreender que eles pagaram por seus pecados mediante os acontecimentos. Aqui Yahweh é chamado de *Elohim* (o Poder), e não Senhor dos Exércitos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* A esses dois títulos divinos também dou artigos separados, e ambos falam do Poder que dirige os eventos da vida humana. Isso reflete o *Teísmo:* Deus criou, mas também intervém na história humana, recompensando ou punindo (mediante Sua providência negativa e positiva). Isso contrasta com o *Deísmo,* que diz que o Poder divino (seja ele pessoal ou impessoal) abandonou a Sua criação às leis naturais. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Teísmo; Deísmo* e *Providência de Deus.*

Capítulo Vinte e Dois

O *pano de fundo histórico essencial* dos capítulos 13-23 é como vários povos confrontaram e sofreram devido aos ataques dos assírios. Também nos é fornecida a reação desses povos à ameaça assíria. Esses capítulos registram *dez oráculos de condenação,* ou sentenças, aos povos em pauta. Yahweh foi o doador desses *oráculos,* bem como o agente ativo por trás dos julgamentos que usavam instrumentos humanos. Ver as notas expositivas em Isa. 13.6, quanto a Yahweh como o Controlador dos eventos humanos. A lei da colheita segundo a semeadura está envolvida em toda essa questão, porque a Causa é justa.

Apesar de ficar claro, no capítulo 22, que certo oráculo de condenação foi proferido contra Jerusalém, e que a Assíria era o instrumento desse ataque, não há evidência de qual ataque assírio seria esse. Alguns pensam que se trata da destruição de 185.000 soldados assírios que morreram em uma única noite, em 701 A. C. Ver Isa. 36 e 37; II Reis 19.35-37 **e II** Crô. 32.21-23. Os vss. 1 e 2, que falam sobre a exultação que ocorreu diante do evento, poderia apontar para essa vitória singular, mas esse tempo não se ajusta ao ataque efetuado pelas forças de Elão e Quir (vs. 6). Talvez a ocasião tenha sido quando Sargão destruiu Asdode (capítulo 20) e, embora fizesse parte de um acordo antiassírio, Jerusalém escapou ao castigo. Isso ocorreu em 711 A. C. Quando da retirada do exército assírio, naquela ocasião, sem dúvida houve grande regozijo em Jerusalém. Judá havia-se preparado desesperadamente para um possível ataque (vss. 8-11), e talvez o ataque assírio potencial tenha sido a causa desses preparativos. Quaisquer que tenham sido as circunstâncias históricas exatas, Judá não passou por uma mudança de coração; não houve arrependimento, e a estrada da apostasia não foi abandonada.

Oráculo de Condenação contra Jerusalém (22.1-14)

22.1

Sentença contra o Vale da Visão. Encontramos agora o *nono* oráculo de condenação ou sentença pesada da seção geral dos capítulos 25-32. Ver detalhes na introdução ao capítulo 13 e em Isa. 13.1. Ver Isa. 13.6 quanto a Yahweh como o Poder divino por trás dos eventos humanos. Os vss. 1-8 contêm uma reprimenda indignada contra Jerusalém, por causa de seus banquetes às vésperas do desastre. Houve ruidosa celebração acerca de alguma vitória, a qual, entretanto, não demoraria a ser transformada em amarga derrota, embora por meio de outro agente de morte, enviado por Yahweh. Ver a introdução a este capítulo quanto a especulações sobre os panos de fundo históricos do oráculo.

Vale da Visão. A referência é à cidade de Jerusalém, edificada sobre colinas, com um vale no meio, um lugar de visões ou revelações. Ou então "a referência provável é a alguma adivinhação no altar existente no vale de Hinom, em Jerusalém (cf. Jer. 7.31-34)" (R. B. Y. Scott, *in loc).* Nesse caso, temos uma referência à paganização da cidade de Jerusalém e seu envolvimento em formas de adoração paga, incluindo as adivinhações.

O que tinha acontecido de errado aos habitantes de Jerusalém que eles tinham subido, em massa, aos *eirados planos* das casas? Esses eirados eram usados para ressecar produtos como o linho e as frutas; como um ambiente extra, quando necessário; como lugar de dormir, nos meses quentes de verão; ou como lugar de oração e meditação. Eles subiam ali festejando, ou em alegria, como quando Senaqueribe fora forçado a recuar de seu ataque à cidade pelo Anjo do Senhor, ou em total abandono e desespero, porquanto podiam ver as forças inimigas daquele ponto vantajoso. Além disso, flechas podiam ser atiradas dali para baixo, havendo alguma espécie de defesa contra ataques efetuados. Sem importar o motivo exato, era um espetáculo ver tanta gente nos eirados, ao mesmo tempo; e foi isso que provocou a pergunta deste versículo.

22.2

Tu, cidade que estavas cheia de aclamações, cidade estrepitosa, cidade alegre! "Estas palavras subentendem algo como uma reprimenda pela covardia. Aqueles que pereceram não tinham morrido lutando bravamente em alguma batalha, mas pela pestilência que então, como em todos os tempos, prevalecia nas ruas apinhadas de uma cidade assediada" (Éllicott, *in loc).* Ou a destruição ainda não tinha ocorrido, mas seria uma realidade em algum outro dia, *se* **o** ataque de Senaqueribe estivesse em mira, quando Jerusalém foi livrada pelo Anjo do Senhor, que executou, em uma única noite, 185.000 soldados assírios. Ver a introdução ao capítulo. Quanto à idéia de pestilência, cf. Lam. 4.10. Alguns estudiosos pensam que uma praga destruiu o exército assírio e também afetou Jerusalém, mas, nesse caso, este é o único lugar onde encontramos tal idéia.

22.3

Todos os teus príncipes fogem à uma, e **são presos sem que se use o arco.** É provável que "príncipes", neste caso, sepm princpalmente os generais, aqueles que estavam encarregados da defesa da cidade; mas não há razão para limitarmos os príncipes a esses. Cf. Jos. 1024; Juí. 11.6,11. Os fugtivos foram feitos prisioneiros, até mesmo os que conseguiram **atingr razoável ofetância. Foram capturados** antes mesmo que tivessem a oportunidade de **combater, usando seus arcos.** Mas a NÍV dá a impressão de que falava sobre inimigos **que ainda "estavam dstartes".** Nesse caso, a idéia é que os judeus, acovardados, fugiram **quando o hrrigo anda** estava a respeitável distancia, pois nem ao menos pretendiam **defender a cidade com** seus arcos e com outras armas. Ou o significado da frase pode ter sido que aqueles homens fracos se aventuraram a um ataque, mas se mostraram tão otesorganizados e covardes que foram capturados antes mesmo de engajar-se na batalha. Ben Meleque supõe que, por 'temor ao arco", eles simplesmente se renderam.

22.4

Portanto digo: Desviai de mim a vista, e chorarei amargamente. Jerusalém, "a filha do meu povo", estava destinada à destruição, e o profeta recusava-se a ser consolado. Cf. Isa. 15.5-7 e 21.3,4. "Uma profunda tristeza procura isolar-se, enquanto outros festejam alegremente; assim também Isaías lamentou-se, antecipando o desastre que se abateria sobre Jerusalém' (Miq. 1.8,9)" (Fausset, *in loc).* Cf. este versículo com Lam. 3.48. "Seus compatriotas, que para ele eram tão queridos como a filha de um terno parente, agora estavam despojados, saqueados e desolados pelos ataques selvagens do inimigo, em muitas das cidades da Judéia" (John Gill, *in loc).*

22.5

Porque dia de alvoroço, de atropelamento e confusão é este. O *dia* (do Senhor) foi descrito como um dia de invasão e matança, e a referência específica

pode ser ao vale de Hinom (cf. Jer. 7.30-34; 32.35). Encontramos aqui o pisotear de Jerusalém por parte dos pagãos (cf. o fraseado em Luc. 21.22-24).

Vale da Visão. Quanto a possíveis significados desta expressão, ver o vs. 1 deste capítulo, onde ela aparece pela primeira vez. As fortificações foram demolidas, e os gritos de temor e angústia do povo reboavam pelas colinas. Josefo, ao descrever o ataque de Tito contra Jerusalém, usa mais ou menos a mesma linguagem, mas esta profecia não se estende até os tempos dos romanos. Cf. Mar. 13.14 e Mat. 24.16. [c]Os gritos de um povo apavorado elevar-se-iam até os montes circundantes, talvez as colinas de onde eles esperavam auxílio, ou como verdadeiros adoradores, olhando para o monte Sião (ver Sal. 121.1), ou olhando para os lugares altos, onde por tanto tempo tinham adorado a objetos de culto pagão, o que levou os inimigos dos judeus a dizer que os deuses deles eram 'deuses das colinas', não dos vales (I Reis 20.23)" (Ellicott, *in loa).*

22.6

Porque Elão tomou a aljava. Não é necessário supor que esses povos, Elão e Quir, que foram aliados de Judá, tivessem debandado, em massa, para o lado dos assírios. Ver Isa. 21.2. Talvez estejam em vista somente combatentes mercenários. Por outra parte, ex-aliados podem ter sido forçados a combater contra Jerusalém. Ver os povos em questão no *Dicionário.* Quir tinha sido sujeitada pela Assíria, II Reis 16.9. Os soldados tiraram o couro protetor que encobria seus escudos e atiraram-se à batalha. Há inscrições que mostram que o Elão se tornara vassalo da Assíria e, naturalmente, os melhores soldados elamitas foram postos a trabalhar no exército assírio. Quanto ao descobrimento dos escudos, com a retirada de sua capa de couro, ver Cães. *Bell Gall.* ii.21.

22.7

Os teus mais formosos vales se enchem de carros. Os *assírios* chegariam com gigantesco poder, liderados por seus famosos carros de combate. Ver Isa. 21.7 e 9. Os vales em redor de Jerusalém ficariam repletos de assírios, e o exército do inimigo se aproximaria dos portões da cidade. As defesas seriam destruídas e haveria grande matança. Os vales de Gibeom, Refaim, Hinom e Josafá cercavam a cidade pelos lados oeste e sul, e se encheriam do temível exército assírio.

22.8

Tira-se a proteção de Judá. Um possível significado aqui é que havia um *véu* que ocultava o perigo iminente, um véu de ignorância e desinformação que não permitia aos habitantes de Jerusalém reconhecer os perigos que eles enfrentavam. Yahweh, porém, tirou o véu, e eles viram, aterrorizados, o exército assírio que avançava. Eles contemplaram, com profundo horror, toda a armadura e força das armas que representam a condenação. Ou então essa "proteção" poderia significar as defesas de Jerusalém e de outras cidades de Judá.

As armas da Casa do Bosque. A referência, neste caso, é ao arsenal feito em madeira de cedro, extraída na floresta do Líbano, por Salomão, em uma das ladeiras de Sião chamada Ofel (ver I Reis 7.2; 10.17; Nee. 3.19). O significado é que alguns dos judeus dependiam das armas ali estocadas para defender-se, enquanto outros, já de coração vencido, tentavam evitar o terror por algum tempo, em meio a festanças e deboche; mas os habitantes de Jerusalém, como comunidade, esqueceram de olhar para Yahweh.

22.9

Notareis as brechas da cidade de Davi, por serem muitas. Apesar da tentativa de combater, logo se tornou evidente que Jerusalém não estava devidamente preparada para enfrentar um inimigo como os assírios. As defesas da cidade tinham sido negligenciadas. As muralhas careciam de reparos. As fortificações eram fracas. Talvez até o arsenal construído por Salomão não contivesse muitas armas guardadas. Havia poucos cavalos, em comparação com os assírios; os carros de combate eram em pequeno número e de qualidade inferior. Cf. II Crô. 37.4. Ezequias, por sua vez, entregou-se a um grande trabalho de restauração das defesas de Jerusalém, ante a ameaça babilônica.

As águas do açude inferior. Esta era a Giom Inferior, atualmente chamada de Kirket-es-Sultan. A operação aqui mencionada é descrita em II Crô. 32.3,4. O objetivo era fazer cessar o vazamento dos riachos e reunir as águas em um reservatório que, presumivelmente, garantiria o suprimento de água para a cidade durante o tempo do cerco. Além disso, os assírios contariam com bem menos água para o seu vasto exército. Ezequias construiu uma muralha em tomo das águas, mas nos seja permitido indagar que vantagem teria isso. Ele também construiu um túnel subterrâneo para trazer águas de uma fonte externa para Jerusalém. Seu famoso túnel é conhecido atualmente. Estende-se por 542 m de comprimento e foi escavado na rocha sólida. De fato um maravilhoso feito de engenharia, que logrou êxito, mas não sabemos se, antes de seu tempo, preparativos realmente adequados tinham sido tomados para proteger o suprimento de água da cidade. Provavelmente os habitantes de Jerusalém dependiam de uma muralha protetora levantada em torno de um cru reservatório. Ver o vs. 11, que repete o assunto. Ver sobre o *Túnel de Siloé,* em II Reis 20.20. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Ezequias, 5. Obras de Ezequias.*

22.10

Também contareis as casas de Jerusalém. As casas de Jerusalém foram fortificadas para tornar-se pequenas fortalezas, a fim de compensar a falta de fortificações formais. As casas assim usadas foram contadas, para que se tivesse uma idéia de quanto os judeus poderiam depender delas. Outras casas foram derrubadas para que, com seus tijolos, se fizessem reparos aligeirados nas muralhas da cidade. Alguns desses tijolos provavelmente foram usados para construir torres de onde pudessem ser atirados mísseis contra os invasores.

22.11

Fareis também um reservatório entre os dois muros. Este versículo fornece mais detalhes sobre o reservatório construído e mencionado no vs. 9, onde comento a questão. Duas muralhas foram construídas para represar as águas que seriam usadas na cidade durante o cerco e para dificultar a entrada dos assírios na cidade, pois duas muralhas que represavam águas seriam um empecilho aos esforços inimigos. Porém, nenhuma atenção foi dada a Yahweh, que tinha concedido as águas, a vida e todas as coisas necessárias para o bem-estar das pessoas. Em outras palavras, a apostasia tinha-se instalado e era a causa de tanta tribulação. Desde tempos imemoriais, Deus tinha posto uma fonte de águas naquele lugar e tomara outras providências em favor do povo, que os judeus agora ignoravam. O povo *ingrato* tinha, finalmente, apostatado. Yahweh era o verdadeiro edificador e sustentador da cidade, mas aquele tolos apelavam para que suas apressadas obras de fortificação e provisão os salvassem naqueles dias de crise. Jerusalém, de acordo com a doutrina dos rabinos, era uma das *sete coisas* mais importantes que Yahweh planejara criar, antes mesmo que ocorresse a criação do mundo.

22.12,13

O Senhor, o Senhor dos Exércitos, vos convida, naquele dia. Da mesma maneira que Yahweh, o *Senhor dos Exércitos,* convocou as hordas assírias a atacar Judá, assim também ordenou a Judá que caísse em lamentações, porquanto haveria muito do que chorar. Haveria choro e uivos; haveria cabeças rapadas e o uso de pano de saco, ou seja, todos os sinais comuns da tristeza que eram praticados pelos povos antigos, naquela região do mundo. Cf. Esd. 9.3; Nee. 13.25 e Isa. 3.24. Porém, em vez de começarem a lamentar, o que seria apropriado para a ocasião, os judeus fizeram justamente o contrário, ou em total estupidez no tocante ao perigo que estavam enfrentando, ou em desespero, entregando-se a uma última demonstração de deboche, antes que o teto desabasse sobre suas cabeças. "Eles não creram que Deus era poderoso o bastante para salvá-los e assim cumprir Suas promessas" (John S. Martin, *in loc).*

"Os vss. 12-14 contêm as palavras precipitadas dos que celebravam sua dedicação à revolta contra a Assíria" (R. B. Y. Scott, *in loc).*

Quanto ao título divino usado neste versículo, ver I Reis 18.15, bem como no *Dicionário.* O Poder dos céus, o General dos Exércitos, é Aquele que controla os acontecimentos na terra. Ver sobre Isa. 13.6 quanto a isso, e ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Soberania.*

O perigo em que se achava a nação de Judá deveria ter evocado arrependimento nacional. Em vez disso, o povo de Jerusalém agiu como um bando de idiotas, com suas festanças e bebedeiras. Cf. Joel 2; Jó 1.20 e Miq. 1.16. Arrancar os cabelos da cabeça e da barba eram sinais da lamentação que deveria ser efetuada, mas não foi.

Comamos e bebamos, que amanhã morreremos. Estas são palavras famosas, com freqüência citadas através dos séculos, refletindo falso júbilo em horas desesperadas, que inspiram o oposto.

Bebei, dançai, ride e deitai-vos,
Amai a meia-noite girando ao redor,
Pois amanhã morreremos!

(Dorothy Parker)

22.14

Mas o Senhor dos Exércitos se declara aos meus ouvidos. O oráculo continuava chegando da parte de Yahweh, e Isaías continuava ouvindo, e nos ouvidos dele Yahweh se revelava e então falava mais ainda: A iniqüidade dos

banquetes naquelas horas solenes, prosseguindo na atitude de rebeldia, mesmo quando convidado a lamentar-se e a arrepender-se, eram coisas que não seriam esquecidas pela mente divina. Um julgamento divino apropriado poria ponto final às manifestações de júbilo. A morte escreveria *fim* àquela falta de bom senso. As palavras dos que se banqueteavam se voltariam contra eles, que certamente morreriam. Cf. Isa. 5.11,12. "Aquela descontração sensual só poderia ter um fim em todos os países e em todas as épocas, e esse fim seria a morte. Nenhuma religião formal, nem mesmo algum castigo, poderia ter o efeito de expurgar uma iniqüidade que se negava a arrepender-se verdadeiramente" (Ellicott, *in* toa). Novamente, o título *Senhor dos Exércitos* escuda o oráculo. Ver sobre esse título, que aparece por cerca de vinte vezes no livro de Isaías, no *Dicionário* e em I Reis 18.15. Ver também as notas expositivas sobre o vs. 13.

A Queda de Sebna, o Mordomo do Rei (22.15-25)

22.15

Assim diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos: Anda, vai ter com esse administrador. Temos aqui um oráculo de condenação contra um indivíduo, o que, algumas vezes, acontece. Cf. Amos 7.16,17; Jer. 20.1-6; 28.15-17. Pessoas especialmente ímpias, que encabeçam rebeliões, são destacadas para tratamento especial. Provavelmente Sebna se opunha a Isaías, tendo influenciado o rei na política de revolta contra a Assíria, para que a nação de Judá se juntasse à aliança profana, com o propósito de enfrentar o inimigo comum. Ver o capítulo 18 do livro de Isaías. Em Isa. 36.3 e 37.2 encontramos Sebna em posição subordinada, e Eliaquim como o líder. Talvez se Sebna fosse repelido, a política de Judá se revertesse, e isso teria livrado a nação de ataques, quando a Assíria derrubou Asdode (ver Isa. 20.1). Mas essa é apenas uma conjectura. Esta passagem do livro não especifica uma razão para a queda de Sebna.

Este oráculo também tinha sido dado pelo Senhor, pelo que a inspiração divina é que explica a questão. Isaías foi o instrumento humano para tão grande número de pronunciamentos proféticos e, verdadeiramente, na época dos grandes profetas, entrara em eclipse o ofício do sumo sacerdote. A Isaías foi ordenado que apresentasse o oráculo diretamente a Sebna. Seu dia de prestação de contas tinha chegado. Ele não iria além em sua rebeldia.

O mordomo. Sebna ocupava posição extremamente alta na nação de Judá, sendo o principal ministro de Estado, a mão direita do rei, o mordomo-mor (cf. I Reis 4.6). Ele estava envolvido em negociações com Senaqueribe, quando este cercou Jerusalém, conforme aprendemos em II Reis 18.18,26,37; 19.2; Isa. 36.3,11,22; 37.2. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Sebna,* quanto a idéias e referências que não reitero aqui. O Targum faz dele o *tesoureiro principal.* Se assim realmente era, então ele tinha duplo ofício na nação.

22.16,17

Que é que tens aqui? ou a quem tens tu aqui...? Sebna, egomaníaco que era, não aspirava a ser rei, mas era insensato o bastante para pensar que merecia um túmulo especial, possivelmente entre os túmulos dos reis, o que declararia ao mundo o grande homem que ele tinha sido. Ou talvez ele somente quisesse ser honrado entre os *nobres,* que tinham gozado de alta posição social e servido bem a seus reis. Ele queria fazer um nome para si mesmo mediante um memorial. Em vez disso, o homem seria removido de sua posição e seria enviado a um país estrangeiro (vs. 17). Portanto, seu plano vão fracassaria, mas imagino que, quando ele morreu, não poderia importar-se menos com toda essa questão. Ele tinha sido um homem poderoso, mas seria reduzido a uma posição de fraqueza, estando ainda vivo, e não receberia nenhuma honra especial quando morresse. Não há registro sobre o que finalmente aconteceu, pelo que não temos confirmação histórica do acerto do oráculo, e nem precisamos mesmo dessa confirmação. Mediante o vss. 20 ss. deste capítulo, bem como através de Isa. 36.3 e 37.2, somos informados de que ele foi debilitado de sua posição de mando.

Lavrando em lugar alto a tua sepultura. No alto das colinas foi escavada a sepultura de Sebna, entre as rochas, onde podia ser vista com facilidade. Então o povo (presumivelmente) poderia admirar-se e comentar: "Estás vendo aquela sepultura lá no alto? Ali foram depositados os ossos do grande Sebna". E então, na imaginação vã da mente daquele homem, ele ouviria as palavras de louvor da parte do povo. Isso faria seus ossos felizes, sem dúvida.

22.18

Enrolar-te-á num invólucro e te fará rolar como uma bola. Sebna cairia da graça, sob o desprazer do rei de Judá, e seria exilado por ordem real. Seria agarrado violentamente e posto a girar e girar, depois seria solto em um país estrangeiro, onde rolaria para um lugar espaçoso suficientemente grande para que ali se perdesse, e onde nada teria que o distinguisse. Ali ele morreria. Seu exílio seria permanente, e ele perderia seu enfeitado túmulo! Ele teria permissão de ficar com algumas de suas carruagens enfeitadas (o que o faria lembrar seus antigos dias de glória), mas, quando morresse, essas carruagens tornar-se-iam veículos de outros. Tudo isso aconteceria porque ele era uma desgraça à casa do rei. Não somos informados sobre o que ele fez que foi considerado tão grande desgraça, mas deve ter sido algo muito sério. Kimchi diz que o homem morreu atado à cauda de um cavalo que o arrastou ao redor. Mas raramente são corretas as tradições que preenchem os hiatos de nosso conhecimento sobre algum relato. Seja como for, o homem que viajava em carruagens ornamentadas, exibindo-se diante do povo, sofreria uma morte vergonhosa.

22.19

Eu te lançarei fora do teu posto. O homem, em total desgraça, foi lançado fora de seu alto ofício. O rei de Judá o despediu, mas Yahweh foi o inspirador do ato. Seu governo prevalece quanto a nações e quanto a indivíduos. Cf. este versículo com Isa. 34.16. Na verdade, quando nosso dia está terminado, está tudo terminado, e ninguém pode pôr as coisas no lugar novamente. Um homem perde favor e logo é dispensado, porquanto se tornou dispensável. O povo fica cansado das mesmas antigas figuras em posições de autoridade, ainda que elas não cometam alguma infração especial. Mas um idoso governante, que se tome culpado de infrações, será irreparavelmente dispensado.

22.20

Naquele dia chamarei a meu servo Eliaquim. No dia em que Sebna fosse despedido, *Eliaquim* seria nomeado em lugar dele. Quanto ao que se sabe ou se conjectura a respeito desse homem, ver o artigo sobre ele no *Dicionário,* primeiro ponto, cujos detalhes não repito aqui. Ele seria o novo homem de alta autoridade; mas o vs. 25 mostra-nos que ele também acabou fracassando. Ele não preencheu as expectativas, conforme fazem quase todos os políticos. Talvez esse versículo seja uma predição do fracasso de todos os governos, como fracassou a própria cidade de Jerusalém, levada pelo cativeiro babilônico.

Meu servo. Servo de Yahweh, fique bem entendido. Dessa designação podemos inferir que ele era homem bom e piedoso, digno substituto do orgulhoso Sebna.

22.21

Vesti-lo-ei da tua túnica, cingi-lo-ei com a tua faixa. O novo oficial passaria pelas cerimônias próprias de investidura no novo ofício. Seria coberto das roupas certas, com o cinto que as acompanhava. E uma posição de governo seria posta sobre seus ombros, o segundo abaixo da autoridade do rei. Na qualidade de homem bom, ele seria como um pai para Judá, buscando os melhores interesses de seus *filhos,* tanto em Judá quanto em Jerusalém. Essas palavras provavelmente apontam para a transferência real de vestes do antigo para o novo homem. Alguma espécie de veste oficial assinalava o ofício, tal como um rei era conhecido pela coroa que usava. É exagero ver esse homem como um tipo de Cristo.

22.22

Porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi. Outro sinal de seu ofício era a *chave* do palácio. Era uma chave pesada, carregada mediante uma cadeia posta sobre o ombro. Com ela, o homem podia abrir ou fechar a porta principal. Além de ter essa *função,* também era um *símbolo* da autoridade de quem a brandia. Ele abria, e ninguém ousava fechar; ele fechava, e ninguém ousava abrir. As palavras virtualmente descrevem as chaves do reino dos céus dadas a Pedro (ver Mat. 16.19 e as chaves do Cristo ressurrecto, em Apo. 3.7).

Há referências similares entre os pagãos. As sacerdotisas da deusa Juno chamavam-na de portadora das chaves {*Esquilo,* Supple. 299).

22.23

Fincá-lo-ei como estaca em lugar firme. *Eliaquim* seria como uma estaca, ou como um prego de madeira, do tipo enfiado em uma parede, e onde eram pendurados utensílios domésticos. A palavra também era usada para indicar uma estaca de tenda. O homem seria como uma estaca bem fincada, um ponto de referência digno de confiança, algo *estável* em favor do bem de Judá. As pessoas podiam razoavelmente "pendurar nele as suas esperanças", conforme diz uma moderna expressão. Cf. Isa. 33.20; 44.2; Juí. 4.21 e Eze. 15.3.

Ele será como um trono de honra. Esta expressão é figurada, símbolo de autoridade, um subtrono imaginário em relação ao trono do rei, embora o homem não ocupasse um trono material. Quanto à mais elevada aplicação do termo, ver I Sam. 2.8; Jer. 14.21 e 17.12.

"O caráter que não se firma sobre o que é eterno e imutável sempre cede caminho às tensões e aos desastres" (G. G. D. Kilpatrick, *in* toe). Mas nenhuma estaca humana perdura para sempre, conforme relembra o vs. 25. Quanto à "casa de seu pai", ver a exposição sobre o versículo seguinte.

22.24

Nele pendurarão toda responsabilidade da casa de seu pai. Eliaquim seria uma *superestaca,* de tal modo que todo o peso da "casa de seu pai" poderia ser pendurado nele. Ele seria um filho honrado na casa de Judá, a casa do seu pai. Alguns vêem aqui um sinal de nepotismo. Ele traria membros da família para posições do governo, que se tornaria como a casa de seu próprio pai. Essa poderia ser a razão para que ela fosse arrancada da parede (vs. 25). Mas talvez isso seja explorar demais o termo "casa de seu pai". Seja como for, aquela estaca receberia toda a espécie de cargas, simbolizadas pelos vários utensílios domésticos e instrumentos mencionados que seriam pendurados da estaca. A menção a "prole e descendentes" pode referir-se literalmente aos parentes do homem que ele trouxe para posições do governo, ou pode indicar várias pessoas, de todas as famílias, que dependeriam de seu serviço fiel. "... aqueles pertencentes à sua família que eram de menor ou de maior capacidade, para quem ele proveria lugares e postos debaixo dele" (John Gill, *in loc).* Diz a tradução da NCV: "Todos os adultos e crianças pequenas dependerão dele. Esses serão como vasos e jarras penduradas nele". Não podemos ter certeza do que isso significa. O que é claro é que Eliaquim seria forte e teria de sustentar obras e pessoas em sua administração. Muitas pessoas e muitas coisas dependeriam dele.

22.25

Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, a estaca... será tirada. Mas chegaria o dia em que a forte estaca enfraqueceria, quebraria e cairia. E tudo quanto estivesse pendurado nela viria abaixo juntamente. E então se daria completa *destruição.* A linguagem aqui usada é bastante forte e parece ultrapassar o que poderíamos esperar ser dito acerca de um indivíduo que caísse, juntamente com seus dependentes. Tudo soa como o *cativeiro babilônico* (ver sobre isso no *Dicionário).* Este versículo ensina-nos o "triste" fato de que todas as missões, quer de um homem, quer de uma nação, chegam ao fim, e alguns fins são deveras lamentáveis. Portanto, tudo se parece com o que disse um famoso ator e comediante (nacionalmente aclamado nos Estados Unidos da América), quando ele descobriu que tinha câncer: "Estou com medo. Vamos somente relembrar os bons dias". Talvez seja demais supor que Eliaquim havia traído a confiança nele depositada. O que sabemos é que Judá traiu sua confiança como um povo em pacto com o Senhor. Por isso a destruição tinha de sobrevir. Seja como for, não há nenhum registro histórico que mostre como aconteceram as coisas para Eliaquim, embora saibamos muito sobre como as coisas aconteceram em relação a Judá.

Capítulo Vinte e Três

Denúncia contra Tiro (23.1-18)

Topamos agora com o *décimo* e último *oráculo de condenação* ou sentença, que ocupa esta seção geral dos capítulos 25-32. Ver a introdução ao capítulo 13, bem como Isa. 13.1, quanto a maiores detalhes.

Observações:

1. *Este oráculo* foi endereçado aos fenícios: o título e o epílogo (vss. 15-18) referem-se somente a Tiro. Mas os vss. 2, 4 e 12 referem-se a Sidom. E então Tiro aparece somente nos vss. 7-9.0 oráculo, pois, chama os fenícios por diferentes nomes e os ameaça com a ira de Yahweh.
2. Tiro e Sidom eram as duas principais cidades da Fenícia. A Fenícia foi o grande poder marítimo da região do mar Mediterrâneo, e evidências atuais mostram que seus navios chegaram até a América do Norte. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Fenícia,* bem como as duas cidades mencionadas aqui.
3. A Fenícia possuía colônias comerciais em Társis e em Chipre, que são mencionadas neste oráculo, no vs. 1. Essa potência marítima tinha seus dias numerados pelo poder divino, e muitos chorariam e lamentariam a destruição da Fenícia, porque seu comércio havia enriquecido muitos povos. Cf. Eze. 26-28, os vss. 5-7 deste capítulo e Apo. 18.9-19.
4. O vs. 13 parece ser uma nota editorial que informa ao leitor que o oráculo não atingiu o período dos assírios. Muitos intérpretes ignoram essa informação, ensinando que esse foi, precisamente, o tempo abordado no oráculo. "Essa profecia sobre Tiro também pertence à época da agressão assíria, no fim do século VIII A. C. Embora Tiro só tenha sido destruída cerca de 3.200 anos depois, o comércio daquela grande cidade foi prejudicado em algum tempo entre 700 e 630 A. C." (John S. Martin, *in loc).*

23.1

Sentença contra Tiro. Ou seja, o oráculo de condenação, a palavra de Yahweh acerca do julgamento dos lugares mencionados. Ver a introdução ao capítulo 13 e Isa. 13.1. Os fenícios contavam com colônias comerciais em Társis, na Espanha. Quanto a detalhes, ver *Társis,* quinto ponto, no *Dicionário.* Tiro, a cidade-mãe, ficara desolada, e as terríveis notícias viajaram o mundo. A caminho de casa, chegando a Chipre, os marinheiros dos navios mercantes receberam a notícia espantosa e foram convocados a lamentar em seu desespero, antes que pudessem voltar para Tiro. Eles tinham fundeado seus navios em Chipre, cerca de 240 km a noroeste de Tiro, quando as notícias chegaram ao seu conhecimento.

"O rei da Assíria atacou a Fenícia inteira com a ajuda de 60 navios e 800 remadores de Sidom e Aco (Acre), e os fenícios que tinham-se submetido a ele atacaram Tiro. Os arquivos tírios se apresentam como vitoriosos, e conseguiram barrar os assírios por mais cinco anos, apesar de o rei assírio ter posto guardas em seus rios e aquedutos. Tiro continuou sendo um poderoso Estado, com seu próprio rei (ver Jer. 25.22; 27.3 e Eze. 28.2-12), depois de sua humilhação temporária, até o cerco lançado por Nabucodonosor, rei da Babilônia" (Fausset, *in loc).*

"Esse grande oráculo da queda de Tiro contém mais lamentação do que julgamento. É como um cantor popular das terras altas que celebrasse as glórias idas. Há nesse cântico o som do mar e o uivo do vento. Somente o vs. 9 da primeira seção (vss. 1-18) contém alguma nota de julgamento " (G. G. D. Kilpatrick, ***in*** *loc).*

Essas notícias chegaram aos navios da terra de Chipre.

(NCV)

23.2

Calai-vos, moradores do litoral. "Esta palavra é especialmente apropriada à estreita faixa de terra ocupada pelas cidades fenícias de Sidom, a cidade mais antiga, a grande Sidom de Jos. 11.8 e 19.28, aparecendo aqui como representante geral da Fenícia. O seu comércio é que tinha enchido Tiro e outras cidades-filhas. A *mudez* que o profeta invocou sobre o povo é a mudez de um terror estupefacto" (Ellicott, *in loc).* Ver sobre *Tiro* no *Dicionário,* quanto a detalhes. Cf. este versículo com Lam. 2.10 e Jer. 47.5. Originalmente, Tiro era uma colônia de Sidom, e progrediu mediante o comércio. Ver Eze. 27.8.

23.3

Através das vastas águas vinha o cereal dos canais do Egito. O *cereal,* importado do Egito, era o principal produto do comércio tino. Esse produto era transportado por via marítima pelos fenícios a várias partes das margens do mar Mediterrâneo.

Sior (que não aparece em nossa versão portuguesa; mas ver no *Dicionário* e em Jos. 13.3; I Crô. 13.5 e Jer. 2.18) ficava na parte oriental do Egito e talvez fosse um dos braços do rio Nilo. Nossa versão portuguesa traduz Sior por "canais". O cereal mencionado medrava na terra fértil, regada por aquela porção do rio Nilo. O Egito foi o maior armazém de comestíveis do mundo antigo (ver Gên. 41-43). Visto que o Egito não dispunha de madeira, não podia construir navios mercantes, pelo que tinha de empregar os navios fenícios. Foi um arranjo mutuamente proveitoso. O Egito produzia o cereal, os fenícios o transportavam por toda a área costeira do mar Mediterrâneo, e ambos enriqueciam. Tudo isso dependia da fertilidade provida pelo rio Nilo. Ver Eze. 27 quanto a um comentário sobre esse comércio.

23.4

Envergonha-te, ó Sidom, porque o mar, a fortaleza do mar, fala, dizendo. O *orgulho de Sidom* foi repreendido. O mar aparece aqui personificado, zombando da reivindicação absurda dos fenícios de que o próprio mar os dera à luz, e por isso eles tinham aptidão para a navegação. Havia uma mitologia que fazia tais reivindicações, e encontramos, aqui e acolá, expressões poéticas a respeito. O julgamento dos fenícios inspirou o mar a negar que fosse a mãe daquele povo, cujas reivindicações eram fruto de irracional jactância. Agora Sidom era vista como uma cidade estéril, depois de haver perdido seus jovens marinheiros, os alegados filhos do mar. E o mar não quereria cooperar, dando à luz mais filhos que levassem avante o comércio marítimo. Contudo, alguns eruditos pensam que Tiro é quem_estaria falando aqui. Essa cidade era a mãe de muitas colônias, como Lepti, Útica, Cartago e Gades (Cales), mas certamente não de Sidom. Além disso, o assunto é o mar, e não Tiro. O vs. 12 mostra que Tiro era filha de Sidom, e não vice-versa.

23.5

Quando a notícia a respeito de Tiro chegar ao Egito. A notícia sobre a agonia de Tiro (Fenícia) espalhou-se rapidamente de porto em porto, até chegar ao Egito, que ganhava seu dinheiro através do comércio fenício. Ao receber a notícia, os egípcios se angustiaram, pois o que fariam agora com o cereal produzido, que lhes tinha trazido tantas riquezas e conforto? "A consternação do Egito arrancou o clamor que aparece nos vss. 6-8" (R. B. Y. Scott, *in loc).* Não somente

o comércio egípcio foi subitamente reduzido, mas seu prestígio e poder em lugares estrangeiros, e esse foi um fator que fortaleceu a Assíria em sua conquista mundial. "Quando os egípcios ouviram dizer que uma nação vizinha tão poderosa havia sido destruída, deviam saber que seu próprio fim estava próximo" (Jerônimo). Ver o capítulo 19 quanto ao oráculo contra o Egito.

23.6

Passai a Társis, uivai, moradores do litoral. O texto massorético tem aqui o verbo no imperativo, "passai", mas os manuscritos hebraicos dos papiros do Mar Morto têm o verbo no indicativo: "Vós, que passais" ou seja, "Vós, que fugis". Não podendo aportar em Tiro, os navios tinham de fugir de volta para Társis, e isso criava uma confusão geral. O povo dali uivaria, pois o comércio marítimo havia sido rudemente interrompido e, dessa maneira, a perda financeira seria grande. "Os tírios fugiram para Cartago e para outros lugares, tanto durante o cerco lançado por Nabucodonosor quanto durante o assédio de Alexandre" (Fausset). E podemos pensar o mesmo com respeito ao assédio lançado pelos assírios. Isso significa que toda a vida da Fenícia e do Egito foi perturbada. Os tírios, longe de trazer riquezas de Társis, foram obrigados a fugir para ali, para salvar a vida. Eles buscam a mera sobrevivência. Os bons dias do passado tinham terminado. *Diod. Sic.* xviii'.41 deixou registrada a fuga dos tírios para Cartago, quando Alexandre começou a saquear e a assassinar. Ao menos eles tinham os navios para encetar a jornada, ao passo que outras nações se viram totalmente incapacitadas de escapar dos invasores. Naturalmente, o escape foi parcial. A Septuaginta dá a entender que a fuga se deu para Cartago, neste versículo, mas isso parece ser o reflexo do que aconteceu em ocasiões posteriores.

23.7

É esta acaso a vossa cidade que andava exultante...? Tiro era uma cidade cheia de orgulho, riqueza e também muita orgia (ver Isa. 23.12). Era uma cidade muito antiga, tendo sido fundada em cerca de 2700 A. C, de acordo com a informação dada por Heródoto. Sua queda foi uma tremenda calamidade não somente para os próprios tírios, mas para toda a região do mar Mediterrâneo. Cf. Eze. 26-28. Tiro, cidade antiga, rica e ambiciosa, por toda a parte aumentava seu poder e riquezas. "Seus próprios pés" (esforços) a tinham feito ser o que era. Um produto de suas muitas viagens marítimas e expansão foi a criação de colônias que aumentavam suas riquezas e influência sobre o mundo. Ver os comentários sobre o vs. 4, onde listo os nomes de algumas de suas colônias. Estrabão *(Geograph.* 1.16, par. 520) diz que Tiro era a mais antiga das cidades da Fenícia, com exceção única de Sidom.

23.8,9

Quem formou este desígnio contra Tiro...? *Quem produziu toda esta miséria,* derrubando tão miseravelmente a benfeitora da área do Mediterrâneo, a cidade que produzia coroas de riquezas e bem-estar material para tantos? Seus comerciantes eram como príncipes que comandavam os mares e governavam os portos; seus negociantes eram homens honrados beneficiavam muitos. Quem produziu tamanha calamidade à cidade grande, juntamente com seus nobres e ricaços? A resposta é: *Yahweh!* (vs. 9). Era Ele quem estava por trás do poder da Assíria, usando-a para punir os ímpios, entre os quais se encontrava a iníqua cidade de Tiro, embora, universalmente, ela fosse considerada uma benfeitora. Ver as notas expositivas em Isa. 13.6 quanto **a** detalhes sobre a idéia de que Yahweh é o Controlador dos acontecimentos humanos. O título divino aqui é bem apropriado, *o Senhor dos Exércitos (ver* I Reis 18.15 e o artigo com esse nome no *Dicionário).* Foi necessário muito poder para nivelar os fenícios. Tiro usava a coroa de rei do mar Mediterrâneo e distribuía coroas a outros. Era uma princesa e tratava os outros como príncipes, mas Yahweh não tardou a pôr fim a toda aquela "realeza". Para Yahweh, entretanto, Tiro consistia apenas em um bando de pecadores altivos, cujo dia de calamidade havia chegado. O propósito de Yahweh *contaminou* o orgulho dos assírios, tornando imundos os seus príncipes. A *glória* deles foi transformada em vergonha. Os altamente honrados caíram em desonra. Deus e os homens consideram as coisas de modo bastante diferente. A possessão de muito dinheiro e poder não tornava os fenícios homens justos. Onde o dinheiro flui em abundância, sempre há corrupção, embora, para os homens, onde o dinheiro impera levantar-se-ão homens de poder que serão louvados pelas massas populares insensatas.

23.10

Percorre livremente como o Nilo a tua terra, ó **filha de Társis.** No hebraico, este versículo é obscuro e talvez corrupto. Com uma emenda, podemos ler aqui: "Velejai e ide embora (literalmente, *atravessa)* de vossa terra, ó navios de Társis. Aqui não há mais porto" (R. B. Y. Scott, *in loc).* "Atravessa a tua terra, ó Társis, como o Nilo atravessa o Egito. Agora não há mais porto para ti!" (NCV). Outra conjectura, bastante diferente, é a da NIV: "Até que a tua terra seja como o Nilo, ó filha de Társis, para ti não haverá mais porto". Isso significa "Volta à agricultura e abandona o comércio marítimo". Pelas interpretações largamente diferentes dadas a este versículo, os intérpretes e os tradutores não têm sido capazes de tirar bom sentido do original hebraico, conforme ele se encontra. Adam Clarke chamou este versículo de "extremamente obscuro" e não encontrou nenhuma interpretação adequada para ele.

23.11

O Senhor estendeu a sua mão sobre o mar, e turbou os reinos. *Foi Yahweh* quem sacudiu aquela área do mundo inteiro, estendendo Sua mão de julgamento. Ver sobre *mão* em Sal. 81.14 (e também no *Dicionário),* símbolo de poder e ação, para o bem e para o mal. Ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6, e sobre a expressão similar, *braço, em* Sal. 77.15; 89.10; 98.1. Fortalezas foram derrubadas pelas palavras (decretos) de Deus, toda aquela área foi sacudida por um terremoto divino. Cidades comerciantes tinham sido estabelecidas na terra de *Canaã* e em vários portos do mar Mediterrâneo. O mundo mediterrâneo inteiro seria abalado quando a mão de Yahweh ferisse os fenícios. Tiro e Sidom eram as principais fortificações a serem derrubadas, mas a destruição não se limitaria a essas duas cidades. O poder dos assírios, em sua ganância, moveu-se tão veloz como os navios fenícios e atacou muitos lugares.

Para rebaixar o orgulho do homem,
Para humilhar o esplendor humano.

(Moffatt)

23.12

E disse: Nunca mais exultará, ó oprimida virgem filha de Sidom. A antiga cidade de Tiro, a ex-filha virgem de Sidom, teria de fugir para Chipre, mas nem ali encontraria descanso, porquanto o inimigo já havia conquistado aquele lugar. Aquela virgem não era mais virgem, porquanto tinha sido "deflorada" (oprimida). Essa expressão existe entre os árabes, que chamam de "virgem" uma cidade que nunca foi capturada pelo inimigo. O versículo significa que Tiro era uma virgem violada pelo assírios. "Até ali, Tiro ainda não havia sido derrotada. Sua fortaleza era uma cidadela virgem. Agora o conquistador bárbaro lhe tinha roubado a virgindade" (Ellicott, *in loc).* A rainha dos mares foi reduzida à condição de fugitiva de um lugar para outro, nos quais antes havia comerciado e obtido grandes vantagens econômicas e prestígio. Mas, por onde quer que fosse, encontrava os assírios violadores e, assim, tinha de continuar fugindo.

23.13

Eis a terra dos caldeus, povo que até há pouco não era povo. Ao que tudo indica, este versículo é uma adição feita por um editor posterior. Talvez tenha começado como uma anotação feita à margem, que acabou sendo copiada no texto. Seu propósito é o de informar que os babilônios, e não os assírios, foram os causadores dos problemas mencionados no contexto. Naturalmente, a verdade é que ambos os povos — assírios e babilônios — fizeram as mesmas coisas no mundo mediterrâneo. Os intérpretes estão divididos quanto à questão, alguns vendo os assírios, e outros vendo os babilônios no contexto. Talvez a nota adicional tenha entrado no texto depois que os babilônios criaram sua própria confusão, e então o editor (ou anotador da margem) pensou que seria útil fazer uma adição que se ajustasse melhor à profecia de Isaías. Nesse caso, a nota "depois do fato" tinha por finalidade levar os leitores a ver que a profecia foi mais bem cumprida pelos babilônios. Mas a despeito dessa nota, a maioria dos intérpretes fica com a Assíria como o poder por trás dos acontecimentos descritos na passagem. Para complicar as coisas, o texto hebraico do vs. 13 não é claro, pelo que os intérpretes o têm distorcido como querem. A NCV até diz que a Assíria destruiu a Babilônia, o que de fato aconteceu, antes que a Babilônia tivesse subido à posição de potência dominadora, embora dificilmente seja o que está em pauta aqui. Não obstante, a NIV também nos transmite esse significado. Se, realmente, um ataque da Assíria contra a Babilônia está em vista, então tudo quanto temos é outro exemplo de como a Assíria, naquela época, era invencível, pelo que se poderia com razão esperar dela ataques contínuos, com contínuas vitórias. Em outras palavras, "maiores vitórias assírias estavam a caminho".

23.14

Uivai, navios de Társis, porque é destruída a que era a vossa fortaleza! Este versículo é um minúsculo sumário da passagem anterior. A conclusão de tudo é que os fenícios sofreriam horrenda perda com o fim de seu comércio. Társis não receberia embarcações por um longo tempo, e o mundo mediterrâneo inteiro sofreria imensa perda. Portanto, estava na ordem do dia a lamentação, e não o orgulho nas riquezas materiais e no poder.

Restauração de Tiro Após Setenta Anos (23.15-18)

23.15

Naquele dia Tiro será posta em esquecimento por setenta anos. Alguns aceitam estes versículos como parte do oráculo original de Isaías, que ficou olhando pelos corredores do tempo por muitos anos. Mas outros estudiosos pensam que estes versículos são um suplemento bastante tardio do texto, uma espécie de nota histórica de rodapé. "Um dos editores posteriores dos livros proféticos adicionou este pós-escrito, provavelmente ao tempo dos reis selêucidas (século III A. C). Trata-se de um comentário escarninho feito algum tempo depois que Tiro foi destruída por Alexandre, o Grande, em 332 A. C... Tiro recuperaria algo de sua antiga posição, comprando atenção como uma antiga prostituta que tivesse retomado às suas atividades. A figura não é, conforme se vê em Oséias, Miquéias e Ezequiel, uma figura de infidelidade ou imundícia, mas o de prostituir todas as coisas em troca do lucro comercial (cf. Apo. 17.5; 18.3,11-13") (R. B. Y. Scott, *in toe).*

Consideremos aqui três pontos:

1. Tiro, removida do poder comercial devido ao ataque dos assírios seria, essencialmente, um lugar esquecido pelo espaço de 70 anos, como um rei que, tendo reinado por longo período de tempo, foi esquecido depois que caiu. Mas, depois desse período, Tiro voltaria entoando seu cântico de prostituição, como uma idosa prostituta que abandonou suas atividades por algum tempo, mas voltou à procura de novas vítimas.
2. Alguns eruditos pensam que os *70 anos* são paralelos ao que se lê em Jer. 25.11, que menciona o tempo que duraria o cativeiro babilônico. O sentido, pois, seria que, "após o cativeiro babilônico", mas sem designar o tempo exato, Tiro voltaria às suas atividades comerciais e recuperaria sua antiga posição, pelo menos em parte.
3. Mas há também estudiosos que pensam que essa designação cronológica de 70 anos significa apenas *um longo tempo* de duração não-especificada. Essa terceira idéia é acompanhada pelo menor número de dificuldades.

Os intérpretes observam a dificuldade de fazer essas palavras ajustar-se ao que se sabe por meio da história. Continuaram as atividades comerciais de Tiro, as quais foram restringidas somente por 13 anos, período em que Nabucodonosor cercou a cidade, entre os anos de 587-574 A. C. Os intérpretes inutilmente põem-se a calcular os tempos da história que expliquem os 70 anos. A Septuaginta refere-se ao número de anos em que um homem espera viver (ver Sal. 90.10), mas nem por isso a interpretação do versículo fica mais clara.

23.16

Toma a harpa, rodeia a cidade, ó meretriz, entregue ao esquecimento. Este versículo contém uma declaração extremamente escarninha, na qual Tiro é referida como uma antiga prostituta que seria forçada a fazer uma propaganda de si mesma para conseguir novos clientes. Ela teria de conseguir uma harpa e cantar cânticos de amor para atrair novos clientes. Aqueles que a tivessem esquecido lembrariam os "bons e antigos dias", quando Tiro era *a rainha das águas* e enriquecia a si mesma e a outros com seu comércio."... em um tom meio de ironia, meio de pena", o profeta falou com Tiro (Ellicott, *in* toe).

23.17

Findos os setenta anos, o Senhor atentará para Tiro. Este versículo sumaria e explica o que fora dito nos vss. 15 e 16. Os misteriosos 70 anos (ver as explicações sobre o vs. 15) reaparecem, ao mesmo tempo que é reiterada a figura da prostituta. Mas aqui vemos novamente Yahweh como o *agente ativo* por trás das cena. Ele tinha derrubado Tiro, mas agora a soerguia de novo para que brilhasse outro dia no palco da vida. Ver Isa. 13.6 quanto ao conceito de o *Poder dos Céus* ser o controlador dos acontecimentos na terra. Talvez esteja em foco o reavivamento dos feitos comerciais fenícios durante o período persa. Os navios da Fenícia uma vez mais encheram os portos do mar Mediterrâneo. Cf. Apo. 18.3, que aplica as palavras à Babilônia mística do futuro (Roma).

23.18

O ganho e o salário de sua impureza serão dedicados ao Senhor. Este versículo nos choca ao dizer que, no dia do futuro domínio de Judá — que profeticamente fala da era do Reino de Deus —, até as riquezas ganhas por essa prostituta, Tiro, aumentarão o bem-estar de Jerusalém. Cf. Isa. 45.14; 60.4-14 e Zac. 14.14. Em primeiro lugar, o profeta refere-se a Tiro com desprezo e então ajunta que Jerusalém aproveitaria do dinheiro de Tiro! A predição é que Judá terá tal domínio (presumivelmente durante a era do Reino) que se tornará não somente o centro religioso, mas também o centro comercial do mundo. Deu. 23.18 não permitia que o ganho ilícito das prostitutas entrasse no tesouro, mas as regras foram mudando com a passagem do tempo. As autoridades não terão permissão de ajuntar bens, mas esses bens rolarão livremente para Jerusalém, como alimentos importados e roupas finas, além de inúmeros outros itens.

Assim termina a questão dos oráculos de condenação ou sentenças contra a Fenícia. Haveria restauração na Fenícia, a qual seria para o bem de Jerusalém, no tempo em que Israel viesse a tornar-se a cabeça das nações; ou, pelo menos, essa é uma das explicações desta seção.

Capítulo Vinte e Quatro

O Estabelecimento do Reino de Deus: O Pequeno Apocalipse de Isaías (24.1 - **27.13)**

Como Deus usou a Assíria para julgar o mundo da época (ver os capítulos 13-23) e terminou com uma menção à *restauração* (23.17,18) forma o pano de fundo do julgamento eventual do Senhor contra o mundo inteiro, quando Ele tomar as rédeas do Reino de Deus em Suas mãos. Os intérpretes dispensacionalistas vêem aqui uma descrição da Grande Tribulação vindoura, seguida pelo reino milenar de Cristo. Outros intépetes mostram-se menos específicos ao tentar explicar estes capítulos.

"O Apocalipse de Isaías. Estes capítulos, sem relação com o contexto, são freqüentemente chamados o 'Apocalipse de Isaías' porquanto usam temas escatológicos encontrados em escritos apocalípticos posteriores (julgamento universal, banquete escatológico, sinais celestiais e coisas semelhantes). Uma pessoa poderia considerar esta seção como uma forma transicional entre os materiais proféticos tradicionais e os materiais apocalípticos, datados entre 540 e 425 A. C. Estes capítulos contêm certa variedade de materiais, por exemplo, profecia escatológica em quatro seções (Isa. 24.1-6,16b-23; 25.6-10a; 26.20-27), quatro poemas apocalípticos de livramento (24.24.7-16a; 25.1-5; 26.1-6; 27.2-11); oráculos de condenação e triunfo (26.20-27.1; 27.12,13; cf. 25.10b-12); um salmo processional e um salmo apocalíptico (26.1-6; 27.2-11)" *(Oxford Annotated Bible,* introdução ao capítulo 24).

Por curiosa coincidência, o *Pequeno Apocalipse* do evangelho de Mateus, que tem algum material similar e também aborda os sofrimentos do tempo do fim, é o capítulo 24. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apocalípticos, Livros.*

Alguns intérpretes vêem este material como uma coletânea de profecias escatológicas, salmos e orações reunidos por editores posteriores. Outros apêndices similares são vistos em Isaías 33, 34, 63 a 66 (do chamado Segundo Isaías), bem como nos finais dos livros de Amos, Miquéias, Sofonias, Zacarias e Joel. Esta porção escatológica de Isaías deixa de lado os estranhos simbolismos comuns aos capítulos 7 a 12 do livro de Daniel e a todo o livro de Apocalipse do Novo Testamento. Alguns eruditos vêem esta seção como uma espécie de pré-apocalipse, um passo na direção da literatura apocalíptica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Apocalipse,* seção I, e *Apocalípticos, Livros.*

Grande Tribulação (24.1-23)

Retenho aqui meu esboço de títulos, em consonância com a interpretação comum ao dispensacionalismo. Como é óbvio, muitos intérpretes bíblicos duvidam da exatidão de chamar de Grande Tribulação os sete anos ou os três anos e meio finais do futuro. Talvez tenhamos aqui um quadro de julgamento universal que deverá anteceder a restauração, sem nos envolvermos em coisas tão específicas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Tribulação, a Grande.*

24.1

Eis que o Senhor devasta e desola a terra. Por 16 vezes em seu livro, o profeta Isaías menciona a vindoura desolação da terra. Devemos compreender que haverá uma intervenção divina direta, um tempo de julgamento sem precedente. O julgamento divino apanhará os homens em termos iguais. Serão afetados os grandes e os pequenos, e a justiça será a grande palavra a ser usada, e não por mero expediente. A figura que nos convém entender é a de ataque de exércitos que deixam a terra saqueada e coberta de sangue. As vítimas serão inúmeras. A terra será transformada, pelo menos durante algum tempo, em deserto, em terra devastada, desolada. A superfície da terra será "distorcida" com grandes agitações, e os habitantes da terra serão espalhados, como fugitivos que se retiram dos terrores do exército atacante. O ataque será como um terremoto que distorcerá até o chão que os homens pisam. É limitador demais interpretar aqui "terra" como a terra de Judá, ou qualquer outra nação, ou parte do mundo. Nem as desolações causadas pelos babilônios ou outros povos correspondem à terrível cena que aparece diante de nós. E nem Isaías estava vendo por trás do seu horizonte e pensando nos romanos. Antes, temos aqui uma destruição geral, como sucedeu por ocasião do dilúvio de Noé.

24.2

O que suceder ao povo, sucederá ao sacerdote. *A humanidade inteira seria atingida,* sem importar sua posição na vida: sacerdote e povo; escravo e

senhor; senhora e escrava; comprador e vendedor; emprestador e tomador de empréstimo; credor e devedor. Devemos compreender que a corrupção tinha percorrido todas as camadas da sociedade. E outro tanto se deu com o julgamento. Havia um Novo Dia esperando mais adiante, mas isso não poderia ocorrer enquanto o Velho Dia não passasse. Nenhum tempo do passado pode ser salientado para explicar a universalidade dessa devastação. Cf. Osé. 4.9.

24.3

A terra será de todo devastada e totalmente saqueada. A terra, o globo terráqueo inteiro, conforme o contexto nos mostra, seria totalmente devastada (Revised Standard Version), literalmente *esvaziada* e saqueada, como se um grande exército a tivesse atingido e virtualmente a tornado um deserto. Seria como um campo de batalha, depois que dois grandes exércitos se tivessem entrechocado, deixando incontáveis cadáveres e a terra devastada. A descrição ultrapassa a qualquer coisa que jamais aconteceu, e aponta para o temível futuro do mundo, antes que o reino de Deus seja estabelecido palpavelmente. É inútil tentar ajustar este texto a qualquer situação histórica. O que está aqui em vista é o *futuro apocalíptico.*

24.4

A terra pranteia e se murcha; o mundo enfraquece e se murcha. A *terra é o mundo,* conforme o presente versículo deixa claro. Os sobreviventes são os *lamentadores* e, de fato, muito haverá para lamentar. A terra se enfraquecerá e murchará, como uma fruta sobre a qual incide o sol do deserto, até que ela murcha inteira e fica inútil. Cf.-© vs. 7.

"Que pode fazer o homem moderno com uma profecia escatológica como essa, com sua linguagem misteriosa e simbólica? O quadro aqui traçado é estranho para o pensamento moderno. O conceito do julgamento que tão profundamente afetou nossos pais quase desapareceu completamente do pensamento contemporâneo... Contudo, não se pode ter amor sem julgamento, como também não se pode ter julgamento sem amor. Ninguém pode inculcar moralidade enquanto estiver silente sobre a prestação de contas, ou colher aquilo que tiver semeado" (G. Q. D. Kilpatrick, *in* toe, com alguma adaptação).

Enlanguescem os mais altos do povo da terra. Os mais altivos da terra, que não esperavam ter de prestar contas de seus atos, serão debilitados e cairão na nulidade. Mas a Revised Standard Version diz aqui; "Os céus enlanguescem juntamente com a terra". Essa expressão poética subentende que o julgamento será tão terrível que atrairá a piedade e o sofrimento dos céus. Diz o hebraico literal aqui: "as alturas", o que tem atraído diversas interpretações. Seja como for, ninguém será poupado do juízo escatológico, conforme vemos detalhadamente no vs. 2.

> *A terra secar-se-á e morrerá. O mundo enfraquecerá e morrerá. Os grandes lideres desta terra debilitar-se-ão.*
>
> (NCV)

Devemos pensar em um julgamento da ordem do *dilúvio de Noé,* que atingiu a tudo e a todos. Assírios, babilônios e romanos (aos quais alguns eruditos têm reduzido esta passagem) dificilmente estão em mira aqui.

24.5

Na verdade, a terra está contaminada por causa dos seus moradores. *A razão* para tão severos juízos divinos é agora declarada. O povo contaminara a terra com intermináveis *poluções.* A terra está debaixo das poluções como se estivesse em um imenso monturo. As leis têm sido transgredidas, e o *pacto eterno* tem sido violado. O nome dado ao pacto eterno provavelmente nos afasta do pacto abraâmico e do pacto mosaico, e nos aproxima do pacto firmado no principio, com a humanidade em geral, e não com Israel em particular. Ver Gên. 2.16,17; 3.1-6, **e** cf. Osé. 6.7. Ou então devemos pensar aqui na aliança entre *Deus e Noé* (ver Gên. 9.1 ss.). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.* Cf. este versículo com Gên. 7.12, as condições morais que causaram o dilúvio: "Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra".

Cf. Isa. 42.22-25. Este versículo é uma vivida demonstração da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).*

24.6

Por isso a maldição consome a terra. Continua aqui a descrição sobre a lei da colheita segundo a semeadura. Uma maldição caiu sobre os transgressores. A maldição os *devorará* como um monstro enviado para terminar com eles. Eles pecaram monstruosamente, e terão de sofrer com o monstro que eles mesmos criaram. Uma antiga lenda escocesa conta a história de um agricultor perseguido por um monstro. O monstro destruía suas plantações e seus animais domésticos. Um dia, o monstro apanhou seu filho nos campos e o matou. O homem, enraivecido, enviou homens que armassem uma emboscada para apanhar o monstro. Finalmente, o monstro apareceu durante a noite para fazer mais danos. Fortalecido pelo ódio que sentia após a morte do filho, o agricultor conseguiu dominar o monstro. Quando o agricultor aplicava um golpe mortal no inimigo, a luz da lua iluminou o rosto do monstro: era o rosto do próprio agricultor!

A questão foi primeiro ilustrada pelo animal feroz e devorador. Agora temos outra figura, dessa vez nas proximidades de um fogaréu. Para conservar o espírito da passagem, compreendemos que esse fogo foi aceso pelo homem e, subseqüentemente, queimou os homens. A ira de Yahweh foi acesa pelos pecados humanos.

> *Eles serão queimados; e somente alguns escaparão.*
>
> (NCV)

24.7

Pranteia o vinho, enlanguesce a vide. O *vinho novo perderá o bom gosto;* a vida azedará; os vinhedos fenecerão. O vinho se ressecará e as vinhas murcharão. "Cada característica tem seu papel no quadro de uma terra da qual todas as fontes de alegria foram arrebatadas" (Ellicott, *in* toa). Seriam silenciados os cânticos felizes dos colhedores de uvas, bem como os cânticos jubilosos daqueles que bebem vinho nas festas. Não mais haverá festivais da vindima, porquanto tudo jazerá por terra, destruído. Diz o Targum: 'Todos quantos bebem vinho se lamentarão, porquanto as vinhas estão quebradas".

24.8

Cessou o folguedo dos tamboris, acabou o ruído dos que exultam. *A música cessaria;* as festividades parariam; os homens que sobrevivessem aos terrores e à mortandade lamentariam. Nada haveria para celebrar.

> *E voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flautas e de clarins jamais em ti se ouvirá...*
>
> (Apocalipse 18.22)

24.9

Já não se bebe vinho entre canções. Este versículo repete a idéia do vs. 8, sob forma levemente diferente. Bebidas fortes que levam um homem a viver um tanto no mundo das fantasias, aliviando-o de seu tédio diário, de nada adiantarão naquele dia. Não haveria ingestão de vinho nem cânticos, p as bebidas alcoólicas pareceriam amargas. A tribulação seria por demais radical para admitir maneiras fáceis de aliviar as tensões da vida. Calamidades pessoais e mundiais ocupariam a mente de toda a humanidade e deixariam as pessoas em estado de miséria. "A música das festas cessará (ver Amos 6.5), e, se houver algum cântico, será o cântico das lamentações (ver Amos 8.10). Perder-se-á até o apetite pelas bebidas alcoólicas" (Ellicott, *in* toe).

24.10

Demolida está a cidade caótica, todas as casas estão fechadas. As cidades tornar-se-ão cenas de *caos extremo;* todas as casas serão fechadas e não haverá lugar para entrar em paz. As ruínas tornarão as residências inúteis, pois serão apenas montões de tijolos deslocados. A ruínas será reduzida a cidade, ou seja, qualquer cidade, e não meramente Jerusalém, ou Babilônia ou Roma, conforme os intérpretes limitam a questão. As coisas terão retornado ao caos primevo. Ver sobre *cidade,* em Isa. 25.2.

24.11

Gritam por vinho nas ruas, fez-se noite para toda alegria. O vinho reaparece na descrição como símbolo de alegria. Toda alegria desapareceu; a tristeza tornou-se pungente; há choro nas ruas; todo júbilo atingiu seu ocaso; a alegria é banida da terra. As pessoas clamam por bebidas alcoólicas para embotar-lhes a mente, mas não há nenhuma bebida. O pòr-do-sol, tão buscado em tempos de paz, agora é pura escuridão. A alegria é uma espécie de luz da alma, mas ela passa para dentro das sombras e não emerge.

24.12

Na cidade reina a desolação, e a porta está reduzida a ruínas. As cidades são cenas de desolação e abandono. Suas portas estão estragadas e reduzidas a

ruínas. Não haverá proteção nem alívio. Coisa alguma resta, exceto as ruínas dos edifícios. A porta da cidade, orgulho e proteção das cidades orientais, foi pulverizada até o pó. Antes, era o lugar feliz de ajuntamento do povo e de negociações. Todas as atividades próprias de uma cidade pararam. Ver sobre *cidade*, em Isa. 25.2.

Inesperado Grito de Triunfo (24.13-16a)

24.13

Porque será na terra, no meio destes povos. A *cidade* referida nos vss. 10 e 12 é agora *universalizada*, como se houvesse uma grande cidade apenas em todo o mundo e em todas as nações. A terra será como um ramo de oliveira que foi sacudido e batido com uma vara, para fazer cair suas azeitonas. Então a árvore foi deixada desnuda de frutos. O mundo inteiro será como uma árvore sem frutos, que perdeu seu valor e utilidade. O mundo sofreu devastadora colheita. Mas o vs. 14 reverte a figura para um quadro de alegria, porquanto no futuro haverá boa colheita para a terra, a renovação de seu valor. Mas a idéia é restrita ao remanescente que escapará, tal como algumas azeitonas escapam do sacolejar dos ramos da oliveira e permanecem em algum ramo alto. Ver Isa. 17.5,6 **e** Juí. 8.2. Ver também Isa, 19.24 e Eze. 38.12.

24.14

Eles levantam a voz e cantam com alegria. "Adicionada à descrição da desolação, temos esta promessa de uma colheita de regozijo, como o regozijo que há por ocasião da colheita- das oliveiras e das parreiras. A linguagem assemelha-se à do Segundo Isaias (49.12,13; 51.3). O poeta ouve os cânticos daqueles cujo tristeza foi transformada em alegria" (R. B. Y. Scott, *in loc).* "O remanescente espalhado dos judeus (Isa. 19.24; Eze. 38.12) louva a Deus por ter salvado e vindicado a Israel, 'o justo' (vs. 16)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 13-16). Os que tiverem sido misericordiosa e miraculosamente preservados descobrirão uma Nova Aurora, pois os raios de esperança se estenderão de leste a oeste, e assim trarão nova e universal esperança na era do reino de Deus. A majestade do Senhor será vista nos raios do sol. As boas novas serão espalhadas universalmente. Um novo dia chegará. "Para o remanescente aparecerá, no meio da desolação, a visão da glória do Senhor, e, a distância, desde o mar (o Mediterrâneo como o grande mar do mundo antigo), eles entoam seu cântico de louvor" (Ellicott, *in loc).*

24.15

Por isso glorificai ao Senhor no Oriente. Haverá gritos de triunfo no Ocidente, e vozes se levantarão no Oriente, como uma reverberação, e louvores e glórias serão dados a Yahweh, quanto ao Seu trabalho de julgamento que limpou a terra e a tornou um lugar decente para viver. Os que habitarem ilhas e regiões costeiras, bem como muitos outros lugares da terra, cantarão o mesmo cântico de redenção e nova esperança. O denominador comum universal será a fé em Yahweh.

No Oriente. Literalmente, "nas chamas", excelente figura poética, aquelas fogueiras que iluminarão o firmamento quando o sol surgir no horizonte. Haverá um novo dia, e os raios do sol espalhar-se-ão universalmente e alegrarão o coração dos sobreviventes. O julgamento divino expurgará a escória. Desse fogo sairá uma prata purificada.

24.16a

Dos confins da terra ouvimos cantar: Glória ao Justo. *Os poucos sobreviventes* representarão pessoas de uma a outra extremidade da terra, e será dessas extremidades que virá um novo cântico de louvor e ação de graças. Yahweh, o Justo de Israel, será o objeto desses louvores. Alguns fazem o Justo ser aqui a nação de Israel, que será vindicada quando as chamas dos juízos de Deus tiverem trazido à superfície aquele povo restaurado. Cf. Luc. 21.28: "Ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei as vossas cabeças porque a vossa redenção se aproxima".

O Terror do Senhor (24.16b-18a)

24.16b

Mas eu digo: Definho, definho, ai de mim! Do vislumbrar momentâneo da esperança de um novo dia, voltamos a mergulhar na noite do terror. O porta-voz está morrendo, ele está morrendo (NCV), e quão terrível é a sorte dele. Traidores voltam-se contra o povo; a ilegalidade é generalizada; pecados vis corrompem tudo; há traição por todos os lados; o mundo está além do alcance da redenção; as traições são nacionais e individuais; em toda parte não há a sanidade da retidão e da fidelidade. "O profeta foi chamado do ideal para o real, da glória do futuro para a vergonha e a miséria do presente. A 'magreza' (definho!), tal como em Sal. 22.17 e 109.24, era o símbolo natural de extrema tristeza. Negociantes traiçoeiros, literalmente, *ladrões* ou *bárbaros,* tomaram conta da terra" (Ellicott, *in loc).*

24.17

Terror, cova e laço vêm sobre ti. Quando o julgamento de Deus varre a face da terra, como se fosse um temporal feroz e universal, o terror lança todos os homens em confusão e fuga. Deus espalhou Suas armadilhas e Suas redes de destruição como o Grande Caçador que prende Sua presa. Há abismos onde os homens se precipitam, e a morte engolfa a maioria da população do mundo. Os vss. 17,18b também podem ser encontrados em Jer, 48.43,44. Essas palavras provavelmente eram usadas proverbialmente para apontar para as grandes calamidades. Nenhum ser humano, em nenhum lugar do mundo, estará em segurança, pois, se um dos julgamento não o aniquilar, outro acabará com ele. "Essas palavras apontam para uma rápida sucessão de calamidades inevitáveis, um quadro extraído das diversas formas do trabalho de um caçador. Primeiramente há o terror da fera assustada, que foge somente para cair em uma cova; ou ela corre mas é apanhada em uma rede ou armadilha de alguma espécie, da qual não há como escapar (ver Isa. 8.15)" (Ellicott, *in loc).*

24.18a

E será que aquele que fugir da voz do terror cairá na cova. Este versículo amplia a figura do caçador, que aparece no vs. 17. O pobre animal ouve os gritos dos caçadores e os uivos dos cães. Tentando escapar, cai em uma cova. Seu dia tinha terminado. O animal enfrentaria uma morte agoniada. Os caçadores mostrar-se-ão cruéis, e os cães encherão seu corpo de mordidas e golpes. Se, por algum milagre, ele conseguir sair da cova, encetará nova fuga, somente para ser apanhado por outra armadilha. Ele não escapará à calamidade final.

O Cataclismo Final; o Julgamento; a Nova Era (24.18b-23)

24.18b

As represas do alto se abrem, e tremem os fundamentos da terra. *As janelas do céu* se abrem e derramam as chuvas do julgamento divino, tal como aconteceu no dilúvio de Noé. Portanto temos aqui outra calamidade universal, como aquela dos tempos do patriarca Noé. Além das chuvaradas que cairão do céu (símbolo dos julgamentos divinos), haverá também terremotos na terra (outro símbolo dos julgamentos divinos). A terra será sacudida até os fundamentos. Haverá ruína total. "A manifestação do poder de Yahweh nos temporais e terremotos é um elemento familiar no Antigo Testamento (cf. Juí. 5.4,5; Sal. 18,7-15). Os mesmos tipos de referências se encontram na literatura paga, como aquele incidente do combate de um deus com poderes rebeldes, subjugando-os, com a subseqüente entronização do rei universal (cf. Marduque em *Enuma elis,* tabletes IV, VI; e Baal no poema de Baal, III.AB). Ver também no Antigo Testamento: Isa. 14.12-15; Sal. 29. 82; 89.2-19; Eze. 28.12-17" (R. B. Y. Scott, *in loc,* com alguma adaptação). Ver Gên. 7.11 e 8.2 quanto à figura do dilúvio.

24.19

A terra está de todo quebrantada. As calamidades serão tão severas que a *própria terra* ficará inteiramente destroçada; como antes, as casas das cidades e seus portões foram descritos como destruídos (vss. 10 e 12). Nem mesmo o apelo às hipérboles orientais pode fazer essas descrições aplicar-se a alguma situação histórica, como os ataques militares dos assírios, dos babilônios ou dos romanos. A imagem aqui usada é a de um terremoto que porá fim a todos os outros terremotos. Ver o trecho paralelo de Apo. 6.12 ss. "O ritmo da poesia desta passagem é quase um eco das explosões de destruições: os três estágios, a rachadura da terra; as aberturas que aparecerão no solo; a despedaçadora convulsão final" (Ellicott, *in loc).* Diz o Targum:"... movendo-se, a terra se moverá; agitando-se, a terra será agitada; partindo-se, a terra será dissolvida".

24.20

A terra cambaleia como um bêbado, e balanceia como rede de dormir. A terra é aqui descrita como se fosse uma casa isolada apanhada por um terremoto devastador; ela tremerá e cambaleará; desintegrar-se-á e cairá em pedaços; cairá por terra e chegará ao fim. Observar a terra é como observar um bêbado que tentava avançar pelo caminho, mas tropeça e cai. A casa e seu morador vergam-se sob as transgressões, e juntos tropeçam e caem, fincando-se no chão. A queda é final. Não há nenhuma tentativa de levantar-se de novo. "Nessas convulsões, o mundo não poderá erguer-se e, mesmo que o fizesse, cairia de novo" (Fausset, *in loc).* Cf. essas descrições com II Ped. 3.11,12.

Se aceitarmos literalmente essas descrições, teremos de levar em conta a possibilidade de uma *mudança dos pólos,* o que acontece periodicamente, talvez

a cada 10.000 anos. Talvez a última mudança de pólos tenha ocorrido na época de Noé, e talvez o mundo se esteja encaminhando para outro desses *cataclismos inenarráveis*. Ver no *Dicionário o* artigo chamado *Dilúvio de Noé,* especialmente a segunda seção, onde ofereço informações sobre as mudanças dos pólos.

"A terra balanceará sob o peso de suas próprias iniqüidades e cairá. Devemos lembrar a idéia dos hebreus de que o mundo repousa sobre colunas (ver I Sam. 2.18)" (Ellicott, *in loc).* "O julgamento divino ocorrerá por motivo de culpa (Isa. 24.6), a culpa do mundo inteiro em rebeldia contra Deus" (John S. Martin, *in loc).* Será uma operação universal da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).*

24.21

Naquele dia o Senhor castigará, no céu, as hostes celestes. Naquele dia (escatológico) Yahweh punirá "o poder do céu" (NCV). Poderíamos ter aqui uma referência às forças espirituais que se opuseram a Deus e despertaram o caos na terra (ver Apo. 19.20; 20.2). No hebraico encontramos a expressão "no alto" (conforme diz, literalmente, o original hebraico), onde nossa versão portuguesa diz "as hostes celestes". Provavelmente essa expressão, "no alto", significa "no norte", o local tradicional da habitação dos deuses. Cf. a destruição das três serpentes, em Isa. 27.1. *Poderes sobrenaturais,* e não somente terrestres, receberão assim um golpe divino, nesse julgamento antes da era do Reino. A *aliança do mal* inteira terá de ser derrotada. Cf. Col. 2.15, que diz algo similar. Ver também Sof. 1.5; Jer. 19.3; Efé. 3.10; 6.12 e I Cor. 15.25.

Os reis da terra. Tendo tratado com os poderes superiores nas hostes celestiais, o julgamento também atingirá e aniquilará os poderes menores à face da terra. Com enorme freqüência, esses poderes estão em liga com os poderes sobrenaturais da maldade. Essa aliança profana precisa ser quebrada e então destruída. "Anjos, bons e maus, presidem, por assim dizer, os reinos do mundo (ver Dan. 10.13,20,21)" (Fausset, *in loc).* Cf. Apo. 16.14; 17.12-14; 19.19. "Deus nunca destrói uma nação sem, primeiramente, destruir seu príncipe" (Delitzsch, *in loc).*

24.22

Serão ajuntados como presos em masmorra, e encarcerados num cárcere. Os poderes, altos e baixos (ver o vs. 21), serão aprisionados e confinados ao *abismo,* onde não mais serão capazes de realizar seus atos debochados e crimes. Alguns vêem nesse cárcere uma menção ao *sheol,* com freqüência chamado de "abismo". A idéia pode ser que, durante o período do milênio, esses poderes serão mantidos prisioneiros. Nesse caso, esta parte do versículo tem paralelo em Apo. 20.1-3, onde lemos que Satanás ficará amarrado no hades. Durante a época áurea do milênio, a terra será protegida contra as forças do mal. Outros julgamentos seguir-se-ão, mas naquele período de mil anos haverá paz e retidão universal. Normalmente, no Antigo Testamento, o *sheol* aparece como o sepulcro; mas houve um desenvolvimento dessa doutrina, que pode refletir-se em passagens como Sal. 88.10 e 139.8. Ofereço um sumário de idéias concernentes ao *sheol,* em Pro. 5.5. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Hades,* que expande o tema. Isaias, contudo, não fala em punições no outro mundo, o que somente apareceu nos tempos de Daniel (ver Dan. 12.2).

"O simbolismo deriva-se das profundas masmorras subterrâneas das prisões orientais (ver Jer. 38.6), que são símbolos do hades, onde os poderes rebeldes da terra e do céu esperarão pelo julgamento final (ver II Ped. 2.4; Jud. 6).

Depois de muitos dias. Seguir-se-á um tempo durante o qual as forças rebeldes permanecerão confinadas. Essa é uma referência ao período milenar. Os "muitos dias" são determinados com exatidão como mil anos, em Apo. 20.3,7. No livro de I Enoque, esse período é determinado como 300 anos. Portanto, vemos que a idéia sofreu um desenvolvimento.

24.23

A luz se envergonhará, e o sol se confundirá. Os julgamentos apocalípticos incluem grande confusão e acontecimentos cósmicos que afetarão o sol, a lua e as estrelas. Alguns eruditos pensam que esses acontecimentos devem ser aceitos literalmente. Mas aqui a lua e o sol quase certamente se referem aos *poderes celestiais* mencionados nos vss. 21 e 22. Uma vez que os poderes rebelados nos céus tiverem sido humilhados e envergonhados, então o Senhor reinará sobre a terra.

O paralelismo de Apo. 20 dificilmente pode ter ocorrido por acidente. É provável que o vidente João tenha dependido de Isaias quanto a este ponto particular, embora tenham sido acrescentados muitos detalhes ao que disse Isaias. O livro de Apocalipse, no Novo Testamento, tem muita dependência da literatura apocalíptica judaica, tanto canônica como não-canônica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Apocalípticos, Livros,* em sua seção III. Cf. Isa. 60.20,21 e Apo. 21.23. O Cordeiro será a Luz que iluminará a Nova Terra e os Novos Céus.

Sião, em Jerusalém, será o centro da Nova Terra, o que, no Apocalipse do Novo Testamento, é a Nova Jerusalém. Assim sendo, se o vidente João dependeu de Isaias, ele adicionou seus próprios detalhes e fez seus próprios avanços. Então Yahweh manifestar-se-á de maneira gloriosa na terra, e especialmente na pessoa de Seus subordinados, que compartilharão de Seu governo. Este versículo nos ensina que Israel se tornará a cabeça das nações, porquanto os "seus anciãos", neste versículo, quase certamente significam os remidos de Israel. Ver Rom. 11.26, que é paralelo direto ao versículo presente. Cf. com Êxo. 24.9, onde se lê sobre os 70 anciãos de Israel. Cf. também Apo. 4.4,10,11.

Note o leitor o título divino que aparece neste versículo: o *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15, e o artigo do *Dicionário* com esse título). Somente o *Poder Celeste,* formado pelos líderes das hostes espirituais, poderia realizar o que foi dito aqui.

Capítulo Vinte e Cinco

Os capítulos 24-27 deste livro constituem o *Pequeno Apocalipse* de Isaias. Ver a detalhada nota de introdução ao capítulo 24 de Isaias. Tendo descrito a *Grande Tribulação* (capítulo 24), o profeta avança para falar sobre o triunfo que se seguirá: ação de graças pela vitória (vss. 1-5); e a festa do triunfo e do fim das tristezas (vss. 6-9). Em seguida temos a condenação de Moabe (vss. 10-12), um único inimigo selecionado para ser vituperado, representando todos os inimigos de Israel.

Os capítulos 25-27 do livro de Isaias contêm essencialmente uma descrição das bênçãos do reino. Assim sendo, temos, em primeiro lugar, um salmo de louvor que exalta Yahweh pelo livramento do Seu povo do julgamento que virtualmente aniquilou o mundo inteiro. Usando linguagem poética, Isaias descreveu os louvores que serão atribuídos ao Senhor, durante o milênio, por Suas obras maravilhosas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Milênio,* para detalhes.

Agradecimentos pela Vitória (25.1-5)

"Este salmo mostra que o aprofundamento da fé em que a preservação dos judeus, politicamente impotentes, se explica pelo persistente *propósito de Deus,* a fim de que, através de Israel, todas as nações viessem a servi-Lo" (R. B. Y. Scott, *in loc).*

Ver as notas em Isa. 13.6 quanto ao desenvolvimento do tema de que Yahweh é o governante universal, o Poder por trás dos eventos da **terra.**

25.1

Ó Senhor, tu és o meu Deus. Os vss. 1-5 deste capítulo formam um salmo bastante similar àqueles do saltério. É um cântico de ação de graças e louvor, uma das grandes classificações dos salmos. Tal e qual se vê em muitos dos salmos, o louvor é dado a Deus por causa do aniquilamento dos inimigos. Cf. estes versículos com Sal. 145.

Yahweh é também *Elohim,* ou seja, Ele é o *Deus Eterno* e também o *Poder Final.* No *Dicionário* apresento artigos sobre esses dois títulos divinos. Ver também o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* O nome de Deus é louvado por causa de Suas obras maravilhosas. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Louvor.* O louvor será prestado especificamente por causa do triunfo de Deus sobre os Seus inimigos, terrenos **e** celestiais (24.21), no tempo da Grande Tribulação que preparará a terra para o milênio, a época áurea. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milênio.*

Tens feito maravilhas. Especialmente endireitando as coisas; subjugando todos os inimigos; preparando o caminho para o reino milenar do Messias; e trazendo ao mundo a era do Reino de Deus em seu aspecto palpável. Ver sobre *Reino de Deus,* no *Dicionário.* A idéia do versículo é: "Cumpriste planos admiráveis", e o que foi descrito no capítulo 24 de Isaias faz parte (mas, como é óbvio, não é a totalidade) do desdobramento do plano divino para a humanidade.

Os teus conselhos antigos. O Deus que a tudo vê e prevê no principio planejou a Sua era do Reino de Deus, e fez os acontecimentos mundiais escoarse de maneira que esses Seus conselhos se concretizassem no tempo certo. O reino milenar de Cristo só será possível por causa do pensamento e dos atos divinos. Os *decretos divinos* garantem a concretização desse plano. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Decretos Divinos.* Os propósitos de Deus tornam possíveis as profecias, porquanto se coisa alguma tivesse sido determinada seria muito difícil prever alguma coisa.

25.2

Porque da cidade fizeste um montão de pedras, e da cidade forte uma ruína. Provavelmente não devemos tentar identificar meramente uma cidade aqui. Note o leitor como Isa. 24.13 envolve o mundo inteiro, após a seção sobre a cidade. Assim sendo, a cidade aponta para cidades, que significam toda a humanidade. Identificar a "cidade" aqui mencionada com Roma e apontar para Apo. 18

dificilmente faz justiça a esta profecia. Este versículo nos remete à mensagem geral do capítulo 24 de Isaías, a Grande Tribulação, e não à destruição de uma cidade isolada. A cidade, que representa aqui o mundo inteiro, foi transformada em um *montão de ruínas.* Ver as notas expositivas sobre Isa. 24.20.0 mundo foi feito como uma cabana derrubada por um terremoto.

Alguns eruditos pensam aqui na Babilônia, a Babilônia mística; e isso seria verdade se a Babilônia mística fosse transformada, por sua vez, em símbolo da destruição do mundo inteiro. O mais provável é que, se o profeta tinha em mira uma cidade específica, que essa fosse a antiga cidade de Babilônia, simbolizando o mundo inteiro. É provável que o vidente João tivesse este versículo defronte dos olhos, quando escreveu Apo. 18. A declaração de que a cidade nunca jamais seria reconstruída quase certamente nos remete a Isa. 13.19,20. Tal como a antiga cidade de Babilônia se tornou inabitável, assim acontecerá aos reinos desta terra, que serão substituídos pelo Reino de Deus.

25.3

Pelo que povos fortes te glorificarão. Este versículo reitera o tema de que Israel se tornará a cabeça das nações durante o período do Reino de Deus. Aqueles a quem Israel temia, esses temerão a Israel. Haverá grande reversão nas potências mundiais. Além disso, contudo, todas as nações serão abençoadas por meio de Israel, o que será o cumprimento de uma das grandes provisões do pacto abraâmico (ver Gên. 15.18). Yahweh será glorificado e louvado por aqueles que estavam vencidos pelo paganismo, quando Sião, uma vez mais, tornar-se a capital do mundo religioso. Ver Isa. 24.23. Yahweh manifestará Sua glória a Israel, e Israel manifestará essa glória divina a todas as nações da terra. Quanto ao tema de os gentios virem a conhecer Deus e-adorá-Lo, assunto comum nos livros dos profetas, ver Isa. 2.3; 11.9; 49.7; 56.6; 66.20,21; Zac. 14.16-19 e Mal. 1.11.

> *A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

25.4

Porque foste a fortaleza do pobre, e a fortaleza do necessitado na sua angústia. A drástica descrição da *Grande Tribulação,* no capítulo 24 de Isaías, faz-nos lembrar o quanto o homem carece da *fortaleza* do amor de Deus, de Sua proteção. A imagem é um quadro de guerra, no qual os homens fogem para suas fortalezas em busca de proteção. Ali eles encontrarão refúgio. Ver Deus como nosso *refúgio,* em Sal. 41.1, bem como o artigo com esse nome, no *Dicionário.* Quanto a Deus como *escudo,* ver Sal. 3.3; 7.9,10; 84.8, e o artigo sobre esse objeto. Deus serve de *torre* e *fortaleza* para o Seu povo (ver Jer. 6.27; Sal, 91.1,2). Além disso, temos as figuras do abrigo que nos protege do *calor* do sol e das *tempestades,* descritas no capítulo 24 do livro de Isaías. Deus é o abrigo daqueles que O buscam em arrependimento e fé.

> *Nosso Deus, nossa ajuda em séculos passados,*
> *Nossa esperança nos anos vindouros.*
> *Nosso abrigo durante os açoites da tempestade,*
> *E nosso lar eterno.*
>
> (Isaac Watts, meditando sobre o Salmo 90)

Como a tempestade contra o muro. Presumivelmente, temos aqui uma cena particularmente violenta, na qual um muro recebe a força total de uma tempestade. Porém, mediante leve emenda, que alguns intérpretes preferem, obtemos "tempestade de inferno".

25.5

Como o calor em lugar seco. Os *inimigos barulhentos* de Deus serão silenciados, tal como o calor, em um lugar seco, é opressivo e destrói toda a vegetação e toda a vida. O calor divino ressecará todos os ímpios e cessará sua orgulhosa jactância. Quanto ao contraste entre orgulho e humildade, ver Pro. 6.17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,8; 18.12 e 21.4. Essa é uma verdade que pode estar subentendida aqui; mas pela palavra "calor" devemos entender o calor dos ímpios, um calor que destrói. "Pessoas cruéis queimam como o calor do deserto" (NCV). Mas Deus fará parar seus ataques de calor contra outras pessoas, servindo de nuvem que bloqueará os raios de calor e dará sombra aos oprimidos:

> *Mas tu, Deus, porás fim a seus ataques violentos. Como uma nuvem arrefece o dia, Senhor, tu silenciarás os cânticos daqueles que não têm misericórdia.*
>
> (NCV)

Nós cantamos em triunfo e júbilo, e os ímpios têm cânticos mediante os quais celebram suas horrendas vitórias. Seus cânticos serão silenciados nos julgamentos da Grande Tribulação, quando as coisas serão retificadas, e os ímpios forem varridos da face da terra; quando os poderes da impiedade forem amarrados, sejam eles sobrenaturais ou humanos (ver Isa. 24.21). Cf. Apo. 18.9,11,18,22 e 23. O cântico de triunfo dos opressores tem encarquilhado o mundo. Isso não poderá continuar para sempre. Será necessária uma intervenção divina para estancar o dilúvio da impiedade que contemplamos hoje no mundo.

A Festa de Triunfo e o Fim da Tristeza. Cântico de Vitória (25.6-9)

25.6

O Senhor dos Exércitos dará neste monte a todos os povos um banquete. "Logicamente, esta seção deveria ter-se seguido imediatamente ao capítulo 24 de Isaías. O *reino de Deus* sobre o Seu mundo recriado deverá ser inaugurado com uma festividade de coroação. incluirá todos os homens, porquanto o pacto de Sua misericórdia será todo inclusive Mediante admirável salto de fé, o poeta sagrado transcende a todos os limites nacionais e vê as nações da terra 'ligadas por correntes de ouro em torno dos pés de Deus' (conforme disse Tennyson)" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc).* "Efeitos do reino vindouro (vss. 1-6). O livramento que o Senhor trará incluirá a eliminação da morte (vss. 6-8); o regozijo de Seu povo (vs. 9); **e o** julgamento de Seus inimigos (vss. 10-12)" (John S. Martin, *in loc.).*

Neste monte. Temos aqui uma referência ao monte Sião, outra prova de que Jerusalém será a capital religiosa do mundo durante o período do milênio. Ver Isa. 24.23 que situa isso no fim da Grande Tribulação. O poder por trás disso será o *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.16 e o artigo do *Dicionário).* Esse título é usado por cerca de vinte vezes no livro de Isaías, sempre vinculado a algum grande feito divino descrito. Ver em Isa. 13.6 como o Poder do Alto determina os eventos na terra.

Uma festa de fina qualidade será organizada em honra aos convidados para a era do reino: uma festa de coisas gordurosas, de novilhos engordados, das melhores carnes; com vinhos da melhor qualidade, a saber, *vinhos velhos clarificados.* Esses vinhos foram deixados a envelhecer e a aclarar-se nos toneis.

A todos os povos. Todos os povos serão convidados a participar do banquete do Reino de Deus, visto que um remanescente de todas as nações foi purificado pela Grande Tribulação.

Pratos gordurosos com tutanos. Estes pratos eram considerados acepipes nos países do Oriente.

A Festa. Temos aqui uma símbolo de suprimento que ultrapassará as meras necessidades, envolvendo festividade e felicidade e, neste caso, prazeres espirituais, e não carnais. Cf. Sal. 22.26,27; Mat. 8.11; Luc. 14.5; Apo. 19.9. Cf. também Sal. 36.8.

25.7

Destruirá neste monte a coberta que envolve todos os povos. *A Destruição da Morte.* A morte é aqui pintada como a mortalha posta sobre os cadáveres, a *coberta mórbida.* O milênio promete vida longa, mas não o aniquilamento total da morte. Ver Isa. 65.20. A morte era a coberta temível que envolvia todas as nações, porquanto nenhum homem ou povo estava isento de morrer. Os homens viviam em escravidão toda a vida, por causa do temor da morte (ver Heb. 2.15).

Ellicott *(in loc.)* vê duplo significado neste "véu": "A face da coberta lançada sobre todos os povos... Cobrir o rosto era, nos países do Oriente, sinal de lamentação pelos mortos (ver II Sam. 19.4); e destruir essa coberta era vencer a morte, da qual a coberta era um símbolo. A esse pensamento provavelmente estava misturado outro, talvez parecido. O homem cuja face era coberta não podia ver a luz, e a 'coberta' representa o véu (ver II Cor. 3.15) que impedia os homens de conhecer a Deus. O triunfo final de Deus inclui a vitória sobre a ignorância e a tristeza, bem como sobre o pecado e a morte".

25.8

Tragará a morte para sempre. A morte será *tragada,* visto que, como se fosse um monstro, tinha engolido a muitos. Ver como o sepulcro traga os homens (Sal. 142.3; Pro. 1.12). Paulo incorporou essa metáfora em I Cor. 15.54, onde alude ao versículo que temos à frente. Conforme demonstro no versículo anterior, o milênio prolongará grandemente a vida, mas não eliminará a morte de modo absoluto. Estas palavras, entretanto, foram usadas para falar da eliminação final da morte, e também do fim de todo o choro e tristeza; Apo. 21.4 tem essa "aplicação eterna" das presentes palavras, e não aquilo que pertencerá ao milênio (isto é, um cumprimento parcial). Podemos afirmar que o milênio será um passo significativo para o pleno cumprimento do que é dito aqui. Outra realização do milênio será

esta: "Tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo". Israel era desprezada entre as nações e constantemente atacada. Por causa da apostasia, o povo israelita sofria continuamente a desaprovação do próprio Deus. Ambas as espécies de opróbrio serão removidas, e isso significará bênção e paz, pelo menos. Esses benefícios virão em decorrência do decreto divino, a palavra de Yahweh falada e cumprida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Decretos Divinos*.

25.9

Naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus. *O Cumprimento de Expectações Milenares.* Os muitos benefícios que haverá durante a era do milênio farão os homens louvar o divino Benfeitor, Elohim (o Poder Todo-poderoso) e Yahweh (o Deus Eterno). Durante tantos milênios os homens esperaram ser salvos e, finalmente, através da Grande Tribulação e de outros atos divinos, a salvação de Deus se tornará uma realidade. Se essa não é a salvação evangélica ensinada no Novo Testamento, chegará bem perto, conforme diz esta passagem. Ver sobre Deus como *nossa salvação* e como o despenseiro da salvação, em Sal. 62.2, onde ofereço uma nota de sumário. Ver também Sal. 3.8,9; 9.14; 50.23; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7 e 149.4. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação*. As antigas súplicas serão trocadas por gritos de louvor, por causa da grandiosa *concretização* das esperanças milenares.

"*Bom demais para ser verdade,* poderíamos dizer — mas temos Jesus Cristo, a Sua vida, a Sua morte, a Sua vitória para transmutar a esperança em uma promessa, a promessa de Sua vida. Por conseguinte, *bendize o Senhor, ó minha alma*" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*).

A Condenação de Moabe (25.10-12)

25.10

Moabe será trilhado no seu lugar. A inserção deste oráculo de condenação endereçado especificamente ao povo de Moabe, bem no meio das bênçãos do Reino de Deus, tem deixado os intérpretes perplexos. Mas, ainda que disséssemos que Moabe representa todas as nações impias, essa inserção, no lugar onde está, parece estranha. Enquanto a *mão* do Senhor estiver abençoando o monte (Sião, ver o vs. 6), ela estará tirando vingança contra Moabe. O poder de Deus opera providências tanto negativas quanto positivas, conforme Yahweh intervém na história da humanidade. Ver Isa. 13.6 quanto a notas sobre o conceito que dita: "O céu controla tudo". A figura da força divina é crua e vívida. Moabe era como um pedaço de palha (algo sem valor) pisada em um monte de estrume, algo altamente degradante. Devemos compreender algum horror indizível feito por Moabe, para esse povo merecer tão horrendo tratamento. Moabe, localizada a leste de Israel, do outro lado do mar Morto, por toda a história tinha atribulado o povo de Israel, mas deve ter havido alguma ofensa especial que provocou os versículos à nossa frente. Ou então Moabe representa todos os que ofenderam a Israel.

25.11

No meio disto estenderá ele as mãos, como as estende o nadador. Moabe é agora pintado como um homem que estivesse nadando em um monte de estrume, um quadro de total humilhação e novamente declarado como algo proveniente da *mão de Yahweh.* Ver sobre *mão,* em Sal. 81.14 e no *Dicionário.* Ver também sobre *mão direita,* em Sal. 20.6, e sobre *braço,* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Moabe se tornara culpado de algum pecado gravíssimo e tinha de ser humilhado, e esse é o lado oposto da moeda da glorificação do santo remanescente de todas as nações que participarão nas bênçãos do Reino de Deus (vs. 6). Algumas estarão no banquete do Reino de Deus, ao passo que outras nadarão na colina de estrume, tudo dependendo dos ditames da lei da colheita segundo a semeadura. Ver o contraste entre orgulho e humildade, em Pro. 6.17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5; 21.4; 30.12. Obtemos a idéia de um nadador que se afoga em sua calamidade, incapaz de nadar para um lugar seguro (ver Sal. 69.1,2,14). A mão, neste caso, não é a mão de Yahweh, e as mãos espalmadas nada têm que ver com a cruz de Jesus, pois ambas são interpretações insensatas deste versículo.

25.12

E abaixará as altas fortalezas dos seus muros. A humilhação de Moabe, por parte de Yahweh, será como um exército que destrói as fortificações de um inimigo, derrubando as muralhas e saqueando tudo. Assim como os poderosos são humilhados em batalha, também Yahweh humilhará a Moabe, por causa de suas ofensas. Cf. Isa. 26.5 quanto aos mesmos sentimentos. Quir de Moabe era a grande fortaleza da nação moabita (15.1), e a idéia é que, onde estava o maior poder de Moabe, ali mesmo a mão de Yahweh o humilhou, pelo que a nação inteira foi castigada. O Targum universaliza estes versículos ao falar da humilhação da "poderosa cidade, as cidades das nações".

Capítulo Vinte e Seis

O *Pequeno Apocalipse* de Isaías, que ocupa os capítulos 24-27 do seu livro, continua aqui. O tema geral do capítulo 26 é o louvor prestado ao Senhor por Seus remidos, no Reino de Deus. Porém, podemos dividir isso em três subseções: 1. hino de gratidão pela vitória (vss. 1-6); 2. oração de petição e fé (vss. 7-19); 3. morte de Leviatã (26.20-27.1).

Hino de Gratidão pela Vitória (26.1-6)

Encontramos aqui um cântico de vitória (cf. Isa. 24.7-16a e 25.1-5). O oráculo foi apresentado como salmo processional, cantado quando o povo entrava em Jerusalém, a *cidade forte* (vs. 1; cf. Sal. 24.7-10). Dessa maneira, a vitória de Deus seria celebrada em meio a ações de graças, pois no Reino de Deus a salvação de Deus tinha sido alcançada. A vitória fora obtida pela derrota de adversários fortes. Os orgulhosos tinham sido humilhados, e os humildes tinham sido exaltados (ver Sal. 147.6 e Luc. 1.52). Assim a nação de Israel entrará nas bênçãos da era do Reino de Deus, e isso atingirá o remanescente das nações purificadas (ver Isa. 24.9,10; 25.1 ss., especialmente os vss. 6 e 7).

26.1

Naquele dia se entoará este cântico na terra de Judá. Durante a era do Reino (o período do milênio), Judá se tornará cabeça das nações, e Jerusalém será capital religiosa do mundo. Aqui essa cidade é chamada de "cidade forte", porquanto a força de Yahweh a terá feito assim. Ali predominará a salvação, porquanto Deus é a salvação de Israel, e também é o despenseiro do bem-estar e da segurança, de ordem tanto material quanto espiritual. Ver esse tema em Sal. 62.2 (nota de sumário) e também Sal. 3.8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23; 62.1,2,7; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7 e 149.4. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação.*

Haverá grande reversão da fortuna na elevação de Judá e no rebaixamento de outras nações que antes assediavam Israel (ver Isa. 25.1-5). Os humildes serão exaltados, e os orgulhosos serão rebaixados (ver Isa. 24.12,13; 25.2). Ver as notas expositivas em Isa. 25.11, onde apresento uma lista de referências sobre esse tema. Ver Isa. 5.1 e 12.4, onde Isaías falou como salmista. Os *muros e baluartes* de Jerusalém, naquele dia de triunfo, não serão tijolos e massa de pedreiro, mas qualidades espirituais, os elementos da salvação de Deus, Suas operações em favor de Seu povo. Cf. Isa. 60.18.

26.2

Abri vós as portas, para que entre a nação justa. Os portões da capital santa deverão ser abertos para a nação justa (Judá), que ocupará seu devido lugar como cabeça das nações, despenseira das bênçãos do reino para o resto do povo remido. Aqui temos uma "entrada triunfal" que nos faz lembrar de passagens como Sal. 24.7,8 e Mat. 21. Cf. Heb. 12.22; Sal. 118.19. "O clamor sai dos arautos do rei da Cidade Celestial, proclamando que os portões estão abertos para aqueles que eram dignos de entrar nela, ou seja, o povo justo é o único que poderá habitar na cidade de Deus (ver Sal. 15.1,2; 24.3,4; 118.19,20; Apo. 21.27)" (Ellicott, *in loc.*).

Que guarda a fidelidade. Ou seja, princípios justos como aqueles da lei, que servia de *guia* para Israel (ver Deu. 6.4 ss.) e tornava Israel uma *nação distinta* (ver Deu. 4.4-8). Alguns eruditos vêem aqui a "verdade do evangelho", a revelação mais alta, em Cristo Jesus.

26.3

Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz. Yahweh conferirá a paz à mente daqueles que passaram pela Grande Tribulação (capítulo 24) e então entraram nas glórias do Reino de Deus. De fato, eles desfrutarão aquela paz perfeita que ultrapassa todo o entendimento (ver Fil. 4.7). Essa paz vem juntamente com o triunfo sobre o erro, na liberdade de todo assédio. Ela será outorgada aos que tiverem mantido a mente fixada no Senhor, possuírem qualidades espirituais e compartilharem *Sua salvação* (vs. 1). Será dada àqueles que já tiverem aprendido a *confiar.* Sobre como esse termo é usado no Antigo Testamento, ver Sal. 2.12, onde apresento uma nota de sumário. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paz* e a nota detalhada sobre o verbete intitulado *Fé.*

> *Temos ganhado uma paz não abalada pela dor para sempre.*
> *Agora a guerra não terá nenhum poder. Seguro é o nosso*
> *avanço. Seguro, embora toda a segurança tenha-se perdido.*
> *Seguro, onde os homens caíram.*
>
> (Rupert Brooke)

Paz por estar firme na *Rocha* (ver Isa. 17.10; 44.8). Paz por estar seguro no *Refúgio,* que se encontra em nosso Deus (Sal. 46.1). Seguro, por estar *oculto* Nele (Salmo 69.17). Paz de quem está *escudado* no Ser divino (Sal. 3.3; 7.9,10; 84.8). Paz por estar protegido na *Torre* forte de Deus (Sal. 61.3) e devido às ministrações do Espírito, cujo *fruto* inclui a própria paz (ver Gál. 5.22).

26.4

Confiai no Senhor perpetuamente. Devemos confiar em Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso), o qual é a *Rocha* (ver no *Dicionário* quanto a amplos detalhes). Nele encontramos poderosa fortaleza, um lugar de refúgio e proteção. Ele é a *Rocha eterna,* e devemos confiar Nele *para sempre.* Cf. Isa. 26.4; 17.10; 44.8, e Sal. 18.2.

Rocha eterna, foi na cruz
Que morreste Tu, Jesus;
Vem de Ti um sangue tal
Que me limpa todo mal;
Traz as bênçãos do perdão;
Gozo, paz e salvação.

(Augustus M. Toplady)

"Que tremenda comunhão, que alegria divina, apoiado nos braços eternos", conforme diz um antigo hino evangélico. Estamos tratando aqui das maravilhosas obras de Deus, universalizadas na era do Reino (ver Isa. **25.1).**

26.5

Porque ele abate os que habitam no alto, na cidade elevada. Cf. este versículo com Isa. 25.12. Os humildes serão exaltados, e os orgulhosos serão abatidos. Em Isa. 24.21 encontramos o rebaixamento de elevados poderes espirituais e seus títeres, os reis terrenos. A cidade alta nos relembra Edom (Oba. 3) e Moabe (que acaba de ser ilustrada em Isa. 25.10-12). A Babilônia era uma fortaleza de iniqüidade, mas finalmente foi humilhada. Ver Isa. 25.2,12 **e** os capítulos 13 e 14. Elevados poderes humanos serão humilhados em contraste com a exaltação de Jerusalém (Isa. 26.1). O autor sagrado tomou **a** referência geral, a fim de poder preenchê-la com qualquer poder mundano que imaginemos. Os exaltados serão rebaixados ao pó e então serão pulverizados. Ver as notas sobre o vs. 1, cujas referências contrastam os humildes e os orgulhosos.

26.6

O pé a pisará; os pés dos aflitos. Os necessitados e oprimidos se tornarão os opressores do mal e pisarão a cidade sob os pés, porquanto Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso) é quem lhes dará o poder para tanto.

Então aqueles que foram feridos pela cidade caminharão por suas ruínas. Aqueles que foram empobrecidos pela cidade a pisarão sob os seus pés.

(NCV)

Cf. este versículo com Apo. 18.20 e Isa. 25.4. Ver também Mal. 4.3; Dan. 7.27 e Zac. 9.9.

Oração de Petição e Fé. Salmo Apocalíptico (26.7-9)

A vereda do justo é plana. Temos aqui um salmo por seus próprios direitos; uma petição similar aos Salmos 44, 60 e 74, que eram usados em tempos de calamidade. Cf. Joel 2.15-17 e I Reis 8.33,34. Nos vss. 8 e 9, bem como nos vss. 12-15, a comunidade santa proclama sua lealdade a Deus (cf. Sal. 44.17-22), porque Ele dá vitória sobre os opressores (Sal. 44.9-16,25). "A característica distintiva deste salmo é que o apelo não é apenas para a derrota do inimigo, mas para a ajuda de Yahweh, a fim de ser demonstrada de maneira espantosamente nova a ressurreição daqueles que tiverem morrido às mãos do inimigo (vs. 19). Isso indica a data para este salmo não muito distanciada de Dan. 12.2,3, no segundo século" (R. B. Y. Scott, *in* toa; ou podemos considerá-lo uma profecia que ultrapassava a teologia ordinária da época em que foi escrita).

Quanto à metáfora sobre *Caminho,* ver no *Dicionário.* Ver também o artigo chamado *Andar.* Quanto aos caminhos contrastados dos bons e dos maus, ver Pro. 4.27, onde apresento uma nota de sumário. Quanto à *metáfora da vereda,* ver Pro. 4.11, onde há outra nota de sumário. Yahweh é o *nivelador dos caminhos.* Ele faz o caminho dos justos ser plano e nivelado. É Ele quem prepara o caminho para o Seu povo. O remanescente andará de acordo com as leis de Deus (vs. 8), e o coração deles se fixará sobre o Ser divino (vss. 8-9), o que será o sucesso de seu andar, porque a vereda estará muito bem preparada para eles."... removei dela todos os impedimentos e obstruções; dirigi o avanço de Seu povo; ordenai seus passos e fazei que eles trilhem pelo caminho reto, onde nunca tropeçarão (Jer. 31.9); e essa é uma das razões oferecidas pelas quais o caminho dos justos é plano, pois foi o Senhor mesmo que assim o tornou" (John Gill, *in* toe). Portanto, este versículo descreve belamente o andar dos justos durante a era do Reino de Deus. O vs. 7 é um salmo de confiança em Deus. Cf. Sal. 9.19; 18.25-27.

26.8

Também através dos teus juízos, Senhor, te esperamos. Cf. este versículo a algo similar dito em Apo. 22.20. "Os castigos têm por desígnio beneficiar os castigados" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Isso ilustra a natureza do julgamento divino. Os juízos divinos são remediais, e não apenas retributivos, incluindo o julgamento dos perdidos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.* No meio dos julgamentos de outras nações, e deles mesmos, o povo de Israel continuou confiando no *Nome* (ver no *Dicionário* e Sal. 31.3; e ver sobre *Nome Santo,* em Sal. 30.4 e 33.21). O Nome representa a pessoa, seus atributos e qualidades. Os antigos pensavam que havia poder em um nome, e apenas pronunciá-lo podia efetuar alguma coisa.

"Te esperamos" é como diz o texto massorético. Os papiros do Mar Morto (manuscritos hebraicos) omitem a palavra "te", que, entretanto, pode ser compreendida. Então esse manuscrito também diz: "teu nome e tua lei", que talvez corresponda ao original hebraico. Normalmente, entretanto, os textos mais breves correspondem ao original, pois era apenas natural que os escribas adicionassem comentários. Ver no vs. 19 do presente capítulo sobre como os manuscritos hebraicos dos papiros do Mar Morto algumas vezes concordam com as versões, sobretudo com a Septuaginta, contra o texto massorético padronizado, compilado de manuscritos de uma época muito posterior. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.*

A memória de Yahweh, bem como a expectação da presença divina, são o desejo da alma do homem justo que verdadeiramente confia no Senhor (vs. 4). Isso fala de uma fé sentida no coração, e não de uma fé formal de leis e ritos. Ver Pro. 4.23 quanto à 1é de todo o coração". Seu nome revela Seu caráter e Sua vontade, e os homens se deleitam nisso, contanto que sejam justos.

26.9

Com minha alma suspiro de noite por ti. O *período noturno* é deleitoso para o homem bom. É um tempo de paz e expectação, um tempo de oração, reflexão e meditação. É separado da pressa e do calor do dia. Assim sendo, durante a noite, o homem bom *deseja* ter uma comunhão mais íntima com Deus. Conheço um pastor que, sempre que não está dormindo à noite, usa o tempo para orar e meditar. Os prazeres do espírito são mais doces que os prazeres da carne. O homem bom deste versículo diz que ele "buscava o Senhor, suspirando por Ele". Era um homem que tinha visto a tribulação, e assim aprendeu com os julgamentos do Senhor na terra. Portanto, esta parte do versículo reitera a idéia do vs. 8: um beneficio deve derivar dos sofrimentos. Os juízos divinos são remediais, e não meramente retributivos.

Quando a justiça vier à terra, os habitantes do mundo aprenderão a maneira certa de viver.

(NCV)

"A retribuição que sobrevém ao pecado humano tem deixado progressivamente claro como Deus olha para a vida e o que Ele requer dos homens. Tsso é muito mais eficaz do que a palavra falada. O julgamento divino revela a mente e a vontade de Deus. Quem pode negar que este século XX tem sido um tempo de julgamento do mundo?" (G. G. D. Kilpatrick, *in* toe). "Os homens raramente buscam a Deus quando desfrutam de prosperidade" (Adam Clarke, *in loc).* Cf. este versículo com Sal. 58.10,11 e Zac. 14.16.

26.10

Ainda que se mostre favor ao perverso, nem por isso aprende a justiça. O poeta prossegue aqui com o tema dos vss. 8 e 9. *Favorecer* o homem ímpio não o alerta para a pecaminosidade de suas ações e para a necessidade de mudança. Antes, o ímpio pensa que é invencível e, assim, continua a praticar suas formas especiais de iniqüidade. Mas um bom e bem colocado julgamento pode abrir imediatamente seus olhos. Embora a terra esteja vivendo em justiça, o homem perverso (que ainda não foi castigado) não aprenderá disso. Deus pode ensinar, através do julgamento, de maneira melhor do que se usasse outros meios. Mas Deus nunca fere senão para curar. Isso, todavia, não anula a noção da retribuição, que faz parte integral da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).* Se Deus pode

revelar Sua *majestade* por meio de favores e de Sua presença, que produz benefícios, Ele também revela isso em Seu julgamento. Deus está acima e além de tudo, e tem vários métodos para ensinar isso aos homens. O amor e a tolerância são fatores benditos, mas devemos lembrar que o julgamento é apenas um dedo da mão amorosa de Deus. Quando as pessoas desfrutam de conforto, raramente pensam muito em Deus. Instala-se então um estupor da complacência, que faz dormitar os ímpios e também os sentidos espirituais do homem bom.

26.11

Senhor, a tua mão está levantada, mas nem por isso a vêem. *A mão de Yahweh* ergue-se para abençoar ou julgar. A mão de Deus é símbolo de Seu poder. Os malfeitores nunca notam quando a mão de Deus se levanta, por qualquer propósito que seja. Não obstante, o Poder de Deus não está limitado. Os benefícios são dados aos bons, e os julgamentos são impostos aos maus. Os bons regozijam-se nos atos divinos, mas os ímpios são *envergonhados* por eles. A mão de Yahweh determina que o lugar dos ímpios é no fogo, e os ímpios são assim consumidos, quando poderiam prosperar. Existe um zelo divino pela justiça. Aquilo que Deus faz em favor de Seu povo deixa os ímpios confundidos e consternados. Ver sobre *mão* em Sal. 81.4; e ver sobre *mão direita em* Sal. 20.6. Ver também sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1.0 fogo, neste caso, pertence aos adversários de Israel. "Que o fogo consuma os teus adversários" (Septuaginta). Cf. Sal. 79.5. Ver também Isa. 9.18. Versículos como este, que retratam o julgamento em termos de fogo, levaram a mente hebraica a pensar sobre o fogo eterno no julgamento, para além do sepulcro. As chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque (um dos livros pseudepígrafos). Fazer o julgamento divino dar-se por meio de chamas literais foi um feaômeno crasso na teologia. Pois tentar fazer sofrer uma alma imaterial pelo fogo literal seria semelhante a jogar uma pedra no sol.

26.12

Senhor, concede-nos a paz. *Yahweh, o Deus Eterno,* ao tratar com o Seu próprio povo justo, em contraste com as chamas que castigam os ímpios, confere a *paz* (ver o vs. 3). Além disso, o homem bom estará fazendo a vontade de Deus e cumprindo Suas obras, porquanto é Deus quem opera nele o querer e o realizar. Assim, coincidem as obras humanas e as obras de Deus. Poderíamos dizer, pois, que essas obras pertencem à mesma equipe.

> *Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.*
>
> (Filipenses 2.13)

No contexto deste versículo, devemos pensar na obra da salvação, no livramento de todos os adversários e também na restauração, bênçãos próprias da era do Reino de Deus. Mas isso não deixa de fora as bênçãos temporais com as quais somos abençoados.

> *Tudo quanto temos realizado, tu as tens feito por nós.*
>
> (NIV)

26.13

Ó Senhor Deus nosso, outros senhores têm tido domínio sobre nós. Israel estava sujeita a seus próprios reis, alguns bons e outros maus, e também a reis de nações pagas. Mas para eles só havia um *Soberano* digno de ser mencionado, a saber, *Yahweh.* Os opressores podiam incluir falsos deuses pagãos. que Israel adorava, quer voluntariamente, quer forçados a fazê-lo em tempos de cativeiro. Mas, depois que tudo tinha sido dito e feito, quando as experiências da vida já haviam ensinado tudo quanto precisavam saber, eles terminavam celebrando somente o *Nome* de Yahweh. Ver no vs. 8 sobre ***Nome.***

> *Outros senhores, além de Ti,* ***nos*** *têm governado,* ***mas*** *honramos somente* ***a*** *Ti.*
>
> (NCV)

"... mediante a assistência do Teu Espírito, celebraremos o Teu nome, e Te agradeceremos pelo nosso livramento da servidão, da escravidão e da opressão de outros senhores" (John Gill, *in loc.).*

26.14

Mortos não tornarão a viver, sombras não ressuscitam. Os senhores anteriores e todos os homens ímpios estavam *mortos.* Esses não compartilharão a ressurreição (vs. 19). A palavra hebraica aqui traduzida por "mortos" é *refaim.* Poderia referir-se a *sombras,* no *sheol,* fantasmas que ficam rondando, mas sem real inteligência ou consciência. Ver sobre essa palavra no *Dicionário,* primeiro ponto. Cf. Isa. 14.9 ss., onde discuto o assunto longamente.

A doutrina do *sheol* passou por longo desenvolvimento. Usualmente, essa palavra significava apenas o sepulcro, mas talvez em lugares como Sal. 88.10 e 139.8 alguma espécie de vida inferior fosse retratada como existente no *sheol,* fantasmas que ficavam vagueando ao redor, mas privados de mentalidade, não sendo verdadeiras personalidades humanas. Ver Pro. 5.5 quanto a um sumário de como essa doutrina se desenvolveu. Ver também sobre o *hades.* Se o autor sagrado pensava aqui nos mortos como tendo algum tipo de vida, certamente não pensava que eles poderiam ressuscitar, o que lhes devolveria algum tipo de vida significativa. Ver as notas expositivas sobre o vs. 19. Cf. Dan. 12.2,3. Nesse ponto do livro de Daniel aparece a ressurreição tanto para os bons quanto para os maus, como também as noções de retribuição e recompensa, doutrina que surgiu no judaísmo posterior e foi mais desenvolvida ainda nos livros apócrifos e pseudepígrafos, até atingir o máximo de desenvolvimento nas páginas do Novo Testamento.

De acordo com a teologia deste versículo de Isaías (que foi ultrapassada, finalmente), os ímpios, quando muito, são fantasmas destituídos de mente no *sheol,* e não estão esperando pela ressurreição. Portanto, eles serão verdadeiramente destruídos. Contraste o leitor essa idéia com a esperança neotestamentária da salvação, sendo oferecida até no hades, pela descida de Cristo àquele lugar. Ver I Ped. 4.6 bem como o artigo *Descida de Cristo ao Hades,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Quanto mais a teologia se desenvolver, maiores razões teremos para ser otimistas sobre o futuro de toda a humanidade. A teologia continua crescendo, pois em Deus não há estagnação. E, juntamente com o crescimento das idéias, temos paralelo crescimento do otimismo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Restauração.*

26.15

Tu, Senhor, aumentaste o povo, aumentaste o povo. Em contraste com a destruição dos ímpios, os quais, quando muito (neste texto de Isaías), são pintados como fantasmas privados de mente no hades (vs. 14), temos o *crescimento* dos justos, pelo poder de Yahweh. Por duas vezes disse o autor sagrado: "aumentaste o povo". Está em vista a ampliação de Israel durante a era do Reino de Deus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Reino de Deus* e *Milênio.* Em razão da glória e dos benefícios crescentes dados pelo Senhor à *nação* de Israel, esse povo glorificará Yahweh, o Benfeitor deles. Suas fronteiras serão ampliadas, metafórica e espiritualmente. Talvez a plena dimensão da Terra Prometida será então atingida, conforme prometido no *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18). Mas a ampliação espiritual é o elemento principal em vista aqui. A nação de Israel perdeu-se na Assíria; Judá quase se perdeu na Babilônia. E então, durante a dispersão romana, Israel se perdeu "no mundo inteiro". Mas já em tempos modernos o poder de Deus começou a operar, e, atualmente, uma nação de dimensões respeitáveis foi restaurada à Terra Prometida. Suas fronteiras, entretanto, continuam pequenas, em comparação à extensão territorial prometida a Abraão. Além disso, as fronteiras espirituais continuam muito pequenas. Obras divinas maravilhosas ainda serão realizadas. O cumprimento desta profecia, que diz respeito ao povo de Israel, dar-se-á no milênio. Quanto à igreja, já se trata de um assunto diferente, até certo ponto, pois, no fim, a igreja e Israel terão destinos iguais, quando o povo de Israel converter-se ao Senhor, pois quem se converte a Cristo passa a fazer parte da igreja, em seu sentido espiritual.

> *Tu alargaste as fronteiras de nossa terra.*
>
> (NCV)

26.16

Senhor, na angústia te buscaram. "Sem Deus, o povo de Israel estava em agonia, impotente diante de seus opressores. Embora como mortos, eles serão ressuscitados por Deus, cuja *luz* iluminará a melancolia do desespero" *[Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

O versículo não salienta um tempo específico de aflição pelo qual o povo de Israel passou, por isso devemos compreender genericamente a questão: em tempos passados, antes da *época áurea,* Israel passou por várias provações. Muitas orações foram enviadas ao céu, quando o castigo caiu sobre eles, e agora, essas orações foram respondidas, conforme se evidencia pela redenção nacional. Ver Rom. 11.1.2. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração.* É ai que se concentram as ações. Portanto, continue o crente a orar. "Oração" é uma palavra peculiar no original hebraico, em Isa. 3.3 e 8.19, pois fala de um *encantamento sussurrado,* dito em voz baixa, o tom dos aflitos. Por conseguinte, estão em vista as orações dos aflitos, ou seja, *orações de desespero.* Essas orações foram ouvidas, e Israel foi levada à espaçosa terra do Reino de Deus, rejubilando-se. "Literalmente, uma oração sussurrada, uma fala secreta, suspiros secretos dirigidos a Deus, solicitando ajuda (ver Jer. 13.17; Deu. 8.16)" (Fausset, *in loc).*

26.17

Como a mulher grávida, quando se lhe aproxima a hora de dar à luz. A *aflição* (vs. 16) pela qual Israel passou é agora comparada às *dores de parto* que as mulheres dizem ser terríveis e, portanto, apropriadas para representar sofrimentos profundos. Essa é uma figura bíblica comum. Em Isa. 13.8 apresento notas expositivas sobre a questão e dou uma lista de referências que falam a respeito. Essa imagem, 'tal como em Mat. 24.8 e João 16.21, aparece como a imagem mais natural de uma expectação anelante e dolorosa, seguida por profunda alegria" (EHicott, *in toe.,* que nos apresentou assim uma nota muito perceptiva). Ver também Miq. 4.9,10-13; 5.1-3; João 16.21,22.

26.18

Concebemos nós, e nos contorcemos em dores de parto. Em tempos de aflição para Israel, esse povo sofria dores do parto. Houve muitas dores, mas nenhum resultado. Em vez da *alegria do nascimento da criança,* houve somente vento, isto é, *nada* se produziu. Também não houve livramento das dores. Os opressores deveriam ter caído por causa de sua iniqüidade, mas não caíram. As dores do parto apenas apertaram cada vez mais. Levando avante a figura, o parto, finalmente, foi concretizado. Israel entrará como uma *nova Nação* na *Nova Era,* a época áurea. Mas enquanto não houver *intervenção divina,* as expectações serão frustradas. Trata-se de uma obra maior do que a que pode ser realizada pelo desejo e labor humano. Enquanto Deus não pisar na cena, haverá somente reversões.

O que demos à luz foi vento. Alguns antigos acreditavam que o útero de uma mulher podia ser submetido a uma inflação de vento, que produzia uma falsa gravidez. Existe esse tipo de gravidez falsa, que dá todo o sinal de ser uma gestação, mas é apenas um processo psicossomático. Algumas mulheres ficam grávidas somente de esperança. O útero também pode ficar inchado por causa de tumores e infecções, bem como por excrescências gigantescas. A observação de tais fenômenos (que não resultam em nascimento) provavelmente está por trás da "figura sobre o vento", que aparece neste versículo. Os antigos pensavam que o inchaço devido ao vento era responsável pelo fenômeno da falsa gravidez.

26.19

Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão. O autor não se mostra claro sobre o que pensar quanto a algum tipo de sobrevivência da alma. O vs. 14, ao falar dos mortos ímpios, talvez tenha retratado alguma espécie de sobrevivência de fantasmas sem mente, que sobrevive diante da morte biológica, a vaguear pelo *sheol.* Ver as notas expositivas ali, bem como nos textos mencionados que podem falar sobre a mesma coisa. Quanto aos justos que morrem, podemos presumir que a mesma idéia de fantasmas destituídos de mente se aplicaria a eles. A diferença seria que o *corpo* (segundo dizem a versão siríaca e o Targum) dos justos seria ressuscitado, ao passo que o corpo dos ímpios não ressuscitaria (vs. 14, "Mortos não tornarão a viver"). O original hebraico tem aqui a palavra "corpo" no singular, mas os mortos são os *refaim* (ver o vs. 14 e também o *Dicionário),* postos no plural. Portanto, um singular, *corpo,* lado a lado com um plural, *refaim* (fantasmas destituídos de mente), é uma incongruência, e essa é a razão pela qual as versões mudaram corpo por "corpos".

Despertai e exultai, os que habitais no pó. É isto o que aparece no texto massorético, o texto hebraico padronizado usado na maioria das traduções. Mas o manuscrito hebraico dos papiros do Mar Morto diz: "Aqueles que habitam no pó despertarão e cantarão de alegria". A Septuaginta também contém essas palavras.

O Texto Massorético; Os Manuscritos Hebraicos dos Papiros do Mar Morto e as Versões. Existem dois manuscritos hebraicos incompletos que fazem parte da coletânea dos Papiros do Mar Morto. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do* e *Massora (Massorah); Texto Massorético.* O Texto Massorético é o texto hebraico padronizado que serviu de base para a maioria das traduções modernas. Todavia, trata-se de um texto muito recente. Os mais antigos manuscritos do texto massorético datam do século IX D. C. Ofereço uma lista dos mais proeminentes manuscritos desse texto no artigo intitulado *Manuscritos Antigos do Antigo Era Testamento,* no *Dicionário.* Por outra parte, os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto relativos ao livro de Isaías são mais antigos que o texto massorético em cerca de mil anos! Se confirmam a exatidão geral daquele texto, esses manuscritos algumas vezes concordam com as versões e discordam do texto padronizado. O presente versículo é um daqueles casos nos quais a Septuaginta e o manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto concordam contra o texto massorético. Isso significa que, pelo menos em alguns casos, o texto padronizado não concorda com os manuscritos hebraicos originais. Talvez tanto quanto 5% do texto massorético tenham-se desviado dos manuscritos originais, e as versões podem ser usadas para restaurar esses 5%, embora não sejam o único agente de restauração do texto hebraico.

Mas o fato de que a Septuaginta e certos manuscritos hebraicos concordam contra o texto massorético não prova que o texto massorético sempre labore em erro. Considerações como data e duplo testemunho, supomos, *usualmente,* quando esses dois testemunhos concordam contra o texto massorético, que eles representem o original hebraico que o texto padronizado perdeu.

Alguns exemplos de quando as versões e os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto concordam contra o texto massorético:

Por amor a um tratamento mais completo, apresento um gráfico acompanhante com mais de vinte exemplos desse fenômeno. Deve-se notar que geralmente é a Septuaginta que se alia aos manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto, e isso resulta em *duplo testemunho.* Mas outras versões também estão envolvidas e, de modo não infreqüente, várias se reúnem e fornecem *múltiplo testemunho.*

Ressurreição. O autor sacro fala dos *refaim* dos justos, e usa a mesma palavra empregada para apontar os espíritos fantasmagóricos no vs. 14; portanto, presumimos que ele não fez distinção entre os espíritos dos mortos perdidos e os espíritos dos mortos salvos. Quando os homens bons morrem, seus fantasmas destituídos de mente vão para o *sheol.* Mas haverá de chegar o dia em que o *sheol,* "a terra dos refaim", expulsará seus fantasmas, e então haverá ressurreição. Essa é a idéia da KJV, mas outras traduções não transmitem a idéia do *sheol* ou da terra expulsando os seus mortos. Por outro lado, a figura do trabalho de parto pode ser levada adiante aqui, pelo que ou o *sheol* ou a terra podem ser pintados como dando à luz a homens ressuscitados.

> O solo dará nascimento aos mortos nele sepultados.
>
> (NCV)

O teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos. Considere o leitor os cinco pontos seguintes:

1. O orvalho dá vida à terra, mas esse orvalho é *luz;* a luz incide sobre o escudo submundo e, ao iluminá-lo, libera os espíritos fantasmagóricos que estavam ali cativos.
2. Ou então, conforme outros compreendem a questão, o orvalho dá vida à terra, e é o orvalho da manhã que refrigera a terra e assim dá nascimento a novos corpos, por meio da ressurreição.
3. Alguns estudiosos vêem aqui a ressurreição como algo nacional, o reavivamento de Israel como nação, e não uma ressurreição individual. Nesse caso, o versículo seria paralelo a Eze. 37, a visão do vale dos ossos secos. Mas, comparando este versículo com o vs. 14, somos forçados a ver aqui a ressurreição dos mortos, embora isso não elimine a idéia da ressurreição nacional.
4. Deve ser rejeitada a interpretação que faz este versículo falar sobre os mortos ímpios. O vs. 14 já tinha dito que os mortos ímpios não ressuscitarão. Esse foi um estágio da doutrina da ressurreição ultrapassado conforme a idéia foi crescendo. Ver Dan. 12.2. Apo. 20.5, pois, separa as duas ressurreições — a dos salvos e a dos perdidos — por um espaço de mil anos, que corresponde ao período do milênio. Esse foi outro estágio da doutrina.
5. Mediante certa manipulação do versículo, podemos combinar as interpretações de números um e dois. A primeira parte do versículo, que fala sobre "corpos", pode referir-se à ressurreição. E a segunda parte do versículo pode referir-se ao *sheol,* que dará nascimento aos fantasmas que ali estão presos. Então, presume-se, as duas coisas correm juntas. Se esse for o caso, temos uma forma inicial da doutrina da sobrevivência da alma, com a subseqüente reunião a algum tipo de corpo.

Na verdade, não há como saber, com certeza, o que o autor sacro quis dizer. Mas creio que a posição de número dois, anteriormente, é a que nos dá o sentido da passagem, e o restante podemos compreender poeticamente. Seja como for, este versículo não é uma declaração cristã sobre a vida após a morte física, porquanto muitas informações que vieram à luz (através da revelação divina, da razão e da ciência) modificam ou aumentam as idéias deste versículo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ressurreição.* Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* os verbetes intitulados *Alma* e *Imortalidade.* Naquele lugar dou vários artigos sobre o assunto, incluindo dois que falam do ponto de vista científico. Ver também na *Enciclopédia* o artigo chamado *Experiências Perto da Morte,* que nos dá evidências em prol da existência da alma e sua sobrevivência diante da morte física.

Depois de analisar todas essas dificuldades de interpretação, não deveríamos perder uma das principais mensagens do presente versículo: haverá *alegria pela manhã.* A morte não mata. Os que se levantarem do pó sairão entoando cânticos de triunfo.

A Morte do Leviatã (26.20 - 27.1)

26.20

Vai, pois, povo meu, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sobre ti. Esta breve seção informa-nos que finalmente haverá grande triunfo sobre os inimigos de Deus, e os fiéis devem esperar por esse final com confiança.

OS ROLOS DO MAR MORTO EM ISAIAS

RMM = Rolo do Mar Morto

Referência	Texto Massorético	Acordo das Versões com os Rolos do Mar Morto contra o Texto Massorético
7.14	lhe **chamará** Emanuel	**ele** ou **eles** chamarão Emanuel. Não tem paralelo nas versões.
14.3	"arigústias"(Atualizada) A palavra hebraica tem significado incerto.	O RMM tem "fúria" (fúria tem terminado). A Septuaginta e Vulgata concordam.
15.9	**Dimom**	O RMM tem Dibom, apoiado pela Septuaginta e Vulgata.
19.18	**destruição** (cidade de destruição): a maioria dos manuscritos massoréticos	**Cidade do sol** é a leitura do RMM, apoiada por alguns manuscritos massoréticos epela Septuaginta e Vulgata.
21.8	ele gritou "Leão"	**O** RMM tem **o vigia** gritou, apoiado pelo Siríaco. Não há nenhuma referêcia a um leão.
23.3	a ceifa do **Nilo**	Um dos dois Rolos do Mar Morto tem Sidrom no lugar de Nilo, mas isto não tem o apoio de nenhuma versão.
23.10	**percorre... tua terra**	**cultiva... tua terra** é a leitura do RMM, que tem o apoio da Septuaginta.
33.8	as **cidades** são desprezadas	O RMM diz que suas testemunhas são desprezadas Esta leitura, todavia, não tem o apoio de nenhuma das versões.
37.20	tu somente, Senhor, é o **Senhor**	O RMM, tem "tu somente, o Senhor, é **Deus**". Esta leitura não é apoiada por nenhuma versão.
37.25	O texto massorético aqui é mais curto. Não tem as palavras "em terras estrangeiras".	A adição daquelas palavras se encontra no RMM, apoiada pela Septuaginta. A leitura completa é "Cavei poços em terras estrangeiras".
37.27	"telhados"sem adição é o texto massorético.	O RMM refere-se ao telhado como "queimado". Alguns dos manuscritos massoréticos e da Septuaginta têm esta leitura. Há outras variantes no texto massorético neste versículo, que tem sido mal preservado na tradição de textos.

OS ROLOS DO MAR MORTO EM ISAIAS

Referência	Texto Massorético	Acordo das Versões com os Rolos do Mar Morto contra o Texto Massorético
40.6	e **ele** disse	e **eu** disse, é a leitura do RMM, apoiada pela Septuaginta de Vulgata.
40.7-8	seca-se a erva, e caem as flores porque o Espírito do Senhor sopra sobre elas. Na verdade, o povo **é** erva; seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente.	O RMM, apoiado pela Septuaginta, tem um texto mais curto aqui: seca-se a erva, e caem as flores, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente. Normalmente, o texto mais curto é o original porque era mais natural para um escriba aumentar um texto do que diminuí-lo. Mas o caso aqui parece diferente. O texto mais curto eliminou o que parecia supérfluo.
45.2	Uma palavra hebraica de significado incerto é traduzida como "caminhos tortuosos", produzindo "endireitai os caminhos tortuosos".	O RMM, apoiado pela Septuaginta, tem: "vou nivelar as montanhas". Esta leitura poderia ser uma tentativa de fazer senso de um texto obscuro, ou representa o texto original que foi modificado (misteriosamente) no texto massorético.
49.12	da terra de **Sinim** é o texto massorético	No lugar de **Sinim,** o RMM tem **Aswan.** Todavia, esta leitura não recebe o apoio de nenhuma versão. Mesmo assim, alguns eruditos acham esta palavra original.
49.24	o **justo** (dado como **cativo legítimo** no KJV). "Possa a presa ser retirada do podero?" (RSV)	O RMM, apoiado pela Vulgata e Siríaco, tem "Possa o justo ser libertado dos furiosos", que representa um texto bastante diferente.
50.2	**seus peixes fedem,** a leitura do texto padronizado que chamamos de massorético.	O RMM e a Septuaginta têm: "seus peixes serão secados".
50.6	"Ofereci...as faces aos que me arrancavem os cabelos"	"Ofereci... as faces a varas feitas de ferro" é a leitura do RMM. A Septuaginta diz: "Ofereci... as faces aos açoites". Nenhuma versão tem a mesma leitura do RMM.

OS ROLOS DO MAR MORTO EM ISAIAS

Referência	Texto Massorético	Acordo das Versões com os Rolos do Mar Morto contra o Texto Massorético
51.19	"Por quem posso eu te consolar?	"Quem possa te consolar?", é a leitura do RMM apoiada pela Septuaginta, Vulgata e Siríaco.
52.5	os tiranos...**dão uivos...**	O RMM e a Vulgata têm: os tiranos **escarnecem,** que alguns eruditos aceitam como a leitura original.
52.6	**Por isso** o meu povo saberá o meu nome, **por isso...**	O RMM, apoiado pela Septuaginta e pela Vulgata omite o segundo por isso que, provalvemente, foi uma mudança para melhorar o estilo literário.
53.11	Ele verá o fruto do penoso o trabalho de sua alma...	O RMM e a Septuaginta acrescentam a esta frase, "ele verá a luz da vida", que parece ser um pequeno embelezamento do texto.
60.19	nem com o seu resplendor a lua te alumiará...	O RMM, Antigo Latim e o Targum acrescentam a esta frase "por noite". Estas palavras são exigidas por razões métricas, mas mentes prosaicas, ignorando a forma poética do texto, eliminaram-nas como supérfulas.
61.6	na sua glória vos gloriareis (Atualizada), interpretando um hebraico difícil. Alguns dão "agem orgulosamente".	O RMM, a Vulgata, o Siríaco e o Targum interpretam "gloriará", possivelmente significando, "se embelezar", mas para obter esse significado precisamos de ajuda de uma emenda das palavras.
62.10	Passai, passai...	O RMM e a Septuaginta omitem o segundo imperativo como supérfulo, mas o texto original provavelmente tinha o duplo imperativo para efatizar a idéia.
63.11	Onde está aquele que os fez subir do mar com o pastor...	O RMM, alguns manuscritos da tradição da Septuaginta **e** o Síriaco omitem **os.**

OS ROLOS DO MAR MORTO EM ÍSAIAS

Observações:

1. Existem dois rolos da coleção dos Rolos do Mar Morto que representavam Isaias. Estes manuscritos predatam os mais antigos representantes do texto massorético por 1000 anos! Obviamente, têm um número de leituras que representam o texto original, que o texto padronizado (massorético) perdeu.

2. Os Rolos do Mar Morto são manuscritos **hebraicos,** não versões do hebraico. Mas são manuscritos hebraicos muito mais antigos do que o texto padronizado de eras posteriores.

3. O texto massorético, sem dúvida, às vezes, é correto contra os Rolos do Mar Morto. O gráfico apresentado aqui ilustra este fato. Data não é o único instrumento da critica textual.

4. O fato mais significante do gráfico é a demonstração que, freqüentemente, quando os Rolos do Mar Morto diferem do texto massorético, eles têm apoio de uma ou mais versões. Devemos nos lembrar que as versões foram traduzidas de manuscritos hebraicos muito mais antigos do que o texto massorético. Os Rolos do Mar Morto nos ensinaram que devemos respeitar as versões mais do que costumeiro.

5. Antigamente, muitos eruditos pensaram que o texto hebraico do Antigo Testamento tinha somente uma linha de descida, isto é, aquela representada pelo texto massorético. Mas os Rolos do Mar Morto demonstraram que aquele texto é uma **padronização** de linhas de descida, não representante de uma única família de manuscritos.

6. Fatos para observar: 1. Existiam diversas linhas de descida de manuscritos na tradição do Antigo Testamento. 2. As versões às vezes concordam com uma linha ou família de manuscritos que difere do texto massorético. 3. Obviamente, às vezes, retêm leituras originais que o texto massorético perdeu.

7. O gráfico apresenta somente 26 variantes. Elas representam um número muito maior. Talvez os Rolos do Mar Morto difiram do texto massorético em 5% do texto do total.

8. Em Isaias, os Rolos do Mar Morto não representam nenhuma diferença "terremoto", quando comparados ao texto massorético. Em outros livros do Antigo Testamento, as diferenças são mais radicais. Mesmo assim, a história e o ensino do Antigo Testamento não são afetados seriamente.

9. Ver os seguintes artigos no *Dicionário* para maiores detalhes:
Mar Morto, Manuscritos (Rolos) de; Manuscritos Antigos do Antigo Testamento; e Massora (Massorah); Texto Massorético.

Leviatã, o monstro mitológico, entra em cena, e isso mostra que o profeta não hesitou em tomar por empréstimo alguns elementos da mitologia para ilustrar sua mensagem. Dou no *Dicionário* um artigo sobre *Leviatã,* que nos fornece todos os dados sobre esse conceito, os quais não repito aqui. Esse animal mitológico era visto, dentro da literatura ugarítica, como um inimigo da ordem da criação. Yahweh, porém, tem o poder para fazer parar o *caos* e impor a harmonia de uma nova criação, isto é, a era do Reino de Deus. Isa. 27.1 tem detalhes bastante similares aos da versão cananéia do mito, pelo que, de forma bem definida, há aqui um empréstimo literário feito pelo profeta.

O *caos generalizado,* especialmente aquele exemplificado na *Grande Tribulação* (capítulo 24), é algo temível, pelo que o oráculo recomendou que Israel fugisse para as câmaras interiores de suas casas e fechasse as portas atrás de si. Eles deveriam ficar ali ocultos até que "passe a ira" (o que, quase certamente, é uma referência ao capítulo 24 de Isaías). A harmonia do *Novo Dia* só poderia aparecer quando os opressores de Israel fossem abatidos, quando o caos fosse derrotado (vs. 21 e 27.1). Isso nos faz lembrar da história de Noé e da arca. As chuvas da tribulação forçaram as pessoas e os animais a recolher-se na arca, até que um Novo Dia raiou. "Assim como os homens buscam o recesso mais interior de seus lares, enquanto a temperada varre a cidade, deveriam buscar Deus naquela solidão, até haver passado a grande tempestade de Sua indignação" (Ellicott, *in loc.*).

26.21

Pois eis que o Senhor sai do seu lugar, para castigar a iniqüidade dos moradores da terra. *Todos os pecados virão à luz;* as iniqüidades ocultas e os crimes de sangue, todas as opressões das nações contra Israel, todos os pecados individuais e nacionais serão conhecidos e julgados. A terra dará testemunho contra os homens! "O dia está às portas! À luz da longa história de opressão de Israel, a humanidade será julgada pelo pecado de Caim (ver Gên. 4.9-12; Luc. 11.51)" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). Diz o Targum: "A terra revelará o sangue inocente que é derramado sobre ela, e não mais cobrirá os seus mortos".

Capítulo Vinte e Sete

27.1

Naquele dia o Senhor castigará com a sua dura espada... o dragão. Este versículo pertence ao parágrafo iniciado em Isa. 26.20. O *caos* também terá de ser derrotado. Para ilustrar o fato, o profeta usa uma referência mitológica, o temível monstro *Leviatã* (ver a respeito no *Dicionário*, bem como as notas adicionais de Jó 41.1). Há cinco referências a esse monstro marinho nas páginas do Antigo Testamento. Além destas três referências (este versículo, duas vezes; e então em Jó), temos Sal. 74.14 e 104.24. O nome cananeu desse monstro mitológico é *Lotan.* De acordo com a versão cananéia, o monstro é morto com um cacete, mas aqui é morto com a espada de Yahweh, o qual, pessoalmente, extinguirá a desarmonia e o caos, antes que chegue o Novo Dia. Sal. 74.13,14 pode refletir a versão cananéia, com a qual a versão babilônica é muito parecida.

No tablete I AB de Ras Shamra, encontramos as seguintes palavras:

> *Quando tiveres ferido a L-t-n, a serpente que foge, (e) tiveres dado fim à serpente que se retorce, a poderosa com sete cabeças...*

Note o leitor os paralelos verbais, *que foge* e *que se retorce.* A versão hebraica não menciona as sete cabeças, mas Sal. 74.13 tem algo similar. Ali o monstro, nas diversas versões, é um monstro marinho, ou, algumas vezes, personificado pelo mar. Ver Amós 9.3.

As palavras "que foge" significam "rápida". Portanto, a imagem é de um monstro muito veloz, que se contorce como uma serpente. Os intérpretes tentam identificar esse monstro com um império específico, tal qual a Babilônia ou o Egito, mas isso é limitar demais a questão a coisas terrenas, pois está em foco o caos sobrenatural.

A morte desse monstro, além de simbolizar o ato de livrar o mundo do *caos cósmico,* também fala da derrota de todos os inimigos de Deus, que são os agentes do caos e da iniqüidade neste mundo. Com a morte do monstro leviatã, será firmada a soberania de Deus, sem nenhuma oposição neste mundo, o que é necessário para que a era do Reino de Deus seja trazida, bem como as eras eternas que se seguirão.

Vários Nomes do Monstro. Leviatã (ver Jó 41.1; Sal. 74.14 e 104.24; Isa. 27.1); *Raabe* (ver Jó 9.13; 26.12,13; Isa. 30.7; 51.9; Sal. 89.10); *Tanim,* usualmente traduzido por "dragão" ou monstro (ver Isa. 51.9; Eze. 29.3; 32.2; Sal. 74.13; Jó 7.12). Além disso, o mar é personificado como monstro (ver Isa. 51.10; Hab. 3.8; Sal. 74.13; Jó 7.12; 26.12; 38.8. Cf. Apo. 21.1).

Continua aqui o Pequeno Apocalipse de Isaías. Essa seção ocupa os capítulos 24-27. Ver a introdução à seção na introdução ao capítulo 24.

A Vinha do Senhor (27.2-6)

27.2

Naquele dia dirá o Senhor: Cantai a vinha deliciosa! Já vimos sobre essa figura, em Isa. 5.1-7, mas ali é dada a idéia oposta. A rebelde e apóstata nação de Israel é retratada como uma vinha que azeda e nada produz, a despeito de todas as provisões divinas. Mas aqui temos uma boa vinha, que Yahweh protege de espinhos, ou seja, de inimigos. O texto hebraico é problemático, tendo sofrido, como é patente, alguns antigos erros de escrita, ou então, desde o princípio, erros primitivos. A Septuaginta tem variantes significativas, algumas das quais poderiam representar o texto original.

A vinha é saudável e produtiva, um deleite para o vinhateiro; portanto, que seja levantado um cântico de louvor em sua honra. Isso deve ser contrastado com o quadro entristecedor de Isa. 5.1-7. Os tempos provocaram uma mudança; o terror chegou; o remanescente de Israel foi purificado (capítulo 24). Agora estamos em um novo *dia,* um dia escatológico, pelo que seja entoado um cântico de louvor. "O profeta aparece novamente (tal como em Isa. 26.1) como o compositor do hino do dia futuro de triunfo dos remidos. Ele tinha entoado um cântico fúnebre sobre a vinha infrutífera e entregue à desolação. Mas agora ele transforma o lamento em um poema" (Ellicott, *in loc.*).

27.3

Eu, o Senhor, a vigio e a cada momento a regarei. Yahweh é o plantador e o vigia da vinha; Ele a rega continuamente, garantindo-lhe cuidado e atenção, em uma base diária. Ele estabelece um posto de vigia, a fim de que nenhum destruidor se aproxime para praticar alguma coisa atrevida, montando vigilância dia e noite. As chuvas são abundantes, e há um sol adequado, mas sem excessos. Foram providas todas as condições apropriadas ao desenvolvimento e à frutificação.

> *Que mais se podia fazer ainda à minha vinha, que eu lhe não tenha feito?*
>
> (Isaías 5.4)

Cf. Can. 8.12 e Osé. 14.5-7. "Que privilégio é estar em uma plantação como essa, regada e defendida pelo próprio Senhor!" (John Gill, *in loc.*).

27.4

Não há indignação em mim. Yahweh se sentia feliz com a Sua vinha; Ele não guardava nenhuma ira contra ela, conforme se vê em Isa. 5.1-7. "Se alguém fizer uma muralha de espinhos na guerra, eu marcharei para ela e a queimarei" (NCV). Se qualquer inimigo vier em movimento para danificar a vinha, isso será considerado um ato hostil de guerra, e o Senhor dos Exércitos aniquilará o inimigo que ousou planejar contra a vinha.

Quem me dera espinheiros e abrolhos. Ou seja, os inimigos de Israel que procurassem fazer o mal, o adversário ímpio: Isa. 9.18; 10.17; II Sam. 23.6. O ataque não mais seria contra a vinha infrutífera, mas contra qualquer fator perturbador que atacasse do lado de fora. O inimigo é pintado como plantas daninhas que prejudicassem a vinha, mas também fossem altamente inflamáveis, ou seja, de fácil eliminação.

27.5

Ou que homens se apoderem da minha força, e façam paz comigo. Uma palavra *graciosa* é aqui dirigida aos inimigos potenciais de Israel. Se eles, como a vinha, fizessem de Yahweh seu refúgio e fortaleza, sua proteção, conforme Israel tinha feito, então a paz poderia ser estabelecida. Yahweh convidou-os aqui a estabelecer com Ele paz, e não guerra. Então as bênçãos se multiplicariam e, presumivelmente, haveria nova vinha de produtividade, ou os inimigos tornar-se-iam parte da bendita vinha de Israel, visto que de Israel fluiriam benefícios espirituais, quando Jerusalém, uma vez mais, se tornasse o centro espiritual do mundo. Ver Isa. 26.9. O vs. 6, em seguida, subentende a mesma coisa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paz,* e cf. 9.6 e 26.3,12.

27.6

Dias virão em que Jacó lançará raízes. A vinha agradável e produtiva (Israel) lançará raízes, pelo que terá todas as condições necessárias para o crescimento e a produtividade. Surgirão a inflorescência e o botão, e a frutificação será grande. O mundo inteiro ficará cheio desse fruto, pelo que haverá universalização que beneficiará todos os povos. "Quando chegar a era do Reino,

então Jacó (sinônimo de Israel) será produtivo de novo (cf. Isa. 35.1-3,6,7; Amos 9.13,14; Zac. 14.8), a nação por meio da qual Deus abençoará o mundo (cf. Gên. 12.3)" (John S. Martin, *in* toe, que se refere a uma das provisões do pacto abraâmico; ver sobre isso em Gên. 15.18).

> *Ora, se a transgressão deles redundou em riqueza para o mundo, e o seu abatimento em riqueza para os gentios, quanto mais a sua plenitude!*
>
> (Romanos 11.12)

"A restauração deles será como as 'riquezas dos gentios' (Rom. 11.12; Osé. 14.6)" (Ellicott,//) toc.|

Significado dos Sofrimentos de Israel (27.7-11)

27.7

Porventura feriu o Senhor a Israel como àqueles que o feriram? Provavelmente não devemos entender aqui que a vinha agradável e produtiva, mencionada nos vss. 1-6, agora estivesse ameaçada de julgamento. Esta breve seção é um oráculo separado que explica por que Israel tinha de sofrer. Yahweh cuida de Seu povo, e parte desses cuidados consiste em aplicar disciplina, sob forma de castigo, sempre que necessário. Isso posto, os julgamentos divinos são os dedos da amorosa mão de Deus, e não medidas destruidoras sem possibilidade de redenção. Israel, pois, seria ferida, tal como seus inimigos seriam feridos. É preciso que haja justiça. Este versículo, apresentado como indagação, tem por intuito fazer distinção entre os tipos de punição que atingiam Israel e seus adversários. A restauração segue-se à punição que atinge Israel, o que, presumivelmente, não se segue à punição que atinge seus inimigos. Mas o Novo Testamento reverte até mesmo esse quadro lamentável, porquanto o Novo Testamento prevê que o amor universal (ver João 3.16) apagará tais distinções. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração*. Todos os julgamentos divinos são remediais, e não apenas retributivos, e é precisamente isso que poderíamos esperar de Deus, pois Deus *é* amor (ver I João 4.8).

27.8

Com xô! xó! e exílio o trataste. Deus sempre julgará Israel de acordo com a medida correta, tendo em vista o benefício desse povo, e não a sua destruição. "Medida por medida" é como dizem as traduções do siríaco, da Vulgata Latina e do Targum, para explicar uma palavra hebraica de significado incerto. A Septuaginta diz aqui "com guerra", o que concorda com o que se segue. Dois *exílios* foram sofridos depois dos ataques de inimigos estrangeiros. A nação do norte, Israel, foi atacada e levada para o exílio pela Assíria (722 A. C). Então Judá sofreu o mesmo tipo de tratamento por parte da Babilônia (596 A. C). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico.* Foi a apostasia que causou essas medidas drásticas, mas elas não assinalaram o fim da história. Jesus reverteu o cativeiro assírio (ver Mat. 4.15,16), e ainda haverá outros atos restauradores para possibilitar a era do Reino. Os julgamentos atingiram Israel como o sopro violento do vento que vem do deserto. O vento oriental, tão forte e quente no Oriente Próximo, fala, no Antigo Testamento, de testes e julgamentos. Mas aquele vento foi um *sopro* que visava o "bem" de Israel. O vento de Deus só soprou tão forte e por tanto tempo quanto redundasse para o bem final de Israel. Aqui o vento é a agência dos cativeiros. Os captores vieram do *leste* (estritamente falando, do nordeste).

27.9

Portanto, com isto será expiada a culpa de Jacó. O propósito do vento hostil não era operar uma hostilidade final contra Israel, mas soprar para longe a palha e assim restaurar o grão. Jacó tornou-se profundamente culpado em sua apostasia, e isso provocou o sopro de Yahweh contra ele. Mas esse sopro foi curador e removeu a culpa. O incidente todo envolveu *expiação* (ver sobre essa palavra no *Dicionário).* Com a remoção do pecado, haveria *fruto pleno* na vinha. O pecado principal era a idolatria, conforme o presente versículo deixa claro. O julgamento divino esmagaria todos aqueles ídolos e os transformaria em pedaços. Apesar de ser uma situação extremamente complexa (pois havia muitos deuses envolvidos na adoração idolatra em que Israel caiu), as *Aserás* são destacadas para falar da situação toda. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deuses Falsos,* III.4. Quanto a notas adicionais a respeito, ver I Reis 14.15. Ofereço notas expositivas abundantes naquelas referências, e não repito o material aqui. Havia muitos altares dedicados a muitos deuses, e as colunas de Aserá, símbolos de madeira da deusa cananéia da fertilidade, estavam entre os mais crassos tipos de idolatria que enganaram o povo de Israel.

27.10

Porque a cidade fortificada está solitária. *Jerusalém,* a alegada capital do culto a Yahweh, tinha caído em vergonhoso paganismo, fazendo com que Judá se tornasse apenas outra nação paga, perdida estava sua distinção como nação de Deus. Ver quanto a essa distinção em Deu. 4.4-8, com base na possessão e na prática da legislação mosaica. Jerusalém tinha sido fortificada para resistir a invasões dos inimigos, mas sem a proteção de Yahweh, como Sua "possessão distintiva", foi facilmente invadida, saqueada e levada cativa para a Babilônia. Assim sendo, a cidade que tinha sido agradável habitação para o povo foi transformada em deserto, que só tinha préstimo para servir de campo de pasto aos animais domesticados. E o pouco de erva verde que restou tomou-se alimento para os animais. Cf. esse simbolismo com Isa. 13.21,22, condição na qual a gloriosa Babilônia foi deixada, finalmente. Ver Isa. 25.2 quanto a uma predição de condenação semelhante para o povo de Deus. "O quadro da *desolação* — os animais agora se alimentavam onde tinham sido as ruas agitadas de uma cidade populosa" (Ellicott, *in* toe).

27.11

Quando os seus ramos se secam, são quebrados. A relva verde do lugar tinha sido destruída. Os ramos das árvores se ressecaram e estavam mortos. As mulheres (as poucas que sobreviveram e permaneceram na área) vinham e faziam fogueiras dos galhos e dos ramos secos das árvores. Aquele povo adquirira uma mente crassa e teimosa, pelo que Yahweh os julgou incansavelmente, sem compaixão, porquanto uma operação radical era a única coisa que poderia curá-los. Foi necessário que Deus suspendesse temporariamente Sua compaixão, porque a ira foi o ápice da operação. No entanto, foi também uma faca misericordiosa, pois o julgamento não era uma finalidade, mas um meio de promover um novo dia.

O Dia da Colheita e a Última Trombeta (27.12-13)

27.12-13

Naquele dia em que o Senhor debulhará o seu cereal. O Pequeno Apocalipse de Isaías (capítulos 24-27) termina com esta nota. Trata-se de uma promessa escatológica de livramento. Dois versículos retratam a questão. "No vs. **12, a** figura de um dia final de colheita (cf. Joel 3.13; Mat. 13.39; Apo. 14.15) proclama a separação, não entre justos e ímpios, entre judeus e seu meio ambiente pagão, e a reunião deles como *filhos de Israel.* No vs. 13, a *grande trombeta* conclama os filhos de Israel à adoração (cf. Joel 2.15 e Sal. 81.3). Essa convocação é à paz e à adoração, e não à guerra (cf. I Sam. 13.3), chamando-os do exílio para fora das fronteiras ideais das terras de Israel, que eram: o rio Eufrates (cf. Gên. 15.18) e o ribeiro do Egito, o wadi-el-'Arish, 80 km a sudoeste de Gaza" (R. B. Y. Scott, *in* toe). Entretanto, o rio do Egito, o Mto, era a fronteira ideal com Israel. Ver sobre as provisões do *pacto abraâmico* nas notas de Gên. 15.18. De fato, as fronteiras de Israel chegaram ao wadi-el-'Arish, mas não às fronteiras ideais, o rio Nilo. É curioso que o profeta reduziu a visão das fronteiras ideais (vs. 12) do Nilo (conforme fora prometido), ao wadi. Ver o *Dicionário* chamado *Ribeiro do Egito* (bem como o artigo chamado *Egito, Ribeiro),* quanto a detalhes.

No monte santo em Jerusalém. Esta cidade se tornará a capital do mundo religioso na era do Reino, ou milênio. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Milênio.* Ver as notas expositivas sobre Isa. 24.23, onde desenvolvo o tema.

Capítulo Vinte e Oito

Judá e Efraim no Futuro Próximo (28.1 - 35.10)

Catástrofes e Livramentos (28.1 - 33.24)

A seção de Isa. 28.1 - 35.10 contém uma série de *oráculos* acerca de Judá e Efraim. Isa. 28.1-13 manifesta-se contra os líderes religiosos. Começamos com um oráculo sobre Efraim (Samaria), proferido antes do assalto dos assírios (II Reis 17.5). Então encontramos um oráculo mais longo contra Judá. Quanto a isso, ver Isa. 22.1-14. Os vss. 1-13 fornecem a lição que os dissolutos devem aprender. Os vss. 1-4 tratam da Samaria; e então os vss. 5-10 falam dos líderes dissolutos e desafiadores de Judá. Os vss. 11-13, por sua vez, oferecem severa ameaça de invasões estrangeiras. "Nada há de obscuro sobre a mensagem do profeta. Tal como os orgulhosos e dissolutos líderes de Efraim tinham sido derrubados como que por uma tempestade enviada por Yahweh (vss. 1-4), assim também as rebeldes autoridades de Judá, que se recusavam a ouvir (vss. 7-10), aprenderiam a lição à força, devido ao linguajar bárbaro de um invasor. Alguns vêem os vss. 1-13 como se tratassem da nação do norte, Israel, ao passo que os vss. 14-19 tratariam da nação do sul, Judá. Os julgamentos divinos tinham por propósito encorajar o arrependimento (vss. 23-29) e então vingar-se de seus opressores.

28.1

Ai da soberba coroa dos bêbados de Efraim. Uma interjeição de dor, de condenação e de dor. Ver Isa. 5.8.

Símbolos. Que o leitor examine estes quatro pontos:

1. Efraim é comparado a um *bêbado*. O *reino do Norte* tinha-se envolvido em toda a espécie de excessos, que o haviam intoxicado; assim sendo, estava insensível para com a antiga fé.
2. Eles usavam uma *coroa orgulhosa* de fingimento e hipocrisia. Talvez seus líderes sejam especialmente destacados por essa palavra. Ou então a coroa é uma referência direta a Samaria, a capital, cidade governante do norte. A corrupção do país era pior na capital, embora o país inteiro (representado por Efraim, a tribo mais poderosa) se tivesse transformado em um bando de bêbados.
3. A coroa era feita de *flores que murchavam*. Era uma coroa transformada em dissolução, e seu fim se aproximava, pois a questão estava morta. "As muralhas que cercavam a colina de Samaria se assemelhavam à coroa que rapidamente se estragava na cabeça de um libertino" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). Cf. isso com Amós 3.9,15. O que tinha sido beleza em Samaria caía na morte.
4. A coroa estava na cabeça dos vales ricos que produziam vinho em abundância. O vinho tinha vencido os habitantes, transformando-os em um bando de bêbados. Aqueles iníquos tinham jogado fora sua substância, material e espiritual, trocando-a por dissolução e apostasia. Apesar de termos nesta passagem uma figura simbólica, compreendemos que o alcoolismo excessivo se tornara uma característica comum dos habitantes do reino do norte, Israel.

> *Vamos afogar-nos com vinho e unguentos caros;*
> *E que nenhuma flor da primavera passe por nós:*
> *Vamos coroar-nos com os botões de rosa,*
> *Antes que eles se ressequem.*
>
> (Sabedoria 2.7,8)

"Samaria situava-se em uma colina rodeada por ricos vales que formavam uma coroa (I Reis 16.24); mas uma coroa de flores estava murchando, conforme sempre acontece, porquanto Efraim estava bem perto da completa ruína (cf. Isa. 16.8)" (Fausset, *in loc.*).

28.2

Eis que o Senhor tem certo homem valente e poderoso. Agora Yahweh aproximava-se como se fosse uma *grande tempestade*, e assim como Ele é Poderoso, outro tanto seria a tempestade; era uma tempestade de saraiva que destruiria rapidamente tudo quanto estivesse em sua vereda; era uma tempestade forte que fazia os rios inundar as margens e derrubaria Efraim irreparavelmente. Dessa maneira, ficou simbolizado o exército assírio. Quanto ao exército assírio como agente da retribuição divina, ver Isa. 8.7,8 e 25.4. Diz o Targum: "Assim certo povo viria contra eles e os removeria de sua própria terra para outra, por causa dos pecados que estavam em suas mãos".

28.3

A soberba coroa dos bêbados de Efraim será pisada aos pés. Este versículo interpreta a mensagem do vs. 1. "A soberba coroa" (Samaria) seria pisada, como um bando de bêbados insensatos, pelo exército assírio. Se essa coroa tivesse algum valor, seria desconsiderado, e a destruição seria completa.

> *Aquela cidade, o orgulho do povo bêbado de Israel, seria pisada aos pés.*
>
> (NCV)

28.4

A flor caduca da sua gloriosa formosura. Este versículo reitera a essência do vs. 1 (a flor que murchava, o vale rico) e usa outra figura simbólica para descrever a queda de Samaria. Um homem vem chegando e vê os primeiros figos maduros, antes do começo do verão, e os devora. Tais figos eram considerados deliciosos. Portanto, temos aqui o quadro de um estranho a andar entre as árvores frutíferas. Ele não é o proprietário nem tem coisa alguma que fazer ali, mas viola a plantação e devora alguns dos frutos escolhidos, antes que o proprietário tenha a oportunidade de fazer a colheita. Quanto aos primeiros figos como uma delícia, ver Osé. 9.10; Jer. 24.2 e Miq. 7.1. O exército assírio chegaria de repente sobre a plantação de figueiras (o norte) e a saquearia, e qualquer coisa de valor seria levada para a Assíria. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro Assírio*.

28.5

Naquele dia o Senhor dos Exércitos será a coroa de glória. A *falsa coroa* e a beleza, mencionadas no vs. 1 deste capítulo, são agora contrastadas com o *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15 e o artigo com esse nome, no *Dicionário*), o qual é a verdadeira coroa da glória; ele é o verdadeiro diadema de beleza que a massa do povo israelita rejeitara. Mas o Senhor será acolhido pelo pequeno remanescente de Israel. Os vss. 5 e 6 podem ter sido adições de algum editor, e a referência pode ser a Judá, conforme sugere a menção ao remanescente. Alguns estudiosos, porém, fazem com que o remanescente seja ao tempo da restauração vinculado à era do Reino de Deus. Kimchi pensava que este versículo falava dos tempos do Messias. Portanto, "naquele dia" significaria "naquele dia escatológico", no fim de nossa era. Diz o Targum: "Naquele dia o Messias do Senhor dos Exércitos será uma coroa de alegria". Isso só poderia ocorrer se realizado pelo poder do General dos Exércitos dos céus.

28.6

Será o espírito de justiça para o que se assenta a julgar. A promessa ao remanescente (vss. 5-6) parece estranha entre as ameaças contra as nações do Norte, Israel, e do Sul, Judá. Além de ser uma coroa de beleza para o remanescente, o *Senhor dos Exércitos* também será o *espírito de justiça* que garantirá um governo reto durante a era do Reino. Ele será o poder por trás de um trono justo e também o *protetor* fazendo os inimigos retroceder dos portões da cidade. Justiça e paz são os caros desejos do coração de homens bons, bem como das massas populares que não controlam armas de guerra. A concretização desse ideal é uma das esperanças da era messiânica (ver Isa. 2.4; 9.7; 11.1-9; 32.16-18). "Yahweh inspirará seus magistrados com justiça, e Seus soldados com força de espírito" (Fausset, *in loc.*). Cf. II Sam. 11.23 e II Reis 18.8.

A Denúncia contra Judá (28.7-10)

28.7

Mas também estes cambaleiam por causa do vinho. Este versículo resume a mensagem de repreensão do vs. 4; mas agora a mensagem divina dirige-se contra Judá. Alguns intérpretes, entretanto, pensam que ela se dirige à nação do norte, Israel. "Este seção dá continuação aos vss. 1-4, mas é um recado contra Judá. O hedonismo desenfreado de Samaria tinha paralelo na nação de Judá, cujos destemperados líderes religiosos eram incapazes de fornecer orientação responsável (cf. os vss. 9 e 10). Sacerdotes e profetas, presumivelmente *oponentes* de Isaías (ver Jer. 26.7-9), ressentiam-se da atitude condescendente do profeta" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

Efraim tinha sido apodado de um bando de bêbados, e agora aprendemos que a nação de Judá não era em nada melhor que isso. Até os sacerdotes e profetas ocupavam-se dos excessos e do deboche, encorajados pela exagerada ingestão de bebidas alcoólicas. Vinho demais deixara a mente deles confusa, levando-os a cambalear vergonhosamente defronte de outras pessoas. Os profetas começaram a transmitir profecias falsas, pois estavam confusos e não mais podiam falar em nome do Ser divino. Os juízes tinham perdido a capacidade de julgar, dando falsas sentenças e encorajando a iniqüidade. A casta sacerdotal, por sua vez, caíra no deboche e se tornara inútil para as necessidades espirituais do povo.

> *Os profetas estão bêbados quando têm suas visões. Os juízes tropeçam quando decretam suas decisões.*
>
> (NCV)

"Isaías irrompeu em uma daquelas orgias periódicas que assinalavam a vida da corte. Estavam todos embriagados, sacerdotes e políticos igualmente. O salão estava enevoado com os vapores das bebidas alcoólicas, ruidoso com as bravatas e a profanidade de homens bêbados. O servo de Deus entrou na corte e ficou ali, contemplando com desprezo e ira os chamados líderes da nação" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*).

28.8

Porque todas as mesas estão cheias de vômitos. Desgostoso, o profeta descreve o que viu quando entrou no salão de festas e de deboches. As mesas estavam cobertas com o vômito daqueles beberrões. O lugar inteiro estava coberto com a imundícia dos insensatos bêbados. Essa ridícula "cena da corte" mostra-nos, vividamente, por que Judá estava pronta para o julgamento, que em breve sobreviria. Seus vícios se tornaram epidêmicos, e o país inteiro imitava as festanças debochadas de seus líderes.

28.9

A quem, pois, se ensinaria o conhecimento? Os indivíduos embriagados olham para cima, e lá está Isaías, o grande profeta. E todos perguntam, zombeteiramente: "O que esse tolo nos quer ensinar agora? Somos homens, mas ele é mestre de infantes e crianças, daqueles que há pouco foram desmamados. Que tipo de falta de bom senso, próprio para crianças, ele nos dirá agora?".

28.10

Porque é preceito sobre preceito, preceito e mais preceito. Os festejadores bêbados continuavam a zombar do profeta. Provavelmente, as palavras que aparecem neste texto pretendiam reproduzir as palavras e os métodos de ensino de Isaias, com muita repetição, o que é essencial para todo o bom ensino. O hebraico é muito vivido, repetindo monossílabos: *çawe* gawsão mencionadas por quatro vezes cada, neste versículo. Os mofadores diziam que o profeta apenas balbuciava, procurando aplicar a eles um método que só servia para crianças. As crianças, quando estão aprendendo o alfabeto, precisam de muita repetição, mas *homens sábios* como eles não precisavam de nenhum professor primário. 'Tu e tuas eternas repetições das mesmas lições infantis. Tu e tuas repetições gaguejadas: *çaw iaqaw, çaw iaqaw?* E então, em meio a gargalhadas, a companhia inteira dos bêbados mofou do profeta: *çaw iaqaw, çaw iaqaw.* Sem deixar-se abalar... Isaias ouviu-os zombando, e então replicou, com uma ameaça em seu tom de voz: 'Vós me ouvireis novamente'" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.).* E assim tiveram de ouvir novamente as ameaças do profeta, no vs. 13, ficando claro que eles tinham feito uma aliança com a morte (vss. 14-15).

> *Um mandamento aqui, um mandamento ali; uma regra aqui, uma regra ali. Uma lição aqui, uma lição ali.*
>
> (NCV)

28.11

Pelo que por lábios gaguejantes e por língua estranha. *A Réplica do Profeta.* Visto que os habitantes **de** Judá se recusavam a ouvir aquelas instruções infantis, que tinham por intuito fazer-lhes o bem, seriam forçados a ouvir os sons bárbaros dos invasores estrangeiros, os quais lhes ensinariam uma ou duas lições. Yahweh haveria de falar a Seu povo por meio dos babilônios, tal como tinha falado à nação do norte, Israel, por meio dos assírios. Isso poria fim definitivo às festanças e à zombaria contra a mensagem de Deus. "Lábios estrangeiros entregariam a eles a mensagem de julgamento" (John S. Martin, *in loc.).*

Este versículo foi citado por Paulo em I Cor. 14.21, referindo-se ao dom de línguas, mas a aplicação é completamente diferente do que temos aqui. As palavras foram usadas como uma *acomodação,* e não como uma interpretação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acomodação.*

28.12

Ao qual disse: Este é o descanso, dai descanso ao cansado. Se a mensagem do profeta fosse recebida, isso significaria *paz* para as almas, descanso do conflito do pecado; repouso para os cansados. Provavelmente a promessa dizia respeito à liberdade da invasão das tropas estrangeiras, que perturbavam a paz nacional e pessoal; liberdade do temor da guerra, do saque e das matanças."... descanso dos preparativos para a guerra, pois os judeus estavam, na época, *cansados* das diversas providências acerca da guerra e de calamidades, como a invasão siro-israelita (ver Isa. 7.8; cf. 30.15; 36.1; II Reis 18.8). Espiritualmente, porém, o *descanso* só poderia ser encontrado na obediência aos preceitos de Deus (vs. 10)" (Fausset, *in loc).*

> *Vinde **a** mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas.*
>
> (Mateus 11.28,29)

28.13

Assim, pois, a palavra do Senhor lhes será preceito sobre preceito. *A mensagem da qual tinham escarnecido,* como se ela fosse apropriada somente a crianças pequenas e não a eles, seria *repetida,* pelo que temos neste versículo uma reprodução essencial do vs. 10. Antes, se essa mensagem fosse acolhida, haveria de livrá-los de profunda tristeza. No entanto, eles perderam a oportunidade, e agora teriam de enfrentar um pronunciamento que envolvia julgamento e terror. Eles seriam injuriados, caçados e capturados pelos babilônios, os quais os tirariam de sua Terra Prometida, como se fossem um bando de animais selvagens. E falariam com eles na língua estrangeira, que os judeus não compreenderiam, palavras de crueldade e de opressão. Cf. Isa. 8.14,15. Eles acabariam *caindo* (ver **o vs.** 7), o que, afinal, seria apropriado para homens embriagados.

A Aliança com a Morte (28.14-22)

28.14

Ouvi, pois, a palavra do Senhor, homens escamecedores. Este oráculo foi transmitido sob circunstâncias similares às do oráculo anterior. O profeta novamente confrontou os líderes de Judá por causa de suas sérias infrações. A conduta deles certamente os levaria à ruína. Deliberadamente, eles abandonaram o culto e o pacto com Yahweh, envolvendo-se com deuses pagãos. Eles concordaram em servir a esses deuses, em troca de proteção contra os inimigos. Firmaram uma aliança com a morte e o *sheoi,* talvez jurando lealdade ao deus cananeu do submundo More, ou talvez com o deus egípcio *Osíris.*

Os escamecedores (ver o vs. 9) agora recebiam o oráculo de condenação, entregue pelo instrumento de Yahweh, o profeta Isaias! Infelizmente, aqueles ímpios tornaram-se líderes de Judá e influenciaram toda a nação a atirar-se à apostasia. "Os homens que tinham escarnecido do profeta, em sua sabedoria mundana, estavam entre os principais príncipes e conselheiros de Ezequias" (Ellicott, *in loc).* Eles assinaram acordos com homens e com deuses, com qualquer coisa, mas não consideraram a fé de seus pais, para se fortalecerem naquela hora crítica.

28.15

Porquanto dizeis: Fizemos aliança com a morte, e com o além fizemos acordo. *Aliança com a Morte e com o Sheol.* Ver as notas expositivas na introdução ao vs. 14. Para tentar estancar o *flagelo,* a ameaça assíria ou a babilônica, os líderes de Judá tinham estabelecido uma espécie de pacto com deuses pagãos, especificamente com aqueles considerados controladores das questões de vida e morte, que supostamente tinham autoridade sobre o *sheol.* "No panteão ugarítico, a morte era personificada como o deus do submundo" (John S. Martin, *in loc).* Provavelmente invocaram a um ou mais deuses, e lhes prometeram lealdade, *caso* fossem libertados do perigo representado pelas potências estrangeiras. O *sheol* e a morte, naturalmente, são reunidos aqui, por serem elementos de um mesmo pacote (cf. Osé. 13.14; Apo. 20.13,14). Ver Pro. 5.5 quanto a um sumário de como a doutrina do *sheol* se desenvolveu na cultura dos hebreus; e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hades.*

Mentiras e Falsidades. Isto é, de acordo com a avaliação do profeta Isaias. Assim ele apodou as divindades pagas, e, naturalmente, a esperança que essas divindades davam também era fraudulenta.

28.16

Portanto assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra. Em contraste com as divindades pagas, que eram apenas mentiras e falsidades, e, na qualidade de deuses de nada, não tinham poder para proteger a Judá, Yahweh era a verdadeira Pedra Fundamental de Judá, em quem todos os judeus deveriam confiar. Ele era a única base para a esperança deles, a *salvação* material e espiritual de um homem. Alguns vêem nisso uma profecia messiânica. Em outras passagens, a idéia messiânica é clara. Ver Zac. 10.4; Efé. 2.20 e I Ped. 2.6.

Este versículo, naturalmente, uma vez citado no Novo Testamento, torna-se uma referência a Jesus Cristo. Os que Nele confiarem não ficarão envergonhados; mas os que depositarem sua confiança em divindades pagas por certo cairão na ruína e na vergonha. Ver Mat. 21.42; Rom. 10.11. A pedra fundamental tinha sido *provada,* e tinha sido encontrada forte e digna de confiança. Ela era *firme* (ver Mat. 7.24,25) e *preciosa,* dotada de grande valor, cumprindo sua função necessária. Cf. I Ped. 2.7 **e** 1.18,19.

"A pedra angular, a *lápis angularis* da Vulgata, é uma pedra sobre a qual repousam duas paredes postas em esquina de ângulo reto. Trata-se daquela *pedra testada* que resiste a toda prova; mas torna-se uma pedra de tropeço para os incrédulos (ver Luc. 2.34,35; 20.17,18). Os crentes, entretanto, não serão envergonhados" (Ellicott, *in loc).*

Kimchi pensa que Ezequias era essa pedra angular, mas o Targum e Jarchi falavam sobre o Rei Messias."... Cristo é, com freqüência, referido sob a símile de uma pedra (ver Gên. 49.24; Sal. 118.22; Dan. 2.45; Zac. 3.9" (John Gill, *in loc).*

28.17

Farei juízo a regra, e justiça o prumo. Os zombadores judeus tinham duas idéias falsas: 1. que o látego pouparia a nação de Judá; 2. que, se o látego passasse pela Terra Prometida, não causaria dano grande e duradouro. Mas as afirmações de Isaias negavam ambas as idéias. Os açoites seriam radicais. Durariam muitos dias, estando presente pela manhã e a noite inteira. Seriam como um dilúvio, levando tudo à sua frente, de roldão; seriam *puro terror,* e, quando o juízo divino chegasse, todos fariam nítida idéia do que se tratava. Por conseguinte, estava sendo comunicada uma mensagem calamitosa. Diz o Targum: "Quando vier a maldição, compreendereis as palavras dos profetas", e eles reconheceriam, por experiência direta, que os oráculos de condenação estavam corretos.

28.18

A vossa aliança com a morte será anulada. Todas as esperanças que os judeus depositavam em seu acordo com o *sheol* e com a morte de nada lhes adiantaria na ocasião da crise. Todas as idéias do povo de Deus, de que eles

seriam levemente atingidos por qualquer calamidade, estavam equivocadas. Seria a segunda vez que Deus castigava o Seu povo daquela maneira — pois Ele já mostrara que falava sério, conforme acontecera à nação do norte, Israel, quando a Assíria os exilou para a Assíria. Mas os judeus simplesmente preferiram esquecer isso, acreditando inutilmente em que Yahweh não haveria de castigá-los de maneira tão drástica como dava a entender Sua mensagem profética por meio de Isaías.

Quando o dilúvio do açoite passar, sereis esmagados por ele. Os judeus não tinham desculpa para sua obstinada desobediência. Mas, de fato, a rebeldia e dureza de coração deles era demonstração de que Deus já tinha resolvido castigá-los. Aquela era uma dureza de coração decretada pelo próprio Deus. Já que eles endureceram o próprio coração, Deus também lhes endureceu o coração. Foi o que sucedeu ao Faraó do Egito, no caso das dez pragas do Egito (ver Êxo. 7.3,14, onde se lê: "Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó... O coração de Faraó está obstinado"). A pior coisa que pode acontecer a um homem é esse castigo divino judicial, pois isso significa que tal indivíduo está apanhado nas malhas do Senhor, com o intuito de ser inexoravelmente punido. Portanto, os habitantes de Judá seriam engolfados no castigo divino como um "dilúvio" que arrastaria a todos à sua frente.

28.19

Todas as vezes que passar vos arrebatará. Vimos nas notas expositivas sobre o vs. 18 que os judeus não criam que Deus realmente trataria a sério com eles, conforme os advertia insistentemente através do profeta Isaías, ou criam que, se fossem castigados, pelo menos o castigo não seria tão aterrorizante. Mas este versículo não deixa dúvidas quanto à medida drástica que Deus tomaria: o povo de Judá seria exilado de sua terra e levado para a Babilônia, e ali ficaria pelo espaço de 70 anos. Na verdade, houve três exílios como esse: o assírio, que levou Israel, a nação do norte (722 A. C.); o babilônico, que levou Judá, a nação do sul (586 A. C.); e a dispersão romana (iniciada no ano 70 D. C.), o exílio mais prolongado dos judeus de que se tem notícia, pois essa condição só começou a reverter-se no ano de 1948, quando da formação do Estado de Israel. E mesmo assim, até hoje, a maioria do povo judeu permanece em outros países, o que significa que essa reversão ainda está no começo.

Um Acontecimento Cheio de Esperança. Deus tem tremendas promessas para Seu povo antigo, o povo de Israel. O começo da reversão da dispersão romana (que começou em 1948) mostra que as predições relativas a Israel já começaram a cumprir-se. O cumprimento maior será a conversão de Israel ao Messias e Salvador, do que Paulo deu testemunho em Rom. 11.26,27: "E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador, ele apartará de Jacó as impiedades. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados".

Se as coisas já se estão encaminhando nessa direção, urge que os crentes gentios orem pela salvação de Israel. Quando Israel se converter, fará parte integrante da igreja cristã, e a igreja estará completa. Foi o que Paulo quis dizer quando escreveu: "Ora, se a transgressão deles redundou em riqueza para o mundo, e o seu abatimento em riqueza para os gentios, quanto mais a sua plenitude!" (Rom. 11.12; ver também 11.30-32).

A igreja foi fundada por um judeu, Jesus Cristo, começou entre os judeus (ver Atos 1-8.40) e depois o evangelho da salvação foi anunciado entre os gentios. Mas o ciclo será fechado quando Israel se converter a Cristo! Depois disso, só restará a volta gloriosa do Filho de Deus para buscar a Sua igreja.

Os comentários sobre os vss. 18-19 deste capítulo foram preparados pelo tradutor, o pastor João M. Bentes, pois o autor do comentário, o doutor Russell N. Champlin, por esquecimento, após ter comentado sobre o vs. 17, só voltou a comentar sobre o vs. 20. Tomei isso como uma oportunidade, aberta pelo Senhor Jesus, de dar minha modesta contribuição a esta obra monumental, como redator. Sou judeu de raça e muito me orgulho disso. Creio na palavra que Deus disse acerca do povo de Israel: "Benditos os que te abençoarem; e malditos os que te amaldiçoarem" (Núm. 24.9).

28.20

Porque a cama será tão curta que ninguém se poderá estender nela. Este versículo contém uma declaração proverbial que descreve uma "situação para a qual não há remédio" (Kissane, *in loc.*). Para os terrores que viriam, primeiro aquele dos assírios e, depois, o dos babilônios, nenhuma modificação seria possível, porquanto o curso dos acontecimentos estava fixo, e não podia ser remediado. Alguns estudiosos vêem esta profecia estendida até o desastre imposto pelos romanos, mas isso já é um exagero. Os conselheiros de Ezequias armaram seu leito na futilidade, pois era impossível deitar-se alguém nela. "As camas e os cobertores seriam tão insuficientes que os deixariam exaustos" (Ellicott, *in loc.*). "Eles descobririam que todas as suas fontes, nas quais confiavam, os estavam decepcionando, e todos viveriam em uma perplexidade desesperançada" (Fausset, *in loc.*). Aqui temos "um *mashal*, declaração proverbial cujo significado é que todos os meios de defesa e proteção seriam insuficientes para garantir-lhes a defesa dos males vindouros" (Adam Clarke, *in loc.*).

28.21

Porque o Senhor se levantará como no monte Perazim, e se irará. "A destruição varreria Judá, até o monte Perazim e até o vale de Gibeom (ver I Crô. 14.11,16), perto de Jerusalém, onde Davi derrotara os filisteus. Assim sendo, eles deixariam de zombar da mensagem de Isaías, a qual, na realidade, fora dada pelo próprio Senhor Todo-poderoso" (John S. Martin, *in loc.*). Ver sobre os nomes próprios no *Dicionário*, quanto a detalhes.

O monte Perazim ficava no vale de Refaim (ver II Sam. 5.18,20; I Crô. 14.11). A palavra significa "derrota súbita". Em Gibeom, igualmente, Davi triunfara (I Crô. 14.16), e Yahweh fora a causa de sua vitória. Mas aqueles homens infiéis seriam destruídos, nos mesmos lugares onde Israel lograra antigas vitórias.

A sua obra estranha. Onde Yahweh dera vitórias, na antiguidade, agora Ele se levantaria *contra o Seu próprio povo*, garantindo assim a *derrota* deles. Esse era o grande *paradoxo* da profecia de Isaías. "Os infiéis seriam destruídos pela tempestade da ira de Deus" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre os vss. 17-22). O Targum faz da *obra estranha* as várias formas de idolatria às quais Judá se engajou e que provocaram a sua derrota.

28.22

Agora, pois, não mais escarneçais, para que os vossos grilhões não se façam mais fortes. As zombarias dos judeus contra as profecias de Isaías só fortaleceria, ainda mais as cordas atadas em redor deles, fazendo a derrota mais certa. Judá estava amarrado nos laços de sua própria ignorância e rebeldia, e esses laços se tornariam mais firmes ainda por sua insensatez, até que chegasse o desastre, depois do qual não mais haveria remédio.

> *Parai vosso escárnio, ou vossas correntes tornar-se-ão ainda mais pesadas.*
>
> (NIV)

O poder por trás da maldição contra Judá era divino, a saber, o poder de *Adonai-Elohim*, o *Senhor dos Exércitos*. Esse título (ver no *Dicionário*) foi usado por cerca de vinte vezes no livro de Isaías, sempre em contextos em que é enfatizada a idéia de *poder para realizar alguma coisa*. Note o leitor que o título usual de Yahweh ou Adonai *dos Exércitos* é aqui reforçado pelo título divino *Elohim, Todo-poderoso*, que tem base no nome próprio *El* (o Poder). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*, bem como cada nome divino em separado. Esse poder está por trás do *decreto da destruição*. *Adonai* substitui Yahweh algumas vezes, dentro da expressão *Senhor dos Exércitos*. O sentido básico da palavra hebraica *Adonai* é "senhor" ou "dono de escravos". Cf. este versículo com Isa. 10.23.

Uma Parábola sobre o Agricultor (28.23-29)

28.23

Inclinai os ouvidos, e ouvi a minha voz. Comparar com uma parábola de natureza semelhante, em Isa. 5.1-7, a parábola da Vinha. A diferença essencial aqui é que não há afirmação direta sobre o que a parábola quer dizer, em contraste com a aplicação dada em Isa. 5.7. Os ouvintes teriam de julgar a si mesmos, depois de terem ouvido essas palavras. Essa parábola assemelha-se às proverbiais *declarações obscuras* ou enigmas de significados ocultos, que os homens têm de aguçar a mente para compreender. Ademais, a presente parábola é similar aos ensinos dos rabinos a respeito da sabedoria (cf. Jer. 18.18). Ver outros enigmas em Juí. 14.12-18 e cf. Pro. 1.6; 7.1-23 e 30.11-31. Os métodos utilizados por um agricultor não são usados de maneira descuidada. Ele planeja suas ações. O trabalho não será em vão. Os *julgamentos divinos* são como o desterroar do terreno. Ali há levantes de terras, mas há um propósito na ação. Na colheita há o ato de *pisar o grão*, outra violência aparente, mas necessária para que se obtenham os grãos que o labor do agricultor se esforçou por obter. Há também a *peneiração* do grão, que separa os maus elementos dos bons elementos, outro ato violento que se faz necessário para o sucesso do trabalho.

O profeta apresentou uma parábola ou enigma, e convocou os ouvintes a ouvir e compreender, embora não estivesse dando uma interpretação da parábola. Se eles se esforçassem por *saber*, seriam inspirados a mudar seus caminhos e evitar o desastre. Eles *poderiam* fazer isso, mas Isaías já tinha compreendido que a tempestade estava fixada nos decretos de Deus (vs. 22). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Decretos de Deus*.

Inclinai os ouvidos. Expressão introdutória comum na literatura de sabedoria. Cf. Pro. 2.1; 4.1; 5.1 e Sal. 34.11. Comparar o espírito da mensagem (embora

não os seus detalhes) com Mat. 16.2-4: os homens fracassam em compreender os sinais dos tempos, bem como o julgamento inevitável que se aproxima.

28.24

Porventura lavra todo dia o lavrador, para semear? *O Trabalho do Agricultor É Laborioso.* Um agricultor deve manter por longo tempo seu trabalho de lavrar o terreno. Ele está ali o dia inteiro, provavelmente por muitos dias. Somente depois do trabalho de preparação, ele pode plantar a semente, garantindo assim a colheita futura. O homem continuamente quebra os torrões de terra. Assim sendo, quando Deus ara um terreno espiritual, pode parecer que Ele está engajado em um trabalho violento, mas isso é necessário para o sucesso do cultivo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Agricultura,* onde apresento uma aplicação metafórica dessas atividades. O labor do agricultor se desenvolve segundo um plano que funciona. O agricultor sabe o que está fazendo. E outro tanto se dá com Deus em Seus esforços por conseguir o fruto espiritual na vida dos homens. Mas se o terreno se revoltasse contra o agricultor (algo por demais horrendo para se imaginar), então o trabalho dele se perderia "no tocante àquele terreno em particular". Assim é que o trabalho de Deus se perdera em relação a Judá. A dor já se aproximava dos judeus, e não haveria remédio (vs. 20).

O ato de arar resume "as úteis ministrações do Espírito, a convicção da mente, o coração e a consciência devidamente compungidos, o desterroar do terreno (ver Jer. 4.3; 23.29)" (John Gill, *in* toe).

28.25

Porventura, quando já tem nivelado a superfície, não lhe espalha o endro...? O trabalho feito por um agricultor é cuidadosamente planejado e realizado segundo o conhecimento que ele adquiriu com a experiência. Uma vez realizados os devidos preparativos da terra, ele planta cada tipo de semente da maneira apropriada e no lugar certo. Ele sabe o que fazer para obter bons resultados. Quanto a detalhes, ver as notas expositivas sobre cada espécie de planta no *Dicionário.* "Parece haver um contraste intencional entre o ato de espalhar o endro e o cominho, que são menos valiosos, e o plantio do trigo e da cevada, com a espelta plantada à margem. Assim decretava a prática, conforme R. H. Kennett *(in loc),* diz: 'A fim de que o trigo e a cevada, quando maduros, fossem protegidos dos passantes, que poderiam arrancá-los se fossem convenientemente plantados para isso'" (R. B. Y Scott, *in loc).* As plantas menores atuariam como uma "cerca herbácea em redor dos campos de grãos" (Ellicott, *in loc).* Cada espécie de planta era plantada no seu lugar mais apropriado, de acordo com a sabedoria do agricultor. E outro tanto se verifica nas operações de Deus entre os homens, incluindo a questão dos Seus julgamentos.

28.26

Pois o seu Deus assim o instrui. A sabedoria do agricultor, como qualquer sabedoria benéfica para o homem, é "dada por Deus". Se isso é verdade, quanto mais deve a sabedoria de um verdadeiro profeta provir de Deus, portanto o que ele disser demanda a nossa atenção. Várias mitologias existentes entre os pagãos, sobre os deuses e deusas da fertilidade, ensinavam idêntica mensagem: os seres divinos estavam por trás das atividades que visavam produzir boas colheitas. O profeta Isaías, pois, ensinou a mesma lição sem apelar para crenças pagas.

> *Ceres tinha ensinado aos mortais como produzir frutos. E*
> *Baco os ensinara a cultivar a vinha.*
>
> (Lucrécio, v.14)

Arato, em sua obra, *Phoenom,* v., disse algo similar sobre a provisão de Júpiter. Ele estabeleceu as *estações do ano* e ensinou os homens a usar o arado e a plantar as sementes.

28.27

Porque o endro não se trilha com instrumento de trilhar. As plantas mais delicadas não são tratadas como as mais robustas. Os grãos mais suaves não podem ser sujeitados ao trilho (como o trigo e a cevada), fazendo a carroça passar por cima deles. Para tratar o coentro usa-se uma pequena vara, e não uma tábua pesada ou outro método violento. Assim sendo, essa parte do processo também é dirigida pelo Senhor Deus. Fica entendido que aqueles que merecessem julgamento mais pesado, receberiam tal julgamento. E aqueles que requeressem menor julgamento, porquanto seus pecados não tinham tão pesada natureza, receberiam um julgamento mais leve, temperado com a misericórdia. Mas Judá por certo convidava a um julgamento pesado. A carroça teria de passar por todo aquele país. Cf. Miq. 4.14 e Hab. 3.12. A carroça de trilhar era dotada de duas rodas equipadas com projeções como se fossem pinos. Ou então uma pesada tábua de madeira era puxada por uma carroça, efetuando o mesmo tipo de trabalho. O corpo da carroça era carregado com pedras, para aumentar a sua eficácia.

28.28

Acaso é esmiuçado o cereal? Não. Ver as notas sobre o versículo anterior, onde as carroças de trilhar são descritas. Elas tinham seu uso, mas este era limitado pela resistência das espécies vegetais. E, mesmo quando usadas, as carroças não eram passadas repetidamente sobre os grãos cortados, para que eles fossem esmagados e inutilizados. O grão precisava ser recolhido e levado ao moinho, onde havia instrumentos apropriados para o processo. Era preciso aplicar a sabedoria a cada processo diferente, de acordo com a natureza e necessidades de cada espécie vegetal. Por semelhante modo, a sabedoria de Deus lida com os homens; julgar ou não julgar, quanto e de que maneira. A decisão repousa no próprio indivíduo, conforme ele quiser ser tratado, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).*

28.29

Também isto procede do Senhor dos Exércitos. Tal sabedoria é atributo do *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15 e o *Dicionário),* que tem o poder que a sabedoria sempre aplica com admirável habilidade a cada caso. Deus é maravilhoso em conselho, jamais comete um equívoco ou deixa uma tarefa pela metade. A sabedoria de Deus é tão excelente que é sempre apropriada e eficaz. É excelente em sua natureza e operações. A sabedoria divina jamais se engana pelas aparências ou pelos truques dos homens. O governo e a providência de Deus, em seus aspectos positivo e negativo, sempre são efetuados em harmonia com a perfeita sabedoria. Ver no *Dicionário o* verbete intitulado *Providência de Deus.*

Capítulo Vinte e Nove

Ver a *introdução geral* a esta seção (Isa. 28.1 - 33.24), precisamente antes de Isa. 28.1.

As Maravilhosas Obras de Deus (29.1-14)

A Aflição e o Livramento de Ariel (29.1-8)

Os vss. 1-8 falam da restauração eventual de Judá, a saber, *Ariel,* o "monte de Deus", uma alusão a Jerusalém. O julgamento efetuará seu papel necessário (ver Isa. 28.24-29), pois Deus é um sábio Agricultor que sabe exatamente o que fazer para que Sua plantação produza fruto. Mas a restauração virá através do julgamento, que é o instrumento do amor de Deus, ainda que severo. Todos os julgamentos de Deus são restauradores, e não apenas retributivos, e é precisamente isso o que devemos esperar do Deus de Amor (ver I João 4.8).

'Tal como se vê em Isa. 28.1-13, um oráculo de um período anterior foi repetido por Isaías, que suplementa material apropriado para uma situação posterior, também aqui, uma ameaça anterior, de que *Ariel* (Jerusalém) seria assediado, foi empregada para aplicar-se aos eventos de 701 A. C... Revertendo a figura da seção prévia, trilhar o grão faz parte do processo da colheita. Yahweh é quem estava castigando, mas os inimigos de Jerusalém não teriam permissão de obliterá-la. Embora a nação do norte, Israel, tivesse sido aniquilada, e os poucos sobreviventes tivessem sido transportados para a Assíria, os assírios não teriam permissão de tratar Judá com tanta severidade. Judá sobreviveria para ver um dia pior, o dia do cativeiro babilônico; mas os judeus finalmente voltariam da Babilônia, passados 70 anos.

29.1

Ai da Lareira de Deus! cidade Lareira de Deus. No original hebraico, no lugar de "Lareira", encontramos a palavra *Ariel,* que significa "leão de Deus". Ver no *Dicionário* quanto a essa palavra hebraica, no tocante a detalhes, incluindo os possíveis significados do termo. Os vss. 7 e 8 mostram que Jerusalém está em vista. O leão era o símbolo tradicional de Judá (ver Apo. 5.5). Homens dotados de atitudes especialmente heróicas eram chamados de "leões". Portanto, o termo foi aplicado à dinastia davídica, à qual o Messias pertencia. Cf. II Sam. 5.7,9,13. *Ariel* também pode aludir ao *altar,* conforme se vê em Isa. 29.2 e Eze. 43.15,16. Jerusalém era o local onde estava o *altar* de Deus, o centro da adoração do povo israelita. O Targum dá o sentido de *altar,* o que também fazem vários antigos intérpretes judeus.

Acrescentai ano a ano. Festividades regulares eram celebradas em Jerusalém. Os anos chegavam e passavam, mas essas festividades eram sempre as mesmas, embora fossem acrescentadas corrupções, formando um sincretismo nojento.

> *Tu és a cidade onde Davi acampou.*
> *Suas festas têm continuado ano após ano.*
>
> (NCV)

Isso não significa que Jerusalém fosse fiel a Yahweh, embora promovesse o seu culto. O culto a Yahweh naquela cidade não impedia que inimigos estrangeiros atacassem o lugar. Havia toda a espécie de idolatria e pecados crassos, que tinham de ser resolvidos.

29.2

Então porei a **Lareira de Deus em aperto.** O *Leão de Deus* seria vergastado por Yahweh; o altar de Jerusalém seria contaminado. O profeta ironicamente menciona como os ritos e cerimônias seriam observados ano após ano. Mas não havia real fidelidade nessas coisas. Deus fez de Jerusalém um *altar* onde Seu fogo queimaria. Jerusalém seria um lugar onde as chamas do julgamento permaneceriam acesas (vs. 6), e onde haveria sangue e morte (vs. 5). Talvez haja aqui um jogo de palavras intencional. A palavra babilônica *arallu* quer dizer *submundo* ou *sombra*. Jerusalém seria transformada em um lugar como esse, um lugar de lamentáveis sombras e morte. Note o leitor as palavras "verdadeira Lareira de Deus". Era nisso que Jerusalém seria transformada: um lugar de morte e destruição, e não o *sheol*. O exército assírio, sob o comando de Senaqueribe, cercaria Jerusalém em 701 A. C, depois de já ter demolido certo número de cidades judaicas. A morte chegara às portas da cidade. Alguns intérpretes vêem aqui a ameaça tanto da *Babilônia* quanto de *Roma* (mas isso já importa em um exagero).

29.3

Acamparei ao derredor de ti, cercar-te-ei com baluartes. A referência parece ser ao cerco de Jerusalém pelo exército assírio, sob as ordens de Senaqueribe. A ameaça-era fatal, não fosse a intervenção divina que realmente se fez presente (ver Isa. 37; II Reis 18 e 19). Os registros assírios ajuntam que Senaqueribe já havia conquistado 46 cidades muradas de Judá. Agora era a vez de Jerusalém, e todas as providências para conquistá-la tinham sido tomadas. As torres ficariam imprestáveis; obras de certo seriam preparadas, como aríetes e torres móveis de ataque. Cômoros seriam levantados ao lado das muralhas, para dar aos soldados acesso à cidade, sem ter de cavar buracos na muralha, o que seria mais laborioso. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Guerra,* quanto a detalhes de como eram efetuadas as guerras antigas.

29.4

Então, lançada por terra, do **chão falarás.** "A cidade seria como um homem prostrado no pó, sussurrando por socorro com a voz fraca de um fantasma" (R. B. Y. Scott, *in* toe). Cf. esta menção aos *fantasmas* com o simbolismo de Isa. 14.9. Mas alguns estudiosos preferem compreender aqui *necromante,* aquele que murmura encantamentos, na esperança de que algum espírito apareça. Este versículo aparentemente fala da angústia de Jerusalém ao enfrentar a ameaça assíria,

"Jerusalém seria como uma pessoa cativa, humilhada no pó. Sua voz sairia da terra, como a voz dos encantadores de espíritos ou necromantes (8.19), fraca e aguda, conforme se supunha que seria a voz dos mortos. Sem dúvida, o ventriloquismo era o truque usado para fazer com que essas vozes parecessem elevar-se do chão, do *sheol,* da câmara subterrânea (19.3). Isso seria uma retribuição apropriada, visto que Jerusalém tinha consultado os necromantes, em lugar de Yahweh" (Fausset, *in* toe, com algumas adaptações). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Necromancia.*

Este versículo subentende pelo menos uma crença popular em alguma forma de vida no *sheol.* Ver Pro. 5.5 quanto ao desenvolvimento dessa doutrina. Isa. 14.9 também representa certo estágio dessa doutrina que tinha avançado para além da idéia de que o *sheol* era apenas a sepultura. Mas não fazemos uma idéia clara de sobrevivência da alma e, menos ainda, de punição ou **recompensa** para além do sepulcro. Contrastar isso **com Dan.** 125, **onde essa idéia entrou na** teologia dos hebreus **por meio da ressurreição, e não da sobrevivência da alma. A noção da sobrevivência da alma aparece em algumas poucas referências espalhadas no Antigo Testamento. Ver no « o * » » verbete de nome Afcna. Mas essa doutrina foi desenvolvida nos ívros do período interíestarnertário, nos ívros apócrifos e pseudepíyitrfos, e mais ainda no Novo Testamento. Ver sobre a seção IV.7. quanto a alguns versículos bUcos que dcem respeito ao assunto.**

29.5

Mas a **multidão dos teus inimigos será como o pó miúdo.** Temos aqui uma referência ao que sucedeu ao exército assírio, conforme ficou registrado em II Reis 19.35; II Crô. 32.21-23 e Isa. 47.36-38. Corria o ano de 701 A. C. O Anjo do Senhor tirou a vida de 185.000 soldados assírios em uma única noite, e libertou Jerusalém da ameaça assíria. Quanto a *como* isso foi feito, ver as especulações na exposição oferecida em II Reis 19.35. Foi assim que o exército assírio se transformou em "pó", ou seja, tornou-se inútil, aniquilado. Aqueles homens violentos subitamente foram transformados em palha, na eira de Yahweh. Então veio o vento e os soprou para longe, instantaneamente. Eles tinham-se encontrado com a Feroz Colhedora. Cf. este versículo com Jó 21.18.

29.6

Do **Senhor dos Exércitos vem o castigo com trovões.** Jerusalém sucumbiria sob a tempestade da ira de Deus. Mas tal como aconteceu quando Israel estava no Egito, a cidade seria poupada, enquanto o exército invasor seria ferido sem misericórdia. Este versículo prove uma segunda metáfora; primeiro houve o trilhar do grão, agora haveria a tempestade. Cf. Isa. 37.36; Sal. 104.4. A mesma tempestade divina que levou os soldados assírios à destruição, essa levou Jerusalém à segurança, tal como as águas do dilúvio salvaram Noé e os outros que estavam na arca, ao passo que os demais homens e animais morreram.

Alguns eruditos vêem aqui uma interpretação escatológica, ou *aplicação,* à promessa da vitória final de Israel sobre seus inimigos dos últimos dias, antes da inauguração do *milênio* (ver a respeito no *Dicionário).* Cf. Zac. 14.1-3. Alguns aplicam este versículo à destruição de *Jerusalém* (pelos babilônios ou romanos), mas essa opinião parece menos provável do que a idéia do vs. 5, que é transmitida por meio de outra metáfora.

29.7

Como sonho e visão noturna será a multidão de todas as nações. Aqui o profeta Isaías introduz mais uma metáfora, a metáfora de um *sonho.* Além disso, agora Assíria foi *generalizada* para representar todas as nações que, porventura, quisessem lutar contra Israel. Todas essas nações eventualmente sofrerão a mesma sorte que atingiu a Assíria. A generalização quase com certeza torna a profecia escatológica, isto é, com uma aplicação aos últimos dias antes da inauguração da era do Reino de Deus. Cf. Zac. 14.1-3.

Visão noturna. Ou seja, um *sonho.* Muitos sonhos (embora não todos) são meros sopros da imaginação, que desaparecem quando o sol despede seus raios sobre a terra. Ataques contra Jerusalém viriam e desapareceriam, mas serão efêmeros e destituídos de substância, em última análise. A história os reduzirá a nada. O propósito de Deus para Israel anulará os sonhos adversos dos homens, que logo desaparecerão. "Seus sonhos serão dissipados na manhã fatal (Isa. 37.36)" (Fausset, *in* toe). Os sonhos são, essencialmente, cumprimento de desejos (conforme ilustra o vs. 8). O exército assírio teve o sonho de que dominaria o mundo e quase o concretizou. Mas eles foram detidos em sua tentativa em redor de Jerusalém e finalmente refreados pelos babilônios. E assim aquele sonho se dissipou no raiar de um novo dia, pois seria dado não aos assírios, mas aos babilônios, concretizá-lo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sonhos.*

A **Lareira de Deus.** Agora não pode haver dúvidas de que Jerusalém está em pauta. Ver o vs. 1 para notas expositivas sobre *Mel,* que é a palavra hebraica correspondente a "Lareira de Deus".

29.8

Será também como o faminto que sonha que está a comer. Este versículo amplia o anterior. Agora sonhar é apenas o cumprimento de um desejo, conforme são a *maioria* dos sonhos. Um homem faminto imagina que está em um grande banquete, com excelentes alimentos e vinhos mais excelentes ainda. Quando, porém, ele acorda, a fome continua sendo realidade em sua vida. O sedento sonha que está bebendo até encher o estômago, mas, ao despertar, continua fraco de tanta sede. Assim também as "nações" terão sonhos em que destroem Jerusalém, porquanto esses **são** sonhos de cumprimento de desejo, mas a intervenção divina **sempre os** despertará desses vãos pensamentos.

'A simie do sonho sugere uma ou ambas as coisas, ou seja, o súbito **despertamento de** Jerusalém do pesadelo e a igualmente súbita desilusão dos **assírios* (R. B. Y. Scott,** *in loc).*

> *Doentes, fantasia selvagem labora na noite.*
> *Algum inimigo visionário temível repelimos,*
> *Com passos largos, mas não podemos correr.*
> *Em vão nossos membros perplexos testam sua força.*
> *Desmaiamos, lutamos, afundamos e caímos.*
> *Drenados de forças, nem lutamos nem fugimos.*
>
> *(Virgílio, Eneida xii.908)*

Por que os Homens Não Podem Perceber a Obra de Deus (29.9-12)

29.9

Estatelai-vos, e ficai estatelados, cegai-vos e permanecei cegos. "Este periscópio pode estar relacionado ao oráculo anterior ou ao seguinte, mas essencialmente é uma pepa *independente.* Ele resume o pensamento da passagem na visão inaugural (Isa. 6.9,10). Isaías recebeu ordens para falar, embora seus ouvintes fossem incaoa7es de entender a sua mensagem. Aqui, novamente, aquela

verdade solene foi proclamada: a desobediência às reivindicações morais e espirituais sobre a sua vida finalmente destrói a capacidade humana de ouvir e responder" *(R. B. Y. Scott,* in loa). Os teólogos chamam isso de *cegueira judiciai.* Os desobedientes, que persistem em seus caminhos, são julgados por Deus, tornando-se incapazes de "ver" o reto caminho ou mesmo desejá-lo. Uma vez que esse tipo de julgamento for decretado, os que são afetados só podem esperar um julgamento retributivo. Em última análise, não há casos impossíveis, mas, para reverter tudo isso, temos de olhar para o fim da estrada, para a restauração efetuada pela missão de Cristo. Cf. este versículo com Mat. 13.13, onde Jesus tratou do tema da cegueira judicial.

Os Pecadores Resistentes que Continuem a Fazer o que Fazem:

1. *Que se estupeficassem* e permanecessem em seu estupor. O simbolismo é de alguma bebida alcoólica que entorpece a mente e tira dela a capacidade de pensar, decidir ou agir. Os homens estuporados mostram-se insensíveis para com tudo. Assim sendo, os pecadores endurecidos têm uma consciência inútil, e seus pés estão atolados no cimento da rebelião. "Ficai estupefactos e admirados" (NCV). "Eles estavam perplexos, atônitos e incrédulos, enquanto o profeta explodia sobre eles uma repreensão veemente" (Ellicott, *in* toe).
2. *Que se cegassem e permanecessem cegos.* A vontade cegou o homem e continuou a cegá-lo, até que se tomou inútil para abrir-lhe os olhos. O Espírito encoraja a visão espiritual, mas, uma vez rejeitada continuamente essa visão espiritual, o homem fica cego. Então os homens só podem esperar que lhes sobrevenha algum julgamento retributivo.
3. *Que bebessem, ficassem bêbados e cambaleassem,* mas não com bebidas alcoólicas. Antes, suas perversidades, em meio a múltiplos pecados, tomaram-nos beberrões morais e espirituais. A maioria deles consistia em bêbados literais, em Isa. 28.7-9. Os bêbados espirituais tornam-se insensíveis para com as advertências. Na verdade, já estão caídos. Coisa alguma será capaz de soerguê-los. Eles cambalearam pela última vez. Isso ilustra a sensibilidade espiritual. Eles perderam a discriminação moral e espiritual, perderam o poder da vontade.
   Eles são como homens bêbados, mostrando-se estúpidos, insensatos e em plena segurança, embora estejam no pior perigo" (John Gill, *in* toe).
   Seguem-se mais metáforas que ilustram a situação.

29.10

Porque o Senhor derramou sobre vós o espírito de profundo sono. Aqui Yahweh é descrito como a *causa* da bebedeira e da sonolência deles, embora, antes que isso tivesse lugar, causas secundárias estavam provocando a cegueira judicial divina. Ver a introdução ao vs. 9. Em adição às bebidas alcoólicas e à bebedeira, Yahweh lançou outro julgamento divino, o espírito de um *sono profundo.* Espiritualmente falando, os que são fatalmente rebeldes andarão ao redor como um bando de zumbis. Eles terão olhos permanentemente fechados. Além disso, haverá uma coberta de cabeça posta sobre eles, de modo que, mesmo que tivessem olhos, esses não teriam utilidade. Mediante o acúmulo de termos e metáforas, o profeta diz que aqueles que estão judicialmente cegos não têm o equipamento moral, mental ou espiritual para responder às instruções espirituais. Profetas enviados por Deus seriam perfeitamente inúteis para eles. Os profetas eram *seus olhos,* mas Yahweh os tinha fechado. E os videntes eram a *cabeça deles,* mas Yahweh lhes tinha coberto a cabeça. Isso significa que ambas as coisas se tornaram *ineficazes* quanto à visão e ao pensamento, até onde diz respeito aos habitualmente rebeldes. Esta última parte do versículo pode significar que os próprios profetas e videntes estavam impedidos por decreto divino de saber como e o que ensinar àqueles iníquos, o que significa que não conseguiam estabelecer diferença na maneira de pensar e conduzir-se daqueles rebeldes. Talvez a *metáfora total* seja que aqueles homens rebeldes tinham sido postos a dormir, e seus olhos e sua cabeça tinham sido cobertos, de modo que não pudessem ver, ouvir ou entender. E eles permaneceriam nesse triste estado até que algum julgamento retributivo de grande importância os atingisse. "Eles eram como aqueles que dormem de cabeça coberta; seus mantos estão enrolados em torno da cabeça, como quando os homens se ajeitam para dormir" (Ellicott, *in* toe).

29.11

Toda a visão já se vos tornou como as palavras dum livro selado. *Outra Metáfora.* O oráculo contra aqueles homens iníquos nem ao menos lhes seria entregue, porquanto a palavra de Deus se tornara, para eles, um livro (rolo) fechado e selado. Naquela época, poucas pessoas sabiam ler, pelo que, se alguém quisesse que um livro fosse lido, teria de achar primeiro quem pudesse lê-lo. Tendo feito isso, o livro seria entregue a tal pessoa; mas ela não poderia lê-lo, por estar o rolo selado e faltar-lhe autoridade para quebrar o selo. Em conseqüência, o oráculo continuaria precisando ser lido e, como é óbvio, continuaria sem ser ouvido. Talvez haja aqui alusão aos *sábios,* os escribas que estavam entre os rebeldes. Esperava-se que ajudassem, mas não eles poderiam fazê-lo por serem incapazes de abrir o livro selado e tornar seu conteúdo conhecido. A própria precipitação tinha anulado seu ofício de medianeiros. E, por isso, eles se mostravam tão impotentes quanto o resto dos pecadores arrogantes. Cf. Apo. 5.2. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Selo.*

29.12

E dá-se o livro ao que não sabe ler. Este versículo dá continuidade à metáfora do *rolo selado* que aparece no versículo anterior. O escriba recusou-se a ler o livro por não ter autoridade para quebrar o selo. Assim sendo, em desespero, o rolo foi entregue a algum homem justo; mas o homem era um analfabeto, e assim sendo, como é óbvio, não podia ler, mesmo que tivesse coragem de quebrar o selo. O resultado final é que o oráculo de advertência a Judá permaneceu desconhecido. O julgamento se tornava inevitável. Yahweh selara o rolo, porquanto os homens tinham selado seu coração, e assim cumpriu-se a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).* Cf. esta metáfora com Jer. 32.9-15.

A Derrubada **da Religião Convencional** (29.13-14)

29.13

O Senhor disse: Visto que este povo se aproxima de mim. A mensagem dos vss. 13-14 é parecida com a que vemos nos vss. 11-12. Agora temos comentários sobre uma religião inadequada e destituída de coração. Ver Pro. 4.23 quanto à necessidade de uma fé sentida no coração. O nojento sincretismo de Jerusalém retinha o culto de lábios a Yahweh. Continuavam os ritos e as cerimônias do templo que, presumivelmente, honravam ao Senhor; mas também toda a forma de honrarias era prestada a outros deuses. Além disso, havia profunda corrupção moral e espiritual, conforme mostra Isa. 28.7-13 e 29.9. A palavra "sabedoria" que aparece no versículo seguinte, refere-se à sabedoria humana, e não divina, e, por isso mesmo, estava condenada a perecer.

As palavras-chaves aqui são "inadequação", "reprimenda" e "ameaça". O apóstolo Paulo, em seus dias (ver! Cor. 1.17-24), usou essas palavras exatamente da mesma maneira e contra o mesmo tipo de pessoas rebeldes e auto-suficientes, que confiavam na própria sabedoria, em vez de buscar a sabedoria dada através da doutrina de Cristo. Um tradicionalismo superficial substituía a verdadeira sabedoria.

Eles tinham conseguido um substituto para o "temor ao Senhor", a verdadeira espiritualidade. Ver sobre esse assunto no *Dicionário,* sob o título de *Temor,* e também Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Aqueles indivíduos rebeldes tinham substituído a verdadeira espiritualidade de uma fé de coração por seus próprios preceitos e sua própria sabedoria. A lei de Moisés era o guia de Israel (ver Deu. 6.4 ss.) e também tornava Israel uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8). O sincretismo **e** o colapso moral eram a base de sua nova fé.

29.14

Continuarei a fazer obra maravilhosa no meio deste povo. *A obra maravilhosa* seria reduzir a sabedoria humana a nada, diante dos olhos de todos. A hipocrisia seria desmascarada. A invasão de exércitos estrangeiros seria a lição objetiva para a fé inadequada deles, que nada fizera por eles na hora mais crítica. Aqueles ímpios, juntamente com sua sabedoria humana, pereceriam totalmente. Ademais, a verdadeira compreensão lhes estava oculta. O profeta chamou o tradicionalismo superficial deles, mesclado a formas de adoração paga, de "sabedoria" e "discernimento"; mas isso foi dito por pura ironia. A *condenação decidida* daqueles hipócritas já fora pronunciada. Não tendo amor pela luz, eles perderiam a pouca luz que tinham, da qual haviam abusado. A obra maravilhosa era uma "Vingança sem paralelo" (Fausset, *in* toe). Uma de minhas melhores fontes informativas aplica este versículo à restauração, e faz dela a maravilhosa e poderosa obra da graça que, eventualmente, venceria os fracassos passados. Mas, embora essa seja uma bendita doutrina, o versículo não a ensina.

Os Conspiradores Repreendidos (29.15-16)

29.15

Ai dos que escondem profundamente o seu propósito do Senhor. A interjeição "ai" prevê dor e destruição, em consonância com a lei da colheita segundo a semeadura. Isto é, um *julgamento merecido.*

> *Quão terrível será para aqueles que tentarem ocultar coisas do Senhor. Quão terrível será para aqueles que fizerem seu trabalho nas trevas. Eles pensam que ninguém os verá e nem saberá o que eles farão.*
>
> *(NCV)*

Este versículo é uma reprimenda contra os planos dos líderes judeus que formavam uma aliança com o Egito, com vistas a revoltar-se contra a Assíria, tema

que é o pano de fundo de Isa. 28.7-22; 30.1-5; 31.1-3. Eles tinham escondido seus esquemas do Senhor e de Seu profeta, que já havia condenado tal ação como falta de fé na provisão de Yahweh em favor dos fiéis. A autoridade de Elohim (o Poder) tinha estabelecido as diretrizes da ação certa, mas eles ignoraram essa autoridade.

29.16

Que perversidade a vossa! Os líderes judeus tinham transtornado e revertido a ordem natural das coisas. O Poder divino é que determina os acontecimentos e sua retidão quanto aos planos e atos. Mas eles, o *barro,* tinham revertido os planos do Oleiro, tomando sobre si a posição de *causas* dos eventos, e não de partícipes de seus efeitos. "Eles tinham usurpado as prerrogativas de Deus ao conspirar contra a Assíria (ver Isa. 45.9; Jer. 18.1-6; Rom. 9.20,21; Mat. 10.24)" *(Oxford Annofated Bible,* comentando sobre os vss. 15 e 16). Paulo coloca estas palavras no contexto da eleição do remanescente, com a chamada dos gentios, e a correspondente rejeição de Israel como um todo, por motivo de apostasia. A soberania de Deus também é demonstrada, tanto em Isaías como em Paulo, mas o uso que Paulo fez foi essencialmente uma acomodação, e não uma interpretação do texto do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Acomodação.*

Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto dizem aqui: "As coisas estão de cabeça para baixo por vossa causa". Ver as notas expositivas sobre como os dois manuscritos de Isaías daquela coletânea algumas vezes concordam com a Septuaginta e, outras, concordam com as versões, contra o texto massorético, em Isa. 26.19. O Targum declara aqui a ignorância daqueles homens, tanto a respeito de Deus quanto de Seus planos.

Dois Suplementos Escatológicos (29.17-24)

29.17

Porventura dentro em pouco não se converterá o Líbano em pomar...? Temos aqui uma súbita mudança para melhores condições. O profeta vê ao longo dos corredores dos séculos um tempo em que seriam revertidas as lamentáveis condições descritas na seção anterior. Há dois suplementos que apontam para uma reversão: os vss. 17-21 e os vss. 22-24. Os críticos vêem aqui a obra de autores ou editores subseqüentes, e tentam identificar um segundo ou mesmo um terceiro Isaías envolvido. Ver a *introdução* a este livro, seção III, chamada *Unidade do Livro.*

"No futuro as coisas seriam diferentes. A frase 'dentro em pouco' refere-se ao vindouro reino do milênio. Para alguns estudiosos, entretanto, essa seria a época em que o exército assírio morreria (Isa. 37.36), mas as condições descritas em Isa. 29.20,21 parecem anular essa interpretação" (John S. Martin, *in ioc).* "A segunda seção do capítulo é uma predição messiânica" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.).*

"O tremendo poder de Yahweh, em *muito pouco tempo* (empregando uma linguagem comum à literatura apocalíptica posterior), transfigurará a terra e libertará os surdos e os cegos, os mansos e os pobres (vs. 18), ou seja, o remanescente do povo israelita" (R. B. Y. Scott, *in loc).* Encontramos aqui uma típica idéia do milênio para a renovação da fertilidade da terra, revertendo a maldição contra o solo, em razão da queda no pecado (ver Gên. 3.17). O *Líbano* é usado como exemplo do que acontecerá universalmente. O Líbano e, na verdade, o mundo inteiro, tomar-se-ão um grande *campo fértil.* Quando essas palavras foram escritas, o Líbano estava ocupado pelas tropas assírias, mas isso se esvaneceria quando a página do livro da história fosse virada e uma nova página estivesse sendo contemplada. O campo fértil pode aludir ao monte Carmelo, visto ser esse o significado de seu nome. O mundo tornar-se-á então como o *Carmelo,* o *campo frutíferd'* (Ellicott, *in loc).*

29.18

Naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro. Este versículo é uma referência óbvia aos vss. 9-12. O povo de Israel ficou estupefato, bêbado, cego e sonolento, com a cabeça coberta pelo véu da ignorância. Assim sendo, os oráculos de Yahweh tomaram-se para eles como um rolo selado, visto estarem sob a cegueira judicial. Ver as notas dos vss. 9 e 11, que versam sobre o tema. O oráculo escatológico promete que toda essa situação será revertida. Os que estavam surdos ouvirão a leitura do oráculo escatológico e o entenderão, pois suas deficiências naturais serão vencidas por decreto divino. Os cegos, em suas espessas trevas, de súbito receberão **luz,** o que lhes dará verdadeira compreensão e sabedoria. Haverá as preparações espirituais necessárias para que seja trazida à *época áurea* de Israel, que também será a época áurea do mundo inteiro. Os selos dos oráculos de Deus serão quebrados. Não haverá mais livros selados que mantenham o povo na ignorância, por motivo de cegueira judicial. Cf. o versículo com Mat. 11.5 e Isa. 32.3 e 35.5.

29.19

Os mansos **terão regozijo sobre regozijo no Senhor.** *As Maravilhas Prosseguem.* Os mansos e humildes, o remanescente judaico, obterão novas alegrias no Senhor; os pobres exultarão no Santo de Israel, porquanto Ele fará coisas maravilhosas quando restaurar Israel e torná-la a cabeça das nações. Ver no *Dicionário* o título divino, *Santo de Israel.* O Poder (Elohim) agirá com retidão; Ele imporá a justiça; Ele cumprirá as profecias antigas; Ele restaurará o pacto. Com uma série de metáforas, o profeta descreve a cena da restauração: os surdos ouvirão; os cegos verão; o livro selado será aberto; os mansos serão elevados ao topo; os necessitados ficarão ricos; a santidade e a justiça serão *restauradas,* primeiramente em Israel e depois pelo mundo todo. Cf. Mat. 11.4 e I Cor. 1.26,27.

29.20

Pois o tirano é reduzido a nada. Os *zombadores violentos* são os malfeitores de Judá e das potências estrangeiras. Ver Isa. 28.14 quanto aos líderes escaminhos de Jerusalém. Chegará ao fim aquela classe de líderes que só transtorna a sociedade e faz os homens cair na apostasia. Os que ansiavam por praticar o mal serão simplesmente eliminados da face da terra. E então haverá paz, harmonia e retidão, em vez das lutas contínuas, matanças e iniqüidades. Haverá mais do que uma reforma moral e espiritual: haverá total reversão e completa renovação, em parte conseguida pela remoção dos maus elementos corruptores. Essa obra nunca foi realizada na história. Estamos tratando com um oráculo escatológico, que retrata condições que deverão ser criadas para o sucesso da era do Reino de Deus.

29.21

Os quais por causa de uma palavra condenam um homem. Os violentos e zombadores perverteram a sociedade, e este versículo os descreve com maiores detalhes.

> *Aqueles que mentem sobre outras pessoas em tribunal desaparecerão. Aqueles que mentem e fazem injustiças contra pessoas inocentes, em tribunal, desaparecerão.*
>
> (NCV)

A lei mosaica requeria o testemunho de apenas uma ou duas pessoas para que um caso de litígio legal fosse decidido (ver Deu. 17.6). Era fácil corromper um ou dois com ameaças ou subornos. E existe grande abundância de juizes que se deixam corromper e esquecem a justiça por pequena vantagem. Coisas como essas não mais existirão na era do Reino. Haverá limpeza completa no sistema judicial; completa renovação; nova moralidade. Quanto à perversão deliberada da justiça, cf. Êxo. 23.6; Amos 5.12; Mal. 3.5. O próprio Isaías sofrerá acusações injustas dos líderes de Judá, por causa de sua oposição à aliança com o Egito contra a Assíria, o que significa que ele chegou a conhecer, em primeira mão, o que era a justiça pervertida.

Ao que repreende na porta. A porta de uma cidade era o lugar de comércio e justiça (ver Rute 4.11; Pro. 31.33; Amos 5.12); e era, igualmente, onde os profetas se faziam ouvir, porquanto ali se juntavam muitas pessoas. Ver Jer. 7.2; 17.19. Cf. o hábito de Sócrates ir discursar no mercado de Atenas.

O Segundo Oráculo Escatológico (29.22-24)

29.22

Portanto, acerca da casa de Jacó, assim diz o Senhor. Yahweh era o Redentor e começou Sua obra nacional com Abraão. Ver sobre o pacto abraâmico em Gên. 15.18. A Jacó (Israel) foi dado um território pátrio como uma das provisões da aliança com Deus. Jacó passou por muitas situações que lhe ameaçaram a vida e ficou *pálido* de temor. Ele foi freqüentemente *envergonhado* por seus próprios pecados e por inimigos estrangeiros. Mas a era do Reino de Deus haverá de reverter todas essas coisas. "Aquele patriarca, a exemplo de Raquel (ver Jer. 31.15), aparece como quem vigia sobre as fortunas de seus descendentes com emoções variegadas. Essas emoções tinham envolvido vergonha e terror, mas agora haverá o raiar de um dia mais brilhante" (Ellicott, *in loc).* "O Deus de Abraão restaurará um Israel arrependido, o qual aceitará as instruções de Deus (Eze. 36.22-32). Cf. as referências a Abraão, em Isa. 41.8 e 51.2" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 22-24). "Da mesma maneira que Deus redimiu Abraão dentre os idolatras e os que operam a iniqüidade, também redimirá os que ouvem as palavras do Livro e se humilham diante Dele (vss. 18-19)" (Adam Clarke, *in loc).*

29.23

Mas quando ele e seus filhos virem as obras das minhas mãos. Jacó, embora envergonhado e aterrorizado por causa de tudo quanto aconteceria a seus descendentes (Israel), ficará satisfeito ao ver as obras maravilhosas de

Yahweh que beneficiarão seus filhos. Ele verá a era do Reino e sua restauração, tão rica de bênçãos e benefícios. Verá *seu povo* tornar-se cabeça das nações (ver Isa. 24.23). Então louvará o *Nome,* o *Santo de Israel* (ver a respeito no *Dicionário),* porquanto a Sua justiça e a Sua retidão prevaleceram. O medo de. Jacó com respeito a seus inimigos e aos desastres naturais de súbito se transformará no "temor do Senhor", que fez tantas coisas maravilhosas. Ver o artigo intitulado *Temor,* no *Dicionário,* e também em Sal. 119.38, e ver sobre o *Temor do Senhor,* em Pro. 1.7, sendo que essa expressão aponta para a espiritualidade, nas páginas do Antigo Testamento. Ao ver essa visão, Jacó se encherá de alegria e se prostrará diante de Yahweh, que preparou tais maravilhas para os fins de nossa era. O Nome de Yahweh será santificado pelo povo, separado como o único digno de ser adorado pelos homens, que, por sua vez, serão santificados pelo poder do Senhor. Eles "reverenciarão o Seu Nome e o Seu santuário, a Sua palavra e as Suas ordenanças. Eles O adorarão interna e externamente, temendo-0 e regozijando-se em Sua bondade" (John Gill, *in loc).*

29.24

E os que erram de espírito virão a ter entendimento. Os *errados* serão restaurados, arrependendo-se e confessando seus pecados; e isso os espiritualizará. Os que murmuraram contra Yahweh (ver notas completas na introdução a Núm. 11 e em Isa. 14.22) haverão de irromper em louvores, reconhecendo sua grande divida material e espiritual. Ver também a questão da murmuração em Deu. 1.27 e Sal. 106.25. Essas murmurações significam que eles estavam em estado de rebeldia, e por isso murmuravam. Ver Êxo. 16.8 e Sal. 106.25. Tais condições não mais existirão. Eles aprenderão, aceitarão e aplicarão os ensinamentos de Yahweh, e por eles serão transformados.

Capítulo Trinta

Ai dos Filhos Obstinados (30.1-33)

Embaixada de Mau Presságio ao Egito (30.1-7)

Esta seção diz respeito à embaixada enviada ao Egito, em cerca de 703 A. O, "solicitando apoio contra a Assíria, um plano que Isaías considerou rebelião contra Deus (28.14-44; 29.15,16). Visto ser um pacto contra os desejos de Deus, falharia" *{Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 1-7). O plano era *insensato,* porquanto o poder de Yahweh derrotaria a Assíria nos portões de Jerusalém (II Reis 19). Naturalmente, antes disso, mais de 40 cidades muradas de Judá seriam destruídas. Isso nos permite ver o estado de desespero em que Judá tinha caído, e por que eles procuraram a ajuda do Egito. (São os registros históricos assírios que nos dão essa informação, e não o Antigo Testamento.)

30.1

Ai dos filhos rebeldes, diz o Senhor. No começo deste versículo temos uma interjeição de dor, *ai,* por causa da tristeza que sobreviria a Judá, em razão de sua persistência naquela aliança diabólica. Cf. Isa. 3.9,11; 5.8,11,18,20-22; 18.1; 24.16; 28.1; 29.1,15; 30.1; 33.1; 45.9,10.

Este oráculo profere *vergonha* contra filhos rebeldes. O povo de Judá agia como um bando de garotos rebeldes e tolos, que insistiam em jogar à sua maneira, esquecidos dos conselhos de seu Pai. Eles insistiam em seus planos; insistiam em sua liga com os pagãos; o plano deles era humano, e não divino; seria desastroso e não lograria sucesso; vinha do espírito deles, e não do Espírito de Deus; tão-somente serviria para aumentar o grande estoque de pecados de Judá. Eles *derramariam uma libação* (expressão hebraica literal para fazer uma liga), na presença de oficiais egípcios pagãos, e não na presença de Yahweh. Eles reverteriam a posição dos marcos da terra.

"Isaías ouviu que as intrigas palacianas tinham, finalmente, pendido em favor de uma aliança com o Egito. 'Cobrir com uma cobertura', ou seja, *tecer uma teia,* o que descreve as sutis e intrincadas negociações duplas da diplomacia" (Ellicott, *in loc).* Em vez de buscar a vontade de Yahweh, em Seu templo, por meio do Urim e do Tumim, ou mediante algum profeta verdadeiro, eles formaram em segredo sua decisão, por trás de portas fechadas, e mediante sabedoria humana.

30.2

Que descem ao Egito sem me consultar. "Em resultado da 'aliança com a morte' (Isa. 28.14-22), quando os dados foram lançados em favor da rebelião contra a Assíria, depois da morte de Sargão, cerca de 705 A. O, e do esquema secreto subseqüente, do qual o profeta fala em Isa. 29.15,16, foi enviada uma embaixada judaica para obter apoio dos egípcios. Isaías denunciou isso como uma rebelião não contra a Assíria, mas contra Yahweh. Visto que esse esquema não se ajustava ao propósito contínuo e abrangente de Yahweh em relação à história, só poderia terminar em fracasso e desgraça" (R. B. Y. Scott, *in loc).* O envio da embaixada foi um ato de desafio contra a vontade revelada de Deus, uma *transgressão* singular. Um *ai* foi pronunciado contra eles, uma palavra que aparece por 22 vezes no livro de Isaías. Haveria *aflições.* Ver a lista de referências no vs. 1.

Em vez de dirigir-se a Yahweh, o *Refúgio* de Israel (ver no *Dicionário* e em Sal. 46.1), os judeus buscaram a sombra que seria lançada pelo abrigo do Egito, uma maneira poética de dizer que Judá dependeria do Egito como sua proteção. Cf. Isa. 18.1. A imagem é a de uma sombra lançada por uma rocha, no deserto, que abriga dos rigores dos raios solares.

30.3

Mas o refúgio de Faraó se vos tomará em vergonha. O que os judeus esperavam que os salvasse se tornaria razão de *vergonha* para Judá. Os assírios poriam *fim* imediato àquela aliança. Isa. 19 mostra-nos que o Egito era fraco demais para fazer qualquer coisa acerca da ameaça assíria e falharia na hora crítica, não cumprindo o acordo firmado. Ver também Isa. 20.5. A história inteira foi um fiasco de confiança mal colocada.

30.4

Porque os príncipes de Judá já estão em Zoã. O ponto destacado por este versículo é que o poder da dinastia do Egito parecia grande devido à extensão de seu território. Mas o simples fato de que os egípcios possuíam muitas terras não significa que tivessem poderoso exército. A dinastia egípcia ampliava o seu poder até Zoã (Tânis), quase na fronteira com a Palestina, e até Hanes (Anusis), no médio Egito. Os enviados de Judá podiam ir a esses lugares encontrar-se com os oficiais egípcios, e podiam admirar o império egípcio, mas não perceberiam o quanto ele realmente era *fraco* e *distante* para escudar Judá da ameaça que vinha do nordeste, a Assíria. A sede do governo egípcio, naquele tempo, ficava em Zoã. Comentadores judeus observam sobre as excelências de Zoã (Talmude Bab. Metzia. foi. 38.1; *Sabbat* foi. 154.2), o que significa que os embaixadores judeus ficaram bem impressionados. Mas impressionar os embaixadores judeus e impressionar os assírios eram coisas muito diferentes.

30.5

Todos serão envergonhados dum povo que de nada lhes valerá. A idéia de escudar-se no Egito foi um fiasco que resultou em vergonha. A aliança com o Egito não traria benefício aos judeus. De fato, os egípcios foram rápida e facilmente derrotados por Senaqueribe, e qualquer um que tivesse confiado no Egito se sentiria naturalmente confundido e envergonhado. O poder do Egito era apenas uma cana podre que cederia sob a menor pressão (metáfora do *Cânon Assírio,* par. 133). Cf. Jer. 2.36. Portanto, Judá estava fazendo uma política estúpida e uma religião ainda pior, já que punha sua confiança em uma *sombra,* e não no *Refúgio* que era Yahweh (ver Sal. 46.1). Os egípcios sabiam conversar, mas não tinham a força de vontade nem a força das armas para concretizar seus acordos. Nesse caso, *a conversa era mercadoria barata,* conforme diz certo ditado popular.

30.6

Sentença contra a Besta do Sul. Este versículo descreve as condições segundo as quais os enviados judeus ao Egito (vs. 4) fizeram a sua viagem. Eles tiveram de atravessar o Neguebe, uma área desolada cheia de animais selvagens, como leões e serpentes. Levaram consigo animais de carga cheios com presentes para impressionar os egípcios. Jumentos e camelos foram usados como animais de carga, e obtemos a idéia de que consideráveis riquezas foram assim transportadas. Os judeus levaram essas riquezas a um povo que não tinha vontade nem potência para realmente protegê-los dos assírios. O *investimento* feito pelos judeus se perderia totalmente. A descrição é um *oráculo das bestas,* uma vez que o profeta viu as bestas de carga carregando todo aquele tesouro de Judá para o Egito. Os animais de carga levaram todas aquelas riquezas, mas voltaram sem trazer coisa alguma. O profeta Isaías previu a futilidade da missão dos embaixadores judeus, mas os líderes da nação não o escutaram. Portanto, tais líderes promoveram a futilidade.

30.7

Pois quanto ao Egito, vão e inútil é o seu auxílio. Os judeus nada ganhariam no Egito. Eles tinham inventado esperanças vãs. O Egito só proveria desapontamento, pois a ajuda deles seria "inútil e vazia" (Revised Standard Version). O profeta, pois, aplicou ao Egito um nome depreciador: "Gabarola" (no original hebraico, "Raabe que não se move"). Raabe era o nome da serpente mitológica ou dragão que Yahweh teria destruído em combate, por ocasião da criação (ver Isa. 26.20-27.1). Ver as notas expositivas na introdução a Isa. 26.20 e 27.1. Raabe era

um dos nomes do monstro também conhecido como Leviatã. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Raabe*, segundo ponto, *Um Monstro*. O grande e temível monstro ficaria somente sentado ali, sem nada fazer, e seria um alvo fácil para o exército assírio. Conforme diz certa expressão popular moderna, o Egito era um "tigre de papel". A tradução da NCV diz aqui "os Nada Fazem". O nome *Raabe* aparece na literatura ugarítica associado a Leviatã, e era um monstro feminino do mar que simbolizava o *caos*. Esse nome passou a ser um sinônimo poético para o Egito. Mas tal como os temíveis hipopótamos ou crocodilos apenas se assentam nas margens do rio Nilo, sem nada fazer, assim também aconteceria com Raabe. Cf. Isa. 51.9; Jó 26.12; Sal. 87.4 e 89.10.

Sumário e Testamento (30.8-17)

30.8

Vai, pois, escreve isso numa tabuinha perante eles. Em Isa. 8.16-18, o profeta deixou registrada a sua mensagem como um *testemunho* para o futuro. Uma vez mais, o profeta deixou registrado o seu oráculo como um testamento. Tal como afirmara a Acaz, em um escrito anterior, o profeta agora reiterava que a segurança de Judá não poderia ser garantida por ações militares, nem por acordos políticos com potências pagãs. O livramento só poderia ser obtido mediante humilde confiança em Yahweh (vss. 15-16). Cf. Isa. 7.4,9. A aliança entre Judá e o Egito entrara em curso de colisão com a vontade e o plano divino, pelo que estava fadada ao fracasso, e grande seria o prejuízo. Quando Judá se lançasse a aventuras militares, entraria em colapso.

Os vss. 8-11 são uma espécie de "Dia da Condenação que Isaías foi instruído a publicar, um sumário do juízo de Deus contra a política de Judá em relação ao Egito. A questão foi retida por escrito para que houvesse um registro permanente e um testemunho contra os líderes e o povo de Judá, igualmente" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*).

Fique registado... para sempre, perpetuamente. A mensagem do profeta deveria ficar inscrita em um tablete e em um rolo, o "papel" dos antigos. Os tabletes eram feitos de argila ou madeira, mas no Egito os tabletes eram feitos de madeira, mais ou menos do tamanho de uma lousa de criança. O rolo, por sua vez, era feito de papiro ou pele de animal (vellum). Isaías recebeu ordens para fazer duas cópias, uma em tablete de madeira e outra em rolo. Dessa maneira, o testemunho ficou preservado para servir de oráculo perpétuo contra Judá. Tramitaria entre eles por longo tempo, depois que a aliança com o Egito azedasse. O Targum retrata esse testemunho escrito sendo produzido no dia do julgamento contra os ofensores.

30.9

Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos. O testemunho seria contra os rebeldes que eram *filhos mentirosos*, ou seja, filhos que negavam a paternidade de Yahweh e tinham-se desfeito dos laços familiares com Ele. Cf. Êxo. 4.22, onde Israel é chamado de *filho* de Yahweh. Aqueles pseudofilhos não queriam obedecer às instruções do Pai, Yahweh, o Deus Eterno. Os oráculos do profeta tinham condenado claramente a aliança entre Judá e o Egito. O erro dos judeus não fora cometido com base em ignorância ou inocência. Era uma clara violação da relação de pacto, uma transgressão que requeria agora pesada retribuição divina.

30.10

Eles dizem aos videntes: Não tenhais visões. *Os falsos profetas* falavam sobre como os assírios eram indiferentes em relação a Judá, ou como fugiam dos judeus; ou quão prósperas as coisas haveriam de ser. Ademais, promoviam um culto pagão ou um falso sincretismo do paganismo com o yahwismo. O povo, por sua vez, queria que Isaías falasse como aqueles enganadores. As pessoas procuram os videntes para serem encorajadas, e não para ficarem assustadas, e, assim sendo, os judeus se tornavam muito infelizes quando tinham de afastar-se de Isaías tristes e com medo. Preferiam alimentar-se de ilusões a ter seu cérebro afetado. Por outra parte, existe a verdade; e era nisso que Isaías estava interessado. A verdade particular, "Mantenham-se afastados da aliança com o Egito", poderia ter livrado Judá de muita dor de cabeça, mas o que os teria consolado acerca da Babilônia? Cf. este versículo com I Reis 22.5-28; Jer. 28.8,9. Diz o Targum: "Quem está dizendo aos profetas: Não profetizeis; e aos mestres: Não nos ensineis a lei?".

30.11

Desviai-vos do caminho, apartai-vos da vereda. Os líderes de Judá estavam tornando-se amargos e radicais, e diziam ao profeta: "Vá passear", conforme diz certa moderna expressão de desdém. Eles estavam ficando hostis, recomendando que Isaías saísse do caminho deles. Ordenaram que parasse de falar acerca de Yahweh, o *Santo de Israel* (ver a respeito no *Dicionário*). Eles estavam cansados e enojados de suas profecias condenatórias e pessimistas. Além disso, gostavam do tipo de vida que estavam levando, que era o caminho do *ateísmo prático*. Nem por um momento consideraram o arrependimento, o que teria sarado as coisas e evitado acontecimentos drásticos. Eles esqueceram aquele tipo de oração reta que é mais poderosa do que a profecia e até pode cancelar acontecimentos que já haviam sido fixados. Na verdade, a oração é mais forte que a profecia, e isso é algo que jamais devemos esquecer.

"A santidade de Deus é o que mais perturba os pecadores" (Fausset, relembrando-nos do Nome divino aqui usado, "o Santo de Israel"). Diz o Targum: "Remove para longe de nós a palavra do Santo de Israel".

30.12

Assim diz o Santo de Israel: Visto que rejeitais esta palavra. A insistência no caminho errado, a rejeição à mensagem do oráculo, resultou em Judá ter ficado preso à sua escolha. Isso resultaria em um desastre auto-infligido. O oráculo divino foi repelido, e o caminho da perversão mereceu a confiança dos judeus. Assim sendo, o *Santo de Israel* (ver a respeito no *Dicionário*) não teve alternativa senão aplicar o apropriado julgamento retributivo. O oráculo transmite a promessa do vs. 15, que a grande maioria dos judeus perderia. Eles seriam enganados por aqueles de quem dependiam, o Egito.

30.13

Portanto esta maldade vos será como a brecha de um muro alto. A muralha defensiva acabaria mostrando-se defeituosa; ela estufaria para fora e entraria em colapso, e isso aconteceria em bem pouco tempo. A muralha que foi procurada como defesa tinha um ponto fraco fatal. O Egito não tinha nem vontade nem força para cumprir as condições do tratado. Cf. Sal. 62.3,4. A muralha parecia boa, mas de repente caiu sem aviso, visto que lhe faltava força interior. "As casas de Jerusalém, mal construídas e meio decadentes, podem ter fornecido o simbolismo da símile. Primeiramente apareceu a "barriga" ameaçadora na muralha, então houve a rachadura, e finalmente a muralha ruiu. Esse seria o resultado dos planos mal arquitetados sobre o alicerce doentio das intrigas corrompidas" (Ellicott, *in loc.*). Eze. 13.10 adiciona a massa caiada usada para segurar os tijolos. A muralha cairia sob o próprio peso.

30.14

O Senhor o quebrará como se quebra o vaso do oleiro. Neste versículo, o profeta Isaías proveu *outra metáfora*. A aliança fracassaria (seria fatalmente quebrada), como o oleiro que, ao fazer um vaso, vê que ele tem um defeito, e não quer dar-se ao trabalho de refazê-lo. Simplesmente o quebra em pedaços e inicia a formação de outro vaso, com outro barro. Seu ato é rude. Ele não pensa duas vezes. Rejeita o vaso que estava em formação, e quebra-o em um instante, quando percebe a falha.

> *Com vara de ferro as regerás, e as despedaçarás como um vaso de oleiro.*
>
> (Salmo 2.9)

A símile, naturalmente, inclui também outra idéia: Yahweh é o Oleiro; Ele é o poder que quebrará o vaso por causa de sua falha fatal. Cf. Jer. 18.4 e 19.10. A destruição viria irreparavelmente, pois ninguém sairia ao redor tentando juntar as peças do vaso rejeitado.

30.15

Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação. Agora os títulos divinos são multiplicados para fortalecer e enfatizar a mensagem. Yahweh (o Deus Eterno) era o mesmo Elohim (o Poder todo-poderoso); e Ele é, igualmente, o Santo de Israel (o que já fora dito nos vss. 11 e 12). Seus julgamentos são baseados na retidão e produzem a justiça. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*, bem como cada título com seu artigo separado. Temos aqui uma declaração que provavelmente já fora usada antes. É semelhante aos pensamentos de Isa. 7.3-9 e 10.20,21. Judá ainda tinha chance de arrepender-se, isto é, de *voltar-se a Yahweh*. Disso resultaria o *descanso* diante do julgamento retributivo. Os judeus deveriam deixar de lado sua confiança no homem (que fracassaria como a muralha que entrara em colapso ou como o vaso que fora despedaçado), para confiar em Yahweh, o qual proveria *refúgio* seguro. Ver Sal. 46.1. Então Judá recuperaria as forças e desfrutaria disso na quietude, longe dos ruídos da guerra destrutiva. O Faraó não podia cumprir o que havia prometido aos judeus. Antes, seria causa de desassossego e temor. Uma aliança firmada com o Faraó do Egito terminaria em caos e destruição. Judá precisava apelar para outra fonte, a fim de obter segurança e paz. Essa declaração (vs. 15) é a *palavra* do vs. 12, o gracioso *oráculo da promessa*.

Se vos acalmardes e confiardes em mim, sereis fortes.

(NCV)

30.16

Antes dizeis: Não, sobre cavalos fugiremos; portanto fugireis. Em vez de confiar em Yahweh, os judeus confiavam na velocidade dos cavalos, não para fugir, no princípio, conforme alguns entendem, mas para correr na batalha contra os assírios, a fim de que a ameaça passasse. Mas confiar nos excelentes cavalos do Egito, os melhores do mundo, resultaria em fugir diante dos assírios. Contra todas as expectativas, outros, que perseguiriam os judeus, viriam montados em cavalos ainda melhores, os alcançariam e os destruiriam. Em primeiro lugar, eles *se apressariam* a montar naqueles cavalos, na expectação da vitória, mas em breve *fugiriam,* apavorados. Portanto, a única utilidade dos excelentes cavalos egípcios seria para fugir dos assírios, fortes demais para os judeus. O contraste foi feito propositadamente: ou Judá confiaria nos cavalos velozes, ou confiaria em Yahweh, com resultados correspondentes, em consonância com a lei da colheita segundo a semeadura. Cf. Isa. 7.3-9 **e** 10.20,21.

30.17

Mil homens fugirão pela ameaça de apenas um. Este versículo é uma espécie de reversão de Sal. 91.7. Em vez de caírem mil ao seu lado, e dez mil à sua direita, a ameaça dos assírios enviaria mil judeus fugindo de um único assírio; e, se cinco assírios ameaçassem, *todos* ps judeus, todo o exército judeu, além de seus aliados, correria para salvar a própria vida. 0& egípcios os abandonariam e os deixariam como se fossem um pau de bandeira no alto de uma colina, isto é, totalmente sozinhos. O profeta falava do pendão abandonado de um exército em fuga. Os soldados judeus tinham-se ido; somente o pendão permanecia. Talvez essa metáfora dê a entender que "somente um remanescente restará", tal como se vê em Isa. 7.3,4 e 10.20-23. Cf. também este versículo com Deu. 32.30; Jos. 23.10 e Lev. 26.8. "O remanescente dos judeus seria como pontos luminosos postos em uma colina para advertir os homens sobre a justiça de Deus e a veracidade de Suas ameaças" (Fausset, *in loc.).*

O Poder do Deus Invisível (30.18 - 31.9)

Promessa aos que Estivessem na Adversidade (30.18-26)

30.18

Por isso o Senhor espera, para ter misericórdia de vós. O texto bíblico adquire aqui uma torção radical, afastando-se de um quadro de desespero, Judá em fuga diante de um inimigo forte, para um quadro de encorajamento de um povo aflito. A passagem que se segue é *escatológica,* chegando até a era do Reino de Deus, bem como às promessas a ela pertencentes, e isso explica a súbita mudança de tom. Cf. Isa. 65.17-25; Amos 9.13-15; Joel 3.18.

Yahweh esperava a oportunidade de mostrar-se gracioso com Judá; esperava que eles mudassem. Deus exalta a Si mesmo para mostrar Sua misericórdia, e não Sua ira. Ele é Elohim, o Poder, Aquele que fará a justiça neste mundo, na era do Reino, sendo Israel a cabeça das nações que entrarão no milênio, pois esse é o plano divino que inexoravelmente será executado. Os que esperarem pelo Senhor e pela fruição desse plano divino serão *abençoados.* Visto que Yahweh é o Deus (o Poder) da justiça, Ele fará justiça em prol dos que por Ele esperarem, cujo coração estiver preparado pelo arrependimento e pela santidade. Cf. Sal. 33.20. Yahweh será *exaltado.* Ele subirá a Seu trono de justiça e cumprirá Sua promessa.

30.19

Porque o povo habitará em Sião, em Jerusalém. Os vss. 19-26 atuam como comentário do vs. 18, dando detalhes sobre esse conceito. Cf. Isa. 65.24. Há em Deus graça e perdão. Os fracassos passados serão revertidos. O choro estacará em Sião, e haverá alegria no Novo Dia. As lágrimas atrairão misericórdia, e a misericórdia atrairá grandes bênçãos durante a era do Reino. As calamidades terão chegado ao fim. O Deus exaltado fará poderosa intervenção na história da humanidade. Sem isso, as coisas jamais se alterariam. Ver Isa. 13.6 quanto à idéia do controle divino sobre as atividades humanas, a soberania de Deus em operação, Sua providência, negativa e positiva, a orientação divina nos eventos da vida humana. Israel se tornará cabeça das nações e, acima de tudo, abençoadíssima. Cf. Isa. 24.23. As orações milenares pedindo restauração para Israel finalmente serão respondidas: a era do Reino e a nação de Israel restaurada e exaltada. Essa será uma obra divina que deixará todos os demais povos da terra profundamente admirados.

30.20

Embora o Senhor vos dê pão de angústia e água de aflição. *Yahweh é* quem tinha dado o pão da adversidade para que os judeus se alimentassem diariamente, bem como as águas da aflição para que matassem a sede. E será o Senhor, igualmente, quem produzirá a grande reversão. Ele é o mestre que se ocultou por algum tempo, porquanto eles rejeitaram Suas instruções e não mereceram Sua orientação; mas tudo isso será finalmente revertido. O Mestre divino retornará com Sua doutrina graciosa, e os judeus ouvirão, aprenderão e serão transformados pela instrução divina. Então se tornarão dignos de receber as bênçãos divinas da Nova Era. Os "mestres" aqui referidos são os subordinados divinamente nomeados por Yahweh, porquanto a autoridade que têm não é deles mesmos. A mensagem deles é a *palavra* mencionada no vs. 21. Há uma alusão à rejeição dos *muitos profetas* que Deus enviara a Judá. Mas no fim dos tempos essa rejeição será recebida e obedecida. Este versículo não fala do trabalho desempenhado pelos ministros cristãos, na era do evangelho. Está em vista a era do milênio futuro, e Israel ocupa ali o centro do palco.

30.21

Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda. As instruções divinas serão explícitas. O homem que seguir por esse caminho ouvirá uma voz que dirá: "Este é o caminho; andai por ele". Quando ele se desviar para a direita ou para a esquerda, isso será feito por orientação divina. Talvez a idéia seja que um homem terá de começar a caminhar dessa maneira, que ele sentir que está mais correta, para então, enquanto estiver avançando, buscando fazer o melhor possível, a voz de Deus lhe dará instruções.

Se fordes pelo caminho errado, para a direita ou para a esquerda, ouvireis uma voz atrás de vós. E essa voz dirá: 'Este é o caminho certo. Deveis avançar por este caminho'.

(NCV)

Mas o hebraico original não justifica a presença da palavra "errado" que aparece nessa citação. O versículo tão-somente garante uma direção certa. O homem que estiver avançando da melhor maneira possível será orientado. A *Voz* de Deus não o decepcionará. Os escritores hebraicos relacionam essa "voz" ao *Bath Kol,* a misteriosa voz de Yahweh que ocasionalmente rompia na experiência humana para dar mensagem e orientação especial. Ver sobre *Bath Kol* no *Dicionário,* onde listo oito incidências possíveis. Ou então devemos pensar aqui na voz do Espírito, falando através de Seus mestres.

Ilustração Pessoal. Quando eu hesitava em escrever ou não um comentário versículo por versículo do Antigo Testamento, fui encorajado por Bill Barkley, de São Paulo, ex-diretor da Biblioteca Evangélica, a tocar avante o projeto. Eu vinha buscando luz, pois, afinal de contas, o Antigo Testamento tem 23.148 versículos, e isso significa três vezes o volume do Novo Testamento. Poderia eu, em minha idade relativamente avançada, completar com sucesso um projeto desse porte? O Rev. Barkley encorajou-me a mergulhar no projeto e citou este versículo que ora comentamos. Sua interpretação era que, uma vez iniciado o projeto, com boas intenções, eu receberia luz quanto a se deveria ou não continuá-lo. O fato é que, tendo buscado luz, tomei essa sugestão como o encorajamento que estava procurando. Hoje, 10 de março de 1997, completei 80% desse projeto. A marca é Isa. 43.9. Portanto, atualmente, tenho razões para dar graças a Deus, por ter recebido forças para cada passo do caminho. Atualmente, o fim desse projeto já está à vista. Esse incidente também serve como instrução geral quanto à luz e à orientação. O futuro sempre reserva incertezas. Mas sempre haverá orientação para aqueles que a buscarem. Sempre haverá aquele cicio suave que fala conosco (ver I Reis 19.12).

30.22

E terás por contaminados a prata... e o ouro. A era futura do *Reino de Deus* marcará o fim da idolatria de Judá. Seus ídolos muito favorecidos, recobertos de prata **e** ouro, serão totalmente desdenhados e lançados no lixo como se fossem feitos de escória, porquanto o *nada* deles finalmente será reconhecido.

Lançá-las-ás fora como cousa imunda. Quebrando-as, jogando-as por terra, jogando-as no monturo. Ou então, queimando-as (ver Deu. 7.25). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Idolatria.* Os ídolos seriam lançados fora como se fossem panos monstruosamente imundos e repelentes. A menstruação de uma mulher era uma das coisas que tomava a mulher, e qualquer coisa que nela tocasse, imundas, de acordo com a legislação mosaica. Ver Lev. 15.19. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Limpo e Imundo.* Kimchi usou o simbolismo do lixo e do monturo. Os ídolos nada eram senão lixo, e tinham de ser jogados ali, que era o lugar deles. Os israelitas, durante a era do Reino, haverão de abominar os ídolos.

30.23

Então o Senhor te dará chuva sobre a tua semente. A era do Reino será um tempo de fertilidade sem precedentes. Tarefas como arar, semear e colher

serão abundantemente recompensadas. A maldição da terra (ver Gên. 3.17) será revertida e, juntamente com ela, todas as demais maldições. Sempre haverá abundância de chuvas e a quantidade certa de luz solar. A agricultura será abençoada com provisões totalmente favoráveis. Haverá pastos ricos o ano inteiro, sem nenhum período de seca e necessidade. Cf. este versículo com Deu. 28.1-14.

"A prosperidade física acompanhará a piedade nacional... As primeiras chuvas caíam depois do plantio da semente, em outubro ou novembro. As últimas chuvas caíam na primavera, antes que o grão amadurecesse. Ambos os períodos de chuva eram necessários para que houvesse boa colheita" (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Chuvas Anteriores e Posteriores*. Mas, quanto ao período do Reino de Deus, total providência divina é prometida. Ninguém sofrerá fome, nem homem nem animal. E isso também se aplica à fome e à sede espiritual (Mat. 5.6).

30.24

Os bois e os jumentos que lavram a terra. A agricultura provê o necessário para os animais, e os animais provêem o necessário para o homem. E tudo depende da bondade de Deus, que provê condições próprias na natureza.. Deus cuida dos animais por aquilo que eles valem (ver Jon. 4.11), e não meramente porque eles servem ao homem. Certos animais eram usados para ajudar no trabalho agrícola. E, por isso, mereciam todas as provisões que lhes eram dadas. Ademais, essas provisões deveriam ser de primeira classe, limpas e copiosas.

> *Doce provisão é um pão para os camelos; uma provisão salgada como uma confecção.*
>
> (Provérbio árabe)

Somos informados, por pessoas que devem saber o que estão dizendo, que os animais de fazenda realmente gostam desse tipo de alimento. A King James Version diz provisão *limpa*; mas a nossa versão portuguesa mostra-se correta na tradução: *com sal.* Ervas alcalinas serviam de alimentos para os animais e eram misturadas com um pouco de sal, para adquirir um pouco mais de gosto. Note o leitor que não estamos falando sobre algum tipo de planta que os animais poderiam encontrar nos campos, mas sobre o mais excelente grão padejado, próprio para ser consumido por um rei. Até o humilde *jumento,* durante a era do Reino, será servido por esse tipo de alimento, o que nos fala da *plenitude* que haverá naquela época futura.

30.25

Em todo monte alto... haverá ribeiros e correntes dáguas. Terminadas as batalhas finais, que darão adeus à era antiga do mundo, com o resultante advento da Nova Era, então a água (e tudo quanto ela simboliza) será abundante, correndo das colinas para os vales, em benefício de todos. Ver Apo. 16.16 e 19.17-21, vinculados aos capítulos 21 e 22 desse livro. "Tem prosseguimento aqui o quadro da época áurea. Os montes e as colinas, tão freqüentemente secos e estéreis, fluirão como rios de águas grandes, que proverão a irrigação dos vales. Isso seguir-se-á à grande matança dos ímpios... O extremo do homem é a oportunidade do homem" (Ellicott, *in loc.*).

Quando caírem as torres. Ou seja, as fortificações e as máquinas de guerra dos ímpios. Talvez tenhamos aqui uma profecia sobre o Armagedom (ver Apo. 16.16). A era antiga terá de ser destruída, antes que a Nova Era possa chegar.

30.26

A luz da lua será como a do sol. A iluminação conferida pelos corpos luminosos *aumentará* tanto que a luz emitida pela lua será como a do sol, ao passo que o sol produzirá *sete vezes* mais luz do que a sua iluminação normal, tanto quanto eram necessários sete dias para a terra produzir. Isso deve ser entendido metaforicamente, com respeito à iluminação que banhará a terra inteira. Na luz há alegria, pois ela simboliza glória divina. Isaías previu um mundo brilhantemente iluminado, e essa visão, sem dúvida, foi como ver a luz como extremamente brilhante, e a luz do sol tão brilhante que cada porção da terra será ofuscante.

Sete vezes mais fala da perfeição da felicidade. Banhados por essa luz, será efetuada cura para todos os males morais e espirituais, pois a luz cura. Yahweh é tanto Luz como é Cura. Os ofícios divinos estarão funcionando durante o milênio inteiro. Alguns pensam estar em pauta as ministrações do evangelho por meio da igreja, mas isso só pode ser uma aplicação, e não a interpretação da passagem, pois o tema é Israel na época áurea do Reino de Deus.

A Tempestade da Ira de Yahweh Livrará Judá (30.27-33)

30.27

Eis que o nome do Senhor vem de longe, ardendo na sua ira. O vs. 25 diz que a inauguração da nova era só poderá ocorrer depois da obliteração da antiga. Será mister a *ira de Yahweh* para que essa tarefa se complete. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ira de Deus*. O autor sagrado pode ter escrito da perspectiva histórica da destruição do exército assírio, mas a aplicação parece ser escatológica. Ver o vs. 31 quanto aos assírios. O oráculo original pode ter sido, simplesmente, uma profecia contra a Assíria e os acontecimentos de 701 A. C., quando os 185.000 soldados do exército inimigo foram destruídos em uma única noite pelo Anjo do Senhor. Ver II Reis 19.35-37. Alguns intérpretes limitam o oráculo a esse acontecimento, não vendo aqui nenhum significado escatológico.

O Nome do Senhor. Ver a respeito no *Dicionário* e em Sal. 31.3. O Nome do Senhor representa os atributos e atos divinos, dependentes da natureza divina. Yahweh, o Deus Eterno, é o significado do Nome de Deus neste trecho bíblico. Ele virá como uma tremenda tempestade, mostrando Seu desprazer em relação aos assírios. Ele incendeia as florestas e faz levantar uma fumaça espessa. Seus lábios proferem julgamento e palavras plenas de chamas da indignação. Cf. com a tempestade da ira de Deus, em Sal. 18.7-15. A língua de Yahweh (os julgamentos que Ele proferirá) será como uma chama imensa e devoradora. Yahweh preparou para os assírios um inferno requeimante (vs. 33).

"Há uma flamejante magnificência na descrição do ataque de Deus contra a Assíria. O oráculo termina com um quadro lúgubre do inferno de fogo preparado para o rei da Assíria, onde Deus espera para soprar os carvões que se transformam em chamas cauterizadoras" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*). Cf. Juí. 5.4,5 e Êxo. 24.17.

30.28

A sua respiração é como a torrente que transborda e chega até ao pescoço. Há *outras metáforas* que falam sobre o terror dos dias finais de nossa era, a fim de inaugurar a nova era, conforme se vê nos três pontos seguintes:

1. Agora temos um dilúvio causado por um rio transbordante, que engolfa o inimigo com pesadas chuvas ou neves que se dissolvem, e os vales ficam cheios porque os rios não podem ser contidos em seus leitos. A Assíria atirou-se contra Judá como se fosse um dilúvio, somente para encontrar o dilúvio de Yahweh.
2. Então a Assíria será coada na peneira de Deus, tal como faz um agricultor para separar do cereal objetos inúteis. Cf. Amós 9.9 e Isa. 41.16.

> *Ele julgará as nações como se as estivesse peneirando através da tela da destruição.*
>
> (NCV)

3. E então, da mesma maneira que um homem põe um freio na boca de um cavalo para mantê-lo sob controle, assim Yahweh porá um freio na boca da Assíria a fim de guiá-la por um caminho diferente, ou seja, afastá-la de Judá para que não o destrua. Os poucos sobreviventes da matança provocada pelo Anjo do Senhor correriam de volta à Assíria, em busca de segurança. Cf. Isa. 37.29. Os inimigos de Judá recuariam sob o divino poder restringidor, e seus planos cairiam em desgraça e destruição.

> *O freio de Zeus o obrigaria violentamente a fazer essas coisas.*
>
> (Ésquilo, Vinct. 691)

30.29

Um cântico haverá entre vós. Quando o exército assírio fosse forçado a retirar-se, seria imensa a *alegria dos* israelitas, o que é comparado ao júbilo das grandes festividades anuais judaicas: a páscoa, o Pentecoste e a festa dos Tabernáculos. Haveria regozijo e grandes celebrações. Provavelmente está em vista aqui a celebração da páscoa quando a intervenção divina livrasse Israel. O povo judeu subiria ao monte do Senhor, Sião, onde se localizava o templo, levando em sua companhia os instrumentos de música, para ajudar nas celebrações jubilosas. Ali chegando, eles louvariam a *Rocha* de Israel (ver a respeito no *Dicionário*). Yahweh era a fortaleza e a defesa dos judeus. Cf. II Sam. 23.3 e Apo. 14.1-4; 16.1-4. Quanto à *Rocha,* ver também Isa. 17.10 e Deu. 32.4.

30.30

O Senhor fará ouvir a sua voz majestosa. *Outras Descrições do Julgamento Divino.* Consideremos três pontos a respeito dessas descrições:

1. Será ouvida a *voz* iracunda de Yahweh, como se fosse um grande grito de batalha, que encheria de terror o coração dos soldados assírios. Seria uma voz majestosa como a do trovão. Cf. Isa. 30.30,31. O Targum fala sobre a voz divina que ordenou ao Anjo destruir o exército assírio (ver II Reis 19.35-37).
2. Então o *braço de Yahweh* desferiria um golpe fatal, ferindo os assírios com uma *vara* (vs. 31). Ver acerca do *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Cf. *mão* (Sal. 81.14) e *mão direita* (Sal. 20.60). Essas figuras simbólicas falam dos instrumentos divinos de julgamento e do poder e da autoridade do Senhor para julgar.

3. A tempestade de *fogo* seria um dos instrumentos usados por Deus, incluindo os relâmpagos, a saraiva, as chuvas tempestuosas — que destruiriam e aniquilariam o inimigo. "A saraiva e as brasas de fogo eram símbolos naturais da ira do Senhor" (Ellicott, *in* toe). A figura pode ser a de uma floresta incendiada com o relâmpago de Deus. Ele então sopraria sobre as chamas e os carvões acesos, para que o incêndio se tornasse ainda mais intenso, tal como se fosse um forte vento que acompanha os incêndios das florestas, criados pelos jatos de ar quente. Ver a metáfora do *incêndio de florestas,* em Isa. 9.18; 10.18 ss. Cf. Apo. 16.18-21.

30.31

Porque com a voz do Senhor será apavorada a Assíria. A voz do Senhor esbravejaria, conclamando à destruição da Assíria. Esse era o grito de batalha de Yahweh. Ver o vs. 30, onde esse simbolismo é encontrado. Então temos o ferir com a vara, que fica subentendido no vs. 30 com a metáfora do *braço* de Deus. O exército assírio seria derrotado de forma fulminante, administrada por muitos golpes por todo o seu corpo. Está em vista o que o Anjo do Senhor fez ao exército assírio (ver II Reis 19.35-37). A Assíria recebeu mais do que as 39 chicotadas tradicionais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Açoite.*

30.32

Cada pancada castigadora, com a vara, que o Senhor lhe der. Cada vez que a vara de Deus espancasse os assírios, os habitantes de Jerusalém se regozijariam sob o som de tamboris e harpas. O que era *dor* para os assírios seria *alegria* para os judeOS. Cf. Isa. 24.8. O dia do julgamento das tropas assírias seria um feriado de regozijo para Judá. Cf. o vs. 29, onde a felicidade dos festejos é usada como símbolo da alegria que haveria naquele dia. Haveria um cântico de triunfo, tal como ocorreu após as vitórias de Jefté e Davi (Jui. 11.34 e I Sam. 18.6). Judá haveria de entoar o seu *Te Deum* diante da queda das tropas assírias. As longas muralhas que ligavam Atenas ao Pireu foram derrubadas pelos espartanos ao som da música" (Ellicott, *in loc).* Cf. o cântico de Moisés (Êxo. 15), bem como o cântico de Débora (Juí. **5).**

30.33

Porque há muito está preparada a fogueira, preparada para o rei. Algumas traduções e intérpretes retêm aqui a palavra traduzida por "fogueira", isto é, Tofefe. Ver no *Dicionário* sobre esse título, nos dois últimos parágrafos. A alusão pode ser: 1. ao vale de Hinom ou *Geena* (ver a respeito no *Dicionário),* onde sempre havia chamas queimando para consumir o lixo de Jerusalém, além dos corpos mortos de animais ali lançados, em um ato de contaminação; 2. aos sacrifícios humanos em honra a *Meleque (Moloque)* (ver a respeito no *Dicionário).*

Para esses horrendos sacrifícios (em que até crianças eram oferecidas) havia muitos infames altares pagãos. Portanto, temos aqui um quadro profético no qual Yahweh faria a mesma coisa com os assírios. Essa figura simbólica nos deve fazer pensar no absurdo de um inferno com chamas literais, ao que alguns intérpretes reduzem o texto (além de outras passagens bíblicas). No livro de I Enoque encontramos o *rio de fogo* referindo-se ao *sheol,* e então retratado como um lugar de chamas literais e tormentos para as almas perdidas. As chamas do hades foram acesas pela primeira vez no livro de I Enoque, conforme sabem os eruditos, mas versículos como o presente eram facilmente interpretados dessa maneira. Além disso, no livro de Apocalipse temos o *lago do fogo,* que toma o lugar do rio de fogo do livro de I Enoque. Ver Apo. 19.20; 20.10,14,15 e 21.8.

Tomar tais simbolismos como passagens literais no caso do julgamento dos perdidos é uma loucura de interpretação. Ademais, reduzir o julgamento apenas ao aspecto de retribuição, sem nenhuma medida restauradora, também é inclinar-se diante de uma teologia inferior. Quanto a minhas idéias sobre esse assunto, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.* O indiscutível é que o presente versículo nada tem que ver com o julgamento dos perdidos, para além do sepulcro. Mas também não podemos duvidar de que versículos como este influenciaram o desenvolvimento posterior dessa doutrina. Note aqui o leitor a frase "como torrente de enxofre a acenderá", que Yahweh fará soprar sobre a fogueira, mantendo-a acesa! Provavelmente essa "torrente de fogo" foi tomada por empréstimo diretamente deste versículo.

Lenha em abundância. Os sacrifícios humanos eram feitos em meio a chamas cujo combustível era a madeira. Por conseguinte, alguns intérpretes fazem a *madeira* aqui simbolizar os assírios que foram mortos. Mas outros estudiosos fazem as almas dos perdidos ser representadas pela madeira sobre a qual Deus continuou a enviar Seu sopro de fogo e enxofre. Deus nunca se cansa nessa atividade. Ele simplesmente continuará a soprar por toda a eternidade. Caros leitores, lamento dizer, mas esse não é o Deus a quem adoro. Esse quadro é uma perversão da imaginação humana.

Capítulo Trinta e Um

Ai da Aliança com o Egito (31.1 - 32.20)

Na Força do Exército ou no Poder do Espírito (31.1-3)

Este oráculo é companheiro do trecho de Isa. 30.1-7. "Tal como o 'ai' anterior (capítulo 30), este 'ai' foi dirigido contra a aliança com o Egito que alguns dentre o povo de Judá queriam firmar. Mas este oráculo também fala sobre o Rei messiânico que, algum dia, virá libertar o Seu povo" (John S. Martin, *in loc).* A força dos egípcios não passava de ilusão; a sabedoria procede do Espírito de Deus, e não das intrigas dos raciocínios e tratados humanos. Judá muito anelava por ajuda material, mas o tempo todo negligenciava as forças divinas e espirituais.

"Os sonhos grandiosos dos líderes judeus resultariam em nada. Pelo contrário, provocariam o castigo mais merecido da história. Quanto **a** isso, o profeta ofereceu *duas razões:* a. a política dos líderes judeus insurgia-se contra o sábio propósito de Yahweh, o único propósito que governa o curso dos acontecimentos; e b. eles depositavam sua confiança em algo tão fraco e transitório quanto eles mesmos, que pereceria juntamente com eles" (R. B. Y. Scott, *in loc).*

31.1

Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro. "Ai" é uma interjeição que indica *dor,* antecipando a *angústia* vindoura. Ver Isa. 3.9,11; 5.8,11,18,20-22; 6.5; 10.1; 17.12; 18.1; 29.1,15; 30.1; 31.1; 33.1; 45.9,10.

A Confiança Mundana. Judá depositara sua confiança no que o Egito tinha para oferecer: cavalos, carros de combate e cavaleiros (tudo isso em grande quantidade e poder). Mas os egípcios também eram temporais e vãos. Essas coisas não fariam a Assíria estacar. Além disso, os egípcios se mostrariam "fracos por dentro", destituídos da força da vontade e coragem necessárias para enfrentar os assírios, quando a ação militar se iniciasse. As instruções divinas originais para Israel não permitiam carros de combate e cavalos (ver Deu. 17.16), o que reduzia Israel a uma *infantaria.* Isso significava que, se eles obtivessem a vitória em alguma batalha, o crédito seria dado a Yahweh. Os judeus estavam sempre enfrentando inimigos melhor equipados que eles e, assim, se contassem somente consigo mesmos, geralmente perderiam as batalhas. Por isso, a proibição bíblica foi ignorada. Ademais, alianças com potências estrangeiras tinham sido proibidas, mas sempre havia exceções, especialmente quando grandes exércitos, como os da Assíria e da Babilônia, começavam a marchar.

A Confiança no Céu. Em contraste, precisamos confiar em Yahweh, em Sua sabedoria e em Suas forças. Ele é o *Santo de Israel* e também o *Deus Eterno,* Yahweh. Ver sobre esses títulos no *Dicionário.* Este oráculo ilustra o "fracasso da força". A força pertence ao Senhor. O Poder é o de Deus. Esse era o motivo do profeta.

Judá queria colocar cavalos e carros de combate egípcios contra a famosa cavalaria assíria. Os monumentos assírios retratam carros de combate puxados por três cavalos e conduzidos por três homens. Cf. Isa. 36.9 e Sal. 20.7. Mas até mesmo esse poder era o braço da carne. O profeta Isaías, pois, convidou Judá a confiar nos Braços Eternos de Deus.

Um cavalo é algo inútil quando se trata de segurança (ver Sal. 33.17).

> *Uns confiam em carros, outros em cavalos. Nós, porém, nos gloriaremos em o nome do Senhor, nosso Deus.*
>
> (Salmo 20.7)

31.2

Todavia este é sábio, e faz vir o mal. Essas são palavras sarcásticas proferidas como zombaria contra os políticos que se jactaram de sua sabedoria, ao fazer um acordo de defesa militar com o Egito. Eles pensaram ter realizado um grande feito de sabedoria. "Mas Deus também tem um pouco de sabedoria", disse o profeta sarcasticamente, e, "se vocês derem prosseguimento a esse plano, verão quão insensatos foram". Yahweh tinha proferido Suas palavras e não as lançaria fora. Uma condenação fatal estava a caminho, e os que estivessem envolvidos no fiasco egípcio sofreriam. "Ele não somente traçou mas também executou o que tinha traçado, sem chamar Suas palavras de volta (ver Núm. 23.19)" (Fausset, *in loc).* Quanto a essas *palavras,* ver Isa. 30,12,13,16,17.

A casa **dos malfeitores.** Isto é, os políticos de Judá.

Contra a ajuda. Ou seja, contra os egípcios, que tinham sido convocados a ajudar os judeus. O julgamento divino sobreviria contra a *aliança inteira.*

31.3

Pois os egípcios são homens, e não Deus. Os egípcios, como débeis mortais, fracassariam, em contraste com Deus, o Ser Imortal. Seus "melhores cavalos do mundo" eram apenas carne, e não corcéis imortais do espírito. Nenhum deus estava descendo do céu, montado em cavalos imortais, para liderar Judá à batalha. A aliança inteira entre Judá e o Egito era assinalada pela fraqueza e em breve seria demolida pelos assírios. Mas o poder real por trás dessa fragorosa derrota seria Yahweh, o Poder que é a causa dos acontecimentos humanos. Ver Isa. 13.6 quanto a esse conceito. Yahweh estenderia a Sua mão para realizar Sua obra. A alusão pode ser à travessia do mar Vermelho, quando a mão de Yahweh foi estendida para dar passagem a Israel. Ver sobre *mão* em Sal. 81.14, sobre *mão direita* em Sal. 20.6; e sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Está em mira a *instrumentalidade* do poder divino, no caso presente a operação através do exército assírio, e essa seria a destruição da aliança entre Judá e o Egito.

A Nota-chave da Passagem. "A verdadeira força de uma nação jaz não em sua grandeza material, mas em sua grandeza espiritual; na busca pelo Santo de Israel, na prática da santidade. Sem essa condição, a aliança com o Egito seria fatal tanto para os que buscavam ajuda como para os que se comprometeram a dá-la.

31.4

Porque assim me disse o Senhor: Como o leão e o cachorro do leão rugem. Um leão ignora um bando de pastores que tentam proteger a ovelha que o animal escolheu matar. Os gritos, os movimentos com os braços e as maldições que eles soltam não exercem efeito sobre o grande felino. Assim também o Senhor, defendendo o monte Sião, não podia ser barrado. Ele não temia o barulho e a exibição de desprazer e força dos assírios. Ele poderia fazer o que os egípcios não poderiam. Está especificamente em mira, aqui, a defesa contra as tropas de Senaqueribe. Ver Isa. 29.1-8; 37.21-26; II Reis 19.35-37. Esta metáfora é diferente porque usualmente o *leão* é usado para simbolizar a temível destruição de alguma coisa, mas aqui ele aparece como o defensor. Cf. Isa. 42.13 e Osé. 11.10.

31.5

Como pairam as aves assim o Senhor dos Exércitos amparará a Jerusalém. Da mesma forma que aves de presa circulam sobre nossa cabeça, assim o Senhor protegeria Jerusalém de todo dano. Novamente poderíamos esperar o contrário. As aves de presa circulam lá no alto para dardejar sobre uma vítima, mas aqui está em pauta um escudo de proteção. Há um afeto solícito nesse simbolismo. Ver Deu. 32.11; Sal. 91.4 e Mat. 23.37. "Aqui Yahweh engaja-se na defesa de Jerusalém como se fosse uma ave-mãe" (Fausset, *in loc.*). "As águias circulam por cima de seus ninhos, espantando para longe os homens e os animais" (Ellicott, *in loc.*).

Oh, espalha Tuas asas que nos protegem,
Até cessarem nossas perambulações,
E na residência de nosso Pai amado
Nossa alma chegue em paz.

(Phillip Doddridge)

Cf. o simbolismo deste versículo com algo similar que Jesus provê em Mat. 23.37.

31.6

Convertei-vos, pois, ó filhos de Israel. A defesa de Jerusalém estava garantida, mas por parte do Senhor, e não dos egípcios. Portanto, que os filhos de Israel, o *povo de Israel,* se voltassem para o Senhor em arrependimento, anulando assim sua revolta, que era tão profunda. Deus tem poder e amor e, diferentemente dos egípcios, estava *disposto* a salvar os filhos de Israel e não falharia na empreitada. Cf. Eze. 16.62,63 e Osé. 6.1. O profeta esperava que houvesse *conversão* do povo para que a situação fosse curada. Cf. II Crô. 30.6. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Rebelião,* que ilustra o texto.

Confiando na Grandeza de Deus

Tal como a galinhola faz seu ninho secreto no pântano,
Eis que edificarei para mim um ninho na grandeza de Deus;
Voarei na grandeza de Deus, quando a galinhola voar,
Na liberdade que enche o espaço entre o pântano e os céus;
Pelo mesmo número de raízes enviadas pela galinhola no pântano,
De todo o coração me deixarei ficar na grandeza de Deus.

(Sidney Lanier)

31.7

Pois naquele dia cada um lançará fora os seus ídolos de prata. Este versículo olha para as condições da era do Reino de Deus, quando a idolatria for completamente eliminada, levando-nos de volta ao pensamento de Isa. 30.22. Fazia parte da esperança de Isaías que Judá exibisse esse tipo de sabedoria na crise que estava sendo vivida. Cf. Zac. 12.9-14; 13.1,2. Ver também Isa. 2.20. Ali, o lançamento dos ídolos era inspirado por um abjeto desespero, mas aqui, potencialmente, mediante verdadeira conversão e arrependimento. Mãos pecaminosas fabricam ídolos, deuses falsos, contaminando assim um indivíduo, e então uma nação inteira. Prata e ouro materiais, metais preciosos conforme a mente dos homens, são dilapidados no empreendimento. Os verdadeiros valores, em contraste, estão na fé em Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.*

31.8

Então a Assíria cairá pela espada, não de homem. O *exército assírio* estava condenado a cair, mas não pelo poder militar fraco do Egito e/ou de Judá. O Anjo do Senhor interviria (ver II Reis 19.35-37). Os poucos sobreviventes fugiriam para a Assíria, e alguns deles seriam tomados cativos e escravizados, e então sofreriam trabalho forçado sob duros capatazes. Cf. Isa. 37.36. Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto dizem aqui: "Fugi, mas não da espada (do homem)". Algumas vezes as versões concordam com um dos dois manuscritos hebraicos desses rolos que contêm um bom pedaço de Isaías — contra o texto massorético padronizado segundo o qual a maioria das tradições do Antigo Testamento está alicerçada. Ver sobre essa circunstância e seu significado em Isa. 26.19, onde apresento exemplos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Mar Morto, Manuscritos (Rolos)* e *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

O poder dos gentios, não ferido pela espada,
Dissolveu-se como neve, pelo olhar do Senhor.

(Byron)

31.9

De medo não atinará com a sua rocha de refúgio. A *rocha assíria* desapareceria perante o terror do Senhor. Consideremos estes três pontos:

1. Talvez o profeta fale aqui de uma rocha que ameaçava esmagar Jerusalém. A referência é difícil, o que lança os intérpretes a conjecturas.
2. Alguns supõem que esteja em mira a Assíria, como uma fortaleza. Nesse caso, os poucos assírios que sobreviverem do seu exército *fugirão* e atravessarão as fronteiras de sua pátria natal, onde se refugiarão.
3. Ou então a *rocha* significa a *força* da Assíria, e isso passará no meio do terror, e assim se tornará inteiramente inútil.

Yahweh predisse isso através do Seu profeta, e isso teve cumprimento. Seu fogo estava em Sião. "O fogo, que aqui é símbolo da glória divina, dando luz e calor aos fiéis, mas queimando o mal (cf. Isa. 10.16,17)" (Ellicott, *in loc.*). A *fornalha,* em Jerusalém, é paralelo poético do *fogo.* Ambos "representam a santidade e a destrutibilidade do altar de Sião" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). A fornalha aqui é o forno de cozer pão, um lugar fechado onde o trabalho do fogo é realizado. Foi coisa terrível para os assírios terminar no forno de Yahweh. Pode haver uma alusão às chamas eternas mantidas no altar de Yahweh. Os assírios aproximaram-se demais, e não sobreviveram ao encontro com o altar de Deus.

Horrível cousa é cair nas mãos do Deus vivo.

(Hebreus 10.31)

Capítulo Trinta e Dois

Tempo de Justiça e Retidão (32.1-8)

O tema geral deste capítulo é o de Pro. 16.10-15; 20.8,26,28; e 25.5. Mas ver especialmente Pro. 8.15-21.

"32.1,2. No milênio, o Rei (cf. comentários sobre 33.17), ou seja, o Messias, reinará em retidão (ver Isa. 11.1,5; cf. Jer. 23.5), com governantes dirigidos por Ele (cf. II Tim. 2.2; Apo. 5.10; 20.6; 22.5), os quais governarão com justiça. De fato, cada pessoa que entrar no milênio será um crente. Cada qual protegerá a seu irmão, como um abrigo do vento, e refrigerará outros como... água no deserto e rocha que dá sombra protetora do calor do deserto" (John S. Martin, *in loc.*).

"Uma Sociedade Transformada. Estes versículos contêm a visão de Isaías sobre uma sociedade reformada. Ele não aborda aqui (conforme fez nos vss. 15-19) os efeitos físicos e materiais de um novo espírito no homem, mas exclusiva-

mente as qualidades morais que transformam a vida humana. A fonte da mudança estará no caráter da classe governante. Quando a retidão e a justiça assinalar suas vidas, a sociedade inteira sentirá a influência purificadora dessas coisas" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc).*

32.1

Eis aí está que reinará um rei com justiça, e em retidão governarão príncipes. O Rei (com inicial maiúscula na King James Version) é o Rei Messias, e os príncipes serão Seus subordinados. Mas alguns estudiosos pensam estar em vista o reinado ideal (tal como em Deu. 17.14 ss.) e não vêem aqui nenhuma referência messiânica. Entretanto, é melhor ver **a** era vindoura de justiça padronizada segundo os ditames da Literatura de Sabedoria. Os insensatos não mais receberão atenção. O dia deles terá terminado. Alguns pensam estar em pauta aqui Ezequias, rei de Judá, ou mesmo algum rei ainda futuro. Ainda que isso fosse verdade, eles tão-somente seriam tipos do que o Messias será e fará. Cf. Osé. 3.5; Zac. 9.9 e Isa. 11.3-5. Os que tiverem autoridade durante o milênio, sob o Messias, seguirão à risca o exemplo deixado por Ele, imitando-0 em Seu ofício de Rei. Ver Luc. 22.30; I Cor. 6.2; II Tim. 2.12; Apo. 2.26,27 e 3.21, quanto a versículos aplicáveis que falam sobre o mesmo tema. Cf. Pro. 8.15,16. O versículo presente reverbera essas palavras.

32.2

Cada um servirá de esconderijo contra o vento. Várias imagens falam da bem-aventurança do povo junto ao Messias, como Rei. Consideremos estes quatro pontos:

1. Um *abrigo* contra o vento, a sombra projetada por uma grande rocha, sob a qual os homens se escondem para obter proteção do calor do sol e das tempestades no deserto.

> *Que a caverna fresca e a rocha que dá sombra os protejam.*
>
> *(Virgílio, Georg. iii.145)*

2. Um *lugar de esconderijo* onde um homem pode esperar que passe uma tempestade, e ele possa sair dali. A tempestade cairá sob a forma de chuva torrencial, um grande evento para um homem apanhado ao ar livre. Essa tempestade causa súbita *inundação,* pelo que temos mencionadas torrentes de água onde usualmente é um lugar seco. Quando as águas do dilúvio sobem, um homem precisa desesperadamente de algum lugar para esconder-se, pois, do contrário, será levado de roldão.
3. Mas provavelmente é melhor compreender aqui as correntezas como *beneficentes.* As neves que se dissolvem enviam riachos ao deserto para pessoas sedentas e animais domesticados, ou para os camelos usados para cruzar o deserto. Possivelmente esses riachos são valetas de irrigação, vitais para a agricultura em lugares secos, pois a agricultura é a base da vida.
4. A *grande rocha* em uma terra cansada, o lugar seco onde o sol bate sem cansar, era um grande benefício. Os viajantes que poderiam perecer no calor acolhiam a visão da grande rocha de descanso onde a sombra protegia sua cabeça, e debaixo da qual talvez pudessem encontrar alguma água. Essa rocha simboliza a Rocha de Israel. Ver o artigo do *Dicionário* chamado *Rocha.* Ver também Sal. 18.2,31; 28.1; 42.9; 89.26 e 94.22.

Tomadas juntamente, as figuras apresentam a idéia de plena proteção e completo suprimento, ou seja, total provisão. As metáforas, como é óbvio, vão adiante de qualquer coisa que se poderia esperar da parte de Ezequias, ou da parte do mero poder real terreno.

32.3

Os olhos dos que vêem não se ofuscarão. Olhos e ouvidos estariam abertos para o Mestre e Suas lições, em contraste com Isa. 29.9 ss., onde há várias metáforas que falam da cegueira judicial e da surdez das pessoas que sofrem. Quanto à reversão de condições anteriores, ver também Isa. 29.18; 35.5 e 42.7. Essas pessoas receberiam, aceitariam e aplicariam as instruções divinas. Está em vista a era do reino de Deus, e não o sucesso do evangelho no mundo.

O conhecimento do Senhor será universal, e não meramente obterá sucesso em Israel. Ver Isa. 11.9. Jerusalém será a capital religiosa do mundo, e dali emanará o conhecimento de Deus (ver Isa. 24.23).

32.4

O coração dos temerários saberá compreender. Até os *insensatos* terão bom juízo. E os deficientes, que tinham impedimentos na fala, sairão ao redor falando sobre a glória do Rei com toda a eloqüência, e ensinando a outras pessoas. A sabedoria deixará de ser a possessão de alguns. Expressões eloqüentes deixarão de ser a habilidade de poucos. Em comparação aos habitantes da nova era, os sábios de eras anteriores serão uns tolos; e os eloqüentes como gagos, em comparação aos mestres da era futura do Reino de Deus. O versículo fala do altamente elevado nível, espiritual e intelectual, dos homens na era do Reino. Será um tempo em que a sabedoria e a erudição avançarão tremendamente.

32.5

Ao louco nunca mais se chamará nobre. De fato, haverá pessoas tolas e perversas na era do Reino, mas elas não terão honras, estarão em minoria e viverão sob estrito controle. O pecador morrerá aos 100 anos de idade (ver Isa. 65.20), ou seja, *por causa* de seus pecados, seja por acidente, seja por enfermidade. Mas isso será uma exceção do que acontecerá normalmente. Esse tempo será revertido quando o bem for chamado de mal, e o mal for chamado de bem. Ver Isa. 5.20. Os homens não mais andarão de cabeça para baixo. Diz o Targum: "Os ímpios não mais serão chamados justos, e os que transgredirem não mais serão chamados poderosos", porquanto essas são *avaliações falsas e perversas* que glorificam o pecado e degradam a retidão.

32.6

Porque o louco fala loucamente. A mente do profeta retorna **ao seu** próprio tempo e contrasta isso com o ideal da era do Reino de Deus. Agora mesmo os tolos dizem tolices e são louvados por isso; agora mesmo homens maus cozem pratos intragáveis para que comam a sua sopa envenenada; agora mesmo os ímpios, homens malignos de todas as sortes, praticam abertamente os seus crimes sem vergonha alguma, até mesmo crimes de sangue; agora mesmo falsos mestres proferem doutrinas falsas contrárias à hígida doutrina de Yahweh. Alguns deles até fazem de Deus o inspirador de sua iniqüidade; agora mesmo homens iníquos deixam os famintos com fome, e os sedentos com sede. Em outras palavras, as coisas estão erradas e provocam desastres, enquanto os bons sentam-se timidamente por ali e permitem que sejam feitas coisas ousadas, com pouco ou nenhum protesto. Os ímpios estão cheios de zelo, mas os retos estão cheios de temores. Cf. Pro. 15.2,7,14.

32.7

Também as armas do fraudulento são más. Prossegue o catálogo de pecados dos perversos. Os indivíduos malignos são cheios de maquinações para criar confusão e obter vantagens para si mesmos. Apreciam ferir o próximo, mesmo quando isso não resulta em benefício próprio. Arruinam os pobres e tomam o pouco de dinheiro e as poucas propriedades que eles possuem. Não hesitam em faltar com a verdade para obter o que querem. Apresentam casos fraudulentos em tribunal e dão falso testemunho. Subornam juizes e testemunhas para obter vantagens através dos meios legais. E mesmo quando o pleito de um homem necessitado é obviamente justo, as autoridades preferem receber dinheiro da parte dos maus e julgar com perversidade. Ver no *Dicionário* e em Pro. 15.27 o verbete denominado *Suborno.*

32.8

Mas o nobre projeta cousas nobres. Em contraste com os perversos e insensatos dos vss. 6 e 7, temos o homem nobre, que *projeta* coisas nobres. Agindo assim, ele continuará vivendo. A ele será dada vida longa, a fim de que possa continuar a praticar o bem, servir ao próximo e cumprir a lei do amor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.* Em contraste, até mesmo na futura era do Reino de Deus, o homem mau terá morte prematura. Diz o Targum: "Os justos consultam a verdade e nela permanecem ", fazendo deste versículo uma referência ao ensino e à prática da justiça.

Mulheres Frívolas Advertidas sobre o Desastre (32.9-14)

32.9

Levantai-vos, mulheres que viveis despreocupadamente. É difícil associar estes versículos à era do Reino, e é melhor não tentar encontrar uma maneira de fazer essa ligação. No vs. 15 voltaremos à "era vindoura", com suas bênçãos e vantagens. Antes, em Isa. 6.16-4.1, o profeta apresentou uma diatribe contra os seguidores da última moda em Jerusalém, denunciando a arrogância, a luxúria insensata e o mundanismo de tais pessoas. Aqui, estão em mira as mulheres que dançavam na festa da colheita, pois realizavam sua "arte" em meio a lascívia e gaiatice. Este oráculo parece ter pertencido ao início do ministério de Isaias, quando ele proclamava desastre incondicional. Cf. Isa. 5.5,6 e 6.11-13. O ponto desta seção é que seria melhor que se lamentassem aqueles que celebravam festividades com tanto entusiasmo, por causa dos desastres que sobreviriam a Israel e a Judá com os ataques dos assírios e dos babilônios.

Vós, filhas, que estais confiantes. As descuidadas mulheres de Israel (Judá) são chamadas para *ouvir* e obedecer à palavra do profeta. Ali elas se entregavam ao

lazer e, quando estavam ativas, dançavam nas festividades; mas logo chegaria o tempo de fugir. Este versículo tem um tom da literatura de sabedoria. Ver Pro. 4.20 e 19.20. Cf. Sal. 64.1, onde há uma nota de sumário sobre a questão do ouvir e do obedecer espiritual. Aqui temos um "discurso dirigido às mulheres de Jerusalém, que pouco se importavam em dar atenção aos sinais políticos daqueles tempos perturbados, mas viviam uma vida de auto-indulgência (3.16-23)" (Fausset, *in loc.*).

32.10

Porque daqui a um ano e dias vireis a tremer, ó mulheres. Aquelas mulheres se alegravam por avivar o tempo da colheita com suas canções e danças, pois, quando não estavam ativas, era isso o que faziam. Pouco sabiam que, dentro de breve tempo, a colheita falharia, e então haveria lamentos, e não regozijo.

> *Vós, mulheres, senti-vos seguras agora, mas dentro de um ano estareis com medo. Não haverá a vindima. E nem haverá fruto do verão para ser colhido.*
>
> (NCV)

A referência a *um ano e dias* é vaga, e nenhum período histórico exato pode ser determinado com certeza. Se está em pauta um *breve tempo*, podemos ver tanto o ataque dos assírios quanto o dos babilônios. A tradução de algumas versões, como a da King James Version, "muitos dias e anos", não está correta. O original hebraico quer dizer "em pouco mais de um ano". Talvez esteja em foco o ataque assírio de 701 A. C. (ver II Reis 19). Mas Kimchi diz aqui: "dias sobre um ano, ano após ano", que denota longo tempo, talvez uma referência aos 70 anos do cativeiro babilônico. Mas não parece ser esse o sentido aqui e, como é óbvio, o texto nada tem que ver com os romanos.

32.11

Tremei, mulheres que viveis despreocupadamente. *Aquelas mulheres despreocupadas* são aqui convidadas a *tremer*, em vez de *dançar* ou de estar à vontade; elas são chamadas a deixar sua complacência, o que não era *congruente* com a crise que se aproximava. Elas são convocadas a parar as danças que excitavam a concupiscência masculina, mas que se desnudassem e vestissem apenas uma peça de pano de saco amarrada à cintura. Isso porque a nudez da lamentação era mais apropriada às circunstâncias do que a nudez da concupiscência. Ver no *Dicionário* e em Isa. 3.24 o artigo chamado *Pano de Saco*. Aquelas mulheres deveriam ter-se despido de suas vestes alegres e luxuosas com as quais dançavam, a fim de cobrir-se com o pano de saco da lamentação.

> *Tirai vossas belas vestes e vesti pano de cilício sobre a cintura.*
>
> (NCV)

32.12

Baterão no peito por causa dos campos aprazíveis. *Outros sinais de lamento* eram próprios para a ocasião, como bater no peito, em consternação, por causa do fracasso da colheita. Em vez de dançar com os seios meio descobertos, para atrair a atenção de qualquer cão que passasse, elas deveriam bater no peito para mostrar que o desastre as havia atingido. Há um habilidoso jogo de palavras aqui, entre *shadaim* (peitos) e *sedeey* (campos). As pancadas no peito seriam a lamentação por causa dos *campos*, que nada haviam produzido. O peito é para a nutrição dos infantes; os campos eram para a nutrição de todos, e aí está o paralelismo do jogo de palavras. Quanto a pancadas no peito como sinal de consternação e lamentação, ver Naum 2.7; Luc. 18.13 e 23.48.

32.13

Sobre a terra do meu povo virão espinheiros e abrolhos. Os campos férteis e as vinhas produtivas em breve se transformariam em desolação. E onde antes havia cereais de boa qualidade e uvas suculentas, nada existiria além de espinheiros e abrolhos. Nem homens nem animais seriam capazes de alimentar-se de espinheiros e sarças, pelo que fome generalizada resultaria.

As casas onde há alegria. Esta pode ser uma referência aos *bordéis*, que mulheres descuidadas faziam funcionar em busca de lucro e diversão. A aproximação dos invasores estrangeiros poria fim a tal coisa. Então Jerusalém, também apresentada aqui como uma cidade que "exultava", lugar de descuidos e prazeres libidinosos, seria pisada aos pés. Os julgamentos divinos arrancariam da cidade toda a sua vivacidade. Alguns estudiosos, porém, fazem as "casas de alegria" referirem-se às mais de *40 cidades* de Judá que Senaqueribe tinha destruído antes de chegar à "cidade que exulta", Jerusalém. John Gill (*in loc.*) entendia essas casas como as residências dos ricos, dos nobres, dos abastados. O país inteiro se entregara abertamente ao hedonismo, e as moradias se tornaram centros de prazeres, como o alcoolismo, as festas e a moral baixa. Ver Isa. 24.7-12 e 28.7 ss.

32.14

O palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta. *Desolação* é a palavra-chave deste versículo. Também poderia estar em pauta a cidade de Samaria, quando os assírios mataram e saquearam, e levaram para a Assíria os poucos sobreviventes da matança. Ou poderia haver aqui alusão à destruição de Jerusalém, pelos babilônios, com a subseqüente deportação dos habitantes. Mas as palavras são por demais radicais para descrever o que aconteceu quando Senaqueribe assediou o lugar, mas foi obrigado a retirar-se pela ação do Anjo do Senhor. Alguns estudiosos declaram que este versículo é escatológico, introduzindo ali os romanos ou mesmo a batalha de Armagedom, mas não é esse o significado em pauta aqui. As descrições são radicais: o lugar de governo será demolido; a cidade ficará deserta; onde antes existiam fortificações, haverá cavernas para os animais selvagens, que tomarão conta da área. Quase certamente Jerusalém está em vista aqui, com suas colinas e fortificações.

Para sempre. Não no sentido absoluto, mas com o sentido de "por longo tempo". Nem Samaria nem Jerusalém foram abandonadas permanentemente.

O Dom Transformador do Espírito no Porvir (32.15-20)

32.15

Até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto. Agora, de súbito, somos novamente transportados à futura era do Reino, e é provável ser este um oráculo dado muito mais tardiamente do que aquilo que acabamos de considerar (vss. 9-14), que nada tinha que ver com o milênio. Tal como o Pentecoste do início do cristianismo, a época áurea será caracterizada pelo derramamento especial do Espírito Santo, que transformará todas as coisas. "Tal como na promessa do Novo Pacto (ver Jer. 31.31-34), o novo ato gracioso de Deus, nos últimos dias, abrirá o caminho para o povo de Deus satisfazer as demandas morais indispensáveis para que se cumpra a verdadeira felicidade" (R. B. Y. Scott, *in loc.*).

"Depois de haver falado sobre as desolações de Judá (vss. 9-14), Isaías descreveu o tempo da bênção futura sobre a terra e sobre o povo de Israel (vss. 15-20). Aquele grandioso período, o milênio, virá depois que o Espírito Santo for derramado (cf. Isa. 44.3)" (John S. Martin, *in loc.*).

Haverá Outro Pentecoste. A repetição do batismo no Espírito Santo assinalará a vinda da era do Reino de Deus, que será a principal explicação dos acontecimentos e das condições revolucionárias. Encontramos o mesmo tipo de predição em outros profetas. Ver Eze. 36.26,27; 37.14; Joel 2.28,29; Zac. 12.10. O resultado será uma *compulsão interior* para fazer a vontade de Deus (ver Eze. 36.27). O Espírito Santo será derramado sobre Israel e, através desse povo, aos gentios (ver Miq. 5.7), seguindo o padrão da era da igreja primitiva.

O Poder Atingirá a Natureza. O deserto florescerá como a rosa (ver Isa. 35.1). A esterilidade de Israel será revertida, material e espiritualmente. Haverá campos férteis onde antes havia grandes extensões de terra estéril; e os campos frutíferos tornar-se-ão como densas florestas, tão abundantes de árvores ficarão. Os comentaristas dão interpretações tanto materiais quando espirituais a este versículo. A abundância da natureza será equiparada à abundante vida espiritual da qual os habitantes da terra (como se fossem uma densa floresta) participarão.

32.16-18

O juízo habitará no deserto, e a justiça morará no pomar. O *juízo* será o fator controlador; a *justiça* será a causa da fertilidade e da plenitude material e espiritual referida no vs. 15. Cf. Isa. 9.7; 11.4; 16.6 e 33.5. Então a *paz* e o *repouso* (vs. 17) acompanharão toda a vida e existência. Em outras palavras, será atingida, pelo mundo inteiro, uma utopia, ou seja, *condições ideais*. Assim sendo, a segurança reinará depois de tão longo período de paz e temor, criado pelos crimes ultrajantes que havia então, depois de pecados e violência intermináveis. Então a salvação temporal e espiritual de Deus acompanhará as nações. Ver Amós 9.15; Miq. 4.4; Zac. 3.10 e 14.11. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milênio*.

"A retidão, cultivada pela paz, produzirá tranqüilidade mental e segurança permanente" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Pro. 14.34 e Tia. 3.18. "O quadro descrito é o de uma terra sorridente, de um povo temente a Deus e feliz, tudo em notável contraste com o pânico e o desassossego com os quais o povo estivera tão familiarizado" (Ellicott, *in loc.*).

O governo do Reino de Deus será caracterizado pela *paz* e pela *segurança*. Israel ("o meu povo") estará seguro e gozará paz, finalmente. Pense só no que serão as coisas quando Israel não mais tiver temor de ser invadida ou atacada por alguma nação vizinha! Judeus e gentios, juntamente com todos os santos, viverão

em paz e amor uns pelos outros. Não haverá mais ultrajes e perseguições" (John Gill, *in loc).*

> *O amor concede em um momento o que o trabalho não daria em uma era.*
>
> (Goethe)

32.19

Ainda que haja saraivada, caia o bosque. Este versículo, tão fora de harmonia com o contexto, tem deixado os intérpretes perplexos, pelo que chegamos a várias conjecturas sobre por que ele foi posto aqui, e o que significa. Consideremos estes pontos:

1. Freqüentemente os oráculos eram compilações de materiais e, ocasionalmente, os compiladores simplesmente deslocavam alguma coisa de lugar. Esse é o caso aqui. "O vs. 19 está corrompido... e claramente fora de lugar" (R. B. Y. Scott, *in loc.).*
2. Ou então Isaías, descrevendo a utopia da época áurea, de súbito se distraiu por algum pensamento que contrastava com a sua descrição. Portanto, ele retratou, uma vez mais, os terrores que Jerusalém estava enfrentando quando ele escreveu esta passagem. Sob o poder da saraiva (a saraivada), a *floresta* dos habitantes de Jerusalém seria derrubada. Isso concorda com a seção dos vss. 9-14. Mas a *cidade,* neste caso, quase certamente é Jerusalém, e não Ninive. Alguns vêem a Babilônia, ou *escatologicamente* a *cidade mundial* que se opunha a Israel, que teria de ser derrubada antes do estabelecimento da Nova Era. A Babilônia mística, Roma, é vista aqui por alguns intérpretes.
3. Somos relembrados da praga de chuva de pedras que foi enviada contra os egípcios (ver Êxo. 9.23-26). Essa saraivada derrubou tanto homens quanto animais. Toda a vegetação foi quebrada, incluindo as árvores. "Quando o inimigo for ferido com tribulações variegadas, então o povo de Deus habitará em quietude (vs. 18)" (Fausset, *in loc).* Se essa é a intenção do versículo, ele faz parte integral do contexto, e não é um pensamento fugidio de Isaías. Cf. este versículo com Apo. 8.7.

32.20

Bem-aventurados vós os que semeais junto a todas as águas. *A Bem-aventurança da Era do Reino.* O profeta, deixando para trás a tempestade do vs. 19, por meio do qual tinha sido temporariamente distraído, retornou à utopia que ele vinha retratando. Haverá, durante o milênio, grande fertilidade e abundância (vs. 15). A desgraça dos desertos ressecados e das terras estéreis será revertida. O agricultor, em seu ambiente idílico, calmamente plantará suas plantações perto de águas abundantes, e não se preocupará com secas e falta de chuvas... Haverá abundância de paz. Cada indivíduo terá terras em abundância, e todas as terras serão férteis e boas tanto como pastos como para ali se fazerem plantações. Animais domesticados serão libertados para vaguear por onde quiserem, pois por onde quer que vaguearem encontrarão bom pasto. "O quadro de uma boa era para a agricultura recebe aqui seu toque final. A terra toda será irrigada por riachos que fluirão calmamente, e os homens lançarão sua semente por ali, e os bois e os jumentos puxarão os arados em uma terra rica e fértil. A terra inteira será arada, e não haverá nem espinhos e nem abrolhos" (Ellicott, *in loc).*

Capítulo Trinta eTrês

A Recompensa de Deus (33.1 - 35.10)

Os capítulos 33-35 do livro de Isaías são bastante diferentes dos capítulos 28-32, quanto ao estilo e ao conteúdo. Em vez dos usuais oráculos relativamente breves, temos longas composições, e os críticos supõem que um autor diferente tenha escrito esse trecho, talvez o Segundo ou o Terceiro Isaías (alegados autores dos capítulos 40-66 do livro de Isaías). Quanto à unidade do livro, ver a seção III, onde discuto esses tipos de problemas.

Um "ai" é proferido contra inimigos não-identificados, e várias conjecturas são feitas pelos intérpretes que menciono ao longo da exposição. O capítulo 33 aparece na forma de uma liturgia que pode ter sido usada nos cultos do templo, liderados por algum profeta. Cf. Jer. 14.2; 18.20. Temos aqui, combinados, petições e oráculos. Cf. Sal. 46 e 85.

Liturgia Profética de Petição (33.1-24)

Isso resulta em dois movimentos (vss. 1-6; vss. 7-16) e uma conclusão (vss. 17-24). O primeiro movimento contém uma declaração do tema, na forma de reprimenda profética (vs. 1), e é seguido pela oração de petição, feita pela congregação (vs. 2). Em seguida, há um oráculo de promessa que foi dado em resposta à oração (vss. 3-6). O profeta atuou como porta-voz do povo. Cf. Isa. 37.4; Amos 7.2,5 e Jer. 18.20; 27.18.

O Primeiro Movimento (33.1-6)

33.1

Ai de ti destruidor, que não foste destruído. Considere o leitor estes três pontos:

1. Foi repreendido o *destruidor,* termo usado para indicar a Babilônia, em Isa. 21.2, mas que aqui não é identificado. O destruidor também é um *traidor.* Contudo, ele não foi destruído imediatamente e continuou seus atos de traição. Ele agiu *perfidamente,* mas não agiram perfidamente com ele. O dia da prestação contudo chegaria: ele seria destruído, traído e agiriam de forma desleal com ele.
2. Talvez o destruidor aqui seja o império assírio, enquanto Judá representaria os traidores, que queriam formar aliança com o Egito contra os assírios, violando assim o mandamento de Deus. O destruidor seria destruído em Jerusalém (ver II Reis 19.35-37); e os traidores seriam traídos pelos egípcios, que não cumpririam as suas promessas. "Deus permitiu que vocês fizessem o pior, executando os *seus planos.* A vez de vocês chegará. Cf. Isa. 10.12; 14.2; Heb. 2.8 e Apo. 13.10. Ver Isa. 13.6 quanto ao ensino de que é Deus quem está por trás dos acontecimentos do mundo.
3. A interpretação escatológica que faz a cidade ser a Babilônia mística (Roma) está fora do lugar.

33.2

Senhor, tem misericórdia de nós. A reação da congregação foi uma oração. O pedido foi que o Deus Eterno (Yahweh) se mostrasse gracioso para com eles, em face de inimigos que queriam destruí-los. Eles estavam esperando a *intervenção divina* de que tanto precisavam. Yahweh seria o *braço* deles, o instrumento de defesa e o poder de ataque, pois, do contrário, eles estariam perdidos. E Ele precisava estar ali todos os dias, *todas as manhãs.* Ver sobre *braço,* em Sal. 77.15; 89.10; 98.1. A fé se transformou em oração, e a oração evocou uma espera anelante pela Fonte de Poder.

A nossa salvação no tempo da angústia. Temos aqui as idéias de livramento das mãos do inimigo; de segurança da terra; de prosperidade sob a relação do pacto. Ver sobre a salvação e sobre o Deus da salvação, em Sal. 3.3,8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23; 62.1,2,7; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7; 149.4. As notas de sumário são dadas em Isa. 62.2. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação.*

33.3

Ao ruído do tumulto fogem os povos. Agora temos um *oráculo profético que contém uma promessa* e corresponde à oração feita pela congregação (vss. 3-6). O porta-voz era o profeta. O oráculo declara a condenação iminente do inimigo. Yahweh os atacará como uma tempestade e fará um barulho horrendo que os deixará trêmulos. A voz poderosa de Deus fará o povo correr de medo. Eles perceberão a grandeza de Deus e fugirão tão rápido quanto for possível. A menção às nações pode significar que a profecia, pelo menos em parte, é escatológica, a ser cumprida antes da inauguração da era do Reino. Sião será restaurada (vs. 5), e isso pode significar a mesma coisa. Ou então estão em vista a Assíria e a Babilônia, e a restauração seria aquela que houve depois do cativeiro babilônico.

33.4

Então ajuntar-se-á o vosso despojo como se ajuntam as lagartas. Yahweh atacaria os inimigos de Israel (Judá) como as lagartas e os gafanhotos destroem as plantações, chegando aos milhões e consumindo tudo quanto estiver no caminho. Essas pragas aterrorizavam os homens. Não havia defesa contra elas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Praga de Gafanhotos,* quanto a uma vivida ilustração sobre a questão. O Targum retrata o povo de Judá a ir ao acampamento dos assírios obter despojos, depois que o Anjo do Senhor matou aqueles 185.000 homens, vendo-os como uma massa de gafanhotos. Cf. Êxo. 10.1-20, a praga dos gafanhotos no Egito. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pragas do Egito.* Os gafanhotos foram a oitava praga que atingiu o Egito.

33.5

O Senhor é sublime, pois habita nas alturas. Yahweh é o Poder exaltado nas alturas e está por trás dos eventos da histôria (ver Isa. 13.6 quanto a notas expositivas). Deus livra Israel de seus inimigos e enche Sião de justiça. Jerusalém tomar-se-á a capital política e espiritual do mundo, durante a era do Reino de Deus (ver Isa. 24.23). Portanto, há muitos poderosos acontecimentos mundiais predestinados para o futuro. Cf. este versículo com Isa. 9.7; 11.4; 16.5 e 32.16. "A visão do vidente incluía a Cidade Ideal de Deus, Yahweh habitando no alto, em

Seu santo templo, e a cidade, pelo menos, foi cheia de juízo e retidão" (Ellicott, *in loc.*). Cf. também Apo. 11.5; 15.1,2 e 19.1,2.

33.6

Haverá, ó Sião, estabilidade nos teus tempos. Israel será estabilizada, e outro tanto sucederá ao mundo inteiro, e os poderes que realizarão isso são a abundância de salvação (material e espiritual, proteção e espiritualidade), sabedoria e conhecimento. E o *temor do Senhor* (a expressão do Antigo Testamento que indica *espiritualidade*) governará todas as coisas. Quanto a isso, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Temor* e também as notas expositivas de sumário em Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Cf. também Pro. 15.33. Esse temor é o *tesouro* de Israel, o que empresta *valor* à nação. As riquezas materiais serão grandes, mas o profeta encontra verdadeiro valor no caráter espiritual do povo. Cf. Mat. 6.33: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas". Ver também Pro. 1.1-4.

O Segundo Movimento (33.7-16)

33.7

Eis que os seus heróis pranteiam de fora. "Os habitantes de Judá que pensavam poder obter a *paz* através de uma aliança (ver sobre os embaixadores em Isa. 30.4,6) chorariam amargamente. O terror dos assírios estaria por toda a parte e os judeus seriam incapazes de viajar pelas estradas por causa do perigo constante" (John S. Martin, *in loc.*). "O clamor era um pedido de *auxílio,* conforme se vê em Isa. 5.7. Solicitações acompanhavam o choro cerimonial dos sacerdotes entre o altar e o pórtico, fora do santuário" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). Da esplendorosa visão sobre o futuro, o profeta retorna agora ao desespero do presente. Homens de autoridade e posição choravam, atrás de ajuda, contra os invasores.

Os seus heróis. "Heróis" significa literalmente "como leões". Cf. II Sam. 23.20. Os melhores homens de Judá tremeram e choraram pedindo ajuda, quando a invasão dos assírios tomou forma.

33.8

As estradas estão desoladas, cessam os que passam por elas. Não havia segurança em lugar algum. As grandes estradas tinham sido destruídas; o perigo ocultava-se por toda a parte na Terra Prometida. Senaqueribe já havia saqueado mais de 40 cidades de Judá, conforme informam os registros assírios. Ele aceitou o suborno oferecido por Ezequias, e então, logo em seguida, invadiu Judá, quebrando sua aliança com um ato de traição. Ele tinha desprezado as *cidades* da Judéia (a King James Version segue a maior parte dos manuscritos do texto massorético), ou o *testemunho* (Revised Standard Version, seguindo um manuscrito). O manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto diz *testemunho.* Existem dois manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto que dizem *testemunhos.* Há dois manuscritos hebraicos (ambos parciais) e, algumas vezes, eles concordam com as versões (especialmente a Septuaginta), contra o texto massorético padronizado. Ver Isa. 26.19, onde dou dois exemplos para discutir o significado desse fenômeno. O rei da Assíria não tinha respeito pelos homens em geral, nem pelos testemunhos que validaram o pacto com Ezequias, nem pela própria aliança.

33.9

A terra geme e desfalece. Este versículo acompanha a rota de destruição do exército assírio. "Lugares nobres" foram nivelados, em total desconsideração pela Terra Prometida e pelo povo de Judá. A terra toda lamentava e definhava. O *Líbano,* local das grandes florestas de cedro, desfalecia; Sarom, a fértil faixa de terra costeira ao sul do monte Carmelo e que se estendia para o interior, chegando às colinas do território da tribo de Efraim, tornou-se um deserto; Basã, outra fértil planície (conforme seu nome significa) a leste do mar da Galiléia, lugar de grande produção agrícola e florestas de carvalho (ver Jer. 50.19; Isa. 2.13; Eze. 27.6; Miq. 7.14; Zac. 11.2), perderia suas folhas. Outro tanto se daria à região do monte Carmelo. A produção agrícola cessaria, incluindo a produção de árvores, frutos e azeitonas. O exército assírio transformava a região inteira em uma desolação. Quanto a detalhes, ver sobre cada um desses lugares nos artigos convenientes do *Dicionário.* O *Carmelo,* a "terra frutífera", uma serra conhecida por suas espessas florestas, era bem regado. Mas tornar-se-ia árido, um deserto imenso, típico do que estava acontecendo à área inteira. A fertilidade e a beleza foram obliteradas pelos assírios, fabricantes de desertos.

33.10

Agora me levantarei, diz o Senhor. *Yahweh respondeu ao grito apaixonado* e levantou-se para fazer algo acerca da ameaça assíria. Ver Sal. 12.5 e cf. também Sal. 3.7. É retratada aqui a *intervenção divina,* sem a qual Judá teria permanecido um deserto perpétuo. Ver nas notas sobre Isa. 13.6 como o Poder dos céus controla os acontecimentos na terra, sendo Ele a causa real das coisas. "A visão da miséria de Seu povo despertou Yahweh. Ele tinha permitido que o adversário avançasse o bastante. Temos aqui, no original hebraico, um 'eu' enfático: 'Agora Eu me levantarei'. O próprio Deus faria o que o homem não poderia fazer" (Fausset, *in loc.*). "A necessidade humana, como sempre, foi a oportunidade de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

33.11

Concebestes palha, dareis à luz restolho. Consideremos aqui estes dois pontos:

1. Judá foi objetivada (conforme alguns supõem) mediante o uso de estranha mistura de metáforas. Os líderes dos judeus que queriam estabelecer aliança com o Egito contra a Assíria tinham "concebido palha" e produzido "restolho", ou seja, tinham dado à luz ao que era inteiramente inútil e desprezível. Coisas assim inúteis serviam somente para o fogo, que limpa e purifica a terra.
2. Mas outros vêem aqui um discurso destinado aos assírios. Eles produziriam o que é perfeitamente inútil, reduzindo a terra a um deserto, queimando tudo com seu hálito fervente. Finalmente, porém, eles seriam consumidos pela ira de Yahweh. Essa segunda idéia parece ajustar-se melhor ao contexto, onde Yahweh é apresentado como quem se levantava para intervir nos planos ousados dos invasores. O Targum diz aqui: "Tendes pensado para vós mesmos, ó povo, pensamentos de iniqüidade. Tendes praticado más obras, e por esse motivo minha palavra vos destruirá, como um redemoinho faz ao restolho".

33.12

Os povos serão queimados como se queima a cal. A ira de Yahweh consumiria a fogo os povos em pauta. Duas imagens de destruição são aqui empregadas. Diz a NCV: "As pessoas serão queimadas até que seus ossos se tornem óxido de cálcio". E então as pessoas se tornariam como espinhos inúteis que para nada servem, exceto para serem queimados como combustível, ou para preparar a terra para o cultivo. Quanto aos ímpios como *espinhos,* ver II Sam. 23.6,7.

33.13

Ouvi, vós os que estais longe, o que tenho feito. Todas as nações ouviriam o que Yahweh fez aos assírios, e os povos terão de reconhecer que essa era uma obra poderosa e que a intervenção divina foi muito além do que Judá esperava. Ver II Reis 19.35-37. A sorte da Assíria serviria de lição internacional sobre como os homens deveriam respeitar Yahweh e temer os Seus juízos. As pessoas perguntariam a si mesmas como poderiam resistir àquelas chamas eternas, o fogo que devora (vs. 14). Os povos teriam de reconhecer Elohim, o Poder, como força ativa por toda a parte, recompensando a justiça e punindo o mal. Aleluia, pois Yahweh-Elohim reina (ver Apo. 19.9)! Cf. este versículo com Isa. 34.1. O oráculo foi proferido, e seu cumprimento era certo.

33.14

Os pecadores em Sião se assombram, o tremor se apodera dos ímpios. *Chamas Eternas e Devoradoras.* Cf. Isa. 30.27-33. O conceito do fogo eterno no hades (inferno) atormentando para sempre as almas sem dúvida desenvolveu-se por reflexão de passagens como estas, embora na época ainda não houvesse desenvolvimento de uma doutrina de recompensa ou castigo no além-túmulo. Ver Dan. 12.2, onde essa doutrina entra na teologia hebraica em forma de semente. As notas em Isa. 30, especialmente nos vss. 28 e 33, dão panos de fundo e comentários detalhados sobre a questão. O rio de fogo mencionado em I Enoque tornou-se o lago do fogo do livro de Apocalipse. As chamas do inferno foram acesas pela primeira vez no livro de I Enoque. Essa idéia dos livros pseudepígrafos foi então incorporada à teologia do Novo Testamento, em alguns de seus versículos.

O ensino desta passagem é a ira inexorável de Deus contra os assírios, que queimaria como um fogo que não poderia ser apagado e contra o qual não haveria como resistir. Mas essa ira também se estenderia aos pecadores em Sião que ansiavam por firmar aliança com o Egito, em lugar de ceder à mensagem do profeta de que se deveria confiar exclusivamente em Yahweh. "O terror do Senhor consumiria não somente o inimigo externo, mas também os infiéis e desleais dentre o Seu próprio povo" (R. B. Y. Scott, *in loc.*).

"Um inferno literal de fogo é um horrível conceito que se adapta mal à revelação dada por Cristo sobre a natureza de Deus. Não obstante, a *metáfora* de fogo tem uma força inescapável" (G. G. D. Kilpatrick, *in loc.*).

33.15,16

O que anda em justiça, e fala o que é reto. Em contraste com pecadores estrangeiros e domésticos, está o homem que caminha retamente, em conformidade com a lei mosaica, que era o guia dos judeus em questões morais e espirituais (ver Deu. 6.4 ss.). Tal homem despreza todas as formas de opressão e

injustiça; ele nada tem que ver com subornos, seja para dar, seja para receber. Além disso, tal homem promove a paz e odeia qualquer tipo de violência, seja da guerra seja dos crimes pessoais que os homens cometem uns contra os outros. E ele também não contempla o mal. Esse homem habitará seguramente com Yahweh em Sua moradia celeste (vs. 16) e receberá Sua orientação, ajuda e benefício. Ele se torna distinguido entre os homens (ver Deu. 4.4-6). Não é como os que atraem as chamas dos julgamentos de Deus como retribuição pelos males que praticam. Ele viverá em segurança e desfrutará das bênçãos divinas (ver Isa. 33.16).

Ademais, Yahweh será o seu alimento *(pão,* fonte de benefícios materiais e espirituais). O Senhor também será o seu *Refúgio* (ver no *Dicionário* e em Sal. 46.1). Yahweh será sua *Rocha* (ver a respeito no *Dicionário),* sua fortaleza de segurança e proteção. "Aquele que quiser ser o convidado de Yahweh e desfrutar a segurança de Sua casa, deve aceitar as regras da família" (G. G. D. Kilpatrick, *in ioc).* A aplicação primária daquele versículo é àqueles que obedecessem aos mandamentos do profeta e não se envolvessem na aliança com o Egito contra a Assíria. Mas esses versículos se aplicam a todas as situações.

"Esse quadro sobre o homem reto é como um eco dos Salmos 16 e 24" (Ellicott, *in loc).* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar,* quanto a essa metáfora espiritual.

Este habitará nas alturas. Está em foco a habitação de Yahweh, a qual Ele convida os homens a compartilhar com Ele. Mas isso é uma metáfora. A doutrina dos hebreus ainda não tinha desenvolvido o conceito de um "céu" para os justos, depois da morte biológica.

Conclusão (Promessas) (33.17-24)

33.17

Os teus olhos verão o rei na sua formosura. O homem convidado a habitar com Yahweh nas *alturas* veria o Rei em Sua beleza. De Seu lugar elevado, ele seria capaz de ver aquela Terra que estava distante, a Terra Prometida da era do Reino de Deus, tal como Moisés tinha dado uma boa espiada na Terra Prometida, estando no monte *Pisga.* Ver sobre esse monte no *Dicionário* e em Núm. 21.20, 23.14; Deu. 3.27; 34.1. Cf. também Sal. 2.1-8. Tal homem teria uma espécie de *visão beatífica* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia),* não aquela dada no nível da alma, mas dada durante o milênio, a época áurea. Quanto ao Rei-Messias, ver Isa. 32.1; 33.22,43.15; Miq. 2.13; Sof. 3.15; Zac. 14.9. Alguns estudiosos supõem que o Messias será fisicamente visível durante o milênio e reinará literalmente em Sião. Mas outros pensam que temos aqui uma linguagem figurada. Sua Presença espiritual estará ali. Ele exercerá o controle das coisas. Ver Isa. 13.6, quanto ao princípio da Regra divina que controlará os eventos deste mundo. O Targum diz: 'Teus olhos verão a glória shekinah do Rei dos Séculos". Ezequias, o tipo de rei messiânico, pode ser a referência história, mas a descrição ultrapassa o rei messiânico.

33.18

O exército estrangeiro *será vencido.* Aquele que cobrava tributos desaparecerá. Aquele que construiu fortificações e destruiu as fortificações de outros; aquele que contava as torres do inimigo para ver quanta força seria necessária para capturar, matar os seus habitantes e saquear, não mais aparecerá em sua missão dilapidadora. O *terror* porá fim a todos esses opressores. Em vez de "torres", alguns estudiosos, mediante leve emenda, dão "coisas preciosas", ou seja, aqueles que estariam sujeitos ao saque; mas "torres" faz bom sentido e tem o apoio do texto massoretico e das versões. Por meio de acomodação (vera respeito no *Dicionário),* e não de interpretação, Paulo pode ter aludido a este versículo em I Cor. 1.20. Escribas foram empregados em missões militares ao fazer as tarefas de contagem, fortificações, saques potenciais ou de mercadorias. Metais preciosos foram pesados. Baixos-relevos assírios demonstram que tanto os escribas quanto os que pesavam os metais julgavam o valor dos despojos tomados.

33.19

Já não verás aquele povo atrevido, povo de fala obscura. Os assírios desapareceriam de cena para sempre. Aquele povo altivo, de fala obscura que os judeus não entendiam, jamais surgiria novamente defronte de Jerusalém a fim de lançar medo em seus habitantes e causar dano. O idioma dos assírios era primo da língua dos hebreus, mas era diferente o bastante para não ser bem entendido. Além disso, os assírios trouxeram como aliados povos cujos idiomas eram totalmente estrangeiros para os judeus. Este versículo talvez olhe através dos corredores da história até que seja imposta a paz, antes da era do Reino de Deus, com a derrota de todos os inimigos de Israel.

33.20

Olha para Sião, a cidade das nossas solenidades. A *promessa* que se faz neste versículo ultrapassa qualquer coisa que possa ser dita sobre as condições após o ataque dos assírios, ou sobre as condições após o cativeiro babilônico. As estacas da tenda de Judá foram novamente arrancadas pelos romanos, de maneira mais terrível e duradoura do que qualquer coisa que tenha acontecido anteriormente. Por conseguinte, o profeta Isaías descreve aqui a Sião da era do Reino. Estamos contemplando as glórias da Jerusalém que se terá tomado a capital religiosa do mundo (ver Isa. 24.23). Vemos que isso se dará em paz e segurança. A tenda de Jerusalém será firmemente segura ao chão por meio de estacas e cordas que seguravam a tenda às estacas. Essa é uma maneira figurada de dizer que a tenda tinha um *firme alicerce* em Yahweh, não podendo ser movida de seu lugar. Uma tenda era um objeto móvel, transportável, mas a tenda do futuro, *Sião,* não seria móvel nem transportável. O templo de Jerusalém substituiu a antiga tenda móvel (II Sam. 6.17; 7.2). Mas a Nova Tenda será a habitação permanente do povo de Deus. Cf. Apo. 21.3, o tabernáculo de Deus. Ver também Apo. 3.12.

33.21

Mas o Senhor nos será grandioso, fará as vezes de rios e correntes largas. A Nova Sião contará com abundância de suprimento de água dos rios e riachos (Sal. 1.3; 46.4), mas não poderão navegar por ali navios transatlânticos do inimigo. Nenhuma frota hostil poderá chegar até ali, por ser aquela uma terra de paz e abundância, que viverá sob os benefícios de Yahweh.

> *Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus.*
>
> (Salmo 46.4)

Quanto a um serviço de irrigação, cf. Eze. 47.1-12. Yahweh é aqui chamado de rios e correntes largas, porquanto Ele é a origem de toda a vida e de toda a existência, representadas pela água. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Água,* em seus usos metafóricos. O Egito contava com o poderoso Nilo; a Assíria e a Babilônia dispunham dos rios Tigre e Eufrates, mas esses rios nada são em comparação a Yahweh, o Supridor de água para Jerusalém. Cf. Zac. 2.5, onde Yahweh aparece como um *muro* de Jerusalém. Portanto, Deus é tanto um rio como um muro, tanto benfeitor quanto protetor.

33.22

Porque o Senhor é o nosso juiz; o Senhor é o nosso legislador. Além de ser o *rio* e o *muro* de Jerusalém, o Senhor é igualmente o Juiz que garantirá que justiça e retidão imperem na Terra Prometida e no mundo inteiro. Yahweh é também *Rei,* Benfeitor e *Salvador.* Ver Sal. 3.8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.3; 62.1,2,7; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7 e 149.4 quanto a Yahweh como Salvador e quanto à salvação que Ele prove. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação,* para detalhes. O conceito do Antigo Testamento usualmente é que haveria bênção temporal e segurança para o povo em aliança com Deus; porém, quando fala da era do milênio, o termo "salvação" aproxima-se da salvação evangélica que aparece nas páginas do Novo Testamento. As descrições são de uma 'teocracia perfeita, ideal, a ter cumprimento somente no Messias" (Fausset, *in loc).* Cf. Isa. **11.4;** 32.1 e Tia. 4.12.

33.23

Agora as tuas enxárcias estão frouxas. Este versículo nos remete aos navios invasores citados no vs. 21, que não poderão chegar a Jerusalém. Os navios aludem a potências estrangeiras que gostariam de invadir a Terra Prometida. Tais navios (nações), entretanto, serão desmanchados, não podendo cumprir seus propósitos iníquos. O resultado será que aquele que queria saquear, será saqueado, e isso de maneira tão completa e fácil que até um homem aleijado, que quisesse sair ao acampamento do inimigo, poderia chegar ali e recolher todo o despojo que desejasse. Essa é uma referência à completa e decisiva vitória de Jerusalém sobre todos os seus adversários, durante a era do Reino. Assim sendo, a paz reinará em Israel, e essa nação se tornará cabeça de todas as nações (ver Isa. 24.23). Os bons só ficarão seguros diante da derrota dos maus.

> *As cordas em vossos barcos penduram-se frouxas. O mastro não está firme. As velas não estão enfunadas. O Senhor nos dará as vossas riquezas. Haverá tantas riquezas que até os aleijados carregarão uma parte das mesmas.*
>
> (NCV)

Alguns intérpretes judeus aplicavam a declaração aos assírios; outros a aplicavam aos babilônios, e outros ainda, aos tempos dos Messias.

33.24

Nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente. As *enfermidades,* no tempo do milênio, praticamente desaparecerão, e longevidade acompanhará esse

fenômeno. Se um homem morrer com 100 anos de idade, isso será considerado a morte de uma criança (ver Isa. 65.20). Bactérias e vírus não mais farão grandes colheitas de vidas e, para alguém morrer, será quase necessário sofrer um acidente realmente severo. Estamos falando em termos de *utopia*. Cf. esta parte do versículo com Isa. 57.18,19; 58.8; e Jer. 33.6.

Pelo lado espiritual, haverá perdão universal dos pecados (ver Isa. 33.24; Jer. 31.34; 33.8; 36.3 e 50.20), que removerá a maldição sobre a terra e sobre o povo. "Paz, prosperidade e salvação virão pela obra soberana de Deus, e não por alianças com estrangeiros ou por esperteza humana" (John S. Martin, *in loc.*). "Saudável, por ser santa, é o relatório que o profeta deu acerca de Jerusalém (cf. Mat. 9.2)" (Ellicott, *in loc.*).

> *Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades, quem sara todas as tuas enfermidades.*
>
> (Salmo 103.3)

Capítulo Trinta e Quatro

O Dia do Senhor (34.1-17)

O Temível Fim dos Inimigos de Deus. Os capítulos 34-35 de Isaías falam de vingança e bênçãos e formam um clímax apropriado para os motivos do julgamento e da salvação que vemos continuamente até este ponto. "Os capítulos 36-39 registram o cumprimento histórico de muitas das profecias da primeira metade do livro. A discussão sobre o julgamento contra a Assíria (ver Isa. 30.27-33; 31.8,9,18,19) naturalmente levou à discussão sobre os julgamentos de Deus contra o mundo inteiro, durante o período da Grande Tribulação. Essa vingança será seguida pelas bênçãos milenares sobre Seu povo em aliança com Ele, Israel" (John S. Martin, *in loc.*).

Cf. esta seção com Eze. 38 e 39. Há entrechoque perpétuo entre as forças do bem e as forças do mal; finalmente, porém, esse conflito será resolvido. Haverá julgamento em escala cósmica. Os vss. 5-6 especificam Edom como o objeto imediato da ira, mas isso deve ser compreendido como somente uma manifestação particular do Dia de Yahweh, que pesará sobre todas as nações. "Aqui, tal como em outras passagens, como os capítulos 13; 24; 63.1-6 de Isaías e o primeiro capítulo de Zacarias, são vistas as terríveis conseqüências da intervenção final de Deus, o qual tratará com os oponentes implacáveis de Seu justo propósito" (R. B. Y. Scott, *in loc.*). Alguns eruditos chamam este capítulo, simplesmente, de *Armagedom*. Cf. o capítulo 24, outra peça literária apocalíptica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Apocalípticos, Livros (Literatura Apocalíptica)*.

34.1

Chegai-vos, nações, para ouvir, e vós, povos, escutai. *O convite de Yahweh* para que os povos ouvissem o temível oráculo é universal, dirigido a todas as nações, a todos os povos, ao mundo inteiro e a tudo quanto nele existe. Mediante acúmulo de termos, o profeta buscou uma expressão universal para que nenhum homem ficasse na dúvida. As nações não foram convocadas para ser testemunhas (conforme se vê em Amós 3.9), mas para perceber o pronunciamento da condenação, como em Miq. 1.2. Cf. também Eze. 6.3; Deu. 32.1 e Sal. 1.4.

"Os capítulos 34 e 35 de Isaías têm caráter distinto e todo próprio. Por assim dizer, formam o epílogo de encerramento da primeira grande coletânea das profecias de Isaías. A seção histórica que se segue (capítulos 36-39) serve de elo entre as duas seções principais" (Ellicott, *in loc.,* com algumas adaptações).

34.2

Porque a indignação do Senhor está contra todas as nações. *Yahweh estava indignado* com todas as nações, por causa de seus muitos pecados e crimes horrendos. De fato, Deus estava furioso contra todos os povos e suas grandes populações; ele os condenou a severo julgamento, e esse juízo tomará a forma de *imensa matança*. Cf. essa declaração com a que precedeu ao dilúvio, em Gên. 6.11,12. Yahweh fará do mundo inteiro um *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*), sobre o altar de Sua ira. Cf. Jos. 6.17,21. Alguns vinculam essa questão a Isa. 30.28-33, o julgamento definitivo da Assíria, mas o vs. 1 mostra-nos que esse holocausto será universal.

34.3

Os seus mortos serão lançados fora, dos seus cadáveres subirá o mau cheiro. Haverá inúmeras mortes violentas; não haverá nem tempo nem lugar para sepultar todos os mortos; os cadáveres serão simplesmente lançados fora e deixados a apodrecer, pelo que haverá mau cheiro horrível que subirá até os céus. O derramamento de sangue será tão grande que fluirá pelas montanhas como um rio. Alguns intérpretes vêem aqui descrições sobre a batalha do Armagedom e comparam esse versículo a Apo. 14.20. Cf. Eze. 39.11-16. Este versículo fala de uma matança sem precedentes, tal como o mundo nunca viu nem conheceu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Armagedom*. As interpretações históricas fracassam completamente, a menos que suponhamos que o profeta se deixou arrastar totalmente pelas hipérboles orientais.

34.4

Todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um pergaminho. Além de horríveis acontecimentos sobre a terra, haverá terríveis eventos nos céus. Consideremos os quatro pontos seguintes a esse respeito:

1. Talvez se espere que tomemos metaforicamente essas descrições, e façamos das estrelas, por exemplo, os governantes da terra. E as "hostes dos céus" ou "exércitos do céu" talvez sejam os inimigos terrenos de Deus, conforme se vê em Isa. 24.21.
2. Se insistirmos em acontecimentos nos céus literais, teremos de supor que as estrelas são meteoritos. Os antigos desconheciam as imensas distâncias existentes entre nós e as estrelas, e as tremendas dimensões das estrelas. Que os próprios céus venham a dissolver-se soa como se fosse II Ped. 3.10, o fim autêntico da antiga criação, e não coisas associadas ao milênio.
3. Talvez as *estrelas* sejam os *deuses* pagãos que serão quebrados quando se der o fim da idolatria.
4. O *céu* é aqui concebido como um rolo misteriosamente inscrito, que será súbita e completamente anulado, chegando assim ao seu fim. Um tremendo abalo fará cair as estrelas, como se fossem frutas de uma árvore cósmica.

Em vez da primeira linha, o manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto diz: "e os vales serão abertos" (algo similar à declaração de Zac. 14.4). Existem dois manuscritos (parciais) em hebraico pertencentes àquela coletânea. Algumas vezes esses manuscritos concordam com as versões (especialmente com a Septuaginta), contra o texto hebraico padronizado, o texto massorético. Quanto aos significados desse fenômeno, ver as notas em Isa. 26.19, onde dou exemplos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do,* e também *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

Cf. este versículo a algo similar em Apo. 6.12,13. "Convulsões violentas na natureza aparecem, nas Escrituras, como as imagens de grandes mudanças no mundo (ver Isa. 29.19-21)" (Fausset, *in loc.*). Ver Isa. 13.10, onde imagens similares já tinham ocorrido no livro.

> *A vida da geração de homens é como a vida das folhas de uma árvore.*
>
> (Homero, Ilíada, vi.146)

"Isaías contrastou a transitoriedade do sol, da lua e das estrelas com a eternidade de Yahweh" (Ellicott, *in loc.*).

Julgamento de Edom (34.5-17)

34.5,6

Porque a minha espada se embriagou nos céus. Edom era inimigo tradicional de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Edom,* quanto a detalhes. Os edomitas procuravam tirar proveito da destruição de Judá por parte da Babilônia, sendo esse o último dos insultos. Ver Oba. 10-12. Nos vss. 15-16 do mesmo livro, Edom é também um alvo especial no dia do Senhor. Edom era *representante* da inimizade das nações contra Israel, pelo que devemos ter em mente a universalidade do vs. 1, onde todas as nações são convidadas a ouvir a profecia de condenação apresentada neste capítulo.

A espada de Yahweh se embriagou de sangue nos céus (os grandes poderes — as estrelas — ou esse banho de sangue é comparado a uma unção divina para o trabalho de destruição que será efetuado). No vs. 6, essa matança é retratada como um *sacrifício*. A unção divina ocorrerá *nos céus,* e então a espada será o instrumento apropriado para realizar esse sacrifício sobre a terra. Isso termina sendo a vítima sacrificial (Edom), em Bozra. Esta última cidade ficava cerca de 40 km a sudeste do mar Morto. Aparentemente Edom estendeu até ali o seu poder e assim tornou-se uma espécie de cidade fronteiriça. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Bozra,* quanto a detalhes. Essa era uma cidade muito fortificada, mas que jamais poderia impedir que a espada do Senhor administrasse ali grande matança. Talvez tenha sido a capital de Edom por algum tempo.

Note o leitor que os animais mencionados são os comumente sacrificados, de acordo com a legislação mosaica. Ver em Lev. 1.14-16 os cinco tipos de animais que podiam ser sacrificados. Edom será morto como se fosse um *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*). O sangue e a gordura iriam para Yahweh. Ver em Lev. 3.17 as leis sobre o sangue e a gordura.

> *A espada do Senhor, no céu, está coberta de sangue. Ela cortará Edom. Ele destruirá esse povo como uma oferenda ao Senhor. Sua espada se cobrirá de sangue. E também se cobrirá de gordura. É o sangue de cordeiros e bodes. É a gordura dos rins dos carneiros. Isso será assim porque o Senhor decidiu que haverá sacrifício em Bozra.*
>
> (NCV)

Quanto à imagem da espada e dos sacrifícios, ver Jer. 46.10. Cf. Eze. 39.16,17. Quanto à "espada do Senhor", ver Eze. 21.

34.7

Os bois selvagens cairão com eles. Animais fortes e selvagens, não pertencentes à variedade que podia ser sacrificada, também cairão — os bois selvagens, novilhos com touros, símbolos de fortes e selvagens edomitas, os líderes, os generais e os soldados. Cf. Sal. 22.12,21. Eles cairiam como que nos açougues. Todas as classes de pessoas, jovens e idosas, fracos e fortes, participarão da matança geral. Diz aqui o Targum: "Os governantes com os príncipes". Ver Apo. 19.18: "carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos". "A terra ficará coberta de sangue. A poeira será coberta de gordura" (BCV), conforme é dito, com palavras diferentes, acerca dos sacrifícios, no vs. 6.

34.8

Porque será o dia da vingança do Senhor. Esse será o dia do Senhor, um dia de vingança; é um ano de recompensa, de pagamento de dívidas e de colheita da semeadura. Sião será vingada pelo poder de Yahweh, que deteve e puniu os inimigos de Judá. "Deus retaliará aqueles que contenderam com Sião. A controvérsia de Sião é a controvérsia Dele. O *dia* assinalará o breve espaço de tempo que a vingança contra os inimigos ocupará. *Ano* aponta para a duração da recompensa de Sião pelos seus sofrimentos passados" (Fausset, *in* toe.), ou então pode apontar para o tempo em que o castigo perdurar, além de mostrar que esse castigo será completo. Quanto ao *dia,* cf. Isa. 13.6 e 27.2; e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dia do Senhor.*

34.9

Os ribeiros de Edom se transformarão em piche. A terra de Edom será transformada em um inferno, pois seus riachos se tornarão piche por causa do calor intenso, o solo será como enxofre, e o território inteiro parecerá com *piche ardente.* Cf. o que aconteceu a Sodoma e Gomorra (ver Gên. 19.24-28; e ver também Deu. 29.23; Jer. 49.17,18; Isa. 13.19). Edom ficava perto da área em que houve a conflagração, e era uma região de vulcões, embora extintos. Esses fatos podem ter influenciado a escolha das metáforas. Cf. Apo. 17.16 e 18.8.

34.10

Nem de noite nem de dia se apagará. O território jazerá ali, desolado e fumacento por muitos anos. A fumaça que subirá para sempre é ecoada em Apo. 14.11; 18.18 e 19.3. Ver também Mal. 1.4. Violenta atividade cederá lugar à relativa calma da desolação prolongada. Edom tomar-se-á uma terra arrasada, fumarenta, uma lição objetiva do que acontece aos povos que promovem a injustiça e o caos, até receber, finalmente, a devida condenação. E a cidade ficará desabitada por *longo tempo,* a ponto de perecer *para sempre.*

34.11

Mas o pelicano e o ouriço a possuirão. Animais selvagens de diversas espécies habitarão ali, como o pelicano e o ouriço, o bufo e o corvo. Yahweh tirará as medidas do lugar, em suas pesquisas divinas, e pronunciará que aquele é um lugar de confusão comprovada. Nem mesmo os nobres escaparão à desolação, mas suas residências enfeitadas ficarão sob a supervisão austera do Senhor, que transformará o território em deserto. "O cordel e o prumo são instrumentos usados pelos construtores, conforme se vê em II Reis 21.13; Amos 7.7-9; Lam. 2.8, que, entretanto, não falam sobre a edificação, mas sobre a destruição do lugar com uma exatidão científica. As palavras *destruição* e *ruína* são traduções das palavras hebraicas *tohu u'bohu,* "sem forma e vazia", referindo-se ao caos primevo que houve em certa fase da criação (ver Gên. 1.2)" (Ellicott, *in* toe). **Ver** Isa. 34.11-15.

34.12

Já não **haverá nobres para proclamarem um rei.** O novo nome do lugar será *Não Há Reino Ali* (Revised Standard Version). Já não haverá príncipes ali para governar, pois eles terão sido reduzidos a nada. A profecia prevê colapso total. Não haveria mais reis ou súditos. "Não Há Reino Ali", um nome zombeteiro que sugere o fim de todos quantos se opunham a Deus" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Cf. Apo. 18.3,11 e Isa. 23.8.

34.13,14

Nos seus palácios crescerão espinhos, urtigas e cardos. Plantas selvagens tomarão conta da área, como espinhos em abundância e outras plantas repelentes e inúteis, cobrindo o que antes tinham sido fortalezas altivas. Hienas e sátiros virão para assombrar o lugar, procurando pequenos animais com que se alimentarem. Os chacais e as avestruzes, que temem o mundo civilizado, encontrarão lugar apropriado para morar, em seu estilo de vida solitário e selvagem. Ali os fantasmas noturnos (o *lilite* ou demônio da tempestade) reinarão naquele lugar abandonado por Deus. Ver no *Dicionário o* verbete denominado *Lilite* (Fantasmas), quanto a detalhes. Esse demônio era retratado como se habitasse nos lugares arruinados, tomando possessão dos lugares onde antes tinham vivido os homens. O quadro é da mais completa desolação, o fim da vida humana e da civilização, com a volta completa à natureza. Além disso, ali haveria o *mal.* O vampiro noturno tomava conta do lugar. Cf. Isa. 13.19-22, que contém informações semelhantes. O demônio feminino tem asas e um rosto humano especializado em destruir crianças, assim que elas nascem. Na Alemanha, no tempo de John Gill (cerca de 200 anos atrás), as mulheres, quando chegada a hora de dar à luz, escreviam nas quatro esquinas do leito: "Adam e Eva, fora Lilite", a fim de protegerem as crianças recém-nascidas de qualquer dano.

34.15

Aninhar-se-á ali a coruja, porá os seus ovos e os chocará. *Pássaros de lugares desolados,* a coruja e o abutre, habitariam naquele lugar, cada qual com seu próprio par e filhotes, tendo transformado a área em lugar de moradia permanente, geração após geração. Eles fazem parte dos habitantes recém-chegados ao lugar que antes era residência e domínio humano. Deus teria revertido assim a ordem natural das coisas. Edom seria reduzida à desolação, desabitada pelos homens. O lugar teria seu próprio ecossistema. Os abutres continuariam a ser os exterminadores e coletores do lixo, comendo animais mortos, bem como partes de presas que outros animais selvagens deixassem por ali.

34.16

Buscai no livro do Senhor, e lede; nenhuma destas criaturas falhará. Temos aqui referência não às Escrituras canônicas, mas aos *oráculos de Isaías,* especialmente a seção à nossa frente. Está em vista um rolo, primitiva forma de livro. Cf. Isa. 29.11 ss.; 30.8 e 34.16. Alguns pensam estar em foco o Pentateuco, os cinco livros de Moisés, e outros pensam no livro celeste dos decretos de Deus, mas essas são imaginações, e não interpretações.

A idéia que consta no versículo anterior é levada adiante. Feras tinham tomado posse da terra de Edom, e Yahweh é visto aqui como quem lhes concedeu o direito de posse permanente. Foi o Espírito de Deus que arrasou o território, aniquilando seus habitantes humanos, para então levar os animais selvagens a ali habitar. Viajantes modernos nos fornecem um quadro lamentável daquele lugar, que se tornou a residência oficial dos animais do deserto. "Há grande quantidade de serpentes e as alturas desoladas e os tabuleiros estéreis são a herança de abutres e águias selvagens, e grandes revoadas de pássaros" (Delitzsch, *in loc).* Os animais continuariam a cruzar-se, e cada qual teria seu próprio companheiro, para assegurar que o lugar permaneceria esconderijo de animais selvagens, e não um local preparado para ser habitação humana. O Espírito Santo está por trás de sua continuidade e contra o retorno dos homens a essa área.

34.17

Porque ele lançou a sorte a favor delas, e a sua mão lhes repartiu a terra. Yahweh, Aquele que controla os eventos de Seu augusto lugar nos céus (ver Isa. 1.6), certamente também controlava Edom. Ele tinha dividido a terra em favor dos animais selvagens, o que é retratado mediante o lançamento de sortes, que foi a maneira de dividir a Terra Prometida entre as tribos de Israel na época da conquista. Ver Núm. 26.55,56 e Jos. 18.4-6. Agora encontramos tribos de animais, cada qual recebendo a sua porção de Edom, por determinação divina, e de onde nenhum ser humano recebeu porção como herança. Ele mediu o território mediante suas pesquisas divinas, conforme é dito no vs. 11. Deus tomara Suas decisões acerca da divisão do território, e cada espécie de animal selvagem recebeu uma parte específica. Eles seriam os possuidores do território, que lhes foi dado por decreto divino. E continuariam a possui-lo geração após geração, tal como o povo de Israel possuía sua terra pátria, que passava de pai para filho. Cada tribo e cada família tinha sua porção do território, que era perpetuada por direito de posse, permanecendo com as famílias, geração após geração.

"O pensamento é idêntico ao de Atos 17.26. Deus é apresentado como o Governante Supremo, que designa a cada nação seu lugar na história mundial, suas estações de prosperidade e julgamento" (Ellicott, *in loc).* Os animais selvagens, entretanto, seriam os possuidores daquela região do mundo, o antigo território de Edom.

Capítulo Trinta e Cinco

O Triunfo do Milênio (35.1-10)

Um Mundo Transformado e o Retorno a Sião. "Depois do inferno (capítulo 24), seguir-se-á o Paraíso" (Prosckscb, *Jesaia,* I, pág. 434).

Encontramos aqui uma das mais excelentes seções da primeira metade do livro. É descrita a era do Reino (época áurea, milênio), a solução esperada para os problemas humanos, decorrente da intervenção divina na história humana. Ver Isa. 13.6 sobre o conceito de a terra ser governada pelo Poder das alturas. Bênçãos divinas, em escala mundial, só ocorrerão depois de julgamento em escala mundial (capítulo 34). A idéia de uma época áurea era típica da literatura apocalíptica, e não está em consonância com o ponto de vista amilenar. Em II Esdras, esse período de tempo aparece como de 400 anos, que cresce para mil anos em Apo. 20.2-7. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milênio,* quanto a detalhes, e também o verbete intitulado *Amilenismo.*

35.1

O deserto e a terra se alegrarão. Terras caracterizadas pelo caos e pela esterilidade eram abundantes nos tempos bíblicos. Isso foi acentuado pela destruição referida no capítulo 35. Mas haverá completa reversão na era do Reino de Deus. O deserto florescerá em fertilidade e produção. Os lugares solitários se regozijarão com uma população alegre. O deserto também se regozijará e florescerá como um narciso. As descrições ajustam-se particularmente à Palestina, em grande parte constituída por desertos e lugares ermos, mas também envolvem muitos lugares do mundo que participarão da reversão em escala mundial. "Aparentemente, Deus produzirá mudanças climáticas que resultarão em mais chuvas nas áreas atualmente desérticas" (John S. Martin, *in loc.*). Alguns intérpretes vêem nessas descrições um tipo de renovação moral e espiritual, um fim do deserto da espiritualidade. Os lugares ermos e desérticos são personificados e declarados *alegres* com o que acontecerá. Haverá regozijo universal na era do Reino de Deus.

Florescerá como o narciso. No original hebraico temos a palavra *chabatztzeleth.* Mas a identidade da espécie não é certa. A Septuaginta e a Vulgata dizem *lírio.* Outras versões modernas dizem *rosa.* Deve estar em pauta alguma flor do gênero *Crocus,* da família da íris, com folhas tipo erva e flores graúdas, ou como o açafrão dos prados, uma flor outonal com raízes tipo bulbo.

35.2

Florescerá abundantemente, jubilará de alegria, e exultará. O narciso *florescerá* e se regozijará. "Mostrar-se-á feliz, como se estivesse gritando de alegria" (NCV). Essa planta é aqui personificada, sentindo alegria por estar crescendo ali, num local fértil e bem irrigado. O Líbano, famoso por suas florestas de cedro, florescerá ainda mais, e o frutífero Carmelo e a fecunda planície de Sarom serão mais gloriosos do que nunca. Eles verão a glória de Yahweh e, por sua vez, serão glorificados nela. Esses lugares serão *majestosos,* pois pedirão emprestada diretamente a majestade de Deus, o Criador. Os lugares mencionados foram famosos por sua vegetação luxuriante e sua produção de produtos úteis, e, durante aquele reino do milênio, tudo isso aumentará de esplendor cem vezes mais. Temos aqui três tipos de beleza cultivada contrastadas com as três figuras de desolação do vs. 1 (o deserto; a terra seca; e o ermo — os cedros do Líbano; a beleza e as árvores frutíferas do Carmelo; e a fertilidade e todos os tipos de produtos agrícolas da planície de Sarom). Comparar isso com a nota contrária em Isa. 33.9. Aqui são referidos os mesmos lugares.

35.3

Fortalecei as mãos frouxas, e firmai os joelhos vacilantes. Os homens sairão da *Grande Tribulação* (Isa. 24) trêmulos, com os joelhos batendo um no outro, o espírito aterrorizado, as mãos pendentes de fraqueza. Mas logo serão consolados e fortalecidos, conforme demonstram os versículos seguintes. Essas palavras são citadas em Heb. 12.12 com uma aplicação diferente. Está em vista, particularmente, o remanescente judaico. Israel se tornará cabeça das nações (Isa. 24.23). Mas essas palavras se aplicam, igualmente, ao remanescente do mundo inteiro, que será purificado pelo terror da Grande Tribulação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Tribulação, a Grande.*

35.4

Dizei aos desalentados de coração: Sede fortes, não temais. Este versículo põe o *remanescente aterrorizado* ainda dentro da tribulação, ainda enfrentando inimigos, ainda à beira da extinção. Mas a divina palavra de conforto chega, prometendo a intervenção de Deus para tomar *vingança* de todos os inimigos, *recompensar* os fiéis e efetuar a *salvação.* Quanto a Deus como a própria salvação e quanto à salvação nas páginas do Antigo Testamento, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Salvação,* e o muito repetido tema em Sal. 3.8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23; 62.1,2 (nesta referência, ver a nota de sumário a respeito). 7; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7; 149.4. Aplicações históricas, como os sofrimentos de Judá nos dias de Ezequias e o retorno do remanescente, terminado o cativeiro babilônico, são exatamente isso, *aplicações.* A *interpretação* é *escatológica,* ou seja, pertence ao fim dos tempos, e especificamente *do milênio.*

35.5,6

Então se abrirão os olhos dos cegos. Este versículo é metafórico e diz respeito à iluminação espiritual. A época áurea será áurea de todas as maneiras possíveis: material e espiritualmente. O remanescente será salvo material e espiritualmente. O elemento mais débil será fortalecido; o mais temente se tornará corajoso; o mais debilitado receberá forças da parte do Senhor. Desaparecerá a cegueira judicial que tinha cativado Israel. Haverá um Novo Dia de Luz. Jesus, em Sua primeira vinda, realizou milagres em *abundância,* e isso acontecerá de novo por ocasião da segunda vinda. Os coxos saltarão (vs. 6) como um jovem cervo; os mudos falarão em altos louvores e entoarão cânticos de júbilo; águas abundantes jorrarão de fontes secas em lugares antes estéreis e desérticos. Isso reitera as idéias do vs. 1. Cf. os milagres de Jesus: a cura dos coxos (Mat. 15.30,31; 21.14; João 5.7-9); dos cegos (Mat. 9.27'12.22; João 9.1,30); dos surdos e mudos (Mat. 9.32,33; 12.22; 15.30,31). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Água,* que inclui as interpretações metafóricas.

> *Aleijados saltarão como cervos. Os mudos falarão de alegria.*
> *Fontes de água fluirão no deserto. Fontes fluirão na terra seca.*
>
> (NCV)

35.7

A areia esbraseada se transformará em lagos. A areia escaldante tornar-se-á em lagos de águas refrigeradoras; a terra seca lamberá as águas até empapar-se. Onde cães selvagens e chacais antes viviam, haverá relva e água, plantas medrarão onde antes só havia espinheiros e mato baixo. Terras que só serviam para criaturas do deserto (ver Isa. 34.11-15) serão reclamadas e mudadas em férteis.

Este versículo tem sido espiritualizado para falar de *pessoas,* e não de plantas e animais. Uma interpretação literal é preferível aqui. Ver Deu. 28.1-14 e suas promessas do pacto. Haverá curas espirituais e físicas e fecundidade agrícola. Em outras palavras, estamos falando sobre uma utopia, a época áurea, quando a maldição divina for suspensa (ver Gên. 3.17).

35.8

E ali haverá bom caminho, caminho que se chamará o Caminho Santo. Consideremos aqui estes pontos:

1. Um Caminho Santo levará ao Lugar Santo, Sião. Alguns tomam essa informação literalmente e pensam que o grande número de peregrinos que viajavam a Jerusalém teriam de enveredar por alguma superestrada para que isso pudesse acontecer. Essa estrada será chamada *Caminho Santo* porque promoverá a espiritualidade. Alguns intérpretes, entretanto, vêem nesse caminho apenas um caminho metafórico.
2. Também poderíamos pensar na lei mosaica como guia.
3. Cristo, o Messias, que era e continua sendo o Caminho (João 14.6).
4. Yahweh, Aquele que proverá aos homens um novo caminho para a espiritualidade.
5. Ou então o novo e vivo caminho aberto pelo Messias (ver Heb. 10.10).

Se alguém estiver em Cristo, será nova criatura, que avança por um novo caminho de vida (II Cor. 5.17). Ver o contraste entre o caminho do bem e o caminho do mal, em Pro. 4.27, onde ofereço notas expositivas de sumário. Ver a *metáfora do caminho* em Pro. 4.11, e ver no *Dicionário* o verbete denominado *Caminho.* "Temos aqui o caminho que levava de volta a Jerusalém, tanto literal quanto celestialmente (ver Isa. 52.1; Joel 3.17; Apo. 21.27). Cristo, quando voltar a este mundo, será o Líder do caminho, pelo que esse caminho é chamado de caminho do Senhor (ver Isa. 40.3; Mal. 3.1)" (Fausset, *in loc.*).

35.9

Ali não haverá leão, animal feroz não passará por ele. Talvez devamos considerar o "leão" e o "animal feroz" símbolos de pessoas ímpias e destruidoras, visto que as estradas antigas e os caminhos viviam cheios de homens maus e desarrazoados que saqueavam os viajantes. Ou então os animais aqui são literais. Animais ferozes constituíam um problema na Palestina, visto que existiam

em grande número. Durante o milênio, não haverá animal perigoso e selvagem. Os animais figurados serão expurgados pela Grande Tribulação, e os animais literais ficarão mansos (ver Isa. **11.6).**

Mas os remidos andarão por ele. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Redenção.* O remanescente de Israel é a primeira referência, mas podemos supor que os remanescentes das nações também estejam em vista aqui. Tanto a redenção física quanto a redenção espiritual estão em pauta. Os *quiliastas* (os que tomam literalmente todas as profecias atinentes ao milênio) supõem que haverá uma forma de adoração análoga aos padrões do Antigo Testamento, mas outros aceitam metaforicamente tais declarações. Cf. Zac. 14.16-19 e Eze. 40-44. Os antigos profetas dificilmente poderiam falar como os cristãos, ao descrever formas de adoração, para nada dizermos sobre as formas avançadas que caracterizarão o milênio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quiliasmo.*

Diz o Targum: "Não haverá um único rei praticando o mal, nem um governante opressor". Outros vêem aqui Nabucodonosor, ou mesmo Satanás, leões da iniqüidade.

35.10

Os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com cânticos de júbilo. *Jerusalém* haverá de tornar-se a capital espiritual do mundo (ver Isa. 24.23), pelo que será o destino de qualquer peregrinação, tanto daqueles que viverem em Israel como daqueles que viverem em outras nações e se dirigirem àquela cidade (ver Isa. 66.18). A *volta,* neste caso, não é a volta dos exilados na Babilônia, mas, sim, de todos os filhos de Israel, o remanescente da Grande Tribulação, que virá "uma vez mais" a Jerusalém como lugar de adoração. Será uma volta tanto espiritual quanto física. A Vulgata faz esse retorno ser o arrependimento, e alguns intérpretes concordam com esse ponto de vista.

Esses retomarão a Sião, cantando ao longo do caminho, uma expressão da alegria eterna que lhes será dada como povo de Deus. Essa é a alegria da salvação, bem como a alegria da restauração de Jerusalém a seu propósito original, e até além. Júbilo e alegria são as palavras do dia, porquanto a tristeza e os suspiros terão fugido da presença da multidão triunfante. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alegria.*

"O primeiro volume da profecia de Isaías encerra-se às mil maravilhas com esse quadro transcendental, levando os pensamentos dos homens para além de qualquer cumprimento terrestre possível" (Ellicott, *in* toe).

Capítulo Trinta e Seis

Descrições Históricas (36.1 - 39.8; II Reis 18.13 - 20.19)

A Invasão de Senaqueribe (36.1 - 37.38)

Estes capítulos são uma espécie de apêndice histórico, quase certamente adicionados por um editor que preparou o caminho para as profecias dos capítulos 40-45. Esta seção é uma duplicação virtual de II Reis 18.43-20.19, excetuando o trecho de Isa. 38.9-20. É difícil supor que o historiador que escreveu II Reis tenha duplicado os materiais históricos de Isaías, e não vice-versa. Não duplicarei a exposição, mas pedirei que o leitor examine as referências de II Reis. Anoto quaisquer adições ou omissões apresentadas pelo texto do livro de Isaías.

"Narrativa em Forma de Prosa. Estes capítulos encerram a primeira porção do livro de Isaías. Diferem dos capítulos antecedentes e apresentam uma *narrativa prosaica* de três eventos históricos. Há pouca profecia nesses capítulos, e Isaías também não foi o autor deles. Os críticos concordam que são extratos dos capítulos 18 a 20 de II Reis; e uma comparação com aquela passagem revela que as duas porções são praticamente idênticas. A razão de sua inclusão no livro é a luz que lançam sobre o papel e a influência de Isaías na crise nacional, bem como a prova do cumprimento de suas advertências. Os editores corretamente perceberam que os incidentes descrevem que tanto Isaías como sua mensagem foram vindicados" (G. G. D. Kilpatrick, *in* toe).

Os eventos tidos como essenciais pelo(s) editor(es) como panos de fundo históricos à seção profética a seguir são estes:

1. A demanda de Senaqueribe para que Jerusalém se rendesse (ver Isa. 36.1-37.4).
2. O oráculo que predizia que Senaqueribe se afastaria de Jerusalém (deixando de ameaçar as muralhas da cidade) e então seria morto (ver Isa. 37.4-7).
3. A carta ameaçadora e a oração de Ezequias (37.8-20).
4. O oráculo desafiador de Isaías (Isa. 37.22-29).
5. Um sinal para o remanescente (Isa. 37.30-32).
6. O afastamento de Senaqueribe (Isa. 37.21,33-35).
7. A destruição do exército assírio e a morte de Senaqueribe (Isa. 37.36-38).
8. A enfermidade e a recuperação de Ezequias (Isa. 38.1-22).
9. A embaixada enviada por Merodaque-Baladã (Isa. 39.1-8).

Isa. 36.1-39.8 é, essencialmente, duplicação de II Reis 18.13-20.19 (excetuando Isa. 38.9-20). Portanto apresento a exposição em II Reis e acrescento aqui notas expositivas atinentes a adições ou omissões no texto de Isaías. Algumas poucas notas expositivas extras também são dadas.

36.1

No ano décimo-quarto do rei Ezequias subiu Senaqueribe. Este primeiro versículo duplica II Reis 18.13, onde apresento a exposição. Encontramos aqui a descrição do ataque de Senaqueribe contra Jerusalém, em 701 A. C. Há registros históricos assírios que dizem que esse rei (que reinou entre 705 e 681 A. C.) havia saqueado 46 cidades de Judá e ia terminar com o país (provavelmente com a deportação de seus cidadãos), mediante uma vitória sobre Jerusalém.

O *reinado único* de Ezequias começou em 715 A. O, o que significa que o ataque assírio deu-se em 701 A. O

Queixas contra Ezequias nos Registros Assírios. "De acordo com as inscrições assírias, Senaqueribe foi o substituto de Sargão, assassinado no seu palácio, em 704 A. O Depois de ter subjugado a província de Babilônia, que tinha-se rebelado sob Merodaque-Baladã, Senaqueribe voltou-se contra Ezequias, com quatro ou cinco queixas distintas, a saber: 1. Ezequias tinha-se recusado a pagar tributo (II Reis 18.14). 2. Ele tinha aberto negociações com a Babilônia e o Egito (II Reis 18.24), com vistas a formar uma aliança contra a Assíria. 3, Ele havia ajudado os filisteus de Ecrom a rebelar-se contra o rei filisteu, que apoiava a Assíria, e mantinha esse rei como um prisioneiro em Jerusalém" (Ellicott, *in* toe).

36.2

O rei da Assíria enviou Rabsaqué, de Laquis a Jerusalém. Este versículo é uma versão levemente encolhida de II Reis 18.17, onde ofereço notas expositivas. Note o leitor a omissão de II Reis 18.1,14-16, que o editor pensou ser trecho supérfluo em seu relatório.

36.3

Então saíram a encontrar-se com ele Eliaquim... Sebna... e Joá. Este versículo é uma variante levemente encolhida de II Reis 18.18, onde apresento notas expositivas. Note o leitor que Eliaquim ficou com o cargo de Sebna, que foi reduzido à posição inferior de um escriba, conforme predito por Isaías em 22.15-25 de seu livro.

36.4

Este versículo é uma duplicação virtual de II Reis 18.19.

36.5

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.20.

36.6

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.21.

36.7

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.22.

36.8

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.23.

36.9

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.24.

36.10

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.25.

36.11

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.26.

36.12

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.27.

36.13

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.28.

36.14

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.29.

36.15

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.30.

36.16

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.31.

36.17,18

Até que eu venha, e vos leve para uma terra como a vossa. Estes versículos duplicam II Reis 18.32,33, mas com leves omissões. A versão encolhida de Isaías omite as palavras "terra de cereal e de vinho, terra de pão e de vinhas, terra de oliveiras e de mel, para que vivais e não morrais". Além disso, as palavras de II Reis "não deis ouvidos" tornam-se "não vos engane" em Isaías. Estamos tratando claramente com um editor que usualmente copiava diretamente de suas fontes informativas, mas, aqui e acolá, abreviava e fazia pequenas mudanças.

36.19

Onde estão os deuses de Hamate e de Arpade? Este versículo é duplicação de II Reis 18.34, mas o editor deixou de fora os dois nomes dos deuses: Hena e Iva.

36.20

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.35.

36.21

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.36.

36.22

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.37.

Capítulo Trinta e Sete

Não há interrupção entre os capítulos 36 e 37. Ver a introdução a esta seção histórica no início da exposição sobre o capítulo 36.0 presente capítulo é paralelo, com algumas poucas modificações, ao capítulo 19 de II Reis. O editor do livro de Isaías, em sua maior parte, simplesmente copiou o texto de II Reis, mas algumas vezes o abreviou levemente. Forneço comentários na exposição sobre II Reis.

37.1

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.1.

37.2

Então enviou a Eliaquim, o mordomo. Este versículo é duplicação de II Reis 19.2. Note o leitor como o editor do livro de Isaías se refere a esse profeta usando a terceira pessoa. Não há texto reivindicando que ele fosse o autor dos capítulos históricos que introduzem a nova seção profética iniciada no capítulo 40 com Isaías.

37.3

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.3.

37.4

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.4.

37.5

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.5.

37.6

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.6.

37.7

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.7.

37.8

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.8.

37.9

Este versículo duplica II Reis 19.9, com alguma leve modificação de palavras, mas sem mudança de sentido.

37.10

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.10.

37.11

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.11.

37.12

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.12.

37.13

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.13.

37.14

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.14.

37.15,16

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.15.

37.17

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.16.

37.18

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.17.

37.19

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.18.

37.20

Agora, pois, ó Senhor nosso Deus, livra-nos. Este versículo duplica II Reis 19.19, exceto pelo fato de que o editor de Isaías omitiu a petição: "eu te peço", depois das palavras "livra-nos". Nossa versão portuguesa, entretanto, não apresenta essas palavras adicionais em II Reis.

37.21

Este versículo duplica II Reis 19.20, com alguma modificação. Em lugar de "Visto que me pediste acerca de Senaqueribe, rei da Assíria", o versículo de II Reis diz "Quanto ao que me pediste acerca de Senaqueribe, Rei da Assíria, eu te ouvi".

37.22

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.21.

37.23

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.22.

37.24

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.23.

37.25

Cavei e bebi as águas. Este versículo duplica II Reis 19.24, exceto pelo fato de que a palavra "águas", em Isaias, é substituída pelas palavras "as águas de estrangeiros", em II Reis.

37.26

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.25.

37.27

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.26.

37.28

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.27.

37.29

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.28.

37.30

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.29.

37.31

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.30.

37.32

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.31.

37.33

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.32.

37.34

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.33.

37.35

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.34.

37.36

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.35.

37.37

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.36.

37.38

Este versículo é uma duplicação de II Reis 19.37.

Capítulo Trinta e Oito

Não há interrupção entre os capítulos 37 e 38. O editor de Isaías, quanto a esta seção histórica (capítulos 36-39), copiou II Reis 18.13-20.19. Mas os vss. 9-20 encontram-se somente no livro de Isaías. Ver a introdução à seção no início da exposição sobre o capítulo 36.

38.1

Este versículo é uma duplicação de II Reis 20.1.

O Senhor sustem os que vacilam, e apruma todos os prostrados.

(Salmo 145.14)

38.2

Este versículo é uma duplicação de II Reis 20.2.

38.3

Este versículo é uma duplicação de II Reis 20.3.

38.4

Este versículo duplica II Reis 20.4, exceto pelo fato de que o editor de Isaías deixou de lado as palavras que se encontram em II Reis: "Antes que Isaías tivesse saído da parte central da cidade", o que a Revised Standard Version coloca como: "do átrio do meio". A resposta veio quase imediatamente, a maneira como queremos que nossas orações sejam respondidas.

38.5

Vai, e dize a Ezequias... Acrescentarei, pois, aos teus dias quinze anos. Este versículo duplica II Reis 20.5,6. O profeta que trouxe a mensagem de morte iminente também trouxe, quase imediatamente, a palavra de que "quinze anos extras" seriam acrescentados à vida de Ezequias. A oração, acompanhada pelas lágrimas do rei, mostrou-se poderosa, e assim o presente de quinze anos extras foi dado a Ezequias. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

38.6

Este versículo duplica II Reis 20.6b, mas o editor de Isaías omitiu as palavras: "e defenderei esta cidade por amor de mim, e por amor de Davi, meu servo".

38.7

Ser-te-á isto da parte do Senhor como sinal. Este versículo duplica II Reis 20.9a, Note o leitor que o editor omitiu o vs. 7 de II Reis 20, e então modificou um pouco o vs. 8. Em II Reis, Ezequias pediu de Isaías um sinal do Senhor para reforçar a promessa de vida mais longa. O editor do livro de Isaías (neste ponto) simplesmente dá o sinal, sem que Ezequias o peça. Os vss. 7 e 8a (de II Reis 20) aparecem em Isa. 38.21,22.

38.8

Eis que farei retroceder dez graus a sombra lançada pelo sol. Este versículo duplica II Reis 20.9b-11, mas o editor de Isaías condensou muito material na simples apresentação do sinal, o que servia perfeitamente a seus propósitos. Neste ponto, o editor de Isaías parou de copiar de sua fonte informativa e nos deu doze versículos, o *Salmo de Agradecimento* de Ezequias. Terminado o salmo, ele voltou à cópia, pelo que Isa. 39.1 é duplicação II Reis 20.12.

Salmo de Ação de Graças de Ezequias (38.9-20)

Este salmo é um escrito (no hebraico, *miktab,* interpretado aqui como *cântico* ou *salmo).* É semelhante o "cântico de Ana" (I Sam. 2.1-10) e a "oração de Jonas" (Jon. 2.2-9), um escrito composto para ser usado nos cultos do templo, pelo que, de fato, consistia em uma composição litúrgica. Era apropriado para ser usado nos ritos sacrificiais a fim de expressar agradecimentos por alguma bênção especial recebida. O vs. 9 serve como título do salmo e, tal como se dá com os salmos do saltério, foi adicionado posteriormente. Em vez de *miktab,* alguns estudiosos preferem o termo *miktam,* que se encontra nos títulos dos Salmos 56 a 60. Ali, a tradução apropriada parece ser "oração". Esse salmo encontra-se somente aqui, não tendo paralelo nem em II Reis nem nos livros de Crônicas.

38.9

Cântico de Ezequias, rei de Judá. O *miktab* ou *miktam* (ver a introdução a esta seção, anteriormente) tem sido atribuído a Ezequias, o qual se mostrou cuidadoso em louvar a Deus e agradecer-Lhe por sua vida, que fora poupada — 15 anos lhe foram acrescentados (ver Isa. 38.5). Além desse benefício, Yahweh prometeu que também livraria Jerusalém das mão dos assírios (vs. 6), pelo que o rei tinha duas boas razões para prestar ações de graças. Uma divina intervenção tinha livrado da morte o rei, mostrando que a oração é mais forte do que a profecia, porquanto Isaías já havia revelado a Ezequias que era tempo de ele morrer (vs. 1). Incidentalmente, aprendemos que o dia da morte de uma pessoa talvez não seja uma data fixa. Parece que, em alguns casos, a data da morte já foi fixada; mas, em outros, ainda não. Parece haver certa flexibilidade na questão. Portanto, sempre será legítimo pedir alguns anos extras. É conforme dizia minha mãe: "Algumas vezes podemos barganhar com Deus e, de outras vezes, não podemos".

38.10

Eu disse: Em pleno vigor de meus dias. Ezequias considerou estar em *pleno vigor* (conforme diz a nossa tradução portuguesa), ou *meio dia* (Revised Standard Version), ou *tranqüilidade* (tradução da Imprensa Bíblica Brasileira). Naquele momento o anjo da morte descia sobre o palácio em busca de Ezequias para levá-lo deste mundo. O profeta Isaías acabara de dizer a Ezequias que era seu tempo de partir, mas o rei voltou-se para uma parede e fez uma oração que se mostrou mais forte do que a profecia.

O rei tinha sido consignado ao *sheol*, o que, nesta passagem, dificilmente pode significar algo mais do que o *sepulcro*. Quanto a versículos nos quais essa palavra hebraica pode significar mais do que isso, ver Sal. 88.10 e 139.8. Ver também Isa. 14.9; 29.4; e Pro. 5.5, onde apresento um sumário de como essa doutrina tem-se desenvolvido. O *sheol* poderia esperar. Ezequias ainda tinha algumas coisas que precisava fazer para cumprir a sua missão.

Roubado estou do resto dos meus anos. Ezequias não concordou com a agenda do anjo da morte. Ele entendeu que seria útil viver mais alguns anos. O anjo estava com pressa. Mas imagino que há algumas coisas de que os mortais sabem, e das quais os seres imortais não sabem, e uma delas é "quando é apropriado morrer", levando-se em conta todos os fatores.

Note o leitor que Ezequias não falou em uma existência pós-vida. Ao que tudo indica, ele não acreditava nisso, o que era típico do judaísmo antigo. Somente nos livros de Salmos e dos Profetas esse conceito começou a vir à tona, embora na filosofia ocidental e nas religiões orientais esse fosse um pensamento constante. A doutrina do pós-vida é vista claramente em porções finais do Antigo Testamento, como em Dan. 12.3. Mas foi nos livros pseudepígrafos e apócrifos que essas idéias se desenvolveram; e, então, o Novo Testamento deu a sua própria contribuição para a doutrina. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Imortalidade*, composto de vários artigos, incluindo dois que vêem a questão do ponto de vista científico. Ver também ali o verbete chamado *Experiências Perto da Morte*.

38.11

Eu disse: Já não verei o Senhor na terra dos viventes. A morte era vista como uma perda crítica. Em *primeiro lugar*, o homem seria cortado da adoração a Deus, no templo de Jerusalém (ver o vs. 18 e Sal. 27.13 e 115.7). Em seguida, ele perderia a *própria vida*, não mais podendo ver homens vivos, tendo de abandonar seus próprios interesses e prazeres. Em outras palavras, estaria verdadeiramente *morto*.

Ver as notas expositivas no vs. 10 quanto ao quadro lamentável que é não esperar nenhum tipo de existência no além. Os hebreus não possuíam ciência com a qual pudessem investigar as questões da vida e da morte, e nenhum cristão espera que isso resolva para nós a questão:

> *Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.*
>
> (Romanos 8.38,39)

Sejam contrastadas as palavras de Ezequias com as palavras de Paulo: "Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro... tenho o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor" (Fil. 1.21,23).

38.12

A minha habitação foi arrancada. *Com duas metáforas*, o rei Ezequias lamentou a sua sorte, que lhe sobrevinha de forma súbita e final, tal como um pastor dobra sua minúscula tenda, a fim de mudar-se para outro lugar e acompanhar seu rebanho. Cf. essa metáfora da tenda com II Cor. 5.1,2. Mas, em contraste com Paulo, que via um templo permanente a substituir a tenda temporária, Ezequias via somente o desmantelo de sua tenda, e nenhuma edificação nova. Cf. também Sal. 42.5 e Jó 21.28. A tenda é o corpo humano, um lar transitório, sujeito ao desmantelo, visto que não tem por objetivo ser uma residência permanente.

Além disso, temos a *metáfora do tecelão*. O tecelão trabalha alegremente em um projeto. Sabendo o que está fazendo, e feliz com isso, ele continua; mas então, alguma pessoa ou circunstância aparece e interrompe seu trabalho. Com relutância ele tem de dobrar o trabalho, deixando-o por terminar. Yahweh vem e corta a veste não-terminada do tear, a fim de que algum outro trabalho seja feito ali. Ele estava vivo pela manhã, mas à noite sua vida foi cortada. O original hebraico, aqui, é um tanto incerto. Poderia estar em vista certo número de dias de uma vida, conforme se vê em Sal. 31.15; 37.18 e 90.12. Os gregos costumavam falar nos deuses da sorte a tecer os dias da vida dos homens, para cortar o tecido quando bem o entendessem.

> *Estou terminado como o tecido que um tecelão enrola e corta do tear. Em um dia me levaste a este fim.*
>
> (NCV)

38.13

Espero com paciência até à madrugada. É provável que este versículo se refira a qualquer enfermidade que afligia Ezequias e o ameaçava com a morte. Ele atribuiu essa enfermidade a Yahweh, talvez por causa de pecados que sabia ter cometido e mereciam castigo. Assim sendo, Yahweh se aproximara dele qual leão, e o esmagava, sem alívio algum, todo o dia e toda a noite, com o intuito de tirar-lhe a vida. Mediante essa figura simbólica, os sofrimentos de Ezequias foram vividamente pintados.

> *Que posso dizer Àquele que faz isto comigo? Agito-me nas horas da noite, com amargura de alma.*
>
> (Moffatt)

38.14

Como a andorinha, ou o grou, assim eu chilreava. Ezequias compara os gemidos contínuos de sua agonia aos tipos de sons que os pássaros fazem quando sofrem. Ele nomeou três pássaros — a andorinha, o grou e a pomba — cada qual com seu som distintivo de tristeza: "O choro de dor e lamentação reprimida dos sofredores" (Ellicott, *in loc.*). Ele tinha olhado tanto para Yahweh, em oração, que dificilmente poderia continuar levantando a cabeça. Era terrível a opressão que ele estava suportando, pelo que implorou que Yahweh interviesse em seu favor. Diz aqui o hebraico original, literalmente: "Sê minha segurança". Ele tinha alguma espécie de dívida a pagar e precisava de alguém que garantisse o pagamento. Se ninguém saísse em seu favor, para livrá-lo do credor da morte, ele seria conduzido para a execução.

38.15

Que direi? como prometeu, assim me fez. *Yahweh*, em última análise, era a *causa* de sua enfermidade, e Ezequias tinha razões para reclamar. A resposta padronizada dos hebreus era que toda a enfermidade continha algum pecado, mas o livro de Jó demonstra que essa posição importa em exagero. Existem enfermidades e calamidades que atingem os homens, com as quais Deus nada tem que ver. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*. Os homens sofrem por causa do mal moral, a dor causada pela vontade perversa de outros homens. E também sofrem em vista do mal natural, ou seja, os abusos da natureza, como incêndios, inundações, terremotos, enfermidades e morte. O *porquê* dos sofrimentos é um dos problemas filosóficos e teológicos mais agudos e perturbadores que existe, e sobre ele trato nos artigos mencionados.

Ezequias não podia dormir. A dor era tão grande que ele não conseguia dormir; o sono tinha fugido dele. Tanto sofrimento amargurara sua alma, tal e qual acontecera com Jó.

Passarei tranqüilamente. Provavelmente, está em foco um espírito humilde e quebrantado. A enfermidade tinha feito o rei Ezequias tornar-se um desastre, e ele não podia levantar a cabeça. Ele perdeu o ânimo de viver. O Targum, entretanto, aplica essa declaração ao resto da vida de Ezequias, mesmo *depois* de seu livramento. Ele jamais esqueceria o que Yahweh tinha feito, e sempre se mostraria humilde quando lembrasse o presente daqueles quinze anos extras!

> *Tenho tido essas tribulações, pelo que agora serei humilde toda a minha vida.*
>
> (NCV)

38.16

Senhor, por estas disposições tuas vivem os homens. Estas palavras iniciais do versículo são obscuras no original hebraico, o que faz os tradutores conjecturar sobre o seu significado. Uma dessas conjecturas diz o seguinte: "Senhor, por causa de ti, vivem os homens" (NCV). Ou então: "Contigo estão os dias de minha vida" (Kissane, *Isaías* l. 416,419). O rei reconheceu que a vida dele estava em Yahweh, como um dom; portanto, Deus era poderoso para dar-lhe uma vida mais longa, libertando-o de sua enfermidade. Todas as coisas vivem em Yahweh, e o rei não era exceção. Cf. Deu. 8.6. Os homens vivem mediante o pão, mas não somente pelo pão.

> *Restaura-me a saúde e faz-me viver.*
>
> (RSV)

Essa é a nota-chave deste salmo de Ezequias. Em certo número de salmos de lamentação, o inimigo é a enfermidade física. Ver os Salmos 6; 22; 28; 30; 31.9-12.

O meu espírito. Não está em mira aqui a "alma imortal", conforme dizem algumas versões, pois a alma ainda não havia entrado na teologia hebraica do período, mas o *hálito* de Deus em um homem, que lhe dá a vida física. O rei Ezequias não falava sobre a alma, sobre a vida, sobre a vida no além, sobre a salvação que leva à vida eterna. Ele meramente queria ver curado o seu pobre corpo físico, para que continuasse vivendo e assim cumprisse sua missão na terra.

38.17

Eis que foi para minha paz que tive eu grande amargura. O rei Ezequias reconheceu que tinha aprendido algumas valiosas lições quando adoeceu, mas agora sentia-se extremamente grato de que isso era tudo quanto estava envolvido na questão, visto que Yahweh fez sua vida recuar dos portões do *sheol,* a sepultura, o abismo da destruição do corpo. "O salmista percebeu que os seus sofrimentos tinham redundado em seu próprio bem; perdão de pecados e recuperação após uma doença mortífera tinham sido dois lados da mesma experiência do poder salvador de Deus" (R. B. Y. Scott, *in loc.).*

> *Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades; quem sara todas as tuas enfermidades.*
>
> **(Salmo** 103.3)

E a livraste da cova «la corrupção. Temos aqui uma referência ao *sheol* como a *sepultura.* Ver as notas acerca do vs. 10.0 livramento se deu através do famoso *amor de Deus,* do qual todos somos inteiramente dependentes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor.* O hebraico literal é vivido: "Tens amado a minha alma e a tens tirado da cova da destruição". Quando Yahweh fez isso, simplesmente lançou os pecados de Ezequias para trás de Si, pois eram causas, e foram anulados tanto as causas quanto os efeitos. O amor de Deus é, *ipso facto,* um livramento, porquanto é um poder inesgotável. Quando Deus opera Sua obra de livramento, Ele lança os pecados no esquecimento. Cf. Mat. 9.2-5.

38.18

A sepultura não te pode louvar. É descrito aqui o *nada do seol,* tema comum no livro dos Salmos. Daquele lugar de desgraças não sobem agradecimentos a Yahweh, porquanto ali não há vida para dar louvores. Os que desceram ao abismo não têm esperança. A fidelidade de Deus não se aplica a eles, porquanto eles são como o nada. O rei Ezequias concordou com a teologia de seus dias, de que nada sobrevive à morte biológica, nem mesmo a alma. É inútil distorcer este versículo e confiar na esperança cristã que se poderia acrescentar a ele. Seria um anacronismo. Cf. este versículo com idéias similares em Sal. 6.5; 30.9; 88.11; 115.17; Eclesiastes 9.10. Ver as notas expositivas sobre o vs. 10 do presente capítulo, que também se aplicam aqui. A teologia dos hebreus era deficiente em muitos pontos, e não meramente na questão da sobrevivência da alma. Se isso não fosse verdade, então não teríamos necessidade do Novo Testamento. Cf. Isa, 38.18, que dá o ponto de vista lamentável sobre o sepulcro.

38.19

Os vivos, somente os vivos, esses te louvam. Ezequias clamou como segue: "São os vivos! São os vivos que Te agradecem!". Ele queria estar entre os vivos, para que pudesse louvar a Deus acerca de sua vida. Um pai comunica a verdade de Deus a seus filhos. Entre essas verdades está a necessidade de prestar agradecimentos a Deus. A verdade, neste caso, é a lei mosaica. A lei é o *guia* da vida (ver Deu. 6.4 ss.); ela dá ao homem uma vida útil (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A lei é que toma os homens bons indivíduos distintos (ver Deu. 4.4-8).

A tua fidelidade. Está incluído aqui o fato de que os homens podem orar e obter ajuda em tempos de necessidade, sem importar qual seja essa necessidade. A lei prometia a intervenção de Yahweh para aqueles que a cumprissem, em suas obrigações morais e rituais. Um pai dirá a seus filhos que "tu proves ajuda", conforme diz a NCV.

38.20

O Senhor veio salvar-me. Ezequias confiava em que Yahweh o salvaria de sua temível enfermidade, e, quando isso acontecesse, ele iria ao templo e ofereceria sacrifícios de ação de graças, tomaria votos e cantaria louvores, com o acompanhamento de instrumentos de cordas. Portanto, vemos aqui como esse salmo foi adaptado para o ritual do templo e poderia ser entoado por qualquer um que tivesse recebido alguma grande resposta à oração, como boa saúde e vida longa. A experiência de Ezequias fazia soar uma nota perpétua de louvor, que continuava retinindo por parte daqueles que obtinham curas ou outros triunfo por meio da oração.

Nós o louvaremos. Quem faria isso? Ezequias, seus familiares e seus amigos; aqueles que ouvissem essa história e continuassem a confiar no mesmo Deus. Ezequias identificava-se com a família inteira de Judá, bem como com os levitas músicos (ver I Crô. 25), os quais se dedicavam a musicar os salmos, inspirando o povo a agradecer ao Senhor mais ainda.

38.21,22

Retornamos agora aos paralelos no capítulo 20 de II Reis. Os vss. 21-22 foram omitidos entre os vss. 6-7. O vs. 21 duplica II Reis 20.7 e o vs. 22 duplica II Reis 20.8, mas deixa de fora as palavras "ao terceiro dia".

Capítulo Trinta e Nove

Não há interrupção entre os capítulos 38 e 39. Ver comentários sobre a seção histórica que algum editor tomou por empréstimo de II Reis, na introdução ao capitulo 36 de Isaias. Os capítulos 36-39 foram copiados diretamente de II Reis 18.13-20.19, com leves modificações. Somente o trecho de Isa. 38.9-20 foi adicionado com base em outra fonte informativa. Dou as exposições nos paralelos que aparecem no livro de II Reis.

39.1

Este versículo é uma duplicação de II Reis 20.12.

39.2

Este versículo é uma duplicação de II Reis 20.13.

39.3

Este versículo é uma duplicação de II Reis 20.14.

39.4

Este versículo é uma duplicação de II Reis 20.15.

39.5

Ouve a palavra do Senhor dos Exércitos. Este versículo duplica II Reis 20.16, exceto pelo título divino, que no livro de Isaías com freqüência é *Senhor dos Exércitos,* ao passo que no livro de II Reis é o simples *Yahweh* (em nossa versão portuguesa, "Senhor").

39.6

Este versículo é uma duplicação de II Reis 20.17.

39.7

Este versículo é uma duplicação de II Reis 18.22.

39.8

Este versículo duplica Ii Reis 20.19. Neste ponto, o editor do livro de Isaías interrompe a cópia de II Reis, não dando a nota de obituário de Ezequias que aparece em II Reis 20.20. Tendo copiado o trecho de II Reis 18.13-20.19, ele proveu a seus leitores o pano de fundo histórico essencial para as profecias com que inicia o capítulo 40. Quanto ao adiamento da punição, cf. I Reis 21.27-29. O castigo deve adaptar-se ao crime, conforme encontramos em Isa. 3.16,17,24, de acordo com a *Lex Talionis* (cobrança em consonância com a gravidade do crime; ver a respeito no *Dicionário).*

Capítulo Quarenta

Profecias Concernentes à Babilônia (40.1 - 45.13)

Consolo para os Exilados: Promessa de Restauração (40.1-11)

Os capítulos 40-55 são uma espécie de *Livro das Consolações de Israel.* "O profeta foi convocado para anunciar a vinda de Deus. A cena de pano de fundo é

o conselho celestial, de onde chegavam vozes ao profeta. Os vss. 1-2 são a introdução; *consolo,* visto que o exílio estava quase terminando... meu povo... vosso Deus, *palavras de aliança* (cf. Êxo. 19.4-6; Jer. 11.5)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução ao presente capítulo).

Segundo Isaías. Os críticos supõem que tenhamos aqui o início dos escritos do chamado Segundo Isaías, um autor diferente daquele que proveu os capítulos 1-35. De conformidade com esse ponto de vista, os materiais que se seguem foram escritos como história, após os dias de Isaías, e não como profecia. Tratei do problema da *unidade do livro,* na seção III da *Introdução,* pelo que não reitero aqui o material. Ver também a seção IV, sobre autoria e data. Se existem vários níveis de escrita e diferentes autores, então obviamente temos diferentes datas para partes distintas.

"Nesses capítulos, o profeta relembrou o povo de seu livramento vindouro, por causa da grandeza do Senhor e de seu relacionamento ímpar com Ele. Deus é majestático (capítulo 40) e protege Israel, e não as nações pagãs do mundo (capítulo 41). Embora Israel, na maior parte de sua história, tenha-se mostrado uma nação indigna (capítulo 42), o Senhor prometeu reuni-la de novo (ver Isa. 43.1-44.5). Visto que Ele, o único Deus (ver Isa. 44.6-45.25), era superior à Babilônia, faria a Babilônia cair (capítulos 46-47). Por conseguinte, Isaías exortou os israelitas a viver na retidão e a fugir da Babilônia (capítulo 48). O povo de Judá é visto aqui como quem estava exilado na Babilônia (ver Isa. 43.14; 47.1; 48.20), enquanto Jerusalém jazia em ruínas (44.26)" (John S. Martin, *in loc.*).

40.1

Consolai, consolai o meu povo. "Consolai, consolai: os imperativos repetidos (cf. Isa. 51.9,17; 52.1; 57.14; 62.10; 65.1) enfatizam a nota de compaixão e urgência características desta seção. A ênfase sobre o consolo permeia muitos dos poemas (ver Isa. 40.13; 51.6,12,19; 52.9; 54.11), e isso é apenas coerente com a mensagem do poeta sobre uma redenção iminente... *Meu povo... o vosso Deus...* são palavras próprias da aliança que expressam a realidade básica da fé do Antigo Testamento" (James Muilenburg, *in loc.*).

O vosso Deus. Essas palavras chegaram a nós dentro do oráculo, por meio da inspiração divina. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Revelação* e *Iluminação.* O nome de Isaías não aparece aqui, nem ocorre em todos os capítulos 40 - 66. Mas aparece por 14 vezes na seção dos capítulos 1-39. Se Isaías é o autor desta segunda seção do livro de Isaías, então temos, diante de nós, profecia, porquanto ele não viveu o suficiente para ver o exílio e o retorno dos judeus da Babilônia. Mas se Isaías não é o autor desta segunda seção do livro, isso não significa que a inspiração divina tenha cessado; apenas o que temos aqui é um registro histórico. Ver a introdução ao presente capítulo e a seção III da *Introdução* quanto à unidade do livro de Isaías, e a seção IV quanto à questão da autoria e da data. Alguns intérpretes vêem um *intuito a longo prazo* nestas profecias, o que nos conduz à era do Reino, embora a profecia (ou história) a curto prazo diga respeito à Babilônia.

40.2

Falai ao coração de Jerusalém. Continua aqui a *fala de consolo,* porquanto um profundo sofrimento agora seria revertido pela volta do remanescente de Judá do *cativeiro babilônico.* Ver no *Dicionário* o verbete com esse nome. Agora o profeta Isaías falava *ternamente* a Jerusalém. Literalmente, diz aqui o hebraico original: "falai ao coração de". Cf. isso com Gên. 34.31; Osé. 2.14. Mas ver especialmente Gên. 50.21 e Rute 2.13. Yahweh estava prestes a derramar o óleo da cura na ferida do exílio. "A guerra tinha terminado", e havia *perdão de pecados.* De fato, Yahweh estava sempre pronto a perdoar. A punição era terrível porque Israel (Judá) era punida *por duas vezes* diante de cada pecado cometido. Mas agora, Jerusalém seria abençoada por duas vezes, quanto a cada bênção recebida. A *dupla punição* não significa "além do merecido", pois o amor de Deus jamais permitiria tal coisa. Antes, a dupla punição significa "pagamento pleno". Coisa alguma era negligenciada. A apostasia precisava ser curada, e somente um julgamento de natureza mais severa poderia ter realizado isso. A Babilônia foi o instrumento de castigo usado por Deus, mas agora medos e persas eram os novos atores do palco, colocando a Babilônia à beira da derrota; além disso, o decreto favorável de Ciro permitiria o retorno dos judeus à sua terra pátria. Isso serviria de tipo do retorno, no fim dos tempos, do remanescente santo, purificado pela Grande Tribulação (ver Isa. 24-34). Uma vez mais, Israel será restaurada porque o amor de Deus jamais desiste.

"O perdão é sempre um ato da graça divina. Tanto a disciplina quanto o sofrimento vicário dos justos são determinados pelo Senhor. O seu coração paterno se estende aos pecadores. Seus braços estão abertos para acolher os penitentes. Sua disciplina tem por propósito produzir a penitência e fazer os rebeldes voltar-se para Ele. Seu perdão não deve ser contrastado com Sua retidão. Antes, faz parte dela. Pois Ele é o Deus justo e o Salvador (ver Isa. 45.21)" (Henry Sloane Coffin, *in loc.*).

Primeira Estrofe: O Caminho do Senhor (40.3-5)

40.3

Consideremos aqui os três pontos seguintes:

1. Este versículo é citado em Mat. 3.3; Mar. 1.3 e Luc. 3.4 e é aplicado nessas três passagens ao ministério de João Batista, o arauto da missão messiânica de Jesus.
2. Muitos pensam que essa profecia também se refere ao anúncio que proclamará a *era do Reino de Deus.*
3. Mas a interpretação primária, neste caso, é o anúncio do breve fim do cativeiro babilônico, bem como a restauração de Jerusalém por parte do remanescente judeu.

Voz que clama no deserto. Trata-se da voz de Deus, que operaria através do ministério do profeta João. É a voz do decreto divino que altera as coisas. A *mensagem* de Deus é o agente divino da mudança que haverá.

Vereda a nosso Deus. Uma figura comum do chamado Segundo Isaías (ver também Isa. 42.16; 43.16,19; 48.17). Cf. Eze. 1.28; 10.18,19; 43.1-5. Está em pauta o aparecimento da presença do Poder de Deus, a fim de fazer intervenção. Ver em Isa. 13.6 sobre como o Poder do alto é a causa dos acontecimentos à face da terra. Será construída uma estrada para tornar a aproximação do Senhor mais fácil e segura.

"A imagem simbólica é extraída da marcha dos monarcas orientais que por muitas vezes se jactavam, conforme se vê nas inscrições assírias de Senaqueribe e Assurbanipal quanto a estradas feitas através de desertos destituídos de caminhos. Aqui o deserto ficava entre o rio Eufrates e o território de Judá, a estrada pela qual os exilados caminhariam" (Ellicott, *in loc.*).

40.4

Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros. Os exilados não seguiriam por um terreno desigual e íngreme, porquanto seriam conduzidos por Deus, o Líder deles. Não seria uma estrada serpeante, que cruzaria ravinas de montanhas. O Engenheiro divino já terá preparado uma grande estrada para a marcha que conduzirá à restauração. Os reis orientais confiavam a seus melhores engenheiros essas operações. "Aterrar os vales e nivelar os montes fala dos operários que nivelavam ou tiravam os desníveis de uma estrada por onde passaria um dignitário em visita a alguma área" (John S. Martin, *in loc.*). Novamente, são preservados os *três* aspectos proféticos, conforme dado nas notas sobre o versículo anterior. A vinda da presença divina significará grande iluminação; espiritualmente falando, grande avanço no conhecimento e na prática sábia de princípios espirituais, conforme aconteceu quando da restauração do território de Judá a Jerusalém, quando a apostasia foi revertida; ou conforme sucedeu durante o ministério messiânico de Jesus Cristo; ou como sucederá durante a era do Reino de Deus, quando o conhecimento do Senhor se tornará universal (ver Isa. 11.9).

A estrada é o caminho do Senhor; e, quando Ele voltar ao mundo, haverá benefício universal, sem importar o pano de fundo histórico.

40.5

A glória do Senhor se manifestará. "A glória do Senhor retornará (Eze. 1.28; 10.18,19; 43.1-5)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Suas aparições anunciadas trarão avanços e revelações sem paralelo, tanto no que diz respeito aos acontecimentos mundiais quanto a significativos avanços espirituais. Cf. a história das *teofanias* (ver a respeito no *Dicionário*), como a aparição de Deus a Abraão (Gên. 12.7,8), a Jacó (Gên. 28.10-19), a Moisés (Êxo. 3.2-6), a Gideão (Juí. 6.11-24), aos profetas (Amós 7.1-9; Isa. 6; Eze. 1). Yahweh foi altamente exaltado quando os exilados voltaram da Babilônia, e essa foi uma poderosa intervenção da presença e da glória de Deus. Então, o ministério de Jesus reverteu o cativeiro assírio no caso de Israel (ver Mat. 4.16), bem como a iluminação de todos os homens do mundo (João 1.9). Além disso, haverá outra demonstração da glória do Senhor durante a era do milênio. Ver no *Dicionário* sobre a glória *Shekinah.*

Toda a carne. A glória do Senhor dificilmente poderia ficar confinada somente à nação de Israel, razão pela qual o profeta fez soar aqui a trombeta universal. *Todos os homens* participarão dessa nova manifestação de Yahweh no mundo, e todos se beneficiarão. "Deus amou o mundo de tal maneira... " (João 3.16). Durante a futura era do Reino, Israel será o cabeça das nações e o instrumento das bênçãos divinas para outros povos (ver Isa. 24.23). O conhecimento do Senhor tornar-se-á universal, e outro tanto sucederá à salvação dada pelo Senhor (ver Isa. 11.9). Ver o artigo da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* denominado *Restauração.*

Segunda Estrofe: A Palavra de Deus (40.6-8)

40.6

Uma voz diz: Clama. Nessa estrofe é proclamada a *imutabilidade da Palavra de Deus* (cf. Isa. 9.8; 55.8-11), em contraste com a mudança contínua e a deca-

dência de todos os seres vivos. Temos aqui uma *voz* respondendo a outra que clamava, um *questionador,* talvez indicando o próprio profeta, ansioso por conhecimento. Ele perguntou qual deveria ser a sua mensagem: Que deveria ele clamar? O questionador respondeu à voz divina que foi ouvida. Disse a voz: Clama! Mas ele precisou pedir instruções sobre o que clamar.

Que hei de clamar? O profeta respondeu ao clamor divino e perguntou o que deveria dizer. Temos dois manuscritos hebraicos parciais entre a coletânea dos Papiros do Mar Morto. Algumas vezes, um ou outro concorda com os manuscritos dos Papiros do Mar Morto e discorda do texto massorético padronizado. Quanto à importância desse fenômeno diante dos estudos textuais, ver as notas expositivas em Isa. 26.19, onde ilustro e comento. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do* e *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

O que se segue agora, no texto deste versículo, e por todo o vs. 8, é a mensagem que se esperava que o profeta clamasse. Começamos por uma declaração clássica da fragilidade e temporalidade das coisas vivas, em contraste com a imutabilidade da Palavra de Deus. Toda a carne é como a "erva" (ver Jó 14.2; Sal. 90.5; 102.11; 103.15; Tia. 1.10; I Ped. 1.24). A carne tem uma beleza que se assemelha à da flor dos campos, que logo murcha quando o sol a deixa estorricada. As referências que ofereço cobrem essa metáfora. Ver também Isa. 28.4; I Ped. 1.24,25, que cita diretamente este texto de Isaías.

40.7

Seca-se a erva, e caem as flores. Continua aqui a metáfora da erva e da flor. O tórrido vento oriental secava a erva e as flores, e esse vento quente é comparado ao hálito do Senhor. O sopro de Deus dá vida às coisas vivas (ver Gên. 2.7) e também retira a vida desses mesmos seres. As pessoas *são* a erva que aparece na metáfora, e os indivíduos não são mais fortes do que a erva. Cf. Sal. 103.15,16.

Tal como são as gerações das flores,
Assim são as gerações dos homens.

(uma símile homérica freqüente)

"O vento oriental ressecador daqueles países era enviado por Yahweh (ver Jon. 4.8). Mas o Espírito de Yahweh é que envia Seu sopro sobre o homem orgulhoso mas frágil, conforme Ele fez com Senaqueribe (ver Isa. 37.7)" (Fausset, *in loc).* João 3.8 compara as operações do Espírito Santo ao vento. "Ás excelências externas dos homens, suas vantagens externas, perecem defronte o hálito de Deus" (John Gill, *in loc).*

40.8

Seca-se a erva, e cai a sua flor. A Septuaginta e os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto têm uma versão mais curta dos vss. 7-8. "Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente". Entretanto, foi feita uma correção para que este versículo entrasse em harmonia com o texto massorético. Algumas vezes, a Septuaginta concorda com os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto, contra o texto massorético padronizado; e, em menor escala, o mesmo acontece com outras versões. Ver os comentários sobre o vs. 6 deste capítulo, segundo parágrafo, quanto a esse fenômeno e seu significado para a crítica textual. Ver também Isa. 26.19, onde abordo detalhes sobre a questão.

A erva e a flor se ressecam juntamente (tal como acontece aos homens, a quem tipificam), mas o que é firme e imutável é a *Palavra de Deus.* A Palavra de Deus permanecerá para sempre. Consideremos os pontos seguintes:

1. Está em vista a *palavra profética* que seria cumprida.
2. O profeta não estava oferecendo uma declaração geral acerca do cânon das Escrituras, o que estaria fora de propósito neste ponto.
3. A palavra que revela a vontade de Deus é apresentada sob a forma de profecia e sob outras formas: Primariamente, a palavra profética que revela a vontade de Deus, mas inclui todas as manifestações de Seu ser (ver Sal, 119.41,65,89; João 1.1).
4. A Palavra de Deus, o Cristo encarnado, não está em vista nesta simples declaração.
5. Não está em vista o evangelho cristão.

Terceira Estrofe: Eis o Vosso Deus (40.9-10)

40.9

Tu, ó Sião, que anuncias boas-novas, sobe a um monte alto! Jerusalém atua agora como porta-voz da restauração, proclamando a mensagem a toda a nação de Judá, o Novo Israel que seria estabelecido após o retorno do exílio. Esta afirmativa provavelmente tem por intuito incluir a restauração dos fins dos tempos, para Israel. Elohim, o Poder, chegou ao Seu templo, em Jerusalém. Ele veio para governar e abençoar. Todo o Israel "verá" o Senhor e se beneficiará de Sua presença. A mensagem seria proclamada das colinas altas de Jerusalém, para que todo o povo de Judá a pudesse ouvir e compreender. Os vss. 10 ss. dão detalhes específicos sobre a mensagem proferida do alto lugar.

Boas-novas. Na Septuaginta (Antigo Testamento vertido para o grego), temos a expressão "boas-novas" usando a mesma palavra grega consagrada nas páginas do Novo Testamento para falar da proclamação do evangelho *(euangelidzesthai),* bem como do próprio evangelho *(euangelion).* Esta é a primeira ocorrência do vocábulo no Antigo Testamento. Ellicott *(in loc.)* nota esse fato com emoção, e a sua emoção mostra-se contagiosa. "Eis que teu Deus, especialmente em Sua segunda vinda (ver Zac. 12.10; 14.5)" (Fausset, *in loc).*"... o qual virá em grandeza celestial, contudo com uma atitude compassiva (Eze. 34). Ver também Atos 10.36; Rom. 10.15; Apo. 10.7,12. Jerusalém é usada em lugar de Judá mais de 30 vezes nos capítulos 40-45" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 9).

40.10

Eis que o Senhor Deus virá com poder. Consideremos aqui os três pontos seguintes:

1. *Elohim* virá com poder, a fim de julgar e abençoar. Deus não fará coisa alguma frouxamentèjjnem irá só até metade do caminho. Seu nome significa Poder. Note o leitòrque temos o nome composto Yahweh-Elohim, o Deus Eterno e Todo-podereso. Por meio de Seu poder, Ele eternizará o que é temporal.
2. O *braço* de Deus será estendido tanto para julgar como para abençoar. Ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1, quanto a essa metáfora, e também Isa. 32.2; 48.14; 51.5,9; 52.10 e 53.1. Ver sobre *mão* (Sal. 81.14) e *mão direita* (Sal. 20.6). Portanto, em linguagem antropomórfica, temos símbolos do poder de Deus para realizar os Seus desejos.
3. Sua recompensa estará com Ele, e Ele realmente galardoará todos aqueles que Nele confiam.

Eis que venho sem demora e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.

(Apocalipse 22.12)

Os obreiros fiéis não perderão o seu salário (ver Lev. 19.13; Deu. 24.15). Cf. Isa. 62.11. Houve grandes benefícios na volta da Babilônia. Haverá grandes bênçãos próprias do Reino de Deus.

Ele trará recompensas para o Seu povo; Ele trará o pagamento deles com Ele.

(NCV)

O Conquistador Também é Pastor (40.11)

40.11

Como pastor apascentará o seu rebanho. *Yahweh-Elohim é Pastor.* O bem que Ele traz para galardoar os Seus servos (vs. 10) é agora descrito como o cuidado de um pastor por suas ovelhas. Considere o leitor estes pontos:

1. Eles serão *alimentados,* isto é, terão todas as coisas necessárias para a vida material e espiritual.
2. Eles serão recolhidos da Babilônia e restituídos à própria terra; também serão recolhidos das nações do mundo e estabelecidos na era do Reino como cabeça das nações da terra (ver Isa. 24.23).
3. Eles serão ternamente carregados como pessoas preciosas, no seio do Pastor, *protegidos* de todo o dano, e *liderados* em todas as coisas. Ele os acompanhará.
4. Eles serão conduzidos como ovelhas, as quais sempre seguem o pastor. Cf. Miq. 2.12; Jer. 31.10; Eze. 34.11 ss.; Sal. 23; 78.52 e 80.1. "Yahweh levará Seus exilados de volta à pátria deles, tal como um pastor conduz suas ovelhas" (James Muilenburg, *in loc).*

***Ele** é o pastor de todos os homens. Não há mal em seu coração. Embora seus rebanhos sejam pequenos, Ele passa o dia cuidando deles.*

(Admoestação de Ipu-wer)

A *interpretação messiânica* deste versículo nos relembra de João 10. Mas está em foco a era do Reino, para além da aplicação histórica aos exilados que retornariam da Babilônia.

O Caráter de Deus Garante o Consolo (40.12-31)

Primeira Estrofe: Quem Criou o Universo (40.12)

40.12

Quem na concha de sua mão, mediu as águas...? *O Criador dos Confins da Terra.* São apresentadas cinco questões relativas a atos da criação, e todas elas serão respondidas em relação a Elohim, o Poder Criativo. O profeta aponta para um evento real do passado, para o qual só Elohim era idôneo. Por trás **das** perguntas, temos o típico ponto de vista hebraico sobre a criação, o que naturalmente também aparece na mitologia babilônica. O mar, a terra e os céus **são** os três pisos do cosmo. As montanhas e as colinas servem de apoio ao firmamento, a taça invertida que está por cima da terra, feita de material sólido, ilustro a "visão mundial" dos hebreus no artigo chamado *Astronomia,* no *Dicionário,* onde também apresento um diagrama ilustrativo. Consideremos os pontos seguintes:

1. Elohim mediu as águas: as que estão acima do firmamento, aquelas sobre as quais a terra repousa (as águas do abismo lá embaixo), e as que cobrem a terra, os oceanos.
2. Ele também mediu a expansão dos céus, que são a criação divina do andar superior, o piso de cima do cosmo.
3. Então a terra foi estabelecida em suas fronteiras, conforme suas medidas. Essa é a segunda divisão da criação, a começar dos céus.
4. Então devemos considerar as *montanhas* sobre as quais o firmamento se apoia, nos confins do mundo; elas atuam como fundamentos e colunas do firmamento. As montanhas são uma característica distinta da terra, dotadas de importância cósmica por causa de sua função. Os oceanos já foram mencionados, mas devemos compreender que a terra repousava sobre um grande abismo de águas, tal como, acima do firmamento, pensava-se haver outro grande oceano. Sobre essa antiga cosmologia, que não corresponde ao conhecimento moderno, costumava-se dizer que "onde quer que esteja isso, Elohim foi aquele que fez essas coisas".

Esta seção ilustra o grande Poder e Suas obras; e então aprendemos que o Poder também opera em favor dos homens, pelo que há valor e estabilidade na vida humana:

> *Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; andarão e não se fatigarão.*
>
> (Isaías 40.31)

Segunda Estrofe: Quem Ajudou Deus na Criação? (40.13-14)

40.13

Quem guiou o Espírito do Senhor? *O Grande Deus* não necessita de conselheiros, porquanto Sua própria sabedoria infinita O orienta. Sua sabedoria e poder foram empregados na obra da criação, e ser de nenhuma espécie lhe prestou conselhos, e nem mesmo poderia tê-lo feito, porquanto ainda nem existia. Cf. este versículo com Rom. 11.34 **e** I Cor. 2.16, que fazem empréstimos deste versículo. Ver também Jó 38.2-39.30, que ilustra longamente o tema. "Deus é a fonte originária de todo o conhecimento e sabedoria (Pro. 8.22-31)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o versículo). "As cosmologias orientais apresentavam Bei ou Ormuzde chamando divindades inferiores para com elas se aconselharem. Mas o profeta não encontrou outro conselheiro além Daquele que é o Deus eterno" (Ellicott, *in* toe).

40.14

Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Este versículo dá prosseguimento às idéias do vs. 13. Como seu próprio conselheiro, independentemente de qualquer outro ser, no tocante à criação, Yahweh-Elohim não precisou consultar outro ser a fim de receber iluminação quanto a planos e idéias; todos eles procederam do interior de Seu Ser divino. Ninguém poderia ensinar-lhe "o caminho certo de fazer as coisas" (justiça). Provavelmente está em vista um procedimento ordeiro, mas talvez o profeta pensasse que a natureza contém *injustiças* inexplicadas, como as que nos levam a pensar no *Problema do* ***Mal*** (ver no *Dicionário).* Por que existem enfermidades, acidentes, terremotos, inundações etc, e por que existe a morte? Essas parecem ser injustiças que se derivam da natureza, e não da vontade maligna dos homens. Talvez o profeta Isaías tivesse algo como isso em mente (como tinha o autor do livro de Jó). Nesse caso, pois, ele declarou que Deus não construiu a Sua criação com injustiças, e que aquilo que assim nos parece tem razões de ser. Ademais, **a** epítome de todo *conhecimento* e *compreensão* (itens que aparecem **com** freqüência na literatura de sabedoria) é o próprio Deus. Ele é a fonte originária dessas coisas, pelo que não teve necessidade que ninguém Lhe desse idéias quando realizou Seu ato de criação. "Yahweh tem Sua própria orientação inerente; Ele não precisa de outrem para coisa alguma; Ele não precisa de orientação, conselho ou instrução. Toda a compreensão e iluminação que a criação revela tem seu *fons e origo* exclusivamente Nele" (James Muilenburg, *in* toe). Cf. Pro. 11.23 e 33.15.

Terceira Estrofe: As Nações São Nada diante Dele (40.15-17)

40.15

Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai dum balde. O profeta fez um breve esboço da grandeza de Deus. Isso ele contrastou com o nada do homem, individual e coletivamente. Naturalmente, o homem não vale grande coisa, a menos que Deus lhe dê valor. Na verdade, Deus valorizou o homem, pelo que este muito vale. Mas o autor sacro deixa de lado tais considerações aqui. Seja como for, as nações, tão pequenas e insignificantes como são, naturalmente terão de inclinar-se perante a Grandeza Celestial, para que adquiram algum sentido.

> *Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti:*
> *Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;*
> *Sabemos que nada somos — mas Tu nos ajudas a ser algo.*
> *Bendito seja o Teu nome — Aleluia!*
>
> (Alfred Lord Tennyson)

Metáforas do Nada. Um balde de água realmente já é uma pequena quantidade, mas se alguém dali tira uma gota, essa gota então nada será. Qualquer coisa que um homem ponha em uma balança já será coisa pequena, pois o homem está limitado ao que pode carregar. Mas, se na balança não há nenhum peso, somente alguma poeira, isso na verdade nada será. Todas as ilhas onde os homens habitam não são mais que a poeira fina que se junta no prato de uma balança. Essa poeira não tem peso, segundo o parecer de Deus. Consideremos estes cinco pontos:

1. Nada sendo, as nações não ameaçam a Deus. Ele faz o que Lhe agrada ao dirigir a história humana (ver as notas em Isa. 13.6).
2. Então, excetuando Sua graça, Deus não presta atenção aos povos, que não merecem essa atenção.
3. Tolas são as pretensões dos homens, os quais se levam muito a sério.
4. A *soberania* de Deus é enfatizada pelo uso dessa linguagem. Ver o verbete chamado *Soberania,* no *Dicionário.*
5. A história humana tem valor por causa do que Deus faz com os homens. Em Deus os *homens* têm valor, embora nada valham em si mesmos.

40.16

Nem todo o Líbano basta para queimar. Se todas soberbas florestas de cedros do Líbano fossem queimadas juntas, nem seriam uma fagulha nos céus criados por Deus. Todas elas juntas também não formariam um altar de fogo suficiente para agradar a Deus. Em outras palavras, todo esse incêndio seria menos do que nada para Deus, se julgarmos as coisas de acordo com seus verdadeiros valores. E então, se juntássemos em um único lugar todos os animais que fossem considerados bons para sacrifícios, fazendo deles um gigantesco holocausto, Deus não veria a fumaça nem aspiraria o aroma suave. As religiões da época (incluindo o judaísmo) atribuíam excessivo valor aos sacrifícios e julgavam estar atraindo a atenção e a bênção de Deus. Mas, em última análise, tais coisas não se revestiam de grande valor para o Altíssimo. O judaísmo posterior, aproximando-se das idéias que figuram no Novo Testamento, começou a perder interesse pelos sacrifícios de animais. Alguma coisa, no coração dos judeus, começou a dizer que eles não estavam tratando com um valor permanente.

> *Todo o sacrifício é pouco demais para um aroma suave para ti. Toda a gordura não é suficiente para os teus holocaustos.*
>
> (Judite 16.16)

Juntar lenha para fazer fogo, dos recursos em redor de Jerusalém, não era tarefa fácil; aos levitas era dada essa tarefa. Em contraste, o Líbano tinha muitas florestas, e de árvores nobres; mas isso não seria o suficiente para impressionar o Todo-poderoso, mesmo que essas florestas fossem incendiadas, todas juntas, para formar um único holocausto. Cf. este versículo com Isa. 66.1; I Reis 8.27 e Sal. 1.8-13.

> *Eis que o obedecer é melhor do que sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros.*
>
> **(I** Samuel 15.22)

40.17

Todas as nações são perante ele como cousa que nao e de nada. *Este versículo repete* o que já vimos no vs. 15, de forma mais abreviada. Serve de sumário da estrofe que diz:

> *Oh! tremendo, tremendo nome de Deus! Luz insuportável!*
> *Mistério insondável! Vastidão incomensurável!*
> *Quem são esses que avançam para explicar*
> *O mistério, e olham sem piscar para a luz?*
>
> (Jeremy Thackeray)

Andrômeda, imenso cacho de galáxias, quase sem fim, tão grande como a nossa própria Via Láctea, consiste em algo como cem milhões de galáxias. Fica a 750.000 anos-luz de distância da Terra e Tem em torno de cem bilhões de sóis, cada qual maior do que o nosso próprio sol. O que são as nações da terra em comparação a ela, e quanto menos em comparação ao próprio Criador? "É salutar reduzir os homens às suas próprias dimensões humanas na presença de Deus" (Henry Sloane Coffin, *in loc).* Cf. Sal. 62.9 e Dan. 4.35.

Cousa que não é nada. No hebraico, *tohu,* "caos", a matéria primitiva que foi posta em boa ordem e recebeu significado pelo ato criativo de Deus. Ver Gên. 1.2. Esta palavra também é usada em Isa. 24.10; 29.2 e 34.11, além do versículo presente. Só podemos encontrar significado em Deus.

Quarta Estrofe: A Vaidade dos ídolos (40.18-20)

40.18

Com quem compararеis a Deus? Ensinando o profeta a lição de que Yahweh está acima de todas as coisas e orienta os acontecimentos mundiais, sendo Aquele perante quem todos os homens devem prostrar-se, e de fato se prostrarão, era mister que ele atacasse os ídolos pagãos, os deuses falsos nos quais os homens confiavam. O texto à nossa frente é uma polêmica contra os ídolos, mas é, por igual modo, um reflexo da verdadeira natureza do que poderíamos chamar de divino. Só Deus é Deus, e só Deus demanda a lealdade dos homens. Não pode haver ídolo que O represente ou por meio do qual os homens possam adorá-Lo. Deus é ímpar. "O pensamento da infinitude de Deus leva-nos (conforme o raciocínio de Paulo em Atos 17.24-29) ao argumento primário contra a insensatez da idolatria" (Ellicott, *in loc).* Deus é *incomparável,* ao passo que os ídolos são meras representações de coisas que os homens sabem e vêem todos os dias, de maneira comum e *comparável* a coisas tolas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Idolatria* e *Deuses Falsos.* Cf. este versículo com Isa. 42.7.

40.19

O artífice funde a imagem, e o ourives a cobre de ouro. De acordo com a teologia dos hebreus, o Deus incomparável foi quem criou os homens; no paganismo, entretanto, os homens fazem seus deuses mediante comparação com objetos comuns. Eles fabricam figuras de homens e animais e cobrem-nos com metais preciosos para dar-lhes uma aparência de valor e de caráter diferente. Mas isso não transformava a madeira, a pedra ou o metal em algo que é "outro". A idolatria assumia formas intermináveis, mas nenhuma delas era análoga a Deus, e nem poderia sê-lo. Os homens chegavam a prender seus ídolos nas paredes, com *correntes de prata,* a fim de dar-lhes uma impressão de elevação e exaltá-los. Os homens teriam de olhar para cima a fim de contemplá-los, mas essa *elevação* nada tem que ver com a exaltação de Deus nos céus. As inscrições egípcias retratam deuses pendurados das paredes por meio de correntes. Havia deuses suspensos nos templos e nas casas. Essa era apenas mais uma prática insensata. Os ourives tinham muito trabalho extra para manufaturar correntes de prata, mas essa era a única vantagem adquirida na prática.

40.20

O sacerdote idolatra escolhe madeira que não se corrompe. Os homens que não possuíam dinheiro para fabricar ídolos de metal, como aqueles recobertos de ouro ou de prata, tinham de apelar para a madeira, mais humilde. Como é evidente, os homens escolhem uma boa madeira, que não se corrompe com facilidade, mas nem por isso o material deixa de ser madeira. O pobre homem não é um artífice, pelo que tem de procurar alguém que saiba trabalhar bem com madeira. E assim, esses dois cooperam para fabricar uma divindade para o pobre homem.

> *Um homem pobre não pode comprar estátuas caras, pelo que encontra uma árvore cuja madeira não se estrague. E encontra um artífice habilidoso para transformar aquela madeira em um ídolo que não tombe.*
>
> *(NCV)*

Cf. os versículos seguintes com esta quarta estrofe: Isa. 42.17; 45.16,20; Jer. 10.1-16.0 artigo intitulado *Idolatria,* no *Dicionário,* dá referências bíblicas e informações detalhadas.

Quinta Estrofe: Yahweh é o Senhor da Natureza e da História (40.21-24)

40.21

Acaso não sabeis? porventura não ouvis? Continua aqui a exaltação de Yahweh, com referência ao conceito de que todos os homens devem curvar-se na presença Dele. Deus controla tanto a natureza como a história e obviamente os homens, que fazem parte tanto de uma quanto de outra coisa. Temos aqui uma *tríada* que descreve Deus e Suas obras; duas afirmativas falam do controle de Deus sobre a natureza, e uma terceira fala do controle divino sobre a história humana.

O vs. 22 fornece as duas "declarações sobre a natureza", e o vs. 23 oferece a "declaração sobre a história". Esses versículos são introduzidos por meio de perguntas a respeito do conhecimento. Porventura os homens não *ouviram* nem *conheceram* a Deus e à Sua natureza? Algum homem jamais comunicou a mensagem concernente à verdadeira natureza da deidade? Desde o princípio tem havido esse ensino, tanto através da natureza como através da revelação. A história é antiga; as descrições sobre o Deus transcendental estão firmadas há muito. Desde que Deus fundou a terra, o conhecimento sobre Ele tem chegado aos confins. Há o testemunho da natureza (conforme se vê no primeiro capítulo da epístola aos Romanos); existe o testemunho da revelação, por meio das Escrituras hebraicas e gregas; e também há o testemunho do coração de cada ser humano, o testemunho intuitivo da consciência humana.

"O profeta apela para a revelação primária, para as intuições da humanidade, e não para o decálogo (cf. Rom. 1.20 e Sal. 19.4)" (Ellicott, *in loc.).* A natureza ensina acerca de Deus, da necessidade de explicar a causa das coisas que existem (dentro do *argumento cosmológico)* e de explicar seu complicado *desígnio* (o *argumento teológico).* Ver esses dois argumentos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

40.22

Ele é o que está assentado sobre a redondeza da terra. O *verdadeiro Deus* é altamente exaltado, sentado lá em cima, sobre a *redondeza* da terra. Considere o leitor estes pontos:

1. Não há aqui referência à natureza esférica do globo terrestre. Os hebreus nunca tiveram esse conhecimento, embora alguns poucos gregos tenham especulado sobre o assunto.
2. Talvez esteja em pauta o *horizonte,* que os homens poderiam imaginar ser circular.
3. Mas o que realmente está em mira é a *taça* invertida, o *firmamento,* feito de matéria solida, que repousa sobre as montanhas, nas extremidades da terra. Essas montanhas serviriam de fundamento e apoio da taça. Cf. Pro. 8.27 e Jó 22.14."... aquela cúpula do céu, que se estende por sobre a terra" (Ellicott, *in loc).* Essa taça (cúpula), e não a terra propriamente dita, é que foi imaginada como um semicírculo. Ver o artigo do *Dicionário* intitulado *Astronomia,* onde apresento um diagrama do que os hebreus pensavam sobre a terra e seu meio ambiente no cosmo.

Em comparação à magnificente obra dos céus e da terra, os homens são como uns gafanhotos. Cf. a descrição que temos aqui com Isa. 40.15,17, onde os homens são comparados a uma gota de água em um balde, bem como mera poeira em uma das bandejas de uma balança. A comparação com os gafanhotos pode ter sido sugerida por Núm. 13.33.

Para Deus, a criação dos céus foi como estender uma grande *cortina,* ou como armar uma *tenda.* Cf. Isa. 42.5 e 44.24. Essas figuras simbólicas talvez repousem sobre Sal. 14.2. Na criação, Deus armou Sua tenda e espalhou Sua cortina, uma figura de construção. Os homens sabem como espalhar cortinas e armar tendas, e, nessas ações, compreendemos uma fração de como se deu a criação do cosmo.

40.23

É ele quem reduz a nada os príncipes. Agora encontramos a declaração simples acerca do governo de Deus no mundo, que completa a *tríada* (ver o vs. 18 quanto a notas expositivas). Yahweh é o criador soberano dos céus e igualmente quem governa a terra. Deus é a Causa dos céus; e também é a Causa dos eventos à face do globo terrestre. Quanto a esses conceitos, ver as notas expositivas sobre Isa. 13.6. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania,* quanto a detalhes. Poderes humanos, bem como reis e príncipes, são reduzidos a nada pelo Senhor: são cativados e controlados por Sua vontade; e, por isso mesmo, não são uma

ameaça à supremacia de Deus. Pelo contrário, são forçados a encurvar-se defronte Dele e fazer Sua vontade. Os homens não passam de vaidade, como se fossem gafanhotos, quer estejamos falando sobre príncipes quer sobre juizes, que outros homens temem porque eles têm nas mãos questões da vida e da morte. Abraão foi capaz de derrotar os reis de seus dias (ver Gên. 14); Moisés derrotou Faraó (livro de Êxodo); Josué derrotou inúmeros reis na luta pela possessão da Terra Prometida (livro de Josué). Yahweh, pois, foi o poder por trás de Abraão, Moisés e Josué. Potências temíveis como a Assíria e a Babilônia não eram diferentes. A Babilônia derrotou a Assíria, e os medos e persas derrotaram a Babilônia, mas Yahweh foi o poder por trás das forças conquistadoras.

40.24

Mal foram plantados e semeados. Os príncipes e suas respectivas nações são comparados ao ato de plantar sementes na terra. Esses príncipes medram em suas estações apropriadas, mas essas estações são breves, porque em breve os poderes da natureza chegam e os varrem da cena, reduzindo a terra a um deserto. Yahweh é o poder por trás do aparecimento e desaparecimento dos reinos e seus reis. Cf. Atos 17.26.0 quentíssimo vento oriental os resseca; então o redemoinho sopra para longe a palha; e é com essa facilidade que homens e nações inteiras são reduzidos a nada. Cf. Sal. 83.13 e 129.6. Diz o Targum:"... Ele enviará Sua fúria contra eles, e Sua palavra os arrebatará, tal como o redemoinho remove a palha".

Sexta Estrofe: Yahweh é Incomparável (40.25-27)

40.25

A quem, pois, me compararеis para que eu lhe seja igual? Yahweh combina o poder máximo com a bondade máxima, e é precisamente nisso que Ele é diferente de qualquer conceito pagão da divindade. Platão, entretanto, dizia a mesma espécie de coisa em sua filosofia metafísica. Ver no *Dicionário o* verbete chamado *Santo de Israel,* quanto a plenas explicações sobre esse nome divino. Além disso, ver o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de.* A teofania que apareceu a Moisés foi uma revelação de santidade, e não meramente de poder (ver Êxo. 3.5). Os serafins na presença de Deus exprimiam a santidade de Deus, proferindo o *triságio* (ver detalhes a respeito no *Dicionário).* Ver o vs. 18 e Isa. 46.5 para declarações similares sobre a natureza *incomparável* de Deus.

40.26

Levantai ao alto os vossos olhos. O *ato criador* de Deus e Seu perfeito *conhecimento* de todas as coisas (Sua onisciência) são usados como lições objetivas de Sua natureza incomparável. Ele criou um cosmo fantástico e, quanto mais sabemos a respeito dessa questão, mais espantados ficamos. As investigações servem somente para aprofundar os mistérios e a maravilha envolvida em toda a questão. As estrelas inumeráveis dos céus, as *hostes cósmicas,* deixam atônitas a mente humana; mas Deus conhece a plena extensão de todas essas coisas, chamando cada estrela por seu nome. Ele é tão poderoso que não deixou fora de cômputo nenhuma única estrela, quando as enumerou. Excetuando uma mancha (isto é, alguma galáxia distante), os homens estão reduzidos a contar (com olhos desarmados) apenas uns poucos milhares de estrelas; porém, os antigos não dispunham de meios para contar as estrelas, pelo que imaginavam que o número delas era ilimitado. Ver Gên. 22.17 e 26.4 quanto ao uso das estrelas para falar na infinitude. Atualmente, a ciência humana mostra que há bilhões de galáxias, cada qual com bilhões de estrelas, pelo que isso ilustra a impossibilidade de qualquer homem enumerá-las. Ver no *Dicionário o* artigo chamado *Astronomia,* onde ilustro a imensidão dos céus estelados. Mas o que é ilimitado para o homem, por causa de sua falta de conhecimento, é uma questão simples para o Deus que tem todo o conhecimento. "Ele põe em ordem toda aquela hoste inumerável de estrelas, como o General Supremo conhece de vista e de nome cada um de seus soldados, em seu vasto exército. Ele conhece cada estrela como um pastor conhece suas ovelhas (ver João 10.3)" (Ellicott, *in* toe). Deus é forte, e as estrelas são fortes. Coisa alguma pode tirá-las de seus cursos, porquanto foi assim que Deus as criou. Olhemos para cima, estando nós na terra, para contemplar as maravilhas lá do alto, e assim teremos interpretado algo da grandeza de Deus.

40.27

Por que, pois, dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel. Se Deus tem todo esse poder e todo esse conhecimento, como poderia Jacó (Israel-Judá) dizer que Ele não tinha conhecimento nem se preocupava com eles? Como poderia um homem dizer: "Deus não se importa com o que acontece comigo?". O poder e o conhecimento de Deus controlam o universo, e certamente o homem não está fora de Seu poder e de Seus cuidados. A ênfase desta declaração é *consolação.* Ver o vs. 1. "O olho Dele está fixo no pardal, e sei que Ele cuida de mim", conforme diz certo hino evangélico.

No segredo de Sua presença como minha alma deleita-se em esconder-se!
Oh, quão preciosas são as lições que aprendo ao lado de Jesus!
Os cuidados terrenos jamais poderão vexar-me, nem testes podem derrubar-me.

(Ellen Lakshmi Goreh)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Ver Rom. 11.29-36.

Jacó... Israel. Nomes usados como sinônimos para indicar a nação. Essa combinação foi usada por 16 vezes deste o começo do Segundo Isaías (capítulo 40), mas não nos primeiros 39 capítulos. Ver Isa. 40.27; 41.8,14; 42.24; 43.1,22,28; 44.1,5,21,23; 45.5; 46.3; 48.1 e 49.5,6. As dez tribos do reino do norte já tinham sido levadas em exílio para a Assíria, mas Judá continuava, e haveria novos capítulos em sua história.

Sétima Estrofe: Deus Eterno (40.28-31)

40.28

Não sabes, não ouviste que o eterno Deus... nem se cansa nem se fatiga? Somente Deus é independente; somente Deus é eterno. Os homens, por sua vez, são dependentes e continuam somente porque Deus lhes dá o dom da vida. Deus é incomparável, conforme indica Sua natureza eterna. A eternidade é um atributo essencial e exclusivo de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Atributos de Deus.* O Criador é o Deus eterno; na qualidade de Deus Eterno, Ele nunca se cansa nem exaure Suas energias. A compreensão Dele tanto é ilimitada quanto insondável. Ver o artigo detalhado chamado *Isaías, Seu Conceito de Deus,* no *Dicionário.* Foi Isaías quem lançou os fundamentos da teologia essencial da natureza e dos atributos de Deus, cujo volume principal foi incorporado no Novo Testamento. Embora onipotente, Deus se preocupa com o homem, e essa é outra maneira de falar do Seu famoso *Amor (ver* no *Dicionário).*

Guia-me, ó Tu, grande Yahweh,
Sou peregrino nesta terra estéril.
Sou fraco, mas Tu és poderoso.
Segura-me com Tua poderosa mão.

(William Williams)

40.29

Faz forte ao cansado. Os homens, tão fracos e débeis, recebem poder para viver e ser alguma coisa, mediante o amor de Deus. Deus dá poder aos *débeis, o* que, em última análise, engloba cada indivíduo. Ele consola os humildes. "Ele nos concede mais forças enquanto a carga vai se tornando mais leve", conforme diz certo hino evangélico.

Imutável é Seu amor, e forte é Seu braço;
Sem limites a graça que acompanha meu caminho.
Por que eu teria medo, cheio de alarma?
Sua graça é suficiente e me acompanha por todo o caminho.

(William M. Runyan)

"O Deus onipotente está preocupado com o homem" *{Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 28-31). A consciência de ser fraco é o primeiro passo para a obtenção do poder que vem do alto. Ver Mat. 5.6; Luc. 1.52,53 e 6.21.

Quando sou fraco, então é que sou forte.

(II Coríntios 12.10)

"Quanto mais se trabalha, tanto mais forte se fica" (Adam Clarke). "Porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza (II Cor. 12.9)" (Fausset, *in* toe).

40.30

Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem. Os jovens parecem ser modelos de energia ilimitada, mas até eles, quando exageram, ficam cansados e exaustos. Sim, alguns deles caem de exaustão. John Wesley era homem de energia ilimitada, mesmo em sua idade avançada (ele viveu até os 88 anos de idade!) Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Aos 82 anos, ele citou a outrem, dizendo: 'Bendigo a Deus que nunca me canso *de* meu trabalho, mas me canso *em* meu trabalho". Contudo, ficar cansado nunca o deixou

cansado e, de fato, ele usualmente vivia borbulhando de energia. Disse certa vez: "Nunca me canso de escrever, de pregar ou de viajar. Assim acontece comigo hoje em dia, e não penso no dia de amanhã" {*Cartas,* VII. 254, datado de fevereiro de 1785).

40.31

Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças. Todos os homens são inerentemente fracos, incluindo os jovens, a quem atribuímos energia ilimitada. Mas os que esperam em Yahweh, e estão em *comunhão* com Ele, a despeito de todas as dificuldades, obterão algo da Força Divina. Em primeiro lugar, temos uma aplicação nacional das palavras. Israel, tão esbofeteado e cansado, tão abusado pelas nações, finalmente, após a volta do cativeiro babilônico, durante a era do Reino de Deus, obterá forças da parte de Yahweh, pois Ele é o Pai que dá o necessário a Seus filhos. Esses *renovarão* suas forças, e outro tanto se aplica aos indivíduos que dependem do Senhor. Com forças renovadas, eles subirão como que com asas de águia, como a águia proverbial renova suas forças, e isso até idade avançada. As águias são voadores fortes, eternos. Além disso, há os atletas treinados, que nos espantam acerca de quão longe e quão ligeiro podem *correr,* e que agüentam correr num mesmo ritmo por longo tempo. A maioria das pessoas, entretanto, são meras *andarilhas.* Mas devemos ficar felizes, porque a promessa é que, se eles continuarem a caminhar, não desmaiarão.

João Wesley (ver o vs. 30) foi um homem que voava fortemente. Mas os que somente andam também cumprem sua missão, tendo força suficiente para avançar caminho, "A principal companhia do povo de Deus nem voa nem corre. Ela *caminha.* Contudo, a maior parte do trabalho útil efetuado no mundo é realizado pelos mourejadores... Portanto, temos a inspiração de efetuar um esforço sem descanso, esperando no Senhor" (Henry Sloane Coffin, *in loc).*

Por mais que vivas, ó rei,
Contudo como a águia,
Renova as tuas forças,
E retém o teu vigor.

(Phile, De Animalibus)

"Alguns, na realidade, voam alto e habitam nas alturas. Outros, embora não possam elevar-se nem voar tão rapidamente, são fortes o suficiente para correr sem se cansar. Outros ainda, embora não possam voar nem correr, podem andar sem se cansar; pelo que há provisão para todo homem" (John Gill, *in loc,* com algumas adaptações).

Capítulo Quarenta e Um

Yahweh Castigaria a Idolatria por meio de Ciro (41.1-29)

A seção de Isa. 41.1-42.4 fala do teste a que serão submetidas as nações. Este primeiro capítulo é um desafio às nações. Homens ímpios estão sujeitos a apanhar com a vara de Deus, a mesma vara que dará descanso e restauração a Israel. Jacó, o verme, não deveria temer, porquanto manifestações do Poder divino ajudarão esse verme (vs. 14).

"A cena de pano de fundo (a figura empregada) é o tribunal legal (tema reiterado nos capítulos 41 a 46 e 48). O pano de fundo histórico são as vitórias de Ciro, da Pérsia" {*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). A Babilônia tinha sujeitado Judá ao cativeiro, depois de haver demolido muitas cidades de Judá e ter destruído a capital, Jerusalém. Mas Deus surpreendeu os babilônios com Ciro, o novo ator que desempenharia seu papel no palco da vida e terminaria com a Babilônia. Em seguida, Ciro seria inspirado a assinar o famoso decreto que permitiria ao remanescente de Judá voltar a Jerusalém e reconstruir a cidade. Isso serviu de tipo de retorno maior dos judeus e da reconstrução que se dará durante a era do Reino de Deus. Ver Isa. 44.28 e 45.1, onde Ciro é citado nominalmente, o que tem levado os críticos a supor que estes capítulos foram escritos como história, e não como profecia. Ver a seção III da *Introdução* ao livro quanto ao problema de unidade do livro, e ver a seção IV sobre a questão de data e autoria.

"As nações foram convocadas perante o tribunal do Senhor da história para responder à grande crise evocada pelas vitórias sem precedentes de Ciro. Foi o fim da era semítica e o levantamento da era persa. Deve ser observada a clara relação entre o começo (Isa. 41.1) e o fim (Isa. 42.1-4)" (James Muilenburg, *in loc).*

41.1

Calai-vos perante mim, ó ilhas, e os povos renovem as suas forças. Yahweh convocava as nações a comparecer perante o tribunal de juízo. Temos nisso uma vivida representação do controle de Yahweh sobre as nações, bem como sobre os eventos que assinalam mudança na história da humanidade. Uma grande turbulência foi precipitada pelas vitórias sem precedentes de Ciro, um monarca não-semita (ver o *Dicionário* quanto à sua história inteira). O mundo inteiro havia sido transformado em um tribunal legal, que Yahweh presidia como Juiz, a fim de julgar as nações da terra. Potências antigas cairiam, e novas potências, bem diferentes daquelas, seriam levantadas. Os semitas caíam; os persas se levantavam; as línguas semíticas caíam; as línguas indo-européias se levantavam. Yahweh, como Juiz que era (ver Isa. 40.10), poria as coisas em boa ordem. Às nações foi recomendado que se mantivessem quietas. Elas estavam indefesas. A Mente divina já havia examinado o caso e agora proferiria o veredicto. Uma vez que as nações prestassem o devido respeito a Yahweh, poderiam falar, mas isso não alteraria em coisa alguma o divino veredicto. Quanto ao mandamento para que as nações silenciassem, cf. Sof. 1.7, Hab. 2.20 e, especialmente, Zac. 2.13.

É dito, no livro de Isaías, que as nações tinham forças, mas isso significa somente que elas compareceriam diante do tribunal de Deus. Seu domínio mundial tinha terminado. Elas precisavam ser fortes o suficiente para enfrentar o julgamento. "Deus não pediu que as nações negociassem. Pelo contrário, solicitava que as nações viessem juntas e percebessem a veracidade das palavras qtie o Senhor estava prestes a dizer" (John S. Martin, *in loc).*

Primeira Estrofe: Apelo à História (41.2-4)

41.2

Quem suscitou do oriente aquele a cujos passos segue a vitória? Quem levantou o novo látego, Ciro, o homem que invadiu a Babilônia, vindo do Oriente, tal como um novo sol que se levantasse no horizonte da terra? Yahweh é o Poder que dá poder aos homens, conforme comento longamente em Isa. 13.6. Nações caíam perante o novo homem louco, e ele não podia ser detido, porquanto tinha um propósito divino a cumprir. O poder militar estava mudando das mãos dos povos semíticos para os que pertenciam ao tronco europeu e falavam idiomas indo-europeus: primeiramente os medo-persas; então os gregos; e, finalmente, os romanos.

Aquele. Algumas traduções mais antigas chamam esse homem de *justo,* e isso poderia ser dito se o propósito divino estivesse trabalhando nele, cumprindo a justa vontade de Deus. Sabemos que ele foi outro matador em massa, sempre sedento de sangue. Mas as traduções modernas chamam Ciro de *vitorioso,* em vez de justo. Suas vitórias lhe foram dadas por decreto divino, o que significa que, pelo menos no momento, ele era invencível. Continuaria a pisotear as nações, transformando-as em poeira sob seus pés. Essas nações eram como poeira debaixo de Sua poderosa espada, como restolho diante de Seu arco e Suas flechas. Suas flechas voavam como o vento e sopravam a palha para longe.

41.3

Persegue-os e passa adiante em segurança. Coisa alguma era capaz de deter o novo chicote. Ele contava com o poder de Deus a impulsioná-lo. Operava "em justiça", porque sua causa era justa e divinamente determinada. Quem era esse novo conquistador? Ele seguiria uma vereda nunca antes palmilhada. Ele não era um assírio que invadiria do leste, sobre veredas conhecidas. Sairia conquistando, partindo de um novo lugar. Seria um viajante diferente do mundo. Enveredaria por novos caminhos que nem as potências antes dele, nem ele mesmo, tinham percorrido antes. Ele trazia tribulações de novas direções e novas maneiras. "Ele iria a lugares onde nunca antes estivera" (NCV). E seguiria seu caminho como um voador cujos pés nem tocavam as estradas feitas pelos homens.

Quanto a Ciro operar com *justiça,* ver Isa. 44.28; 45.1-4,13; 46.11. Heródoto {*História* iii.89) falou mui favoravelmente sobre ele, como homem, embora o profeta Isaías não concordasse com isso. Ciro era apenas um instrumento da mão divina.

41.4

Quem fez e executou tudo isso? Quem era a Causa por trás do novo látego? Yahweh, o controlador da história da humanidade, o divino "eu", Yahweh. Essa era a Causa. Ver Isa. 13.6 quanto a uma detalhada explicação sobre Deus como a causa dos acontecimentos entre os homens, Aquele que determina o curso da história humana. Ver Atos 17.26. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania.* A Septuaginta tem aqui o simples título dMno "Eu sou". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Eu Sou de Deus,* quanto a amplas explanações. Estava ocorrendo na história humana uma nova intervenção dMna, como a que operou através do êxodo de Israel e da conquista da Terra Prometida. Ver as notas em Exo. 3.14.

O Senhor, o primeiro, e com os últimos eu mesmo. Cf. 43.10; 44.6; 48.12; Apo. 22.13. Está em pauta a eternidade de Deus, bem como a idéia que, ao longo do caminho, Ele é a Causa da progressão e dos eventos da história humana. O versículo se refere à prioridade de Deus tanto no tempo quanto na posição em relação às Suas criaturas. "A origem e a posição de todas as nações estão com

O DEUS INESCRUTAVEL

Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável.

Salmo 145.3

Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, não se cansa nem se fatiga?
Não se pode esquadrinhar o seu entendimento.

Isaias 40.28

*** *** ***

Não o encontrei no mundo ou no sol,
Nas asas da águia ou nos olhos do inseto;
Nem através de indagações feitas pelos homens,
As tolas teias que eles têm tecido.

Se, tendo a fé caído no sono,
Eu ouvisse uma voz: "Não creias mais",
E ouvisse uma praia que retumbasse
Como ondas no abismo da impiedade,

Um calor dentro do peito dissolveria
A parte mais gélida da razão,
E, como homem iracundo, o coração
Erguer-se-ia e diria: "MAS EU SINTO!".

Alfred Lord Tennyson

Ele" (Fausset, *in* toe). A eternidade está em Deus, e assim também estão todas as *vicissitudes* do tempo. Ele veio antes de todas essas coisas, está com elas e continuará existindo depois delas. Ver Isa. 48.12, quanto a idéias adicionais sobre o *primeiro* e o *último.*

> *Eu estava aqui no começo, e também estarei aqui quando todas as coisas terminarem.*
>
> (NCV)

Segunda Estrofe: As Nações Apelam aos ídolos (41.5-7)

41.5

Os países do mar viram isto e temeram. Esta estrofe apresenta a reação da nação à convocação de Yahweh. Os judeus não podiam permanecer de pé perante Deus. Eles caíram trêmulos. Em seu temor, apelaram para o fabrico de ídolos (vss. 6 ss.), na desesperada tentativa de obter ajuda acerca da ameaça persa. Os vss. 5-7 descrevem o efeito sobre as nações do soerguimento do poder persa. Elas se encorajaram mutuamente e fizeram novos ídolos. No vs. 8, o profeta dirigiu-se a Israel. "Visto que foi o Deus dos judeus que levantou Ciro, eles deveriam esperar o bem, e não o mal, da parte desse rei (vss. 8-20). Os vss. 21-24 formam um desafio desprezador aos ídolos, em quem as nações confiavam" *(Scofield Reference Bible,* comentando sobre este versículo).

41.6,7

Um ao outro ajudou, e ao seu próximo disse: Sê forte". Em vez de voltar-se para o verdadeiro Deus, aquela gente insensata, na hora da crise, voltou-se mais do que nunca para seus falsos deuses, ídolos inúteis, e começou um esforço frenético à procura de mais e melhores ídolos. "Da mesma maneira que os marinheiros do navio de Társis chamaram cada homem a seu deus (ver Jon. 1.5), assim também cada nação voltou-se a seus oráculos e santuários. Os deuses tiveram de ser propiciados por novas estátuas, e um novo ímpeto foi emprestado à manufatura dos ídolos, provavelmente com o propósito de serem levados à batalha como proteção (cf. I Sam. 4.5,7 e Heródoto, *História* 1.26)" (Ellicott, *in* toe). Por meio dessa ridícula atividade, eles se encorajaram mutuamente, pensando que isso teria algum efeito sobre o que Ciro poderia fazer. Os artífices puseram em ação suas habilidades. Ver um trecho paralelo em Isa. 40.19. Imagens de chumbo ou cobre foram cobertas com metais preciosos, como prata ou ouro. Os moldes, tendo recebido seu chapeamento, foram entregues aos soldadores, que acrescentaram enfeites, embelezaram-nos com pedras preciosas e fizeram cadeias de prata para pendurá-los nas paredes. Outros ídolos requeriam bases para poderem ficar de pé sem tombar.

> *Este último trabalhador diz: Este trabalho de metal é bom. Ele prega a estátua a uma base para que o mesmo não possa cair.*
>
> (NCV)

Com sorriso escaminho no rosto e tom de desprezo na voz, o profeta falou sobre a insensatez dos ídolos. Todo aquele trabalho só os expunha ao ridículo, da parte de qualquer homem capaz de pensar. Sem dúvida, Ciro não ficaria bem impressionado com tanta falta de bom senso.

Terceira Estrofe: Israel, Meu Servo (41.8-10)

41.8

Mas tu, ó Israel, servo meu, tu Jacó, a quem elegi. Israel tinha sofrido muitas ameaças e por muitas vezes mereceu tal tratamento, quando se identificava com o paganismo e se envolvia na absurda idolatria do paganismo. Ciro, porém, seria um poder libertador para os israelitas, instrumento nas mãos de Yahweh.

"Três *servos* de Yahweh são mencionados no livro de Isaias: 1. *Davi* (Isa. 37.35); 2. *Israel,* a nação (Isa. 41.8-16; 43.1-10; 44.1-8,21; 45.4; 48.20); 3. *o Messias* (42.1-12; 49; mas ver especialmente os vss. 5-7, onde o Servo restaura a nação serva; 50.4-6; 52.13-15; 53.1-12. A nação de Israel era um servo infiel, mas seria restaurada e convertida e ainda trilharia montanhas. Contra o Servo, Cristo, nenhuma acusação de infidelidade ou fracasso seria feita. Ver Isa. 42.1" *(Scofield Reference Bible,* comentando sobre o vs. 8).

Israel, o servo, embora punido (ver Jer. 30.10; 46.27,28), certamente seria restaurado (ver Isa. 44.1-5; 4.4; 48.10). Israel, a descendência de Abraão, relembraria a Yahweh as promessas da aliança. Ver Gên. 15.18, quanto ao Pacto Abraâmico. Da mesma maneira que Abraão era *amigo* de Deus (ver II Crô. 20.7; Tia 223), também acontecerá à restaurada nação de Israel. Por conseguinte, as bênçãos divinas fluiriam. A *eleição* de Israel era o fator que garantia a ação divina positiva em favor deles. Ver Deu. 4.37_; 7.7,8; 10.15 e 14.2. O povo separado seria beneficiado (ver Deu. 7.6; 14.21; Êxo. 19.6), tal como aconteceria ao povo em relação de pacto com Deus (ver Deu. 4.13,23,31; 5.2 e 8.18).

41.9

Tu a quem tomei das extremidades da terra. Israel era o povo eleito de Deus, e foi chamado da Babilônia, porquanto a sua história precisava continuar, a despeito de recuos temporários. Este versículo se amplia até a chamada nacional de Israel dos confins da terra, para a era do Reino de Deus, quando Israel se tornar a cabeça das nações (ver Isa. 24.23). O servo escolhido por Deus tinha de retornar da Babilônia. A eleição de Israel garante isso. Israel foi temporariamente *rejeitada* por ocasião do cativeiro babilônico e, depois, mais rejeitada ainda, por ocasião da dispersão romana, que se prolonga até nossos próprios tempos (o estado de Israel foi formado em 1948, e esse foi o começo da volta de Israel à sua terra); agora virão os grandes lances da "angústia de Jacó" (ver Jer. 30.7) e de sua conversão ao Senhor Jesus (ver Rom. 11.26 ss.). E o fator que reverterá esses exílios temporários será a eleição divina. E então será inaugurada a Nova Era, em que Israel será a principal das nações da terra, e Jerusalém será a capital religiosa do mundo.

> *Um espirito gracioso preside esta terra,*
> *Sim, a tendência divina, que dirigirá aqueles*
> *Que não se importavam, e que não sabiam,*
> *Nem consideravam o que estavam fazendo.*
>
> (Wordsworth)

41.10

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus. Uma palavra de encorajamento direta e forte agora entra no quadro. Não havia necessidade de *temor* nem de *desmaio,* pois o Deus de Abraão continuava sendo o Deus de Israel; Israel continuava sendo o povo em pacto com Deus; e continuava havendo *propósito* e *poder divino.* Continuava o amor *de Deus,* bem como as operações da *mão direita* de Deus. Quanto à figura da poderosa mão de Deus, Seu instrumento de operações, ver Sal. 81.4, bem como o *Dicionário.* Mediante tais figuras antropomórficas (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo), o* profeta consolou a Israel, transmitindo-lhe a certeza de uma vitória inevitável. A luz do romper do dia ainda brilhará sobre Israel, em algum lugar, em algum tempo. Ver os vss. 13-14. Quanto a forças para aqueles que esperam no Senhor, ver as notas em Isa. 40.30,31.

Quarta Estrofe: Julgamento das Nações (41.11-13)

41.11

Eis que envergonhados e confundidos serão todos os que estão indignados contra ti. Tendo completado as declarações preliminares, o profeta agora se lança sobre o seu tema principal: o *julgamento das nações,* a quem Yahweh tinha convocado perante o Seu tribunal, na corte divina (ver Isa. 41.1). Se Deus protegerá Israel, o povo a quem escolheu, não concederá nenhum favor às nações ímpias da terra. De fato, Israel se tornará o instrumento de Yahweh para punir as nações. Os que tiverem maltratado Israel serão envergonhados e confundidos. Essas nações serão pulverizadas e perecerão totalmente. A Babilônia pode ser evocada aqui; mas a Média-Pérsia também terá seu dia de ruína, tal como a Grécia e Roma. E haverá grande ruína, mas isso conduzirá Israel à era do Reino de Deus.

41.12

Aos que pelejam contra ti, buscá-los-ás, porém não os acharás. Este versículo promete o total aniquilamento dos inimigos de Israel. E, se procurarem algum adversário a quem possam combater, não encontrarão nenhum. A menos que esta seja uma hipérbole oriental, é difícil imaginar que algo como isso poderia acontecer, exceto imediatamente antes da era do Reino. Este versículo aplica-se à Babilônia, pois quando Ciro destruiu essa cidade ela se tornou impossível de ser habitada. Ver o oráculo contra a Babilônia, em Isa. 13.1-22, especialmente os vss. 20-22. Mas o tema são as *nações* (vs. 1), e não meramente um inimigo antigo.

41.13

Porque eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita. Esta é uma leve modificação com base no vs. 10, exceto pelo fato de que agora a *mão direita* de Israel era segura pela mão de Deus, embora o sentido seja o mesmo. O temor poderia ser aplacado, porque o poder da proteção divina estará presente, em

RESTAURANDO O REBELDE

Tu a quem tomei das extremidades
da terra e chamei dos seus
cantos mais remotos, a quem disse: Tu és o meu
servo, eu te escolhi e não te
rejeitei, não temas, porque eu sou
contigo; não te assombres, porque eu
sou teu Deus; eu te fortaleço, e te
ajudo, e te sustento com a minha destra fiel.

Isaias 41.9,10

*** *** ***

GRAÇA ABUNDANTE

Ó Salvador, nada tenho para pleitear,
Na terra abaixo ou nos céus acima,
A não ser minha grande necessidade,
E o teu amor sem igual.

Jane Crewdson

Otodas as suas potencialidades. Ademais, a declaração é reforçada pelo nome divino, Yahweh-Elohim. Cf. este versículo com Deu. 33.26,29.

Quinta Estrofe: Israel, um Trilho Cortante (41.14-16)

41.14

Não temas, ó vermezinho de Jacó, povozinho de Israel. Novamente veio a Jacó (Israel-Judá) a chamada para que não temesse, pois embora Judá fosse um *verme* sobre o qual todas as nações pisavam, que andava de moral tão baixo que merecia ser pisada, as coisas mudarão, e o Redentor os consolará. Os padrões não tinham sido rebaixados, pois o Redentor é, igualmente, o Santo de Israel. As dívidas de Israel tinham sido pagas, e a palavra-chave agora era "restauração", e não "julgamento".

O termo "vermezinho" pode ser aqui um vocábulo afetivo, e não de reprimenda, revestindo-se da idéia de poucos ou pequenos, provocadores de piedade e amor especial. O ente amado está agora sujeito ao ato remidor do *goel* (ver a respeito no *Dicionário).*

41.15

Eis que farei de ti um trilho cortante e novo, armado de lâminas duplas. Agora o vermezinho torna-se o atacante, tal como um verme é uma criatura que dá dó, mas pode derrubar plantas relativamente grandes. Naturalmente, a figura simbólica modifica-se aqui, e Israel, antes oprimido e esmagado, é agora o elemento esmagador, transformando-se no *trilho cortante* (no hebraico, *moragh),* uma tábua pesada ou draga, munida por baixo com pedras cortantes ou pontas de ferro. Esse trilho em particular tinha dentes novos e cortantes, em preparação para realizar bem o seu ofício. Era um trilho tão poderoso que esmagava montes (uma figura de nações poderosas) e reduzia colinas a palha, a qual era então soprada por qualquer vento que soprasse naquela direção. Com tais figuras, voltamos à idéia do total aniquilamento vista no vs. 12. Mas agora Israel, e não alguma nação paga, será o aniquilador. Israel obterá vitórias contra todos os seus adversários. O versículo seguinte dá continuidade à metáfora. A menos que haja neste versículo uma hipérbole oriental, que fale de vitórias secundárias, o texto só pode referir-se ao triunfo que será obtido durante a era do Reino, quando Israel se tornar a cabeça das nações.

41.16

Tu os padejarás e o vento os levará. *Após ser aplicado o trilho,* o grão é separado da palha quando tanto o grão quanto a palha são lançados no ar. A palha, por ser leve, é levada pelo vento. E o grão, de densidade e peso superior, cai na eira. Em seguida, o grão pode ser juntado e posto em sacas. Uma grande tempestade é então descrita como a força que levará embora a palha, *completamente.* Então haverá intenso regozijo em Yahweh (por causa Dele, o agente do ato). Israel se regozijará no Santo de Israel, que é a *glória* do povo remido. A *justiça* terá sido feita, conforme o título divino (anotado no *Dicionário)* demonstra. A santidade de Deus finalmente terá apanhado as nações idolatras, corruptas e perseguidoras. Cf. Jó 27.21 e 30.22.

Sexta Estrofe: Interlúdio Lírico (41.17-20)

41.17

Os aflitos e necessitados buscam águas, e não as há. O triunfal povo de Israel vê, jubiloso, todas as suas necessidades satisfeitas. Os inimigos foram derrotados. Yahweh-Elohim avançou para trazer prosperidade sem paralelo. É um Novo Dia. A alusão, naturalmente, é ao povo necessitado que estava no cativeiro babilônico; ao retornar, eles entraram nas bênçãos de Deus que reverteram todas as angústias. Mas as descrições são tão elevadas que, a menos que estejamos tratando com uma hipérbole oriental, para descrever eventos secundários, temos de reconhecer o cumprimento maior destas predições na era do Reino de Deus. Um *povo sedento,* sem nenhum suprimento de água, estava morrendo de sede. Eles buscaram água, mas nenhuma água foi encontrada. A língua deles estava gretada, e não havia alívio à vista. Parecia que eles haviam sido *abandonados* por Deus. Então levantam orações a Yahweh, porque somente Nele há esperança. Ele responde às orações, e prova que não os tinha abandonado. Yahweh abre os rios, e assim as necessidades do povo são mais do que satisfeitas, sim, são abundantemente satisfeitas. Ellicott, *in loc,* pensa que estamos tratando aqui com uma poesia superior, para a qual não precisamos buscar cumprimento literal nos acontecimentos terrenos. As palavras, mediante aplicação, podem apontar para qualquer acontecimento revolucionário que transporta as pessoas de uma grande necessidade para um profundo regozijo.

41.18

Abrirei rios nos altos desnudos. Os montes estavam estéreis e sem água, e os vales tornaram-se desertos ressecados. Mas o súbito aparecimento de águas de rios divinos banharam os vales e levaram-nos a florescer como a rosa (ver Isa. 35.1). Ver também Isa. 43.19,20 e 44.3,4. Onde havia um deserto, há agora uma lagoa, e onde havia apenas terra seca, agora há uma terra cheia de fontes de água. Quanto a passagens similares, ver Isa. 35.1,2,6,7; 43.19,20; 44.3,4. 'Todo o formato do contorno físico da nação, como colinas estéreis, estepes áridas, vales secos, será transformado em uma nova paisagem de beleza, por meio da água, como riachos, rios, lagos e fontes de água" (Ellicott, *in loc).* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Água,* que inclui seus usos metafóricos.

41.19

Plantarei no deserto o cedro, a acácia, a murta e a oliveira. A *fertilidade* da terra abençoada com toda aquela água produzirá uma vegetação útil, pelo que o profeta Isaías mencionou sete árvores úteis, quanto à madeira e quanto às frutas. O uso do número sete, sem dúvida, foi intencional, falando da perfeição da utopia. Trata-se do novo jardim do Éden, a reversão da maldição divina (ver Gên. 3.17). Quanto a detalhes, ver os artigos sobre cada uma dessas árvores, no *Dicionário.* O que temos aqui é um *milagre físico* que tipifica o milagre espiritual que acompanhará a era áurea do futuro.

"O que é físico e o que é espiritual misturam-se neste versículo. Ele descreve a *provisão* divina que opera milagres em favor de Seus fiéis, em situações improváveis. Tais experiências com os cuidados divinos, século após século, deixam o Seu povo admirado diante de Seu poder e graça" (Henry Sloane Coffin, *in loc).* "Durante o milênio, o clima e a terra de Israel serão modificados de tal modo que a terra se tornará bem irrigada e fértil" (John S. Martin, *in loc).*

> *Até mesmo os bosques e as árvores fragrantes darão sombra a Israel, por mandato de Deus.*
>
> (Baruque 5.8)

41.20

Para que todos vejam e saibam, considerem e juntamente entendam. Somente a *intervenção* direta de Yahweh, chamado de o Santo de Israel, poderia efetuar o milagre aqui descrito, que combinará elementos físicos e espirituais em tão bendita harmonia. O que sucederá será um testemunho aos homens sobre a bondade e o poder de Deus. Observando o que foi feito, os homens receberão maior compreensão, o que os beneficiará. Dessa maneira, eles verão e entenderão o que acontece quando a *mão* de Deus intervém. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mão,* bem como em Sal. 81.14; e ver sobre *Mão Direita,* em Sal. 20.6; e sobre o Seu *braço,* em Sal. 77.14; 89.10 e 98.1. Os gentios, vendo o que aconteceu a Israel, buscarão o Deus de Israel (ver Isa. 2.2; Zac. 8.21-23).

Sétima Estrofe: O Apelo Renovado da História (41.21-24)

41.21

Apresentai a vossa demanda, diz o Senhor. "As nações pagas são desafiadas a provar a validade das reivindicações atinentes a seus deuses. Coisas antigas (Isa. 46.9) têm significação presente. As nações não terão defesa" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). É retomada aqui a cena do tribunal divino, que apareceu no vs. 1 deste capítulo. As nações serão julgadas. Yahweh, o Rei de Jacó (Israel-Judá), continuará a ser o Juiz. Por que essas nações são adoradoras de ídolos? Que bem isso fez por elas? As nações terão sido capazes de deter Ciro, que as destruirá (vs. 2)?

41.22

Trazei e anunciai-nos as cousas que hão de acontecer. Se os ídolos das nações são verdadeiras deidades, possuindo algum tipo de poder, então entre tais poderes deveria haver o dom da profecia. Esses deuses de nada têm-se mostrado absolutamente incapazes de predizer o futuro de antemão, e podem fazer isso agora? Nesse caso, que dizer sobre Ciro? O que ele fará? Podem eles prever as ruínas que Ciro trará e, depois de prever isso, podem detê-lo? "A incapacidade de predizer o futuro mostra que os seus deuses eram ineficazes e inúteis" (John S. Martin, *in loc).* Os oráculos pagãos falharam na hora da crise, revelando seu verdadeiro caráter. Para os hebreus, a história é cheia de significado, sendo dirigida pela sabedoria de Deus, que é a Causa dos acontecimentos entre os homens. Ver Isa. 13.6 quanto a esse conceito. O Determinador dos eventos, como é natural, pode inspirar Seus profetas a predizer os acontecimentos futuros. Mas os deuses de nada são impotentes para determinar ou predizer os acontecimentos entre os homens. Portanto, por que os homens deveriam confiar neles? Só há um Deus Soberano.

41.23

Anunciai-nos as cousas que ainda hão de vir. Os deuses de nada também são deuses que nada podem fazer. Eles não podem predizer os acontecimentos humanos porque não são eles quem os determinam; eles não podem impedi-los; e não podem fazer coisa alguma, nem de bem nem de mal. Sarcasticamente, o profeta desafiou esses deuses a fazer algo que o deixasse com medo, angústia ou terror. Em outras palavras, eles tinham de apresentar evidências concretas de sua existência e poder. Os homens acabam deixando de crer em deuses que nada podem fazer. As orações feitas a eles não são respondidas. Nos momentos de crise não vem nenhuma ajuda da parte deles. Cf. Sal. 115.2-8. Esse desafio nos lembra de Elias, no monte Carmelo (ver I Reis 18.27).

41.24

Eis que sois menos do que nada e menos do que nada é o que fazeis. Os vss. 23-24 são a primeira negação direta da existência de qualquer deus além de Yahweh, no livro de Isaias. Esses deuses não existem, e eis por que eles são ineficazes. Os ídolos que os representam são criações de mãos humanas (ver Isa. 41.6,7), e não criadores que fizeram os homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Monoteismo.* Parece que o *henoteismo* era a mais antiga posição dessa questão na cultura dos hebreus (ver, igualmente, no *Dicionário):* se existem outros deuses (que exercem poder sobre outros povos), para nós há somente um Deus, diante de quem somos responsáveis. Essa idéia foi eventualmente abandonada, em favor do simples *monoteismo.* Cf. Isa. 43.8-13, que contém uma firme declaração monoteista. O monoteismo não consiste meramente flff crença em um único Deus, mas também na lealdade a esse Deus, a qual, no caso de Israel, envolvia uma relação de pacto. Essa é a idéia orientadora da vida, na qual o divino é sempre visto no humano, e o humano é transformado pelo divino.

Os *deuses falsos,* bem como aqueles que preferem adorá-los, são classificados juntamente, pelo profeta, como *abominação,* uma palavra comum vinculada à idolatria. Esses deuses são nada, e suas obras são nada, pelo que a reivindicação de divindade é manifestamente absurda e degradante, algo a ser repelido pelos homens. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Deuses Falsos.* Diz aqui o Targum: "Vós vos deleitais em uma abominação".

Oitava Estrofe: Julgamento Renovado contra as Nações (41.25-29)

41.25

Do norte suscito a um, e ele vem. Voltamos agora ao mundo da história contemporânea, tal como nos vs. 2-4. Ciro declaradamente viria do leste, no vs. 2, mas agora lemos que ele viria do norte. Na realidade, ele veio do nordeste. Os hebreus nunca se referiam a direções intermediárias, pelo que leste ou norte, para a mente dos hebreus, eram uma orientação igualmente válida. O novo látego de nações (agindo em favor de Yahweh) era como o surgimento do sol no oriente, trazendo um Novo Dia que inspiraria terror, e não esperança, porquanto as nações idolatras estavam maduras para serem julgadas. O mundo semita afundava, e as pessoas de idiomas indo-europeus ascendiam: a saber, a Pérsia, a Grécia e Roma. Haveria grande transição, e ela viria, como sempre vem, através da violência, da destruição do que é antigo e da substituição pelo que é novo. Ciro prestava lealdade a Marduque, o deus da Babilônia, mas, na realidade, servia a Yahweh. É possível que Ciro tenha criado certo *sincretismo,* incorporando Yahweh em seu panteão e invocando-O, mas provavelmente não é isso o que está em mira neste versículo. Seja como for, o seu ministério seria terrível. Ele pisaria sob os seus pés as nações, quebrando-as como se fossem meros vasos de barro perante a ira do oleiro que os fizera com defeito e agora queria livrar-se deles. Cf. as metáforas do vs. 2, que são diferentes, mas dizem a mesma coisa: Ciro seria um destruidor incansável. Mas a imagem simbólica aqui é de chutes aplicados ao barro que seria transformado em cacos, a preparação da argila para a moldagem. Cf. Jer. 18.6 e 19.10.

> *Ele caminha sobre os reis como se fossem lodo. Ele anda sobre os mesmos como um oleiro anda sobre o barro.*
>
> (NCV)

41.26

Quem anunciou isto desde o princípio, para que o possamos saber...? Nenhum único ídolo ou deus pagão predisse o terror que era Ciro, e isso provou que eles eram deuses de nada. Por três vezes foi dito que nenhum deus tinha feito tal revelação. O panteão inteiro desses deuses era apenas uma farsa. "Nenhum de todos os oráculos, na Assíria e na Babilônia (dos quais havia muitos), e também nas costas marítimas, às quais os fenícios enviavam seus navios, tinha antecipado Ciro" (Ellicott, *in* toe).

41.27

Eu sou o que primeiro disse a Sião. Este texto é obscuro, fazendo tradutores e intérpretes tentar adivinhar o que o versículo poderia significar. Consideremos os três pontos seguintes:

1. O que os deuses das nações não sabiam, Yahweh sabia, e Ele declarou o que Ciro faria. Para Sião, isso eram boas-novas, porquanto operaria em favor deles, e os cativos na Babilônia seriam liberados. Portanto, foram anunciadas *boas-novas.*
2. Diz a Septuaginta: "Darei a Sião um começo, e consolarei Jerusalém na estrada", o que também é obscuro.
3. "Eu, o Senhor, fui o primeiro a dizer a Jerusalém que seus habitantes estavam voltando para casa. Enviei um mensageiro a Jerusalém com as boas-novas" (NCV). Essa é uma declaração direta do retorno dos cativos judeus da Babilônia (tendo Ciro como o interventor). Cf. Isa. 40.1-5 e 9-11. Tal como se vê em Isa. 40.9, a Septuaginta, tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego, contém as palavras que mais tarde, no Novo Testamento, se referem às boas-novas, o evangelho. Ver as notas expositivas naquele lugar.

41.28

Quando eu olho, não há ninguém. O profeta olhou ao redor em vão, procurando um homem ou deus que fosse capaz de prever o surgimento de Ciro. Nessa questão de profecias, Yahweh estava sozinho, pelo que somente Ele é Deus. Os videntes idolatras haviam fracassado, e seus deuses sob a forma de ídolos também. Naturalmente, sabemos atualmente que o conhecimento prévio faz parte natural dos poderes da psique humana, e o futuro, incluindo acontecimentos mundiais, pode ser previsto sem a ajuda do diabo ou de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Precognição.* Além disso, há uma profecia demoníaca que funciona. Tais fatos, entretanto, não debilitam o caso do profeta Isaias, No tocante a Ciro, somente Yahweh, através de Seu profeta, mostrou-se bem-sucedido com a profecia.

41.29

Eis que todos são nada; as suas obras são cousa nenhuma. *Conclusão.* Os deuses, que nada eram, tinham falhado. Eram ilusões promovidas pelos iludidos. Eles nada produziam. Eram deuses de nada. As imagens fundidas (vs. 7) têm algum valor pecuniário no mercado, por serem feitas de metais preciosos, como a prata ou o ouro. Mas esse é o único valor que possuem. No que toca a valores espirituais, são apenas vento, vazias e vãs. "Nada podem fazer. Nada valem" (NCV). "O Juiz lança fora as divindades com desgosto (vs. 29). Podemos colocar ao lado desses deuses desacreditados as divindades do homem moderno — ciência, educação, tecnologia, comércio, racismo, nacionalismo etc, coisas que os homens exaltam até os céus, mas que são inúteis no que diz respeito a satisfazer os anelos espirituais" (Henry Sloane Coffin, *in* toe). Os "idolos de vento não sopram o bem em favor dos homens. Sopram somente o caos (no hebraico, *tohu,* ver Isa. 34.11). Essa é a palavra que descreve o caos e a confusão das coisas, antes que Yahweh pusesse em ordem os elementos da criação (ver Gên. 1.2). A idolatria tem falhado na solução do caos primitivo, e também não tem infundido a boa ordem ou a harmonia no mundo das idéias e dos atos.

Capítulo Quarenta e Dois

O Servo de Yahweh, o Consolador (42.1-25)

Os Cânticos do Servo. "Os vss. 1-17, neste capítulo, são o primeiro dos cânticos do Servo, de Isaias, referindo-se ao Messias. A nação de Israel foi chamada de Servo do Senhor (ver Isa. 41.8; 42.19; 43.10; 44.1,2,21; 45.4; 48.20). E o Messias, sobre quem Deus Pai pôs o Seu Espírito (42.1, cf. Isa. 11.2), também é chamado de Servo (ver Isa. 49.3,5-7; 50.10; 52.13 e 53.11). A qual servo Isaias se referia em cada passagem deve ser determinado pelo contexto e também pelas características atribuídas àquele servo. Israel, na qualidade de Servo do Senhor, supostamente traria ao mundo o conhecimento de Deus, mas Israel fracassou. Assim sendo, o Messias, o Servo do Senhor, que é a epítome da nação de Israel, cumpriria a vontade de Deus" (John S. Martin, *in* toe).

Os Cânticos do Servo (42.1-17; 49.1-6; **50.4-11;** 52.13 - 53.12)

"Há duplo relato sobre o Servo Vindouro: 1. Ele é apresentado como Alguém fraco, desprezado, rejeitado e morto. 2. Mas também aparece como poderoso conquistador, tomando vingança das nações e restaurando Israel (por exemplo, Isa. 40.10; 63.1-4). A classe anterior de passagens diz respeito ao primeiro advento de Cristo, e já foi cumprida; a última classe diz respeito ao segundo advento de Cristo, e ainda não teve cumprimento" *[Scofield Reference Bible).*

Nona Estrofe: A Missão do Servo (42.1-4)

42.1

Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido. O Servo escolhido, tão favorecido por Deus Pai, tem unção especial do Espírito, de modo que pode cumprir a Sua missão com o máximo de Suas potencialidades. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Unção* e *Espírito de Deus.* Quando viesse, o Servo do Senhor traria *justiça* às nações (ver Isa. 9.7; 11.3-4; 16.5). O primeiro e o segundo advento de Cristo não são aqui distinguidos. Essas palavras se aplicam à Sua missão completa entre os homens. Ciro tinha uma missão dada por Yahweh (ver Isa. 41), mas nenhuma missão pode comparar-se à missão messiânica. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Servo do Senhor* e *Missão Universal do Logos (Cristo).* Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o artigo *Missão Tridimensional do Logos (Cristo),* dentro do verbete *Mistério da Vontade de Deus;* e ver também o artigo chamado *Restauração,* XIII. Cf. as descrições deste versículo com Sal. 40.6; João 6.38; Fil. 2.7. Sobre o Messias como o *eleito* de Deus, ver I Ped. 1.20 e Apo. 13.8. Quanto à *unção* do Messias, cf. Isa. 11.2; 61.1; Luc. 4.18; João 3.34. Quanto ao Messias como o *Despenseiro da Justiça,* ver Isa. 2.3; 5.4; 49.6 e 51.4. Ver também Atos 17.31.

42.2

Não clamará nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. O *Servo Real* trabalharia silenciosa, reservada e gentilmente. Os falsos mestres trabalham com um frenesi orgiástico, pensando que falar em alta voz transforma em verdade qualquer coisa dita. O" Messias, entretanto, não erigueria a voz; pois jamais apelaria para a ostentação ou para espetáculos, a fim de impressionar os homens. Suas palavras eram poderosas. Ele não precisava elevá-la. O famoso pregador Henry Ward Beecher disse que, quando tinha menos para dizer, era quando mais gritava. Os filósofos e fanáticos religiosos iam a ruas e mercados para ferir os ouvidos dos ouvintes e espalhar suas doutrinas. A voz de Jesus foi ouvida nas ruas, mas não em meio a gritos e exclamações típicos dos que estão empenhados em alguma luta. "Ele se comportava com grande humildade e mansidão. Seu reino não era acompanhado pela pompa e pelo ruído" (John Gill, *in loc).* Ver Mat. 12.18-21, onde esta passagem do livro de Isaías foi citada.

> *Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz.*
>
> (Mateus 12.19)

42.3

Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega. Este versículo foi citado em Mat. 12.20. O Messias seria um homem gentil. Ele não acabaria de quebrar uma cana que tivesse sido ferida; nem acabaria de apagar uma chama que já estivesse fraca e pronta para apagar-se por si mesma; e, igualmente, traria verdade e julgamento, com um propósito remidor em Sua mente. O Messias traria justiça às nações (ver Isa. 9.7; 11.3,4; 16.5). Ele seria gentil (em contraste com os ditadores, que servem a si mesmos). Suas atividades girariam em torno da redenção, e não da condenação (ver João 3.17). Sua missão seria restaurar, e não alienar. E essa é a razão pela qual O chamamos de Salvador e Libertador. Cf. João 1.9 e 15.1.

Diz o Targum: "Aos mansos, que são como canas machucadas, Ele não quebrará; os pobres, que são tão obscuros como o linho, uma lâmpada que está a apagar-se, Ele não extinguira". Pelo contrário, Ele avivará a chama com a unção do Seu Espírito, porque Ele é a Luz do mundo e ilumina os homens (ver João 1.9).

"Em Sua maneira quieta e sem ostentação, Ele efetuará a vontade do Senhor e Rei" (James Muilenburg, *in loc).*

42.4

Não desanimará nem se quebrará até que ponha na terra o direito. O *Servo do Senhor, apesar de gentil, seria poderoso.* Ele jamais falharia ou desanimaria. O Seu propósito era estabelecer a justiça na terra, e Ele não ficaria aquém de Seu alvo, porquanto receberia unção especial para cumprir Sua missão (vs. 1). Ele chegaria às extremidades da terra espalhando Suas boas-novas: o fim do domínio do pecado e da injustiça; levando a mensagem salvadora; reconciliando os alienados."... no seu nome esperarão os gentios" (Mat. 12.21), o que dá essa nota final à profecia, mudando-a levemente. Ele levará a Sua *lei* (doutrina) até os confins da terra, convencendo os gentios a esperar Nele. "Na qualidade de Servo de Deus, Jesus fez o que Israel nunca pôde fazer. Ele cumpriu de modo perfeito a vontade do Pai, a fim de que pessoas de todos os lugares da terra pudessem confiar no Santo de Israel" (John S. Martin, *in loc).* As *ilhas,* ou seja, os lugares distantes da terra, os quais os homens tinham ignorado e esquecido, receberiam a Sua mensagem. Ver Mat. 28.19,20. Foi dessa maneira que Jesus reverteu o cativeiro babilônico (Mat. 4.16) e também incluiu os assírios em Seu aprisco! É isso o que devemos esperar de um evangelho poderoso, sob a orientação do Ungido de Deus. A missão messiânica não ignora as injustiças, mas a transforma. Isso posto, o Juiz é, igualmente, o Salvador.

Nova Intervenção Divina (42.5-17)

42.5

Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus. A criação original foi uma intervenção divina que produziu a existência e a vida. O sopro de Deus fez do homem alma vivente (ver Gên. 2.7). Da criação física emergirá uma criação espiritual, e isso requererá outra intervenção divina. *Yahweh-El,* ou seja, o Deus Eterno e Todo-poderoso, é o único que tem poder para realizar esses dois grandes feitos. O homem é o ser criado que receberá os maiores benefícios.

> *Da harmonia, da harmonia celestial,*
> *Esse arcabouço universal teve início:*
> *De harmonia para harmonia,*
> *Através de toda a gama das notas que percorre,*
> *O diapasão fecha-se inteiro sobre o Homem.*

"A gloriosa vitória de Deus: Ele é criador de todas as coisas (ver Isa. 40.21,22), bem como a fonte originária da vida (ver Gên. 2.7; Atos 17.24,25)" *{Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

Primeira Estrofe: Luz para as Nações (42.6-9)

42.6

Eu, o Senhor, te chamei em justiça. O Messias foi chamado pelo Pai e enviado em Sua missão. O propósito Dele era justo, e o chamamento foi feito em consonância com esse propósito. Foi um propósito santo e bom em si mesmo, de tornar os homens santos e bons. O Pai conduziu o Filho, tomando-0 pela mão. Ele o protegeu da violência de homens ímpios e desarrazoados, bem como de qualquer evento indevido, a fim de que Ele pudesse cumprir a Sua missão, sem falhar em uma única coisa sequer. Um Novo Pacto foi estabelecido, que uniu o Pai, o Filho e todos os homens, e o Filho se tornou grande luz para todos os homens (João 1.9). Dessa forma Isaías foi capaz de ver vários elementos centrais na missão do Messias. Ele foi enviado *por Deus,* tema muito reiterado no evangelho de João (ver exemplos em João 3.17; 4.34; 5.23,30,35,37; 6.29; 7.16; 8.16 etc). Quanto a Cristo como a luz dos gentios, ver Mat. 4.16 e João 1.9. Cf. com a nova aliança, em Jer. 31.31. Ver também Luc. 2.32, quanto à luz de Cristo, o que, naquele texto, faz parte do *Nunc Dimitiis* de Simeão. Ver no *Dicionário o* artigo intitulado *Luz, a Metáfora da,* seção V, *Cristo Como Luz.*

"Os profetas vincularam os gentios a Cristo de maneira tríplice: 1. Na qualidade de *Luz,* Ele traria salvação aos gentios (ver Luc. 2.32; Atos 13.47,48). 2. Na qualidade de *Raiz de Jessé,* Ele reinará sobre os gentios em Seu reino (ver Isa. 11.10; Rom. 15.12). Ele salvará os gentios, uma característica distintiva da era presente (ver Rom. 11.17-24; Efé. 2.11,12). Sim, Cristo reinará sobre os gentios durante a era do reino, que se seguirá à atual era da pregação do evangelho. Ver Gên. 1.27-28 e Zac. 12.8. 3. Os crentes gentios da era presente, junto com os judeus crentes, constituem 'a igreja, que é o seu corpo' (Efé. 1.23)" (Scofield Reference Bible).

> *O Ser intelectual!*
> *Velado pelo teu próprio esplendor!*
> *És aquele oculto pelos seus esplendores.*
>
> (Sinésio)

42.7

Para abrires os olhos aos cegos. Cf. Isa. 35.5 e também Isa. 60.1-3; Luc. 1.79; 2.30-32; Atos 13.47 e 26.23. Vários aspectos da missão messiânica são aqui destacados. Ele iluminaria os gentios; libertaria os cativos do pecado e do caos (Isa. 61.1; Luc. 4.18; II Tim. 2.16; Heb. 2.14,15); tiraria os prisioneiros da masmorra escura, onde estavam detidos (Isa. 9.2). Ciro teve a missão de pôr fim ao cativeiro babilônico. Mas Cristo põe fim a *toda a espécie* de cativeiro, incluindo o hades (I Ped. 3.19 ss.). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Descida de Cristo ao Hades.*

42.8

Eu sou o Senhor, este é o meu nome. Yahweh é o obreiro desses milagres. Seu *Nome* é o Poder e a Glória, que Ele não compartilha com quem quer que

seja. O nome de Deus representa todos os atributos inerentes de Deus, baseados em Sua natureza. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Nome,* como também Sal. 31.3, onde apresento uma nota de sumário. Por certo nenhuma imagem pagã, que simboliza um deus que nada representa, pode apresentar a reivindicação de compartilhar da glória de Yahweh. Cf. Isa. 41.28,29 quanto à vaidade dos homens e seus ídolos. A intervenção divina que produziu a criação física, e então a criação espiritual alicerçada sobre a criação física, só poderia mesmo ser efetuada pelo verdadeiro Deus, a deidade viva. "Nomes e pessoas são a mesma coisa." Nomes significam identidade. Israel estava familiarizado com o Nome; outras nações, porém, estavam muito menos familiarizadas com o Nome. Mas através da missão messiânica haverá um conhecimento universal do Nome (ver Isa. 11.9).

"Devemos *louvar* somente o Senhor, e a mais ninguém; e certamente não devemos louvar os ídolos (ver Isa. 41.6,7,29; cf. Sal. 29.1,2; 65.1). Note o leitor a ênfase sobre a primeira pessoa do singular: Eu sou o Senhor... meu nome.. minha glória... minha honra (cf. Isa. 43.11-13): (James Muilenburg, *in loc.*).

42.9

Eis que as primeiras predições já se cumpriram e novas cousas eu vos anuncio. Diz aqui o hebraico, literalmente: "As coisas antigas! Eis que elas já se cumpriram". Em outras palavras, os eventos que tinham sido preditos já se haviam cumprido (cf. Isa. 41.27). As *novas coisas* que o profeta anunciava vieram esclarecer as profecias mais antigas, de modo que aquilo que ainda estava oculto, agora ficava claro. A filosofia hebraica da história via as coisas como iniciadas na criação; então a vontade de Deus (a *força ativa;* ver Isa. 13.6) as fez mover-se ao longo de uma linha; e haveria o cumprimento e a realização do que começara a ocorrer na *conclusão divina* das coisas, na eternidade. *Se* as coisas começassem de novo, e uma nova linha tivesse de ocorrer, é algo sobre o que não somos informados. Isso, entretanto, não nos dará os ciclos da história sugeridos pelos filósofos estoicos. Na história há um *designio.* E no fim da história também há o *triunfo* de Deus e dos que Lhe obedecem, garantido pela missão do Messias, Jesus Cristo. Portanto, a história é otimista. Note-se que após este versículo segue-se o novo cântico da *redenção* (vss. 10-13).

> *As coisas que eu disse que aconteceriam, aconteceram. E agora vos faio sobre coisas novas. Antes que essas coisas ocorram, eu vos falo sobre elas.*
>
> (NCV)

Isa. 21.26-29 disse que somente Deus é capaz de predizer o futuro, e isso Ele fizera através do Seu profeta, Isaías. E o presente versículo toca novamente no assunto, embora sem fazer uma declaração aberta. Ver as notas sobre esse tema, em Isa. 41.28. As predições sobre o futuro são sinal indiscutível da deidade.

Segunda Estrofe: O Novo Cântico da Redenção (42.10-13)

42.10

Cantai ao Senhor um cântico novo. O versículo anterior forneceu um rápido vislumbre da filosofia hebraica da história. E agora temos uma nota otimista a respeito, a *conclusão divina* que é boa, na direção da qual a história se precipita velozmente. Esse hino escatológico (vss. 10-13) segue de perto o anúncio sobre novos eventos. O estilo deste hino é o dos hinos de entronização (Sal. 47; 93; 96,97).

"Pessoas de todos os lugares, até das extremidades do mundo (ver Isa. 41.5 e 5.26), deveriam cantar esse novo cântico de louvor ao Senhor. Essas pessoas incluem: (a) pessoas que vivem do comércio marítimo; (b) pessoas que vivem nas regiões e cidades do deserto (como Quedar — cf. Isa. 21.16,17 — área ao norte da Arábia, ou como Selá, cidade de Edom); (c) pessoas de todos os lugares deveriam cantar e gritar, por causa da vitória do Messias sobre os Seus inimigos, por ocasião de Sua segunda vinda" (John S. Martin, *in loc.*).

A manifestação da glória de Deus desperta para os cânticos, a língua dos mortais. Cânticos de entronização, como os do Ano Novo, eram semelhantes ao cântico presente, sempre apontando para o Rei, que terá reinado universal. Ele fez uma coisa nova, a redenção universal, pelo que um novo cântico estava em ordem para louvar essa realização. "O mundo inteiro louva a Yahweh, o guerreiro vitorioso (Êxo. 15.1-18; Juí. 5.2-5)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

"Esse cântico novo será entoado quando o Senhor estiver reinando em Jerusalém, quando todas as nações fluírem para a cidade (ver Isa. 2.2; 26.1; Apo. 5.9 e 14.3)" (Fausset, *in loc.*). Quanto a *novos cânticos,* cf. Sal. 33.3; 40.3 e 89.1. Idéias podem ter sido tomadas de empréstimo dali.

Este versículo tem sido interpretado para indicar o avanço universal do evangelho, mas é a era do Reino de Deus que está particularmente em vista.

42.11

Alcem a voz o deserto, as suas cidades, e as aldeias habitadas por Quedar. O *deserto* fica de fora no cântico universal. As aldeias e colônias das áreas áridas terão razões para entoar o Novo Cântico. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Quedar* e *Sela (Petra),* quanto a detalhes. Tanto os habitantes radicados quanto os perambuladores estão aqui incluídos. O ponto deste versículo é a *universalidade* da redenção, o que arrancará dos povos louvor universal. A *profunda alegria* de participar da redenção levará os homens a subir às colinas para proclamá-la. A mensagem atingirá "os países mais destituídos de civilização, bem como aos povos mais rudes e menos civilizados, que confessarão e celebrarão com ações de graças a bênção do conhecimento de Deus que lhes foi conferida graciosamente" (Adam Clarke, *in loc.*).

42.12

Dêem honra ao Senhor. Todos os confins da terra (vs. 10) cantarão o Novo Cântico, incluindo as regiões desérticas (vs. 11), e todos os que habitam em lugares habitados distantes, as ilhas, o que já foi dito no vs. 10. Eles também cantarão louvores e glorificarão ao Senhor (declarado no vs. 8), em louvor à missão messiânica. Sua *luz* se espalhará entre todos os gentios (vs. 6). Cf. este versículo com Isa. 24.15, que é bastante similar.

> Eles deveriam dar glória ao Senhor. Pessoas de terras distantes deveriam louvá-Lo.
>
> (NCV)

42.13

O Senhor sairá como valente, despertará o seu zelo como homem de guerra. *O Guerreiro Divino.* O simbolismo, aqui, combina a metáfora militar com uma teofania. Deus sairá e arrebatará o campo das mãos do inimigo. Deus já havia derrotado o caos e o terrível abismo. Nenhum adversário pode manter-se de pé em Sua presença quando Ele ruge, um rugido que abala a terra inteira. "Essa ousada imagem antropomórfica prepara o caminho para o quadro ainda mais espantoso de Isa. 63.1" (Ellicott, *in loc.*). Cf. este versículo com Êxo. 15.1-18 e Juí. 5.2-5.

> *Ele bradará o grito de batalha. E derrotará os Seus inimigos.*
>
> (NCV)

Cf. Apo. 19.11. "Ele os conquistará e os subjugará por Seu Espírito e por Sua graça, e os tornará Seu povo voluntário, no dia de Seu poder... Ele os governará com vara de ferro" (John Gill, *in loc.,* em alusão a Apo. 19.15).

> *Quando a batalha termina,*
> *E a vitória está ganha,*
> *Que usemos uma coroa*
> *Perante a Tua face.*
>
> (William F. Sherwin)

Terceira Estrofe: Intervenção de Yahweh (42.14-17)

42.14

Por muito tempo me calei, estive em silêncio. Continua aqui o espírito do vs. 13. Novamente temos a combinação de linguagem militar e teofania. Cf. Êxo. 15; Juí. 5; Sal. 18; Hab. 3 e Zac. 14.3. Esta passagem contém 15 versículos, todos vazados na primeira pessoa e onde Yahweh é o orador. Sua auto-restrição cessa; seu silêncio milenar é interrompido, e então temos uma terrível linguagem escatológica oriental. "Os sofrimentos divinos, bem como pessoas perplexas, haviam tido motivo de admiração diante do silêncio, e o tinham acusado de indiferença. Quão pouco eles suspeitaram de que a dor pela qual Ele passou não interferia com a insensatez deles! Haverá algo mais difícil do que manter as mãos afastadas, quando aqueles a quem amamos cometem terríveis erros e devem receber as devastadoras conseqüências desses erros?" (Henry Sloane Coffin, *in loc.*).

"A intervenção de Deus na história. Passou-se *muito tempo* entre a criação (vs. 5) e a redenção (vss. 14-16)" (*Oxford Annotated Bible,* vs. 14). A intervenção divina veio com um grito de dor, tal como quando uma mulher tem as dores de parto, que, segundo se presume, devemos entender como as dores sofridas pelo Destruidor. Nesse caso, temos um notável exemplo tanto de *antropomorfismo* (conferir a Deus atributos humanos) como de *antropopatismo* (atribuir a Deus emoções humanas). Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* Quando falamos sobre Deus, somos forçados a empregar termos humanos, e não sabemos dizer quão perto (ou distante) chegamos de dizer coisas significativas sobre Ele, com o uso de tal linguagem. Ver nos artigos chamados *Via Negationis* e *Via Eminentiae* modos opostos de falar sobre Deus. Quanto à *dificuldade* do assunto, ver os verbetes denominados *Mysterium Fascinosum* e *Mysterium Tremendum.*

42.15

Os montes e outeiros devastarei. Cf. Jer. 4.23-28. "O simbolismo é, caracteristicamente, escatológico. Primeiramente, montes e colinas, os baluartes que Deus usa para manter a terra segura, se desgastam. Quando os montes caem, o fim está às portas (Sal. 46.3)" (James Muilenburg, *in* toe).

Onde os rios corriam caudalosamente, vemos agora apenas ilhas, com pequenos riachos rolando entre elas. Onde havia lagoas doadoras de vida, agora só existe terra seca e estéril. Mediante tais símbolos, ficamos sabendo que as coisas saíram erradas, porquanto Yahweh estava desagradado. "Deus destruiria Seus adversários, os pagãos e seus ídolos, ressecando as fontes de seus oráculos, doutrinas e instituições, cujo símbolo é a água, bem como suas escolas promotoras da idolatria" (Vitringa). "A descrição toda é simbólica e aponta para a subjugação das nações pagas, em que 'rios' e lagoas' provavelmente representam os reinos postados às margens dos rios Tigre e Eufrates (ver Isa. 8.7). Tudo isso parece ser um trabalho puramente destrutivo, mas em todas essas coisas a misericórdia e a verdade operava, e um caminho estava sendo aberto para que Israel voltasse... *Essas coisas* incluem a obra inteira do julgamento e da misericórdia" (Ellicott, *in* toe).

42.16

Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem. Juntamente com a obra destrutiva (vs. 15), operava a obra da misericórdia. Os *cegos* obterão ajuda especial. Isso nos relembra de Deus a guiar Israel em segurança, através do deserto (ver Isa. 41.17-20 e Êxo. 13.21,22). O caminho deles não estava mapeado, pelo que era necessário um *Guia* para que a jornada fosse bem-sucedida. Eles precisavam de luz porque aquele era um lugar tenebroso. Havia muitos obstáculos e perigos, pelo que careciam que os lugares tortuosos fossem retificados. As trevas foram transformadas em luz. Os lugares escabrosos foram nivelados. Havia providência divina especial a cada passo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus.* O povo de Deus jamais foi esquecido, mas foi conduzido até a Terra Prometida e recebeu poder de conquistá-la e dela tomar posse. Para que entremos na era do Reino de Deus, será mister o êxodo da antiga situação e a conquista da nova situação. Para tanto, será necessária nova *intervenção divina;* e o profeta Isaías disse que Yahweh havia feito tal promessa. Haverá nova orientação do Egito para o Sinai, e do Sinai para a terra de Canaã. Cf. este versículo com Heb. 13.5.

42.17

Tornarão atrás e confundir-se-ão de vergonha os que confiam em imagens de escultura. Israel, confiando em Yahweh no deserto, fará uma viagem segura até a Nova Terra Prometida da era do Reino de Deus, mas os povos pagãos, que insistem em receber orientação da parte de não-deuses, serão "rejeitados em desgraça" (NCV). Cf. Isa. 44.9,11; 45.16. "Não somente a casa edificada sobre uma rocha se mantém firme sob uma tempestade despedaçadora, mas *também* a casa erigida descuidadamente, sem alicerces, desaba, 'e a ruína daquela casa é grande' (Luc. 6.49)" (Henry Sloane Coffin, *in* toe). A metáfora do versículo é um "recuo" não no arrependimento, mas para longe da estrada provida para o sucesso. Os pagãos não entrarão em sua terra de descanso. Naturalmente, estamos falando da massa das nações, e não do remanescente de todas as nações, que ingressarão, juntamente com Israel, na Nova Era. Ver os vss. **1** e 6.

Israel, o Servo Cego e Surdo, é Remido (42.18 - 43.7)

A Condição Atual de Israel (42.18-25)

42.18

Surdos, ouvi, e vós, cegos, olhai. A principal interpretação dos versículos que nos levam ao fim do capítulo diz respeito aos sofrimentos dos exilados na Babilônia. Esses sofrimentos foram auto-infligidos e exatamente à base da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário).* Por outra parte, aprendemos que os sofrimentos eram remidores, e não apenas retributivos. Mas quer retributivos quer remidores, Yahweh é a Causa, mas o propósito é nobre, pois está em pauta uma punição severa, a fim de trazer a glória de um novo dia. Isso era uma verdade concernente ao cativeiro babilônico e à restauração. Também será verdade com respeito ao castigo que levará à redenção de Israel e a um alto lugar na era do Reino de Deus.

Israel é retratado como *surdo e cego,* isto é, totalmente insensível à chamada e orientação que Deus dava a Israel. Daí o sofrimento enfrentado deveria ter o propósito de abrir os ouvidos e de fazer os olhos ver. Embora Israel devesse ser luz para os gentios (vs. 6), eles mesmos estavam em trevas, e dificilmente poderiam brilhar sobre outros e mostrar-lhes o caminho. Aconteceram certas coisas que deveriam alertá-los para sua real condição, mas eles as ignoraram (ver Isa. 43.8 e 48.8).

Nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.

(Apocalipse 3.17)

Primeira Estrofe: O Servo Cego (42.19-21)

42.19

Quem é cego, como o meu servo, ou surdo como o meu mensageiro... O servo de Yahweh era cego, e esse servo cego era o mensageiro que havia sido enviado a outros para levar luz. Portanto, temos aqui a absurda situação em que um cego é enviado para guiar outros cegos.

Ninguém é mais cego do que meu servo, Israel. E o mensageiro que envio é o mais surdo.

(NCV)

Tendo caído na apostasia, ao aceitar as formas idolatras dos povos pagãos, Judá era o cego e surdo por excelência. Cf. Isa. 6.9,10. O coração de Israel era *insensível* à vontade e aos mandamentos divinos. O "dedicado" havia abandonado sua dedicação. O escolhido tinha abandonado sua eleição. O que tinha a lei mosaica como *guia* (ver Deu. 6.4 ss.) tinha abandonado o guia. O povo que deveria ser *distinto* (Deu. 4.4-8) tinha-se tornado mais um povo idolatra. O que supostamente deveria ser o *mestre* tinha-se tornado um dos piores alunos.

42.20

Tu vês muitas cousas, mas não as observas. As oportunidades de Israel eram amplas. Ele vira *muitas coisas* (potencialmente), providas na sua instrução superior, dada por Yahweh. Mas Israel via tudo superficialmente, sem observar coisa alguma, ou seja, sem aplicar e praticar o que lhe era mostrado. Yahweh era seu único Deus, mas tornou-se idolatra. A mensagem divina lhe era dada repetidamente, mas seus ouvidos estavam ensurdecidos por uma confusão de vozes pagas que atraíam a sua atenção. "Qual nação tinha tal história? Qual povo podia jactar-se de uma sucessão de homens de Deus como Abraão, Moisés e Davi, e então todos os profetas? Que nação já havia experimentado tão poderosos acontecimentos, como os ocorridos no Sinai, durante a conquista da Terra Prometida, e o ministério dos profetas, para nada dizer sobre o Templo e seu culto? Era uma história de revelação que se tornou conhecida por aquilo que foi visto e apreendido pelo ouvir da fé (cf. Deu. 4.7,8,32; 5.26; 20.3,4; Sal. 78; 105.5 e 136)" (James Muilenburg, *in* toe, com algumas adaptações).

42.21

Foi do agrado do Senhor, por amor da sua própria justiça, engrandecer a lei. *A vontade de Yahweh* garantiu que o ensino da lei, o guia (ver Deu. 6.4 ss.), fosse amplo. Em Sua bondade e retidão, Deus promovia uma causa justa. A Sua lei foi magnificada, e não minimizada; e era gloriosa. Mas o povo reduziu-a aos ídolos inglórios, e apagou a luz. A lei de Moisés tinha por intuito preparar um povo distinto, dando vida ao povo em relação de pacto com Deus (ver Deu. 4.1). Mas eles abandonaram seus privilégios. Diga-me o leitor, que mais poderia ter sido feito? Yahweh foi fiel à Sua promessa, mas o povo das promessas divinas mostrou-se fiel somente às suas corrupções e desvios.

Segunda Estrofe: Um Povo Saqueado e Feito Presa (42.22)

42.22

Não obstante é um povo roubado e saqueado. Somos aqui lembrados sobre a apostasia desesperadora em que Judá caiu, antes do cativeiro babilônico. E assim veio o julgamento divino, sob a forma do avanço do exército babilônico através do território de Judá, com a matança e o saque final de Jerusalém. Em seguida, os poucos sobreviventes foram levados cativos para a cidade de Babilônia. Eles foram roubados, saqueados e lançados em masmorras do cativeiro; tornaram-se presas de vorazes pássaros de rapina. Não havia quem pudesse livrar Israel, e também ninguém dizia "Restaura!", porque a punição era merecida, e tinha de correr o seu devido curso. Condições similares existiram na dispersão romana, com mais adiamento da restauração. As cidades de Judá foram pilhadas; a maioria dos judeus morreu; alguns poucos foram para o exílio; dentre esses, muitos foram presos; outros foram escravizados; mulheres judias tornaram-se membros de haréns estrangeiros. E não houve escapatória. O comentário do Novo Testamento fica em Rom. 9-11.

Todos estão enlaçados em cavernas. Provavelmente, temos aqui uma referência às cavernas das rochas, que não serviam de lugares de refúgio, pois eram usadas como masmorras naturais. Ou então a idéia é que o exército babilônico

que avançava encontrou aquelas pobres almas escondidas em cavernas, e dali as tirou, fazendo-as marchar na direção da Babilônia.

Terceira Estrofe: Israel Enviado ao Exílio (42.23-24)

42.23

Quem há entre vós que ouça isto? A palavra de advertência tinha sido gritada, mas caiu em ouvidos surdos (vs. 20). Agora nova convocação era feita. Ouviria Judá, no cativeiro, a voz divina que dizia: "Sofrerás justa punição. Queres retornar agora? Tendo visto o que acontece aos rebeldes, queres agora abrir teus ouvidos?".

> *Algum de vós ouvirá a isso? Ouvireis cuidadosamente no futuro?*
>
> (NCV)

Foi uma convocação que apontava o que eles deveriam ter aprendido mediante os julgamentos passados e assim obedecer à voz de Deus, para impedir tais tragédias no futuro. O que a história nos ensina é que os homens não aprendem com a história. Assim sendo, os equívocos continuam e continuarão no futuro, esperando a divina intervenção do Messias. Judá acabou voltando da Babilônia, somente para, séculos mais tarde, cair na mais drástica dispersão romana. Os judeus, no exílio, percorreram um curso de cegueira judicial, por não terem dado ouvidos ao chamamento do evangelho. Somente Deus podia modificar eficazmente a situação.

42.24

Quem entregou Jacó por despojo, e Israel aos roubadores? Quem tinha causado tais dores? Quem deu à Babilônia o seu poder e as suas ordens de marcha? Foi *Yahweh*. Ele entregou Israel aos saqueadores e ladrões. Os judeus, com sua apostasia, pecaram contra o Senhor. Andaram pelos caminhos dos deuses dos pagãos e negligenciaram o caminho de Deus. Obedeceram à voz de estranhos, o que os impedia de ouvir a Yahweh. Eis por que a calamidade caiu sobre eles. Ver Isa. 13.6 quanto a Yahweh como a Causa por trás dos eventos humanos.

> *O Senhor permitiu que isso acontecesse porque pecamos contra ele. Não vivemos no caminho que o Senhor queria que vivêssemos. Não obedecemos ao Seu ensino.*
>
> (NCV)

Quarta Estrofe: As Chamas do Julgamento (42.25)

42.25

Pelo que derramou sobre eles o furor da sua ira. O julgamento é agora retratado como calor e fogo, uma figura comum no livro de Isaías. O fogo queimou tudo ao redor, mas os que estavam sendo queimados não tinham entendimento. Judá foi queimado e sofria, mas era por demais embotado para compreender o que se passava. O coração deles perdeu de vista a lição que estava sendo ensinada; e, por isso, a calamidade prosseguia. Yahweh era o educador não reconhecido, o mestre que falava a ouvidos surdos. "Essa estrofe de conclusão do primeiro poema descreve Israel em meio a coisas pertinentes a uma *chama viva,* mas eles continuavam obtusos e sem compreensão" (Henry Sloane Coffin, *in loc.*). Quanto ao julgamento divino retratado como fogo, ver Isa. 29.6 e 30.33. "... eles aparecem como que em uma casa de fogo, e até mesmo queimados pelas chamas, sem perceber o perigo em que se achavam, sem sentir que estavam sendo feridos, e sem fugir da cena" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Quarenta e Três

Restauração: A Queda da Babilônia (43.1 – 47.15)

O exílio de Judá aproximava-se no final (ver Isa. 40.2). Yahweh estava levantando o instrumento necessário para libertá-los (41.2-4,25). Paralelamente, Ele levantaria o Messias, o qual lhes proporcionaria a libertação espiritual (42.1-17). Haveria livramento do temor (4.31-7). Mas Judá permaneceria, pelo menos no momento, no cativeiro espiritual (42.18-25). Haveria livramento do temor (43.1-7). Deus mostraria Seu poder e produziria mudanças drásticas (43.8-13). Haveria um novo êxodo. Por conseguinte, Ele os convidou novamente a não temer (44.1-5).

Quinta Estrofe: Graça para Além do Julgamento (43.1-2)

43.1

Mas agora, assim diz o senhor, que te criou, ó Jacó. O Criador, o Formador, o Sustentador, é também o Redentor, e Ele continuava a falar a Israel (Jacó). Ele disse palavras consoladoras (Isa. 40.1). Em breve chegaria o temor ao fim. Haveria graça divina suficiente para o caso. Havia um pacto a ser guardado; e Yahweh o guardaria, uma vez que Israel fosse purificado. Quanto a Deus como o *Formador,* cf. Isa. 44.2,21,24; 45.11 e 49.1. A alusão pode ser à formação de um feto no útero feminino, com o subseqüente nascimento. Israel deveria nascer de novo. Entretanto, alguns estudiosos vêem na palavra *formar* um paralelo à noção de *criação.* Seja como for, há *regeneração* no contexto, uma nova criação equivalente à antiga, que até mesmo a ultrapassaria!

Eu te remi. A nação criada agora estava remida, primeiramente através do livramento das mãos da Babilônia, que permitia à tribo de Judá levar adiante a história de Israel; e então, em um sentido espiritual, haveria uma conversão e um refazer espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Redenção.*

Chamei-te pelo teu nome. Fica subentendido um pai que dá nome a seu filho amado, o que mostra a relação familiar, bem como a íntima relação entre Pai e filho. Israel era o filho de Yahweh (Êxo. 4.22). Devemos entender essa redenção e essa filiação não meramente aplicadas aos que voltaram da Babilônia, mas em sentido universal e escatológico, chegando à era do Reino. O *nome* dava a Israel a marca da *individualização* e do caráter ímpar (ver Deu. 4.4-8). Isso apontava para o cuidado e o amor especial de Deus por Israel.

43.2

Quando passares pelas águas eu serei contigo. Os *sofrimentos* do cativeiro babilônico (e os sofrimentos que antecederão a era do Reino) são aqui reiterados. Em Isa. 42.24 esses sofrimentos são comparados a ser despojado por um exército. Em Isa. 42.25, são comparados ao fogo. E assim também, agora, são comparados às águas do mar, a rios descontrolados, a um dilúvio avassalador. Então volta o fogo ao primeiro plano: Israel terá de caminhar através do fogo. Todas as metáforas implicam aniquilamento, porquanto grandes forças foram desfechadas contra Israel. Yahweh, entretanto, estaria tanto nas inundações quanto nos incêndios, acompanhando Israel, para salvá-lo da fatalidade. Os dilúvios não afogarão, e os incêndios não consumirão — essa é a promessa de Deus. Quanto a esses símbolos, ver Isa. 3.6; 42.7 e 66.12. Talvez o autor sagrado tivesse o êxodo em vista. Haverá um novo êxodo, que seguramente livrará Israel dos dilúvios e incêndios. Isso será especialmente verdadeiro no fim de nossa era, quando Israel for livrada de todas as tribulações e temores e tornar-se cabeça das nações (ver Isa. 24.23). Cf. Jos. 3.15 e Jer. 12.5. Ver também Sal. 66.12.

Sexta Estrofe: O Resgate de Yahweh por Israel (43.3-4)

43.3

Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu salvador. O acúmulo de títulos divinos, Yahweh-Elohim, Santo de Israel, Salvador, dá o tom enfático à estrofe do resgate. Ciro foi orientado pelo Poder do Alto para libertar Judá. Em troca, como resgate, outras nações foram dadas por Israel, para permanecerem cativas, pagando assim pela perda. Israel é tão preciosa que vale essas três nações, ou qualquer número de outras nações, mas as três — o Egito, a Etiópia e Seba (ver a respeito no *Dicionário*) — seriam um preço justo para trocar por Israel, em favor de Ciro. "A imagem é extraída da libertação de pessoas escravizadas. Aqui, povos abastados são dados em troca do amado povo de Israel. Foi um preço alto, mas comprou os tesouros de Israel. As interpretações literais fazem violência ao significado" (James Muilenburg, *in loc.*). É desnecessário tentar encontrar paralelos históricos para essa transação metafórica.

43.4

Visto que foste precioso aos meus olhos, digno de honra, e eu te amei. Este versículo refaz, mediante outras palavras, as idéias do vs. 3. O povo precioso, tanto honrado quanto amado, requeria elevado resgate, pelo que nações africanas (Egito e Etiópia) bem como árabes (Seba) tiveram de contribuir para o preço do resgate. Esperava-se que Ciro invadiria aqueles lugares, os quais se tornariam sua possessão. Yahweh estava cooperando com Ciro e certificou-se de que ele lograria bom êxito, mas não obteria sucesso se retivesse Judá sob o seu poder.

Sétima Estrofe: A Volta da Diáspora (43.5-7)

43.5,6

Não temas, pois, porque sou contigo. Agora Yahweh exerce Seus poderes controladores dos acontecimentos, para emitir ordens em todas as *direções da*

terra, a fim de que seus cativos fossem libertados. Eles viriam das "extremidades da terra", talvez uma hipérbole oriental para falar da Babilônia e suas províncias. Ou então temos aqui uma profecia escatológica a longo prazo, que previa a volta de Israel da dispersão romana. Mat. 14.16 prevê uma reversão do cativeiro assírio na ministração do evangelho; mas a predição aqui é sobre o recolhimento de Israel antes do estabelecimento da era do Reino. Cf. Mat. 24.31. Provavelmente, a compreensão correta da profecia deve ver o retorno tanto a prazo curto (Babilônia) como a prazo longo (toda a terra). Não deveria haver temor, pois nenhum lugar da terra pode recusar obedecer ao mandamento divino. Toda a descendência de Jacó seria recolhida (das direções oriente e ocidente, vs. 5; **e** das direções norte e sul, vs. 6). A redenção, pois, será assim completa e toda-inclusiva. *Filhos e filhas* deverão ser chamados de volta, porquanto vaguearam longe do lar do Pai. Agora, porém, haveria alegre reunião no lar, Jerusalém. *Todo o Israel será salvo* (ver Rom. 11.26), e considero essa passagem literal, não envolvendo apenas a salvação do minúsculo remanescente do início do milênio. Quanto a Deus como Pai de Israel, ver Êxo. 4.22,23; Osé. 11.1; Isa. 1.2; Jer. 3.4,19; Isa. 63.16; 64.8 e Mal. 1.6. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Paternidade de Deus,* quanto a detalhes.

Os intérpretes, procurando explicar esse imenso retorno de todos os lugares, dentro do contexto histórico, mencionam as dez tribos da Assíria; Judá, da Babilônia; aqueles que não voltaram e foram levados a vários pontos do império persa; o comércio escravocrata que levou hebreus a todos os lugares dos portos da Fenícia em torno do mundo Mediterrâneo. Mas essa limitação envolve uma atividade desnecessária.

43.7

A todos os que são chamados pelo meu nome. Este versículo nos remete ao vs. 1 deste capítulo, às idéias da *criação* e da *formação,* aqueles chamados pelo nome divino, que foram criados para a glória divina. *Todos esses* serão levados de volta, e nenhum deles se perderá, quando Deus tiver completado a pilha. O amor de Deus escreverá o último capítulo da história humana. Amor divino, todo excelente, alegria do céu, descerá à terra.

> *O amor de Deus, quão rico e puro,*
> *Quão sem medida e forte!*
> *Perdurará para sempre.*
>
> (F. M. Lehman)

Israel Será Testemunha para o Mundo (43.8-13)

43.8

Traze o povo que, ainda que tem olhos, é cego. "Deus convidou Israel, ainda espiritualmente *cega* e *surda* (cf. Isa. 42.20; 48.8), a apresentar perante as nações um testemunho na tentativa de provar que eles podiam predizer o futuro (cf. Isa. 41.21-23). Então Deus disse que os israelitas, como *Suas* testemunhas (Cf. Isa. 41.8,9), demonstrariam que *Ele* é o único Deus (Isa. 43.10). Ele já existia antes que os homens concebessem algum deus, e continuará a existir muito depois que o último ídolo venha a perecer" (John S. Martin, *in loc).*

A *convocação,* neste ponto, não é do exílio, mas ao tribunal de justiça, tal como se vê em Isa. 41.1,21. O povo de Deus "tinha testificado Seus atos poderosos, realizados em favor deles, no passado; e testificarão Seus atos poderosos no presente, embora não tenham apanhado a significação nem reconhecido a Sua presença. Não será essa a verdadeira descrição da igreja contemporânea?... Temos olhos mas somos cegos, ouvimos mas somos surdos. Precisamos desse mandamento direto para enfrentarmos Deus e o nosso mundo, e para as coisas ficarem claras quanto ao nosso dever" (Henry Sloane Coffin, *in loc).*

Primeira Estrofe: A Questão Histórica (43.9)

43.9

Todas as nações se congreguem, e os povos se reúnam. Temos aqui algumas linhas devotadas às nações da terra. Todas as nações serão convocadas perante o tribunal divino. Revelações divinas também se aplicam a elas, que deverão estar presentes para ouvir. A situação é similar à do julgamento das nações que aparece em Isa. 41.1 ss., 21 ss. A mesma questão se repete aqui. Os deuses deles tinham sido capazes de predizer os eventos ocorridos? Porventura, eles previram o soerguimento e a marcha de Ciro? Que deus pagão tem um registro de predições bem-sucedidas, dando a entender que tal divindade exerce controle sobre a história e assim pode predizer o que acontecerá? Se existisse tal deus, dotado desse tipo de poder, que agora ele apresentasse evidências que afirmassem a tese. Foi assim que Yahweh convidou ao encontro com os deuses das nações, para que as "divindades" fossem testadas quanto aos poderes de predição; mas houve apenas silêncio. Nenhum deus se adiantou, e nenhum sacerdote ou vidente das nações defendeu seus deuses com base nesse critério.

Provavelmente, entre as profecias dadas por Yahweh que foram cumpridas, tenhamos de incluir a que fala sobre a liberação outorgada por Ciro, permitindo que o remanescente voltasse a Jerusalém, enquanto Ele conservava outras nações debaixo de Seu poder. Ver em Isa. 13.6 Yahweh como o controlador dos eventos da história humana. Atualmente, sabemos que a profecia é uma capacidade natural da psique humana. Pode acontecer sem a ajuda dos poderes divinos ou demoníacos; e também existem profecias demoníacas que se cumprem. Isso não anula as profecias divinas como algo distintivo, embora se trate de algo que o profeta Isaías não antecipou aqui. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Precognição.*

O fenômeno psíquico mais comum é o do sonho preditivo, e esse é um acontecimento constante e comum entre os sonhadores, isto é, entre todas as pessoas. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Sonhos.* Naturalmente, há grande diferença entre a profecia de um profeta, e os sonhos preditivos de uma pessoa comum, embora eles compartilhem algo comum: a *predição sobre o futuro,* que não precisa ser divinamente inspirada para acontecer. Sabemos hoje que os *milagres* não podem ser usados como provas da validade das doutrinas ou sistemas, porquanto eles não respeitam as linhas dogmáticas. Outro tanto pode ser dito em relação à predição do futuro. Nossas provas precisam ser mais profundas do que isso.

Oitenta por Cento do Antigo Testamento. Isa. 43.9 assinala a marca dos 80% do Antigo Testamento. O Antigo Testamento consiste em 23.148 versículos e, tendo produzido a exposição do presente versículo, completei 80% do *Antigo Testamento Interpretado, Versículo por Versículo.* Portanto, hoje, 18 de março de 1997, tenho razões para mostrar-me grato ao Senhor por ter-me conduzido até este ponto do trabalho. A marca dos 90% será atingida em Eze. 17.4 e, buscando forças contínuas para atingir esse versículo e, daí o fim da empreitada, faço uma petição especial a Deus, neste dia. O *Novo Testamento Interpretado,* publicado pela primeira vez em 1980, está agora na nona edição. A *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* está na quinta edição. Hoje agradeço ao Senhor pelas vitórias e expresso boa esperança quanto ao futuro, de que conseguirei publicar muitas outras obras. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Segunda Estrofe: Testemunha e Servo de Yahweh (43.10)

43.10

Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor. O único Deus fala aqui, dirigindo a palavra à Sua testemunha, Israel, que é também Seu servo. Os israelitas formam os *eleitos* de Deus e exercem fé em seu Deus. Uma testemunha tem importante missão no mundo, e ela repousa em Deus como a única doutrina de Deus. Somente Ele é Deus; nunca houve tal coisa como um deus formado antes Dele, porque Ele é *eterno,* e os deuses que foram formados (pelas mãos humanas ou por qualquer outro agente) são deuses de nada. Nem houve deuses formados depois Dele (pelas mãos humanas ou por outra agência qualquer). A essência divina é eterna. Não pode ser criada para vir à existência. Este versículo é uma declaração enfática do *Monoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário).* O monoteísmo judaico é mais do que a crença em um único Deus; é também o compromisso de alma com o único Deus. Existem monoteístas teóricos que são *ateus práticos,* ou seja, dizem: "Não quero nenhum Deus em minha vida", embora possa haver alguma divindade em suas proposições teóricas.

O Único Deus é um poder salvador, que se manifesta ao servo de Deus e opera através Dele. Não existem tais funções para os deuses de nada. Cf. este versículo com Isa. 41.23,24 e **48.5.**

Terceira Estrofe: O Único Deus e Suas Testemunhas (43.11-13)

43.11

Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador. Yahweh, o Deus eterno, está agora vinculado à Sua obra divina, porquanto é o *Salvador.* Ver sobre esse termo no *Dicionário,* e ver também Sal. 62.2 quanto a uma nota de sumário sobre Deus como Salvador, e sobre a divina salvação do ponto de vista do Antigo Testamento. Ver Sal. 3.8,9; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7 e 149.4. O título *Salvador* nos relembra das relações do pacto, e nos remete à elaborada declaração dos vss. 1-3 deste capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo *Redenção.* "A vontade e o poder de salvar é a função distintiva e o predicado da verdadeira deidade" (Skinner, ***in*** *loc).*

43.12

Eu anunciei salvação, realizei-a e a fiz ouvir. Israel, ao longo da vereda de sua história, caiu na idolatria várias vezes e seguiu a outros deuses. Mas nenhum deles jamais realizou a obra salvatícia que pertencia a Yahweh, nem salvaram os judeus de alguma calamidade física, quando chegaram tempos de aflição. Os

próprios judeus confirmavam esse fato, pelo que se tornaram testemunhas de Yahweh, embora com relutância. O livramento dos judeus da Babilônia, que tinha sido predito nas profecias das Escrituras e abertamente proclamado através dos profetas, era a mensagem de Yahweh que deveria ser proclamada. Quando as coisas aconteciam conforme tinha sido predito, isso testemunhava que Israel seguia o verdadeiro Deus e o divino benfeitor. Portanto, toda a lealdade deles pertencia ao Senhor Deus. Quanto a Deus como Salvador, ver também Isa. 17.10; 43.3; 45.15,21; 49.26; 60.16; 62.11 e 63.8. Nenhum deus falso jamais predisse algum ato divino e salvador. Somente Yahweh tinha feito isso, e então avançou para cumprir Sua predição. "Não foi um oráculo pagão ou adivinho que predisse a restauração" (Ellicott, *in* toe).

43.13

Ainda antes que houvesse dia, eu era. O Deus único, que sempre foi e sempre será deidade exclusiva, é Aquele que determina os acontecimentos humanos, incluindo a providência negativa, quando uma pessoa ou nação sofre eventos desastrosos. Quando Deus faz isso, não há poder, no céu ou na terra, que possa desfazer o que Deus tiver feito. E nenhum poder, de nenhum tipo, pode impedir tal coisa. Ver Isa. 13.6 quanto a notas expositivas sobre a soberania de Deus e como ela opera na terra.

Quando eu faço alguma coisa, ninguém pode alterá-la.

(NCV)

Quando Deus põe em movimento algum curso de eventos, nada pode alterar Seus planos. Cf. Jó 9.12; 14.10 e 42.2. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Providência.*

Redenção pela Graça (43.14 - 44.5)

Primeira Estrofe (43.14-15)

43.14

Assim diz o Senhor, o que vos redime, o Santo de Israel. Através do acúmulo de títulos divinos, a mensagem de Deus foi enfatizada. Portanto, temos aqui Yahweh, Redentor e Santo de Israel, que agora revertia o cativeiro babilônico, usando Seu novo instrumento, Ciro, rei dos medo-persas. A Babilônia seria totalmente alquebrada e ficaria virtualmente impossibilitada de manter uma população. Os caldeus, que anteriormente gritavam de triunfo, conforme derrotavam outros povos, agora gritariam de lamentação em seu próprio desastre. Quanto ao aniquilamento da Babilônia, ver Isa. 13.19-22, onde encontramos o oráculo de condenação contra aquele lugar. Quanto aos nomes divinos acumulados neste versículo, ver Isa. 41.14; 47.4; 48.17; 49.7 e 54.5. Deus como Redentor é uma característica especial do livro de Isaias.

Os caldeus, nos navios com os quais se vangloriavam. O original hebraico aqui é um tanto obscuro, e a Revised Standard Version diz: "Voltaram-se para as lamentações". Em outras palavras, os anteriores gritos de triunfo na vitória transformaram-se em gritos de dor na derrota. Alguns especulam que os navios significam (se é que essa é a idéia correta) navios que navegavam nos rios, e que alguns babilônios podem ter tentado escapar por meio deles, mas inutilmente. Portanto, haveria clamores angustiados na Babilônia. Outros eruditos pensam que os babilônios foram *levados* para o cativeiro por meio de navios. Seja como for, o rio Eufrates era navegável.

43.15

Eu sou o Senhor, vosso Santo, o criador de Israel, vosso rei. *Outro acúmulo* de títulos divinos enfatiza a mensagem: Yahweh, Santo de Israel, Criador-Rei; e esse é o Deus de Israel, que manipula como quer os eventos humanos, como o soerguimento e a derrubada de reinos, e a redenção de Seu povo. Essa declaração encerra solenemente a primeira estrofe da seção que trata da libertação da escravidão na Babilônia. "A redenção, a criação e a soberania de Deus são a seqüência que o profeta pretendia enfatizar. O título, 'vosso rei', continua um dos principais motivos dos poemas (Isa. 40.10; 41.21 e 43.15) e enfoca a necessidade que Israel tinha de pos/cito no mundo daquele tempo. As nações têm seus reis, que são os responsáveis pelo bem-estar e pela proteção do povo de Deus, e assim Yahweh os protege" (James Muilenburg, *in* toe). A liberação da Babilônia, um ato de redenção, tipifica a maior redenção de Israel antes e durante a era do Reino de Deus.

Segunda Estrofe: Livramento do Mar (43.16-17)

43.16

Assim diz o Senhor, o que outrora preparou um caminho no mar. A alusão aqui é à travessia do mar Vermelho, depois de os israelitas terem escapado do Egito. Yahweh tinha o poder de preparar um caminho através das águas, e isso insuflou confiança em Israel para as crises presentes e futuras. Ver Êxo. 14. Esse acontecimento sempre foi destacado pelos autores hebreus como um poderoso milagre; e assim as operações de Yahweh com o Seu povo incluem milagres, sempre que eles se fazem necessárias. Para Deus não há limitação de poder. "A volta da Babilônia seria como um *segundo êxodo* de uma casa de servidão diferente. Nessa volta, tal como na outra, o cavaleiro e seu cavalo devem ser lançados no mar" (Ellicott, *in loc).*

43.17

O que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força. Israel atravessou o mar Vermelho caminhando por terra seca; mas, quando o exército do Faraó tentou fazer o mesmo, pereceu afogado, pois as águas do mar se fecharam. Os egípcios se extinguiram como o pavio de uma lamparina que passa pela água. Cf. Isa. 43.17:"... jamais se levantarão...". Essas palavras falam da total impotência dos egípcios em sua derrota, que agora era transferida para uma nova derrota, diante de um poder diferente. Eles não se reergueriam. O poder dos egípcios estava acabado, ao passo que a força de Israel continuaria. Essa era a maneira de Deus tratar com Seu povo e com as nações que se opunham a **Israel.**

Terceira Estrofe: Eis que Faço uma Coisa Nova (43.18-19)

43.18

Não vos lembreis das cousas passadas. As *cousas passadas* eram os eventos do êxodo do Egito, o antigo triunfo de Israel. Essa foi uma grandiosa obra de Deus, e os autores do Antigo Testamento nunca se cansaram de recontá-la. Porém, o que Deus estava prestes a fazer era muito maior, a tal ponto que o antigo se perderá de vista por causa do *novo.* Temos aqui uma chamada para fora das *memórias* das glórias passadas, para a *esperança* de vitórias ainda maiores. O novo triunfo será ainda mais decisivo e maior demonstração de redenção do que houve na antigüidade. O poder antigo foi grande; o poder presente será ainda maior.

43.19

Eis que faço cousa nova, que está saindo à luz. Essa *cousa nova* seria a libertação *de Israel* da servidão infligida pela Babilônia. E isso tipifica a servidão de Israel e os temores de potências estrangeiras antes da fundação da época áurea. Será aberta uma estrada no deserto, e Israel escapará por meio dela. Então fluirão rios nas terras secas. Israel prosperará por meio da graça divina e sua nova habitação. Haverá tanto livramento quanto provisão subseqüente para toda a necessidade, material e espiritual. Quando Israel foi capacitada a atravessar o mar, então precisou enfrentar o deserto, o que a forçou a abrir caminho. Em seguida, o povo de Israel chegou à Terra Prometida, que manava leite e mel. E houve as lutas da conquista. A antiga experiência será repetida, porém de maneira mais gloriosa e com conseqüências a longo prazo para Israel, como nação. De fato, durante o milênio, Israel será cabeça das nações, em vez de ser apenas libertada do poder delas (ver Isa. 24.23). Até mesmo no deserto, Deus providenciou adequado suprimento de água. O povo de Israel bebeu da rocha (ver Êxo. 17.6). Na era do Reino, entretanto, o deserto florescerá como a rosa (ver Isa. 35.1). Ver Isa. 41.18 quanto a uma declaração paralela sobre o grande suprimento de águas, tanto potáveis quanto espirituais.

Quarta Estrofe: Riachos no Deserto (43.20-21)

43.20

Os animais do campo me glorificarão. A idéia constante no vs. 19, acerca de águas no deserto, é agora desenvolvida e elaborada. Os *animais do campo* agradecerão a Yahweh pelas suas provisões, e quão mais grata será a nação de Israel. A abundância de águas fala de prosperidade e bem-estar, em sentido tanto material quanto espiritual. Além das referências dadas na exposição do vs. 19, ver também Isa. 48.21 e Sal. 148.10. Os animais mencionados abrigavam-se em lugares secos e ainda assim conseguiam sobreviver. De súbito, uma provisão lhes dará abundância, em vez de luta pela sobrevivência. E se essa será a verdade acerca dos animais, quanto mais será em favor do povo de Deus!

43.21

Ao povo que formei para mim. O povo bendito é constituído por aqueles que Yahweh *formou* para Si mesmo, o que reitera Isa. 43.1, onde o tema é desenvolvido. O povo de Israel, em meio a abundância de bênçãos materiais e espirituais, com as águas da graça fluindo, terá muitas razões para louvar. Ver no

Dicionário o artigo chamado *Louvor*. As palavras dos vss. 20-21 certamente ultrapassam qualquer coisa que poderia ser dita acerca do retorno do exílio babilônico e da reconstrução de Jerusalém. Temos aqui uma profecia de longo prazo a respeito da era do Reino de Deus, bem como uma profecia de curto prazo sobre a restauração de Judá após o cativeiro babilônico. A feitura do povo de Israel, por parte de Yahweh, para *Si mesmo,* consiste na eleição deles e no relacionamento de pacto criado com o Ser divino. Ver sobre Pacto Abraãmico em Gên. 15.18, onde dou uma nota expositiva de sumário.

Quinta Estrofe: A Acusação de Yahweh (43.22-24)

43.22

Contudo não me tens invocado, ó Jacó. Deixando de lado as glórias e bênçãos dos triunfos futuros, o profeta Isaias repentinamente voltou às condições que Israel enfrentava na ocasião. Vemos Israel (Judá) ainda em apostasia, idolatria e indiferença. Eles nem ao menos se importavam em invocar a ajuda de Yahweh, tão atarefados estavam com seus próprios recursos e com os recursos que buscavam nos seus ídolos. Novamente, parece que temos aqui uma *cena de tribunal,* que o profeta Isaias empregou ocasionalmente. Cf. Isa. 41.1-42.4; os vss. 8-13 do presente capítulo e 44.6-8. Yahweh é, ao mesmo tempo, Acusador e Juiz. A Israel foi dada elevada missão, mas eles precisaram de longo tempo para reconhecê-la e cumpri-la. Cf. as denúncias proféticas de Amos 5.22-25 e Jer. 7.21,22. Ver também Miq. 6.1-8.0 povo de Israel cansou-se das antigas formas religiosas, bem como de Yahweh, seu Deus, e quis experimentar novos caminhos. Suas práticas formalizadas podem ter continuado a incluir Yahweh como Deus ou um deus, mas Yahweh deixou de ser distinguido na TeTfa Prometida.

43.23

Não me trouxestes o gado miúdo dos teus holocaustos. Este versículo reflete o completo colapso do culto a Yahweh, substituído como foi pelo culto aos ídolos. Aqui não encontramos mais mera indiferença e um yahwismo formalizado, destituído de sinceridade do coração, mas, antes, a total substituição desse sistema. Alguns eruditos pensam que essa completa negligência ao yahwismo ocorreu na Babilônia, o que, mesmo naquele país, teria sido visto como algo obrigatório para Israel (Judá). Mas essa é uma idéia duvidosa. Provavelmente, estamos vendo condições que antecederam o cativeiro babilônico. Mesmo nessa época, os judeus já tinham desistido de manter o yahwismo, e essa foi a *causa espiritual* do cativeiro. O sistema de sacrifícios de animais tinha cansado os judeus, e outro tanto sucedeu à "guarda da lei" que acompanhava a fé dos hebreus. E, assim sendo, Yahweh, por Sua vez cansado dos pecados deles, puniu-os por meio do exército babilônico. Cf. Mal. 2.17. A parte final do presente versículo levanta dúvidas porque, como é óbvio, o sistema sacrificial era algo forçado. Parte desse sistema, entretanto, era espontâneo, como a tomada e o cumprimento de votos, bem como certas oferendas, como as ofertas pacíficas e voluntárias; e a referência aqui pode ser ao aspecto *voluntário* do culto dos hebreus. Esse pode ter sido o aspecto abandonado pelos judeus, se é que a carga do sistema foi considerada demasiada por eles.

43.24

Não me compraste por dinheiro cana aromática. Êxo. 30.23 menciona essa substância como um dos ingredientes do sagrado óleo de unção. Cf. Can. 4.14; Jer. 6.20 e Eze. 27.19. Isso fala de outro aspecto do sistema ritualista que tinha caído na negligência. Além da negligência no culto, Israel também era culpado de muitos pecados que premiam para baixo o país inteiro, e também se tornara um peso intolerável sobre as costas do próprio Yahweh. O relacionamento inteiro do pacto tinha azedado.

Sexta Estrofe: Graça e **Julgamento** (43.25-28)

43.25

Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões. Conceder perdão é uma qualidade permanente e constante da Mente divina, com base no eterno amor de Deus. Assim também aqui, após tão drásticas declarações, temos os grandes pronunciamentos do *Grande Eu Sou,* anunciando o perdão. *Eu, eu mesmo,* conforme encontramos em nossa versão portuguesa, traduz a divina declaração de "Eu, eu sou Ele", se suprirmos o verbo "ser", que não se acha no hebraico literal, que diz somente: "Eu, eu, Ele". Seja como for, **a** declaração é enfática. Yahweh limpa completamente a lousa; os pecados de Israel desapareceriam da mente divina; não haveria mais memória deles. "Os pecados se tinham empilhado, mas Deus estava disposto a perdoá-los, por causa de Sua graça e por causa Dele mesmo" (John S. Martin, *in* toe).

Não somos informados, entretanto, por quanto tempo ainda prosseguiria essa condição pecaminosa, nem por quanto tempo mais os benefícios do perdão se fariam sentir. Mas sabemos que esse é um perdão escatológico que trabalha com condições que antecedem a era do Reino de Deus. Quanto ao *apagar dos pecados,* cf. Êxo. 32.32; Núm. 5.23; Deu. 9.14; Isa. 44.22; 48.9; Jer. 50.20 e Atos 3.19.

Por amor de mim. Por ser Ele o Pai que queria ver o filho agir bem; porquanto Seu plano tinha de ser cumprido, e esse plano incluía um Israel perdoado durante a era do Reino, um instrumento que levaria a mensagem espiritual ao resto do mundo. Cf. Isa. 48.9,11.

43.26

Desperta-me a memória; entremos juntos em juízo. O caso reverte ao *tribunal,* figura simbólica usada por várias vezes pelo profeta. Ver Isa. 41.1-42.4; 43.8-13,22-24; 44.6-8. Se Israel tinha alguma defesa quanto à sua conduta, deveriam ser apresentados evidências e testemunhos. Naturalmente, quando o profeta disse: "Desperta-me a memória", nisso temos um antropomorfismo irônico. Talvez Deus tivesse esquecido alguma coisa! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.* O desafio estava lançado, mas seguiu-se prolongado silêncio. Nenhuma testemunha se apresentou; nenhuma evidência foi dada. Então *Yahweh falou de novo,* ampliando em Sua queixa as acusações contra Israel que aparecem nos versículos que se seguem.

43.27

Teu primeiro pai pecou. A acusação divina faz-nos recuar ao começo da rebelião de Israel. O *primeiro pai* que pecou provavelmente não foi Abraão, mas sim, Jacó, que não serviu de exemplo de uma vida estritamente correta. Cf. Osé. 12.3. Posteriormente, o pecado retrocede até Adão, conforme se vê em Rom. 5.12. "Guias", neste versículo, provavelmente aponta para Moisés, os sacerdotes e os profetas. Nem mesmo eles escaparam de pecar contra Yahweh. Mas com o passar dos anos as coisas pioravam cada vez mais, até que a nação de Israel entrou em completa apostasia e foi levada para a Assíria; então foi a vez de Judá desviar-se de vez e ser levada para o cativeiro babilônico.

43.28

Pelo que profanarei os príncipes do santuário. A reação de Yahweh foi condenar e sentenciar Israel por seus crimes. Seus governantes profanaram o santuário de Yahweh, pelo que Ele os profanou, entregando-os nas mãos dos pagãos para serem maltratados e desgraçados. Os governantes são chamados aqui de "príncipes", título dado aos principais sacerdotes de I Crô. 24.5. Se está em mira a classe sacerdotal, então aprendemos que aqueles que profanaram o templo e o culto de Deus, pois tinham abandonado o culto a Yahweh, foram, eles mesmos, profanados."... eles foram sujeitados, com justiça, à maldição de Deus e dos homens, para servirem de zombaria, de provérbio e de máxima por todo o mundo; ver Jer. 24.9" (John Gill, *in* toe).

Capítulo Quarenta e Quatro

Embora entremos aqui em um novo assunto, não há interrupção entre os capítulos 43 e 44.

Sétima Estrofe: Israel Não Devia Temer (44.1-2)

44.1

Agora, pois, ouve, ó Jacó, servo meu. Continuam aqui as estrofes do capítulo 43. "Que o poeta sacro estava a pique de anunciar uma revelação nova e sem precedentes, é demonstrado pela forte transição, "agora, pois", as mesmas palavras que figuram em Isa. 43.1-3, às quais esta estrofe está intimamente relacionada" (James Muilenburg, *in* toe).

"Uma vez mais, o profeta enfatiza a divina *escolha* (ver Isa. 41.8,9) e *formação* (cf. Isa. 43.1,7,21) de Israel. Quanto à palavra "ouve", ver os comentários sobre Isa. 46.3. Visto que Deus prometeu *ajudar* a nação, ela não precisava ficar *com medo* (cf. Isa. 41.10,14; 43.5; 44.8). Quanto a Jacó como servo de Deus, ver Isa. 41.8. As palavras 'ó amado' (vs. 2; no hebraico 'Jesurum') significam 'ó reto'. Esse é um sinônimo poético para Israel, usado somente em Deu. 32.15; 33.15; 33.5,26" (John S. Martin, *in* toe). O servo de Deus tinha sido escolhido, o que significa que ocupava elevada prioridade no programa de Deus. Remido e abençoado, o servo de Deus seria o instrumento que levaria redenção e bênção ao resto das nações. Cf. Isa. 41.8 e 42.1. "Os pensamentos de Israel voltaram-se de seus pecados para o amor imutável de Deus, e *essa* era a base da sua esperança" (Ellicott, *in* toe).

44.2

Assim diz o Senhor que te criou e te formou desde o ventre. Incluí no vs. 1 notas que pertencem a este versículo. Note o leitor as referências paralelas, onde já tinham sido introduzidas idéias do versículo em outros textos. O servo Jacó, também chamado em nossa versão portuguesa de "ó amado" (na *Oxford Annotated Bible,* 'querido reto'), não deveria temer, porque o amor de Deus operará as coisas para o melhor, a despeito de anteriores fracassos e retrocessos. O propósito divino na eleição não pode ser frustrado, e o eleito continua sendo amado. Quanto à ajuda de Yahweh, cf. Gên. 49.25; Êxo. 18.4; Deu. 33.26; ISam. 7.12 e Sal. 33.20.

Oitava Estrofe: A Água e o Espírito (44.3-4)

44.3

Porque derramarei água sobre o sedento, e torrentes sobre a terra seca. *A terra estéril,* o deserto, obterá pleno e constante suprimento de água, de modo que florescerá como o deserto (ver Isa. 40.1). Cf. Isa. 43.19-21 (a terceira estrofe), que contém idéias paralelas. Quanto à água abundante, ver também Isa. 35.7; Joel 2.28; João 7.38 e Atos 2.13. Significados metafóricos estão em vista ali, tal como aqui. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Água.*

O meu **Espírito.** O Espírito, a água celestial, dará nova vida e vitalidade. Cf. Num. 11.29 e Joel 2.28. Quanto à relação entre a água e o Espírito, ver Mar. 1.8-10. Encontramos um paralelo em Eze. 36.24,27. O Espírito Santo inaugurará a época áurea, pois um instrumento menor não seria capaz de realizar tal feito. Ver também Isa. 11.2 e 35.12. As passagens de João 4.14; 7.37,38; Rom. 5.20 e I Tim. 1.14 dão aplicações dessa idéia. Diz o Targum: "Pois assim como são dadas águas sobre a terra sedenta, e assim como fluem sobre a terra seca, também darei meu Santo Espírito aos teus filhos, e as minhas bênçãos aos filhos de teus filhos".

44.4

E brotarão como a erva. *A irrigada terra de Israel,* tão abençoada que será pelo Espírito Santo, reagirá mediante *crescimento saudável,* como a erva reage diante de água abundante, espalhando suas raízes fundo e por toda a parte. Além disso, devemos pensar nos salgueiros que medram ao longo das margens do rio, que se tornam abundantes e espessos e ocupam as margens dos ribeiros. É assim que pessoas não auspiciosas tornam-se frutíferas acima de todas as expectativas. Crescimento é evidência de vida. "Odeio encontrar alguém que conheço faz dez anos, precisamente no mesmo ponto de antes, nem moderado, nem avivado, mas simplesmente obstinado no mesmo ponto de antes. Tal homem deveria ser espancado!" (Turner Palgrave). Caros leitores, se todos os membros de nossas igrejas evangélicas, que em nada mudaram nos últimos dez anos, fossem surrados, nossas igrejas se tornariam "casas de espancamentos".

Nona Estrofe: Novos Aderentes ao Povo em Relação de Pacto com Deus **(44.5)**

44.5

Um dirá: Eu sou do Senhor; outro se chamará do nome de Jacó. As pessoas correrão para a fonte da bênção, para as águas, o lugar de crescimento e bênçãos. As palavras poderiam referir-se à rápida propagação dos judeus, que retornavam à antiga fé. Ou então temos aqui uma alusão às nações, na era do Reino, que se reunirão em torno da fé, até que todas as nações, de todos os lugares, tiverem sido recolhidas ao aprisco. Quanto a essa idéia, ver Isa. 11.9."... o anelo dos prosélitos pagãos em se reunir a Israel".

Descrições do Processo. Considere o leitor estes quatro pontos:

1. Eles farão confissões verbais e declararão que pertencem a Yahweh, em contraste a antes pertencerem aos deuses pagãos.
2. Alguns se identificarão com Israel, adotando o nome de Jacó e abandonando assim todas as identidades e fronteiras nacionais.
3. Outros irão a extremos, como inscrever o nome de Yahweh nas mãos, ao passo que antes tinham marcas de identificação que os vinculavam a ídolos. Talvez esteja em pauta uma marca de fogo, o que era uma prática do paganismo. Havia uma proibição contra essas marcas idolatras (Lev. 19.28).
4. As pessoas começarão a tomar várias formas de nomes divinos de Yahweh nos seus nomes pessoais, como nas combinações Daniel (El é o meu Juiz); eu Emanue/ (Yahweh está conosco); ou Samue/ (seu nome é El). Ou então os nomes de Israel, o povo de Deus, serão incorporados aos nomes de família. Diz o Targum: "No nome de Israel, ele se aproximará", a fim de adorar com eles no mesmo culto.

Cf. este versículo às provisões do pacto abraamico (ver Gên. 15.18). Desde o princípio, a bênção de Israel sobre as nações foi antecipada. Ver também Isa. 2.2,4. Ver Isa. 24.23 quanto a Israel como cabeça das nações durante a era do Reino. Ver também Isa. 55 e 66.18.

Yahweh Glorificar-se-á em Israel (44.6-8)

44.6

Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor. Este versículo salienta a soberania de Deus sobre os não-deuses. Yahweh assume aqui seu lugar certo na mente dos homens. O caráter *ímpar* de Deus é assim enfatizado. Vários títulos destacam a soberania de Deus. Esta nova seção repete, essencialmente, os argumentos contra a idolatria vistos nos capítulos 31 e 43.

Note o leitor o acúmulo de títulos divinos: Yahweh; Rei; Redentor; Senhor dos Exércitos; Primeiro e Último. Todos esses títulos fornecem-nos idéias da prioridade do Deus de Israel sobre os deuses falsos das outras nações, aqueles ídolos inúteis que são divinos quanto ao nome, mas não possuem a essência da deidade.

Referências. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Yahweh;* ver também sobre *Rei* em Isa. 43.15. Quanto a *Redentor,* ver no *Dicionário* e em Isa. 41.14; 43.14; 47.4; 48.17; 49.26; 59.20; 60.16 e 63.16. Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o verbete intitulado *Primeiro e Último.* Idéias adicionais são encontradas em Isa. 48.12.

Além de mim não há Deus. Uma declaração enfática em defesa do monoteísmo. Cf. Isa. 43.11; 44.8; 47.8-10. Ver Isa. 43.10 e as notas expositivas ali.

44.7

Quem há, como eu, feito predições desde que estabeleci o mais antigo povo? Se houver algum deus que possa reivindicar a verdadeira divindade, que avance, pois então será visto que outros poderes merecem lealdade da parte dos homens. Um deus deve defender seu respectivo território. Mesmo nessa chamada *irônica* a "outros deuses possíveis", Yahweh diz que qualquer reivindicação dessa ordem seria testada. Essa era a posição henoteísta: se existem muitos deuses, e vários deuses se aplicam a vários povos, contudo "para nós" há um só Deus. Mas não há aqui nenhuma real contemplação do *henoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário).* Talvez algum sacerdote idolatra desse um passo à frente para defender o seu deus.

A segunda parte deste versículo é uma repetição de Isa. 41.22,26-39, a *prova da profecia.* Para Isaías, somente Yahweh poderia predizer o futuro e inspirar o profeta a anunciar eventos futuros. Para ele, essa era a função divina. Naturalmente, sabemos atualmente que a psique humana (à parte de ajuda divina ou demoníaca) pode predizer o futuro. Ademais, existem profecias demoníacas que se cumprem. O fenômeno psíquico mais comum é o sonho de precognição, e todas as pessoas têm capacidade de prever o próprio futuro. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sonhos* e *Precognição.* Como é claro, as profecias dos verdadeiros profetas de Deus são algo muito mais elevado que a simples precognição, pois nesses casos temos a inspiração divina. Yahweh é a Causa Ativa dos eventos da história da humanidade (ver as notas expositivas em Isa. 13.6). Portanto, Ele sabe o que acontecerá no futuro.

O mais antigo povo. O original hebraico diz aqui, literalmente: "O povo do século", provavelmente uma referência aos patriarcas de Israel que se tornaram o alicerce da nação eleita. Mas alguns estudiosos fazem o hebraico falar impessoalmente: "coisas antigas do porvir" (Revised Standard Version)._A mesma expressão é usada para indicar o pacto eterno (ver Êxo. 31.16. Cf. Êxo. 40.15 e II Sam. 7.13,16). Certamente, nenhum ídolo, nem poder alegado representado por um ídolo, predissera alguma coisa assim.

44.8

Não vos assombreis, nem temais; acaso desde aquele tempo não vo-lo fiz ouvir...? O *Deus da Profecia,* que previu todas as coisas relativas às questões humanas, bem como o papel que seria desempenhado por Israel nessas questões, assegurou a Israel que não havia razão para temer o futuro. Grandes e boas coisas estavam resguardadas para o povo em aliança com o Senhor. Isso também foi predito e deveria ter cumprimento. O pacto abraamico não poderia fracassar. Eles tinham-se tornado testemunhas da tradição profética. Não há outros deuses que pudessem prever algo diferente, ou influenciar os eventos para que ocorressem de modo diverso. Só há um refúgio para uma alma ou nação, a

Rocha de Israel, outro nome de Deus. Ver sobre *Rocha* no *Dicionário.* Quanto a esse título no livro de Isaías, ver Isa. 17.10; 26.4 e 30.29.0 título também aparece em Deu. 32.4,18,30,31. Quanto a Cristo como *Rocha*, ver I Cor. 10.4. Quanto a *Refúgio*, ver Sal. 46.1. Quanto à chamada para os israelitas "não temerem", ver Isa. 8.12; 35.4; 41.10,13,14; 43.1,5; 44.2,8,11 e 51.7. Quanto à declaração monoteísta deste versículo, ver a mesma coisa dita e comentada no vs. 6 deste capítulo.

Contra a Idolatria (44.9-20)

Primeira Estrofe: A Futilidade de Fabricar ídolos (44.9)

44.9

Todos os artífices de imagens de escultura são nada. *Fabricar Ídolos* é o mais fútil de todos os empreendimentos humanos, porquanto a "promessa" que essa atividade apresenta é totalmente falsa, e o seu resultado é prejudicial ao fabricante. Os vss. 9-19 deste capítulo apresentam uma sátira contra a idolatria. Os que insistem em engajar-se nessa "arte" nada obtêm e se mostram espiritualmente cegos e ignorantes. Presumivelmente, eles promovem uma atividade espiritual, mas é tudo uma farsa. Os fabricantes de ídolos são testemunhas dos ídolos, fazendo a propaganda de seus potenciais. Mas são propagandistas de um produto fraudulento.

Alguns estudiosos emendam aqui o texto, trocando a palavra "testemunhas" pelo vocábulo "servos" ou "adoradores", o que perfaz um sentido mais fácil, embora "testemunhas" não seja impossível. "Os ídolos vazios, destituídos de vida, não transmitem nem visão nem conhecimento" (James Muilenburg, *in loc).* Os fabricantes de ídolos-parecem propositadamente reter fechados olhos e ouvidos, para não reconhecer que o que estão fazendo é perfeitamente inútil. As coisas que eles fabricam finalmente só produzem *vergonha.* Ver o vs. 11 deste capítulo, bem como Isa. 42.17 e 45.16. Dizemos *vergonha* porque tudo quanto está envolvido na idolatria fracassa, exceto no sentido em que produz julgamento.

Segunda Estrofe: Aqueles que Fabricam ídolos Serão Julgados (44.10-11)

44.10-11

Quem formaria um deus... que é de nenhum préstimo? Quem é tolo o bastante para fabricar ídolos? Quem fabricaria ídolos inúteis e os apresentaria como divindades? Yahweh queria saber: "Quem fez esses deuses falsos? quem fabricou esses ídolos inúteis?" (NCV). Todos os que se envolvessem em tão ridícula enfermidade seriam envergonhados. Os fabricantes de ídolos podiam ser homens habilidosos, cada qual em sua linha dessa "arte". Mas não passavam de seres humanos — e pode um mero mortal fazer algo *divino,* muito superior a ele mesmo? O pensamento é tão ridículo que nenhum homem mentalmente são levaria a idéia a sério; no entanto, os fabricantes de ídolos, em sua *insanidade espiritual,* levam a empreitada a sério. Portanto, disse Yahweh: "Reuni todos esses artífices, e eles serão envergonhados e amedrontados juntamente". Yahweh faz esses tolos comparecer em Seu tribunal, onde terão de confessar a estupidez na qual se envolveram. Todos os que estiverem no tribunal ouvirão as evidências e a vergonha daqueles insensatos, por causa daquilo que estiveram fazendo. A guilda dos fabricantes de ídolos jamais deveria ter entrado naquele negócio.

Terceira Estrofe: O Ferreiro (44.12)

44.12

O ferreiro faz o machado, trabalha nas brasas e forma um ídolo. Yahweh denunciou a *equipe de fabricantes de Ídolos* (vss. 12-20). Ver algo similar em Isa. 41.6,7, onde os artífices se encorajam mutuamente em seus labores nefandos, esperando fabricar alguns bons deuses que os ajudem a escapar do látego dos assírios. Alguns ídolos eram de madeira ou pedra cruamente moldados, mas outros eram trabalhos fantásticos. Quando os ídolos eram feitos de metal, como o chumbo, eram cobertos com os metais nobres, como ouro ou prata. Esse processo requeria técnica. Portanto, temos aqui um ferreiro fazendo a sua parte. Ele usa instrumentos especiais para bater o metal quente a fim de obter o formato desejado. Ele precisa ter braço forte para o trabalho. Embora estivesse fazendo um *deus,* fica faminto, e assim perde as energias para trabalhar. Ele fica com sede e cansado, apesar de sua "obra divina". O texto pode dar a entender que o homem é diligente, mas pobre, ao passo que o "deus" não dá a seu fabricante nem mesmo o suficiente para ele comer e beber, embora seja um servo especial do ídolo e, de fato, o fabricante do deus. Temos nisso um grande absurdo: o fabricante de um deus ficando com fome! Isso demonstra a impotência das divindades fabricadas pelos homens. Talvez tenhamos aqui um comentário sobre o *zelo* do fabricante de ídolos, e não sobre a sua pobreza. Enquanto ele fabrica o ídolo, fica tão entretido que não pára nem para comer nem para beber, pelo que se exaure. Mas que é isso para um esforço que resulta no nada?

Quarta Estrofe: O Carpinteiro (44.13)

44.13

O artífice em madeira estende o cordel e, com o lápis, esboça uma imagem. Agora temos um ídolo de madeira que requer as habilidades de um especialista em xilogravura. O homem tem um plano e instrumentos de medição e corte. Ele seleciona cuidadosamente a madeira que empregará na tarefa. Assim, fabricará um excelente *ídolo doméstico,* uma imagem para ser admirada por muitos, diante da qual as pessoas se prostrem, adorem e profiram orações tolas. Um artífice em madeira faz muitos objetos e, ocasionalmente, faz um deus para ser vendido. Ele pode fazer qualquer tipo de coisa a partir da mesma peça de madeira. Não existe madeira profana nem madeira divina, mas o material usado torna-se profano ou divino, de acordo com a vontade do carpinteiro. Portanto, que grande poder ele tem! Cf. Horácio, *Satyr,* lib. I. viii:

> Antigamente, eu era o tronco de uma figueira, um tronco inútil de madeira; quando o carpinteiro, depois de alguma hesitação entre fazer um deus ou uma banqueta, finalmente resolveu fazer para mim um deus. E assim tornei-me um deus!

Horácio, tal como o profeta, falou em *cortante ironia,* conforme a natureza dos vss. 10-17. A mesma peça tornou-se ainda combustível para uma fogueira, para cozinhar o almoço de um homem, ou para fazer para ele um deus, tudo dependendo da vontade do carpinteiro!

Quinta Estrofe: Madeira como Combustível ou para Fabricar um Deus (44.14-15)

44.14-15

Um homem corta para si cedros, toma um cipreste ou um carvalho. Embora seja apenas um ser humano, o carpinteiro tem uma decisão momentosa a tomar. Da mesma peça de madeira (seja cedro, cipreste ou carvalho, todas as três madeiras de grande duração), ele pode fabricar um deus ou fazer uma fogueira. Sendo plantador de florestas, ele plantou pessoalmente as árvores, ou escolheu certas árvores na floresta, a fim de usar a madeira. Uma vez que as chuvas tenham levado uma árvore a certo tamanho, ele corta as que mais lhe convierem. Ele pode precisar fazer uma fogueira para aquecer-se na estação do inverno. Também pode querer cozinhar seu almoço. Ou então pode usar parte da madeira para esses propósitos profanos, e outra parte para fabricar seu deus (vs. 15). O que acontece à madeira depende da vontade todo-poderosa do carpinteiro, o qual tem nas mãos as questões de vida e morte!

Essa é outra forma de ironia cortante, cujo fim é fazer os homens despertar de tal ilusão; mas o negócio de fabricação de ídolos produzia um bom dinheiro. É um negócio irracional, apreciado entre os pagãos, pelo que os homens continuam insensíveis para com o absurdo. Esse "sábio" carpinteiro não meramente vende os ídolos a outras pessoas, mas prepara um ídolo para si mesmo, e acaba prostrando-se e adorando o tronco de madeira que ele mesmo transformou em um deus doméstico qualquer! Sabemos quão absurdo é isso tudo, mas fazemos o mesmo com nossos ídolos: dinheiro, poder, fama e prazeres. Até mesmo o trabalho de um homem pode tornar-se seu ídolo, quando ele negligencia outros valores e torna-se um viciado no trabalho.

Sexta Estrofe: Do Resto Sai um Deus (44.16-17)

44.16-17

Metade queima no fogo, e com ela coze a carne para comer. Continua aqui a descrição do trabalho efetuado por um carpinteiro. A diatribe irônica adiciona absurdo ao absurdo na tentativa de levar os homens a perceber a total insensatez dos ídolos e seus fabricantes. A idéia do vs. 15 é apresentada de forma mais elaborada. Neste versículo, entretanto, vemos o homem queimando metade de seu pedaço de madeira para aquecer água ou para cozinhar. No vs. 17, ele usa o resto da madeira para fabricar um ídolo.

Note o leitor como a *mera chance* termina trazendo um *deus* à existência. Conta-se a história de como Diágoras de Melo, um bem conhecido ateu, lançou um Hércules de madeira em sua lareira para queimá-lo, ordenando que aquele deus-herói realizasse um décimo terceiro trabalho, *ou,* simplesmente, se assim preferisse, cozinhasse o seu jantar! E assim encontramos o ridículo espetáculo de um ateu sabendo mais do que teístas mal orientados. John Gill *(in loc),* chamou essa "arte" do fabrico de ídolos de "estupidez monstruosa".

Sétima Estrofe: A Cegueira da Adoração aos ídolos (44.18-20)

44.18

Nada sabem, nem entendem. Os olhos e a mente dos fabricantes de ídolos e adoradores de ídolos estão fechados. Eles são afetados por uma espécie de cegueira que prejudica a alma, marcando-a para julgamento. Diz o hebraico, literalmente: "Seus olhos estão lambuzados" com alguma espécie de material que lhes impede a visão. Havia um rito judicial no qual os olhos de um criminoso eram lambuzados com lama para que o homem ficasse cego. Assim também, Yahweh subentende aqui que essa gente (os fabricantes e adoradores de ídolos) sofreu uma cegueira judicial devido a seus atos criminosos. Ver Rom. 1.20-28. Os intérpretes usam a expressão *cegueira judicial* para indicar a cegueira infligida por Deus, pelo que os homens que se recusam a ver acabam impedidos de ver.

44.19

Nenhum deles cai em si, já não há conhecimento. Os cegos, que também são homens de mente bitolada, fazem todo o trabalho de cultivar árvores para sua "arte" e então usam a mesma madeira para cozinhar uma refeição e para fabricar um "deus", mas não percebem o absurdo do que estão fazendo. Eles têm uma cegueira e uma insanidade especializada. Em lugar de fabricar algo realmente divino, eles fazem uma *abominação.* O próprio Yahweh assim caracteriza as cogitações dos fabricantes de ídolos. Eles fazem algo *detestável,* algo a ser *desprezado e odiado,* em vez de adorado. O profeta Isaías, com sua fé invencível no único verdadeiro Deus, tão diferente que é Ele dos homens, e que habita nos céus, não conseguia compreender a mentalidade dos fabricantes de ídolos, e assim produziu uma elaborada e cortante sátira sobre a questão da idolatria. Adorar a madeira é sujeitar a mente ao empreendimento mais vil de que um homem é capaz.

44.20

Tal homem se apascenta de cinza; o seu coração enganado o iludiu. Tanto o fabricante quanto o adorador de ídolos é homem de *mente iludida.* Ele se alimenta de cinzas. Sendo cego, fica permanentemente cego pelo julgamento judicial divino. Não consegue mais perceber que sua mão direita *produz mentiras,* ou seja, ídolos, que enganam a ele mesmo, como fabricante, bem como àqueles a quem ele vende os seus produtos. "Para Jeremias, os deuses eram mero vapor e vaidade (ver Jer. 2.5; 10.8; 14.22), não eram verdadeiros *deuses* (2.11 e 5.7), mas *coisas detestáveis* (4.1; 7.30; 13.28; 16.18. Cf. Deu. 29.16). Eram blocos deformados de ídolos de estrumo" (James Muílenburg, *in loc).*

"O coração e a vontade desviam-se primeiro, depois seguem-se o intelecto e a vida (Rom. 1.28; Efé. 4.18). O produto da mão do homem consiste em autoludíbrio!" (Fausset, *in loc).* Cf. Isa. 12.1: "Efraim alimenta-se do vento". Ele se alimenta de *palha* (Jer. 23.28) e se apascenta de cinza (versículo presente), e assim morre espiritualmente, por falta da nutrição apropriada. Os ídolos de um homem matam sua alma de inanição. Os ídolos trazem morte, ao invés da vida. Morrendo de fome, o homem perde sua capacidade de mudar. Ele morrerá em sua miséria autocultivada.

Israel é Advertido (44.21-23)

44.21

Lembra-te destas cousas, ó Jacó, ó Israel, porquanto és meu servo. Yahweh, tendo terminado sua diatribe contra os fabricantes e adoradores de ídolos, agora a aplica a Israel. Ele esperava mais deles, que deveriam evitar o absurdo da "arte" dos ídolos. Seu povo foi chamado para ter em mente o que Ele havia dito. Os israelitas deviam ser distintos dos pagãos, pois eram o povo de Deus e os servos de Deus. Foi Ele quem os fez (Isa. 43.1,7; 44.2). Eles eram Seu produto ímpar e distintivo por meio da lei (ver Deu. 4.4-8). O Senhor nunca os esqueceria, por causa do pacto entre eles. Ver sobre o pacto abraâmico em Gên. 15.18.

Estes versículos continuam as idéias dos vss. 6-8. É notável o contraste entre Israel e os povos iludidos, fabricantes e adoradores de ídolos (vss. 9-20, contrastados com os vss. 21 ss.). Israel fora *remido,* em contraste com os povos auto-iludidos, que acabaram apanhados em sua estupidez. Yahweh não **é** o tronco de uma árvore moldado por mãos humanas. É o Deus do alto, que pode satisfazer toda necessidade humana. As pessoas iludidas eram servas das vaidades e abominações, que as contrastavam com os servos do Deus vivo, o qual, ocasionalmente, revelava Seu poder e presença por meio da glória *shekinah* no templo, dando evidências de Sua proteção, orientação e cuidado.

44.22

Desfaço as tuas transgressões como a névoa. Yahweh tinha tratado com o problema do pecado dos filhos de Israel. Eles não tinham sido cegados judicialmente, como era o caso dos pagãos. Deus tomou Sua grande vassoura celestial e varreu para longe os pecados deles. Portanto, esses pecados caíram no esquecimento, ao passo que as próprias pessoas passavam para a glória celestial. Cf. a metáfora do "apagar os pecados" em Isa. 43.25.0 vento levou as nuvens, e assim Yahweh, com Seu vento celeste, varreu para longe as nuvens negras das transgressões humanas. Névoas espessas cobrem o solo e encobrem as montanhas e os vales, mas o sol divino se levanta e logo as névoas são retiradas pelas correntes de ar resultantes do calor. 'Tal como o sol matinal, Deus, o Redentor (ver Isa. 41.14; 63.9) remove o pecado que escurece o céu de Israel" *[Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 22). Tal como o sol e o vento expelem a névoa e a neblina (Jó 30.15), assim Yahweh age em favor de Seu povo, no tocante a seus pecados escurecedores.

Porque eu te remi. Cf. Isa. 1.27; 29.22; 35.9; 43.1; 44.22,23; 48.20; 51.11; 52.3,9; 62.2; 63.4,9. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Redenção (Redentor).*

O Cântico Universal de Louvor: Do Céu, da Terra e do Sheol (44.23)

44.23

Regozijai-vos, ó céus, porque o Senhor fez isto. Os céus e a terra foram convidados a celebrar a redenção de Yahweh. Grandes boas-novas tinham chegado. Os céus cantam acerca da questão. A redenção foi conseguida. A terra transformou o tema em canção. "O profeta estava acostumado com a crença popular dos céus, das estrelas e dos luminares maiores cantando (ver Isa. 40.26). A expansão inteira do firmamento deve ressoar com a alegria causada por esse feito de Deus... até os mais profundos *abismos* e as cavernas ocultas despertarão ao sonido do coro universal e juntarão a isso suas vozes. As *montanhas,* com sua antiga segurança e força, darão jubiloso testemunho (cf. Isa. 41.19,20). As *florestas* também interromperão o seu silêncio (ver Isa. 55.12,13). A *natureza* entrega suas grandes boas-novas que vinham sendo proclamadas o tempo todo:

Yahweh redimiu a Jacó, e glorificar-se-á em Israel!

(James Muilenburg, *in loc).*

Cf. este versículo com Jer. 51.48 e Apo. 1.12 e 18.20.

Ó profundezas da terra. Essas profundezas, tal como em Efé. 4.9, eqüivalem ao sheol ou hades. Até mesmo eles, que geralmente são concebidos como lugares que não ecoam nenhum cântico ou louvor (ver Sal. 46.5; 88.12; Isa. 38.18), são aqui convidados a juntar-se à grande doxologia. Assim sendo, temos o tríplice testemunho do louvor: os céus, a terra e o sheol. Jesus, o Cristo, teve uma missão tridimensional que incluiu todas as regiões da criação dentro da esfera da redenção. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades.*

A Unção e a Missão de Ciro (44.24 - 45.13)

Primeira Estrofe (44.24-28)

44.24

Assim diz o Senhor, que te redime, o mesmo que te formou desde o ventre materno. O *Redentor* é o *Criador* que exerce autoridade sobre todas as coisas, tanto mediante a criação como mediante Seu ato remidor. "Vss. 24-29: Um prólogo histórico-profético, que sumaria os poemas anteriores, e chega ao clímax, quando Deus designa *Ciro* como seu pastor (termo sinônimo de rei; ver Jer. 23.4)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 24). Este poema compõe-se de três longas estrofes: vss. 24-28; vss. 45.1-7; vss. 9-13. Esta seção, que menciona nominalmente Ciro, tem levado muitos eruditos a considerá-la histórica, e não profética, em atribuição a um autor diferente, ou seja, o Segundo Isaías, ou outro qualquer. Ver a seção IV da *Introdução* que trata das questões de autoria e data.

A introdução (primeira estrofe) contém todos os elementos distintivos sobre o autor; a redenção; a criação; a história teísta da terra; o monoteísmo; a profecia sobre a soberania de Deus; e o propósito divino que permeia a todas as coisas. A criação e a história estão intimamente ligadas, formando uma unidade que não pode ser separada (ver Isa. 40.12-31). E a história está intrinsecamente ligada ao propósito redentor de Deus. A soberania de Deus sobre Israel é inerente ao fato de ser Ele o Criador. Cf. o vs. 2 do presente capítulo, bem como Isa. 43.1,7,21. Foi Yahweh quem *estendeu os céus* e formou a terra (cf. Isa. 40.22 e 42.5), pelo que Ele exerce autoridade sobre todas as coisas. Cf. Amos 4.13; 5.8,9 e 9.5,6.

E sozinho espraiei a terra. *Quem Estava Comigo?* é uma adição do manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto, com os quais concordam as versões da Septuaginta e da Vulgata Latina. Temos aqui outro incidente em que os manuscritos hebraicos da coletânea dos Papiros do Mar Morto concordam com as versões,

em contraposição ao texto massorético. Dou outros exemplos e discuto esse fenômeno e seu significado para a critica textual do Antigo Testamento, em Isa. 26.19. Esta parte do versículo deve ser comparada a Isa. 40.13; 63.3 e Jó 9.8.

44.25

Que desfaço os sinais dos profetizadores de mentiras. Em Yahweh está a própria fonte de todo o conhecimento, pelo que todos os *imitadores* serão confundidos. Essas palavras recuam às obras nefandas dos fabricantes e adoradores de ídolos (vss. 9-20), mas a idéia é expandida para incluir várias formas da religião paga. Os ídolos são mentiras, e aqueles que os fabricam são criadores de mentiras, enganadores do próximo (vs. 20; as mentiras são o produto de suas mãos). Além desses, há *profetas mentirosos* (NCV), que entregam falsos oráculos e dão falsos sinais. Além disso, os operadores de mágica misturam-se aos atos pagãos e produzem os seus disparates. São meros insensatos que brincam de *adivinhar* (ver no *Dicionário* o verbete chamado *Adivinhação).* Yahweh lançará todos esses na mais completa confusão.

Os *sábios,* de acordo com os padrões humanos, que se distinguem entre os homens, não passam de toleirões aos olhos de Yahweh. Isso inclui os praticantes de magia negra e branca, mas também os mestres. Em contraste, aparecem as profecias de Yahweh (incluindo aquela sobre Ciro), que produziriam coisas novas e surpreendentes: a volta de Israel do cativeiro babilónico e, eventualmente, Israel como cabeça das nações durante a era do Reino de Deus (ver Isa. 24.23). A diatribe é geral, mas com aplicação especial aos oráculos, profetas e sábios da Babilônia que tinham levado Judá para o cativeiro. Todos os propósitos dos povos pagãos serão frustrados, e eles mesmos serão lançados na confusão, pois não perceberam o próprio fim nem a reversão da boa sorte de Judá.

44.26

Que confirmo a palavra do meu servo, e cumpro o conselho dos meus mensageiros. Em contraste com os profetas pagãos, mágicos e sábios que não previram a própria condenação nem a reversão da sorte de Judá, estavam os profetas de Judá, como Isaías e Jeremias, os quais previram claramente a restauração, a reconstrução de Jerusalém, as cidades de Judá, o templo de Jerusalém e um Novo Dia para a nação. O *servo do Senhor* provavelmente era Isaías e outros como ele, por implicação. Alguns estudiosos emendam essa palavra para sua forma no plural, *servos,* mas isso é desnecessário. Veremos Ciro como servo de Deus e pastor (outro nome para rei); mas ele não está em vista aqui, pois não era uma figura profética.

44.27

Que digo à profundeza das águas: Seca-te. Considere o leitor estes três pontos:

1. Pode haver aqui uma alusão ao controle sobre o caos primitivo, por parte de Yahweh, na ocasião da criação, o *tehom rabbah* de Isa. 51.10. Mediante essa referência, devemos entender que o poder capaz de fazer isso pode fazer qualquer coisa, incluindo a reintegração de Judá à sua terra natal (vs. 26).
2. Ou a alusão é ao mar Vermelho, que foi aberto e controlado para permitir que Israel atravessasse a pé enxuto (ao passo que seus inimigos, os egípcios, foram destruídos) e daí partisse para a conquista da Terra Prometida. Nesse caso, devemos pensar em uma Nova Conquista (livramento da Babilônia e reconstrução de Jerusalém), o início de uma nova nação, por meio da tribo de Judá.
3. Ou então a alusão é ao desvio do rio Eufrates de seu leito (o qual assim secará), o que permitiu a Ciro e seus exércitos a conquista da Babilônia e, subseqüentemente, a libertação de Judá do cativeiro. O rio Eufrates foi desviado para o canal de Sefarvaim, e o caminho foi aberto para os exércitos invasores. Ver Heródoto, *História* i.181. Aquele rio era um emblema do poder da Babilônia, pelo que ambos caíram juntos diante de um poder superior, e o reino de terror da Babilônia, naquela parte do mundo, chegou ao fim. Cf. Jer. 50.38 e 51.36.

44.28

Que digo de Ciro: Ele é meu pastor, e cumprirá tudo o que me apraz. Este versículo atua como clímax da estrofe de introdução. Chegamos assim a *Ciro,* o qual é tanto servo como pastor de Yahweh, enviado para cuidar de Judá em um momento crítico de sua história. O servo-pastor cumpriria o propósito de Yahweh naquele estágio da história. Um novo período foi iniciado. Foi o fim da era dos semitas. Agora o poder passava para povos de línguas indo-européias. A maròha da história se movia para o ocidente. De Ciro, da Média-Pérsia, passaria para os gregos; destes para os romanos; para os países europeus; para a Inglaterra; e para os Estados Unidos da América. E o que restará mais ainda? A China. Por quanto tempo mais o *movimento ocidental* dominará a história mundial? Teremos de esperar para descobrir. Seja como for, ver Isa. 13.6 quanto ao controle divino dos acontecimentos humanos, as operações da soberania e providência de Deus.

Esta profecia tem seu escopo na fuga de Judá da Babilônia e na reconstrução do seu templo. Mediante *apiicação,* ainda que não através de interpretação, podemos falar sobre a restauração da era do Reino.

Os medos e os persas capturaram a Babilônia em 539 A. C. (ver Dan. 5.30). No ano seguinte foi expedido o decreto de Ciro, libertando os judeus do exílio babilónico. Ver II Crô. 36.22,23 e Esd. 1.1-4. O segundo templo de Jerusalém foi terminado em 515 A. C. Então, em 444 A. C, Neemias foi a Jerusalém reconstruir as muralhas da cidade (ver Nee. 1-2 e Dan. 9.25).

"Cada página da história pode começar e terminar com a exclamação: Deus é Grande, e maravilhosos são os Seus feitos entre os filhos dos homens; e desafio qualquer homem a penetrar os segredos e as leis dos eventos sem algum vislumbre de fé. Ele poderá contemplar e ver como que o piscar das estrelas e dos planetas, e medir suas distâncias e movimentos; mas a vida da história escapará da atenção dele. Ele poderá empilhar um montão de pedras, mas não chegará à própria alma das coisas" (George Bancroft).

Capítulo Quarenta e Cinco

Não há interrupção entre os capítulos 44 e 45 do livro de Isaías. Estamos seguindo um poema dotado de três estrofes: Isa. 44.24-28 (a declaração introdutória); 45.1-7; e 45.9-13. O grande assunto é como Ciro e seus exércitos fizeram a história da humanidade mudar para outro plano. Ver as notas sobre Isa. 44.28 e quanto a idéias concernentes.

Segunda Estrofe: A Comissão de Ciro (45.1-7)

45.1

Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita. Ciro tinha uma missão a cumprir. Que o leitor considere estes cinco pontos:

1. Liberar o mundo do domínio babilónico, para pôr fim ao pesadelo babilónico.
2. Vingar contra aquela potência todas as barbaridades que os babilônios tinham infligido a outros povos.
3. Liberar Judá do cativeiro e tornar possível a restauração de Jerusalém e Judá. Isso significava a continuação do povo de Israel, através de uma tribo, Judá, e armou o palco para toda a história que se seguiria, incluindo a era do reino, quando Israel se tornar cabeça das nações (Isa. 24.23).
4. Como é óbvio, a restauração de Israel possibilitou a vinda do Messias para ser o Salvador do mundo inteiro. Portanto, o edito de Ciro tornou-se possível **até** a existência da igreja cristã.
5. Com Ciro, terminou a época dos povos semitas, e o poder da civilização passou para nações de língua indo-européia, caminhando na direção do ocidente. Comento sobre isso em Isa. 44.28. Ciro foi a *mão* de Deus quanto a todos esses propósitos. Ver sobre *mão* no *Dicionário* e também Sal. 81.14, onde apresento uma nota de sumário, sobre *mão direita* em Sal. 20.6 e sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1.

Ao seu ungido. Descrição incomum para indicar um pagão. O título foi dado depois que Ciro foi chamado de "pastor". A combinação fornece licença para que alguns intérpretes chamem Ciro de tipo de Cristo.

"Esta é a única instância onde a palavra 'ungido' é aplicada a um gentio. Nabucodonosor foi chamado de 'servo' de Yahweh (ver Jer. 25.9; 27.6 e 43.10). Isso, juntamente com a designação 'meu pastor' (Isa. 44.28), também um título messiânico, assinalou Ciro como notável exceção, um tipo gentílico de Cristo. Os pontos são: 1. ambos são irresistíveis conquistadores dos inimigos de Israel (Isa. 45.1; Apo. 19.19-21); 2. ambos são restauradores da cidade santa (Isa. 44.28; Zac. 14.1-11); 3. por meio de ambos, o nome do verdadeiro Deus é glorificado (Isa. 45.6; I Cor. 15.28)" (Scofield Reference Bible).

E descingir os lombos dos reis. Ou seja, debilitá-los; levá-los à queda e à sujeição; desarmá-los, visto que a espada ficava pendurada do cinto.

Para abrir diante dele as portas. As portas de todas as cidades que Ciro conquistou, incluindo as famosas cem portas de Babilônia (Heródoto, *História* i.179). "As portas do palácio foram abertas, imprudentemente, por ordem do rei, para ver o que seria todo aquele tumulto. Dois grupos de soldados, guiados por Gobrias e Gadatis, se precipitaram. E tomaram possessão do palácio, e o rei da Babilônia foi executado" (Adam Clarke, *in ioc,* dando informações que foram fornecidas por Xenofonte, *Cyrop.* vii. par. 528).

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre *Ciro,* que conta a história toda, preenchendo panos de fundo históricos e detalhes interessantes. Estão incluídas fontes de informação, entre as quais evidências arqueológicas.

45.2

Eu irei adiante de ti, endireitarei os caminhos tortuosos. Este versículo amplia o que é dito no vs. 1, onde forneço amplas notas expositivas. Yahweh, falando aqui na primeira pessoa do singular, declarou enfaticamente Sua orientação e poder dados a Ciro. Isso posto, somos remetidos à tese discutida em Isa. 13.6, o controle divino da vida humana. Ciro e seus exércitos marchariam por um terreno fácil e nivelado, porquanto todos os obstáculos e lugares altos seriam nivelados. Ver um fraseado similar em Isa. 40.3,4, a preparação para a vinda do Messias. As fortificações das nações, seus portões e suas barras seriam cortados em pedaços. Nenhum poder na terra seria capaz de deter Ciro. Ele era o homem da hora e desempenharia a contento seu papel, a fim de cumprir sua missão, o que comento no vs. 1. Cf. Sal. 107.16. Heródoto *(História* i.179) fala sobre a questão: "Ao redor das muralhas da Babilônia havia cem portões, todos de bronze, com vergas e batentes de bronze". Quanto à destruição de Babilônia, que foi tão grande que a tornou desabitada e impossível de ser ocupada, ver Isa. 13.19-22. Estritamente falando, foi Dario (rei depois de Ciro) quem demoliu os famosos portões da Babilônia.

45.3

Dar-te-ei os tesouros escondidos, e as riquezas encobertas. *Xenofonte* disse-nos que fora informado por Gobrias que a Babilônia tinha enormes riquezas materiais *{Cryop.* V. 2.8). Grande parte dessas riquezas tinham sido obtidas mediante saque. Tudo isso se tornou de Ciro, quando ele derrotou a potência semita. Babilônia era a mais rica cidade do mundo naquela época (Plínio, *História Natural,* xxxiii.15). Todos aqueles tesouros secretos e estoques de riquezas seriam descobertos e possuídos por Ciro. Cf. Jó 3.21 e Pro. 2.4. Plínio diz que ele descobriu 34.000 libras de ouro, vasos de ouro de peso desconhecido, além de 15.000 libras de prata e outros tesouros de valor indeterminado.

A expressão "tesouros escondidos" alude ao antigo costume de sepultar ou esconder tesouros no chão e em outros lugares secretos, por temor dos ladrões e a fim de manter a privacidade. Yahweh deu todas essas riquezas a Ciro, como salário por ter feito bem o seu trabalho. Yahweh chamou Ciro por seu nome e estabeleceu-o no mundo como a maior potência da sua época. O cilindro de Ciro dá a *Marduque* o crédito pelo sucesso de Ciro, conferindo-nos uma afirmativa muito parecida com a do presente versículo, que o chamava pelo nome etc. Cf. Isa. 43.1. Para os antigos, o poder de um homem jazia em seu nome, e muito mais quando a divindade lhe era atribuída.

45.4

Por amor do meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu te chamei pelo teu nome. Ciro era altamente favorecido por Yahweh, não por causa do que era em si mesmo, mas por ser um bom instrumento para abençoar a Israel, o *eleito* de Deus. Assim, Ciro teve uma eleição secundária, a fim de ser capaz de servir ao *eleito primário.* Yahweh deu-lhe um título honorário. Ele era servo, pastor e escolhido, e seu nome deve ter indicado esses elementos. Ele era "messias" e "pastor", embora, como é óbvio, não fosse "o Messias" e "o Pastor". O próprio Ciro não tinha consciência de que era um vaso escolhido daquela maneira por Yahweh, mas sua ignorância em nada alterou o fato. Ele foi chamado e equipado para ser um vaso especial e cumprir sua missão. Certamente foi uma missão histórica, conforme demonstro no vs. 1 deste capítulo. "Quão espantado teria ficado Ciro (e também todos os seus contemporâneos) se fosse informado que as conquistas mundiais esmagadoras dos persas visavam o benefício de alguns poucos milhares de cativos judeus na Babilônia" (Henry Sloane Coffin, *in* toe). Naturalmente, nada disso aconteceu por causa deles somente. Havia outros fatores envolvidos, mas esse era o mais importante item envolvido.

45.5

Eu sou o Senhor, e não há outro. *O único Deus,* o único Senhor, *Yahweh,* era o poder por trás de Ciro, porquanto não havia outro poder divino. Não há outro Deus além Dele. Portanto, visando o benefício de Ciro, são repetidas essas declarações monoteístas enfáticas, as quais já haviam sido atribuídas a Judá. Cf, Isa. 43.11; 44.6,8. Equivocadamente, Ciro tinha dado crédito ao deus pagão Marduque, mas, na realidade, ele chegara a ocupar a posição que ocupava mediante o poder de Yahweh. Era um instrumento inconsciente, Ciro foi cingido com seu cinto de guerreiro pelo próprio Yahweh, e a espada que estava ali pendurada era a Espada do Senhor.

45.6

Para que se saiba até ao nascente do soi e até ao poente, que além de mim não há outro. *Israel* recebeu o testemunho de que Yahweh era o único Deus, o único poder celestial e ativo; *Ciro* recebeu a mesma mensagem; e daí essa mensagem foi transmitida a todas as nações, sem importar onde estivessem, tanto no leste, onde o sol nasce pela manhã, quanto no oeste, onde o sol se põe à noite.

> *A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

"De leste para oeste: o mundo habitado inteiro" (Fausset, *in* toe). Como é natural, o cumprimento maior disso espera pelo tempo de estabelecimento da era do Reino de Deus. Assim sendo, embora a profecia diga respeito a Ciro, deverá ultrapassar em muito sua época, para atingir a concretização total.

45.7

Eu formo a luz, e crio as trevas. *Deus É a Causa Única?* Era uma doutrina hebraica comum que Deus é a causa única de tudo; e isso fazia Dele a causa do mal, por igual modo. Vemo-lo aqui a criar o mal e, dependendo de nossa interpretação, podemos atribuir ou não todas as coisas, em sentido absoluto, a Deus. Devemos relembrar que a teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias,* pelo que, equivocadamente, atribuía tudo à agência divina, até mesmo as coisas más. Nossa teologia cristã ultrapassa essa limitação. Além disso, os capítulos anteriores certamente atribuem o mal a causas secundárias, e é somente com base em causas justas que pode haver algum julgamento justo.

Yahweh cria a *luz e as trevas,* literal e figuradamente (moralmente). Ele estabelece a paz e provoca a guerra. Cria o que é bom e o que é terrível. É Ele quem faz "todas essas coisas". Essas palavras por certo soam como se Deus fosse a causa única. O livro de Eclesiastes, do começo ao fim, mantém bem alto essa doutrina. Assim também faz o capítulo 9 da epístola aos Romanos. E devo dizer que outras Escrituras, aqui e acolá, vêem toda essa doutrina de Deus como a causa única de todas as coisas; mas no todo, a Bíblia e nossa teologia avançaram para além dessa marca, ao reconhecer a existência de *causas secundárias.* Não pode haver responsabilidade moral sem a existência de causas secundárias.

Erskine of Linlathen debateu-se com esse problema: "Não é um mistério que Deus deve ser o *amor onipotente,* e, no entanto, por que o mundo é um vasto caldeirão, fervendo de violência, polução e miséria?". Caros leitores, não há mistério algum nisso, embora existam muitos mistérios. Solucionamos esse mistério dizendo simplesmente: "Essa idéia é reflexo de uma teologia má". Há o difícil *Problema do Mal* (ver no *Dicionário):* o *mal moral* (coisas terríveis que os homens praticam contra os semelhantes); e o *mal natural,* os abusos da natureza, incêndios, terremotos, inundações, acidentes, enfermidades e morte. Mas esse problema não será resolvido, se lançarmos tudo na conta de Deus.

Platão certamente tinha razão quando disse: "Deus, se Ele é bom, não é o autor de todas as coisas, conforme muitos asseveram, mas é a causa somente de algumas coisas, e não da maior parte das coisas que acontecem aos homens. Pois poucos são os pontos bons da vida humana, e muitos são os males; e somente o que é bom deve ser atribuído a Ele. Quanto ao que é mal, outras causas têm que ser descobertas" (A *República,* II, 379). Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Determinismo* e *Predestinação.*

James Muilenburg tentou aliviar o presente versículo, que parece atribuir a Deus a idéia de ser Ele a causa única de todas as coisas, ao destacar somente os desastres físicos, sem tocar nas coisas do espírito; isso não soluciona a questão, mas a atenua um pouco.

Hino à Salvação Universal (45.8)

45.8

Destilai, ó céus, dessas alturas, e as nuvens chovam justiça. Antes de entrar na terceira estrofe, o profeta parou para entoar os louvores da provisão universal de Deus. E usou uma metáfora baseada na vida agrícola. Os céus derramam a justiça sobre a terra, como uma chuva agradável, transmissora de vida. A terra sedenta bebe a chuva e corresponde produzindo a verdura saudável da salvação. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Salvação.* Quanto ao Deus da salvação, ver a nota de sumário em Sal. 62.2. Ver também Sal. 3.8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7 e 149.4. Este versículo é uma promessa relativa ao reino de Deus, mas devemos lembrar que a própria era do Reino é um passo na direção da concretização maior das esperanças da salvação, nas eras eternas que se seguirão. "Os dons da salvação são universais (cf. os vss. 6-7); e os céus e a terra corresponderão com júbilo e alegria à redenção universal" (James Muilenburg, *in* toa). "A salvação, como uma grande colheita, far-se-á sentir. Pessoas de todos os lugares da terra conhecerão o Senhor (vs. 6; **11.9;** 2.14)" (John S. Martin, *in* toe). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração.*

Terceira Estrofe: A Soberania Divina sobre a Natureza e a História (45.9-13)

45.9

Ai daquele que contende com o seu Criador! A metáfora do oleiro adverte os homens de rebelar-se contra a soberania divina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania.* Ciro era o instrumento divino que não podia ser detido. Era como se fosse um segundo Moisés, uma figura do Messias (vs. 1). O livramento divino e a eventual exaltação de Israel sem dúvida ofenderam seus vizinhos, mas isso de ser ofendido não impede as operações de Yahweh no mundo (ver 13.6 quanto a um desenvolvimento do tema). Pedaços quebrados de barro cozido dificilmente podem dizer algo contra o oleiro. O vaso escolhido era Israel, em contraste com os pedaços quebrados de barro queimado. Os pedaços quebrados dificilmente poderiam dizer ao Oleiro que ele não tinha mãos, e por isso não podia realizar o que queria. A esses pedaços faltam habilidades criativas. Cf. Gên. 2.7; Jer. 18.1-10 e Rom. 9.20,21.

Essa vontade divina que parecia tão severa, dando a Ciro suas vitórias fáceis, também operaria salvação universal, conforme descobrimos nas estrofes que se seguem. Deus poria a Sua soberania por trás do plano de salvação, e não meramente das marchas destrutivas. Mas até mesmo as marchas contribuiriam para o bem de Israel. Divorciar a bondade e a misericórdia da soberania é refletir menos do que Deus é.

45.10

Ai daquele que diz ao pai: Por que geras? O profeta Isaías usa agora uma metáfora diferente. Uma criança ainda não-nascida não pode ordenar a seu futuro pai e à sua futura mãe semeies devem ou não iniciar o embrião. O embrião desenvolve-se sob a forma de feto, o feto cresce, e chega o momento do nascimento. Imaginemos que, quando a mãe vai dar à luz, o bebê decida que houve um erro e comece a gritar: "Não sou a favor de meu nascimento!". A metáfora é ridícula, tão ridícula quanto dizer que Deus não podia fazer a Ciro o que quisesse. A metáfora repousa sobre o aparente *acidente* do nascimento e daí passa para a *vontade determinada* de Deus no decurso da história humana. Trata-se de um argumento do menor para o maior.

45.11

Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, aquele que o formou. Yahweh, o Santo de Israel, trata com os Seus filhos (Israel) da maneira que mais lhe agrada, e as nações não podem chamar Deus para prestar contas. Israel tem um relacionamento ímpar com Ele e, assim sendo, Ele tem uma provisão ímpar para eles. "As obras das minhas mãos" são palavras que generalizam a idéia para incluir os gentios, que também são Sua criação e seguem o destino que Ele planejou para eles. Yahweh é o Criador de todas as coisas, bem como Quem determina a história da humanidade, e não pode ser questionado. Existem *filhos* (Israel) e existem *obras de Suas mãos* (os gentios), e ambos seguem os ditames de Sua vontade. Os homens são convidados a *questionar Yahweh,* ou seja, consultar os Seus oráculos e ouvir as palavras de Seus profetas. Dessa maneira, aprenderão o que Sua vontade soberana pretende deles. Ou então, na opinião de alguns intérpretes, o *questionamento* não é legítimo, mas vemos aqui as perguntas rebeldes e mal recebidas de homens sobre o que Deus fará com os povos deste mundo.

45.12

Eu fiz a terra, e criei nela o homem. O Criador segue Sua própria vontade soberana. Ele formou a terra e estendeu os céus, pelo que é supremo e soberano. Ele ordenou que os exércitos do céu se pusessem em ordem, em suas próprias posições e funções, e também determinou a existência e o destino das nações. Cf. este versículo com Isa. 40.12-31 e 44.24. "O Criador é, igualmente, o Governante supremo da história, tal como o é da natureza" (Ellicott, *in ioc).* Por conseguinte, o que Deus faria com Ciro era uma questão que só a Ele dizia respeito. Cf. Sal. 33.9 e 148.5.

45.13

Eu na minha justiça suscitei a Ciro, e todos os seus caminhos endireitarei. Como Deus trabalhou na criação, assim Ele opera na história contemporânea, ordenando os eventos que ocorrem na existência humana, seja individual, nacional ou internacional. Ciro foi um dos principais elementos da presente ordenação das coisas, o que liberaria Israel e poria outros povos em servidão. Esta passagem repete o divino "eu", o que mostra que a causa real das coisas é divina. Ver Isa. 13.6 quanto a notas expositivas sobre o conceito. "Deus iria à frente de Ciro, para mostrar-lhe o caminho; ele nivela ou retifica a estrada (cf. o vs. 2). Ele lhe daria sucesso. Ciro não agia por *preço ou recompensa,* ou seja, de acordo com aigum expediente humano; e agia nem pelo mundano qüiproquó da política ou do poder, ou da diplomacia internacional. Ele obtinha suas conquistas mundiais sob as ordens e liderança do Senhor Deus de Israel, o Senhor da criação e o Senhor da história" (James Muilenburg, *in ioc).* A soberania de Deus operava de acordo com o poder, mas também de acordo com uma causa justa, então temos a comum combinação de *poder e bondade* que caracteriza as declarações concernentes a Yahweh como Deus.

Quarta Estrofe: A Confissão das Nações (45.14-15)

45.14

Assim diz o Senhor: A riqueza do Egito e as mercadorias da Etiópia. Os vss. 14-25 deste capítulo tratam da conversão das nações (cf. Isa. 2.2-4; 42.1-4; 55.3-5; Jer. 16.19-21). E os vss. 14-15 mostram que as riquezas das nações se derramarão sobre Israel, pelo que essa nação assumirá seu lugar como cabeça das nações (cf. Isa. 24.23). Os gentios reconhecerão o Deus de Israel e se tornarão subservientes a Israel. Antes, as nações aqui listadas serviram de resgate em lugar de Israel (ver Isa. 43.3). Agora, contudo, seriam beneficiadas, juntamente com Israel. Cf. o vs. 14 com algo similar, que é dito em I Cor. 14.25. "Durante o milênio, os gentios perceberão que o Deus de Israel é o único Deus. Pessoas do Egito a Cuxe, e também os sabeus (ver Isa. 43.3), mostrar-se-ão subservientes a Israel e admitirão que não existe outro Deus (ver Isa. 45.6,18,21,22. Ver também Zac. 14.16-19 e Mal. 1.11)" (John S. Martin, *in ioc).* Cf. Isa. 44.6,8 e 47.8,10, que contêm fortes declarações monoteístas. O monoteísmo consiste em mais do que a crença teórica em um único Deus. Antes, trata da lealdade da alma a esse Deus. Este versículo fala sobre a conversão dos gentios quando o conhecimento de Deus está em todos os lugares e é eficaz para a salvação. Ver Isa. 11.9.0 povo que virá a servir a Israel será alto e forte, mas a vontade de Deus os tornará subservientes a Israel, a fonte das bênçãos para todas as nações, conforme dito no pacto abraâmico (ver Gên. 15.18).

45.15

Verdadeiramente, tu és Deus misterioso, ó Deus de Israel. Talvez Isaías tenha feito essa afirmação, porém o mais provável é que as nações gentílicas tenham-se dirigido a Elohim, o Salvador. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Salvação* e *Salvador, Deus como* e também as notas de sumário em Sal. 62.2; 3.8,9; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23; 79.9; 85.4; 119.74; 140.7 e 149.4. Quando as nações gentílicas eram cativas à idolatria, Deus se ocultava delas. Muitos deuses interferiam no caminho do entendimento. A percepção de Yahweh como o único Deus (vs. 14) abriu caminho para a revelação e para a subseqüente salvação. As palavras deste versículo provavelmente também falam na *transcendência de Deus,* bem como no fato de que Ele é *invisível,* em contraste com os ídolos dos gentios. Além disso, os conselhos de Deus estão acima da compreensão humana (ver Rom. 11.33-36).

Quinta Estrofe: A Confusão sobre os Fabricantes de ídolos e a Salvação em Israel (45.16-17)

45.16

Envergonhar-se-ão e serão confundidos todos eles. Quando as nações se volverem para o único Deus, o julgamento divino paralelamente sobrevirá aos fabricantes de ídolos. Aqueles que não seguirem a Yahweh nem se submeterem a Israel, enfrentarão severo julgamento. A era do Reino será assinalada pelo colapso da idolatria. As conquistas militares de Ciro foram como que um prelúdio de coisas maiores ainda no futuro. "As ambigüidades da história serão resolvidas no alvorecer da Nova Era" (James Muilenburg, *in loc).* "Os fabricantes de ídolos serão condenados (ver Isa. 44.9-20), mas Israel será salvo" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o este versículo). E os que persistirem na idolatria serão envergonhados (ver Isa. 42.7; 44.9,11; 45.24). Mas Israel jamais se envergonhará (ver Isa. 54.4; Rom. 9.33; 10.11; I Ped. 2.6). Eles serão os beneficiários da salvação divina.

45.17

Israel, porém, será salvo pelo Senhor com salvação eterna. Israel faz violento contraste com os fabricantes de ídolos. Os filhos de Israel serão salvos com salvação eterna, em contraste com os povos idolatras, que serão julgados como rebeldes. A referência histórica é aos deuses e ídolos da Babilônia, que sofreriam severo golpe através de Ciro. Mas a profecia aqui também é escatológica, combinando os elementos de julgamento e salvação, algo comum nos escritos de Isaías. A era do Reino terá eventos decisivos. O milênio será um passo na direção do estado eterno, e grande e generalizada salvação será efetuada, tendo Israel como instrumento da graça, tal como a igreja tem agido através dos séculos. Cf. Rom. 11.26.

> *Israel será salva pelo Senhor. Essa salvação continuará para sempre. E nunca mais Israel será envergonhada.*
>
> (NCV)

A *salvação,* nas páginas do Antigo Testamento, usualmente é o livramento temporal de algum perigo, bem como segurança, prosperidade e participação "as bênçãos do pacto. Porém, quando falamos da salvação escatológica de ísrael, temos de falar em termos da salvação evangélica da alma, e não meramente em termos do bem-estar material de uma nação. Ver as notas expositivas em Sal. 62.2. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Redenção.*

Sexta Estrofe: Revelação de Yahweh a Israel (45.18-19)

45.18

Porque assim diz o Senhor que criou os céus, o único Deus. O Criador é o único Deus. Ele formou a terra e tudo quanto há nela: Ele estabeleceu a terra por meio de Seus decretos, em obediência à Sua soberana vontade; Ele não deixou o *caos primevo* (Gên. 1.2; no hebraico, *tohü),* conforme era. Ele instituiu a boa ordem e a harmonia. Criou a terra para que fosse habitada. Aos habitantes da terra Ele revelou Sua vontade e Sua salvação. Este versículo é acompanhado por outra forte declaração monoteísta, conforme se vê em Isa. 44.6,8; 45.6,22,21; 46.9 e 47.8,10. O único Deus demanda uma dedicação singular de alma tanto da parte de Israel como da parte das nações gentílicas. Nessa dedicação inclui-se o abandono aos ídolos e aos não-deuses (vs. 16), bem como a salvação eterna no verdadeiro Deus. As promessas do pacto, combinadas à assertiva monoteísta, constituem a base da esperança sobre o estado eterno.

45.19

Não falei em segredoTnem em lugar algum de trevas. Embora Deus seja transcendental e misterioso (vs. 15), deixou certas coisas abundantemente claras; elas não são referidas nem em segredo nem nas trevas. Ele retirou o caos que impedia a compreensão das coisas. Produziu harmonia, boa ordem e razão. Ele instruiu o povo de Israel, os descendentes de Jacó, para que O busquem em meio ao caos deste mundo; pois, se assim fizerem, encontrarão bênçãos em Sua revelação harmoniosa e também descobrirão o que é moralmente *correto.* Alguns estudiosos ligam isso às promessas relativas ao livramento do cativeiro e à restauração na terra, mas o versículo é mais amplo que isso. Cf. este versículo com Deu. 30.11-14. Havia alguns que buscavam revelações. Israel não ficou sem um testemunho adequado. O mundo não foi criado em meio ao caos. De fato, Yahweh interveio no caos primitivo (ver Gên. 1.2). Portanto, Deus não se acha nas doutrinas caóticas dos pagãos (o vento dos ídolos; ver Isa. 41.29). As palavras de Yahweh são práticas, tratando do que é reto, da justiça e da salvação, com benefícios para os homens.

Em lugar algum de trevas da terra. Não está em pauta o hades, conforme alguns supõem, mas qualquer lugar oculto e obscuro que os homens busquem, a fim de encontrar Deus. Estrabão (lib. ix) diz-nos que o oráculo de Delfos ficava em uma caverna de considerável profundidade, cuja abertura não era muito grande. E Diodoro ajuntou que ficava em um dos grandes abismos da terra. Ninguém precisa buscar o verdadeiro Deus em tais lugares. A revelação de Deus é franqueada a todos, está disponível para todos, é eficaz para todos.

Sétima Estrofe: Os Deuses Não Podem Salvar (45.20-21)

45.20

Congregai-vos, e vinde; chegai-vos todos juntos. O profeta Isaías retorna aqui à impotência dos deuses de nada. "O movimento da escatologia do profeta é perfeitamente claro: o ajuntamento das nações (vs. 20); a derrota dos ídolos e a vitória do monoteismo (vs-. 21); o convite de Yahweh ao mundo inteiro (vs. 22); a confissão das nações (vss. 24-25). O tema dominante da salvação controla o pensamento do profeta" (James Muilenburg, *in loa).* Cf. este versículo com Isa. 44.8 e Atos 15.18 e o vs. 16 deste capítulo.

Os *sobreviventes* das nações *(historicamente,* os que resistiram aos ataques de Ciro; e *profeticamente,* os remanescentes das nações que entraram na era do Reino) são convidados a abandonar, de uma vez por todas, as práticas idolatras e voltar-se para Yahweh, o único verdadeiro Deus, Aquele que é capaz de salvar e, realmente, salvará todos os que se achegarem a Ele. Esses devem abandonar o caminho do "nenhum conhecimento" e adotar o "conhecimento do Senhor" (Isa. 11.9). Cf. **o** vs. 14 e também Mal. 1.1; Rom. 14.11 e Fil. 2.10,11. Os adoradores de ídolos são pessoas ignorantes. Não sabem o que estão fazendo. Seus deuses de nada salvam, mas precisam do Salvador. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvador, Deus como.*

45.21

Declarai e apresentai as vossas razões. O *monoteismo* é um assunto antiquíssimo, mas as nações precisaram de longo tempo para aprender essa lição. Ver as notas expositivas sobre o vs. 18, quanto a uma lista de declarações monoteístas enfáticas a respeito. Estamos novamente de volta a essa questão. O único verdadeiro Deus é o Salvador; e, se os homens querem a salvação, devem voltar-se para Ele. Por essa razão, Yahweh os convida a aconselhar-se com Ele; reunir-se de forma razoável, buscando verdadeiramente a verdade; ouvir as verdades antigas sobre as quais Israel falava o tempo todo, visto que esse povo tinha revelações e verdadeiros profetas. Tal assembléia seria boa para todos, pois os benefícios de que Israel desfrutava em breve também pertenceriam às nações gentílicas. Portanto, Yahweh combina singularidade-retidão-salvação. Coisa alguma parecida com isso poderia ser dita acerca de um ídolo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Isaías, Seu Conceito de Deus.* Cf. este versículo com Isa. 42.6,21; Sal. 85.10,11 e Rom. **3.26.**

Quem fez ouvir isto desde a antigüidade? A referência parece ser à *profecia bem-sucedida* que distingue Yahweh dos deuses falsos, tema de Isa. 41.22; 43.9; 44.7; 46.10; 48.14. Mas as distinções de Yahweh são aquelas do contexto, e não meramente aquelas de um futuro previsor.

Oitava Estrofe: Yahweh é Senhor e Salvador (45.22-23)

45.22

Olhai para mim, e sede salvos, vós, todos os termos da terra. Yahweh convidou as nações a aconselhar-se com Ele (vs. 21); e agoraEle as chama para voltar-se a Ele em arrependimento, buscando a salvação no Único que pode concedê-la, porquanto não existe outro Deus nem outro Salvador. Novamente, repete-se aqui o forte tema monoteísta, agora vinculado a enfáticas declarações monoteístas. Cf. os vss. 14-17, cujos temas este versículo reitera. "O convite universal está arraigado na realidade e na soberania do Único Deus" (James Muilenburg, *in* toe). Essas palavras antecipam o tipo de evangelho que Jesus anunciava. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mistério da Vontade de Deus;* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o artigo chamado *Restauração.*

45.23

Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo. Haverá sujeição universal a Yahweh. Todos os joelhos se dobrarão diante Dele. Note o leitor como os vss. 22-23 unem a *salvação universal* à *sujeição universal;* e devemos aceitar o mesmo sentido em Fil. 2.10, que diz: "Ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra". A missão de Cristo é *tridimensional,* tocando em cada esfera da existência: os céus, a terra e o hades. Ver na *Enciclopédia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades.* Onde quer que esteja a alma humana, Cristo pode atingi-la com a salvação evangélica, e é isso o que deveríamos esperar do famoso amor de Deus, que alcança a mais elevada estrela e se aprofunda até o mais baixo inferno.

Note o leitor que este versículo assume a forma de um *juramento divino* que não pode ser jamais anulado. A Palavra de Deus é segura; é beneficente; é graciosa; que ela permaneça de pé. "Esta é a mais elevada forma concebível de asserção (cf. Gên. 22.16; Jer. 22.5; Heb. 6.13)" (Ellicott, *in loa).* Ver também Rom. 14.11. As citações do Novo Testamento são similares ao presente versículo e, provavelmente, repousam sobre ele.

Nona Estrofe: A Confissão Universal (45.24-25)

45.24

De mim se dirá: Tão-somente no Senhor há justiça e força. Note como a salvação aparece no vs. 22; a sujeição universal está no vs. 23; então a salvação universal volta ao vs. 24, de modo que fica claro que o assunto é a *salvação,* e não a servidão de algum tipo. Os homens chegarão a confessar que sua força e retidão estão em Yahweh.

> *As pessoas dirão: Bondade e poder vêm do Senhor". Todos os que se têm irado com o Senhor virão a Ele e se envergonharão.*
>
> (NCV)

Os que se tiverem rebelado e irado mudarão de idéia. Eles se submeterão e serão salvos. Quanto à *vergonha, ver* a vergonha de adorar ídolos, no vs. 16). Os idolatras não têm vergonha e são rebeldes. Chegarão envergonhados diante de Yahweh; eles se arrependerão e serão salvos. Não há um único caso sem esperança, e a graça divina é persistente.

45.25

Mas no Senhor será justificada toda a descendência de Israel. Este versículo é endereçado a Israel, a principal nação beneficiada, cabeça das nações, e também o instrumento da graça de Deus durante a era do Reino de Deus,

tal como a igreja gentilica tem sido na era presente. Todos os descendentes de Israel no passado, no presente e no futuro serão reunidos (ver Rom. 11.26), e isso será para a "salvação" deles. Israel tomar-se-á a cabeça das nações (ver Isa. 24.23), bem como a fonte do beneficio espiritual para todos os povos. Nenhuma graça divina é estendida *sem* a visão de que ela será compartilhada. Todas as graças são comunais, pois na partilha o indivíduo cumpre os ditames da lei do amor. Na possessão e partilha da salvação de Deus há triunfo e glória. O triunfo de Deus escreverá o último capítulo da história da humanidade. "O clímax do profeta concorda com a expectação final do apóstolo Paulo: 'para que Deus seja tudo em todos' (I Cor. 15.28)" (Henry Sloane Coffin, *in loc,* mostrando maior discernimento que muitos outros). A sujeição de todas as coisas a Deus fará com que Deus se tome tudo para todos, porquanto a Deus convém "preencher todas as coisas". Isso só poderá ser benéfico para todas as coisas. Portanto, permaneço firme nas conclusões a que cheguei no artigo chamado *Restauração,* que apresento na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Capítulo Quarenta e Seis

Temos aqui outro poema que ataca os ídolos e os contrasta com a salvação de Yahweh. Este poema tem cinco estrofes: vss. 1-2; vss. 3-4; vss. 5-7; vss. 8-11 e vss. 12-13. Temos aqui uma excelente combinação de coisas que já tinham sido ditas e alguns novos elementos. Um tema que se repete é o de Ciro e seu livramento de Judá. Está em mira a iminente queda da Babilônia, e esse tema domina todo o caminho até o fim do capítulo 48.

"A superioridade do Senhor sobre a Babilônia (capítulos 46 e 47). A Babilônia seria usada por Deus para*julgar Judá; mas a Babilônia, por sua vez, seria destruída por Deus, por intermédio de Ciro. Os deuses babilônicos, meros ídolos, não poderiam salvá-la da derrota (capítulo 46); e a Babilônia cairia a despeito de suas feitiçarias e de sua sabedoria (capítulo 47)" (John S. Martin, *in loc).*

O Colapso dos Deuses e a Salvação de Yahweh (46.1-13)

Os deuses dos pagãos têm de ser carregados pelos homens, pois não têm nem vida nem forças. Mas o verdadeiro Deus é quem carrega todos os homens, pois Ele é Vida e Poder.

Primeira Estrofe (46.1-2)

46.1

Bel se encurva, Nebo se abaixa; os ídolos são postos sobre os animais. *Bei* é outro nome para *Marduque,* a principal divindade babilônica; e Nebo era originalmente uma divindade local, adorada em Borsipa, mas acabou sendo conhecido como filho de Bei. Quanto ao seu prestígio, eram equivalentes a Júpiter e Mercúrio dos romanos. Ver no *Dicionário* os artigos sobre esses nomes próprios. Dou alguns outros detalhes no artigo chamado *Deuses Falsos.*

Bei se inclinou diante de Yahweh, o qual enviou Ciro para limpar a confusão na Babilônia; e Nebo se curvou, também em atitude de sujeição. Os babilônios, povo grande, poderoso e sábio a seus próprios olhos, transportavam seus ídolos em carroças. Esses ídolos nem ao menos tinham poder de locomover-se e dependiam de humildes animais para fazer o serviço. O profeta Isaías mencionou esse item para mostrar quão ridícula é a idolatria. Os ídolos eram cargas mortas para os seres humanos, que se cansavam deles, tanto física quanto espiritualmente.

> *Os Ídolos só cansam as pessoas.*
>
> (NCV)

Os textos ugaríticos têm paralelos do presente versículo;

> *Ele cai no chão;*
> *Suas juntas se entortam;*
> *Seu arcabouço se quebra.*
>
> *Os deuses pendem suas cabeças*
> *e escondem-nas entre os joelhos,*
> *e nos tronos dos príncipes.*

O vs. 2 deste capítulo indica, provavelmente, que a idéia do vs. 1 é que Ciro levou da Babilônia todos ess.es deuses e Ídolos quando derrotou a Babilônia. Os deuses nem ao menos puderam defender-se; e muito menos defender a Babilônia.

46.2

Esses deuses juntamente se abaixam e se encurvam. Diante do ataque de Ciro, os ídolos da Babilônia se encurvaram, humilhados. Não puderam defender a si mesmos e, muito menos, aos babilônios. Foram levados por Ciro como prisioneiros. Ridiculamente, Ciro e os medo-persas provavelmente terminaram por adorar àqueles ídolos, a despeito de eles mesmos terem humilhado aquelas falsas divindades. Ciro reconhecia o senhorio de Bel-Marduque, conforme demonstram suas inscrições.

Não podem salvar a carga. Esta declaração é obscura. Considere o leitor estes cinco pontos:

1. Talvez a carga fossem os habitantes da Babilônia. Embora fossem chamados deuses, não puderam salvar a seus adoradores.
2. Ou talvez sejam os *próprios ídolos,* que pesavam sobre as carroças nas quais foram colocados. Nesse caso, os deuses da Babilônia não foram capazes de salvar a si mesmos.
3. Ou a referência pode ser geral: os ídolos não podiam aliviar as cargas e as dores dos que estavam sendo atacados.
4. A mitologia acádica representava os deuses como fazendo os homens trabalhar para eles, isto é, levar suas cargas para que pudessem ficar à vontade *[Enuma elis,* vi.1-40). No entanto, nos momentos de crise, os deuses os deixavam a ver navios. Os próprios deuses, pois, tornaram-se pesados e cansativos para os homens, pois tinham de ser carregados.
5. Ou então, pelo momento, as divindades eram distinguidas dos ídolos que as representavam. Eles olhavam para baixo, para o que acontecia às suas imagens (eram transportadas como *cargas,* nas carroças de Ciro), mas não tinham poder para deter o processo.

Segunda Estrofe: Yahweh Sustenta Seu Povo (46.3-4)

46.3

Ouvi-me, ó casa de Jacó, e todo o restante da casa de Israel. Em contraste com os ídolos inertes, que precisam ser transportados em carroças pelos homens, Yahweh, desde o princípio, sustentava o povo de Israel. Ele carregava aos filhos de Israel e às suas cargas, por amor a eles; cuidava de suas necessidades e lhes dava tudo o que precisavam.

> *Eu vos tenho carregado desde que nascestes. Tenho cuidado de vós desde o vosso nascimento.*
>
> (NCV)

"Deus sustenta os filhos de Israel por todo o curso de sua vida, desde que são concebidos até a idade avançada (vs. 4). O Senhor os vigia e os livra das tribulações" (John S. Martin, *in loc).* Portanto, contamos com um Deus vivo, que cuida e ajuda àqueles que O adoram.

> *Tomai vossas cargas ao Senhor, e deixai-as com Ele.*

Temos aqui o *Teísmo,* em lugar do *Deísmo.* Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* O teísmo ensina que o Criador não abandonou Sua criação, mas, antes, intervém, recompensando e punindo, e opera providencialmente em favor de Seu povo. O deísmo, por sua vez, supõe que a força criativa (pessoal ou impessoal) abandonou a criação à mercê das leis naturais.

46.4

Até à vossa velhice eu serei o mesmo, e ainda até às cãs eu vos carregarei. *Os cuidados de Deus nos acompanham* até a idade avançada, mesmo que fiquemos idosos demais para trabalhar, que o dinheiro se torne escasso e que não tenhamos seguro de saúde. Deus continua o mesmo e tem um plano para essa parte de nossa vida. Senhor, concede-nos tal graça! Aquele que nos fez continuará a nos sustentar; Ele nos salva e nos carrega. Cf. Sal. 71.9,18.

> *Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares.*

Temos de lembrar de vez em quando que "por baixo de ti estende os braços eternos" (Deu. 33.27). Mesmo quando nossos cabelos ficam brancos, quando os hormônios cessam de fluir, quando o sistema de imunização se enfraquece e toda a espécie de males no ataca, Deus está presente, sustentando-nos em Seus braços. Ronald Reagan, ex-presidente dos Estados Unidos da América, está sofrendo do mal de *Alzheimer,* uma doença degenerativa do cérebro que se apossa lentamente do doente e o transforma em um vegetal antes da morte. Sua esposa disse recentemente: "Atualmente estou envolvida em uma longa despedida". Por igual modo, muita gente é obrigada a entregar-se a essa "longa despedida".

Donald Hankey era um jovem soldado inglês que foi ferido e deixado no campo de batalha para morrer. Ele nunca havia tido grande fé religiosa. Naquela crise, entretanto, vieram a ele as palavras "Deus está em todos os lugares", e ele

sentiu Sua presença ali, e os braços eternos o abraçaram. Ele começou a cantar: "Por baixo estão os braços eternos; por baixo estão os braços eternos". Ele foi vencido pela euforia e sentiu a presença de Deus naquele lugar miserável. Existem tantos lugares miseráveis. Seremos capazes de sentir a presença de Deus em nosso próprio lugar de desespero? O profeta Isaías garantiu que seremos, porquanto Aquele que nos amparou desde o nosso nascimento até o presente não nos abandonará em nossa idade avançada.

Sou fraco, mas não deixo de ser abençoado,
Visto que em mim, ao redor de mim, em toda parte,
Estão a Força Eterna e a Sabedoria Eterna.

(Samuel Taylor Coleridge)

Terceira Estrofe: O Caráter Único de Yahweh (46.5-7)

46.5

A quem me compararei para que eu lhe seja igual? É impossível comparar Yahweh com os *deuses*. Ele está bem alto em Seus céus, transcendental e ao mesmo tempo imanente. Ele é o Criador dos homens e da matéria, e até daquilo que não é material.

"Em Isa. 40.18,19,25, o caráter ímpar de Yahweh destaca-se em um contexto de Sua *atividade criadora*. Nisso estão Sua providência e Sua ajuda sustentadora por toda a história de Israel" (James Muilenburg, *in ioc)*. Deus é o único que pode ser chamado de "deidade". Ver o vs. 9 deste capítulo e as notas expositivas ali. O profeta já havia mostrado isso ao discutir a sorte de Bei e Nebo (vss. 1-2), ou seja, que Yahweh não se assemelha às divindades pagas.

46.6

Os que gastam o ouro da bolsa, e pesam a prata nas balanças. Muito dinheiro é gasto na "fabricação" dos ídolos, os quais são então declarados deuses. Cf. Isa. 40.18-20 e 41.7. Alguns ídolos eram feitos de madeira, e um mesmo tronco podia servir para fazer uma fogueira ou um ídolo (ver Isa. 44.15). Outros ídolos, entretanto, eram fabricados à base de algum metal sem grande valor, mas recobertos por ouro ou prata. Um homem rico, porém, podia mandar fazer para si mesmo uma imagem de ouro puro ou de prata pura. Os ídolos consumiam muito trabalho, tempo e dinheiro; mas, uma vez terminados, continuavam sendo material inerte, sem nenhum poder ou direito legítimo de ser chamados divinos. No entanto, muitos homens se prostravam diante deles e os adoravam, mediante algum truque mental, sabe lá qual! É um trabalho inútil fabricar um ídolo, bem como um tremendo desperdício de tempo. E é igualmente fútil adorar a um ídolo.

Depreciando os ídolos. Ver Isa. 40.18-20; 41.7; 44.9-20; 46.1,2. Algum tipo de insanidade tinha-se apossado da mente dos pagãos. Nada existe de são na *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário)*.

46.7

Sobre os ombros o tomam, levam-no e o põem no seu lugar. *Absurdo Adicionado a Absurdo.* O absurdo fabricante de ídolos começa gastando o seu dinheiro nos materiais necessários; então desperdiça seu tempo fabricando a imagem; e aí se prostra e adora algo que suas próprias mãos fabricaram; depois, se quiser colocar o ídolo em alguma prateleira, ou movê-lo para outra sala, ou exibir o ídolo em alguma procissão, ele mesmo precisa prover o transporte. De outra maneira, aquela "coisa" fica ali parada, aparentemente olhando para o espaço, sem nada ver, ouvir ou ser. Então o fabricante ou o adorador da imagem clamará àquela "coisa" em oração, mas a "coisa" não piscará, não ouvirá nem responderá a uma única oração sequer. E se o fabricante do ídolo estiver em alguma espécie de tribulação, a "coisa" não será capaz de ajudar, pois a imagem nada é nem pode fazer coisa alguma. Cf. Isa. 45.20.

Este versículo alude, provavelmente, à "procissão da festividade do Ano Novo na cidade de Babilônia" *(Oxford Annotated Bible).*

As pessoas podem gritar para o ídolo. Mas o ídolo não poderá ouvir.

(NCV)

Quarta Estrofe: O Único Senhor da História (46. 8-11)

46.8

Lembrai-vos disto, e tende ânimo; tomai-o a sério, ó prevaricadores. Os rebeldes idolatras da Babilônia, e outros como eles, são chamados a relembrar certos fatos fundamentais: 1. Deus é o único Deus verdadeiro. Ele é ímpar (vs. 9; ver também Isa. 43.11; 44.6; 45.5,6,14,18,21,22). Esse caráter ímpar de Deus reside (entre outras coisas) em Seu conhecimento e controle do futuro (Cf, Isa. 45.21); em sua habilidade de trazer Ciro do Oriente para cumprir a missão que abalaria a terra inteira e libertaria a nação de Israel (ver Isa. 41.2). Deus executará prontamente Seu plano, tal como uma ave de rapina se precipita para apanhar sua vítima. Os *transgressores* (os idolatras) fariam bem em relembrar essas coisas, antes de atingirem o estágio da cegueira judicial, do qual não podem mais voltar.

E tende ânimo. A King James Version traduz estas palavras por "mostrai-vos homens", refletindo uma passagem hebraica duvidosa. A Revised Standard Version diz aqui: "Considerai", seguindo a versão siriaca. A Septuaginta convida os transgressores a "grunhir". A Vulgata Latina convida-os a "ser confundidos". Uma palavra árabe cognata significa "estar bem fundamentado", e o siriaco palestino, seguindo essa idéia, diz: "assegurai-vos".

46.9

Lembrai-vos das cousas passadas da antigüidade. Considere o leitor estes três pontos:

1. O caráter ímpar de Yahweh é um tema antigo, tendo sido ensinado pelos profetas e pelas Escrituras hebraicas, desde muito tempo no passado.
2. Yahweh controla a história; Ele criou e profetizou o que aconteceria à Sua criação; faz intervenções contínuas, deixando claro que Suas profecias terão cumprimento. Entre essas profecias está a marcha vitoriosa de Ciro.
3. *Monoteismo.* Há somente um Deus verdadeiro e um único Ator e *causa* divina por trás dos eventos humanos (ver Isa. 13.6). Cf. este versículo com Isa. 41.4,22-29; 42.8,9; 44.7,8 e 48.3,5,14. "A unidade da história jaz sob a soberania de Deus, que opera na história" (James Muilenburg, *in loc).*

Eu sou Deus... eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim. O hebraico literal diz aqui: "Eu sou El... eu sou Elohim". Está em pauta a idéia cêntrica de "poder", primeiramente no singular e, em seguida, no plural, um toque fino que não pode ser traduzido. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *El; Elohim* e *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Afirmações Monoteístas. Uma vez mais, o profeta Isaías nos deu essa ênfase. Ver as notas expositivas sobre Isa. 45.18, onde ofereço uma lista de afirmações monoteístas.

46.10

Que desde o princípio anunciou o que há de acontecer. Uma das provas da deidade de Yahweh é Sua habilidade em predizer o futuro; e Ele prediz o futuro do mundo por ser o Criador (ver Isa. 13.16). Nas notas sobre o vs. 9, primeiro parágrafo, dou uma lista de versículos que abordam o tema, mas não a repito aqui. O conselho de Deus permanece de pé; Ele cumpre Seus propósitos, incluindo o de usar Ciro para devastar o mundo de então e livrar Judá para voltar à Terra Prometida e reconstruir Jerusalém, escapando do cativeiro babilônico. Todo o curso da história humana está na mente e nos propósitos de Deus; e esses propósitos se realizarão através do uso divino de instrumentos humanos e, ocasionalmente, por uma intervenção divina fora de série. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Predestinação.* E, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o verbete denominado *Determinismo.* Os atos e o controle de Deus sobre a história emprestam-lhe significação e unidade. Ver Isa. 41.21; 44.26 e 48.14.

46.11

Que chamo a ave de rapina desde o oriente, e de uma terra longínqua o homem do meu conselho. *O Chamado e a Missão de Ciro.* Cf. Isa. 45.1, onde Ciro aparece como o *messias* de Yahweh; e ver Isa. 44.28, onde ele é o *pastor* de Yahweh. Aqui, Ciro é retratado como uma ave de rapina pronta a devorar sua vítima. Ele virá do *oriente* ou do *norte* (ver Isa. 41.25), estritamente falando, do nordeste, pois os hebreus não usavam direções mistas. Ele viria do sol nascente (Pérsia) e de um país distante (provavelmente a Média). Em seu padrão estava a figura da águia dourada (Xenofonte, *Cryop.wAA; Anab.* 1.10,12), uma poderosa ave de rapina. Cf. Mat. 24.28 e Luc. 17.37.

Yahweh *faia* da missão do gênero humano em notáveis profecias sobre o futuro (tema do vs. 10); Ele fará essas coisas acontecer; foi Ele quem as propôs; e Ele as *realizará.* A mensagem foi enfatizada mediante o acúmulo de descrições. Yahweh criou; guiou o passado; e fará o futuro realizar-se. Deus tem Seus instrumentos para o trabalho, mas não podemos acusá-Lo de inspirador do mal. Quanto a notas sobre isso, ver a exposição em Isa. 45.7. É um paradoxo histórico o fato de que Deus use agentes para realizar coisas, os quais Lhe são abomináveis e contrários a toda a retidão. Ou haverá alguma coisa errada com a nossa compreensão?

Quinta Estrofe: A Salvação Está Próxima (46.12-13)

46.12-13

Ouvi-me, vós os que sois de obstinado coração. O motivo da salvação percorreu todo o seu caminho, através do poema que há no capítulo 46. Chegamos agora a um ponto culminante. São enfocados aqui os que têm um coração obstinado, bem como são rebeldes. Yahweh falava diretamente aos babilônios, dizendo-lhes que, a despeito de seus esforços ingentes, o povo de Israel estava prestes a ser salvo de suas garras (ver o vs. 13). Aos perseguidores não foi prometida salvação. De fato, Ciro acabaria com eles, e esse seria o fim da história. "Salvação", neste caso, de acordo com a interpretação histórica, não é a salvação da alma, mas o livramento e a restauração temporal de Jerusalém, ou seja, *vida nova* para a nação. Israel viverá de novo através da tribo de Judá. A glória de Deus, em Seu templo, seria renovada. A glória Shekinah retomaria.

Longe da justiça. Em vez da palavra "justiça", a Revised Standard Version diz "livramento"; mas o manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto diz "vitória". Essa variante tem o apoio do Targum, embora não das versões. A lição final do capítulo é que os *ídolos* não traziam nem retidão nem salvação. Na verdade, bloqueavam o caminho para essas coisas. Mas isso não impedia que a salvação fosse concedida àqueles que estivessem preparados para recebê-la.

Capítulo Quarenta e Sete

Cântico de Zombaria contra a Virgem da Babilônia (47.1-15)

Este capítulo é uma espécie de irmão do capítulo 46. O capítulo anterior descreve a queda dos deuses da Babilônia, e este capítulo descreve a queda da própria cidade. Ambos os poemas são preparatórios para os gritos de triunfo dos capítulos 49, 50 e 54. Este poema é considerado uma excelente peça de literatura e introduz 40 palavras hebraicas que não ocorrem em nenhum outro lugar da Bíblia. Este poema está dividido em seis estrofes: vss. 1-4; vss. 5-7; vss. 8-9; vss. 10-11; vss. 12-13 e vss. 14-15.

A cidade de *Babilônia,* entronizada em seu alto trono, tão orgulhosa e soberba, recebeu ordens de descer do trono e espojar-se no pó. Ela foi chamada de *virgem filha,* visto que nunca fora conquistada. Seria despojada de sua realeza e reduzida ao trabalho de uma escrava. Seria desgraçada, perderia a virgindade e seria sujeitada a olhares vulgares. A queda da Babilônia não poderia ser justificada quanto aos ciclos da história que se move célere. Antes, a mensagem é que a intervenção divina está por trás do que acontece às nações. Yahweh é Aquele que intervém e muda as coisas. Os captores tornar-se-iam cativos.

Primeira Estrofe: Sem Trono, Escravizada e Julgada (47.1-4)

47.1

Desce, e assenta-te no pó, ó virgem filha de Babilônia. A cidade de Babilônia era como uma *iilha virgem,* como uma princesa sentada em seu trono de glória. No entanto, foi-lhe dito, neste versículo, que descesse do trono e se assentasse no pó, e assim perdesse a sua majestade. Ela era virgem porque nunca havia sido conquistada, e nunca fora desolada por alguma potência estrangeira. Era delicada e doce, uma beleza cobiçada por todos, mas nunca tocada por ninguém. "As palavras *virgem filha* personificam o povo da cidade como uma moça jovem e inocente (cf. Isa. 23.12; 37.22), o que provavelmente significa que as muralhas da cidade nunca tinham sofrido brecha. Mas os seus habitantes não mais continuariam ternos e delicados como uma virgem, porquanto ela seria reduzida a dificuldades" (John S. Martin, *in loc).* O termo *virgem* também foi aplicado a Jerusalém (ver Jer. 31.4,21) e ao Egito (Jer. 46.11), com o mesmo tipo de conotação. Para a Babilônia, estavam terminados os anos de exploração de outros. Não haveria mais luxo, lazer e poder. De fato, Ciro reduziria a Babilônia ao pó. Ver Isa. 13.20-22.

A literatura ugarítica, falando de um dos deuses, tem um paralelo:

> *Litpn, Deus da Misericórdia,*
> *Desce de seu trono;*
> *Ele se assenta no escabelo,*
> *E dali se assenta sobre a terra.*

47.2

Toma a mó, e mói a farinha. Tendo descido do seu trono, a Babilônia seria forçada a girar a mó para moer farinha de trigo, trabalho típico de uma escrava. Ela mesma tirou o seu véu; a sua vestidura lhe foi tirada; suas pernas ficaram desnudas; ela foi sujeitada ao olhar vulgar dos homens; e foi forçada a suspender a saia tão alto que até parecia que ela atravessaria uma torrente, os rios que ficavam entre a Babilônia e a Média-Pérsia. A escrava ficaria sujeita a diversos abusos, incluindo o estupro, pois era apenas uma peça de propriedade. As portas de bronze de Balawat, descobertas pelos arqueólogos, mostram mulheres em Dabigi cativadas por Salmanezer III, que lhes levantava as roupas para mostrar suas coxas. Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto dizem: "despi vossas saias" (cf. Jer. 13.26). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.* O quadro representa sujeição total, abuso e humilhação, exatamente o tipo de coisa que a Babilônia fazia a outras nações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

47.3

As tuas vergonhas serão descobertas e se verá o teu opróbrio. Agora, em vez da bela virgem que está no trono, Babilônia era a mulher adúltera que exibia sua nudez aos homens que passavam por ela. Cf. Jer. 13.26; Osé. 2.12; Eze. 16.37. *Eu* (Yahweh) estava tirando vingança, e nenhum habitante da Babilônia seria poupado. Haveria sofrimento coletivo e desgraça geral, tal como a Babilônia fizera um povo — Israel — sofrer coletivamente, cada homem, mulher e criança.

Cf. Apo. 18.20 e 19.2.

Não pouparei a homem algum. Esta é uma linha difícil, também traduzida por "não me encontrarei com homem algum", talvez com a idéia de recebê-lo como um intermediário que pediria misericórdia pelo povo. Yahweh não aceitará intervenção nem petição implorando misericórdia.

47.4

Quanto ao nosso Redentor, o Senhor dos Exércitos é seu nome. Tratando a Babilônia dessa maneira cruel, através de Ciro, Yahweh estava redimindo Seu povo do cativeiro. Note o leitor o acúmulo de nomes divinos para aumentar o efeito: *Redentor, Senhor dos Exércitos, Santo de Israel,* sobre os quais dou artigos no *Dicionário.* O Comandante dos exércitos celestiais, que controla os acontecimentos humanos, é um Redentor santo naquilo que faz, pois a destruição da cidade de Babilônia foi um julgamento divino justo e ao mesmo tempo um ato de redenção. "A santidade de Deus inclui tanto juízo quanto redenção" (James Muilenburg, *in loc.).* Ver Apo. 18.20, quanto a algo similar. Ver também Jer. 50.34.

Judá foi retratada a irromper em um cântico de vitória, dando a Yahweh o crédito pelo que tinha ocorrido. Temos aqui um breve Cântico de Livramento.

Segunda Estrofe: O Juízo Divino contra o Orgulho da Babilônia (47.5-7)

47.5

Assenta-te calada, e entra nas trevas, ó filha dos caldeus. No seu orgulho, a Babilônia tinha sido a senhora das nações, a Primeira Dama dos reinos, conservada em alta estima, honrada e enriquecida. Mas agora, como mulher cativa, ela se assentava na masmorra escura da desgraça. Note o leitor como babilônios e caldeus são o mesmo povo. Ofereço artigos sobre ambos os nomes no *Dicionário.* A dama, cativa e desgraçada, assentava-se em silêncio, onde antes tinha-se exibido em danças e canções, mostrando sua glória e atraindo atenção para si mesma. A dama imperial tinha caído e nunca mais se soergueria. Cf. Amos 5.2. "As nações não são punidas por se tornarem poderosas, mas porque abusam do poder" (Henry Sloane Coffin, *in loc).* Quanto ao orgulho e à humildade contrastados, ver Pro. 6.17 (olhos altivos); 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32. A Primeira Dama estava agora reduzida a solitária viuvez. Cf. este versículo com Lam. 3.2 e Miq. 7.8. Uma nova era tinha sido iniciada, deixando a cidade de Babilônia arruinada (ver Isa. 13.20-22). A cidade se tornou deserta e impossível de ser habitada de novo. Cf. Apo. 17.15,18; 18.22,23; 16.10.

47.6

Muito me agastei contra o meu povo, profanei a minha herança. Judá foi entregue nas mãos cruéis da Babilônia, a fim de sofrer coletivamente, em vingança divina contra a apostasia. A nação de Judá foi assim profanada, apesar de ser a herança do Senhor. Cf. Deu. 4.20; Zac. 1.15 e Isa. 43.28.0 amor do pacto transformou-se em ódio. O povo de Israel abandonou o pacto abraâmico (ver Gên. 15.18) e, assim, incorreu na indignação Daquele que tinha entrado em relação de pacto com eles. A Babilônia não demonstrou misericórdia, nem mesmo para com os idosos, e fez o jugo da escravidão ser muito pesado. Cada ato de barbaridade criou mais dívidas morais que tiveram de ser punidas pelo mesmo Deus que entregou Judá nas mãos dos babilônios.

"Até mesmo a idade provecta foi desconsiderada pelos caldeus, que trataram a todos com idêntica crueldade (ver Lam. 4.16; 5.12)" (Fausset, *in loc).* Agora, para vingar-se, Yahweh trataria a todos os babilônios com dureza idêntica, em um julgamento coletivo.

47.7

E disseste: Eu serei senhora para sempre! Em seu orgulho, a Primeira Dama das Nações pensou que sua posição privilegiada no mundo nunca terminaria.

Disse ela: "Sempre serei rainha" (NCV). Ela jamais havia pensado que um poder como Ciro poria fim à sua ilusão. Seus videntes fracassaram completamente pintando quadros róseos de glória contínua. "A Babilônia não levou em conta a precariedade do poder e da história. Nunca aceitou no coração a verdade de que era apenas agente e instrumento de Deus por algum tempo, e que sua missão era restrita pela vontade e pelo poder de Deus" (James Muilenburg, *in loc.*). Quando Yahweh começasse a empregar outro instrumento, a Babilônia seria descartada em desgraça. "Erroneamente, ela atribuiu o poder a si mesma. Mas esse poder originava-se em Deus (Jer. 27.6,7; 25.12-14)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo).

Terceira Estrofe: Colapso da Segurança da Babilônia (47.8-9)

47.8

Ouve isto, tu que és dada a prazeres, que habitas segura. Como estava caída a antes poderosa cidade! Babilônia tornou-se como qualquer outra potência mundial: fora temporária e facilmente substituída. Babilônia tinha-se viciado em prazeres excessivos, o que é comum entre as potências que atingem o seu ponto culminante, mas então caem na decadência. Ela havia *endeusado* a si mesma, o que se demonstra mediante a linguagem que ela usou, empregada somente para indicar Yahweh: "Eu sou, e fora de mim não há outra". Cf. essas palavras com Isa. 44.6,8; 45.5,6,21; 47.8. Era uma autodeificação arrogante, que em pouco tempo se revelaria fraudulenta. A Babilônia é pintada como uma rainha orgulhosa que cuidava de sua família real, pavoneava-se de seu poder, glória e eternidade; e supunha jamais ficar viúva, ser destituída das vantagens da vida ou privada de seus filhos. *Viuvez* era uma palavra que nenhum homem associaria à Babilônia, mas em breve era isso o que ela receberia, sendo privada de sua realeza, de suas riquezas materiais, de sua glória e de seus habitantes. Cf. Lam. 1.1, onde Jerusalém é retratada como viúva.

47.9

Mas ambas estas cousas virão sobre ti num momento. Em um único dia, veio a viuvez de Babilônia. A referência é aqui à incrível queda da Babilônia, dentro de prazo tão breve. Seus filhos foram aniquilados, e ela foi aprisionada. A viuvez, em plena medida, era seu novo e miserável estado. Seus videntes e profetas não tinham jamais previsto tal coisa, mas continuavam a falar sobre o futuro brilhante. Seus encantadores, que supostamente eram homens muito poderosos, não salvaram a cidade no dia de crise. A prática de magia, feitiçaria, adivinhação e coisas afins era generalizada na Babilônia e bem conhecida na cultura babilônica. Todavia, a segurança nacional não foi fomentada nem um pouco por meio dessas práticas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Adivinhação, Magia* e *Necromancia,* quanto a detalhes. Ver o artigo chamado *Babilônia,* que inclui informações sobre a sua queda. Dario salvou mulheres escolhidas dos babilônios, retirando-as do seio de suas famílias. Em seguida, sufocou o resto e empalou 3.000 homens entre os rebelados.

Quarta Estrofe: Da Segurança ao Desastre (47.10-11)

47.10

Porque confiaste na tua maldade e disseste: Não há quem me veja. A cidade de Babilônia sentia-se segura em seu poder e exaltava-se em suas ciências e artes; era um local de profundos conhecimentos e, embora fosse cidade cruel, era o maior centro de cultura na face da terra na época. Ela se endeusava, dizendo: "Eu sou, e além de mim não há outra", idéia que aparece no vs. 8, onde há notas e comentários.

Cultura, conhecimento, ciências, artes mágicas, poder e fama tornaram-se vantagens inúteis, quando chegou o tempo de Yahweh substituir Seus instrumentos. O instrumento antigo foi deixado envergonhado. E o novo instrumento produziu novas barbaridades e uma mudança no rumo dos acontecimentos mundiais. O poder foi mudado para as nações de fala indo-européia, para a Média-Pérsia, para a Grécia e para Roma. O centro da civilização abandonou os povos de idiomas semíticos e dirigiu-se mais para o ocidente. Ver as notas expositivas sobre Isa. 44.28. O *poder* não se tornou o *direito,* que é a filosofia dos poderosos. Antes, o que é direito tomou conta das coisas, vingou os males cometidos e fez virar a página da história sobre a Babilônia. Isso posto, o senso de segurança da Babilônia tinha sido apenas uma ilusão.

47.11

Pelo que sobre ti virá o mal que por encantamentos não saberás conjurar. A Babilônia, com todas as barbaridades que praticou, perdeu qualquer oportunidade de expiar os erros que cometeu. Seja como for, a última coisa que a cidade buscaria seria fazer expiação por qualquer coisa. Mas a lei divina opera à base de expiação, vinculada ao arrependimento e à mudança de comportamento. Isso posto, houve um desastre que não poderia ser expiado. A ruína ocorreu repentina e completamente. Ver Isa. 13.19-22. A cidade de Babilônia tornou-se outra Sodoma, outra Gomorra e, por isso, um lugar impossível de ser habitado. Atualmente ela continua jazendo em ruínas e, embora Saddam Hussein tenha desejado reconstruí-la, não logrou sucesso.

Por expiação não te poderás livrar. A Revised Standard Version diz aqui "expiar". O original hebraico pode significar "afastar por encantamento" (como que através do uso da magia), sentido preferido por alguns eruditos. A palavra árabe cognata, *sahara,* tem o sentido de "encantamento", mas mediante leve emenda obtemos o vocábulo shahdah, "afastar por meio de subornos", encantamentos mágicos, talvez porque a Babilônia não estava em posição de oferecer peitas a Ciro, conforme Judá tinha feito anteriormente aos babilônios, para mantê-los afastados. Fosse como fosse, a Babilônia estava impotente para impedir o dia divino de prestação de contas.

Quinta Estrofe: Salvação por Meios Mágicos (47.12-13)

47.12

Deixa-te estar com os teus encantamentos, e com a multidão das tuas feitiçarias. *Ironia e piedade* acham-se misturadas na chamada à Babilônia para permanecer com seus encantamentos, a fim de deter Ciro. Os habitantes da Babilônia eram especialistas em astrologia, feitiçaria e magia, desde que era nação jovem até sua maturidade. Nada havia que eles desconhecessem sobre essas coisas. Uma aplicação desesperada dessas artes, no dia de crise, poderia produzir bom resultado, levando a Babilônia a *inspirar terror* em seus inimigos, os quais poderiam entrar em pânico e suspender o ataque. "O serviço ao diabo é laborioso, mas inútil" (Fausset, *in loc.*). A Babilônia não foi capaz de conjurar Ciro para longe de suas muralhas.

47.13

Já estás cansada com a multidão das tuas consultas. Os conselheiros aqui subentendidos são os feiticeiros, mágicos, leitores psíquicos e adivinhos. Havia muitos deles, que apenas cansavam o povo babilônico, em vez de ajudá-los. Eles se levantavam para salvar, mas retrocediam, confusos. Os astrólogos continuavam falando da posição favorável das estrelas, mas Ciro não sabia que os astros estavam contra ele, pelo que continuava avançando. A resposta para o mistério das nações, seus altos e baixos, seus poderes e suas derrotas, não dependia das estrelas, mas Daquele que as criou (ver Isa. 13.6, notas expositivas).

Em cada lua nova te predizem. Cálculos mensais eram feitos pelos babilônios para verificar como as estrelas influenciariam a terra nas semanas vindouras. A astrologia era praticada de modo *geral* (eram esboçadas as grandes tendências das ocorrências vindouras), bem como de modo *específico* (acontecimentos que poderiam ocorrer em breve eram preditos). Dias de sorte e má sorte eram marcados. A arqueologia moderna tem descoberto "tabletes de presságios" que são admiravelmente detalhados no que predizem. Ver Dan. 2.2-4 quanto à astrologia na Babilônia. Ver também, no *Dicionário,* o artigo sobre esse assunto. Porém, nos tempos de crise, os *almanaques* da Babilônia (calendários com dados astrológicos) fracassaram redondamente.

Sexta Estrofe: Julgamento pelo Fogo (47.14-15)

47.14

Eis que serão como restolho, o fogo os queimará. No livro de Isaías, o fogo é um símbolo comum para o julgamento. Cf. Isa. 30.30; 33.11 ss.; 37.19; 42.25. Ver especialmente as notas expositivas em Isa. 30.30. Na teologia do judaísmo posterior, a figura do fogo foi transferida para o julgamento das almas ímpias no *sheol,* e as chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque. Mas a figura do fogo empregada por Israel sempre se refere a julgamentos temporais contra as nações de seus dias. Portanto, temos aqui o fim da Babilônia, pelo fogo divino, em que Ciro foi o instrumento usado por Deus. Esse homem usou fogo irresistível, e a Babilônia foi consumida. A Babilônia, antes tão orgulhosa, fizera-se como restolho, ou como combustível fácil para o fogo. Nenhum poder à face da terra poderia pôr fim à dor. O fogo era tão escandalosamente quente que ninguém se atreveria a sentar-se diante dele para aquecer-se. Se pudesse, um homem abandonaria o território. "Tanto vassalos quanto aliados a desertaram; ver Jer. 2.33-37; 4.29-31" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o presente versículo).

47.15

Assim serão para contigo aqueles com quem te fatigaste. Os aliados e sócios comerciais da Babilônia não teriam utilidade para ela no dia do julgamento. A Babilônia possuía aliados de longe, unidos a ela por laços militares e acordos

comerciais. O sistema inteiro cairia, e não haveria algo como ajuda mútua. Cada membro da aliança seria paralisado por causa de sua própria confusão, como um boxeador que recebe um soco capaz de pô-lo a nocaute. Nenhum poder poderia avançar para ser um salvador de último minuto (cf. Isa. 46.2,4,7,13). Haveria calamidade coletiva, em que cada homem tentaria salvar a si mesmo, abandonando qualquer outra coisa, até os seus entes mais queridos. Os que pudessem, fugiriam da Babilônia (ver Jer. 50.16), mas a maioria foi apanhada em terrível sorte comum. Ver Jer. 2.33-37 e 4.29-31.

Capítulo Quarenta e Oito

Exortação para que Fossem Consolados os Restaurados do Cativeiro Babilônico (48.1-22)

História e Profecia. Muitos vieram a gozar conforto na Babilônia, especialmente depois que a Babilônia caiu e os medos e persas tomaram conta da nação. Era como se um novo dia tivesse raiado. A maioria dos cativos judeus pensou ser algo sem importância, além de um grande incômodo, voltar a Jerusalém somente para reiniciar a nação de Israel. Muitos traziam consigo as antigas formas religiosas, mas seu coração não estava naquelas formas; pois não havia verdadeira retidão envolvida. Ver Pro. 4.23 quanto à *fé de todo o coração.* Para alguns intérpretes, as circunstâncias históricas do capitulo estão em dúvida. Talvez Isaias estivesse falando somente dos acontecimentos gerais, e de como Judá sempre reagia com embotamento de mente. A *significação teológica,* em contraste, é fácil de discernir."Profecia e história estão misturadas no trecho, porque Yahweh prediz os acontecimentos e então os faz acontecer. Ele é Quem controla a história, conforme afirmo em Isa. 13.6.

Primeira Estrofe: Apelo (48.1-2)

48.1

Ouvi isto, casa de Jacó, que vos chamais do nome de Israel. Israel tinha um relacionamento distinto com Yahweh, bem como uma posição distinta entre as nações da terra (ver Deu. 4.4-8), exatamente por causa da relação com o Ser divino. *Israel* era nome distinto, divinamente dado ao povo judeu. Judá era a fonte do povo, e eles chegaram a jurar pelo nome divino, Yahweh, confessando Elohim como o Poder que os criara e os guardava. Eles continuavam falando sobre a relação de pacto com Yahweh, mas a conversa foi ficando paulatinamente mais superficial, porquanto tinham abandonado a essência da fé, preservando apenas o vocabulário. Em outras palavras, eles prestavam culto somente de lábios, e não de todo o coração.

Saístes da linhagem de Judá. Estas palavras identificam *Judá* como a nação que recebeu o convite urgente para *ouvir.* Israel tinha sido estreitada para a tribo de Judá, depois que os assírios levaram Israel, a nação do norte, para o cativeiro, em 722 A. C. O original hebraico diz aqui, literalmente, "águas de Judá", ou seja, a fonte de onde o povo de Judá saiu. Cf. Núm. 24.7; Deu. 33.28; Sal. 68.26. Eles continuavam confessando e jurando, em palavras que nos lembravam o culto de Yahweh (ver Isa. 65.16; Jer. 4.2; 12.16; Deu. 6.13; 10.20; Êxo. 23.13; Sal. 20.7), mas esse culto tinha perdido a vitalidade.

48.2

Da santa cidade tomam o nome, e se firmam sobre o Deus de Israel. O culto deles ainda era o de Yahweh; e esse continuava sendo o culto da Cidade Santa; também era o culto a Elohim, o Deus de Israel; o Senhor dos Exércitos continuava sendo o seu Capitão. Eles se identificavam com as reivindicações de Yahweh, mas a *essência* da fé havia sido perdida, embora a *forma* tivesse sido preservada. "Os que se jactavam não eram cidadãos autênticos de Sião (ver Sal. 15.1; Mat. 3.9). Não entravam em tudo quanto estava implícito em sua confissão de Yahweh-Sabaoth" (Ellicott, *in* toe). Ver Jer. 5.2 e João 4.24.

Segunda Estrofe: O Passado (48.3-5)

48.3

As primeiras cousas desde a antigüidade as anunciei. Cf. Sal. 41.22,23; 42.9; 43.9; 44.6-8; 45.21. O que Yahweh predisse por meio de Seus profetas acaba sendo cumprido, e isso é usado em outros lugares como prova de Sua deidade, enquanto os deuses das nações falharam no "teste da profecia". Aqui as profecias são ressaltadas para destacar o caráter fidedigno de Yahweh. Ás pessoas podem confiar Nele. A idéia é que Yahweh controla todos os eventos da história da humanidade. Ele faz esses eventos cambar em favor de Israel, como no surgimento e nos triunfos de Ciro (capítulos 46 e 47). Encontramos aqui a *confirmação histórica* do poder e da fidelidade de Yahweh. Nenhum mero ídolo (vs. 5) poderia ter feito o que Yahweh fez em benefício da nação de Israel. O próprio cativeiro babilônico foi instrumento de graça para curar a apostasia do povo de Israel e então impor a *restauração.* Todos os julgamentos de Deus são restauradores (remediais), e não apenas retributivos!

48.4

Porque eu sabia que eras obstinado, e a tua cerviz é um tendão de ferro. Há grande labor divino nas profecias e no cumprimento das profecias, que atuam como *sinais divinos,* mas Israel (Judá) era obstinado e conseguiu nada aprender através da "lição das profecias". O pescoço deles se endureceu, como se seus tenros tendões se tivessem tornado tendões de ferro. A testa deles (que contém o cérebro) tinha-se tornado testa de bronze. Uma *teimosia* extremada os fizera perder de vista as lições da história, contada de antemão pelas profecias divinas. Cf. este versículo com Êxo. 32.9 e Deu. 9.6,13.

"A atual situação de Israel (talvez cativa na Babilônia) foi autocriada. No Egito (Jer. 44) e na Babilônia, tal como na antigüidade, os filhos de Israel continuavam sendo um povo de dura cerviz, inclinados (vs. 5) a atribuir seu livramento a outro deus e a adorar esse deus sob a forma de imagens esculpidas" (Ellicott, *in* toe). "A figura, naturalmente, é a do boi que repele o jugo ou que luta contra ele com os músculos poderosos de seu pescoço, balançando a cabeça para um lado e para outro, em atitude de rebeldia. Eles se mostravam 'inflexíveis' (ver Atos 7.51) e tinham a testa de bronze, sendo *desavergonhados* como uma prostituta (ver Jer. 6.28; Eze. 3.7)" (Fausset, *in* toe).

48.5

Por isso to anunciei desde aquele tempo, e to dei a conhecer antes que acontecesse. Apesar das lições da *profecia-história,* que mostravam a autoridade de Yahweh e Seu controle sobre as coisas, os israelitas voltaram-se para os ídolos, dando-lhes crédito por qualquer sucesso que tivessem logrado. Eles tinham entrado no negócio dos ídolos, moldando e desbastando o metal para produzir deuses de nada. Esse é o último estágio da *apostasia.* Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Idolatria* e *Deuses Falsos.* Mesmo no exílio, sofrendo sob o julgamento de Deus, muitos voltaram-se para os ídolos babilônicos, em busca de favor. A *obstinação* (vs. 4) resultou na *apostasia* (vs. 5).

Terceira Estrofe: Coisas Novas (48.6-8)

48.6

Já o tens ouvido; olha para tudo isto; porventura não o admites? *"Coisas novas:* O livramento de Israel por Ciro (ver Isa. 43.18,19); a bondade de Deus é renovada diariamente, mas a infidelidade de Israel tornou-se axiomática (ver Eze. 2.6-8; Deu. 32.5)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Note o leitor a renovada chamada para que o povo prestasse atenção. Algo de novo e importante estava sendo declarado. "Israel tinha desconsiderado as profecias anteriores, pelo que Deus daria *novas* profecias (vs. 6), predições de que a ira de Deus seria adiada (vs. 9) e de que Israel seria livrado do cativeiro. Esses planos tinham sido *criados agora;* não que Deus nunca tivesse pensado neles antes, mas que seriam postos em execução somente no presente. Com base em Deu. 30.1-5, Israel sabia que seria levado de volta à Terra Prometida, terminado o cativeiro, pois sua habitação na Terra Prometida estava garantida pelas provisões do pacto abraãmico (ver Gên. 15.18-21)" (John S. Martin, *in* toe). Os capítulos 40-47 fornecem um esboço desses novos acontecimentos, que estavam "ocultos", ou seja, guardados dentro do conhecimento e do propósito de Deus, mas ainda não revelados. A mera sagacidade política não poderia ter desvendado o que aconteceu em torno de Ciro. Ver Dan. 2.22,29; I Cor. 2.9,10.

48.7

Apareceram agora, e não de há muito. Todas essas coisas já tinham sido planejadas na mente divina, mas agora, devido à marcha de Ciro, foram postas em efeito, porquanto é Yahweh quem controla os eventos da história humana (ver Isa. 13.6 e notas).

Deus criou o mundo físico e *também* os eventos que ocorrem nesse mundo. Deus é Criador e Senhor da história, e coisas novas continuam a acontecer, pois estamos tratando com um contínuo e interminável processo, tanto na criação física (conforme a ciência nos diz) quanto no mundo dos eventos humanos (conforme o profeta Isaias nos diz). Todas essas coisas demonstram o senhorio e a autoridade de Deus. Israel não tinha conhecimento prévio dessas coisas, mas Israel também pode ter-se mostrado orgulhoso e independente de Deus. Mas, quando Deus revelou certas coisas, Israel não foi capaz de ler os sinais dos tempos, nem de aprender a depender de Deus, conforme diz o vs. 8. "O povo, até então, estivera despreparado para receber a verdade e, no estado em que se encontrava, isso apenas aumentaria sua condenação (ver João 16.12; Mar. 4.33)" (Ellicott, *in* toe).

48.8

Tu nem as ouviste nem as conheceste. Cf. a abertura desta declaração com Isa. **4021,24.28.** 0 castigo de Israel aqui é especialmente forte. As revelações e profecias ir ;• Í". - - = T Í sido sistematicamente ignoradas por um povo espiritualmente cego e *i* - -'- - :: :.tunidade era ampla, como era a rejeição. Israel tinha uma longa história de - ; r :a:e s apostasia habitual. O pais mostrou-se rebelde desde o nascimento (ver **Isa 12,3),** como um filho *geneticamente deficiente* que nada dá aos pais senão tribula- - -': *z* Eze. 2.5-8; 3.9,26; 12.2,3; 16.3,45. "A falta de atenção de Seu pove servia de : : =:=.-= Deus. Ele fala conosco constantemente — nas necessidades dos homens, =r=.és de ocorrências alarmantes, dentro das portas da igreja. Mas Ele nos encontra apáteos. Não somos servos do relógio, mas ociosos" (Henry Sloane Coffin, *in ioc.).*

Tendes lutado contra mim desde que nascestes.

(NCV)

Diz o Targum: "Sim, não ouvistes as palavras dos profetas. Sim, não recebestes a doutrina da lei. Sim, não tendes inclinado vossos ouvidos às palavras das bênçãos e das maldições do pacto que fiz convosco em Horebe".

Quarta Estrofe: Por Minha Própria Causa (48.9-11)

48.9

Por amor do meu nome retardarei a minha ira. Israel ainda irromperia em cânticos e louvores~(importantes elementos do culto a Yahweh). Portanto, Yahweh continuaria a mostrar-se paciente para com as suas venetas. Este versículo destaca a idéia fantástica de que Deus depende do homem quanto aos Seus louvores e quanto à Sua adoração, como se isso Lhe acrescentasse algo! Contraste-se isso com o *Movimentador Inabalável* de Aristóteles, isto é, ': pensamento puro pensando sobre si mesmo", porquanto nada existe de . alor para pensarmos a respeito. "A glória de Deus é o propósito da salvação de Israel (ver Eze. 20.22)" *(Oxford Annotated Bibie,* comentando sobre o vs. 9). A ,'onganimidade do Senhor é salvação (ver II Ped. 3.15). Quando Deus corta a Sua ira, exibe uma paciência que é, realmente, parecida com Deus, porquanto os *homens* raramente agem dessa maneira.

Cf. este versículo com o vs. 11, a seguir, e com Isa. 43.25, onde encontramos **a** mesma asserção.

48.10

Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata. *Em diversos lugares* temos a metáfora da prata refinada, mas a razão pela qual se diz aqui que o refino, feito por Yahweh, não resultou em prata, deixa os intérpretes perplexos. /árias são as idéias dadas: 1. O trabalho de refino foi diferente, porquanto não produziu o efeito desejado, como acontece quando se refina a prata. 2. Israel resistiu ao refino por ser diferente da prata, e desapontou o Refinador. 3. O .que resultou da atividade de refino divino foi apenas escória (cf. Isa. 1.22,25; Eze. 22.18-22; Mal. 3.3). 4. Se a prata é refinada por sete vezes na fornalha, para que fique pura, Yahweh não afligiu Seu povo com tantos testes, embora o cativeiro babilônico, segundo se admite, tenha sido a fornalha do refinador. Contudo, a disciplina foi muito menos severa do que poderia ter sido, pelo que foi diferente co refino da prata. A *fornalha da aflição* é uma metáfora comum para indicar a servidão dos israelitas no Egito. Ver Deu. 4.20; I Reis 8.51; Jer. 11.4.

48.11

Por **amor de mim, por amor de mim é que faço isto.** *O trabalho de refino logrou sucesso,* e isso redundou na glória de Yahweh, que como resultado recebeu um filho obediente, em vez do filho rebelde que tivera de refinar. Ver no vs. 9 a expressão "por amor do meu nome". O Pai é beneficiado quando os filhos se comportam bem; assim o benefício torna-se duplo. Mas os vss. 9 e 11 enfatizam a parte divina. Pelo lado divino, o nome de Deus estava sendo ;-ofanado tanto pelo que Israel fazia quanto pelo que outras nações diziam sobre o relacionamento entre Israel e Yahweh, zombando do nome divino. Portanto, Yahweh obtinha glória quando Seus filhos eram refinados. O termo '-.:me", neste caso, representa a pessoa, os atributos e a natureza de Yahweh. **Ver no** *Dicionário* o verbete chamado *Nome,* bem como Sal. 31.3; e ver sobre *Nome Santo* em Sal. 30.4 e 33.21. As palavras são aqui antropomórficas: **Yahweh** estava cuidando de *Sua reputação* entre os homens. Ver no *Dicionário : •* :: ramado *Antropomorfismo.* Considerando-se as promessas do pacto **abraamico** (comentado em Gên. 15.18), era impossível deixar Israel sem remis- *ii: ᶻí'-* :'je a; promessas se tornassem válidas, c processo de redenção **requeria** cumprimento. Yahweh não podia violar Suas próprias promessas nem **poda tolerar que** Sua reputação sofresse entre os homens, fosse por parte de **tsad, fosse por parte** das nações gentílicas.

Quinta Estrofe: O Primeiro e o Último (48.12-13)

48.12

Dá-me ouvidos, ó Jacó, e tu, ó Israel, a quem chamei. Esta estrofe começa com outro chamado para Israel *ouvir.* O chamado foi dirigida a Jacó, também nomeado Israel. Os céus e a terra respondem ao chamamento divino (vs. 13), e seria ridículo que Israel não respondesse. A criação (na natureza) e a história (em Israel) estão sujeitas à mesma autoridade divina. Só existe um Deus sobre elas. Cf. Isa. 46.3.

Sou o primeiro, e também o último. Em Deus encontram-se todos os começos, embora para Ele nunca tenha havido princípio de existência. Nele encontram-se também todos os fins, embora Ele nunca venha a ter fim. Deus é Aquele Ser independente, que não pode deixar de existir, pois é o que os teólogos e filósofos chamam de "Ser necessário". Todos os demais seres são dependentes e contingentes.

Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo.

(João 5.26)

Quanto a Deus como o primeiro e o último, ver Isa. 41.4 e 44.6. A expressão "o primeiro e o último" fala em unidade, caráter ímpar, eternidade e autoridade. Esse Deus único é soberano na natureza e na história. Era Ele quem estabelecia as regras e ocupava lugar de proeminência sobre um povo que trazia o Seu nome (ver Isa. 43.1; Deu. 28.10; Jer. 14.9; Dan. 9.19 e II Crô. 7.14). O Antigo Testamento nada sabe sobre um homem autônomo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus.*

48.13

Também a minha mão fundou a terra. Quanto à *mão* de Deus, ver Sal. 81.15; quanto à *mão direita* de Deus, ver Sal. 20.6; e, quanto ao *braço* de Deus, ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Essas são imagens antropomórficas de Seu poder, manipulando a natureza dos eventos humanos. Ver Isa. 13.6 quanto a esse tema anotado. Ele é Eterno, mas, dentro do tempo, Ele se abaixou para tornar-se o Criador, e a Ele todas as coisas e todos os seres devem a existência, pelo que os seres inteligentes são *moralmente responsáveis* diante Dele. Cf. Isa. 40.12-31; 42.5; 44.24; 45.11,12,17,18. "A criação não foi um ato único, mas uma atividade divina que continua até o presente. O mundo criado da natureza tem sua *história* sob a soberania divina" (James Muilenburg, *in loc).* Os rabinos divertiam-se aqui, atribuindo a criação da terra à *mão esquerda* de Deus, enquanto a criação dos céus era atribuída à Sua *mão direita;* e eles especulavam sobre qual mão Deus teria usado primeiro, a direita ou a esquerda. Mas isso já é tornar-se por demais antropomórfico. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.*

Sexta Estrofe: A Missão de Ciro (48.14-15)

48.14

Ajuntai-vos, todos vós, e ouvi! Quem, dentre eles, tem anunciado estas cousas? Ciro, pastor (ver Isa. 44.28) e messias (ver Isa. 45.1), era amado por Yahweh por ser um instrumento eficaz do propósito divino, a personalidade profetizada que derrubaria a Babilônia e libertaria a nação de Israel. Ciro tinha-se tornado o *braço* do Senhor (ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1). *Títulos compostos* eram uma maneira tipicamente oriental de expressar coisas, especialmente no caso de figuras reais. Cf. Isa. 62.2,4,12; 65.15; Apo. 2.17; 3.12 e 19.12. E o profeta Isaías imitou o estilo.

Ajuntai-vos. Esta ordem foi baixada aos adoradores de ídolos (as nações que Ciro tomaria). Eles receberiam o castigo das mãos do instrumento de Deus, Ciro. Cf. Isa. 43.9. Somente Yahweh tinha predito com sucesso a carreira de Ciro, pelo que somente Yahweh é deidade, um tema muito repetido no livro de Isaías. Ver Isa. 42.22,23; 43.9 e 44.7.

48.15

Eu, eu tenho falado; também já o chamei. Yahweh tinha *falado* (por meio de profecias e decretos). Ele chamou Ciro para ser Seu instrumento e, por isso, Ciro certamente seria um instrumento na mão de Deus; Deus havia *guiado* Ciro *ao longo do caminho, preparando-o* e equipando-o para aquela missão; Deus também o havia feito prosperar para fazer tudo quanto era necessário. A teologia concernente a Ciro é declarada por meio das quatro expressões grafadas em itálico. A *vontade divina* fê-lo ser o que ele foi. Quanto a esse tema, ver as notas expositivas sobre Isa. 13.6. Cf. Isa. 45.1,3,5 e 13.

Sétima Estrofe: O Líder no Caminho (48.16,17)

48.16

Chegai-vos a mim, ouvi isto: Não falei em segredo desde o princípio. A convocação foi renovada a fim de que uma importante mensagem pudesse ser comunicada. As nações deveriam aproximar-se para ouvir. Exatamente qual foi a mensagem, é algo que ficou claramente exposto, e desde longo tempo (desde o começo). Provavelmente está em foco a missão de Ciro, com tudo quanto estava envolvido nisso: a derrota da Babilônia; a conquista das nações; a libertação de Israel. *Isso* tinha sido predito desde longo tempo. A última linha do versículo é difícil. Yahweh-Elohim enviou a "mim", e o Seu Espírito *me* ajudou. É provável que esteja em foco Ciro, como "messias" de Yahweh, (cf. Isa. 45.1), mas Ciro não era "o Messias", conforme alguns comentadores defendem. "O profeta chama atenção para seu anúncio referente a Ciro, com base na missão dada por Deus e pelo Seu Espírito Santo. Mas ele fala aqui não tanto dessa pessoa como seu Messias, a quem somente, no sentido mais pleno, essas palavras se aplicam (cf. Isa. 66.1 e João 10.36)" (Fausset, *in loc).* Mas é difícil explicar por que o profeta saltou de Ciro, que foi apenas "um messias", para *o Messias,* neste versículo. Naturalmente, há a profecia de dupla operação, a de curto prazo e a de longo prazo; e isso poderia estar funcionando aqui. Seja como for, alguns pensam que Ciro serviu de tipo de Cristo. Ver as notas sobre Isa. 45.1, onde comento a respeito.

48.17

Assim diz o Senhor, o teu Redentor, o Santo de Israel. Novamente, temos um *acúmulo* de títulos divinos que enfatizam a noção de autoridade: Yahweh, Redentor Santo de Israel, Yahweh-Elohim. Todos esses títulos receberam artigos no *Dicionário.* Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.* O Poder divino, que foi chamado por todos esses nomes, é também o Mestre internacional que quer que Seus estudantes *tirem proveito* daquilo que Ele diz. E Ele é igualmente o Líder do caminho, e o caminho que Ele prove é o caminho certo. Quanto a caminhos bons e maus contrastados, ver a nota de sumário em Pro. 4.27; e então ver no *Dicionário o* verbete chamado *Caminho.* "Desde o começo, e em todos os tempos, Yahweh tinha oferecido o Seu ensino (no hebraico, *torah)* ao povo, guiando-os no caminho pelo qual deveriam andar. Aqui, novamente, temos o uso familiar do termo *caminho,* como o modo de conduta e de comportamento. O destino de Israel foi descrito classicamente como a guarda dos mandamentos para prática de vida. O fato de que Yahweh lidera Israel é um dos principais elementos de sua história e piedade (ver Êxo. 13.18,21; 15.13; Deu. 4.27; 29.5; Sal. 5.8; 23.2; 27.11; 43.4; 139.10,24; e ver também Isa. 40.11; 55.12 e 63.13)" (James Muilenburg, *in loc).* Quanto à lei como *guia,* ver Deu. 6.4 ss. Se Israel se tivesse submetido à orientação imprimida por Yahweh, não teria terminado cativo na Babilônia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar.*

Oitava Estrofe: As Recompensas e a Obediência (48.18-19)

48.18

Ah! se tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos! Ver Sal. 81.13-16, um bom paralelo deste versículo. Este é um anelo divino para que as coisas fossem diferentes; Israel (Judá) poderia ter evitado a dor pela qual passou, caso tivesse obedecido aos mandamentos (dados por Moisés e pela palavra profética). Assim os israelitas poderiam ter escapado ao cativeiro babilônico; Jerusalém poderia ter prosperado com suas multidões, em vez de um pequeno remanescente, depois que Ciro os libertou com um decreto. Poderia ter havido paz, em lugar de guerra; bênçãos divinas, e não destruição. Note o leitor aqui as *causas secundárias.* Israel (Judá), mediante o exercício de sua livre escolha, poderia ter anulado as temíveis profecias (e sua concretização) acerca da Babilônia. A história poderia ter sido diferente, *se* os homens tivessem sido diferentes. Portanto, o profeta negou que Deus é a Causa única. A paz poderia ter fluído como um *rio,* ou seja, em grande poder e abundância. Pelo contrário, o exército babilônico chegou como um rio, disposto a destruir. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paz.* Cf. Isa. 66.12 e Amos 5.24.

> *De todas as palavras tristes da língua ou da pena, as mais tristes de todas são estas: "Poderia ter sido".*
>
> (Walt Whitman)

A alusão mais provável aqui é ao rio Eufrates, que indica tristeza para Judá; mas o rio da paz de Deus teria significado a alegria.

48.19

Também a tua posteridade seria como a areia. Em vez de serem liquidados e reduzidos a um minúsculo remanescente, os descendentes de Judá poderiam ter sido superabundantes como as areias das praias do mar (ver Gên. 22.17; Osé. 1.10). Todos os descendentes de Jacó poderiam ser abundantes e saudáveis como um campo plantado de cereais cuidado por um agricultor habilidoso. O nome de Judá não teria sido cortado nem teria sofrido atos de destruição. Em vez de "grãos", a Septuaginta diz "pó" da terra, ou seja, inúmeros como partículas de poeira. "Esses dois versículos proferem o suspiro que sai do coração de todos os verdadeiros mestres, ao contemplar o estado real dos homens, em comparação com o que poderia ter sido. Cf. Deu. 32.29,30; Luc. 19.42" (Ellicott, *in loc).*

Nona Estrofe: Cântico Lírico (48.20-22)

48.20

Saí de Babilônia, fugi de entre os caldeus, e anunciai isto com voz de júbilo. Está em pauta um *Novo Êxodo,* uma fuga para longe da Babilônia, tal como antigamente Israel fugira do Egito. Tal como se deu no primeiro caso, outro tanto sucedeu no segundo, em que a vontade e o poder de Yahweh estavam com o Seu povo quando uma necessidade histórica estava tendo cumprimento. Chegara o momento de Ciro aplicar o seu golpe, tornando a cidade de Babilônia um lugar ermo e impossível de ser habitado (ver Isa. 13.19-22). Cf. Jer. 50.8 e 51.6. Os que fugiam da Babilônia sairiam entoando um cântico de redenção. Algo impossível tinha acontecido: após 70 anos, a nação de Judá tinha sido libertada da servidão babilônica, mediante o decreto de um monarca pagãol A mão divina se fazia sentir em toda aquela magna ocorrência. Ver Isa. 13.6 quanto a notas sobre esse tema. Isso foi realizado através do edito de 'Ciro' (ver II Crô. 36.22,23; Esd. 1.1-4), que permitiu aos judeus retornar para casa. Deus exortou que o Seu povo abandonasse imediatamente a Babilônia, que *fugisse,* porque essa volta seria como estar sendo remido, estar sendo comprado da escravidão; cf. Isa. 43.1" (John S. Martin, *in loc).*

48.21

Não padeceram sede, quando ele os levava pelos desertos. Depois que Israel saiu do Egito, no êxodo, embora esse povo tivesse passado por uma terra ressecada, onde facilmente poderia ter morrido de sede, não sofreu dessa maneira, porquanto sempre houve provisão divina de água potável. Em conseqüência, eles passaram incólumes pelos desertos. A água fluía das rochas, quando Moisés falou com elas ou as feriu com vara (ver Êxo. 17.6; 20.11; Sal. 105.41). Cf. Isa. 41.17-20; 43.19-21; 44.3). Foi um significativo milagre que seis milhões de pessoas pudessem passar pela terra seca, tendo o suficiente para comer e beber. Por semelhante modo, o *novo êxodo* seria acompanhado por provisões divinas necessárias, de tal modo que Jerusalém e o seu templo seriam reconstruídos, e Israel, através da tribo de Judá, poderia renascer como nação. Isso proveu outro poderoso exemplo da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário).* Alguns intérpretes vêem subentendido, embora não profetizado, o *terceiro êxodo* de Israel de entre os gentios, para formar a era do Reino de Deus, durante a qual Israel tornar-se-á cabeça das nações (Isa. 24.23).

48.22

Para os perversos, todavia, não há paz, diz o Senhor. Cf. Isa. 57.21, onde encontramos idêntica declaração. Aplicando este versículo, as nações que perturbaram Israel, especificamente a Babilônia, não verão a paz, tal como aconteceu a Israel quando andou desobediente e precisou ser castigado por intermédio da Babilônia (vs. 18). A paz é obtida mediante obediência ao Ser divino e seguindo-se o caminho providenciado por Yahweh (vs. 17). Os que viverem fora dessa linha experimentarão o caos e a tristeza.

"A doença de nossa civilização tem sido a centralização em tomo do homem... poucos... insistiriam em guardar em mente a glória de Deus. A maioria dos homens modernos rir-se-ia desse princípio como antiprático... essa centralização em tomo do homem é a causa do clamor infernal dos acontecimentos correntes... Mas honrar a Deus é a principal finalidade do ser humano. Isso eleva toda a vida ao seu ponto máximo e lhe empresta qualidades divinas" (Henry Sloane Coffin, *in loc).* 'Todas as bênçãos que acabam de ser mencionadas pertencem aos piedosos, e não aos ímpios" (Fausset, *in loc!).*

Capítulo Quarenta e Nove

O Servo e Redentor e as Coisas Finais (49.1 - 64.12)

Restauração do Servo Sofredor (49.1 - 57.21)

Livramento Final do Sofrimento pelo Servo de Deus (49.1 - 53.12)

O Servo do Senhor Chamado, Comissionado e Consolado (49.1-25)

"A seção anterior de nove capítulos (capítulos 40-48) tratou principalmente de Ciro e sua missão, dentro da restauração do povo judeu. Estes nove capítulos (49-

57) tratam primariamente do Messias-Servo ao cumprir o Seu ministério de reintegrar à Terra Prometida o povo em relação de pacto com Yahweh, pouco antes do inicio do milênio. Nenhuma das personagens envolvidas falhará em sua missão, e várias das mesmas expressões e figuras de linguagem são usadas em ambas as seções de nove capítulos cada.

Os capítulos 49-57 podem ser divididos em quatro partes: 1. O Servo de Deus, uma vez rejeitado por Seu povo, ofereceria salvação aos povos gentílicos (capítulos 49-50). 2. O remanescente crente do povo de Israel seria exaltado (51.1-52.12). 3. O Servo, entretanto, seria humilhado e só depois exaltado (52.13-53.12). 4. A salvação, através do Servo de Deus, será oferecida aos judeus e aos gentios pouco antes do milênio (capítulos 54-57)" (John S. Martin, *in loc).*

O Segundo Cântico do Servo. Quanto aos *cânticos do Servo,* ver Isa. 42.1-17; 49.1-6; 50.4-11; 52.13-53.12. Se o Servo se refere a Israel ou ao Messias, depende inteiramente do contexto. Ver as notas de introdução ao capítulo 42.

Os capítulos 49-50 pintam o Servo rejeitado. O capítulo 49, que é um poema grandioso, está dividido em *treze estrofes,* que serão tratadas separadamente na exposição a seguir.

Primeira Estrofe: Chamada, Missão e Destino do Servo (49.1-3)

49.1

Ouvi-me, terras do mar, e vós povos de longe, escutai. Tal como em Isa. 41.1-42.4, temos aqui uma chamada endereçada às nações. Israel (o Messias) fala para esclarecer quejfehweh o tinha chamado, desde o ventre materno; ele nasceu por determinação divina e para cumprir uma elevada missão que todas as nações deveriam ouvir.

"Seguindo a maneira dos grandes profetas, o servo introduziu a história de seu começo como profeta com uma descrição profundamente interna de sua chamada. Cf. Osé. 1.1-11; Jer. 1.4-10; Eze. 1.1-3.27 e Isa. 6.1-13, Essas palavras nos fazem lembrar da chamada e das confissões de Jeremias. À semelhança de Jeremias, o servo foi moldado e *conhecido* no ventre de sua mãe; sua esfera incluía o povo de todo o mundo (ver Jer. 1.10; 25.15 ss.); sua mensagem era de condenação e de felicidade (ver Jer. 16.19-21; Isa. 49.6); ele foi submetido a teste (ver Jer. 26.1-24; cf. Isa. 50.4 ss.); ambos foram levados como cordeiro ao matadouro (ver Jer. 11.19; Isa. 53.7); e foram arrebatados da terra dos viventes (ver Jer. 11.1-23; cf. Isa. 53.8)" (James Muilenburg, *in loc).*

"A palavra indica uma missão predestinada. Cf. Jer. 1.5; Luc. 1.15,41; Gál. 1.15" (Ellicott, *in loc).* As operações divinas na história humana tem sido um tema constante do livro de Isaías. Ver isso comentado em Isa. 13.6. Por extensão, essas operações se aplicam especificamente a homens dotados de elevada missão. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Providência de Deus.*

49.2

Fez a minha boca como uma espada aguda. A *iniqüidade* terá de enfrentar os julgamentos do Servo. Sua ira endireitará as coisas, ao passo que os bons receberão Sua benéfica missão de salvação. A boca do Messias será como uma espada aguda que destruirá os desobedientes (ver Isa. 1.20; Heb. 4.12; Efé. 6.17; Apo. 1.16 e 19.5). Ele também foi comparado a alguém cuja língua é como uma seta aguda, outro agente de destruição. Estava na aljava de Yahweh, pronto para ser usado no momento aprazado.

Não se vê nenhuma distinção entre o primeiro e o segundo advento do Messias, porquanto a visão do profeta não era assim tão clara para mostrar a diferença. O Servo estava guardado na aljava até o tempo apropriado para ser usado na batalha em favor do bem. Chegando o tempo apropriado, porém, o Servo estava na frente da batalha. Ele entrou em ação quando Sua hora chegou. Ver João 2.4; 7.6 e Gál. 4.4. Note o leitor a dupla figura de esconderijo: a espada estava na mão de Yahweh; e a seta estava na aljava de Yahweh. Isso enfatiza o fato de que o Servo de Deus tinha sido escolhido; a proteção ao Servo; Sua missão orientada; o fato de que somente no tempo certo Ele seria usado. Suas palavras seriam cortantes e eficazes, quer para julgar, quer para remir. Cf. Isa. 51.16, onde ter sido escondido (protegido, preservado para o bem) foi dito acerca de Israel em geral.

49.3

E me disse: Tu és o meu servo. O Servo é aqui chamado *Israel,* e minha interpretação simplesmente vê a carreira daquela nação no mundo, e não a carreira do Messias. Isso significaria remover muitas preciosas profecias messiânicas, afastando-as de Jesus, o Cristo, e pondo-as sobre Israel, a serva de Deus entre as nações. Alguns vêem aqui *dupla referência,* Israel e o Messias, visto que ambos fazem parte da mesma equipe. Alguns intérpretes vêem aqui Israel como uma glosa, mas somente um manuscrito (Kennicott, 96) não tem a referência a Israel. Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto contêm a palavra, como o fazem as versões em geral. Não obstante, os comentadores hebreus Aben Ezra, Rashi e Kimchi aceitam a referência a um indivíduo, e esse indivíduo seria, logicamente, o Messias.

Segunda Estrofe: O Servo Recompensado e Honrado (49.4-5ef)

49.4

Eu mesmo disse: Debalde tenho trabalhado. *O Servo,* tendo recebido elevada missão, estava cônscio do fracasso que deve tê-la acompanhado. Isso, se aplicado messianicamente, refere-se ao primeiro advento quando o Messias foi rejeitado (ver João 1.11). A despeito do fracasso, a mão direita do Servo (Seu poder e eficácia) continuava segura a Elohim, o qual faria as coisas tornar-se um sucesso algum outro dia. Suas palavras agudas, tão poderosas e eficazes, caíram em ouvidos surdos (ver Isa. 6.9-11; Mar. 4.12; Mat. 11.15-17). Contudo, o Messias recebeu Seu devido galardão. Essa parte do versículo antecipa os trechos de Isa. 52.12-15 e 53.10-12. Ver também I Reis 19.4-18 e Jer. 15.15-21.

Se o povo de Israel é o servo de Deus, então temos de supor que algum esforço verdadeiramente digno foi feito por aquela nação para ser a luz de Deus no mundo, o Seu poder de julgamento e restauração, mas não há muita coisa na história da nação que justifique esse ponto de vista. Pelo contrário, essa nação estava sempre sendo rejeitada por Yahweh por motivo de apostasia, em vez de ser rejeitada pelas nações.

O *Galardão Apropriado do Messias.* Embora tivesse sido rejeitado por Israel, o Messias conquistou os gentios, e a igreja veio à existência, o que, pelo menos por algum tempo, o tempo da graça divina, fez parar o relógio de Israel. O propósito divino voltará a ter Israel como centro, quando chegar o tempo certo de fazer a era do Reino de Deus.

49.5ef

Eu sou glorificado perante o Senhor, e o meu Deus é a minha força. Esta porção do versículo deveria estar unida ao final do vs. 4. O galardão foi afirmado com ainda maior força: o Messias seria glorificado, a despeito da rejeição de Israel; Elohim permaneceu sendo o Seu poder para Sua missão messiânica, tanto no primeiro século de nossa era quanto no futuro. "O Servo voltou a escudar-se na grandeza da obra que Lhe foi entregue, a missão de restaurar Israel, e ficou certo que mais cedo ou mais tarde essa missão seria concretizada. Cf. esta declaração com Rom. 9-11" (Ellicott, *in loc).* Não foi fácil explicar a rejeição de Israel quanto ao próprio Messias. Temos de supor aqui um mistério de Deus que opere nisso tudo. Seja como for, o relógio de Israel começará a tiquetaquear de novo. Então a missão original será gloriosamente cumprida.

Terceira Estrofe: A Luz das Nações (49.5abcd,6)

49.5abcd,6

Mas agora diz o Senhor, que me formou desde o ventre para ser seu servo. O Servo restaurará o servo. A apostasia de Israel chegará ao fim, e todo o Israel será restaurado (Rom. 11.26). O Messias foi escolhido desde o ventre, conforme a declaração do vs. 1, onde comento a questão com detalhes. O fracasso temporário será vencido. O *recolhimento* é uma metáfora que aponta para a *salvação* e também prediz a restauração de Israel à sua própria terra, com a subseqüente exaltação de tornar-se cabeça das nações (ver Isa. 24.23). Haverá então retorno e restauração, o cumprimento de grande número de profecias do Antigo Testamento. Os capítulos 9-11 da epístola aos Romanos deixam claro que Israel foi *posto de lado* por algum tempo, mas será *trazido de volta.*

Então uma Maravilha Terá Lugar. O Servo de Deus trabalhará através de Sua própria missão gentílica, e, através de seu servo, Israel, como seu agente, levará a luz aos povos gentílicos. O profeta Isaías combinou o primeiro e o segundo advento de Cristo em seu escopo, mas sem distinguir um do outro. Ver Mat. 4.15,16, sobre como o cativeiro assírio foi revertido na missão de Cristo. O que há de mais admirável nessa profecia é que os "assírios" também serão restaurados, ou seja, todas as nações gentílicas que haviam maltratado Israel. Então o alcance da mensagem será absolutamente universalizado, começando pelo primeiro advento e terminando no segundo. Essa provisão já existia desde o pacto abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Ver também Gên. 18.18; 22.18; 28.14; Atos 3.25,26; Rom. 4.13; Gál. 3.8,16. Quanto ao escopo universal da missão salvadora, ver também Isa. 44.5; 45.6,14 ss. E o vs. 8 deste capítulo. Há também outras ovelhas que deverão ser recolhidas (ver João 10.16).

Não era coisa pequena estar envolvido em tão pesada responsabilidade.

Quarta Estrofe: A Homenagem das Nações (49.7)

49.7

Assim diz o Senhor, o Redentor e Santo de Israel. *Yahweh*, o *Redentor de* Israel, o *Santo* de Israel, fala diretamente a Seu Servo rejeitado, e ao seu servo rejeitador. O Servo Sofredor foi desprezado, tal como, através dos séculos, também tem sido rejeitado pelas nações gentílicas. Porém, parte da missão messiânica será a sujeição a Deus por parte de todos os poderes e, secundariamente, a Israel, quando essa nação tornar-se a cabeça das nações durante o reino do milênio (ver Isa. 24.23). Um bom trecho paralelo é Isa. 45.22-24. Haverá sujeição universal ao Ser divino, que será uma sujeição remidora. Ver as notas expositivas ali existentes. As passagens de Rom. 14.11 e Rl. 2.10,11 devem ser interpretadas à luz de Isa. 45.22-24, porquanto repousam sobre este último trecho. Note o leitor que Rl. 2.10 nos envolve na missão tridimensional de Cristo, que atinge os homens em todos os lugares onde eles se encontrem: nos céus; na terra; no hades. Quando isso acontecer, a missão do Messias, como Servo Sofredor, estará completa; e antes mesmo da inauguração da era do Reino, Israel, como servo de Yahweh, fará parte dessa atividade. Algum dia, Israel tomar-se-á o agente que apresentará a luz ao mundo inteiro (ver Isa. 11.9). Portanto, todas essas coisas representam grandes e poderosas promessas que, algum dia, serão aplicadas universalmente.

"O ponto central dessas palavras jaz no fato de que Aquele que *fará* a *grande obra* será desprezado, segundo o julgamento do mundo, e até por Seu próprio povo, bem como pelos orgulhosos governantes (cf. I Cor. 1.27). No entanto, *Ele,* e não outro qualquer, realizará esse feito" (Ellicott, *in toe).*

Quinta Estrofe: Restauração da Terra e do Povo (49.8-9ab)

49.8

Diz ainda o Senhor: No tempo aceitável eu te ouvi e te socorri no dia da salvação. Em um *dia de favor*, a promessa das Escrituras se cumprirá. No dia da salvação Yahweh estenderá Sua mão e cumprirá todas as profecias antigas, dando a Israel a ajuda de que esse povo precisará para restaurar-se. Na verdade, Israel nunca se perdeu nos planos de Deus. Haverá um novo pacto e **a** renovação do pacto abraâmico; e o Messias operará visando o beneficio de Israel. A Terra Prometida foi dada a Israel como herança (ver Êxo. 6.8). Mas Israel seria removida da Terra Prometida por causa da ira de Yahweh. Todavia, esse não era o propósito de Deus nem o fim de Suas operações. A Terra Prometida, que foi deixada desolada, ainda haverá de florescer como a rosa (ver Isa. 40.1). O retorno do cativeiro babilônico foi o cumprimento histórico da promessa divina. Mas também haverá o cumprimento escatológico, muito mais glorioso. II Cor. 6.2 cita este versículo, mas empresta-lhe um tom universalista.

49.9ab

Para dizeres aos presos: Saí, e aos que estão em trevas: Aparecei. Na Babilônia, os cativos judeus ouviriam as palavras graciosas de Deus: "Sai; voltai; possuí de novo a Terra Prometida". O dia do aprisionamento teria terminado. Isso se aplicaria, em primeiro lugar, ao retorno do cativeiro babilônico, mas, secundariamente, ao retorno da dispersão romana, em preparação para a inauguração da época áurea do futuro. Tal como aconteceu no tocante à experiência egípcia, "eles serão soltos e restaurados" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

O Servo foi retratado como um Pastor que guia suas ovelhas a ricas pastagens, embora aqui Ele não seja especificamente chamado de Pastor. Pastagens abundantes são o equivalente a bênçãos e provisões abundantes em prol do remanescente que voltará. Esta parte do versículo, segundo alguns intérpretes, pertence ao vs. 10, onde encontramos as metáforas de provisão.

Aos que estão em trevas. Na terra estrangeira, espiritualmente tenebrosa; em masmorras literalmente escuras; em suas próprias trevas espirituais. Contudo, para todos os que estão nessas condições, há livramento da parte do Senhor.

"A restauração de Israel (ver Isa. 49.8-12). Durante o milênio, aqui chamado de tempo do favor de Deus no dia da salvação, o Senhor capacitará o Seu Servo a ser uma aliança para o Seu povo (cf. Isa. 42.6; isto é, para que Ele cumpra as promessas do pacto que Deus estabeleceu com Israel; ver comentários sobre Jer. 31.31-34, sobre o Novo Pacto)" (John S. Martin, *in toe).*

Sexta Estrofe: O Novo Êxodo e a Volta da Diáspora (49.9C-13)

49.9C-10

Em todos os altos desnudos terão o seu pasto. *Haverá ampla provisão* para o remanescente israelita que voltará: O Servo, na qualidade de Pastor, provera abundantes terras de pastagens; fartura de alimento e bebida; o fim das terras desérticas, onde o vento oriental sobra e o sol tosta. O Pastor os guiará para as margens de águas tranqüilas e cuidará da alma deles. Fontes esguicharão água onde antes havia somente uma terra seca e sedenta. Haverá mudança radical nas pessoas, equivalente às mudanças que se darão na Terra Prometida. Cf. Isa. 40.3,4. "Os vss. 9b-11 repetem a certeza dos cuidados providenciais de Deus quanto aos cativos que retornavam [da Babilônia], aos quais tinha sido transmitida a mensagem inicial de consolação (ver Isa. 40.1-11), com o uso da mesma metáfora do Pastor que guiava o Seu rebanho" (Henry Sloane Coffin, *in loc).*

49.11

Transformarei todos os meus montes em caminhos. Onde antes havia barreiras naturais, haverá caminhos abertos para os judeus que retomarem.

> *Farei os montes se transformarem em estradas para o meu povo, e estradas serão construídas.*
>
> (NCV)

Os caminhos serão *exaltados* e se tornarão caminhos apropriados a reis e príncipes. Elohim levará Seu povo de volta à Terra Prometida, sobre estradas reais. Talvez exista um significado metafórico subjacente: "Cristo é o maior de todos os Caminhos, e então virão os caminhos de Sua palavra e de Sua santidade. Esses, declaradamente, serão exaltados" (John Gill, *in toe).*

> *Voz do que clama no deserto: Preparei o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus.*
>
> (Isaías 40.3)

Cf. também este versículo com Sal. 18.33 e Hab. 3.17-19.

49.12

Eis que estes virão de longe, e eis que aqueles do norte e do ocidente. O povo se reunirá vindo de todas as direções; esse ajuntamento será completo, pois a hora final definitivamente soou. "Do ocidente" é, literalmente, "do mar"; mas, em Sal. 107.3, o significado é "do sul". Provavelmente, "de longe" quer dizer da distante Etiópia, para onde tinham ido exilados judeus. "Terra Sinim" (Siene) refere-se a *Sevene,* nome sobre o qual apresento o artigo no *Dicionário* e que é a área da moderna represa de Aswan. Fica no rio Nilo, cerca de 885 km ao sul da cidade do Cairo. O autor não tentou abarcar muitos lugares, nem mesmo todas as direções da bússola. Ele simplesmente nos deu uma lista representativa, que fala sobre lugares distantes.

Hino de Agradecimento: Yahweh Consolou o Seu Povo (49.13)

49.13

Cantai, ó céus, alegra-te, ó terra, e vós, montes, rompei em cânticos. A fim de celebrar o grande ajuntamento do povo de Deus, o profeta invocou a natureza, os céus e a terra, os lugares mais altos da criação, bem como os mais baixos, e também os montes da terra, os lugares exaltados e os povos da terra. A razão desse hino é o fato de que o dia da restauração e da consolação chegara (cf. Isa. 40.1). O dia da compaixão tomou o lugar do dia do julgamento. Um dia de reunião tomou lugar do dia da dispersão. Cf. este versículo com Isa. 44.23; 52.9 e 55.12,13. Yahweh consola a todos que precisam de consolação, sejam eles judeus ou gentios. A aplicação histórica pode ser a volta dos judeus da Babilônia, mas as palavras parecem apontar mais para o *dia escatológico,* para a era do Reino de Deus. Esse dia futuro se reveste de tal importância que toda a natureza foi convocada a participar dessa alegria. E isso é apropriado, porquanto o Deus da natureza é também o Deus das coisas que acontecem na terra. "A criação e a história estão sob uma soberania divina comum. A criação se regozijará na obra remidora de Deus" (James Muilenburg, *in loc).*

Sétima Estrofe: O Senhor Não Esqueceu Seu Povo (49.14-16)

49.14

Mas Sião diz: O Senhor me desamparou. Sião, em estado de depressão, pensava que Yahweh a tinha abandonado e esquecido. O assunto é o cativeiro babilônico, bem como os sentimentos subjetivos de Israel (Judá), em meio à calamidade. O desânimo provocou imediata reação de segurança. A misericórdia de Deus estava presente, pronta a curar (ver Isa. 63.15-19; Sal. 77.9,10 e 102.17).

49.15

Acaso pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama...? O poderoso instinto maternal não permitirá que uma mãe se esqueça de seu filhinho

que ainda mama; sim, talvez uma mãe possa fazer isso, pois podemos mencionar alguns poucos casos de tão terrível negligência maternal. Mas os desejos de Yahweh para com Israel (Judá) eram mais fortes que os de uma mãe por seu bebê, de modo que o "filho", Judá, podia ser punido pelo mal praticado, mas jamais abandonado. O amor divino é mais profundo do que qualquer forma de amor humano. O amor de Yahweh é a própria fonte da vida e da consolação de Judá. Cf. Isa. 43.4; 44.21; 46.3,4. Cf. especialmente Jer. 31.20. Ver também Mat. 23.37. Quanto ao exemplo contrário, ver Lam. 4.3,4,10; Deu. 28.57.

49.16

Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei. Na proclamação de Seu amor por Judá (ver Osé. 2.14-23; Jer. 31.20), foi usado como exemplo uma marca de amante, uma espécie de tatuagem. Alguém pode estar apaixonado o bastante para gravar o nome do ente amado nas palmas das mãos; e foi isso que Yahweh fez no tocante a Judá. Essa figura, naturalmente, é um extremo antropomorfismo, atribuindo a Deus o que dizemos sobre os homens. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Antropomorfismo.* Além disso, temos outra figura que reflete o *antropopatismo* (que atribui a Deus sentimentos humanos). Ele está sempre olhando para as muralhas de Jerusalém, com emoção em Seu coração. Nesse caso, provavelmente devemos compreender as futuras muralhas de Jerusalém, que já existiam na mente divina, servindo de símbolo da restauração futura, quando as coisas, uma vez mais, retornariam ao normal, após a volta dos exilados da Babilônia. Cf. este versículo com Isa. 25.1; Zac. 2.5 e Apo. 21.14.

Oitava Estrofe: Gloriosa Volta para Casa (49.18,12)

49.18

Levanta os teus olhos ao redor, e olha. Note que estou dando uma ordem diferente para os versículos, vinculando o vs. 18 ao vs. 12. Esses dois versículos compõem a oitava estrofe. Então o vs. 17 vinculado ao vs. 19 compõem a nona estrofe. Mediante esse rearranjo, conseguimos *unir pensamentos parecidos* Ver as notas no vs. 12, que também se aplicam aqui. Aquele versículo mostra alguns lugares representativos de onde os exilados retornarão, retratando historicamente a volta do remanescente de Judá, da Babilônia para a Terra Prometida; escatologicamente, porém, fala da distante restauração do remanescente de Israel da dispersão romana, pouco antes da inauguração da era do Reino de Deus. Yahweh e Sua vida divina (a coisa mais necessária dentre todas) garantirão o retorno dos israelitas. Os filhos de Yahweh são como jóias. Ele se adornará deles como uma noiva faz com suas jóias. Cf. Isa. 3.16 ss. A metáfora naturalmente subentende que Judá é a noiva de Yahweh. A figura, um tanto desajeitada porque é Yahweh quem é retratado aqui a colocar a jóias e, portanto, a fazer o papel de uma mulher, fala de uma jubilosa restauração, porque somos levados a pensar em um casamento. Ou então, conforme sugerem alguns estudiosos, Sião é objetivada aqui, e ela recebe seus filhos vindos do exílio; ela é a mulher que se adorna com jóias. O original hebraico é difícil e incompleto.

Alguns intérpretes cristianizam o versículo e vêem aqui o casamento do Cordeiro. Mas o assunto é Israel, e não a igreja.

Nona Estrofe: Sião Reconstruída e Reocupada (49.17,19)

49.17,19

Os teus filhos virão apressadamente. Tal como a oitava estrofe vincula os vss. 18 e 12, a nona estrofe liga os vss. 17 e 19; e, mediante esse arranjo, conseguimos unir pensamentos parecidos. O programa de construção ultrapassará em alcance o programa de destruição. Novamente, o original hebraico é desarranjado e difícil, pelo que os tradutores se esforçam para fazer o melhor que podem, arrancando do trecho algum sentido. A NCV simplifica o vs. 17, dando-nos: "Teus filhos logo retornarão a ti (Sião), e o povo que te derrotou e te destruiu partirá" (referindo-se aos conquistadores babilônicos). E então a descrição continua no vs. 19: "Fostes destruídos e derrotados. Vossa terra tornou-se inútil. Mas agora terás mais pessoas do que a terra é capaz de conter. E aqueles que te destruíram estarão distantes". Em outras palavras, aqueles que retornarem prosperarão e repovoarão a Terra Prometida, e logo serão removidos os efeitos da deportação para a Babilônia.

Os teus filhos. Assim diz o texto massorético; porém, mediante uma vocalização diferente, obtemos "vós, construtores", que é como se lê nos manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto, com o apoio da Septuaginta e do Targum. Algumas traduções consideram isso como o texto original mais provável. Os manuscritos pré-BC de Isaías (dois manuscritos hebraicos da coletânea dos Papiros do Mar Morto) são mais antigos do que o texto massorético padronizado por mais de um milênio e, por certo, quanto a alguns lugares, superiores a ele. Talvez essa superioridade atinja algo como 5% do texto. Algumas vezes, as versões, sobretudo a Septuaginta, concordam com aqueles antiquíssimos manuscritos hebraicos, contra o texto massorético, que é posterior. Quanto à importância desse fenômeno dentro da crítica textual, ver as notas sobre Isa. 26.19, bem como o gráfico acompanhante. Ver *Massora (Massorah): Texto Massorético,* no *Dicionário,* como também o verbete chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do;* e ver também o artigo denominado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento,* que inclui informações sobre como são escolhidos os textos bíblicos quando aparecem variantes.

Décima Estrofe: De Onde Vieram Estes? (49.20-21)

49.20

Até mesmo os teus filhos, que de ti foram tirados. Considere o leitor os quatro pontos discriminados a seguir:

1. Naturalmente, deveríamos pensar nesta "explosão populacional" e superpopulação de Jerusalém como uma referência à rápida ocupação humana ocorrida após o cativeiro; mas o versículo parece retratar uma grande explosão populacional que se deu enquanto os cativos ainda estavam na *Babilônia,* mais ou menos da ordem do que aconteceu no Egito, na terra de Gósen. Porém, se lermos as narrativas de Esdras e Neemias, ficamos admirados de quão poucos judeus voltaram à Terra Prometida.
2. Talvez o autor sagrado estivesse falando em termos comparativos; somente alguns retornaram, porém muito mais do que se esperava. Mas então as condições não eram favoráveis, e os recursos eram escassos. Portanto, a reconstrução de Jerusalém tornou-se mais difícil devido ao comparativo excesso de habitantes.
3. Para escapar ao *problema histórico* envolvido nessa declaração, alguns intérpretes transferem a coisa toda à restauração de Israel, antes da era do Reino, e vêem ali um maciço retorno da dispersão romana, o que criará problemas de superpopulação.
4. Alguns cristianizam o versículo, fazendo-o referir-se aos muitíssimos convertidos à igreja cristã, como se isso fosse uma superpopulação. Nenhuma dessas quatro interpretações é inteiramente satisfatória; mas a de número um é a que tem maior possibilidade de ser a verdadeira interpretação, embora seja historicamente inexata. A superpopulação é um motivo comum dentro da literatura apocalíptica: a promessa feita a Abraão se cumpriria mediante grande número de descendentes. Mas isso está ligado ao futuro de Israel, e não à época do exílio da Babilônia.

49.21

E dirás contigo mesmo: Quem me gerou estes? Este versículo dá prosseguimento à idéia do vs. 20, pelo que se aplicam as mesmas interpretações, conforme foi destacado aqui. Sião olhará admirada diante de tanta gente que voltará do exílio e perguntará: "De onde vieram todas essas pessoas? Eu lamentava, destituída. Como tanta gente (filhos) poderia estar voltando para mim?". Essas perguntas manifestarão o espanto de Sião: 1. Quem poderia ter dado à luz a tantos filhos que retornavam? O remanescente que partira era muito pequeno. Poderia aquele grupo de pessoas ter produzido todos esses descendentes? 2. Quem, pois, os criou? Qual é o segredo dessa inesperada multidão? 3. Toda essa gente está retornando da Babilônia, ou haverá outra(s) fonte(s) que a explique(m)? O efeito do vs. 21, pois, é enfatizar a idéia da presumível "grande multidão" do vs. 20. Mas permanece de pé o mesmo problema histórico. Devemos transferir toda essa gente para a era do Reino de Deus? "A viúva filha de Sião não poderá acreditar que aqueles filhos inúmeros eram seus" (Ellicott, *in loc.*).

Décima Primeira Estrofe: A Bandeira às Nações (49.22,23)

49.22

Assim diz o Senhor: Eis que levantarei a minha mão para as nações. *Adonai-Elohim* deu um sinal às nações, erguendo Sua mão de comando e dizendo às nações que entregassem os filhos de Israel que elas continham, enviando-os de volta a Jerusalém. Ora, por certo isso é *escatológico.* Será a reversão da dispersão romana, e não a reversão do exílio babilônico, embora este último tenha predito a futura e maior restauração. A figura das nações a carregar os filhos e as filhas de Israel nos ombros, a fim de conduzi-los a Jerusalém, subentende que haverá ampla ajuda para o retorno, tal como os egípcios equiparam os israelitas com tudo o de que precisavam para sair do Egito e iniciar sua viagem através do deserto. *Adonai-Elohim,* o Senhor e o Poder, é quem dará tal impulso às nações. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Este versículo anula a quarta interpretação do vs. 20 e reforça a terceira dessas interpretações; ou então o autor sacro passou do retorno da Babilônia para o retorno dos israelitas de *todas as nações,* possibilidade mais provável. O Segundo Isaías tem sido chamado de "o primeiro sionista". Seja como for, os sionistas judeus têm empregado versículos como este para conferir autoridade bíblica e inspiração ao seu movimento.

A minha bandeira. Provavelmente temos aqui uma alusão à "fogueira da batalha", a qual era usada para dar ordens a um exército em marcha. Ver Isa. 30.17 e Jer. 6.1. Aqui, porém, não temos uma invasão (ver Isa. 5.26; 13.2; 18.3), mas o começo da restauração de Judá (ver Isa. 11.10,12 e 62.10).

Os povos gentílicos ajudarão a reintegrar Israel ao seu próprio território pátrio (ver Isa. 60.4; 66.20). Nos países do Oriente, as crianças eram transportadas nos ombros de seus pais, mas os infantes eram transportados nos braços (ver Isa. 66.12), e esses costumes parecem estar por trás da declaração.

49.23

Reis serão os teus aios, e rainhas as tuas amas. A ajuda dos gentios é ainda enfatizada. Israel será promovida até por reis, que atuarão como pais de criação: e rainhas suprirão as necessidades deles como se fossem amas de mamadeira. Até mesmo altos oficiais como eles prostrar-se-ão diante de Israel, porquanto Yahweh estará com eles e os tomará altamente respeitados, o que será uma novidade no mundo. A sujeição será tão grande que eles lamberão o pó de seus pés. Isso ocorrerá porque Yahweh estará favorecendo os filhos de Israel e manipulando os acontecimentos humanos. Ver Isa. 13.6 quanto ao controle divino da história da humanidade. Israel tomar-se-á então cabeça das nações (ver Isa. 24.23, e o presente versículo é outra afirmação dessa doutrina). Se o povo esperar em Yahweh quanto a esse acontecimento, confiando no poder Dele, não ficará envergonhado, pois os acontecimentos se movem nessa direção. "Aqueles que os haviam oprimido tornar-se-ão seus servos" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 22).

Décima Segunda Estrofe: Salvador, Redentor e Poderoso de Israel (49.24-26)

49.24

Tirar-se-ia a presa ao valente? Uma calamidade tão grande como a do cativeiro babilônico poderia ser revertida? A dispersão romana poderia ser revertida? Cativos impotentes poderiam ser trazidos de volta, arrancados das mãos dos tiranos? Eles poderiam ser liberados de tão desesperadoras condições? Essas perguntas são paralelos do vs. 14: Yahweh não abandonou Seu povo; não se esqueceu deles. Por isso mesmo, *Ele* os arrebatou de seus opressores e os levou de volta à Terra Prometida. Devemos compreender que somente o poder divino pode fazer o que se lê neste versículo. As coisas não correrão por um curso que algum homem pudesse antecipar. E as coisas serão assim porque a história seguirá os ditames da manipulação divina, o que significa que muitas surpresas devem ser esperadas.

Fugir ao tirano? Assim diz o texto do manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto, com o qual concordam a Vulgata e a versão siríaca. Todos os manuscritos têm esse texto no vs. 25. Mas aqui, no vs. 24, o texto massorético diz "justo". O texto da Septuaginta talvez também tenha o texto dos manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto, mas isso é duvidoso. Uma vez mais, as versões concordam com os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto e discordam do texto massorético. Ver as notas sobre o vs. 17, e também Isa. 21.19, onde dou um sumário dos incidentes deste fenômeno, acompanhado por um gráfico ilustrativo.

49.25

Mas assim diz o Senhor: Por certo que os presos se tirarão ao valente. Este versículo refaz e enfatiza a idéia dada no vs. 24. Será *Yahweh* (e não algum acaso dos acontecimentos humanos) que arrancará as vítimas das mãos dos tiranos. Haverá significativa *intervenção divina.* Yahweh contenderá (fará guerra) com as nações pagas, a fim de livrar Seus filhos do cativeiro babilônico e da dispersão romana. Ele fará o que é inesperado porque o pacto abraâmico não permite que as coisas continuem em um estado lamentável. Um salvamento estava em acordo com as antigas promessas, feitas por Yahweh, ao Seu povo, às quais tantas Escrituras se referem. Portanto, um livramento será *inevitável.* Ver Isa. 13.6 sobre como o poder divino manipula os eventos humanos. Israel será *salva* de seu triste estado e movimentar-se-á para tomar-se cabeça das nações durante a era do Reino de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milênio.* Note o leitor, no vs. 25, os enfáticos pronomes na primeira pessoa do singular, e cf. isso com Isa. 41.12 e Jer. 2.9. Note também a ternura do texto: os filhos é que serão libertados dos opressores. "O interesse do profeta pelas crianças pode ser discernido a cada passo (ver Isa. 47.8,9)" (James Muilenburg, *in loc.).*

Tirano. Historicamente, trata-se do rei da Babilônia, ou seus poderes personalizados; mas o termo é generalizado para indicar qualquer poder tirânico que tenha abusado de Israel e cativado esse povo.

49.26

Sustentarei os teus opressores com a sua própria carne. Os opressores de Israel tornar-se-ão autocanibais, se é que o leitor pode imaginar tal coisa! Essa é uma figura corajosa que fala em autodestruição. Isa. 9.20 retrata o canibalismo normal, onde seres humanos consomem a carne de seus semelhantes, o que aponta para uma feroz destruição. Ver também Zac. 11.9. Os canibais geralmente eram também bebedores de sangue, o que, para a mente dos judeus, adicionava horror a horror, visto que a legislação mosaica proibia os israelitas de ingerir sangue animal, quanto mais de seres humanos. Ademais, quão terrível é que uma pessoa beba o próprio sangue, ao mesmo tempo que destrói a si mesma. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sangue,* ponto dois, quanto ao sangue como item da alimentação, e ponto três, quanto às idéias que os judeus formavam sobre isso. Os hebreus não deviam beber sangue nem usar sangue em seus alimentos preparados. Ver Gên. 9.4; Lev. 3.8 e 7.26. De alguma maneira misteriosa, eles acreditavam que a vida do ser está no sangue, e esse era um dos motivos da proibição. Nos sacrifícios de animais, a gordura e o sangue eram queimados sobre o altar, tornando-se assim a parte que cabia a Yahweh. Quanto às leis sobre o sangue e a gordura, ver Lev. 3.17.

O Libertador. Note o leitor o acúmulo de títulos divinos para enfatizar a certeza com que Israel seria libertada dos tiranos da história, pouco antes de sua restauração: Yahweh, Salvador, Redentor, Poderoso. E tudo isso é dito de Deus a respeito de "Jacó", ou seja, visando o benefício de Israel. O Poder de Deus é realmente grande; Seu amor é imenso; e isso garante que a obra prometida seja realizada. Cf. Isa. 1.25; 41.14; 42.11 e 60.16, que contêm os elementos (separadamente) do presente versículo. Ver esses termos, no *Dicionário,* para maiores detalhes.

Capítulo Cinqüenta

Este capítulo continua com a seção iniciada no capítulo 49 e que se estende até o capítulo 65. Haverá livramento final do sofrimento por intermédio do Servo de Deus (Isa. 49-53).

Israel é Exortado a Andar pela Fé (50.1-11)

Teria de haver reações éticas diante da promessa de livramento (capítulo 49). O profeta Isaías retrocedeu à questão da rebeldia de Israel e renovou o apelo para que ela abandonasse seus próprios esquemas, voltando-se de todo o coração a Yahweh.

Este poema (capítulo 50) consiste em *quatro estrofes.* A segunda delas (vss. 4-6) oferece-nos outra declaração do *Servo.*

Primeira Estrofe: O Juízo de Deus e a Fidelidade ao Pacto (50.1-3)

50.1

Assim diz o Senhor: Onde está a carta de divórcio de vossa mãe...? "À semelhança de Oséias, Jeremias e Ezequiel, o Segundo Isaías descreve o relacionamento de pacto entre Yahweh e o Seu povo como se fosse um *casamento* e, tal como esses profetas, Ele se preocupa com o rompimento do pacto e suas conseqüências. As duas perguntas contêm duas figuras para a presente situação de Israel: o *divórcio* da esposa e a *venda* dos filhos como escravos. Israel queixa-se de que o exílio mostrava que ela estava divorciada, e que o povo tinha sido vendido. As perguntas subentendem suas próprias respostas: Yahweh nunca expediu uma carta de divórcio; ele não tem nenhuma obrigação de dívidas a qualquer pessoa para vender os Seus filhos. O exílio devia-se às iniqüidades de Israel. A passagem está intimamente relacionada quanto à forma a Isa. 42.18-25" (James Muilenburg, *in loc).*

Esse raciocínio prova que Israel (Judá) não estava irremediavelmente perdido. Seria devidamente punido, mas levado de volta ao seu território pátrio. Yahweh, e não as nações captoras, determinaria o resultado da questão.

Quanto à "carta de divórcio", ver Deu. 24.1-4. Ver o *Dicionário* quanto a *Carta (Termo) de Divórcio,* para detalhes completos. O judaísmo mais liberal tomou-se bastante livre quanto aos motivos para o divórcio. Nosso texto presume *amplos motivos* para Yahweh divorciar-se de Israel (Judá), mas nega que algum divórcio tenha ocorrido. Uma mulher divorciada podia casar-se de novo, mas não podia casar-se novamente com o primeiro marido. Assim sendo, seguindo essa provisão da metáfora, *se* Yahweh se tivesse divorciado de sua esposa, Israel, a separação seria definitiva.

E que dizer sobre os filhos? Um pai em duras circunstâncias podia vender seus filhos à servidão, a fim de pagar suas dívidas (ver Isa. 52.3; Êxo. 21.7; II Reis 4.1; Nee. 5.5). Mas Yahweh não tinha credores e nada devia a ninguém. Eram as iniqüidades deles que os tinham posto onde atualmente estavam (ver Isa. 54.1; Osé. 2.4; Eze. 5.12). A causa de tudo era a própria nação de Judá. Ela poderia ser trazida de volta a qualquer momento que parecesse apropriado à vontade divina e às suas operações. Cf. Isa. 42.24,25. Ver Êxo. 21.7; II Reis 4.1; Nee. 5.5 quanto às leis relativas à escravidão. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Escravidão.*

50.2

Por que razão, quando eu vim, ninguém apareceu? Yahweh tinha vindo para redimir o Seu povo e trazer a era do reino de Deus (ver Isa. 40.8-10), mas não encontrou um sequer que pudesse redimir. Ele proclamou Sua palavra de esperança (ver Isa. 40.1-11), mas ninguém respondeu (ver Isa. 59.16; 63.5). Por isso, diz o Targum: "Por conseguinte, quando enviei os meus profetas, por que não se arrependeram? Eles profetizaram, mas ninguém os ouviu".

A mão divina não estava defeituosa que não pudesse redimir. O defeito estava nos que deveriam ser remidos. Cf. Isa. 61.1 e Núm. 11.23. Yahweh *tinha poder* para libertar, mas Seus atos foram anulados pela apostasia. Ele poderia ter secado as águas que bloqueavam o escape de Israel, tal como fizera no mar Vermelho (mar de Juncos), mas as iniqüidades do povo o tinham tornado cativo no "Egito", e ali o mantinham. Subseqüentemente, Ele poderia tê-los guiado pelo deserto, suprindo cada uma de suas necessidades, formando rios no deserto. Mas os peixes nas lagoas tinham morrido e estavam em adiantado estado de putrefação, "cheirando mau até os altos céus", conforme dizemos em uma moderna expressão idiomática. Faltou água a esses peixes, e foi assim que Judá acabou encontrando-se no seu deserto da Babilônia. Cf. Êxo. 7.18,21. Uma das pragas do Egito também é aqui aludida. Porém, em vez de terem escapado do Egito, Judá veio a participar de uma das pragas representadas pela Babilônia.

Até que cheirem mal os seus peixes. Assim diz o texto massorético, mas o manuscrito hebraico de Isaias, na coletânea dos Papiros do Mar Morto, bem como a Septuaginta, dizem "até que se ressequem". Assim temos aqui outro caso em que as versões (sobretudo a Septuaginta) concordam com os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto. Ver as notas sobre esse fenômeno em Isa. 21.19, quanto à sua importância para a critica textual do Antigo Testamento. Apresento ali um gráfico que ilustra a questão.

50.3

Eu visto os céus de negridão. Contra o apostatado povo de Israel foi imposto severo *julgamento.* O próprio firmamento revestiu-se de uma veste divina escura. O sol não brilhava através da escuridão. Na Babilônia houve uma luz desnaturai. Essa cobertura era negra como o cilicio, emblema das lamentações. A figura pretendida pode ser um *eclipse total;* mas alguns estudiosos vêem uma feroz tempestade de poeira que ocultou o sol. Cf. Mal. 3.14. Os exilados hebreus estavam engolfados no negro paganismo, e o Sol não podia atravessar a espessa camada de escuridão. Este versículo naturalmente alude a outro julgamento do Egito, a praga das trevas. Ver Êxo. 10.21. Quanto à metáfora do cilicio, ver Apo. 6.12, e, no *Dicionário,* ver o artigo chamado *Pano de Saco.* Isso posto, Israel sofria seu exílio no *Egito-Babilônia,* em meio a densas trevas, por haver repelido a luz de Deus.

Segunda Estrofe: Sofrimentos do Discípulo de Yahweh (50.4-6)

50.4

O Senhor Deus me deu língua de eruditos. Temos aqui outra declaração do Servo. As declarações encontram-se em Isa. 42.1-4; 49.1-6; 50.4-11 e 52.13-53.12. Esta é a *terceira* delas. Se o Servo aqui referido é Israel ou o Messias, é algo que deve ser determinado pelo contexto. Neste caso, *Adonai-Yahweh* traz a mensagem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de. O Servo* (o Messias), ensinado pelo *Senhor-Elohim,* consola seus compatriotas israelitas que estavam *exaustos* em seus testes e tribulações. Todavia, o Messias foi tratado com desprezo (ver Isa. 52.13-53.12). Ver o vs. 6 deste capítulo, que nos diz a mesma coisa. Talvez devamos compreender que o Servo Sofredor fala até o vs. 9, inclusive, embora esteja envolvida uma estrofe diferente. Ao Servo, Yahweh foi dada a Sua língua (mensagem e o poder de transmitir a mensagem), e essa iíngua tinha por propósito consolar e ajudar os cansados. Mas eles, em sua iniqüidade e rebeldia, rejeitaram a Sua boa missão. A cada dia o Servo era inspirado por Yahweh a cumprir a Sua tarefa, e foi precisamente isso que Ele procurou fazer. Ele ouvia a mensagem "manhã após manhã", continuamente, a cada dia, como é o caso de bons ouvintes que se tornam, por sua vez, bons mestres. Mas coisa alguma adiantou. Ele era despertado cedo pela manhã e ansiosamente ouvia as instruções que deveria passar a outrem. Mas a Sua diligência não logrou resultados práticos. Cf. Mar. 1.35 e Luc. 4.42. O Messias foi um erudito bem treinado e, assim sendo, um Mestre qualificado, mas Seus alunos não estavam interessados em aprender.

> *O Senhor me deu a capacidade de ensinar. Ele me ensinou o que devo dizer para tornar fortes os fracos.*
>
> (NCV)

50.5

O Senhor Deus me abriu os ouvidos. *Adonai-Yahweh* deu a Seu Servo *ouvidos abertos,* e em sentido algum Ele se mostrou rebelde. Portanto, Ele cumpriu o papel que Lhe cabia. Cf. Isa. 48.8 e Sal. 40.6. Contrastar com Lam. 1.18. Ver a expressão "destapar os ouvidos", que indica o recebimento de alguma revelação divina (Jó 36.10,15; I Sam. 9.15; II Sam. 7.27). "O Servo foi obediente e submisso (cf. I Ped. 2.22,23)" (John S. Martin, *in toe).* Ver Fil. 2.7 e Mat. 20.28.

"O Messias não declinou o trabalho que Lhe foi proposto, mas prontamente engajou-se; Ele nunca parou na realização nem desistiu, até que o terminou. Ele não hesitou a respeito, conforme Moisés fizera, nem fugiu de Sua obrigação, como Jonas" (John Gill, *in toe).*

50.6

Ofereci as costas aos que me feriam. O Servo de Yahweh seguiu Seu chamado, a despeito da mais severa oposição e do mais malicioso tratamento. O Messias sofreu dura perseguição física e muitos insultos. Ocupou-se fielmente de Seu ensino, mas foi tudo como lançar pérolas diante dos porcos. Foi-lhe assegurado que Ele era um herege e um blasfemo, um visionário fanático que tinha perdido o contato com a realidade. Ver Mar. 14.65; 15.16-20 e I Ped. 2.22,23. "O desfiguramento causado pelo arrancar dos cabelos, tanto quanto pelo puxar da barba, era o pior dos insultos (cf. Isa. 7.20; 15.2; II Sam. 10.4 e Jer. 7.29" (James Muilenburg, *in toe).*

Ofereci as costas. O manuscrito hebraico da coletânea dos Papiros do Mar Morto diz: "varas de ferro forjado", e a Septuaginta diz "açoites".

Não escondi o meu rosto. Os manuscritos hebraicos da coletânea dos Papiros do Mar Morto dizem aqui: "Não me desviei", e isso concorda com a Vulgata. Algumas vezes as versões (especialmente a Septuaginta) concordam com os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto contra o texto massorético padronizado, muito mais tardio. Quanto a como esse fenômeno é importante para a crítica textual do Antigo Testamento, ver as notas sobre Isa. 26.19, com o gráfico acompanhante que oferece exemplos e comentários.

Terceira Estrofe: Meu Ajudador e Vindicador (50.7-9)

50.7

Porque o Senhor Deus me ajudou, pelo que não me senti envergonhado. O Servo (Messias) não foi derrotado pelos maus-tratos de homens ímpios e desarrazoados, porquanto Adonai-Elohim O ajudou. E Ele nem se sentiu confundido por Seus inimigos, a ponto de ter caído em desencorajamento e derrota. Antes, Ele fez Seu rosto ser como um seixo, que não podia ser desviado de Sua tarefa. Fez parte de Sua missão ser envergonhado por homens menores do que Ele, os quais tomaram sobre si mesmos a tarefa de praticar toda forma de feitos atrevidos.

"Usando terminologia própria de tribunal, o Servo exprimiu a inabalável confiança de que Deus O vindicaria (ver Jer. 1.18,19; 17.17,18; Eze. 3.7-11; Rom. 8.33). Quanto a Yahweh como *Ajudador,* ver Isa. 41.10,13,14; 44.2; 49.8. Por ter deixado o rosto duro como uma pederneira, ver Jer. 1.8,18; 15.20; 20.11; Eze. 3.8,9; Luc. 9.51. Cristo tinha uma força indômita."... endurecido contra toda a oposição; resoluto e destemido; constante e inabalado pelas palavras e pelos golpes dos homens" (John Gill, *in loc).*

50.8

Perto está o que me justifica; quem contenderá comigo? O vocabulário próprio de um tribunal, usado no vs. 7, continua aqui. O Servo Sofredor estava absolutamente certo da vindicação de Deus, a despeito do que os homens pensassem e fizessem. Ninguém seria capaz de contender com Ele. Que homem poderia levantar-se no tribunal contra Ele, quando Deus se levantasse para vindicá-Lo? Se houvesse alguém corajoso, que se aproximasse e dissesse a sua palavra contrária a Ele. Tal homem ficaria confundido e envergonhado. Para Deus como o defensor das boas causas, ver Isa. 52.2 e 53.11. Quanto a Deus como Juiz e protagonista, ver Isa. 41.1-42.4 e especialmente Jer. 17.17,18; 20.7 ss.; Sal. 22 e Lam. 3.58 ss. Cf. a linguagem aqui usada com Sal. 138.8 e Rom. 8.32-34.

50.9

Eis que o Senhor Deus me ajuda; quem há que me condene? *Adonai-Elohim* faria a avaliação e o pronunciamento final, e o Servo se sentia feliz diante da ajuda divina que já estava a caminho. Sua inocência ficaria provada, e aqueles que o tinham condenado se desgastariam como um roupa que as traças roem. Cf. Isa. 51.8. Ver também Jó 13.28; Sal. 102.26 e Rom. 8.33,34.

Quarta Estrofe: A Luz da Fé e o Fogo do Julgamento (50.10-11)

50.10

Quem há entre vós que tema ao Senhor, e ouça a voz do seu Servo...? Aquele que obedecesse à voz do Servo, embora fosse perseguido como foi o seu Mestre, e embora andasse pelo vale da sombra da morte, não teria razão para temer, porquanto o Senhor estava com Ele. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor,* quanto ao desenvolvimento dessa idéia. Ver também a expressão explicada em Sal. 119.38 e Pro. 1.7, onde são apresentadas notas expositivas de sumário. Usualmente, a idéia de "temor" aponta para a espiritualidade, nas páginas do Antigo Testamento, embora algumas vezes seja evidente o elemento literal de temor ao Ser divino.

O indivíduo que encontra forças nas horas de debilidade, e luz em momentos de trevas, é aquele que deposita sua *confiança* no Senhor. Sobre como essa palavra é usada no Antigo Testamento, ver a nota de sumário em Sal. 2.12. "O Messias exorta aqui os piedosos a seguir Seu exemplo (cf. Isa. 42.4 e 49.4,5), quando em circunstâncias de teste *[trevas,* ver Isa. 47.5)... Deus nunca teve algum filho que não estivesse nas trevas por algum tempo, mas o fim dele será paz e luz. O ímpio, pelo contrário, poderá brilhar durante algum tempo, mas seu fim serão trevas espessas (Sal. 37.24; 97.11; 112.4)" (Fausset, *in* toe). "Confiança, a despeito das trevas. Por isso o grito do Servo abandonado foi seguido pela palavra: 'Pai, em Tuas mãos entrego o Meu espírito' (Luc. 23.46)" (Ellicott, *in* toe).

50.11

Eia! Todos vós, que acendeis fogo, e vos armais de setas incendiárias. O indivíduo que se recusa a andar à luz da tocha do Servo de Deus, o Messias, mas que acende a própria tocha para passar pelas trevas da noite, levará uma vida que será dirigida pela luz que o homem pode acender. Mas não andará na luz do Senhor. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Andar* e *Luz, Metáfora da.*

Em tormentos vos deitareis. Não há aqui nenhuma alusão à Geena, doutrina que ainda não havia sido trazida a lume. Nem há referência a um julgamento pós-túmulo. Em Dan. 12.2, entretanto, há tal referência, um pós-vida de recompensa ou de punição mediado pela ressurreição. Somente nos livros apócrifos e pseudepigrafos há referências claras (como o céu e o *sheol)* a lugares de recompensas e de punições. As chamas do hades foram acesas no livro de I Enoque. Era expectação comum dos hebreus que uma vida de iniqüidade terminaria em morte prematura e/ou violenta. E esse é o tipo de idéia que encontramos no presente versículo.

Uma curiosidade de interpretação deste versículo é que os judeus supunham que, quando a companhia dos anjos encontrava um homem ímpio, por ocasião de sua morte, esta era uma das passagens que eles citavam para anunciar a sua condenação. Ver *Taimude Bab. Cetubot,* foi. 104.1.

Capítulo Cinqüenta e Um

A Salvação Vindoura (51.1-23)

O remanescente que será exaltado é o tema da seção maior de Isa. 51.1 - 52.12. Este capítulo consola o remanescente israelita. Os vss. 1-8 constituem um oráculo escatológico, pelo que devemos olhar aqui para a era do Reino de Deus. A revelação histórica sobre o passado está vinculada à promessa da salvação futura. Este capítulo (e parte do capítulo seguinte) está dividido em duas seções gerais: vss. 1-16 (a vindoura salvação); e vss. 51.17 - 52.12 (Yahweh se tomou Reí). A primeira seção tem *cinco* estrofes; e a segunda, *seis* (havendo também algumas seções de conexão que não pertencem às estrofes). Identificarei esses elementos conforme a exposição progredir. Há forte ênfase sobre a primeira pessoa divina, que assinala o poema como um oráculo ou uma combinação de oráculos. Ao longo da seção, temos um caráter escatológico, pelo que é inútil tentar identificar eventos históricos.

Primeira Estrofe: Consolação para Sião (51.1-3)

51.1

Ouvi-me vós, os que procurais a justiça, os que buscais o Senhor. "A primeira metade da estrofe é um reflexo histórico, e a segunda metade é uma promessa escatológica. Ambas têm por desígnio encorajar e consolar Sião (ver Isa. 40.1,27; 41.10; etc). Os repetidos golpes aplicados pelo conquistador estrangeiro, a dizimação da população, as pequenas dimensões da comunidade de Jerusalém e as condições dos exilados naturalmente deram origem ao desespero e à impotência. O profeta apelou para a história de Abraão (ver Gên. 12.1-3; 13.14,15; 15.5 e 22.17). Assim como Yahweh chamou Abraão e o abençoou e o multiplicou em consonância com Sua promessa, também Israel, em sua atual terrível condição, podia esperar miraculosa multiplicação de sua população. Essa era uma das principais características da escatologia clássica dos hebreus (cf. Osé. 1.10; Jer. 3.16; 30.19; Eze. 36.10,11; Zac. 8.5; 10.8)" (James Muilenburg, *in* toe).

O povo escolhido que busca a Yahweh deve ouvir Suas instruções; o povo que busca a retidão e o livramento deve olhar para a *rocha* da qual foi escavado. Temos aqui a noção de *pedreira,* símbolos da solidariedade de Israel com o Ser divino. Todos os israelitas foram escavados da mesma *Rocha* (ver a respeito no *Dicionário).* A referência é ao Ser divino, mas, em segundo lugar, a Abraão e Sara, conforme demonstra o vs. 2. Assim como a origem de Israel estava no Ser divino (através de instrumentos humanos), com a mesma certeza haverá a *restauração* de Israel.

51.2

Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz. Assim como Sara era uma mulher estéril, tendo sido necessária uma intervenção divina para dar a Israel o seu começo, também será necessária uma intervenção divina para dar à nação sua continuação na restauração. Cf. Isa. 41.8 e 63.16 com Gên. 12.2; 15.5; 17.6 e 22.17 quanto aos muitos descendentes prometidos a Abraão. Essa era uma das grandes provisões do pacto abraâmico (comentado em Gên. 15.18). Gên. 15.6 mostra a intervenção de Deus na questão dos descendentes. Sara tomou-se a mãe da nação. Esta é a única menção a Sara fora do relato de Gênesis. Cf. Heb. 11.12. Tal como se dera com Sua promessa a Abraão (ver Gên. 12.1-3), assim também Deus cumpriria a *salvação* prometida a Sião (ver Isa. 49.20,21)" *[Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo). Cf. Eze. 33.24. Diz o Targum: "Abraão era um só no mundo, solitário, mas eu o trouxe para o Meu serviço e o abençoei e multipliquei".

51.3

Porque o Senhor tem piedade de Sião. Yahweh consolaria Israel, revertendo a sorte dessa nação; faria seus lugares desolados tomar-se férteis e produtivos, restaurando o jardim do Éden, símbolo escatológico da futura era do Reino de Deus. O deserto então florescerá como a rosa (ver Isa. 35.1). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Éden, Jardim do.* "O fim será como o princípio. O tempo escatológico retornará ao tempo primordial. Em Gên. 2.8, vemos que o *Senhor* plantou o jardim do Éden; aqui e em Eze. 28.13 (cf. Gên. 13.10), o Éden é o jardim de Deus (cf. Eze. 31.8,9). *Aiegría* e *júbilo* acham-se ali. Ver Isa. 35.1,2; 61.7; 66.14; Jer. 30.19 e Zac. 10.7. Os manuscritos hebraicos adicionam: 'a tristeza e os suspiros fugirão' (vs. 11; 35.10)" (James Muilenburg, *in loc).* O lugar é um dos cânticos de agradecimento e louvor, por ser a obra de restauração efetuada pelo Ser divino. O Éden, símbolo de uma criação abençoada e primordial, toma-se agora símbolo da restauração da era do Reino. Estamos falando sobre a utopia do futuro (ver Eze. 36.35; 47.1-12). "O paraíso entra na idéia da restauração futura (Apo. 2.7)" (Ellicott, *in loc).*

Segunda Estrofe: O Tempo da Salvação Está Próximo (51.4-6)

51.4

Atendei-me, povo meu, e escutai-me, nação minha. Israel (Judá) foi novamente chamada para ouvira palavra de Yahweh, que restauraria a nação. Haverá nova lei, tal como haverá novo Éden (vs. 3). Isso procederá de Yahweh, tal como a primeira lei e o antigo Éden procediam, e o Senhor será o *guia* de Israel, tal como foi o guia de Israel (Deu. 6.4 ss.j. Israel *receberá vida,* tal como aconteceu na antigüidade (ver Deu. 4.4-6). Isso fará de Israel uma nação distinta, tal como se deu no caso antigo (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Haverá justiça e luz na nova era do Reino de Deus, quando Israel se tomar cabeça das nações (ver Isa. 24.23). "Lei", aqui, é a palavra revelatória geral, primeiramente dada como profecia e depois como princípio norteador que afeta tudo na vida. A lei servirá de *luz* para o povo de Israel, um guia supremo. Cf. Isa. 42.6 e 49.6, e ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Luz, Metáfora da.* Disse Kimchi:"... o Rei Messias ensinará o povo a andar nos caminhos do Senhor".

51.5

Perto está a minha justiça, aparece a minha salvação. Vemos aqui a mesma cena que se vê em Isa. 11.9, onde todas as nações aparecem como quem conhece o Senhor; todas as nações andam na Sua luz; todas as nações participam de Sua *salvação,* visto que Israel foi *libertada de* escravidão milenar. O poder de Deus, o Seu *braço,* governa todos os povos. Ver sobre o *braço* de Deus em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Cf. a *mão* divina (Sal. 81.4) com a *mão direita* de Deus (Sal. 20.6). No braço de Deus há *esperança,* pois Seu governo promove a salvação. Ver Isa. 45.20-25.

> *Eis que o Senhor Deus virá com poder, e o seu braço dominará: eis que o seu galardão está com ele, e diante dele a sua recompensa.*
>
> (Isaías 40.10)

Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Milênio* e *Salvação. As ilhas* (lugares distantes) esperam no Senhor quanto à Sua salvação e às bênçãos da Nova Era. "Esta é uma profecia sobre a conversão dos gentios" (John Gill, *in* toe).

51.6

Levantai os vossos olhos para os céus, e olhai para a terra em baixo. Céus e terra passarão, mas a Palavra da salvação de Deus permanecerá e continuará a realizar Sua obra. A *transitoríedade* de todas as coisas é retratada aqui com linguagem apocalíptica. O apocalipse atingirá todas as coisas, exceto o que estiver protegido pela Palavra do Senhor. Os céus se dissiparão como fumaça (cf. Osé. 13.3; Sal. 68.2; 102.3). Então até a terra se desgastará e cairá em desintegração, tal como acontece a uma antiga peça de roupa (cf. Isa. 50.9; Sal. 102,25). Os habitantes da terra morrerão *em massa, como* se fossem enxames de mosquitos que se encontrassem com uma nuvem de condenação fatal. Cf. Isa. 40.22, onde gafanhotos provêem a figura da destruição em massa. Os intérpretes dispensacionalistas pensam que este versículo fala da Grande Tribulação e suas palavras seriam metafóricas. Está fora de lugar aqui transferir a cena para a destruição final do cosmo (ver II Ped. 3.10,11). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tribulação, a Grande.* A destruição chegará a fim :e promover a salvação, porquanto não poderá haver Nova Era enquanto a antiga era, na qual estamos vivendo, não for abolida de modo absoluto. Será necessário um *novo começo,* e não mera reforma do que é antigo. Comparar este versículo com Mat. 24.35.

Terceira Estrofe: Não Temais, Não Desanimeis (51.7,8)

51.7

Ouvi-me, vós que conheceis a justiça. Novamente, Israel é chamado a ouvir com cuidado o oráculo divino. O povo de Israel, embora por tantas vezes apóstata, finalmente tornar-se-á verdadeiramente reto, instruído na Nova Lei (vs. 4). A lei estará no coração deles. Eles terão fé de todo o coração (ver Pro. 4.23). O Novo Pacto está em vista aqui, com sua *torah* de revelações avançadas, que serão grafadas no coração das pessoas (ver Jer. 31.33; Isa. 29.1; Sal. 40.8; Eze. 36.28). Haverá transitoríedade física (vs. 6), mas permanência na Palavra do Senhor que converte a alma. Portanto, não há razão para *temer* o que os homens agora dizem e fazem, nem desanimar diante dos levantes, porquanto tais coisas pertencem à atual ordem das coisas, que em breve serão abolidas. "Os que precisam de apoio contra as zombarias e repreensões dos homens haverão de encontrar esse apoio no pensamento de que os zombadores perecerão e Yahweh e Suas obras são eternas" (Ellicott, *in* toe, com adaptações).

51.8

Porque a traça os roerá como a um vestido. O autor sagrado volta aqui à sua descrição do vs. 6, dando-nos mais declarações sobre o caráter *transitório* das coisas, antes que Deus imponha Seu milênio equilibrador, com todas as condições de paz e boa ordem. Agora as vestes da era presente são roídas celas traças, ao passo que no vs. 6 essas vestes ficaram velhas e desintegra-'am-se. Agora os vermes comerão a lã, reduzindo as peças de lã a tecidos cheios de buracos, inúteis. Em contraste, temos o *livramento* dado por Yahweh ao remanescente, o qual habitará seguro em algo que é permanente, o Novo Dia de Deus. E então a *salvação* será o poder orientador de todas as gerações vindouras. "A transitoríedade referida no vs. 6 é da natureza, ao passo que nos vss. 7-8 será dos grandes poderes opressores que escarneciam do povo de -eus. Em contraste com a decadência e corrupção do poder, a salvação de Deus será eterna" (James Muilenburg, *in* toe). Note o leitor o jogo de palavras que aqui existe: traça (no hebraico, *ash)* e bicho (no hebraico, *sash).* O as/? e o *sash* farão njir em pedaços o mundo antigo. "Perecerão aqueles inimigos como uma roupa comida pelas traças, uma metáfora que o Servo usou anteriormente (ver Isa. 50.9)" (John S. Martin, *in* toe). Ver também Jó 4.18-20.

biterlúdio Escatológico: Oração Fervorosa pela Intervenção de Deus (51.9-11)

51.9

Desperta, desperta, arma-te de força, braço do Senhor. Yahweh continuava insistindo na iminente salvação que Ele trará, e assim as estrofes são inter-'cmpidas para abrir caminho a outra afirmação sobre o tema. O braço do Senhor é convocado a *despertar,* mostrando-se ativo e poderoso, tal como acontecia nos ::as antigos, quando tantos milagres pavimentaram a trilha da história de Israel. Rara reforçar a figura, o autor empregou a *Raabe* mitológica (ver a respeito no *Dicionário,* segundo ponto), o caos-dragão primevo contra o qual Yahweh teria ütado para estabelecer a ordem e a harmonia na criação. Essa "besta" era uma ~çura comum na literatura acádica, vista de modo especialmente claro no **documento** de *Enuma Elish (IV, 35 ss.),* no qual Marduque matou *Tiamate,* o grande dragão, e das duas metades desse animal criou os céus e a terra. Isso se desenvolveu no combate posterior de Baal e o Mar *(yam),* outra versão do mesmo mito. Em seguida, temos a versão hebraica dessa história em *Raabe.* Cf. Eze. 29.3; Jó 38.8 e Eze. 26.19; Jó 38.16 quanto a elementos desse mito, empregados de diferentes maneiras. Os atores do drama são o dragão *(Raabe), o* mar *(yam)* e no abismo *(theom).* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tiamate.*

O ponto central do versículo é que foi preciso o poder de Deus para derrotar o caos primevo, como será necessário esse poder para trazer a era do Reino, dentre o presente caos, pois isso também exigirá intervenção divina. A primeira vitória foi na primeira criação, e a segunda será na criação da Nova Era. Profundo interesse teológico naturalmente inspirou o uso da metáfora mitológica. Ver Eze. 29.3-5; 36.2-6; Sal. 74.13,14; 89.9,10; 93.1-5; Jó 7.12. Uma das versões do mito era o monstro marinho que representava o Egito, onde se vê alguma alusão ao êxodo, bem como ao poder de Deus, que pôs fim ao monstro que tornou isso possível.

51.10

Não és tu aquele que secou o mar, as águas do grande abismo? Yahweh derrotou o monstro marinho (o Egito), e parte dessa vitória foi o "ressecamento" do mar (o mar de Juncos), que permitiu a Israel cruzá-lo e escapar do exército egípcio. Naturalmente, isso foi uma *redenção,* tal como será uma redenção a entrada na era do Reino. Seguiu-se um êxodo com a possessão da Terra Prometida, e a história sagrada se repetirá.

Oh, Deus, por baixo de Tua mão orientadora,
Nossos pais exilados atravessaram o mar.

(Lord Bacon)

Dentre a manhã infinita
Tu nos ouves, em um grito destemido —
Apesar de nossas zombarias humanas,
Uma vez mais o poder de Deus se achega.

(Arthur 0'Shaughnessy)

"O combate cósmico é agora transformado na história do êxodo e na travessia do mar dos Juncos" (James Muilenburg, *in* toe). Ver Êxo. 14.21 e, no *Dicionário,* o verbete denominado *Êxodo (o Evento).*

51.11

Assim voltarão os resgatados do Senhor. Quando ocorrer o *novo êxodo* e a *nova possessão* da Terra Prometida, haverá em Sião o novo cântico de louvor; haverá alegria singular no novo triunfo do poder de Deus. Haverá alegria eterna para o Novo Dia que não terá fim. Haverá cânticos de alegria e júbilo, ao passo que a tristeza e os suspiros fugirão. Cf. Isa. 51.3. Haverá nova alegria no Novo Éden, a Utopia esperada desde tanto tempo. Ver Apo. 21.4.

Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e para vos apresentar com exultação, imaculados diante de sua glória...

(Judas 24)

Cf. este versículo com Isa. 35.10, trecho praticamente idêntico onde ofereço outras notas.

Quarta Estrofe: A Consolação de Israel (51.12-14)

51.12

Eu, eu sou aquele que vos consola. Na Utopia do futuro haverá alegria eterna, e esse pensamento provoca a esperança do versículo, o atual consolo, e então haverá o consolo escatológico do povo de Deus. O homem fica com medo por ser um perseguidor e um assassino, mas ele também é mortal. Contudo, sua agência maligna não pode impedir os propósitos de Deus. O homem é apenas como a erva que floresce por algum tempo, mas em breve se resseca e se reduz a nada pelos fortes raios solares. Quanto a essa figura, ver Isa. 40.6 e I Ped. 1.24. Ver também Sal. 90.5. Em contraste, Yahweh é eterno, e assim também são os Seus propósitos e labores, os quais estão ao lado de Israel. O tempo da opressão, embora duro, será breve e fugidio, mas o tempo de Deus será para sempre. Em breve os tempos serão gloriosos. "Somente a glória, para já; somente a glória, para já. Haverá somente a glória, para já", conforme diz um hino evangélico.

Novo a cada manhã em Seu amor.
Nosso despertar e nosso levantar provam isso;
Levados em segurança no sono e nas trevas,
Restituídos a vida; reconduzidos ao poder.

(**John** Keble)

Cf. Isa. 40.1: "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus".

Este versículo contrasta o fraco e o mortal com o Forte e o Eterno, e nisso o consolo é projetado a Israel. A alegria perdurará mais do que a tristeza; a Restauração perdurará mais do que a opressão.

51.13

Quem és tu que te esqueces do Senhor que te criou...? Os *filhos dos homens,* que são mortais, esquecem Yahweh, o Criador de todas as coisas, o qual exibiu Seu poder quando estendeu os céus como se fossem um gigantesco rolo no firmamento (ver Jó 9.8; Sal. 104.2; Isa. 40.22; 42.5; 44.24). Ele também lançou os fundamentos da terra, as grandes colunas sobre as quais a terra se apoia, as quais entram no abismo de águas lá embaixo. Ele fez os céus com a Sua mão direita, e a terra com a Sua mão esquerda, conforme os rabinos costumam dizer, brincando. Portanto, por que temer o opressor que perdura apenas por um período de tempo, e então se perde nos anais da história? O opressor tem uma fúria breve, mas a glória de Yahweh é perene, eterna. Onde está a fúria do Faraó, o grande opressor do povo de Deus? Onde está a fúria de Senaqueribe, rei da Assíria, que perdeu seu exército em uma única noite? Onde está a fúria da Babilônia, que Cito tão prontamente aniquilou? As fúrias anteriores são passadas e impotentes. Deus, e não os grandes opressores, é quem escreverá o capítulo derradeiro da história humana.

51.14

O exilado cativo depressa será libertado. O homem de Deus, agora tão humilhado, em breve será libertado. Ele não morrerá; nem descerá ao abismo para ser esquecido; nem sofrerá necessidades. Essas palavras tinham boas aplicações aos cativos da Babilônia, mas também encerram uma promessa escatológica. O remanescente aprisionado em breve seria libertado para retornar à Terra Prometida em outro êxodo e em outra possessão da terra. "Literalmente, aquele que está *humilhado,* está preso por algemas. A *sepultura,* tal como no caso de Jeremias (Jer. 38.6), é a masmorra subterrânea na qual um prisioneiro qualquer geralmente era deixado para morrer de fome" (Ellicott, *in loc).*

51.15

Pois eu sou o Senhor teu Deus, que agito o mar. Os homens são dotados de um poder efêmero, que perdura por apenas um dia; mas Yahweh tem poder para agitar o mar; Ele faz as ondas rugir, e Ele mesmo rugirá contra os inimigos de Israel e lhes dará a vitória. Seu nome é *Senhor dos Exércitos* (ver no *Dicionário).* Ele comanda os exércitos dos céus e em pouco tempo dará fim às coisas da terra, quando Seu propósito der o sinal para desfechar um golpe nela. Portanto, os exilados não precisavam temer, pois o dia da grande reversão em breve virá. Os mares rugidores retratam o soerguimento e a queda dos impérios, mas Yahweh controla as ondas e determina os acontecimentos humanos (ver Isa. 13.6).

51.16

Ponho as minhas palavras na tua boca, e te protejo com a sombra da minha mão. *O Poder de Yahweh é Multifacetado.* Considere o leitor estes pontos:

1. As palavras de Yahweh foram postas nos lábios de Isaías. Eram palavras de comissão e poder. Israel se erguerá para ser cabeça das nações da terra (ver Isa. 24.23). Cf. a comissão do Servo (ver Isa. 49.2; 50.4; Jer. 1.10). As palavras de Israel seriam aguçadas e liquidariam os inimigos. Israel também será o agente da *revelação de Yahweh,* cujo poder tanto julga quanto salva. Cf. a *palavra* criativa de Deus, capaz de trazer todas as coisas à existência e, com grande facilidade, enviá-las para fora da existência.
2. Em seguida, Israel estava *escondida* na sombra da mão divina, isto é, protegida de todos os seus adversários e, assim sendo, preservada para uma glória a concretizar-se no futuro. Cf. Isa. 49.2, onde o mesmo é dito sobre o Servo e onde comento sobre o conceito.
3. O poder de Deus na criação, ao estender os céus e ao lançar os fundamentos da terra, é repetido com base no vs. 13, onde comento sobre a questão.
4. Esse mesmo Deus de poder diz a Sião que eles são o Seu povo, ou seja, podem esperar Sua proteção e Seu cuidado. Ele criou todas as coisas e, portanto, não terá falta de poder quando restaurar a Israel. "Sua restauração é um aspecto liderante da *nova criação* vindoura" (ver Isa. 65.17-19).

O Senhor Ter-se-á Tornado Rei (51.17 - 52.12)

Primeira Estrofe (51.17-18)

51.17

Desperta, desperta, **levanta-te,** o **Jerusalém.** Agora damos início à segunda parte do poema, que penetra no capítulo 52 e tem seis estrofes. Jerusalém será libertada (ver Isa. 51.17 - 52.6); o remanescente será sujeito a atos poderosos de Yahweh, quando Ele despertar para realizar essa tarefa, o que acontecerá quanto tiver de acontecer. O Rei virá em breve. Suas flechas estão prontas; Seu braço santo está desnudo para entrar em ação; Ele traz consigo o Seu cálice de ira, e aqueles que o merecerem (tanto Israel quanto as nações gentílicas) o sorverão até as suas fezes. A calamidade de Israel terá chegado ao fim, e as nações que se opuseram a Israel experimentarão a calamidade divina. Haverá grande reversão. Haverá ruína, destruição, fome e espada, mas também renovação, que conduzirá a um Novo Dia. A primeira referência é à queda da Babilônia. Mas a seção também é um poema escatológico, o qual prevê a vinda da era do Reino. "Assim como o primeiro êxodo foi celebrado pelo apaixonado hino de redenção de Miriã, a Nova Era será anunciada por meio de um novo cântico de redenção, no qual a história e a natureza se aliam em júbilo estático. O conceito do Novo Êxodo é o mais profundo e proeminente dos motivos na tradição que o Segundo Isaías empregou para retratar esse quadro escatológico final. Esse poema ocupa uma posição ímpar na coletânea. É a coroa da mensagem do profeta" (James Muilenburg, *in loc).*

Que da mão do Senhor bebeste o cálice da sua ira. O profeta Isaías convidou Jerusalém a despertar, levantar-se e agir, saindo de seu estupor embriagado. Esse povo tinha bebido do vinho da ira de Deus, tal como as nações terão de fazê-lo, dentro em breve. Jerusalém teve de cambalear por causa da bebida forte, mas agora era chegado o tempo de sair de sua embriaguez temível. Ruínas como as infligidas contra a Babilônia (como agente do Senhor) não são irreversíveis. E agora chegou o tempo da reversão.

O **cálice da sua ira.** Esta é uma comum figura escatológica para falar do julgamento. Cf. Jer. 25.15-31; Hab. 2.16; Eze. 23.31-34; Lam. 4.21; Oba. 16; Zac. 12.2; Sal. 60.3; 75.8; Apo. 14.10 e 16.19. A mão do Senhor trouxera o cálice cujo conteúdo deveria ser bebido e, assim sendo, foi o poder de Deus quem obrigou Israel a beber. Foi muito poderosa a bebida que fez o povo de Israel cambalear sob a ira de Deus, sob a operação de agentes humanos e através dos abusos da natureza. Jerusalém passou para um estupor embriagado, mas essa condição não *eta.irremediável.*

51.18

De todos os filhos que ela teve, nenhum a guiou. Israel (Judá), em sua apostasia, embora contasse com numerosa população, ficou sem nenhum guia. Ninguém podia tomar o povo pela mão para orientá-lo. Eles haviam repelido a orientação da lei mosaica (ver Deu. 6.4 ss.), pelo que permaneceram sem direção. A nação ficou exausta, vazia de população, destruída e sem orientação, mas essa situação não era irreversível. A misericórdia, o amor e o poder de Deus proveria outra chance. Certo pastor pregou, de certa feita, um sermão emocionante, intitulado *"Q* Deus da Segunda Chance". E esse é o tema de nosso cântico, porquanto que homem ou nação tem sido tão bom ou tão digno de confiança que não precise de uma segunda chance? Assim também Jesus, em Sua misericórdia e amor, desceu ao hades para redimir as almas perdidas (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades).* No caso dos perdidos, eu, autor desta obra, não gosto da expressão *segunda chance,* porque isso reduz a estatura da missão remidora de Cristo, como se Deus tivesse um pensamento posterior, ao dar uma segunda chance de salvação. A realidade da missão remidora é que a sepultura não é o fim da oportunidade. As Escrituras estabelecem esse fim na Segunda Vinda de Cristo, e pode-se questionar se até mesmo isso será, realmente, um fim. Há *inúmeras chances,* que se estendem desde a criação da alma até Deus decidir, coletivamente, fechar a porta, Sua porta escatológica ainda distante. A descida de Cristo ao hades foi um aspecto da *contínua chance e oportunidade,* e não uma chance segunda e final. O cativeiro babilônico chegou ao fim através da agência de Ciro. Haverá a segunda chance escatológica para Israel, naquela oportunidade, e então todo o Israel será salvo (ver Rom. 11.26). Nenhum pecador tem condições irreparáveis, pelo que a missão remidora de Cristo continua a manifestar-se, aqui ou onde os pecadores se encontrarem, em corpo ou em alma. Onde estiverem os homens, ali Jesus poderá alcançá-los.

Segunda Estrofe (51.19-20)

51.19

Estas duas cousas te aconteceram. *Duas* grandes calamidades tinham ferido Israel: 1. a devastação da terra; e 2. a destruição do povo. A devastação viria por causa das assolações da natureza e da marcha dos exércitos. A destruição do povo viria através da fome e da espada. Além disso, não haveria consolador para acalmar as coisas, e o povo israelita entraria em puro desespero. Histórica-

mente falando, o cativeiro babilônico é a principal coisa em vista, mas haverá muitos tempos menores de desolação.

Quem teve compaixão de ti? Diz o trecho hebraico, literalmente: "sacudir a cabeça, para lá e para cá, por motivo de tristeza". Ver Jer. 16.45; Naum 3.7 e Jó 2.11.

Quem foi o teu consolador? Assim dizem a Septuaginta, as versões siríaca e a Vulgata Latina, o Targum e o manuscrito hebraico da coletânea dos Papiros do Mar Morto. A versão portuguesa atualizada retém a terceira pessoa do singular. Mas o texto massorético tem a primeira pessoa do singular: "Como poderei consolar-te?".

Algumas vezes (como aqui) as versões (usualmente a Septuaginta) concordam com os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto e discordam do texto massorético, o texto hebraico padronizado. Quanto a esse fenômeno e seu significado para a crítica textual do Antigo Testamento, ver as notas textuais em Isa. 21.19 e também o gráfico que acompanha e ilustra a questão. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do; Massora (Massorah); Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* Este último artigo presta informações sobre como são escolhidos os textos corretos quando aparecem variantes.

51.20

Os teus filhos já desmaiaram, jazem nas estradas de todos os caminhos. Aqueles filhos que deveriam ser vigorosos jaziam nas ruas, desmaiados. Literalmente "eles jazem deitados desmaiados". Eram como antílopes impotentes, apanhados em uma rede. Mostravam-se impotentes diante dos assaltos do conquistador enviado por Yahweh para julgá-los. Este versículo apresenta outra metáfora para os temíveis efeitos da ira de Deus contra o povo de Israel. A ira de Deus assemelha-se ao vinho intoxicador; eles foram retratados como homens desmaiados nas ruas; e, como um animal sem defesa, apanhado em uma rede. "Morte" é a palavra-chave do texto. Yahweh era quem repreendia Israel de maneira tão drástica, por causa da apostasia dos descendentes de Abraão em pacto com Deus. Somente na quarta estrofe (ver Isa. 52.1,2) seremos informados como haverá total reversão da fortuna, embora, antes disso, as nações gentílicas tenham de sorver o vinho da ira de Deus.

Terceira Estrofe: O Cálice da Ira (51.21-23)

51.21

Pelo que agora ouve isto, ó tu que estás aflita e embriagada, mas não de vinho. Somos agora levados de volta à imagem do vinho intoxicador de Yahweh que o povo de Israel foi forçado a sorver (vs. 17). Isso serve de símbolo da ira divina, e devemos compreender que aqueles que desmaiaram assim terão de morrer. Houve uma palavra de consolação acerca do cálice temível. Israel estava sendo afligido e embriagado a fim de ser destruído; mas em breve tempo essa condenação passaria para as nações pagãs que tinham afligido a Israel, como agente divino do julgamento. Os povos gentílicos não eram modelos de moralidade e comportamento correto. Mereciam o que receberiam em breve, da mesma maneira que Israel havia sido castigado. Yahweh é quem controla os destinos dos povos; Ele controla os acontecimentos humanos; e as operações divinas são controladas por princípios retos, e não por caprichos humanos ou divinos. Ver Isa. 13.6 quanto a esse princípio.

Mas não de vinho. Ou seja, não de vinho literal, mas da ira de Deus, apresentada aqui como uma bebida forte e intoxicadora. Cf. Isa. 29.9, onde encontramos a mesma frase. Essa intoxicação poderia referir-se ao fato de que eles estavam embriagados com os seus pecados e perversões, mas o Targum fala sobre suas aflições como as coisas que os fizeram ficar bêbados.

51.22

Assim diz o Senhor, o Senhor teu Deus, que pleiteará a causa do seu povo. A bebida nojenta e intoxicadora foi tirada de Israel, que foi assim libertado por Yahweh. Essa bebida foi dada aos povos pagãos. As mesmas descrições aparecem no vs. 17. O julgamento de Israel tinha sido suficiente. Israel não mais beberia do horrível vinho da ira de Deus. O propósito divino tinha sido realizado. O julgamento tinha purificado a nação. O julgamento divino cessará quando a razão pela qual foi aplicado tiver sido satisfeita, um princípio geral, e não apenas um caso. E todos os julgamentos operam de acordo com esse bendito princípio. Os julgamentos de Deus são remediais, e não meramente retributivos.

51.23

Pô-lo-ei nas mãos dos que te atormentaram, que disseram à tua alma: Abaixa-te. Os *povos opressores de Israel,* que tinham sido como um chicote nas mãos de Adonai-Elohim, a fim de punir o povo de Israel, agora receberão o cálice de embebedar e pagarão por seus pecados. Eles tinham dito à pobre e minúscula nação de Israel:

Abaixa-te, para que caminhemos por cima de ti.

(NCV)

As costas de Israel foram feitas estrada poeirenta, para seus inimigos passarem por cima. Israel tornou-se como uma rua bem palmilhada, bem pisada, bem abusada. Portanto, os povos brutais que abusaram de Israel tinham muito que pagar. Essas nações serão pisadas pelos pés de Deus, cumprindo assim a *Lex Talionis* (punição conforme o crime cometido). Ver no *Dicionário* os artigos intitulado *Lex Talionis* e *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Cf. Jos. 10.24. Sapor, rei da Pérsia, aprisionou o imperador Valerianus e tratou-o da maneira mais vil. Cada vez que o monarca persa queria montar o seu cavalo, ele fazia o infeliz romano ficar de quatro no chão, para que pudesse apoiar-se em suas costas e assim montar o cavalo com mais facilidade. Ver Sal. 18.40 e 66.11,12.

Capítulo Cinqüenta e Dois

Não há interrupção entre os capítulos 51 e 52. Simplesmente passamos para outra estrofe da segunda parte do poema que aparece, em seu começo, no capítulo 51.

Quarta Estrofe: Desperta, ó Jerusalém (52.1,2)

52.1

Desperta, desperta, reveste-te da tua fortaleza, ó Sião. Temos um agudo e súbito contraste com o aviltamento que aparece no capítulo 51. O autor continuou a idéia em Isa. 51.17. A Jerusalém foi ordenado que despertasse e se levantasse, e se fortalecesse, estando ainda tão recentemente em estado de fraqueza. O cativeiro babilônico tinha terminado, e era chegado o tempo da restauração de Judá. Essa é a referência histórica, mas o poema tem sido aceito como uma composição escatológica. Em um sentido pleno, somente na era do Reino de Deus poder-se-ia dizer que os pagãos nunca mais pisarão a Cidade Santa. Os incircuncisos e os imundos não serão apenas os pagãos, mas os judeus que se tiverem misturado com o sincretismo, comprometendo assim sua fé. Cf. este versículo com Naum 1.15; Apo. 21.27 e 22.14,15. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo.* Jerusalém tinha atingido a *pureza cultual* que por longo tempo tinha sido ignorada. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Circuncisão.* A circuncisão era o *sinal* do pacto abraâmico (comentado em Gên. 15.18). Portanto, este versículo fala sobre a concretização das promessas do pacto.

Em vez dos trapos próprios do exílio, os filhos de Israel vestir-se-ão de belas e limpas roupagens da restauração. Será o novo vestuário do Novo Dia. "O estrangeiro e o impuro não mais cavalgarão vitoriosos pelas ruas de Jerusalém, conforme se vê em Isa. 51.23. Cf. Eze. 44.9 e o quadro ilustrativo sobre a Jerusalém celeste, em Apo. 21.2" (Ellicott, *in loc.*) Quanto aos *imundos,* ver Isa. 35.8; 60.21; Joel 3.17 e Pro. 21.27.

52.2

Sacode-te do pó, levanta-te, e toma assento, ó Jerusalém. *Jerusalém, a cidade cativa,* ao erguer-se e sacudir de si mesma o pó da humilhação, deixando cair o jugo do pescoço, levantar-se-á tão alta que se assentará em um trono. A cativa escravizada, pela graça de Deus, sentar-se-á em um trono em Jerusalém. A restauração de Jerusalém foi retratada por meio dessas figuras simbólicas. Contraste-se esse quadro com o seu oposto, o destronamento da Babilônia (ver Isa. 47.1). Cf. este versículo com Sal. 29.10; 99.1 e 102.12. Monumentos descobertos por arqueólogos mostram cativos amarrados por cordas de pescoço a pescoço. Essa maneira de amarrar os prisioneiros desencorajava qualquer tentativa de fuga.

Solilóquio Divino sobre a História de Israel (52.3-6)

52.3

Porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos. Antes de entrar na quinta estrofe do poema, temos de enfrentar uma reflexão divina sobre a história de Israel. Acabamos de ver como Israel *escapou* do cativeiro e da servidão, coroado ao levantar-se, a fim de assentar-se em seu trono. O passado representava mais a cena da opressão e da escravidão. Mas Yahweh é soberano, e a Sua palavra pode decretar a libertação em qualquer momento que quiser (vs. 6).

O retrospecto mostra um registro de sofrimentos: Israel foi vendido no começo de sua história para a servidão ao Egito, e mais tarde foi invadido pelos assírios, que não tinham direito algum em assim proceder. Agora, pois, o que o Senhor faria? Algo mais desastroso tinha acontecido do que a perda de Israel, a saber, a perda de *Yahweh.* Seu nome fora lançado no opróbrio. Que bem resultou de todo aquele sofrimento?

E sem dinheiro sereis resgatados. Israel foi vendido em troca de *nada* (Revised Standard Version), e também será remido pela chamada divina, sem ter de pagar aos pagãos um centavo sequer.

> *Não fostes vendidos por preço.*
> *Assim, sereis salvos sem custo.*
>
> (NCV)

A idéia aqui é que a soberania divina enviou Israel ao cativeiro, e a qualquer momento pode chamá-lo de lá. Coisa alguma Yahweh deve às nações pagas. "Yahweh tinha punido o Seu povo por seus pecados, mas a Babilônia não tinha o direito de tomar posse de Israel. Por conseguinte, o Redentor não está na obrigação de pagar o dinheiro do resgate pelo Seu povo escravizado. O Senhor remirá o Seu povo por Sua própria razão" (James Muilenburg, *in* toe).

52.4

Porque assim diz o Senhor Deus: O meu povo no princípio desceu ao Egito. A história da opressão de Israel foi longa, começando no princípio mesmo da nação, no Egito. Uma jornada transformou-se em cativeiro. Foram feitos escravos no Egito, sem nenhum motivo aparente, exceto as vicissitudes de uma história perversa. Além disso, as Dez Tribos (a nação do norte, Israel) sofreram uma invasão com o subseqüente cativeiro na Assíria (desta vez como juízo divino contra a apostasia; ver Isa. 10.5,6). Os assírios estavam interessados em seus próprios desígnios imperialistas (ver Isa. 10.7-11), e assim, até onde estavam envolvidos, não havia *motivo* para o que fizeram, senão sua brutalidade e seus interesses nacionalistas. Há uma saliência dada à natureza *não-provocada* da opressão de Israel pelas potências estrangeiras. Pelo momento, Yahweh está esquecido como causa da opressão, devido à apostasia de Israel.

52.5

Agora, que farei eu aqui, diz o Senhor, visto ter sido o meu povo levado sem preço? As palavras "que farei eu aqui" representam um original hebraico obscuro, o que explica a variegada interpretação, conforme se vê nos três pontos abaixo:

1. Que foi que eu ganhei (diz Yahweh), por ter permitido (ou causado) esse sofrimento? O próprio versículo responde: uma má reputação por não ter cuidado de Seu próprio povo e ter permitido (causado) estrangeiros a oprimir Israel.
2. Yahweh estava examinando os resultados do cativeiro babilônico, verificando qualquer vantagem que tivesse sido obtida. Ele estava fazendo, por assim dizer, uma avaliação. "... vede o que aconteceu" (NCV). Que bem resultou dessa nova opressão? "Outra nação (a Babilônia) ficou com meu povo em troca de nada" (continua a NCV). Este versículo também ignora o ensino anterior de que Yahweh era a causa real da sorte triste de Israel, mas retrata a questão como se tivesse acontecido pela perversidade de potências estrangeiras, sem nenhuma orientação divina.
3. "Que foi que obtive com isso, que meu povo foi tomado e mantido no cativeiro, sem nenhuma causa? Não obtive nenhuma vantagem com isso, mas somente desvantagens" (John Gill, *in* toe).

Sobre ele dão uivos. Sobre ele (Judá), ao mesmo tempo que blasfemam do meu nome. Alguns estudiosos interpretam esses uivos como uivos dos babilônios sobre suas vítimas; e outros eruditos pensam que eram uivos de sofrimento dos judeus. O texto massorético diz "uivos", mas o manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto e a Vulgata dizem *zombam*. Os cativos judeus eram escarnecidos por seus opressores. Temos aqui, uma vez mais, um caso em que os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto concordam com as versões (que aqui é a Vulgata, porém mais freqüentemente ainda com a Septuaginta) contra o texto massorético posterior, padronizado. Quanto a esse fenômeno e o que ele significa para a crítica textual do Antigo Testamento, ver as notas em Isa. 26.19, bem como o gráfico que as acompanha, com exemplos a respeito da questão.

Além disso, o nome de Yahweh era blasfemado, porquanto os povos opressores dos filhos de Israel costumavam dizer: "Este é o povo de Yahweh, mas Ele não foi capaz nem estava disposto a protegê-los na hora da crise!". Por isso, o nome de Yahweh era *desprezado* pelo povos pagãos. A profanação do nome divino foi a principal razão pela qual Yahweh se sentiu impulsionado a reverter o cativeiro de Israel. Desse modo, os povos pagãos aprenderiam, em primeira mão, quem Ele era e que poder tinha. E, dessa forma, a Sua honra seria vindicada.

52.6

Por isso o meu povo saberá o meu nome. *A divina intervenção* viria, portanto, com o propósito de vindicar o nome de Yahweh, aliviando assim os sofrimentos de Judá. Todos os povos temerão o Seu *nome*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nome,* bem como Sal. 31.3; e ver sobre *Nome Santo,* em Sal. 30.4 e 33.21. O nome representa os atributos, a pessoa e os poderes essenciais daquele que tem tal nome. Os antigos acreditavam no poder mágico dos nomes, por meio de um tipo de manipulação numerológica. O simples ato de proferir o nome de Deus seria capaz de realizar qualquer tipo de milagre. Cf. Isa. 11.9 quanto ao fato de que todas as nações virão a conhecer o nome de Yahweh, de maneira positiva e salvadora. Mas o nome de Yahweh também seria conhecido por meio do julgamento, conforme se vê neste versículo. O favor de Deus para com Judá também seria conhecido, e Yahweh recuperaria Sua reputação como "Deus e benfeitor deles".

Portanto, a repetição dessa palavra aparece no texto massorético, mas não se acha no manuscrito hebraico da coletânea dos Papiros do Mar Morto, com o qual concordam a Septuaginta, a Vulgata e as versões árabes. Uma vez mais encontramos as versões concordando com os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto, mas contradizendo o texto massorético padronizado posterior. Ver a importância textual desse fenômeno em Isa. 26.19. Isso é ilustrado pelo gráfico que acompanha o comentário. A intervenção divina ensinaria aos homens algo daquilo que era Yahweh, Aquele que tinha previsto a condenação. Os homens haverão de respeitá-Lo e temê-Lo, em vez de blasfemarem (lançar na desgraça) o Seu nome (vs. 5). Assim a história toda de Israel culminará na salvação concedida por Deus, com o paralelo castigo dos inimigos de Israel, repetindo o tema muito reiterado de Isaías: salvação-julgamento, com freqüência apresentado como julgamento-salvação.

Quinta Estrofe: Deus Tomar-se-á o Rei (52.7-8)

52.7

Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas. *Yahweh-Rei* trará a salvação a Israel, e quão belos serão os pés dos que anunciarem essa mensagem. A imagem é reproduzida em Isa. 40.9, onde é a própria Sião que anuncia as boas-novas; mas aqui chegam arautos a Sião para anunciá-la. Eles vêem saltando por cima dos montes, quais graciosos antílopes, e todos admiram sua corrida e seus saltos. Cf. Can. 2.8,9 e Naum 1.15. Paulo, em Rom. 10.15, atribuiu essas palavras aos ministros cristãos que propalam o evangelho, uma aplicação legítima, embora não seja uma interpretação direta. Aqui, está em mira a era do Reino, quando Yahweh for o Rei do mundo e Israel for a cabeça das nações (ver Isa. 24.23). Estão em pauta as bênçãos próprias do milênio, pois, quando Deus assumir o governo do mundo, haverá uma utopia. A criação inteira está esperando por essa vitória decisiva. Cf. Sal. 125.2; II Sam. 18.25-27; Naum 1.15. Os vigias verão a vitória retornar a Israel (ver Isa. 40.5), quando então o júbilo será intenso.

Os **pés.** Os membros do corpo usados por aqueles que anunciarão as boas-novas a Israel; o poder para agir; os instrumentos do ato de *andar* (ver a respeito no *Dicionário).* Cf. Sal. 125.2. Pode haver aqui uma alusão aos arautos da vitória que virão da batalha trazendo as boas-novas. Naqueles dias sem serviço postal, os mensageiros, geralmente corredores velozes, eram os portadores das notícias, tanto boas quanto más.

52.8

Eis o grito dos teus atalaias! Eles erguem a voz, juntamente exultam. Os vigias da cidade esperavam anelantemente a chegada dos mensageiros. Eles os viam e se regozijavam. Mais ainda, viam a chegada do próprio Rei. Ele é o maior mensageiro das boas-novas que existe. Ele retomou a Sião, que tinha sido abandonada aos pagãos, mas agora fora recuperada. Eles viam essa grande visão "de perto", uma conjectura quanto ao significado da expressão hebraica "olho a olho", mas aqui traduzida por "com seus próprios olhos". O que está em pauta, ao que tudo indica, é "a visão clara" que eles obtiveram do Rei que se aproximava. Alguns dizem que há um encontro "face a face" implícito (ver Êxo. 33.11). Quando Jerusalém for restaurada pelo poder de Yahweh, então Ele habitará ali novamente, como fizera antes, revelando a Sua presença em glória Shekinah. "O Senhor virá para habitar em Sua moradia, gloriosamente (cf. Eze. 43.1-5)" (James Muilenburg, *in* toe).

Sexta Estrofe: Consolo, Redenção e Vitória (52.9-10)

52.9

Rompei em júbilo, exultai à uma, ó ruínas de Jerusalém. A vinda do Rei para governar em Jerusalém significará consolação para o Seu povo (ver Isa. 40.1). O grande dia da restauração de Israel terá chegado, prefiguradamente, a bem da verdade, no retorno dos judeus da Babilônia, mas realmente cumprido durante o reino do milênio de Cristo. O lugares arruinados foram restaurados. As marcas da presença dos pagãos terão sido removidas. O lugar é santo de novo e será rededicado ao Ser divino, depois que todos os vestígios do que é profano forem removidos. Jerusalém será *redimida* no sentido mais prenhe da palavra.

Um novo cântico de redenção será composto para celebrar a vitória, O culto a Yahweh será restaurado; o paganismo será derrotado; um governo justo começará; a utopia será atingida; Israel será feita cabeça das nações; as coisas serão postas em ordem. Mas, então, algo de admirável acontecerá: a salvação se estenderá a todas as nações da terra (vs. 10)! O julgamento divino realizará Sua **obra** redentora. Cf. Isa. 48.20. O Senhor consolará a Israel (ver Isa. 40.1; 49.13 e 51.3,12) e redimirá a Israel (ver Isa. 43.1; 44.22,23; ver também 41.14; 43.14; 44.6,24 e Luc. 2.30). Por esses motivos todos será ouvido o ruído jubiloso do louvor e das ações de graça.

Temos ouvido sobre o som jubiloso:
Jesus salva! Jesus salva!
Espalhai as notícias por toda parte:
Jesus salva! Jesus salva!

(Priscilla J. Owens)

52.10

O Senhor desnudou o Seu santo braço à vista de todas as nações. Yahweh-Salvador-Rei-Redentor desnudou o Seu braço, o agente de Seu poder, na presença de todos os povos, pelo que a salvação dada a Jerusalém agora propaga-se a todo ser humano, de todos os lugares. Portanto, Israel cumprirá sua antiga missão, que nunca fora realizada. Ver Isa. 11.9, sobre como o conhecimento do Senhor cobrirá a terra inteira, tal como as águas cobrem os leitos dos mares. Yahweh sairá como "quem vai à guerra", mas logo se vê que essa guerra será feita para "saú/ar", pelo que prevaleçam os cantos de agradecimento; que a alegria suba; que a tristeza desapareça.

-"O seu braço é *santo,* pois Ele está engajado em um santo empreendimento (cf. Isa. 40.10; 42.13; Sal. 98.1). Quanto à expressão 'todos os confins da terra', ver Isa. 40.5; 45.22,23; 48.20; Luc. 2.30,31. Nas páginas do Antigo Testamento há tanta guerra e destruição inspiradas pelo ódio, pelo que quão refrigerante é aqui ver Yahweh, o Senhor dos Exércitos, avançar em Sua missão salvadora, guerreando contra a tristeza e a dor, revertendo o sofrimento humano e trazendo salvação universal. Isso ocorrerá na utopia do *milênio* (ver a respeito no *Dicionário).* Cf. Isa. 5.26. Quanto à metáfora do *braço desnudo,* ver Eze. 4.7. "O guerreiro divino prepara-se para a ação, despe-se de Seu manto, prende a manga de sua túnica e deixa livre o Seu braço estendido" (Ellicott, *in* toe).

Gritai a salvação plena e livre,
Nas colinas mais altas e nas cavernas mais profundas.
Esse é o nosso cântico de vitória:
Jesus salva! Jesus salva!

(Priscilla J. Owens)

O Novo Êxodo (52.11-12)

52.11

Retirai-vos, retirai-vos, saí de lá, não toqueis cousa imunda. Levando o poema a uma conclusão, antes do início da parte mais conhecida do livro (ver Isa. 52.13-53.12), o autor sagrado fala sobre o Novo Êxodo. Ele conclama os cativos a fugir imediatamente do lugar pagão do cativeiro; a não tocar nas coisas imundas para que não tragam polução para o novo hábitat; a purificar a si mesmos e poder manusear os vasos santos de Jerusalém, e a apropriar-se do lugar para si mesmos. O Novo Êxodo levará Israel à-NOVa Era. Pressa é requerida, pois o tempo é curto. Cf. esses dois versículos com Êxo. 13.21,22. Historicamente, temos em vista aqui a Babilônia. Mas essa conclusão é vinculada aos versículos anteriores, onde vemos a salvação de Yahweh conferida primeiramente a Israel, e só depois a todas as nações. Portanto, haverá um vôo para a salvação, bem como um abandono do passado desanimador do cativeiro. No êxodo original, os sacerdotes israelitas encabeçavam o cortejo levando nos ombros os instrumentos de culto; portanto, esse é o simbolismo aqui tomado por empréstimo para representar o Novo Êxodo. O povo de Israel devia esquecer de saquear e de trazer da Babilônia tudo quanto pudesse olvidar. Eles deveriam levar a si mesmos purificados, bem como os instrumentos do culto. Na Terra Prometida, todas as coisas necessárias para a vida e a existência seriam supridas por Yahweh.

53.12

Porquanto não saireis apressadamente, nem vos ireis fugindo. Em contraste com o êxodo do Egito (ver Êxo. 12.11 e Deu. 16.3), os exilados não estariam fugindo de diante de um exército hostil. Pelo contrário, sairiam em paz, pela provisão do decreto de Ciro. Seriam até mesmo ajudados pelos pagãos ao longo do caminho. Yahweh seria o Consolador que os lideraria, e Elohim, Deus forte de Israel, seria a **guarda** que montaria vigilância sobre a retaguarda. Por conseguinte, Yahweh iria à frente deles, e Elohim viria atrás. E esse é um quadro de perfeita orientação e proteção de todos os temores e alarmas. Essas palavras, como é óbvio, aplicam-se escatologicamente à fuga do povo de Deus das nações pagas para Jerusalém, para o estabelecimento da era do Reino de Deus. Ora, somente a orientação e a ajuda do Ser divino poderiam tornar essa realização uma possibilidade. As razões para o medo terão cessado então. A alusão pode ser à coluna de fogo durante a noite, e à coluna de nuvem durante o dia, que guiaram Israel pelo deserto. Tal como havia miraculosa orientação divina e proteção para o antigo povo de Israel, assim haverá para o avanço dos filhos de Deus durante a era do Reino.

Sofrimentos do Servo do Senhor (52.13 - 53.12)

O Servo Será Exaltado. Temos aqui o *quarto* cântico do Servo. Ver esses cânticos em Isa. 42.1-4; 49.1-6; 50.4-11 e 52.13-53.12. O termo "Servo", algumas vezes, refere-se a Israel e, de outras vezes, ao Messias; precisamos descobrir no contexto qual dos dois está em vista. Tentar aplicar o que se segue aqui a Israel e apagar as referências messiânicas é um suicídio interpretativo. Nada existirá de messiânico, em todo o Antigo Testamento, se esta passagem não for messiânica. "Deus haverá de exaltar Seu Servo brutalmente desfigurado para o espanto paralisado dos governantes do mundo (Isa. 49.7,23)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 13, cuja obra, contudo, aplica essas palavras ao povo de Israel). A passagem é distintiva, contendo 46 palavras peculiares ao Segundo Isaias. Esta seção tem afinidades com os salmos de entronização nos quais Yahweh é reconhecido como Rei de Israel. "O poder dramático do poema é quase avassalador" (James Muilenburg, em sua introdução a esta seção).

"O poema como um todo é uma composição triunfal, conforme mostram claramente as estrofes de abertura e encerramento. Assim, ajustam-se perfeitamente ao contexto. De fato, o principal motivo da grande reversão, em Isa. 49.1-52.12 e 52.13-53.1, é o mesmo, e continua pelo capítulo 54 adentro. Um estudo detalhado confirmará a conexão de nosso poema tanto com o que antecede quanto com o que se segue. A ênfase recai sobre o braço de Yahweh, sobre o propósito de Yahweh, sobre o paralelismo das nações e seus reis, sobre as palavras *desnudar* e *guiados,* e também sobre a aflição (ver Isa. 50.5,6; 51.17-23; 54.11; 52.2-6) e muitos outros fenômenos similares, os quais argumentam fortemente pela autoria do poema por parte do segundo Isaias, e sua atual posição dento da coletânea de escritos sagrados" (James Muilenburg, *in loc).*

"Esta é, talvez, a mais bem conhecida seção do livro de Isaias. Coisa alguma opera por mero acaso. Ver Cot. 3.1; Heb. 1.3; 8.1; 10.12; 12.2 e I Ped. 2.2. Cf. os atos prudentes do "renovo justo de Jer. 23.5". Alguns estudiosos vêem aqui a crucificação (como um levantar), enquanto outros vêem a ascensão de Jesus, vista profeticamente (ver Isa. 6.1; 47.15; Sal. 89.27). O Targum tem aqui uma interpretação messiânica, tal como faziam os antigos rabinos como Aben Ezra e Alshech. Diz o Targum: "Eis que Meu Servo, o Messias, aparecerá". Banchama afirma que o Messias seria exaltado acima de Abraão e Moisés, e seria superior aos anjos ministrantes (assim diz Pesika, no Targum sobre Núm. 27.2).

Primeira Estrofe (53.13-15)

52.13,14

Como pasmaram muitos à vista dele. *Em Seus sofrimentos,* o Messias causou espanto a todos quantos O viram. Suas feições ficaram tão deformadas que Ele quase não podia ser reconhecido como um Ser humano. Sua forma espancada não podia ser comparada às feições de um ser humano. Cf. Isa. 49.7 e 50.6. Os que pensam que Israel é o "servo" aqui referido vêem sua longa história de abusos pelas nações envolvidas em seus sofrimentos; mas outros vêem os sofrimentos de Jesus Cristo relacionados à crucificação. Jesus tornou-se "o sofrimento personalizado" (Volz, *in loc,* que corretamente salientou a natureza viçaria dos sofrimentos de Jesus, conforme o poema dirá mais adiante). Seus sofrimentos foram algo *espantoso. O* servo de Deus, que foi brutalmente espancado, será exaltado, e essa será outra visão que espantará os que O virem.

Sua forma foi tão mudada que quase não podiam dizer que
Ele era um ser humano.

(NCV)

Suportando vergonha e rudes zombarias,
Em meu lugar, condenado, Ele esteve.
Ele selou meu perdão com o Seu sangue.
Aleluia! Que tremendo Salvador!

(Philip P. Bliss)

52.15

Assim causará admiração às nações, e os reis fecharão as suas bocas por causa dele. O Messias deixará as nações *boquiabertas,* uma das maneiras de

traduzir o hebraico dúbio da primeira linha do versículo. Ele fechará a boca deles; revelará coisas que eles nunca tinham imaginado, e eles ficarão atônitos diante Dele. Ele os fará compreender coisas sobre as quais nunca tinham ouvido. Talvez *aspergir* seja a tradução correta na primeira linha e, nesse caso, devemos pensar na purificação dos sacerdotes (ver Lev. 4.6; 8.11; 14.7). Se esse é o caso, então temos a missão messiânica da expiação, seguida pela missão do ensino, porquanto ninguém faiou jamais como Ele (ver João 7.46). As nações são vistas como subservientes a Ele, mas essa subserviência lhes é benéfica. Cristo é exaltado, mas para abençoar, não para prejudicar (vs. 13). A grandeza de Deus é ilustrada pelo fato de que até reis se prostrarão diante Dele (ver Isa. 49.23; Sal. 76.12; 102.15; 107.40; 138.4; 148.11; Jó 12.21). Cf. também Isa. 41.2; 45.1; 49.7,22,23; 60.3,16. "As maravilhas da redenção, que nunca lhes haviam sido narradas, lhes serão anunciadas, maravilhas como eles nunca tinham ouvido ou visto. Rom. 15.21 refere-se a esta passagem. Cf. também Rom. 16.25,26. Embora tivesse sido rejeitado por Sua própria nação, Ele será confessado por muitos gentios que nunca tinham ouvido falar sobre Ele" (Fausset, *in loc).* Paulo deu às palavras um tom evangélico.

Fecharão as suas bocas. Cf. Isa. 39.7 e ver também Jó 29.9; 40.4. Haverá admiração geral acerca de tudo quanto Cristo fez e é, incluindo a luz trazida aos gentios e sua iluminação por ela.

Capítulo Cinqüenta e Três \/

Não há interrupção entre os capítulos 52 e 53. Simplesmente avançamos para a segunda estrofe do poema. Ver a introdução à seção (ver Isa. 52.13-53.12), em Isa. 52.13. A primeira estrofe (Isa. 52.13-15) contrasta os brutais sofrimentos do Messias com Sua surpreendente exaltação, finalmente. Agora se verá algo sobre a Sua vida de sofrimentos.

Segunda Estrofe: A Vida de Sofrimentos do Servo (53.1-3)

53.1

Quem creu em nossa pregação? A notícia foi propalada; profetas e homens santos a anunciaram; ela estava contida nas Escrituras proféticas; a apresentação da mensagem foi clara; mas caiu em ouvidos surdos. O povo mostrou-se rebelde e duro. Foi o poder de Yahweh (o Seu *braço;* ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1) que levou a mensagem e a revelou, embora Ele tivesse seus instrumentos. Mas nem mesmo esse fato emprestou aceitação a ela. O que foi revelado era verdadeiro, mas foi tido como incrível. O remanescente judaico lamentará o fato de que tão poucas pessoas creram na *mensagem* deles sobre o Servo, e tão poucos reconhecerão a mensagem deles como vinda de Deus e de Sua força (o Seu *braço).* Ver os comentários sobre Isa. 40.10" (John S. Martin, *in loc).* "O pano de fundo e a aparência do Servo não se podiam distinguir um do outro; Sua pessoa foi rejeitada" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

(João 1.11)

Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.

(Hebreus 1.1,2)

53.2

Porque foi subindo como renovo perante ele. Aqui começa a história dos sofrimentos de Cristo. Cristo teve um pano de fundo muito humilde. Aparentemente, faltavam-Lhe forças. Ele apareceu em um deserto seco, como se fosse uma planta jovem. Ele não era impressionante como o filho de um rei, por exemplo, que tivesse sido criado em meio à pompa. Ele teve um nascimento e uma criação humildes, no lar de um carpinteiro. Não havia Nele nenhuma beleza que atraísse as pessoas, nenhuma glória admirável, nenhum sinal que excitasse a mente dos homens. Ele foi apenas outro jovem "lá fora", longe da capital, onde residia toda a pompa. Cf. Jer. 23.5. Era o renovo de Davi, um rei que veio para reinar, mas Isaías não destacou essas idéias no texto. Ele queria que víssemos o menino humilde que estava destinado a sofrer. Cf. Isa. 11.1,10.

Ocultos estão os santos de Deus,
Sem a garantia de sinais angelicais.
Nem tiveram eles suaves roupagens,
nem o cetro de ouro do Império.
Coisa alguma os assinalava como divinos.

(J. H. Newman)

53.3

Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens. O menino cresceu e se tornou homem, mas mesmo assim poucos se impressionaram com Ele. Ele foi desprezado e rejeitado pelos próprios irmãos. Foi um homem de tristezas, antes mesmo de Sua crucificação. Estava acostumado à tristeza e à dor. Os homens escondiam Dele o rosto, e não O reconheciam. Quem se importava com Ele? Não viam Nele valor algum. "A solidão e o abandono eram amargas aflições para os orientais. Caim, o assassino de seu irmão, foi exilado da comunidade; e Cristo, o Justo, também sofreu esse tipo de tratamento. O clamor da solidão é o clamor mais amargo. Ver Lam. 1.3; 3.7,14,17; Jó 19.13-19; Sal. 22.31; 38; 69; 88 e 102. O profeta Isaías estava empregando uma linguagem que cabia aos leprosos, que eram cortados do convívio com a comunidade. Os homens voltavam o rosto para o outro lado daquela gente infeliz, sentindo temor e nojo. O Servo de Deus foi o Sofredor por excelência, não havendo nenhuma razão para a rejeição que sofria.

Ele foi odiado e rejeitado pelas pessoas.
Ele enfrentou muita dor e sofrimento.
As pessoas nem ao menos queriam olhar para Ele.
Ele foi odiado, e nem ao menos O notamos.

(NCV)

Homem de Tristezas, que nome,
Para o Filho de Deus que veio
Reclamar a pecadores arruinados.
Aleluia! Que tremendo Salvador!

(Philip P. Bliss)

Terceira Estrofe: Ele Sofreu por Nós (53.4-6)

53.4

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades. *Sofrimentos vicários* são o tema deste versículo, um dos grandes temas messiânicos. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Sofrimento Vicário* e *Expiação* 11.7.

Culpados, vis e impotentes éramos,
Cordeiro de Deus sem mácula era Ele;
Ele selou o meu perdão com o Seu sangue!
Aleluia! Que tremendo Salvador!

(Philip P. Bliss)

Os sofrimentos do Messias deviam-se ao pecado, mas não a Seu próprio pecado. Nesses sofrimentos havia *retribuição,* administrada pela mão divina, mas contra os nossos pecados. Ele foi ferido de Deus e afligido, e carregou nossas tristezas, e assim fez expiação universal. Mesmo assim, quão poucos souberam disso e quão poucos se importaram com isso. Cf. o vs. 7, a seguir, que amplia o tema. Cf. também Mat. 8.17, que aplica essas palavras ao ministério misericordioso de Jesus.

Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

(João 1.29)

A Vulgata Latina diz aqui: "Nós O reputávamos um leproso", trazendo a implicação das palavras do vs. 3, onde os leprosos eram desprezados pelos homens, por lhes serem motivo de repulsa.

Algumas mortes provocadas por câncer são muito dolorosas. Certa mulher, que muito tinha sofrido por causa dessa enfermidade, queria que houvesse, em sua doença, algum benefício, e assim disse: "Eu gostaria de reunir em minhas próprias dores tudo quanto a humanidade deve sofrer por causa do câncer e pagar a totalidade desses sofrimentos". Esse foi um sentimento nobre e altruísta (embora impossível). Porém, nos sofrimentos vicários de Cristo, o impossível se concretizou, e em escala universal. "Mediante os sofrimentos vicários do Servo, Ele reconduziu todas as pessoas a Deus (ver Mat. 8.17; I Ped. 2.24,25)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

CITAÇÕES DE ISAÍAS 53
NO NOVO TESTAMENTO

Essência da Citação	Isaías	Novo Testamento
A incredulidade daqueles que recebem a mensagem	53.1	João 12.38; Romanos 10.16
Sofrimento vicário	53.4	Mateus 8.17
Sofrimento vicário traz perdão e restauração	53.5,6	I Pedro 2.24-25
As ovelhas rebeldes ganham perdão e se restaurarão nos sofrimentos vicários do Messias.	53.7,8	Atos 8.32-33; Apocalipse 5.6,12; 13.8
0 homem inocente, cuja linguagem era impecável, morreu em meio a homens injustos e foi enterrado com os ímpios	53.9	Mateus 27.57-60; Marcos 15.2; Lucas 22.37; 23.33;
Sofrimento vicário do Messias e sua intercessão em favor dos pecadores conquistaram uma herança para Ele e para eles.	53.12	Romanos 4.25; Hebreus 9.28; I Pedro 2.24

Observações:

- O livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento é Salmos.

- O livro mais messiânico e apocalíptico do Antigo Testamento é Zacarias.

Isaías tem aproximadamente 70 citações no Novo Testamento.
Ver lista na *Introdução* ao livro, seção VIII.

MESSIANISMO

Esse é o nome da crença no poder de um indivíduo (ou de um grupo, de uma nação etc), para transformar ou revolucionar a ordem social ou religiosa existente. No campo religioso, essa palavra aponta especificamente para o aparececímento de um messias pessoal que haveria de tornar-se veículo especial e entregaria uma mensagem divina capaz de modificar a ordem de coisas vigentes. Quase todas as religiões têm alguma figura messiânica, já vinda ou prevista.

Ver no Dicionário os artigos chamados *Messias* e *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus.*

53.5

Mas ele foi **traspassado pelas nossas transgressões.** O poeta continua aqui seu tema de sofrimentos vicários. A vara divina O feriu em nosso lugar. Ele foi ferido por nossas iniqüidades; foi castigado a fim de que fôssemos curados; foi espancado, para que, por Suas feridas, recebêssemos a cura. "A punição foi suportada vicariamente, e esse tipo de sofrimento foi eficaz aos olhos de Deus. O castigo que deixou o corpo do Messias alquebrado nos curou. Nele, obtivemos a paz, no hebraico, *shalom,* palavra inclusiva que denota tanto o bem-estar físico quanto o bem-estar espiritual" (James Muilenburg, *in loc).*

'Shamil,' um líder religioso e militar do Cáucaso, em meados do século XIX, lutou **por** 30 anos para manter a independência das tribos do Dagestan da Rússia. Houve ocasiões em que o derrotismo se generalizou entre seus seguidores. Ele anunciou que qualquer um que pleiteasse negociações com o inimigo receberia 100 chibatadas. Um culpado foi apanhado, e, ao ser identificado, era a própria mãe de Shamil. Shamil fechou-se na mesquita, recusando-se a comer e beber, e entregou-se à oração. No terceiro dia, reuniu o povo e, pálido como a morte, ordenou que o executor infligisse o castigo. Na quinta chicotada ele gritou: "Alto!". E mandou que a mãe fosse removida, desnudou as próprias costas e ordenou que o oficial lhe aplicasse as 95 chibatadas que faltavam ainda, com severas ameaças se deixasse de aplicar toda a força do braço a cada chicotada. O povo, espantado de surpresa, ficou profundamente comovido, e toda conversa de pedir condições de paz com os russos cessou" (Henry Sloane Coffin, *in loc,* referindo-se à obra de J. F. Baddeley, *The Russian Conquest of the Caucasus).*

53.6

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas. O tema dos *sofrimentos vicários* continua aqui. Os israelitas são aqui descritos como ovelhas desgarradas, enquanto o Servo aparece como Pastor. O ato supremo de Deus foi pôr sobre o Servo-Pastor os pecados das ovelhas, levando-0 a dar Sua vida pelas ovelhas. Foi assim que o Pastor se tornou o Cordeiro de Deus (ver João 1.29). Ele morreu *voluntariamente,* em concordância com o plano de Deus que foi melhor para a comunidade dos amados, embora eles tivessem sido rebeldes. Cf. Sal. 119.176 e I Ped. 2.25. "Em nós mesmos, estávamos espalhados; em Cristo, estamos reunidos; por natureza estamos desgarrados, impelidos para a destruição; em Cristo, encontramos o caminho para o portão da vida" (Calvino). Cf. Mat. 9.36 e João 10.11.

As palavras de R. Cahana são prenhes de instrução: "Tal como em um jumento é posta uma carga, e ele a transporta, assim também o Rei Messias suportará sobre Si mesmo os pecados do mundo inteiro, porquanto lemos: 'mas 0 Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos'".

> *Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.*
>
> (I João 2.2)

53.7

Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca. Como se fosse uma ovelha que está sendo levada para a tosquia, ou mesmo para o matadouro, Cristo não proferiu um único som nem ofereceu resistência. Sofreu Suas imensas aflições em silêncio e em obediência Àquele que tinha traçado o plano de redenção. Cristo é o Cordeiro de Deus que foi levado para a matança (ver João 1.29). "Contudo, Ele não clamou em protesto ou vingança contra Seus inimigos, ou contra Deus, por causa da cruel injustiça de Suas aflições. Tal paciência e resistência não caracterizava os sofredores do Antigo Testamento. Habacuque, Jeremias e Jó não se mostraram muito pacientes. Eles ergueram a voz em altos protestos contra o mistério e a evidente injustiça de que foram vítimas" (James Muilenburg, *in loc).* Consideremos os salmos de lamentação em seus incessantes queixumes e pedidos de vingança. De fato, essa é a mais numerosa categoria dos salmos, ocupando mais de 50% da coletânea de 150 salmos. Apresento um gráfico no início da exposição, onde dou as categorias em que se dividem os salmos e listo os salmos pertencentes a cada uma delas. Cf. Mat. 26.63; 27.14 e 1 Ped. 2.23.

> *Oh, Jesus, ficará alguém jamais*
> *Envergonhado de Ti?*
> *Envergonhado de Ti, a quem os anjos louvam,*
> *Cujas glórias rebrilham por intermináveis dias?*
>
> (Joseph Grigg)

53.8

Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem quem dela cogitou? "Após Sua *opressão* (tendo sido detido e amarrado; João 18.12,24) e Seu julgamento (sentenciado a morrer; João 19.16), Jesus foi levado para a execução. Ele morreu não por causa de algum pecado que houvesse cometido (porquanto Ele, o Filho de Deus, era impecável; ver II Cor. 5.21; Heb. 4.15; I João 3.5), mas por causa dos pecados e das *transgressões* de outras pessoas (ver Isa. 53.5). 'Foi arrebatado' significa foi levado para morrer. Essa expressão é paralela a 'ser cortado da terra dos viventes'" (John S. Martin, *in loc).* Tendo sido cortado pela morte em Sua juventude, Ele não tinha descendentes naturais, mas, visto que levou os pecados de Seu povo, Ele lhes trouxe eterno benefício. Assim sendo, enquanto "a terra está enferma, e o céu está cansado de palavras ocas que os homens proferem quando falam da verdade e da justiça" (Wordsworth), em contraste, essas palavras importantes chegaram até nós atravessando os séculos para aliviar nossas cargas e levar-nos à Terra da Vida. "Tanto Seu traidor quanto Seu juiz declararam Sua inocência" (Fausset, *in loc),* mas isso não fez parar o processo ousado nem impediu seus temíveis resultados.

53.9

Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte. Depois dos maus-tratos sofridos, da vergonha e da morte dolorosa por crucificação, a intenção era sepultá-Lo juntamente com os *perversos* (os criminosos que foram crucificados juntamente com Ele). Em vez disso, porém, um homem rico, José, adiantou-se e providenciou o sepultamento em seu próprio túmulo (ver Mat. 27.57-60). A emenda de *rico* para *malfeitores,* de modo que haja um paralelo com *perversos,* é insensata. Jesus Cristo morreu como homem jovem, embora sem causa alguma para Sua execução. Ele não cometeu nenhuma violência nem usou a Sua linguagem para prejudicar a homem algum. Contudo, foi arranjado pela providência divina que dois homens ricos O honrassem em Sua morte, José de Arimatéia e Nicodemos (ver Mat. 27.57; Mar. 15.43-46; João 19.39,40). Isso demonstrava a aprovação divina, em contraste com os atos malignos dos homens.

53.10

Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar. Yahweh aparece aqui como a *causa* do terror que atingiu o Servo; Ele foi entristecido e ferido pela vontade de Deus, porquanto grande era o propósito divino que estava sendo operado em Seu sofrimento. Sua *alma,* isto é, Sua *vida* tornou-se uma oferenda pelo pecado. Diz aqui a Vulgata Latina: "Ele fez de Si mesmo uma oferta pelo pecado", salientando o caráter voluntário do Servo ao fazer Sua expiação. Este versículo salienta claramente uma morte viçaria como expiação, em concordância com os sofrimentos vicários (vs. 5). Embora Ele não tivesse recebido a permissão para ver Seus descendentes naturais (físicos) (vs. 8), foi recompensado por ver abundante *posteridade espiritual.* Seus dias espirituais são prolongados, transformando-se na eternidade. A *mão* de Yahweh O tinha ferido (vs. 10), mas terminou por abençoá-Lo; e assim levantou-se a igreja, repleta de Seus irmãos, que eram ao mesmo tempo Seus filhos espirituais, porquanto assim Deus quis. Quanto à *mão* divina, que opera prodígios, ver o *Dicionário* e também Sal. 81.14. Ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6; e sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Todas essas expressões são antropomórficas e revelam o poder divino de realizar o que precisava ser feito para satisfazer a vontade divina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.*

A **sua posteridade.** "Aqueles que, por confiarem Nele, tornam-se filhos de Deus (ver João 1.12) e *prolongam os seus dias,* isto é, vivem para sempre na companhia do Filho de Deus. Ele *prosperará* por motivo de Sua obediência" (John S. Martin, *in loc).* Este versículo aponta para "o caráter de sacrifício da morte do Servo. Trata-se de uma oferenda pela culpa (ver Lev. 6.6,17; 14.12), uma expiação pelos pecados do povo" (Ellicott, *in loc).* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação,* para detalhes.

53.11

Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma. O fruto do trabalho do Messias é que Yahweh ficou satisfeito com a oferenda oferecida por Seu Filho, aceitou-a e tornou-a eficaz em Seu ofício expiatório. Através disso Ele trouxe *justificação* a muitos. "Após o sofrimento de Sua alma, Ele veria a luz da vida", como diz o significativo texto da Septuaginta e do manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto. Portanto, temos outro caso de esse manuscrito concordar com as versões (sobretudo com a Septuaginta), contra o texto massorético posterior e padronizado. Quanto a esse fenômeno, que tem grande importância para a crítica textual do Antigo Testamento, ver as notas em Isa. 26.19, bem como o gráfico ilustrativo que as acompanha. Ver também os artigos chamados *Mar Morto, Manuscritos do; Massora (Massorah); Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.*

Por meio de Seu conhecimento, ou seja, ao fazer o que Ele sabia que deveria ser feito, o Servo Sofredor justifica a muitos. Mas alguns estudiosos traduzem essa frase por "pelo conhecimento Dele" (NIV, margem). Aqueles que O

AS DORES E O TRIUNFO

Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso...

Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficará satisfeito, o meu servo, o justo, comjp seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniqüidades deles levará sobre si.

Isaías 53.3,11

HINOS DE VITORIA

A luta terminou, a batalha é finda,
A vitória da vida foi ganha;
O cântico de triunfo começou.
Aleluia!
Os poderes da morte fizeram o que podiam,
Mas Cristo dispersou suas legiões;
Que a alegria santa irrompa.
Aleluia!
Os três dias logo se passaram,
Ele ressuscitou em glória dentre os mortos;
Toda a glória para nossa cabeça ressurrecto!
Aleluia!

(Antigo Hino Latino)

conhecerem como Salvador e Senhor serão justificados por Ele. Seus pecados lhes são perdoados **e** eles entram em Sua vida. Ver no *Dicionário o* artigo chamado *Justificação.*

53.12

Por isso eu lhe darei muitos como a sua parte e com os poderosos repartirá ete o despojo. Temos aqui a *abundante bênção divina* do Servo Sofredor, **que viu** Sua missão ser terminada. Ele é retratado como um guerreiro que **vendeu, isto** é, obteve seu salário de despojos. Ele obteve abundante galardão, como sucede aos guerreiros fortes. Seu trabalho consistia em derramar Sua alma **na morte (vs.** 10), do que resultou que muitos receberam a vida eterna (vs. 11), **e isso não** poderia deixar de ser recompensado. Da mesma forma que Yahweh foi a **causa** de Sua morte, bem como Aquele que aprovou o que Ele fez (ver o vs. 11), também é Aquele que dá ao rico a recompensa por ter cumprido a sua missão.

Derramou **a sua alma na morte.** "O caráter voluntário absoluto do sacrifício do Messias é novamente enfatizado... O Servo ideal, odiado, condenado, fracassado, é visto finalmente idêntico ao Rei Ideal" (Ellicott, *in* toe).

> *Ele levou os pecados de muita gente. Ele pediu o perdão para aqueles que tinham pecado.*
>
> (NCV)

"Esta grande passagem nos fornece um quadro tremendamente completo do que a morte de Jesus Cristo realizou em favor de Israel (ver João 11.49-51), bem como em favor do mundo inteiro (ver I João 2.2). A morte de Cristo satisfez as justas demandas de Deus por julgamento contra o pecado, abrindo assim o caminho para todos virem a Deus por meio da fé, para serem salvos do pecado" (John S. Martin, *in* toe).

Capítulo Cinqüenta e Quatro

A Salvação e Suas Bênçãos (54.1 - 55.13)

A Consolação de Israel (54.1-17)

Os capítulos 54-57 do livro de Isaías falam da salvação que seria concedida a Israel, das suas glórias, e da causa e operação divina. Haveria muitos prosélitos (ver Isa. 55.1-56.8), mas também haveria a condenação dos ímpios (ver Isa. 56.9-57.21). Finalmente, porém, seria estabelecida a era do Reino de Deus (com a inauguração do milênio). Diferentemente do que aconteceu na antiga Israel, o Messias, em Seu segundo advento, não falharia em Sua missão.

Portanto, a paixão do capitulo 53 será substituída pelo grito de alegria. Haverá consolação, tema que também aparece em Isa. 40.1-51.3,19. Haverá tremenda explosão de alegria e triunfo (capítulo 55). Vemos aqui um quadro de Israel como a esposa restaurada de Yahweh, e a passagem pode ser comparada a Osé. 2.1-23.

Sião terá muitos filhos e habitará em um lugar espaçoso, repleto de bênçãos e benefícios. Ela não podia ter filhos, porquanto seu marido a havia deixado. Ela estava solitária, desolada e desamada, mas agora um novo dia raiaria. O pacto venceu o pecado e a degradação. "Israel haverá de experimentar uma vida nova e uma devoção do novo pacto, no qual o Senhor toma a iniciativa" (James Muilenburg, *in* toe).

Primeira Estrofe: Os Muitos Filhos de Sião e Suas Moradias Espaçosas (54.1-3)

54.1

Canta alegremente, ó estéril, que não deste à luz. Por causa de seus pecados, Israel, a esposa de Yahweh, tinha sido abandonada. Era como uma mãe que perdeu os filhos e o marido (cf. Isa. 49.14-21; 50.3). Jerusalém havia sido destruída pelos babilônios, em 586 A. C, e toda a Judéia jazia em ruínas. Portanto, ela estava *estéril,* isto é, não havia filhos em seu lar. O nascimento era uma maravilha da vida, mas Judá tinha morrido por causa de suas iniqüidades. A destruição de Jerusalém e o cativeiro foram o *divórcio* de Yahweh de sua esposa. A dispersão romana acrescentou outra dimensão a isso. Cf. Gál. 4.27 quanto à aflição da esterilidade e à importância de uma mulher casada ter filhos, sinal da bênção divina. Mas aqui uma mulher estéril foi convidada a cantar de alegria porque haveria um casamento renovado, muitos filhos e um lugar espaçoso para habitar. A *restauração* de Israel estava a caminho.

"Os filhos da desolação eram, primariamente, os exilados que retornavam e, finalmente, todos os cidadãos da Jerusalém celestial" (Ellicott, *in* toe).

> *Começa a cantar e canta de alegria. Nunca sentiste a dor de dar à luz, mas terás mais filhos do que a mulher que tem marido.*
>
> (NCV)

"Estéril: o exílio de Sião, abandonada por Deus, seu marido (Eze. 16); casada: a Sião pré-exílica (ver Isa. 62.4; Gál. 4.27)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). A esposa desolada, uma vez restaurada, terá mais filhos do que tinha a mulher casada.

54.2

Alarga o espaço da tua tenda; estenda-se o toldo da tua habitação. A *tenda* é uma figura do lugar de habitação da ex-esposa desolada. Em sua restauração, ela terá tantos filhos que sua casa não será suficiente para abrigar a todos. Portanto, a tenda terá de ser aumentada; as cortinas (coberturas de peles de animais) terão de ser ampliadas; as estacas terão de ser arrancadas e fincadas mais longe. As próprias estacas terão de ser fortalecidas para suportar o peso maior dos lados da tenda. A figura do nomadismo certamente é apropriada. Poderíamos esperar a figura de um palácio. Mas o fato de que Judá foi levado para o cativeiro e depois voltou a para viver em Sião, dando a idéia de um nômade que mudou o local de sua tenda, é a circunstância sugerida pela figura. O nômade, ao voltar, precisará de uma tenda maior que a anterior, por causa do aumento do número de filhos a serem abrigados. Naturalmente, estamos considerando a era do Reino de Deus, porquanto a volta dos judeus da Babilônia trouxe uma bem pequena companhia de exilados retornados para reconstruir a cidade de Jerusalém. Cf. Isa. 33.20 e Jer. 10.20.

54.3

Porque transbordarás para a direita e para a esquerda. Ora, a idéia de muitos descendentes é expandida para além da idéia da tenda. Haverá muito grande população, pelo que nem a própria Israel poderá conter todo o povo. O povo de Israel tomará possessão de territórios pagãos e habitará em cidades antes desertas. O pacto abraâmico será cumprido: muitos descendentes **e** a possessão de um extenso território (ver esse pacto em Gên. 15.18). Essa linguagem é escatológica, porquanto nada disso aconteceu após o retorno da Babilônia. "Isaías não falava em *conquista* de seus vizinhos, mas em uma expansão pacífica para fora de suas fronteiras normais" (Henry Sloane Coffin, *in* toe). Espalhando-se para o sul e para o norte, conforme diz o Targum, eles serão como uma *inundação* da terra, que fala não da propagação da igreja por todas as terras, mas da abundante restauração de Israel no tempo do Reino de Deus.

Segunda Estrofe: O Senhor é o Marido de Israel (54.4-5)

54.4

Não temas, porque não serás envergonhada. Aquela que fora abandonada em sua pecaminosidade ficou envergonhada e confundida, mas em sua restauração será restabelecida como uma esposa amada que é devolvida à bênção de Yahweh, seu marido. O tempo vergonhoso de sua juventude será esquecido, porquanto será completamente revertido. A mulher estivera perto da *viuvez,* embora, estritamente falando, tivesse sido abandonada pelo marido. Os dias antigos tinham passado, e um novo dia apagará a vergonha e as provações dos dias antigos. O povo em relação de pacto com Deus não precisará temer a repetição dos dias de vergonha e aflição. A vergonha da juventude fala da apostasia de Judá, antes do exílio babilônico que trouxe tal evento. Também devemos pensar na *dispersão romana por* causa do pecado de Israel ao rejeitar o Messias, outro "divórcio" de Judá. Cf. Osé. 2.17 e Jer. 2.2. O período de viuvez foi o exílio babilônico e a dispersão romana. O profeta, assim sendo, foi capaz de abarcar grande período de tempo em sua visão profética.

54.5

Porque o teu Criador é o teu marido. O Criador é o Marido, uma figura simbólica ousada, para dizermos o mínimo. O Seu nome é *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15 e examinar também o *Dicionário).* O Criador tem poder ilimitado, sendo o Comandante dos exércitos celestiais, saindo a campo para conquistar e restaurar. Ele é também o *Santo de Israel* (ver a respeito no *Dicionário),* pelo que o Seu labor é justo e fará de Israel uma nação justa. Ele também é o Redentor (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Redenção (Redentor)).* Yahweh assumiu a responsabilidade da restauração e redenção de Israel. Na qualidade de Deus da terra inteira, não lhe faltará poder para isso. Seus propósitos soberanos serão inevitavelmente cumpridos. "O começo de Israel (na criação) e seu fim (na redenção) dão-se sob a soberania divina; sua existência, debaixo do pacto, é com o Deus Santo" (James Muilenburg, *in* toe). "Este quinto versículo sumaria a teologia do profeta: Deus é o Senhor do universo lá em cima e, diferentemente dos homens,

Ele entra graciosamente em comunhão com o Seu povo escolhido para a redenção de toda a humanidade" (Henry Sloane Coffin, *in loc.*). Este comentário está correto quanto a seu aspecto universal, pois note o leitor como o mesmo Deus faz grandes promessas a Israel, sendo Ele, igualmente, soberano sobre a *terra inteira*. Ele é o Criador, o Sustentador e o Redentor de toda a terra.

Terceira Estrofe: Compaixão e Devoção Eternas (54.6-8)

54.6

Porque o Senhor te chamou como a mulher desamparada e de espírito abatido. A esposa *rejeitada e entristecida* é chamada de volta por seu Marido, que a havia abandonado por causa dos pecados dela. E então houve grande reconciliação e restauração. Houve tristeza quando ela foi abandonada, mas agora isso pertencia aos dias passados. Ela foi uma viúva no exílio e na dispersão, mas agora estava sendo restaurada. Ela teria um lugar novo e espaçoso para viver (vs. 2). Sua descendência seria grande, espalhada por um largo território. As glórias do pacto abraâmico finalmente terão cumprimento. Portanto, Yahweh não rejeitou irrevogavelmente Sua *esposa* (Osé. 2.19; 11.8,9). "O Marido tinha punido a esposa infiel pelo que parecia ser um divórcio, mas o coração do Marido anelava por ela, e agora Ele a tomava de volta" (Ellicott, *in loc.*).

Como a mulher da mocidade. Cf. Pro. 5.18. A jovem esposa é *favorecida*, pois, afinal de contas, é uma *jovem mulher*, no máximo de suas energias físicas, na flor da idade, em sua beleza e graça. Portanto, foi extremamente doloroso quando ela caiu em pecado e se corrompeu moralmente. Porém, uma vez restaurada, ela foi chamada de volta a uma condição superior àquela que tivera antes da queda.

54.7

Por breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias torno a acolher-te. Há um profundo amor envolvido no relacionamento entre Yahweh e Israel. O Senhor Deus chamará Israel de volta com Seu amor irresistível. A reconciliação agora é iminente (ver Sal. 27.10; II Cor. 4.17,18). A esposa foi abandonada por breve momento, por ocasião do exílio babilônico e da dispersão romana, um período tão breve pela estimativa divina. Mas, por causa de Sua compaixão e de Seu amor constante (no hebraico, *hesed*), Ele a chama de volta. No vs. 10, essas qualidades não podem *fracassar*. Haverá uma *reunião de Israel*, visto que a restauração da esposa requer a chamada de Israel tanto do exílio babilônico quanto da dispersão romana. Há uma aflição temporal, mas logo em seguida haverá eterno peso de glória (ver II Cor. 4.17,18). Esse é um *contraste divino*. As aflições dos homens deixam-nos aflitos, como é claro. Mas as aflições de Deus são remediais.

As tragédias gregas retratavam um homem esmagado, então esmagado de novo, e depois novamente, até ser reduzido a nada. A tragédia divina, porém, lembra o caso de Jó, a sua aflição. Caros leitores, estou convencido de que até o julgamento dos perdidos opera dessa maneira, pois o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus, que acaba restaurando aquele que é julgado. Ver I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*. Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo chamado *Restauração*. Até onde estou envolvido, este versículo ilustra como Deus opera com os homens, e não meramente como Ele agiu no caso do povo de Israel. A ira é contrastada com o amor eterno. Apesar de tudo, a *ira é amor*, porque é restauradora.

54.8

Num ímpeto de indignação escondi de ti a minha face por um momento. A *espumante ira de Deus* durou apenas um momento. Mas até mesmo esse *momento* foi um tempo de operação do amor, a ser cumprido por amor a um bom propósito. Essa ira foi uma obra beneficente e, sem ela, não poderia ter fluído o propósito divino. Estritamente falando, entretanto, a ira divina foi um momento preliminar de restauração. Assim sendo, somos tentados a contrastar os dois momentos; mas eles estão, de fato, em harmonia. Os teólogos gostam de quebrar a unidade de Deus, separando a justiça, o julgamento e o amor. Na verdade, porém, essas coisas são meros *sinônimos*, porquanto falam todos de aspectos variegados do amor de Deus. A ira extravasa, a fim de curar. Então o amoroso cuidado de Deus superinunda, a fim de glorificar a pessoa restaurada. Pode o leitor perceber que estamos falando sobre diferentes aspectos de uma única operação de Deus? E outro tanto sucederá com os perdidos, igualmente. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

A cruz foi um julgamento, mas, ao mesmo tempo, o instrumento divino da redenção. O julgamento e o amor de Deus (ao que tudo indica) são pólos opostos do mesmo mundo da graça de Deus. Separar as duas coisas, como se fossem eternamente distintas, é promover uma teologia unilateral. Por certo Orígenes estava certo quando disse que ver no julgamento apenas o elemento da *retribuição*, e ignorar o fato de que esse julgamento também é *restaurador*, é inclinar-se a uma teologia inferior. Deus oculta Seu rosto quando julga, e O faz brilhar sobre os homens quando eles já aprenderam suas lições por meio da dor. A *dor* é uma função do corpo humano que nos avisa de que algum dano físico deve ser evitado. Não existe algo como dor somente por amor à dor. Yahweh, o Deus eterno, é igualmente o Redentor. O *motivo da redenção*, portanto, encerra a estrofe, e assim a redenção divina escreverá o capítulo final da história da humanidade.

Quarta Estrofe: O Pacto Eterno (54.9-10)

54.9

Porque isto é para mim como as águas de Noé. As boas-novas continuam aqui. O dilúvio de Noé foi um tempo de vasta destruição, mas o resultado final foi remidor. Sim, muita gente pereceu, mas Jesus apresentou a eles Seu evangelho, entre a Sua morte e a Sua ressurreição (ver I Ped. 3.19-4.6), conforme a igreja histórica interpreta a passagem. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades*. Além disso, o propósito remidor continuou também porque os poucos sobreviventes do dilúvio receberam um mundo novo. Por toda a parte e em todas as ocasiões, os propósitos de Deus continuam a surpreender-nos, por causa de suas aplicações benéficas e multifacetadas. O dilúvio veio e se foi. Em seguida, Deus prometeu que nunca mais agiria daquela maneira novamente. Sua ira *abateu-se* então, tal como aconteceu mais tarde, no caso de Israel, e se abate de novo e de novo, ao realizar Seus propósitos, a despeito das almas que são feridas por esses propósitos. Note o leitor que um *juramento divino* garante esse abatimento. "Conforme Deus jurou a Noé e cumpriu a Sua promessa, assim também agora Ele jura que desviará Sua ira de Seu povo para sempre" (James Muilenburg, *in loc.*). A lição clara é que o amor, a longo prazo, tem fácil vitória sobre a ira, pelo que dizemos: "Deus é amor" (ver I João 4.8). Ver Gên. 9.11, quanto à promessa de amor feita por Deus. Deus estabeleceu um pacto de paz, e todos os homens são beneficiários desse pacto.

54.10

Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos. Algum cataclismo gigantesco poderá nivelar as montanhas (que consideramos símbolos de estabilidade); as colinas poderão desintegrar-se diante de algum terremoto devastador, mas o *amor constante* de Deus não será revertido por nenhum tipo de acontecimento. O *pacto de paz*, que promete um amor sem diminuição e grande bênção para o Reino de Deus, não poderá ser abalado por nenhum poder nos céus ou na terra. E isso será assim porque foi o Deus eterno quem jurou, por Si mesmo, e Nele não há sombra de variação. Ver Tia. 1.17:

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das Luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.*

"As montanhas são as mais poderosas e estáveis coisas criadas (cf. Sal. 46.2,3; 114.4; Hab. 3.6). A eternidade da salvação foi expressa pelos profetas mediante comparações cósmicas (cf. Isa. 51.5; Jer. 31.35,36; 33.20,21). O amor de pacto de Deus, contudo, é mais forte que as montanhas" (James Muilenburg, *in loc.*, com algumas adaptações).

> *De Seu amor preso a um compromisso*
> *Todos os acontecimentos dependem;*
> *O próprio ocultamento de Seu rosto*
> *Treinará você para a alegria Dele.*
>
> (Toplady)

> *Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis.*
>
> (Romanos 11.29)

Quinta Estrofe: A Nova Jerusalém (54.11-14)

54.11

Ó tu, aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! Começa aqui uma nova parte do poema de Isaías, que dá continuidade aos pensamentos expressos na estrofe anterior. A linguagem do pacto prossegue aqui (vss. 10 e 13). O motivo da reversão da sorte de Israel continua (vss. 1 e 11). Um novo dia inicia uma nova edificação. A antiga Jerusalém estava perdida; uma nova Jerusalém estava a caminho.

Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida. "Temos aqui o futuro pacífico de Israel (ver Isa. 54.11-17). Jerusalém, a *cidade aflita*, já

havia passado por muitas tribulações, chamadas *tempestades;* e ninguém a havia *consolado* (ver Lam. 1.2,9,15-17,21). Entretanto, o Senhor *edificará* a cidade com *pedras* feitas de gemas preciosas, que simbolizam Seu cuidado e estima, e dão tão grande valor à cidade" (John S. Martin, *in* toe). Cf. as elaboradas descrições da Nova Jerusalém, em Apo. 21 e 22. Quanto ao motivo da Nova Cidade, ver Isa. 26.1 ss.; Tobias 13.16,17.

Argamassa colorida. No hebraico temos a palavra *kohl,* pó negro, ou manganês, usado pelas mulheres do Oriente para colorir as pálpebras e as sobrancelhas com propósitos de decoração, aumentando o brilho dos olhos. Ver II Reis 9.30; I Crô. 29.2; Jer. 4.30. Talvez a figura seja que a argamassa segura no lugar as pedras de safira, destacando a beleza das pedras com seu colorido negro.

E te fundarei sobre safiras. Pedras brilhantes e levemente coloridas de azul, colocadas no fundo escuro, o que torna o seu colorido mais brilhante ainda. Está em vista o lápis-lazúli, que tem um azul vivido, uma pedra altamente avaliada no Oriente. A nossa *safira* era quase desconhecida até o tempo dos romanos. Ver no *Dicionário* sobre esses termos, quanto a maiores detalhes.

Como é natural, está em vista um povo, e não uma cidade literal, embora sem dúvida deva haver uma cidade ou habitação gloriosa como o povo que nela habitará. Os intérpretes, antigos e modernos, variam de opinião entre uma cidade e um povo, e alguns pensam estar em foco **a** igreja, mas isso já é um exagero.

54.12

Farei os teus baluartes de rubis, as tuas portas de carbúnculos. Os *baluartes* da cidade serão feitos de *rubis,* e os seus *portões,* de *carbúnculos,* enquanto as *muralhas* serão feitas de *pedras preciosas.* Muitas cores, portanto, serão providas para embelezar o povo-cidade, ao mesmo tempo que somos informados sobre o imenso valor dado divinamente ao povo-cidade.

As descrições do livro de Apocalipse foram, como é óbvio, tomadas por empréstimo deste trecho de Isaias, embora apareçam mais extensas e adornadas. *Baluartes* deriva-se de uma palavra hebraica que tem sido traduzida como *sol,* sendo possível que a idéia inerente seja a do brilho de beleza que esses baluartes possuirão. É *carbúnculos* é aqui tradução de uma palavra hebraica que indica "requeimar" ou "queimar", pelo que devemos pensar em pedras dotadas de um brilho de fogo. O amor de Deus será a luz da nova Jerusalém e brilhará por toda a parte, refletido por todo aquele *paraíso restaurado* (ver Eze. 28.13-19; João 6.45; Apo. 21.19).

54.13

Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor. Haverá a *glória externa,* da cidade (vss. 12-13), mas também haverá a *glória interna,* as qualidades espirituais dos filhos de Deus na vida restaurada da nova Jerusalém. Esse tipo de beleza decorrerá do fato de que os habitantes da cidade serão ensinados por Yahweh em Sua lei, o *guia* de Israel (ver Deu. 6.4 ss.). Esse novo ensino será feito no contexto do Novo Pacto, que levará os ensinos para além da antiga lei. Haverá imensa paz e prosperidade, que sempre foram prometidas para aqueles que buscassem, em primeiro lugar, o reino de Deus (ver Mat. 6.33). Este versículo foi citado pelo Senhor Jesus em João 6.45, aplicado aos discípulos, o que demonstra a qualidade espiritual da declaração. Isso também mostra que o versículo olha para além da lei mosaica como mestra. Cf. Isa. 8.16 e 50.4, onde temos algo similar. Ver também Jer. 31.34. O Targum naturalmente relaciona o ensino aqui referido à lei; porém, na realidade, mais que isso está envolvido.

54.14

Serás estabelecida em justiça, longe da opressão. Uma vez estabelecida na retidão da era do Reino, Israel não mais precisará temer os opressores, quer invasores estrangeiros, quer apóstatas interiores, os quais poderiam manifestar-se vindos dos dias antigos da síndrome do pecado-julgamento-restauração.

Fundada sobre a Rocha dos Séculos,
Que poderá abalar teu firme repouso?
Circundado pelas muralhas da salvação,
Poderás rir diante de todos os teus inimigos.

(John Newton)

Essas palavras olham para a futura *era ideal,* pois nunca tiveram aplicação no passado, em nenhum período de tempo. "Esta passagem apresenta não uma nação agressiva, com alvos imperialistas, mas uma nação obediente a Deus e, assim, imune a qualquer ataque" (Henry Sloane Coffín, *in* toe).

54.15

Eis que poderão suscitar contendas, mas não procederá de mim. Este versículo contém um breve comentário sobre o versículo anterior. Se houver algum adversário que desperte contendas, Israel poderá saber que a *causa* disso não será Yahweh, visto que, na Era Ideal, não haverá razão para enviar um inimigo estrangeiro contra Jerusalém, conforme acontecia com freqüência no passado, quando Israel estava envolvida em corrupção e apostasia. Yahweh é quem faz os exércitos marchar, o Poder que controla os eventos humanos (ver Isa. 13.6 e as notas expositivas). Mas se porventura heuver alguma contenda, a mão divina prontamente a abafará, em defesa de uma justa nação de Israel. Cf. Isa. 10.15 e Isa. 37.26, onde se atribui a Deus a marcha de exércitos.

Sexta Estrofe: A Onipotência do Senhor (54.16-17)

54.16

Eis que eu criei o ferreiro, que assopra as brasas no fogo. Este versículo comenta o versículo anterior. Yahweh estava por trás da tecnologia dos que produziam armas de guerra. Estava por trás dos que destruíam a outros, quando eles é que mereciam tal sorte. Yahweh, conforme o versículo assevera, como tantos outros versículos deste livro, é Quem usa uma nação para punir a outra. Sua providência, tanto negativa quanto positiva, é suprema. Deus tem um poder soberano que é o determinador dos eventos. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Providência de Deus* e *Soberania de Deus.* E ver também o verbete chamado *Atributos de Deus,* entre os quais queremos destacar Sua "onipotência". Se Deus controla todos os poderes e todas as causas secundários, então Ele também pode produzir a paz, tanto quanto a guerra. *Esse* é o fenômeno que controlará a era do Reino de Deus, durante o milênio.

"O machado, o malho e a espada (os grandes destruidores da terra) são formados pelo grande Mestre-Artífice, e Ele jamais formará tais armas contra a Nova Jerusalém" (Ellicott, *in* toe).

54.17

Toda arma forjada contra ti, não prosperará. Se, porventura, alguma arma for forjada, não o será por ordem de Yahweh, nem será usada contra o Seu povo justo. Ataques verbais, que poderiam armar confusão, tanto vindos do lado de fora da comunidade de Israel, como de dentro dela, não prosperarão; antes, estarão condenados ao fracasso. O poder divino por trás de Israel se manifestará, mesmo nos casos de disputas verbais, pelo que nada mais sério resultará dessas disputas. A *paz,* sustentada dessa maneira, fará parte da herança de Israel durante a época áurea. Quando houver necessidade de vindicação, isso virá da parte de Yahweh, por Sua própria intervenção, sem a necessidade de Israel entrar em conflito. "Paz e segurança serão a herança daqueles que confiarem no Senhor" (John S. Martin, *in* toe).

"Ninguém poderá atacar os *servos* de Deus com impunidade (ver Isa. 65.13-15)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Quanto aos *servos* do Senhor, ver também Isa. 63.17; 65.8,0,13-15; 66.14. A era do reino de Deus, entre outras coisas, será o fim da vulnerabilidade de Israel. Ver Rom. 8.33,34.

Vede as correntes de águas vivas,
Que manam do amor eterno,
Teus filhos e *filhas bem supridos,*
E todo temor e necessidade removidos.

(John Newton)

Capítulo Cinqüenta e Cinco

Graça Abundante (55.1-13)

Salvação para os Gentios. Alguns eruditos acreditam que este capítulo triunfante é um encerramento condigno do Segundo Isaias, ao qual um ou mais autores são adicionados para completar a figura que, atualmente, chamamos de *Isaias.* "Um hino de alegria e triunfo que celebra a consumação que já se aproxima da restauração de Israel. Isso conclui a primeira seção do Segundo Isaias" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). Quanto à unidade do livro de Isaias, argumentos a favor e contra, ver a *Introdução* ao livro, seção III. Este poema de cinco estrofes continua o tema principal do capítulo 54. O pacto com Yahweh garante a paz e o triunfo de Israel durante a época áurea.

"O poema foi composto visando a consolação de Israel. O tempo do perdão tinha chegado (cf. Isa. 40.2). Os exilados deveriam retornar a Sião (cf. Isa. 40.4).

A Palavra de Deus efetuará Seu propósito no mundo (cf. Isa. 40.8). O pacto eterno, que fora firmado com Davi, será cumprido, e o novo êxodo, que nos faz lembrar do evento com o qual a história de Israel se iniciou, terá lugar. O profeta se coloca em uma relação viva e interior com essas coisas. Isaías proclamou a iminência delas, expediu um convite urgente a todos quantos têm fome e sede de aceitar as bênçãos oferecidas, e convidou o Seu povo ao arrependimento" (James Muilenburg, *in toe).*

Primeira Estrofe: Convite aos Famintos e Sedentos (55.1-2)

55.1

Ah! todos vós os que tendes sede, vinde às águas. Esse convite convocou os homens ao banquete de Deus (ver Pro. 9.5,6; Eclesiástico 24.19-21; cf. Mat. 11.28,29). Que aqueles que padeciam necessidade recebessem o convite gracioso, porquanto havia águas abundantes a serem participadas sem nenhuma restrição, e para os famintos havia muitos alimentos excelentes que nada custavam. O convite foi lançado a todos, e nenhum indivíduo foi eliminado: "Tal como sou, sem fazer nenhum apelo..." — era o requisito. Deveria haver aquele coração disposto a aceitar.

Esse é um convite de pacto para Israel, mas logo adiante o profeta Isaías estendeu as bênçãos a todas as nações (vs. 6). E Israel torna-se a fonte dessas bênçãos, cumprindo assim sua antiga missão, por tanto tempo ignorada. A provisão será de água, vinho e leite, havendo também grande abundância de alimentos. A provisão será rica e ampla, e assim também será o convite. "Água, pão, vinho e leite são símbolos da vida com Deus. Essas coisas inferem a sua necessidade. Comodidades como água, vinho e~pão tinham de ser compradas. A água era vendida pelos transportadores, cujos gritos eram ecoados nas palavras: 'Ó vós, iodos os que tendes sede... '. Em cada geração a vida à parte de Deus mostra-se insatisfatória... George John Romanes, um brilhante estudante de Darwin (falou sobre) sobre o confeccionador de coisas (profanas) oferecidas ao homem faminto... E H. B. Wells falou sobre o *espaço em branco* que há no coração dos homens" (Henry Sloane Coffin, *in ioc).* "A salvação é um dom gratuito de Deus, quer se refira à redenção espiritual, quer ao livramento físico" (John S. Martin, *in loc).* Diz um antigo hino: "Nem prata e nem ouro podem adquirir a minha redenção". E o Targum diz: "Aquele que não tem prata venha, ouça e aprenda; Duça e aprenda sem preço e sem dinheiro, uma doutrina melhor do que a vinho e o leite".

55.2

Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão; e o vosso suor naquilo que não satisfaz? O *dinheiro* e o *labor* são aqui metafóricos, e assim também as coisas que eles podem comprar. Estão em mira as bênçãos próprias do pacto, a concretização do Reino de Deus, a salvação dada por Deus e as graças acompanhantes. As coisas que *não podem satisfazer* são as mesmas em qualquer época: riquezas, fama, poder, consolo e prazeres. É em troca dessas coisas, meras bolhas de ar, que os homens gastam tudo quanto ganham na vida. Em contraste, há coisas dignas de ser consumidas, a gordura da graça de Deus. A referência é aos sacrifícios e às festividades realizados mais tarde por aqueles que participaram desses sacrifícios. O sangue e a gordura eram queimados sobre o aitar de Yahweh (ver Lev. 3.17); então, oito porções diferentes pertenciam aos sacerdotes (ver Lev. 6.16; 7.11-24; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). O que sobrasse era consumido por aqueles que tinham trazido os sacrifícios, pois **a** eles pertenciam, a suas famílias e aos seus amigos. Dessa maneira, havia uma refeição comunal que tinha Yahweh como convidado especial invisível). O povo em pacto com Deus era chamado à festa sacrificial. Havia alimentos em abundância para todos, e ninguém era despedido de -ãos vazias por não ter dinheiro. Tudo o que alguém precisava ter era •ome e sede, bem como um coração obediente no tocante às provisões do cacto. Os povos orientais apreciavam muito os alimentos gordurosos, grandes quantidades de vinho e diferentes tipos de carne, e talvez isso seja aludido neste passo bíblico. Mas quase certamente está em mira aqui a -eíeição comunal de sacrifício, que supostamente satisfaria à alma, e não -eramente ao corpo. Ver Luc. 15.2 quanto ao novilho cevado,

Alegria sólida e tesouro duradouro,
Somente essas coisas conhecem os filhos de Sião.

(John Newton)

Escute! *com diligência!* O ouvido disposto a ouvir é o requisito que se faz **necessário** para que alguém entre na vida com Deus, algo que o homem **espiritual conhece,** mesmo que apenas por instinto, mas que as pessoas profanas ja- •H B **aprendem.**

Segunda Estrofe: A Aliança Perpétua de Davi (55.3-5)

55.3

Inclinai os vossos ouvidos e vinde a mim. Agora fica claro que as coisas nobres a serem obtidas por um coração bem disposto, embora não pela dignidade humana, são as que pertencem ao pacto com Deus. A aliança firmada por Deus com Davi está particularmente em mira aqui, mas agora ela se aplica à futura era do Reino de Deus. Ver sobre a aliança firmada com Davi em II Sam. 7.4. As promessas de Deus feitas a Davi têm continuidade no pacto eterno. Cf. Isa. 54.9,10 e Jer. 33.10-26. Ver também Jer. 31.31-34.

"Essas palavras encontram sua explicação no *novo pacto* de Jer. 31.31 e Luc. 22.20; mas as palavras que se seguem mostram que o novo pacto é **a** expansão e a complementação do pacto que foi feito com Davi (ver II Sam. 7.12-17; Sal. 89.34,35), como o representante do verdadeiro Rei, que Isaías agora contemplava como idêntico ao Servo do Senhor" (Ellicott, *in toe).* O amor de Deus constante e firme por Davi e Israel seria a fonte originária das bênçãos remidoras, pois todas as bênçãos procedem do amor divino. Ver no *Dicionário o* artigo chamado *Amor.*

Amor divino, que ultrapassa a todos os amores,
Alegria do céu,
Desviado á terra.
Arma entre nós Tua humilde habitação.
E coroa Tuas fiéis misericórdias.

(Charles Wesley)

55.4

Eis que eu o dei por testemunho aos povos. As provisões do pacto com Davi abrangem aqui os povos gentílicos, de acordo com a milenar promessa do pacto abraâmico (comentado em Gên. 15.18). Israel tomou a liderança na instrução divina e tornou-se o instrumento do aprendizado espiritual. Jerusalém haverá de tornar-se o centro da atividade espiritual. A referência literal é a *Davi;* ele é o mestre e o líder, o qual, para muitos, significa ou o Messias ou o povo judaico. O *quiliasmo* (ver a respeito no *Dicionário)* vê aqui Davi como líder e comandante literal, e não figurado. Ver sobre esse termo no *Dicionário.*

55.5

Eis que chamarás a uma nação que não conheces. As mesmas interpretações persistem aqui. As nações da terra doravante haveriam de correr para Israel como seu líder espiritual; ou correrão para o Messias ou para Davi, que voltará a ser o rei ideal, e que se tornou o rei universal. Mas os termos são elevados demais para apontar, literalmente, a Davi. Temos aqui a missão messiânica operando em Israel. "Será missão de Israel reunir as nações do mundo. Nações sobre as quais Israel nunca tinha ouvido falar serão atraídas pela nação israelita, para ouvir seu testemunho quanto ao Santo de Israel (cf. Isa. 44.5; 45.14; 49.7). *Ele te glorificou* (cf. Isa. 44.23)" (James Muilenburg, *in loc).* Quanto à *glória,* ver 35.2; 46.13; 49.3; 60.9,21; 61.3 e 62.3. Cf. este versículo com Sal. 18.43.

Terceira Estrofe: Arrependei-vos, que o Tempo é Chegado (55.6-9)

55.6

Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Há grande provisão para Israel e para o mundo, uma nova missão messiânica, e os homens precisam ter coração acolhedor para dela beneficiar-se; os homens terão de *buscar* a Yahweh, enquanto Ele estiver presente para distribuir Suas bênçãos graciosas. Será preciso *invocar o Senhor* em fé e sinceridade. Sempre haverá a necessidade da *reação humana favorável,* mesmo quando os próprios eventos estão predestinados como está predestinado o Reino do milênio de Cristo. Quanto à busca de Israel por Ele, ver Amos 5.4; Jer. 29.12-14. Está em mira a salvação escatológica, e não a mera participação na glórias próprias da era do Reino. A *salvação* está às portas (ver Isa. 49.8). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Salvação. O* arrependimento é o requisito para que essa glória seja recebida. Ver Mat. 3.2 e Mar. 1.15. Ver Jer. 29.12-14.

Aben Ezra interpretou este versículo como a restauração do culto e a busca da glória Shekinah no santuário de Jerusalém; mas essa interpretação é estreita demais, embora provavelmente faça parte do sentido pretendido.

55.7

Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos. O *convite ao arrependimento* é feito até mesmo aos que tinham a reputação de ser ímpios e perversos. A chamada é universal e genuína. Deus não zomba de quem

quer que seja. O homem maligno que tinha pensamentos perversos, para em seguida sair e cumprir tudo quanto havia planejado, é convidado a mudar sua maneira de pensar e agir. Se tal homem voltar-se a Yahweh, receberá o poder de exercer *arrependimento* genuíno (ver a respeito no *Dicionário).* E quando tal homem retornar ao Senhor, encontrará misericórdia diante de Deus. Encontrará perdão abundante, e essa é a promessa do evangelho que terá poder universal no tempo da época áurea.

Vinde cada alma oprimida pelo pecado,
No Senhor há misericórdia.
E por certo Ele vos dará descanso,
Se confiardes em Sua Palavra.

(Charlotte Elliott)

O ministério do Espírito está aqui sendo contemplado. Deve haver um poder divino para que essa operação se torne realidade. Nenhuma pessoa é capaz de soerguer-se espiritualmente. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo denominado *Perdão.* O Targum fala sobre o *curso da vida* que os ímpios precisam abandonar. Deve haver um novo curso de vida no Espírito, que se origine do arrependimento, mediante o poder transformador do Espírito Santo.

55.8

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos. Cf. os vss. 8-9 com Rom. 11.33-36. Ver também Isa. 40.13. As operações da salvação de Deus tomam os homens em Sua inescrutável graça (ver Sal. 103.11). Estamos aqui abordando uma operação espiritual que envolve muitos mistérios, visto ser uma operação *divina.* Não é esse o caminho do mérito humano, que de nada vale quanto ao arrependimento genuíno e quanto à salvação. "O plano de Deus é algo que os homens jamais teriam sonhado" (John S. Martin, *in loc).*

Os caminhos dos homens são perversos, pois eles têm coração perverso, e torna-se mister o poder divino para endireitar-lhes o coração. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho,* bem como os caminhos dos bons e dos maus contrastados, na nota de sumário em Pro. 4.27. Quanto ao *caminho de todo o coração,* ver Pro. 4.23. Para os homens, as maravilhas da graça divina podem parecer impossíveis e talvez até mesmo irracionais. A universalidade da salvação era um conceito que a mentalidade judaica tinha extrema dificuldade em aceitar. Os caminhos de Deus são, verdadeiramente, diferentes dos caminhos humanos (ver Isa. 45.9-13). O alcance da visão de Deus é universal e inclui todos os homens. Ver João 3.16 ei João 2.2.

55.9

Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos. Os caminhos e pensamentos de Deus, Seus desígnios e Suas operações são celestiais e estão muito acima dos desígnios e operações dos homens, que são apenas terrenos. Existem muitos *pequenos evangelhos* correndo pelo mundo, os quais, na realidade, não conseguem fazer muita coisa. Os homens cercam Deus e tentam ditar o que Ele pode ou não pode fazer. E chegam a citar textos bíblicos para apoiar essas suas cercas delimitadoras. Tais homens não reconhecem que os caminhos de Deus já ultrapassaram as declarações dos primeiros profetas. Eles não percebem que Paulo realmente trouxe *novas idéias,* e também que existem *mistérios* nas operações da salvação da alma. Efé. 1.9,10 não pode ser explicado mediante o apelo a versículos do Antigo Testamento que, se forem empregados, só servirão para limitar a declaração paulina, reduzindo-a à antiga compreensão dos judeus do passado. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Mistério da Vontade de Deus.* Esse mistério diz-nos o que Deus, finalmente, fará, e, para compreender isso, *finalmente,* é preciso compreender a *novidade* e o *escopo mais amplo* do que foi revelado a Paulo. Isaías realizou o serviço de dizer-nos que, quando falamos sobre a salvação, temos de levar em conta o escopo mais alto da mente divina, de onde o plano de salvação se originou.

Neste mundo de pessoas mundanas onde
Repousam almas apáticas, e nunca
Agitam o ar com qualquer grande emoção,
A vida permanece humanamente mansa,
E raro é um nobre impulso,
Raro é o alvo apaixonado.

(William Watson)

Neste mundo meramente humano, mesmo onde os pequenos evangelhos são pregados, rara é a ocasião em que os homens abalam o ar com alguma grande emoção ou idéia, pois eles continuam confiando conforme as antigas e simplistas maneiras dos evangelhos sinópticos. Quantos chegam a pensar que os homens podem vir a participar da natureza divina (ver II Ped. 1.4)? Quantos crêem que o evangelho de Cristo deverá tocar em todos os homens, em todos os lugares, para o bem deles? Quantos avançam além das potencialidades e chegam a ver as operações das *realizações inevitáveis?*

Quarta Estrofe: A Atividade e a Missão da Palavra de Deus (55.10-11)

55.10

Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam. A *Palavra salvadora* de Deus é como a chuva que cai universalmente sobre a terra e faz crescer as plantas por toda a parte. Existe a chuva divina que produz o crescimento divino de vidas transformadas. No Oriente Próximo, com sua sequidão notória, a chuva é algo miraculoso, pois da terra seca medra rapidamente a vegetação, quando chove. Então começa o ciclo agrícola; há chuva, as sementes germinam; a vida vegetal produz as sementes; há alimentos para todos; aparece vida abundante. Nas religiões da natureza, nos países do Oriente, a chuva era considerada o principal dom dos deuses. Não precisamos compreender grande coisa sobre os processos da natureza para saber que algo maravilhoso acontece com o início das chuvas. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Agricultura, Metáfora da.* Os homens e os animais recebem o suficiente quando as chuvas chegam. Então as sementes começam a crescer novamente, e o ciclo prossegue no ano seguinte.

55.11

Assim será a palavra que sair da minha boca. A *palavra* de Yahweh agora é a chuva, a semente, os processos agrícolas, tudo de que os homens precisam para a vida e o crescimento espiritual. A palavra não retorna, mas realiza seu ofício, tal como as chuvas continuam a regar a terra e não voltam ao céu. Há propósito naquilo que acontece, e há propósito e provisão divina nas chuvas materiais, bem como nas chuvas celestiais. A palavra de Deus garante a prosperidade, material e espiritual, bem como a concretização do propósito divino.

"Assim como *a chuva* causa a germinação e, finalmente, prove o sustento, assim acontece à palavra de Deus (ver Isa. 9.8)" *[Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 9 deste capítulo). "Em última análise, os propósitos de Deus que visam o bem dos homens vencem a resistência humana" (Ellicott, *in loc).* A chuva divina suaviza o coração dos homens, tal como a chuva natural faz ao solo. O alvo da chuva é a produção de frutos da terra. Quanto aos propósitos de Deus, cf. Isa. 44.28; 48.14; 53.10. "O propósito de Deus está em Sua palavra, e isso será concretizado em benditos eventos no mundo, pois o propósito divino e os eventos causados estão indissoluvelmente relacionados" (James Muilenburg, *in loc).*

Quinta Estrofe: O Novo Êxodo (55.12-13)

55.12

Saireis com alegria, e em paz sereis guiados. Quanto ao Novo Êxodo, ver Isa. 43.16-21 e 49.8-11. O Novo Êxodo conduzirá a uma terra parecida com o jardim do Éden, a concretização da época áurea (a era do Reino). Ver Isa. 51.3; 41.18,19; 44.3,4. No Novo Éden, haverá alegria e paz constante; a própria natureza adquirirá vozes e cantará o triunfo do bem. As árvores do campo acompanharão esse cântico, batendo palmas. Conforme o profeta contempla o reino do milênio, seus sentimentos são expressos por meio de cânticos; cf. Isa. 40.3-5; 41.17-20; 43.19-31; 49.9-13; 51.9,10 **e** 52.11,12. Os anos de aflição terminaram. A opressão acabou. Houve um retorno ao território pátrio, e agora esse será o lar da alma. Há nova vida. Os exilados do mundo sentirão e expressarão grande júbilo; e viverão em paz, alegria e segurança. Os abusos da natureza também terminarão, e a própria natureza se unirá ao cântico universal.

As colinas, não mais despojadas de árvores,
Irromperão em cânticos às estrelas.

(Virg. *Aeclog.).*

"As maravilhas do antigo êxodo serão ultrapassadas pelas maravilhas do Novo Êxodo. A natureza inteira unir-se-á ao júbilo dos exilados que estarão retornando (cf. Isa. 44.23; 49.13 e Sal. 96.11-13)... As montanhas não somente reverberarão os cânticos e os louvores de Israel, mas elas mesmas se aliarão ao coro triunfal, com voz própria. O ponto de vista hebreu da vida adquirida pela natureza empresta poder ao simbolismo" (James Muilenburg, *in loc).* O Targum fornece-nos o quadro em que os topos das árvores balançam para frente e para trás, como se fossem pessoas a cantar com ritmo, inclinando-se, batendo palmas e misturando-se, como se fossem pessoas a dançar.

Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os nossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.

Isaías 53.9

Nossos pequenos sistemas têm seu dia,
Eles têm seu dia, mas logo passam.
São somente lâmpadas bruxuleantes.
Ao lado da tua luz, ó Senhor.

Russell Norman Champlin

Ó Deus... que carne e sangue fossem tão baratos!
Que os homens viessem a odiar e matar,
Que os homens viessem a silvar e decepar a outros
com línguas de vileza
... por causa de... "Teólogo".

Russell Norman Champlin

Da covardia que teme novas verdades,
Da preguiça que aceita meias-verdades,
Da arrogância que pensa saber toda a verdade,
Ó Senhor, livra-nos!

Arthur Ford

55.13

Em lugar do espinheiro **crescerá o cipreste, e em lugar da sarça crescerá a murta.** Onde antes só havia espinheiros, medrarão grandes ciprestes nos bosques. Onde havia apenas mato daninho, haverá bosques de murta. A provisão de Yahweh na época áurea será simbolizada por atos de fertilidade. E essa nova fertilidade jamais será destruída. A terra nunca mais voltará a ser improdutiva. Cf. Isa. 35.1; 41.18-20; 43.19,20 e 49.9,10. O milênio, portanto, trará salvação para o gênero humano, bem como a reversão da maldição divina contra a natureza (ver Gên. 3.17). "A terra e o céu parecerão ter-se juntado um ao outro" (George Elliot). "O poeta sacro acredita que toda a natureza será renovada e redimida, quando Israel for libertado" (Henry Sloane Coffin, *in* toa). O Targum vê os espinhos e as sarças como representações simbólicas de homens iníquos. Nesse caso, a renovação da natureza simboliza como os bons finalmente tomarão posse da terra inteira. Yahweh deixou registrados os Seus feitos de renovação e restauração como um *memorial* de Suas promessas fiéis, as quais, finalmente, se cumprirão. Dessa vez, os homens não distorcerão nem a natureza nem a natureza humana. Terá sido realizada uma obra permanente digna de comemoração.

Capítulo Cinqüenta e Seis

Repreensão contra Judá por Causa de Seus Pecados (56.1 - 58.14)

Admoestações e Promessas. Os capítulos 56-66 do livro de Isaías são uma coletânea de poemas similares aqs,dos capítulos 40-55. Muitos eruditos acreditam que esses capítulos foram escritos pelo mesmo autor daquela seção, e não por um *Terceiro Isaías.* Outros estudiosos, porém, opinam que essa seção reflete uma escatologia mais avançada, típica de tempos posteriores. Nesse último caso, a produção pode ter sido da pena de um Terceiro Isaías. Quanto a especulações sobre a *unidade* do livro, ver a Introdução, seção III, onde apresento um sumário de idéias. Muitos estudiosos, pois, sentem que os poemas e oráculos são pós-exílicos, embora permaneça sem resposta a pergunta de como tantos autores se viram envolvidos na obra total que tem sido, tradicionalmente, atribuída a Isaías. Seja como for, esta seção tem muitos temas comuns com a seção anterior. O universalismo de ambas as seções é refrigerador, pois fica rejeitado o exclusivismo judaico.

A divisão final do livro de Isaías abre-se com um oráculo profético de instruções ou torah. Embora no antigo Israel fossem os sacerdotes que 'davam torah' (ver Jer. 2.8; 18.18; Mal. 2.7; Joachim Begrich, 'Die priesterliche Tora', em Volz, Werden und Wesen des Alten Testaments, págs. 63-88; note também as leis de Eze. 40-48), essa função de forma alguma era restrita a eles. Os profetas não somente se preocupavam com a observância do ensino divino da 'lei' (Isa. 1.10; 2.3; 5.24; 8.16; Jer. 5.4), mas compartilhavam com os sacerdotes a tarefa de comunicar esse ensino (ver Ageu 2.14 ss.; Zac. 7.2 ss.; quanto a possíveis *toroth* proféticos, ver Isa. 1.10-17; Amos 5.21-24; Jer. 7.21 ss.). De fato, estavam unidos os sacerdotes, os profetas, os salmistas, os sábios e os apocalipticistas em sua devoção à lei. Ademais, os profetas estavam associados aos sacerdotes na vida do culto israelita. Neste breve poema, por conseguinte, encontramos não um rompimento radical com o passado, mas um desenvolvimento que tinha sua origem tão encravada no passado quanto a religião ensinada por Moisés. A estrutura do poema é clara. Ele começa com um oráculo divino (vs. 1), sendo seguido por uma estrofe que contém uma bênção (vs. 2) e também uma exortação (vs. 3) dirigidas aos estrangeiros e aos eunucos. A segunda e a terceira estrofe foram devotadas (quiliasticamente) a esses dois grupos (vss. 4-7). A conclusão acha-se na forma oracular da introdução.

Instruções Proféticas (56.1-8)

Obedecerá Lei (56.1)

56.1

Assim diz o Senhor: Mantende o juízo, e fazei justiça. Yahweh havia dado o Seu oráculo. Aos homens cabe *manter* e *praticar a justiça,* mediante a observância da lei, conforme fomentado pelas maiores revelações que haverá durante a era do Reino de Deus. Cf. Isa. 58.2; Eze. 15.5,19,21,27; 33.14,15,19 e Sal. 106.3. A retidão é a conformidade, nas atitudes mentais e na conduta, com a lei mosaica. Ver a lei como guia (Deu. 6.4 ss.); como a transmissora de vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A lei tornou o povo de Israel uma *nação distinta* (ver Deu. 4.4-8). Não se cumpriram as expectações de que tais condições seguiriam o cativeiro babilônico, pelo que temos de supor que esse ideal só será cumprido durante a era do Reino de Deus, no milênio futuro. E também devemos entender que a linguagem legalista aqui usada não significa que haverá outra manifestação da espiritualidade que busca guardar a lei. O milênio deverá produzir algo superior a isso.

A *salvação* manifestar-se-á em breve; o *livramento* logo haverá de aparecer. Os exilados já estavam em Jerusalém, mas essas palavras podem ter sido escritas *como se* fossem uma antecipação da volta dos exilados. Seja como for, o exílio da dispersão romana deverá ter cumprimento antes que a era do Reino se estabeleça, quando então haverá livramento das mãos de todos os adversários, e haverá também a *salvação* evangélica (ver a respeito no *Dicionário).* Esses fatos nos ensinam a esperar mais do que a espiritualidade que consista em uma nova observância da lei mosaica.

Primeira Estrofe: Bênção e Exortação (56.2-3)

56.2

Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nist se firma. O homem que obedece à lei, fomentada pela luz mais brilhante da era do Reino, será uma pessoa feliz, abençoada material e espiritualmente. O *filho do homem,* ou seja, o ser humano (incluindo os prosélitos), deverá ser treinado na lei e obedecer às suas diversas provisões. Entre os mandamentos da lei que devem ser obedecidos está o que ordena a guarda do sábado. Essa lei sobre o sábado era o sinal do pacto mosaico. Ver sobre esse pacto na introdução Êxo 19. Essa ênfase sobre o sábado, que não se encontra nos escritos do chamado Segundo Isaías, tem levado alguns eruditos a duvidar da autenticidade desta seção. Mas devemos relembrar que o *sábado* foi o ponto culminante da atividade criativa de Deus, pelo que um sábado futuro é visto a culminar a inauguração da época áurea, uma nova criação. Dessa forma, o autor sagrado empresta à questão um sentido cósmico, e não apenas histórico. Cf. Êxo. 20.8-11. A forte ênfase sobre o sábado, como aqui se vê, dá novo impulso ao *quiliasmo* (ver a respeito no *Dicionário).* Essa palavra, derivada do vocábulo grego que significa "mil", aponta para a interpretação literal de todos os versículos relativos ao milênio, a renovação dos sacrifícios de animais, Davi como o primeiro-ministro, a guarda da lei etc. Isso deve ser contrastado com o *milenarismo* (Ver a respeito no *Dicionário),* que não requer que compreendamos tais ensinamentos de modo literal. Pessoalmente, acredito que o *quiliasmo* é um manifesto exagero. Os antigos profetas de Israel falaram em termos literais, porquanto isso concordava com a experiência deles. Mas a experiência *deles* não reflete necessariamente nem de modo perfeito a experiência dos homens no *futuro.*

E guarda a sua mão de cometer algum mal. Esta parte do versículo é uma declaração generalizada dos tipos de coisas que a lei mosaica requer: não cometer o mal de nenhuma espécie, e praticar o bem positivo, coisas que estão em consonância com o espírito da lei mosaica. A circuncisão, sinal do pacto abraâmico (comentado em Gên. 15.18), é deixada, igualmente, de fora. Contudo, não podemos esperar que o autor tenha incluído tudo em sua breve declaração sobre a espiritualidade do Antigo Testamento.

56.3

Não fale o estrangeiro que se houver chegado ao Senhor, dizendo. A comunidade de Israel considera *todos os homens,* tanto os gentios que se converteram ao yahwismo como os eunucos que foram amaldiçoados e separados da comunidade de Israel, pessoas "desnaturais". Quanto à exclusão dos gentios do culto a Yahweh, ver Lev. 20.24; Núm. 16.9; Esd. 6.21; Nee, 13.3, e comparar I Reis 8.53. Os *eunucos* também eram excluídos, embora fossem hebreus (ver Deu. 23.1). O eunuco era uma "árvore seca", ou seja, improdutiva, sem folhas e sem frutos, o que significa que não podia gerar filhos nem ter herança na terra. O profeta ensinou que todas essas antigas restrições, no tempo muito mais espiritualizado da época áurea do futuro, não mais estarão em vigor. Alguns eunucos eram feitos tais por inimigos estrangeiros. Outros se automutilavam, o que era estritamente proibido pela lei de Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mutilação.* Assim é que o universalismo desta passagem até ultrapassa a outras, mencionando especificamente o tipo de pessoas tradicionalmente excluídas do culto a Yahweh. Ver Isa. 55.5,6. Cf. Isa. 2.2,4; 52.10 e 66.18.

Segunda Estrofe: Os Eunucos (56.4-5)

56.4

Porque assim diz o Senhor: Aos eunucos que guardam os meus sábados. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Eunuco,* quanto a informações gerais. O próprio Senhor trouxe uma palavra de conforto e promessa aos eunucos, antes excluídos. Eles estavam agora em pé de igualdade com todos os outros que participavam do culto, *já que* obedeciam às mesmas leis e praticavam os mesmos ritos que os demais cidadãos. Eles tinham que observar o sábado, em harmonia com a lei de Moisés (como todos os outros, vs. 2). Eles se tornavam iguais, na participação do *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18) e do *pacto mosaico (ver* a introdução a Êxo. 19). Entretanto, como partícipes, também deveriam obedecer às provisões da lei e ser verdadeiros israelitas. O pacto mosaico conferia privilégios, mas também impunha deveres. Os eunucos pertenciam à variedade natural (dotados de alguma espécie de defeito nos órgãos reprodutores); ou tinham-se tornado

tais por motivo de algum acidente. Mas a maior parte tinha sido feita tal pela barbaridade do homem. Os haréns eram guardados por eunucos, e a maioria deles tinha sido violada por operações cruas de extração do sexo. Muitos israelitas, no cativeiro, eram feitos eunucos por seus dominadores. Dan. 1.3 quase certamente dá a entender que Daniel e seus companheiros tinham sido brutalizados dessa maneira. Os reis israelitas não estavam livres de sofrer essa barbaridade, mas faziam o mesmo com estrangeiros que prendessem como cativos de guerra.

56.5

Darei na minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas. Devemos entender aqui as casas de adoração. A referência especifica é à Casa do Senhor, o templo de Jerusalém. Os eunucos não mais seriam barrados daquele lugar santo, mas, antes, teriam plena participação no culto. Embora não possuíssem um nome contínuo, mediante descendentes físicos, receberiam um nome espiritual que os faria pertencer à família divina; esse seria um nome eterno, jamais cortado. O nome adquirido pelos eunucos e a participação na família espiritual redundaria, para eles, em ter mais do que uma família biológica e obter uma herança na Terra Prometida a ser passada de geração para geração. Se os homens não honram os eunucos, Deus mesmo o faria, na era do Reino de Deus. Se o profeta Isaías provavelmente pensasse em termos literais, é legítimo pensar que os eunucos representam aqui todas as pessoas rejeitadas, bem como todas as formas de barreiras. Esses impedimentos serão eliminados durante a época áurea. O nacionalismo, o racismo e o radicalismo serão arredados em troca de uma expressão de fé mais espiritual. Que dizer sobre nossas atitudes esnobes? O *nome* de um homem sobrevivia em seus filhos. Quanto aos eunucos, porém, isso era simplesmente impossível. Isso posto, Yahweh tinha de dar-lhes um *nome espiritual* que sobrevivesse. Talvez Isaías quisesse dizer que os eunucos futuros, tendo os mesmos privilégios que os antigos, seriam como *filhos* daqueles eunucos mais antigos. Ou então talvez houvesse um indício da vida da alma, da sobrevivência da alma diante da morte física. Os nomes de todas as pessoas salvas sobreviveriam e continuariam a existir espiritualmente para sempre.

Terceira Estrofe: Estrangeiros Serão Incluídos (56.6-7)

56.6

Aos estrangeiros, que se chegam ao Senhor para o servirem. Essencialmente as mesmas coisas são ditas sobre esse outro grupo antes excluído, conforme acabara de ser dito sobre os eunucos. O autor sacro nos remete ao vs. 3 deste capítulo, que fala da anterior exclusão de quem não era israelita. Durante a era do Reino de Deus, as nações serão reunidas e conhecerão o Senhor, tal como Israel conhecia o Senhor (ver Isa. 11.9). Ver as notas e referências sobre o vs. 3. O profeta refere-se, com exemplos específicos, a todas as barreiras que tinham impedido a expressão universalista do yahwismo. Os estrangeiros não mais serão excluídos da congregação de Israel; pelo contrário, eles também participarão da piedade da fé de Israel. O sábado certamente será observado; a retidão geral deverá ser praticada; as provisões do pacto serão observadas, tal como foi declarado no que diz respeito aos eunucos, no vs. 4.

"Os prosélitos, que oferecem toda a sua vida na adoração e no serviço de Deus, pertencem a Israel (ver Isa. 54.17; Lev. 25.42,55). Quanto aos profetas como servos de Deus, ver Jer. 7.25; Eze. 38.17; Esd. 9.11)" (James Muilenburg, *in loc.*). Um estrangeiro poderá até mesmo ocupar ofícios e serviços antes reservados aos líderes hebreus. "... honrosas funções. O germe do pensamento de Isaías aparece na oração de dedicação de Salomão (I Reis 8.41.-43). Mas atinge seu maior desenvolvimento em João 4.23" (Ellicott, *in loc.*).

56.7

Também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração. O *monte santo* é Jerusalém; a *casa de oração* é o templo de Jerusalém; os diferentes tipos de *sacrifícios e oferendas* falam das complexidades do culto; o *altar* era o lugar onde eram oferecidos os sacrifícios, determinado por Yahweh, em contraste com os lugares usados pelas religiões pagãs. O templo era uma *casa de oração* (ver Mar. 11.17), o lugar onde as bênçãos e os benefícios de Yahweh podiam ser buscados e obtidos. E todas essas coisas pertencerão às nações, e não meramente aos judeus. Assim é que cânticos de alegria estão em ordem, e os gentios aliar-se-ão aos cânticos da Redenção.

Para todos os povos. Ver Isa. 2.2-4; 60.1-14; 66.18,19. A exclusividade de nossas denominações é apenas outra forma de esnobismo que afasta os homens das igrejas. Ver Isa. 11.9. Passagens como esta antecipam Escrituras do Novo Testamento como Efé. 2.14; Rom. 2.26-39 e Gál. 3.28.

Temos um cântico a ser cantado às nações,
Que elevarão seus corações ao Senhor.
Um cântico que conquistará o mal,
Despedaçando a lança e a espada.

(Colin Sterne)

Conclusão: A Comunidade de Deus Reunida (56.8)

56.8

Assim diz o Senhor Deus que congrega os dispersos de Israel. A reunião dos *excluídos* é o assunto desta referência, por meio de mais uma declaração enfática a respeito. Os prosélitos e eunucos os tinham representado, e agora a palavra indefinida "outros" é acrescentada, de forma que haverá "um Deus; um povo; uma adoração e um templo para todo o povo". Portanto, temos aqui um João 3.16 do Antigo Testamento. Cf. Efé. 1.9,10 e Fil. 2.9-11. A *unidade* é uma idéia central da missão restauradora/redentora do Messias. Cf. Isa. 45.21-24. Este versículo fala sobre Israel, e não sobre a igreja, mas os princípios da salvação são idênticos em ambos os casos, quando abordamos o estado eterno.

Líderes Cegos e Adoração Corrompida (56.9 – 57.13)

Primeira Estrofe: Decadência e Corrupção dos Líderes (56.9-10)

56.9

Vós, todos os animais do campo..., vinde comer. "*Condenação dos Ímpios.* Por quase todo este segundo divisor de nove capítulos de Isaías (capítulos 49-57) a ênfase tinha recaído sobre o futuro glorioso estado dos remidos no reino a ser estabelecido pelo Messias. Agora, em Isa. 56.9-57.21, que conclui esses nove capítulos, Isaías refletiu sobre a situação espiritual de sua época. Em vista do glorioso futuro que teriam, suporíamos que o povo de Deus desejaria obedecer ao Senhor, em antecipação àquele reino. Mas isso não era verdadeiro nos tempos de Isaías" (John S. Martin, *in loc.*).

As nações gentílicas são os animais do campo que Yahweh chamará para devorar (punir) Israel, sendo provável que a Babilônia esteja em mira. Quanto às nações como feras, cf. Jer. 12.8,9 e Eze. 39.17. Israel era o rebanho de Yahweh, mas, em vez de protegê-la como o Pastor, o Senhor convocou as feras a acabar com ela. Alguns estudiosos vêem aqui um tempo escatológico, que ocorrerá a Israel antes da era do Reino, ou seja, imensos sofrimentos futuros.

Desamparei a minha casa, abandonei a minha herança; a que mais eu amava entreguei na mão de seus inimigos.

(Jeremias 12.7)

56.10

Os seus atalaias são cegos, nada sabem. Israel, espiritualmente insensível e carregado de pecados e de apostasia, recebe aqui uma avaliação extremamente negativa da parte de Yahweh. Este versículo oferece as *razões* pelas quais as feras do campo foram convidadas a destruir o rebanho de Deus. Considere o leitor estes sete pontos:

1. Estavam cegos os *atalaias*, ou seja, os *profetas* e aqueles que deveriam ter orientado corretamente a nação de Israel. Cf. Jer. 6.17 e Eze. 33.7. Incluímos entre eles os líderes religiosos, os sacerdotes e os líderes espirituais. Aqueles que supostamente eram homens de Deus, responsáveis pela qualidade espiritual do povo de Israel, estavam cegos por seus pecados, descuido e apostasia.
2. Os atalaias também eram *ignorantes*, pois, embora reivindicassem saber das coisas, nada sabiam. A descrição pertence aos atalaias. Eles não eram eruditos na lei nem se deixavam impressionar pelas mensagens dos profetas. Ignoravam a condenação que pairava por cima deles.
3. A *virtude* de um cão é que ele defende o seu território com latidos e suas mordidas, se isso for necessário. O cão-pastor domesticado defendia o rebanho de seu dono. O pastor dependia do cão para dar-lhe aviso acerca da aproximação de predadores ou de ladrões que quisessem roubar as ovelhas. Mas os atalaias (pastores) de Israel eram cães mudos, que não soavam o alarma no caso de aproximação de algum perigo. Pelo contrário, diziam coisas errôneas sobre a iminente condenação de Judá.
4. *Dorminhocos.* A queixa aqui não é que os profetas do povo de Israel e os chamados homens santos dessem falsas profecias, mas se mostravam insensíveis e preguiçosos, dormindo o tempo todo; ocupados no estupor do alcoolismo. Eles só se preocupavam com seus pequenos prazeres, e não com o bem estar do povo de Israel.
5. *Sonhavam e gostavam de dormir.* Esses sonhos não são considerados aqui proféticos, mas apenas sonhos ordinários que acompanham o sono.

Segunda Estrofe: Cães Gulosos (56.11-12)

56.11

Tais cães são gulosos, nunca se fartam. Este versículo dá prosseguimento às descrições sobre a falsa liderança espiritual de Israel.

6. *Cães gulosos.* Se eles se mostravam indolentes acerca das necessidades da nação, anelavam por cumprir seus próprios desejos e ter muitos prazeres na vida. Eram gananciosos em questões de dinheiro, insaciáveis (cf. Miq. 3.5 ss.; ver também Amos 7.12). Em vez de cuidar do bem-estar das ovelhas, inclinavam-se por servir a si mesmos.
7. Eles eram *pastores,* mas pastores falsos. Não tinham compreensão alguma quanto às necessidades do rebanho, mas se mostravam astutos somente no serviço que prestavam a si mesmos. Nunca obtinham o bastante, mas cada qual tentava obter mais e mais, visando somente seus propósitos egoístas. Cf. Isa. 53.6. Eles não eram exceção quanto à regra da ganância:"... *para a sua ganância, todos sem exceção".*

> *Cada um deles se desviou por seu próprio caminho.*
> *Tudo quanto querem é satisfazer a si mesmos.*
>
> (NCV)

Ver sobre *Cão* no *Dicionário.* "Nos tempos bíblicos, as pessoas não criavam cães como animais de estimação. Os cães viviam nas ruas e comiam o lixo que as pessoas jogavam fora. As pessoas pensavam que os cães eram preguiçosos, barulhentos e ruins. Em Isa. 56.10,11, o Senhor comparou os profetas de Israel (os atalaias) a cães" (NCV, nofas sobre o vs. 11 deste capítulo). O cão que guardava ovelhas era uma exceção a essa regra.

56.12

Vinde, dizem eles, trazei vinho, e nos encharcaremos de bebida forte.

8. *Bêbados.* Servindo a seus propósitos egoístas, eles não largavam a bebida. Tinham canções próprias para as bebedeiras, sendo provável que este versículo represente parte de uma dessas canções. Hoje é um bom dia para ficar bêbado, e o dia de amanhã, igualmente. As festas de vinho pareciam agradáveis a esses homens, que viviam sempre procurando homens de igual mentalidade para beber juntos. Cf. este versículo com Isa. 22.13; I Cor. 15.32; Luc. 12.19; Sabedoria 2.1. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Bebida, Beber.*

> *Contando os longos anos de prazeres aqui, estavam bastante despreparados para o mundo por vir.*
>
> (Adam Clarke, *in loc.)*

O Targum diz aqui: "Vinde, bebamos vinho e fiquemos embriagados com vinho velho. Nosso almoço amanhã será melhor que o de hoje, abundante, muito abundante".

Capítulo Cinqüenta e Sete

Não há interrupção entre os capítulos 56 e 57. Passamos agora à terceira estrofe do poema, iniciado em Isa. 56.9.

Terceira Estrofe: A Sorte dos Justos (57.1-2)

57.1

Perece o justo, e não há quem se impressione com isso. Acabamos de ver os ímpios, e até os líderes espirituais de Israel, dormindo propositadamente por longas horas diárias; eles buscavam seus interesses de maneira impressionante; enchiam-se de alimentos e bebida alcoólica e geralmente viviam como vagabundos inúteis. E agora encontramos uma estrofe que nos informa que homens bons estavam morrendo, mas quem se importava com isso? O *homem justo* morre, mas ninguém se importa se ele morreu ou se está vivo. De fato, alegram-se porque ele se foi, porquanto agora a boca dele se calará quanto ao que está errado na sociedade. Os líderes religiosos hedonistas sentiam-se melhores quando a boca dos críticos era silenciada pela morte. Dias maus se aproximavam; o sofrimento seria realmente pesado, pelo que era vantajoso que o homem bom morresse em paz em seu leito. Os iníquos não compreendiam essa vantagem, nem acreditavam que tribulações os atingiriam.

57.2

E entra na paz; descansam nos seus leitos os que andam em retidão. A morte do homem bom ocorre na paz. Ele se deita em sua cama e morre. Ou então o "leito", nesse caso, significa seu caixão mortuário ou túmulo. Seja como for, ele escapou do julgamento que sobreviria a Judá, provavelmente o cativeiro babilônico. O homem reto andava em sua retidão e estava preparado para morrer. Ele não temia a morte nem o que ela poderia trazer-lhe "posteriormente". Alguns eruditos vêem aqui uma alusão ao período pós-exílico. As coisas não tinham acontecido conforme o esperado. Judá caiu novamente na apostasia. Quando homens bons morriam, deixavam um vácuo; mas os hedonistas não sentiam falta deles.

"Para os retos havia paz na morte, tal como havia paz na vida. Quanto aos ímpios, não havia paz nem na morte nem na vida (vs. 21)" (Ellicott, *in loc).*

> *As pessoas que vivem da maneira que Deus quer encontram descanso na morte.*
>
> (NCV)

Quarta Estrofe: Reprimenda aos Apóstatas (57.3-4)

57.3

Mas chegai-vos para aqui, vós os filhos da agoureira. Os repreendidos eram israelitas que tinham cedido diante da atração dos cultos cananeus. Literal e figuradamente eram filhos de uma mulher agoureira, e filhos de adúlteros espirituais, isto é, idolatras. O profeta insultou a mãe deles, provavelmente de maneira literal e espiritual, uma grave ofensa no Oriente. Cf. o livro de Ezequias. Quanto à idolatria e ao adultério espiritual, ver Osé. 1.3-3.5; Jer. 3.1-20 e Eze. 16.1-63. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* No Novo Testamento, ver Mat. 12.39; 16.4 e Tia. **4.4**

57.4

De quem chasqueais? contra quem escancarais a boca, e deitais para fora a língua? Os infiéis são pessoas caracterizadas pela derrisão e zombaria, para quem coisa alguma é sagrada. Ver Isa. 28.9,10.

Filhos da transgressão. Sua conduta essencial consistia em uma série de infrações da lei mosaica. Cf. Isa. 1.2; 46.8; 48.8; Osé. 14.19; Amos 4.4; Miq. 1.5,13; Eze. 18.22,28. Eram uma descendência infiel, um ninho de mentirosos. "A pergunta, conforme também se vê em Isa. 37.23, é de zombaria indignada, e a resposta implícita é que os zombadores estavam escarnecendo dos servos de Yahweh" (Ellicott, *in loc).* Ao mesmo tempo que exibiam uma conduta vergonhosa, zombavam dos que não tinham caído em extremos.

Quinta Estrofe: Devotados ao Culto da Natureza (57.5-6)

57.5

Que vos abrasais na concupiscência junto aos terebintos. Conforme se vê nos dois pontos seguintes, os pecados mais graves deles eram:

1. A participação nos cultos de fertilidade dos cananeus, nos quais os homens faziam sexo com as sacerdotisas/prostitutas que trabalhavam em benefício dos templos e cultos pagãos. A *prostituição sagrada* era prática generalizada no Oriente, e não meramente entre os cultos cananeus. Aprendemos aqui que esse culto era efetuado nos bosques de carvalhos, locais dedicados a certas divindades. Ver Deu. 12.2; 3.; 17.1; Eze. 6.13; II Reis **17.10** e, no *Dicionário,* o artigo chamado *Lugares Altos.*
2. Além disso, eles se envolviam na prática também generalizada de sacrifícios de crianças, que ocorria em Tofete, no vale de Hinom, ao sul de Jerusalém. Os profetas condenaram essa prática atrevida (ver Jer. 7.31; 19.5; Eze. 20.28,31; 23.39; Miq. 6.7; II Crô. e II Reis 23.10). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Moleque (Moloque)* quanto a detalhes.

57.6

Por entre as pedras lisas dos ribeiros está a tua parte. O original hebraico não contém a palavra aqui traduzida por "pedras", mas é provável que essa seja uma interpretação correta. É incrível que a idolatria se tenha rebaixado à adoração a meras *pedras.* Mas alguns eruditos entendem que estão em mira *serpentes.* Talvez a referência seja a vários tipos de fetiches, feitos de madeira, pedra, metal etc. Talvez essa prática se tenha originado em *altares* feitos de pedras. Disse Kimchi: "Quando encontravam alguma bela pedra polida em um ribeiro ou rio, eles a adoravam". Elementos do culto a Yahweh foram transferidos para as suas muitas formas de idolatria, como as ofertas de cereal e libação.

O texto talvez sugira um *sincretismo. Yahweh era* uma das divindades honradas, mas como poderia Ele ficar satisfeito com tal adoração que não reconhecia Seu caráter distinto? Essa variedade de idolatria nos traz à mente o trecho do capítulo 17 do livro de Atos. "Deuses dos vales (vs. 6); deuses dos montes (vs. 7); deuses da casa (vs. 8); deuses dos santuários estrangeiros (vss. 9-10). Yahweh

tinha sido a *porção* deles. Ver Deu. 4.19,20; 9.26; Jer. 10.16; 51.9; Sal. 16.5; 73.26; 142.5. Mas agora os deuses da fertilidade tinham assumido o lugar deles" (James Muilenburg, *in loc).*

Sexta Estrofe: A Adoração dos Adultérios da Natureza (57.7-8)

57.7

Sobre monte alto e elevado pões o teu leito. Chegamos agora às divindades das montanhas. Em praticamente cada colina e montanha eles punham seus ídolos. Ali eles tinham *leitos,* provavelmente uma referência às perversões sexuais desses cultos. Portanto, o lugar dos ídolos era também o lugar dos leitos. "A imoralidade sexual era característica desses cultos" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o versículo).

57.8

Detrás das portas e das umbreiras pões os teus símbolos eróticos. Os *deuses das casas* também eram um aspecto central da idolatria dos israelitas. Eles espalhavam suas imagens nos lugares onde viviam. Notemos aqui as referências aos *leitos* e à *nudez,* o que significa que nem mesmo os lares eram poupados da desgraça das imoralidades associadas ao culto de fertilidade. Esses idolatras faziam alianças com seus ídolos, em substituição à aliança firmada com Yahweh. Está implícito o pacto de casamento que Israel fizera com Yahweh, o qual foi abandonado em troca de novos amantes. Ver Osé. 2.5; Jer. 2.20-23.

Sétima Estrofe: Intermináveis Atividades Cultuais (57.9-10)

57.9

Vais ao rei com óleo, e multiplicas os teus perfumes. Os israelitas idolatras eram enérgicos nas atividades próprias de sua idolatria, viajando a lugares distantes para realizar seus cultos. Entre as práticas idolatras estava o culto a *Moleque (Moloque),* ver o *Dicionário.* A adoração a Moloque envolvia sacrifício de crianças (vs. 5). A menção ao *sepulcro* (no original hebraico, *sheol)* que se vê aqui pode significar que tais peregrinações eram, algumas vezes, perigosas, resultando na morte dos peregrinos (o que continua acontecendo até nossos dias). O perigo, porém, não os detinha em sua devoção. Ou talvez "sepulcro" aqui seja figurado, e a declaração signifique que suas viagens para realizar ritos idolatras eram como ir ao sepulcro, um lugar horrendo de ser visitado pelos peregrinos. Espiritualmente falando, eles eram "homens do *sheol",* e não homens celestes, que iam até onde Yahweh habitava. "Sheol, o mundo dos mortos, o símbolo das profundezas abismais da degradação" (Ellicott, *in loc).* Eles iam a esses lugares equipados com óleos e perfumes caros, que faziam parte do ritual. Ou então essas substâncias eram presentes a serem dados às diretoras (sacerdotisas) dos cultos idolatras.

57.10

Na tua longa viagem te cansas, mas não dizes: É em vão. Os israelitas idolatras mostravam-se enérgicos em seu culto; eles se cansavam em suas viagens, mas isso não impedia que continuassem. Eles nunca desistiam, dizendo: "É em vão". Prosseguiam, a despeito dos perigos e do cansaço. E encontravam sempre novas forças para o que faziam. Elevavam-se como que com asas de águias; corriam e não se exauriam; andavam mas não desmaiavam (ver Isa. 40.31). Mas tudo era investido em uma causa má. Eles eram devotados e religiosos, mas para o mal, e não pelo bem. Esse versículo ensina, incidentalmente, que o zelo pela fé religiosa não é prova de retidão.

Oitava Estrofe: A Acusação do Senhor (57.11)

57.11

Mas de quem tiveste receio ou temor, para que mentisses...? Aquela gente tinha grande reverência e até mesmo *temor* por seus deuses, tendo abandonado o "temor do Senhor" (ver o artigo chamado *Temor* no *Dicionário* e também Sal. 119.38 e Pro. 1.7). Eles tinham feito uma reviravolta nas coisas, de tal modo que esqueceram Yahweh e Suas reivindicações. Assim, tornaram-se totalmente *apóstatas.* Diante disso, Yahweh exerceu Sua famosa paciência e continuou a dar-lhes oportunidade de voltar a Ele. Cf. Lam. 3.22: "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim".

A longanimidade de Deus supostamente leva os homens ao arrependimento (ver Rom. 2.4), mas, quanto àqueles réprobos, eles confundiam a paciência divina com a aprovação do que faziam ou, pelo menos, com a não condenação.

Nona Estrofe: A Sorte dos Deuses e a Graça de Deus (57.12-13)

57.12

Eu **publicarei essa justiça tua.** Isaías falava com ironia sobre a alegada retidão e as supostas boas obras deles, tão diligentemente realizadas. Eles tinham juntado para si mesmos um grande panteão de deuses e caído nas formas mais degradantes de idolatria, completas com a prostituição sagrada e com os sacrifícios de crianças (vss. 4-5). O zelo deles não conhecia limites. Eram como bons corredores; mas estavam correndo na pista errada. Tinham um apego fanático a seus deuses de nada. Mas no dia da crise, não seriam ajudados. Yahweh haveria de *desmascarar* a natureza ridícula do que estavam fazendo, tudo revestido de grande devoção e fingimento, mas sem substância espiritual. O que faziam não trazia *proveito algum.*

57.13

Quando clamares, a tua coleção de ídolos que te livre. *O Julgamento Divino Estava Próximo.* Haveria um *golpe divino,* e assim seria testada a divindade daqueles ídolos. Poderiam eles deter a mão de Deus? Poderiam salvar seus devotos? Eles possuíam toda uma coleção de ídolos, e assim, mediante esforço grupai, talvez eles pudessem fazer alguma coisa. O profeta falava com ironia. A ira de Deus viria como um *vento,* que sopraria para longe toda aquela fingida idolatria.

Os israelitas que continuassem rejeitando a idolatria ou se voltassem para Yahweh seriam recompensados. Eles possuiriam a Terra Prometida e herdariam o *monte santo,* onde o templo se achava, o lugar apropriado para o culto prestado **a** Yahweh. Receberiam os benefícios do povo em relação de aliança com Yahweh, em contraste com os idolatras, que estabeleciam alianças com os ídolos (vs. 8). Aquela gente já se achava na Terra Prometida, mas isso não queria dizer que participasse dos benefícios espirituais dados aos habitantes.

Graça Persistente (57.14-21)

57.14

Dir-se-á: Aterrai, aterrai, preparai o caminho. Temos aqui um novo poema que se apega naturalmente ao trecho de Isa. 56.9-57.13. Trata-se de um poema de consolação. Cf. Isa. 40.1-4. Suas palavras-chave são: edificai a paz; santo, contrito, espírito humilde, reviver e ira divina. O tema da passagem é como Deus, durante a era vindoura (a era do Reino de Deus), efetuará grande transformação. Tudo isso se reveste de grande importância teológica por causa dos avançados conceitos sobre santidade divina, misericórdia, transcendência e imanência de Deus, eternidade, universalismo, julgamento e graça divina. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Isaias, Seu Conceito de Deus.*

Tirai os tropeços do caminho do meu povo. Será construída uma estrada para o povo de Israel. Será removida toda a pedra de tropeço; o caminho será plano e liso. Diz o manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto: "Levantai, levantai a estrada". A Septuaginta diz: "Purgai os caminhos à frente dele". A Vulgata Latina diz: *viam tacite.* Está em mente uma autopreparação interior. As palavras são idênticas às de Mar. 1.3; Mat. 3.3; Luc. 3.4 e João 1.23. Cf. também Isa. 40.3-5. Está em pauta a restauração final de Israel, tipificada pela volta dos exilados da Babilônia.

Primeira Estrofe: A Divina Habitação (57.15)

57.15

Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade. Yahweh acha-se em Seu alto lugar. Ele é *transcendental.* Por outra parte, embora habite na eternidade e Seu nome seja Santo, Ele condescende em manifestar-se a homens de coração humilde e contrito, mostrando-se imanente. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Transcendente, Transcendência; Imanência (Imanente)* e também *Atributos de Deus.*

Cf. Isa. 6.1 e 2.12-19, quanto a Deus como *alto e sublime.* O Poder supremo é também a *bondade* máxima, combinação nunca vista nas divindades pagas. Deus está entronizado em Seus céus, mas isso não O impede de ajudar a homens humildes à face da terra. Ele habita na *eternidade* e é o Deus auto-existente. Mas isso não significa que Ele nada tenha que ver com os mortais. Ele tem vida em Si mesmo (ver João 5.26) e é capaz de dar aos homens esse tipo de vida em si mesma. Deus tem uma existência *necessária.* Deus não pode não existir. E Ele tem essa vida em parceria com o Filho, e, através do Filho, dá dessa vida aos Seus filhos, que nele confiam, sendo esse um de nossos mais elevados conceitos espirituais. Ver II Ped. 1.4 quanto à participação dos crentes regenerados na natureza divina.

"É um dos paradoxos da religião o fato de que a santidade de Yahweh, que O coloca em uma distância infinita do orgulho e da grandiosidade dos homens, também O aproxima dos humildes de espírito" (Henry Sloane Coffin, *in loc).*

Quanto ao orgulho e à humildade contrastados, ver Pro. 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12; **32.**

Segunda Estrofe (57.16-17)

57.16

Pois não contenderei para sempre, nem me indignarei continuamente. A Ira de Deus, embora feroz e parecida com o fogo do refinador de prata, e a despeito de Sua *justiça,* não dura para sempre. Essa ira divina tem uma tarefa a cumprir, que é, ao mesmo tempo, retributiva e remediai, mas, depois de realizar a sua tarefa, cede espaço à ministração misericordiosa do Espirito. A ira de Deus não tem por propósito aniquilar, pois o mesmo sopro que transmitiu vida (ver Gèn. 3.7) continua a dar vida.

> *Se eu continuasse irado, a vida humana se debilitaria. O homem, a quem criei, morreria.*
>
> (NCV)

O *fôlego* é a vida animada (ver Deu. 20.6; Sal. 150.6). Quanto a Deus não contender para sempre, ver Isa. 54.7-9; Gên. 6.3; Jer. **3.5,12;** Sal. 103.9.

> *Ele, porém, que é misericordioso, perdoa a iniqüidade, e não destrói. Antes, muitas vezes desvia a sua ira.*
>
> (Salmo 78.38)

A ira divina, sem ser sopitada, estragaria o propósito da criação, que é a vida e a continuação da vida. Alguns vêem aqui uma menção à imortalidade (o que provavelmente não está em vista). O Targum faz este versículo aplicar-se à ressurreição.

57.17

Por causa da indignidade da sua cobiça eu me indignei e feri o povo. Grave entre os pecados de Israel estava a avareza, que corrompia a vida inteira e tornava os homens interesseiros em si mesmos, e não buscadores de Deus. Mediante leve emenda, o texto pode dizer: "Por causa de sua culpa, fiquei irado por um momento", "Escondi dele o meu rosto". As palavras "o meu rosto" não estão no original hebraico, e o manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto diz: "Eu me escondi". O rosto divino oculta-se dos homens quando estes estão muito distantes Dele para beneficiar-se de Sua graça. Deus quis dizer aqui que está irado com eles. Cf. Isa. 54.8 e Sal. 22.24; 27.9; 88.14; 104.29. Embora a ira divina fosse aplicada, o povo nem por isso se sentia impedido de agir. Continuava em seus desvios e em sua perversidade. Nem mesmo repetida punição dava resultado.

Terceira Estrofe: Cura, Conforto e o Dom do Louvor (57.18-19)

57.18

Tenho visto os seus caminhos e o sararei. Esta estrofe fala da *restauração.* Deus persiste em amor e misericórdia. Yahweh contempla os caminhos miseráveis dos homens e percebe que o homem é apenas uma partícula de poeira. Portanto, Ele tem misericórdia. Ele cura o homem desviado, removendo-o de seu caminho desviado e consolando-o. "Aqueles que estavam triste Me louvarão" (NCV). A Septuaginta diz aqui: 'Tenho visto os seus caminhos e o curei e consolei, e lhe dei verdadeiro consolo". "Os que choram são os que foram tocados pela tristeza segundo a piedade (ver II Cor. 7.10,11)" (EHicott, *in loc).* Os que choram são aqueles que se *arrependem,* recebendo assim as graças divinas. Alguns comentadores vêem aqui a restauração de Israel após o cativeiro babilônico, e outros pensam tratar-se da restauração desse povo da dispersão romana, o que inaugurará a época áurea. E ainda outros pensam que o princípio é geral, podendo adaptar-se a qualquer circunstância.

57.19

Como fruto dos seus lábios criei a paz. O fruto dos lábios é o louvor devido à divina restauração de Israel. Os que *choram* (vs. 18) são levantados da lamentação para o louvor. Temos aqui o agradecimento e o louvor do pecador perdoado que recebeu uma vida nova e muito melhor (cf. Osé. 14.2 e Heb. 13.15). O coração sábio também louva a Deus (ver Pro. 10.31). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Louvor.*

Paz para os que estão longe e para os que estão perto. Paz com Deus e os homens; liberdade da opressão efetuada por homens ímpios e desarrazoados — a paz da salvação. "Para os que estão longe" são palavras que apontam para os penitentes; e "para os que estão perto" são palavras que apontam para os justos (Kimchi, *in loc).* Cf. Efé. 2.13,17 e Atos 2.39, onde as palavras são aplicadas aos efeitos do evangelho cristão, especialmente no que diz respeito aos povos gentílicos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paz.* Alguns estudiosos pensam que "os que estão longe" eram os que continuavam no exílio babilônico, e que "os que estão perto" representavam os que já tinham voltado para a Terra Prometida. Mas a referência não parece ser geográfica.

Conclusão: O Julgamento dos ímpios (57.20,21)

57.20

Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar. Em contraste com os justos, os ímpios não recebem misericórdia, consolo e restauração, mas continuam recebendo o peso da mão de Deus. Cf. Isa. 48.18 e Efé. 2.17. Esses não se arrependem, antes rejeitam as graças divinas e continuam convidando a punição divina. Essa minúscula conclusão começa e termina com as palavras "os perversos". Os perversos, pois, são como o mar empolado que continua lançando lama e lodo. As ondas do mar nunca deixam de bater na praia, e as coisas ficam piores quando um vento forte sopre, ou quando a maré vai alta. Cf. Sal. 34.4,5; Jó 15.21-27 e Deu. 28.66,67.

Lama e lodo. Temos aqui uma menção aos pecados e às degradações dos ímpios que os fazem jamais ter descanso. "Esses são perturbados por ventos, tempestades e tufões, enquanto suas ondas se levantam e rugem e, batendo nas areias das praias, ameaçam ultrapassar seus limites" (John Gill, *in loc).*

57.21

Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz. Se há *paz, paz* para os penitentes (vs. 19), os ímpios não têm paz. Foi Elohim, o *Poder,* quem decretou assim. Ele governa este mundo com Sua providência negativa e com Sua providência positiva. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência.* Sua vontade soberana produz os acontecimentos entre os homens (ver em Isa. 13.6 e no artigo chamado *Soberania de Deus).* Cf. Isa. 48.22, que é, para todos os efeitos práticos, uma duplicação deste versículo, onde ofereço outras notas expositivas.

Capítulo Cinqüenta e Oito

Restauração Realizada e Completada (58.1 - 66.24)

"Nesta seção final de nove capítulos do livro de Isaías, o profeta olhou para o presente e para o futuro. Em seus dias, a maior parte dos israelitas não era formada de pessoas retas (capítulo 58). Por causa da depravação, a restauração da nação de Israel tinha de ser iniciativa de Deus (capítulo 59). Eventualmente, paz e prosperidade terão de ser dadas a Israel e ao mundo inteiro (capítulo 60). Isaías escreveu sobre a vinda do Messias e do Pai (ver Isa. 61.1-63.6) e também sobre a oração da nação e a resposta do Senhor (ver Isa. 63.7-65.25). Em conclusão, o profeta escreveu que Deus cumprirá Suas promessas a Israel bem como ao mundo inteiro (capítulo 66)" (John A. Martin, *in loc).*

"A maior tragédia da vida nacional de Israel foi a queda de Jerusalém e a destruição do templo, em 586 A. O Esse evento invocou o dia da lamentação, mas o período evocou muitos dias similares, conforme vemos em uma forma desenvolvida em Zac. 7.4 ss. e 8.19, onde quatro dias festivos são descritos no quarto, quinto, sétimo e décimo mês. Em tais dias, a comunidade refletia profundamente sobre o julgamento que lhe tinha sobrevindo. Era um tempo de contrição, arrependimento e oração. Se a passagem do livro de Zacarias representa um estágio um tanto tardio do desenvolvimento do poema presente, ela é iluminadora para informar tanto sobre as próprias festas quanto sobre a reação profética (ver Zac. 7.8 ss.). Ambas as passagens mostram a relação íntima entre o profetas Isaías e o culto dos israelitas. Fica claro que o profeta havia sido consultado acerca de uma questão puramente cultuai: 'Por que Deus não nota nossos jejuns? Observamos os ritos apropriados, mas não há resposta' (vs. 3)... Ele falou diretamente sobre a situação, e a urgência e paixão de sua mensagem provinham dele mesmo. De fato, a intimidade da mente profética raramente é ultrapassada (cf. Isa. 1.10-20; Amos 5.1-27; Miq. 6.1-8; cf. também Jó 31.1-40), e as palavras não são um paralelo indigno das palavras de Jesus, em Mat. 25.31 ss. Este capítulo é corretamente compreendido quando posto dentro do contexto desse motivo do jejum por todas as Escrituras e no cristianismo primitivo (ver o uso desse capítulo em Bam. 3; Mat. 6.16-18; 9.,14,15; Luc. 5.33-35; 18.11,12; e ver também Mat. 4.2)".

O Culto Agradável a Deus (58.1-14)

Primeira Estrofe (58.1-3)

58.1

Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a tua voz como a trombeta. Essas exclamações enfatizam a necessidade de Israel abandonar suas transgressões. Considere o leitor estes pontos:

1. O profeta Isaías deveria fazer uma proclamação pública em altos brados.
2. Ele não deveria poupar nenhuma denúncia. Os que estivessem vivendo em transgressões seriam destacados.
3. A voz da repreensão deveria ser como uma trombeta, uma chamada à ação e à mudança.
4. Era Judá, o povo de Deus, quem precisava do ministério da repreensão. Ao que tudo indica, devemos entender que o clamor era um grito contra a hipocrisia, conforme o vs. 2 quase certamente dá a entender. Cf. Eze. 13.10-15. A trombeta deveria anunciar um dia de *jejum,* e eles mexeram com os queixos, mas o coração deles não foi modificado pelos exercícios espirituais.

58.2

Mesmo nesse estado ainda me procuram dia a dia. A formalidade da fé religiosa estava presente, até nas obrigações diárias, como os sacrifícios matutinos e vespertinos. Eles agiam *como se* fossem uma nação que praticava a fé de todo o coração (ver as notas em Pro. 4.23). Eles não tinham esquecido as ordenanças, o sistema de sacrifícios. Parecia que estavam praticando a justiça social e se deleitavam em avizinhar-se de Elohim. Aparentemente, eram pessoas devotas. Mas os vss. 4 ss. mostram que tudo era pura hipocrisia. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Hipocrisia.* Eles faziam os movimentos próprios da espiritualidade, e pensavam que isso atrairia para eles todas as formas de bênçãos divinas. As palavras do profeta eram *irônicas.* Ele não estava impressionado com aqueles atos de aparente piedade. Eles acreditavam que sua vida hipócrita, visto que continha as formas externas da religião, lhes daria impunidade diante do julgamento de Deus. Muitos hipócritas não sabem que são hipócritas, e as descrições aqui quase certamente falam de pessoas que, sinceramente, pensavam ser pessoas espirituais excelentes. Cf. Mat. 7.15 ss. A opinião que um homem faz de si mesmo é sempre exagerada. Outras pessoas também tendem por exagerar no valor de seus companheiros. Naturalmente, todas as pessoas religiosas são hipócritas até certa extensão, porquanto, na verdade, nunca cumprem os padrões que estabelecem para si mesmos e certamente não cumprem os padrões estabelecidos por outros.

58.3

Dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para Isso? Aquelas pessoas tão cuidadosas quanto aos movimentos da fé seguiam obedientemente a lei do jejum e, sem dúvida, jejuavam além do que era exigido pela lei mosaica, na tentativa de adquirir o favor divino. No artigo do *Dicionário* denominado *Jejum,* ofereço completa discussão, pelo que não repito aqui o material. O profeta Isaías destacou que eles jejuavam não movidos pelo arrependimento, ou para observar festas religiosas importantes, mas apenas por *prazer* próprio (Revised Standard Version). E o que lhes parecia prazeroso visava obter as bênçãos divinas (e escapar da punição). O hebraico diz aqui, literalmente: "Segui os vossos próprios negócios". Eles tinham motivos pessoais para jejuar. Esse exercício nada alterava seus pobres relacionamentos com as outras pessoas. Não havia *amor* naquilo. Se estavam envolvidos em todo aquele "espetáculo", secretamente oprimiam seus operários, os pobres e outras pessoas de menos poder que eles. Cf. Deu. 24.14,15 e Tia. 5.1-6. Este versículo pode dar a entender que aqueles homens iníquos, ao mesmo tempo que suspendiam o trabalho por um dia para jejuar, forçavam seus trabalhadores a trabalhar normalmente. O dia de jejum era um dia de descanso.

Segunda Estrofe: Chamais a Isso de Jejum? (58.4-5)

58.4

Eis que jejuais para contendas e rixas. "Suas intimidades celestiais não melhoraram suas maneiras domésticas" (George Elliot). Muitos são cordeiros em público, mas ursos em casa. O auto-aviltamento (nos jejuns ou em qualquer outro exercício espiritual) de nada vale se for realizado por um homem brutal e sem amor. Yahweh não faria favor algum a um homem que andasse espancando a outros, sem importar por qual razão fizesse isso. E podemos ter certeza de que aqueles que eram espancados eram inferiores sociais em relação a quem os espancava. Naturalmente, há os que desfrutam de uma boa briga, e essa briga provavelmente era feita contra *qualquer* homem. Aqueles ímpios profanavam as observâncias religiosas por meio de brigas e contendas. Por isso mesmo, muitas orações acompanhavam os dias de jejum, mas essas orações não seriam ouvidas. Cf. Amós 5.23,24; Osé. 6.4-6; Isa. 1.15-17 e Zac. 7.8 ss.

58.5

Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma...? Passar pelos movimentos do jejum era algo inútil. O homem aparentemente se humilhava, mas logo em seguida estaria brigando por alguma questão de negócio. Ele inclinava a cabeça como se feito de junco, mas seu coração era contencioso. Chegava a vestir-se de cilício, aparentemente arrependido, mas, em vez de livrar-se de seus pecados, adicionava mais pecados à sua lista. Cf. Lev. 16.29 e Mat. 5.16. O que eles estavam fazendo não merecia o nome de "jejum". O dia do jejum deles não era um *dia aceitável* para Yahwen. Passar-se-ia aquele jejum sem atrair a bênção divina. O propósito de tal jejum tinha fracassado.

Terceira Estrofe: As Ricas Recompensas do Verdadeiro Jejum (58.6-9)

58.6

Porventura não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade...? Há um jejum autêntico, que vale a pena pôr em prática. É um ato social que busca fazer o bem aos outros e melhora o relacionamento com todos os homens. "A relação de alguém com seus semelhantes revela sua relação com Deus (ver Luc. 10.25-37). Quando os *frutos* apropriados estão presentes (justiça social, misericórdia, compartilhar; ver Luc. 3.8), Deus ouvirá (ver Isa. 1.10-20; Mat. 25.34-40)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). O jejum era mais que a autonegação, porquanto incluía também o serviço ao próximo e viver a lei do amor, o maior de todos os mandamentos (ver Deu. 6.5).

> *Libertai as pessoas que pusestes injustamente na prisão. Desatai as algemas. Libertai aqueles com quem estais sendo injustos. Livrai-vos do trabalho forçado.*
>
> (NCV)

Alguns estudiosos vêem aqui uma repreensão contra o *trabalho escravo.* Infelizmente, porém, não é esse o sentido provável da passagem. A justiça social, nas páginas do Antigo Testamento, nunca subiu à consciência dessa imensa injustiça social. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Escravidão.*

58.7

Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto...? *Obras gerais de amor e caridade* tinham de estar envolvidas no dia do jejum, bem como em todos os outros dos dias. Repartir o alimento com os famintos; dar abrigo aos destituídos; prover roupas; ajudar os parentes necessitados, o que poderia apontar para parentes literais ou "irmãos" israelitas, ou, idealmente, para ambas as classes. Na igreja primitiva, os dias de jejum eram tempos de caridade especial. Cf. Mat. 6.1,16. Ver também Mat. 25.36. Naturalmente, não há sugestão de limites para as boas obras. Todos os dias devem ser dias de liberalidade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Liberalidade (Generosidade).*

58.8

Então romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença. Grandes promessas são feitas aos *generosos,* os quais usam os dias de autonegação para servir ao próximo; ou melhor, usam *todos os dias* como oportunidades para fazer o bem ao próximo. Um *novo dia* raiará para o homem generoso; ele terá luz e será uma fonte luminosa para outras pessoas. Então desfrutará boa saúde mediante a intervenção divina. Diz aqui o hebraico, literalmente, que uma nova pele crescerá sobre a ferida aberta, sendo assim efetuada a cura (ver Jer. 8.22; 30.17). Nesse caso, o homem também terá genuína retidão, em vez de retidão fingida, hipócrita (vss. 1-3). E também será uma fonte de ensino da retidão para outros, mediante palavras e ações. A cura será literal, mas também espiritual e comunal. As contendas terminarão. A sociedade será curada pela justiça social e pela gentileza pessoal.

Uma proteção especial foi prometida mediante o uso de uma *metáfora militar.* Deus iria adiante, liderando o caminho, e também viria por trás, oferecendo proteção. As pessoas boas terão um *inseparável acompanhamento,* conforme Jesus disse: "E eis que estou convosco... " (Mat. 28.19,20).

58.9

Então clamarás, e o Senhor te responderá. Sob tais condições, as orações serão ouvidas e favoravelmente respondidas. *Yahweh* não negligenciará as orações de tais pessoas. Quando clamarem por Ele, Ele dirá: "Eis-me aqui". Sua presença e atenção providenciará para eles tudo o de que precisarem. Eles não sofrerão necessidade. E assim obterão grandes vitórias em sua vida e em suas atividades. Porém, conforme o profeta nos relembrou, tais coisas só poderão acontecer se os jugos (as cargas) que as pessoas impõem aos outros forem retirados; seria preciso que a gentileza e o amor governassem as coisas, pois, do contrário, as orações cairiam por terra. Acusações, calúnias e incriminações precisavam ser descontinuadas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da,* e cf. Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28; 36.3; 39.9; 94.4; .101.5 e 120.3,4.

"O dedo apontado em riste, um gesto de desprezo e zombaria (Pro. 6.13). Entre os árabes, o sinal era usado como *meio* de atrair infortúnio contra as

pessoas" (James Muilenburg, *in loc).* Cf. isso com a *vara de apontar* dos africanos, os quais amaldiçoam a outras pessoas por esse intermédio.

Quarta Estrofe: Promessas Resplendentes (58.10-12)

58.10

Se abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita. "Deus daria ao Seu povo forças (Isa. 66.4); abundância (Jer. 31.12) e circunstâncias auspiciosas para eles reconstruírem o país (Isa. 44.26 e 61.4)" *(Oxford Annotated Bibie,* comentando sobre o presente versículo).

Este versículo continua o apelo em prol da vida caridosa, mas agora reforçado pela metáfora do "derramamento" do indivíduo em favor de seus semelhantes necessitados: ou seja, fazer algum *sacrifício* significativo em benefício do próximo. Se um homem assim agir em favor de outros, haverá a luz de um novo dia para ele. Isso dissipará suas trevas, e a melancolia será expulsa de sua vida. Será como a luz do meio-dia. E Yahweh fará a mesma coisa por ele. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Cf. Isa. 9.2 e o vs. 8 deste mesmo capítulo.

"Acender-se-á a luz da prosperidade e da alegria, e uma noite escura de tristeza e aflições tornar-se-á um dia claro de paz e conforto. Ver Sal. 112.4; Isa. 42.16 e Zac. 14.7" (John Gill, *in loc).*

58.11

O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos. *Uma orientação divina constante* será a porção do homem generoso. Isso incluirá a satisfação quanto a cada necessidade com coisas boas. O homem será forte e gozará saúde. Seus *ossos* (o arcabouço dentro do qual se sustenta todo o seu corpo) e, portanto, seu corpo inteiro, serão fortes. Ele viverá por muito tempo e bem. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Tal homem gozará de contínuos e abundantes benefícios, pois será como um jardim bem regado. Será como um manancial constante de água e continuará a servir o próximo com suas águas, enviadas continuamente aos desertos dos povos. Onde ele estiver, não haverá desertos. O versículo fala sobre a restauração geral do povo, em termos simples e gerais, sem nenhum evento histórico em mente. Mas o vs. 12 parece referir-se à reconstrução, após o exílio babilônico. E talvez se refira, *profeticamente,* à volta da dispersão romana, quando então será inaugurada a era do Reino de Deus.

Quanto ao *jardim bem regado,* cf. Sal. 1.3; Isa. 44.3,4 e Jer. 31.12. Quanto a *ossos,* ver as notas em Sal. 102.3 e, no *Dicionário,* o artigo chamado *Osso.*

58.12

Os teus filhos edificarão as antigas ruínas. Este versículo parece referir-se aos destroços em que Jerusalém se transformou depois do cativeiro babilônico, em uma época em que nem o templo nem as muralhas de Jerusalém tinham sido reconstruídos. A reconstrução significaria que um serviço seria efetuado por muitas gerações sucessivas. Os reconstrutores serviriam o Novo Israel por um longo tempo futuro. Alguns supõem que essas *gerações* fossem as dos 70 anos do exílio babilônico, e a reconstrução que haveria durante esse tempo anularia as ruínas do período. Jerusalém e as cidades de Judá seriam reconstruídas. Os que estivessem engajados nesse trabalho seriam chamados "reparadores das brechas" e considerados benditos por muitas gerações futuras. E também seriam chamados "restauradores das veredas", para que o país se tornasse novamente habitável. As ruas estavam em ruína completa. Os futuros habitantes torná-las-iam novamente utilizáveis. Esses seriam os *fundamentos* da futura Israel, representada por uma única tribo, Judá.

Quinta Estrofe: A Guarda do Sábado (58.13-14)

58.13

Se desviares o pé de profanar o sábado. A observância do sábado era o sinal do pacto mosaico. Ver sobre *Sábado,* no *Dicionário,* e sobre *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19. Após o retorno do exílio babilônico, a guarda de um dos originais dez mandamentos (ver Êxo. 20.11) tornou-se o barômetro da fidelidade do indivíduo ao pacto mosaico. Ver Isa. 56.4-6. A *obediência* a esse mandamento mostrava a intenção de um homem em envolver-se ativamente na restauração de Israel à sua antiga posição entre as nações. A tendência do povo israelita era cada qual buscar seus prazeres e labores, naqueles dias. Ou então eles poderiam gastar seu tempo em conversações banais. Eles tinham perdido o caráter sagrado da lei, substituindo-a pelo que era profano. O sábado não fora instituído para dar a um homem tempo livre para suas atividades cotidiana, e menos ainda como um dia de recreação. Um homem não trabalhava para que pudesse ocupar-se em questões espirituais. O sábado deveria ser um *dia de alegria,* a guarda do qual deveria ser reputado como um elevado privilégio, e não um dia de deveres pesados. As obsen/âncias religiosas daquele dia deveriam trazer satisfação à alma.

58.14

Então te deleitarás no Senhor. O homem que abandonasse suas banalidades, observasse o sábado conforme era seu dever e praticasse o bem a cada dia de sua vida (vs. 10), isto é, o homem que se *deleitasse* em Yahweh e no tipo de vida que Ele instrui os homens a viver, estaria "cavalgando alto", conforme dizemos em uma moderna expressão idiomática. Yahweh faria tal indivíduo "andar nas alturas". "Ele te elevará aos lugares altos acima da terra" (NCV). Por assim dizer, tal homem teria uma vida *celestial,* acima das banalidades desta existência. Cf. Deu. 32.13; 33.29; Sal. 18.33; Hab. 3.19. Alguns estudiosos fazem com que o cavalgar por lugares altos seja uma metáfora militar que fale da conquista de todos os lugares altos de Judá, durante a restauração do país. Haveria vitórias abundantes em todos os setores da vida.

> *Quero viver acima do mundo,*
> *Ainda que os dardos de Satanás sejam lançados contra mim.*
> *Pois a fé apanhou o som jubiloso*
> *Do cântico dos santos em terreno mais alto.*
>
> (Johnson Oatman, Jr.)

E te sustentarei. Com todas as provisões físicas. Ninguém sofreria fome; ninguém padeceria necessidade. Mas a abundância agrícola fala da prosperidade espiritual.

> *Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.*
>
> (Mateus 6.33)

Eles "festejariam baseados na herança de seu pai, Jacó. A boca do Senhor assim o disse" (NIV). O oráculo do Senhor garante que os israelitas obedientes serão participantes plenos das promessas do pacto.

Capítulo Cinqüenta e Nove

A Intervenção Divina (59.1-21)

A Salvação É Iniciativa de Deus. Os capítulos 58-59 são muito similares tanto em estilo quanto em conteúdo. E talvez o autor sagrado os tenha escrito como um único poema. Ou então podemos considerar esses dois capítulos como dois poemas dedicados aos mesmos temas. Seja como for, apresento *seis estrofes* neste capítulo, e o trato como se fora um poema separado. Há neste poema uma chamada ao arrependimento nacional, pois o povo de Israel vivia totalmente entregue à iniqüidade, à injustiça e à desonestidade. Judá estava enveredando por um beco sem saída que ele próprio havia criado. Somente a intervenção divina poderia estabelecer alguma diferença.

"Pecado e Confissão: Julgamento e Redenção. Este poema-sermão tem o mesmo pano de fundo dos que o antecedem de imediato. Havia tristeza por causa das condições nacionais, e havia berrantes pecados sociais diante dos quais as pessoas estavam cegas. Torrey chamava isso de *De Profundis.* Isso certamente é a atitude com que começa. A comunidade sentia-se abandonada por Deus" (Henry Sloane Coffin, *in loc).*

"Visto que a depravação era da nação, a salvação nacional e a prosperidade teriam de vir através da iniciativa divina. Neste capítulo 59, o Senhor falou novamente sobre os pecados do povo e Sua provisão de salvação por causa do pacto abraãmico" (John S. Martin, *in loc).* A apostasia tinha levado o povo de Israel ao cativeiro babilônico; e, após o retorno, as condições novamente foram piorando.

Primeira Estrofe: Deus Está Separado da Comunidade (59.1-4)

59.1

Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar. *O Poder Está com Yahweh.* Sua mão é *salvadora.* Quanto à *mão* (o instrumento de poder e ação), ver Sal. 81.14. Ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6, e sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Além disso, Deus tinha o coração aberto ao clamor dos desolados. Deus esperou por orações de arrependimento em vão. O povo de Israel que estava na Terra Prometida logo caiu novamente em seus antigos pecados e tornou-se "cativo do pecado" na Terra Prometida. No entanto, eles não tinham sabedoria suficiente para ao menos reconhecer sua necessidade. As coisas não tinham evoluído conforme se esperava, após o retorno da Babilônia. E o profeta Isaías os informou de que as razões para isso estavam do *lado deles,* e não do lado de Deus.

59.2

Mas as vossas iniqüidades fazem separação entre vós e o vosso Deus. As iniqüidades do povo de Israel eram, um vez mais, a raiz dos problemas. Eles desconsideraram a lei e suas demandas. E afundaram-se em apostasia, levantando uma barreira de *separação* entre eles e Yahweh. Fizeram o Senhor ocultar o Seu rosto por trás daquele véu de pecados. Eles O tornaram surdo para com tantas iniqüidades. Por isso eles agora O achavam indisposto a responder a seus apelos e às suas orações. Os homens entraram no santuário para buscar a face de Deus, mas para eles não houve a glória *shekinah,* nem a grande nem a pequena. A adoração era uma espécie de busca do rosto de Yahweh. A presença divina poderia curar, mas a barreira de pecados não permitia uma operação graciosa. Os pecados incluíam transgressões pesadas como crimes de sangue (vs. 3) e, conforme podemos estar certos, a idolatria.

59.3

Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue. Eles eram assassinos da Terra Prometida, e suas mãos estavam contaminadas de sangue. Eram homens cujos dedos tinham feito coisas violentas e opressivas. Talvez "mãos" implique os pecados *mais graves,* ao passo que dedos implique os pecados *menos graves.* Cf. Isa. 1.15. Ademais, os *lábios* deles eram usados para dizer mentiras, e a língua deles proferia iniqüidades. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Linguagem, Uso Apropriado da,* e também Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12, 13; 36.3. A menção dessas quatro partes do corpo — mãos, dedos, lábios e língua, todas elas envolvidas em pecado — ilustra a *total depravação* daquela gente.

59.4

Ninguém há que clame pela justiça, ninguém que compareça em juízo pela verdade. Os próprios tribunais de justiça, onde presumia-se que um homem podia buscar e obter justiça, estavam corrompidos. Homens inocentes estavam condenados à morte e à prisão, ao passo que pecadores notórios, que atuavam como se fossem aves de rapina em público, eram inocentados. "Os direitos" eram reconhecidos somente naqueles que ofendiam, enquanto aos opressores nunca era dado um julgamento justo. Os pecadores confiavam no *caos* para continuar avançando, porquanto não havia reformadores que corrigissem a comunidade.

> *Pessoas levavam outros a tribunal de modo injusto.*
> *Ninguém dizia a verdade ao expor o seu caso.*
> *Eles se acusavam falsamente e diziam mentiras.*
> *Causavam dificuldades e criavam maior mal.*
>
> (NCV)

Segunda Estrofe: Os Caminhos Tortuosos do Mal (59.5-8)

59.5

Chocam ovos de áspide e tecem teias de aranha. Usando de outras vívidas descrições, o profeta continuava sua diatribe. Aqueles ímpios eram como homens que chocassem ovos de serpentes venenosas. Se um homem comesse um dos ovos de áspides, morreria por causa do veneno. Isso não é cientificamente verdadeiro, mas é melhor não submeter à prova a teoria. Metaforicamente, a declaração é verdadeira: os ímpios são assassinos, físicos e espirituais, e nenhum homem de mente sã comeria dos ovos de áspide que estivesse chocando. É melhor ficar distante de tais ovos, porque, se alguém se envolver (chocando um dos ovos), uma pequena áspide sairá dali, e isso representará perigo, mais cedo ou mais tarde. Além do mais, temos a *metáfora da aranha.* A aranha faz de sua teia a agência da morte de sua vítima. O vs. 6 adiciona o elemento da *futilidade* à metáfora. As teias do homem maligno são perigosas e fúteis. O homem bom manter-se-á distante dos esquemas dos iníquos.

59.6

As suas teias não se prestam para vestes *As propriedades das teias dos iníquos* aparecem nestes três pontos:

1. São agentes da morte (vs. 5).
2. São esquemas inúteis para os homens (vs. 6). Ninguém pode tecer uma veste com as teias de uma aranha. Em seu pior aspecto, são destruidoras.
3. Elas operam toda a espécie de iniqüidade, incluindo atos de violência e crimes de sangue (segunda parte do vs. 6). Ninguém pode vestir-se desses maus esquemas como se fosse uma roupa. Se alguém assim fizer, logo descobrirá que está em grave dificuldade. As mãos malignas que teceram as teias prejudicarão o próximo. Cf. Rom. 3.12,14.

59.7

Os seus pés correm para o mal, são velozes para derramar o sangue inocente. Os ímpios mostram-se *zelosos* em sua iniqüidade. Eles correm para executar crimes de sangue. Seus pensamentos são radicais e estão sempre envolvidos no planejamento do que é pior para o próximo. Cf. Rom. 3.15,16. Onde quer que aqueles homens vão, propagam destruição e miséria. Tais homens começaram a agir no tempo pós-exílico da Babilônia.

O Mal Foge ao Controle dos Homens. Os primeiros atos malignos de um ser humano são feitos de vontade livre, mas logo essa pessoa se torna prisioneira de suas próprias corrupções e más escolhas.

> *Quase não temo ter desferido esse primeiro golpe*
> *De vontade livre, mas, mediante esse ato,*
> *Me comprometi a desferir um segundo golpe*
> *Contra a minha vontade...*
> *O primeiro passo depende de nós; e então por todo*
> *o resto da estrada,*
> *Aquela longa estrada, depende da Sorte.*
>
> (Stephen Philips)

Esse poeta exagerou um pouco, mas é verdade que, se os homens se recusarem a praticar o bem, se persistirem nessa atitude, logo perderão o poder de agir corretamente.

59.8

Desconhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos. Os passos dos ímpios nunca os conduzem à *paz* (ver Isa. 57.19); eles vivem para causar *contendas;* suas passadas são sempre tortuosas; eles nunca *praticam a justiça* em seus caminho; aqueles que os seguem só podem perder através dessa *associação.* Cf. Rom. 3.16,17. Cf. Isa. 48.22 e 57.20,21. Quanto aos caminhos dos bons e dos maus contrastados, ver a nota de sumário sobre Pro. 4.27. Ver também Pro. 2.15 e 27.18. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar.* "Andou Enoque com Deus" (Gên. 5.22,24). Mas aqueles homens ímpios andaram no pior que sua mente pervertida poderia ter inventado.

Terceira Estrofe (59.9-11)

59.9

Por isso está longe de nós o juízo, e a justiça não nos alcança. A justiça tinha fugido, e não mais tinha voltado; a retidão não conseguia alcançar aqueles pecadores; densas trevas tinham tapado completamente a luz; em vez do brilhante meio-dia (ver Isa. 58.10) havia apenas a melancolia da perversidade. Mediante esse acúmulo de termos, o profeta conseguiu pintar um quadro sombrio da baixa espiritualidade e apostasia de Judá. Cf. Zac. 14.6,7. Quanto ao contraste entre a luz e as trevas, cf. Isa. 13.10; 50.3; Jer. 4.23,28; Joel 32.31. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Luz, Metáfora da.* Esse artigo inclui a metáfora das trevas.

59.10

Apalpamos as paredes como cegos, sim, como os que não têm olhos. *Aturdimento* resulta de uma corrupção extrema. Judá apalpava tal coisa como se fora uma muralha, mas não era capaz ao menos de encontrar uma parede. Andar nas trevas resultara na perda dos olhos. Eles se tinham recusado por tanto tempo a fazer o que deveriam, que perderam a capacidade de fazer o que era direito. Em pleno meio-dia tropeçavam como se estivessem no escuro. Tornaram-se como homens mortos, que já estivessem no *sheol,* aquela caverna subterrânea mergulhada nas trevas. Naturalmente, todos conhecemos as espécies de peixes que vivem no fundo do mar, onde há tão pouca luz. Esses peixes acabam perdendo os olhos, tendo apenas pequenas protrusões indicando onde aquela espécie possuíra olhos. O mesmo fenômeno aparece nas águas potáveis de lagos subterrâneos. Aquilo que não é usado, a natureza toma, e o mesmo princípio aplica-se à natureza moral e espiritual dos homens. Cf. Deu. 37.29. O Targum diz: "A luz é apagada para nós todos, tal como acontece àqueles que estão nos seus sepulcros".

> ... vós mortos nos vossos delitos e pecados.
>
> (Efésios 2.1)

59.11

Todos nós bramamos como ursos, e gememos como pombas. "Os ursos rugidores e as pombas gemedoras (vs. 11) são metáforas que apontam para

pessoas de espirito abatido. Elas começaram lamentando sobre as condições miseráveis da nação de Israel. Agora lamentavam por seus pecados. Nos tempos modernos, entristecer-se por causa do pecado, tanto o pecado pessoal quanto o coletivo, é considerado doentio" (Henry Sloane Coffin,.*in loc).* Esse autor prossegue a fim de citar alguns psicólogos modernos sobre o assunto, a fim de provar o seu ponto. Mas sabemos que há uma tristeza piedosa que conduz ao arrependimento (ver II Cor. 7.10), e o arrependimento cura. As pessoas mais iluminadas de Judá buscavam a justiça. Inúmeros membros da sociedade tinham experimentado a opressão por parte daqueles que buscavam seus próprios interesses, corrompendo os casos apresentados em tribunal, de modo que culpados eram soltos e os inocentes eram aprisionados. A justiça não era encontrada por mais que se procurasse, e não havia salvação nem livramento das forças malignas.

Não existem outros paralelos bíblicos para rugidos como o dos ursos, indicando o espírito desanimado e aflito. Quanto ao significado das pombas, ver Isa. 38.14; Naum 2.7; Eze. 7.16. Horácio escreveu algo parecido com isso em *Ep.* xvi.51, no tocante aos ursos: "circumgemit ursus ovile". Um urso faminto fica a rugir quando busca inutilmente por alimentos.

Quarta Estrofe: A Confissão da Comunidade (59.12-15a)

59.12

Porque as nossas transgressões se multiplicam perante ti. A aflição levou os israelitas a confessar toda a espécie de pecado hediondo, e isso, por sua vez, mostrou claramente *por que* Judá teve de sofrer toda espécie de castigo por parte do exílio babilônico. "0_ys. 12 é geral como os vss. 2-3, enquanto o vs. 13 é específico como os vss. 3-18. Os vss. 14-15 descrevem a conseqüência, como fazem os vss. 19-21. Esta estrofe é um autêntico léxico de termos éticos na língua dos hebreus (cf. Sal. 51)" (James Muilenburg, *in loc).*

E os nossos pecados testificam contra nós. "A comunidade [de Israel] confessou a magnitude de suas ofensivas *rebeldias* (transgressões); infidelidades (negações); desobediências (desvios); sua integridade estava totalmente corrompida" *(Oxford Annotaied Bibie,* comentando sobre este versículo). Cf. Dan. 9.5-15; Jó 12.3; 15.9. Ver também Esd. 9.6-15, que é bastante similar ao texto presente.

59.13

Como o prevaricar, o mentir contra o Senhor, o retirarmo-nos do nosso Deus. *Apostasia era* o nome do jogo: negavam a Yahweh, afastavam-se Dele, caiam na idolatria; tornavam-se opressores dos fracos; revoltavam-se contra toda lei e sanidade; possuidores de coração corrompido, dali brotavam o ódio e o ludibrio, corrompendo cada aspecto da sociedade. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Mentira* e *Linguagem, Uso Apropriado da.* Ver o uso próprio e impróprio da iíngua, em Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 32.12; 35.28; 36.3; 64.4; 66.17; 119.172 e 120.3 e 4. A NCV dá estes pecados específicos ou refere-se a eles de forma geral: pecados; voltavam-se contra o Senhor; desviavam-se; malignidades.

Sumário de Ellicott. 1. Adoração falsa e hipócrita; 2. apostasia aberta; 3. pecados contra o homem, subdivididos em: a. pecados contra a verdade; b. pecados contra a justiça.

O Targum fala em falsidade e apostasia.

59.14

Pelo que o direito se retirou e a justiça se pôs de longe. A sociedade estava corrompida e em processo de desintegração; os tribunais de justiça tinham-se tornado câmaras de terror para prejudicar os inocentes e casas para recompensar os perversos da sociedade. Toda a estrutura da comunidade tinha sido solapada. Não havia integridade, nem no nível pessoal nem no nível comunitário. Os homens caminhavam no teto, de cabeça para baixo. Os procedimentos judiciais eram espetáculos públicos de teatro que serviam aos interesses próprios dos atores. Podemos falar sobre o *dever* como uma das principais virtudes sociais, mas, quando a integridade da sociedade já foi corrompida, poucos sentirão senso de dever em fazer ou não fazer alguma coisa. Tudo cairá na mesma confusão pragmática.

A verdade anda tropeçando pelas praças. Provavelmente isso aponta para lugares de negócios ou onde os casos eram julgados."... o lugar largo, ou *agora* da cidade" (Ellicott, *in loc).* Cf. Zac. 8.16.

Não havia integridade pessoal, e assim tanto o mundo dos negócios como a lei perdiam o seu propósito, se um homem julgasse pelo que "deveria ser". Os marcos tinham sido revertidos. O *nihilismo* moral tinha tomado o lugar da lei. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Nihilismo.*

59.15a

Sim, a verdade sumiu, e quem se desvia do mal é tratado como presa. A *verdade,* que é o *guia* ideal da sociedade, tinha caído em desuso. Se alguém resolvesse agir corretamente, estava oferecendo-se ao ataque da parte de outros. Tomar-se-ia *presa* de homens iníquos que estivessem no controle das coisas. "A verdade estava em falta" (Torrey, *in loc).* A verdade tornou-se o elo ausente da sociedade. Cf. a ausência da verdade em Osé. 4.1. "Aquele que não cede diante dos vícios prevalentes da época em que vive... torna-se vítima de outros; opróbrio e alvo de zombaria para eles" (John Gill, *in loc).* Logo são encontrados mecanismos pelos quais tal indivíduo pode ser vitimado: encontrando falsas testemunhas contra ele; apresentando-o em tribunal; tomando sua propriedade e até arrebatando-lhe a vida.

Quinta Estrofe: A Divina Intervenção no Futuro (59.15b-17)

59.15b,16

O Senhor viu isso, e desaprovou o não haver justiça. A *apostasia gerai* e a corrupção tinham-se tornado tão entranhadas na sociedade que a afastavam de qualquer forma de movimento reformador. A situação tornara-se sem esperança. Não havia agentes humanos capazes de produzir mudanças. Teria de haver intervenção divina. Yahweh examinara a situação e ficara *desagradado,* porquanto não havia *justiça.* Deus ficara *espantado* (um forte *antropopatismo:* atribuir a Deus emoções humanas; ver a respeito no *Dicionário).* O Seu espanto devia-se ao fato de que Ele não encontrou um único mediador ou instrumento humano que pudesse usar para corrigir as coisas. Ele precisou fazer a obra de julgamento por Si mesmo, estendendo Seu próprio *braço* (ver Sal. 77.15; 89.10; 98.1 quanto à metáfora). O que endireitaria as coisas seria o próprio poder divino, o próprio ato de Deus. Em outras palavras, Deus curaria através do julgamento severo e eficaz; mas no final venceria o bem.

Historicamente, é provável que tenhamos em vista aqui o cativeiro babilônico; talvez, como supõem alguns estudiosos, o texto contemple a cura de Israel, através do julgamento divino, antes da era do Reino de Deus.

> *Dá-me a tua indignação — que é amor.*
> *Tua ira fere, porque tem de abençoar.*
> *Reunindo em união calma e forte,*
> *Todas as coisas na terra, acima e abaixo.*
>
> (George McDonald)

Note o leitor a série de excelentes percepções: a *ira* é *amor* em operação, porquanto produz o bem, a intenção mesma do amor. A ira é feroz, mas é *bênção* disfarçada. A ira produz bendita *união* na terra, sob a terra e acima da terra, as três esferas da existência humana.

59.17

Vestiu-se de justiça, como de uma couraça. Yahweh se vestiu e se armou como se fosse um guerreiro, porquanto iria passar julgamento. Não havia outra solução. Ele só podia curar através de dores severas, pois essa seria a única coisa que Judá compreenderia. Cf. essa figura do guerreiro divino com Isa. 42.13; 49.25; 52.10; Êxo. 15.3. A armadura de Deus é simbólica, e nela cada peça tem seu próprio significado. A cota de armas significa a *retidão.* Ver como Paulo empregou esse texto, tomando por empréstimo partes dele para seu "simbolismo da armadura" (Efé. 6.13-18). Ali e em Isa. 6.14 a couraça significa *retidão.* Então o capacete, em ambos os textos, aponta para *salvação.* Ver Efé. 6.17 quanto a isso. As *vestes* indefinidas nos escritos de Isaías apontam para *vingança;* e então uma grande peça de tecido, enrolada em torno do corpo, significa *fúria.* Note o leitor como as peças da armadura, consideradas no conjunto, representam o *julgamento* e seus resultados; a *salvação* operava através da ira. Tudo se baseava na *santidade,* o atributo de Deus que precisava ser satisfeito nos julgamentos divinos. Cf. Isa. 42.13; Êxo. 20.5; 34.13; Deu. 5.9 e Zac. 8.2. A passagem influenciou escritores posteriores, como os autores de Sabedoria de Salomão 5.17-23; Efé. 6.14-16 ei Tes. 5.8.

"A vestidura representa a *túnica curta,* que ficava por sobre o peitoral; o *manto,* escarlata em sua cor (a *chalmys* dos soldados romanos); sua cor era um símbolo apropriado para representar o zelo de Yahweh" (Ellicott, *in loc).*

Sexta Estrofe: Deus como o Redentor (59.18-21)

59.18

Segundo as obras deles, assim retribuirá. Seguindo a ordem típica das idéias, o julgamento de Judá seria seguido pela idéia da redenção; e, conforme por tantas vezes ocorre, isso acontece, pelo menos na prática, através do julga-

mento dos inimigos. Não há identificação especifica dos inimigos aqui. O vs. 21 quase certamente tem sentido *escatológico,* mas também existem intérpretes que o consideram um comentário editorial posterior.

Os inimigos identificados aparentemente estavam espalhados pelas costas marítimas referidas, embora não identificadas. Encontramos aqui uma situação de semeadura e colheita. Os inimigos de Israel foram *castigados* pelas maldades que haviam praticado. Está em mira a defesa do *povo de Deus.* Esta referência parece justificar a visão escatológica da estrofe, inteiramente à parte do vs. 21. Cf. Apo. 16.20 e o trecho paralelo de Rom. 11.26.

59.19

Temerão, pois, o nome do Senhor desde o poente. Por motivo de julgamentos não-especificados, haverá temor generalizado de Yahweh, desde as extremidades do Oriente até onde o sol se põe no Ocidente. A glória de Yahweh se estenderá de uma até a outra extremidade do céu, por sobre toda a terra. A ira de Yahweh fará estacar todos os adversários de Israel, sendo como um rio poderoso impulsionado pelo sopro do Senhor. O rio irromperá através de todas as barreiras naturais que o continham, sendo impelido o tempo todo pelo vento divino. Cf. Isa. 30.27,28. Quanto à poderosa e universal teofania, cf. Isa. 40.5; 60.1,2 e 66.18,19. Alguns intérpretes vêem aqui o julgamento poderoso da Segunda Vinda de Cristo, o instrumento que trará a era do Reino de Deus.

O original hebraico da segunda parte do versículo é obscuro, e alguns pensam que o inimigo de Israel virá como um dilúvio somente para ser detido pelo *Espírito* (e não pelo vento) do Senhor. Mas Yahweh quase certamente é o tema aqui, e o vento, o sopro divino que derrota os inimigos de Israel, é como um grande dilúvio.

> *O Senhor virá rapidamente como um rio veloz, impulsionado pelo sopro do Senhor.*
>
> (NCV)

59.20

Virá o Redentor a **Sião e aos de Jacó que se converterem.** Yahweh manifesta-se como Juiz e Redentor. Com algumas modificações (a maior parte derivada da Septuaginta), Paulo citou este versículo em Rom. 11.26, conferindo-lhe um significado escatológico, pois seu verdadeiro cumprimento trará a introdução da era do Reino. Cf. Isa. 41.14. A vinda de Yahweh a Sião tem um aspecto remidor, especificamente aos que olharem para Ele arrependidos. "Todo o Israel será salvo." Ver minha interpretação sobre isso no *Novo Testamento Interpretado.* "O julgamento, embora aterrorizante para todos quantos forem confrontados pelo Espírito de Deus, torna-se a bendita purificação de Seu povo fiel. É essa segurança da purificação de todos os males que faz um crente cantar: 'Tua justiça é a coisa mais alegre que a criação pode contemplar' (Frederick Faber)" (Henry Sloane Coffin, *in* toe).

Diz o Targum:"... o Redentor virá a Sião e entregará à lei os transgressores da casa de Jacó".

59.21

Quanto a mim, esta é **a** minha aliança **com** eles. *O Pacto Eterno.* Este pacto com Israel absorve todos os demais, como o abraâmico, o mosaico, o davídico etc. Ver o artigo denominado *Pactos,* no *Dicionário,* para detalhes sobre a idéia do pacto e, para breves descrições desses pactos, ver a Bíblia propriamente dita. O versículo seria um bom ponto de conclusão do livro e, na realidade, é uma marca de conclusão, mesmo que não tenha sido posta fisicamente no fim do livro de Isaías. O pacto foi firmado com o testemunho e a agência do Espírito. Outrossim, esse mesmo Espírito será o contínuo aplicador dos termos e do poder do pacto, e jamais permitirá que o pacto caia em desuso. As palavras do pacto serão postas na boca e no coração das pessoas com quem a aliança foi feita, e elas, inspiradas pelo Espírito, nunca deixarão de falar no pacto, professando-o e consentindo com ele de todo o coração. Essa condição passaria de geração a geração, *para sempre.* Portanto, temos as palavras de Yahweh no coração, bem como a presença interior do Espírito, que nos concede verdadeira regeneração. "Este é um dos versículos que sumariam a vida religiosa de um povo e de uma era" (James Muilenburg, *in* toe). Do ponto de vista judaico, a essência do pacto é uma vida piedosa que vive em concordância com o espírito **e** a essência da lei. Mas, colocando tudo isso na era do Reino de Deus, o Espírito Santo adicionou nova dimensão, a que chegou até nós através da missão do Messias, incluindo as Suas boas-novas a todos os homens, bem como os poderes transformadores superiores da época áurea do milênio.

"Quando o Messias retornar em julgamento (vs. 18), Ele inaugurará o Seu *pacto* (em outros lugares chamado de Novo Pacto; ver Jer. 31.31), derramando Seu Espírito sobre os israelitas crentes (ver Eze. 36.27; Joel 2.29) e insulando -*eles* Suas palavras (ver Jer. 31.33,34 e Eze. 36.27)" (John S. Martin, *in* toe).

Capítulo Sessenta

A Glória Vindoura do Senhor (60.1-22)

Paz e Prosperidade. O tema essencial deste poema é o que foi expresso no trecho de Isa. 40.5: "A glória do Senhor se manifestará e toda carne a verá, pois a boca do Senhor o disse".

Ocorrerá a vinda espetacular do dia futuro, quando resplandecer a glória do Sol Oriental, onde o sol costuma saltar acima do horizonte, com seus raios de extremo brilho iluminando a terra toda, de leste a oeste. A melancolia da maior parte do capítulo 59 de Isaías será assim de súbito revertida pelo Novo Dia, a época áurea. A Lua, naturalmente, será universal, porquanto destina-se a todos os povos, e não somente ao povo de Israel (vss. 2-3). A palavra-chave que rebrilha ao longo de todo o poema é *glória.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Glória.* Cf. Êxo. 19.16 ss.; 24.16 ss.; Deu. 5.22-27.0 Antigo Testamento, em suas revelações teofânicas, foi dado por Yahweh e usualmente manifesta o próprio Yahweh ou Suas obras significativas. São questões de fogo e de luz resplendente. Ver Isa. 6.1-30; Sal. 18.8 ss.; Hab. 3.1-17; Eze. 1.1-28.

"Essa mescla das manifestações externas e físicas com a revelação espiritual é uma das características centrais da apresentação escatológica do poeta. Vemos o sol elevando-se sobre Jerusalém, iluminando a cidade inteira em uma chama luminosa; a cidade tornar-se-á a Nova Jerusalém, onde a glória de Deus habita. As nações trarão seus presentes de ouro, prata e pedras preciosas, e os dons são designados para a adoração de Deus, em Seu santo templo. Os hebreus nunca se cansaram do que é detalhe concreto, físico, e talvez a distinção entre o que é *físico* e o que é *espiritual* nunca lhes tenha ocorrido... Por conseguinte, é um erro divorciar o que é literal e material do que é simbólico e espiritual" (James Muilenburg, *na introdução* ao capítulo 60 de Isaías).

A passagem de 60.1-62.2 do livro de Isaías contém diversos poemas sobre a glória de Jerusalém e sobre o povo de Deus, que nos fazem lembrar Isa. 40-55. O poema do capítulo 60 é uma composição elaborada, dotada de *dez estrofes.*

Primeira Estrofe: O Alvorecer da Glória (60.1-3)

Alvorecer, pois a Nova Era terá chegado. Alvorecer, pois o mundo inteiro alvorecia em Sião. Assim, o profeta dirigiu-se a Sião (a cidade de Deus, a cidade de Davi, onde ficava o templo), ordenando-lhe que se levantasse para a ocasião e refletisse o resplendor do brilho do Novo Dia em um mundo ainda mergulhado nas trevas das eras anteriores. A luz de Jerusalém seria tão brilhante que Sião serviria como a alvorada do mundo inteiro. A Luz é a *glória* de Yahweh, a Sua *salvação* no mundo; a regeneração dos povos e tudo quanto isso significa. A Luz de Yahweh será a Nova Vida da era do Reino de Deus.

60.1

Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz. Na língua inglesa, as duas primeiras palavras da frase tomaram-se tradicionais para alertar uma pessoa que dorme, mostrando-lhe que é tempo de ficar ativa. Chegaram a ser usadas nas missões espaciais pelos controladores de terra, a fim de despertar os astronautas pela manhã. Sião foi retratada como uma mulher caída de costas, derrubada pela vicissitudes da vida, mas que agora recebia ordens para aceitar a luz do Senhor. A alvorada da era do Reino tinha chegado. A glória do Senhor agora traria um Novo Dia. Sião haveria de tomar-se um grande refletor da Luz por amor a todas as nações que entrarão na época áurea. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Luz, Metáfora da.*

A *Luz* é a automanifestação de Yahweh, que transforma todas as coisas. Cf. Isa. 6.3; Sal. 57.5,11; 72.10. "Ela jazia prostrada, como que nas trevas do *sheol* (ver Isa. 51.23 e 57.9). Chegou, porém, a palavra que lhe ordenava entrar em uma vida nova, radiante com a glória do Senhor. Talvez tenhamos em Efé. 5.14 um eco, embora não uma citação destas palavras do profeta" (Ellicott, *in* toe).

60.2

Porque eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão os povos. O contraste entre *a luz e as trevas* compõe a metáfora, conforme também trato a questão no artigo chamado *Luz, Metáfora da,* no *Dicionário.* As trevas controlam o desespero do pecado-melancolia de condições e entidades sinistras. Sião sairá da melancolia em primeiro lugar, e então terá o dever e o privilégio de trazer a luz que dispersará as trevas pelo mundo inteiro. O Senhor (Yahweh) é agora a Luz, e também o Sol que se levanta para dispersar as trevas mundiais. A Luz de Yahweh redundará na Sua glória, na Sua presença e na Sua salvação. Ver no *Dicionário o* artigo chamado *Glória.* Os homens estavam tateando na anarquia moral, controlados pela anarquia moral e por forças sinistras, naturais e sobrenaturais, a. Mal. 4.2 e Sal. 84.11. Ver também Eze. 1.4-28 e 10.4.

60.3

As nações se encaminham para a tua luz. Israel reflete e torna-se a luz do Senhor, a Fonte luminosa. Isso atrairá os gentios que estarão fugindo de suas

trevas para o *brilho* da Luz. A Luz tem uma atração magnética para os olhos daqueles que estão em trevas. Ela destaca a possibilidade de uma nova esperança. A vida está na Luz, e os que estão no vale e na sombra da morte fogem de seu estado mórbido, buscando nova vida e novos propósitos na vida. As nações se dirigirão para a Cidade Santa (ver Isa. 2.2-4; Miq. 4.1-5). A era messiânica terá alvorecido. Será o dia da salvação para todos. Haverá o resplendor da Nova Alvorada. Cf. Isa. 101.17; Sal. 104.2; Miq. 7.8. Ver também Mat. 4.16, que tem palavras bastante parecidas com as do presente texto.

Segunda Estrofe: As Riquezas das Nações (60.4-5)

60.4

Levanta em redor os teus olhos, e vê. Agora Sião será a Mãe Universal, chamada a contemplar e observar a beleza de seus filhos (todas as raças) que correrão a ela, *voltando para casa.* Todas as ovelhas desviadas são recolhidas, as que pertencem ao rebanho de Israel e as que pertencem a outros rebanhos (ver João 10.16). Todos os rebanhos terão o mesmo pastor e participarão da mesma salvação.

Tuas filhas são trazidas nos braços. Esta é uma alusão ao costume oriental de a mãe carregar sua criança sobre os lombos, enquanto caminha, prática que ainda prevalece nos países do Oriente. Assim sendo, filhos e filhas, pequenos e grandes, chegam correndo, e até crianças pequenas (que ainda mamam) são transportadas nos quadris maternos. Alguns filhos chegarão caminhando, outros chegarão correndo, outros chegarão carregados -^mas todos chegarão. Será uma cena jubilosa.

60.5

Então o verás, e serás radiante de alegria. Os povos chegarão por via marítima. Será uma reunião universal. Olham para cima e vêem Jerusalém, a cidade dourada, brilhando tanto à distância, que seus olhos se iluminarão de júbilo. Os olhos da Mãe Jerusalém também se iluminarão, ao ver ela o maravilhoso ajuntamento. Todos eles são pessoas remidas (ver Isa. 11.9), e algo totalmente extraordinário terá acontecido. Isso tudo porque Yahweh é a Alvorada, e Ele se ergueu sobre o mundo. As nações trarão suas riquezas a Jerusalém, que se tornará a cidade mais rica e poderosa do mundo. Ela se tornará a capital e a cabeça das nações. As maiores riquezas são de natureza espiritual, pois haverá salvação universal. "Glória é uma palavra que algumas vezes significa riquezas (ver Gên. 13.2; 45.13; Sal. 49.17; Naum 2.9) e, conforme informo ao leitor na introdução a estes capítulos, o material e o espiritual mesclam-se aqui, em um simbolismo que a concreta mente dos hebreus inventou. "A pobreza da cidade terá sido substituída pelas riquezas (45.14; 61.6)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Ver também Isa. 60.11; Hab. 2.7,8; Zac. 14.14.

Terceira Estrofe: A Homenagem e o Tributo do Oriente (60.6-7)

60.6

A multidão de camelos te cobrirá, os dromedários de Midiã e de Efá. No vs. 5, vimos as riquezas dos povos marítimos, que traziam suas riquezas a Jerusalém. Agora o povo que vivia no interior dos países empregavam veículos terrestres, como o camelo, para trazer a Jerusalém as riquezas das nações circundantes. Trás *nações* são mencionadas neste versículo: *Midiã,* ao sul do mar Morto; *Efá,* um ramo dos midianitas, visto que Midiã era pai de Efá (ver Gên. 25.4; I Crô. 1.33); e *Sabá,* provavelmente os sabeus do sudoeste da Arábia. Ver sobre todos esses nomes próprios no *Dicionário,* quanto a detalhes. Todos os habitantes desses países trarão seus produtos, entre os quais ouro e incenso e, juntamente, riquezas espirituais, porquanto também publicarão os louvores de Yahweh. Novamente, o material e o espiritual se mesclarão em uma única riqueza da alma.

60.7

Todas as ovelhas de Quedar se reunirão junto de ti... Nebaiote. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Quedar* e *Nebaiote.* Quedar ficava no norte da Arábia, e Nebaiote, ao que tudo indica, era uma tribo árabe, pois esse nome designa o filho mais velho de Ismael (ver Gên. 25.13). Esses trarão seus produtos e ministrarão a Jerusalém. A especialidade deles eram animais domesticados em grandes números. Eles trarão animais para serem sacrificados, e estes serão aceitos por Yahweh, em Seu culto. Nesses povos, Yahweh glorificará Sua casa e exaltará o culto a Si prestado, e as nações tomar-se-ão uma só em sua fé religiosa. "O pensamento primário é que o templo será suprido de sacrifícios com base nos rebanhos inexauríveis daquelas regiões" (Ellicott, *in* toe). "Durante a Nova Era, o templo será restaurado como a habitação da glória de Deus (ver Isa. 63.15; 64.11)" (James Muilenburg, *in* toe), e talvez novamente devamos compreender aqui a mescla do material com o espiritual, que a concreta mente dos hebreus não separava em suas descrições).

Quarta Estrofe: Flotilhas de Exilados Vindos do Ocidente (60.8-9)

60.8

Quem são estes que vêm voando como nuvens...? Os vss. 5-7 falam de povos distintos que se precipitarão sobre Jerusalém, vindos de diferentes direções e chegando em diferentes veículos. Agora o profeta volve os olhos para o Ocidente e vê os navios do Mediterrâneo trazendo suas cargas a Jerusalém. Mas a carga principal são os próprios filhos de Israel que estarão voltando à sua Mãe.

Quem são estes? Cf. Isa. 63.1; Can. 3.6 **e** 8.5. **A** distância, os olhos do profeta viu os mastros brancos de velas enfunadas aproximando-se rapidamente de seu alvo, a Cidade Santa. Milhares e milhares de exilados estarão voltando para casa, e a população de Jerusalém aumentará incrivelmente. Estamos vendo aqui a reunião de exilados vindos da dispersão romana, uma grande reversão histórica que significará a total restauração de Jerusalém para que ela entre na época áurea. Os filhos que assim retornarão não chegarão de mãos vazias, mas, antes, como aqueles que fugiram do Egito, virão carregados de bens preciosos e muito caros.

> *O povo está retornando a Ti, como nuvens. Eles são como pombas voando para os seus ninhos.*
>
> (NCV)

60.9

Certamente as terras do mar me aguardarão. Entre os muitos navios que se parecerão como pombas voando para seus ninhos, estarão os navios de Társis. Eles estarão sobrecarregados com a preciosa carga de milhares de filhos de Israel que retornam à Terra Prometida. E com eles também vem muita riqueza sob a forma de ouro e prata. Eles não chegarão de mãos vazias, mas trarão riquezas a Jerusalém. Tudo isso acontecerá para honrar a Yahweh, o Deus deles, que é a causa dos acontecimentos mundiais. Ele é quem trará de volta os filhos de Israel, e será louvado por isso. Ele é o *Santo de Israel* (ver no *Dicionário)* e operará essas coisas maravilhosas. Jerusalém tinha sido glorificada por Yahweh, e a volta de seus filhos é parte dessa glorificação. Jerusalém, uma vez glorificada, glorificará a Yahweh, Aquele que opera maravilhas. Os filhos de Israel trarão riquezas para honrar a Yahweh, e O honrarão com a própria vida. Uma vez mais, o espiritual e o material mesclam-se na mesma declaração. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Társis.* Isso representa lugares distantes, na extremidade do mundo então conhecido pelos judeus.

Quinta Estrofe: A Restauração das Muralhas e a Riqueza das Nações (60.10-12)

60.10

Estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão. Continua aqui o tema da glória vindoura do Senhor. Na história passada, poderes estrangeiros invadiram Judá para destruí-la, especialmente a capital, Jerusalém. Isso será anulado e revertido, pois agora veremos nações "invadindo" Jerusalém para reconstruí-la! Nações chegarão com tributo e devoção, e não com exércitos destruidores. Virão para fazer o bem, não para praticar o mal. Virão como filhos, não como inimigos.

Não nos convém pressionar atrás de detalhes, conforme faz a posição do *quiliasmo.* Ver sobre esse termo no *Dicionário.* Não sabemos dizer se a Jerusalém do milênio terá muralhas literais ou não, nem se povos estrangeiros tomarão sobre si o dever de construir tais muralhas. Pressionando no que é figurado, talvez percamos de vista o sentido espiritual. A honra, a força e a proteção de Jerusalém são dadas pelos "filhos vindos de longe". Eles virão como *edificadores,* material e espiritualmente falando. As nações enviarão seus elementos de escol para ajudar, e não meramente indivíduos subordinados. Aquela gente tinha sido ferida por Yahweh, conforme sucedeu também ao povo de Israel, mas o dia de ferimentos estava esquecido no passado, e o amor, a misericórdia e a graça tinham tomado o lugar desses castigos. Não admira, portanto, que a reconstrução seja tão grande e tão eficaz! O objeto específico dos antigos castigos enviados era Jerusalém, e assim também agora esse lugar e esse povo são os objetos específicos da reconstrução por parte de estrangeiros, que tinham sido antigamente os instrumentos dos castigos. O pecado causara os castigos. O arrependimento e a salvação serão a causa da reconstrução.

60.11

As tuas portas estarão abertas de contínuo. Não haverá perigos escondidos "lá fora". Antes, haverá paz e harmonia: Atos militares e criminosos terão terminado. Por isso, as portas da cidade poderão ficar abertas tanto de dia quanto

de noite, e Jerusalém será uma cidade que nunca dorme. As riquezas continuarão a derramar-se sobre ela continuamente, vindas de toda a parte. E o bem-estar espiritual fluirá sobre a cidade como se fossem as águas do rio Amazonas. Reis dirigirão cortejos em redor da cidade em honra a Yahweh. Apo. 21.24-27 depende deste poema, provendo um comentário divino sobre o seu significado. Cf. Zac. 14.14. Desde o mais ínfimo até o mais importante, todos os homens serão servos tanto de Jerusalém quanto de Yahweh. Isso será assim porque o grande dia da salvação de Deus terá chegado, a grande utopia espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Milênio,* quanto a maiores detalhes.

60.12

Porque a nação e o reino que não te servirem, perecerão. Quase certamente, este versículo é uma glosa feita por um editor posterior que compreendeu mal a elevada natureza espiritual do poema, injetando-a em uma antiga advertência que dizia: "se vos desviardes do caminho". Alguns intérpretes dispensacionalistas fazem esse belicoso sentimento aplicar-se ao fim do milênio, vendo aí um paralelo de Apo. 20.7-10, a revolta final de Satanás e a confusão que se espera que ele causará na terra. Cf. Zac. 14.17,18, trecho similar ao presente, mostrando uma série de ameaças a povos desobedientes durante a era do Reino. Mas parece melhor ficarmos com a teoria da "adição" ao versículo, porquanto essa parte foi escrita em forma de prosa, enquanto o resto é poesia.

Sexta Estrofe: O Templo Será Reconstruído (60.13-14)

60.13

A glória do Líbano virá a ti; o cipreste, o olmeiro e o buxo conjuntamente. A Nova Jerusalém não seria adequada sem um Novo Templo. Mas note o leitor que não temos aqui menção ao templo espiritual de Apo. 21.22, onde o Senhor e o Cordeiro são o templo. Uma linha de raciocínio é que a Jerusalém literal, terrena, uma vez restaurada, terá o seu templo, enquanto a Jerusalém celestial não terá templo algum. O fato é que o Líbano, que antigamente forneceu madeira para a construção do templo (ver I Reis 5.8-10), novamente contribuirá. O Novo Templo, portanto, apropriadamente embelezado, tomar-se-á o escabelo do Deus Todo-poderoso e será um lugar de Suas manifestações especiais. Ver no *Dicionário o* artigo chamado *glória Shekinah.* Quanto ao escabelo de Yahweh, ver Sal. 99.5; 132.7 e I Crô. 28.2. Quanto à ornamentação do santuário, ver Jer. 17.12.

60.14

Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram. *Antigas hostilidades milenares* serão eliminadas em meio à harmonia universal. Os salvos dentre as nações serão irmãos dos salvos de Israel. Os opressores tomar-se-ão amigos; os que antes queriam governar Israel serão subservientes. Jerusalém será conhecida como a Cidade do Senhor, Sião, a cidade do *Santo de Israel* (ver a respeito no *Dicionário).* Jerusalém tornar-se-á a capital religiosa do mundo, mas a antiga fé de Israel, de forma nova e elevada, terá a ascendência.

Sétima Estrofe: A Cidade Eterna (60.15-16)

60.15

De abandonada e odiada que eras, de modo que ninguém passava por ti. Encontramos aqui uma Jerusalém completamente diferente, tanto em beleza quanto em glória. Em certos períodos de sua história, Jerusalém podia ser tudo, menos gloriosa, e certamente não era exaltada por outras nações. Antes, era o objeto de ódio e campanhas de destruição. Mas Jerusalém está destinada a tornar-se uma das cidades verdadeiramente grandes em todo o mundo. Antes era um lugar *abandonado* (ver Isa. 54.6,7), mas será *altamente exaltada* (ver Isa. 1.24 e Eze. 16.1-63). Tendo atingido sua glória e posição, a cidade reterá essa condição por longo tempo, de era para era, e será a *alegria* de todas as nações, um lugar proveitoso de ser visitado quanto ao comércio, à erudição, ao estudo e à prática da religião."... abandonada, a figura da filha de Sião, que tinha sido uma esposa abandonada e desprezada (cf. Isa. 62.4), mistura-se com o quadro üteral de uma cidade arruinada, abandonada e sem visitantes" (Ellicott, *in loc).* Esse passado lamentável será obliterado na elevação de Jerusalém como a principal das cidades do mundo.

60.16

Mamarás o leite das nações, e te aiimentarás ao peito dos reis. Jerusaém, como uma criança faminta, mamará o leite das nações e sugará o peito dos 'eis, metáfora estranha mas compreensível. Haverá ali grandes riquezas e suprimento, para as nações gentílicas, e Jerusalém absorverá tudo isso e será supemutrida. Cf. Isa. 49.23 e Eze. 16.1-63. As últimas duas linhas do versículo repetem Isa. 49.26. Yahweh será a causa de toda essa prosperidade. E será reconhecido como Salvador e Redentor, o Poderoso de Israel, o mesmo acúmulo de nomes divinos que se vê no versículo que acabamos de mencionar. Esse acúmulo de nomes permite-nos compreender que foi necessária uma *intervenção divina* para conseguir o que foi dito. Yahweh controla os eventos da existência humana, tanto pessoal quanto nacional. Ver Isa. 13.6, onde desenvolvo o tema. Note-se, novamente, que o material se mescla com o espiritual, em uma mistura que nossa interpretação não deve tentar separar. Os mercados e distritos comerciais de Jerusalém estão ocupados e cheios de produtos que demonstram suas riquezas, mas também há uma igreja em quase cada esquina.

Oitava Estrofe: Prosperidade e Paz da Nova Jerusalém (60.17-18)

60.17

Por bronze trarei ouro, por ferro trarei prata, por madeira bronze, e por pedras ferro. Sião será transformada externa (materialmente) e internamente (espiritualmente) no milênio. O poeta parece relembrar a idade de Salomão, tão grande para seu tempo, e, de fato, a época áurea da história de Israel (ver I Reis 10.14,17,22,17), mas pequena quando comparada à Jerusalém da época áurea futura. Todas as coisas básicas relativas serão transformadas em coisas nobres: o bronze será substituído pelo ouro; o ferro será substituído pela prata; a madeira será substituída pelo bronze. Dons e tesouros fluirão para a Jerusalém restaurada, o que fará o período da Jerusalém da época de Salomão ser comparada a um pardieiro. A *paz* (personificada) seria o superintendente nacional. O novo capataz será a *retidão.* Novamente, as figuras materiais mesclam-se com as figuras espirituais. Yahweh é Paz; Yahweh é Retidão. Na época de Salomão, havia superintendentes e capatazes duros. O povo foi "impulsionado a ser grande", e pesados impostos foram cobrados para sustentar o estilo de vida de Salomão. Reoboão aumentou a carga e logo o Reino se dividiu em dois, o reino do norte e o reino do sul, por causa da revolta de Jeroboão contra os abusos. Ver I Reis 12 quanto à história. Em vez de tais abusos, paz e retidão controlarão as coisas.

60.18

Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra. No passado, a *violência* era uma palavra diariamente usada; a *devastação* atuava dentro das fronteiras de Israel. A sobrevivência dependia de a pessoa ser mais eficazmente violenta do que os opressores. Agora, porém, o nome das muralhas é *salvação,* isto é, intervenção divina e proteção. Os portões serão agora chamados Louvor (ver Isa. 60.6), porquanto nunca se deixam esmagar por homens violentos, e os portões guardam um povo próspero, feliz e espiritualmente poderoso. Grande prosperidade entrará através dos portões, em vez de inimigos invasores. Ver Isa. 60.6, e cf. Isa. 9.1-17 e 11.1-9. Jerusalém foi louvada pelo lado de dentro e pelo lado de fora. Quanto às *muralhas da salvação,* cf. Isa. 26.1.

Nona Estrofe: Deus é a Luz Eterna e a Glória de Sião (60.19-20)

60.19

Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará. Esta estrofe retorna aos símbolos dos vss. 1-3, que iniciam o poema. A *glória,* que figura no começo do poema, é vista a espalhar sua luz sobrenatural em redor do mundo. Temos aqui a glória da luz eterna. Não há mais necessidade para sol e lua literais, porquanto Yahweh é a Luz. Portanto, temos aqui uma nova espécie de ato criado. Cf. Gên. 1.3-5 quanto à luz original, e ver Gên. 1.14-19 quanto ao sol e à lua. Estamos tratando de qualidades materiais e espirituais mescladas. Quanto à versão paralela sofisticada, ver Apo. 21.23-25. Todas as coisas são espiritualizadas de tal modo que sol e lua não somente não serão mais necessários, nem ao menos existirão. Para compreender isso, temos de pensar nos mundos celestiais. A Presença de Deus torna-se permanente, e não apenas um fenômeno ocasional.

Nem com o seu resplendor a lua te alumiará. O texto do manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto, com base da Septuaginta, das antigas versões latinas e do Targum, diz: "dará a sua luz à noite". O texto massorético, porém, omite as palavras "à noite". Ocasionalmente, os manuscritos hebraicos de Isaias dos Papiros do Mar Morto concordam com as versões e discordam do texto massorético. Quanto à importância desse fenômeno para a crítica textual do Antigo Testamento, veras notas sobre Isa. 26.19, com gráficos ilustrativos acompanhantes.

A Luz Eterna. Pelo momento, qualquer necessidade de luz terrena deve ser esquecida. Nossa mente é elevada até a Jerusalém lá do alto, e ali encontramos uma poderosa luz, que é o Sol-Yahweh. Ali vemos Elohim, que é glorioso. As duas coisas são uma só, apenas nomes diferentes para a mesma pessoa. Assim obtemos o *Sol-Yahweh-Glória-Elohim,* e essa é a Luz eterna que substituirá todas as outras formas de luz. Não se espera que indaguemos do poeta se ainda

existirá a Jerusalém terrestre, uma cidade física e literal, e também uma Jerusalém celestial. Antes, devemos simplesmente compreender um grande acontecimento e estado espiritual em que os homens que estão na Luz receberão a vida eterna. Compreendemos, com base no Novo Testamento, que os homens compartilharão a natureza divina, pelo que se tornarão luzes divinas, como filhos que são do Pai celestial (II Ped. 1.4; I João 3.2). Mas as descrições do Antigo Testamento nunca atingem o topo da montanha. As descrições do poeta tornam-se cada vez mais ousadas e transcendentais, até não nos encontrarmos mais na esfera terrena, embora, quando começamos, ainda tivesse sentido falar na Jerusalém terrena.

60.20

Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará. *O sol percorre o seu ciclo* e deixa o homem em trevas por metade do tempo. A lua também torna-se cada vez mais fraca em seu resplendor, por um período a cada mês. Os antigos não sabiam como explicar esses ciclos. Por outro lado, a Luz eterna não passará por ciclos de enfraquecimento. Por isso, o tempo da vida eterna será também de alegria perpétua. Cf. Isa. 35.10; 51.11; 65.18,19; 66.10; Apo. 21.4. O claro dia de Deus está chegando, e o dia de tribulações e testes está quase passando. A época em que o sol se põe no horizonte e em que acontecem eclipses está quase terminada.

Quando eu chegar ao fim do meu caminho,
Quando eu descansar no final do dia de vida,
Quando, recebido no lar, eu ouvir o Rei;
Oh, isso será o nascer do sol para mim!

Nascer do sol amanhã, nascer do sol amanhã,
O nascer glorioso do sol espera por mim.
Nascer do sol com Jesus, por toda a eternidade.

(William C. Poole)

Décima Estrofe: O Novo Povo para o Novo Tempo (60.21-22)

60.21

Todos os do teu povo serão justos, para sempre herdarão a terra. "E assim todo o Israel será salvo" (Rom. 11.26). A chamada evangélica tem sido 100% eficaz. Todo o povo será justo, e podemos supor que o mesmo será verdadeiro para todas as nações, pelo menos no começo do milênio. Esse será o mais surpreendente aspecto da utopia geral. Isso, porventura, significa que a Israel terrena continuará a existir juntamente com outros reinos, em tão fantástico estado espiritual, mas aqui na terra? Significará que haverá imortalidade mediante algum meio misterioso, sem o processo da vida-morte-vida? Ou será que essa "herança da terra" significa a terra celestial? Haverá alguma distinção entre Israel e a igreja; e, em caso positivo, qual distinção? Os intérpretes debatem-se com essas questões e dizem mais do que realmente sabem. Alguns supõem que tenhamos aqui *ideais escatológicos* que não devem ser pressionados quanto aos detalhes.

Seja como for, mediante duas metáforas, uma *agrícola* (o plantio) e a outra *criacional* (a Nova Criação), foi-nos dado entender que a questão toda será uma obra miraculosa de Deus. E assim como o poder de Deus dirige todos os acontecimentos humanos (ver as notas expositivas em Isa. 13.6), o Seu poder também dirigirá todas as questões escatológicas. Todas as obras demonstrarão a grandeza de Deus.

Para Israel, a *salvação futura* aponta para a *possessão eterna da Terra Prometida.* Cf. Isa. 49.8; 57.13; 58.14; 61.7; 65.9; Amos 9.15; Sal. 25.13; 37.9,11. Quanto ao fato de que Yahweh *plantará* o Seu povo, ver Isa. 5.1-17 e 61.3. Quanto a Israel *formada* por Yahweh, ver Isa. 37.26; 43.1 e 44.21,24.

60.22

O mais pequeno virá a ser mil, e o mínimo uma nação forte. Na futura economia de Deus para Israel está o ideal da *grande multiplicação* (um ideal do pacto abraâmico, comentado em Gên. 15.18). Assim sendo, uma única pessoa tornar-se-á um clã, e um clã tomar-se-á uma poderosa nação. Dessa forma, bem em meio a todas as declarações e metáforas sobrenaturais e transcendentais, somos mergulhados na questão da procriação e multiplicação de pessoas terrenas, a menos naturalmente que essas afirmações sejam consideradas figuradamente. Yahweh, o grande Eu Sou, apressará o processo e a realização do grande ideal da multiplicação.

A obra *República* (VI.492), de Platão, tem um ideal similar: "Não quero que sejais ignorantes de que, no estado mal presente dos governos, qualquer coisa que seja salva e se torne boa, é salva pelo poder de Deus, conforme poderíamos dizer na verdade".

Capítulo Sessenta e Um

Alegres Novas de Salvação para Sião (61.1-11)

-4 *Vinda do Messias. "A Missão a Sião.* Este poema nos faz lembrar dos Cânticos do Servo, nos capítulos 42-53 do livro de Isaías, especialmente a porção de Isa. 50.4-11" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre primeiro versículo deste capítulo). Este é um excelente poema que ilustra as operações da mente Oriental, com seu resplendente simbolismo e seus sentimentos profundos. Certamente este poema aplica-se à era do Reino de Deus, mas reveste-se de caráter universal que pode falar de qualquer época. Jesus começou Seu ministério na sinagoga de Nazaré citando essas palavras (ver Luc. 4.16-20) e assim imortalizou-as para sempre como divinas e messiânicas. O poema destaca o mais elevado dos temas escatológicos: salvação, louvor, alegria, glorificação de Deus, o povo reto, os atos de semear e plantar, as nações estrangeiras e a proeminência de Sião entre os povos. "A seqüência dos pensamentos nos capítulos 60-62 nos faz lembrar da seqüência em Isa. 52.13-53.12. Primeiramente foi retratada a futura exaltação do Servo, em seguida, Sua missão dolorosa e, finalmente, a recompensa de Deus no sucesso de Sua missão" (Henry Sloane Coffin, *in* toe).

Primeira Estrofe: O Evangelho Profético do Arauto (61.1-3)

61.1

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Jesus, o Cristo, é o Servo aqui, e não a nação de Israel. Jesus aplicou essas palavras a Seu próprio ministério, em Luc. 4.16-20. Ele iniciou Sua missão em Nazaré com essas palavras. A missão também não é a missão do profeta que deu o oráculo. Antes, está em vista o *Profeta Escatológico,* o Messias. Foi sobre Ele que o Espírito Santo repousou de maneira toda especial, garantindo-Lhe o sucesso. Cf. Isa. 42.1; 59.21; Núm. 24.2; Miq. 3.8; Zac. 7.12.0 Servo Especial foi ungido. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção.* Ele foi *nomeado* por decreto divino para realizar Sua tarefa. Foi designado para pregar as *boas novas,* e **a** Septuaginta tem a palavra familiar *euaggelion,* para indicar os evangelhos. Ver as notas expositivas em Isa. 40.9 quanto ao primeiro uso do termo no Antigo Testamento. Ver também Isa. 41.27 e 52.7. Sua missão foi ajudar os aflitos e pensar as feridas dos que tinham o coração ferido. "O Servo é o Grande Médico, e não meramente o evangelista" (Ellicott, *in* toe). Ele é, igualmente, o grande Libertador que conduziu o mundo inteiro ao Ano de Jubileu (Lev. 25.10; Eze. 46.17 e Jer. 34.8). Ele também abrirá todas as prisões e libertará os prisioneiros. A Septuaginta adiciona aqui: "Para recuperar a visão dos cegos", que faz parte da citação no Novo Testamento, visto que quase sempre as citações do Antigo no Novo Testamento são extraídas da Septuaginta, e não do Novo Testamento.

61.2

A apregoar o ano aceitável do Senhor. No quarto capítulo de Lucas, essa é a linha que termina a citação da passagem feita pelo Senhor Jesus. Cf. Isa. 49.8. Talvez o Ano do Jubileu ainda estivesse na mente do profeta, o ano especial de libertação de todas as dívidas. Na aplicação do Novo Testamento, está em vista um tempo especial e oportuno para a missão messiânica, que foi cumprido pelo próprio Messias, em concordância com o cronograma de Deus. Está em pauta o tempo do ministério público do Messias. Alguns eruditos pensam estar em foco a *dispensação do evangelho;* mas essa idéia é menos provável.

O dia da vingança do nosso Deus. Alguns preferem a palavra *salvamento* à *vingança,* que está mais em consonância com a primeira cláusula. Mas o julgamento do mal necessariamente acompanha e contrasta o tempo da oportunidade, pois nem todos os homens aproveitam suas oportunidade^ Os usos na língua ugaritica provèem certo número de instâncias em que *salvamento* é o significado da palavra cognata. Se vingança é a palavra realmente em foco, então talvez esteja em pauta o instrumento que a realizará antes da era do Reino. Cf. Isa. 34.8; 35.4 e 63.4. "A vingança é um julgamento ocasional necessário para remover obstáculos pela graça de Deus... A igreja do Novo Testamento, olhando de volta para a vinda de Cristo... via tanto salvação quanto julgamento (ver Luc. 2.34; II Cor. 2.15,16; João 9.39)" (Henry Sloane Coffin, *in* toe).

A consolar todos os que choram. A graciosa obra do evangelho inclui a consolação daqueles que estão tristes em suas tragédias pessoais, daqueles sobrecarregados pelo pecado, bem como das reversões gerais que a vida humana traz.

Alguns intérpretes vêem especificamente o consolo de Israel após a Grande Tribulação como algo em pauta aqui (cf. Dan. 7.21,24,25 e Apô. 12.13-17), mas

isso parece ser específico demais. Diz a NIV: "Para consolar todos os que choram". Essa é a generalização provavelmente tencionada.

61.3

E a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas. Continua aqui a lista das obras da missão do Messias. Acompanhe o leitor estes seis pontos:

1. A idéia do consolo aos que choram continua aqui. O Messias dará bênçãos e graças especiais para aliviar-lhes a tristeza.
2. Em vez das cinzas da lamentação, Ele lhes dará a coroa dos vitoriosos. Aquele que chorava punha cinzas sobre a cabeça em sinal de tristeza; mas o Messias, em lugar disso, colocará uma coroa. O profeta Isaías não entrou em detalhes, mas todos sabemos no que consiste a tristeza humana e de quantas maneiras ela se manifesta.
3. O azeite de oliveira, quando aplicado ao rosto e aos cabelos das pessoas, soergue-lhes o espírito (ver Sal. 23.5; 45.7; 104.15; Eclesiastes 9.8; Mat. 6.17 e Heb. 1.9); também era um ato especial de hospitalidade a um amigo. Essa seria outra reversão do estado humilde dos que choravam.
4. Também havia o manto de louvor mediante o qual uma pessoa se vestia para demonstrar a honra que havia recebido da parte do doador. Uma veste brilhante era outro sinal de alegria e podia aludir às vestes de *justiça* dadas pelo Salvador (cf. Isa. 54.14; 58.8; 60.21; 62.1,2). Os que tinham o espírito desmaiado ganhariam assim coragem, a despeito dos inevitáveis desencorajamentos da vida.
5. Pessoas assim tão favorecidas pelo Messias tornam-se *carvalhos de retidão* que crescem na floresta de Deus. Cf. Isa. 60.21.
6. Esses crentes serão plantados pelo próprio Yahweh e, nesse trabalho, Ele será glorificado e os crentes serão beneficiados. "Como excelentes carvalhos, eles exibem o esplendor de Deus (cf. Isa. 35.2; 46.13; 55.5; 60.9,21; 62.3). Ver também João 15.8. Eles se revestem de força, durabilidade e beleza, qualidades que tornavam os carvalhos árvores distintas. O *carvalho,* como é lógico, é uma das madeiras *nobres* prezadas pelos edificadores. O Messias será glorificado pela graciosidade e qualidade de Suas obras em favor dos necessitados. Cf. o versículo com Sal. 1.3; 52.8 e Jer. 17.8.

Segunda Estrofe: Restauração e Prosperidade (61.4-5)

61.4

Edificarão os lugares antigamente assolados. Cf. os vss. 4 e 5 com Isa. 60.10,11. A essência da declaração é: "Será desmanchada toda a história passada das desolações de Israel". E isso pela restauração que ocorreria. A inauguração da época áurea seria uma providência divina que reverteria todas as derrotas passadas. Alguns estudiosos encontram aqui a idéia do vs. 5, supondo que os "estrangeiros", que foram instrumentos das devastações passadas, também seriam instrumentos na reconstrução, ou melhor, *ajudariam* no empreendimento da restauração.

61.5

Estranhos se apresentarão e apascentarão os vossos rebanhos. A criação de animais domesticados e o cultivo agrícola serão atividades de que os estrangeiros se ocuparão; e eles ajudarão a fazer o deserto medrar como uma rosa (ver Isa. 35.1). Cf. Isa. 14.1 e 60.10. O profeta Isaías misturou o material com o espiritual, e viu uma participação comum na agricultura literal e nos frutos da justiça, mas o ponto central da afirmação é que estrangeiros seriam sujeitados e fariam coisas em Israel, incluindo o trabalho árduo, que antes tinham sido feitos somente por Israel, em seu próprio favor. Mediante tais descrições, o profeta exaltou Israel como cabeça das nações. Ver Isa. 24.23. Os capítulos 60-62 de Isaías formam uma espécie de trilogia do Reino, contando-nos a mesma história.

Terceira Estrofe: Preeminência da Prosperidade Espiritual e Material de Sião (61.6-7)

61.6

Mas vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros de nosso Deus. Durante a época áurea, Israel se elevará espiritual de tal maneira que os estrangeiros respeitarão os israelitas como se todos fossem sacerdotes, ministros de Yahweh, ao passo que antes os desprezavam. Esse fator se revestirá de importância para que Jerusalém se torne a capital espiritual do mundo. "Ser um judeu é ser um sacerdote" representará a atitude dos que estiverem fora de Israel. A prosperidade e o prestígio espiritual terão como paralelo a prosperidade material. Esse era o antigo *ideal* dos hebreus que se tornará realidade durante a era do Reino de Deus. Cf. este versículo com Êxo. 19.6 e I Ped. 2.9 — o ideal de "todos os crentes como sacerdotes". Israel terá funções sacerdotais, como a instrução e a intercessão (ver Isa. 45.14,15; 60.14; 66.21). Note a expressão "nosso Deus", que parece incluir os estrangeiros sob a mesma orientação espiritual.

Na sua glória vos gloriareis. Diz a Septuaginta: "Sede glorificados". Mas o manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto, juntamente com as versões da Vulgata Latina e do siríaco, além do Targum, diz: "vos jactareis" ou "agireis orgulhosamente". Algumas vezes, os manuscritos hebraicos (existem dois deles) de Isaías, da coletânea dos Papiros do Mar Morto, concordam com as versões (usualmente a Septuaginta) e discordam do texto massorético padronizado, com base no qual nossas traduções têm sido feitas. Ver a importância desse fenômeno para a crítica textual do Antigo Testamento nas notas sobre Isa. 26.19, onde apresento um gráfico ilustrativo. Alguns estudiosos traduzem a palavra dos Papiros do Mar Morto como "glória", e isso a torna mais moralmente aceitável para a espiritualidade do texto.

61.7

Em lugar da vossa vergonha tereis dupla honra. Israel, na qualidade de cabeça das nações, material e espiritualmente falando, terá *dupla porção,* própria de um filho primogênito, durante a era do milênio, sendo exaltado acima dos demais "filhos". Ver Deu 21.17 quanto à lei da herança. Haverá grande regozijo entre os filhos de Israel, porque será revertida a antiga vergonha perante as nações, tornando-se glória e prestígio especial. A glória e a prosperidade aumentarão em uma alegria eterna. Cf. Isa. 60.20. A Luz eterna jamais deixará de resplandecer e redundar em glória para Israel. Isso posto, haverá dupla compensação pelos anos de tristeza que Israel teve de enfrentar. Ver Zac. 9.12 e Isa. 35.10. A vergonha fora dupla; o sofrimento fora duplo; a recompensa e a glória também serão duplas. Quanto à alegria eterna, ver Isa. 61.3,10.

Quarta Estrofe: O Povo Bendito do Pacto Eterno (61.8-9)

61.8

Porque eu, o Senhor, amo o juízo, e odeio a iniqüidade do roubo. Os pecados que degradam uma nação e causam opressão interna e externa serão totalmente eliminados na era do Reino, provendo assim a "atmosfera moral" que tornará possíveis as bênçãos da época áurea. Yahweh estabelecerá os padrões morais e espirituais, punirá o mal e recompensará o bem. Visto que as condições morais de Israel terão sido revertidas, assim também o amor e a justiça de Yahweh O compelirão a abençoar e estabelecer o pacto eterno com Seu povo. Quanto a esse pacto, cf. Isa. 54.10; 55.3 e 59.21. Ver também Gên. 9.9-17; Jer. 32.40 e Eze. 16.60. O Senhor é o grande Galardoador. Ver no *Dicionário* o verbete *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

61.9

A sua posteridade será conhecida entre as nações. Israel elevar-se-á até tornar-se cabeça espiritual das nações; sua superioridade será alegre e livremente reconhecida, e nesse poder espiritual haverá bênçãos abundantes para todas as nações. "Em Judá, todas as nações verão a fidelidade e a bênção de Deus" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 8-9). Haverá tanto reconhecimento quanto participação nas provisões de Deus para a época áurea, material e espiritualmente falando. O mundo, e não apenas Israel, atingirá o estado de utopia. Cf. Isa. 65.23. Este versículo indica uma mescla de povos. Os judeus, como sempre, estarão "ali", em muitos empreendimentos entre as nações, e cada qual será reconhecido como *especial* em seu próprio lugar, um exemplo de como Yahweh terá abençoado o Seu povo em todos os lugares.

Quinta Estrofe: Hino de Ação de Graças e Louvor (61.10-11)

61.10

Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus. Um hino do Reino segue-se à excelente descrição do que acontecerá no Reino. Cf. Isa. 42.10-13 e 45.8. Os olhos do profeta viram o cumprimento do ideal, e seus ouvidos ouviram o hino de louvor, por causa do grande feito realizado. Portanto, temos aqui uma apta conclusão para as *boas-novas* iniciadas em Isa. 61.1-3.

O profeta Isaías, em favor de Israel, entoou o cântico de Agradecimento por Israel. Ele se *regozijou muito* (cf. Isa. 61.1-3,7; 12.1,2; 25.1,9; 41.16; 51.3; Luc. 1.46-55,68-79. O Targum faz Jerusalém ser a cantora do alegre hino. Israel será revestida com as vestes da salvação e, em seu vestuário de retidão, estará enfeitada com muitos excelentes ornamentos e pedras preciosas, tal como uma noiva se prepara para sua noite de triunfo, o seu casamento. Assim sendo, o hino jubiloso é um hino de celebração do casamento, a mais feliz de todas as ocasiões. O simbolismo das núpcias é comum para indicar as bênçãos e o regozijo escatológico. Ver também Jer. 33.11; Mat. 22.2 e Apo. 21.2.

Tempos de realizações especiais naturalmente trazem tempos de regozijo especial. Todos nós já tivemos em algum lugar onde eram oferecidas canções. Coventry Patmore, quando era apenas um menino com 11 anos de idade, que não estava acostumado a ter pensamentos profundos sobre Deus e a vida, foi, de súbito, iluminado pela maravilha do conceito de Deus e exclamou: "Raiou-me de repente que coisa excelente seria se, realmente, Deus existisse" (Edmund Gosse, *Coventry Patmore).* A era do Reino de Deus será o tempo em que ficará universalmente demonstrado, na presença de todos os homens, que existe um Deus que age e abençoa, e cânticos de louvor a Ele serão elevados.

61.11

Como a terra produz os seus renovos. A terra, durante o milênio, estará na primavera dos seus anos; haverá abundante produção na natureza; a antiga maldição terá sido levantada (ver Gên. 3.17). Um poeta romano do segundo século de nossa era celebrou a vida como a primavera eterna: "Nova primavera, cânticos, cânticos, o mundo renascido". A terra produzirá vegetação abundante, e sua prosperidade será típica da primavera da vida e da alegria no coração dos homens. Deus é a fonte das bênçãos da natureza e da novidade espiritual na era do Reino. "Tão certamente como a terra produz seu crescimento vegetal com infalível certeza, assim o Senhor causará Sua salvação para medrar perante todas as nações (cf. Isa. 42.10; 43.19 e 45.8). Esse final nos faz lembrar de Isa. 55.10 ss. Até o fim, o que é material e o que é espiritual se mesclam no simbolismo" (James Muilenburg, *in loc.*).

Capítulo Sessenta e Dois

O Povo Messiânico (62.1-12)

A Preparação para a Vinda do Senhor. O *poder de Deus* está presente, preparando o caminho do Senhor. Ver Isa. 13.6, quanto ao poder de Deus por trás dos acontecimentos terrenos. O Senhor virá, e Seu povo será restaurado. Cf. Isa. 40.3,5,9.

O poema final da trilogia (Isa. 60-62) tem como centro o povo messiânico. Seu tema foi antecipado nos poemas anteriores. Os títulos distintivos de Sião (cf. Isa. 60.14 ss.; 61.3,6,9) expressam o novo relacionamento entre Yahweh e o Seu povo. No tempo do retorno do Senhor à terra, a sorte do povo será revertida, e todas as nações verão à vindicação divina de Sião.

Tal como os outros poemas do grupo, este foi padronizado, tanto com respeito ao pensamento como em relação ao estilo, conforme o Segundo Isaías. No entanto, há também grandes diferenças. O poeta moveu seus materiais com base nas criações supremas de seu Senhor (ver Isa. 40.1-11; 52.1-12; 54.1-17). As estrofes de abertura e encerramento (vss. 1-3 e 10-12) servem de moldura a três estrofes aproximadamente do mesmo tamanho (vss. 4-5, 6-7 e 8-9). É possível dividir o poema em três estrofes (vss. 1-5, 6-9 e 10-12), mas um exame cuidadoso mostra que a análise anterior é mais provável. A unidade de cada estrofe e as linhas finais de cada estrofe revelam uma cuidadosa arte literária" (James Muilenburg, *in loc.*).

Primeira Estrofe: Uma Coroa de Beleza (62.1-3)

62.1

Por amor de Sião me não calarei e por amor de Jerusalém não me aquietarei. "*A Glória do Povo de Deus* (vss. 1-3): O profeta continua a proclamar a vindicação de Sião, que já se aproximava. *Novo Nome:* Isso denota a mudança de condição (1.26; Jer. 33.16; Eze. 48.35). Cf. a mudança de Abrão para Abraão, em Gên. 17.5. Quanto à *coroa de beleza,* ver Isa. 28.1-6" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este vs. 1).

O profeta falou como porta-voz de Israel, trazendo a mensagem alegre da parte de Deus. Ele não podia manter-se quieto por ser divinamente inspirado, estando entusiasmado pela ação do Espírito Santo. Ele tinha de anunciar a Jerusalém a palavra concernente à sua eventual *vindicação.* Um novo dia haveria de alvorecer; seria um dia de alegria e resplendor, um dia de vida nova: seria o dia da *salvação* escatológica de Israel, que queimará como uma tocha, para que todos a vejam e se admirem. Isaías ficou absorvido pela intensidade da situação, quando viu as maravilhas desdobrando-se à sua frente. Sião continuava nas trevas (cf. Isa. 50.10; 59.9,10), mas tudo isso estava quase no fim. A luz divina estava próxima de alvorecer (ver Isa. 58.8).

> *Falarei até que sua bondade brilhe como uma luz brilhante.*
> *Falarei até que sua salvação resplandeça como uma chama.*
>
> (NCV)

O comentário do Targum é significativo aqui: "Trabalharei a salvação por Jerusalém; não darei descanso ao povo até que chegue a consolação; não permitirei que os reinos repousem enquanto sua luz não for revelada como a manhã, e sua salvação brilhe intensamente como a lâmpada".

62.2

As nações verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória. Israel, desprezado e repreendido durante os séculos, será redimido. E essa redenção será, ao mesmo tempo, uma vindicação, porquanto a retidão e a justiça de Yahweh demonstrarão ter sido eficazes nessa nação. Além disso, o erro do que as nações fizeram contra Israel ficará demonstrado como a iniqüidade que realmente foi. Então cumprir-se-á a glória de Israel, e todas as nações serão testemunhas. Isso fará parte do mesmo programa divino em favor de Israel. A nação de Israel ganhará um *novo nome.* Ver sobre *Novo Nome* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* O nome novo subentenderá o caráter ímpar daquele que o recebeu. O profeta não nos informou sobre qual será esse novo nome, mas espera que compreendamos o princípio envolvido: as coisas antigas ficaram no passado, e eis que tudo se tornou novo (ver Apo. 21.5). Portanto, haverá um Novo Povo que viverá em uma Nova Era. Quanto ao princípio do novo nome, ver Gên. 17.5; Osé. 2.22,23; Atos 11.26; Apo. 2.17 e 3.12. Novos nomes dados a Israel, em textos posteriores, aparecem em Isa. 62.4,12. Um nome novo aponta para um novo caráter e para uma nova manifestação do ser; uma nova expressão. Ver também Isa. 65.15.

62.3

Serás uma coroa de glória na mão do Senhor. *Yahweh é Rei,* e Sua coroa, que Ele segura na mão, é Israel. Outrossim, trata-se de uma *coroa de glória* e de um *diadema real* na mão de Elohim. Esses símbolos falam de elevação e poder, de glorificação e honra. Israel exibirá o esplendor de Yahweh (ver Isa. 35.2; 46.13; 49.3; 55.5; 60.9,21; 61.3). Quanto a uma *coroa de beleza,* cf. Isa. 28.1-6. Ver também Apo. 6.2 e 19.12 quanto à *coroa de glória.* Nova glória e novas honrarias caberão a Yahweh ante a restauração de Israel. A coroa será exibida na mão de Deus, para que todos a vejam.

Segunda Estrofe: O Novo Casamento do Pacto (62.4-5)

62.4

Nunca mais te chamarão Desamparada... Desolada. Os antigos apelidos de Israel eram *Desamparada* e *Desolada.* Esses nomes cederão lugar a outros: Minha Delícia e Desposada (cf. Isa. 54.6). Os termos hebraicos por trás desses novos nomes são *Hefziba* e *Beulá.* Yahweh *deleita-se* em sua nova noiva, e haverá união em casamento celestial, por meio do qual fluirão bênçãos, poderes e glória. Ver Isa. 61.10 (e as referências dadas) quanto à metáfora do casamento. Deus, o Marido, tinha *deixado de lado* Sua esposa, quando ela ficara coberta de pecados e precisava da dor da separação. Ela precisava ser perdoada para que tivesse um novo começo em um tempo diferente. Mas ela foi trazida de volta a seu Marido, e o casamento foi reiniciado.

A tua terra se desposará. A metáfora do casamento é ampliada para que pareça que a Terra Prometida é que se casou. A figura segue no vs. 5.

62.5

Porque, como o jovem esposa a donzela, assim teus filhos te esposarão a ti. Vemos agora os filhos da Terra Prometida casando-se com a Terra Mãe, uma figura simbólica extremamente estranha, para dizer o mínimo. Por isso alguns eruditos emendam as palavras "teus filhos" para "teu Construtor", para preservar a metáfora do casamento divino. Os *filhos* (se é que esse é o texto correto) são como os jovens que se casam com uma *virgem* (a Nova Israel, toda renovada e honrada). Seja como for, o homem sentir-se-á felicíssimo com a sua esposa, porquanto ela viverá à altura de todas as expectações e ideais dele. E o sentido é: "Deus (o marido) está muito feliz com Israel (Sua esposa, a Terra Prometida)".

"Os habitantes de um país, em sua unidade coletiva, são como o noivo; e o território é como a noiva. Eles estão unidos um ao outro, como o marido está unido à sua mulher" (Ellicott, *in loc.,* o qual, ao fazer a terra ser a esposa, dá à metáfora algum sentido, sem apelar para emendas). Cf. Isa. 49.14 ss.; 54.1 ss. Quanto ao regozijo do Senhor sobre Sião, cf. Isa. 61.3,7,10.

Terceira Estrofe: Os Guardas nas Muralhas de Sião (62.6-7)

62.6

Sobre os teus muros, ó Jerusalém, pus guardas. Cf. uma passagem similar em Isa. 21.12,13. Fica claro que Yahweh é quem colocará guardas sobre as muralhas da cidade. Mas a identidade desses guardas tem sido variegadamente

compreendida: 1. Guardiães angelicais. 2. Vários profetas que teriam missões em favor de Jerusalém, especialmente no tempo do cativeiro babilônico: Isaías; Jeremias; Ezequiel e Daniel. 3. Ou então, mais geralmente, os grandes lideres da nação, alguns que foram especificamente profetas, mas outros não: Moisés, certos reis bons, e os profetas, tanto do reino do norte (Israel) quanto do reino do sul (Judá). Todos eles trabalharam na mesma equipe, com o mesmo propósito. Todos conservaram perante o povo o nome de Yahweh, Sua lei e Suas instruções, e cumpriram seu dever, não guardando silêncio.

Note o leitor o toque *teísta* aqui. O Criador intervém na criação, tanto mediante a providência negativa quanto mediante a providência positiva. Deus conta com instrumentos humanos. Isso pode ser contrastado com o *deísmo,* o qual postula alguma espécie de poder divino (pessoal ou impessoal) que criou, mas abandonou a sua criação, deixando-a entregue ao governo das leis naturais. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo.*

62.7

Nem deis a ele descanso até que restabeleça Jerusalém. Os profetas e outros poderes em Israel, que falaram em favor de Yahweh não deram descanso a Israel, e eles não terão descanso enquanto Ele (Yahweh) não restaurar e glorificar a cidade de Jerusalém, tornando-a um louvor na terra, de quem Ele receberá o próprio louvor e a glória, através da vida piedosa de seus habitantes. Cf. Isa. 61.1 e Sof. 3.20. Outro ponto de vista sobre o versículo é que os guardas não darão descanso a *Yahweh,* mas continuarão a orar, incessantemente, para que Ele não esqueça Jerusalém, até que a restauração se complete. Esta interpretação provavelmente está correta:

> *Não deveríeis parar de orar ao Senhor enquanto Ele edifica Jerusalém. Não pareis enquanto Ele faz de Jerusalém uma cidade que todos os povos louvarão.*
>
> (NCV)

Quarta Estrofe: A Felicidade de Sião (62.8-9)

62.8

Jurou o Senhor pela sua mão direita e pelo seu braço poderoso. Em tempos de opressão, os inimigos invadiam e saqueavam Israel, e parte desse saque consistia em levar os produtos agrícolas, deixando Israel sem alimentos adequados. Yahweh usou esses invasores para castigar o Seu povo. Mas agora Yahweh jura que tudo isso tinha de parar. Tendo feito esse juramento, Yahweh ergueu Sua poderosa *mão direita* e Seu *braço poderoso,* os agentes de Seu poder. Cf. Isa. 40.10; 41.10; 51.9; 52.10 e 53.1. Quanto à *mão* de Deus, ver Sal. 81.4; quanto à *mão direita* de Deus, ver Sal. 20.6; e quanto ao *braço* de Deus, ver Sal. 77.15. 89.10 e 98.1. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mão,* quanto a detalhes sobre a metáfora. Ver também sobre *Braço.* E ver também Êxo. 6.6; Deu. 4.4; 5.15; 7.19. A época áurea trará muitas mudanças, entre elas o fim do perigo econômico. Não haverá mais privações econômicas (ver Isa. 65.21,22). A abundância de coisas materiais será igualada à abundância da espiritualidade, com seus produtos abençoados. Quanto ao furto de colheitas, ver o que fizeram os midianitas (ver Juí. 6.4,11); os assírios (ver Isa. 16.9); os filisteus (ver II Crô. 28..18). "A nova bênção faz notável contraste com a maldição divina de Deu. 28.33,51" (Ellicott, *in* toe).

62.9

Mas os que o ajuntarem o comerão, e louvarão ao Senhor. Os que se tiverem entregue ao trabalho de semear, colher e armazenar obterão os benefícios na forma de alimentação. Então, podemos ter certeza de que a *abundância* estará presente ao longo de todo o processo. Os tempos de necessidade terminarão. Os tempos de abundância chegarão. Yahweh decretou a necessidade de combater o pecado. E também decretou a abundância para abençoar um povo restaurado. Portanto, o Ser divino estará controlando as coisas. Ver sobre esse princípio em Isa. 13.6.

Haverá muita coisa para comer e para beber, e esses atos serão misturados às festividades anuais, que conhecemos pela menção do *santuário* aqui. Yahweh ficará com o sangue e a gordura (ver Lev. 3.17); os sacerdotes obterão suas *oito* porções determinadas (ver Lev. 6.26; 7.11-24; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18). O resto dos animais para os sacrifícios será usado na festividade em geral. Então o vinho será dizimado, mas haverá abundância que será consagrada para a celebração de uma colheita abundante.

Quinta Estrofe: O Povo Messiânico (62.10-12)

62.10

Passai, passai pelas portas; preparai o caminho ao povo. *A Aproximação do Messias.* Talvez tenhamos aqui a menção da volta dos judeus da Babilônia (como figura ilustrativa), ou o retorno da dispersão romana (necessária para que seja inaugurada a era do Reino de Deus). O caminho precisa estar preparado para a aproximação dos exilados, a fim de que eles entrem na Terra Prometida. Mas a referência aqui à salvação é pessoal ao Messias. O povo de Israel será chamado a retornar. Mas a chamada é também ao Messias, para que avance. O caminho precisará ser preparado para o povo de Israel e para o seu Messias, e temos mais ou menos os mesmos símbolos em Isa. 40.3,4 e 57.14. Ver também Mat. 3.3.

Passai, passai. O texto massorético contém este duplo imperativo (cf. Isa. 40.1; 51.9,17; 52.1; 57.14 e 65.11). Mas o manuscrito hebraico dos Papiros do Mar Morto, em concordância com a Septuaginta, tem apenas um único imperativo, *passai.* Algumas vezes, os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto concordam com as versões (sobretudo a Septuaginta) e discordam do texto massorético, a Bíblia hebraica padronizada a partir da qual a maior parte de nossas traduções tem sido feita. Quanto à importância desse fenômeno para a crítica textual do Antigo Testamento, ver as notas expositivas em Isa. 26.19, bem como as ilustrações do gráfico acompanhante. Yahweh ordenará às nações que conduzam Seu povo de volta a Jerusalém.

Arvorai bandeira aos povos. Cf. Isa. 49.22. Terá chegado o tempo de as nações entregarem todos os israelitas e os enviarem de volta a Jerusalém. Elas verão flutuando sobre Jerusalém a bandeira, o sinal para que façam isso, porquanto Yahweh a terá levantado como aviso para as nações gentílicas.

A Ordem Divina. Essa ordem será determinada por Yahweh às nações, para que conduzam Seu povo de volta a Jerusalém (vs. 11). Ou a ordem será dada aos arautos de Israel (vs. 6); ou então diretamente ao povo em exílio (vs. 11).

62.11

Eis que o Senhor fez ouvir até às extremidades da terra estas palavras: Dizei à filha de Sião. *Yahweh fará essa proclamação até os confins da terra,* ordenando aos líderes das nações pagas que enviem o Seu povo de volta a Jerusalém, tal como ao Faraó foi ordenado, tantos séculos atrás. Ou então a ordem deve ser vista como um mandamento endereçado diretamente aos exilados, que devem retornar, da mesma forma que Moisés levou a mensagem ao povo de Israel escravizado no Egito para que deixasse o Egito. A "filha de Sião" teve de ser nomeada e ordenada diretamente. O profeta Isaías, pois, anunciou Sua mensagem. Foi dito ao povo de Israel que a salvação estava próxima. Em seguida, essa salvação é imediatamente personificada no Salvador, o Messias. Ele trará consigo o Seu galardão, que incluirá as glórias, a salvação e as honras da era do Reino de Deus, o milênio. Dessa maneira, Isaías sumariou as esperanças escatológicas de Israel, as quais foram apresentadas com tanto cuidado nos capítulos 60-62 do livro de Isaías. Será obra de Deus; Ele é quem fará isso; Ele tem poder e vontade para fazer tal coisa. Quanto à recompensa que está "com ele", cf. Isa. 40.10. Ver as notas expositivas ali quanto a detalhes. Ver também II Tes. 2.8; Apo. 11.15-18 e 22.12.

62.12

Chamar-vos-ão: Povo santo, remidos do Senhor. O profeta termina a estrofe com um comentário pessoal. Esse povo chamado receberá um *novo nome* (ver os vss. 2 e 4). *"Povo santo".* Cf. Isa. 61.6, "sacerdotes de Yahweh" (Isa. 63.18; Êxo. 19.6). E também serão chamados de *"os remidos"* (cf. Isa. 35.10; 48.20; 51.10). Eles serão um povo *"procurado",* em contraste com a esposa abandonada referida no vs. 4 deste capítulo. Eles formam uma *cidade não deserta,* em contraste com a Jerusalém saqueada e abandonada dos séculos anteriores. Com tais descrições, o profeta fala da Jerusalém e da nação de Israel na era da restauração, a nova era, a era do Reino de Deus, a época áurea.

> *Deus edifica Jerusalém,*
> *Pois foi somente Ele*
> *Quem dispersou Israel,*
> *E agora a recolhe de novo.*
>
> (Extraído do Salmo 147, adaptação escocesa)

Capítulo Sessenta e Três

Este capítulo começa com o pequeno poema do *Ano da Redenção* (vss. 1-6), também chamado de poema da "Vinda do Senhor". Então, no vs. 7, temos uma das grandes divisões do livro de Isaías: A oração intercessória de Isaías: Isa. 63.7-64.12. Ver a introdução a essa seção, no vs. 7.

O Ano da Redenção (63.1-6)

Este breve poema une eficazmente os conceitos de julgamento e restauração, pelo que não está fora de lugar ao seguir a trilogia do reino (capítulos 60-62). É difícil encontrar no livro de Isaías um lugar onde a redenção é referida sem o outro lado da moeda, a necessidade do julgamento. O ato de julgamento, entretanto, é remediai, e não meramente retributivo. Há o ano aceitável do Senhor (Isa. 59.15-20), vinculado ao dia da vingança (Isa. 61.2). Note o leitor que ambas as passagens fazem a conexão. E esses dois conceitos também não são pólos opostos. São ambos atos graciosos do amor para realizar o mesmo propósito remidor. Ver as notas sobre Isa. 59.16. Israel sempre teve de prestar contas a Deus (ver Êxo. 19.3-8), e o julgamento divino fazia parte indissolúvel de sua compreensão sobre o Ser divino. Não é de admirar, pois, que o Redentor fosse retratado como o Conquistador que chegara da batalha com as vestes manchadas de sangue. A *perversidade* do homem e a grande *necessidade* de ajuda, e suas elevadas *aspirações espirituais,* a despeito de suas condições miseráveis, tornavam necessário para ele contemplar a Pessoa divina como quem incorporava os ofícios de julgamento e misericórdia em uma só Pessoa, pois o homem tinha necessidade de ambos. Por isso é que o Vindicador é, igualmente, o Salvador (ver o vs. 1).

"Para compreender a relação com a mente do profeta, devemos lembrar que parte do que Isaías já sabia, talvez também aquilo que previa, eles aceitariam no período seguinte. Essa parte tinha sido de hostilidade persistente. Eles se tinham aliado com os tírios contra Judá, e haviam sido culpados de atrocidades brutais (ver Amos 1.9-11). Tinham levado cativos a prisioneiros judeus (Oba. 10 e 11). Tinham sido aliados dos invasores assírios (Sal. 83.6) e ferido Judá nos dias de Acaz (ver II Crô. 28.17). Se pensarmos que o profeta Isaías viu, em espírito, as operações de uma antiga inimizade em um período posterior, podemos estender a indução à exultação deles diante da captura de Jerusalém (ver Sal. 137.7; Lam. 4.21).

A memória sobre essas coisas ficou profundamente gravada na mente da nação de Israel, e as primeiras palavras do último dos profeta reverbera o antigo ódio (Mal. 1.2-4). Nos dias finais do judaísmo, quando os rabinos proferiram maldições contra seus opressores, Edom foi substituída por Roma, tal como o apóstolo João substituiu Edom pela Babilônia (Apo. 18.2). Isaías, talvez começando pela memória de algum ultraje recente durante o reinado de Ezequias, e tomando Edom como o representante de todos os inimigos hereditários mais próximos de Israel, passou a um êxtase de júbilo e viu o retorno do Rei conquistador para iniciar Sua obra de vingança. A forma é a de um guerreiro que vinha da Bozra dos idumeus (em distinção à de Haurã, Jer. 48.24), em brilhantes *vestes vermelhas.* E a cor (tal como em Apo. 19.13) não é a mesma das vestes escarlatas, usadas pelos soldados (Naum 2.3), mas a cor do sangue que acabara de ser derramado" (Ellicott, *in loc).*

Primeira Estrofe: O Conquistador que Veio de Edom (63.1)

63.1

Quem é este, que vem de Edom, de Bozra, com vestes de vivas cores...? *Edom* representa a incorporação das hostilidades contra o povo de Deus. Considere o leitor estes pontos: 1. Estaria em foco o incidente *histórico* que provocou a tirada. 2. Outros pensam que o poema é apenas uma *expressão poética* de uma oposição secular contra Israel, sem levar em conta um evento histórico específico. 3. Ainda outros vêem aqui uma *declaração ideal* de como todos os inimigos de Israel deveriam ser, os quais serão derrotados definitivamente pela ira divina. 4. Finalmente, outros comentadores vêem aqui uma *promessa escatológica* feita a Israel: "Eis o que acontecerá, finalmente, aos inimigos de Israel, antes da inauguração da era do reino. E alguns intérpretes chegam a ver aqui uma menção rápida à *Grande Tributação.*

Bozra, nos tempos modernos, Buzeirah, em território do antigo Edom. As vestes de Yahweh ficarão avermelhadas com o sangue dos opressores, devido à matança dos inimigos de Israel. Isso será uma glória para o Senhor e mostrará Sua força e Seu poder de conquistar.

Perguntou o profeta: "Quem é este?". Ato contínuo, Yahweh responde que é Ele mesmo quem vem, tão gloriosa e triunfalmente. Ele virá como o *Vingador,* depois de ter acabado de aniquilar os inimigos de Israel. E, nessa vitória, Ele também será o *Salvador.* Assim é que "todo o Israel será salvo" (Rom. 11.26), no sentido de livramento, como também no sentido da salvação evangélica, considerando-se que é a era do Reino de Deus que pode estar em pauta. Se isso não está em vista, então o livramento é a única idéia aqui. Quanto a Deus como salvação e o Deus que traz a salvação, ver Sal. 3.8; 9.14; 18.46; 38.22; 50.23 e, especialmente, 62.2, onde apresento uma nota de sumário. Ver também, no *Dicionário,* os artigos chamados *Salvação* e *Salvador.* Cf. o poema com a sentença contra Edom, em Isa. **21.11,12.**

Segunda Estrofe: Aquele que Pisa o Lagar (63.2-3)

63.2

Por que está vermelho o traje e as tuas vestes...? As vestes do Messias estarão tintas de *vermelho vivo,* e o observador sentir-se-á compelido a indagar *por quê.* Aprendemos aqui que o Pisador Divino do Lagar estará tinto do sangue dos homens, o sangue dos que acabaram de ser executados por terem tratado duramente a Israel. Cf. Joel 3.13 e Apo. 14.19,20, sendo que esta última passagem sem dúvida depende da presente. "No lagar as uvas eram pisadas aos pés, dali o suco fluía para dentro de receptáculos do vinho. O suco da videira manchava as vestes daquele que pisava o lagar (ver Apo. 14.19 e 19.15). O simbolismo é apropriado, visto que o território em redor de Bozra abundava em videiras" (Fausset, *in loc).* A maioria dos lagares consistia em escavações rasas com uma perfuração em um dos lados, a qual levava a um receptáculo. Certa inclinação do lagar permitia que o fluxo do suco das uvas escorresse até aquela perfuração.

63.3

O lagar eu o pisei sozinho, e dos povos nenhum homem se achava comigo. O Pisador do Lagar fez o Seu trabalho sozinho, pois o poder divino é que controla as atividades dos homens. Além disso, Israel estava sozinho e nada podia fazer ou acrescentar ao processo. Ademais, nenhum povo (nação) estava em liga com Yahweh, como Seu instrumento. Não se está falando aqui de alguma guerra internacional, mas dos golpes aplicados pela natureza e pelos desastres ou julgamentos naturais, como os que destruíram Sodoma e Gomorra. Ou então a linguagem é poética para indicar Deus como a *Causa Única* (embora Ele tivesse Seus instrumentos, que não são significativos o bastante para serem mencionados). As coisas foram feitas com *ira,* ou seja, houve um *julgamento divino* corretivo, e não uma vicissitude do capricho divino. Homens ímpios sofriam o que mereciam, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário).* Ver também o verbete denominado *Ira de Deus.* Alguns estudiosos pensam que o simbolismo aqui fala em *expiação,* mas, como é óbvio, somente o Messias poderia ocupar-se da expiação. Tal interpretação, por essa razão, está longe da marca certa.

Terceira Estrofe: O Dia da Vingança (63.4-6)

63.4

Porque o dia da vingança me estava no coração. O Dia da Vingança contra os inimigos de Deus será, ao mesmo tempo, o Ano da Redenção de Israel. De modo constante, os temas do julgamento e da redenção andam de mãos dadas, conforme ilustro na introdução a este capítulo. Cf. Isa. 49.8,9; 59.17 ss. Quanto aos termos envolvidos, ver Isa. 34.8; 35.4 e 61.2. Talvez haja uma alusão ao Ano do Jubileu, quando os escravos hebreus eram libertados (ver Lev. 25.39,40; Êxo. 25.39-44 e Deu. 15.12 ss.). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jubileu, Ano de.* Note o leitor que a vingança é referida como um *dia,* ao passo que a redenção é referida como um *ano,* e isso sem dúvida é significativo, pois a misericórdia e o amor são fatores supremos na mente divina. Além disso, sabemos que o julgamento tem por propósito remediar o mal, e não meramente punir os homens pelo mal praticado. Ver as notas expositivas **em** Isa. 59.16.

63.5

Olhei, e não havia quem me ajudasse, e admirei-me de não haver quem me sustivesse. *Com ironia,* Yahweh é retratado como se um guerreiro tivesse sido derrotado em batalha, porquanto combatera sozinho; parecia alguém que precisava de um aliado, mas não viu a nenhum aliado e ficou "boquiaberto" diante de seu estado precário. Vendo que não podia contar com ajuda alguma, Ele pôde contar somente com Seus próprios recursos, e assim o Seu *braço* e a Sua *ira* o sustiveram, e Ele obteve vitória esmagadora. Yahweh usa uma descrição zombeteira e irônica ao enfatizar que a vitória foi Dele somente. Ver Isa. 13.6 quanto a como a vontade divina controla os acontecimentos humanos.

63.6

Pisei os povos na minha ira, embriaguei-os no meu furor. As duas primeiras linhas deste versículo repetem o que já tínhamos visto em Isa. 63.3cd. A terrível imagem do pisar as uvas é repetida. Agora, entretanto, adiciona-se que eles se *embriagarão* com o próprio sangue, e a imagem do vinho/sangue prove o pensamento extra. A linha final, entretanto, é nova, falando do derramamento, por parte de Yahweh, do *sangue,* que é a vida dos pagãos da terra, como se fosse uma *libação.* O Messias fará dos povos pagãos um sacrifício oferecido à justiça divina. Algumas vezes, as batalhas eram retratadas como se fossem *holocaustos,* nos quais os povos derrotados eram oferecidos aos deuses do povo que tinha ganhado a batalha. Conferir o vs. 18 deste capítulo.

O vs. 6 tem sido cristianizado para referir-se à expiação pelo pecado, realizada exclusivamente por Cristo; mas essa é uma acomodação ao texto, e não uma interpretação. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Acomodação.*

A Oração da Nação e a Resposta do Senhor (63.7 - 65.25)

A Oração Intercessória do Profeta (63.7 - 64.12)

"Esta seção registra uma oração patética do remanescente judaico e a resposta apropriada da parte do Senhor. Isaias escrevia aos exilados na Babilônia, os quais veriam a sua própria situação como algo sem esperança. Eles não eram capazes de perceber como Deus poderia ajudá-los em suas aflições. Entretanto, eles lembrariam a maneira como o Senhor os tinha livrado da escravidão no Egito. Isso os encorajaria a orar em busca de libertação. Ao responder às suas orações, o Senhor explicou que o pecado deles é que causara as aflições, e prometeu que os livraria e lhes traria o reino prometido" (John S. Martin, *in loc).*

O papel de *intercessor* era importante. Como exemplos basta-nos lembrar os casos de *Abraão* (Gên. 18.22-32); *Moisés* (Núm. 14.13-19); *Amos* (7.1-6); *Jer.* 14.1-9); *Esdras* (9.6-15); e o exemplo supremo, *Jesus* (João 17). Um homem santo, esperava-se, teria orações poderosas, especialmente quando intercedia por outros que estivessem padecendo alguma necessidade. O caso presente (ver Isa. 63.7-14) prove um retrospecto histórico, seguido pela oração propriamente dita. Paralelos literários encontram-se em Isa. 26.7-21,33; Lam. 1.1-5.22 e Sal. 36, 74, 77 e 79, passagens que se revestem de elementos similares. Alguns eruditos pensam que a oração à nossa frente veio a ser usada liturgicamente, em dias especiais de oração. Expressava bem a culpa nacional, um tema que se repete com freqüência nas páginas do Antigo Testamento. Os vss. 7-10 descrevem a reação ingrata de Israel aos atos de bondade de Deus, e isso era algo que só aumentava a culpa nacional de Israel.

Primeira Estrofe: A Eleição e-frJulgamento de Israel (63.7-10)

63.7

Celebrarei as benignidades do Senhor e os seus atos gloriosos. "Vss. 7-14. Um prólogo histórico, que relembra o livramento de Israel do Egito; Israel foi *chamado* (vs. 8; Êxo. 4.22,23; 19.3-6); *protegido* (vs. 9a; Êxo. 12.1-32); *exaltado* (vs. 9b; Eze. 16); *livrado* (vss. 11-12; Êxo. 14.9-15; Jer. 15.1); e *guiado em segurança* através do Sinai até entrar na terra de Canaã (vss. 13-14). A *rebeldia* de Israel requereu que Deus fizesse oposição ao Seu próprio povo (ver Jer. 5.20-29)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

O profeta Isaias estava prestes a apresentar sua perspectiva histórica (conforme esboçado anteriormente), e nisso ele ilustra o *amor constante* que Yahweh tão abundantemente exibiu para com Seu povo. Ele louvaria a Yahweh por tudo quanto Ele fez.

Um Tributo de Gratidão. "A religião da gratidão não nos pode enganar. A gratidão é a serva da esperança; é o arauto da fé; a melhor parte de nossos credos; faz nossos credos elevar-se por si mesmos" (William Wordsworth, com adaptações).

Quanto à *contagem* de coisas pelas quais devemos ser agradecidos, cf. Sal. 51.1; 89.1 e 145.7. Há muitas coisas *dignas* de ser contadas e pelas quais devemos ser agradecidos, e isso tem de ser a verdade na vida de todo indivíduo espiritual. Tudo são feitos do Senhor, intervenção do Ser divino nas atividades humanas.

> *Cantarei para sempre as tuas misericórdias, ó Senhor; os meus lábios proclamarão a todas as gerações a tua fidelidade.*
>
> (Salmo 89.1)

63.8

Porque ele dizia: Certamente eles são meu povo. *Yahweh relembrou aos israelitas* que Ele os elegera,' o que os tornava *filhos,* em contraste com outras nações. Como escolhidos e como filhos, esperava-se que Israel se erguesse à altura de seus privilégios, mostrando-se um povo obediente e espiritualmente responsável. Supunha o Senhor que os filhos não *tratariam com falsidade* o Pai; mas foi precisamente o que eles fizeram. Quanto a Israel como filhos de Deus, cf. Êxo. 4.22; Deu. 14.1; 32.6,19; Osé. 1.10; 11.1; Mal. 1.6; 2.10; Isa. 43.6 e 45.11. As palavras deste texto nos relembram a relação de pacto que havia entre os israelitas e Deus. Ver sobre *pacto abraâmico* em Gên. 15.18; ver também sobre *pacto mosaico* na introdução a Êxo. 19. Ver o artigo geral do *Dicionário* chamado *Pactos.* O Pai foi *Salvador* em inúmeras ocasiões; mas isso não impediu que o espírito do povo se rebelasse. Porém, o amor de Deus era tão grande que Ele esperava muito daqueles entes queridos, que deveriam ter reagido com coração grato. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.*

63.9

Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o Anjo da sua presença os salvou. Yahweh sentia a dor de Seus filhos e enviou constantemente Seu *anjo* para livrá-los e consolá-los. O anjo é chamado aqui "da sua presença", pelo que deve estar em foco o ministério angelical. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Anjos,* onde abordo a questão. Ver a exposição de Heb. 1.14 no *Novo Testamento Interpretado.* Quanto ao Ser divino como se Ele fosse dotado de sentimentos e emoções humanos, ver o verbete chamado *Antropopatismo.* Note o leitor a declaração enfática aqui existente: Deus é amor; Ele tem misericórdia dos homens, pelo que redime os sofredores; Ele os carrega em Seus ombros; Ele carregou a nação de Israel como se fosse um cordeiro sobre os Seus ombros durante todos aqueles dias da antigüidade e, de fato, por toda a história deles.

Existe um ensaio, usualmente acompanhado de uma pintura, que ilustra bem este texto. Mostra-nos *dois conjuntos* de pegadas ao longo de uma praia. Ocasionalmente, porém, podemos perceber apenas *um conjunto* de pegadas. Sei que essas pegadas são do Senhor e de uma pessoa que Ele está acompanhando. Por isso nos admiramos por que, ocasionalmente, o Senhor parece ter abandonado aquela pessoa, deixando na areia apenas um conjunto de pegadas. Mas, quando aprendemos que há somente um conjunto, isso representa as ocasiões em que o Senhor *carregava* aquela pessoa, que passava por alguma grande provação, e as pegadas que ficaram na praia pertencem ao Senhor. Cf. Isa. 46.3,4 e Deu. 32.7,11,12.

Quanto ao *anjo da presença de Deus,* ver Gên. 16.10 e Êxo. 33.14. O original hebraico diz "anjo de Sua face". As tentativas de identificar esse anjo têm sido baldadas; o certo é que o Messias não está em pauta.

63.10

Mas eles foram rebeldes, e contristaram o seu Espírito Santo. Existem muitos incidentes históricos que apresentam essa rebeldia dos israelitas. O autor apontaria, especificamente, a rebeldia relacionada à experiência no Egito (vss. 12 ss.). Os filhos mostraram-se ingratos; eles se rebelaram; contristaram o Espírito Santo; forçaram o Pai a feri-los em Sua ira e a *combater contra eles* pela Sua providência negativa. Quanto ao ato de entristecer o Espírito, cf. Atos 7.51 e Efé. 4.30. "Entristecer o Espírito de Yahweh é entristecer Yahweh. A personificação não vai tão longe quanto a personificação da sabedoria no livro Sabedoria de Salomão. Visto que Israel se rebelou contra Ele, que tinha feito deles um povo escolhido, depois que os chamou de filhos, Ele se tornou inimigo deles" (James Muilenburg, *in loc).* O fato incrível que aprendemos neste versículo foi que "a reação de Israel à graça de Deus foi a rebelião" (Henry Sloane Coffin, *in loc).*

Este versículo é a única referência, no Antigo Testamento, ao ato de "entristecer" o Espírito Santo. Não sabemos dizer até que ponto havia progredido a doutrina do Espírito Santo, mas tentar ver aqui a Trindade é um exagero.

Segunda Estrofe: As Maravilhas dos Dias Antigos (63.11-14)

63.11

Então o povo se lembrou dos dias antigos, de Moisés, e disse. Esta passagem reflete tanto o retrospecto dos dias heróicos quanto as lamentações, misturando os dois elementos. A própria grandiosidade dos acontecimentos tornou ainda mais lamentável que aquilo que fora realizado não tenha produzido as vitórias tencionadas em favor de Israel. Além disso, não houve aquela esperada *mudança interior.* Os eventos tiveram por propósito ser *instrumentos* para efetuar uma transformação moral e espiritual. Mas esse propósito fracassou de modo consistente.

Este versículo apresenta as palavras de Israel. Moisés era servo de Yahweh e coisas admiráveis aconteceram, intermediadas por Ele, algumas das quais serão enumeradas. Mas a *grande questão* que Israel levantará será: "Onde está aquele famoso Yahweh que fez todas essas coisas? Por que Ele não nos ajuda hoje, em meio às nossas aflições?". Por que teria havido um poder divino para derrotar o Faraó, mas não para derrotar Nabucodonosor? Por que os exilados foram abandonados na Babilônia? Por que o presente não se mostrava à altura do passado? Yahweh era o Pastor, e o povo de Israel eram as Suas ovelhas. Onde está agora o Pastor? Ele pôs o Seu Espírito Santo no meio deles. Que aconteceu ao Espírito? Existem muitos relatos sobre o ministério do Espírito Santo — desde Bezalel (ver Êxo. 35.31) até os 70 anciãos (ver Núm. 11.25); desde Josué (ver Deu. 34.10) e presumivelmente por ocasião do êxodo dos israelitas do Egito. Tudo isso, entretanto, agora se parecia apenas uma questão de dogmas históricos, e não a realidade presente.

Que fez subir do mar. Assim dizem vários manuscritos da Septuaginta, do siriaco e dos manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto. O texto massorético diz: "fez eles subirem". Ocasionalmente, os manuscritos hebraicos de Isaias (existem dois deles) da coletânea dos Papiros do Mar Morto concordam com as versões (usualmente com a Septuaginta) e discordam do texto massorético padronizado. Quanto à importância desse fenômeno para a crítica textual do Antigo Testamento, ver as notas em Isa. 26.19, onde também apresento um gráfico ilustrativo.

63.12

Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés. O *braço* glorioso de Yahweh empregou a *mão direita* de Moisés como Seu instru-

mento, porquanto Deus é quem dera a Moisés o poder que ele tinha. Isso substituiu a declaração usualmente direta, a mão direita de *Yahweh.* Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Braço* e *Mão.* Ver sobre *mão* em Sal. 81.14; sobre *mão direita* em Sal. 20.6; e sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. O versículo presente modifica a metáfora, mas o significado permanece o mesmo: o poder divino realizou coisas admiráveis. Entre elas ocorreu a divisão das águas do mar Vermelho, que salvou o povo de Israel, mas matou afogados os soldados egípcios. Foi então que o *Nome Eterno* de Deus se tornou mais universalmente conhecido, devido ao fato de que o maior poder da época foi derrotado inesperadamente, mediante a intervenção divina.

"O braço do Guia Invisível é aqui concebido a acompanhar o grande líder de Israel, pronto a segurá-lo pela mão e suportá-lo em tempos de necessidade" (Ellicott, *in loc).* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Nome,* e ver sobre o nome divino em Sal. 31.3; e sobre *Nome Santo,* em Sal. 30.4 e 33.21.

63.13

Aquele que os guiou pelos abismos, como o cavalo no deserto. Depois de ter guiado os israelitas pelas profundezas do mar, Yahweh, em seguida, guiou-os pelo deserto perigoso; e eles, como se fossem um forte cavalo, não tropeçaram. Alguns pensariam que o *camelo* seria uma figura mais realista, mas temos aqui um *cavalo do deserto* especial, que é superior ao camelo. Alguns intérpretes, no entanto, arruinam a figura, fazendo o cavalo não tropeçar no *pasto.* Mas a idéia é que Israel, como se fosse um cavalo, pôde atravessar os rigores do deserto sem dar um único passo em falso. Mas agora, em vez de ser aquele cavalo forte e miraculoso, Israel era como um montão de vermes sob as rodas dominadoras dos babilônios.

63.14

Como o animal que desce aos vales, o Espírito do Senhor lhes deu descanso. Agora, finalmente, chegamos ao campo de pasto. Tendo atravessado o mar miraculosamente e passado pelos rigores e perigos do deserto, eles, como gado, chegaram a campos de pastagem de descanso e abundância. Aqui, sob forma poética, a entrada na Terra Prometida é retratada. Cada passo que eles deram foi guiado por Deus, e por Seu poder tornado possível, e esses passos os levaram do perigo para a abundância. No entanto, Israel queixava-se de que "o poder dos tempos antigos" os havia abandonado no presente, mas os israelitas, nem por uma vez sequer, pensaram que as condições atuais eram causadas por sua própria culpa. Eles simplesmente pensavam que Deus tinha abandonado o Seu povo. Yahweh fizera um "nome glorioso" para Si mesmo, mediante aqueles feitos de poder, e esse nome ficou registrado na história de Israel. Mas o Israel do presente se admira com o que aconteceu àquele Nome e seu alegado poder. Ver no *Dicionário,* e em Sal. 31.3, o artigo chamado *Nome.* Ver sobre *Nome Santo,* em Isa. 30.4 e 33.21.

Terceira Estrofe: O Pai e o Redentor (63.15-16)

63.15

Atenta do céu, e olha da tua santa e gloriosa habitação. Isaías havia descrito o passado glorioso de Israel, quando o poder de Yahweh estava em tão grande evidência, ao guiar Israel de vitória em vitória. Agora, em contraste, ele descreve o trágico presente de Israel, quando parecia não haver nenhum poder elevador em operação. Ele apresentou um poema com três estrofes, no qual apelou a Deus que ajudasse e renovasse o poder manifestado antes.

Yahweh, tão exaltado em Seu céu, parecia indiferente ao que acontecia à moderna nação de Israel. Momentaneamente, Isaías caiu no *deísmo,* que ensina que o poder criador abandonou Sua criação aos cuidados das leis naturais. A doutrina normal é a do *teísmo,* que ensina que Deus continua ativo em Sua criação e intervém mediante Sua providência negativa e positiva. Ele é o Guia da história humana, bem como a causa de seus eventos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo.* Pelo momento, entretanto, o profeta assumiu a posição *deísta.* Ele não via evidências da intervenção divina no presente. Por isso invocou a Yahweh que abandonasse Sua indiferença e voltasse a intervir nas atividades humanas. O profeta empregou fortes termos antropomórfiicos ao descrever o Deus dos dias passados. Suas entranhas "se agitaram" em ternas emoções por Seu povo, ou seja, sentindo por eles misericórdia e amor. Seu coração "saltava" quando Ele pensava em Seu povo. Mas agora coisa alguma acontecia. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* A habitação de Deus é elevada e gloriosa, mas Ele se faz urgentemente necessário *na terra,* que é baixa, profana e inglória.

63.16

Mas tu és nosso Pai, ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece. Assim como Yahweh foi o *Pai Redentor* de Abraão e da antiga nação de Israel, assim deve ser agora para a moderna nação de Israel. Abraão, de acordo com o profeta Isaías, não pensava mais em Israel; nem o fazia assim a antiga nação de Israel, que viu tanta glória, a qual nada sabia sobre a moderna e deplorável nação de Israel. Mas isso não significa que o Deus dos antigos patriarcas e da antiga Israel não seja o mesmo Deus dos israelitas modernos. Os antigos eram seres *mortais,* e assim passaram para além de onde existem as memórias; em outras palavras (provavelmente, na visão do autor), passaram para o nada. Mas Yahweh, sendo *imortal,* continuava consciente da moderna nação de Israel e intervinha em seu favor, não menos do que interviera em favor dos patriarcas e da antiga nação de Israel. O nome de Yahweh é aqui "Redentor desde a antigüidade"; mas o próprio Yahweh nunca envelhece, pelo que deve continuar a ser o "Redentor dos dias modernos". Este versículo tem sido usado por alguns eruditos como uma declaração contra a imortalidade pessoal, e, se tomarmos essas palavras exatamente conforme são, podemos fazê-las significar isso. Porém, é precário edificar doutrinas sobre tais afirmações, que realmente não se reportam ao caso em foco.

Quarta Estrofe: Voltai! (63.17-19)

63.17

Ó Senhor, por que nos fazes desviar dos teus caminhos? "A pecaminosidade de Israel gerou a pecaminosidade. O profeta implora aqui a Deus que livre Seu povo esquecido dos pecados, restaurando o santuário arruinado deles" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). O profeta lamentou-se e orou, e orou e lamentou-se. A perda do santuário era um terrível sinal de como Israel havia sido abandonada.

Deus, na qualidade de *Causa Única,* é visto aqui como a causa dos pecados de Israel, de sua voluntariedade, de sua rebelião e apostasia. Foi Deus quem endureceu o coração de Israel; foi Deus quem retirou deles o temor por *Yahweh.* Quanto ao *Temor do Senhor,* ver as notas expositivas em Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Temor.* Essa expressão é um sinônimo cru da espiritualidade, nas páginas do Antigo Testamento, a qual estava fundamentada sobre a lei; algumas vezes, porém, era palavra usada para incluir o real terror diante do Ser divino. Talvez o profeta acreditasse em *segundas causas* (Israel era a causa de suas próprias misérias, e foi endurecida por suas próprias decisões, devido ao decreto divino que disse: "Eles permanecerão sendo o que determinaram que serão"). Mas o texto emprega a linguagem de Deus como a Causa Única. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, e assim fazia de Deus a causa do mal, e não meramente do bem, exatamente a mesma posição do calvinismo radical de hoje. As Escrituras estão repletas de convites lançados aos pecadores para que se arrependam, presumindo que eles sejam moral e espiritualmente capazes de fazê-lo. Ver Jer. 31.18; Isa. 44.22. Cf. o texto quanto ao endurecimento do coração do Faraó, em Êxo. 7.3. Ver também a passagem bastante radical do nono capítulo da epístola aos Romanos, que está fundamentado sobre a doutrina de Deus como a Causa Única. Mas o resto da epístola aos Romanos se manifesta contra essa posição.

Volta. Ou seja, faz o teu amor voltar-se de novo para nós! Relembra-te dos teus *servos,* que em Ti confiam. Faz a Tua soberania operar em nosso favor, e não em favor de nossa ruína. Somos a tua *herança* (Sal. 28.9; 78.62; 106.40). O profeta apela para o auto-interesse de Deus!

63.18

Só por breve tempo foi o país possuído pelo teu santo povo. O templo e seu culto foram, por vários séculos, o centro de toda a fé e adoração dos hebreus. O *povo santo* possuiu aquele território para seu uso particular. Séculos são aqui chamados de "breve tempo". Então vieram os babilônios, e não somente profanaram o lugar, mas também o obliteraram. O mesmo aconteceu à maioria das cidades de Judá e até à capital, Jerusalém; mas o profeta limitou sua declaração a esta coisa temível: "O *santuário* foi destruído por homens ímpios!". Essa afirmação toma-se tanto mais enfática se observarmos que não foi o santuário de Israel que foi assim tratado, mas o santuário de *Yahweh.* Este versículo consiste em uma nota histórica, e não em uma profecia; e devemos lembrar que Isaías morreu muito antes que ocorresse o cativeiro babilônico. Eis a razão pela qual muitos eruditos falam no Segundo Isaías. Quanto a uma discussão do problema, ver a seção III da Introdução sobre a *Unidade* do livro de Isaías.

A herança teria um caráter perpétuo, como pacto que era. Mas quando o autor sagrado escreveu, o santuário estava em completa ruína. Portanto, o que sucedeu à promessa divina? O profeta Isaías invocou a Yahweh para *retornar* e repor as coisas em boa ordem.

63.19

Tornamo-nos como aqueles sobre quem tu nunca dominaste. Israel havia sido reduzido a um estado pagão. Eles não tinham mais capital, nem lei que

fosse lida e interpretada por homens santos; não tinham santuário nem culto; de fato, nem mais possuíam um país. O paganismo tinha dominado tudo, e eles tinham tornado Israel uma nação paga. Contudo, Yahweh, em Seu céu santo, elevado e remoto, parecia não notar coisa alguma nem se incomodar com o povo de Israel (vs. 15). Enquanto Ele habitava em Sua moradia gloriosa e elevada, o escabelo de Seus pés jazia em ruínas. E o pior de tudo é que Ele parecia ser a Causa de toda aquela miséria (vs. 17)1 Era como se nunca tivesse havido uma história: Yahweh-Deus de Israel. Até parecia que Yahweh nunca havia chamado Israel por Seu Nome e nunca tinha feito de Si mesmo um nome famoso agindo em favor de Israel (vss. 12 e 14). O passado estava morto, e parecia não haver presente para Israel. Israel não era mais um povo distinto. De fato, nem ao menos tinha um território pátrio. No passado, Yahweh tinha *governado* Israel (ver Isa. 6.5; 33.22; 41.21; 43.15; 44.6). Mas o povo de Israel havia perdido seu reino. Os babilônios o haviam tomado. "Ainda havia evidências e vestígios da antiga soberania de Deus. Ele tinha um nome, o Seu nome sobre Israel (ver Deu. 28.10; Jer. 14.9), mas era como se o Seu nome se tivesse perdido de Seu reino" (James Muilenburg, *in* toe).

Capítulo Sessenta e Quatro

Não há interrupção entre os capítulos 63 e 64. Continuamos estudando as estrofes do poema iniciado em Isa. 63.7.

"Saindo do *de profundis* do lamento, esta oração irrompe em sua petição mais apaixonada e anelante. A natureza remota de Deus, Sua aparente indiferença e Seu silêncio devem terminar. O profeta orou com intenso anelo, desejando uma teofania maior ainda que aquela que houve no Sinai (ver Êxo. 19) ou nas águas de Megido (Juí. 5). Ele implorou a Deus que Ele não somente 'olhasse do céu e visse' (ver Isa. 63.15), mas também rasgasse os céus adamantinos e se revelasse ao Seu povo, a fim de que os adversários dos judeus (cf. Isa. 63.18) soubessem que somente Ele é Deus, que opera grandes e terríveis maravilhas, responde ativamente àqueles que esperam por Ele, e vem ao encontro dos que se arrependem e se lembram dos Seus caminhos. Observe o leitor a ênfase teofânica que permeia a tríplice frase 'a tua presença' (vss. 1b, 2d e 3c), o duplo 'descesses' (vss. 1a e 3a), e o duplo ato de 'tremer', elemento característico das teofanias clássicas mediante o qual os poderosos baluartes do mundo, os montes, são abalados e ameaçados (vss. 2b e 3c)" (James Muilenburg, *in* toe).

Quinta Estrofe: Oração por uma Teofania Universal (64.1 -5b)

64.1

Oh! se fendesses os céus, e descesses! *Busca pela Presença do Senhor.* O profeta tenta agora anular o espírito da estrofe pessimista que ele acabara de escrever. Para tanto, precisa de nova manifestação da presença de Deus. A oração era que Yahweh se revelasse como fizera nos tempos antigos (ver Êxo. 19.16-18; Juí. 5.4,5; Hab. 3.3-15). Israel achava-se impotente quando se tratava de aproximar-se de Deus (ver Gên. 11.1-9; Êxo. 33.17-23). Mas Deus não_ conhecia limites e podia aproximar-se dos israelitas, salvando assim o dia (ver Êxo. 19-20) e repetindo a história antiga. Este primeiro versículo naturalmente é uma alusão à história da doação da lei, uma das ocasiões em que o Ser divino desceu até os homens e realizou um serviço notável (conferindo-lhes a lei, o Guia de Israel; ver Deu. 6.4 ss.).

"Este é um apelo para uma aparição dramática, conforme se vê em Juí. 5.5. Tal teofania, que abalou montanhas e fez a água ferver, deixaria confusos os inimigos de Israel. Eles anelavam pela repetição das maravilhas do êxodo" (Henry Sloane Coffin, *in* toe). Cf. Sal. 68.8; Êxo. 19.18; Apo. 16.20.

64.2

Como quando o fogo inflama os gravetos, como quando faz ferver as águas. O *fogo enviado do céu* incendeia os campos e faz ferver as lagoas. E isso, sem dúvida, chamaria a atenção dos povos pagãos que perseguiam a Israel, especificamente os babilônios, que os mantinham cativos. O Nome de Yahweh haveria de recuperar a antiga fama (ver Isa. 63.12,13). O *fogo* é símbolo característico (ou realidade) nas manifestações teofânicas (ver a respeito no *Dicionário).* Cf. Êxo. 19.18; Deu. 5.4; Heb. 12.18. Quase sempre tem o sentido simbólico de *julgamento* (ver Heb. 12.29), e o profeta olhava para benefícios em favor de Israel, através da presença do Senhor e do juízo que Ele efetuaria contra os perseguidores de Israel. A forma plural, nações, aqui usada, levou alguns intérpretes a pensar que está em foco a derrota dos inimigos de Israel, antes da inauguração da época áurea.

64.3

Quando fizeste cousas terríveis, que não esperávamos. A alusão, aqui, é a *doação da lei,* no Sinai. Cf. Deu. 10.21; II Sam. 7.13; Sal. 106.22. Os acontecimentos do Sinai tomaram Israel de surpresa, primeiramente devido ao próprio acontecimento; depois pela maneira notável como tudo sucedeu; então por causa do sentido a longo prazo do acontecido; e, finalmente, por sua avassaladora importância para Israel como uma nação. Jsso pavimentou o caminho para o pacto mosaico (comentado na introdução a Êxo. 19). Ali havia poder e significado que o profeta queria ver repetidos em seus próprios dias. Cf. este versículo com Sal. 65.5; 68.8 e Êxo. 34.10.

64.4

Porque desde a antigüidade não se viu, nem com ouvidos se percebeu. Este versículo generaliza o anterior. A obra no Sinai foi grande e visivelmente chocante, mas deve ter havido muitas outras obras divinas semelhantes. Ninguém jamais tinha visto os deuses pagãos fazer os tipos de maravilhas sobre as quais se lê na história de Israel. Há certa *singularidade* inerente nesses relatos, mas não foi por essa razão que o profeta pensava que eles não poderiam repetir-se. Os ouvidos humanos, ao menos teoricamente, poderiam ouvir novamente as histórias; os olhos humanos, teoricamente, poderiam ver essas coisas novamente. Paulo citou este versículo em I Cor. 2.9, para encorajar os crentes a pensar sobre o potencial espiritual. Os que esperam em Deus podem aguardar grandes coisas, ainda que não tão dramáticas como aquelas sobre as quais lemos nas Escrituras. As palavras "que nele espera" significam "que nele confiam", que Dele dependem, aguardando grandes coisas mediante o poder de Deus. 'Tu ajudas as pessoas que em Ti confiam" (NCV). Quanto ao caráter *singular de* Yahweh, ver Isa. 44.6,8; 45.5,6,21; 47.8,10.

64.5ab

Sais ao encontro daquele que com alegria pratica justiça. Yahweh vem correndo ao encontro do homem bem-intencionado, que se alegra no que é direito e cuja vida está edificada sobre princípios espirituais continuamente aplicados na prática. Esse é o homem que "espera no Senhor" (vs. 4). Ele se *lembra* do Senhor e dos Seus caminhos em todos os seus atos e tenta imitá-Lo. Está em pauta o homem dotado de fé de todo o coração. Ver as notas em Pro. 4.23. Yahweh vem ao encontro desse homem para mostrar-lhe favor. Há um *encontro* do Ser divino com o melhor do que os homens podem ser, e o resultado só poderá ser bom.

Sexta Estrofe: Uma Confissão de Culpa (64.5c-7)

64.5c

Por muito tempo temos pecado, e havemos de ser salvos? Depois de sua fervorosa esperança pela presença e pelo favor divino, a atitude do profeta Isaías voltou-se ao que era desanimador. Ele se voltou para a penitência e a confissão de pecados e esperou que Israel fizesse o mesmo, a fim de que o favor divino, pelo momento presente de aflição, pudesse ser obtido.

A ira de Yahweh estava por trás das tristes condições da nação de Israel. Eles não eram cativos dos babilônicos em troca de nada. O pecado tinha-se endurecido sob a forma de apostasia. O pecado os controlava fazia agora muito tempo. Poderia haver alguma salvação no meio daquilo? Poderia haver algum livramento para um pobre remanescente, pisado aos pés pelos babilônios?

64.6

Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia. "O profeta, falando em favor de seu povo, confessou os pecados e a impotência espiritual deles" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 5c-7).

Este versículo é um dos mais conhecidos de Isaías, largamente citado para mostrar que até a *justiça do pecador* é apenas outra forma de pecado aos olhos do Deus santo; os feitos retos de um homem, por estarem maculados pelo pecado (com erros de motivação e inadequação de propósito), são como trapos de imundícia. Este versículo tem sido corretamente usado para falar da "iniqüidade do pecado" e do caráter geralmente poluído do homem não-regenerado.

Ilustrações:

1. Os homens são *imundos* aos olhos de Deus, tal e qual um daqueles animais imundos que a lei proibia que fosse tocado ou usado como artigo de alimentação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo,* quanto a abundantes detalhes. O homem, na presença de Deus, é como um porco notoriamente imundo. Cf. Ageu 2.13,14. Todos os homens são imundos por causa de sua própria natureza e por causa das coisas em que "tocam". De fato, os homens são modelos de imundícia, se julgarmos de acordo com os padrões divinos, e não com os padrões humanos. Todos os homens são *leprosos* espirituais (ver Lev. 13.45).
2. Então, até mesmo a retidão de um homem, os seus feitos bons, são corruptos como os panos cheios de *sangue menstrualde* uma mulher, que era uma das coisas imundas, de acordo com a lei cerimonial dos israelitas. Ver Lev.

15,19-24. A maioria das traduções e dos comentadores evita a tradução literal aqui, ou por motivos pudicos ou por temor de ofender às pessoas. Cf. este versículo com Eze. 36.17, um paralelo direto a esta parte do versículo, e onde apresento um gráfico. Naquele versículo, menor número de traduções e intérpretes recorre a eufemismos.

3. Por causa de suas iniqüidades, os homens são levados a "murchar como uma folha", isto é, *morrem.* O pecado arrebata primeiramente a vitalidade espiritual de um homem e então sua vida espiritual, bem como sua vida física. Ver a epístola de Romanos. O pecado é um assassino.
4. A folha murcha, mais tarde transformada em poeira, é *varrida embora* pelo vento, isto é, transmuta-se em nada. Talvez a figura pretendida seja que as folhas de outono caem das árvores por causa do frio do inverno, que as mata. Em seguida, os ventos do outono e do inverno sopram e as levam embora. Cf. Isa. 40.24; 41.16; 57.13; Jó 27.21 e Sal. 1.3. Essa parte do versículo serve de excelente ilustração dos cativos levados para a Babilônia. Os ventos adversos da Babilônia os tangeram da terra nativa. Os que nunca viveram em países frios não podem compreender a metáfora das folhas de outono. Excetuando as espécies vegetais perenemente verdes, as folhas das árvores começam a morrer e cair. Elas não podem resistir ao frio. Quando a neve começa a cair, as árvores já estão essencialmente desprovidas de folhas e parecem mortas. No entanto, nos galhos aparentemente mortos e no tronco das árvores continua a palpitar a vida, preparada para explodir novamente, mas as *folhas* estão mortas e são tangidas pelo vento. Quando chega a primavera, *folhas novas* aparecem nas plantas e nas árvores, e as flores começam a abrir-se de novo. É o milagre da primavera; é o milagre de uma nova vida. A palavra inglesa para outono, *fali* (queda), deriva-se dessa perda anual das folhas, por parT§ das árvores.

64.7

Já ninguém há que invoque o teu nome. Além de mergulhados no pecado, o povo de Israel havia caído em total *apatia* espiritual, ou pior, em total *rebelião* espiritual. Nenhum israelita invocava a Yahweh; ninguém sentia compulsão interior para promover Seu culto ou mesmo para orar. O *Nome* de Deus tinha caído em completa negligência, mas podemos estar certos de que outros nomes estavam sendo adorados e invocados. Yahweh ocultou deles o *Seu rosto,* e Isaias lançou a culpa disso sobre a indiferença do povo de Israel. Contudo,' competenos compreender, por meio deste versículo, que foram eles que levaram Yahweh a abandoná-los. Como castigo, foram entregues ao cativeiro babilônico. Cf. Rom. 11.21-24, um paralelo espiritual desta estrofe.

"Em todo o Antigo Testamento, não há outro discernimento mais profundo acerca do pecado. O poeta viu seu povo conquistado não pelos babilônios ou por outros inimigos, mas por suas próprias iniqüidades. Esta oração, que pede outro êxodo, é, primariamente, uma petição para que Deus os livrasse deles mesmos" (Henry Sloane Coffin, *in loc).*

Eu sou meu próprio principal traidor.

Meu amigo mais afagado é meu mortal inimigo.

(Christina Rossetti)

Sétima Estrofe: Súplica Final (64.8-12)

64.8

Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu o nosso oleiro. O profeta continua seu apelo para que Yahweh ajudasse Seu povo, que tinha caído sob severa condenação por causa do pecado. Ele fez o apelo final, relembrando que Yahweh tinha uma relação de Pai para com eles. Eles eram Seus filhos desesperados na Babilônia, sofrendo um inimaginável tratamento da parte dos pagãos.

Os Três Apelos do Vs. 8:

1. O Deus Eterno (Yahweh) era o *Pai* de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Paternidade de Deus.* Este é um dos nossos mais elevados conceitos espirituais, que o Novo Testamento eleva ainda mais, até contemplar, finalmente, a real participação dos filhos na natureza do Pai, o mais exaltado conceito da salvação (ver II Ped. 1.4). Os exilados, em sua miséria na Babilônia, não pareciam ser um povo_especial, mas o profeta insistiu na natureza ímpar deles como filhos. Ver Êxo. 4.22.
2. Israel era o *barro* especial que a mão divina estava moldando para tornar-se um vaso especial. Mas parecia que o Senhor havia rejeitado o vaso, por causa de suas falhas. E o profeta Isaias convidou o Oleiro a terminar o trabalho que tinha planejado, não permitindo que Seu esforço passado se reduzisse a nada. Quanto ao simbolismo do barro-oleiro, ver Isa. 45.9. Cf. Jó 10.9; Jer. 18.4 ss.; Rom. 9.19 ss.
3. A terceira linha poderia ser uma adição à segunda, continuando o simbolismo do barro-oleiro, ou, mais provavelmente ainda, contendo um terceiro simbolismo, o do Criador-ser criado. A criação foi uma grande realização e requereu muito poder. Israel recebeu uma posição *distinta* diante de Yahweh, como filho (primeira linha); mas também compartilhava o *relacionamento comum* com Ele, como ser criado. Admite-se que as criaturas são entidades muito inferiores quando comparadas ao Criador; mas, nelas mesmos, são seres exaltados, um pouco inferiores aos anjos (ver Sal. 8.5). Cf. esta parte do versículo com Isa. 60.21 e Jer. 18.5,6.

64.9

Não te enfureças tanto, ó Senhor, nem perpetuamente te lembres da nossa iniqüidade. Seguindo três argumentos convincentes lançados a Yahweh para que abrandasse a punição contra o pecado (vs. 8), Isaias simplesmente fez um apelo geral e inclui, uma vez mais, a idéia que Israel é o povo de Deus (o argumento do *filho,* primeiro ponto do vs. 8). Quanto à idéia de Deus não se *lembrar* da culpa passada de Israel, cf. Sal. 79.8. Deus "se lembra" e age em consonância com essa lembrança; mas finalmente chega o tempo em que a mente divina pode esquecer-se, a fim de exercer misericórdia, em vez de ira. Quanto a Israel como o povo distinto de Deus, ver Isa. 63.8 e Deu. 4.4-8. Foi feita uma distinção — a de possuir e obedecer à lei — pelo que ficou pressuposto que a ira seria esquecida, tendo de haver renovação da correta relação entre Israel e a lei mosaica.

64.10

As tuas santas cidades tornaram-se em deserto, Sião em ermo. Cf. Isa. 63.18, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Encontramos agora outra referência história às devastações causadas pelo ataque dos babilônios e pelo subseqüente exílio dos poucos sobreviventes de Judá. Ver no *Dicionário* sobre *Cativeiro Babilônico,* quanto a detalhes. A maioria das cidades de Judá foi destruída e saqueada, e Jerusalém foi alvo especial de brutalidades. O templo foi destruído, e a cidade foi assolada. A maioria dos habitantes foi executada, e os poucos sobreviventes foram levados para a Babilônia. O termo *santa* aplica-se à Terra Prometida, às cidades de Judá e, especialmente, a Jerusalém, por ser essa a nação separada por Yahweh para o culto à Sua pessoa e para Sua manifestação. Tudo pertencia ao Deus Santo e tinha por intuito exprimir Sua santidade. Esse é o único exemplo bíblico das palavras "santas cidades" (no plural), mas a Septuaginta e a Vulgata não puderam deixá-las como elas são, porém as usaram na forma singular.

64.11

O nosso templo santo e glorioso, em que nossos pais te louvavam. O templo merecia especial menção entre as coisas arruinadas. Era uma *belíssima construção* e tornou-se o melhor símbolo do culto a Yahweh na Terra Prometida. Era o antigo local de adoração e uma belíssima peça de arquitetura. Mas os bárbaros babilônios não pouparam nem mesmo o templo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo de Salomão,* quanto a descrições completas desse impressionante edifício.

Todas as nossas cousas preciosas se tornaram em ruínas. Esta referência pode ser uma expressão nostálgica que fala de todas as coisas e locais da Cidade Santa, que agora estavam em ruínas. Ou então a referência pode ser a itens preciosos do próprio templo, como compartimentos, átrios e objetos sagrados, por cerca de 400 anos considerados preciosíssimos aos olhos dos habitantes de Jerusalém, mas que as invasões bárbaras dos babilônios não tardaram em transformar em pó, sem nenhuma sensibilidade estética ou espiritual.

64.12

Conter-te-ias tu ainda, ó Senhor, sobre estas calamidades? Porventura Yahweh, vendo tudo quanto tinha acontecido à "Sua" terra, ao "Seu" povo e ao "Seu" lugar de adoração, continuaria mostrando-se passivo e não destruiria os destruidores, e não restauraria a destruição provocada por eles? Este versículo nos remete ao apelo do profeta para que Deus entrasse em ação. Permaneceria Yahweh passivo e indiferente? Cf. Isa. 63.15. Por quanto tempo ainda perduraria o silêncio divino? Ver Isa. 62.1 e 65.6 quanto ao silêncio divino que o profeta esperava em breve ser quebrado. Ver também Sal. 79.5 e 85.5-7, onde encontramos algo similar.

"O apelo final à compaixão paternal de Yahweh relembra-nos a cena em que José não podia *refrear-se* (ver Gên. 45.1) e sua ternura natural se manifestou. Poderia o Deus de Israel olhar para a cena de desolação e não se comover à piedade e à ação?" (Ellicott, *in loc).* Ver Isa. 42.14. As palavras deste versículo revestem-se de especial significação histórica. Elas têm sido repetidas por muitas vezes nas sinagogas, evocando um apelo contínuo à intervenção divina em favor da triste sorte dos judeus.

Capítulo Sessenta e Cinco

A Resposta de Deus e o Reino Prometido (65.1 - 66.24)

Este capítulo, que fala do julgamento e da salvação, é uma resposta de Deus ao prolongado apelo por misericórdia de Isa. 63.7-64.12. É igualmente uma espécie de companhia do capítulo 66. Os dois capítulos, pois, formam um par natural. Yahweh é o orador do começo ao fim. E a resposta de Yahweh também prove uma espécie de sumário das principais idéias do profeta Isaías. O amor divino sempre esteve ali, mas quase sempre repelido. No entanto, os propósitos de Deus persistiram e prometeram, escatologicamente, um bom resultado final dos tratos divinos com Israel e com as nações da terra. Um remanescente será preservado e os desígnios de Deus serão cumpridos. A vontade do Senhor governa as atividades dos homens (ver as notas sobre Isa. 13.6). O Reino glorioso de Deus será estabelecido, e a paz e a retidão florescerão (vss. 17-25).

"Este capítulo contém uma defesa dos procedimentos divinos em relação aos judeus, com referência à queixa do capítulo anterior. Deus é apresentado a declarar que Ele havia chamado os gentios, embora eles não O tivessem buscado; e que havia rejeitado o Seu próprio povo por ter-se recusado a atender aos Seus convites repetidos, e isso por causa de sua desobediência obstinada, suas práticas idolatras e sua detestável hipocrisia. Não obstante, Ele não os destruiria, antes preservaria um remanescente com quem cumpriria Suas antigas promessas. Severas punições ameaçam os apóstatas; e grandes recompensas são prometidas aos obedientes, em um futuro estado florescente da igreja" (Adam Clarke, *in* toe).

Primeira Estrofe: O Senhor é Acessível (65.1-2)

65.1

Fui buscado dos que não perguntavam por mim; fui achado daqueles que não me buscavam. O amargo apelo e petição de Isa. 63.7-64.12 foi repreendido inicialmente por mostrar que, enquanto Yahweh era acusado de *indiferença* pelo Seu povo (ver Isa. 62.1; 64.12 e 65.6), a verdade da questão era que o povo, em sua rebelião e apostasia, é que tinha cortado comunicações com o Ser divino. Havia uma *busca*, é verdade, mas não em arrependimento, pelo que era como se eles não buscassem a Deus. Yahweh estava sempre *bem disposto* a receber todo aquele que O buscasse com sinceridade. Estava sempre "preparado para ser achado". Não sentia prazer algum no desastre do cativeiro babilônico. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* E o mesmo tanto pode ser dito com relação à dispersão romana que finalmente será revertida. Cf. a prontidão de Yahweh em se deixar *achar* com Isa. 55.6 e Deu. 4.7.

Não perguntavam por mim. Ao texto massorético falta a palavra "mim", mas ela se encontra nos manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto e também nas versões da Septuaginta e da Vulgata Latina. Ocasionalmente, as versões (especialmente a Septuaginta) concordam com os manuscritos hebraicos, e não com o texto massorético padronizado. Quanto à importância desse fenômeno para a crítica textual do Antigo Testamento, ver as notas expositivas sobre Isa. 26.19 e o gráfico que ilustra a questão.

Eis-me aqui, eis-me aqui. Estas palavras enfatizam a *disponibilidade* divina, a qual foi anulada por um povo rebelde que buscava, invocava, orava e vivia incorretamente. O *Nome* de Yahweh não era buscado em verdade pelos filhos de Israel. O *nome* aponta para a pessoa, com qualidades e atributos essenciais, e o nome divino era considerado poderoso para fazer qualquer coisa, para o que bastava pronunciá-lo. Ver sobre *Nome* no *Dicionário* e em Sal. 31.3 e ver sobre *Nome Santo* em Sal. 30.4 e 33.21.

Citação no Novo Testamento. Paulo citou os **vss.** 1-2 deste capítulo em Rom. 10.20,21 e fez Yahweh ser achado pelas *nações* que não O buscavam, a saber, os gentios. Portanto, os versículos são aplicados à bem-sucedida missão gentílica da igreja, por meio de uma *acomodação* (ver a respeito no *Dicionário).*

65.2

Estendi as minhas mãos todo dia a um povo rebelde. A disponibilidade de Yahweh é demonstrada pelo fato de que Ele tinha estendido as mãos, mostrando-se assim pronto a receber de volta o apóstata povo de Israel. As mãos estendidas demonstram um gesto de *convite.* Cf. Pro. 1.24. Em Isa. 1.15, é o povo de Israel que estende as mãos, em atitude de súplica. O convite divino foi longo e persistente, a saber "todo dia", a fim de que pudesse ser entendido pelo povo de Israel. Mas o *andar* dos israelitas apenas os afastava mais e mais de Yahweh, em vez de aproximá-los, ficando assim anulado o convite. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar.* O andar deles era corrupto, apóstata, iníquo, pecaminoso e perverso. Eles seguiam seus próprios *esquemas,* isto é, seus pensamentos e planos pervertidos, que terminavam na corrupção total de uma nação inteira. O convite de Yahweh, através de Sua lei mosaica e dos profetas, não impressionou o corrupto povo de Israel e, no entanto, eles se queixavam de que Deus se tornara indiferente.

O uso dessas palavras por parte de Paulo, em Rom. 10.20,21 faz este versículo aplicar-se aos gentios, e o vs. 2 aos judeus, mas Isaías usou ambos os versículos para referir-se aos judeus.

Segunda Estrofe: O Culto Corrupto e Supersticioso (65.3-5)

65.3

Povo que de contínuo me irrita abertamente, sacrificando em jardins. Entre os pecados do povo de Israel estavam seus cultos apóstatas, que imitavam as formas religiosas do paganismo. Essa era a principal *provocação* contra Yahweh, porquanto Seu próprio Nome era posto em dúvida. Ele tinha ou não um Nome acima de todo o nome? Os lapsos freqüentes de Israel no paganismo respondiam com um "não". A apostasia de Israel era franca, aberta, efetuada bem no "rosto" de Yahweh, chegando mesmo a invadir o templo ou então a substituí-lo por outras coisas.

Era natural (embora errado) que o povo de Israel poluísse belos locais da natureza, como os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário),* nos bosques e nos jardins, tornando-os locais de práticas idolatras. Era nos *jardins* que os judeus efetuavam cultos em honra à natureza. Cf. Isa. 1.29; 57.5 e 66.17. Além disso, havia os *tijolos* sobre os quais eles queimavam incenso a outros deuses. Talvez estejam em vista as jarras de incenso feitas de argila cozida. A arqueologia tem descoberto tais objetos em Bete-Seã e Taanaque. Visto que a referência não é clara, alguns estudiosos emendam para *telhados* como lugares onde o incenso era queimado. Ver Jer. 1.16. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Incenso.* O incenso tinha um papel legítimo no culto a Yahweh, mas era usado de muitas maneiras duvidosas. Ver II Reis 23.12 e Jer. 19.13 quanto às práticas pagas efetuadas nos telhados ou eirados das casas. Também podiam estar em vista *altares de tijoios,* embora isso pareça menos provável.

65.4

Que mora entre as sepulturas e passa as noites em lugares misteriosos. Cf. Isa. 65.4 e 66.17. O propósito disso era consultar os mortos, isto é, os espíritos dos mortos, que ficariam a rondar em torno dos sepulcros, ou entrar em contato com pessoas que freqüentassem tais lugares, embora não se pensasse que elas vivessem ali. Ver Isa. 8.19 e 29.4. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Necromancia.* Esta referência, como é natural, diz-nos que o povo de Israel acreditava na sobrevivência da alma, embora essa idéia, como doutrina, tivesse surgido tardiamente no sistema dos hebreus.

Passa as noites em lugares misteriosos. Os israelitas passavam as noites à beira dos sepulcros e túmulos, na esperança de receber alguma espécie de revelação que resolvesse problemas pessoais ou coletivos. Ver Isa. 29.4. Esperava-se que lhes fossem concedidos *sonhos sagrados,* incomuns, inspirados por deuses ou espíritos. Essa prática era chamada "incubação", modo de agir mediante o qual os homens tentavam cultivar e provocar sonhos ou visões. Essa prática era popular no culto de Asclépio, em Epidaurus, conforme nos informa Virgílio, em *Aeneida* VIII.88-91, e também Horácio, em *Sátiras* I.8. De acordo com as leis cerimoniais dos hebreus, os sepulcros eram lugares imundos, mas, querendo os israelitas imitar os pagãos, isso era convenientemente esquecido.

Como carne de porco. A lei mosaica proibia enfaticamente essa prática (ver Lev. 11.7; Deu. 14.4; Isa. 66.17). Mas o porco era considerado animal sagrado em certos cultos pagãos. Na Babilônia era um animal sagrado para o deus *Ninurta.* ingerir a carne desse animal era considerado, sem dúvida, um sacrifício; e havia, tal como no culto celebrado pelos hebreus (com os animais aceitáveis, como o touro, o carneiro, o bode e algumas aves), uma refeição festiva associada ao culto. O porco era a grande atração dessa festividade. Quanto aos *cinco* animais aceitáveis pelos hebreus como próprios para os sacrifícios e para a festividade que se seguia, ver Lev. **1.14-16.**

Ensopado de carne abominável. Uma referência geral é aqui feita aos sacrifícios e às festividades com animais proibidos pela legislação mosaica. Refeições sacrificais eram feitas com deliciosas preparações de carne. Os pagãos não se limitavam aos cinco animais usados pelos hebreus. Compreende-se que o porco não era o único animal *imundo* empregado pelos povos pagãos. Refeições sacrificais se faziam acompanhar por todas as espécies de ritos, como adivinhações, mágica, encantamentos etc, que não eram aceitáveis pela ortodoxia dos hebreus.

65.5

Povo que diz: Fica onde estás, não te chegues a mim. *Os adoradores pagãos* (incluindo os judeus renegados) pensavam santificar-se mediante o que faziam e, por isso mesmo, pediam que as pessoas se mantivessem afastadas e não tocassem neles enquanto ainda brilhavam com "o fogo e o favor divino". Mas se eles se consideravam dignos de alguma coisa, para Yahweh eles eram como fumaça que irritava o nariz. Eles eram como brasas que continuavam a queimar até se consumirem e se tornarem nada. O contínuo *fogo pagão* deles provocava a ira de Yahweh. "Os ritos dos cultos pagãos eram como fumaça que apenas despertava a ira de Deus (Sal. 18.8), como fogo que queimasse um dia inteiro (cf. Deu. 32.22; Jer. 17.4; 64.5). De acordo com a antropologia psicológica dos hebreus, o *nariz* era a sede da ira. No hebraico, as palavras para *ira, nariz* e *ventas* são um só vocábulo" (James Muilenburg, *in* toe). O sabor disso era de morte, e não de vida. Alguns eruditos comparam o queimar continuo com o hades; mas isso é anacrônico aqui.

Terceira Estrofe: O Custo do Julgamento Divino (65.6-7)

65.6

Eis que está escrito diante de mim, e não me calarei. Yahweh, em vez de conservar o silêncio, de repente irromperia em ira e julgamento de fogo. E, quando Deus assim irrompesse, isso teria por finalidade ferir, e não curar, conforme esperava o povo apóstata de Israel. Ver as notas expositivas em Isa. 64.12 e 65.1. O povo de Israel ainda não estava preparado para um ato favorável de Yahweh. Eles teriam de ser purificados antes de mais nada, e essa purificação assumiria a forma de um severo julgamento contra o pecado, visando especialmente anular a idolatria deles, conforme descrito no vs. 4. Este versículo, portanto, é *irônico.* Yahweh deixaria Sua aparente indiferença e quebraria Seu silêncio, mas para julgar, e não restaurar. Por outro lado, Seu julgamento seria o primeiro passo na restauração, porquanto todos os juízos divinos são restauradores, e não apenas retributivos.

Está escrito. O decreto divino do julgamento já fora registrado no livro de Deus, pelo que era inevitável. O destino de Israel já estava determinado Cf. Êxo. 32.32; Mal. 3.16; Sal. 69.28; Dan. 7.10; Apo. 20.12; Deu. 32.34; Sal. 130.3 e 139.16. Vários povos pagãos também acreditavam que seus deuses guardavam livros onde era registrado o destino de indivíduos e povos. A idéia persistiu no período judaico posterior e se encontra na literatura apocalíptica dos judeus. Ver Enoque 81.4. Encontramos algo similar na escatologia de Zaratustra. Ver Isa. 13.6, acerca como Deus controla as supostas vicissitudes da vida humana.

Eu pagarei, vingar-me-ei, totalmente. O julgamento divino seria severo, como um golpe diretamente aplicado na vida do povo de Israel. Seria "completa e justa retribuição de castigo por todas as transgressões deles" (John Gill, *in* toe).

65.7

Das vossas iniqüidades, e juntamente das iniqüidades de vossos pais. As iniqüidades dos pais e dos filhos, especialmente as *idolatrias* que eles promoviam, só podiam redundar no severíssimo golpe divino contra eles. Eles estavam acostumados a queimar incenso nas colinas, nos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário),* imitando os atos dos pagãos, esquecidos da lei e das alianças. Dessa maneira, zombavam do Nome de Yahweh. Não nos admiremos, pois, que o golpe divino os atingisse em pleno peito (vs. 6, agora repetido aqui). A queima de incenso às divindades pagas foi sempre objeto constante do ataque dos profetas. Ver Isa. 57.5,7; Osé. 4.13; Eze. 6.13. Havia grande *acúmulo* de pecados, como houve nos tempos anteriores ao dilúvio; e isso *requeria* a retaliação divina.

"A perversão das mente humana por meio do secularismo, nos tempos modernos, é uma influência correspondente. Essa perversão invade as crenças religiosas e as insensibiliza. Os mestres e os pregadores continuam a dizer às pessoas o quão *pouco* eles podem acreditar e continuar a ser crentes" (Henry Sloane Coffin, ín toe).

Quarta Estrofe: Deus Não Destruiria Todo o Povo (65.8-10)

65.8

Assim diz o Senhor: Como quando se acha vinho num cacho de uvas. Os julgamentos de Deus podem ser assustadores, mas não têm por finalidade destruir totalmente. Um remanescente seria preservado, a fim de que os propósitos de Deus pudessem prosseguir com o "seu povo". "Como um bom cacho de uvas é separado das uvas más, assim também Deus separará os retos dos injustos (ver Mat. 25.32,33)" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

Um bom vinho pode ser feito de um cacho de uvas, e assim também um vinho azedo pode proceder de outros cachos, mas isso não deve anular o vinho bom que pode ser produzido. Enquanto se admite que a maior parte do povo de Israel estava podre, poder-se-ia encontrar um bom cacho, o remanescente da promessa. "Isa. 64.6 salienta o pecado de todos. Mas a resposta divina (Isa. 65) é de que um remanescente seria achado digno de ser preservado... O Antigo Testamento inteiro dá grande valor a um remanescente salvo. Deus teria poupado a cidade de Sodoma se ali encontrasse ao menos dez homens justos (ver Gên. 18.32). Ele reduziu as forças de Gideão a 300 homens resolutos (ver Juí. 7.1-7)" (Henry Sloane Coffin, *in* toe). Havia uma comunidade eleita dentro da comunidade maior de Israel, e isso seria suficiente para a sobrevivência e o futuro da nação. Lembremo-nos da história do dilúvio. As coisas foram reduzidas a alguns preciosos poucos indivíduos, mas isso foi suficiente para o propósito divino.

65.9

Farei sair de Jacó descendência, e de Judá um herdeiro. Havia o povo escolhido de Israel, a nação eleita, o bom cacho de uvas, em uma vinha de outro modo pútrida. Os fiéis continuariam e reteriam a Terra Prometida (ver Isa. 57.13; 60.21). O *solo sagrado* tinha de ser possuído, mas somente o remanescente santo é digno. Eles herdariam os montes, provavelmente uma referência à Palestina em geral e a Jerusalém em particular. Ver Isa. 57.13 e Eze. 38.21. Cf. o espírito do capítulo 9 da epístola aos Romanos. A referência história mais provável é ao retorno do minúsculo remanescente do cativeiro babilônico para reiniciar a nação de Israel, com alguns poucos sobreviventes de uma única tribo, Judá. Mas talvez este versículo também tenha um aspecto escatológico, referindo-se ao novo começo da nação, antes da era do Reino de Deus.

65.10

Sarom servirá de campo de pasto de ovelhas. O remanescente dos judeus possuirá a Terra Prometida inteira, incluindo Sarom, a região da planície marítima, desde o monte Carmelo até Jope. Ver sobre *Jope* no *Dicionário,* quanto a detalhes. O vale de Açor provavelmente é o moderno wadi Kelt, perto de Jerico (ver Jos. 7.24; 15.7; Osé. 2.15). Todos os lugares aqui mencionados são bons para servir de pasto e para efeitos agrícolas, pelo que o remanescente terá provisão adequada para sua renovação. O versículo é escatológico. "Esta passagem descreve o estado idílico de paz e contentamento que predominará durante a nova era" (James Muilenburg, *in* toe).

Quinta Estrofe: A Destruição dos Apóstatas (65.11-12)

65.11

Mas a vós outros, os que vos apartais do Senhor, os que vos esqueceis do meu santo monte. Em contraste com as bênçãos recebidas pelo remanescente, as coisas não correrão bem com aqueles (a maioria) que nunca foram capazes de sair da apostasia. Esses se esqueceram de Yahweh; olvidaram Seu santo monte, o templo e o culto, e correram para os lugares altos dos montes santos. Refugiram-se em *Gade* (Fortuna) e *Meni* (Destino), ambos deuses falsos. Gade era uma divindade síria. Seu nome foi preservado em lugares como Baal-Gade (ver Jos. 11.17; 12.7; 13.5). Ver também Migdal-Gade, em Jos. 15.37. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Gade* e *Meni,* quanto ao que se sabe sobre eles. Ver também *Deuses Falsos.* Foi encontrada uma inscrição latina que continha esses mesmos nomes, juntos. Nas inscrições egípcias, o nome Meni aparece como o apelativo de uma divindade feminina. Mas esses nomes não se encontram entre as divindades do panteão babilônico. Seja como for, os homens buscavam boa sorte e bom destino da parte dos deuses falsos, que não tinham poder de ajudar, e por isso abandonavam Yahweh, que tinha um brilhante futuro para eles. Agindo assim, chegaram a um resultado muito ruim, embora não haja aqui indício de julgamento para além do sepulcro.

Essas divindades eram adoradas por meio dos ornamentos usuais das festas e libações, das quais os adoradores participavam, tal como era feito no caso do culto a Yahweh. Mas tudo não passava de exercícios tolos e inúteis.

65.12

Também vos destinarei à espada, e todos vos encurvareis à matança. Visto que eles procuravam um deus falso, o *Destino,* por isso mesmo Yahweh os tinha destinado à espada, uma declaração altamente sarcástica. Yahweh os havia chamado, mas eles O ignoraram. Contudo, eles não seriam capazes de ignorar a espada que Ele lhes enviaria. Entrementes, os gritos deles, dirigidos a Gade e Meni, não fariam bem algum. Eles tinham praticado o mal à vista de Yahweh, e agora teriam de sofrer um *mal retaliador.* Trata-se daquela mesma história antiga, a síndrome perpétua do pecado-julgamento-restauração, mas aqui somente o remanescente recebe a promessa de escapar das más conseqüências de seus atos.

Tais pessoas, diz Deus, estão condenadas a morrer à espada, pois se recusaram a ouvir o Senhor e deliberadamente preferiram continuar pecando (ver Isa. 66.4)" (John S. Martin, *in loc.).*

Vos destinarei. Temos aqui um jogo de palavras com o vocábulo Meni, empregando o termo hebraico *manah,* palavra de som semelhante. "Pode haver nestas linhas uma *resposta implícita* às queixas e lamentações concernentes ao silêncio do Senhor, que aparecem em Isa. 63.7-64.12. O povo de Israel não respondeu ao *convite divino* para voltar arrependido, mas, antes, preferiu o mal. As últimas quatro linhas do versículo são praticamente repetidas em Isa. 66.4" (James Muilenburg, *in loc).* Cf. o vs. 24 deste capítulo. Quanto ao remanescente reto, a resposta de Yahweh ao Seu povo escolhido, que por Ele tinha clamado, foi dada imediatamente, trazendo alegria e bênçãos.

Sexta Estrofe: Os Servos do Senhor e os Apóstatas (65.13-14)

65,13-14

Pelo que assim diz o Senhor Deus: Eis que os meus servos comerão. Temos aqui os quatro *eis!* que enfatizam o julgamento desta estrofe escatológica. Esse é o clímax das duas estrofes anteriores. *Yahweh-Elohim* foi o autor do oráculo, e Ele se dirigiu às qualidades morais e espirituais dos bons e dos maus, dos benditos e dos amaldiçoados. Temos aqui diversos contrastes radicais entre os *servos* e os *apóstatas.*

Consideremos estes quatro pontos, que incluem o versículo seguinte:

1. *Eis!* Os servos de Yahweh-Elohim (o Deus eterno e Todo-poderoso) *comerão,* dotados de abundância tanto da alimentação material quanto da alimentação espiritual, e gozarão de prosperidade geral na vida. Mas os israelitas ímpios, que tinham apostatado (vs. 11), além de serem atacados por inimigos estrangeiros (vs. 12), padecerão carência das provisões básicas para suas necessidades comuns. Em outras palavras, ficarão *desolados.* Eles tinham abundância do que comer quando adoravam seus ídolos e participavam de suas festas (vs. 11), mas tudo isso tinha chegado agora ao fim.
2. *Eis!* Os servos de Deus terão *bebidas* em abundância, acompanhantes do alimento sólido. As duas coisas, juntas, podem apontar para as refeições sacrifícais em favor de Yahweh, em contraste com os sacrifício oferecidos a ídolos (vs. 11). Haverá abundância material e espiritual, mas aos ímpios faltará a satisfação até das necessidades básicas.
3. *Eis!* Os servos do Senhor serão cheios de alegria e se regozijarão por causa de todos os benefícios que receberão; mas os apóstatas, faltando-lhes até o alimento físico e as provisões espirituais, serão envergonhados, pois todos os homens dirão: "Eis o que Deus fez a esses réprobos!". Ver um bom paralelo neotestamentário deste versículo em Luc. 6.20-26.

   Os meus servos cantarão por terem o coração alegre, mas vós gritareis.
4. *Eis!* Os servos de Yahweh cantarão de alegria; o coração deles estará tomado pelo regozijo. Mas os apóstatas terão carradas de razão por sua tristeza, pois julgamentos divinos severos lhes terão sobrevindo. Eles uivarão como se fossem animais ferozes, diante do profundo vexame de seus espíritos. Eles "gritarão em altas vozes, porque seus espíritos estarão alquebrados" (NCV). "Esta parábola é muito parecida com a parábola das virgens prudentes e das virgens insensatas (Mat. 25), bem como similar à parábola do casamento do filho do rei (Mat. 22)" (Adam Clarke, *in loc).*

   Se esta estrofe for escatológica, então nos cumpre antecipar que tais condições prevalecerão quando o remanescente de Israel estiver preparado para ingressar na era do Reino.

Sétima Estrofe: Novo Nome e Nova Bênção (65.15-16)

65.15

Deixareis o vosso nome aos meus eleitos por maldição. Tendo feito o contraste entre os eleitos-remanescentes e os apóstatas (vss. 12-13), o autor sagrado, falando em nome de Yahweh e conferindo-lhes o Seu oráculo, descreveu o estado abençoado do Novo Israel, com seu Novo Nome na nova era. O contraste com os ímpios, entretanto, é mantido.

Os novos nomes incluem os nomes dos apóstatas, a saber, uma *Maldição;* e o nome dos servos de Deus, ou seja, *Abençoados,* embora este último não seja especificamente declarado. Os apóstatas são afligidos, mas os bons ultrapassaram todas essas misérias. Ver Isa. 62.2 quanto ao motivo do *novo nome,* onde ofereço referências em relação ao conceito, conforme ele aparece em outros lugares na Bíblia. O Novo Nome significa um novo caráter; uma nova manifestação do ser; uma nova vida; uma nova expressão da existência humana, cheia de bênçãos e vantagens. Quanto à maldição dos apóstatas, cf. Jer. 24.9. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Maldição.*

65.16

De sorte que aquele que se abençoar na terra, por Deus, que dirá amém, é que se abençoará. Os servos de Deus, chamados *Abençoados* (vs. 15), obterão todos os benefícios da Terra Prometida, e a fonte originária dessas bênçãos será Deus. O Deus da Verdade, que fez as promessas, cumprirá Sua palavra. Se alguém fizer um juramento, não o fará por nenhum deus falso, mas pelo Deus da Verdade. Ele cumprirá todos os seus votos, porquanto isso estará em seu coração, em contraste com os apóstatas, que juravam e serviam a deuses que eram nada. Para os bons, as tribulações terão chegado ao fim, porque a história de Israel terá progredido para além da antiga síndrome do pecado-julgamento-restauração. O ciclo cessará e parará na restauração. Os pecados serão esquecidos por Deus, e as vantagens e os resultados da santidade tomarão conta de tudo durante a Nova Era. As *tribulações anteriores,* neste versículo e em Isa. 63.9 (descritas na grande seção de Isa. 63.7-64.12), terão cessado.

Deus, que dirá amém. Literalmente, o original hebraico diz: "Deus do amém", o que tem reflexo em Apo. 3.14. Esse uso foi transferido para a literatura litúrgica. Cf. II Cor. 1.20; João 1.17; 6.32 e I João 5.20.

Oitava Estrofe: Nova Criação e Nova Era (65.17-19)

65.17

Pois eis que eu crio novos céus e nova terra. O profeta Isaías não distinguiu aqui entre o milênio e a era eterna. No Apocalipse, os novos céus e a nova terra aparecem depois do *milênio* (ver a respeito no *Dicionário). Ver* Apo. 20.4 e 21.1. Estamos abordando aqui uma nova criação, e os intérpretes não concordam se haverá então uma renovação do que era antigo, ou se haverá algo totalmente novo, nem temos o conhecimento, com ou sem profecia, para dizer muita coisa inteligente sobre esse particular. Tudo será novo, de qualquer modo, incluindo o tipo de ser humano, pois haverá grande *espiritualização.* Todas as forças, naturais ou espirituais, estarão sujeitas à vontade e ao mandato divino. Ver Isa. 1.2; 11.6-9; 13.6; 34.1-35.10; Jer. 4.23,28. A soberania de Deus sobre a natureza aparece pela primeira vez no primeiro capítulo de Gênesis, e então fica subentendida por toda a Bíblia. Outro tanto se dá no caso da criação espiritual. Movendo-nos para o que será inteiramente novo, as coisas antigas serão esgue; cidas. Cf. o vs. 16 e Isa. 42.9; 43.18,19; II Cor. 5.17; Apo. 21.4. Ver também II Ped. 3.13.

65.18

Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio. Além do que já foi destacado, teremos também a Nova Jerusalém (ver Apo. 21.2), que é vista alternativamente como uma cidade literal ou como um povo, ou ambas as coisas. Durante o milênio, a antiga Jerusalém, já renovada, será a capital espiritual do mundo. O profeta não distinguiu entre a Jerusalém antiga e renovada, e a Jerusalém inteiramente nova, que descerá do céu. Seja como for, estamos tratando de coisas jubilosas, a Cidade Dourada da alegria e seus novos habitantes, remidos, renovados. "Alegria" (ver a respeito no *Dicionário)* é a palavra-chave. Isso contrasta com a tristeza da era anterior (ver Isa. 64.10; cf. Isa. 51.3; 60.15 e 61.2,3). "No Novo Testamento, notamos a transferência da promessa para a cidade invisível, eterna, a Jerusalém que é lá de cima (ver Gál. 4.26; Apo. 21.10)" (Ellicott, *in loc).*

65.19

E exultarei por causa de Jerusalém, e folgarei do meu povo. Continua aqui o tema da alegria, e agora é Yahweh quem se regozija na novidade e na qualidade de Jerusalém e seus habitantes. Não mais se ouvirão ali gritos e choro de aflição, porquanto tudo isso pertencia aos tempos antigos (vs. 17). A nova criação unirá o Criador e os seres criados em alegria comum. "Deus se regozijará" diante da comunidade de Seus eleitos (ver Isa. 62.5; Deu. 30.9; Sof. 3.17). O tempo das lamentações terá ficado no passado (ver Isa. 25.8; 30.19; 35.10; Apo. 21.4)" (James Muilenburg, *in loc).*"... nem a voz de choro, nem por causa das trevas externas, deserções e tentações, nem a prevalência da corrupção (ver Apo. 21.4)" (John Gill,/n toa).

Nona Estrofe: A Vida na Comunidade Messiânica (65.20-23)

65.20

Não haverá mais nela criança para viver poucos dias. Durante a era milenar, haverá *condições de utopia.* A duração da vida humana ao estilo patriarcal retomará, de tal modo que um homem que morra aos cem anos será considerado uma criança. Não haverá mortes de infantes nem ciclos de vida incompletos. Os próprios pecadores, que eram notoriamente cortados pela morte prematura, não morrerão precocemente, segundo nossos padrões atuais. Tal pessoa poderá

morrer quando estiver com cem anos de idade, tendo sido amaldiçoado por seu pecado e sofrendo morte prematura, de acordo com os padrões próprios *daquela* época futura. Para que tais coisas aconteçam, será preciso haver curas para todas as enfermidades e também maneiras de estacar o processo de envelhecimento. Presume-se que poucas pessoas morrerão por motivo de acidentes, porquanto as habilidades de reparação do corpo serão tão grandes que quase toda a injúria será recuperada, e até mesmo pessoas gravemente feridas poderão recuperar-se fisicamente. A era_dojTTÍlên]o_não será perfeita nem isenta do problema do pecado, embora venha a possuir um grau de perfeição que quase nem podemos imaginar atualmente; e o pecado não será o problema vexatório que é atualmente. Presumimos que a salvação espiritual será a regra, e não a exceção.

65.21

Eles edificarão casas, e nelas habitarão. Em nossa época, poucas pessoas possuem casa própria. A promessa relativa ao milênio é que cada indivíduo possuirá sua própria residência. E ninguém construirá uma casa para outrem viver nela, ao mesmo tempo que não possua recursos para ter sua própria residência. Contraste-se isso com os oráculos de julgamento: Amos 5.11; Miq. 6.15; Sof. 1.13; Isa. 62.8,9 e Deu. 32.39 ss.

65.22

Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam. Cada homem terá seu próprio projeto agrícola, visando suas próprias necessidades, e não será forçado a plantar para outrem, recebendo apenas uma pequena porcentagem, condiçärrque continua perseguindo a muitos agricultores pobres de nossos dias. As árvores de muitas espécies sobrevivem durante séculos e, no milênio, os homens serão como as árvores da floresta, e não como as flores do campo, que perecem em tão pouco tempo. Cf. Jó 14.7 ss.; Sal. 1.3; 92.12,13; Jer. 17.8; Eze. 19.10. A Septuaginta e o Targum dizem aqui "árvore de vida", uma bela glosa. Os *escolhidos* do Senhor viverão por longuissimos anos e prosperarão, dotados de independência financeira. Serão como os cedros do Líbano e como os carvalhos de Basã, as mais nobres árvores da floresta do Oriente Próximo.

65.23

Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade. O trabalho de um homem sempre será produtivo para si mesmo e para a sua família. Nenhum homem ficará desempregado, e ninguém trabalhará por um pequeno salário em favor de outrem. Os filhos de um homem serão protegidos das enfermidades e dos acidentes. A mortalidade infantil será inteiramente desconhecida. Cf. Lev. 26.16; Jer. 15.8; Jer. 15.18; Sal. 78.33. Cada geração sucessiva terá a bênção do Senhor. As linhagens familiares continuarão sem interrupção, com as pessoas mais idosas em boa saúde testemunhando muitas gerações de descendentes.

65.24

E será que antes que clamem, eu responderei. A oração será tão eficaz que Deus a responderá por *antecipação,* sabedor das necessidades de um ser humano, antes mesmo que ele formule pensamentos.

> *Provereipara as necessidades deles antes que me peçam. Eu* ***os*** *ajudarei quando ainda estiverem me pedindo ajuda.*
>
> (NCV)

Isso deve ser contrastado com a aparente indiferença e silêncio de Yahweh, na longa seção de Isa. 63.7-64.12. Isso era causado pelo pecado e pela apostasia. Na ausência de tão deprimentes condições, a oração será um maravilhoso instrumento para o bem do povo. As orações serão respondidas como gostaríamos que fossem respondidas hoje em dia. "As bênçãos do Senhor se estenderão até a consciência interior do homem (cf. Isa. 58.9; Jer. 29.12)" (James Muilenburg, *in loc).* No milênio, haverá orações e respostas simultâneas, e também respostas antecipadas. Tais coisas podem acontecer somente quando há maior espiritualidade e também nova ordem de.coisas. Encontramos aqui "uma importante contribuição para o conceito da oração. Deus conhece nossos pensamentos secretos, ao passo que nossas orações geralmente são desajeitadas. Deus responde aos anelos não-expressos das almas" (Henry Sloane Coffin, *in loc).* Mas a mensagem ultrapassa até mesmo isso. Ele sabe o que pensaremos amanhã, que poderá vir a ser expresso através de orações francas. Deus pode responder até por antecipação, antes que nossos pensamentos sejam formados.

65.25

O lobo e o cordeiro pastarão juntos. Os animais ferozes experimentarão mudança de natureza. Os lobos, que usualmente se alimentam de cordeiros, ficarão lado a lado com eles e não sofrerão tentação para atacá-los. Os leões que antes viviam caçando e matando a outros animais comerão capim como o boi e não sentirão tentação para atacar criaturas indefesas. A serpente não matará nem comerá pequenos animais, mas terá uma fonte de alimentos que não exigirá o uso de violência. Os homens não perseguirão a outros homens. Nenhum exército marchará contra a Nova Jerusalém. Todas essas coisas existirão por causa do decreto de Yahweh, que mudará radicalmente as coisas, incluindo a natureza básica do povo e dos animais. Quanto ao "santo monte", ver Isa. 11.9. Ver também Isa. 27.13; 56.7; Joel 3.17.0 versículo presente pretende dizer-nos que haverá "reversão da queda", quando a natureza caiu no caos e na hostilidade de espécie contra espécie, e quando a cadeia de alimentos requeria a violência. Sem dúvida, devemos compreender que os homens não mais matarão animais para se alimentarem, o que é outra forma de violência. E quem pode negar isso? Muitos intérpretes presumem que a ordem original, no jardim do Éden, não incluía a necessidade de "matar para alimentar-se", e que então o ideal era o vegetarianismo. Mas no milênio os animais, e não somente os homens, viverão em paz.

Capítulo Sessenta e Seis

Os capítulos 65 e 66 formam uma unidade. Ver a introdução ao capítulo 65.

O Novo Nascimento de Sião e o Fogo do Julgamento (66.1-16)

Esta seção tem sete estrofes, e isso nos leva ao sumário escatológico do livro (vss. 17-24).

O tema do *milênio* apropriadamente continua até a conclusão do livro, embora sejamos novamente lembrados da necessidade de julgamento para que as coisas sejam corrigidas. Todos os ideais do pacto abraãmico serão cumpridos e de uma maneira que ultrapassa todas as antecipações. Os críticos vêem uma representação dos escritos de um Terceiro Isaias neste ponto. Ver a seção III da *Introdução* ao livro como um sumário dos problemas relacionados à unidade do livro. Os dois temas escatológicos principais do julgamento e da felicidade na restauração continuam avançando de mãos dadas até o fim do livro. O verdadeiro e o falso continuam formando um par difícil de separar, e isso se torna concreto nos dois grupos opostos da comunidade judaica. Ainda não chegamos ao estado eterno. Mas, conforme nos aproximarmos da era eterna, teremos a espiritualização graduai de todas as coisas, de modo que até mesmo o templo não mais será necessário, mais ou menos conforme encontramos em Apo. 21.22. Portanto, avançaremos na espiritualização, e o milênio será uma *época preparatória,* e não final.

Primeira Estrofe: Adoração em Espírito e em Verdade (66.1-2)

66.1

O céu é o meu trono, a terra o estrado dos meus pés. Visto que Deus é *imenso* e preenche os céus e a terra, sendo os primeiros o Seu trono e a segunda o escabelo de Seus pés (ver Isa. 60.13; Sal. 132.7; Eze. 43.7; Lam. 2.1), por isso mesmo chegará a hora em que o templo e outras questões visíveis da religião não serão mais necessários para o culto a Yahweh. Temos aqui uma significativa *espiritualização* do culto, com base na idéia da transcendência de Deus. Esta é uma avançada teologia judaica que o Novo Testamento tomou e desenvolveu.

A fé dos hebreus sempre esteve muito ligada às formas externas, e seus ritos e cerimônias eram intermináveis. Aqui, porém, o profeta descreve, com muita ousadia, uma nova filosofia de culto, algo mais ou menos como se vê na epístola aos Hebreus, que escreveu *uma palavra* sobre todas as complexidades do culto dos judeus, *Cristo.* Ficam assim substituídas todas as leis e todos os ritos, tendo seu cumprimento espiritual. Jesus aludiu a este versículo em Mat. 5.34,35, mas com uma aplicação diferente. Deveríamos aceitar este oráculo como verdadeiramente escatológico. O profeta não condenou a reedificação do templo, terminado o cativeiro babilônico. O hino egípcio do Nilo, do século XIV A. O, tem algo similar, uma visão superior de Deus: "Sua moradia é desconhecida. Não há edifício que consiga contê-Lo". Cf. Apo. 21.22.

66.2

Porque a minha mão fez todas estas cousas. Yahweh é o Criador; todas as coisas foram feitas por Suas mãos; todas as coisas pertencem a Ele. Ver Sal. 50.9-12. "Deus, o Criador do universo, não pode precisar de nada que pertença ao universo. O templo mais importante é, para Ele, infinitamente pequeno. O que *deleita* ao Senhor é algo genericamente *diferente,* a vida espiritual correspondente à Sua própria vida, que começa com um *coração contrito* e correlato à Sua santidade. O que oferece a Deus essa atitude é um adorador autêntico, e não o homem que edifica um templo magnificente. Tal homem será um adorador verdadeiro, com ou sem o ritual da adoração. Sem o elemento essencial do coração, toda a adoração será abominação para o Deus eterno. Cf. Isa. 1.11-18 e 57.15" (Ellicott, *in loc,* com alguma adaptação).

O homem bom é aquele que "teme o Senhor", que é o padrão da expressão da espiritualidade no Antigo Testamento. Ver sobre *Temor,* no *Dicionário* e em Sal. 119.38 e Pro. 1.7. "Um verdadeiro servo de Deus, reconhecendo sua indignidade na presença do Deus reto e santo, não obstante, espera com expectação e temor a revelação da vontade divina (cf. Esd. 9.4 e 10.30)" (James Muilenburg, *in loc.*).

Segunda Estrofe: A Corrupção do Culto por Sacrifícios (66.3-4)

66.3

O que imola um boi é como o que comete homicídio. "A primeira metade da estrofe descreve as práticas sincretistas dos que escolheram seus próprios caminhos; e a segunda metade fornece-nos as razões para o julgamento divino. As últimas quatro linha foram retiradas de Isa. 65.12. É possível que essa estrofe tenha sido inserida por algum redator. Pelo menos essas palavras não têm exatamente o mesmo caráter que o restante da estrofe, e os vss. 3e-4b formam um encerramento excelente. Se a primeira estrofe é um protesto contra a confiança depositada na estrutura material do templo, a segunda foi dirigida contra um culto sacrificial aviltado e corrupto" (James Muilenburg, *in loc.*).

Este versículo apresenta *quatro pares* que descrevem as práticas de sacrifício dos que se mostravam hostis aos verdadeiros adoradores. O ponto central dessas comparações é que as mesmas pessoas que tão escrupulosamente se faziam presentes aos ritos efetuados no templo, paralelamente também se davam licença para praticar as formas religiosas pagãs mais horrendas. Isso pode ser visto nos quatro pontos seguintes:

1. O homem que sacrificava um boi (conforme requerido pela legislação mosaica) também realizava sacrifícios humanos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque (Moloque).*
2. O homem que sacrificava um cordeiro (segundo exigido pela lei mosaica) quebrava o pescoço de um cão, ou seja, sacrificava um cão e comia sua carne como parte da festa de sacrifício. Dario proibiu os cartagineses de oferecer sacrifícios humanos ou comer a carne de um cão (Justino, *História do Mundo,* XIX.1.10).
3. O homem que apresentava uma oferenda de cereais (em consonância com a lei mosaica) paralelamente oferecia sangue de porco sobre o altar, conforme faziam os pagãos que pensavam que esse animal era sagrado. Ver Isa. 65.4 quanto a notas expositivas sobre essa questão.
4. O homem prestava uma oferenda memorial de incenso (de acordo com os requisitos da legislação mosaica; ver Lev. 2.2; 24.7), mas também abençoava a um ídolo com suas fórmulas mágicas e encantamentos. Eles inventaram um horrendo *sincretismo.* Os israelitas paganizados se apaixonavam por suas misturas religiosas e pensavam ter melhorado as regras baixadas por Moisés. Isso posto, preferiam seu próprio modo de expressão religiosa e abandonavam as fórmulas prescritas por Moisés. Mas os caminhos do sincretismo são os caminhos de indivíduos apóstatas, e não de pioneiros que exploram terrenos novos.

66.4

Assim eu lhes escolherei o infortúnio e farei vir sobre eles o que eles temem. Em vista de aqueles israelitas rebeldes terem preferido seu sincretismo corrupto, por isso Yahweh escolheu para eles a *aflição.* Eles não poderiam mesmo passar longo tempo naquela vereda. Aquela apostasia precisava ser refreada. Eles haveriam de temer, quando chegasse o julgamento divino. Já tinham recebido o *chamado divino* ao arrependimento, mas não tinham dado a mínima atenção. Pelo contrário, o que era repelente a Yahweh, era isso que eles *preferiam* e *amavam,* e continuavam a *praticar.* Em outras palavras, eles eram apóstatas voluntários. As quatro linhas finais são idênticas a Isa. 65.12. Eles preferiam o que Yahweh odiava; o que Yahweh tinha escolhido para eles, entretanto, causaria temor e aflição. Está em mira a perversidade da vontade humana. Ver Mat. 7.15 ss.

"O auto-abandono à vontade de Deus é a essência da verdadeira fé. *Querer* fazer a vontade de Deus é mais sublime do que fazê-la, pois tal boa disposição aceita a *vontade do Senhor* quando nada há para ser feito. A fé sempre envolve uma escolha" (Henry Sloane Coffin, *in loc.).*

Terceira Estrofe: A Voz de Julgamento Vinda da Cidade (66.5-6)

66.5

Ouvi a palavra do Senhor, vós os que a temeis. Aos fiéis é endereçado aqui um breve oráculo. Há um conflito entre esse remanescente fiel e os infiéis, que formavam uma maioria apóstata (vss. 3-4). Os que estavam sendo oprimidos, pois, foram encorajados. As contas seriam devidamente equilibradas algum dia. Os que "temiam" ao Senhor (que tremiam diante de Sua palavra, ver o vs. 2 deste capítulo) eram amados por Yahweh e haveriam de receber de Seus benefícios, embora, por enquanto, fossem odiados por adversários e opressores. Eles tinham sido *expulsos* por amor ao Senhor. Talvez a palavra aqui signifique *exclusão,* acompanhando o uso do Talmude posterior; mas também pode significar simplesmente que eles tinham sido excluídos da comunidade de Israel. No entanto, Yahweh ainda seria glorificado, e o remanescente, vítima de abusos, ainda se alegraria. E os que tinham praticado atos atrevidos e apostatado da fé antiga seriam envergonhados. Também é possível que esta declaração tenha um sentido escatológico, referindo-se ao que aconteceria antes da inauguração do reino messiânico. Seja como for, os dois grupos foram agudamente distinguidos pelo discurso divino. Quanto à alegria dos fiéis, ver Isa. 56.7; 60.15; 61.3,7,10; 65.13,14,18,19. Talvez Mat. 27.42 reverbere o presente versículo. Cf. também Heb. 9.28; Col. 3.4; I João 3.2 e Apo. 1.7.

66.6

Voz de grande tumulto virá da cidade, voz do templo, voz do Senhor. Havia um tumulto de vozes na cidade! O ruído era a voz do Senhor, que falava. Essa voz vinha do templo, o lugar autorizado para Sua adoração e culto. Anunciava vingança contra a facção apóstata. O julgamento estava chegando e foi solenemente anunciado.

> *Ouçam o grande ruído que vem da cidade. Ouçam o ruído que vem do templo. É o Senhor a punir os Seus inimigos.*
>
> (NCV)

Há vindicação em favor do verdadeiro crente, pois o Senhor retornou ao Seu templo e está pondo as coisas em boa ordem. Cf. Eze. 43.1-5. Yahweh, aparecendo no Seu templo, a fim de governar gloriosamente e impor a Sua vontade aos homens, um tema escatológico comum. Cf. Miq. 1.2; Apo. 11.19; 16.1,17 e Joel 3.16.

Quarta Estrofe: Novo Nascimento e Novo Povo (66.7-9)

66.7

Antes que estivesse de parto, deu à luz. Neste versículo encontramos um tipo diferente de parto. A mulher deu à luz a um filho antes que lhe viessem as dores de parto. Antes mesmo que as dores da contração a atingissem, eis que ela teve um filho. No vs. 8, aprendemos que a mãe era Sião e também que os fiéis (provavelmente aqueles dos últimos dias) nasceram com tanta facilidade a ponto de o nascimento deles constituir um tipo diferente de nascimento. A salvação lhes ocorreu como um nascimento *miraculoso* e *admirável,* por ser uma obra do Senhor que é maravilhosa aos nossos olhos (Sal. 118.23). "A restauração de Jerusalém será um milagre operado por Deus" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). O decreto de Ciro, publicado somente 70 anos após o cativeiro babilônico, ocorreu súbita e inesperadamente. Isso não está em pauta aqui, mas serve de ilustração do que será o decreto de Deus sobre um "novo povo" durante a era do Reino de Deus.

66.8

Quem jamais ouviu tal cousa? quem viu cousa semelhante? A atitude por trás dessas palavras não é de derrisão e, sim, de *espanto.* O nascimento do filho aponta para o nascimento de uma nação em um único dia. Sião estava em trabalho de parto e deu à luz filhos, por assim dizer, filhos instantâneos. A dispersão romana será revertida de maneira súbita e completa. Cf. Isa. 49.17,21; 54.1-8 e 60.1-22. "Assim, todo o Israel será salvo" (Rom. 11.26), e repentinamente. Ver também Osé. 1.10,11. "Os usuais lentos processos de desenvolvimento nacional são contrastados com a rapidez sobrenatural do nascimento e crescimento do novo Israel" (Ellicott, *in loc.*).

66.9

Acaso farei eu abrir a madre, e não farei nascer? O processo miraculoso se desencadearia, mas os filhos não nasceriam? Pelo contrário, haverá uma obra completa, e em brevíssimo tempo. Yahweh dará início ao processo e o levará a bom termo. Cf. Isa. 37.3, onde temos um processo de nascimento que não se completou, por falta de forças por parte da mãe. Aqui, entretanto, temos um processo divino fadado a não falhar. Pois haverá tanto o poder como a vontade de realizá-lo. Note o leitor os dois "eus" do versículo, que são pronomes enfáticos. Esse divino "eu" foi proferido por Yahweh (o Deus eterno) e por Elohim (o Poder). A esperança dos crentes não será frustrada, pois a restauração nacional de Israel é o propósito histórico e profético de Deus. Ver em Isa. 13.6 como a vontade divina controla todos os acontecimentos humanos.

> *Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus.*
>
> (Filipenses 1.6)

Quinta Estrofe: A Alegria e a Abundância da Nova Era (66.10-11)

66.10

Regozijai-vos juntamente com Jerusalém, e alegrai-vos por ela. No hebraico há três vocábulos com o sentido de *regozijar-se* que a maioria das traduções modernas não reproduz. A tradução inglesa NCV quase consegue esse feito, traduzindo essas três palavras por "regozijar-se", "estar feliz" e "sentir-se feliz". Nossa versão portuguesa traduz os termos por "regozijai-vos", "alegrai-vos" e "exultai". A alegria é a nota-chave da restauração na era do Reino de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alegria.* As lamentações do presente serão descontinuadas. O profeta Isaías estava exultante quando previu o que aconteceria na Nova Era. Cf. Isa. 57.18; 60.20 e 61.2,3. "Explosões de regozijo caracterizam os poemas dos capítulos 40-66 do livro de Isaías... A situação atual era deprimente, mas Deus estava prestes a trazer a lume um novo povo. A alegria do profeta era contagiante, e seus ouvintes devem ter ganhado com isso nova confiança e novo entusiasmo" (Henry Sloane Coffin, *in loc.*, com algumas adaptações). A alusão pretendida é a de uma nova mãe que convidou amigos e vizinhos a regozijar-se com ela pelo nascimento de um filho saudável.

Oh, que alegria! a língua mortal não pode contar,
Visto que a eternidade apenas começou.
Reunirem-se um com o outro,
Para habitarem com o Salvador.
A terra onde o sol não se põe.

(W. C. Martin)

66.11

Para que mameis, e vos farteis dos peitos das suas consolações. O simbolismo torna-se agora muito ousado. Os amigos da mãe (que provavelmente representam as nações que compartilharão do Reino) são agora convidados a sugar os seios dela, juntamente com os filhos de Sião, ou seja, Israel. E isso, por sua vez, significa que Sião é a mãe de todas as nações. (Cf. Isa. 49.17-21; 54.1-6). Sião será extremamente próspera, material e espiritualmente, e haverá "leite" suficiente para todos os povos. Os seios da mulher serão, ao mesmo tempo, consoladores e fontes de prazer. A glória dessa mulher será abundante, e os que se alimentarem dela compartilharão dessa glória. Os infantes não falam e, assim, não podem dizer-nos, mas é justo imaginar que eles se deleitam no seio e no leite materno. Parte do simbolismo deste versículo está alicerçado sobre essa suposição lógica.

Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento para salvação.

(I Pedro 2.2)

Sexta Estrofe: Prosperidade e Consolação (66.12-14)

66.12

Porque assim diz o Senhor: Eis que estenderei sobre ela a paz como um rio. Esta sexta estrofe provê outros símbolos que descrevem a prosperidade de Jerusalém durante a era do Reino. Yahweh promete aqui que fará fluir por Jerusalém um rio de bênçãos. Quanto à prosperidade comparada a um *rio,* ver Isa. 48.18. As riquezas das nações fluirão para Jerusalém como uma poderosa torrente que inundará suas margens e não poderá ser contida. Cf. Isa. 48.18; 55.12; 60.5,11 e 61.6. A primeira dessas promessas é a *paz (shalom),* que também pode dar a idéia de prosperidade. A segunda promessa é a *glória* ou *riqueza* (no hebraico, *kabhodh),* que inundará Jerusalém como um rio.

Ademais, o autor sagrado retomou à *metáfora da alimentação à criança,* conforme visto no versículo anterior. As mulheres têm protrusões convenientes (os quadris) em seu corpo, que podem ajudá-las a carregar os infantes, uma prática comum nos países do Oriente Próximo. Esses infantes eram pequenos e ainda mamavam quando isso acontecia. As crianças pequenas também eram postas sentadas sobre os joelhos de suas mães, quando elas estavam descansando. A criança estava sempre na companhia da mãe; sempre bem cuidada; sempre bem alimentada; e, por isso, não nos devemos admirar que fosse uma criança feliz! Alguns estudiosos vêem aqui Sião como a mãe que dava de mamar a seus filhinhos, em consonância com o vs. 11, mas outros intérpretes fazem das nações gentílicas a mãe de Sião, de modo que esta linha concorde com a primeira parte do presente versículo. Esse é o sentido de Isa. 60.16. Então, no vs. 13, o próprio Yahweh é que aparece como mãe.

66.13

Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei. Neste versículo, Yahweh é a mãe consoladora. As consolações de Israel formam um dos principais temas proféticos sobre o Reino de Deus. Ver Isa. 40.1. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Consolação.* Temos um amor maternal-paternal que é suficiente para a tarefa. As antigas tribulações estarão terminadas. E serão esquecidas (ver Isa. 65.16).

Nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas.

(Malaquias 4.2)

Cf. este versículo com Isa. 49.15.

66.14

Vós o vereis e o vosso coração se regozijará. Quando chegarem as consolações de Sião, então o coração de seus habitante se *regozijará.* Ver o tríplice *regozijo* do vs. 10: regozijai-vos; alegrai-vos; exultai (conforme diz nossa versão portuguesa). Os *ossos* deles florescerão como a erva. Os ossos representam o ser inteiro, pois é do arcabouço dos ossos que o corpo inteiro depende. Ver no *Dicionário* e em Sal. 102.3 o verbete intitulado *Osso(s).* A causa eficaz disso será a *mão* do Senhor, que pode ser extremamente destruidora, mas, neste caso, curará e consolará. Ver no *Dicionário* e em Sal. 81.14 o verbete chamado *Mão.* Ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6; e sobre *braço* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. O profeta Isaías misturou à vontade seu material e as metáfora psíquicas, o que, afinal de contas, é uma das características da poesia dos hebreus. O estado feliz de Sião insuflará nova vida e vigor em seus muitos cidadãos (cf. Sal. 32.3; 42.10; 102.3; Jó 21.24; Pro. 15.30). "Coração e ossos representam, respectivamente, a vida interior e a vida exterior" (Ellicott, *in loc.*). "Vossos ossos, que antes foram ressecados pelo fogo da ira de Deus (ver Lam. 1.13), reviverão (Pro. 3.8; 15.30; Eze. 37.1)" (Fausset, *in loc.*).

Sétima Estrofe: O Juiz que Vem (66.15-16)

66.15

Porque, eis que o Senhor virá em fogo, e os seus carros como um torvelinho. Cf. os vss. 2-5. As facções em luta da sociedade judaica são novamente apresentadas. Enquanto um dos lados será consolado e se tornará próspero, o outro lado cairá, sujeito à ira de Deus; e podemos presumir que essa será uma purificação necessária antes da inauguração da era do milênio. Yahweh é aqui retratado como o Cocheiro divino, montado sobre um torvelinho e chegando como se fosse um fogo consumidor. O fogo é o símbolo de julgamento e purificação e, na teologia judaica posterior, era referido como existente no *sheol,* atormentando as almas que ali estivessem. Mas não há aqui nenhum desses pensamentos. A purificação mencionada processar-se-á sobre a terra. No livro de I Enoque, foram acesas, pela primeira vez, as chamas do inferno, e no Novo Testamento, em alguns poucos lugares, essa chamas permanecem acesas.

A presente estrofe representa a resposta para a oração fervorosa de Isa. 64.1-3. Quanto a outras teofanias de fogo, ver Isa. 10.17,18; 29.6; 30.27,28; 64.1-3; Sal. 50.3,4; 97.1-15. A cena do monte Sinai é a principal inspiradora do símbolo aqui usado. Quanto a outras passagens que retratam Yahweh a cavalgar as nuvens, ver Sal. 18.10; 68.33; 104.3; Deu. 33.26. Quanto ao fato de que Deus cavalga sobre ventos tempestuosos, ver Isa. 27.1; 31.8; 34.5; Deu. 32.41,42; Jer. 46.10; Eze. 21.3-5. Descrições similares têm sido encontradas para descrever divindades ugaríticas.

66.16

Porque com fogo e com a sua espada entrará o Senhor em juízo com toda a carne. Ao símbolo do fogo, é adicionado agora outro símbolo extremamente comum, a *espada* divina. Cf. Isa. 27.1; 42.13; 52.10; 59.17; Êxo. 15.3. Aqui Yahweh aparece como o Senhor dos Exércitos, Guerreiro Destruidor. Nessa qualidade, Yahweh executa um juízo necessário e justo. Ver Isa. 27.1; 31.8; 34.5; Deu. 32.41,42; Jer. 46.10; Eze. 21.3-5; 38.21. O julgamento divino será universal porque a rebeldia e a apostasia são universais. Ver Isa. 40.5; 60.12; 63.6. Uma grande purificação ocorrerá antes da inauguração da época áurea. Cf. Apo. 19.17-21.

Sumário Escatológico (66.17-24)

66.17

Os que se santificam e se purificam para entrarem nos jardins... serão consumidos. Isso pode ser a declaração de conclusão de um redator que assim provê apta conclusão para os capítulos 56-66. Novamente encontramos aqui os *jardins* idólatras mencionados. Ver Isa. 1.29 e 65.3. Os idólatras passam por várias cerimônias de purificação e então dirigem-se em procissão aos lugares de seus cultos falsos. Os pagãos sacrificam o porco e então se banqueteiam com a carne do animal, da mesma maneira que os judeus faziam com a carne de touros

e carneiros. E os pagãos também comiam outras coisas *abomináveis,* como insetos que se arrastam pelo chão e até pequenos animais, como aqueles pertencentes à família do rato. Tais animais, como é natural, eram imundos. Ver Lev. 7.21 e 11.29, e também o artigo detalhado chamado *Limpo e Imundo.* As descrições mostram total desconsideração às regras mosaicas e plena participação nos cultos dos povos vizinhos de Israel. Os que agirem dessa maneira inevitavelmente enfrentarão o julgamento divino; e chegarão assim ao seu fim; serão aniquilados, porquanto Yahweh deu Sua promessa e Seu juramento de que isso terá a retaliação apropriada.

66.18

Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos. *Pelo lado positivo,* a Nova Era não fracassará por causa dos apóstatas. Todas as nações se reunirão, e algumas delas serão aprovadas diante do escrutínio do Senhor. Todas as nações verão a glória de Yahweh. Israel tomar-se-á a cabeça das nações, e os gentios que passarem pela Grande Tribulação e forem purificados aumentarão a glória de Israel e participarão dos benefícios. Por meio do julgamento, e à parte dele, o mundo inteiro verá a glória de Deus. Cf. Zac. 14.3; Apo. 19.17,18. A glória de Yahweh será visível em Jerusalém, a capital espiritual do Novo Mundo. Cf. Isa. 60.1 ss. Ver também Dan. 3.4,7,29; 4.1; Zac. 8.23. A *presença* do Senhor se manifestará para que todas as nações a vejam, e a glória do Senhor brilhará ao redor.

O Anjo do Senhor desceu,
E ***a*** *glória brilhou em redor,*
E a glória brilhou em redor.

(Nahum Tate)

66.19

Porei entre elas um sinal, e alguns dos que foram salvos enviarei às nações. Que o leitor dê atenção a estes quatro pontos, acerca do "sinal": 1. A própria *presença* do Senhor. 2. Um terror sobrenatural que efetuará o julgamento divino. 3. Um livramento melhor, sobrenatural. 4. Ou então *pessoas salvas* que trarão sobre si a marca de Yahweh e serão enviadas a diversas nações para espalhar as boas-novas sobre Yahweh e Sua glória. Através desses missionários, o mundo inteiro compreenderá qual é a glória do Senhor. O remanescente das nações e de Israel tornar-se-á arauto das boas-novas do milênio. Dessa forma serão cumpridas as expectações dos capítulos 40-66 do livro de Isaías.

São mencionados *cinco* lugares ou povos específicos que receberão os missionários, e então as costas marítimas indefinidas, distantes. O vocábulo "nações" sumaria a questão. Ver os nomes geográficos no *Dicionário.* Essas nações são: Társis (Espanha): Pui (na Septuaginta, uma cidade mercantil fenícia da Espanha); Lude (povos africanos); Tubal (Ásia Menor do noroeste); Javã (os jônios da Ásia Menor, da Grécia e da Magna Grécia, no sul da Itália). Esses são lugares do mundo mediterrâneo conhecido na época. "A missão dos sobreviventes às regiões mais remotas é uma característica notável da escatologia dos profetas. Cf. Isa. 42.1-7; 49.1-6; 51.4" (James Muilenburg, *in* toe).

66.20

Trarão todos os vossos irmãos, dentre todas as nações. As atividades missionárias do remanescente salvo terão sucesso retumbante, e os convertidos serão trazidos como sacrifício vivo a Yahweh (ver Rom. 12.1). Podemos presumir que *irmãos* fala dos judeus da diáspora romana, que serão levados de volta para o seu lar, e isso significará total reversão da dispersão romana. Eles voltarão em vários veículos animais e serão apresentados a Yahweh como oferenda, tal como os adoradores traziam ofertas de cereais em vasos limpos, para que não houvesse poluição contra as leis do limpo e do imundo.

"A oferenda era a *minchah,* a oferta sem sangue recomendada pela lei levítica (ver Lev. 2.1,2). Fica entendido, entretanto, que os exilados que retornarão serão a oferenda mais aceitável que poderia ser levada à presença de Yahweh. A mesma idéia aparece em Sof. 3.10, e uma idéia similar, transferida para os gentios, encontra-se em Rom. 15.16" (Ellicott, *in* toe). Mas este versículo não deixa claro se alguns dos irmãos serão ou não gentios. O vs. 18, contudo, informa-nos que todas as nações estarão representadas, mas isso não significa que, neste versículo, elas são chamadas de "irmãos".

66.21

Também deles tomarei a alguns para sacerdotes e para (evitas. Visto que a palavra "irmãos", do vs. 20, pode referir-se a pessoas salvas dentre os gentios, assim também os sacerdotes e levitas do presente versículo talvez signifiquem que, durante o reino do milênio de Cristo, algumas figuras eclesiásticas poderiam ser escolhidas dentre os gentios. Diversos intérpretes entendem a questão por esse prisma. Outros estudiosos, porém, estão certos de que os irmãos do vs. 20 são todos judeus. E, assim sendo, todos os sacerdotes e levitas mencionados no versículo também são judeus. Mas talvez o profeta Isaías estivesse desfazendo a diferenciação entre judeus e gentios no tocante ao ministério. Nesse caso, este versículo assume a compreensão de I Ped. 2.5,9, o sacerdócio universal dos crentes, sem distinções de raça. Ver também Apo. 1.6. Essa é uma excelente idéia, mas parece que ambos os versículos, 20 e 21, neste trecho, estão limitados aos judeus. Já Isa. 56.6,7 e 61.6 argumentam em favor somente de judeus nesses ofícios ministeriais futuros. Naturalmente, estamos falando de Israel e do milênio, e não da igreja. Não há como determinar a questão com algum grau de certeza.

66.22

Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de mim. Isaías retornou ao seu motivo dos novos céus e da nova terra, já visto em Isa. 65.17, onde ofereço notas expositivas detalhadas. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Novos Céus e Nova Terra,* dentro do verbete chamado *Nova Criação.*

"Temos aqui um clímax magnífico: O povo de Deus, tal como a nova criação, perdurará para sempre (ver Jer. 31.34-36), e um poderoso coro de louvores se elevará incessantemente até o trono de Deus" *(Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). "A estabilidade e a permanência do novo povo da Nova Era são tão garantidas e firmes como o novo céu e a nova terra (ver Isa. 65.17). Tanto o novo céu quanto a nova terra serão criações de Deus. Eventos cosmológicos e históricos estão sob a mesma soberania cheia de propósito. Novamente, o profeta Isaías teceu motivos familiares para formar um novo padrão (ver Isa. 51.8,11; 60.20,21; 62.7 e 65.18 ss.). Em Jer. 31.35-36 e 33.25,26 a permanência de Israel é similarmente relacionada à ordem natural" (James Muilenburg, *in* toe).

66.23

E será que de uma lua nova à outra... virá toda a carne a adorar perante mim. O *quiliasmo* (ver a respeito no *Dicionário)* consola-se em versículos como este, para ensinar a doutrina de que o período do milênio será um tempo em que antigas formas judaicas de adoração serão reiniciadas. Alguns levam esse pensamento a extremos, acreditando que até sacrifícios de animais serão reiniciados. O *milenarismo* (ver a respeito no *Dicionário),* quando contrastado com o *quiliasmo,* aceita figuradamente esses versículos. Embora devamos fazer aguda distinção entre a era da igreja e o milênio, quando Israel se converter ao Senhor Jesus, não devemos ser radicais quanto a isso. Se o fizermos, anularemos grandes vantagens espirituais, favorecendo a interpretação exageradamente literal de alguns versículos.

"De acordo com a lei mosaica, os israelitas tinham obrigação, pelo menos teoricamente, de freqüentar os cultos do templo durante as três grandes festividades anuais (a páscoa, o Pentecoste e os Tabemáculos). Na Nova Jerusalém, porém, os peregrinos mostrar-se-ão mais freqüentes e universais nessas observâncias. Cada sábado e cada lua nova testemunhará não somente Israel, mas também *toda carne* lotando os átrios do templo" (Ellicott, *in* toe).

Essa idéia tem sido cristianizada por alguns que vêem o real cumprimento disso em passagens como Apo. 21.22-27, bem como no perpétuo sabatismo de Heb. 4.9, mas não é provável que o profeta estivesse falando sobre isso. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Lua Nova* e *Sábado,* quanto a detalhes.

66.24

Eles sairão, e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim. Partindo da harmonia e da adoração universal, o autor sagrado, uma vez mais, aproveitou a oportunidade para condenar os apóstatas e consigná-los a severo julgamento. Temos aqui o quadro de uma grande matança de povos rebeldes, e talvez devamos pensar nos acontecimentos que ocorrerão durante a Grande Tribulação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Tribulação, a Grande.* Está em pauta aqui a geena ou lago do fogo, onde os corpos dos mortos serão entregues aos vermes que lhes comerão as carnes desde os ossos, e então o fogo consumirá o que restar. Esses simbolismos são transferidos para Judite 16.17, e então para Mar. 9.47-49, para falar do julgamento para além do túmulo. Cf. essa idéia com Dan. 12.2, que media tal julgamento por meio da ressurreição. A idéia original dos judeus era que somente os justos ressuscitariam, ao passo que os injustos seriam deixados no nada do sepulcro. Essa doutrina gradualmente foi mudando para a recompensa dos bons e a punição dos maus, além do sepulcro, conforme vemos no capítulo 16 do livro de Lucas. Isa. 66.24 não olha para um julgamento "para além do sepulcro"; mas é um versículo que pode ser assim interpretado, e não podemos duvidar de que o judaísmo posterior o tenha empregado de uma maneira que ia além do uso original das palavras.

Observamos com freqüência no livro de Isaías o duplo tema da restauração para os bons e de julgamento para os maus, caminhando juntos nos mesmos textos, pelo que não nos deve surpreender que o livro de Isaías termine como termina. Por outra parte, tanto os antigos judeus quanto os intérpretes cristãos pensam que deixar essa severa nota de julgamento como a declaração final do livro é uma nota infeliz. Os eruditos massoretas orientavam que, quando o final do livro de Isaías fosse lido nas sinagogas, depois de ter sido lido o vs. 24, fosse lido novamente o vs. 23, o que fazia a leitura terminar com uma nota de esperança e consolação. Instruções semelhantes eram dadas em relação aos livros de Lamentações e Eclesiastes, e pela mesma razão. Certas passagens do Novo Testamento olham para além da melancolia de Isa. 66.24, passagem que, de maneira alguma, dita a última palavra sobre o julgamento divino. I Ped. 3.8-4.6 chega a retratar uma missão de misericórdia de Cristo no hades. Ver o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades*. Esse aspecto do ministério de Cristo por certo ultrapassa a visão de Isa. 66.24, sem importar como esta última seja interpretada. Em seguida, ver o artigo de sumário sobre a sorte dos perdidos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O nome desse artigo é *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

"Falando estritamente, essas palavras não tratam da punição das almas humanas após a morte física, mas sobre a derrota e destruição dos inimigos de Yahweh sobre a terra" (Ellicott, *in loc.*). Ellicott está certo, naturalmente, mas isso não nos alivia de comentar uma grande esperança para os que estão sujeitos ao julgamento para além do sepulcro, que é o ensino do Novo Testamento, com alguns poucos versículos de apoio do Antigo Testamento. Seja como for, o livro de Isaías termina forçando-nos a olhar uma vez mais para o lado negativo da moeda da restauração-julgamento. Ao assim dizer, também somos forçados a considerar a *escolha* dada aos homens a respeito de seu destino. Esse é um requisito próprio da soberania de Deus, mas outra provisão dessa soberania é a ampla missão tridimensional de Cristo, ou seja, na terra, no hades e nos céus, o que por certo é algo muito mais amplo do que as igrejas evangélicas de hoje em dia supõem. Quanto a essa missão tridimensional, ver o artigo chamado *Restauração* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, seção XIII. Ofereço comentários adicionais sobre esse tópico no artigo chamado *Mistério da Vontade de Deus* (o que Deus fará, finalmente), seção VII. Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo chamado *Missão Universal do Logos (Cristo)* quanto a um sumário de idéias.

A Ti, Alma Eterna, sejam dados louvores!
O qual, desde a antiguidade até os nossos dias,
Por meio da alma dos santos e dos profetas, Senhor,
Tens enviado Tua Luz, Teu Amor, Tua Palavra.

(Richard Watson Gilder)